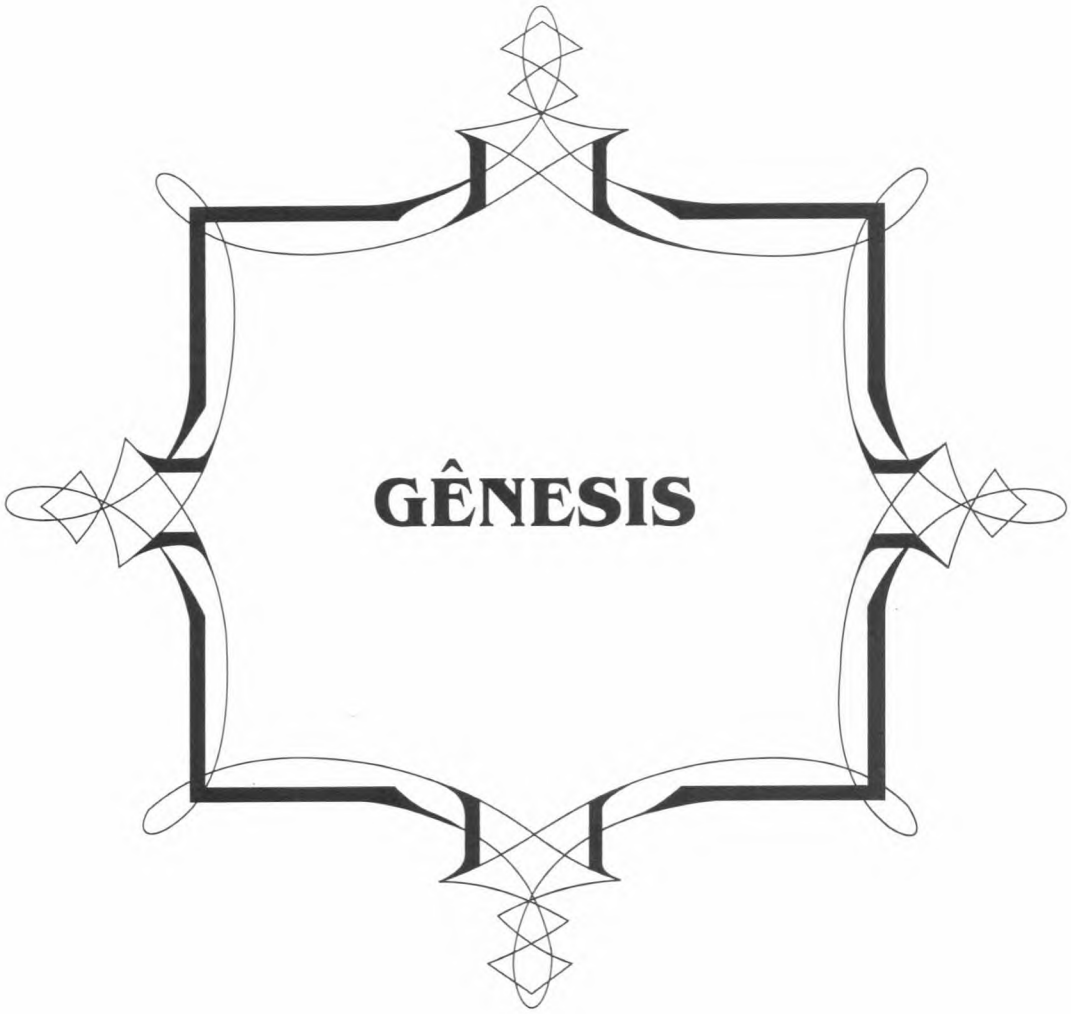
O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

GÊNESIS

HAGNOS



GÊNESIS

O Livro dos Princípios

Gênesis

50 Capítulos
1.533 Versículos

INTRODUÇÃO

O livro de Gênesis constitui a primeira seção da Tora ou Livro da Lei. Em hebreu é chamado *Bereshîth* (no começo), vocábulo derivado das palavras iniciais do livro. O nome português originou-se da Septuaginta (grego *genesis*), por intermédio da Vulgata Latina. Em conformidade com o conteúdo do livro, o vocábulo "gênesis" significa "começo".

Há uma série de problemas relacionados ao livro de Gênesis que são tratados em artigos separados. Esses artigos, além de examinar os problemas, acrescentam muitas informações sobre os assuntos do livro. Talvez a maior dificuldade do livro seja a *historicidade* dos acontecimentos narrados antes do tempo de Abraão. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Cosmogonia, Cosmologia, Criação, Antediluvianos, Dilúvio, Eden, Cronologia* e *Adão.*

Esboço

I. Importância do Livro
II. Composição
III. Conteúdo
IV. Teologia
V. Descobertas Arqueológicas
VI. Considerações Finais
VII. Bibliografia

I. Importância do Livro

A importância do livro de Gênesis tem sido acentuada em três aspectos principais: teológico, literário e histórico.

1. Teológico. O livro de Gênesis contém grande teologia e deve ser considerado o "começo de toda teologia". Os principais conceitos de Deus como um ser supremo, onipotente e extremamente sábio são introduzidos neste livro. Gênesis oferece também um tratamento teológico às questões da origem do mundo, origem do homem, origem do pecado, e aos problemas da queda do homem do estado de graça, do plano de redenção, do julgamento e da providência divina. O livro narra como um remanescente da raça humana foi providencialmente poupado e preparado de maneira tal para permitir o crescimento do plano de redenção, sob a direção do Pai, para toda a humanidade.

2. Literário. O livro de Gênesis é considerado uma das grandes obras literárias de todas as épocas. Seu autor descreve de maneira vigorosa as atividades de Deus como guia da criação e da história. Os contos individuais, verdadeiras obras-primas de narrativas interessantes e intensas, são entrelaçados inteligentemente, não prejudicando assim a unidade do tema. O livro segue um plano lógico e em geral evita detalhes desnecessários. Suas personagens são apresentadas não como figuras mitológicas, mas como seres humanos reais, passíveis de faltas e de virtudes. Quem escreveu Gênesis observou a vida de duas perspectivas: exterior e interior. Do lado exterior considerou as coisas materiais; do lado interior considerou os desejos, as ambições, as alegrias, as tristezas, o amor e o ódio.

Os assuntos tratados no livro incorporam uma rara combinação do simples com o complexo. Temas vitais para o homem, envolvendo suas mais profundas necessidades e aspirações, são tratados de maneira extremamente simples, quase infantil. Este fato é importante no sentido de que a mensagem do livro pode ser captada até mesmo pelos menos instruídos.

A importância literária deste livro é ainda ressaltada pelas freqüentes referências feitas a ele nos outros livros das Escrituras. Segundo alguns afirmam, Gênesis é o alicerce mesmo dos outros livros do Pentateuco.

3. Histórico. Como história, os primeiros capítulos de Gênesis ilustram somente o status da cosmologia hebraica daquela época. Do capítulo 12 em diante, por outro lado, o caráter histórico do livro é fortalecido. A autenticidade da história patriarcal e do autor é evidente nesses capítulos. Nem as falhas na história de Abraão, nem os pecados crassos dos filhos de Jacó (dentre os quais os pecados de Levi, o progenitor da raça sacerdotal), foram ocultados.

O mesmo autor, cujos princípios morais são tão censurados pelos antagonistas de Gênesis, com relação ao relato sobre a vida de Jacó, produz na história de Abraão uma figura de grandeza moral que somente poderia ter-se originado em fatos reais.

A fidelidade do autor se manifesta principalmente: 1. na descrição da expedição dos reis da Alta Ásia para a Ásia Ocidental; 2. nos relatos a respeito da pessoa de Melquisedeque (Gên. 14); 3. na descrição dos detalhes circunstanciais envolvidos na compra de um cemitério hereditário (Gên. 23); 4. na genealogia das tribos árabes (Gên. 25); 5. na genealogia de Edom (Gên. 36); 6. e nos impressionantes detalhes que são entretecidos com as narrativas gerais. No relato de José, a história patriarcal entra em contato com o Egito; e, quanto às narrativas fornecidas pelos escritores clássicos antigos, bem como os monumentos do Egito, acrescentam esplêndidas confirmações. Por exemplo, o relato apresentado em Gên. 47.13-26, que descreve como os Faraós se tornaram proprietários de todas as terras, exceto aquelas pertencentes aos sacerdotes, é confirmado pelos escritos de Heródoto (II.84). Submetendo-se o livro de Gênesis a um exame minucioso, outros dados similares podem ser encontrados. Do ponto de vista crítico, Gênesis é considerado uma fonte primária da história antiga.

II. Composição

A unidade de composição não só do livro de Gênesis, mas de todos os livros do Pentateuco, tem sido um tema polêmico entre os críticos. O caso de Gênesis tem sido particularmente investigado e, como a questão da unidade do livro está intimamente relacionada ao problema de autoria, apresentaremos a seguir duas principais linhas de pensamento sobre o assunto: 1. o ponto de vista conservativo; 2. o ponto de vista crítico.

1. Ponto de Vista Conservativo. A teoria conservativa reivindica que o livro de Gênesis foi recebido por Moisés como revelação direta de Deus, pois Moisés evidentemente tinha contatos imediatos com Deus. Defendendo a teoria da autoria mosaica, os conservativos oferecem os seguintes argumentos:

a. Considerando as evidências internas que provam que Moisés escreveu pelo menos algumas porções dos livros do Pentateuco, parece plausível assumir que ele tenha escrito a obra inteira, inclusive Gênesis.

b. A matéria tratada de Êxodo a Deuteronômio exige uma subestrutura como Gênesis. Sentindo essa necessidade, Moisés talvez tenha usado o material disponível da época e feito uma compilação dessa matéria na forma de tradição antiga.

c. Passagens como João 5.46 e ss., em que Jesus se refere aos "escritos de Moisés", podem ser interpretadas como escritos meramente atribuídos a Moisés. Por outro lado, essas passagens podem igualmente ser interpretadas como pronunciamentos da autoria mosaica desses escritos.

d. A *Comissão Bíblica da* Igreja Católica sugere que, embora Moisés seja o autor do Pentateuco, talvez ele tenha empregado pessoas para trabalhar sob sua direção como compiladores. Esta seria uma maneira de explicar as diferenças estilísticas do livro.

2. Ponto de Vista Crítico. Empregando o método de análise do texto, os críticos modernos afirmam que pelo menos três fontes distintas serviram de base para o livro de Gênesis: *P, E* e *J.* Alguns fanáticos no estudo das fontes literárias têm fragmentado essas fontes em subfontes, contudo, como essas subdivisões não os têm conduzido a nenhuma conclusão importante, nos limitaremos ao tratamento das três fontes citadas acima, as quais foram provavelmente baseadas no tradicional. A fonte *P(S),* de caráter basicamente formal e estatístico, relata o tipo de material que os *sacerdotes* cultivavam, como, por exemplo, Levítico 1-16. Contudo, momentos de grandeza são também encontrados nesta fonte, a saber, Cantares 1. *P* é a fonte mais recente das três, provavelmente pertencendo ao período entre os séculos V e VI A.C.

A fonte *E* e a fonte *J* se distinguem principalmente pelo emprego respectivo dos nomes *Elohim* e *Jeovah* para Deus. Além desta diferença, o documento *E* se apresenta intimamente relacionado em suas partes, formando assim um todo sólido. O documento *J*, por outro lado, não apresenta a mesma solidez, mas é de natureza meramente complementar, fornecendo detalhes nos pontos em que *E* se torna abrupto e deficiente. A fonte *E* pertence provavelmente ao século VIII A.C.; e a fonte *J*, ao século IX A.C. Ver no *Dicionário* o artigo separado sobre a teoria *J. E. D. P.(S.)*. Ver também sobre o *Pentateuco*.

Os críticos modernos reivindicam que essas fontes foram subseqüentemente combinadas pela mão de um autor final cujo nome e desconhecido. Os antagonistas do ponto de vista crítico mantêm que Gênesis foi escrito por um único autor, e que o uso de dois nomes diferentes para Deus não deve ser atribuído à origem do livro em duas fontes distintas, mas aos diferentes significados desses nomes. Talvez essa observação seja plausível com referência aos nomes de Deus. todavia as diferenças de estilo e vocabulário que claramente distinguem porções do livro de Gênesis ainda permanecerão misteriosas se essa explicação for aceita.

Data e Lugar. Os estudiosos que aceitam a autoria mosaica do livro de Gênesis são compelidos a explicar algumas passagens da obra como notas de rodapé adicionadas posteriormente pelos copistas. (Exemplos: 12.6; 13.7; 14.17 e partes de 36.9-43.) O lugar de origem do livro sugerido por eles é a península do Sinai. Os críticos que não reivindicam autoria mosaica oferecem datas tentativas somente para as fontes individuais, como mencionado anteriormente. Quanto à cópia final, só se sabe que foi compilada depois do exílio, afirmam eles. O local da compilação é desconhecido.

III. Conteúdo

O livro de Gênesis pode ser esboçado de várias maneiras:

1. Esboço Histórico. É o esboço mais geral e popular, que divide o livro em duas partes principais.

a. *História Primordial*. Capítulos 1 a 11: tratam de assuntos de natureza universal, tais como a origem da terra e a origem da raça humana.

b. *História Patriarcal*. Capítulos 12 a 50. Estes capítulos relatam a história dos antepassados de Israel. Cerca de dez histórias são apresentadas no livro (2.4; 5.1; 6.9; 10.1; 11.10,27; 25.12,19; 36.1; 37.1), dentre as quais algumas se ocupam de personagens importantes, a saber, Tera, Isaque, Jacó e José. Algumas histórias tratam de importantes categorias, tais como terra e céu, ou os filhos de Adão e os filhos de Noé; outras tratam de personagens como Ismael e Esaú. Apesar de não oferecer um tratamento profundo sobre dificuldades sugeridas pelo texto, este esboço é eficaz, pois enfatiza a direção de Deus na história da humanidade e mostra como Ele usou diversas pessoas para cumprir Seus propósitos finais.

2. Esboço Temático. Divide o livro em quatro assuntos principais:

a. Livro do Princípio (1–11)
b. Livro da Fé (12–25)
c. Livro da Luta (26–35)
d. Livro da Direção (36–50)

3. Esboço Detalhado do Conteúdo:

a. História da Criação (1.1–2.3)
   1. Criação do céu e da terra (1.1–23)
   2. Criação dos seres viventes (1.24–2.3)
b. História Humana (2.4–11.32)
   1. Criação do homem (2.4–17)
   2. Criação da mulher (2.18–25)
   3. Queda do homem (3.1–24)
   4. Multiplicação da raça humana: Caim e Abel (4.1-7)
   5. O primeiro homicídio (4.8-26)
   6. A genealogia de Sete (5.1–32)
   7. A corrupção do gênero humano (6.1-12)
   8. A pena do dilúvio (6.13–8.22)
   9. O pacto de Deus com Noé (9.1-29)
   10. Os descendentes de Noé (10.1-32)
   11. Uma língua universal (11.1-6)
   12. A confusão das línguas (11.7-32)
c. História dos Patriarcas: A Escolha de Abraão, Isaque, Jacó e Judá (12.1–23.20)
   1. Abraão entra na Terra Prometida (11.27-14.24)
   2. Pacto e promessa de um filho (15.1-18.16)
   3. A história dos patriarcas (18.17–19.23)
   4. Destruição de Sodoma e Gomorra (19.24-38)
   5. Sara, Isaque e Ismael (20.1-23.20)
d. Isaque (24.1-26.35)
   1. Isaque e Rebeca casam-se (24.1-67)
   2. Morte de Abraão e nascimento dos filhos de Isaque (25.1-34)
   3. Isaque vai a Gerar; renovação da promessa (26.1-35)
e. Jacó (27.1–36.43)
   1. Jacó trapaceia o irmão e obtém a bênção de seu pai (27.1-46)
   2. Jacó foge para Arã e Deus renova a promessa em Betel (28.1-22)
   3. Os casamentos de Jacó em Arã (29.1-30)
   4. Nascimento dos filhos de Jacó (29.31–30.24)
   5. Labão faz novo pacto com Jacó (30.25-43)
   6. Retorno de Jacó para a Terra Prometida (31.1–34.31)
   7. Renovação da promessa em Betel (35.1-29)
   8. Os descendentes de Esaú (36.1-43)
f. Judá e José (37.1–50.26)
   1. Jose vendido por seus irmãos e transportado para o Egito (37.1-36)
   2. Judá e Tamar (38.1-30)
   3. José na casa de Potifar (39.1-23)
   4. José na prisão (40.1-23)
   5. José interpreta os sonhos do faraó (41.1-37)
   6. Jose como governador do Egito (41.38-57)
   7. Os irmãos de José vão ao Egito pela primeira vez (42.1-38)
   8. Os irmãos de Jose retornam ao Egito (43.1-34)
   9. A família de José no Egito (44.1-47.31)
   10. Jacó abençoa seus filhos (48.1–49.28)
   11. Morte de Jacó e José (49.29–50.26)

IV. Teologia

De certo modo, o livro de Gênesis constitui a primeira filosofia da história, embora não se baseie em argumentos, mas em convicções. Não há no livro todo nenhuma tentativa de provar que Deus existe, ou que realmente agiu tal qual o autor relata. Alguns pontos de vista importantes a respeito da doutrina de Deus emergem deste livro, a saber:

1. Deus é o único e supremo monarca do universo e de Seu povo. O livro mantém um monoteísmo latente, preparando o alicerce para declarações tais como a de Deus. 6.4.

2. Deus é onipotente. Através de Sua poderosa palavra, Ele pode criar o que bem desejar.

3. Deus é onisciente. Ele soube o local do esconderijo de Adão e Eva no jardim, bem como o fato de que Sara riu secretamente dentro da tenda. Ele está também presente longe da casa ancestral, como Jacó surpreendidamente descobre em Gên. 28.16.

4. Deus é extremamente sábio. Ele criou um universo integrado, no qual todas as coisas demonstram perfeita eficiência segundo o uso e o propósito designados.

5. Deus tem profunda misericórdia e amor por Sua criação. Isto e evidente principalmente no que se refere ao homem, obra-prima da criação. Deus não só criou o homem, mas providenciou-lhe tudo aquilo de que precisava para sobreviver. O homem caiu do estado de graça, mas Deus preparou um plano de redenção; guiou e protegeu o caminho dos patriarcas para que esse plano fosse cumprido.

6. Deus se revelou a Seu povo. Às vezes num sonho (31.11), outras vezes através de um misterioso agente, "o anjo do Senhor" (31.11).

Este livro oferece também uma clara noção da natureza do homem:

1. O homem é uma criatura dotada de parte material e parte imaterial.

2. O homem é dotado de livre-arbítrio: pode dizer "sim" ou "não" à tentação.

3. O homem foi criado como um ser superior, obra-prima de Deus, livre de qualquer mancha. Mas ai! O homem caiu do estado de graça. A história da queda, por sua vez, embora soe estranha para muitos ouvidos modernos, ainda é objeto de estudo em ética e em religião. O autor de Gênesis observou que um grande desastre poderia emergir de uma desobediência aparentemente *trivial.*

4. O homem será restaurado: os dois elementos básicos para a redenção são: graça da parte de Deus e fé da parte do homem. Gên. 15.16 declara que Abraão creu nas promessas do Senhor: "E creu ele no Senhor, e foi-lhe imputado isto por justiça". Esta passagem figura proeminentemente no desenvolvimento da teologia de Paulo (Rom. 4.3,9,22,23).

V. Descobertas Arqueológicas

Descobertas arqueológicas modernas têm desvendado o mundo de Gênesis. Civilizações nos arredores da Palestina estão sendo descobertas com todas as suas riquezas e variedades. A existência de povos tais como os horitas e os hurrianos (até recentemente apenas nomes) tem sido confirmada. A civilização dos amoritas, enterrada por muitos séculos, está emergindo lentamente. Atualmente pode-se afirmar que os hititas foram poderosos conquistadores que influenciaram o curso da história no passado.

Temas como Criação, Paraíso e Dilúvio são achados também em muitas mitologias do mundo. Tabletes de barro encontrados na Mesopotâmia contêm muitos mitos cujos temas e detalhes também estão presentes no livro de Gênesis.

Na história da criação há algumas semelhanças entre os registros hebraicos e os babilônicos: 1. Ambas as histórias registram um caos antigo. Até mesmo o nome para esse caos é semelhante em cada língua. 2. Segundo os dois relatos, houve luz antes de os astros serem criados. 3. Há paralelismo tambem nas crônicas do Dilúvio: os deuses mandaram a inundação, mas salvaram um homem que construiu um navio para se abrigar da tempestade. O homem testa o término da catástrofe soltando pássaros e oferece sacrifícios quando tudo está terminado.

Há também algumas diferenças drásticas entre as narrativas hebraicas e babilônicas: 1. A história hebraica mantém um monoteísmo latente; os outros relatos são de natureza politeísta. 2. Os princípios morais registrados na história hebraica são extremamente mais altos que os das outras civilizações. Descobertas espetaculares na cidade de Ur dos Caldeus são de grande importância para o conhecimento da história da civilização, todavia de menos relevância direta para as narrativas bíblicas. É mister observar que, num local não muito distante de Ur, os escavadores encontraram evidência de uma inundação de comparável tamanho. No entanto, dizem os críticos, isso não prova a historicidade de Gên. 6–8, pois foi provado que muitas vezes na história diferentes áreas da Mesopotâmia foram inundadas.

O mundo cultural dos patriarcas tem sido iluminado pelos achados do segundo milênio A.C. em Nazu (perto da moderna Kirkuk). Foram encontrados nessa localidade inúmeros documentos que ilustram detalhadamente diversos costumes patriarcais. Por exemplo, quando a estéril Sara deu à Abraão uma escrava, Hagar, para que concebesse filhos, ela estava fazendo exatamente a mesma coisa que as mulheres de Nazu faziam. A única diferença era o fato de que as últimas eram proibidas de maltratar a escrava. O ato da venda dos direitos de primogenitura feito por Esaú, bem como os problemas de Jacó na obtenção da esposa de sua escolha, são entendidos com mais clareza através desses tabletes (tabletes Nazu). Unger afirma que "o grande serviço que a pesquisa arqueológica está desenvolvendo no período mais antigo da história bíblica demonstra que o quadro dos patriarcas apresentado em Gênesis se ajusta perfeitamente ao estilo de vida da época" (Unger, *Archaeology and the Old Testament*, p. 120).

VI. Considerações Finais

Esta introdução referiu-se a alguns problemas peculiares do livro de Gênesis, tais como autoria e historicidade. Essas questões têm sido objeto de controvérsia entre os eruditos, todavia nada tem sido tão polêmico no livro como o tema da criação. Há um estridente conflito entre o ponto de vista da ciência moderna e o relato deste livro sobre as origens do mundo.

Ao Leitor:

Muita informação acerca do livro de Gênesis foi compilada como parte do *Dicionário* da obra presente. Por toda a exposição do Antigo Testamento menciono artigos que deveriam ser lidos em conexão com a exposição do texto que estiver sendo oferecido. Também refiro-me à *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* quanto a artigos relacionados ao estudo do Antigo Testamento, mas que não foram incluídos no *Dicionário.* O *Dicionário* oferece um número bastante grande de artigos que se revestem de interesse especial para os estudiosos. Quando está em pauta o Novo Testamento, por estar relacionado a algum texto ou idéia do Antigo Testamento, convido os leitores a examinar o *Novo Testamento Interpretado*, um comentário versículo por versículo daquele documento.

Controvérsias, debates e *críticas*, com suas contracríticas, naturalmente estão vinculados aos estudos sobre o Antigo Testamento. Não devemos permitir que essas coisas gerem o *ódio teológico.* Muitas discussões dessa natureza giram em torno do livro de Gênesis. Homens dotados de espiritualidade deveriam poder debater sem nenhum ódio:

> *Ó Deus... que carne e sangue fossem tão baratos!*
> *Que os homens viessem a odiar e matar,*
> *Que os homens viessem a silvar e decepar a outros*
> *Com línguas de vileza... por causa de... Teologia.*
>
> (Russell Champlin)

Vários artigos que figuram no *Dicionário* e deveriam ser lidos em conexão com o primeiro capítulo de Gênesis são: 1. *Astronomia.* 2. *Cosmogonia.* 3. *Criação.* Ver também *J.E.D.P.(S.).*

Os céticos têm *vontade de não crer*, pelo que nenhum acúmulo de evidências pode convencê-los. Mas os ultraconservadores têm *vontade de crer*, pelo que não há evidência que os convença de que estão errados, sem importar a questão em foco. Entre esses dois extremos usualmente se acha a verdade, na qual as *evidências* confirmam a crença.

VII. Bibliografia

ALB ANET AM BA E I IB IOT LEU WES YO Z

Citações de Gênesis no Novo Testamento

Mateus

19.4 (Gên. 1.27); 19.5 (Gên. 2.4); 19.26 (Gên. 18.14); 24.38 (Gên. 7.7).

Marcos

10.6 (Gên. 1.27); 10.7 ss. (Gên. 2.24); 10.27 (Gên. 18.14).

Lucas

1.37 (Gên. 18.14); 17.27 (Gên. 7.7); 17.29 (Gên. 19.24); 17.31 (Gên. 19.26).

João

1.51 (Gên. 28.12).

Atos

3.25 (Gên. 22.18); 7.3 (Gên. 12.1; 48.4); 7.5 (Gên. 17.8; 48.4); 7.6 ss. (Gên. 15.3 ss.); 7.8 (Gên. 17.10 ss.; 21.4); 7.9 (Gên. 37.11; 39.2 ss; 21; 45.4); 7.10 (Gên. 39.21; 41.40 ss.; 43.46); 7.11 (Gên. 41.54 ss.; 42.5); 7.12 (Gên. 42.2); 7.13 (Gên. 45.1); 7.16 (Gên. 50.13); 7.45 (Gên. 17.8; 48.4).

Romanos

4.3 (Gên. 15.6); 4.9 (Gên. 15.6); 4.11 (Gên. 17.11); 4.17 (Gên. 17.5); 4.18 (Gên. 15.5); 4.22 (Gên. 15.6); 9.7 (Gên. 21.12); 9:9 (Gên. 18.10); 9.12 (Gên. 25.23).

I Coríntios

6.16 (Gên. 2.24); 11.7 (Gên. 5.1); 15.45,47 (Gên. 2.7).

II Coríntios

9.3 (Gên. 3.13).

Gálatas

3.6 (Gên. 15.6); 3.8 (Gên. 12.3; 18.18); 3.16 (Gên. 12.7; 13.15; 17.7 ss.; 22.18; 24.7); 4.30 (Gên. 21.10).

Efésios

5.31 (Gên. 2.24).

Colossenses

3.10 (Gên. 2.24).

Hebreus

4.3 ss. (Gên. 2.2); 4.10 (Gên. 2.2); 6.7 (Gên. 1.11 ss.); 6.8 (Gên. 3.17 ss.); 6.13 ss. (Gên. 22.16 ss); 7.1 ss. (Gên. 14.17 ss.); 7.3 (Gên. 14.18); 7.4,6 ss. (Gên. 14.20); 11.4 (Gên. 4.4); 11.5 ss. (Gên. 5.24); 11.8 (Gên. 12.1); 11.9 (Gên. 23.4); 11.12 (Gên. 22.17; 32.12); 11.13 (Gên. 23.4); 11.17 (Gên. 22.1 ss.); 11.18 (Gên. 21.12); 11.21 (Gên. 47.31); 12.16 (Gên. 25.33).

Tiago

2.21 (Gên. 22.2,9); 2.23 (Gên. 15.6); 3.9 (Gên. 1.26).

Apocalipse

2.7 (Gên. 2.9, 3.22); 5.5 (Gên. 49.9); 7.14 (Gên. 49.11); 9.2 (Gên. 19.29); 9.14 (Gên. 15.18); 10.5 (Gên. 14.19,22); 12.9 (Gên. 3.1); 14.10 (Gên. 19.24); 16.12 (Gên. 15.18); 19.20 (Gên. 19.24); 20.2 (Gên. 3.1); 20.10 (Gên.19.24); 21.8 (Gên. 19.24); 22.1 ss. (Gên. 2.9 ss.; 3.22); 22.14 (Gên. 2.9; 3.22; 49.11); 22.19 (Gên. 2.9; 3.22).

EXPOSIÇÃO

Capítulo Um

História da Criação (1.1 — 2.3)

Os artigos sob *Introdução* permitem-me suprir uma exposição mais breve do que seria possível de outra maneira. Para que tire o melhor proveito possível, o leitor deverá examinar o material apresentado no *Dicionário* e na *Enciclopédia*, mencionados anteriormente.

A maioria dos eruditos concorda que os capítulos 1 e 2 de Gênesis contêm duas narrativas da criação que foram entretecidas. O hebraico do segundo capítulo é mais antigo que no caso do primeiro. Os problemas e as alegadas discrepâncias entre os dois relatos são abordados na *Introdução* ao livro e nos artigos ali referidos. Aqueles que tentam identificar fontes específicas de materiais dizem-nos que o primeiro capítulo reflete basicamente a fonte *P* (*S*), e que o segundo reflete a fonte *J*. De acordo com eles, além de apresentar informes sobre os primórdios, o livro é uma espécie de filosofia da história, com base na teologia, na piedade e nas convicções, e não uma tentativa de demonstrar fatos científicos. Deus existe, mas o autor sacro não oferece provas racionais a respeito. Suas convicções dizem-nos aquilo que se espera que reconheçamos. Mas os estudiosos conservadores, é claro, discordam dessas avaliações.

Criação do Céu e da Terra (1.1-22)

1.1

No princípio. Há várias interpretações quanto a essa simples declaração:

1. Estaria em pauta o começo absoluto do tempo, o momento do ato criativo que trouxe à existência qualquer coisa fora de Deus.
2. Ou deveríamos pensar no começo da *criação física*.
3. Ou então, aquele momento quando Deus começou a agir sobre o caos primevo, a fim de produzir dali ordem e beleza.

Criação ex nihilo? Essas palavras dão a entender que Deus criou *ex nihilo*, ou que Ele organizou a matéria já existente, fazendo assim reverter o caos? Os eruditos do hebraico, antigos e modernos, assumem uma ou outra dessas posições. Alguns traduzem: "No princípio da criação divina dos céus e da terra, disse Deus" etc. Isso significaria que Deus então manipulou matéria já existente, que estava em estado de caos, a fim de organizá-la em boa ordem. As lendas da Babilônia (e de outros povos) afirmam a eterna existência da matéria, concebendo os deuses como organizadores, e não como quem criou a partir do nada. Os mórmons modernos aceitam essa posição. Porém, há eruditos que crêem que o autor sagrado quis dizer que houve tempo em que só Deus existia e que Seu ato criativo (sem importar o *modus operandi* que Ele tenha usado) trouxe à existência outras coisas, em algum remoto ponto do tempo. Essa interpretação coaduna-se melhor com o monoteísmo do autor sacro. Afinal, a *eternidade* é um atributo exclusivo de Deus. Todavia, há bons teólogos que não encaram a questão por esse prisma. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Atributos de Deus*.

Heb. 11.3 provê um comentário. Deus criou as coisas a partir de algo *imaterial*, ou seja, ". . . o visível veio a existir das cousas que não aparecem" A palavra traduzida aqui por *aparecem* refere-se a coisas materiais, visíveis. Todavia, isso não requer a interpretação *ex nihilo*. As coisas invisíveis poderiam ser a própria *energia* criativa de Deus, e não o vácuo. Seja como for, o ato criativo atuou por meio de Sua própria, imensa e toda-poderosa vontade, uma qualidade que pertence somente ao Deus único. As palavras *ex nihilo* são confrontadas por alguns intérpretes com a declaração latina *ex nihilo nihil fit*, ou seja, "do nada, nada foi feito".

Defesa da criação ex nihilo. Mas alguns intérpretes teimam em defender uma literal criação *ex nihilo*, dizendo-nos que esse modo de criação exalta o indizível poder de Deus. Pensemos nisso! Antes, só Deus existia. Todavia, diante de Sua mera palavra proferida, "haja", coisas vieram à existência, absolutamente do nada. Isso é poder!

Deus. No hebraico, *Elohim*. Ver a explicação sobre essa palavra no *Dicionário*. Há várias conjecturas quanto ao seu sentido. *El* (outro nome de Deus, dentro das culturas semíticas) por certo é sua base, e tem o significado de "poderoso". Talvez uma combinação pudesse ter alterado seu sentido básico. Ver no *Dicionário, Deus, Nomes Bíblicos de*, que oferece informações sobre esse assunto em geral Alguns pensam que, em sua forma combinada, o termo signifique "adoração", mas isso já é menos provável.

Notar o plural. Elohim é o plural de *Eloah*, podendo ser traduzido por "deuses". No plural, essa forma pode apontar para os *anjos*. Neste caso porém, o plural sem dúvida é um aumentativo de *exaltação*, frisando a *majestade* de Deus, e não a idéia de pluralidade de pessoas. Alguns tentam extrair desse plural um sentido trinitário, mas a maioria dos estudiosos pensa que isso é cristianizar demais o texto. Dentro da própria teologia cristã, a doutrina da trindade só veio a ser formulada no século II D. C. É verdade que Orfeu falava sobre a criação feita por um deus com três nomes. Ademais, em muitas religiões, achamos noções triteístas. Ver no *Dicionário* o artigo *Tríadas (Trindades) na Religião*.

Criou. No hebraico, *bara*, termo usado exclusivamente acerca do ato divino criativo, que, segundo vimos, envolve a organização do caos existente, ou, mais provavelmente, envolve algo que foi trazido à existência, ainda que antes nada existisse. Em meu artigo sobre a *Criação* (ver o *Dicionário*), expus muitas idéias sobre as origens. Ver a segunda seção, *Origens da Criação*. Ver também a terceira seção, *Pontos de Vista Bíblicos da Criação*.

O Logos. Alguns intérpretes supõem que o fato de que "Deus *falou* a Sua palavra", trazendo assim tudo à existência, subentenda, embora não o diga diretamente, a idéia de que o Criador é o *Logos*. Ver o artigo sobre esse assunto no *Dicionário*. Diz o trecho de Pro. 3.19: "O Senhor com sabedoria fundou a terra". A palavra *sabedoria* é ali personalizada por alguns interpretes, para aludir ao Logos. Como é óbvio, o evangelho de João explora esse tema, usando o conceito do Logos que foi iniciado por Heráclito (filósofo grego) e que era um dos temas favoritos dos estóicos, antes dos tempos neotestamentários. Filo também personalizou o Logos, identificando-o como o poder criativo de Deus em seu eclético sistema neoplatônico/judaico.

Os Céus e a Terra

a. Alguns vêem nessas palavras um começo absoluto de *todas* as coisas (fora de Deus). Supõem que elas formem um coletivo para indicar "tudo exceto Deus". Nesse caso, o trecho de Gên. 1.1 também incluiria a criação espiritual, os anjos, o céu da presença de Deus etc.
b. Outros crêem que está em pauta a criação *material*, e que a (anterior) criação espiritual foi olvidada pelo momento.
c. Alguns limitam a questão ao *sistema solar*, mas por certo não era isso que o autor sagrado tinha em mente.
d. Quase certamente a expressão "os céus e a terra" refere-se ao universo organizado e adornado que conhecemos, não incluindo a anterior criação espiritual, embora não haja consenso entre os eruditos quanto a esse particular.

Preexistência? Houve uma criação espiritual antes da criação física? Em tempos posteriores, tornou-se comum a crença dos hebreus de que a criação espiritual antecedeu à física por um longo período de tempo (*Targum* Jon. e Jers., sobre Gên. 3.24). Alguns intérpretes usam Jer. 1.5 para mostrar a preexistência da alma humana, uma idéia comum na teologia dos hebreus posteriores. Pro. 8.22 ss. aludem ao Logos preexistente, ou Sabedoria Divina, personalizada por alguns intérpretes. Outros vêem a preexistência em Ecl. 1.9-11. A história de Lúcifer (Isa. 14.22 ss.) quase sem dúvida indica que a queda de Satanás ocorreu em algum passado remoto, antes da criação física. Ver no *Dicionário* o artigo *Preexistência da Alma*.

Lições Morais e Espirituais do Capítulo 1 de Gênesis

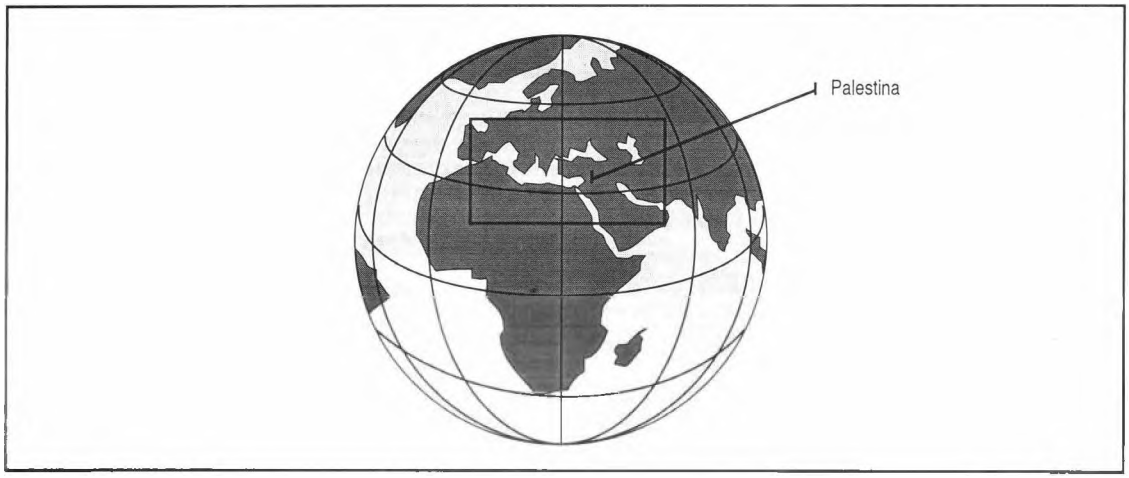
Em meio às controvérsias e debates que obscurecem a exposição do primeiro capítulo do Gênesis, não podemos esquecer as grandes lições morais e espirituais que a Bíblia nos apresenta ali. Por mais importantes que sejam as questões de historicidade e de ciência, o debate sobre tais coisas não nos deveria fazer olvidar o que é mais importante.

1. *Teísmo.* Deus criou, mas Ele também está presente em Sua criação. Ele recompensa e pune. Ele se importa. Ver no *Dicionário* sobre o *Teísmo*. Em contraste com isso, o *deísmo* afirma que a força ou pessoa criativa abandonou o seu universo às leis naturais.
2. Não há *caos* que o poder de Deus não possa pôr em boa ordem, sem importar se esse caos seja cósmico ou pessoal.
3. O universo tem *sentido?* A Bíblia informa-nos que as negras forças do caos não lograram a vitória Deus impôs a ordem ao mundo: ordem e significado.
4. Há *bondade* no mundo? O trecho de Gên. 1.31 revela que tudo está na dependência desse poder.
5. Este mundo é um mundo de *causa e efeito*, a começar pela *Primeira Causa*, que deu início à reação em cadeia. Por meio da fé, podemos sondar essa Causa benévola.

> *Novas misericórdias, a cada novo dia,*
> *Pairam por sobre nós, enquanto oramos.*
>
> (Keble)

6. Deus é *mais bem compreendido*. As antigas cosmogonias babilônicas alicerçavam-se sobre mitos acerca de atividades de muitas divindades. A fé

O MUNDO EM RELAÇÃO À PALESTINA



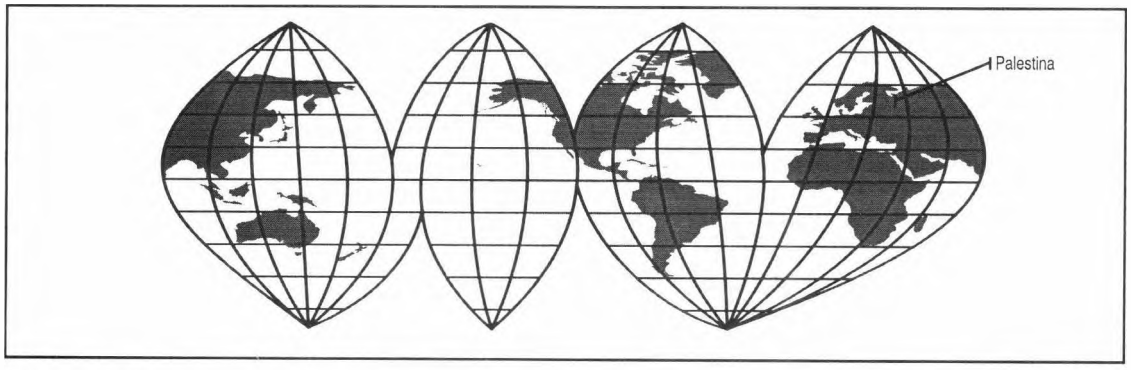
Observações:

Na representação acima, o mundo Mediterrâneo (a área na qual ocorrem os episódios bíblicos e a de seis impérios mundiais com quem Israel fazia tratados e negócios) está demarcado por um retângulo. Como fica demonstrado no mapa, a Palestina é, de fato, uma parte muito pequena do mundo.

Somente 29% da superfície terrestre é de terra firme. Essa extensão territorial ocupa aproximadamente 91.560.000 km^2. A Palestina ocupa apenas 16.000 km^2, ou 1/5700.

A maior massa da terra é aquela compreendida pela Europa, Ásia e África. Segue-se o continente americano (América do Norte, Central e do Sul), com uma área um pouco menor que a da África. A Antártica ocupa 9% da massa terrestre e a Austrália, 5%.

MASSAS DE TERRA DO MUNDO E A PALESTINA



Observações:

A extensão territorial terrestre total é de aproximadamente 91.560.000 quilômetros quadrados, um total de somente 29 por cento da área da terra. A Palestina ocupa 16 mil quilômetros quadrados do total territorial, algo representado acima por um pequeno retângulo.

As massas de terra são: 1. Europa-Ásia-África (57%). 2. América do Norte e do Sul, que ocupam uma área pouco menor do que a última. 3. Antártica, centralizando o Pólo Sul (9%). 4. Austrália (5%).

dos hebreus trouxe-nos o *monoteismo,* aprimorando o nosso conhecimento de Deus. Ver no *Dicionário* o artigo sobre o *Monoteismo.*

7. *Designio.* A vontade e a bondade de Deus garantem o bom resultado da criação, apesar do caos e da miséria.

Um remoto evento divino, para onde caminha a criação toda.

(Tennyson)

8. O Gênesis dá início ao *Pentateuco* (ver esse artigo no *Dicionário*); e essa coletânea mostra-nos como a vontade divina atuou através de uma nação preparada para transmitir a mensagem divina. O *Êxodo* promete a redenção. O grandioso propósito foi sendo gradualmente desvendado.
9. *Significados* da criação. No meu artigo sobre a *Criação* (apresentado antes da exposição sobre o Gênesis, após a *Introdução* àquele livro), alistei sete propósitos da criação. Ver a quarta seção daquele artigo.
10. *Reverência.* Tornamo-nos humildes quando vemos a grandiosa mensagem e suas implicações. Apesar dos debates, abordamos a questão com reverência. Isso distingue o homem espiritual daquele que meramente gosta da controvérsia e dos debates. Criticar a Bíblia é algo pior que a ignorância, se for uma crítica arrogante. As críticas dos críticos são piores do que a ignorância, quando são caracterizadas pelo ódio. Precisamos evitar todo vestígio de rancor teológico.

Em última análise, a espiritualidade é uma questão de experiência, e não de argumentação. "Sei em quem tenho crido" (II Tim. 1.12).

1.2

A terra, porém, era sem forma e vazia. Várias antigas cosmogonias, incluindo a dos babilônios, pintavam um caos primevo ao qual as forças da criação esforçaram-se por emprestar boa ordem, produzindo um mundo bem organizado e embelezado. O relato babilônico dizia que o caos era governado pelo deus Apsu e pela deusa Tiamate. Somente o Deus supremo, Marduque, finalmente teve o poder de fazer reverter o caos de Apsu. A temível Tiamate foi morta. O "corpo" dela foi dividido em duas partes, e uma metade tornou-se a terra, e a outra metade, o firmamento acima. O paralelismo é óbvio, mas o autor do Gênesis evitou o crasso simbolismo, deixando tudo nas mãos de Deus, como é mister. Para nosso autor não havia deuses nem semideuses, mas tão-somente o Deus Todo-poderoso, capaz de falar para trazer tudo à existência, removendo o caos reinante. Os *Targuns* sobre o texto falam sobre deserto e desolação, vazio e devastação. Ovídio, Hesíodo e outros escritores antigos oferecem quadros similares, crendo em um caótico mundo de matéria eterna, que alguma força divina foi capaz de organizar. Dentro da filosofia religiosa da China aparece uma massa caótica que o Deus imaterial pôs em boa ordem, de acordo com as forças opostas do Ying e do Yang. Os fenícios aludiam a um caos túrbido, a ventos ferozes, a trevas e à desordem.

O vs. 1 sem dúvida refere-se a um começo relativo das coisas, que Deus, posteriormente, levou à fruição e à beleza. O quadro confuso diante de nós faz-nos lembrar do pecado e de seu poder destruidor. Só Deus tem poder para reverter esse mal.

As águas. O caos é retratado, pelo menos em parte, como se envolvesse uma espécie de grande oceano. Por sobre esse mar caótico, o Espírito de Deus pairava como o grande Pássaro da Criação.

O Espírito de Deus pairava. Temos aqui outro paralelo das antigas cosmogonias. O autor sacro utilizou-se da metáfora do Espírito como o poder divino que produziu vida dentre a massa aquosa. "Esse mesmo Espírito. . . adejava sobre a superfície das águas, impregnando-as, como uma galinha choca os seus ovos" (John Gill, *in loc.*). Hermes, Orfeu, os egípcios, os fenícios e os chineses tinham todos metáforas parecidas no tocante ao começo da vida, e como ela emergiu dentre o caos. Tais expressões, como é natural, são poéticas.

O Espírito. Devemos entender aqui uma pessoa ou uma força cósmica dirigida por Deus? A teologia hebréia posterior, sem dúvida, apontava para a personalidade do Espírito. Podemos supor que esse era o ponto de vista do escritor sagrado.

A Teoria da Grande Expansão de Tempo

1. Muitos intérpretes pensam que entre Gên. 1.1 e Gên. 1.2 devemos entender que houve uma grande expansão de tempo, o que explicaria todas as modernas descobertas científicas que fazem pensar em uma terra antiquíssima. O vs. 2 fala de uma nova criação, desconsiderando o que poderia ter ocorrido antes, incluindo supostas raças pré-adâmicas. Ver no *Dicionário* os artigos *Raças Pré-Adâmicas* e *Antediluvianos.*
2. Outros estudiosos insistem em que precisamos ajustar o tempo inteiro da criação aos sete dias referidos no relato da criação.
3. Ainda outros aceitam o texto como poético e metafórico, crendo ser uma tolice forçar sobre ele qualquer espécie de cronologia.
4. Outros, finalmente, falam sobre um começo relativo no vs. 1 e sobre um começo absoluto no vs. 2, mas sem requerer nenhuma condição cronológica.

O Primeiro Dia (1.3-5)

1.3

Disse Deus: Haja luz; e houve luz. Várias antigas cosmogonias falavam de uma luz primeva que nada tinha que ver com a luz solar. No relato do Gênesis temos essa luz antes da criação do sol (vs. 14), o que só teve lugar no quarto dia da criação. As cosmogonias babilônica, indiana, grega e fenícia falam sobre essa luz primeva. Muita especulação estéril cerca a descrição dessa luz. Alguns supõem que a luz vinha do sol, que já existiria, mas que ainda não tinha sido posto como centro da órbita terrestre, conforme sucedeu mais tarde. Outros vêem uma metáfora na expressão que não pode ser compreendida por meio de explicações literais. Certo intérprete aludiu a uma espécie de "corpo luminoso" (não o sol), que se movimentaria de leste para oeste, e que, posteriormente, teria sido transformado no sol. Outros lembram a coluna de fogo e de nuvem da história posterior de Israel, pensando então que havia algo parecido com isso. Todas essas explicações são inúteis.

A Luz e as Trevas. Apesar de não podermos entender bem a declaração do autor sacro, as lições morais e espirituais são óbvias. É preciso o Espírito de Deus para que o caos escuro da vida de um homem seja iluminado. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Luz, a Metáfora da.* As Escrituras prevêem que a obra de Deus culminará na era futura em que não haverá mais trevas (Apo. 22.5). Deus é luz; os homens são luzes quando são piedosos. Jesus é a Luz do mundo. Israel seguia a luz de Deus ao ser libertado do Egito (Êxo. 13.21; ver também Isa. 45.7). Esse último versículo afirma que Deus também criou as trevas, embora hesitemos em afirmar tal coisa. Espiritualmente falando, porém, as trevas existem com um certo propósito, até que venham a ser finalmente revertidas.

1.4

E viu Deus que a luz era boa. Essa luz era uma perfeita representação de Seu pensamento, um reflexo da essência do Seu ser, porquanto Deus é Luz. Essa luz era agradável, deleitosa, útil. Foi o primeiro passo na reversão do caos escuro. É interessante que as lendas babilônicas atribuam a criação a Marduque, o *deus-sol.* Os homens percebem a importância capital da luz, da qual dependem toda a vida e a ordem. Em tudo isso, porém, não devemos procurar meros fatos científicos, e, sim, verdades espirituais muito importantes.

A Luz é Boa. Os egípcios adoravam ao deus-sol, Rá. No zoroastrismo adorava-se o Senhor da Luz. A luz é um dos símbolos de Deus. Aponta para a vida e a iluminação, e essas coisas são boas. Até os aldeões do vale do rio Nilo sabiam que toda vida e bem-estar dependem do sol. O sol é que faz sucederem-se as estações do ano, fazendo a semente brotar. Os homens perdem-se em uma floresta. Mas o sol, brilhando por entre as árvores, ilumina-os e confere-lhes orientação. Os homens temem as trevas. O homem primitivo acendia fogueiras para proteger-se durante a noite. Muitas pessoas não conseguem dormir se no aposento não houver alguma luz. O salmista falou de Deus como Quem está "coberto de luz como de um manto" (Sal. 104.2). A luz é associada à retidão e à alegria, no Salmo 97.11. Não é fácil alguém acreditar em Deus quando se vê isolado nas trevas. Mas quando a luz ilumina, a fé cresce. Só os criminosos regozijam-se nas trevas. Ao justo é garantido que a luz aparecerá em meio às trevas (Sal. 112.4).

A Palavra Divina. A Palavra de Deus é criativa. Deus falou e a luz penetrou no caos. Ver o vs. 1 quanto às diversas explicações sobre o poder criativo. É interessante observar que as cosmogonias babilônica, egípcia e indiana representavam a Palavra divina como um poder criador. O homem reconhece isso de alguma maneira, instintivamente. Talvez os antigos acreditassem nessa palavra como uma espécie de mágica divina. Mas no livro de Gênesis a palavra origina-se no poder e na vontade de Deus. "Pois ele falou, e tudo se fez" (Sal. 33.9).

O Logos, a Palavra de Deus. Os intérpretes costumam ligar a palavra de Deus, no primeiro capítulo do Gênesis, com o Logos. Ver o vs. 1 quanto a explicações.

1.5

Chamou Deus à luz, Dia. O primeiro dia começou mesmo sem o concurso da luz solar (vs. 14). Sem dúvida, o autor estava pensando em termos de luz e de dia literais, provavelmente de vinte e quatro horas, apesar do problema da ausência do sol. Os intérpretes recorrem a toda espécie de contorções para explicar como isso pode ter acontecido, fazendo a luz primeva atuar como se fosse uma espécie de sol, que mais tarde teria sido incorporada ao sol, quando este foi criado. O autor sacro deixa-nos sem nenhuma explanação, e aquelas que muitos

têm oferecido são vãs. O autor sagrado não estava pensando em algum *aeon* ou era, como alguns têm sugerido. Se essa tivesse sido a sua intenção, sem dúvida ele teria deixado clara a questão. Bem pelo contrário, logo adiante ele começou a falar em dias de vinte e quatro horas. A ciência sacode a cabeça aqui, devido ao seu ceticismo. Os intérpretes têm oferecido toda forma de explicação, procurando conciliar o relato da criação com a ciência moderna. Em meu artigo sobre a *Criação* (que antecede a exposição deste capítulo), na sétima seção, mencionei algumas teorias que buscam conseguir essa conciliação. Ver outros problemas que são examinados na quinta seção daquele artigo.

Noite. Não há que duvidar que o autor sacro falava literalmente. Antes do sol, dia e noite já existiam e tinham suas respectivas funções. Os que interpretam literalmente continuam a depender da luz primeva para produzir dias de vinte e quatro horas, sem a ajuda do sol. Talvez o autor sacro não tivesse antecipado o problema que ele criou assim. Os que interpretam ultraliteralmente procuram tolamente identificar até mesmo a data do primeiro dia — 23 de outubro, de acordo com o bispo Usher. Mas essas tentativas apenas lançam confusão.

Dias Longos e Outras Explicações e Contorções. Cada intérprete, à sua maneira, procura "corrigir" o texto para fazê-lo concordar com a razão ou com a ciência. Ofereço sete tipos de interpretação na sétima seção do artigo intitulado *Criação*. Os estudiosos liberais e críticos aceitam a palavra do autor sacro, mas asseguram que ele estava cientificamente equivocado. Os conservadores, por sua vez, buscam corrigir o texto para que concorde com o que a ciência hodierna ensina. O debate enevoa a mensagem espiritual do texto e gera o rancor teológico. O debate pode ser saudável. Mas muitas pessoas preferem um debate doentio.

Houve tarde e manhã, o primeiro dia. Para os hebreus, o dia começava às 18 horas, o que justifica o fraseado dessa expressão. Os atenienses também computavam seus dias de um pôr-do-sol ao outro, o que igualmente ocorria entre outros povos antigos, como algumas tribos germânicas e os antigos druidas das ilhas britânicas. Os romanos iniciavam o dia à meia-noite. A intenção do autor do Gênesis é, como é óbvio, fazer seu "primeiro dia" ser um período de vinte e quatro horas, apesar da ausência do sol. Orfeu fazia a *noite* dar início a todas as coisas (Plínio, *Hist. Nat.* 1.2), mas o autor sagrado atribui isso à luz de Deus.

O Segundo Dia (1.6-8)

1.6

E disse Deus: Haja firmamento. Temos aqui o segundo dia da criação, vss. 6-8. Muita discussão gira em torno da natureza desse *firmamento*. Jó 26.11 sugere uma substância sólida. As lendas babilônicas pintavam o corpo de Tiamate que teria sido dividido por Marduque. Metade tornou-se o firmamento, que represava as águas acima, separando-as das águas deixadas cá em baixo. Os eruditos do hebraico dizem que a antiga cosmogonia dos hebreus falava em uma espécie de taça invertida, que pairava por sobre a terra, tocando-a em duas extremidades. Ilustro essa idéia no *Dicionário,* em meu artigo sobre *Astronomia*. Os intérpretes conservadores, objetando a qualquer empréstimo de idéia por parte do autor sagrado e ignorando aquilo em que os hebreus realmente criam, fazem desse firmamento uma "expansão e espaço" ou então os "céus estrelados". Os trechos de Sal. 29.10; 148.4 e Apo 4.6 falam sobre um "mar celestial" acima do firmamento, mas muitos pensam que essas referências têm natureza poética. Outros conservadores meramente explicam que o autor sacro usou cosmogonias antigas em um sentido poético, não querendo ensinar um sistema crasso que a ciência, há muito, deixou para trás. Os críticos dão maior importância a esses detalhes do que eles merecem, e assim os debates obscurecem nosso entendimento, impedindo-nos de obter a verdade espiritual de que precisamos. Ver também Jó 26.11; 27.18 e II Sam. 22.8.

O poder de Deus continua a ser frisado. Sua palavra (vs. 1) continuava a ser o Seu *modus operandi*.

Dentro do relato babilônico, haveria um lugar, acima do firmamento, que serviria de residência às divindades, as quais, assim sendo, habitavam em seu céu separado, isento das molestações das criaturas inferiores. Nosso autor não achou espaço para essas explicações politeístas, mas, antes, fez Deus intervir no caos, a fim de separar-nos dele e trazer até nós a Luz.

1.7

Fez, pois, Deus o firmamento no meio das águas. Este versículo é uma forma de refazer o fraseado do vs. 6, sendo que o que é comentado ali aplica-se aqui. As palavras *E assim se fez* (confirmando o sucesso da divina Palavra) aparecem no fim do vs. 6, na Septuaginta; e, por essa razão, alguns supõem que o vs. 7 (uma simples repetição) tenha sido uma antiga adição feita ao relato original. Por outra parte, sabe-se que até bons autores repetem o que dizem para efeito de ênfase, ou mesmo sem nenhuma razão.

O firmamento. " . .dentro da poesia bíblica. . . uma imensa cúpula de vidro derretido (Jó 37.18) sustentada pelos montes, como se fossem colunas (Jó 26.11; II Sam. 22.8) (Ellicott, *in loc.*).

1.8

E chamou Deus ao firmamento, Céus. De acordo com alguns estudiosos, o céu estrelado, ou visto como idêntico ao firmamento (segundo os conservadores) ou como o lugar onde foram postos os luzeiros. Alguns antigos criam que as estrelas eram perfurações feitas no firmamento, permitindo que a luz celestial chegasse até nós. Outros acreditavam que corpos luminosos, celestes, tinham sido presos ao lado inferior do firmamento sólido e abobadado. A antiga cosmogonia dos hebreus incluía ambas as idéias. Mas há aqueles que objetam a essas interpretações literais, preferindo considerar poeticamente essas descrições. Mas outros admitem o caráter literal da linguagem e meramente afirmam que o autor sacro estava equivocado, tendo absorvido em sua cosmogonia certos elementos que nosso conhecimento já ultrapassou.

A Queda dos Anjos. Alguns antigos intérpretes do hebraico afirmam que esse foi o dia da queda de certos anjos, mas isso é mera conjectura infrutífera. Há outros que pensam que a queda dos anjos ocorreu em um passado remoto, *antes* da criação do mundo físico. Ver o vs. 1 quanto ao termo *Preexistência*.

Houve tarde e manhã, o segundo dia. Essa é a fórmula do autor sacro ao terminar seu comentário sobre cada dia da criação. Ver a explicação da fórmula no vs. 5.

Notemos a ausência das palavras "e viu Deus que isso era bom", que se vê no fim da descrição de todos os outros dias da criação. Sem dúvida, temos aí apenas uma omissão propositada do autor. Mas alguns intérpretes antigos exploravam essa omissão para indicar que "foi então que os anjos caíram", o que não deve ter sido uma coisa boa. Mas essa é uma interpretação forçada, que faz a Bíblia dizer o que ela não diz.

O Terceiro Dia (1.9-13)

1.9

Disse também Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus. O terceiro dia envolveu dois atos criativos, o que se vê de novo no sexto dia. Não pode haver vida terrestre sem terra seca, pelo que a separação das águas preparou o globo para a criação dos animais terrestres e do homem. Isso sugere um propósito para a criação física do homem, embora seja este, igualmente, uma criação espiritual, pois foi criado à imagem e semelhança do próprio Deus. Um ato separou as águas; e o outro fez aparecer a terra seca. Nos épicos babilônicos, os deuses viveriam em seu próprio lugar, acima do firmamento. Na narrativa do Gênesis, Deus atarefava-se com a terra, preparando um lugar para o homem (que ainda seria criado) habitar. De novo, o Gênesis leva-nos a uma consideração espiritual. Ver o artigo sobre a *Criação* (após a Introdução ao livro), em sua quarta seção, quanto aos sentidos da criação. Na terra, Deus baniu de nossa mente a alegada multiplicidade de divindades concebida em outras fontes informativas.

O caos incluía uma inundação geral. A separação das águas em um só lugar criou os oceanos. Cf. essa descrição com o trecho de Salmo 104.6-9. As águas *profundas* eram temidas pelos antigos como lugares onde ameaçavam subdeuses ocultos. Mas o ato criativo de Deus ignorou tais superstições, alijando-as da mente humana. O versículo de novo ilustra os imensos poderes à disposição de Deus. Ele pode mover os oceanos e domá-los, circunscrevendo-os em seus lugares apropriados. Falamos na "remoção de montes" em um sentido metafórico. Mas também há oceanos que precisam ser amansados. Cf. esse relato com Jó 38.8-11.

1.10

À porção seca chamou Deus Terra. Agora o palco estava armado para receber a vida, enquanto continuava o processo criativo. O termo *mares* inclui os oceanos, conforme os conhecemos, mas também os grandes depósitos de águas freáticas ou subterrâneas. Sobre essas águas é que, supostamente, flutuariam as massas de terra (Sal. 24.2). Sabemos que há grandes lençóis freáticos, formados por meio de infiltração, criando rios subterrâneos. Mas talvez a cosmologia dos hebreus afirmasse que esses vastos depósitos existiam desde o começo, devido ao processo criativo. O que a cosmologia dos hebreus tinha em mente não eram meros depósitos subterrâneos de águas, e, sim, um verdadeiro mar sobre o qual flutuaria a terra firme. A terra fazia parte do caos geral, mas agora fora organizada, embelezada e feita um lugar próprio para ser habitação de muitas espécies de vida.

E viu Deus que isso era bom. Alguma declaração sobre uma tarefa bem executada segue-se à descrição de cada dia da criação, exceto à do segundo dia. Ver os comentários sobre o vs. 8.

1.11

E disse: Produza a terra relva. Não poderia haver vida animal sem a vegetação. Os atos criativos do terceiro dia deram continuidade à armação do palco para que a terra fosse habitada. As *sementes,* produzidas pela vegetação, garantiriam a continuidade do ato criativo, uma breve mas importante observação. As sementes, de quaisquer espécies, vegetais, animais ou humanas, deram continuidade à benevolência criativa de Deus. Nessa altura, os intérpretes comentam sobre a bênção da fertilidade da terra, a mãe física de todos nós. Alguns povos primitivos não plantavam, mas comiam a carne de animais que dependiam da vida vegetal. Os caçadores nômades não tinham a experiência necessária para praticar a agricultura, mas eram sábios o bastante para tirar vantagem do que as plantas podiam produzir, através dos animais que caçavam. A ciência mostra-se capaz de dizer-nos muita coisa que sucede com as sementes, mas ainda há grandes mistérios a respeito delas. Em uma única semente há desígnio e inteligência suficientes para confundir todos os ateus. A estabilidade econômica e a higidez social dependem da fertilidade do solo.

Há um pecado contra o solo. Ver o artigo sobre a *Poluição Ambiental.* "Pecar contra o solo é pecar contra a boa vida que Deus pôs ao alcance dos homens. . . A exploração ditada pela cobiça é um desses pecados. Nos Estados Unidos da América e em outros países, montes de madeira têm sido devastados selvagem e descuidadamente, impedindo a renovação da vegetação. Poços de petróleo têm sido perfurados com uma pressa tão cega, devido ao espírito competitivo, que milhões de toneladas de petróleo têm sido desperdiçadas. Deve haver uma vigilância constante contra os interesses privados que procuram apossar-se de recursos que pertencem a todos os seres humanos" (Walter Russell Bowie).

Segundo a sua espécie. Uma declaração como essa tem sido usada para combater a teoria da evolução. E não há que duvidar que a narrativa sacra dificilmente pode ser conciliada com essa teoria. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Evolução.*

1.12

A terra, pois, produziu relva, ervas que davam semente. A palavra criativa de Deus continuava a produzir o que era bom, e em breve o homem poderia habitar na boa terra. Deus preparou o solo para mordomos, e não para exploradores. Deus criou coisas que provêem alimentos e flores que decoram o meio ambiente, para deleite do homem. Desfigurar a criação sem dúvida não é um pecado sem importância. A fertilidade e a beleza serão protegidas por pessoas razoáveis. A terra produz com abundância. Mas o homem explora e desfigura a torto e a direito. Somos informados de que, antes da ocupação humana, a parte ocidental da América do Norte contava com grandes manadas de animais de muitas espécies, suficientes para sustentar uma numerosa população. Mas o homem destruiu muita coisa, caçando animais por puro esporte, deixando que as suas carcaças apodrecessem ao sol. De certo modo, "o oeste foi conquistado", mas, em outro sentido, "o oeste foi perdido".

No Brasil estamos enfrentando outro absurdo. Embora a Amazônia ainda não tenha sido devidamente ocupada pelo homem, este está destruindo rapidamente a região com as suas "queimadas". A obra de Deus é *boa.* Nessa obra divina sempre há aquilo que é apropriado, oportuno, pois, para Deus, coisa alguma é estragada, nada é prematuro e nada é tardio. Mas o homem, em sua perversidade, reverte todas essas condições.

1.13

Houve tarde e manhã. Isso reitera a indicação do ciclo de vinte e quatro horas de cada dia da criação, o que é explicado no vs. 5. Esse versículo também indica o sentido da palavra *dia,* bem como as várias interpretações que cercam esse vocábulo.

O Quarto Dia (1.14-19)

1.14

Disse também Deus: Haja luzeiros no firmamento. A palavra *firmamento* é explicada no vs. 6. Primeiro houve a luz primeva (vs. 3), que tinha, como *uma* de suas funções, o estabelecimento de dias criativos de vinte e quatro horas. Agora aparecia o sol, que dava prosseguimento a essa função. Todavia, não há sugestão de que o sol viera substituir a luz primeva. A questão fica sem explicação. O sol e a lua passaram a separar o dia da noite, embora também tivessem funções astronômicas. Ver no *Dicionário* sobre *Astronomia.* Os intérpretes judeus fantasiavam em suas interpretações ao dizerem que o sol e a lua também promoviam suas várias festividades, dias de descanso etc. Ver *Festas (Festividades) Judaicas* no *Dicionário.* Eu disse "fantasiavam", embora seja totalmente possível que o autor sacro, intensamente interessado por essas coisas, realmente quisesse dar isso a entender.

Sinais. É possível que estivessem em mente funções astronômicas (Isa. 7.11 e II Reis 20.8-11). Mas outros entendiam que esses eram sinais de condições atmosféricas boas ou más, o tempo próprio para o plantio, para a colheita etc.

Estações. Estão em foco as quatro estações do ano, os ciclos que ocorrem anualmente. O trecho do Salmo 104.19 contém uma afirmação similar.

Dias e anos. Talvez essas palavras indiquem uma extensão da primeira parte do versículo, a questão de dia e noite e dos ciclos normais da vida. Mas aqui os intérpretes judeus viam suas festividades religiosas. Diz o *Targum* de Jonathan: ". . . e que sirvam de sinais e de tempos das festividades, considerando-se o número de dias e santificando o começo de cada mês. . . ." E Jarchi, por igual modo, interpreta a palavra *estações,* julgando que ela aluda às festas solenes que eram regulamentadas pelas estações do ano.

Astrologia. Os povos antigos muito respeitavam o céu, idolatrando-o de várias maneiras. Ademais, acreditavam que os corpos celestes exerciam influências sobre a vida dos homens. Mas essas noções são escarnecidas em trechos como Jer. 10.2 e Isa. 47.13. Os antigos pais da Igreja pensavam que todos os poderes dessa ordem se tinham prostrado diante do berço do menino Jesus, o Grande Poder que veio suplantar todos os demais poderes. Afinal, astrólogos vieram visitar o menino Jesus. Ver no *Dicionário* sobre *Astrologia.* A mente hebraica reputava os céus como obras dos dedos de Deus, e não como poderes capazes de afetar as vidas humanas. Mas os homens acabaram caindo no ardil de adorarem as forças celestes (Rom. 1.25).

A Sacralidade do Tempo. Foi Deus quem trouxe à existência o tempo e as suas vicissitudes. O tempo é sagrado e deve ser respeitado e usado da forma mais vantajosa possível. Deus é o poder por trás do tempo, além de ser o poder que há no tempo. O Natal foi comercializado; a Páscoa passou a girar em torno do coelhinho; os feriados religiosos tornaram-se justificativas para os homens caírem em excessos.

A Grandiosidade da Criação de Deus. Meu artigo sobre *Astronomia* expõe algumas idéias sobre a grandiosidade do mundo criado por Deus. Em meio a essa grandiosidade, está o homem, em torno do qual residem muitos propósitos de Deus. Sem dúvida, esse é um fato significativo. Compare-se isso com o mistério paulino da vontade de Deus (Efé. 1.9,10). O destino remoto tem por alvo redundar no bem de todos, porque foi assim que Deus planejou as coisas.

O Sermão Pregado uma Vez por Ano. Certo pastor da Nova Inglaterra (nos Estados Unidos) tinha por hábito pregar um sermão, uma vez por ano, sobre as últimas descobertas da *astronomia.* Alguém objetou a essa prática. Mas o pastor insistiu em que se manter informado sobre esse conhecimento ampliava em muito o seu próprio conceito de Deus. O objetor notou que o pastor estava com a razão, e uma luz brilhou em sua mente. Todo conhecimento, quando corretamente apreendido, faz nossa mente volver-se para Deus. Quanto maior for o nosso conhecimento, mais conheceremos sobre Deus, o qual é a fonte originária de todo conhecimento e de todo saber. A postura antiintelectual de muitas pessoas religiosas por certo labora em erro. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Antiintelectualismo.*

1.15

Luzeiros no firmamento. Ver sobre *Firmamento,* no vs. 6. A cosmologia dos hebreus supunha que o firmamento era uma espécie de taça invertida, alguma substância sólida que separava as águas acima (o mar celeste) das águas abaixo (os oceanos e demais depósitos de água, sobre os quais a terra firme flutuaria). Os luzeiros, postos no céu, ou seja, o sol, a lua e as estrelas, seriam corpos luminosos afixados ao lado inferior do firmamento, que pairaria sobre aquela massa sólida. Naturalmente não faziam idéia da grande imensidão do espaço sideral. Os estudiosos conservadores, que reconhecem esses elementos da cosmogonia dos hebreus, supõem que o autor sagrado aludia aqui a esses luzeiros em um sentido poético, e não literal, e não tentam nenhuma real definição da questão. Os críticos, por sua vez, pensam que o autor sacro promovia uma cosmogonia ultrapassada, devido à falta de melhor entendimento. E também supõem que este versículo contradiga o terceiro, que fala na luz primeva, pois agora o sol e a lua teriam assumido as funções até recentemente atribuídas à Luz, produzindo dias de vinte e quatro horas. Com base nisso, supõem que diferentes fontes informativas foram alinhavadas, de maneira um tanto inepta. Seja como for, todos admitem que, em contraste com outros povos antigos, os hebreus não transformavam os corpos celestes em objetos de adoração.

"Nestes versículos do Gênesis acha-se uma das muitas instâncias em que o autor hebreu elevava conceitos instintivos de povos mais antigos a uma fé mais nobre. Para os hebreus, o sol e a lua já não eram forças independentes. Mas também seriam obras da mão do Deus vivo, cuja obra final é o homem" (Walter Russell Bowie, *in loc.*).

Para alumiar a terra. Adam Clark (*in loc.*) supõe que todos os objetos físicos foram criados como lugares de habitação, pelo que, em seus dias (século XVIII), ele pensava que todos os planetas eram habitados, incluindo a lua. Nisso ele estava enganado, embora tivesse entendido quão antropocêntrica é a Bíblia. O autor do Gênesis adianta que os *luzeiros* foram feitos visando ao benefício da terra. Daí podemos extrair uma lição espiritual, embora talvez não uma lição científica. Ver o *Dicionário* sobre o *Teísmo*.

1.16

Os dois grandes luzeiros. O vs. 16 é uma elaboração do vs. 15. Os luzeiros são o sol, a lua e as estrelas. Os dois grandes luzeiros (o sol e a lua) governam, respectivamente, o dia e a noite. Ambos visam ao benefício do homem. Mas sua finalidade não era servir de objetos de adoração. O sol era adorado no Egito. Mas em áreas desérticas da Ásia, onde o sol castiga e perturba os homens com os seus raios requeimantes, a lua era favorecida como o poder mais beneficente, e muitos lhe mostravam grande respeito. Os eclipses solares só infundiam o pavor no coração dos homens. Todavia, a lua era temida por alguns como uma entidade prejudicial. O telescópio removeu alguns dos mistérios, o que também tem sido obtido mediante o avanço geral do conhecimento. Mas até hoje os corpos celestes são reputados como realidades temíveis. Pensemos na maravilha da existência de qualquer coisa! O autor do Gênesis não tinha como entender a grandiosidade dos objetos que ele mencionou tão aligeiradamente. A criação é um testemunho da existência, do poder e da benevolência de Deus. A religião natural apóia-se sobre esse fato. Ver o *Dicionário* quanto à *Revelação Natural*.

Estrelas. O nosso sol é apenas uma estrela de grandeza média, mas o autor sagrado não tinha como saber disso. A maravilha do sol é multiplicada por bilhões de vezes nas estrelas. O autor sagrado incluía os planetas em seu termo, *estrelas*. É que ele não antecipava alguma diferença nos dois tipos de luzeiros celestes. Existem bilhões de galáxias, cada qual com seus bilhões de estrelas. Ver o artigo intitulado *Astronomia* quanto a alguns fatos básicos. Os fatos não são frios. Antes, ilustram a majestade de Deus. É a Ele que nós oramos. Seu poder foi posto à minha disposição, para meus pequenos interesses e projetos. O poder de Deus faz-se sempre presente, e o bem de todo o destino humano depende disso. Seu poder está sempre presente para o nosso bem.

1.17

Este versículo é uma reiteração de itens anteriores. Lemos aqui, novamente, que os luzeiros existem para benefício da "terra", enfatizando o teísmo extremo do autor sacro, bem como sua cosmologia antropocêntrica. Em contraste com isso, no relato babilônico, os deuses se divertiriam em sua habitação acima do firmamento, enquanto na terra imperariam as trevas e o caos. De acordo com o relato do Gênesis, Deus estava preparando o caminho para o homem.

Colocou. Este termo dá a entender um *propósito* divino. O caos estava sendo revertido. Nada foi deixado ao mero acaso. Os pagãos adoravam aos objetos cujo propósito era servi-los, e não serem servidos por eles (Jó 31.26-28). O homem, em seu desespero, pensa que ele se acha em uma jornada sem significação. Mas ao contemplar os fatos astronômicos, reconhece instintivamente a mão de Deus em todas as coisas. Deus não é perdido de vista na imensidão de Sua criação. Antes, Seu poder, bondade e intento benévolo rebrilham através das obras de Suas mãos.

> *Do famoso Hiperion ele fez levantar-se o sol,*
> *e colocou a lua no meio do céu,*
> *revestida de esplendor,*
> *mas com luz muito menor,*
> *Os chefes radiosos do dia*
> *e da noite.*
>
> (Claudiano, o *Arrebatado Escritor de Prosa, traduzido do latim*)

(*Hiperion*: Um dos titãs, pai do deus-sol Hélios. Homero chamava Hélios de Hiperion)

1.18

Para governarem o dia e a noite. O vs. 18 continua a repetir itens que já haviam sido mencionados. Neste versículo, agora é o sol e a lua que dividem a luz das trevas, o que, no vs. 4, aparecia como uma das funções da luz primeva. Alguns intérpretes supõem que o aparecimento do sol tenha eliminado a necessidade da luz. Mas outros pensam que a luz, sem importar o que ela fosse, teria sido absorvida pelo sol. O autor sacro não oferece nenhum esclarecimento ou explanação conciliadora. Mas sem importar como tenham sido as coisas, um ponto fica claro: "Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras das suas mãos" (Sal. 19.1).

Isso era bom. Uma afirmação reiterada no fim de cada dia da criação, excetuando no segundo. Ver o comentário sobre a expressão, no vs. 8. O trabalho estava sendo bem-feito, e era benévolo. Nada foi feito ao acaso ou destituído de propósito. Resultados apropriados eram obtidos a cada dia.

1.19

O quarto dia. A menção à tarde e à manhã, formando um ciclo de vinte e quatro horas, põe fim à descrição do quarto dia da criação. Ver o vs. 5 quanto a amplos comentários sobre essa expressão.

O Quinto Dia (1.20-23)

1.20

Disse também Deus: Povoem-se as águas de enxames. Sabemos, por experiência própria e por instinto, o quanto dependemos da água. Não pode haver vida sem a água. Este versículo diz, literalmente: "Que as águas enxameiem com enxames", uma expressão que alude à abundância de formas de vida. Alguns estudiosos têm pensado que o autor cria que a própria água fosse uma fonte da vida, dotada de poder criativo ou doador de vida. Ao que parece, porém, o autor estava usando expressões poéticas. Falava em termos bem latos, agrupando peixes e aves. Mas os primeiros pertencem à água; e os segundos ao céu. Por meio de tais classificações, ele tocava em vastíssimos aspectos da criação, inúmeras espécies, maravilhas as mais variegadas. Há cosmogonias antigas que pintam as aves como saídas originariamente do mar, mas não é provável que o autor sagrado tivesse em mente tal conceito.

As Espécies Foram Criadas. Em contraste com a *Evolução* (ver no *Dicionário*), o autor sacro afirma que muitas espécies saíram prontas desde o primeiro momento de sua criação. Desse modo, o autor estava exaltando o poder criador de Deus, com base em Sua inteligência e desígnio. Há imensos tesouros nas águas. Alguém já declarou: "Graças a Deus pelos peixes!". Quão grande é toda a indústria que gira em torno desse item isolado da criação de Deus. Rolam bilhões de reais todos os anos. Muitos empregos são assim gerados, um alimento saudável é provido para os homens. E para aumentar ainda mais a nossa admiração, o espaço está repleto de aves. Jesus ensinou que Deus cuida de cada ave, o que mostra que Ele cuida de nós ainda mais (Mat. 10.29). Alguns dos primeiros discípulos de Jesus eram pescadores. O mar, os rios e os cursos de água testificam o suprimento abundante da graça divina. Os mares agitam-se de vida; o ar também. Assim opera o desígnio de Deus; assim provê a Sua graça. Deus preparou o lugar próprio para os peixes, e isso visando ao benefício do homem. Ele também purificou a atmosfera para uso das aves, e deu as aves ao homem para que ele as contemplasse como parte de Sua obra criativa. Plínio pensava em cento e setenta e seis espécies diferentes de peixes, mas na verdade há incontáveis milhares de espécies de peixes. Isso demonstra com clareza o desígnio de Deus. Ver o *Dicionário* quanto ao artigo intitulado *Teleologia*. Declarou Joseph Smith: "A glória de Deus consiste em inteligência". E essa inteligência é ilustrada, de forma suprema, pelo relato da criação.

A Água Espiritual. Convidou Jesus: "Se alguém tem sede, venha a mim e beba" (João 7.37). Sim, existe uma água espiritual que opera pela agência do Espírito, e que transmite vida e satisfaz à alma. Ver sobre a metáfora da "água" em Jer. 2.13; 17.13; João 7.37-39; 4.10-13; Sal. 1.3; Isa. 11.3-9; 43.19. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Água*.

1.21

Criou, pois, Deus, os grandes animais marinhos. A vastidão da criação: há mais de 500 mil espécies de insetos; há 30 mil espécies de aranhas, há 6 mil espécies de répteis; há 5 mil espécies de mamíferos; há 3 mil espécies de rãs. O autor do Gênesis fornece-nos um breve esboço. Entre os animais marinhos, as baleias nos impressionam com suas dimensões. Outros tipos de animais ele mencionou por meio de grandes generalizações. E repete, "segundo as suas espécies". Isso já foi comentado no vs. 11.

Animais marinhos. Entre eles, é provável que devamos incluir as baleias. Os antigos acreditavam em monstros marinhos mitológicos, mas mesmo à parte dos tais, há um bom número de animais marinhos gigantescos (Sal. 74.13; Isa. 27.1; 51.9; Jó 7.12). Alguns povos antigos adoravam dragões e monstros, mas o autor sacro mostra que eles também são apenas feituras de Deus. Jonathan e Jarchi falaram sobre o leviatã e seu companheiro, em conexão com este versículo.

Ver no *Dicionario* o artigo intitulado *Leviatã*. John Gill (*in loc.*) oferece-nos um interessante sumário das crenças dos antigos acerca de gigantescos monstros marinhos e terrestres. Parte desse material é puramente imaginária, mas relatos modernos confirmam o fato de que os oceanos contêm monstros que a ciência ainda não teve oportunidade de classificar. Plínio falava sobre um monstro marinho tão grande que, ao ser tirado para fora da água, ocupou 17 mil metros quadrados! Juba afirmou que existem baleias com 183 m de comprimento e 110 m de largura! (Polyhistor. c. 65). As histórias sobre peixes são sempre exageradas.

Isso era bom. A obra criativa era excelente e provia benefícios para o homem.

1.22-23

Sede fecundos, multiplicai-vos. Os animais marinhos e as aves são novamente especificados (como no vs. 20), mas agora é destacada a fertilidade deles. Deus fez provisão para a continuação da vida. De certo modo, o ato criativo é contínuo, por causa de seu poder de autoperpetuação. As provisões de Deus são amplas e *permanentes*. Essa é uma lição espiritual da qual freqüentemente nos esquecemos. Assim, nossa fé precisa ser renovada de vez em quando. A vida é um dom de Deus, e a capacidade de continuar vivo e prosperar é uma provisão secundária Sua.

Como Deus Cuida das Coisas. Lemos que, certa tardinha, Lutero viu um passarinho encarapitado em uma árvore, ali abrigado para passar a noite. Então ele observou: "Esta avezinha já se alimentou e agora se está preparando para dormir aqui, segura e contente, sem se perturbar sobre qual será seu alimento ou sobre onde se abrigará amanhã. À semelhança de Davi, ela 'descansa à sombra do Onipotente'. Está pousada e contente sobre esse pequeno ramo. Deus cuida dela" (citado em *Daily Strength for Daily Needs,* de Mary W. Tileston).

> *Como o galeirão se aninha sobre as plantas aquáticas,*
> *Eis que farei um ninho sobre a Grandiosidade de Deus.*
>
> (Sidney Lanier)

Houve tarde e manhã, o quinto dia. Ver o comentário sobre essa expressão, no vs. 5.

Criação dos Seres Viventes (1.24-2.3)

O Sexto Dia (1.24-31)

1.24

Vss. 24-31. O dia culminante da criação foi descrito com maiores riquezas de detalhes que todo o resto. Passamos do mar para a terra. Assim como os mares produziram os animais marinhos, assim a terra produziu os mamíferos e o homem. Essa produção, no caso dos animais inferiores, pode ser uma alusão ao fato de que os animais precisam da vegetação que encobre a terra, para dela alimentarem-se e assim sobreviverem. Ou então, como outros supõem, tal como Deus criou o homem do pó literal da terra, assim fez também no caso dos animais, embora Seu *modus operandi*, no caso deles, não seja descrito. As cosmologias antigas, como é óbvio, pintam os deuses a criar os animais formados do barro, tal como o oleiro usa a argila para produção de seus vasos. Alguns eruditos conservadores defendem a criação a partir da idéia do barro. Mas outros tomam essas palavras em um sentido poético e simbólico. Os críticos meramente atribuem a descrição toda a antigas cosmogonias ultrapassadas. Algumas dessas cosmogonias falavam em *geração espontânea*, a partir da terra, mas no relato do Gênesis a palavra dita por Deus está por detrás de cada ato criativo. Alguns estudiosos pensam que é melhor confessar que não sabemos qual foi o *modus operandi* dessa fase da criação.

Classificações. Prosseguindo em suas mui latas classificações, o autor sacro contentou-se em falar sobre animais terrestres divididos em apenas três classes: animais domésticos; répteis, que incluiriam os insetos; e animais selváticos, que são as feras que não podem ser domesticadas, incluindo os que caçam e matam para se alimentarem.

1.25

E fez Deus os animais selváticos. Este versículo reitera os elementos já mencionados, embora desprezando, sem propósito aparente, a menção aos "animais domésticos". *Conforme a sua espécie* é frase de novo repetida, a qual já comentamos no vs. 11.

Isso era bom. Isso é dito acerca de todos os dias da criação, excetuando o segundo, vs. 8. A tarefa foi bem-feita, em sua beleza e estrutura. Ficou assim demonstrada a benevolência de Deus, como tudo visava ao bem do homem, por amor de quem todas as coisas foram criadas, em consonância com o teísmo extremado do autor sagrado. Não é dito que Deus "abençoou" os animais, conforme fizera com os peixes (vs. 22), mas devemos entender que a bênção e a bondade de Deus envolveram a totalidade de Sua criação. Geralmente, os intérpretes exploram essas omissões.

Cada coisa tem seu papel dentro da criação de Deus. Sua criação era "boa". Cada animal desempenha sua parte. Coisa alguma ficou relegada ao mero acaso. Os modernos estudos ecológicos afirmam algo da bondade do bem-equilibrado designio de Deus. Ver o artigo *Teleologia*.

A Criação do Homem (1.26-31)

Embora façam parte do ato criativo do sexto dia, estes versículos formam uma seção toda própria, assinalando o ponto culminante de um trabalho bem-feito. O pronunciado teísmo do autor sagrado levou-o a crer que a própria criação física veio à existência *visando ao bem do homem*. Os propósitos da criação incluem o fato de que, dentre a criação física, deverá emergir a criação espiritual. Isso é enfatizado no vs. 26, onde o homem é visto como quem foi feito *à imagem de Deus*, algo jamais dito no tocante aos animais irracionais. Paulo toma esse mesmo tema em um sentido mais elevado, informando-nos que faz parte do destino dos salvos serem conformados à *imagem do Filho*, transformação espiritual essa que é a própria essência da salvação. Destarte, o homem passa a participar da natureza divina (II Ped. 1.4). Isso posto, o vs. 26 aponta para II Pedro 1.4; e Romanos 8.29 mostra-nos o *modus operandi* da exaltada operação espiritual de Deus sobre o homem. Ver também I João 3.2. Assim, Gênesis 1.26 abre a primeira janela bíblica para essa exaltada doutrina. Coube a Paulo fornecer-nos mais detalhes. A salvação, pois, consiste em uma eterna progressão. Visto que é impossível que o homem venha a obter totalmente a imagem e a natureza divina, deverá haver um perene processo de transformação, que se moverá sempre nessa direção. O finito será cheio com o Infinito. Mas visto que esse enchimento será potencialmente infinito, haverá um enchimento eterno. Comentei longamente sobre esse conceito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, no artigo intitulado *Transformação Segundo a Imagem de Cristo*, vol. VI, págs. 603 ss. Pessoalmente, aceito a questão em seu sentido mais literal. O homem virá a participar da natureza divina, não metaforicamente apenas, mas realmente. Sempre em um sentido finito, mas real. O finito continuará a aproximar-se para sempre do infinito. por conseguinte, a salvação é um processo eterno, e não um único acontecimento momentâneo. Ver sobre a *Criação,* quarta seção, que fala sobre os *propósitos* da criação.

1.26

Também disse Deus: Façamos o homem. A primeira pessoa no plural, "nós" (subentendido), tem sido interpretada de vários modos:

1. Os críticos opinam que o autor sagrado voltou a uma terminologia politeística, se não a noções politeístas. No épico babilônico da criação, Marduque, antes de criar o homem, envolveu Ea em seu designio. As cosmogonias antigas sempre envolveram *deuses*.
2. Outros pensam que esse "nós" alude ao plural, Elohim, no vs. 1, supondo que temos aqui o plural de majestade ou magnificação, que nada teria que ver com "deuses" ou outros poderes criadores em potencial.
3. Aqui, tal como no vs. 1, o *nós*, para certos teólogos cristãos, torna-se uma referência trinitariana. Ver os comentários sobre *Elohim*, no vs. 1, que esclarecem essa questão.
4. Outros supõem que os *anjos*, que também são chamados *elohim* no texto hebraico, estejam envolvidos na questão, como agentes da criação. É provável que os anjos (quando delegados por Deus) exerçam poderes criativos; mas não é provável que o autor sacro tivesse isso em mente ao usar a primeira pessoa do plural. Teólogos judeus posteriores apegam-se a essa interpretação do versículo.
5. Ou então, a exemplo de Sal. 43.3; 89.14 e 147.18, temos aqui uma espécie de hipostatização dos atributos divinos, o que nos fornece uma pluralidade.
6. Ou ainda, temos aqui apenas um *nós* editorial, sem nenhum sentido especial.
7. Maimônides brinda-nos com a curiosa idéia de que Deus tomou conselho com a terra, que haveria de suprir o corpo físico do homem. Mas Isa. 40.13 ensina que Deus só toma conselho consigo mesmo.

Cf. com Jó 35.6; Sal. 149.2 e Ecl. 12.1, trechos que, no hebraico, mencionam criadores, no plural.

À nossa imagem. Os animais foram criados "conforme a sua espécie". Mas o homem foi criado "conforme a espécie de Deus", ou seja, de acordo com a Sua natureza, o que prevê a final participação do homem na natureza divina. Esse é o nosso mais elevado conceito religioso. Paulo foi quem o desenvolveu. Há muitos mistérios ligados a ele. A imagem (no hebraico, *selem*) fala sobre a imagem mental, moral e espiritual de Deus. O homem veio à existência compartilhando de

algo da natureza divina; e em Cristo, essa imagem é grandemente fomentada, a ponto de os salvos virem a compartilhar da natureza divina, em um sentido finito, mas real. Os atributos de Deus como Sua veracidade, sabedoria, amor, santidade e justiça passam a ser atributos dos salvos, posto que parcialmente. Isso eleva o homem muito acima do reino animal.

Entretanto, alguns críticos não crêem que, em data tão recuada, os hebreus tivessem o conceito de um Deus imaterial, ou de uma alma imaterial. Há referências materialísticas a Deus (Êxo. 33.20-23; Sal. 119.73; Isa. 60.13) que os críticos aceitam em sentido literal, embora outros vejam nisso um sentido metafórico e antropomórfico. Curiosamente, o mormonismo assevera a materialidade de Deus, embora definida como de espécie superior àquela que conhecemos na experiência diária. Mas parece que, mediante inspiração, o autor sagrado foi além disso. Participar da imagem de Deus é compartilhar de Sua imaterialidade.

Uma Participação Triúna? Certamente o homem é corpo, alma e espírito, tal como Deus é triúno: Pai, Filho e Espírito Santo. Mas é um exagero cristão pensar que essa idéia esteja implícita aqui.

Deus Está Sempre Próximo. Constitui grande consolo sermos chamados filhos de Deus. Eternidade e segurança residem nessa assertiva. Nossa fé é fraca, mas as realidades de Deus servem de âncora para nossas almas. A vida reserva para nós tragédias e vicissitudes aparentemente sem sentido. Coisa alguma, de fato, pode abalar a um filho de Deus, embora sua fé possa hesitar. Conta-se a história de uma menininha que não conseguia dormir sem a presença de sua mãe. A mãe deu-lhe uma boneca para que dormisse com ela, e também lhe garantiu que Deus está sempre por perto. No entanto, a menininha disse: "Sei que tenho minha boneca e que Deus está comigo, mas quero alguém com *cara de carne*". Em nossa fraqueza, buscamos rostos de carne. O Pai alegra-nos com muitos benefícios. Mas o mais real benefício é a Sua presença conosco. Isso garante um bom resultado para a vida de todos os dias.

Que Dizer sobre a Alma? Os teólogos históricos judeus afirmam que o conceito de uma alma imaterial não surgiu no pensamento hebraico senão já na época dos Salmos e dos Profetas. E mesmo ali o conceito nem sempre é claro. É verdade que a lei mosaica nunca prometeu a vida eterna aos bons, nem a condenação eterna aos maus. As doutrinas do céu e do inferno não emergem daquela coletânea. Existem seres imateriais (Gên. 16.7,9,10; Êxo. 3.2; Núm. 20.16; 22.22), a saber, os anjos. Os críticos, porém, negam que, naquele tempo, a imaterialidade fosse atribuída aos anjos. No épico babilônico da criação, foi copiada a *imagem mental* de um deus, a qual se tornou o homem. Mas naquele hino épico não temos um deus imaterial.

Implicações da Expressão Imagem de Deus. Se a fé dos hebreus, em seus primeiros anos, não incluía a idéia de uma alma imaterial, estou supondo que esse conceito fazia parte necessária do sentido da expressão *imagem de Deus*. Também estou supondo que esse conceito ultrapassava a compreensão pessoal do autor sobre a questão. Faz parte da experiência humana comum que as idéias de inspiração e de criação vão além dos tesouros ou expectações cerebrais do indivíduo. O conceito de o homem compartilhar da *imagem* de Deus foi uma idéia criativa. A noção entrou aqui, embora não tenha sido desenvolvida durante o período patriarcal.

Imagem de Deus, o Homem como. Ver o artigo separado sobre *Imagem de Deus, Cristo Como*. Ao participar da imagem de Cristo (Rom. 8.29; II Cor. 3.18), o homem remido chega a participar da natureza divina. Visto que tanto o homem quanto Cristo compartilham da natureza divina, esse é o *modus operandi* pelo qual Cristo e os remidos compartilham da mesma essência de ser e têm comunhão um com o outro.

Esboço

I. Referências Bíblicas
II. Problemas Teológicos Envolvidos no Homem como Imagem de Deus
III. O Destino do Homem como Imagem de Deus

I. Referências Bíblicas

É expressamente afirmado, em Gên. 1.26,27, que o homem foi criado a imagem de Deus. Em Gênesis 5.1-3 aprendemos que o homem tem a semelhança de Deus, e que a sua descendência também a tem. A injunção contra o homicídio foi feita com base no fato de que uma criatura que tem a dignidade de possuir a imagem de Deus, não pode ser tratada dessa maneira. O trecho do Salmo 8.5 não usa a palavra "imagem", mas refere-se à mesma verdade, ao enfatizar a dignidade humana. O trecho de I Coríntios 11.7 aceita o fraseado de Gênesis, ao declarar que o homem é "imagem e glória de Deus". Em um sentido muito mais profundo, Cristo é a imagem de Deus, porquanto traz a estampa mesma de Sua natureza (Heb. 1.3); mas ao ser remido, o homem chega a compartilhar da imagem de Deus, dessa maneira (Rom. 8.29; II Cor. 3.18). O trecho de João 17.21 não usa a palavra "imagem", mas ressalta a unidade formada por Deus Pai, Deus Filho e os filhos de Deus. Na regeneração, o homem é revestido de uma nova natureza, criada segundo a semelhança de Deus (Efé. 4.24). Lemos na nossa versão portuguesa: "criado segundo Deus", o que corresponde exatamente ao que diz o texto original grego, onde não aparece o vocábulo específico "imagem", embora a idéia esteja ali contida. Cristo é a perfeita imagem de Deus (Col. 1.15), e, na redenção, o homem passa a participar da imagem do último Adão (Cristo), embora ainda retendo a imagem do primeiro Adão (I Cor. 15.45-49). Desnecessário é dizer, os teólogos não concordam quanto ao que está exatamente implicado nessas declarações, o que é discutido na segunda seção, abaixo.

II. Problemas Teológicos Envolvidos no Homem como Imagem de Deus

1. Essa imagem é concreta ou espiritual?
2. Qual é a condição metafísica da imagem dada ao homem?
3. Qual é a futura condição metafísica dessa imagem?
4. Até que ponto a queda no pecado maculou (ou apagou) essa imagem?

Essas são as importantes indagações que têm suscitado muitos debates entre os teólogos e estudiosos, que passaremos a responder:

1. Essa imagem é concreta ou espiritual?

Em primeiro lugar, deveríamos dizer que as discussões sobre os termos hebraicos e gregos envolvidos não nos ajudam muito a entender a questão. As palavras são por demais plásticas e ambíguas para que nos dêem sempre indicações precisas. O termo grego *eikon*, por exemplo (que é o termo grego comum para "imagem"), quando se refere a um ídolo, necessariamente significa uma *representação*, de acordo com a qual a imagem não participa da natureza da divindade representada. Mas quando Cristo é chamado de *eikon de Deus* (Col. 1.15), é difícil supor que isso não envolva uma participação real na natureza de Deus. Por igual modo, em Rom. 8.29 e II Cor. 3.18, é difícil pensarmos que o texto não requeira a idéia de participação na natureza essencial, em que os remidos assumem a natureza do Filho de Deus. Porém, não podemos provar isso meramente apelando para a palavra grega *eikon*. Chegamos a esse pensamento por meios interpretativos, e não mediante definição de palavras.

Sabemos que o idioma hebraico usava mais termos concretos. No Antigo Testamento há muitas declarações sobre Deus, de natureza antropomórfica. Se as considerarmos literalmente, então obteremos a idéia de um mero superhomem. No entanto, João 4.24 lembra-nos de que Deus é "espírito", e isso nos permite entender que todas as descrições bíblicas de Deus são simbólicas, não revelando, realmente, a natureza do Seu ser. As experiências e as pesquisas têm mostrado a realidade do espírito, em contraste com a matéria; mas até agora, não se conseguiu nenhuma descrição da essência de um espírito. Nem a teologia nem a ciência conseguiram ainda chegar a esse ponto. Penso que chegamos mais perto da verdade supondo que, quando o homem foi criado à imagem de Deus, não devemos pensar em modalidade de imagem física (de aparência de ser), como se o homem duplicasse, ainda que imperfeitamente, o formato de Deus. Antes, devemos abandonar toda idéia concreta, material, sólida. Apesar de o homem fazer parte da natureza, porquanto o seu corpo até foi feito do pó da terra (Gên. 2.7), além do que compartilha de certos aspectos da vida animal (Gên. 18.27; Jó 19.8,9; Sal. 103.14; Ecl. 3.19,20), ele também foi criado à imagem de Deus (Gên. 1.27). Porém, o que significa isso?

a. Os *mórmons* supõem que haja alguma participação literal em uma suposta natureza *material* de Deus, explicando que o *espírito* é apenas uma forma de matéria superior, mais refinada. Eles pensam, outrossim, que Deus tem um corpo físico, de conformidade com o qual o homem teria sido criado e moldado. Não é mesmo impossível que o autor original do livro de Gênesis, em sua teologia primitiva expressa em termos fortemente antropomórficos, tivesse concebido algo semelhante a isso. Porém, o trecho de João 4.24 nos leva para longe dessa maneira de pensar. Essa idéia é por demais concreta, por demais crassa para representar Deus, e para representar de que modo o homem participa de Sua natureza.

b. Alguns teólogos têm procurado chegar por esse prisma à idéia trinitária. Visto que Deus é um ser triúno, então o homem, criado segundo a sua imagem, também possui uma natureza triúna, composta de corpo físico (a parte material), de alma (propriedades de consciência do mundo, mas não inclinadas para as coisas divinas) e de espírito (natureza espiritual, semelhante à de Deus). Essa idéia contém certo elemento de verdade; mas poucos eruditos supõem que a palavra hebraica *elohim* tenha sido usada para antecipar alguma explicação trinitária de Deus. Certamente isso seria estranho à teologia dos hebreus. Os teólogos, às vezes, injetam idéias teológicas posteriores (parcialmente baseadas no Novo Testamento) nos ensinos do Antigo Testamento; mas fazendo isso, erram.

c. Parece melhor entender que o homem foi criado segundo a imagem moral de Deus, incluindo aspectos racionais e espirituais. Isso confere uma interpretação espiritual à questão.

2. Qual é a condição metafísica da Imagem dada ao homem?

Quando Deus criou o homem, insuflou nele algo de sua própria natureza; de tal modo, o homem recebeu algo da essência divina? Alguns respondem que sim, e outros, que não. A idéia da *fagulha divina* requer alguma forma de participação na essência divina. O estoicismo e sua doutrina das emanações do Logos, o Fogo eterno, necessariamente pensavam no homem como um real participante da substância ou essência de Deus. Qualquer teoria de emanação (ou panteísta) requer essa idéia. Quase todos os teólogos judeus e cristãos têm relutado em ver qualquer participação real do homem na essência divina, preferindo usar termos como *semelhança, aparência* etc. O homem teria sido criado *parecido com Deus,* embora sem a natureza essencial de Deus, em qualquer sentido real. Essa semelhança, em seguida, é explicada em termos de qualidades ou atributos morais, racionais e espirituais, e nunca em termos de natureza essencial.

3. Qual é a futura condição metafísica dessa imagem?

Prossegue o mesmo debate. Alguns supõem que o fato de o homem poder obter a imagem de Cristo (Rom. 8.29; II Cor. 3.18) signifique apenas um grande avanço na espiritualidade e na forma de vida, embora não uma participação real na essência divina. Porém, os trechos de Efé. 3.19 e Col. 2.9,10 tanto falam sobre a participação na *plenitude de Deus* quanto parecem indicar que participaremos dessa plenitude *da mesma maneira* em que Cristo dela participa. E há trechos que parecem requerer uma real participação na essência divina, como a de II Ped. 1.4, que diz diretamente que os remidos chegarão a receber a natureza divina. Nesse caso, a salvação consiste em chegar a participar da natureza de Deus, posto que em dimensões finitas e secundárias, ainda que *reais.* E esse é o mais elevado conceito espiritual que nos foi revelado na Bíblia. Tornamo-nos, literalmente, filhos de Deus, moldados segundo o modelo do *Filho de Deus,* Jesus Cristo.

4. Até que ponto a queda no pecado maculou (ou apagou) essa Imagem?

a. *Muitos eruditos liberais* não levam essa questão a sério. Eles crêem que os homens tateiam em busca de Deus, usando todo o tipo de linguagem e metáfora que, na verdade, não nos transmite a verdade. Eles supõem que argumentos sofisticados sobre essas questões, com suas inevitáveis distorções de palavras e distinções exageradas, não nos dizem muita coisa. Porém, crêem que deveríamos assumir uma atitude otimista. Deus, como Pai amoroso, fonte de toda vida e existência, é generoso para com o homem. Crêem que o homem, apesar da queda (sem importar o que entendam com isso e sem importar quando tenha tido lugar, originalmente), é dotado de uma natureza moral positiva, que realmente é capaz de buscar e achar a Deus. Quase todos os estudiosos liberais procuram evitar o calvinismo extremado que transforma o homem em um verme que não pode olhar para cima, para Deus, sem assistência especial do Espírito Santo.

b. *Muitos eruditos conservadores,* porém, tomam um ponto de vista pessimista supondo que o homem não tem nenhuma capacidade de buscar a Deus sem a ajuda divina. Dentro do calvinismo, essa ajuda é dada para salvar apenas alguns poucos.

c. A *fagulha divina* é uma idéia que afirma que a natureza divina está no homem, e que os seus próprios esforços são capazes de atiçar essa fagulha, com a ajuda de estímulos externos, levando o homem a buscar e encontrar Deus, sem a necessidade de uma intervenção radical da parte de Deus.

d. O *arminianismo* concorda com a depravação humana; mas seus advogados acreditam que, na cruz do Calvário, foi distribuída uma graça geral, com o resultado de que todos os homens são agora capazes de buscar a Deus, inteiramente à parte da suposta intervenção divina, que elegeu alguns poucos. A cruz já seria essa intervenção divina. Talvez pudéssemos dizer que a cruz *garantiu* a integridade da imagem de Deus no homem; ou então, talvez a cruz tenha restaurado essa imagem no homem, inteiramente à parte da redenção. Ambas as idéias são defendidas pelos teólogos.

e. Os *teólogos da Idade Média* supunham que o homem, antes da queda, além de trazer a imagem de Deus, também tinha o *donum superadditum,* isto é, capacidades sobrenaturais. Por ocasião da queda, é de se presumir o homem perdeu essas capacidades, embora retendo a imagem de Deus. Essa imagem existe no homem, e consiste em sua boa vontade natural, em sua moralidade e em seu amor.

f. *Lutero* acreditava que o homem perdeu a imagem de Deus por ocasião da queda. Portanto, se um homem tem boa vontade, bons impulsos morais e o espírito de amor, isso é porque essas virtudes lhe foram restauradas na regeneração. *Calvino,* naturalmente, concordava com isso.

g. *Alguns reformadores,* porém, pensavam que essa era uma idéia extremada. Eles falavam em termos de uma imagem borrada, embora restante em todos os homens em graus diversos. A imagem de Deus, no homem, teria sido deformada, e não perdida. Embora deformada, ainda assim pode inspirar o homem a buscar a Deus, sem a intervenção divina da eleição específica.

h. *Karl Barth* aludia à imagem de Deus em termos de relação do que existe e pode ser criado, e não em termos de qualidades inerentes. Deus, como um Ser triúno, tem um relacionamento inerente e essencial com Seu próprio ser. Quando ao homem foi dada a mulher, ele aprendeu algo da importância dos relacionamentos pessoais. O homem é capaz de entrar em relação de pacto com Deus. Deus prometeu ligar o homem a si mesmo, nesse pacto. Em Cristo, a *imago* se torna manifesta quando Cristo chama a Noiva (a Igreja) para si mesmo. Logo, para vermos a verdadeira imagem de Deus, devemos olhar não para o indivíduo isolado, e, sim, para Jesus Cristo e a Sua congregação (imagem), onde encontramos a concretização da imagem de Deus. Assim entendemos algo do que Deus é e do que Ele faz.

i. *Brunner* dizia que Deus tem Sua imagem *refletida* no homem, e não em termos de como o homem, como um ser, é possuidor das qualidades divinas. Os discípulos de Cristo deveriam preocupar-se em como refletem a imagem de Deus, pois nisso consistiria o verdadeiro discipulado. Desse modo, Brunner emprestou um sentido essencialmente *moral* ao termo "imagem", evitando assim quaisquer explicações metafísicas.

j. A *teologia católica romana* afirma que foi impossível destruir a imagem de Deus no homem, porquanto isso envolve *o que o homem é,* em sua substância. Se a imagem de Deus tivesse sido destruída na queda, então o próprio homem teria deixado de existir. Assim, a imagem de Deus continua no homem, embora ele precise ser ajudado pelos meios da graça, ministrados através da Igreja (incluindo os sacramentos), para que chegue a fruir sob a forma de redenção. Mas, visto possuir verdadeiramente a imagem de Deus, o homem pode buscar a Deus, sem nenhuma intervenção divina. Por essa razão, a teologia natural sena válida, e não somente a teologia sobrenatural, ou revelada. O homem poderia ser levado por Deus ao conhecimento Deie, mediante a razão e a natureza.

l. A *teoria da evolução.* Aqueles que crêem na evolução *teísta* pensam que os teólogos têm posto a carroça diante dos bois. Segundo eles, o homem começou como um animal selvagem, e desde então vem evoluindo, e não involuindo. E continua a evoluir, por causa de meios naturais e porque Deus o ajuda a fazê-lo, através de ensinamentos espirituais. Desse modo, a imagem de Deus *está sendo formada* no homem. O homem não a perdeu subitamente, em algum ponto remoto do tempo.

III. O Destino do Homem como Imagem de Deus

Como é patente, a salvação é algo que ultrapassa as condições de perdão dos pecados e da mudança para o céu, algum dia. Envolve mais o que sucede ao indivíduo, em sua evolução espiritual. Também é claro que o Novo Testamento promete aos homens a participação na imagem de Cristo (Rom. 8.29), mediante um processo gradual no qual o Espírito o conduz de um estágio de glória para outro (II Cor. 3.18). Esse processo será eterno. Visto que há uma infinitude com que seremos cheios, também deve haver um enchimento infinito. Chegaremos a compartilhar de toda a plenitude de Deus (Efé. 3.19), tal como o próprio Filho a possui (Col. 2.9,10). Alguns teólogos interpretam metafórica, e não literalmente, esses trechos bíblicos. Eles supõem estar em foco algum elevado e misterioso progresso espiritual, mas negam qualquer participação real na natureza divina. Quanto a nós, autor e tradutor deste comentário, cremos que esses versículos ensinam uma participação real — posto que secundária e finita — na divindade, de tal modo que os filhos de Deus vão adquirindo a própria natureza do Filho de Deus. Quanto a uma completa declaração sobre essa doutrina, ver o artigo intitulado *Transformação Segundo a Imagem de Cristo.* Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos *Divindade, Participação na, pelos Homens* e *Salvação.*

1.27

Criou Deus, pois, o homem à sua imagem. Temos aí o nosso mais elevado conceito religioso, o qual descrevi com detalhe no artigo no fim do vs. 26. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Alma.*

O Homem Concebe Deus Conforme a Sua Imagem. Em suas muitas religiões e denominações, o homem cria um Deus segundo a sua própria imagem humana. Os muitos "deuses" concebidos pelo homem são realmente pequenos. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Antropomorfismo.*

A Evolução e a Alma. A maior parte dos advogados da evolução não acha lugar para a alma. Pensam apenas em termos do corpo físico, e, para eles, *nisso* consiste o homem total. Alguns poucos, contudo, como McTaggart, presumem que o mais exaltado produto do processo da evolução é a alma. Todavia, eles formam uma minoria. Se Gênesis 1.26,27 nada ensinam sobre a alma, então nem o primeiro capítulo do Gênesis nem a evolução falam sobre o homem real, a alma imortal, conforme *nós o conhecemos* com nosso avançado conhecimento. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Evolução.* A pessoa espiritual, no entanto, pode ter percepções que vão além de seu próprio tesouro de conhecimentos. Estou supondo que isso foi o que sucedeu à doutrina da *imagem de Deus.*

Homem e mulher os criou. Não vemos aqui os detalhes do ato criativo da mulher, que só figuram em Gên. 2.4 ss. Alguns estudiosos insistem em que os dois relatos foram escritos em dois tipos históricos de hebraico, o que refletiria diferentes

TRANSFORMAÇÃO À IMAGEM DIVINA

O Ato Criativo

Criou Deus, pois o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou.

Gênesis 1.27

*** *** ***

O Ato Redentor-Glorificador

... os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos.

Romanos 8.29

*** *** ***

E todos nós com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito.

II Coríntios 3.18

PARTICIPAÇÃO NA NATUREZA DIVINA

Pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas para que por elas vos torneis co-participantes da natureza divina...

II Pedro 1.4

Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque havemos de vê-lo como ele é.

I João 3.2

*** *** ***

A participação da alma humana transformada na divindade é, e sempre será, finita, embora perfeitamente real. Esta participação sempre aumentará, porque a própria glorificação nunca pode entrar em um estado estagnado; ela é um processo eterno, não um ato de uma vez só. Eis o grande alvo da vida humana! A Cabeça e o corpo devem participar da mesma natureza. Existindo uma infinidade com que a alma deve ser preenchida, deve existir também um enchimento infinito.

fontes. Nesse caso, algum editor reuniu esses informes, como se o segundo fosse uma espécie de suplemento do primeiro. Alguns intérpretes judeus afirmam, de modo muito absurdo, que a criação *original* (Gên. 1) foi um ser hermafrodita, homem e mulher ao mesmo tempo, dois corpos, criados costa com costa. Mas a maioria dos estudiosos prefere pensar que o segundo relato suplementa o primeiro, conforme diz o ponto de vista conservador. Os críticos atribuem o segundo relato à fonte *J*, ao passo que o primeiro capítulo do Gênesis é atribuído à fonte *P (S)*. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)*, quanto à teoria das várias fontes.

Primeira Dispensação: Inocência (1.28-3.24)

Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Dispensação (Dispensacionalismo)*.

1.28

O Pacto Edênico. Esse pacto condicionava a vida do homem em seu estado de inocência. Ele tinha a responsabilidade de reproduzir-se, de subjugar a terra e de obedecer à palavra de Deus, a fim de que não viesse a morrer. No *Dicionário* ver o artigo intitulado *Pactos*. Há oito desses pactos ou dispensações.

E Deus os abençoou, e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos. Tal como no caso dos animais, era mister a propagação do gênero humano. Foram dados poderes de procriação ao homem; a fertilidade foi-lhe assegurada por decreto divino. O autor sacro aparentemente quis dar a entender que somente mais tarde o homem e a mulher receberam a consciência sexual, em razão da queda (cap. 2). A vida do homem era abençoada no mais alto grau, e não só no que dizia respeito à procriação. A vida do homem é abençoada porque Deus se importa com ele; há uma provisão divina; o amor flui; o bem-estar faz parte do decreto divino.

A Ordem para Multiplicar-se. Até ali, a procriação era uma potencialidade. Alguns intérpretes extrapolam isso até aos tempos modernos, crendo que não deveria haver casais sem filhos. Alguns (como os mórmons) chegam a insistir sobre a obrigação quanto ao próprio casamento. Mas, segundo penso, essas duas idéias exageram o texto sagrado. Seja como for, o matrimônio aparece neste texto como uma ordenança e uma instituição divina. Que todos os homens e mulheres *devam* reproduzir-se é uma posição exagerada e anacrônica. A multiplicação da raça é necessária para que se cumpra o plano de Deus na criação. Porém, já havendo seis bilhões de pessoas em nosso planeta, não é mister insistir em que todas as pessoas participem de uma contínua multiplicação. Dentre a criação física, haverá de emanar uma criação espiritual, segundo os vs. 26 e 27 sem dúvida dão a entender.

Dominai. O homem é uma criatura fraca, mas a sua inteligência lhe permite dominar o seu meio ambiente, como também dominar e amansar, até certo ponto, os animais irracionais. Isso aparece como um poder dado por Deus, que o homem *deveria* exercer. A ciência, pois, tem feito bem em promover toda espécie de conhecimento e poder.

O Grande Avanço do Homem. Apesar de sua queda e degradação, é simplesmente espetacular como o homem tem progredido no conhecimento científico. Vivemos em um período de estupendo progresso. A bênção de Deus está em tudo isso. O homem foi criado como um ser dotado de natureza tal que ele pode realizar essas coisas, e todas as atividades que fazem parte desse progresso foram determinadas e abençoadas por Deus.

1.29

Eis que vos tenho dado todas as ervas. . . e todas as árvores em que há fruto.

Vegetarianismo? O homem tira vantagem da provisão divina da vida vegetal. Isso faz parte de sua herança divina. Visto que o versículo não menciona especificamente a carne dos animais, alguns estudiosos têm pensado que este versículo determina uma dieta vegetariana para o homem. Nesse caso, o domínio do homem sobre os animais (vs. 26) não inclui o uso deles em sua alimentação. A fim de reforçarem sua interpretação vegetariana, alguns estudiosos frisam que em outras antigas cosmologias, como aquelas dos persas e dos greco-romanos, supunha-se ter havido antes uma era áurea quando os homens estavam em paz com o reino animal, não se utilizando de animais para se alimentarem. Presumivelmente, a história do jardim do Éden (Gên. 2.18-20) reflete aquelas antigas tradições. Ver Isa. 11.6-8, 65.2 e Osé. 2.18 quanto a idéias similares. Outros intérpretes pensam que a omissão de animais como alimentos, neste ponto, foi meramente incidental, sem nenhum propósito básico. John Gill fala sobre intérpretes judeus que supunham que os antediluvianos eram vegetarianos, e que esse regime alimentar tinha por finalidade não pôr em risco as espécies animais, que se estavam multiplicando. O *Targum Bab. Sanhedrin*, fol. 59.2, confirma a interpretação em favor do vegetarianismo do homem primitivo, mas que, a começar pelos filhos de Noé, essa proibição foi suspensa. Alguns pensam que, enquanto o pecado não entrou no mundo, não havia nenhum caso de morte, humana ou animal, o que indica, naturalmente, que não eram abatidos animais para fins de alimentação. As especulações dos vegetarianos, porém, parecem olvidar aqui o sacrifício de Abel, oferecido dentre as ovelhas escolhidas do rebanho. Podemos presumir que tais animais foram usados como alimento. Não somos informados quanto a nenhuma *mudança* que tenha feito abandonar a dieta vegetariana, pelo que talvez seja seguro presumir que jamais houve tal proibição, exceto na imaginação de certos intérpretes. Dizer que a ingestão de carne, "após a queda", foi permitida, mas não antes do dilúvio, é ler muita coisa onde a Bíblia faz silêncio. Por outro lado, ninguém realmente sabe o que sucedeu. Os críticos afirmam que todas as especulações dessa ordem são vãs, pois a história de Adão realmente não nos dá informações históricas e científicas sobre a origem do homem. Aqueles que crêem na literalidade do relato talvez acabem envolvidos no vegetarianismo, pelo menos como um ideal.

1.30

E a todos os animais. . . aves. . . e a todos os répteis da terra. . . toda erva verde lhes será para mantimento. A provisão de Deus abrange todos os demais animais, e sob as mesmas condições. A ingestão de carne também é omitida aqui, pelo que os comentários sobre o vs. 29 também se aplicam aqui. Todas as criaturas eram vegetarianas. Devemos supor, de acordo com os exageros de alguns estudiosos, que coisas como os enormes dentes caninos dos leões etc. só cresceram depois da queda. Por que um leão precisaria de dentes tão grandes, se não tivesse de despedaçar outros animais com eles?

Deus Cuida Até dos Animais. O livro de Jonas é o trecho de João 3.16 do Antigo Testamento. É significativo que Jonas 4.11 nos mostre a preocupação de Deus com os animais. Há evidências em favor do fato de que as civilizações mais avançadas mostram maior preocupação com os animais e menor crueldade do que no caso das civilizações mais primitivas. Por outro lado, lamentamos a matança insensata de animais para efeito de experiências científicas, produtos de beleza ou glutonaria de certas pessoas. Se a experimentação científica é necessária, e se alguns animais devem ser sacrificados, isso não justifica os excessos praticados nos laboratórios. Os hindus exibem grande respeito pelos animais, e isso os torna vegetarianos. Talvez isso seja realmente melhor para os homens, por motivos morais e de saúde.

Isaías antecipou o tempo quando a violência não mais predominará no mundo. Animais ferozes, que agora devoram outros, como o lobo e o leopardo, haverão de tornar-se vegetarianos. Uma criança pequena poderá circular entre animais que agora são ferozes, e brincar com eles. Ver Isa. 11.6 e algo similar em Osé. 2.18. Mas muitas pessoas relutam em alimentar-se de carne animal. Talvez nosso coração esteja querendo dizer-nos alguma coisa.

1.31

Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom. A declaração sobre a bondade da criação é repetida após cada um dos dias da criação, excetuando apenas o caso do segundo dia, o que, provavelmente, foi uma omissão não-proposital. O advérbio *muito* chama a nossa atenção. Essa palavra talvez fale a respeito da criação *inteira*, tendo sido inspirada pela obra do sexto e último dia da criação, a criação do homem, o clímax do labor divino. O próprio Deus aparece como quem se deleitava em Sua criação. Ela era funcionalmente boa; era esteticamente boa; cumpria bons propósitos; e terminou de modo espetacular, no homem. Uma correta consideração sobre a criação de Deus inspira-nos a alma e eleva-nos o espírito. Sem dúvida há algo de magnificente em tudo isso. O próprio Einstein tirou o chapéu diante das maravilhas do universo.

Tarde e manhã, o sexto dia. Terminou assim o último ciclo criativo de vinte e quatro horas, o mesmo foi dito acerca de cada um dos seis dias. Ver os comentários sobre o vs. 5.

Na cidade de Boston, muito tempo atrás, foi organizado um clube para meninas pequenas, chamado Happiness Club. Operava em um bairro bastante pobre e desenxabido. Uma das regras desse clube era que cada membro devia ver algo de *belo* a cada dia, dando notícia do fato. Até o vôo de um pássaro é uma linda cena. A beleza pode ser encontrada nos lugares mais insuspeitos. Um ato de gentileza é algo belo. A beleza acha-se em todos os lugares. Deus via Sua criação original como bela e *muito* boa.

Adam Clarke sentia-se inspirado pela história da criação, e observou (*in loc.*): "Assim terminou um capítulo que contém as mais extensas, mais profundas e mais sublimes verdades que talvez chamem a atenção do intelecto humano. Quão indizivelmente estamos endividados para com Deus por nos haver dado uma revelação de Sua vontade e de Sua criação".

Ellicott via um paralelo entre o término da criação física e a criação espiritual, realizada por Cristo, ambas as quais ocorreram em uma sexta-feira. A bênção divina repousa supremamente sobre ambas essas criações.

"O homem que contempla a vida com os olhos de Deus sempre achará algum valor, mesmo nos piores indivíduos, e alguma bondade por toda parte" (Gilbert Chesterton).

Capítulo Dois

O Sétimo Dia: O Descanso (2.1-4a)

2.1

Fonte informativa alegada, *P (S)*. A instituição do sábado ou dia de descanso foi uma questão solene, e as religiões, de um modo ou outro, simbólica ou literalmente, têm sido assinaladas por esse conceito. Deus descansou de Seus labores. O homem também precisa trabalhar; mas também precisa *descansar*, tendo em vista o seu *benefício*. Ademais, esse descanso precisa ser marcado por serviço e devoção religiosos. Ver o artigo geral sobre o *Sábado*, no fim do vs. 3. Aqui temos o primeiro grande *sétimo* da Bíblia. Esse número envolve o emblema da perfeição. O sábado tornou-se o sinal do pacto de Deus estabelecido no Sinai (Êxo. 31.13,17). A perfeição de Sua criação foi assinalada pelo número do dia de descanso. As perfeições das leis divinas são enfatizadas mediante a observância do dia sétimo, que Deus santificou.

Os três primeiros versículos do segundo capítulo do Gênesis concluem a narrativa anterior, destacando especificamente *um* de seus propósitos. O Hino à Criação santifica o sabado divino. O *próprio Criador* ungiu o sábado. E assim, Aquele que não se cansa, descansou. O trabalho é algo enobrecedor quando cumpre algum bom propósito; o descanso também é nobre, quando se dedica àquilo que é sagrado.

Foram acabados os céus e a terra, e todo o seu exército. A palavra *exército* aponta para a multiplicidade das coisas sobre a terra e nos céus, fazendo-nos lembrar de um grande exército com suas várias divisões e patentes militares. Existe um único exército — a criação de Deus, considerada coletivamente. "Exército do céu" é uma expressão que se acha somente aqui no Antigo Testamento. Devemos pensar em grande acúmulo de coisas, nos céus e na terra. Algo parecido foi dito no tocante aos anjos, que formam um "exército" imenso (I Reis 22.19). A criação inclui inúmeros elementos dotados de beleza e ordem, harmonia e regularidade. O poder divino estabeleceu as leis naturais que persistem até hoje, sem as quais não poderia haver nem vida nem conhecimento científico. A própria ciência depende do princípio da constância das leis da natureza, as quais nunca sofrem variação. De outra sorte, não poderia haver experiências válidas. A *invariabilidade* (das leis naturais) depende da vontade e do poder de Deus, Aquele que estabeleceu as leis naturais. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Teleologia*. Note-se que a própria ciência tem que começar pela *fé* em leis naturais invariáveis.

2.2

E havendo Deus terminado no dia sétimo a sua obra. . . descansou. Exponho o artigo geral sobre o *Sábado* no versículo terceiro. Os críticos supõem que o livro de Gênesis tenha sido escrito bastante tarde, resultante de várias fontes informativas (provenientes de diversos períodos históricos), que um ou mais editores teriam compilado. Ver o artigo sobre *J.E.D.P.(S.)* no *Dicionário*. Eles acreditam que o sábado já vinha sendo observado por Israel quando o livro de Gênesis foi publicado. O autor da fonte de Gên. 2.1-3, a fim de emprestar a maior autoridade a essa observância, fez o próprio Deus instituí-la, *como se* assim tivesse sido desde o princípio. Os estudiosos conservadores aceitam o texto conforme ele está escrito, pensando em uma genuína instituição divina do sábado, após a obra da criação. Os críticos atribuem essa seção à fonte *P (S)*.

A versão siríaca diz aqui "no sexto" dia, mas não há razão para supormos que "sétimo" não seja o texto correto, sendo esse o texto padrão hebraico, como também o texto mais difícil. Os escribas, com frequência, alteravam os textos difíceis para torná-los mais fáceis ou aceitáveis, mas dificilmente faziam o contrário. Talvez o autor sacro pensasse que a instituição do sábado foi o real encerramento das obras da criação. Alguns têm emendado o texto de "terminado" para "desistido", mas essa emenda é desnecessária.

"A narrativa da criação, vista através dos olhos da nova nação de Israel, nos dias de Moisés, reveste-se de grande significação teológica. Dentre o caos e as trevas do mundo pagão, Deus tirou o Seu povo, ensinando-lhes a verdade, garantindo-lhes a vitória sobre todo poder dos céus e da terra, comissionando-os para serem Seus representantes e prometendo-lhes *descanso teocrático*. E isso, igualmente, haveria de encorajar crentes de todos os séculos" (Allen P. Ross, *in loc.*).

A instituição do sábado sugere a legislação mosaica que haveria de seguir-se, bem como todos os privilégios de Israel como nação que haveria de ensinar a todas as demais nações.

Descansou. Não a fim de sugerir que o Ser Supremo pode ficar cansado, pois temos aqui uma declaração antropomórfica que diz respeito à cessação de atividades. Simbolicamente falando, o sábado foi uma *obra de redenção*, porquanto retrata o descanso após o pecado e a aceitação, como filho, na casa do Pai. Mas nesse sétimo dia não houve mais atividade criativa.

2.3

E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou. Ver o vs. 2 quanto a especulações atinentes ao fundo histórico deste versículo: a instituição do sábado. Seria realmente parte de um documento muito antigo, que falava sobre a criação, ou o sábado foi subentendido no antigo relato, por parte de um escritor posterior? Ou todos os autores das fontes do Gênesis foram posteriores, em cujos dias o sábado já havia sido instituído? Provi artigos sobre esses problemas. Os eruditos conservadores, crendo na autoria mosaica do Gênesis, supõem que ele soube da instituição divina do sábado *mediante inspiração*, e que isso serviu de apropriado clímax da criação original. O artigo que apresento no fim do versículo, a respeito do *sábado*, explica a questão em seus pormenores, incluindo as controvérsias sobre a alegada natureza obrigatória do sábado para os cristãos. Provi um artigo adicional sobre o sábado, no que diz respeito aos crentes, chamado *Sábado Cristão*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*.

O sábado era a grande instituição da fé do povo hebreu. A legislação mosaica lhes dera suas instituições, ritos e crenças, mas nada era mais importante do que o sábado. Os críticos pensam que a exaltada natureza do sábado tenha sido uma das conseqüências do exílio babilônico, mas sem dúvida temos aí uma apreciação exagerada. O sábado, desde os tempos mais remotos, serviu sempre como sinal mais decisivo para quem era hebreu ou judeu. Como é claro, havia outros sinais, incluindo a circuncisão (Gên. 17.10), e, naturalmente, as grandes provisões da própria lei mosaica.

As Razões da Separação. O autor sagrado apresenta várias delas no tocante à história da criação: a luz foi separada das trevas (1.14); as águas das águas (1.6); as águas de cima do firmamento das águas de baixo (1.9); as espécies foram separadas umas das outras, e não mediante evolução (1.11,20). O sábado separou um *tempo* de outro, o tempo devotado ao trabalho, do tempo devotado ao descanso e ao serviço e adoração a Deus. Em tempos posteriores, o santuário divino serviu de meio de separar o sagrado do profano, o divino do humano.

Deus Santificou o Sábado. Nesta oportunidade não ficou esclarecido como o sábado seria expresso e obedecido. Mas as instituições posteriores dos hebreus nos dão informações. A adoração a Deus era frisada no dia de sábado, quando então havia culto ao Senhor. Tal como o sábado é separado para ser observado pelo homem, assim também o homem é separado para Deus. Os capítulos três e quatro de Hebreus desenvolvem o tema do "descanso" providenciado para o crente, conferindo-lhe o descanso da salvação, com toda a sua fruição. Ver especialmente Heb. 4.9. Os crentes esclarecidos que não observam o sábado mosaico vêem em Cristo o cumprimento do mesmo, desfrutando *desse* sábado ou descanso, e não do sábado judaico.

O Dia do Senhor. Para os cristãos, o domingo é o dia do Senhor, e não o sábado. Historicamente, os intérpretes têm dito que o domingo é o "descanso", chamando-o de sábado cristão. Mas apesar de ser verdade que nossos cultos religiosos ocorram no primeiro dia da semana, o que retém um certo elemento próprio do dia de sábado, isso não faz o Dia do Senhor tornar-se um sábado cristão. Que Deus nos salve do legalismo! Isso não significa que o crente deveria ignorar as implicações de quão próprio é que um dos dias da semana seja especialmente consagrado a exercícios espirituais. Paulo, todavia, deixou claro que, para o crente, todos os dias são iguais (Rom. 14.5 ss.). No mesmo contexto, porém, ele também deixou claro que o crente pode estabelecer uma distinção, se tal distinção puder fomentar a sua piedade e a eficácia de sua adoração. Historicamente, a Igreja tem estabelecido essa distinção. O domingo deveria ser um dia isento de todo legalismo, tão-somente retendo um devido espírito de adoração. Não deveria ser profanado. A Igreja assim tem observado, para bem do homem. A Escola Dominical é uma grande instituição, embora não faça parte dos ensinos do Novo Testamento. O domingo tem-se tornado um dia dedicado à adoração, ao estudo da Bíblia e à evangelização de uma Igreja reunida com esses propósitos. É no domingo que a Igreja comemora a ressurreição de Jesus. Ele saiu do túmulo revestido de uma vida nova. O domingo, pois, é uma oportunidade para participarmos dessa vida nova e a expressarmos. O domingo não é imposto, conforme o sábado era imposto. Contudo, é benéfico, e exige nosso respeito. A liberdade, se for *abusada*, será sempre tão ruim e errada quanto uma obrigação *imposta*.

A Natureza Monótona e Destrutiva de um Labor Contínuo. Deus pode conferir-nos a graça e talvez até permitir e encorajar que labutemos todos os dias, se tal trabalho for benéfico para nós mesmos e para o próximo. Todavia, descansar um dia por semana é uma boa medida de saúde. Talvez se assim fizermos, poderemos realizar em seis dias o que realizamos em sete. A saúde inclui o ritmo intercalado de trabalho e descanso. Não nos deveríamos preocupar se, em dia de domingo, estivermos fazendo aquilo que os antigos sabatistas proibiam para o

sábado. Se tivermos tal preocupação, estaremos mostrando nossa insensatez. Não obstante, estaremos pecando se nos esquecermos do *espírito* do sábado, que nos convida a estacar, descansar, adorar e servir.

O Mandamento contra o Ócio. Foi ordenado ao homem que trabalhasse por seis dias, e não apenas que descansasse no sétimo. "Aquele que se mostra ocioso por seis dias é igualmente culpado, aos olhos de Deus, do que se vier a trabalhar no sétimo dia" (Adam Clark, *in loc.*)

> *O cumprimento dos deveres espirituais, em nossa vida diária,*
> *é algo vital para a nossa sobrevivência.*
>
> (Winston Churchill)

> *Na civilização não há lugar para o ocioso. . .*
> *Nenhum de nós tem o direito de demorar-se no lazer.*
>
> (Henry Ford)

> *Pois Satanás sempre achará alguma malignidade*
> *Para as mãos ociosas fazerem.*
>
> (Issac Watts)

A História Humana (2.4 – 11.32)

A Criação do Homem (2.4-17)

Feito do Pó da Terra (2.4-7)

O *Senhor Deus* é agora o agente no segundo relato da criação do homem. O original hebraico tem aqui a combinação *Yahweh-Elohim*. Os críticos vêem nisso e no pressuposto de que temos aqui um hebraico histórico diferente (ou seja, um tipo de hebraico usado em um diferente período histórico, em contraste com o que se vê no primeiro capítulo do Gênesis), prova de que um novo autor está dando sua contribuição aqui. O mais certo, porém, é que um editor estava adicionando outro relato ou versão da criação do homem. Presume-se que o primeiro relato da criação origine-se da fonte *P (S)*, e que o segundo venha da fonte *J*. Ver sobre *J.E.D.P.(S.)* no *Dicionário*. O duplo nome divino é reiterado nos vss. 5,7-9,15,16,18,19 e 21,22. Ver no *Dicionário* os artigos sobre *Yahweh* e *Elohim*. Os críticos datam a fonte *J* nos séculos X ou IX A. C., e a fonte *P (S)*, no século V A. C. Se esse raciocínio estiver certo, então o relato que passamos a examinar é o mais antigo dos dois. Trata-se de uma história detalhada da criação do homem e da mulher, ao passo que a primeira narrativa é mais generalizada. Um relato não parece dependente do outro. São narrativas distintas, se é que o raciocínio dos críticos esteja correto. Contra tais teorias, entretanto, os conservadores meramente informam-nos que os dois nomes divinos poderiam ter sido facilmente usados intercambiavelmente. Quanto às datas dos dois tipos de hebraico usados (se e que isso representa diferentes períodos históricos), não descobri nenhuma explanação. Isso deve ser deixado ao encargo de especialistas no hebraico, e precisamos ouvir o parecer deles. Os críticos, todavia, pensam haver intrusões no texto atribuído à fonte *J*, a saber, os vs. 5,9,10-14,15,19 e 20, que deveriam então ser reputados originários da fonte *J*, ou seja, provenientes de um autor posterior. É precisamente esse tipo de fragmentação que, de acordo com os eruditos conservadores, põe em dúvida toda essa questão das supostas fontes originárias.

Sem embargo, o segundo relato tem suas características distintas, que jamais figuram no primeiro. Para os críticos, isso evidencia uma história *diferente*. Mas para os conservadores, isso é apenas preenchimento de detalhes, como se um mesmo autor tivesse querido complementar o primeiro relato com o segundo. Do ponto de vista da composição literária, ambas as coisas poderiam ter acontecido. Ademais, no segundo relato há alguns paralelos com as lendas babilônicas da criação. Irei salientando as mesmas, conforme a exposição for progredindo.

O relato fornece várias respostas a indagações básicas: o mundo está cheio de espécies vivas, incluindo o homem. Como isso poderia ter sucedido? Existimos como homem e mulher. Qual foi a origem desse arranjo? Como sucedeu que o mundo está tão admiravelmente adaptado para satisfazer às nossas necessidades? Foi formada a unidade familiar original. Quais foram e quais são as implicações disso? Mas como a harmonia e a beleza da criação chegaram a ser perturbadas, teremos de esperar pelo terceiro capítulo. A queda do homem no pecado alterou a ordem e a beleza que predominam no primeiro e no segundo capítulo do Gênesis.

2.4

Esta é a gênese. Outras traduções dizem aqui "Estas são as gerações...". No livro de Gênesis, essa expressão ocorre por onze vezes. Alguns estudiosos pensam que a ocorrência dessa expressão marque a divisão do livro, feita pelo próprio autor sacro. No hebraico, temos a palavra *toledoth*. A menção original da criação, porem, não tem o seu *toledoth*, mas deve ser considerada a primeira seção. As onze ocorrências da palavra são como se vê abaixo:

1. Criação (1.1-2.3 — sem a palavra)
2. Dos céus e da terra (2.4-4.26)
3. De Adão (5.1-6.8)
4. De Noé (6.9-9.29)
5. De Sem, Cão e Jafé (10.1-11.9)
6. De Sem (11.10-26)
7. De Terá (11.27-25.11)
8. De Ismael (25.12-18)
9. De Isaque (25.19-35.29)
10. De Esaú (36.1-8)
11. De Esaú, pai dos edomitas (36.9-37.1)
12. De Jacó (37.2-50.26).

Os livros antigos, mui tipicamente, não eram divididos por esboços, sendo possível que o autor do Gênesis fosse o criador desse tipo de arranjo primitivo. Nesse caso, excetuando a primeira seção, temos um arranjo que pode falar em favor de um único autor, ou, pelo menos, de um único editor. Em outras palavras, houve um designio que orientou, de forma lógica, a compilação do livro. Não foi apenas um trabalho de compilação tipo colcha de retalhos, produzido por vários autores e editores.

Os escritos babilônicos continham tipos de *cólofons* reunindo informações básicas como título, data, número de série, uma declaração de que algo fora terminado, o nome do escriba ou o nome do proprietário. Alguns eruditos têm confrontado isso com os *toledoth* do Gênesis; mas não parece haver nenhuma associação ou similaridade entre os dois sistemas.

Dos céus e da terra. Temos aqui a descrição do modo de criação dos céus e da terra, um paralelo com Gên. 1.1. *Dia*, um paralelo coletivo dos *seis dias* da criação. A *criação* é aqui chamada de *gênese*. Os críticos vêem nesse estilo e fraseado um autor diferente. Os estudiosos conservadores, porém, crêem que um único autor simplesmente contou a mesma história de forma diferente.

2.5

Deus fez (subentendido com base no vs. 4) toda **planta** etc. O caos total e as trevas não permitiam que brotasse nenhuma vida vegetal. Ademais, toda forma de vida teve a sua origem no decreto divino da criação. Alegadas incoerências têm levado alguns intérpretes a suporem adições posteriores feitas por *J*, conforme se viu na introdução ao vs. 4. O que se evidencia é que esse relato é bem diferente daquele do primeiro capítulo do livro. Ou é uma completa revisão do relato, ou é um suplemento, ou então veio de uma fonte informativa separada, tendo sido incorporado na porção inicial do Gênesis por causa das informações adicionais que tinha a dar.

Não fizera chover. Por causa do caos reinante, não havia nenhuma vida vegetal. Também não havia chuvas, necessárias para tal tipo de vida. Contudo, a vida vegetal prosperava, por causa de uma outra provisão, a *neblina* (vs. 6). A vida vegetal prosperava, apesar de não haver homem para cultivar o solo. Deus fizera surgir a vida vegetal no terceiro dia da criação, antes de o homem vir à existência. Assim, por decreto divino, prosperava a vida vegetal, sem o concurso humano.

2.6

Neblina. Esse versículo tem embaraçado e deixado perplexos os intérpretes. Pode significar que, no começo, não havia nenhuma chuva, e, sim, um sistema alternativo de irrigação da terra. Presume-se que, após o caos primevo, não se formaram prontamente as nuvens, mas que uma espécie de neblina prevalecia, fornecendo um tipo de lenta irrigação, sem que chovesse realmente. Ou então, a intenção do autor sagrado foi dizer-nos, em termos bem gerais, como apareceram afinal as nuvens de chuva, produzindo aguaceiros. Presumivelmente, nesse caso, a *neblina* foi o começo do processo da formação das nuvens. Parece que a primeira alternativa é a mais correta, pelo que podemos supor que o intuito do autor foi o de informar a seus leitores que não somente a vida vegetal foi criada por decreto divino, mas também que a maneira de prover umidade fora outro ato divino, não dependente de nuvens naturais. O *jardim*, prestes agora a ser criado, recebia cuidados sob forma sobrenatural, antes que ao homem fosse entregue tal tarefa. Os antigos ficavam abismados diante dos processos naturais, tendendo por atribuí-los aos poderes divinos. O trecho de Jó 36.27 tem sido usado na tentativa de mostrar que a neblina, no presente versículo, produziu o processo natural da chuva, mas isso parece um tanto fora de lugar.

2.7

Então formou o Senhor Deus ao homem. O nome divino, no original hebraico, é aqui *Yahweh-Elohim*, comentado no vs. 4, onde há referência a artigos que explicam o significado desses nomes.

Formou. No hebraico, *yasar*. Esse mesmo vocábulo é usado para indicar a formação de um vaso, por parte do oleiro (Isa. 29.16; Jer. 18.4). As cosmogonias antigas aceitavam literalmente a questão e retratavam os poderes divinos a tomar

literalmente uma massa de argila para formar não somente o homem, mas até os animais, como o *modus operandi* da doação da vida.

Pó da terra. No hebraico há um jogo de palavras. O homem (no hebraico, *adham*), foi formado do pó da terra (no hebraico, *adhamah*), uma palavra cognata. E foi essa palavra que deu o nome genérico à raça humana, *homem*, ou seja, um ser formado do *pó da terra*. O primeiro homem foi chamado *Adão*, outro termo cognato, que veio a tornar-se seu nome próprio. Ver Gên. 2.20. Hesíodo oferece-nos um quadro similar em sua cosmogonia, onde ele diz que o pó da terra foi misturado com água, a fim de formar a *argila*. Ver Jó 33.6. "Deus é o Oleiro que formou o homem, dando-lhe o seu formato. Ver Isa. 64.8" (John Gill, *in loc.*).

"Assim como Elohim é o Todo-Poderoso, assim Yahweh é sabedoria e habilidade, e Suas obras refletem sagacidade e designio. . . o intuito central dessas palavras é frisar a debilidade humana. Ele não foi feito das rochas, nem de minérios ou de metal, mas do pó da superfície do planeta, muito leve e que qualquer vento pode tanger" (Ellicott, *in loc.*). Isso é verdade, mas não nos devemos olvidar que a terra é um símbolo universal da fonte da vida, da fertilidade e da produtividade. A terra é a nossa mãe.

... lhe soprou nas narinas. Deus animou a estátua conferindo-lhe a energia divina, e aquilo que era apenas argila tornou-se um ser vivo, já equipado com todos os sistemas necessários à vida biológica, à reprodução e ao senso de bem-estar. O decreto divino continuou, portanto, a ser a ongem de tudo. Não é antecipado nenhum processo evolutivo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Evolução*. O *sopro* divino é espírito, e espírito é vida. Todavia, não parece haver aqui nenhum referência direta ao Espírito de Deus como agente da criação, conforme se vê em Gên. 1.2.

Alma vivente. No hebraico, *nephesh*. Os intérpretes debatem-se diante dessa palavra, e as controvérsias florescem por causa dela. Essa palavra significaria que o homem, a criatura de argila, agora fora dotada de uma alma imaterial, que garantia sua sobrevivência diante da morte biológica, em sobrevindo tal evento? A maioria dos eruditos, porém, concorda que o versículo não contempla a parte imaterial do homem. Notemos que os animais irracionais também são *seres viventes* (1.24). No hebraico, temos exatamente a mesma palavra, ali e aqui. É bem possível que os animais também possuam alma, embora não seja provável que o autor sagrado tenha antecipado isso. Naturalmente, dentro da história do termo *nephesh*, essa palavra veio a incorporar a idéia de alma. A *criatura viva* é agora possuidora de uma alma imaterial. Mas esse conceito já pertence ao judaísmo posterior. Mesmos os mais antigos eruditos conservadores admitem que não há aqui nenhuma tentativa para fazer do homem um ser dualista. Disse Ellicott (*in loc.*): "A palavra *alma* não contém nenhuma idéia de existência espiritual. Pois tanto em 1.20, 'seres viventes', quanto em 1.24, 'seres viventes', literalmente, temos *almas viventes*".

Por outro lado, alguns estudiosos insistem aqui em favor da alma, pois o homem é um ser especial. Deus formou o corpo do homem do pó da terra e de água. E isso quer dizer que o homem é feito de uma porção material e de uma porção imaterial. O homem foi criado como um ser racional e espiritual. Isso é verdade, naturalmente; mas não parece que a teologia dos hebreus, nos dias de Moisés, já tivesse incorporado tal noção. O homem foi criado como uma *pessoa completa*, dotada de vida. O autor sagrado, contudo, não definiu essa vida. E nem o Pentateuco contém alguma declaração distinta sobre a natureza da alma. A lei mosaica não prometia a vida eterna aos que lhe fossem obedientes, nem ameaçava com a segunda morte aos desobedientes.

Todavia, a alma aparece embutida na expressão *a imagem de Deus*. Em Gên 1.26 (ver a exposição), suponho que essa expressão deve incluir a idéia da espiritualidade do homem, mesmo que essa idéia tenha ultrapassado a compreensão do autor sagrado. Assim creio. O homem, criado como foi à imagem de Deus, sem dúvida compartilha de Sua espiritualidade, e isso deve envolver a alma imortal.

O relato inteiro é altamente *antropomórfico*, e isso envolve uma certa falta de melhor entendimento. Apesar disso, o relato contém lições para todos os séculos, pois proclama o poder de Deus; como Ele determinou todas as coisas; o Seu desígnio; o Seu amor e a Sua bondade; a provisão para o homem é completa e está alicerçada sobre o decreto divino. Deus é o Criador do homem, o Seu amigo e conselheiro desde o princípio, e assim continua até hoje e continuará para sempre.

Deus fez o homem tornar-se uma alma vivente quando *soprou* sobre ele. Após a queda no pecado, tornou-se mister insuflar vida eterna no indivíduo, para que este tivesse restaurada a sua vida espiritual e para que desfrutasse de comunhão com seu Criador.

O Jardim do Éden (2.8-15)

2.8

Ver o artigo sobre esse *Jardim*, no final dos comentários sobre o vs. 8.

A *provisão divina* em favor do homem prossegue, o que vemos quando Ele plantou um lugar especial para o homem viver, uma utopia original. Muitas cosmogonias e mitos de povos antigos incluem a existência de tal lugar, do qual o homem acabou expulso, devido à sua perversão, mas que haverá de reconquistar, em face da retidão imputada ao homem. Antes, a alma humana estivera bem. Mas acabou enfermando. Contudo, agora o crente antecipa aquele Jardim de esperança que lhe foi prometido. Por isso mesmo, o livro de Apocalipse retorna a esse símbolo, conferindo-nos uma visão do céu futuro (Apo. 22). Haverá um Novo Paraíso, provisão de Deus, tal como houve o primeiro paraíso.

O jardim do Éden foi a utopia original do homem. Mas também se tornou o local onde ele foi originalmente testado. O homem obedeceria em meio a seu extremo bem-estar? A resposta foi um lamentável "não". Da mesma forma, hoje em dia, pessoas que desfrutam de bem-estar financeiro, algumas vezes se tornam os mais insensíveis criminosos. Maiores crimes derivam-se da natureza corrupta do homem do que de sua pobreza. Até mesmo quando o homem era inocente e altamente abençoado por Deus, o seu livre-arbítrio cedeu diante da tentação. E quanto mais agora, que se acha em um estado de profunda miserabilidade!

Da banda do Oriente. Quanto a idéias sobre a *localização* do Jardim do Éden, ver o artigo a respeito, em sua terceira seção. Os críticos só vêem aqui artifícios literários, pelo que não fazem nenhuma tentativa para descobrir a localização desse jardim. Dizem eles que o máximo que se pode fazer é tentar localizar onde o autor sagrado queria que pensássemos que o jardim estava localizado.

Um lar para o homem. Talvez o mais forte desejo que um pai tenha, no que diz respeito a seus filhos, seja prover para eles um local de residência. Deus, o Pai celeste, interessou-se em que Seu filho, Adão, e Sua filha, Eva, tivessem um lugar decente para ali viverem.

Alguns escritores judeus, de épocas posteriores, falaram sobre um Jardim do Éden *preexistente*, que seria uma daquelas coisas que já existiriam na *criação espiritual* de Deus, antes da criação física, descrita no primeiro e no segundo capítulo do Gênesis. (Ver *Talmude Bab. Pesachim*, fol. 54.1.) Nesse caso, o Jardim do Éden físico teria sido uma cópia daquele outro. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Preexistência*, bem como os comentários sobre o trecho de Gên. 1.1

Éden, Jardim do

Esboço

I. A Palavra
II. Interpretações Liberais e Alegóricas sobre o Éden
III. Localização do Éden
IV. Significados da Narrativa
V. A Dilmum dos Textos Sumérios

I. A Palavra

Dois sentidos possíveis estão vinculados a esse termo: 1. Se ele deriva-se do acádico *edinu*, então refere-se a um "campo aberto". Entretanto, esse sentido não parece ajustar-se muito bem a um *jardim*. 2. Por conseguinte, talvez a palavra seja hebraica, e não um vocábulo importado. Nesse caso, vem do termo hebraico *eden*, que significa "deleite". A Septuaginta, com freqüência, traduz a palavra por 'parque de deleites", o que fortalece a segunda possibilidade. Seja como for, a palavra *eden* tem o sentido geral de "jardim", embora também possa aludir a qualquer localização territorial ou geográfica. Em Amós 1.5, aparece como o nome de uma cidade.

II. Interpretações Liberais e Alegóricas sobre o Éden

Nos mitos mesopotâmicos que narram as origens do homem e os anos iniciais e formativos da humanidade, há muitos paralelos com a narrativa do livro de Gênesis. Para ilustrações a esse respeito, ver o artigo sobre *Cosmogonia*, que explana com detalhes a cosmogonia dos hebreus. Ver também o artigo sobre a *Criação*, que explica os paralelos ao relato dos hebreus, comparando-os com os relatos da cultura mesopotâmica em geral. Nas lendas e mitos daquela área, também há menção ao *Éden*. Ali, aparece como um deserto (o *espaço aberto* subentendido pela palavra), como um oásis. Dentro desse oásis, o homem teria sido criado. No Oriente Médio, onde a água é escassa e muito estimada, uma cena favorita imaginária é a de um parque ou oásis, onde água e verdura aparecem com abundância. Um autor qualquer, ao criar uma história, naturalmente dar-lhe-ia certo colorido local, pois as pessoas sempre gostam de pensar em sua região do mundo como mais importante do que qualquer outra. Portanto, a narrativa bíblica fornece-nos alguma informação que parece indicar a localização do jardim do Éden. Havia um rio no Éden, que irrigava o jardim. Esse rio dividia-se em quatro braços, dentro do jardim. E esse detalhe pode levar à identificação dentro do atual Iraque. Ver a seção III. O que sucede aqui, entretanto, é que o autor proveu um meio ambiente fictício, embora injetando nele algumas características geográficas locais. Provavelmente, ele queria que seus leitores acreditassem que "há muito tempo" o local era conforme ele descrevera. Agora, porém, as coisas haviam-se modificado, pelo que o que o autor dizia não podia ser identificado com as características geográficas existentes em seus dias.

Era um Jardim Especialíssimo. Entre suas espécies vegetais, havia uma árvore da vida e uma árvore do conhecimento. O primeiro casal, em sua ansiedade de

saber mais do que deveria, comeu do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Ao fazerem isso, Adão e Eva perderam quaisquer direitos que tivessem à árvore da vida, por meio da qual poderiam ter-se tornado imortais. O próprio fato de que o conhecimento e a vida são considerados coisas que podem ser obtidas mediante a ingestão do fruto de uma árvore, demonstra que alguma mente primitiva criou uma lenda improvável acerca de como o homem caiu de seu original estado de inocência. Ou então, o autor tencionava que seus leitores pensassem em termos de uma parábola ou alegoria, e não em termos literais. O fato de que uma serpente participou da cena da tentação, dotada até mesmo da capacidade de falar, demonstra, mui provavelmente, a natureza parabólica da narrativa. Deveríamos relembrar, em conexão com isso, que esses elementos também são paralelos, embora de maneira diversa, das fábulas próprias da cultura mesopotâmica. Ademais, a identificação da serpente com Satanás foi um desenvolvimento relativamente tardio do judaísmo, que não pode ser associado ao intuito do autor original do livro de Gênesis. Alguns dos pais da Igreja, como os da escola alexandrina, não hesitaram em falar sobre essa narrativa como uma parábola; e, em vez de tentarem apresentar uma difícil defesa da narrativa como um relato literal, mostraram-se dispostos a descobrir nessa narrativa lições morais e espirituais, e não respostas para indagações acerca das origens do homem e da depravação original, que não têm nenhuma resposta adequada, a despeito das especulações de muitos.

Muitos intérpretes conservadores objetam a essa maneira de manusear a narrativa do Gênesis, razão pela qual tentam identificar sua localização, com seriedade, conforme se segue

III. Localização do Éden

Alguns eruditos têm feito sérias tentativas para identificar a localização geográfica do jardim do Éden. Três sugestões têm sido feitas, a saber: 1. a Armênia; 2. a Babilônia; 3. perto do pólo Norte. Essa terceira idéia, porém, deve ser descartada pelo fato de que sua flora elimina qualquer possibilidade. Também têm sido feitas tentativas para identificar os quatro rios mencionados, cujos nomes eram Pisom, Giom, Hidequel e Eufrates (Gên. 2.10-14). Todas as formas de idéias fantásticas estão vinculadas à tentativa de localizar esses rios. Alguns supõem que os grandes rios mencionados não ocupam, atualmente, os mesmos lugares, devido ao rearranjo da crosta terrestre, por causa das mudanças dos pólos. Por essa razão, até o rio Amazonas, no norte do Brasil, tem sido considerado um dos quatro rios que banhavam o jardim do Éden. Mas a idéia é manifestamente absurda. Os rios Tigre e Eufrates são mencionados especificamente no décimo quarto versículo. Os outros dois rios não existem na área, na atualidade. Por essa razão, alguns intérpretes dizem que grande mudança topográfica deve ter ocorrido naquela região, ou então que esses outros dois nomes não representavam rios, mas canais de alguma sorte, talvez ligados aos dois grandes rios. Alguns estudiosos tentam incluir ali o Nilo e o Indus. Outros declaram que o dilúvio dos dias de Noé alterou o quadro, de tal modo que não podemos identificar os rios em questão, exceto o Tigre e o Eufrates. Houve canais, construídos muito mais tarde, e que dificilmente se adaptam à descrição e ao intuito do livro de Gênesis. A Armênia aparece como a localidade do jardim do Éden, por alguns que procuram identificar o Pisom e o Giom como rios menores daquele país. O Hidequel é um antigo nome do rio Tigre. Nossa versão portuguesa, de fato, diz em Gênesis 2.14, "Tigre", e não Hidequel. Os estudiosos liberais, entretanto, declaram que a solução é perfeitamente simples. Visto que a narrativa seria uma lenda, não deveria ser interpretada como se desse descrições topográficas genuínas. A única coisa que se poderia afirmar é que o autor, ao identificar dois rios bem conhecidos, situou o berço da civilização na Babilônia, ou seja, em algum lugar do atual Iraque.

Por muito tempo houve o hábito de identificar essa área como o berço da civilização. Atualmente, porém, os especialistas estão se inclinando pela África como o berço da civilização. Considerando-se o fato de que os pólos mudam, e que a crosta terrestre sofre rearranjos, e, também, que houve raças humanas pré-adâmicas (ver o artigo sobre os *Antediluvianos*), pouco sentido faz tentar falar sobre qualquer área geográfica específica, onde o "homem" teria começado a sua existência na terra, marchando na direção da civilização, conforme a conhecemos atualmente.

IV. Significados da Narrativa

Os sentidos dados à narrativa de Gênesis estão entretecidos com aqueles da própria criação, e o artigo sobre esse assunto elucida a questão. Os principais ensinos são estes: 1. Que o estado original do homem era de paz, abundância e bem-estar. Supomos que o homem deveria ser concebido como um ser imortal, e que se Adão e Eva tivessem comido do fruto da árvore da vida, esse estado teria sido confirmado e tornar-se-ia permanente. 2. Embora vivesse em perfeito ambiente, o homem não era possuidor de uma natureza perfeita, a despeito de seu estado de inocência. Era capaz de ser tentado e de cair em pecado. Portanto, sem importar qual a sua condição exata, o homem não possuía a verdadeira imortalidade divina. 3. O tentador é uma realidade. O homem sempre terá de enfrentar escolhas morais e, mesmo em meio às mais favoráveis circunstâncias, ele pode fazer escolhas erradas. 4. As más escolhas são seguidas pelo julgamento, o que envolve mudanças drásticas, tanto no meio ambiente quanto no estado espiritual do homem. Está envolvida a lei da colheita segundo a semeadura, porque o homem obtém aquilo que merece. O pecado de Adão não passou despercebido. Presume-se que, se ele tivesse feito uma escolha diferente, teria recebido algum exaltado galardão. 5. O *teísmo* é um dos aspectos do relato. Deus não é um ser distante e transcendental, desinteressado do homem. O autor de Eclesiastes (que vide) declara que somente indivíduos insensíveis supõem que Deus não está interessado neles, desconsiderando o que fazem. 6. O fato de que foram postados querubins no oriente do jardim do Éden, para impedir o retorno do homem (Gên. 3.24), mostra-nos que, uma vez que um homem faça uma má escolha, poderá ser barrado, por longo tempo, de reverter sua condição. O homem sacrificou qualquer imortalidade, ou oportunidade de atingi-la, que tivesse tido. A história da redenção, contudo, ensina-nos que a recuperação em Cristo é algo possível. Outrossim, um *novo tipo* de imortalidade foi dado, um tipo que ultrapassa qualquer espécie de imortalidade que o primeiro casal possa ter conhecido ou antecipado. Nessa nova imortalidade, foi prometida a participação na natureza divina (II Ped. 1.4), mediante a transformação segundo a imagem do Filho (Rom. 8.29; II Cor. 3.18). Isso envolve a participação em toda a *plenitude* de Deus (Col. 2.10), que envolve Sua natureza e Seus atributos.

V. A Dilmum dos Textos Sumérios

Material proveniente da biblioteca da Suméria, descoberto há cinqüenta anos em Nipur, no sul da Babilônia, fala sobre um lugar chamado *Dilmum*, um lugar aprazível onde eram desconhecidas a morte e as enfermidades. O lugar estivera sem água, mas Enki, o controlador das águas, ordenou que a situação fosse remediada. A *deusa* Ninti esteve associada a ele. Dentro do relato sumério, a história tem uma função muito parecida com a de Eva, no relato bíblico. De fato, o nome Ninti significa "dama da costela". E também pode significar "dama que vivifica" (o sentido do nome *Eva* é "mãe dos viventes"). Essa deusa teria curado vários males do deus Enki, com seus poderes transmissores de vida. Como é óbvio, há nisso pontos de conexão com a história bíblica. Ver o artigo sobre *Eva*. Nas lendas babilônicas posteriores, Dilmum é chamado de "terra dos viventes", o lar dos seres imortais. O que aparece como mortal na história bíblica é relacionado a seres imortais, nessas lendas. É curiosa a idéia de alguns mórmons sobre a história original de Adão e Eva, de que eles tinham sido deuses, mas caindo no pecado, tornaram-se seres mortais, e que Eva era uma das esposas de Adão, quando eles ainda eram imortais, bem como aquela que ele levou consigo ao jardim. Isso se aproxima do espírito da lenda do material sumério.

Alguns eruditos pensam que a história bíblica é uma espécie de versão purificada, para ter um sentido monoteísta, do material da Suméria. Mas outros pensam que o material sumério representa uma corrupção do relato bíblico. A verdade mais provável é que ambas as versões originaram-se de um fundo comum, dentro da cultura mesopotâmica da época. A tentativa para interpretar a história em sentido literal (incluindo dados geográficos) tem levado a certo número de problemas acerca dos quais os teólogos e os eruditos da Bíblia continuam debatendo. Em contraste com isso, as lições morais e espirituais do relato são perfeitamente claras.

2.9

Toda sorte de árvores agradável à vista. . . a árvore da vida. . . a árvore do conhecimento do bem e do mal. Não era algum jardim comum, conforme meu artigo ilustra com detalhes. Ver a segunda seção quanto a descrições de sua natureza especial, incluindo suas árvores especiais, a árvore da *vida* e a árvore do *conhecimento*. O relato é rico em alegorias, e muitos estudiosos entendem-no precisamente como uma alegoria. Mas outros aceitam o relato em sentido literal, debatendo-se com a idéia de como ingerir alguma coisa poderia transmitir vida ou conhecimento. As cosmogonias antigas incluíam esses elementos. Ver a quinta seção do artigo. O jardim do Éden revestia-se de grandes potencialidades: para a vida ou para a morte; para o conhecimento ou para a ignorância; para o conhecimento aplicado correta ou erroneamente.

O homem é um jardim no qual Deus cultiva a Sua vontade e a Sua vida. Há provisão tanto para esse cultivo quanto para o cultivo da perversão. O livre-arbítrio faz-se presente, mas Deus usa esse livre-arbítrio humano sem destruí-lo. Como, não sabemos dizê-lo.

Árvore da Vida. No hebraico temos uma expressão de duas palavras. A Septuaginta traduz por *tó ksúlon tês zoês*, "a árvore da vida". Juntamente com a árvore do conhecimento do bem e do mal, a "árvore da vida" foi plantada por Deus no jardim do Éden. Deus não ordenou a Adão que ele não comesse do fruto da árvore da vida, e a tentação da serpente não a envolveu. E quando Adão e Eva foram expulsos do paraíso, a razão da expulsão foi: ". . .para que não estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente" (Gên. 3.22). Dois querubins, armados de espada flamejante, guardavam

a árvore da vida. No relato inicial sobre o jardim do Éden, aparentemente a participação do fruto da árvore da vida, por parte do homem, era permitida por Deus; mas por alguma razão não explicada, ele nunca participou dele. Notemos que em Gênesis 2.9,10, tanto a árvore da vida quanto um rio são mencionados, embora nada ali seja esclarecido quanto à significação de uma coisa ou de outra.

Em Ezequiel 31.1-12, novamente aparece um rio, ladeado por árvores perenemente verdes, produtoras de alimento e medicamento. No Antigo Testamento, somente no livro de Provérbios aparece novamente a expressão "árvore da vida", isto é, em Pro. 3.18. O "fruto do justo" é árvore da vida, como também o desejo cumprido (Pro. 11.30 e 13.12). E a "língua serena" participa de idêntica honraria (Pro. 15.4). Ao que parece, o homem é vitalizado e renovado por essas coisas, embora não haja elaboração do termo nem alguma significação cósmica emprestada a essas árvores da vida.

No Novo Testamento, apenas o livro de Apocalipse faz alusão à árvore da vida e, em cada caso, há um significado espiritual e cósmico. Assim, em Apocalipse 2.7 é feita a promessa de que o "vencedor" haverá de participar da árvore da vida, localizada no "paraíso de Deus". O vigésimo segundo capítulo fornece-nos ainda mais detalhes. Na Nova Jerusalém manará o rio da vida, desde o trono de Deus. E em ambas as margens desse rio, a árvore da vida proverá tanto a vida quanto a cura para aqueles que ali viverem.

É verdade que os cultos pagãos antigos aproveitaram a idéia, embora distorcidamente, incluindo a *árvore da vida* em seus mitos. Os reis antigos também açambarcaram a idéia, associando sua imagem à da árvore da vida, geralmente sob a forma de um guardião e sacerdote sacramental que dispensa sua autoridade através do culto. Em outro contexto, a árvore da vida aparece intimamente relacionada à deusa-mãe, que representava o princípio feminino da reprodução natural, quer nas plantações, quer no gado ou na família humana. Essa deusa-mãe também podia representar o trono, ou seja, aquela que dava vida e poder ao monarca.

Podemos concluir que a árvore da vida *representa* o poder doador de vida de Yahweh. O Senhor é a fonte de vida para o rei e para o povo de Israel, exatamente como o foi para Adão. Essas e outras idéias foram sintetizadas no livro de Apocalipse, a fim de exprimir a realidade da vida eterna e da felicidade celeste com Deus (Apo. 22.1-3; cf. 2.7 e 21.6). Essa evolução de idéias sugere-nos que o livro de Gênesis não se referia somente a uma situação do passado, mas a um destino definitivo que dá uma perspectiva esperançosa, e, portanto, mostra-nos qual o sentido mais profundo da existência humana. Em suma, o paraíso é perdido no Gênesis mas é totalmente recuperado no Apocalipse. E todos os demais livros da Bíblia ensinam como isso ocorre. Os homens encontram vida em Jesus Cristo: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (João 14.6).

Árvore do Conhecimento. A expressão, no hebraico, consiste em duas palavras, que a Septuaginta traduz por *tó ksúlon toû eidénai,* "a árvore do Éden". A expressão completa aparece em Gên. 2.9, "a árvore do conhecimento do bem e do mal", que designa uma das duas árvores incomuns que Deus plantou no jardim do Éden. Deus ordenou a Adão que não comesse do fruto dessa árvore, sob pena de morte (Gên. 2.17). A tentação de Eva, por parte da serpente, concentrou-se sobre esse mandamento. Ela cedeu à tentação, diante do argumento de que não morreria, mas seria "como Deus", e ela não somente comeu do tal fruto, como também deu-o ao seu marido. A expressão "do bem e do mal", que indica os pontos extremos do conhecimento, denota a idéia de conhecimento total, isto é, onisciência e poder. Segundo se depreende de Gênesis 3.5, equivale a tornar-se um ser divino. Porém, ao apelar para tal fruto, buscando tornar-se divino, o homem apenas tornou-se culpado, cobrindo-se de vergonha e condenação, e foi expulso do jardim do Éden, onde comungava com Deus.

A falta de conhecimento do bem e do mal pode ser um sinal de imaturidade (Deu. 1.39; Isa. 7.14-17), e no trecho de II Samuel 19.35 aparece como um sinal da senilidade própria da idade muito avançada. A posse de conhecimento, por parte do rei, torna-o semelhante a um anjo de Deus, e de conformidade com I Reis 3.9, conhecimento e sabedoria eram os mais almejados de todos os dons, por parte de Salomão (Gên. 24.50; Núm. 24.13; Ecl. 12.14; Jer. 42.6). A árvore do conhecimento simbolizava a onisciência divina.

A árvore do conhecimento do bem e do mal ensina para o homem, simbolicamente, que o ser humano não pode fazer arbitrariamente o que quiser, nem pode estabelecer as normas do bem e do mal. No entanto, o ato de rebeldia pecaminosa de Adão, que arrastou toda a sua descendência, fez com que o homem se arrogasse à posição de modelo ou norma, como se ele tivesse autonomia moral (Isa. 5.20; Amós 5.14,15). Essa arrogante auto-suficiência é freqüentemente condenada nas Escrituras, mormente nos escritos proféticos (Eze. 28; Isa. 14.12 ss.; cf. Gên. 11), como a característica fundamental do pecado. Portanto, profundíssimo é o ensino de Gênesis, que ensina que esse equivocado senso de auto-suficiência é a raiz e a essência do pecado, ensino esse confirmado e reforçado em todos os demais livros da Bíblia.

Qual seria a árvore do conhecimento do bem e do mal? Popularmente, tratar-se-ia da macieira, e a maçã simbolizaria o contato sexual. Mas isso é produto da fantasia maliciosa. As tradições judaicas pensavam na videira, na oliveira ou em uma espiga gigantesca, ao passo que os gregos pensavam na figueira. Na verdade, porém, as Escrituras não determinam a espécie da árvore. A idéia da macieira apareceu pela primeira vez entre escritores latinos, talvez devido a uma semelhança de palavras latinas (*malum* = o mal; *malus* = macieira). Se não fosse essa similaridade de palavras, no latim, não se teria vulgarizado a idéia da maçã, que é tão tola quanto outra tolice qualquer.

2.10

Um rio. Um único rio é descrito a entrar no jardim, vindo do exterior, para então dividir-se em quatro braços. Os estudiosos têm-se esforçado para tirar daí algum sentido, embora a geografia *atual* não corresponda a essa descrição. Assim, eles supõem que teria havido tal condição, *em algum tempo,* no vale do Tigre-Eufrates. Os críticos pressupõem a natureza mitológica de tais declarações, e nem fazem alguma investigação geográfica. Os nomes dos rios aparecem nos vss. 10-14, e há comentários sobre cada um deles na exposição desses versículos. Todo tipo de idéia fantástica entra aqui na exposição desses versículos, de acordo com certos autores. Ver a terceira seção do artigo sobre o jardim do Éden, no final do vs. 8. A única coisa que se pode afirmar é que o autor, ao identificar dois rios (o Tigre e o Eufrates), situou o berço da civilização na Babilônia, ou seja, em algum lugar do atual Iraque.

Esses rios representam, metaforicamente, a provisão de Deus para a irrigação do Éden, tornando-se assim parte do *teísmo* (ver no *Dicionário*) do autor sagrado. Deus criou; Deus cuida; Deus provê. Ver em Apocalipse 22.1,2 a causa do simbolismo do presente versículo. Ali o rio procede do próprio trono de Deus, um vívido simbolismo. Deus é a fonte originária direta da água da vida. Cf. Eclesiástico 24.25-27

Os intérpretes cristãos alegorizam o texto. John Gill (*in loc.*) faz o rio significar a água da vida, a manar perenemente do trono de Deus. Esse rio divide-se em Seus decretos principais de eleição eterna, redenção, santificação e vida e felicidade eternas.

2.11

Pisom. Ver o artigo geral sobre o Éden, em Gên. 2.8. No hebraico, *pisom* significa "canal, correnteza cheia". Esse é o nome de um dos quatro rios que atravessavam o Éden. As descrições não correspondem aos fatos geográficos atuais, o que tem provocado toda espécie de especulação e tentativa de alterar a narrativa para ajustar-se à geografia moderna. Os dois únicos rios sobre os quais não há dúvida alguma são o Tigre e o Eufrates. Mas há dificuldades insuperáveis quanto aos outros dois rios, o Pisom e o Giom.

Eusébio afirmou, juntamente com Jerônimo, que o Pisom é o rio Ganges; mas outros falam no Nilo. Ainda outros opinam pelo Fasis. Mas se o jardim do Éden tiver de ser localizado perto da desembocadura do rio Eufrates, então o Pisom poderia ser o rio *Jaabe,* que deságua no Tigre perto de Curná. São inúteis, porém, as tentativas de ajuste com a geografia moderna; e se esses quatro rios são todos rios *grandes,* então teremos de pensar em uma linguagem poética, sem precisão histórica; ou então, que dois grandes rios desapareceram, embora antes existissem na região. Os eruditos liberais preferem a primeira dessas alternativas; e os conservadores, a segunda. Os céticos, por sua vez, pensam que o relato inteiro é uma fabricação poética, e não história autêntica, não sentindo assim nenhuma necessidade de associar a história à geografia. Supondo-se que o Pisom não fosse um rio, mas um canal ligado ao rio Tigre, então poderíamos pensar no canal Palacotos, próximo de Ur, cidade natal de Abraão. Gên. 12.10-14 e Ecl. 24.25.

Havilá. No hebraico, "circular". Nas páginas do Antigo Testamento, esse é o nome de duas regiões geográficas diferentes:

1. Uma região nas vizinhanças do Éden tinha esse nome. O rio Pisom corria através desse território, e ali havia ouro, bdélio e pedra de ônix (Gên. 2.11,12). Não há como localizar essa área, visto que as descrições geográficas dadas na Bíblia, quanto ao presumível local do Éden, não se ajustam a nenhuma dascaracterísticas geográficas atuais, naquela área em geral. Aqueles que aceitam que a narrativa é de natureza metafórica ou poética, em relação ao jardim do Éden, supõem que é inútil tentar identificar quaisquer localizações geográficas dentro do relato bíblico.
2. O nome de um distrito que, aparentemente, ficava ao norte de Sabá, na Arábia, localizado entre Ofir e Hazarmavete. Ismaelitas nômades (Gên. 25.18) habitavam na região. Os amalequitas (I Sam. 15.7) também estavam associados a essa região. Suas fronteiras parecem ter sido modificadas de tempos em tempos, embora a região ficasse na área geral da península do Sinai e na porção noroeste da Arábia. Saul guerreou ali, contra os amalequitas. Alguns estudiosos supõem que a Havilá referida em I Samuel 15.7, na verdade, seja uma palavra mal grafada, que deveria aparecer com a forma de *Haquilá,* uma colina que havia naquela área (I Sam. 23.19; 26.1,3). A identificação dessa região com o jardim do Éden, parece ser fantasiosa. Seja como for, nenhuma localização exata de qualquer dos dois lugares, chamados na Bíblia de "Havilá", tem sido feita.

Ouro. Esse metal, juntamente com os demais que figuram no vs. 12, talvez tenha sido mencionado para ajudar o leitor a identificar o território em foco. Porém, muitos lugares do mundo possuem esses minérios. O mais provável é que o autor sacro tenha mencionado essas coisas como mero ponto curioso, oferecendo algumas características distintivas do território ao qual se referia.

2.12

O ouro dessa terra é bom. . . o bdélio e a pedra de ônix. O ouro é *sempre* bom. O autor sagrado faz um comentário curioso sobre a boa qualidade do ouro de Havilá. Talvez ele quisesse dizer que o minério de ouro dali contivesse uma elevada porcentagem desse metal, podendo ser fácil e abundantemente extraído, em contraste com outros lugares produtores de ouro. Supostamente, a menção ao ouro ajudar-nos-ia a identificar a região referida. É admirável que muitos intérpretes nada tenham dito sobre esse ouro. O ouro sempre excitou a imaginação dos homens. Sua cor é "pálida", conforme alguém observou, por causa do cortejo de cobiça dos homens, sempre à cata desse mineral. Ver no *Dicionário* o artigo geral intitulado *Ouro*.

Bdélio. No hebraico temos o termo *bedolach*, o qual figura somente por duas vezes, em Gên. 2.12 e Núm. 11.7. Na primeira referência aparece como uma das riquezas da terra de Havilá, e, na segunda, como descrição da aparência do maná. O bdélio é uma resina gomosa aromática, da espécie *Commiphora*. Exuda de uma árvore similar à mirra. Era muito apreciado pelos povos antigos, sendo usado na arte do perfumista. Assemelha-se à mirra tanto quanto à cor quanto ao seu sabor amargo. Por ser uma verdadeira goma, está relacionado aos açúcares, sendo solúvel em água. Plínio informa-nos que a árvore que produz essa resina é de cor negra, sendo mais ou menos das dimensões de uma oliveira (*Nat. Hist.* 1.12 c.9). Pode ser encontrada em muitos lugares, como a Arábia, a Índia, a Média e a Babilônia, mas especialmente em Bactriana.

Ônix. Essa é uma pedra preciosa que recebeu seu nome a partir de sua cor, ou seja, como a unha de um dedo de um ser humano. Plínio informou-nos que podia ser achada em abundância nos montes da Arábia. Em sua época, os antigos que ele conhecia não sabiam de outra área geográfica que tivesse ônix (ver *Nat. Hist.* 1.36 c.7).

O ônix é uma variedade de calcedônia, uma sílica (dióxido de sílica) de grão extremamente fino. Também está relacionado à cornalina. Os intérpretes pensam que essa pedra está em foco em Êxo. 28.10 e Jó 28.16. O ônix consiste em camadas minerais de diferentes cores, como se fosse uma unha grossa em várias camadas. Essa pedra tem sido usada na joalheria, especialmente para a formação de camafeus.

Os romanos aplicavam esse termo a certa variedade de mármore, formado em camadas, chamado "mármore ônix". Essa rocha era usada no fabrico de potes e jarras de ungüento (Mat. 26.7). Outra variedade de mármore, que também era formado por camadas, era empregada na construção de edifícios, especialmente em Cartago e em Roma. O mármore ônix é muito suave; o verdadeiro ônix é um mineral bastante duro.

A palavra portuguesa desse mineral vem do grego, *onuks*. O termo hebraico correspondente é *shoham*. Essa palavra é variegadamente traduzida na Septuaginta, o que reflete certa dúvida quanto à pedra específica em questão. Josefo afirma que o ônix era uma pedra usada no peitoral do sumo sacerdote de Israel (Êxo. 28.20). Para alguns intérpretes, isso fixa a identificação entre o vocábulo grego *onuks* e o termo hebraico *shoham*. Porém, Josefo viveu em um tempo muito posterior à época da confecção das vestes sumo sacerdotais originais para que o seu testemunho seja absoluto.

2.13

Giom. Esse é o segundo rio a ser mencionado como existente nas proximidades do jardim do Éden. Alguns dizem que esse rio cruzava todo o território de Cuxe (Etiópia). Isso significa que era um rio bastante extenso, mas as tentativas de identificação não têm produzido resultado seguro. Alguns intérpretes, no entanto, preferem ligar esse nome à região dos *cassitas*, o trecho montanhoso que ficava a leste da Mesopotâmia. Também provi no *Dicionário* um detalhado artigo sobre a *Etiópia*. Os trechos de I Reis 1.33 e II Crô. 32.30 incluem tal nome no que toca a Israel; mas jamais é dito que o jardim do Éden estivesse localizado ali. O rio Nilo é outra alternativa, embora com pouquíssimas possibilidades.

Giom é palavra que vem do hebraico e significa "irrompimento". Esse nome, além da famosa fonte com esse nome [ver sobre *Giom (Fonte)*], também era a designação de um dos quatro rios que banhavam o Éden, onde Adão e Eva foram criados e postos pelo Senhor Deus. Alguns eruditos supõem que a referência seja a um dos quatro braços de um mesmo rio que atravessava o Éden, rio esse que se dividiria em quatro, após deixar a área para trás. Ver Gên. 2.10-14. Mas outros eruditos pensam que Giom era apenas um canal que ligava entre si os rios Tigre e Eufrates. As alterações geológicas, as mudanças de leito de rios etc. fazem com que qualquer declaração dos estudiosos, quanto a essa questão, seja precária. Os estudiosos liberais simplesmente duvidam da autenticidade de *quatro* rios (dois além dos grandes rios, Tigre e Eufrates) e dizem que o relato sobre o jardim do Éden é mitológico, e que, por isso mesmo, não podemos determinar acidentes geográficos ali existentes. A narrativa bíblica parece falar em um único rio que se dividia em quatro braços menores. O fato, porém, é que os rios Tigre e Eufrates não se originam de um manancial comum, pelo que a topografia local da atualidade não se ajusta a esse antigo relato bíblico. É possível, porém, que algum grande terremoto, ou mesmo a mudança de pólos magnéticos, tenha obliterado completamente qualquer configuração geográfica antiga.

2.14

Tigre. No hebraico, esse rio era chamado *Hidequel*, conforme se vê no texto hebraico desta passagem. Era esse o nome de um dos rios que Moisés afirmou que banhavam o jardim do Éden. Aparentemente, era nome equivalente ao Tigre (ou então, era um nome que os hebreus davam a esse rio). Visto que as descrições dadas aqui não se ajustam à topografia atual, qualquer identificação é simplesmente impossível. Os eruditos liberais supõem que a passagem seja poética e parcialmente imaginária, pelo que nenhuma localização específica teria de ser determinada.

Os intérpretes, com base na quase certeza de que o Hidequel é o Tigre, e com base no fato de que o Eufrates é mencionado de forma absoluta, supõem que o autor sagrado situava o jardim do Éden naquela área em geral, mui provavelmente o moderno *Iraque*.

A planície aluvial da Mesopotâmia (no grego, "entre rios") era a região que ficava entre os rios Eufrates, mais a oeste, e o Tigre, mais a leste.

O rio Tigre começa nas montanhas do Zagros, na porção ocidental do Curdistão. Conta com muitos tributários, entre os quais queremos citar o Zabe Maior e o Zabe Menor, além do Diala. Percorre cerca de mil cento e trinta quilômetros, na direção noroeste para sudeste, até desaguar no golfo Pérsico. Durante muitos séculos, esse rio serviu de fronteira mais oriental dos povos sumérios, um fulcro que punha em contato os elamitas, os sumérios e os indo-europeus. As neves das montanhas do Zagros se derretem e fluem para o sul, fazendo o rio Tigre atingir seu nível maior entre maio e junho de cada ano. Os misteriosos povos "proteufrateanos", cujo caráter só é conhecido pelos estudiosos de maneira muito vaga e imprecisa, aparentemente foram os primeiros a dar nome ao rio. Esse nome, *Idiglate*, foi adotado pelos sumérios e pelos babilônios posteriores, durante vários milênios. Somente mais tarde surgiu o nome Tigre. Tanto Eufrates quanto Tigre são nomes que aparecem na narrativa do Gênesis (2.14). No entanto, no original hebraico temos a forma *hidekel*, correspondente ao semítico *hidigla*, "flecha rápida". No entanto, *digla* é uma forma semítica corrompida de Tigre, o nome medo-pérsico do rio. O nome que atualmente se usa no Iraque é muito parecido com isso, *Dijleh*. Nas inscrições assírias, o nome aparece com a forma de *Tiggar*.

O comprimento total do rio Tigre, que é pouco mais de mil e novecentos quilômetros, desde a mais remota antiguidade vem sendo pontilhado pelas cidades de várias civilizações perdidas. No extremo norte dele viviam os urartu, que emprestaram o seu nome ao monte Ararate, os cimérios (ancestrais, entre outros, dos povos celtas e germânicos, que vieram habitar na parte mais ocidental da Europa, mas com grande representatividade entre os povos eslavos), e, séculos mais tarde, os guti (provavelmente aqueles que, na época dos romanos em diante, foram conhecidos por godos, no caso daqueles que habitavam na península escandinava). Nas encostas dos montes do Zagros podem ser encontrados os restos de antigas localidades pré-neolíticas, como Sanidar e Tepe Gawra, ao mesmo tempo em que os sumérios fundavam cidades como Esnuna, Lagas e outras, que antes floresceram nos lugares onde depois existiram Samarra e Cafaje. A porção sul desse rio, após o fim do terceiro milênio A. C., veio a ser dominada pelos semitas acadianos, cujos governantes estabeleceram-se em Sumer e Agade. Ao norte deles foi surgindo o império assírio. As cidades que serviram de capitais do império assírio, Nínive, Assur e Nimrode, localizavam-se todas às margens desse rio. A planície que havia entre o Tigre e o Eufrates, na sua porção norte, foi ocupada pelos arameus ou sírios.

As antigas alterações do curso do rio Tigre ainda são compreendidas de modo imperfeito, e o trabalho de pesquisas à superfície tem prosseguido por muitos anos. Sabe-se que no período da história registrada, tanto o Tigre quanto o Eufrates mudaram de leito por mais de uma vez, com freqüência, fazendo com que alagadiços verdejantes e terras de pastagem viessem a tornar-se desertos ressequidos. A longa rota de caravanas, ligando a região com o norte da Índia, que cruzava até a costa da Síria-Palestina, seguia o curso do rio Tigre por centenas de quilômetros, até que, finalmente, voltou na direção do rio Eufrates, em Nínive, o que foi uma das razões do grande poder e das imensas riquezas dessa cidade como uma das capitais da Assíria.

O terreno íngreme, os extremos das condições climáticas e a natureza caprichosa do suprimento de água potável requeriam, da parte dos homens, sistemas sociais elaborados e bem estruturados, para que pudessem sobreviver, e para que as cidades às margens dos rios Tigre e Eufrates continuassem florescendo. É possível que essa topografia nada hospitaleira tenha sido o fato

que, mais do que qualquer outro, encorajou o surgimento da civilização mesopotâmica, tão pujante e tão influente sobre a nossa própria civilização ocidental.

Eufrates. No *Dicionário,* provi um artigo detalhado sobre esse importante curso de água desde a antiguidade.

2.15

Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim. O homem estava apenas iniciando a sua carreira. O Pai proveu-lhe uma habitação, por certo um dos principais cuidados que qualquer pai tem com seus filhos. Ver no *Dicionário* acerca do *Teísmo.* Deus criou; Deus cuidava; Deus provia. Isso em contraste com as noções deístas, que pensam que Deus criou o homem mas então abandonou a Sua criação. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Deísmo.* Deus preparou a vida vegetal e, então, fez um trabalho todo especial no jardim do Éden. O homem sempre esteve na mente de Deus.

Este versículo é uma virtual repetição do vs. 8, onde o leitor deveria consultar os comentários. Naquele versículo também provi um artigo geral sobre o *Jardim do Éden.*

Para o cultivar e o guardar. Na ocasião, o homem recebeu um trabalho para fazer. Não foi deixado no ócio. A tarefa do homem era cultivar e tomar conta do jardim que Deus havia preparado. Isso posto, o seu trabalho era feito *para* Deus, um serviço divino. Cada indivíduo tem seu próprio jardim para cultivar e proteger, o que, sem dúvida, é uma das lições espirituais sugeridas neste texto. Idealmente, cada ser humano tem uma missão ímpar a cumprir. Sua vida deveria ser vivida de tal maneira que ele descobrisse essa missão e então a cumprisse. Ver meus comentários, no fim de Gên. 2.3, que cabem bem aqui.

Cada Indivíduo é um Jardineiro. Toda pessoa tem algo de importante para amar e para cuidar. Há um nobre serviço a ser realizado. Seu plantio medra como as flores e as árvores. Ali está tudo, e pode ser visto. Podem ser coisas dotadas de beleza para que ela mesma e outras pessoas possam contemplar. Esse plantio produz fruto. É útil para ela mesma e para outras pessoas. Cada indivíduo tem a responsabilidade de cultivar a tarefa que Deus lhe deu. Jesus apreciava os lírios do vale (Mat. 6.28). O próprio reino cresce como uma semente de mostarda (Mat. 13.31). O homem diligente deve ser como um semeador que, cheio de entusiasmo, sai para cumprir a sua tarefa (Mat. 13.3). Deus andava e conversava com o homem no jardim do Éden. Ele está sempre perto para ajudar e inspirar ao homem honesto que quer cumprir bem a sua tarefa. Cada missão tem uma *provisão* divina para que seja devidamente levada a efeito. Deus preparou o jardim; em seguida, preparou o homem; e também garantiu a sua fertilidade.

Aben Ezra referiu-se à necessidade de proteger o jardim do Éden das feras. Elementos estranhos que impedem a tarefa devem ser evitados ativamente. Nenhuma missão deixará de ter sua cruz para ser suportada; mas algumas vezes as pessoas vivem descuidadamente, permitindo que elementos prejudiciais venham atrapalhar.

"Mesmo estando no estado de inocência, não podemos conceber que o homem poderia sentir-se feliz, se ficasse *inativo.* Deus lhe deu um trabalho para fazer, e sua atividade contribui para a sua felicidade" (Adam Clarke, *in loc.*).

A Árvore Proibida (2.16,17)

Foi estabelecida uma limitação. O homem ainda não estava pronto para todo e qualquer tipo de conhecimento, especificamente naquela ocasião, o conhecimento do bem e do mal. A árvore proibida proveu o homem com a oportunidade de agir livremente com bons intuitos e com justiça. Ele ainda não havia testado o seu livre-arbítrio. Tudo fora providenciado para ele. Mas certas coisas tinham sido proibidas. Mesmo em seu estado de impecabilidade e inocência, não dispunha de recursos interiores que lhe permitissem passar no teste. E é aqui que entramos em um dos aspectos do *problema do mal,* sobre cujo assunto ofereço um artigo detalhado no *Dicionário.*

Deus forçou uma tentação que, segundo Ele *sabia,* não poderia ser enfrentada com sucesso pelo homem, pelo que ele *permitiu* (ou *causou*) que entrasse no paraíso terrestre. Isso levanta difíceis indagações teológicas que abordo no artigo acima mencionado. É claro que supomos que a queda dos anjos já tivera lugar, pelo que a queda do homem foi apenas uma extensão daquela rebelião angelical. Só nos resta pensar que para Deus havia algo mais importante do que preservar o estado de impecabilidade do homem. Esse *algo* por certo era a redenção e a salvação. É mister que o homem seja levado à plena participação da *imagem* de Deus. Isso só pode ser realizado se o pecado for enfrentado, se o homem cair no pecado, se o homem for redimido do pecado, para então ser transformado segundo a imagem de Deus, no seu sentido mais pleno e literal. Ver o artigo sobre a *Imagem de Deus, o Homem Como,* no fim dos comentários sobre Gên. 1.26 quanto a explicações. Após levarmos em conta essas coisas, nem assim teremos resolvido os problemas teológicos envolvidos. O que poderia ser dito eu já disse no artigo acima referido.

2.16

De toda árvore. Presumivelmente, até da árvore da vida, que teria garantido ao homem a imortalidade. A capacidade de previsão de Deus, todavia, não O levou a "temer" essa finalidade. Ele sabia que o homem cairia e se tornaria um ser mortal. Logo, a imortalidade seria provida por meio da salvação, mediante a transformação da alma, e não através de uma eterna preservação do corpo físico.

E lhe deu esta ordem. No hebraico temos o verbo *sawah,* o primeiro uso bíblico do termo, assinalando o primeiro mandamento dado por Deus ao homem. Dizia respeito à vida e à morte, ao bem e ao mal, ao uso apropriado do livre-arbítrio. Esse mandamento de Deus acabou por desdobrar-se na *Lei,* e então na doutrina de Cristo, onde o amor é o mandamento supremo e todo-controlador. Deus tem autoridade. Ele *ordena.* Mas tudo visa sempre ao bem do homem. Seus decretos não são destrutivos, a menos que o homem os force a serem assim. Os mandamentos de Deus são específicos e diretos. Ao homem foi conferida a iluminação apropriada para que tivesse uma boa conduta.

2.17

Esta seção provê a resposta do autor sacro sobre como o mal teve início. Muitos estudiosos têm-se sentido infelizes diante da simplicidade e da aparente ingenuidade da questão toda. O pecado realmente entrou desse modo no gênero humano? Os antropólogos pensam que o pecado e a má conduta do homem se devem à sua herança animal. A civilização seria um meio para melhorar o homem selvagem, o qual é selvagem devido à sua herança animal. O livro de Gênesis oferece razões espirituais para a corrupção humana, e assim prepara-nos para compreender melhor as operações espirituais da redenção.

Árvore do conhecimento. Ver o artigo sobre esse assunto, em Gên. 2.9. Os críticos vêem aqui um pouco de mitologia. Alguns eruditos conservadores aceitam a passagem alegoricamente. Mas outros insistem sobre o caráter literal da árvore, embora não façam nenhuma sugestão lógica de por que, ao comer daquele fruto, o homem poderia receber conhecimento. Não nos devemos deter em debates, perdendo assim de vista os claros ensinamentos espirituais do trecho. Nenhum paraíso está isento de seus problemas ou complicações. O pecado agachava-se, ameaçador, mesmo quando o homem era inocente. Sempre haverá testes. O mal é real, e não relativo. O homem caiu no pecado da maneira mais ignorante e estúpida. Sem embargo, aquilo foi uma necessidade, de uma maneira que não podemos entender, a fim de que a redenção e a salvação pudessem ser outorgadas, levando-nos muito além do estado original de inocência. Desse modo, chegamos a compartilhar da imagem de Deus, por meio de Cristo, o qual é o nosso Irmão mais velho. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Problema do Mal.*

Certamente morrerás. Os eruditos cristãos vêem aqui tanto a morte física quanto a espiritual, ambas as coisas efeitos da queda no pecado. Alguns intérpretes supõem que só a morte física está em pauta, visto que o autor sacro não antecipava a doutrina da alma — a única entidade passível de morte espiritual. Ver meus comentários sobre essa questão em Gên. 1.26,27 e 2.7. Tem sido motivo de debate até que ponto a imagem de Deus foi desfigurada no homem por causa da queda. Comento sobre esse ponto no artigo sobre a *Imagem de Deus, o Homem Como,* que aparece no fim dos comentários sobre Gên. 1.26.

Será Justo? Os comentadores debatem-se diante da presença dessa árvore no paraíso. Ela estava ali a fim de que seu fruto pudesse ser desejado. Mas ao homem foi proibido participar do mesmo. Alguns intérpretes caem no erro do *Voluntarismo* (ver o artigo a respeito no *Dicionário*). Esse erro ensina que uma coisa é boa porque assim Deus quer, e não por ser ela inerentemente boa. Deus proibiu; ao homem cabia obedecer cegamente. Mas outros alegorizam a questão, vendo aí uma inevitável tentação ao pecado, que Deus *permitiu* a fim de submeter a teste as qualidades espirituais do homem. Testar é algo necessário a fim de comprovar a força, falando-se física e espiritualmente. Testar também é necessário para desenvolver habilidades e para o crescimento.

Criação da Mulher (2.18-25)

O Homem Precisa de Companhia (2.18-20)

2.18

Não é bom que o homem esteja só. . . O autor sacro interrompeu seu relato que estava mostrando como o mal foi introduzido entre os homens. Mas aqui ele começa a explicar como foram criados homem e mulher. Em Gên. 1.27,

temos apenas uma declaração geral de que Deus criou o ser humano como homem e mulher. O segundo relato da criação fornece-nos o *modus operandi*. De novo, os críticos vêem aqui muito material mitológico, tomado essencialmente por empréstimo do folclore babilônico. E, uma vez mais, os conservadores dividem-se em simbolistas e literalistas. Deus criou a mulher, mas o episódio sobre a costela deve ser alegorizado e espiritualizado. Ou então, como alguns dizem, devemos aceitar a questão como um relato literal. Busquemos as lições espirituais do trecho, e não nos deixemos arrastar para o lodaçal do mero debate.

Companheirismo. Platão mencionou o mito cru de como, originalmente, homens e mulheres formavam um único ser, uma combinação de macho e fêmea. Mas os deuses não gostavam dessa combinação e, então, os separaram, deixando-os sempre a buscar um ao outro. E assim, conforme ele ajuntou, de cada vez em que vemos um homem e uma mulher abraçando-se, podemos estar certos de que eles estão tentando unir-se de novo. Esse mito é ridículo, embora disponha de alguns defensores sérios. Por outra parte, a lição que o caso ensina é vital. Alguns ensinam, por esse motivo, a doutrina das *almas gêmeas*, ou seja, a idéia de que, originalmente (de alguma maneira inexplicável), certo homem e certa mulher eram, de fato, um único ser. E, visto que o conceito envolve a idéia da reencarnação, ao longo da vereda da vida eles se encontram de novo e são instantaneamente atraídos um pelo outro. Um homem vive buscando sua alma gêmea; e uma mulher faz a mesma coisa. Sem importar se essa idéia corresponde ou não à realidade, ela pelo menos ensina uma importante verdade: o homem precisa de uma companheira idônea; e a mulher precisa de um companheiro idôneo. A idéia do *hermafroditismo* é ridícula, embora contenha uma urgente verdade. As pessoas casadas vivem por mais tempo; elas são dotadas de uma melhor psicologia; os seus sistemas vitais funcionam melhor; há menos frustração sexual; há amor e companheirismo nelas. Não, não é bom que o homem viva só. Embora o texto nada tenha que ver com o celibato do sacerdócio católico romano, ainda assim indica quão equivocado é aquele sistema, excetuando nos casos em que esse celibato é *voluntário*. De acordo com a mitologia grega, *Hermafrodito* era filho de Hermes e de Afrodite. Após ter amado a ninfa Salmacis, ficou tão apaixonado que se uniu a ela formando um único corpo, combinando assim os dois corpos e os dois seres. Esses mitos transmitem a mesma lição que nos ensina o trecho de Gênesis 2.18.

Interpretando a Existência. As coisas só estão certas, dentro do universo, quando se relacionam devidamente ao Criador. Essa é a mensagem central da história da criação. Uma lição secundária é que as coisas só são certas na terra quando cada homem tem sua companheira, e cada mulher tem seu companheiro. Essa é uma das bases do desenvolvimento mútuo. Temos aí os primórdios da instituição do matrimônio.

Uma Auxiliadora. Essa não é uma palavra aviltante. É enobrecedor alguém ser ajudante em alguma causa justa. A Bíblia não ensina igualdade absoluta entre homem e mulher, mas também não rebaixa a mulher. Quase todos os *homens* são secundários diante de alguém. Os homens fazem parte das coisas, e não são a totalidade. Por igual modo, uma mulher encontra seu justo valor quando se posta ao lado de um homem bom. "O amor é um jubiloso conflito de duas ou mais pessoas livres e autoconscientes que se regozijam nas individualidades umas das outras" (G. A. Studdert-Kennedy). O lar provê um lugar ideal para essa expressão de amor e unidade, mediante a individualidade.

A Importância do Sexo. O sexo faz parte do casamento, e alguns intérpretes têm a coragem de discutir isso. O sexo é fundamental para os seres humanos. Não podemos desvencilhar-nos dele e nem ignorá-lo. Os essênios experimentaram o celibato. Jesus e Paulo eram celibatários, e Paulo chegou a recomendar essa condição. A Igreja Católica Romana oficializou o celibato no caso do seu clero. Mas o sexo foi uma ordenação divina para as massas, e um indivíduo precisa ser chamado por Deus para a vida celibatária, e não forçado a aceitar a condição. No *Dicionário* ofereço um detalhado artigo intitulado *Celibato*. Ver também o artigo intitulado *Sexo*.

2.19

Havendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todos os animais. Isso reitera Gên. 1.20 ss. Mas agora o propósito é contar como as coisas receberam seus nomes. Deus entregou ao homem essa tarefa. Metaforicamente, o texto ensina como o homem exercia domínio sobre a criação terrestre (Gên. 1.26). O *nome* de uma coisa qualquer traz essa coisa à nossa mente. Quando Adão deu nomes às coisas, ele determinou como elas deveriam ser e como deveriam funcionar, ou, pelo menos, essa é a noção aceita por alguns intérpretes. Provavelmente temos aí um exagero que o autor sagrado não antecipou. Mas sem dúvida ele estava pensando acerca do domínio do homem sobre a criação inferior.

A Inteligência do Homem. O homem mostrou estar à altura da grande tarefa que recebeu. Sem dúvida essa é uma das lições espirituais do texto. Supomos que a formação da linguagem, quanto à extensão do vocabulário, também é algo enfatizado no texto. Diz o autor sacro que a linguagem cresceu juntamente com Adão. Ridiculamente, os intérpretes judeus diziam que a língua original foi o hebraico, e pensavam neste texto como prova dessa noção. Ver o artigo geral no *Dicionário* sobre o verbete *Língua*. Platão diz que os primeiros nomes das coisas foram determinados pelos deuses (*In Cratylo*, apud. Euseb. Praepar. Evangel. 1.11. c.6), e Cícero declarou algo similar.

Deve-se presumir que um homem só poderia cumprir essa tarefa se fosse dotado de grande e *inerente* conhecimento da natureza, da biologia e da zoologia. Concluímos, pois, que o homem foi criado com conhecimento inerente e com idéias inatas, de acordo com este texto. O homem descobriu muitas aplicações de seu conhecimento, e assim as ciências tiveram início.

A Ausência de Companhia. Os animais passaram diante de Adão, e ele lhes deu nome. Eles sempre apareciam aos pares. Mas ele estava sozinho. Assim sendo, este versículo aponta para a necessidade da formação da mulher. Nessa questão de companheirismo, o homem, naquele momento, era inferior aos animais inferiores.

Os críticos opinam que a tarefa referida neste versículo é algo impossível e mitológico. Os estudiosos conservadores, como sempre, dividem-se em alegoristas e literalistas.

2.20

Deu nome o homem a todos. Adão cumpriu bem a sua tarefa, aplicando seu notável conhecimento. Mas, enquanto ele ia dando nome aos animais, que passavam aos pares, não aparecia nenhuma companheira para ele. Ele percebeu isso; Deus já sabia do fato, e logo remediou a situação.

A Formação da Mulher (2.21-25)

2.21

Fez cair pesado sono. O texto frisa um sono sobrenaturalmente imposto, que vários elementos químicos, em tempos modernos, também podem produzir. Os primeiros usos desses agentes foram aprovados por pessoas religiosas porque Deus "havia aberto o caminho". *Deus evitou uma dor desnecessária.* Uma intervenção cirúrgica sem anestesia teria sido dolorosa para Adão. Deus teve misericórdia dele. A misericórdia faz parte da provisão divina universal, sendo aplicada de inúmeras maneiras.

Uma das suas costelas. Ver o artigo sobre *Eva*, em Gên. 3.20. O relato sobre a costela, no livro de Gênesis, tem paralelo no folclore sumério. Discuto isso com detalhes no artigo sobre *Eva*, em sua quarta seção, pelo que não repito o material aqui. Os críticos vêem nisso apenas mitos. Os estudiosos conservadores dividem-se entre os que alegorizam e os que interpretam literalmente o versículo. O debate pode enevoar os sentidos espirituais do texto sagrado. Alguns desses significados aparecem abaixo:

1. Deus trouxe uma companheira idônea a Adão. Acerca disso comentei longamente no vs. 18.
2. Deus usou de misericórdia, e não infligiu dor desnecessária a Adão.
3. Há provisões para todas as nossas necessidades, provisões essas que começam em Deus, o qual é a fonte de toda bondade e riqueza (Tia. 1.17).
4. É enfatizado o relacionamento íntimo entre o homem e a mulher. Deus não formou a mulher a partir da argila, como se deu no caso do homem. Ela veio como parte dele. Essa parte foi extraída por Deus de Adão, e então dali foi formada a mulher.
5. A mulher foi a *obra-prima* de Deus, conforme concordam todos os intérpretes masculinos!
6. Deus *fechou de novo a carne* depois de ter extraído a costela de Adão. Sua obra foi completa. Ele não fez um trabalho parcial. Nisso Ele nos serve de exemplo. O sacrifício pode ser algo necessário para trazer à fruição certos projetos nobres. Deus não deixou nenhuma cicatriz. Seu trabalho foi perfeito.
7. *Teísmo.* Declara que Deus está com o homem. Deus jamais abandonou a Sua criação. Ele provê o necessário para cada necessidade. Ver no *Dicionário* o artigo sobre o *Teísmo*.

Vãs Especulações. Alguns têm dito que antes o homem tinha treze costelas, mas agora tem somente doze. A genética teria transmitido a redução. Antigos e modernos intérpretes, às vezes, envolvem-se em especulações triviais como essa.

Os críticos pressupõem a natureza ingênua e mitológica do relato. Os eruditos conservadores dividem-se nos campos alegórico e literal, tanto entre os mais antigos como entre os mais recentes.

2.22

A costela. . . transformou-a numa mulher, e lha trouxe. Meus comentários sobre o vs. 21 cobrem todos os elementos aqui constantes, exceto a conclusão da obra-prima, que foi então apresentada ao boquiaberto homem! As alegorias incluem a observação de que a mulher não foi feita de alguma porção inferior do corpo do homem, nem de alguma porção superior, mas do seu *lado,* para que ela sempre estivesse ao lado dele, como sua companheira. Não há que duvidar de que está em foco a idéia da *união espiritual,* e não apenas alguma união social e biológica. A mulher não foi *criada.* Ela foi formada do homem e para o homem.

E lha trouxe. A provisão divina suprira a necessidade. Deus traz até nós aquilo de que precisamos, quando o necessitamos. O texto institui o matrimônio. Deus uniu o casal. No *Dicionário* ver o artigo sobre o *Matrimônio.* O casamento é uma instituição divina. Agora viera à existência a primeira família. O desejo sexual fazia parte da instituição humana. Os homens pervertem tudo, mas isso não anula a bondade inerente das coisas. Essa união veio a tornar-se símbolo de Cristo e de Sua Igreja (Efé. 5.29-32). Há na questão elementos místicos, porquanto a união espiritual faz parte da união física. Aquele que criou os céus e a terra também fez as coisas menores. O mesmo poder reside em todos os labores de Deus, e a bondade assinala todos eles.

Mulher. Ver os comentários a respeito no vs. 23.

2.23

Osso dos meus ossos e carne da minha carne. Adão aprovou a obra de Deus, e reconheceu a profunda comunhão que haveria de ter com aquela magnífica criatura feminina. O mesmo poder divino que havia cumprido a tarefa fez Adão tomar consciência de sua perfeição. A mulher fora formada já equipada com o poder da reprodução, pelo que aquela obra-prima não precisava ser repetida.

Tomada. No original, "edificada", o que nos fornece o quadro de um artífice celeste que usou de seu tempo e de suas habilidades com todo o cuidado. A mulher não resultou de uma obra apressada. Nossas mais bem-feitas tarefas são aquelas que requerem tempo e sacrifício, exigindo todo o nosso conhecimento e persistência. A preguiça anula muitos bons empreendimentos. Adão precisou sacrificar uma parte de si mesmo a fim de que algo maior e melhor fosse formado daquela parte.

Nossas melhores realizações são sempre as que exigem mais de nossa parte. Mas Deus garante o bom resultado dos esforços envidados sacrificialmente. Deus abençoa esse tipo de dedicação pelo qual o homem se sacrifica. "A linguagem antropomórfica desses primeiros capítulos faz parte daquela condescendência diante da debilidade humana, tornando-a a regra geral da inspiração, usando uma linguagem popular" (Ellicott, *in loc.*). Ellicott dava apoio à interpretação conservadora alegórica do texto. As lições espirituais, como aquelas encerradas no presente texto, atuam através da comunicação por meio da linguagem humana. Mas os empreendimentos espirituais devem ter lugar no mundo real.

Mulher. No hebraico, *isha,* ou seja, tomada do *ish* (homem). Literalmente, o termo significa *homem-ela,* ou seja, "do homem". A Vulgata Latina contém a tradução *virago,* em imitação ao vocábulo hebraico, pois o latim é a forma feminina de *vir* (homem).

2.24

Deixa o homem pai e mãe, e se une à sua mulher. A instituição do matrimônio, iniciada por Deus, requer o sacrifício de caminhos antigos. Quantos empreendimentos têm sido deixados de lado porque a pessoa envolvida não pode impedir-se de olhar para trás? Lembremo-nos da esposa de Ló. Deixar o antigo para lançar-se ao novo é a primeira e grande garantia de sucesso. Um homem dividido entre mãe e esposa acha-se sobre um alicerce muito fraco. Acabará não agradando a nenhuma das duas, e ambas serão infelizes com ele. Disse Adão: "Considere o modo como eu tive de fazer isso. Eu tinha somente a minha esposa". Assim também qualquer outro homem, quando se casa, tem apenas a sua esposa. Visitas vindas de membros da antiga família serão suficientes.

O que Esse Ensino Não Envolve. O autor sagrado não nos encoraja a sermos negligentes no tocante a nossos pais. Continuemos a servi-los, na medida do possível. O amor filial continuará rebrilhando. Mas ele diz: "Sai da casa de teus pais!". Uma mãe é como a terra natal de um homem. Uma esposa é como um país para onde ele migrou. Ninguém pode viver em dois países ao mesmo tempo. Tal homem ama a ambos, mas sua presença física manifesta-se na sua nova pátria.

"Por ordem de Deus, haverá uma conexão mais íntima, entre o homem e a mulher, do que pode subsistir até mesmo entre pais e filhos" (Adam Clarke, *in loc.*).

Uma só carne. Essa afirmação tem sido entendida de várias maneiras, como segue:

1. Marido e mulher devem ser tidos como *um só corpo,* em uma verdadeira comunhão de bens, onde nenhum tem direitos separados ou independentes, nem privilégios, nem cuidados, nem interesses: antes, compartilham de tudo, estão interessados pelas mesmas coisas e têm os mesmos alvos. Aristóteles dizia que os verdadeiros amigos são dois corpos com uma só mente; e esse sentimento aplica-se aqui.
2. Vivem para a *produção* de uma carne, uma referência ao dever e privilégio que têm de se reproduzirem segundo a sua espécie.
3. O termo pode expressar união espiritual. Os dois tornam-se uma única pessoa, embora possuidores de dois corpos. Sua união, pois, é uma união de almas.
4. "A união entre os dois é tão íntima que é como se fossem uma só pessoa, uma só alma, um só corpo, o que faz contraste com a poligamia, o divórcio ilegítimo, toda espécie de imundícia moral, fornicação e adultério" (John Gill, *in loc.*).
5. A esposa é o "ego-fêmea" do esposo, a sua hetero-identificação.

Usos Deste Versículo no Novo Testamento. Jesus (Mat. 19.5) utilizou este versículo para combater o divórcio, pois quem pode separar aquilo que Deus juntou? Deus junta; o homem separa. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Divórcio.*

Paulo (citando indiretamente) usou o sentimento do versículo a fim de proibir a prostituição, visto que o princípio de *uma só carne* que deve prevalecer no matrimônio é violado pela intrusão de uma terceira pessoa. Em Efésios 5.31, esse apóstolo citou diretamente o versículo. Primeiro usou-o para indicar o casamento literal, e, em seguida, o casamento espiritual de Cristo com a Sua Igreja. Em ambos os casos, ele partiu do pressuposto de alguma espécie de comunhão mística, no âmbito da alma, que une os casais, bem como Cristo à Sua Igreja, o que o vs. 32 dá a entender por meio do termo *mistério.*

2.25

Estavam nus, e não se envergonhavam. "Sentiam-se à vontade um com o outro, sem temerem exploração ou potencialidade para o mal" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Nus. Alguns supõem que Adão e Eva tinham uma espécie de campo de luz ou aura em torno de seus corpos. Mas o texto sagrado não dá nenhum indício disso. A maior parte dos eruditos admite total nudez (sem nenhum pejo). Platão dizia algo similar acerca dos primeiros homens, produzidos da terra (em *Politico,* apud Euseb. Praepar. Evan. 1.12 c.13). A nudez, naturalmente, sugere a *impecabilidade.* Após a queda, eles tentaram cobrir a sua nudez. Provavelmente, um aspecto dessa impecabilidade não envolve a consciência e as paixões produzidas pelo desejo sexual descontrolado. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Nu, Nudez.*

"Houve tempo em que os homens podiam manter-se de pé diante de Deus, sem nenhum embaraço. Mas, depois do pecado, envergonhavam-se culposamente tanto diante de Deus quanto na presença uns dos outros. Mas as folhas de parreira que tentaram coser não foram o bastante. Em última análise, *o próprio Deus* precisa vesti-los com aquilo que envolve dor, sangue e sacrifício" (Walter Russell Bowie, *in loc.*).

SETE PERÍODOS DISTINTOS DA HISTÓRIA DE ISRAEL

1. De Abraão ao êxodo: Gên. 12 – Êxo. 1.22.
2. Do êxodo até a morte de Josué: Êxodo, Josué.
3. A época dos Juízes: desde a morte de Josué até o início da monarquia: Juí. 1.1 – I Sam. 10.24.
4. Da monarquia até os cativeiros: I Sam. 11.1 – II Reis 17.6.
5. Os cativeiros (assírio para Israel; babilônico para Judá): Ester; partes históricas de Daniel.
6. A comunidade restaurada; o fim dos 70 anos na Babilônia; o retorno do remanescente; a construção do Segundo Templo; o cativeiro romano, de 132 A.C. até nossos dias.
7. O milênio (os livros proféticos).

AMPLA VARREDURA DA HISTÓRIA NO ANTIGO TESTAMENTO

Capítulo Três

Queda do Homem (3.1-24)

O Homem Alienado de Deus. O autor sagrado tenta descrever outro princípio. É óbvio que o homem caiu no pecado, a menos que concordemos com os antropólogos, que supõem que a natureza pervertida do homem é meramente resultante de seu passado animalesco. A fera selvagem tornou-se o homem salvagem. As cosmologias antigas, entretanto, que pintam o homem como uma espécie distinta dos animais, emprestam-lhe uma queda distintiva. Platão pensava que a queda humana ocorrera através tanto da curiosidade quanto de certa tendência interior para a perversão, que o homem resolve satisfazer.

O relato da queda do homem, no livro de Gênesis, tem paralelo na mitologia babilônica, conforme demonstro nos artigos *Jardim do Éden; Eva* e *Criação.* Ver também o artigo intitulado *Origem do Mal*, o qual é instrutivo quanto à questão da queda do homem, incluindo um sumário de ensinos bíblicos sobre o assunto (em sua terceira seção).

A Queda Primitiva dos Anjos. Alguns intérpretes judeus situavam essa queda no segundo dia da criação (Gên. 1.6-8), por ser esse o único dia em que não há o comentário de que Deus viu que isso era bom. Mas essa é uma observação trivial. Os trechos de Isa. 14.22 e Apo. 12.14 favorecem a idéia da preexistente queda dos anjos, antes da criação física. Alguns pais alexandrinos da Igreja acreditavam na preexistência da alma humana, pensando que a queda espiritual do homem tivera lugar junto com a queda dos anjos. Nesse caso, isso foi transferido para a esfera terrena, quando o homem recebeu um corpo físico.

A História Modelo da Tentação. À medida que avançarmos na exposição, descobriremos que estamos manuseando uma história modelo da tentação, cujos fatores são verazes no caso de qualquer época da história humana. Ver um *sumário* sobre esses fatores em Gên. 3.24.

A Árvore da Vida Também é Proibida. Segundo se vê em Gên. 2.16,17, a proibição era aplicável somente à árvore do conhecimento do bem e do mal. Mas Gênesis 3.22 expande essa proibição, por implicação, para a outra árvore, a da vida. Alguns intérpretes supõem que essa extensão tenha-se originado no folclore babilônico, e não na versão original do autor sagrado. Porém, o sentido desse versículo pode ser que, uma vez no estado pecaminoso, teria sido um erro imenso que o homem fosse imortalizado. Uma vez que ocorreu a queda, a imortalidade teria de operar através da espiritualidade do homem, e não através de seu estado corpóreo.

O vs. 22 implica em certo "temor", da parte de Deus, de que o homem viesse a tornar-se "como um de nós", ou seja, dotado de pleno conhecimento do bem e do mal, além de tornar-se imortal, em seu estado pecaminoso. A remoção do primeiro casal do jardim do Éden pôs fim a essa ameaça. Alguns estudiosos pensam que essa ameaça era contra a *supremacia* de Deus, e outros ajuntam que isso se derivaria dos mitos babilônicos. Todavia, talvez não devamos pensar em supremacia, e, sim, na obtenção da imortalidade no estado pecaminoso, uma situação simplesmente intolerável. Destarte, o homem tentaria aproximar-se de Deus pelo lado errado. O evangelho é que provê o caminho certo de abordagem.

3.1

A Alienação do Homem. Na teologia, a crença de que o homem caiu, e, em conseqüência, tornou-se um ser alienado, carente de restauração, reconciliação e salvação. A teologia localiza a alienação do homem em sua condição moral, provocada pela sua revolta espiritual (Rom. 3.9 ss.). O modernismo e todos os tipos de liberalismo, abandonando a explicação sobrenatural da alienação humana, retrocederam para um evangelho social, cujo intuito é ajudar o homem a assumir o seu lugar em uma sociedade utópica. À medida que guerras, pobreza, ódio e violência generalizada embotam essa visão, a neo-ortodoxia postula um abrigo na reação existencial interna do homem à realidade transcendental. Entrementes, o homem não pode entender esse tipo de conceito, e continua alienado. O existencialismo declara que a alienação é uma piada da natureza, por ser a *própria substância* do não-sistema mundial. O cosmos seria apenas uma existência caótica e irracional; através da "piada" da evolução, fomos envolvidos nesse caos. O homem só pode vencer a alienação forçando os seus próprios valores sobre este mundo amoral.

A Bíblia oferece uma declaração mais esperançosa. O homem caiu, mas Deus não o abandonou. O homem retém a imagem de Deus, e a imagem *espiritual* de Deus continua podendo ser implantada nele. A missão de Cristo no mundo teve por finalidade reverter todos os vestígios da queda, além de conferir a genuína imortalidade, por meio da qual os homens podem vir a compartilhar da natureza divina (II Ped. 1.4)

Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos. Os intérpretes judeus posteriores diziam que a serpente era o diabo disfarçado (daí a declaração cristã, em Apo. 12.9 e 20.2). Mas essa doutrina surgiu relativamente tarde nas crenças judaicas. Temos diante de nós uma *serpente*, classificada entre os "animais selváticos", e não entre os seres sobrenaturais. No entanto, Gên. 3.15 certamente demonstra que *algum* grande princípio maligno pulsava por trás da serpente. Esse versículo dificilmente fala sobre uma *mera* serpente literal. Para se livrarem do problema de serpentes que falam, muitos intérpretes antigos e modernos preferem pensar em uma história alegórica. Mas alguns estudiosos conservadores pensam que Satanás é capaz de agir por intermédio de serpentes vivas.

O texto dá a entender que essa serpente não era como as que conhecemos hoje. A serpente teria sido *reduzida* a sua atual forma humilde como um juízo divino contra a espécie, por ter-se envolvido na queda do homem. Alguns intérpretes têm chegado a imaginar uma serpente capaz de caminhar, mas que veio a perder as pernas, sendo forçada a arrastar-se à superfície do solo. Algumas vezes, a fé acredita em algo que simplesmente não é verdade, e penso que muitas das explanações do texto presente requerem *esse tipo* de fé.

Mais sagaz. O texto pinta a serpente como o mais inteligente de todos os animais irracionais. É verdade que provérbios e ditos populares afirmam que a serpente é sagaz, embora maliciosa. Adam Clarke (*in loc.*) simplesmente não conseguia ver como a serpente poderia ser sagaz, nem agora nem primitivamente. Assim sendo, ele propôs que o animal em foco seria alguma espécie de *símio.* Não há que duvidar de que os símios são mais inteligentes que as serpentes, mas ninguém haverá de levar a sério Adam Clarke, neste ponto. Clarke descobria evidências em palavras árabes (um idioma cognato ao hebraico), em favor dessa especulação. John Gill (*in loc.*) admitia que as serpentes podem fazer alguns truques sagazes, mas afirmava que a raposa é mais inteligente que ela. E encontra a solução dizendo que *aquela serpente*, embora não a espécie inteira, era sagaz. Mas isso não se ajusta ao fraseado do versículo. Outros supõem que a inteligência da serpente envolvida foi *dada* por Satanás, que a empregou com tanta astúcia. Mas isso também não se ajusta bem ao fraseado do versículo. Ellicott (*in loc.*) pensa que é inútil falar sobre serpentes inteligentes, em confronto com outros animais, e afirmou que é melhor deixar "sem resposta" perguntas dessa ordem, sem importar se aceitamos o ponto de vista alegórico ou literal sobre o texto.

O Caminho da Tentação. O *primeiro* passo dado nesse caminho é que algo inteligente, racional ou respeitado. . . torna-se um *instrumento* na tentação de pessoas.

É assim que Deus disse. . .? O *segundo* passo no caminho da tentação é que a autoridade respeitada e de confiança, que tenta, contradiz a ordem divina, procurando anulá-la por raciocínios falazes. Essa autoridade é um *mentiroso* sutil. Não beneficia realmente o homem, embora finja fazê-lo. Um Deus de bondade poderia mesmo negar a você essa coisa tão boa? A bondade de Deus é posta em dúvida. Busque a sua própria felicidade. Não se restrinja àquilo que, presumivelmente, Deus disse. Satanás, desde o princípio, é homicida e mentiroso (João 8.44). A serpente não mentiu devido à falta de informações. Mas enganou deliberadamente a mulher. Ver o artigo geral no *Dicionário* intitulado *Satanás.*

3.2

Podemos comer. A mulher não havia entendido mal as instruções divinas. Antes, repetiu a instrução recebida. Podemos pensar que esse é o *terceiro* passo na tentação. Por muitas vezes, as pessoas caem em tentação sob a plena luz do conhecimento. Há tentações sutis que assaltam de súbito as pessoas. Usualmente, porém, sabemos a natureza do mal que estamos prestes a cometer.

A serpente não pareceu repulsiva à mulher. Ela dizia coisas lógicas. A mulher sabia quais eram as instruções de Deus. Embora Eva tivesse falado em ter sido "enganada", parece que sua dificuldade estava em sua *fraqueza* interior, em meio mesmo à sua inocência.

3.3

Disse Deus. *Aquela* árvore, a do conhecimento do bem e do mal, fora proibida por ordem divina. De acordo com alguns críticos, o vs. 22 amplia essa proibição à árvore da vida, e isso concorda com a versão da história segundo o folclore babilônico. Pelo menos neste ponto (vs. 3), o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal estava fora de cogitação.

Nem tocareis nele. Alguns eruditos pensam que a mulher *adicionou* isso à proibição divina, visto que esse item não é mencionado antes. Mas há quem suponha que temos aí um detalhe simples, sem maior significado, adicionado pelo autor sacro. Se foi a mulher quem fez tal adição, então podemos considerar isso um *quarto* passo no caminho da tentação. Os homens *fazem adições* à Palavra

de Deus, pervertendo-a ou dificultando a obediência a ela, e isso só aumenta o peso da tentação. O grande exemplo clássico de adição à Palavra de Deus é a dos fariseus, que acrescentavam à lei tantos mandamentos, positivos e negativos, que ninguém à face da terra era capaz de suportar a carga.

Para que não morrais. Ver Gên. 2.16,17 onde fora dado esse mandamento, e onde apresento notas completas a respeito. O pacto edênico era condicional. O homem tinha várias responsabilidades, e tinha de realizar certas coisas positivas. Mas havia uma única coisa que ele **não podia fazer.** Contudo, embora inocente, não foi capaz de evitar a única coisa que lhe fora vedado fazer. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pactos* (o oitavo), e também *Pacto Edênico*, nas notas sobre Gên. 1.28.

O autor sacro tentou aqui explicar a origem da *mortalidade*. Ele não entendia que o homem já fora criado mortal, ou que evoluíra como tal. Simplesmente aceitava que um ser criado por Deus não poderia ser mortal. Os antropólogos e os críticos em geral supõem que a mortalidade do homem é uma simples conseqüência da mortalidade animal. Mas o autor sagrado busca uma resposta divina para esse problema humano.

3.4

É certo que não morrereis. Temos aqui o *quinto* passo no caminho descendente da tentação. A *autoridade respeitada* contradiz abertamente a Palavra de Deus e instila uma dúvida fatal na mente da pessoa tentada. Se no vs. 1 vemos a serpente *dando a entender* que a proibição divina não deveria ser levada a sério, aqui vemo-la a apresentar astutamente uma ousada contradição com àquela injunção divina.

A Autoridade Respeitada. Desde o início da história das culturas antigas, vemos que a serpente não somente era respeitada, mas até adorada. O deus egípcio Thoth atribuía qualidades divinas à serpente ou ao dragão. Cneph era o deus-serpente na concepção dos egípcios. Na mitologia fenícia, a serpente representava um demônio benévolo, um deus de classe inferior. Heródoto mencionou várias serpentes sagradas entre os povos que ele investigou. Justino Mártir mencionou pinturas pagãs que retratavam deuses-serpentes (*Apol.* 2 par, 71). A teologia judaica posterior fez a serpente da história da tentação significar o próprio *Satanás,* sendo ele o "deus deste século" (II Cor. 4.4). Há muitos livros importantes escritos por reais ou alegadas "autondades". Alguns desses livros desafiam a hígida moral, e assim tornam-se instrumentos de tentação.

Uma autoridade respeitada pode tomar-se *causa* da morte. A serpente-divindade tornou-se a causa da morte espiritual da humanidade. Aquilo que os homens perdidos veneram lhes é prejudicial. As crenças e os símbolos pagãos desviam e matam.

Uma Impossibilidade? Alguns estudiosos supõem que a serpente implica aqui que o homem, criado por Deus, não poderia morrer, pois seria imortal. Nesse caso, o grande mentiroso enganou de novo a mulher.

3.5

Porque Deus sabe. Temos aqui o *sexto* passo na vereda da tentação. A serpente disse uma verdade, mas com uma distorção. A verdade pode ser usada de forma errônea. Comer do fruto abriria os olhos de Adão e Eva, e isso parecia uma coisa boa. O conhecimento é bom, mas somente quando é corretamente aplicado. Neste caso o conhecimento seria aparentemente obtido com um bom propósito. Mas no fim resultou na morte espiritual.

Como Deus, sereis. O homem foi criado à imagem de Deus, pelo que, de certo modo, ele já era *como Deus.* Ver o artigo sobre a *Imagem de Deus, o Homem Como,* no fim das notas sobre Gên. 1.26. Paulo anuncia que haveremos de compartilhar da imagem do Filho (Rom. 8.29). O trecho de Lev. 19.1 ensina que o povo de Deus deve ser *santo*, e isso em emulação à santidade de Deus. A transformação moral produz a transformação metafísica. O trecho de II Ped. 1.4 alude à nossa participação na "natureza divina." Nosso mais sublime conceito religioso consiste em como os salvos haverão de participar da natureza divina. Isso sucederá em um sentido finito, é verdade, mas bem *real.* Todavia, não podemos olvidar que essa participação gradual na natureza divina opera através da vontade do Senhor. Mas a serpente sugeriu que isso poderia ser conseguido graças à desobediência à vontade de Deus, um pensamento oposto àquele. O próprio Satanás havia aspirado a ser semelhante ao Altíssimo, e esse orgulho foi o principal fator de sua queda (Isa. 14.14).

Os homens *deificam* a si mesmos por meio da concupiscência e do poder. De acordo com certas filosofias, ter poder é ter direitos. Para muitas vidas, o que funciona, embora seja algo errado, torna-se a norma. Existe um patriotismo estúpido, como o que transpira nas palavras de Stephen Decatur: "Nosso país. . . que sempre esteja com a razão . . . pois é a nossa pátria. . . sem importar se estiver ou não com a razão". As pessoas pensam desse jeito; as pessoas e as nações agem dessa maneira.

Na mente de algumas pessoas há uma filosofia constante que diz que bons alvos podem ser atingidos por *quaisquer* meios. Foi assim que surgiram os lamentáveis exemplos de Hitler e Stalin, que cometeram homicídios sem conta, para promoverem suas causas. Há muitas pessoas que continuam adorando a esses deuses falsos. Historicamente, o comunismo vinha sendo promovido mediante o genocídio. No entanto, há pessoas, que até se dizem parte da Igreja, que servem a essa falsa divindade!

Elohim. Aqui traduzido por "Deus". No relato da criação do primeiro capítulo do Gênesis, essa palavra (que está no plural, no hebraico), é usada para indicar Deus. Ver as notas sobre Gên. 1.1. Mas o segundo relato da criação prefere "Senhor Deus", *Yahweh-Elohim,* o que é discutido em Gên. 2.4. Nessa mudança de nomes, os críticos vêem uma fonte (autor ou autores) diferente. No A. T., *elohim* também é termo usado para indicar os anjos. A serpente, pois, sugeriu que os *deuses* são muito parecidos com Deus, particularizando um ponto, o pleno conhecimento do bem e do mal, que o homem, em sua inocência, não tinha. O vs. 22 reitera a *ameaça* de o homem tentar aproximar-se de Deus da forma errada, mas ali a ameaça é proferida por Deus. A tentação era a de que o homem obtivesse a *onisciência*, um atributo divino. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Onisciência.*

3.6

Vendo a mulher. Achamos aqui o *sétimo* passo no caminho da tentação. A coisa desejada *parecia boa*: a concupiscência dos olhos (I João 2.16). O homem bom (mas que está sendo tentado) diz: "Sei que isto é errado, mas assim mesmo vou praticá-lo. Amanhã vou ajoelhar-me e pedir perdão". Mas o homem mau já caiu no pecado, antes de dar-se ao trabalho de racionalizar. O que a mulher via servia tanto para alimento quanto para torná-la sábia. Os alegados benefícios do pecado avultaram em sua mente. O engano levou a maior engano. O ludíbrio vindo de fora agora era ajudado pelo autoludíbrio. A mulher disse a si mesma que seus desejos eram legítimos, e que esses desejos deviam ser satisfeitos.

O Desejo de Sabedoria e de Conhecimento é Nobre. O conhecimento é uma das duas grandes colunas da espiritualidade. Essas colunas são o amor e o conhecimento. A ignorância nada nos confere. Ela é inútil. Mas no nosso texto, o conhecimento foi pervertido, e seu objeto fora proibido. Paulo comentou sobre o *dom do conhecimento*, o instrumento especial do mestre (I Cor. 12.8). Mas esse texto deixa claro que é o Espírito Santo quem controla essa questão.

Eva Não Percebeu o Perigo. O fruto era bom; prometia ser saboroso. Mas continha em si mesmo o poder da morte. Uma vívida ilustração disso pode ser vista na AIDS, sobre a qual nem precisamos comentar. Isso serve de vívido lembrete de que aquilo que parece bom pode trazer a morte. Teu prazer pode ser tua execução.

Tomou-lhe do fruto e comeu, e deu também ao marido. A teologia judaica sempre achou que o ato de Eva foi mais culpado. Ela se permitiu ser *enganada.* Adão mostrou-se mais resistente. Ele não se deixou enganar. Por essa razão, de acordo com alguns: é fácil enganar uma mulher. As coisas são como alguém já disse: "É bom que as mulheres possam ser enganadas facilmente. Se assim não fora, nada quereriam ter que ver conosco!". No entanto, "na queda, todos pecamos" (*New England Primer*). Isso dificilmente serve de elogio a Adão. O trecho de Rom. 5.12-19 respalda muita teologia sobre este texto. Adão tornou-se o *cabeça federal* dos homens, e aquilo que ele fez foi transmitido (geneticamente?) a todos os seus descendentes. Cristo, na qualidade de Cabeça Federal dos justificados, reverteu tudo isso. Temos aí o nascimento da doutrina do *pecado original.* Quanto a uma ampla discussão sobre o assunto, ver o *Dicionário* no verbete *Pecado Original.* Ver também ali *Dois Homens, Metáfora dos,* um artigo que examina a doutrina de Adão e de Cristo, ambos como cabeças federais.

Achamos aqui o *oitavo* passo no caminho da tentação. A pessoa tentada acaba cedendo. Mas também temos aqui o *nono* passo nesse caminho. A pessoa que cai não demora a arrastar outrem, devido ao seu mau exemplo.

"As promessas de Satanás nunca têm cumprimento. Jamais poderemos obter a sabedoria desobedecendo à Palavra de Deus. Pelo contrário, o temor do Senhor é o principio do saber (Pro. 1.7)" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Disse Oscar Wilde certa feita: "Posso resistir a tudo, menos à tentação". Compreendemos a piada; mas ela não é nada engraçada, afinal. Algo de muito sóbrio nos é revelado no episódio da queda sobre a debilidade da natureza humana. O texto sem dúvida dá a entender que, mesmo em seu estado de inocência, o homem mostrou ser um fraco. Cristo veio a fim de proporcionar-nos a fortaleza espiritual, para assim poder nos arrancar do estado de pecaminosidade.

3.7

Abriram-se, então, os olhos de ambos. . . estavam nus. *A sentença de Deus foi executada.* Eles não morreram imediatamente no físico, como Gên. 2.17 parece subentender. No entanto, as sementes da mortalidade agora se tinham alojado em seus corpos, e por certo morreriam algum dia, e não muito tempo depois, conforme Deus computa o tempo. Ademais, na *queda,* o homem morreu espiritualmente, e isso ocorreu pronta e imediatamente. Agora a redenção torna-

ra-se uma necessidade. Os críticos encontram problemas no texto. Já vimos que a teologia antiga dos hebreus não ensinava ainda a existência de uma alma imortal no homem. Por essa razão, que aplicação tem este texto à espiritualidade humana? Contudo, tenho entendido que a expressão *imagem de Deus* (Gên. 1.26,27) sugere que o homem participava da *espiritualidade* de Deus, embora talvez isso ultrapasse o entendimento do próprio autor sagrado. A teologia judaica posterior, bem como o pensamento cristão, naturalmente fazem essa queda ter um cunho espiritual, não envolvendo somente o fato de que o homem se tornou mortal e algum dia haveria de morrer.

Encontramos aqui o *décimo* passo na vereda da tentação: o seu horrendo resultado. A sentença foi executada. O pecado traz consigo um medonho resultado. Todas as maçãs do diabo têm vermes.

Nus. Alguns intérpretes tomam uma posição freudiana quanto a essa declaração. Todo pecado estaria, de algum modo, encastoado nos impulsos sexuais humanos. Antes, Adão e Eva estavam nus, mas não envergonhados (Gên. 2.25), mas agora, sim. Agora eles se viam como *intoleravelmente indecentes*. A consciência do sexo agora viera à tona, e o homem foi prontamente contaminado por suas paixões inferiores. Deus ordenara o sexo (Gên. 2.18,21-23), mas agora o homem o corrompera. Naturalmente, Adão e Eva seriam representantes da raça humana inteira. Mas *outros estudiosos* têm uma visão mais genérica sobre o texto. Essa *nudez* representaria a indecência geral, a maldade geral da natureza pecaminosa agora adquirida, e não apenas a indecência sexual. Agora o homem entrara em circunstâncias deprimentes, por estar internamente degradado. Se antes o homem era inocente e vivia em um perfeito meio ambiente, agora ele se fizera culpado, e logo seu ambiente haveria de adquirir toda forma de defeito, miséria e espinhos.

Coseram folhas de figueira. Alguns intérpretes desperdiçam seu tempo tentando identificar o *tipo* de figueira. O homem tentou preparar precipitadamente vestes toscas, para encobrir sua nudez. Mas isso proveu uma cobertura inadequada, na tentativa de reverter os efeitos do pecado. Temos aqui o *décimo primeiro* passo no caminho da tentação. Uma vez caído, o homem promoveu um remédio falso e inadequado para sua queda. Filosofias e religiões também tentam encobrir ou remediar a pecaminosidade do homem, mas é tudo inútil. Mas há uma provisão divina para a queda (Gên. 3.21).

A alienação foi completa. Ver os comentários sobre a *Alienação*, em Gên. 3.1.

"Os toscos aventais que eles coseram para si mesmos não foram suficientes. O fato é que Deus precisou vesti-los, e isso ao preço de dor, sangue e sacrifício" (Walter Russell Bowie, *in loc.*).

Que Teria Acontecido se Adão Não Tivesse Pecado? Os estudiosos especulam sobre essa questão. John Gill tinha certeza de que Deus simplesmente teria removido Eva para dar a Adão outra esposa, conservando-o no estado de inocência. Mas outros eruditos questionam se isso teria dado certo dentro do plano de redenção. Outros supõem abertamente que a queda era necessária dentro do plano de redenção, se o homem tivesse de receber a plena imagem de Deus, e que o pecado foi um mal necessário interposto no caminho dessa transformação. Provavelmente essa idéia é a mais correta, mas não dispomos de bons argumentos para responder satisfatoriamente a todas as objeções. Uma delas é que essa idéia parece fazer de Deus o autor do mal. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Problema do Mal* e *Origem do Mal*. Devemo-nos lembrar de que a redenção eleva-nos muito acima do estado de inocência. Nesse plano, chegaremos a compartilhar plenamente da imagem de Deus, o que não teria sido possível sem a queda. Mas aqui, a bem da verdade, já estamos entrando em mistérios, posto que parece ser essa a verdade dos fatos.

3.8

Deus, que andava no jardim. Todos os pecados acabam por ser desvendados, ou nesta vida, ou na vida futura. De outra sorte, nosso mundo seria caótico, e não caracterizado pela ordem e pela justiça. Deus veio a fim de revelar tudo. Os críticos crêem que a *familiaridade* do Todo-Poderoso com o homem, porquanto vinha conversar com ele em algum sentido literal, deve ser algo derivado do folclore babilônico. As lendas antigas sobre os deuses faziam deles companheiros fáceis dos homens. Alguns eruditos conservadores supõem que nos primeiros estágios da história humana o contato e a comunhão fáceis com Deus eram um fato. Ainda outros pensam que este texto é alegórico. Podemos pensar em *experiências místicas* com Deus, nas quais a Sua presença é uma realidade, sem entrarmos em alguma crassa e literal explanação a respeito. Parece ser esse o caso do texto presente. Ver no *Dicionário* o artigo *Misticismo*.

O Homem Ocultou-se O homem não resistiu permanecer na presença de Deus. Como é óbvio, os homens precisam estar preparados para tanto. O homem perdera essa preparação ao cair no pecado. O homem perdeu o tipo de vida que tinha. Agora estava vivendo uma morte em vida. Antes ele tivera prazer não-mitigado, agora ele tinha dor; antes ele desfrutara da presença de Deus, agora escondia-se Dele; antes ele gozara de comunhão, agora fugia de um encontro com o seu Criador. Esses são fatores próprios da *alienação*. E temos aí o *décimo segundo* passo na vereda da tentação. Ver um sumário desses passos nas notas em Gên. 3.24. A queda produziu uma alienação que pode ser descrita de muitos modos, visto que tem inúmeras facetas. Nossa herança é realmente pobre. A queda do homem garantiu isso. Nossas circunstâncias são lamentáveis; nascemos em um mundo deprimente. Os homens lançam a culpa de suas desgraças nos deuses e nas estrelas, transferindo as causas para outras pessoas ou para meras coisas.

A Palavra de Deus. Alguns eruditos pensam que a aparição de Deus, neste caso, foi uma antiga aparição do *Logos*, o qual começara a buscar o homem a fim de redimi-lo. Mas outros vêem aqui uma *teofania* (ver o significado disso no *Dicionário*).

Os Targuns de Onkelos e de Jonathan dão-nos a *voz da Palavra de Deus*, o que provavelmente não se harmoniza com o intuito do autor original do livro, embora seja, teologicamente falando, uma inferência legítima. O homem escondera-se no jardim, mas nem por isso fora abandonado. Deus continuava disposto a recuperá-lo, tendo em Sua mente uma *provisão* para tanto.

Comentando sobre a natureza geral do relato, disse Ellicott (*in loc.*) "Isso não implica uma aparição visível, pois a narrativa inteira é antropomórfica". Talvez haja nisso uma verdade, mas talvez não fosse isso que o escritor sagrado tivesse em mente.

Até que ponto a queda desfigurou a imagem de Deus no homem? Essa é uma questão com a qual a teologia se tem debatido. Forneço algumas respostas para a pergunta no artigo intitulado *Imagem de Deus, o Homem Como*, no final das notas sobre Gên. 1.26. Ver II. 4 daquele artigo.

Desmascaramento do Casal Culpado (3.9-13)

Nada há de oculto que não venha a ser revelado. Adão só pensava em esconder-se; tinha preparado vestimentas inadequadas. Mas a voz de Deus procurou pelo primeiro casal. A verdade veio à superfície — a expulsão era o único remédio. A bênção que poderia ter sido recebida fora perdida. No entanto, uma nova provisão e promessa esperavam pelo casal culpado.

3.9

Chamou o Senhor Deus ao homem. . . Onde estás?

Confrontação. O homem sempre terá de enfrentar a si mesmo. A voz de Deus busca o homem e faz o homem descobrir a si mesmo. O homem sempre terá de enfrentar a lei da colheita segundo a semeadura (Gál. 6.7,8). A voz de Deus pode ser ignorada por muito tempo, mas a confrontação é inevitável. Os homens tentam saber mais do que Deus, mas a Palavra de Deus será vindicada no fim. Os homens tentam imitações baratas ou substitutos para a verdade e para a conduta ideal. Mas o fracasso será o resultado final das tentativas.

Onde estás? Muitos sermões têm sido pregados com base nessas simples palavras. Elas têm recebido uma aplicação espiritual. Pode-se aquilatar onde se acha, espiritualmente, cada indivíduo. A miséria caracteriza a "localização" espiritual da maioria dos homens. E há uma gradação quase infinita de posições espirituais a que os homens têm chegado. Porém, nenhum ser humano acha-se, de fato, onde já deveria estar, espiritualmente falando. E assim o texto tem uma aplicação universal. "A que posição de miséria você chegou, ao dar ouvidos ao tentador e ao desobedecer a Deus?" (John Gill, *in loc.*). O texto faz-nos lembrar do Bom Pastor e de como ele buscava a sua ovelha perdida. E ele fazia isso não para destruir, mas, sim, para restaurar. Mas a ovelha desviada precisa ser repreendida antes que possa ouvir palavras de consolo.

Quem Teria Falado? Alguns pensam que o Espírito foi quem falou, mas outros preferem pensar no Logos, a Voz ou Palavra de Deus. O mais provável, porém, é que devamos pensar aqui em uma linguagem metafórica, sem nos importarmos com o refinamento de quem realmente teria falado.

"Adão e Eva haviam pecado. Portanto, em vez de estarem em um lugar de adoração, estavam escondidos entre as árvores do jardim! Leitor, quantas vezes isso já ocorreu em sua vida?" (Adam Clarke, *in loc.*).

3.10

Ouvi a tua voz. . . estava nu, tive medo e me escondi. A horripilante história da queda foi sintetizada nessas palavras. "A franqueza do relato empresta à narrativa força e clareza!" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*) Ter ouvido a voz de Deus não foi o verdadeiro motivo de o homem ter-se escondido. A causa estava no próprio homem. Resultou do pecado. Mas a voz de Deus deixou-o apavorado. É triste quando a voz de Deus para nós é um espanto, em vez de ser motivo de consolação. Isso faz parte da *alienação* provocada pelo pecado. O homem foi

despido de suas legítimas roupagens espirituais. Adão perdera sua retidão e sua inocência. Os pecadores costumam ocultar-se nas trevas. Os homens maus ficam embaraçados e consternados quando a luz os descobre. O *temor* é uma antecipação do *julgamento*. Aquilo que um homem semear, isso terá de colher. A vergonha e o medo foram os primeiros frutos da desobediência. A transgressão nunca deixa de trazer seus maus resultados, sob a forma de sofrimento.

3.11

Comeste da árvore. . .? Tornou-se claro, logo de início, que a proibição divina fora violada. Pois o homem temeu, escondeu-se e demonstrou que a sua comunhão com Deus fora rompida. Assim, a voz divina requeria agora uma *confissão*. Deus controla todas as circunstâncias, por mais desagradáveis que elas sejam. Ele já sabia qual seria a resposta do homem, mas precisou interrogar o homem para que este percebesse a gravidade de seu erro. O pecado é a transgressão da lei (I João 31.33), e nada existe de oculto que não venha a ser revelado (Luc. 12.2).

"Deus. . . a fim de reconquistar a Adão para melhores pensamentos, fez sua mente desviar-se dos efeitos do pecado para a causa do pecado" (Ellicott, *in loc.*).

3.12

A mulher. . . ela me deu da árvore. Os estudiosos tradicionalmente vêem aqui, e corretamente, que Adão lançou a culpa na *mulher*. Mas o texto também deixa claro que Adão, indiretamente, também lançou a culpa sobre Deus, pois *Deus* é que a tinha dado ao homem. Essa questão é sempre ventilada quando se discute o problema do mal. Pergunta-se: Se Deus é um ser todo-poderoso, todo-bondade e onisciente, então de onde vem o mal? Pois se Ele fosse todo-poderoso, poderia ter impedido o mal; se Ele pudesse prever tudo, não teria sido apanhado de surpresa; e se Ele é todo-bondade, não se teria interessado em não permitir que o mal prevalecesse? Isso posto, a presença do mal debilita nosso conceito de Deus. Ou estaria correto o deísmo? Ver no *Dicionáno* o artigo intitulado *Deísmo*. Este assegura que alguma grande força, pessoal ou impessoal, depois de ter criado as coisas, abandonou a sua criação. Nesse caso, as leis naturais tomaram o lugar de Deus; e todos admitem que as leis naturais não são perfeitas. Ademais, resta muito de caos na criação. Desse modo, Deus escapa das acusações, mas só aparentemente. Pois agora Ele é visto como quem criou leis imperfeitas, como quem não se incomodou em eliminar os fatores que causam o caos. Na verdade, não existe nenhuma resposta satisfatória para o problema do mal. Trato sobre o problema no *Dicionário*, no artigo *Problema do Mal*.

O homem foi criado dotado de livre-arbítrio. Mas Deus criou o homem com certas *fraquezas* inatas, sem as quais ele não teria caído tão facilmente no pecado. Por que Deus não criou o homem mais forte por *natureza?* Quanto a isso, a *imagem divina* estampada no homem não foi suficiente. Só podemos retrucar que, para Deus, há algo mais importante do que preservar a Sua criatura de todo mal. Parte disso reside na magnificente obra da redenção, que terminará por dar ao homem muito mais do que ele perdera na queda. Assim sendo, a queda foi uma necessidade. Mas manusear agora essa questão, teologicamente falando, não é fácil, nem produz alguma solução perfeita.

Os Treze Passos Descendentes da Vereda da Tentação. O homem gosta de lançar a culpa de suas falhas em outrem, até mesmo em Deus. Em meio à sua tragédia, o homem quase sempre culpa Deus por seus infortúnios. Conheci um pastor que caiu nesse erro, e, por causa disso, acabou desistindo do ministério. É que sua esposa havia sido seduzida por outro homem. Consternado diante do fato, disse ele: "Deus poderia ter impedido que minha esposa fizesse isso". Essa história faz-nos lembrar do relato da tentação, no terceiro capítulo do Gênesis. Deus não criou o homem forte o bastante para resistir a certas tentações; ou então, parece que esse foi o caso no episódio que acabamos de historiar. Adão, mesmo na inocência, caiu com tanta facilidade! Quanto mais, depois de já caído, ele continua em pecado! Ver o vs. 24 quanto a um sumário sobre os passos na vereda da tentação.

A teologia judaica posterior mui tolamente acusa mais fortemente a mulher do que o homem, em face da queda. Talvez seja verdade que a mulher se deixe enganar mais facilmente do que o homem. Isso até parece ser comprovado pela experiência diária. Mas o fato é que o homem caiu de olhos bem abertos, e também que se mostrou ridículo ao lançar a culpa de seu ato em Deus e na mulher.

3.13

Que é isso que fizeste? A mulher teve sua oportunidade de responder à voz divina. Cada pessoa é responsável por si mesma. Por muitas vezes, o pecado é uma questão coletiva, mas cada participante tem sua responsabilidade pessoal. Mas a mulher passou a culpa para o tentador. É verdade que o problema começou com o tentador, mas a mulher cooperou plenamente com seu desenvolvimento. O resultado foi a *ruína*. Mas a gravidade da situação não foi plenamente reconhecida pelos perpetradores do ato. Apesar de as coisas terem-se tornado caóticas, as pessoas transferiam a culpa de uma para a outra. Isso mostra a falta de percepção quanto à gravidade do pecado e seus resultados. Talvez, por implicação, a mulher também tenha acusado Deus. Pois quem criara o tentador, que então apresentara a tentação?

A serpente estava equipada para a tarefa com uma grande mas pervertida sabedoria. E o resultado foi que ninguém era capaz de oferecer-lhe resistência. E fora Deus quem havia criado e equipado a serpente, e quem também havia formado a mulher sujeita ao ludíbrio. Ver as notas sobre o vs. 12, que segue essa linha de idéias e suas conseqüências.

Neste ponto, vários estudiosos falam sobre a urgência da *responsabilidade* no que tange a cada indivíduo. Mas a queda também não embotou esse senso?

Um Caso Ilustrativo. Anos atrás, um homem cometeu homicídio, no estado americano de Utah. Ele foi apanhado, condenado e sentenciado à morte. Em meio à sua agonia, converteu-se, no sentido religioso. Pessoas que se opunham à pena de morte uniram forças em sua defesa. O governador do estado concordou em adiar a execução. Mas o próprio homem *repeliu* o oferecimento, com base no senso de *justiça*. Observou ele: "O governador do estado de Utah não tem fibra moral". Finalmente, o homem foi executado. É que ele havia assumido a *responsabilidade* por seu ato, uma atitude rara, de fato.

A Maldição e a Sentença (3.14-19)

Foram impostas várias maldições e sentenças. Note o leitor que todos os participantes receberam o que queriam. A *culpa* ficou sendo transferida; mas no fim foi feita uma *justiça* absoluta. Emanuel Kant argumentava em prol da existência de Deus com base na idéia da *necessidade moral*. Deve haver um Deus que é inteligente e justo o bastante para recompensar todo bem e punir todo mal. Se um Deus assim não existisse, então o verdadeiro deus de tudo seria o *caos*. Isso posto, se quisermos manifestar-nos com inteligência, teremos de escolher Deus, ou este mundo seria deveras confuso, e o pessimismo seria o princípio mais dominante. Ver no *Dicionário* o artigo *Pessimismo*.

O Pacto Adâmico (3.14-19)

Esse pacto condicionava a vida humana após a queda no pecado, prometendo ao homem a redenção. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pactos*. Várias maldições foram proferidas por causa do pecado, mas o Redentor foi prometido em Gênesis 3.15. A morte viria, em conseqüência do pecado; mas a vida, afinal, reverteria todos os efeitos do pecado.

3.14

Maldita és. A queda imporia uma maldição sobre todos os seres vivos, pois as coisas não continuariam em sua condição ideal. Mas a serpente, especialmente, ficaria em estado de miséria. Ela teria de arrastar-se de ventre e comer pó. O texto implica, embora não declare especificamente, que a serpente era antes um animal dotado de pernas, bem diferente da serpente que conhecemos. O fato de que comeria pó indicava, metaforicamente, sua posição humilde. O vs. 15 parece aplicar a maldição a algo como Satanás, que tinha agido por trás da serpente. Também estava destinado a receber um golpe esmagador. Seu poder seria anulado. É difícil ver como o vs. 15 pode ser aplicado somente a serpentes literais. Só pode ser que o autor sacro estivesse pensando em *algum* grande princípio de mal que se ocultava por trás da serpente. Essa circunstância deu origem à teoria, desenvolvida por teólogos posteriores (judeus e cristãos), de que *Satanás* foi o inspirador de todo o episódio. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Satanás*.

"A serpente é a mais odiosa de todas as criaturas, a mais detestada pelos homens; e Satanás, amaldiçoado por Deus, foi banido de Sua presença, tendo sido preso em cadeias de trevas, à espera do juízo do último dia. . ." (John Gill, *in loc.*).

Vários comentadores judeus posteriores (Aben Ezra, Jarchi etc.) referiram-se à idéia de que onginalmente a serpente tinha pernas; e alguns estudiosos evangélicos levam a sério essa questão.

"Ela obteve a palma da vitória sobre nossos crédulos primeiros pais, e continua à solta entre os homens, sempre trazendo consigo a degradação, sempre fazendo suas vítimas afundar cada vez mais em abismos de vergonha e de infâmia. Mesmo assim, perpetuamente, ela sofre a derrota, e, em segundo lugar, tem de 'lamber o pó', por causa de sua astúcia maligna. . ." (Ellicott, *in loc.*).

3.15

Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. Essa é uma declaração notabilíssima. Os críticos erram ao continuarem a ver aqui apenas uma serpente

literal que teria sido amaldiçoada, e que continuaria a ser um vexame para o homem e a mulher. Mas é uma insensatez falar aqui meramente sobre como uma serpente pode ferir um homem no calcanhar, e como sua picada por muitas vezes é fatal. E também é tolice pensar que faz parte da maldição que o homem, em retaliação, por muitas vezes esmaga a cabeça da serpente. Ambas as coisas são verdadeiras: as serpentes continuam picando e matando, e os homens continuam esmagando cabeças de serpentes, mas por certo o texto envolve mais do que isso.

A Explicação Remidora. A maldição trouxe a inimizade; mas há uma solução. A cabeça da serpente seria esmagada. Isso subentende um resultado *remidor* como a resposta divina ao problema todo. Porém, o autor sagrado não nos oferece uma única palavra sobre como isso sucederia. Nem Moisés nem o resto do Antigo Testamento têm alguma coisa que se compare à doutrina neotestamentária da redenção, com a conseqüente obtenção da Imagem Divina, por causa da herança da natureza divina (II Ped. 1.4). O livro de Gênesis não nos oferece nenhuma explicação a respeito. Mas certas porções do Antigo Testamento, como o livro de Isaías, projetam bastante luz.

A Explicação Messiânica. Os Targuns de Jonathan, de Jerusalém, e os intérpretes cristãos falam sobre a explicação messiânica. O *descendente* da mulher é a raça humana, mas por extensão é o Messias, o qual é o Filho do Homem. E a *descendência* da serpente é o seu contínuo poder maligno, através de quaisquer agentes que ela queira utilizar. O poder de Satanás não foi anulado, mas há a missão de Cristo que já derrotou e que ainda derrotará mais definitivamente o poder satânico. O resultado da cruz é a salvação, por meio do Messias e de Sua missão.

Os Ferimentos. Metaforicamente, o *calcanhar ferido* aponta para o calcanhar de Cristo ferido na cruz, e, por extensão, todo o sacrifício da cruz, a expiação ao preço do sangue do Senhor. E a *cabeça ferida* é o golpe fatal recebido pelas forças do mal, encabeçadas por Satanás. O bem vencerá, afinal, o mal. Os ferimentos infligidos por Satanás prosseguem: o mundo jaz no maligno; a miséria humana prevalece por toda parte; o pecado parece triunfar; os homens continuam blasfemando; o mal aparentemente triunfa por toda parte; a maioria dos homens endurece o coração diante da mensagem da redenção; a iniqüidade opera universal e eficazmente.

Os Ferimentos Maior e Menor. É verdade que Satanás inflige seus ataques; mas na refrega ele sai muito mais ferido. Satanás ofende e prejudica a todos os homens. Sob seus ataques, os homens são miseravelmente empurrados para cá e para lá. Mas para o crente, pelo menos está assegurado o seu triunfo final em Cristo.

"Os motivos do terceiro capítulo — morte, labuta, suor, espinhos, a árvore, o conflito e as descendências — giram em torno de Cristo. Ele é o segundo Adão, que se tornou maldito em nosso lugar, que suou como que grandes gotas de sangue, na mais amarga agonia, que recebeu a coroa de espinhos, que foi pendurado em um madeiro até a morte, e que foi depositado no pó do sepulcro" (Allen P. Ross, *in loc.*).

3.16

Em meio de dores darás à luz filhos. Até hoje os homens buscam como aliviar as dores do parto. Por que a mulher não é um pouco diferente, para poder dar luz a seus filhos facilmente, como se dá com alguns animais? O autor sagrado vê aqui outro *princípio*. O parto é uma ocorrência dolorosa e potencialmente fatal. Essa condição é um dos medonhos resultados da queda no pecado. Metaforicamente, essa dor do parto é também a dor contínua de tudo quanto se segue. O homem nasce para a tristeza, como as fagulhas sobem para o ar (Jó 5.7). Essas fagulhas não tomam outra direção, a não ser sempre para cima, tal como o homem está sempre sujeito a dores. Esse é outro aspecto do "problema do mal". Ver no *Dicionário* o artigo *Problema do Mal.*

O teu desejo. Não somente o desejo sexual da mulher, conforme Jarchi pensava, mas toda a sua vontade, prazer e desejos, que ficariam sujeitos ao veto ou aprovação de seu marido. A afirmação destaca a *dependência* da mulher ao seu marido. Na antiguidade, essa supremacia do homem era exercida mediante um tratamento extremamente arbitrário, e, com freqüência, isso continua até os tempos modernos. Mui significativamente, o autor do livro de Gênesis faz essa condição aparecer como um resultado da queda no pecado. Presumivelmente, antes disso, a mulher era uma *auxiliadora* (Gên. 2.18), o que envolvia sujeição, mas não aviltamento. Todo domínio e ditadura que uma pessoa possa manter sobre outra deve ser tida como parte da desordem reinante e resultante do pecado. Os críticos, que acreditam que o Gênesis é uma obra de data posterior, vêem nesse versículo um reflexo de condições para as quais contribuíram o baalismo, uma das religiões que exaltava a fertilidade e se especializava na exploração da mulher. Nesse caso, o *desejo* seria somente o desejo sexual, conforme Jarchi supunha, e isso visto como parte da exploração da mulher. E alguns comentadores contendem sobre o fato de que o autor sacro indicava assim que as relações sexuais entre homem e mulher são o ponto focal do domínio e exploração que o homem exerce sobre a mulher.

E ele te governará. Temos aí ou um reforço do que já fora dito, ou, então, uma generalização. Se o *desejo* é de natureza sexual, então esta declaração generaliza o tema do domínio exercido pelo homem. Se aquela palavra tiver de ser entendida em um sentido geral, então esta afirmação adicional meramente repete a idéia, para efeito de ênfase.

Desejo é termo que, de acordo com alguns, indica o desejo que ela teve de pecar, após ter sido enganada. Visto que ela cedera a esse *desejo,* agora teria de suportar o domínio exercido pelo homem, embora isso só se manifestasse ocasionalmente. Mas esse sentido não é muito provável.

Vários intérpretes supõem que, antes da queda, o homem e a mulher eram iguais e não havia nenhum domínio masculino arbitrário, e que a vida era sempre harmônica sem jogos de poder entre os sexos.

Adam Clarke (*in loc.*) oferece um curioso significado ao termo "desejo". Ele supunha que seria o desejo sexual, e que a mulher cai na *armadilha* do sexo, ou seja, por mais que ela tente, não é capaz de escapar às dores de parto. Ela *desejará* o sexo, mas *sofrerá* na hora do parto. Nesse caso, o "desejo" seria o apetite sexual.

Ellicott, por sua vez, pensava que o *desejo* indica um "anseio natural pelo casamento". Sem importar as dores que isso lhe traga, ainda assim a mulher deseja muito esse estado. Há uma grande verdade nesse parecer, sem importar se o autor sagrado queria dizer isso, especificamente, ou não.

A Diferença do Novo Testamento. No trecho de Gálatas 3.28, Paulo vai além da conduta sugerida no relato do Gênesis. Ele faz homem e mulher serem iguais em Cristo. É como se ele tivesse afirmado: "Em Cristo foi ab-rogada toda essa penalidade".

3.17

Visto que atendeste à voz de tua mulher. Em geral, os homens *não* dão ouvidos às suas mulheres, e *isso* lhes traz dificuldades. Nesse caso, Adão, na qualidade de primeiro homem, não tendo sofrido tentação da parte do Enganador, ou decidiu *agradar sua mulher*, conforme pensam alguns estudiosos, ou, então, gostou da aparência do fruto proibido, e sofreu sua própria tentação particular. Ele foi internamente tentado, devido a uma fraqueza inerente. Era inocente, mas fraco. O trecho de I Timóteo 2.14 indica que o homem caiu *deliberadamente.*

Adão. A maioria dos intérpretes opina que esse é um nome próprio, o que indicaria que aqui Adão recebeu seu nome. Ellicott explica que no hebraico não há o artigo definido, pelo que devemos entender a palavra como um nome próprio. Mas outros preferem traduzir aqui por "homem", e não por um nome próprio, como nos vss. 9, 12 e outros.

A Terra Foi Amaldiçoada. Notemos o paralelo. O trabalho da mulher efetua-se no lar, particularmente a tarefa de gerar filhos. No caso dela, isso se tornou um processo difícil e doloroso. Mas o trabalho do homem efetua-se no campo, e esse trabalho também foi dificultado. O pecado sempre produz dificuldades e vexames. Ninguém pode desobedecer à Palavra de Deus sem pagar por isso. O homem viu rompida a sua comunhão com Deus, e agora a própria natureza rebelava-se contra o homem.

Em fadigas. Notemos a natureza enfática dessa declaração. Antes o labor do homem era satisfatório. Mas agora ele trabalharia muito para produzir pouco, e isso em meio a muita labuta fatigante. Essa frustração resulta da desaprovação divina. Quanto a isso, Adão não usufruiu do "muito bem" de Deus.

A Voz de Deus, a Voz da Mulher. Notemos o contraste entre este versículo e o vs. 8. O homem podia dar ouvidos a uma ou a outra voz. Mas acabou dando ouvidos à voz errada. Assim sucede no caso das tentações. Muitas vozes estranhas procuram desviar-nos da senda do nosso dever. Quanto ao trabalho como uma maldição ou uma bênção, ver as notas sobre o vs. 19.

Até que tornes à terra. O homem não foi executado no momento de seu pecado. Mas recebeu ali uma sentença perpétua. A terra, origem de toda a sua riqueza e bem-estar, agora havia sido amaldiçoada — uma pesada pena. Entregue a si mesmo, o solo não produziria boas coisas de maneira espontânea. Coisas boas só poderiam ser produzidas mediante uma labuta cansativa. Abandonado a si mesmo, o solo só produziria espinhos e ervas daninhas. O fim dessa árdua labuta é a decadência e, finalmente, a morte.

3.18

Cardos e abrolhos. Não é preciso cultivar as plantas nocivas. Sozinhas, elas exibem uma estonteante fertilidade. Adam Clarke proveu uma curiosa exposição neste ponto, que vale a pena reproduzir:

". . .a espécie de cardo chamada *Acanthum vulgare* produz mais de cem cabeças, cada uma contendo de três a quatrocentas sementes. Suponhamos que esses *cardos* produzam uma média de 80 cabeças, e que cada qual contenha apenas 300 sementes. A primeira colheita da planta seria de 22 mil. Se tudo fosse replantado, a colheita seguinte seria de 576 milhões. Se tudo fosse semeado de novo, haveria 13.824 bilhões; e uma única colheita daí, que seria apenas a colheita do *terceiro* ano, produziria 331.776 quatrilhões; e a colheita do *quarto* ano totalizaria 7.962.624 sextilhões, uma produção mais do que suficiente para ocupar não somente a superfície do mundo inteiro, mas também de todos os demais planetas do sistema solar, de tal forma que nenhuma *outra* espécie vegetal poderia medrar, se imaginarmos que cada planta ocupasse um quadrado de trinta centímetros de lado". (Ele acreditava que os planetas são habitáveis e são férteis, à semelhança da terra.) E é bom que ele tenha parado no quarto ano, pois de outra sorte ninguém saberia dizer o número resultante.

John Gill mostrou ser mais simples. Disse ele apenas: ". . .toda espécie de ervas daninhas e plantas e mato sem valor... crescendo e florescendo". Clarke prosseguiu para queixar-se dessa prodigiosa produção de vida vegetal, a fim de mencionar o *Cardus vulgatissimus viarum*, que não somente produz *milhões* de sementes inúteis, mas também espalha suas raízes por toda parte, cercando a planta-mãe por muitos metros em redor, a lançar seus rebentos por toda parte. Em seguida as sementes criam uma nova planta-mãe e assim o processo se vai multiplicando, até que grandes campos acabam cobertos por essa espécie tão daninha. Então ele fala sobre a terrível *Spinosa vulgaris*, tão prejudicial que nenhuma outra planta ousa medrar onde ela tiver lançado raízes. Essa planta é recoberta de espinhos, de tal modo que se uma pessoa aproximar-se dela, terá de pagar pela sua imprudência. Por outra parte, tentemos plantar uma macieira! Em breve fica recoberta de vermes e parasitas, e a menos que seja devidamente cultivada, logo estará completamente degenerada. O limão, no entanto, fazendo exceção à regra, é tão *azedo* que não parece ter nenhum inimigo natural. Será isso correto?

Foi assim que o *paraíso* degenerou em um campo recoberto de espinhos e abrolhos, árvores frutíferas mirradas e grãos de cereal minados de parasitas.

3.19

No suor do rosto. No jardim do Éden, o homem tinha de cultivar o solo; mas então sua tarefa era comparativamente leve. Ele tinha tempo para lazer, adoração e desenvolvimento espiritual. Mas agora, para obter um mínimo de sustento, ele precisava suar. E continuaria a cumprir sua sentença perpétua, pois o labor e o suor haveriam de continuar até que voltasse à terra, da qual fora formado.

Ao pó tornarás. A referência aqui é ao sepultamento de corpos mortos. O homem foi tirado do pó da terra, e haveria de voltar a ele. Algo lamentável, para dizer o mínimo. Por ocasião dos sepultamentos, é costumeiro o pregador dizer, à beira do túmulo: "Tu és pó e ao pó tornarás". Mas notemos que coisa alguma é dita acerca da alma, que não pode ser afetada pelo pó da terra. Também nada é dito sobre a vida do futuro. O Pentateuco, de fato, é mudo quanto à esperança futura. Ver meus comentários sobre esse fato em Gên. 1.26. Assim, embora haja um pálido raio de esperança no fato de que o homem compartilha da *imagem* de Deus (e essa percepção fazia parte inerente do uso desse vocábulo), o autor sagrado não desenvolveu o tema, e, ao que parece, não sabia muita coisa a respeito, ou mesmo nada sabia. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Alma*. Aprendemos que a teologia é um empreendimento contínuo. Na verdade, a teologia progride. É ridículo que queiramos achar no Gênesis as verdades que encontramos nos escritos de Paulo. E é igualmente ridículo dizer que aquilo que Paulo sabia é o fim da erudição. A verdade nunca estaca, embora os homens tentem freá-la em uma ou outra de suas fases. O que estaca é o conhecimento do homem, quando este se enterra em dogmas estagnados.

Quando um ministro, diante de um túmulo qualquer, diz que o morto está voltando ao pó, costuma adicionar as palavras "na esperança da vida eterna". Mas o autor sagrado fez alto diante da maldição herdada pelo homem, sem agitar nenhum laivo de esperança.

O homem teria vivido fisicamente para sempre se não tivesse comido do fruto proibido? Alguns eruditos respondem com um *não*, mas outros respondem com um *sim*. Para alguns, o pó precisa voltar ao pó, com maldição divina ou não. Seja como for, não foi oferecida nenhuma promessa de vida. Ver Ecl. 12.7 quanto a um contraste. O homem, como pó, volta à terra; mas o *espírito* volta a Deus, "que o deu". Agora está sendo dito algo. Agora temos esperança.

O homem, essa criatura frágil, quão pouca razão tem para orgulhar-se de si mesmo.

Em meu artigo sobre a *alma*, forneci provas acerca da sobrevivência da alma. Alguns estudiosos, neste ponto, contrastam o *pó*, que naturalmente se desintegra, com a *substância pura* da alma, que é simples e não se pode desintegrar. Este argumento filosófico comum teve origem com Platão e foi aproveitado por filósofos e teólogos posteriores. Um corpo feito de partículas de terra deve desintegrar-se. Mas o espírito, por sua própria natureza, não se dissolve. Alguns intérpretes supõem que a "árvore da vida" teria dado ao homem essa contraparte imortal, pelo que teria vivido para sempre no espírito, sem importar o que viesse a suceder ao seu corpo físico. Mas o texto não nos fornece nenhum indício em favor dessa idéia.

O Trabalho como Maldição e como Bênção. Para a maioria das pessoas, o trabalho é uma maldição. Poucas pessoas seguem todos os dias para o trabalho de coração leve. A maior parte dos trabalhadores é escrava de seus salários. Poucas pessoas acham satisfação interior naquilo que fazem. Isso faz parte da maldição divina. Quando nada há de criativo em um trabalho, este se torna monótono, insípido, entorpecedor. Tal tipo de trabalho é degradante, mas é nisso que a maior parte das pessoas se vê envolvida. Hoje em dia as pessoas se mantêm em longas filas à espera de algum trabalho que pague o salário mínimo, o qual não é adequado nem mesmo para as necessidades mais básicas. E os que não são contratados acabam ficando sem alimento suficiente para servir a seus filhos. Quase metade de toda a população brasileira vive subnutrida. Muitas pessoas vão para o leito, à noite, com fome. Pessoas neste país estão morrendo de inanição, ao passo que muitos políticos vivem no luxo e dispõem de contas bancárias secretas na Suíça. Essas condições fazem parte da maldição; e, no entanto, continuamos a considerar o pecado de forma tão negligente. As pessoas sentem-se esgotadas diante de seu trabalho, e não lhes resta energia para desfrutar de suas horas de lazer. Uniões trabalhistas, apesar de seus excessos ocasionais, têm melhorado um tanto a situação, mas esta é deveras lamentável, para dizer o mínimo.

O Trabalho como uma Bênção. Um trabalho que realiza alguma coisa é divertido. Epicuro insistia em que os prazeres mentais são superiores aos prazeres físicos. Aqueles que trabalham usando seus cérebros, e assim realizam projetos valiosos, divertem-se o tempo todo. Talvez tenham de trabalhar longas horas, mas sentem satisfação. "Os homens que trabalham duramente em geral são os mais felizes" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*). "Sempre haverá *alguém* ou *alguma coisa* pela qual devamos trabalhar; e enquanto assim continuar sucedendo, a vida deverá ser e realmente será digna de ser vivida" (Le Baron R. Briggs). O treinamento e a educação têm por alvo desenvolver habilidades naturais e latentes, liberando-as em atividades dignas. Quando temos algo pelo que trabalhar, mui naturalmente a energia se redobra, e o trabalho torna-se mais inspirador do que cansativo. Quando o trabalho não é criativo é que se torna degradante. Desenvolvi esse tema no meu artigo intitulado *Trabalho, Dignidade e Ética do*, que se acha no *Dicionário*.

A Expulsão do Jardim (3.20-24)

3.20

E deu o homem o nome de Eva à sua mulher. Adão havia dado nomes ao reino animal, e agora deu o nome à princesa, a mãe de todos os seres humanos. (Gên. 2.19).

Eva

Esboço

I. O Nome
II. Seu Relacionamento com Adão
III. Participação de Eva na Queda
IV. Comparação com o Relato sobre o Deus Sumério Enki
V. Eva no Novo Testamento

I. O Nome

No hebraico, *Hawwah*, com freqüência definido como "doadora da vida", embora outros significados tenham sido sugeridos. A derivação é incerta, a tal ponto que um certo léxico fala em nove possibilidades. O relato do livro de Gênesis conecta o nome dessa mulher com a própria existência da raça humana. Adão chamou sua companheira de Eva, palavra que, no hebraico, aparentemente está relacionada ao termo hebraico *hayyah*, que significa "viver". Ela foi chamada assim porque se tornaria a mãe de todos os seres humanos. O nome lhe foi dado por Adão, após a queda no pecado (Gên. 3.20).

II. Seu Relacionamento com Adão

O trecho de Gênesis 2.21,22 revela que Deus fez Eva, partindo de uma costela extraída de Adão. Alguns intérpretes aceitam o relato literalmente, mas outros só o aceitam simbolicamente. Neste último caso, estariam em foco a intimidade entre homem e mulher, a dependência da mulher ao homem, e, no caso de Eva, a dependência de toda a vida humana a essa primeira mulher. A Bíblia também ensina a subordinação da mulher ao homem (I Tim. 2.12,13). Tudo isso indica uma lição geral da vida, que nos instrui sobre o fato de que dependemos

uns dos outros, o que nos ensina a amar e a ser amados, que é a maior das lições da vida.

Os eruditos liberais salientam que a questão da *costela* pertence às lendas tipicamente mesopotâmicas sobre a criação. Ver sobre *Cosmogonia* e sobre *Criação*. Ver também o artigo separado sobre o *Jardim do Éden*. Esses vários artigos ilustram como um fundo comum de informações foi aproveitado pelo autor do livro de Gênesis, tanto quanto pelos autores das histórias da criação, dentro da cultura da Mesopotâmia. O trecho de Gên. 1.28 mostra-nos que um dos principais propósitos do casamento é a procriação. Alguns intérpretes modernos têm-se valido desse fato para sustentar que ter filhos é uma obrigação moral em *todos* os casamentos. Mas contra essa opinião, outros estudiosos têm salientado que em um mundo superpovoado como o nosso, é quase impossível que se pense ser necessário que cada casal seja como foram Adão e Eva, procriadores. Muitos pensam que a propagação da raça humana não requer que todos os casais participem do processo. Na verdade, seria melhor se houvesse mais casais que deixassem outros casais encarregar-se de gerar filhos, em um mundo já tão envolvido no problema da superpopulação.

III. Participação de Eva na Queda

A serpente esteve envolvida na tentação de Eva e alguma fruta não identificada foi o objeto de tentação. O fruto era capaz de fazer o homem distinguir entre o bem e o mal, como uma espécie de fruto de conhecimento limitado. Saber distinguir entre o bem e o mal, em certo sentido, guindou o homem à categoria de ser divino (Gên. 3.22). E assim, para impedir que o primeiro casal se divinizasse ainda mais, tornando-se permanentemente imortal, se comesse do fruto da árvore da vida, Adão e Eva foram expulsos do jardim do Éden.

A história geral da tentação aparece no terceiro capítulo do livro de Gênesis. Temos ali alguns paralelos das lendas mesopotâmicas. Os artigos sobre o *Jardim do Éden* e sobre *Cosmogonia* fornecem detalhes a respeito. Os pais alexandrinos viam esses relatos como parábolas. Ver sobre a *Interpretação Alegórica*. Os evangélicos fundamentalistas continuam a crer literalmente no relato bíblico, pensando que a ingestão de algum fruto poderia conferir conhecimento especial, e até mesmo a imortalidade. Porém, parece melhor extrair desses relatos lições espirituais, não interpretando literalmente tudo quanto está contido nesses relatos bíblicos. Seja como for, porém, o fato é que dali veio a queda. Portanto, temos nas primeiras páginas do Gênesis uma explicação singela de como o mal penetrou neste mundo. Muitos teólogos gostam de extrair lições dessa história, mas crendo que está envolto em mistérios como foi que o mal teve início neste mundo. Orígenes e os pais alexandrinos em geral supunham que a alma do homem é preexistente, já tendo caído na eternidade (talvez junto com a rebelião dos anjos que acompanharam a Lúcifer). Somente bem mais tarde é que essa queda foi transferida para a cena terrestre. Isso faria a queda no pecado tornar-se inevitável. Dotadas de corpos humanos, as almas vieram a envolver-se em um tipo de dupla existência. Naturalmente, esse ponto de vista é platônico. Aprecio essa conjectura porque ela promete uma maneira mais frutífera de se pensar sobre o pecado verdadeiramente original (um pecado cósmico, e não somente edênico). Os teólogos que aceitam essa conjectura, usualmente associam a queda da alma humana à queda original dos anjos, conforme dissemos linhas acima. Também tem sido conjecturado que não houve, dentro da criação dos seres inteligentes, apenas uma, ou mesmo apenas duas quedas; antes, várias ordens de seres estariam envolvidos em suas respectivas e independentes quedas. Por outra parte, há estudiosos que acreditam que essas muitas ordens de seres já eram más desde o princípio, e que o que realmente sucedeu foi uma melhoria em face do estado original de maldade e degradação. Grandes mistérios circundam essas questões e coisa alguma que digamos é capaz de dar-lhes solução, porquanto a Bíblia faz silêncio sobre o ponto, como uma daquelas coisas que Deus não nos quis revelar. "As cousas encobertas pertencem ao Senhor nosso Deus. . ." (Deu. 29.29a).

Seja como for, o relato de Gênesis diz-nos que toda espécie de resultado negativo sobreveio imediatamente após a queda no pecado: a maldição contra a serpente, que proveu o pano de fundo para a primeira promessa messiânica (Gên. 3.15); a maldição contra a terra; o começo do labor árduo; a dificuldade da mulher, no parto; a submissão da mulher ao homem. E, de modo algum a coisa menor, a tendência de uma pessoa lançar a culpa sobre outra, por suas más ações. Adão, por assim dizer, disse a Deus: "Foi *esta* mulher, que *Tu* (Deus) me deste, que causou toda essa dificuldade". Ver Gên. 3.12. Eva, por sua parte, lançou a culpa sobre a sutileza da serpente. Portanto, tornou-se tradicional afirmar (e talvez com razão) que as mulheres fazem coisas más por serem seduzidas a praticá-las, enquanto que os homens, de olhos bem abertos, fazem coisas más visando à sua própria vantagem.

São dados os nomes de apenas três dos filhos de Eva, todos homens: Caim (Gên. 4.1), Abel (Gên. 4.2) e Sete (Gên. 5.3), embora seja dito que ela teve filhos e filhas (Gên. 5.4). E este último ponto resolve muita objeção tola, como aquela que indaga onde Caim foi buscar mulher.

IV. Comparação com o Relato sobre o Deus Sumério Enki

Nos mitos sumérios sobre o deus *Enki*, é-nos dito que ele sofria de certo número de mazelas. Na tentativa de curar essas enfermidades, a deusa Ninhursague produziu uma deusa especial. Quando ele disse: "Dói em minha costela", ela replicou que fizera a deusa Ninti (que significa "senhora da costela") nascer para curá-lo e restaurá-lo a vida. Ora, Ninti também pode significar "senhora que transmite vida".

Os paralelos entre Eva e Ninti, tanto no tocante à definição de nomes, como no que concerne às funções, são por demais evidentes para negarmos qualquer conexão entre elas. Por esse motivo, alguns estudiosos têm dito que a narrativa bíblica mostra dependência aos mitos mesopotâmicos. Outros asseguram que o contrário é que está com a verdade. Porém, o mais provável é que ambos os relatos tenham tido uma origem comum, com modificações. E, se tomarmos a narrativa bíblica como uma parábola religiosa, então não teremos de enfrentar nenhum problema com a questão da *inspiração*. Por outra parte, se insistirmos em uma interpretação literal, então surgirão problemas nesse setor.

V. Eva no Novo Testamento

No trecho de II Cor. 11.3, Paulo refere-se ao relato da tentação, por meio da serpente, com o propósito de mostrar quão fácil é o ser humano cair no erro, com sérias conseqüências. A passagem de I Tim. 2.11-14 ensina que Eva pecou porque tomou as circunstâncias em suas próprias mãos. Em seguida, Paulo recomenda que as mulheres crentes façam silêncio nos cultos, proibindo-as de trazer mensagens, por estarem sujeitas à autoridade dos homens. Presumivelmente, visto que facilmente são enganadas, não deveriam comunicar a outros a mensagem divina. Nessa conexão, tornou-se uma tradição salientar que muitos dos cultos estranhos de nossos dias foram iniciados por mulheres.

Dentro da teologia cristã, vale a pena lembrar que ela é um tipo da Igreja, a Noiva de Cristo (Efé. 5.28-32).

Maternidade. Este versículo contém a primeira menção na Bíblia a esse ofício e privilégio. Eva foi a autora dos "ais" do homem; mas ela também foi a origem da vida biológica humana. A Bíblia é rica quanto a histórias de mães. Lembremo-nos da mãe de Samuel e de sua suprema dedicação. Também podemos pensar na mulher egípcia que salvou e criou Moisés. Ela não perderá a sua recompensa. Se a mãe de Jesus, Maria, tem sido erroneamente transformada em objeto de adoração, ninguém poderá arrebatar-lhe a exaltada posição e missão como mãe de Jesus. Paulo tinha duas mães; sua própria e a bondosa mãe de Rufo (ver Rom. 16.13). Algumas mulheres queixam-se das responsabilidades domésticas, e saem pelo mundo para serem escravas assalariadas de alguém. E equivocadamente ainda chamam isso de *senso de realização*. O trabalho mais nobre de todos, para a mulher, está em seu próprio lar, onde ela cria e serve a crianças preciosas. Qualquer coisa que seus filhos possam ser ou fazer, devem-no às suas mães, em grau significativo. Algumas crianças fracassam, porque suas mães não lhes transmitem nenhuma visão da vida. Outras obtêm êxito porque suas mães tinham uma visão grandiosa das coisas. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Mãe*.

3.21

Fez o Senhor Deus vestimenta de peles. Esse é o *décimo quarto* passo na vereda descendente da tentação. Apesar da queda do homem no pecado, há a *provisão divina*. A fim de ocultar sua nudez, o homem preparou inadequadas vestes de folhas de figueira, símbolo de boas obras. Em contraste com isso, *Deus* produziu vestimentas substanciais, feitas de peles de animais. O sacrifício de alguns animais foi necessário para essa provisão. Para os intérpretes cristãos, isso significa a provisão por meio de Cristo, em face de Sua obra expiatória, além da *retidão* que Ele oferece como resultado de Sua obra (Rom. 3.21-26). As vestimentas recebidas por Adão e Eva foram-lhes supridas divinamente. Agora estavam de novo aptos a estar na presença de Deus. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Expiação*. Notemos que as *vestimentas* foram uma provisão notável. Serviram para encobrir a nudez dos dois, além de servirem para proteger contra as intempéries. Assim também a missão de Cristo é uma provisão geral de tudo quanto é bom.

Há mitos acerca de como o homem foi vestido com peles de animais. Os gregos atribuíam isso à obra de Pelasgo, ao qual chamavam de *primeiro homem* (Pausânias em *Arcadicis*, sive 1.8 pars. 455, 456).

O Primeiro Sacrifício. Os comentadores observam sobre como esse *primeiro* sacrifício, realizado pelo próprio Deus, lançou a base para o sistema sacrificial da fé dos hebreus.

3.22

Eis que o homem se tornou como um de nós. Neste ponto, os críticos estão certos de que esse elemento do relato remonta diretamente ao mito babilônico da criação. Os deuses ficaram preocupados com o homem, sentindo

que deveriam limitá-lo para não ir longe demais. Por isso teriam dito aqui "nós", e o autor sacro descuidou-se de ocultar sua fonte informativa politeísta. O versículo dá a entender que duas árvores tinham sido proibidas: a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal. Os eruditos conservadores retrucam dizendo que a preocupação de Deus a respeito da árvore da vida não ocorreu senão *depois* da queda no pecado. Deus não queria permitir que o homem se tornasse imortal em seu estado de degradação. Pois o Senhor tinha um outro plano: a imortalidade por meio do espírito. Assim, na palavra *nós*, esses eruditos não vêem nenhum reflexo do politeísmo. Antes, seria a aplicação, neste ponto, do termo plural *Elohim*, de Gên. 1.1, onde ele é explicado. Alguns continuam vendo aqui uma referência trinitariana. Ver também Gên. 1.26 quanto a uma explicação sobre a palavra *nós*.

Alguns intérpretes, como Crisóstomo e Agostinho, aludiram a essa declaração divina em um sentido irônico e sarcástico: Vejam esse homem tolo! Pensa ele que pode tornar-se como Deus? A serpente disse que ele poderia tornar-se como Deus. Mas olhem agora para ele!

A *imagem* de Deus foi implantada no homem, mas este, mediante outro ato impensado, poderia danificar mais ainda a obra divina, tornando-se o tipo errado de ser imortal. O homem remido deverá ser como Deus, mas somente da maneira aprovada pelo Senhor. Ver o artigo intitulado *Imagem de Deus, o Homem Como*, nas notas sobre Gên. 1.26.

Se o homem viesse a viver para sempre, isso impediria que ele viesse a sofrer o resultado final da maldição divina, *a morte*. Por conseguinte, a expulsão do jardim do Éden tornou-se necessária, a fim de evitar isso.

3.23

O Senhor Deus. . . o lançou fora do jardim. Foi executada assim a severa sentença contra a desobediência. O homem perdeu seu belo local de residência. Agora o homem estava reduzido a dedicar-se a um trabalho árduo "em algum lugar lá fora". A terra foi amaldiçoada; e agora o homem era um ser mortal. Adão faz-me lembrar de certo homem que foi condenado a servir por vários anos em uma detenção, e que comentou então: "Não sei se poderei suportar isso!". Uma terrível expectação, realmente. A prisão. Foi assim que Adão chegou ao seu novo meio ambiente: trabalho árduo e suor, preso em um corpo que haveria de debilitar-se no decorrer dos anos. Ele saiu do paraíso em alienação, e essa é uma verdade universalmente ilustrada. Não é fácil fracassar. O homem havia falhado na tarefa simples que Deus lhe dera para fazer. John Gill (*in loc.*) consolava-se no fato de que Deus não enviou o homem diretamente para o inferno! Antes, Adão estaria cultivando um solo relutante, infestado de cardos e abrolhos.

Há tolas especulações acerca de para onde ele foi expulso. O Targum de Jonathan localizava-o no monte Moriá. Mas outros preferem pensar em algum lugar perto de Damasco. No entanto, todas essas idéias são vãs. O homem estava "fora" do paraíso, e isso é tudo quanto precisamos saber.

Encontramos aqui o *décimo quinto* passo no caminho da tentação. A sentença foi executada. O homem estava expulso do jardim. Não devemos olvidar, entretanto, que o *décimo quarto* (vs. 21) passo fala sobre uma contínua provisão divina, que, finalmente, haverá de reverter as várias maldições que brevieram ao homem. Ver um sumário sobre esses *passos* nas notas no fim do vs. 24.

3.24

E, expulso o homem. A descrição mostra a severidade da medida. Deus era agora o Deus da ira. E expulsou o homem de Sua presença, sem nenhum vestígio evidente de misericórdia. Era o Seu *filho* que Ele expulsava e barrava-lhe a aproximação da árvore da vida.

Segunda Dispensação: Consciência (3.24 - 7.21)

Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre a *Consciência*. Agora o homem possuía conhecimento experimental sobre Deus. Agora ele conhecia o bem e o mal, e a sua consciência tornava-se seu guia. Mas ainda não havia lei escrita para guiá-lo. Essa dispensação terminou no dilúvio, outro lamentável fracasso do homem. Ver o artigo intitulado *Dispensação (Dispensacionalismo)*. Ver as notas sobre Gên. 3.14 quanto ao *Pacto Edênico*. Ver as notas em Gên. 1.28 quanto à *Primeira Dispensação*.

Ao oriente. Talvez para dar a entender, neste ponto, que havia alguma espécie de portão ou entrada que distinguia essa direção das outras três. Talvez não haja nenhum sentido metafórico tencionado.

Querubins. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Querubins*, quanto ao que pode ser dito sobre essa espécie de anjo. Os querubins são descritos como quem tem a função de guardiães de algum lugar santo. Cf. Êxo. 37.7-9; I Reis 6.23-27. Em II Sam. 6.2; Sal. 18.10 e Eze. 1 os querubins aparecem como seres que sustentam o trono de Yahweh. E Eze. 41.18,19 pinta-os como seres de duas faces, de um homem e de um leão, ou, então, de quatro faces (homem, leão, boi e águia). Esses animais vieram a representar os quatro evangelhos. Os querubins representam força e majestade, sendo guardiães de confiança que prestam vários serviços a Yahweh. É provável que, em Êxo. 25.20, sejam representados como bois alados. Neste ponto dou apenas alguns poucos detalhes sobre esses seres. Mas a nota referida acima é bastante extensa e preenche os detalhes.

O refulgir de uma espada. Poderíamos concebê-la segura na mão de um dos querubins; ou, então, era um poder guardador separado, independente dos querubins. A ira de Deus aparece como uma chama. Onde estiver o fogo, ali os homens temem entrar. Essa chama mantinha-se em movimento, refulgindo em todas as direções, não permitindo que alguém se aproximasse, fosse de que direção fosse. E assim, pesadas armas impediam o retorno tentado pelo homem castigado.

Não Há Auto-redenção. Uma das lições do texto é que o homem não pode redimir a si mesmo, pois não podia voltar ao jardim do Éden em busca da árvore da vida. Agora expulso, ele era obrigado a esperar pelo ato remidor de Deus. O antigo paraíso estava irreversivelmente perdido. Mas um novo paraíso, afinal, haverá de surgir no horizonte.

Depois do Fracasso, o Que Viria? A medida do homem não é se ele pode ser derrubado ou não. É claro que todos os homens estão sujeitos à derrota, e nenhuma vida humana é vivida sem muitas derrotas. A medida de um homem é o seu retorno. Agora o primeiro casal enfrentava um futuro desconhecido; mas Deus continuava cuidando deles, pelo que isso era uma garantia. Muitas vidas têm perdido seus respectivos Édens; muitas vidas têm sido rejeitadas após algum fracasso. O homem peca deliberadamente, sem calcular o custo possível. Ele comete erros precipitados e tolos, que podem ser devastadores. E tem de enfrentar consequências amargas de poder permanente. O homem está do lado de fora, mas suas asneiras não precisam ser a última palavra. A Bíblia inteira deixa isso bem claro, e a missão de Cristo pode ser a última palavra, no tocante ao destino humano, no caso de muitas pessoas. A Bíblia começa com o paraíso perdido, no livro de Gênesis. Mas vai prosseguindo até o Apocalipse, onde vemos que o paraíso será reconquistado. Ali vemos aquela grande cidade, a Nova Jerusalém, que descerá do céu (Apo. 21.10). Naquele lugar futuro haverá outra árvore da vida, da qual todos os habitantes poderão participar gratuitamente (Apo. 22.2).

Os Passos na Vereda da Tentação: Sumário

Tenho acompanhado os elementos da história bíblica, crendo ser esse o modelo de como a tentação acaba prevalecendo, de como o homem cai, de como vem o fracasso, de como a volta é possível:

1. O instrumento da tentação pode ser alguma autoridade respeitada e racional (Gên. 3.1)
2. Essa autoridade respeitada contradiz o mandamento divino (3.1)
3. O homem cede diante da tentação, embora reconheça que está errado (3.2)
4. O homem faz adições à Palavra de Deus, pervertendo-a dessa maneira (3.3)
5. A autoridade respeitada contradiz abertamente a Palavra de Deus (3.4)
6. O tentador diz uma verdade, embora lhe dê um sentido distorcido (3.5)
7. A coisa oferecida pelo tentador parece boa, à concupiscência dos olhos (3.6)
8. O homem cede diante da tentação (3.6)
9. A pessoa que cai não demora a influenciar outras para cometerem o mesmo erro (3.6)
10. O juízo divino é executado (3.7)
11. O homem tenta um remédio falso e inadequado para a sua queda (3.7)
12. O homem, tendo caído, oculta-se de Deus (3.8)
13. O homem lança a culpa em outrem, diante de seu fracasso, até mesmo em Deus (3.12)
14. A provisão divina ainda assim provê restauração (3.21)
15. O horrendo julgamento divino é executado (3.23).

Naturalmente, na tentação, na queda e na restauração há outros elementos, mas esses quinze passos contêm, em si mesmos, muitas lições, porquanto refletem as condições do homem moderno.

A melhor maneira de cuidarmos da tentação consiste em *fugirmos* dela (I Cor. 6.18; 10.14; I Tim. 6.11; II Tim. 2.22). Aqueles que resistem ao teste, usualmente ficam de nervos prejudicados. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Tentação*.

Capítulo Quatro

Multiplicação da Raça Humana: Caim e Abel (4.1-7)

Os críticos atribuem todo o capítulo quarto à fonte *J*. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S)*. Agora achamos o nome divino *Yahweh* do começo ao fim, em contraste com o nome *Elohim*, do primeiro capítulo, ou o nome composto *Yahweh-*

AS SETE DISPENSAÇÕES

1. Inocência: Gên. 1.1–3.24
2. Consciência: Gên. 3.23
3. Governo humano: Gên. 8.20
4. Promessa: Gên. 12.1
5. Lei: Êxo. 19.8
6. Graça: João 1.17
7. Reino: Efé. 1.10

A palavra *dispensação* vem do latim *dispenso*, que significa "pesar" ou "administrar". Este vocábulo tem sido usado de diversos modos, porém o uso que mais chama atenção é aquele que, segundo pensam alguns intérpretes, envolve um período de tempo no qual Deus trata com os homens de maneira específica. Essa idéia foi popularizada pela Bíblia Anotada de Scofield e desenvolvida por intérpretes posteriores.

Cada dispensação é uma revelação do desejo multifacetado de Deus e nela o homem fica sujeito a testes, devendo obedecer a certas condições e atingir determinados objetivos.

Consulte no *Dicionário* o artigo chamado *Dispensação* (*Dispensacionalismo*).

EXPULSOS DO JARDIM

O Senhor Deus, por isso, o lançou fora do Jardim do Éden, a fim de lavrar a terra de que fora tomado.

Gênesis 3.23

REBELIÃO

Proibida (Núm. 14.9; Jos. 22.19)
Provoca a Deus (Núm. 16.30; Nee. 9.26)
Provoca a Cristo (Êxo. 23.20,21; I Cor. 10.9)
Vexa o Espírito Santo (Isa. 63.10)

EXIBIDA

Na incredulidade (Deu. 9.23; Sal. 106.24,25)
Na rejeição do governo divino (I Sam. 8.7)
No desprezo aos Seus conselhos (Sal. 107.11)
Na desconfiança quanto ao Seu poder (Eze. 17.15)

Richard Laurence, *The Book of Enoch*, 1821.

Elohim, do segundo capítulo. Os críticos vêem vários sinais de fontes diversas neste capítulo, como obra de editores diversos.

O homem, agora caído, começou a multiplicar-se. Em certo sentido, conforme foi ilustrado no triste exemplo de Caim, temos aí a multiplicação de uma sociedade ímpia. O homem, em sua rebeldia, dera início à sua expansão geográfica. Os piedosos e os ímpios separam-se e seguem seus próprios caminhos distintos. Mas na nossa sociedade mista eles se entrechocam.

O morcego e a coruja habitam ali;
A serpente se aninha no altar de pedra;
Os vasos sagrados mofam perto:
A imagem de Deus desapareceu!
Naquele duro mundo pagão caíram
O desgosto e o nojo secreto;
Profundo cansaço e concupiscência concentrada
Fizeram da vida humana um inferno.

(Matthew Arnold)

4.1

Coabitou. No hebraico temos um eufemismo para o ato sexual, *conheceu*. Há o conhecedor e o conhecido, uma curiosa mas exata descrição. Jarchi interpreta a palavra como *tinha conhecido,* ou seja, uma ação já passada, antes mesmo da queda, pois supunha que, de outra sorte, ele não teria obedecido à ordem para multiplicar-se. Mas não há nenhuma indicação de que Adão se havia reproduzido antes da queda no pecado.

O homem. Assim diz nossa versão. Mas *adam* tornara-se um nome próprio desde Gênesis 3.17. Ver o artigo detalhado sobre *Adão,* no *Dicionário*.

Eva. Ver a nota detalhada sobre ela em Gênesis 3.20. Ela era a mãe de "todos os viventes", e agora começava a cumprir a sua função.

Deu à luz a Caim. Houve algo de terrível no fato de que o filho primogênito, dentre toda a humanidade, de acordo com o relato bíblico, veio a tornar-se um homicida. Mas talvez isso seja apropriado, agora que vemos o começo da propagação do homem caído, ímpio. O nome dele significa "trabalhador em metal", ainda que, de acordo com a etimologia popular, tenha obtido o sentido de "adquirido", porquanto Eva dissera: "Adquiri um varão com o auxílio do Senhor". O fraseado tem perturbado alguns intérpretes, porque a frase diz, literalmente, "com o Senhor" Por isso, a palavra hebraica *'eth* (com) é tida por alguns como um erro primitivo no texto (feito pelo autor sagrado, por descuido), ou por algum escriba antigo. Daí, outros conjecturam que está em pauta o *'oth* (marca) de Yahweh. E isso significaria que Caim já nasceu com a marca do mal, em antecipação a seu pecado; ou, então, que ele já nasceu separado para adorar a Yahweh, como primogênito da raça. Se é a "marca de Caim" que está em foco, então aqui é antecipada a declaração de Gên. 4.15. E se a adoração a Yahweh é que está destacada aqui, então fica antecipado o trecho de Gên. 4.26. Os intérpretes que preferem o "com" no texto, fazem isso significar "com o auxílio do Senhor", conforme se vê em nossa versão portuguesa, ou alguma coisa similar. E uma interpretação fantástica e aquela que diz que Eva antecipou que em Caim cumprir-se-ia a promessa messiânica de Gên. 3.15. *Ele* seria o Messias prometido.

"Os descendentes de Caim formavam uma raça ímpia e cobiçosa, mas que, apesar disso, em muito ultrapassou os descendentes de Sete quanto às artes da civilização. À agricultura e à vida pastoral eles adicionaram a metalurgia e a música, o conhecimento não só do cobre e seus usos, mas também do ferro (vs. 22) . . (eles) diminuíram em muito a maldição do labor árduo, acrescentando lazer e luxo às suas vidas" (Ellicott, *in loc.*).

Caim. No hebraico, *lança* (?). Foi o filho mais velho de Adão e Eva (Gên. 4.1). Tragicamente, foi o primogênito da raça humana, de acordo com a narrativa sobre a raça adâmica; e também foi o primeiro assassino e fratricida. Há algo de apropriado nas circunstâncias de que o homem, de quem se diz ter sido o primeiro filho produzido pelo homem, também é descrito como o primeiro homem a ser um assassino. Essa narrativa simboliza a degeneração humana desde o princípio. Nada havia no meio ambiente de Caim que o tivesse levado a matar seu irmão. O ato originou-se da maldade no íntimo. Muito erra a criminologia quando busca a causa dos crimes no meio ambiente adverso das pessoas, mas não a busca no íntimo pervertido do ser humano.

1. *Nome.* Não há certeza alguma quanto à origem do nome "Caim", embora pareça estar relacionado à forja de metais, como um "ferreiro"; outros preferem dar-lhe o sentido de "lança"; e, de acordo com a etimologia popular, "adquirir". Outros ainda pensam em "inveja". *Aquisição* (Gên. 4.1) é a idéia mais comum entre os intérpretes.
2. *O Sacrifício.* Adão e Eva cultivavam o solo; Abel era pastor de ovelhas. Caim também cultivava o solo. Os irmãos trouxeram suas ofertas a Deus. Caim as trouxe do fruto de seu trabalho no solo, e elas foram rejeitadas. Abel trouxe suas ofertas do rebanho; e elas foram aceitas por Deus. A maioria dos intérpretes vê nisso um prenúncio dos sacrifícios cruentos, e, naturalmente, do sacrifício de Cristo. De conformidade com isso, a oferta de Caim representa o auto-esforço, o mérito humano, que parece bom a nossos olhos, mas não é aceitável diante de Deus. Isso dá a entender a necessidade da justificação, com base na expiação de Cristo. Não estão em foco apenas as ofertas de Caim e Abel, mas as próprias pessoas deles, pois lemos: "Agradou-se o Senhor de Abel e de sua oferta; ao passo que de Caim e de sua oferta não se agradou" (Gên. 4.4,5). Portanto, Deus, que lê os corações, viu as atitudes deles: a de Abel, de autodesistência e confiança na expiação de outrem; a de Caim, de auto-suficiência e de confiança própria.
3. *A Ira de Caim.* A ira de Caim impeliu-o a matar. A enormidade de seu crime se vê no fato de que matou seu próprio irmão. A ira é um dos pecados cardeais. Aparece na lista das obras da carne, na lista de Paulo, em Gál. 5.20. A ira encontra-se na raiz de muitos atos irracionais, e quase sempre tem o egoísmo como sua base, e o ódio como sua motivação.
4. *O Crime de Caim.* Embora repreendido por Deus, Caim resolveu dar vazão à sua maldade mediante um ato irracional de homicídio. Desde então, os homens têm satisfeito a sua vontade tirando a vida do próximo, o que mostra a extensão da queda. Quando Deus perguntou a Caim onde estava seu irmão, Abel, Caim indagou: "Não sei; acaso sou eu tutor de meu irmão?" (Gên. 4.9). Essa pergunta de Caim, famosa desde então, usada em inúmeros contextos, mostra-nos a natureza egoísta de seu ato homicida. Pois a lei do amor levanos a cuidar uns dos outros, como cuidamos, cada um, de nós mesmos. Negar que sou guardador de meu irmão é negar a essência da lei do amor. A voz de Abel clamava do solo. Isso demonstra que os atos pecaminosos não podem ser ocultados, pois apelam a Deus, pedindo vingança.
5. *O Castigo de Caim.* De certo modo, Caim recebeu a primeira sentença perpétua. Ele seria objeto de ódio, e outros haveriam de querer tirar-lhe a vida. Porém, ele escaparia. Em lugar disso, foi pronunciada contra ele uma maldição divina. Ele tornar-se-ia vagabundo e fugitivo à face da terra, pelo resto de seus dias, caçado e odiado pelos outros seres humanos.
6. *A Marca de Caim.* Caim seria caçado pelos outros homens. Correria o risco permanente de ser morto. Deus, entretanto, não permitiria que ele fosse executado. Para garantir isso, foi posta uma marca em Caim, como se dissesse: Vede este homem. Não o mateis! Não se sabe que marca seria essa. Alguns supõem que Deus deu-lhe coloração negra à pele, pelo que a marca seria forte carga de melanina. Porém, essa interpretação, além de ser mera especulação, só serve para fomentar preconceitos raciais. Esse sinal também poderia ser uma marca tribal, alguma espécie de tatuagem ou sinal que identificasse uma pessoa dentre um grupo particular, um costume que, mais tarde, também se viu no Oriente Médio. Outros compreendem que o *sinal* era a promessa de Deus de que ele não seria morto, em vez de suporem alguma marca física. Não há como determinar a questão, por ausência de maiores informes bíblicos.
7. *Posteriormente,* Caim foi enviado à terra de Node (vagueação), onde ele edificou uma cidade e tornou-se o progenitor de uma numerosa família, que se ocupou de muitas artes e ofícios. De acordo com as tradições, os primeiros residentes em tendas, metalúrgicos e músicos vieram da linhagem de Caim. Mas outras tradições antigas dizem que os deuses foram os originadores das artes e ofícios.
8. *De Onde Caim foi Buscar Sua Esposa?* Alguns críticos indagam assim, com escárnio, julgando haver encontrado uma séria discrepância no relato bíblico. É como se dissessem: se Adão e Eva geraram somente Caim, Abel e Sete, onde Caim encontrou esposa, quando se retirou para a terra de Node? Esse tipo de objeção, além de exibir uma atitude cética para com os relatos sagrados, demonstra a ausência de um exame cuidadoso dos textos bíblicos por parte de tais críticos. A Bíblia não diz que Adão e Eva geraram somente aqueles três filhos homens. Caim, Abel e Sete foram apenas três dentre os muitos filhos do primeiro casal. Seus nomes são fornecidos por causa do relato expressivo que gira em torno deles, e nada mais. Lemos em Gênesis 5.4: "Depois que gerou a Sete, viveu Adão oitocentos anos; e teve filhos e filhas". Não há informação quanto ao número desses filhos e filhas, mas essa informação é suficiente para indicar que Caim levou consigo, para Node, uma de suas irmãs. E Sete, onde quer que tenha ficado, sem duvida, fez o mesmo. Não há nenhuma dificuldade para sabermos onde Caim arranjou esposa!
9. *Referências Neotestamentárias a Caim.* a. Hebreus 11.4. Pela fé, Abel ofereceu melhor sacrifício que o de Caim. Dentro do plano de Deus, Cristo ofereceu o sacrifício final e definitivo, que substituiu a todos os outros sacrifícios, sendo essa a mensagem central da epístola aos Hebreus. b. I João 3.12 é trecho que nos relembra o crime de Caim, seu ato homicida e o fato de que suas obras eram más, e as de seu irmão, Abel, boas. c. Judas 11 alude ao *caminho* de Caim. Lemos ali que os mestres gnósticos seguem esse caminho. A literatura rabínica diz que o caminho de Caim caracteriza-se pela concupiscência, pela cobiça, pela auto-indulgência e pela malignidade geral. Se juntarmos a isso a

inveja e o ódio, parece que é isso o que tal caminho significa. Caim tornou-se um homem profundamente depravado. Ver Sabedoria de Salomão 10.3; Jubileus 4.1-5; Apocalipse de Moisés 3.2.

4.2

Deu à luz a Abel, seu Irmão. Alguns pensam que está em pauta um irmão gêmeo. Antigos escritores judeus supunham que Caim nasceu com uma irmã gêmea, e que Abel também nasceu com uma irmã gêmea. Desse modo, haveria esposas providas para a multiplicação. Mas tudo isso é pura conjectura. Também não podemos dizer que Abel era irmão gêmeo de Caim somente por causa da ausência da frase "ela concebeu", no caso de Abel. Vários sentidos são ligados ao nome Abel, como *lamentação* (em antecipação ao seu assassinato), ou *vaidade* (Josefo). Ou, então, o termo pode significar *respiração, vapor fragilidade* ou *filho* (sendo essa a sugestão mais provável).

Abel. Vem de um termo hebraico que significa *respiração*. Mas a etimologia é incerta, e outros sentidos têm sido sugeridos como "vapor", "fragilidade" e "filho". É possível que esse nome esteja associado ao termo acádico *aplu*, "filho", ou ao sumeriano *ibila*, "filho".

1. *História da Família.* Era o segundo filho de Adão e Eva, talvez gêmeo de Caim (Gên. 4.1,2). Foi instruído na adoração ao Criador e trabalhava como pastor. Seu irmão, Caim, era agricultor. Devido a essas circunstâncias, Abel ofereceu em sacrifício um animal, ao passo que Caim trouxe dos frutos da terra (Gên. 4.3-5). O trecho de Hebreus 11.4 mostra que Deus agradou-se do sacrifício de Abel, mas não do de Caim. Despertou-se-lhe a inveja, e, segundo diz o texto samaritano, ele *convidou* Abel para o campo, onde o matou. O texto hebraico disponível silencia sobre o convite, embora registre o homicídio. Seja como for, é certo que o ato foi premeditado.
2. *Tradição Judaica.* Segundo esta, Abel foi morto na planície de Damasco, e seu túmulo é ali mostrado aos turistas, perto da vila de Sinie ou Sineiah, a cerca de dezenove quilômetros a noroeste de Damasco, na estrada para Baalbeque, embora tudo isso não passe de fantasia.
3. *Interpretações simbólicas*, baseadas no nome "Abel". a. Se seu sentido é "filho", então o nome simplesmente assinala o fato de seu nascimento. Visto que Caim significa "possessão", esse foi o nome do primogênito, porque ele foi uma possessão significativa para seus pais. b. Se seu sentido é "fraqueza", "vaidade" ou "lamentação", seu nome predizia seu fim súbito e triste, tendo nele o primeiro quadro de um justo sob perseguição, fisicamente impotente perante um poder físico superior.
4. *Um Homem de Fé.* O trecho de Hebreus 11.4 elogia Abel por sua fé, do que resultou um sacrifício superior. Seu nome figura no início da grande lista dos fiéis, tendo sido ele elogiado pelo próprio Senhor Jesus (Mat. 23.35). Presume-se que ele obedeceu a alguma ordem específica, acerca do sacrifício, que Caim ignorou, embora isso não seja declarado no Antigo Testamento.
5. *Simbolismo.* Abel tornou-se um tipo de Cristo porquanto ofereceu um sacrifício cruento, superior (Heb. 9.26; 10.12). Ele tipifica Cristo como o Messias e Servo sofredor, o Cordeiro de Deus (João 1.29; Isa. 53.7). Ele testifica sobre a necessidade de um sacrifício de sangue (Heb. 9.22; 11.4).
6. *Nos Escritos dos Pais da Igreja.* Crisóstomo chamou-o de tipo do Cordeiro de Deus, gravemente injustiçado, em vista de sua inocência (*Ad Stagir* ii.5). Agostinho chamou-o de "peregrino", porquanto foi morto antes de poder residir em qualquer cidade terrena, pelo que aguardava uma cidade celeste, onde pudesse habitar em justiça (*De Civitate Dei*, xv.1). Caim, por sua vez, fundou uma cidade terrena e ali habitou em meio à iniqüidade. Irineu observou como Abel mostrou que os justos sofrem às mãos dos ímpios, e como as virtudes dos justos são assim magnificadas (*Contra Haeres.* iii.23).
7. Jesus referiu-se a Abel como o primeiro mártir (Mat. 23.35), conceito esse que teve prosseguimento na Igreja primitiva. Evidentemente, Jesus o considerava um personagem histórico. O sangue de Abel é contrastado com o sangue de Cristo, em Hebreus 12.24.
8. *Ocupação.* Abel atarefava-se na vida pastoril; mas Caim era agricultor. E os descendentes deste não demoraram a ocupar-se em várias outras profissões, segundo se vê em Gên. 4.22. Caim seguiu o exemplo de seu pai, mas seu sacrifício não foi considerado aceitável, por parte de Deus — em razão de sua *espécie* ou por motivo da *atitude* com que foi oferecido? Ver no *Dicionário* o artigo *Artes e Ofícios*.

4.3

Trouxe Caim do fruto da terra. Naturalmente, ele trouxe parte do que produzia em sua profissão. Aqui, sem nenhuma explicação, é-nos apresentado um primitivo sistema de oferendas. Não há razão para duvidarmos de que os homens mais primitivos participavam desse costume, antes mesmo que as religiões formais viessem a fazer parte da espiritualidade oficializada. O homem, por natureza, tem pendores religiosos, como se fossem *idéias inatas*. Talvez isso faça parte da imagem de Deus que ainda permanece nele, a despeito da queda.

A questão da cultura religiosa é aqui exagerada por alguns intérpretes, que supõem que possamos ver aqui a instituição formal do sábado entre os homens. As palavras *"no fim de uns tempos"* não são designação específica de algum período especial, seguido por um sábado ou descanso. Nem parecem significar "terminada a colheita". Antes, é uma observação casual acerca da passagem do tempo. A imaginação dos homens tem-se mostrado ativa aqui. Alguns supõem que as oferendas tenham sido trazidas à presença de Yahweh, que teria vindo ao encontro dos dois irmãos na porta oriental do Éden, onde os querubins mantinham guarda.

4.4

Abel. . . trouxe das primícias do seu rebanho. Abel, naturalmente, trouxe produtos próprios de sua ocupação. Aqui achamos pela primeira vez o sacrifício de animais, como parte do culto religioso. Os antropólogos têm descoberto ser esse um costume deveras antigo, que data de muito antes das práticas formais da legislação mosaica. Sacrifícios animais e vegetais mais tarde vieram a fazer parte do culto dos hebreus. Alguns intérpretes vêem aqui, no sacrifício de cordeiros do rebanho de Abel, uma prefiguração do Cordeiro de Deus.

Gordura. Depois, Abel ofereceu uma porção, pertencente ao Senhor (ver Lev. 3.15). Os críticos pensam que a passagem inteira foi escrita (muito tempo depois), quando o culto religioso já estava institucionalizado. Outros supõem que tenhamos aqui formas primitivas de culto, que, posteriormente, foram incorporadas ao culto dos hebreus. Estão em foco as *porções gordurosas* dos animais sacrificados, e não as ovelhas mais nédias e saudáveis. Josefo (*Antiq.* I.1 c.2) afirmava que a oferenda foi "leite e as primícias do rebanho". Sabemos que os egípcios ofereciam leite a seus deuses, como sacrifício, mas não parece que isso seja o que está em pauta aqui.

Deus Aceitou a Oferenda de Abel. Yahweh é retratado como quem ficou satisfeito com Abel e sua oferta, algo que é negado no caso de Caim (vs. 5). Conforme disse John Gill (*in loc.*), Deus olhou para a oferta de Abel com "uma fisionomia sorridente". Deus sorriu para Abel, mas franziu a testa para Caim. Alguns estudiosos incluem aqui a idéia expressa em Levítico 9.24: O *fogo divino* consumiu os sacrifícios. Mas isso já é um refinamento exagerado do texto.

4.5

O Sacrifício Rejeitado. Deus não aceitou nem a Caim nem a seu sacrifício, pois não se agradara dele, nem ofereceu nenhuma palavra de aprovação. Não lemos aqui *por qual razão* assim sucedeu. Nos tempos antigos, os aldeões, que possuíam parcos recursos, traziam de seus produtos agrícolas para oferecer, porquanto não podiam fazer oferendas de animais. Encontramos aqui uma lição. Os homens substituem o rico pelo pobre, o muito pelo pouco. Os críticos pensam que o autor sagrado tinha em mente, o tempo todo, os sacrifícios animais da religião posterior dos hebreus, e que a *razão* da superioridade dos sacrifícios de animais residiria nisso. O vs. 7 mostra que Caim tinha *procedido mal*, e é mencionado até mesmo um *pecado*. Mas a questão fica um tanto obscura, a menos que meditemos nela à luz de revelações posteriores. Outros intérpretes pensam que Deus havia dado instruções acerca da questão, mas que Caim, em sua rebeldia, não quis atender ao Senhor. Outros eruditos aludem ao comentário do texto que se vê em Hebreus 11.4. Abel ofereceu seu sacrifício motivado pela *fé*, ou seja, em resultado de uma autêntica espiritualidade, em legítima obediência a Deus. Quanto a Caim, esse fator se fez ausente. Isso posto, seu sacrifício realmente não visava honrar a Deus. Ele estava apenas cumprindo um dever, e não se estava ocupando em adoração a Deus. E foi nisso que ele *pecou*. Se foi esse, realmente, o caso, então a rejeição ao seu sacrifício não foi porque este se compunha de produtos vegetais, mas por haver sido oferecido com uma atitude errada, com motivos distorcidos. Podemos discutir se essa interpretação está ou não com a razão. Podemos fazer grandes obras, mas se nossos corações e nossos motivos não forem espirituais, tais obras não agradarão a Deus. Outra lição é que cada homem deve oferecer a Deus uma parte daquilo que ele produz em sua profissão. Ou, melhor dizendo, a profissão de um homem, sem importar qual seja, deve ser levada a efeito com vistas à glória de Deus. Primeiro sirvamos a Deus, depois ao próximo, e, finalmente, a nós mesmos. Essa é a ordem de precedência, segundo a lei do amor.

Irou-se, pois. . . Caim. Diz o original hebraico, literalmente, "Caim incendiou-se muito". Por muitas vezes, a ira do homem é o começo da cadeia que termina em algum ato precipitado e pusilânime. Assim aconteceu no caso de Caim, conforme o texto sagrado passa a demonstrar. Com freqüência, os homens se iram por causa de seus fracassos, mas não mostram nenhum interesse em se corrigirem quanto a seus erros. Faz parte da reação natural dos homens defenderem o seu próprio "eu" por meio de acessos de ira, como que dizendo: "Não errei. Fui enganado. Sou vítima de alguma perseguição".

O ÓDIO QUE MATA

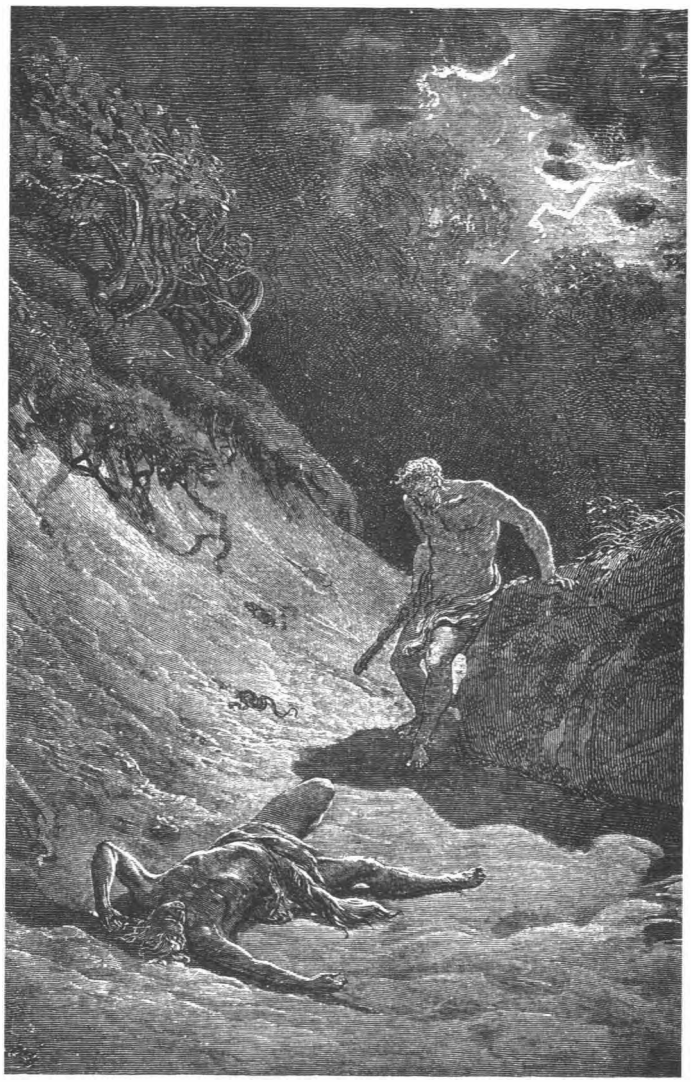
Disse Caim a Abel, seu irmão: Vamos ao campo.
Estando eles no campo, sucedeu que se levantou Caim contra Abel, seu irmão, e o matou.

Disse o Senhor a Caim: Onde está Abel, o teu irmão?
Ele respondeu: Não sei; acaso sou eu tutor de meu irmão?
E disse Deus: Que fizeste? A voz do sangue de teu irmão clama da terra a mim.

Gênesis 4.8–10

*** *** ***

O ódio já é homicídio e leva o homem a praticá-lo (Mat. 5.21,22; I João 3.15).
O ódio é uma das obras da carne, de maneira que é contrário às virtudes cultivadas pelo Espírito.
O que o amor é para Deus, o ódio é para o diabo:
Deus-amor; diabo-ódio.



Richard Laurence, *The Book of Enoch*, 1821.

Comentou John Gill (*in loc.*): "Ele franziu o sobrolho e rangeu os dentes, seu rosto ficou com aspecto de indignação, e em sua fisionomia podia-se ver todos os sinais da tristeza e do desapontamento, e também de fúria e de cólera". Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Ira dos Homens*, quanto a um detalhado estudo sobre esse pecado. O trecho de Gálatas 5.19 informa-nos que essa é uma das "obras da carne". Sem dúvida, trata-se de um dos principais vícios humanos. Jamais pode produzir a justiça, no dizer de Tiago 1.20.

Descaiu-lhe o semblante. Expressão concreta, típica do hebraico, neste caso para indicar ira, desapontamento, mas sem dúvida não *vergonha*, como alguns estudiosos têm pensado. Caim demonstrou sua falta de fé, em sua resposta ao Senhor. Ele não remediou a situação. Mas explodiu em autodefesa. E visto que não podia vingar-se diretamente de Deus, não muito depois descarregou a sua ira contra o inocente e indefeso Abel.

4.6

Por que andas irado? Assim indagou a voz divina, dando a entender que não havia razão real para tal atitude. A falta estava no próprio Caim, e não na desaprovação de Deus. Essa pergunta foi feita com uma certa medida de graça. Foi uma advertência graciosa, na tentativa de impedir um crime que em breve haveria de ser cometido.

4.7

Os estudiosos admitem a dificuldade do texto. Talvez seja aqui sugerido que a insatisfação de Caim estava dentro dele mesmo. Ele não estava agindo direito. Mas não é explicado especificamente *por quê*. Mas havia alguma coisa em Caim que anulou a validade desse oferecimento divino. Ver as notas no vs. 5 quanto a possíveis razões de seu sacrifício não ter sido aceito.

O pecado jaz à porta. O pecado é como um animal agachado que espera por uma oportunidade para atacar. A *porta* é metafórica. Pode indicar a porta da vida de uma pessoa; o seu "eu" interior; ou, simplesmente, pode indicar a idéia de algo "prestes" a suceder. O pecado está sempre presente para perturbar e corromper. Alguns preferem interpretar como "a porta do sepulcro" (Targuns de escritores judeus posteriores). O pecado está à espreita para produzir a morte, e o dia do juízo produzirá o resultado maligno.

Oferta pelo Pecado. Outra interpretação sugere que o que estava "à porta", ou seja, prestes a acontecer, era uma oferta pelo pecado (ou seja, um *sacrifício animal*), e que tudo quanto Caim precisava fazer era tirar vantagem desse remédio fácil para o seu pecado. É verdade que o hebraico original pode ser assim interpretado. As ofertas pelo pecado, sob a forma de um animal que podia ser sacrificado, estavam ali mesmo à porta (ou cortina) da tenda. Caim, levanta-te! Oferece o sacrifício e remedia a tua situação! Talvez já houvesse sido dada alguma instrução, agora reiterada. Caim, faze o que deves fazer!

Declarou Jesus: ". . . não quereis vir a mim para terdes vida" (João 5.40). Essa é, essencialmente, a atitude retratada no texto à nossa frente.

"Temos aí o conflito perpétuo entre o bem e o mal. Qualquer indivíduo presa da inveja e do espírito belicoso é uma vítima do Maligno" (Allen P. Ross, *in loc.*).

O seu desejo será contra ti. Caim era o filho primogênito, e, como tal, ele exercia uma certa medida de autoridade sobre seu irmão mais novo, Abel. Destarte, a voz divina disse-lhe que ele estava em uma posição privilegiada, não havendo verdadeira razão para invejar a seu irmão. Mas outros pensam que *desejo*, nesse caso, indica a tentação ao pecado, que poderia ser facilmente controlada e dominada. Em outras palavras, Deus estava dizendo a Caim que ele precisava vencer o pecado, o que poderia fazer se voltasse a ter uma atitute correta. Mas a primeira idéia parece melhor.

O Primeiro Homicídio (4.8-26)

4.8

O original hebraico tem sido interpretado de vários modos neste ponto. Algumas traduções dizem aqui: "Conversou Caim com Abel. . .", dando a entender que relações amistosas teriam sido estabelecidas depois do encontro de Caim com Yahweh. Nesse caso, em uma súbita e não-premeditada explosão de cólera, Caim matou Abel. Mas outras traduções (como nossa versão portuguesa) dizem: "Disse Caim a Abel. . . Vamos ao campo". Em outras palavras, ele já tinha o homicídio em seu coração, e *convidou* propositadamente a Abel para que fosse com ele a um lugar onde lhe convinha executar seu maligno propósito. Nesse caso, o primeiro homicídio foi premeditado. Ainda uma terceira tradução é possível. O termo hebraico *wayyomer*, "e (ele) disse", poderia ser uma corrupção de *wayyishmor*, "e ele olhou" para seu irmão. Isso significaria que Caim *olhou* para Abel, com ódio e intuitos homicidas no olhar, e então passou a executar seu terrível plano. Nesse caso, pode haver um sutil jogo de palavras com o vs. 9. Caim "fixou os olhos" em seu irmão, com intuitos assassinos. No entanto, mais tarde, desculpou-se dizendo que não era vigia de seu irmão, então por que teria ficado olhando para ele?

Campo. Caim teve o cuidado de assassinar a seu irmão em um local onde não pudesse ser observado. Mas coisa alguma é feita em segredo que não venha a ser revelada. Alguns intérpretes têm procurado identificar o local com precisão, isto é, cerca de um quilômetro e meio distante de Damasco, onde há uma colina que, segundo se diz, seria o lugar onde ocorreu o fratricídio. Existe ali uma estrutura que presumivelmente assinala o túmulo de Abel. Mas identificações dessa ordem geralmente são fantasiosas.

Caim. . . o matou. O texto não nos informa se Caim sabia ou não o que significa morrer, e se ele, mediante um golpe ou pancada com algum osso de animal, poderia matar um homem. Os intérpretes costumam dramatizar o texto. Caim teria atingido Abel com uma pedra, na cabeça. Abel caiu. Para a surpresa de Caim, ali estava Abel, imóvel. Atônito, ele acabou percebendo que tinha acabado com uma vida humana. Foi a primeira pessoa a ver um ser humano morrer, e isso sob as mais terríveis circunstâncias. Não há como saber o que o autor sacro queria que entendêssemos aqui. O drama já é grande o bastante sem nenhum vôo da fantasia humana, conforme os intérpretes costumam fazer.

Ódio Teológico. É estranho que o primeiro assassinato tenha ocorrido por causa de um pervertido ato de adoração. Os homens golpeiam e executam na fogueira outros homens por motivo de *teologia*, e não existe ódio pior do que o ódio religioso. Caim não se saíra bem em sua vida espiritual (o sacrifício por ele oferecido não fora aceito); e assim, irado, matou um homem que era seu superior espiritual. Os sistemas ensinam os homens a odiar aqueles que são diferentes.

> *Ó Deus. . . que carne e sangue fossem tão baratos!*
> *Que os homens viessem a odiar e matar,*
> *Que os homens viessem a silvar e decepar outros,*
> *. . .por causa de. . . "Teologia."*
>
> (Russell Champlin)

Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Ódio* e *Homicídio.*

"Foi quando se aproximava de Deus que Caim percebeu o quanto odiava seu irmão. Ele estava frustrado porque sentia que, de alguma maneira, a verdade de Deus era mais preciosa para Abel do que para ele. . . e então revidou. . . cega e amargamente, contra a superioridade que o deixava envergonhado" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*). Os homens se lançam contra seus semelhantes cujas realizações invejam. Nada é mais inerente à natureza humana decaída do que isso.

Foi um *irmão* que Caim matou. Esse fato deveria deixar-nos sóbrios. O ódio invadiu o próprio coração da família; e o ódio também pode invadir o coração de membros da família de Deus.

Pensemos nos milhares de crentes que têm sido exilados, aprisionados ou mortos por causa de disputas religiosas e de diferenças denominacionais! Ver no *Dicionário* o artigo sobre a *Tolerância*, o qual ilustra esse ponto. Ver especialmente a sua terceira seção.

". . .aquele monstro de muitas cabeças, a perseguição religiosa. . . Todo perseguidor é um filho legítimo do antigo homicida. . . aquilo não foi feito por um inimigo comum. . . mas pela mão de um irmão" (Adam Clarke, *in loc.*).

4.9

Onde está Abel. . .? Deus efetua outra inquisição, que nos faz lembrar daquela de Gênesis 3.9-19,23. A voz divina volta, perscrutando os corações dos homens: "Que fizeste?" (Gên. 3.13 e 4.10). Deus faz perguntas que não queremos ouvir. Caim havia eliminado seu irmão. E a última coisa que agora Caim queria falar era sobre esse assunto. Mas não há erro que não venha a ser desvendado (Mat. 10.26). Esse versículo fala sobre como os homens *encobrem* suas maldades. Caim teve o cuidado de cometer o seu crime onde ninguém poderia vê-lo. Tudo sucedeu no campo, quando ele e seu irmão estavam sozinhos. Mas Deus vira tudo. A mente perversa supõe que nenhum mal é cometido enquanto não é descoberto. Caim repudiou a sua responsabilidade, e não se incomodou com Deus nem com o que o juízo divino poderia fazer. Mas isso é próprio da insensatez dos pecadores.

Não sei. O assassino mostrou que também era um mentiroso, tal como Jesus disse acerca de Satanás (João 8.44,45). A perversão humana é como as raízes espinhentas que espalham os seus tentáculos por toda parte e sobre tudo, estragando assim a personalidade inteira. A mente criminosa quase sempre ofen-

de em várias áreas: furtando a propriedade alheia; violando pessoas como aqueles que ferem ou assaltam sexualmente. Dificilmente a mente criminosa manifesta-se apenas em uma área.

Acaso sou eu tutor de meu irmão? Muitos sermões e lições têm sido pregados sobre essa breve declaração. A lei do amor responde com um sonoro "sim". No *Dicionário*, ver o artigo sobre o *Amor*. Tal como o mal permeia todas as áreas da atividade humana, assim também o amor é igualmente todo-penetrante, afetando cada área da vida humana. Jesus ensinou quem é o nosso "irmão", a saber, qualquer pessoa em necessidade. A parábola do bom samaritano deixou isso claro (Luc. 10.33 ss.). Contraste-se isso com a limitada maneira de pensar que ele encontrou entre os judeus. Seu irmão era um compatriota judeu, e, verdadeiramente, essa idéia permeia todo o Antigo Testamento. Sabemos qual era a atitude dos judeus acerca dos "de fora", como os malditos gentios. Era um ato ético revolucionário estender amor a todos os homens indistintamente. Deus amou o "mundo", tendo dado exemplo disso, e tornou-se o tutor de todos os seres humanos. Não obstante, Caim falou apimentada e imprudentemente. A providência de Deus é um fato, mas ela opera através do homem, e somente então é que, na prática, ela se torna verdadeiramente universal.

O amor não indaga somente acerca daqueles a quem temos ofendido. Também nos questiona a respeito daqueles a quem temos *negligenciado*. As igrejas evangélicas evangelizam, mas, de modo geral, mostram-se quase insensíveis quanto à caridade, mormente no que diz respeito aos "de fora". Onde está a lei do amor e aquele tipo de espiritualidade sobre o qual Tiago falou (Tia. 2)?

Deus está com o homem; Ele o criou, mas também o recompensa pelo bem e o pune pelo mal. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Teísmo*.

4.10

Que fizeste? Ver Gên. 3.13. A voz divina fez a pergunta vital. O dedo de Deus foi posto sobre o nervo da degradação do homem. A pergunta não solicitava informação, pois Deus já sabia de tudo. Mas ela apontava para a confissão e o remédio, o que será sempre a função do Logos, a voz divina. Caim não tinha muita consciência sobre seu horrendo crime. Foi preciso a voz divina para insuflar nele um pouco de consciência. É admirável quão pouco a maioria dos criminosos sente a profundeza de sua própria degradação. Nesta altura, dentro das Escrituras, estamos dentro da Dispensação da Consciência (Gên. 3.24). Mas quão pouco disso possui o homem caído. O bispo Butler fazia da *consciência* o grande guia e o princípio moral de todos os homens, pois tinha confiança em seu poder e atividade. A consciência é uma realidade, mas não é aquele grande poder que o bispo Butler imaginava. Ver no *Dicionário* o artigo sobre a *Consciência*.

A voz do sangue de teu irmão clama. O perverso coração de Caim se endureceu; mas Deus ouvia o clamar amargo da vítima. As vítimas silentes não estão de fato silentes, exceto para os homens. O solo havia repudiado o ato de Caim. O sangue derramado clamava por vingança. Testemunhas se tinham levantado contra ele. Ele tinha tido todo o cuidado para evitar tal testemunho; mas este não pudera ser abafado.

Sangue. No hebraico temos o plural, "sangues", o que, para alguns intérpretes, indica que os descendentes de Abel, ou dos justos, continuariam a clamar contra os abusos cometidos pelos pecadores. Assim, o Targum de Onkelos diz: "A voz do sangue das sementes ou gerações que deveriam vir de teu irmão". Naturalmente, não há registro de que Abel teve filhos. Assim, podemos entender que *todas as gerações* de seres humanos, dali por diante, haveriam de relembrar aquele horrendo crime. Jarchi dramatizou a questão falando em muitos *ferimentos*, de onde o sangue de Abel teria esguichado. Cada um daqueles ferimentos testificava contra Caim. Como é óbvio, isso é uma fantasia, embora seja instrutivo. A justiça divina não esquece *nenhum ferimento*. "Assim, juntamente com a primeira golfada de sangue humano que foi derramado, surgiu aquele pensamento medonho, divinamente inspirado, de que a terra não conferiria tranqüilidade para o miserável que a havia manchado de sangue" (Ellicott, *in loc.*).

4.11

És agora, pois, maldito. A sentença divina foi passada, mesmo sem a presença de alguma testemunha humana. As forças policiais, em nossas cidades violentas, resolvem somente uma pequena porcentagem dos crimes cometidos. A maioria dos criminosos, da maior periculosidade, caminha hoje em dia pelas ruas, buscando outras vítimas. Mas a justiça assegura-nos de que, apesar de parecer que tudo resulta do *caos* moral, ainda assim existe Um que vê tudo e que pune. Outrossim, o julgamento divino é absolutamente completo. Caim não pôde escapar. Ele tentou esconder o seu crime, mas *Deus* o descobriu. Isso posto, a justiça divina atua sobre tudo e sobre todos. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Justiça*. Emanuel Kant baseou um argumento seu, em prol da existência de Deus, na retidão moral. A *justiça* deve ser feita. Para que ela seja feita, deve haver um Deus inteligente e poderoso o bastante para impor a justiça. De outra sorte, precisaríamos admitir que o nosso mundo se caracteriza pelo *caos* e que o pessimismo é a regra da vida, e não um justo e reto desígnio. Ver no *Dicionário* o artigo acerca do *Pessimismo*.

Metaforicamente, o sangue de Abel havia infectado a terra, como um veneno, em retaliação pelo homicídio cometido. O resultado foi que, quando Caim cultivasse o solo, este produziria pouco resultado. Isso era uma *parte* de sua punição. Ver o vs. 12.

4.12

O solo não te dará ele a sua força. O solo, empapado com o sangue de Abel, perpetraria vingança contra Caim. Recusar-se-ia a produzir com abundância. Caim haveria de trabalhar e suar, mas a terra mostrar-se-ia relutante. Essa maldição repete aquela que fora lançada contra Adão (ver Gên. 3.18,19, onde ofereço comentários suficientes a respeito). A terra é aqui pintada como que dotada de *força*. Por decreto divino, ela se reveste de uma fertilidade natural. Mas essa força agora fora debilitada, exceto quanto à produção de cardos e abrolhos, que continuam a florescer abundantemente no solo empobrecido.

Fugitivo e errante. Esse castigo não foi infligido diretamente a Adão, mas foi o juízo especial contra Caim. Por outra parte, foi um castigo indireto imposto a Adão, porque ele teve um filho assassinado por outro, e seu filho assassino agora se tornaria um vagabundo pela terra. Desse modo, Adão compartilhou do castigo de Caim, posto que indiretamente. O relato do Gênesis ilustra sobejamente o imenso preço que o homem precisa pagar pelo pecado. Os pecados de um homem ferem, principalmente, a ele mesmo, e só secundariamente a outros. Ninguém é bom sozinho, mas só pode ser bondoso com outrem. E ninguém pode ser ruim sozinho, mas só pode ser ruim com outrem.

Pior do que um Nômade. Caim ficou reduzido a uma situação pior que a de um nômade. Um nômade até que mostra certa lógica quanto à sua maneira de viver. Sabe o que está fazendo. Mas o fugitivo vagueia atemorizado. O vagabundo é uma alma perdida. Caim ficou errando, acossado pelo medo. "Quem tentaria matar-me?" Os críticos opinam que a história de Caim originou-se em algum grupo nômade que vivia uma vida miserável no deserto, a qual acabou registrada no livro de Gênesis. Mas se uma tribo nômade bem poderia ter ilustrado o que sucedeu a Caim, não há motivo para supormos algum tipo de empréstimo primitivo aqui. Seja como for, Deus prometeu a Caim uma existência miserável e esquálida.

Os Queneus. Ver o artigo sobre esse povo no *Dicionário*. Alguns supõem que Caim teria sido o progenitor dessa tribo. Em caso contrário, a tradição que temos no quarto capítulo do Gênesis pode estar relacionada, de alguma forma, àquele povo. Os queneus eram um clã especialmente abominado por Israel. Alguns fazem retroceder esse ódio ao quarto capítulo do Gênesis, mas isso é pura conjectura.

Uma Sentença Perpétua. É interessante que o primeiro homicídio tenha sido punido com uma sentença perpétua, e não com a pena de morte. De acordo com Caim, essa punição era pesada demais: "É tamanho o meu castigo, que já não posso suportá-lo!". Aqueles que são encerrados em prisões, por muito tempo, dizem-nos que tal experiência é como "um inferno em vida".

Rixas e Vinganças Tribais. Quanta matança é descrita no Antigo Testamento, por Israel e contra Israel! Caim também foi enviado à terra da matança e da vingança. Ele haveria de vagabundear entre gente degenerada, sempre matando ou sendo morta, sempre em conflito, sempre em um turbilhão. Os historiadores ficam boquiabertos diante da extrema violência e belicosidade das tribos antigas.

Caim tinha preferido viver esse tipo de vida, a viver em paz na presença de Deus. Ele havia perdido seus direitos.

A Septuaginta diz aqui "gemendo e tremendo" na terra, o que, sem dúvida, passou a ser a experiência de Caim, embora a maior parte dos críticos textuais prefira ficar com o texto original, hebraico. Ao que parece, a Septuaginta dá uma *interpretação* do texto hebraico, e não é uma tradução de um texto diferente.

4.13

Meu castigo. . . já não posso suportá-lo. Caim perdeu seu lar ordeiro e confortável, e seu trabalho relativamente ameno. Ele ampliou o exílio de seu pai, Adão, a regiões desconhecidas, distantes do Éden. O homem pagão agora espalhava a sua civilização. Homicídio, guerra, violência, miséria e fome acompanharam Caim ao deserto. Ele tinha começado a pagar sua sentença perpétua. Deus não permitiria que ele fosse morto, o que garantiria que sua punição estivesse à altura da gravidade de seu crime. Os homens costumam queixar-se, a exemplo de Caim, de que seu castigo é exagerado, mas podemos estar certos de que Deus, o qual é justo e amoroso, não pune além da medida certa. A lei da colheita segundo a semeadura aplica-se tanto a esta vida quanto à vida futura. O que for deixado em estado de desequilíbrio será devidamente compensado na vida por vir. Emanuel

Kant baseou um argumento em favor da idéia da sobrevivência da alma, diante da morte biológica, sobre a necessidade de a justiça ser satisfeita. Isso raramente acontece neste mundo. Portanto, Deus deve impor um juízo preciso ou conferir uma recompensa precisa na outra vida. Os homens têm de continuar existindo, para se encontrarem com o resultado de suas ações, no outro lado da vida. Se isso não fosse verdade, então reinaria o *caos*, e não a ordem e a justiça. No *Dicionário*, ver os artigos chamados *Alma* e *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*.

Perguntou John Gill (*in loc.*): "Se essa punição pareceu intolerável, quais não serão os tormentos do inferno?". John Gill pensava que o castigo de Caim foi leve. Até mesmo homens bons têm tido suas propriedades confiscadas e têm sido enviados ao exílio, e isso sem nenhum motivo real. Como é claro, alguns, ao comentarem sobre o texto, supõem que Caim esperava a segunda morte, mas o texto mesmo não indica isso. Já pudemos notar que a antiga fé dos hebreus, antes da época dos Salmos e dos Profetas, não incluía a doutrina da alma imaterial, nem do céu e do inferno; nem a lei mosaica jamais ameaçou com castigos além-túmulo, nem com bem-aventuranças além-túmulo, a quem quer que fosse. Ver as notas sobre esse ponto, em Gên. 1.26. Uma variante do texto diz aqui: "Meu pecado é maior do que aquilo que pode ser perdoado". Na realidade, porém, não há pecado que não possa ser perdoado, exceto a blasfêmia contra o Espírito Santo (Mat. 12.31). Ver no *Dicionário* o artigo *Misericórdia (Misencordioso)*. Os juízos de Deus não são apenas retributivos, mas também remediais. Assim, podemos esperar que, afinal, Caim acabou achando a vida eterna. Afinal, pessoas piores do que ele têm sido salvas. Ver II Pedro 4.6 quanto ao juízo remedial de Deus, mesmo no caso de pessoas impias. Adam Clarke (*in loc.*) procurou mostrar que a variante marginal é superior ao texto, mas a maioria dos críticos textuais e dos intérpretes não concorda com essa opinião.

4.14

Hoje me lanças da face da terra. O versículo reitera os elementos da maldição divina (sobre o que já comentamos), adicionando apenas mais dois elementos ao temor de Caim: ele temia vir a ser morto, por causa de sua reputação como assassino, porquanto seria alvo do ódio de todos. Além disso, alguns homens têm prazer em abater assassinos, como demonstram as gangues de extermínio no Brasil. E qual o segundo elemento? Ele teria de "esconder-se" da presença de Deus!

Quem seriam as pessoas que tentariam matar Caim? As respostas são as mais diferentes:

1. Haveria raças pré-adâmicas que ainda dominariam certas porções da terra, pois a criação de Adão teria sido um *reinício*, com uma raça superior, e não um início absoluto. Alguns eruditos conservadores têm assumido essa posição, supondo que antes de Adão poderia ter havido muitas eras, pré-históncas e pré-bíblicas.
2. Outros pensam que Adão e Eva tiveram muitos outros filhos, e que por esse tempo poderia já haver netos ou mesmo bisnetos do primeiro casal. Embora o relato bíblico não forneça tais detalhes, bem poderíamos aceitar essa suposição.
3. Ou, então, Caim estava *antecipando* o que poderia vir a suceder, quando os homens viessem a multiplicar-se, embora tal condição ainda não prevalecesse na ocasião de sua queixa.
4. Os críticos supõem que o autor do Gênesis tenha mesclado alguns elementos de seu mito. Ele não teria pensado, na oportunidade, em como tais pessoas poderiam ter existido, pois também não forneceu nenhuma explicação a respeito. E assim, o registro escrito conteria um elemento que não se coaduna com o resto.

O Segundo Elemento. A maldição divina não havia determinado que Caim se esconderia da presença de Deus, mas o próprio Caim temia que assim sucedesse. Porém, nenhum pecador está fora do alcance da misericórdia do Senhor. Não obstante, é verdade que a comunhão com Deus fora rompida, e que Caim teria de se esforçar muito para reavê-la. Mas Deus estaria esperando pelo seu retorno, tal como o pai esperava pela volta do filho pródigo (Lucas 15.11 ss.).

4.15

Qualquer que matar a Caim será vingado sete vezes. Deus garantiu assim que Caim serviria por toda a sua sentença perpétua. Não seria libertado de sua punição mediante uma morte súbita e violenta. O termo *vingança* não é definido, nem precisamos tentar entendê-lo com precisão. O poder divino haveria de impor certa variedade de castigos apropriados com quem quer que tentasse frustrar os Seus planos. A vingança seria *sete* vezes pior do que a punição de Caim. Esse é o número divino, e indica alguma espécie de aplicação direta divina de algum mal ou males. "A vingança estaria visível sobre ele de alguma maneira, e isso em alto grau" (John Gill, *in loc.*). Os Targuns de Onkelos e de Jonathan supõem que a expressão significa "até a sétima geração". E se esse é o sentido, então o castigo haveria de prolongar-se por um mui longo período de tempo. Ver os comentários sobre Gên. 4.24, um trecho que pode ser reputado como confirmação dessa idéia.

E pôs o Senhor um sinal em Caim. Explicações tolas, intermináveis e fabulosas têm sido dadas acerca desse sinal. Dou aqui alguns exemplos, a fim de também não exagerar sobre algo acerca do que não temos nenhum conhecimento:

1. Caim tornou-se um negro, uma interpretação nitidamente racista. De acordo com essa idéia, nesse ponto, por alguma interferência divina no seu código genético, começou a raça negra.
2. Caim teria ficado leproso, doença que atacou principalmente o seu rosto, tendo sido esse o início da temida enfermidade.
3. Caim recebeu alguma espécie de tatuagem, palavra impressa ou símbolo etc.
4. Caim ficou aleijado, tendo sido a primeira pessoa aleijada do mundo.
5. Caim ficou semiparalisado, e começou a tremer loucamente.
6. Por onde ele ia a terra ia sofrendo terremotos!
7. Algum cão feroz o acompanhava, guardando-o de qualquer atacante. Alguns refinam isso a ponto de dizer que o cão era um dos guardadores do rebanho de Abel!
8. O nome "Yahweh" foi estampado na testa de Caim.
9. O nome "Caim" foi estampado na testa de Caim; ou então, "Caim, o fratricida".
10. Caim teria sido circuncidado, pelo que ele foi o primeiro homem a sofrer essa operação!
11. Deus fez um milagre diante de Caim, para garantir-lhe que ele estaria a salvo do ataque de qualquer outro ser humano. Deus lhe deu um sinal para aliviá-lo do medo de ser atacado, garantindo-lhe também a Sua presença.
12. Deus tornou Caim invencível: ele não podia ser queimado a fogo; uma espada não podia feri-lo; ele não podia ser afogado na água.
13. Uma luz, como o círculo do sol, acompanhava-o por onde ele fosse.
14. Um longo chifre cresceu em sua testa!

Chega! Quem sabe o que foi o "sinal" de Caim?

Natureza do Sinal. Sem importar qual tenha sido o sinal de Caim, visava tanto à sua proteção quanto a mostrar o desprazer de Deus.

Extensão da Idéia. Alguns eruditos pensam que não só Caim, mas também seus descendentes, continuariam a gozar da proteção divina. Esses descendentes formariam um povo brutal, impondo severos danos a qualquer que quisesse prejudicar algum membro do clã. Seja como for, e como uma interpretação ou aplicação secundária do texto, é digno de nota que há um poder divino que *nos protege* de qualquer dano físico (segundo se vê, com grande eloqüência, no Salmo 91). Fazemos bem quando pedimos a proteção divina, para nós mesmos e para nossos familiares, todos os dias, crendo que, se uma pessoa como Caim podia ser protegida, então nós, como crentes, certamente também podemos.

Notemos como os péssimos efeitos do pecado de Adão não demoraram a ir-se acumulando! Toda a história da humanidade jaz sob a maldição de Adão. Essa maldição aumentou em Caim, e desde então nunca deixou de agravar-se, como os cardos e abrolhos produzidos pela terra.

4.16

Da presença do Senhor. . . na terra de Node. Essa é uma bela mas triste descrição. Caim deixou a presença de Deus e foi para a terra de Node, nome esse que significa "perambulação". Essa é uma verdade universal. Os homens que abandonam a presença de Deus, automaticamente passam a vaguear, mesmo que venham a residir para sempre nas mais belas residências, nas cidades mais avançadas e civilizadas. Pessoas assim, mesmo que abastadas, são vagabundas. Os justos podem vaguear como *peregrinos;* mas a peregrinação deles leva-os até a Cidade Celeste. Os ímpios é que verdadeiramente vagueiam ao léu.

Ao oriente do Éden. À semelhança de Adão (ver Gên. 3.24). Caim afastou-se ainda mais para o oriente do que o fizera seu pai. Logo, a *alienação* aprofundava-se. É triste quando um filho ainda é mais alienado de Deus do que seu pai. O pior erro que um pai pode fazer é transmitir a seus filhos os ensinamentos espirituais que ele desconhece. Todo pai deve a seu filho três coisas: Exemplo! Exemplo! Exemplo!

Node. Essa palavra significa "vagueação", "exílio", "vagabundagem". Alguns estudiosos afirmam que esse lugar ficava a leste do jardim do Éden. Não há como fazer uma identificação. Alguns pensam na China ou na Índia, mas ninguém sabe ao certo. E nem as tradições fornecem-nos uma informação mais segura.

Os Descendentes de Caim (4.17-19)

4.17

Novamente, o autor sacro supôs, deliberadamente (ou, conforme afirmam os críticos, acidentalmente), que já havia "ali" uma população humana, além daquilo que é definitivamente afirmado no texto. A antiga pergunta ditada pelo ceticismo: "Onde Caim arranjou esposa?" é insensata e esperava uma precisão detalhada que o autor do livro de Gênesis não se incomodou em requerer de si mesmo. Ver

as notas sobre Gên. 4.14 quanto a explicações possíveis. Ver o artigo sobre *Caim*, em Gên. 4.1, que oferece alguns comentários sobre a questão. A palavra *incesto* não teria sentido para um homem que só tinha uma irmã com quem se casar. Ver o artigo intitulado *Incesto*, em Lev. 18.6.

Deu à luz a Enoque. O "Enoque" deste texto não deve ser confundido com um homem do mesmo nome, mencionado entre os descendentes de Sete. Houve quatro personagens com esse nome. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Enoque*. Caim chamou a cidade por ele construída de acordo com o nome de seu filho, sem dúvida amado por ele. Ptolomeu situava essa cidade em *Hanuchta*, na Susiana. A única coisa que sabemos sobre esse homem é o que ficou registrado aqui. Não podemos dizer que ele cresceu na iniqüidade de seu pai, conforme alguns têm dito. Esse nome significa "instruído", "dedicado" ou "iniciado". Oxalá isso tenha significado que ele fora "iniciado no caminho do Senhor". Mas talvez significasse somente "iniciado nos conhecimentos e nas habilidades de seu pai". É possível que, por essa altura, Caim já se tivesse arrependido e tivesse restabelecido comunhão com Deus. Mas não dispomos de nenhuma informação a esse respeito.

Uma cidade. O texto apresenta-nos Caim como o primeiro homem a estabelecer uma comunidade urbana. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Cidade*. Caim foi o primeiro arquiteto urbanista! E isso, hoje em dia, é uma profissão de *alguma* conseqüência.

A Primeira Civilização. É um curioso fato bíblico que a primeira civilização (a qual, finalmente, pereceu no dilúvio) teve origem cainítica. As artes e as ciências tiveram ali os seus primórdios (ver os vss. 21 e 22 deste quarto capítulo). A cultura dos hebreus nunca produziu muito das armadilhas da civilização, exceto nos campos da literatura e da fé religiosa. Os povos vizinhos a Israel sempre produziam feitos melhores e maiores nos campos das artes e das ciências.

4.18

A Enoque nasceu-lhe Irade. Este último nome significa "fugitivo". Ele foi um dos filhos de Enoque, filho de Caim, o patriarca antediluviano. Ver também Gên. 14.18. Nada se sabe sobre ele, e as próprias tradições não acrescentam muita coisa. O fato de que o autor sagrado importou-se em dar os nomes de algumas personagens mostra-nos que ele lhes dava alguma importância, o que para nós se perdeu. Talvez *Irade* tenha sido o primeiro prefeito de uma cidade. Isso lhe teria dado alguma distinção.

Meujael. Nome do filho de Irade, um nome que quer dizer "ferido por Deus". Por sua vez, ele foi o pai de Metusael. Em outros lugares do Gênesis, seu nome aparece com a forma de Maalaleel. Coisa alguma se sabe sobre Meujael.

Lameque. Quanto a notas completas sobre ele, ver o *Dicionário*. Ele foi uma figura que mereceu um pouco mais de comentário. Era filho de Metusael e foi pai de Jabal e de Tubalcaim, filhos de duas mulheres diferentes. De acordo com a Bíblia, foi o primeiro homem polígamo. A poligamia, entre os povos primitivos, era a regra, e não a exceção. Ver no *Dicionário* a nota sobre a *Poligamia*. Esses dois filhos de Lameque deram início às artes e às ciências. Eles também tiveram uma irmã, chamada Naamá. Damos comentários sobre essas pessoas nas notas sobre o versículo seguinte. Em conexão com Lameque, temos o primeiro exemplo de poesia na Bíblia (Gên. 4.23,24). Exibe o paralelismo que caracterizava a poesia dos hebreus.

"Assim, na linhagem de Caim. . . temos o começo da vida urbana; na linhagem de Sete, o começo de uma vida de santificação; e o cainita Lameque, regozijando-se nas armas inventadas por seu filho, mostrou ser o oposto mesmo do Lameque descendente de Sete, que chamou seu filho pelo nome de Noé, *quietude, descanso*" (Ellicott, *In loc.*).

4.19

Duas esposas. A história do Lameque cainítico revestia-se de algum interesse para o autor sacro. Ele tinha duas esposas, um fato mencionado sem nenhum comentário, um exemplo que, mais tarde, se tornou a regra universal. Ver o vs. 18 quanto ao pouco que sabemos acerca dele.

Ada. No Antigo Testamento, esse é o nome de duas pessoas. Ver também Gên. 36.4. A primeira era uma das mulheres do Lameque da linhagem de Caim. Nada se sabe sobre ela além daquilo que é dito aqui. Seu nome significa "beleza" ou "adorno". Ela teve filhos distintos, visto que tiveram importância suficiente para serem mencionados no livro de Gênesis.

Zilá. Esse nome quer dizer *sombra*. Mas outros lhe dão o sentido de "proteção" ou de "tela". Ela foi mãe de Tubalcaim, "artífice de todo instrumento cortante, de bronze e de ferro". Seu filho deu início a implementos de guerra, mas também a implementos agrícolas. Não há como determinar uma data para esses povos antigos. Alguns calculam cerca de 4000 A. C. Coisa alguma se sabe sobre essa mulher, salvo aquilo que este texto nos informa. Ver no *Dicionário* os artigos sobre *Cobre* e *Bronze*. Ver também *Metal, Metalurgia* e *Artes e Ofícios*.

"O sétimo depois de Adão, através de Caim, foi *Lameque* (provavelmente contemporâneo do justo Enoque, também sétimo depois de Adão, Gên. 5.3-21. Lameque alterou os planos de Deus (Gên. 2.24) e se casou com duas mulheres" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Surgimento do Nomadismo, Outro Começo (4.20-24)

4.20

Jabal. Seu nome significa *mestre*. Ele foi o inventor das tendas e criava gado, uma característica das tribos nômades. Suas invenções facilitaram a vida nômade. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Nômades* quanto a detalhes a esse respeito. Coisa alguma se sabe sobre ele, exceto o que é sugerido no presente texto.

4.21

O nome de seu irmão era Jubal. Esse nome significa *riacho*. Ele descendia de Caim através de Lameque e de Ada. Ele aparece na Bíblia como o inventor dos instrumentos que em hebraico são chamados *kinnor* e *ugab*, e que alguns traduzem, respectivamente, por "harpa" e "órgão", mas que outros dizem "lira" e "gaita". Nossa versão portuguesa prefere "harpa" e "flauta". O nome dele talvez tenha algum vínculo com o *yobel*, o chifre de carneiro. Nesse caso, como músico que era, seu nome estava associado àquele instrumento musical de sopro. Foi um artista. Seu pai nos forneceu o primeiro poema da Bíblia (Gên. 4.23,24). Assim, havia um talento artístico na família. Achamos aqui um outro começo. A música nasceu com um homem, e esse homem deu início aos instrumentos de música. Sem dúvida, o cântico antecedeu aos instrumentos musicais, pois as cordas vocais do homem estão adaptadas à produção de sons musicais. A *cultura* humana começou a desenvolver-se a partir de invenções primitivas. É curioso que essas invenções tivessem tido início com tribos nômades. É possível que a "trombeta vibrante" (Lev. 25.9) tenha sido originada por ele. O folclore árabe preserva a tradição de que a música começou pela linhagem cainita. Essa tradição afirma que a versatilidade e habilidade de Jubal eram tão notáveis que as feras e as aves do campo reuniam-se em volta dele quando ele tocava. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Música, Instrumentos Musicais*.

4.22

Zilá. . . deu à luz a Tubalcaim. Há outro *Tubal* em Gên. 10.2. Ver no *Dicionário* o artigo sobre esse nome. Não se sabe o que significa "Tubal", mas o sufixo, *cain*, significa "ferreiro". Josefo chamou-o de *Thobel*, tendo afirmado que ele tinha grande habilidade militar. Criou instrumentos de matança, outro triste começo. É claro que as suas habilidades também se destinaram a fins pacíficos, sob a forma de instrumentos agrícolas. Ele foi o originador da metalurgia, ou, pelo menos, deu-lhe uma nova significação. Ver no *Dicionário* o artigo *Metal (Metalurgia)*. Há outras antigas histórias sobre a questão. *Vulcano* (fogo) recebia o crédito dessa invenção, por parte dos gregos e dos romanos, trazendo assim a ajuda divina para o avanço das habilidades humanas e para a civilização. Clemente de Alexandria creditava aos indaeanos, ou sacerdotes de Cibele, na ilha de Chipre, as invenções referidas neste versículo. E assim fizeram igualmente Sófocles e Estrabão (*Geograph.* 1.10 par. 326). A Septuaginta dá o nome com a forma de *Thobel* (que Josefo seguia). Talvez a porção final do nome, *cain*, fosse uma glosa antiga sobre Tubal, isto é, "Tubal, o Ferreiro", a fim de distingui-lo do Tubal que foi filho de Jafé (ver Gên. 10.2). Há muitas histórias sobre como teria tido início a metalurgia.

Ferro. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Ferro*. Alguns estudiosos pensam que a menção a esse metal, neste ponto, é um anacronismo, pois a era do ferro supostamente teria começado muito depois do que a época de Tubalcaim sugere. A questão permanece sem solução. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Guerra*.

A engenhosa mente humana tem sido empregada para aumentar a matança, pois desde o começo houve no homem um instinto homicida. Caim exemplificou com supremacia esse instinto. E então, um de seus descendentes implementou essa capacidade com instrumentos de matança. Assim, a degradação do homem foi aumentando com a passagem do tempo, sempre encontrando alguma nova maneira de expressar-se. Deus criou o homem na retidão, mas este muitíssimo se tem corrompido muitíssimo. E tem inventado muitas coisas que só produzem a miséria. Então as riquezas materiais servem somente para aumentar a depravação. Aqueles que têm inventado artes e instrumentos úteis, que melhoram a vida humana, também têm inventado instrumentos perversos; e assim o homem é

sempre o mais elevado e o mais aviltado dos seres, dividido entre o bem e o mal, algo sobre o que Paulo se mostrou amargo, no sétimo capítulo de Romanos.

Naamá. A primeira "filha" cujo nome nos é dado, embora as várias esposas mencionadas antes no texto fossem filhas de alguém. O nome dela significa "doçura", "deleite" ou "agradável". Essa é a única menção a ela na Bíblia, mas as tradições sobre ela são prolixas. De acordo com o Targum de Jonathan, ela foi "a dama das lamentações e dos cânticos". E assim, seu irmão inventou instrumentos de guerra, e ela inventou as lamentações pelos mortos! Josefo adianta que Lameque teve setenta e sete filhos, por meio de suas duas mulheres, mas somente essa sua filha é mencionada por nome. Autores judeus posteriores qualificavam-na de bela e graciosa. R. S. Jarchi disse que ela era a esposa de Noé, e citou Bereshith Rabba em apoio a essa noção. As lendas, porém, discordam. Outros, além de considerá-la bela, também a consideravam justa. Mas ainda outros dizem que sua beleza era tão notável que o mundo inteiro a desejava, e outros pensam até que ela foi o instrumento que permitiu a entrada dos demônios neste mundo. Toda mulher bonita é sempre associada às tentações e à maldade, mas fazer dela a porta de entrada dos demônios no mundo não passa de um exagero. Se pudermos acreditar nessas histórias (e é melhor não o fazermos), *Naamá* foi uma espécie de Helena cainita. Dizem-nos os gregos que *Helena* era tão bela que podia enviar mil navios ao mar, mediante uma mera ordem sua. *Naamá* era tão bonita que podia enviar mil soldados à batalha, usando as armas inventadas por seu irmão, naturalmente. Mas a Bíblia diz-nos somente que ela era uma boa jovem.

4.23

E disse Lameque. Produzindo assim o primeiro poema que achamos na Bíblia. Esse poema, concordam todos os eruditos, é de grande antiguidade. Mas contém paralelismos, o que é típico da poesia dos hebreus. Esse poema foi originado pela linhagem cainítica, tão criativa e artística. E sugere que a marca de Caim persistia na sua descendência. Aquele povo acreditava que ele tinha o direito de perpetuar terríveis vinganças contra qualquer pessoa que ferisse a alguém de seu clã. Supõe-se que Lameque tenha matado em autodefesa, ao passo que Caim simplesmente cometeu fratricídio e que, assim mesmo, foi protegido divinamente por uma marca. Lameque jactou-se de seus assassínios. Ele usara um instrumento inventado por um de seus filhos. Linda história! Ficou de pé diante de suas esposas e recitou o seu poema, o qual, de acordo com ele, justificava a sua violência. Como é óbvio a autodefesa é um direito reconhecido por todas as legislações. Mas ninguém precisa vangloriar-se do ato. Mas alguns eruditos pensam que Lameque havia ferido outro guerreiro em batalha, e que, em lugar de demonstrar misericórdia, matara o adversário. Não se interessara em fazer um prisioneiro de guerra. O texto, porém, não nos mostra o como ou o porquê da questão. Talvez ele estivesse procurando assegurar às suas esposas que ninguém ousaria procurá-lo para vingar-se de seus mortos. O mais provável, todavia, é que ele simplesmente se estava jactando de suas matanças.

As Tradições Mostram-se Ativas Aqui. Alguns supõem que o homem morto foi Caim, o qual, agora idoso e cego, se sentara no meio de uma floresta a fim de descansar. Lameque estaria caçando, guiado por Tubalcaim. O idoso Caim foi confundido com um animal, e Lameque, por ordem de seu filho, matou o idoso homem. Ao perceber o que tinha sucedido, Lameque matou seu próprio filho (o jovem do texto). Essa história é contada com algumas variantes (ver *Elmachinus*, par. 7, apud Hottinger; *Smegma Oriental* 1.1 c. 8. pars. 224-225). Mas não há possibilidade de essas lendas conterem alguma verdade.

Talvez tenhamos aqui uma antiga alusão à *lex talionis*, o direito de vingar-se "na mesma moeda", de acordo com a natureza do crime cometido. A legislação mosaica, muito depois, incorporou esse princípio, o que também se deu com várias legislações antigas. Ver no *Dicionário* o artigo *Lex Talionis*. Ver Êxo. 21.23 ss., quanto a exemplos disso nas Escrituras.

A civilização continuou à sombra de Caim. A perversão humana chega a aterrorizar. O dia que Isaías previu para o futuro distante, quando os homens haverão de transformar suas espadas em relhas de arado (Isa. 2.4), continua sendo visto como um mero sonho. A produtividade militar moderna resseca os recursos humanos, mesmo quando estes são tão desesperadoramente necessários para fins pacíficos.

4.24

De Lameque, porém, setenta vezes sete. É difícil entender por que Lameque seria vingado com maior severidade do que no caso de Caim, se chegasse a ser ferido por causa de alguma retaliação justificada. Isso tão-somente fazia parte de sua jactância. Homens ímpios sempre falam grosso demais. Os intérpretes não concordam quanto ao intuito dessa declaração. Alguns pensam que se trata de uma lamentação. Era como se ele tivesse dito: Caim sofreu sua *punição*, e agora sofrerei muito mais. Mas o mais provável é que Lameque estivesse aqui falando de seu próprio direito de tomar vingança contra suas vítimas impotentes, e não do direito de alguém vingar-se dele. Ninguém ousaria vingar-se de Lameque, pois ele era um autêntico descendente de Caim. Se alguém o ousasse, por certo uma terrível destruição ocorrena ao tal. Isso posto, a declaração parece conter um senso de reasseguramento para ele mesmo e para suas esposas, confirmando diante de todos que ninguém se vingaria de Lameque. Mui provavelmente está em pauta a *Lex Talionis*. Mas Lameque protestou diante de suas mulheres que essa lei não tinha aplicação em seu caso.

"Com esse jactancioso poema, que louva a violência armada e o derramamento de sangue, a par com indicações de uma vida de luxo e de prazeres, o narrador encerra a história da raça de Caim" (Eliicott, *in loc.*).

A Adoração ao Senhor (4.25,26)

4.25

O propósito desta breve seção é mostrar como o Senhor proveu a substituição de Abel, o justo. O autor sacro acabara de contar a lamentável história de um assassinato, outro crime da linhagem de Caim. Abel foi uma vítima do iniciador dessa linhagem. A civilização ímpia espalhara-se por meio dos descendentes de Caim. E que dizer sobre a linhagem piedosa, desde que Abel fora assassinado? A resposta é que Sete havia nascido para continuar a oposição ao princípio do mal. O Targum de Jonathan diz-nos que seu nascimento teve lugar cento e trinta anos após a morte de Abel, mas não há como confirmar isso. O bispo Usher pensa que isso sucedeu no mesmo ano, outra conjectura que não temos como investigar. Seja como for, isso *aconteceu*, e é o que importa. O propósito de Deus foi fazer isso suceder, mais cedo ou mais tarde.

Tornou Adão a coabitar. Ver as notas sobre essa expressão em Gên. 4.1.

Ela deu à luz um filho. . . Sete. Não se sabe qual a verdadeira etimologia desse nome, mas a opinião popular é que vem do termo *shith*, "nomear". E nisso ela via uma divina nomeação para reparar o dano que havia sido feito. Esse é um princípio verdadeiro, que opera o tempo todo, porquanto Deus mantém este mundo de acordo com o Seu desígnio, e não sujeito ao caos.

Sete (Filho de Adão e Eva). No hebraico, esse nome significa "compensação" ou "broto". Sua forma grega é *Séth*. Ele é mencionado nos livros de Gênesis, I Crônicas e Lucas. Contudo, em Números 24.17 há menção a um certo Sete que parece ter-se tratado de um rei ou de uma raça, cuja procedência e localidade muitos estudiosos preferem dizer serem desconhecidas.

Sete foi o terceiro filho de Adão e Eva, depois de Caim e Abel. Teria sido ele, realmente, o terceiro, após o qual nasceram muitos filhos e filhas (Gên. 5.4)? Ou foi Sete o terceiro filho cujo nome nos é dado? Essa indagação é difícil de ser respondida, pois a Bíblia não nos dá informes precisos quanto a esse particular. Ver Gên. 4.25. A piedosa linhagem messiânica começa em Sete, e daí até Noé (Gên. 5.3,4; I Crô. 1.1; Eclesiástico 49.16; Luc. 3.38). De conformidade com certo texto massorético e com a recensão samaritana, Sete teve um filho de nome Enos (Gên. 5.6,7), quando estava com 105 anos (a Septuaginta diz duzentos e cinco anos). Sete chegou aos novecentos e doze anos de idade (Gên. 4.26; 5.6-8).

Visto que as genealogias constantes em Gênesis 4.18-22 e 5.3-32 contêm ambos os nomes de Enoque e Lameque, alguns estudiosos pensam que uma dessas genealogias deriva-se do documento chamado "G", e que a outra procede do documento chamado "S". Ver o artigo sobre *Código Sacerdotal*, no *Dicionário*. Não obstante, outros eruditos opinam que as diferenças sugerem duas listas inteiramente diferentes, e não apenas uma lista confusa, por ter provindo de duas tradições diversas de fontes informativas.

Alguns estudiosos pensam que esse terceiro filho de Adão foi chamado Sete (Gên. 4.25) por ter tomado o lugar de seu irmão assassinado, Abel. Pois Sete significaria "compensação", ou, conforme alguns, "restituição". Todavia, essa derivação envolve certos problemas lingüísticos. Assim, de acordo com alguns especialistas, em vez de esse nome derivar-se da raiz que significa "nomear", "determinar" (no hebraico, *shath*), teria sido selecionado por causa de sua assonância com esse verbo hebraico.

Há uma pessoa com esse nome em Núm. 24.17; conforme a nossa versão portuguesa e outras, mas que outras versões traduzem por "tumulto". Esse Sete teria sido o antepassado de um povo mencionado por Balaão, como povo adversário de Israel. Albright (BASOR, lxxxiii, 1941, 34) identificou esse povo com os *SWTW* dos textos de execração dos egípcios. Dentro da própria Bíblia, nada é informado que nos permita identificar esse povo.

O nascimento de Sete armou o palco para a crescente espiritualidade do homem, de tal forma que dali por diante os homens começariam a invocar Yahweh, em suas orações, em resultado de uma renovada espiritualidade (ver o vs. 26).

4.26

Enos era filho de Sete. O termo hebraico por trás de *Enos* é outra palavra hebraica para "homem". Ele foi um filho varão. Mas alguns eruditos pensam que

esse nome significa "mortal" ou "decadência". Seja como for, ele era filho de Sete e pai de *Cainã*. Morreu quando estava com 905 anos (Gên. 5.6-11). O texto diz que, com ele, os homens começaram a invocar o nome de Yahweh, o que talvez queira dizer que foi então estabelecida alguma espécie de adoração formal, e certamente que a espiritualidade do homem (dentro da linhagem de Sete) estava prosperando, tal como a impiedade do homem prosperava cada vez mais dentro da linhagem de Caim. Seu nome aparece em Lucas 3.38 como um dos ancestrais remotos de Jesus. Assim, Jesus veio através da linhagem de Sete, certamente algo apropriado.

A Deus, através dos Filhos. Sete conduziu os homens para mais perto de Deus. Seu filho deu continuação ao processo. Há uma tremenda lição neste texto. W. R. Bowie escreveu uma composição que todo pai deveria memorizar e recitar todos os dias:

"Ó Deus, que és nosso Pai, toma meu papel de pai e abençoa-o com o Teu Espírito. Não me deixes decepcionar a este meu filho. Ajuda-me a saber o que queres fazer dele, e *usa-me* para ajudá-lo e abençoá-lo. Torna-me um homem amoroso e compreensivo, animado e paciente, sensível a todas as suas necessidades, de tal modo que ele possa confiar em mim o bastante para aproximar-se de mim e deixar-me aproximar-me dele. Envergonha-me quando exijo dele o que não exijo de mim mesmo; mas ajuda-me mais e mais para tentar ser o tipo de homem que ele poderia emular. E isso peço no nome e pela graça de Cristo. Amém".

Há três coisas que um pai deve a seu filho: Exemplo! Exemplo! Exemplo!

Os homens tinham começado a invocar o nome do Senhor. Era chegado o tempo certo de fazer isso. Sempre será o tempo certo para tanto. A família é sagrada. Esse deve ser um meio de promover a espiritualidade e a visão espiritual. Esse deveria ser um lugar onde mentes jovens são ensinadas a distinguir o certo do errado, e onde lhes é dada a visão de que devem viver para o que é certo. Disse Ana: "Por este menino orava eu" (I Sam. 1.27). Ela recebera uma resposta positiva, e dedicou a criança ao Senhor, dando a todas as gerações uma lição. Quão triste é quando um filho amado desvia-se do caminho do Senhor. Alguns filhos terminam em uma vida criminosa, e passam anos na prisão. Outros chegam a se tornar homicidas. Senhor, poupa-nos de tal sorte! Que nossos filhos sejam dedicados a Ti, e que vivam vidas úteis que contem para o bem. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Família*.

A variante marginal diz que, nesse tempo, os homens começavam a dar-se o nome do Senhor. Os bons separavam-se dos maus; distinções passaram a ser feitas; a convicção espiritual se acentuava.

Nesta altura, apresento um sumário dos *motivos mosaicos* que emergiram do livro de Gênesis.

Motivos Mosaicos

1. O sistema de holocaustos teve um começo. Os homens davam os melhores animais de seus rebanhos.
2. Cada homem é guardador de seu irmão.
3. O homicídio tinha poluído a terra. A violência e a vingança tornaram-se características de homens ímpios.
4. Os cuidados protetores de Deus alcançavam até mesmo Caim, e quanto mais os piedosos.
5. A punição pela culpa é uma necessidade absoluta para qualquer pessoa, para qualquer povo.
6. A vida destituída de Deus produz uma pessoa ou uma sociedade ímpia, segundo é ilustrado pela linhagem de Caim.
7. As artes e as ciências são boas, mas existem paralelamente ao crime e à corrupção.
8. Deus substitui as perdas sofridas. Abel foi morto, mas Sete tomou o seu lugar. Os propósitos de Deus tiveram prosseguimento nele.
9. A adoração formalizada é boa. Os homens precisam identificar-se com o Senhor.
10. Nossos filhos são herança do Senhor, e, através deles, aproximamo-nos de Deus. Logo, grande é a nossa responsabilidade.

Capítulo Cinco

A Genealogia de Sete (5.1-32)

Os críticos atribuem este capítulo à fonte informativa *P. (S.)*. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)*.

"O alvo do Código Sacerdotal é mostrar como o único Deus que existe tornou-se o soberano invisível da comunidade judaica. Desde o momento em que Deus criou o céu e a terra, Seu grande propósito, de acordo com a fonte *P. (S.)*, foi separar Israel das demais nações, revelar a Sua lei, estabelecer o seu pacto e prover um país para Israel" (R. H. Pfeiffer, *Introduction to the Old Testament*).

Para os hebreus as genealogias eram importantes, e eles mantinham registros cuidadosos. É verdade que detalhes e números diferem consideravelmente na Septuaginta, e algum material daquela versão poderia refletir melhor o hebraico original. Ver o artigo chamado *Manuscritos do Antigo Testamento*, no Dicionário. O propósito da genealogia do quinto capítulo do Gênesis é expor diante de nós a linhagem piedosa de Sete, em contraste com a linhagem de Caim (Gên. 4.17-19). Ambas as linhagens descendem de Adão: a linhagem piedosa e a linhagem ímpia. Da linhagem piedosa viria o povo de Israel e o Cristo. A outra linhagem produziria uma sociedade pecaminosa. A genealogia remonta à criação, chegando até Noé e seus filhos, o que arma o palco para o dilúvio, quando Deus cansou-se de tanta iniqüidade que viera a permear ambas as linhagens que descendiam de Adão.

5.1

Livro da genealogia. Temos aqui a terceira menção ao termo hebraico *toledoth,* "gerações". O autor sacro parece oferecer-nos uma crua antiga divisão do Gênesis, com a repetição dessa frase. Ver as notas em Gên. 2.4, que mostram onde essa palavra é usada. Os livros antigos eram tipicamente escritos com pouca ou nenhuma divisão de material capaz de ajudar o leitor a perceber melhor o conteúdo e o intuito de seus autores. Os esboços são, essencialmente, uma invenção moderna, o que também se dá com os índices.

Ambas as genealogias terminam com três filhos provenientes do último nome (de Caim, Jabal, Jubal e Tubalcaim; e de Sete, Sem, Cão e Jafé). Em cada lista somente homens falam, e ambos se chamam Lameque. O Lameque descendente de Caim jactou-se de um homicídio por ele cometido; e o Lameque descendente de Sete estava sofrendo os efeitos da maldição e aguardando consolação, por parte de Noé, seu filho.

De Adão. Ver as notas sobre Gên. 1.26 e 2.19. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Adão*.

À semelhança de Deus. Ver em Gên. 1.26 notas completas sobre essa significativa doutrina.

Dez gerações foram especificadas. Os intérpretes supõem que a lista poderia ser representativa, sem o intuito de ser completa. Alguns têm suposto erroneamente que a antiguidade da terra pode ser determinada se adicionarmos as idades das pessoas que figuram nessa lista. Mas muitos estudiosos há muito já abandonaram qualquer tentativa dessa natureza. Quanto à grande antiguidade da terra, ver o artigo intitulado *Astronomia*.

Semelhança, e não *imagem,* embora talvez tenhamos aqui um sinônimo. O homem era agora um ser decaído, mas as palavras são repetidas. A imagem de Deus no homem fora borrada, mas não perdida, conforme demonstra meu artigo sobre esse assunto, em Gên. 1.26. A bênção primeva continuava, a despeito da presença de várias maldições divinas em face do pecado. O pecado corrompera o vaso, mas o vaso continuava sendo preservado por Deus.

5.2

Os criou, e os abençoou. Adão e Eva foram criados para Deus e não para o mal. Deus não criou por acidente nem caprichosamente. Deus tinha Seus propósitos, e nem mesmo a queda no pecado pôde alterá-los. Era mister que se estabelecesse um pacto; uma lei precisava ser dada; uma nação tinha de ser organizada. Essa nação teria de se tornar mestra do mundo; a redenção viria através da linhagem de Sete. Temos aí uma filosofia da história: a história é linear; é governada mediante um desígnio; encaminha-se na direção de um grande alvo; ela conta com a presença e com o poder de Deus; nada acontece por mero acaso. Ver no *Dicionário* o artigo *Teísmo*. Esse conceito entende que Deus não somente criou, mas também que Ele continua dirigindo Sua criação, com propósitos específicos; Ele recompensa o bem e pune o mal. Em contraste com isso, o *deísmo* (ver no *Dicionário*) imagina que alguma força ou pessoa divina criou, mas então abandonou sua criação, deixando-a ao sabor das leis naturais, não recompensando nem punindo, exceto indiretamente, através das insuficientes leis naturais.

Abençoou. Com a fertilidade, a fim de que pudessem reproduzir-se, mas também em um sentido geral, conferindo-lhes todas as coisas necessárias à vida e à felicidade. A bênção é *instrumental,* porque é um meio de promover os propósitos maiores de Deus, conforme foi anotado na introdução a esta seção, e também no vs. 1.

Rebaixando o Propósito de Deus. Israel estreitou demais esse propósito, a fim de exaltar a si mesma. Mas Deus não tinha abençoado a nação de Israel a fim de isolá-la. Antes, Israel deveria tornar-se o veículo da divina mensagem de redenção. Todavia, Israel levantou um muro em torno dos propósitos de Deus, e transformou-se em uma sociedade exclusivista. O exclusivismo sempre avilta.

5.3

Cento e trinta anos. O autor sagrado não se tinha esquecido dos filhos de Adão, Abel e Caim. Ele não tencionava dizer que Sete era o primogênito de Adão. Antes, com Sete temos um novo começo. Sete substituiu o piedoso Abel, e fez a espiritualidade começar novamente a rolar. A Septuaginta diz duzentos e trinta anos, e o Pentateuco samaritano e os escritos de Josefo também grafam números diferentes.

Conforme a sua imagem. Tal como Adão havia sido criado à imagem de Deus. Talvez o autor sacro tencionasse ligar os dois incidentes à palavra *imagem*, mostrando que Sete tinha Deus como seu Pai. Parece haver aqui mais do que a idéia de "conforme a sua imagem", também atribuída à procriação animal (Gên. 1.11 *et al.*). Como é claro, a natureza pecaminosa de Adão foi reproduzida em Sete. Ele não começou inocente como o fora Adão, mas a imagem de Deus continuava em Sete, que também havia sido dada a Adão. O pecado não apagou isso. Sete, à semelhança de Adão, pendia para a bondade, fazendo contraste com Caim, que o autor acabara de descrever no quarto capítulo. Assim, disse Pirke Eliezer, c. 22: "Caim não era da semente nem da imagem de Adão, nem suas obras eram como as de Abel, seu irmão; mas Sete era da semente e imagem de Adão, e suas obras eram como as obras de Abel". Shalshalet Hakabala enfatiza como Adão ensinou a seu filho, Sete: a sabedoria foi transmitida; a espiritualidade foi enfatizada. Os homens se tinham tornado como feras; mas o Senhor reverteu, em Sete, aquela medonha maldição. Ver o artigo detalhado sobre *Sete*, nas notas sobre Gên. 4.25.

5.4

De acordo com o texto, Adão continuou vivo por oitocentos anos, depois de haver gerado Sete. A Septuaginta, porém, diz setecentos. Ver o artigo sobre *Septuaginta, no Dicionário.*

E teve filhos e filhas. Tanto antes quanto depois de Sete, em um número desconhecido. A população foi aumentando, e vidas extremamente longas permitiam que muita gente nascesse de alguns poucos progenitores. Os escritores judaicos de tempos posteriores fornecem-nos números calculados de filhos de Adão, mas essas tentativas são vãs.

5.5,6

Os dias todos da vida de Adão. De acordo com a Bíblia, foram novecentos e trinta anos. O autor sacro faz algum cálculo matemático para nós, no sexto versículo. Os críticos opinam que as vidas muito longas dos patriarcas antediluvianos são apenas "manifestação de desejo". O homem anela por uma longa vida, e uma "imensa longevidade é uma espécie de reflexo daquilo que os homens gostariam de acreditar que estivesse sucedendo" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*). Os eruditos conservadores levam a sério esses informes. Josefo informa-nos que Manetho (o egípcio), Beroso (o caldeu), Hesíodo (o grego), além de outros, todos afirmavam a grande longevidade do homem primevo (*Antiq.* 1.1 c.3 sec. 9). Maimônides mantinha a opinião de que *somente* os homens mencionados na Bíblia tiveram vidas tão longas, e não os homens em geral. Mas isso não concorda com a afirmação de Josefo, que encontrou evidências sobre essa crença nos escritos de várias culturas. A Bíblia promete vida longa aos que viverem na Era do Reino (Isa. 65.20,22). A ciência trabalha para conseguir vidas humanas mais longas, se não mesmo dotadas de imortalidade. Há alguns anos, li um artigo que dizia: "Esta poderá ser a última geração mortal". E então, de súbito, ocorreram diversas doenças virais incuráveis, incluindo a terrível AIDS. E os cientistas tiveram de precipitar-se de volta a seus laboratórios para pesquisar em busca de uma vida humana mais longa. Alguns estudiosos frisam aqui a divina intervenção. A vida longa não depende apenas da genética e de condições de saúde. Deus pode intervir nessa questão, e alguns acreditam que foi isso que sucedeu com o homem primevo.

A Natureza Incompleta das Genealogias. As evidências demonstram que as genealogias dos hebreus não tinham por alvo ser completas. As gerações (no hebraico, *toledoth*) de Adão são apenas *dez*. As gerações de Sete também atingem o mesmo número de *dez*. A genealogia de Moisés contém apenas quatro pessoas: Levi, Coate, Anrão e Moisés (ver I Crô. 6.1-3), ao passo que, relativamente ao mesmo período, *onze* gerações são dadas na genealogia de Josué. Não há que duvidar de que as genealogias dos evangelhos de Mateus e Lucas são abreviadas: são genealogias representativas, e não exaustivas. Os números, às vezes, aparecem confusos, porque o sistema numérico dos hebreus podia resultar em grandes erros se houvesse pequenas modificações. Assim, é inútil procurar precisão e uma natureza exaustiva nos capítulos onde nomes e números são alistados.

E morreu. Talvez parecesse que Adão viveria para sempre, e que a maldição divina falharia. Certo dia, porém, Adão *morreu*. A profecia tivera cumprimento. Destarte, o autor sacro nos fornece outro começo, a saber, *a morte*. Sabemos que a morte é nossa amiga, mas esse conhecimento aplica-se melhor a outras mortes, e não à nossa. Minha mãe, que faleceu após quatro anos e meio de batalha com o câncer, disse de certa feita: "Uma coisa é alguém dizer: 'Devemos morrer algum dia'. E outra coisa é dizer: 'Sei que está perto o dia da minha morte'". Embora ela tivesse sido crente firme em Cristo, por toda a sua vida, ela mostrou estar receosa nas últimas semanas. No entanto, poucos dias antes de seu passamento, esse temor desapareceu. Ela me chamou para saber se eu tinha feito tudo quanto era possível sobre o testamento. Assegurei-lhe que estava tudo em ordem. Então ela comentou: "Agora não falta muito tempo". E em sua voz não havia o tom do medo. Não obstante, não é fácil chegarmos perto da morte. Quando supomos que nossa morte ainda está distante, ignoramos o assunto. Eu mesmo tenho reagido contra a morte, procurando aprender tudo quanto posso através da teologia, da filosofia e da parapsicologia, dedicando-me a uma profunda reflexão, com base nos três campos (incluindo o campo científico), para reforçar minha crença na sobrevivência da alma diante da morte biológica. Esse estudo tem sido para mim uma bela aventura, e tenho podido comunicar minhas descobertas a um considerável número de pessoas, através de livros e de discursos ao vivo. Ver o artigo sobre *Alma*, quanto a alguns argumentos em prol da sobrevivência da alma ante a morte biológica. Incorporei artigos na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* que devem interessar ao leitor. Ver *Experiências Perto da Morte* e *Imortalidade* (onde são apresentados vários artigos). Ver também no *Dicionário* da presente obra os artigos intitulados *Morte* e *Salvação de Infantes.*

Algumas pessoas ignoram a morte física, acumulando possessões materiais. Os homens são naturalmente otimistas, e assim eliminam de sua mente qualquer acontecimento, como a morte, que poderia perturbar os seus planos. Jesus aludiu à falácia de tais atitudes na parábola do rico, em Lucas 12.16 ss. Alguns homens valem-se da dissipação, na tentativa de afogar os seus pensamentos sobre a morte. Os homens falam em continuar vivendo nas vidas de seus filhos, mas isso fica desgastado após algum tempo. A verdade é que é melhor viver bem do que viver por longo tempo; mas poucos são os homens capazes de apreender esse princípio. Depois de tudo ter sido dito e feito, "aos homens está ordenado morrerem uma só vez" (Heb. 9.27).

Há inúmeras tradições que se manifestam sobre a morte de Adão e seus funerais, mas tudo não passa de fantasias de autores posteriores. Mas o fato é que todos acabam morrendo, e isso nos deixa muito pensativos.

Enos. Ver, sobre ele, as notas em Gên. 4.26. Sete viveu por oitocentos e setenta anos, conforme nos diz o vs. 7. E tinha cento e cinco anos quando gerou a Enos. Não somos informados sobre quantos filhos, e em qual ordem, Sete teve seus filhos. Isso estava além do escopo do propósito do autor sagrado. Enos aparece na linhagem de Cristo, pelo que sua linhagem continuaria por longo tempo, por meio de Noé. O salário do pecado é a morte (Rom. 6.23). Mas a vida salta para além disso.

5.7

Os versículos sete a vinte repetem a mesma fórmula, afirmando o nome da pessoa, o seu filho principal, quanto tinha de idade ao gerar aquele filho e por quanto tempo ainda viveu depois daquele filho ter nascido. Algumas poucas vezes, é dado o informe indefinido sobre o nascimento de outros filhos e filhas. Visto que temos essa repetição sem variação, minha exposição apenas alista os nomes próprios até aquele versículo, com seus sentidos e quaisquer outras informações que as tradições nos possam dar.

Sete. Notas no vs. 3. Ver Gên. 4.25 quanto ao detalhado artigo sobre *Sete.*

Enos. Notas em Gên. 4.26 e 5.6.

A Septuaginta afirma que Sete tinha duzentos e trinta anos quando gerou a Enos. Os números, no hebraico, eram feitos com letras e pequenos sinais que facilmente podiam ser mal interpretados, pelo que a Septuaginta, outras versões e o Pentateuco samaritano exibem diferentes cálculos em alguns pontos. Josefo também difere, com freqüência, quanto a esses números. Ver no *Dicionário Massora (Massorah), Texto Massorético*, quanto a um melhor entendimento sobre o texto hebraico padronizado e ver também *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento.*

5.8

Declaração sobre a morte de Sete. Ver os vss. 5,6 quanto a notas sobre a *Morte*, onde damos referências acerca dos artigos que desenvolvem esse assunto e a questão da imortalidade.

5.9-11

Enos. Notas em Gên. 4.26 e 5.6.

Cainã. Nada se sabe sobre esse homem exceto aquilo que lemos aqui. Um filho de Arfaxade também tinha esse nome, na Septuaginta, em Gên. 10.24. A Septuaginta fala em setecentos e quinze anos, no vs. 10. Ao que parece, seu nome significa "fixo". A mesma palavra, sob outra forma, fala sobre ninhos de aves ou câmaras. Na maior parte das vezes, é difícil entender as razões pelas quais certos nomes foram dados. Talvez seus sentidos não eram considerados ao serem dados, ou esses sentidos acabaram sendo esquecidos.

5.12,13

Maalaleel. Seu nome significava "louvor de El (Deus)". O nome aparece com a forma "Meujael", em Gên. 4.18. Outra pessoa com esse nome é mencionada em Nee 11.4. A Septuaginta lhe dá cento e setenta anos, no vs. 12. Ver o vs. 7 quanto à variação de números entre os diversos testemunhos do texto do Antigo Testamento. A Septuaginta dá setecentos e quarenta anos no vs. 13.

5.14

E morreu. Ver os vss. 5,6. Por toda a lista de nomes, as tradições árabes fazem diversas adições. A maior parte dessas tradições não é digna de confiança. Algumas das crônicas oferecidas são interessantes, mas fantásticas. É admirável como respeitados autores judeus não hesitavam em adicionar toda espécie de história absurda, fruto da pura imaginação, acerca de personagens do Antigo Testamento. Presume-se que Cainã foi um respeitado dirigente, dotado de elevada espiritualidade. Teria sido lamentado por quarenta dias e sepultado em uma caverna. Quanto dessa tradição corresponde à realidade?

5.15,16

Jerede. Um patriarca antediluviano, pai de Enoque (Gên. 5.15-20; I Crô. 1.2; Luc. 3.37). Alguns dizem que sua data foi cerca de 4007 A. C., mas as datas desse período são difíceis de determinar com exatidão. O texto português também diz *Jarede* como seu nome. Esse nome significa "descida" ou "terra baixa". Outra pessoa desse nome é mencionada em I Crô. 4.18, mas algumas versões dizem aqui *Jarede*.

5.17

Maalaleel. As tradições árabes elogiam-no. Ele proibiu que os seus descendentes se misturassem por casamento com os descendentes de Caim, e era homem piedoso e espiritualmente ativo.

5.18

Enoque. Chegamos agora a uma brilhante luz espiritual. Só duas coisas distintas são ditas acerca dele: a. Ele andava com Deus. b. Deus o tomou para Si. Palavras simples mas poderosas em seu significado e aplicação. Sua história, apesar de simples no Antigo Testamento, excitou a escrita de certos livros extras do Antigo Testamento: Enoque Eslavônico e Enoque Etíope, sobre os quais ofereço artigos detalhados na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Também há o livro Enoque Hebreus (III Enoque), anotado na mesma obra. A Septuaginta concorda com o texto hebraico quanto ao número de anos que viveu antes de gerar Metusalém, sessenta e cinco anos (vs. 21); mas o Pentateuco samaritano diz apenas sessenta e dois anos.

Seu Nome. A derivação desse nome é incerta, mas parece que significa "iniciado", "ensino" ou "professor". Parece ser um cognato da palavra "ensina," em Provérbios 22.6.

Outras pessoas tiveram esse nome no Antigo Testamento. Ver Gên. 4.17,18; 25.4; I Crô. 1.3; Gên. 46.8,9; Êxo 6.14 e Gên. 46.8,9. Há notas sobre elas *in loc.*

Enoque, filho de Jarede, da linhagem piedosa de Sete, era o pai de Metusalém, o qual detém o recorde da mais longa vida registrada na Bíblia. Sem dúvida, Enoque foi uma pessoa incomum, homem de poder e de notável influência. Lemos a seu respeito: "Andou Enoque com Deus e já não era, porque Deus o tomou para si" (Gên. 5.24). Naturalmente, isso significa que ele foi a primeira pessoa a ser arrebatada, sem passar pela morte. Ver sobre a *Parousia*, quanto a elementos sobre o *arrebatamento cristão,* que promete generalizar, entre todos os remidos, a experiência de Enoque. Elias também passou por essa experiência. Em nosso artigo sobre *Eliseu,* quinto ponto, "Testemunha do Arrebatamento de Elias", oferecemos comentários que o leitor achará interessantes, incluindo casos modernos de translação.

Enoque foi arrebatado depois de ter vivido trezentos e sessenta e cinco anos. O trecho de Hebreus 11.5 alista-o como um dos heróis da fé. A tipologia cristã fez dele um tipo da Igreja que, na opinião de alguns, será arrebatada antes da Grande Tribulação, da mesma maneira que Enoque foi arrebatado antes do dilúvio, um tipo da Grande Tribulação. Enoque foi o avô de Noé.

Figuras como Enoque sempre criam lendas a seu respeito. E, usualmente, alguns livros são atribuídos a personagens assim, o que se deu também com Enoque. Visto que Enoque teria sido levado corporalmente para o céu, isso fez com que escritores posteriores reproduzissem por escrito o que ele (presumivelmente) viu. Os escritos apócrifos sempre tentam preencher os hiatos sobre os quais nada se conhece. Os livros a ele atribuídos (ver sobre *Enoque, Livros de*), de acordo com alguns, são os mais importantes entre os livros pseudepígrafos, por servirem de pano de fundo ao Novo Testamento. Comumente diz-se que os autores do Novo Testamento não se utilizaram dos livros apócrifos e pseudepígrafos; mas qualquer pessoa que tenha examinado o Novo Testamento, versículo por versículo, sabe que há algumas citações, muitas alusões e muitas idéias extraídas daquelas obras. Ver o artigo geral sobre as obras *pseudepígrafas.*

Enoque é glorificado na crônica judaica. Ele teria sido o inventor das letras, da matemática e da astronomia. De fato, é reputado como o primeiro autor de livros e supõe-se que vários livros emanaram dele. Também teria sido homem que recebeu muitas visões e profecias. Presumivelmente, a literatura por ele deixada foi posta nas mãos de seu filho, e foi preservada por Noé, chegando aos dias posteriores ao dilúvio. Tudo isso tipifica como a matéria apócrifa é manuseada. E esse material é datado de tempos muito remotos. E aqueles que falam em uma data posterior dão explicações não muito convincentes a esse respeito. Temos algo similar no caso do *Livro de Mórmon* (ver, sob o título *Livros Apócrifos Modernos na Enciclopédia*). As placas de ouro supostamente teriam sido enterradas em uma data antiga e, então, teriam sido descobertas no século XIX, quando, finalmente, o conteúdo dessas placas foi revelado. O Alcorão (Sur. xix) refere-se a Enoque como *o sábio,* título esse que deve ter resultado do conhecimento das tradições judaicas que circundam o livro de Enoque.

Em nossa discussão sobre as coisas curiosas que resultaram da vida de Enoque, não podemos esquecer o verdadeiro significado de sua vida. Ele demonstrou que é possível ao homem atingir uma elevadíssima espiritualidade. A epístola aos Hebreus com toda a razão incluiu o seu nome entre os heróis da fé, por causa de suas realizações espirituais.

5.19,20

A Septuaginta concorda aqui com o número — oitocentos — que aparece no texto hebraico; mas o Pentateuco samaritano diz setecentos e oitenta e cinco. As tradições árabes dizem que o nome Jerede, "descida", refere-se à sua descida do monte santo, não muito distante do jardim do Éden, a fim de exortar a seus filhos que não se misturassem por casamento com os pagãos, sobretudo os filhos de Caim. Por ocasião de sua morte, ele nomeou Enoque como seu sucessor, para que mantivesse em ordem a casa espiritual.

5.21

Metusalém. Admiramo-nos de pessoas que têm longas vidas. E aqui, como sabe qualquer criança aluna de Escola Dominical, aparece o campeão da longevidade — novecentos e sessenta e nove anos (vs. 27). Finalmente, ele morreu; mas seu pai não morreu, pois foi arrebatado à presença do Senhor. Isso posto, o texto registra duas obras divinas: a longa vida de Metusalém e o arrebatamento de Enoque, ambas as coisas muito desejáveis. Mui curiosamente, a longa vida de Metusalém é a única coisa que sabemos acerca dele, com qualquer grau de certeza. Seu nome significa *dardo.* Isso pode significar que ele era um homem violento, mas já vimos que eram dados apelativos sem que se desse atenção ao sentido dos mesmos (ver o vs. 8 sobre *Cainã*). Esse nome poderia significar "fome". E a terminação do nome, *selah* (no hebraico), pode referir-se à "idolatria". Seja como for, a Bíblia não nos fornece nenhum detalhe sobre esse homem, exceto a nota sobre sua grande longevidade. Mas alguns estudiosos interpretam seu nome como: "quando ele morrer, haverá a emissão (o dilúvio)", e isso atendendo ao fato de que o dilúvio ocorreu pouco depois de sua morte.

A Desejabilidade de uma Vida Longa. É melhor viver bem do que viver por muito tempo. Isso é uma verdade, mas a maioria das pessoas gostaria de viver bem *e* por muito tempo. Uma vida longa faz sentido se provê para nós tempo para cumprirmos melhor as nossas missões e servirmos ao próximo, quando tiver necessidade de nós. Doutra sorte, conforme dizia minha mãe: "As pessoas idosas atravancam o caminho". Algumas pessoas partem daqui cedo demais, mas outras ficam por aqui por tempo demasiado. Até mesmo homens bons, por causa do endurecimento das artérias do cérebro, ficam mal-humorados, intratáveis e excessivamente exigentes, para nada falarmos de um egocentrismo pronunciado, devido à idade avançada. O ideal é dispor de muitos anos de boa produção; e outros tantos bons anos para *digerir* aquilo que tivermos aprendido, em anos dedicados ao estudo, à oração, à meditação e ao desenvolvimento da espiritualidade. Via de regra, porém, a idade reduz de tal modo as capacidades de todas as nossas funções vitais, tanto mentais quanto físicas, que, na verdade, a maior parte das pessoas apenas se senta em algum lugar à espera da

morte. Esse tipo de longa vida não é desejável. Por outro lado, temos o exemplo de Platão, o qual, aos oitenta anos de idade, continuava escrevendo e atarefado em seus famosos debates. Certa noite, na casa de um amigo, em meio a uma discussão amigável, quando estava planejando escrever mais, subitamente, faleceu, sem dor e sem confusão. Oh, Senhor, dá-nos essa bênção de Platão! Platão obteve oitenta bons anos, e eu desejo oitenta e sete. Parece que nada nos satisfaz quanto a essa questão! Observou um médico, acerca da longa vida de Metusalém, que, se ele tivesse cuidado bem de si mesmo, poderia ter vivido mais ainda! Mas é então que costumamos dizer: "Chega!". Um outro médico indagou acerca de Metusalém e de sua "morte prematura": "Que aconteceu? Ele se afogou no dilúvio?"

"Há beleza e bênção em uma vida longa. Uma das promessas dos Salmos é: 'saciá-lo-ei com longevidade' (Sal. 91.16)" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*). O que mais nos aterroriza é a morte de crianças ou de jovens. Dessa praga, protege-nos, ó Senhor! A terra é um vale de lágrimas, mas ela também envolve bênção e inspiração. Deus permite que fiquemos neste mundo todo o tempo que nos foi determinado, e então permite que partamos daqui em paz espiritual e física. A dissipação abrevia a vida física; a falta de exercício faz o corpo tornar-se flácido; o trabalho mental mantém vivo o interesse e a curiosidade; o trabalho físico demasiado amortece tanto o corpo quanto a mente. Além disso, há aqueles acidentes insensatos que apagam vidas preciosas. Somente Deus pode dar-nos razões autênticas para viver. Ver Sal. 55.23; 90.10; Jó 5.26; 42.16,17; I Reis 3.11; Isa. 45.20; Efé. 6.3.

A chave para uma vida bem-sucedida é viver de acordo com a *lei do amor.* Deus ama este mundo. Devemos amar o próximo e cuidar dele. Isso empresta significado à nossa vida. Uma longa vida sem esse tempero pouco significará. Sócrates dizia que "não vale a pena viver uma vida indisciplinada". E nós podemos afirmar: "A vida sem amor, sem serviço prestado ao próximo, não é digna de ser vivida". Só viveu bem aquele que amou bem. Metusalém viveu a mais longa vida humana, mas nada mais houve para ser dito sobre a sua vida. Jesus viveu uma vida bem curta, mas o mundo inteiro continua a falar a Seu respeito.

5.22

Andou Enoque com Deus. Isso é repetido no vs. 24. A simplicidade do texto nos surpreende. Um homem tão espiritual recebe tão pequena atenção. Por duas vezes o autor sagrado menciona o fato de que ele andava com Deus, e em seguida o fato de que Deus "o tomou para si." Uma tão grande doutrina não recebe aqui nenhuma explanação. Meu artigo chamado *Enoque,* em Gên. 5.18, desenvolve os temas aqui referidos.

Enoque prova que uma altíssima espiritualidade é possível para o homem, mesmo em meio à pecaminosidade e degradação ao seu redor. A metáfora do ato de *andar* aponta para a conduta geral na vida. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Andar,* quanto a plenas explicações a respeito. O andar de Enoque caracterizou-se pela comunhão, pela obediência e pelo poder. Ver Levítico 26.3,12, onde essa maneira de andar é ordenada. Enquanto se narrava sobre como outros viveram suas vidas. . . e morreram, subitamente, surge em cena um homem que não morreu, elevando-se assim acima de todos os demais homens, em sua expressão e poder espirituais. Outras figuras que aparecem no texto são louvadas nas tradições; e não há que duvidar de que pelo menos algumas delas mereciam os elogios. Mas a vida de Enoque elevou-se tanto acima das outras vidas que mereceu ser louvado pelo autor do livro de Gênesis, e não meramente pelas tradições humanas. Enoque também gerou filhos e filhas, o que nos permite entender que o estado do matrimônio não é incoerente com a mais alta espiritualidade. O segredo de Enoque era sua íntima comunhão com Deus. Ele não dispunha de nenhuma revelação escrita, e por certo não havia muitas pessoas, ao seu redor, que o encorajassem. Mas ele mantinha comunhão com Deus. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Misticismo* e *Maturidade.*

5.23

Enoque viveu por trezentos e sessenta e cinco anos antes de sua vida terrena tornar-se uma vida celestial, sem ter passado pela morte. Era apenas um homem que estava entrando na *meia idade,* de acordo com os padrões antediluvianos, quando Deus o tomou para si. Seu filho, Metusalém, viveu mais seiscentos e quatro anos, *depois* que seu pai foi arrebatado.

5.24

Andou Enoque com Deus. Reitera o vs. 22, onde comentamos a respeito.

E já não era, porque Deus o tomou para si. Em lugar da frase usual, *e morreu,* achamos essa estonteante declaração. Sobre ela há várias interpretações:

1. . . . *já não era*. . . poderia ser um equivalente de "e morreu", mas a declaração de que *Deus o tomou para si* só pode significar algo muito mais profundo, como o primeiro indício da imortalidade da alma, no Antigo Testamento. Para alguns intérpretes, porém, as palavras "já não era" indicam uma *morte prematura.*
2. Outros pensam que *já não era* indica apenas que "ele morreu", enquanto *Deus o tomou para si* significaria apenas que Deus esteve pessoalmente presente por ocasião da morte de Enoque, tornando-a mais fácil. Nesse caso, não haveria nenhum indício aqui da idéia de imortalidade só teríamos um indício dessa idéia (mas deixada sem o devido desenvolvimento) na expressão *à imagem de Deus,* comentada em Gên. 1.26. Vários intérpretes judeus de nomeada assumem esse ponto de vista.
3. Deus cuida daqueles que morrem, sem entrar em nenhuma teologia específica acerca do *como* da morte.
4. . . . *já não era*. . . não seria equivalente a *e morreu.* Bem pelo contrário, essas palavras seriam postas em contraste com aquela frase, que ocorre em cada caso, exceto neste. Um belo dia, simplesmente Enoque não estava mais ali. Ele havia desaparecido. Que lhe teria acontecido? Deus o tomara para Si mesmo. E que significaria isso? Poderia significar que Deus o tomara no *corpo,* para estar com Ele. Nesse caso, não seria mister antecipar nem um Deus imaterial nem uma alma imaterial. Ambos seriam materiais, e ambos possuiriam imortalidade. Enoque fora tornado imortal, mas isso não anteciparia, necessariamente (naquele estágio da teologia dos hebreus), a *imaterialidade.* Alguns intérpretes judeus assumiam essa posição. Ver o arrebatamento de Elias, em II Reis 2.11, onde achamos a mesma noção.
5. Uma interpretação judaica tardia diz que, nessa afirmação, estaria envolvida a idéia da imortalidade da alma. O trecho de Hebreus 11.5 fornece-nos a idéia do arrebatamento cristão, desenvolvida por Paulo em I Cor. 15.51 ss. e I Tes. 4.13. Fica ali entendido que o processo do arrebatamento haverá de espiritualizar o corpo, e que corpo (assim espiritualizado) e alma entrarão no estado imortal.
6. Alguns intérpretes pensam que o autor sacro previu aqui, acima de seu treinamento e formação teológicos, a idéia da imortalidade da alma, neste texto. Nesse caso, Gênesis 5.24 poderia ser a primeira quase clara indicação da entrada da doutrina da alma na teologia dos hebreus. "Na antiga história de Israel parece não ter havido expectação sobre a imortalidade pessoal. A única maneira de o espírito humano sobreviver diante da morte seria na vida de seus filhos, de seu clã ou de sua nação. Ou, então, se viesse a sobreviver, afinal, fá-lo-ia como um fantasma de sombras, no sheol. Gradualmente, porém, foi surgindo o senso da dignidade e valor duradouro da alma humana individual. Uma alma poderia estar de tal modo ligada ao Espírito, neste mundo, que ela atravessaria para além dos portões da morte. Parece que essa crença rebrilha aqui" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*).
   Cf. o que aqui é dito com meus comentários sobre Gên. 1.26. Permanece de pé, contudo, sem importar o que este texto esteja ensinando, que o conceito da alma imaterial e da vida além-túmulo (boa ou má) não permeou o resto do Pentateuco. De fato, esse conceito não aparece ali. Somente nos Salmos e nos Profetas essa doutrina vem à tona, e mesmo assim não com grande clareza. Quanto a essa questão *vital,* Platão tinha maior discernimento do que Moisés, gostemos ou não desse fato. Platão foi o campeão da doutrina da alma imortal, e desenvolveu argumentos racionais em favor desse conceito, argumentos que até hoje impressionam bem aos filósofos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo sobre a *Imortalidade,* onde exponho vários artigos a respeito.

Deus o tomou para si. Enoque desapareceu, de sorte que ninguém podia encontrá-lo. Uma menininha comentou sobre esse episódio: "Enoque e Deus costumavam fazer juntos grandes passeios. Um dia, foram mais longe do que era costume. E Deus disse: 'Enoque, você deve estar cansado. Venha à Minha casa para descansar'" (Cuthbert L. Simpson). As crianças são capazes de ensinar-nos a sabedoria. Ver Judas 14 e 15 quanto a outro comentário do Novo Testamento a respeito da questão.

5.25

Metusalém. . . gerou a Lameque. Esse é o *Lameque* da linhagem de Sete, em contraste com o homem do mesmo nome, da linhagem de Caim (Gên. 4.23), que foi um homicida jactancioso. O Lameque aqui referido foi pai de Noé. Era um descendente de Sete, filho de Adão (Gên. 5.25-31; I Crô. 1.3 e Luc. 3.6). Ele faz parte da linhagem do Messias. O fato de que os nomes *Lameque* e *Enoque* ocorrem tanto na genealogia de Caim quanto na genealogia de Sete (além de outras similaridades) tem dado margem à conjectura de que essas são meras variações de uma única lista original de nomes. Mas contra essa opinião encontramos o fato significativo de que também há diferenças significativas. O Lameque que foi descendente de Caim é aludido no quarto capítulo do Gênesis, ao passo que o Lameque, descendente de Sete, aparece no quinto capítulo desse livro. E se os dois derivam-se de uma só fonte informativa, então haveria alusão a um único homem. Presumivelmente, a fonte informativa *J* teria preservado uma das variantes, ao passo que a fonte informativa *P (S)* teria preservado a outra variante. Ver sobre a teoria das fontes informativas *J.E.D.P.(S.),* bem como o artigo intitulado *Hexateuco* no *Dicionário.* Lameque chamou seu filho de Noé (vs. 29), na esperança de que ele os *consolaria,* livrando-os da maldição. Temos aí uma etimologia popular, e não

científica, que se origina da similaridade entre as palavras hebraicas *Noé* e *consolação*.

A Septuaginta diz aqui oitocentos e dois anos, em lugar de setecentos e oitenta e dois. Ver as notas sobre Gên. 5.7 quanto aos problemas atinentes aos números no original hebraico e nas versões do Antigo Testamento. O Pentateuco samaritano menciona apenas seiscentos e cinqüenta e três anos, dando como total de sua vida setecentos e vinte anos.

5.26,27

O autor sacro fala da vida extraordinariamente longa de Metusalém. Já comentei sobre isso com detalhes, em Gên. 5.21, incluindo as lições morais e espirituais envolvidas na questão. Após os vários comentários sobre o incrível Enoque, agora Moisés retorna aos seus comentários usuais, iniciados no vs. 5. Ninguém jamais viveu mil anos, porquanto de acordo com uma observação dos judeus, "esse é um dia de Deus" (ver Sal. 90.4). Alguns eruditos opinam que Mesusalém pereceu no dilúvio. Talvez somente uma morte violenta possa ter-lhe cessado a vida. Mas isso é mera conjectura. Os escritores árabes falam do tempo exato de sua morte, ou seja, no ano seiscentos da vida de Noé, em uma sexta-feira, ao meio-dia! Mas isso é pura fantasia, na ansiedade de preencher um hiato no conhecimento.

5.28

Lameque. Damos notas sobre ele em Gên. 5.25. Ele se distinguiu ao trazer *Noé* ao mundo. A Septuaginta fala aqui em cento e oitenta e oito, em vez dos "oitenta e dois anos" do texto hebraico. Ver os comentários sobre essas variações numéricas nas notas sobre Gên. 5.7.

5.29

Noé. O autor sagrado fornece-nos uma etimologia incerta do nome, associada à idéia de *consolo*. Esse consolo seria o alívio em face da maldição divina, com o início de uma nova era, de um novo começo para a humanidade. A maldade dos homens tinha-se multiplicado de forma alarmante. O filho de Lameque, pois, teria como tarefa fazer valer a retidão e a piedade. Diz aqui a Septuaginta, "far-nos-á descansar", mas isso poderia também ser traduzido por "far-nos-a estabelecer", o que indicaria um estabelecimento mais firme na vida agrícola, em contraste com o nomadismo prevalecente. Apesar de a agricultura já ser então uma maneira de viver, Noé seria o instrumento que reverteria a vida urbana e o nomadismo, com os problemas causados por essas duas maneiras de vida. Como é óbvio, as cidades haveriam de ser destruídas por ocasião do dilúvio, e o autor sacro talvez tivesse isso em mente. Mas a verdadeira etimologia do nome é incerta.

Noé

Esboço

I. Nome e Família
II. Noé e os Críticos
III. Indicações Cronológicas
IV. Noé e o Propósito Redentor
V. Descendentes de Noé
VI. Caráter de Noé

Temos preparado um artigo bem detalhado intitulado *Dilúvio de Noé*, pelo que, no presente artigo, não abordamos mais profundamente essa questão. Muito do que poderia ser dito sobre Noé não foi repetido, de modo que o leitor precisa examinar aquele outro artigo, como suplemento do que aqui se diz.

I. Nome e Família

A Bíblia trata Noé como uma personagem histórica, embora muitos eruditos estejam convencidos de que o relato inteiro não passa de um antigo mito, que recebeu vinculações históricas com o resto da Bíblia. O trecho de Gênesis 5.28,29 diz-nos que ele era filho de Lameque, o décimo descendente linear de Adão. O nome *Noé* vem do termo hebraico que indica "descanso", "alívio", "consolo". Talvez o nome seja um composto de *nhm* e *el*, que significaria "Deus aliviou". A forma do nome, na Septuaginta, é *Noe*, que passou para alguns idiomas modernos, como o português. A passagem de Gên. 5.29 revela por que razão Lameque deu esse nome a seu filho. Deus havia amaldiçoado o solo; mas agora nascera alguém que faria os homens descansar de sua labuta. Mas alguns sugerem que Lameque simplesmente queria alguém para ajudá-lo no plantio. Outros crêem que Noé estava destinado a inventar instrumentos agrícolas, que aliviariam o labor envolvido na agricultura. Ou, então, haveria alguma predição escatológica no nome, dando a entender que Noé produziria um novo começo da humanidade, quando a iniqüidade acumulada dos homens fosse julgada por Deus (mediante o dilúvio); e isso, por sua vez, serviria de uma espécie de descanso e alívio. Outros intérpretes vêem no nome de Noé uma referência messiânica, indicando que a descida do Messias ao mundo ficava assim garantida, apesar das destruições causadas pelo dilúvio. Noé, pois, é apresentado como pregoeiro da justiça, e isso pode estar envolvido nesse conceito. Ver Gên. 6.1-9; I Ped. 3.20; II Ped. 2.5.

II. Noé e os Críticos

Os mais radicais dentre aqueles que negam a historicidade da pessoa de Noé, supondo que ele não é mais histórico que seu paralelo babilônico, Gilgamés, negam-no como personalidade histórica. *Gilgamés* (ver no Dicionário) também foi um herói de um relato sobre dilúvio, que tem muitas similaridades com a história de Noé.

Fontes Informativas. Além da questão da historicidade de Noé, o complexo literário de Gên. 6.5 - 9.29, segundo alguns estudiosos, deriva-se de duas fontes informativas distintas, que foram alinhavadas uma à outra por algum editor posterior. Nesse material estariam envolvidas as alegadas fontes literárias *J* e *S*. Ver sobre *J.E.D.P.(S.)*. As diferenças encontradas por aqueles eruditos são as seguintes: na versão *J, sete* pares de cada animal limpo foram deixados a bordo da arca (Gên. 7.2); mas em *S*, apenas um par sobreviveu de cada espécie (Gên. 6.19). Na fonte *J*, o dilúvio dura quarenta dias e noites (Gên. 7.12,17); mas na fonte *S*, dura cento e cinqüenta dias (Gên. 7.24). A fonte *J* menciona o oferecimento de holocaustos (Gên. 8.20-22); mas na fonte *S*, os sacrifícios só aparecem no começo da história do povo de Israel. Ambas as fontes prometem que Deus nunca mais destruiria o mundo mediante um dilúvio generalizado (em *J*, Gên. 8.21; em *S*, Gên. 8.12-17), o que escudaria a tradição acerca do arco-íris.

Outras diferenças podem ser observadas no relato: na história do dilúvio (Gên. 6.5-9.17), os filhos de Noé estão casados; mas no outro relato (Gên. 9.18-27), estão solteiros. Em um desses relatos, Noé tem um nobre caráter (Gên. 6.9); mas no outro, Noé não passa de um desavergonhado bêbado (Gên. 9.21). A segunda história parece ter tido três razões em sua composição: 1. narrar como as raças humanas vieram à existência; 2. contar como surgiram a agricultura e o cultivo da videira; 3. explicar *por que motivo* os cananeus posteriores ficaram sujeitos a Israel (Gên. 9.25-27). Como *apologia*, o segundo relato também parece apresentar diferenças, em comparação com a primeira versão da história.

Respostas a Essas Observações. Apesar de o relato sobre Noé ser similar à história de Gilgamés, quanto a vários particulares, também é superior em seus conceitos teológicos. Não há razão para duvidarmos de que os povos semitas tinham narrativas variantes do dilúvio, embora interdependentes. Isso não anula a historicidade do evento nem das pessoas envolvidas.

É possível que o autor do relato de Noé e do dilúvio tenha combinado mais de uma fonte informativa, pelo que se confundiu em alguns pontos. E isso, mesmo que admitido, não anularia a exatidão geral do relato. Outrossim, alguns itens específicos mencionados não são contraditórios. As diferenças entre os sete e os dois casais de animais podem ser explicadas dizendo-se que havia sete pares de animais limpos, e dois pares de animais imundos (impróprios para a alimentação humana). Apesar de Gên. 6.19 não fazer tal distinção, isso pode ter sido um descuido do autor sagrado. Os quarenta dias do dilúvio podem indicar o tempo em que as águas ficaram subindo, ao passo que os cento e cinqüenta dias seriam o tempo que foi necessário para aparecer qualquer porção de terra, conforme também Gên. 8.3 parece indicar. Quanto a dois alegados Noés, a resposta é que até um homem bom pode cair em uma falha. Seja como for, questões dessa ordem nada têm que ver com a espiritualidade, e somente os estudiosos ultraconservadores ou ultraliberais dão muita atenção a tais pormenores.

III. Indicações Cronológicas

Os estudiosos acham muito difícil datar o dilúvio de Noé. O método de cálculo por meio de genealogias tem sido abandonado pela maioria, visto que, geralmente, as genealogias de Gênesis são meros esboços, e não relatos detalhados de sucessivas gerações. Se nos basearmos nessas genealogias não recuaremos mais do que até cerca de 2400 A. C. O dilúvio não pode ter ocorrido muito tempo antes disso. É-nos revelado que Noé tinha quinhentos anos de idade quando seu primeiro filho nasceu (Gên. 5.32 e 6.10); e, então, o dilúvio ocorreu cerca de cem anos depois disso. Talvez tão tarde mais que um ano depois do início do dilúvio (Gên. 7.11; 8.13), quando Noé deixou a arca. Holocaustos foram oferecidos, e houve a promessa divina de que nunca mais haveria dilúvio destruidor na terra. Pouco se sabe acerca dos trezentos e cinqüenta anos que Noé ainda viveu, após o dilúvio.

IV. Noé e o Propósito Redentor

Noé foi um tipo de salvador, tipo do *Salvador* que viria, Jesus Cristo. Noé também representou um novo começo, como aquele que se experimenta no batismo cristão (símbolo da regeneração) O trecho de I Ped. 3.18-4.6 usa Noé como tipo simbólico, inter-relacionando sua prédica com o ensino sobre a *Descida de Cristo ao Hades* (vide). A mensagem de esperança é que até mesmo aos desobedientes do tempo de Noé foi dada a oportunidade de ouvir o evangelho de Cristo. E, se eles foram assim privilegiados, não se pode duvidar de que a todos os homens será oferecida idêntica oportunidade, sem importar se eles tiveram tal oportunidade ou não na terra. Esse ministério de Cristo no hades foi remidor,

conforme aprendemos em I Ped. 4.6, dando-nos a esperança de uma renovada oportunidade de salvação, depois da morte biológica. Cristo teve uma missão tridimensional: na terra, no hades e nos céus. Somente assim o propósito do amor de Deus pode ter ampla aplicação, cumprindo os seus propósitos. A questão do próprio dilúvio é abordada no artigo em separado, detalhado, *Dilúvio de Noé*. Esse artigo inclui uma discussão sobre a similaridade entre os relatos sumério e babilônico, por um lado, e o relato de Gênesis, por outro lado.

V. Descendentes de Noé

Lemos no livro de Gênesis que Noé teve três filhos: Sem, Cão e Jafé (Gên. 5.32; 9.18,19; 10.1). Presume-se que deles descende toda a população atual da terra (Gên. 9.19). Daí é que temos a Tabela das Nações, registrada no décimo capítulo de Gênesis. Quanto a uma completa discussão sobre a questão, com as muitas controvérsias que a circundam, ver o artigo *Nações*.

VI. Caráter de Noé

Noé foi um homem justo (Gên. 6.9). Era dotado de fé autêntica e dos resultados espirituais de tal fé (Heb. 11.7). Ele andava com Deus (Gên. 6.9). Ele era pregador da justiça (II Ped. 2.5). No entanto, terminado o dilúvio, ao tornar-se cultivador da vinha (Gên. 9.20 ss), ele acabou alcoolizado, sem conhecer a força do suco fermentado da uva. Daí desenvolveu-se uma circunstância desagradável, resultante da qual um dos descendentes de Cão foi amaldiçoado, devido à participação dele nesse incidente (Gên. 9.20-27). Ver o artigo sobre *Cão*, quanto a detalhes sobre a questão. Temos em Noé a antiga lição do homem bom que escorrega e perde momentaneamente uma merecida boa reputação. A humildade é necessária na vida humana. Nenhum ser humano está isento do pecado e de atos tolos.

5.30,31

As antigas fórmulas, comuns desde o vs. 5 deste capítulo, reaparecem aqui. No vs. 30, a Septuaginta diz quinhentos e sessenta e oito, em lugar de quinhentos e noventa e cinco. Ver o vs. 7 quanto a dificuldades que envolvem os números, nas fontes do Antigo Testamento hebraico. No vs. 31, a Septuaginta diz setecentos e cinqüenta e três, em lugar de setecentos e setenta e três. E o Pentateuco Samaritano diz seiscentos e cinqüenta e três.

Por oito vezes, na genealogia anterior, o texto sagrado diz *e morreu.*

Ai daquele que nunca vê
As estrelas brilhando através dos ciprestes!
Que, sem esperança, deposita seu morto,
Mas não olha para ver o romper do dia
Do outro lado do triste esquife;
Que não aprendeu, em horas de fé,
A verdade que carne e sentidos desconhecem
Que a vida é sempre o Senhor da Morte
E o Amor nunca se esquece dos seus!

(John Greenleaf Whittier)

5.32

Estando com cerca de quinhentos anos de idade, Noé gerou os três filhos que haveriam de moldar o destino do mundo pós-diluviano, Sem, Cão e Jafé. Sem dúvida, ele tivera muitos filhos e filhas antes da ocasião, mas aqueles três foram escolhidos para uma tarefa especial. O restante da família ou pereceu de morte natural, ou ficou "lá fora", junto com os ímpios, quando chegou o dilúvio. Ver Gên. 9.24 e 11.10 quanto a indicações sobre a ordem do nascimento desses três filhos. Jafé, ao que parece, era o mais velho, e Cão o mais novo. Sem costumeiramente é mencionado em primeiro lugar, por causa de sua superioridade espiritual. Ver Gên. 11.26. A linhagem messiânica passa por ele.

Sem. No hebraico, o sentido desse nome é incerto. As sugestões são "nome" e "filho". A forma grega, na Septuaginta, é *Sem*. Esse nome aparece em Gên. 5.32; I Crô 1.4 e Luc. 3.36.

Sem, um dos três filhos de Noé, é o antepassado dos povos conhecidos como semitas. Em sentido classificatório, daqueles que falam línguas semíticas. Ele e sua esposa estavam entre as oito pessoas que escaparam do dilúvio, na arca (Gên. 7.13). Dois anos após terem todos saído da arca, com a idade de cem anos, ele tornou-se o pai de Arfaxade (Gên. 11.10), que faz parte da linhagem ancestral do Messias, Jesus Cristo (Luc. 3.36). Outros filhos e filhas nasceram de Sem e sua esposa, durante seus seiscentos anos de vida.

A "tabela das nações", no décimo capítulo do livro de Gênesis, fornece-nos detalhes adicionais acerca dos descendentes de Sem (vss. 21-31). Elão, Assur, Arfaxade, Lude e Arã são identificados, nas mais antigas geografias, como ancestrais dos povos da Pérsia, da Assíria, da Caldéia, da Lídia e da Síria, respectivamente. Há alguma incerteza quanto ao nome de Lude, porquanto há outro Lude em conexão com o Egito. Porém, esse último povo é reputado camita, e não semita. Os escritores clássicos, bem como alguns eruditos de nossos dias, preferem identificar Arfaxade com uma área dos sopés montanhosos da Arménia, a nordeste da Assíria. O trecho de I Crônicas 1.17 acrescenta quatro filhos a Sem: Uz, Hul, Géter e Meseque, embora Gênesis 10.23 identifique esses quatro como filhos de Arã, sendo perfeitamente possível que a passagem de I Crônicas esteja apenas se referindo a eles no sentido geral de serem descendentes de Sem. No desenvolvimento das relações étnicas da família de Sem, devemo-nos lembrar de que nem todos os seus descendentes teriam, forçosamente, de falar línguas ou dialetos semitas. Daí a aparente discrepância entre os informes genealógicos do décimo capítulo do livro de Gênesis e as afinidades históricas entre os povos do Oriente Próximo, que podem ser mais imaginárias do que reais.

Samuel Kramer expôs a teoria, que na realidade não é nova, de que o nome *Sem* deriva-se de *Sumer,* pelo que ele teria sido o antepassado das mais antigas populações do sul da Mesopotâmia; mas essa teoria teve aceitação muito limitada. Historicamente, o primeiro lugar habitado pelos semitas, ou famílias dos cinco filhos de Sem, deve ter sido os sopés montanhosos e os vales da Armênia. Dessa região nuclear, a reconstrução das migrações indica que os seus descendentes moveram-se para fora desse centro, em várias direções, que podem ser mais ou menos identificadas. Os descendentes de Arfaxade devem ter sido os que mais se demoraram na área inicialmente ocupada pelos semitas, antes que seguissem para o sul, ao longo do lado oriental da cadeia montanhosa dos Zagros, de onde, finalmente, partiram para o oeste, para a planície de Sinear (Gên. 11.2). Um certo pesquisador moderno, Childe, empregou informes arqueológicos para demonstrar que, mui provavelmente, os semitas tiveram um antigo contato com os egípcios, levando afinidades culturais com os egípcios para a Suméria, para onde foram alguns deles.

Cão. No hebraico, seu nome, *ham,* significa "queimado", "moreno". Era o mais jovem dos três filhos de Noé (Gên. 5.32). Já era casado na época do dilúvio. Juntamente com sua esposa, foi salvo da destruição, na arca. Terminado o dilúvio, provocou a ira de seu pai por causa de um ato de indecência, tendo sido castigado por meio de uma predição de longo alcance (Gên. 9.21 ss.). Segundo essa profecia, os descendentes de Cão seriam escravos dos descendentes de seus dois irmãos. A Bíblia atribui todos os povos atualmente existentes no mundo a esses três irmãos. Na tabela das nações, em Gên. 10.6-10, Cão é apresentado como o antepassado dos egípcios e dos povos sob o controle egípcio, no nordeste da África, além de certas porções da Arábia e a terra de Canaã, com exceção de Ninrode. Por causa da conexão entre o nome de Cão e a África, alguns intérpretes têm pensado que o comércio escravagista, que envolveu os africanos já nos tempos modernos, além do fato de que os povos negros têm sido, de modo geral, subservientes a outros povos, resulta da maldição lançada contra Canaã, descendente de Cão. Outros estudiosos não conseguem ver nenhum sentido nisso. Os intérpretes liberais supõem que a tabela das nações, no livro de Gênesis, não passa de uma criação da imaginação piedosa dos homens, sem nenhuma base na antropologia científica.

O adjetivo "camita" é usado pelos estudiosos modernos para referir-se a um grupo de idiomas, entre os quais se destaca o egípcio. Segundo a moderna classificação antropológica, não há nenhuma raça reconhecida como camita. Mas isso é compreensível, porque os antropólogos não partem da Bíblia, e, sim, de certas distinções mais ou menos artificiais, como cor da pele, tipo de cabelo etc. Lembremo-nos de que os três filhos de Noé eram irmãos. E as variações raciais que encontramos atualmente dependem mais de certas características que se vão acentuando, devido à seleção natural e ao isolamento em que os povos viveram durante milênios. Só na nossa época de transportes rápidos e fáceis, quando os povos podem miscigenar-se mais prontamente, esse isolamento está desaparecendo.

Jafé

Esboço

I. Informações Gerais
II. Raças Descendentes de Jafé
III. Gráfico Comparativo dos Descendentes de Sem, Cão e Jafé

I. Informações Gerais

No hebraico, "espalhado", com o sentido "Deus engrandecerá". Era um dos três filhos de Noé. É difícil dizer qual a sua posição entre os outros dois, porquanto ele é mencionado em último lugar em trechos como Gên. 5.32; 6.10; 7.13; 9.18,23,27; I Crô. 1.4. Todavia, seus descendentes aparecem em primeiro lugar em Gênesis 10 e I Crônicas 1.5-7. Além disso, o trecho de Gên. 9.22,24 parece afirmar que Cão, pai de Canaã, era o mais jovem dos três. Porém, em Gên. 10.21, temos uma afirmação que pode ser interpretada como se dissesse que Jafé era o segundo, e não o terceiro dos filhos de Noé.

Importantes incidentes em sua vida incluem estes pontos: ele foi uma das oito pessoas que participaram das experiências salvadoras da arca de Noé, durante o período do dilúvio universal. Ver sobre o *Dilúvio.* Terminado o dilúvio, Noé plantou uma vinha; e, colhendo a uva e tomando o vinho, ficou alcoolizado. Cão, o filho mais jovem de Noé, quebrou uma rígida lei moral da época, que proibia um filho de ver a nudez de seu pai. Em seu estupor de alcoolizado, Noé jazia nu em

seu leito, e Cão observou a cena, divertido. Ao que parece, ele contou o acontecido a seus dois irmãos; e eles, horrorizados diante da infração, entraram de costas onde jazia Noé, e cobriram-no com alguma coisa (Gên. 9.20-27). Quando Noé despertou e ficou sabendo do ato de Cão, lançou sobre ele uma maldição (que, na verdade, recaiu sobre seu neto, Canaã, filho de Cuxe); mas abençoou Sem e Jafé, que haviam respeitado a sua nudez. Os descendentes de Sem e Jafé haveriam de prosperar; mas os descendentes de Cão, através de Canaã, haveriam de ser escravos dos descendentes daqueles.

Alguns intérpretes têm pensado que essa maldição fez de Cão um negro, o que explicaria por que, até os fins do século passado, muitos negros foram escravizados. Porém, isso é ler no texto sagrado o que não está ali escrito, além de ser uma tentativa de encontrar na Bíblia um texto que sirva de prova para a instituição cruel da escravatura. Na verdade, porém, as mais diferentes raças e indivíduos já foram escravizados no passado; e a escravidão negra é um fenômeno relativamente recente. A Bíblia, por sua vez, não nos fornece nenhuma explicação de como surgiu a raça negra. O mais provável é que se trate de uma das potencialidades da raça humana, uma das variações possíveis dentro de uma espécie — a espécie humana. Sabemos que as condições de clima podem causar tanto o enegrecimento quanto o embranquecimento da pele; mas é totalmente impossível que essas condições justifiquem tudo, em face de a cronologia bíblica depois do dilúvio ser tão curta. Lembremo-nos de que o dilúvio é situado em cerca de 2400 A. C.! Acresça-se a isso que a raça negra possui características físicas, excluída a questão da cor da tez, que não podem ser explicadas por nenhum processo físico normal de que tenhamos conhecimento. Certas coisas terão de permanecer um mistério. Por outro lado, a teoria da evolução, que alguns consideram uma possível explicação alternativa, também se vê a braços com dificuldades intransponíveis, quando se lança à explicação de coisas como essa.

O que se sabe é que os cananeus da época de Josué foram subjugados e que as suas terras lhes foram tomadas pelos israelitas invasores; e podemos supor, com muita razão, que isso cumpriu, pelo menos em parte, a maldição lançada por Noé.

A predição da propagação dos descendentes de Jafé por muitos territórios cumpriu-se à risca, embora muitos eruditos disputem quanto a como isso aconteceu exata e detalhadamente. Os estudiosos liberais supõem que questões dessa ordem revestem-se de pouco valor genealógico real, e que é impossível que raças tão diversas, com suas distintas qualidades, pudessem ter descendido de um único genitor, dentro do tempo registrado pela genealogia bíblica. Pela fé, os eruditos conservadores levam a sério as genealogias constantes na Bíblia, embora também não contem com nenhuma explicação, científica ou não, para justificar a grande diversidade de raças que acabou surgindo na terra. Novamente, entramos em mistérios insondáveis.

II. Raças Descendentes de Jafé

As informações que os intérpretes nos fornecem a esse respeito diferem grandemente entre si. A Bíblia informa-nos que ele foi o pai de Gômer, Magogue, Madai, Javã, Tubal, Meseque e Tiras (Gên. 10.2 e I Crô. 1.4). Isso faria de Jafé o genitor das raças caucasianas e indo-européias, além de outras. O trecho de Gênesis 10.2 ss. também nos dá a impressão de que seus descendentes migraram para as terras em redor do Mediterrâneo ("as ilhas das nações," em Gên. 10.5). Certas tradições árabes faziam de Jafé um dos antigos profetas; e, na enumeração dos seus filhos, faziam dele o pai dos gín ou dshin (chineses); os seklab (eslavos); e os manchurges ou gomaris (turcos), os calages, os gozar, os rôs (russos); os sussans, gaz ou torages (?).

As tremendas diferenças físicas das raças sino-tibetanas são tão difíceis de explicar como as que caracterizam as raças negras, e pelas mesmas razões. Naturalmente, os cientistas modernos atribuem as diferentes raças humanas a mutações genéticas, e não meramente a influências climáticas, supondo que o ser humano já existia há mais de um milhão de anos, e não a algo parecido com seis mil anos. Alguns desses cientistas pensam que várias raças devem sua existência a diferentes antepassados animais, pelo que nem todos os ramos da humanidade descenderiam de um mesmo e único genitor, Adão. Naturalmente, o ensino bíblico não concorda com isso. Paulo deixou bem claro: "O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe. . . de um só fez toda a raça humana. . ." (Atos 17.24-26).

Para os evolucionistas, as grandes diferenças raciais entre os seres humanos só podem ser explicadas em termos evolutivos. A teoria da evolução das espécies parece oferecer uma explicação lógica, excetuando a questão das origens absolutas; mas sob um exame mais detido, apresenta muitas dificuldades, porquanto nenhum argumento convincente é capaz de transpor um prodigioso salto evolutivo que poderia levar um ser humano a deixar o mundo dos animais irracionais para ingressar no mundo dos homens racionais e dotados de uma alma eterna. Além disso, se há variantes dentro de uma mesma espécie (por exemplo, os cães), nunca se conseguiu comprovar que uma espécie qualquer seja capaz de evoluir de outra, e daí evoluir ainda para uma outra. E, quando há variações, a tendência é sempre voltar ao tipo original, seguindo as leis genéticas de Mendel, e jamais progredir para outra espécie, deixando para trás a espécie supostamente original. Novamente, pois, chegamos a mistérios insolúveis. E a Bíblia em nada pode ajudar-nos quanto a essas questões, pois não foi escrita para revelar questões dessa natureza, e, sim, como o homem pode corrigir seu relacionamento com Deus e seus semelhantes. Ver ainda o artigo intitulado *Antediluvianos*, que aborda os problemas da antiguidade da raça humana, em maiores detalhes.

Identificações Tentativas das Raças Associadas a Jafé: Povos Antigos

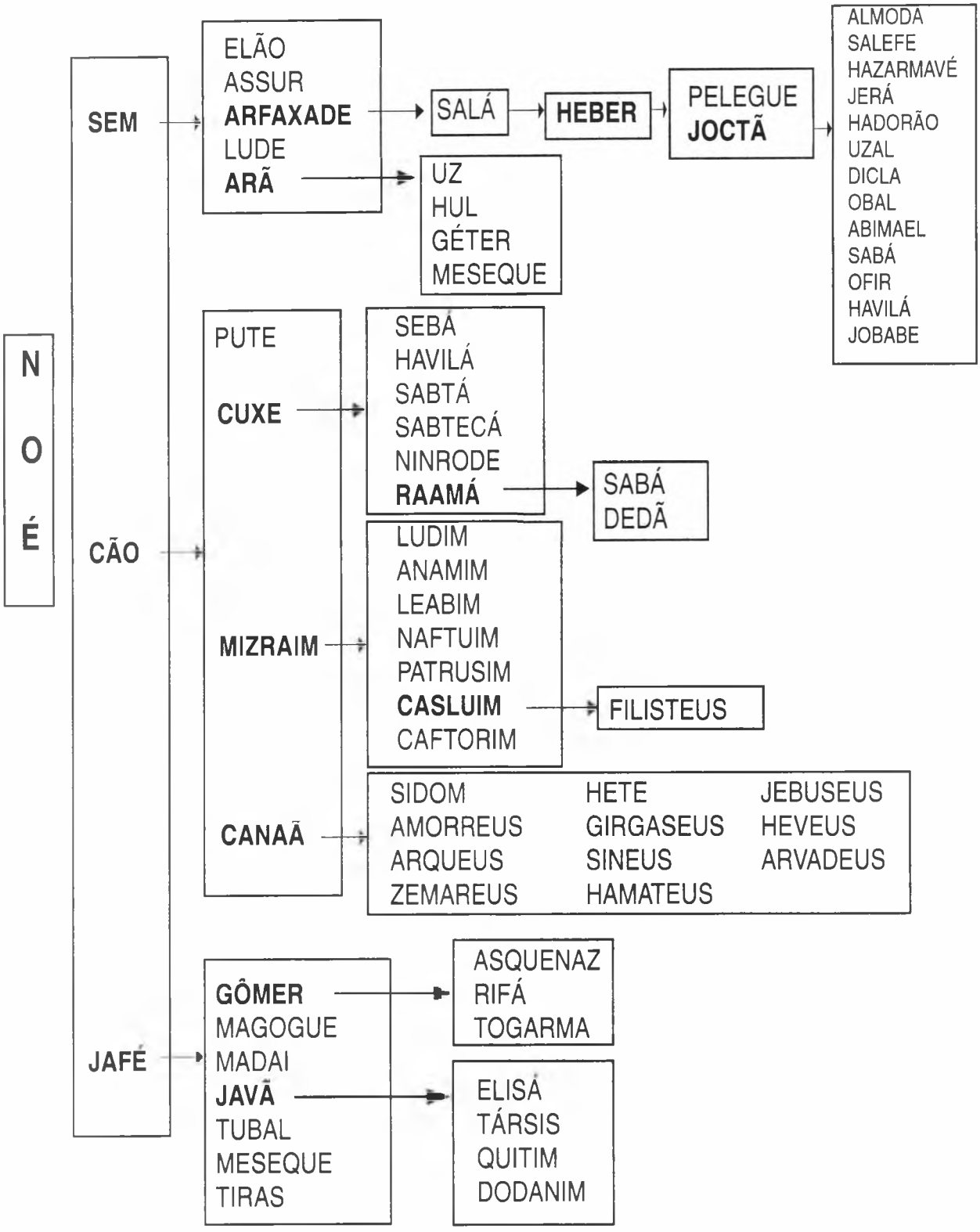
Gômer: os antigos cimérios; *Magogue:* os diversos povos mongóis; *Madai:* os medos e persas; *Javã:* os gregos; *Tubal* e *Meseque:* povos da porção oriental da Turquia e do centro norte da Ásia; *Tiras:* os "tirsenoi" das ilhas do mar Egeu, talvez incluindo os etruscos.

À medida que esses povos se foram multiplicando, ocuparam áreas geográficas cada vez mais distantes do ponto de onde todos se irradiaram, após a torre de Babel.

". . .ali confundiu o Senhor a linguagem de toda a terra, e dali os dispersou por toda a superfície deia" (Gên. 11.9). Naturalmente, nessa dispersão não devemos incluir somente os descendentes de Jafé, mas também os de Cão e os de Sem, embora a tendência dispersiva fosse maior entre os descendentes de Jafé, segundo também o seu nome indica. Os descendentes de Gômer, para exemplificar, com a passagem do tempo podiam ser encontrados em uma faixa que ia desde o que é hoje o norte da Índia até a porção mais ocidental da Europa, incluindo, entre outros, os *celtas* e os *germânicos,* estes últimos descendentes de Arquenaz, um dos filhos de Gômer.

III. Gráfico Comparativo dos Descendentes de Sem, Cão e Jafé. (ver na página seguinte).

GRÁFICO COMPARATIVO DOS DESCENDENTES DE SEM, CÃO E JAFÉ



Capítulo Seis

A Corrupção do Gênero Humano (6.1-12)

Os Filhos de Deus e as Filhas dos Homens (6.1-4)

A grande corrupção em que os homens tinham mergulhado, o que provocou Deus e resultou no dilúvio, é introduzida por esta breve seção. Ela preserva uma estranha tradição da mescla de mulheres com os *filhos de Deus*, o que tem sido interpretado de várias maneiras. Os críticos pensam que o relato sobre os *nephilim* consiste em uma antiga lenda acerca de uma raça de gigantes (ver também Núm. 13.33). Esses *nephilim* eram tidos como uma raça de seres semidivinos. Os críticos supõem que os filhos de Deus tinham-nos gerado através de mulheres humanas, o que explicaria sua origem e elevada posição. Nenhuma dessas sugestões, é lógico, derivam-se do próprio texto sagrado, mas fazem parte de tradições que giram em torno desses seres. Ver no *Dicionário* o meu artigo intitulado *Gigantes*, onde essa raça é incluída. Ver especialmente o primeiro ponto daquele artigo. Alguns eruditos têm pensado que eles seriam anjos caídos.

O tema das *origens*, que predomina no livro de Gênesis, trouxe à mente do autor sacro essa questão, visto que tem ligação com os eventos que antecederam ao dilúvio. Outras literaturas antigas falam sobre raças de gigantes, semi-deuses, misto de seres divinos com mulheres terrenas (ou vice-versa). É difícil dizer, em qualquer sentido absoluto, quais elementos exatos estavam na mente do autor quando ele ventilou essa questão. Meu artigo intitulado *Gigantes,* bem como os comentários sobre o vs. 4, dão uma amostra de outras crenças acerca deles, entre vários povos, bem como uma tentativa de sumariar as muitas interpretações que giram em torno dessa passagem. Ver também Num. 13.33; Jos. 15.14; Deu. 1.28; 2.10,11,21; 9.2 e Amós 2.9, quanto às muitas menções bíblicas aos gigantes.

"Ninguém pode saber, com certeza, o que esses versículos querem dizer. Eles procedem de algum período de pensamento primitivo, que obscurece a nossa percepção" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*). Os próprios intérpretes conservadores não concordam quanto a vários elementos constantes nesses versículos.

6.1

Como se foram multiplicando os homens. Este primeiro versículo tem dois propósitos. Fala da *imensa multiplicação* dos homens sobre a terra, cuja grande maioria estava corrompida (conforme seremos informados adiante); e também como *parte* dessa multiplicação ocorreu através dos misteriosos "filhos de Deus", que geraram filhos através de mulheres (ver os versículos que se seguem).

Está aqui em foco a *humanidade* em geral, e não apenas a ímpia linhagem de Caim. John Gill observou que essa grande superpopulação era ajudada pela prática generalizada da poligamia (ver, em Gên. 4.19, a primeira menção bíblica a essa prática, bem como, no *Dicionário*, o artigo chamado *Poligamia).* Cada patriarca gerou filhos e filhas. Caim edificou uma cidade, o que subentende considerável população, desde a antiguidade. Juntamente com o aumento populacional, houve um aumento paralelo da impiedade.

6.2

Os filhos de Deus. Há muitas interpretações sobre essa frase, conforme se vê a seguir:

1. A linhagem piedosa de Sete (ver a genealogia em Gên. 5.3 ss.).
2. Semideuses ou heróis, como aqueles do folclore grego ou latino.
3. Anjos caídos, mas considerados seres materiais. Talvez nessa ocasião a teologia dos hebreus ainda não concebesse seres imateriais. Para eles, os anjos eram uma classe diferente e mais alta de seres, mas não imateriais, como se vê na teologia posterior.
4. Anjos bons, mas não seres imateriais.
5. Anjos bons ou maus, mas seres imateriais.
6. Homens incomuns, como uma raça especial de gigantes.
7. Homens proeminentes, como juízes, governantes, sacerdotes etc.
8. Seres estranhos que não podem ser definidos.
9. Os críticos dizem que o relato é mitológico, pelo que não há como dar uma interpretação correta.
10. Homens comuns, mas controlados por forças sinistras, como anjos caídos.

A crença na mescla de deuses, semideuses e figuras angelicais com mulheres humanas fazia parte do folclore de muitos povos antigos. Muitos bons intérpretes insistem sobre a idéia angelical. Outros frisam que os anjos aparecem como seres destituídos de sexo, pelo que não se casam (Mat. 22.30). Mas essa informação veio muito depois de ter sido escrita a narrativa à nossa frente. A literatura ugarítica dizia que os monarcas são divinos ou semidivinos, tal como faziam os egípcios, os gregos e os latinos, no período ainda primitivo da história humana.

Os filhos de Yahweh é expressão que, com freqüência, aponta para os seres angelicais. Ver Jó 1.6; 2.1; 38.7 e cf. Sal. 29.1 e 89.6. Entretanto, em Isaías 43.6 vemos que essa expressão não se limita na Bíblia a tais seres.

Apesar de não haver como provar o que o autor sacro tinha em mente, *opino* que estão em foco *anjos*, apesar do fato de que Adam Clarke (*in loc.*) chama essa interpretação de um "sonho". Os trechos de Jud. 6 e II Ped. 2.4 são usados em favor da idéia angelical.

Notemos que o casamento entre os filhos de Deus e as filhas dos homens produziu homens "valentes" (vs. 4), um termo usado para *distinguir* essa prole da prole comum, o que significa que havia algo de *especial* acerca deles. Também é possível que os "valentes, varões de renome", no vs. 4, supostamente indiquem a prole de tais uniões. O texto parece indicar isso, embora a sugestão seja um tanto vaga nesse ponto.

Filhas dos homens. Há duas opiniões a respeito de quem seriam elas:

1. Mulheres em geral, não estabelecendo nenhuma distinção entre a linhagem de Caim (cuja genealogia começa em Gên. 4.17) e a linhagem de Sete (genealogia a partir de Gên. 5.3).
2. Ou a linhagem de Caim. Nesse caso, o texto nos estaria dizendo que uma maior corrupção caiu sobre a terra quando os filhos de Deus (sem importar quem fossem eles) começaram a casar-se com as mulheres da ímpia linhagem de Caim. Isso foi o rompimento da separação estabelecida por Deus, apressando o julgamento da queda. Houve um "ultrapassar dos limites" impostos por Deus. Os filhos de Deus formavam "um grupo sensual, que buscava fama e fertilidade" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Tomaram para si. Era fácil alguém conseguir mulher, pois então a poligamia se tinha generalizado. As mulheres estavam dispostas e os homens estavam ansiosos.

As que, entre todas, mais lhes agradaram. De fato, algumas mulheres são bonitas. Isso assegura a procriação, apesar das grandes complicações que uma família produz.

6.3

Então disse o Senhor. Este versículo, por estar aqui, nos surpreende. Mas o autor sagrado aproximava-se da declaração de que as coisas se tinham tornado tão decadentes que somente o juízo poderia ser agora esperado. Além disso, a descontrolada procnação, referida no segundo versículo, inspirou-o a declarar uma parte de sua tese, nesta altura: a paciência de Deus se estava esgotando, diante da raça humana degradada. E Deus marcou quando seria a prestação de contas: dentro de cento e vinte anos, no futuro.

O meu Espírito. Podemos pensar aqui em duas possibilidades:

1. O Espírito Santo
2. ou *meu espírito,* o Ser interior de Deus, de onde emanavam Seus pensamentos e emoções, bem como a Sua faculdade racional. Não há aqui a idéia de conceber um Deus parte material parte imaterial, como essa expressão, se dita por um ser humano, indicaria.

Naturalmente, essas expressões são antropomórficas. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Antropomorfismo.*

Não agirá para sempre. Sua luta com os homens, para que estes fizessem o que é direito, continuaria através do ministério de Noé. Mas esse ministério fracassaria, e então cessaria em Seus esforços. E sobreviria o juízo divino. Ver no *Dicionário* o artigo *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos.* O julgamento não estava distante, mesmo computando o tempo conforme os homens o calculam. Todos os juízos de Deus têm natureza remedial, segundo fica demonstrado no artigo a que me refiro. Ver I Ped. 4.6. Quando a ameaça foi feita, a humanidade já estava madura para o julgamento. A misericórdia de Deus interveio. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Misericórdia.*

O prazo de cento e vinte anos não nos dá aqui a duração ideal da vida humana, nem a idade de Moisés quando ele escreveu o texto, embora diversos intérpretes tenham sugerido ambas essas idéias.

6.4

Havia gigantes na terra. No hebraico, *nephilim,* um dos nomes dados aos gigantes, ou a uma das raças de gigantes. Ver o artigo chamado *Gigantes,* quanto a plenas informações sobre a questão. Alguns eruditos pensam em um raça semidivina que teria perecido por ocasião do dilúvio, na suposição de que eles eram prole dos filhos de Deus (anjos) e de mulheres terrenas. Mas outros eruditos insistem em que eram indivíduos naturais. Ver as notas sobre o vs. 2 quanto às várias interpretações sobre o título *filhos de Deus.* A literatura grega e romana fala sobre *heróis,* muitos dos quais seriam meio-divinos e meio-humanos, com deuses como pais ou deusas como mães. É claro que não devemos pensar aqui em seres

imateriais, e, sim, seres inteligentes de grande poder, de alguma ordem física superior. Nesse estágio da teologia dos hebreus, não é provável que os anjos fossem concebidos como seres imateriais, o que justificaria a possibilidade da propagação de filhos por meio de mulheres humanas. Meu artigo sobre os *Gigantes* preenche os hiatos em nosso conhecimento, além de oferecer várias conjecturas sobre esses seres.

Valentes. É provável que devamos entender aqui que os *nephilim* e os *valentes* formavam uma só classe de seres; ou então, o autor sagrado estaria falando sobre duas classes: seres semidivinos (uma raça superior aos seres humanos normais) *e* "valentes" (seres humanos normais). Os estudiosos estão divididos quanto à questão. Esses valentes eram tais devido à sua grande estatura, força, inteligência, domínio, tirania e opressão.

Varões de renome. A reputação deles era imensa, talvez por serem mais violentos que outros, capazes de matar com maior habilidade do que outros. Indivíduos assim geralmente são relembrados e até mesmo venerados na história, por mais que isso seja uma estupidez. Eles praticavam grandes feitos, alguns bons, mas quase todos maldosos. Alguns eruditos, pensando que a esses homens tinham sido dados poderes demoníacos, crêem que seu poder, vindo de fora e vindo de dentro, explica sua perversa grandeza. A teologia posterior dos hebreus falava sobre reis dotados de poderes espirituais (pessoais) que agiam por trás deles (Dan. 10.13). Dentro das lendas ugaríticas sobre a *Alvorada,* a divindade principal, chamada *El* (que na cultura dos hebreus também era um dos nomes de Deus), teria seduzido duas mulheres. A união do divino e do humano produziu duas deusas, Alvorada e Crepúsculo, mais tarde associadas a Vênus.

Gigantes nos Tempos Primevos. Esses figuram com insistência na literatura de povos antigos. Os titãs moveram guerra contra Saturno, que teria sido gerado por Urano (céu). Eles eram dotados de uma força invencível. Apolodoro (*De Origine Deorum*, 1.1 par 14) dizia que a cidade de Enos era habitada por gigantes de dimensões e força realmente espantosas. Eles teriam sido os inventores das artes e da música, além de serem inacreditavelmente debochados.

O Dilúvio (6.5-9.19)

Os críticos mencionam um número incrível de fontes e subfontes para esta narrativa. Dou algumas indicações a respeito no meu artigo sobre *Noé* (em Gên. 5.29), segundo ponto, *Noé e os Críticos.* Ver também o artigo detalhado chamado *Dilúvio de Noé*, nas notas sobre Gên. 7.6, mormente sua terceira seção, *A Narrativa Bíblica e o Registro Mesopotâmico.* Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Gilgamés, Epopéia de.*

Uma amostra dos comentários dos críticos diz aqui o seguinte: "Esta seção (Gên. 6.5-9.19) veio da mão de R^p, o qual juntou a recensão de *J* sobre o dilúvio com a fonte *P (S)*, usando esta última, que ele preservou intacta, como base de sua narrativa, e recheando-a, com certas omissões e com alguma deslocação, com o material de *J*. As narrativas extraídas da fonte R^p foram sujeitas a alguma leve elaboração, mas as adições, em sua maior parte, revestem-se de pouca importância" (Walter Russell Bowie, *in loc.*). Ver os artigos sobre *Hexateuco* e *J.E.D.P.(S)* no *Dicionário.*

O *Épico de Gilgamés* contém muitos detalhes semelhantes aos do relato do Gênesis, e não os repito aqui porque o artigo sobre o assunto oferece plenas explicações. Lendas sobre um dilúvio universal acham-se em quase todos os lugares do mundo. Os críticos sugerem que os mitos babilônicos alicerçam-se sobre uma poderosa devastação havida no *vale do rio Eufrates*, mas há muitas evidências de um dilúvio quase universal.

6.5

Viu o Senhor. Uma expressão antropomórfica, tal como no vs. 3, onde ver as notas.

A Maldade Prodigiosa dos Homens. Tudo quanto eles faziam era mau; todos os seus pensamentos eram pecaminosos; tudo quanto planejavam era corrupto. E isso isso se assemelha ao conteúdo dos jornais que lemos em nossos dias. A rebeldia tomara-se a medida do homem, a qual eles provavelmente confundiam com a *liberdade.* Esse tipo de liberdade na verdade é uma forma de escravidão. Por fim, o homem perdeu o poder de fazer o bem, a qual ele vinha degradando cada vez mais. Cf. Gên. 8.21; Sal. 14.1-3; Rom. 3.9-11, quanto a afirmações similares que provavelmente refletem o texto atual. Daí a necessidade de juízo, de regeneração. Deus pode realizar melhor certas coisas por meio do julgamento, incluindo levar o homem ao arrependimento, aqui ou noutra oportunidade que lhe seja dada (I Ped. 4.6).

Os homens mostravam-se maus, ". . .da manhã à noite, sem reprimenda de consciência ou temor da justiça divina. Dificilmente poderia haver quadro mais impressionante da completa depravação humana; e essa corrupção da *natureza interior* do homem é atribuída ao fato de que ele rompeu com as restrições morais e sociais" (Ellicott, *in loc.*)

"Eles eram *carnais* (vs. 3), inteiramente sensuais, os desejos da mente avassalados e perdidos nos desejos da carne, suas almas incapazes agora de discernir seu elevado destino, sempre pensando somente no que era terreno" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pecado.*

6.6

Então se arrependeu o Senhor de ter feito o homem. Mais expressões antropomórficas. Ver o artigo intitulado *Antropomorfismo.* Dá-se-nos a impressão de que Deus não havia previsto os desastres causados pelos seres humanos, e que ele poderia (desde o começo) ter mudado Suas idéias sobre a idéia inteira da criação. Ou, então, Ele poderia ter criado outro tipo de criatura. O mundo por Ele criado não era "o melhor mundo possível", sobre o qual os filósofos falam. Trechos bíblicos como esse são alegorizados para evitar aquilo que é tido como uma teologia crua. Alguns eruditos tentam anular a natureza *objecional* do fraseado do versículo assegurando-nos que *o ato do arrependimento,* neste caso, significa apenas ficar triste. e não que Deus teria mudado a mente. Trechos bíblicos como o de Mal. 3.6 são dados em prova desse parecer, pois Deus é *imutável.* Todavia, cumpre-nos lembrar que a teologia foi-se desenvolvendo, e que esse item fazia parte do pensamento posterior. A teologia evolui como qualquer outra ciência. Ver no *Dicionário* os artigos *Deus* e *Atributos de Deus.*

"Isso é falar por *antropopatia,* conforme a maneira do homem. . . entristeceu-se Ele em Seu coração. . . pois a frase deve ser entendida como se vira antes" (John Gill, *in loc.*). No *Dicionário* ver o artigo intitulado *Antropopatismo.* Sentimentos e emoções humanos são atribuídos a Deus, mas devemos entender essa linguagem de modo figurado. Como é óbvio, alguns estudiosos interpretam literalmente o trecho, e pensam que Deus realmente tem emoções à semelhança dos homens. Outros trechos bíblicos usam uma terminologia similar. Ver Gên. 8.21; 11.5,6; Zac. 1.2; Efé. 4.30; Rom. 1.18; Col. 3.6; Heb. 3.11.

6.7

Farei desaparecer. . . o homem e o animal. Superpopulações sempre estiveram sujeitas a grandes destruições de alguma sorte. Estamos atualmente enfrentando uma situação dessas, e no século XXI haverá incontáveis bilhões de pessoas à face da terra. E os artigos de advertência que lemos nos jornais provavelmente são apenas um desperdício de papel. Ademais, grandes avanços na história humana sempre envolvem a destruição (eliminação) do que é antigo, antes que possa brotar o que é novo. A geologia registra muitas imensas catástrofes que têm quase eliminado a vida sobre a terra. O dilúvio de Noé evidentemente foi a última de uma longa série de tais catástrofes. Os egípcios consideravam Heródoto e os gregos meras "crianças", porquanto tinham conhecimento apenas de um grande cataclismo. "Nós temos conhecimento de muitos", asseguraram-lhe eles. E assim continuam os ciclos da vida, e cada grande ciclo sempre termina em destruição generalizada. Isso nos assusta, mas podemos continuar a crer que a alma imortal só sofre esses desastres como uma inconveniência, e não como destrutivos da vida que reside no espírito, e não na matéria. Não obstante, os juízos divinos são uma coisa séria. Todavia, visam a remediar, e não apenas a tomar vingança.

O Oleiro está agora prestes a despedaçar a obra de Suas mãos, porquanto, a despeito de tudo, o vaso está fatalmente defeituoso. Mas a roda do Oleiro pode criar coisas novas. É chegado o tempo da renovação. Ele está prestes a "eliminar" o homem do rol dos seres vivos, embora a alma ainda venha a receber uma oportunidade, quando Cristo desceu ao hades, segundo se vê em I Ped. 3.18-4.6. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo *Descida de Cristo ao Hades.* Levando-se em conta todas as Escrituras, concluímos que Deus fará cair sobre o mundo uma grande devastação. Mas em seguida vemos que Seu amor providenciará uma grande restauração. O amor sempre escreve o último capítulo. É significativo que Pedro tenha escolhido os antediluvianos como exatamente aqueles que estavam mais pervertidos e tiveram de sofrer um grande juízo. Por outra parte, *eles* foram usados como representantes de *todos os homens* que carecem do amor de Deus e de Sua graça remidora.

O animal. Porventura os animais têm alguma responsabilidade moral? O vs. 11 parece responder com um "sim", visto que "toda carne" havia corrompido o seu caminho. Questões dessa ordem, deixamos por enquanto nas mãos de Deus. Está vindo à luz alguma evidência em prol da moralidade e responsabilidade dos animais, pelo menos no que diz respeito aos grandes primatas.

6.8

Porém Noé achou graça. A linhagem de Caim se havia corrompido desde há muito. Mas a própria linhagem de Sete acabou degradada. Restavam apenas alguns poucos que seriam considerados dignos de escapar do terror. Assim também sucederá nos últimos dias. Encontrará Cristo fé na terra, quando voltar? Será salvo um pequeno remanescente, física e espiritualmente. Haverá outra grande demonstração de misericórdia, como sucedeu terminado o dilúvio, conforme foi comentado no vs. 7? *Naturalmente.* O amor de Deus nunca se torna lerdo. Será grandioso

encontrar-se entre o número reduzido dos fiéis do fim. "Ai dos que andam à vontade em Sião" (Amós 6.1). Jesus ressaltou como os homens antediluvianos, em seu estupor e abandono aos prazeres, foram totalmente surpreendidos pelo dilúvio (Mat. 24.38,39). Ver as notas sobre *Noé* em Gên. 5.29; e sobre o *Dilúvio*, em Gên. 7.6. Noé achou graça diante de Deus. Mas afinal a *graça* é o princípio do amor de Deus por todos, pelo que jamais falha. Sem dúvida, os vizinhos de Noé ridicularizaram a ele mesmo e à sua arca. Mas a maioria provavelmente mostrou-se indiferente. *Deus*, entretanto, olhava para ele de modo aprovador. Essa é uma lição que precisamos aprender. Qual é a atitude de Deus para conosco? Essa consideração deveria ter grande peso para nós. O resto nada significa. Noé era um pecador, como todos os demais homens. Mas ele não perdera a sua espiritualidade.

Graça. Temos aqui a primeira menção desse vocábulo na Bíblia. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Graça*. A graça é o amor divino que age sob a forma de redenção. Nunca é meramente uma palavra. "O propósito de Yahweh não era o extermínio, mas a regeneração; e com Noé haveria de começar uma ordem de coisas melhor e superior" (Ellicott, *in loc.*). E com Cristo (I Ped. 3.18-4.6) até mesmo os que fossem julgados receberiam uma missão remidora da parte Dele. A graça de Deus amplia-se tanto à terra quanto ao hades. Amplia-se até onde for necessária, ou seja, *por toda parte*. Amplia-se para todos os tempos em que for necessária, ou seja, *o tempo todo*. Ver no *Dicionário* o artigo sobre o *Amor*.

6.9

Entre os seus contemporâneos. O autor sacro provê para nós uma espécie de esboço aligeirado do conteúdo de seu livro, com o termo *geração*. verdadeira tradução daquilo que aqui é apenas uma interpretação. Essa palavra assinala o conteúdo principal do livro. Os antigos não esboçavam seus livros nem forneciam índices, sendo essas invenções modernas, mas alguns livros antigos continham modos crus de salientar as seções principais. Ver as notas sobre Gên. 2.4 quanto a uma lista das *onze gerações* do livro de Gênesis. Temos aqui as *gerações de Noé* (a quarta dessas divisões), ou seja, um relato sobre a sua posteridade, as pessoas que pertenciam à sua família imediata, e aqueles que nasceram de seus três filhos, a fim de repovoar o globo terrestre. A genealogia (gerações) de Adão prossegue até Noé. Mas agora vemos um novo início, tal como Adão representou um início. O mundo antigo começou por Adão; o novo mundo, com Noé. As gerações incluem eventos, como é óbvio, visto que esses eventos são as coisas que acontecem aos homens.

Por que Noé Foi Escolhido para Esse Novo Começo? Porque: 1. Ele era *justo* ou reto. 2. Ele era perfeito (comparativamente falando) entre os seus contemporâneos. 3. Ele andava com Deus, à semelhança de Enoque (ver a nota sobre essa questão, em Gên. 5.22). Essa expressão encontra-se somente em Gên. 5.22,24 e 6.9, aplicada somente a Enoque e a Noé. Noé era a pessoa certa para ser usada em um novo começo. *Cada pessoa*, se for espiritualmente equipada, pode ser a pessoa certa para certos começos e realizações. Mas cada uma dessas pessoas deve ser equipada conforme o foi Noé.

Deus dera inequívocos sinais dos tempos, mas somente Noé teve espiritualidade e discernimento suficiente para poder interpretar esses sinais. Consideremos a degradação que tivera lugar, ao ponto em que, dentre a própria linhagem piedosa de Sete, somente Noé demonstrou ser possuidor de uma decente qualidade espiritual. Lembremo-nos de que Jesus comparou os dias dele com os dias finais, que supomos ser *o nosso próprio tempo*. A terra está pronta para vomitar de novo os ímpios.

6.10

Três filhos: Sem, Cão e Jafé. Já nos encontramos com esses três filhos de Noé, em Gên. 5.32, onde ofereço *artigos* sobre cada um deles.

6.11

A terra estava corrompida. . . cheia de violência. A extrema degradação da humanidade deixava o autor atônito, pelo que a mencionou de novo. O vs. 12 dá continuação à sua queixa. Ver as notas em Gên. 6.3,5,6 quanto a descrições completas. A *violência* foi salientada especificamente como um fator especial da corrupção geral. Crimes hediondos estavam sendo cometidos, e a idolatria havia substituído a antiga adoração a Yahweh (Gên. 4.26). A justiça havia sido distorcida mediante governos tirânicos; campeava toda forma de imoralidade; os homens não cumpriam a palavra dada; tinham-se habituado a praticar ações injustas; eram arrogantes e hostis; faziam ouvidos surdos aos clamores dos necessitados. Portanto, tornara-se imperioso um novo começo, e não apenas alguma alternativa. O paraíso fora perdido; mas agora o próprio globo terrestre haveria de perder tudo.

6.12

Viu Deus. Os termos são antropomórficos. Ver o artigo intitulado *Antropomorfismo*, no *Dicionário*. Algumas vezes as expressões usadas são antropopatísticas. Ver também sobre o *Antropopatismo*, no *Dicionário*. Deus aparece aqui como o Juiz da terra. Ele é Aquele que impõe juízos e avaliações corretos, e então age em consonância com isso.

Estava corrompida. Ver as notas em Gên. 6.3,5,6 quanto a descrições completas a esse respeito.

Todo ser vivente havia corrompido o seu caminho. Os animais têm alguma responsabilidade moral? O autor parece estar dizendo que até os animais podem corromper o seu caminho. As pessoas costumavam rir-se diante de noções assim; mas estudos recentes com os primatas têm mostrado que eles são bem mais inteligentes do que pensávamos. Eles podem *falar* mediante o teclado de um computador; e têm um certo senso de gramática e de sintaxe. E têm seus dias de *mau humor*, conforme sucede entre os homens. Os primatas *planejam* ataques de matanças, a fim de arrebatar fêmeas, tal como as primitivas tribos selvagens fazem até hoje, ou conforme certos homens civilizados fazem, embora não ajam como hordas. A idéia de que os animais só matam para comer é um mito, conforme tem sido demonstrado. Animais inferiores aos primatas têm sido vistos a matar por mero prazer. Há uma certa evidência em prol da existência da *alma* nos animais; e, se isso é verdade, então o reino animal é bem maior do que o homem supõe. Os próprios insetos dão mostras de serem *seres que raciocinam*. Na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, há um detalhado artigo intitulado *Alma dos Animais*. Ver também, naquela mesma obra, o artigo *Animais, Direitos dos, e Moralidade*. As palavras *todo ser vivente* são interpretadas por alguns como se aludissem exclusivamente aos seres humanos, mas isso parece estreito demais para satisfazer a *acusação universal* inerente ao texto. Os homens estavam agindo como se fossem feras; e as feras estavam agindo como homens corruptos. As palavras *toda carne*, que figuram nos vs. 13, 17 e 19, incluem os animais, e acredito que isso também envolva o vs. 12.

A Pena do Dilúvio (6.13 — 8.22)

6.13

Este versículo reitera os elementos que já pudemos comentar em outros versículos. Aquilo que *Deus via* e que tinha *avaliado*, agora Ele *comunicava* a Noé; e o que Ele comunicou foi a *inspiração* para construir a arca.

Resolvi dar cabo. John Dewey sugere um interessante e útil conceito. Todos os fins são *instrumentais*. Ou seja, também servem de meio para novos começos. Não há que duvidar de que isso sucedeu no caso do dilúvio. A destruição imposta por Deus devia-se à violência na terra (elementos repetidos, já referidos nos vss. 7 e 11), mas esse juízo daria início a um *novo começo*. Deus encontrara Seu homem escolhido para esse novo começo, o reto Noé, que andava com Ele em comunhão contínua. "A dramática simplicidade da antiga narrativa apresenta a verdade em termos concretos, como se Deus estivesse face a face com Noé, falando somente com ele. Na verdade, através dos inequívocos sinais dos tempos, Deus também estava falando para *todos*, mas *Noé* foi o único capaz de ouvir, porquanto era homem justo e andava com Deus" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*).

A Feitura da Arca (6.14-22)

O mal é inerente ao homem. "Quando os ímpios amaldiçoam Satanás, amaldiçoam a sua própria alma" (Ben Siraque). Sem dúvida há uma aliança entre os ímpios e Satanás. A corrupção inerente produzira horrendos resultados à face da terra. Agora tinha início um período final de graça divina. Noé construiria a sua arca. Os homens ficariam olhando. Haveriam eles de rir-se? Perguntariam "por qual razão" aquele barco estava sendo construído em um lugar *seco*? Alguma pessoa, além dos familiares de Noé, haveria de crer em sua história: aproxima-se um gigantesco dilúvio? Todas as respostas nos deixam abismados. No entanto, no dizer de Isaías, "tu, Senhor, conservarás em perfeita paz aquele cujo propósito é firme; porque ele confia em ti" (26.3). Noé haveria de construir com confiança e paciência. Ele tinha fé e ele dispunha de tempo. Também tinha um alvo a ser alcançado. Fora dado tempo suficiente para completar o seu projeto. Ele teria saúde, forças físicas e um propósito espiritual. Estava fadado ao sucesso.

Tipos. A teologia cristã faz da **arca** um tipo de Cristo. E, para os crentes dispensacionalistas, *também* indica o meio de escape dos crentes da presença da Grande Tribulação, prometida para os últimos dias. A arca também pode tipificar a *Igreja*. E o trecho de I Pedro 3.21 fá-la tipificar o *batismo* em Cristo (I Cor. 12.13).

O dilúvio é tipo de qualquer juízo divino, mas especialmente da Grande Tribulação.

Enoque, para os dispensacionalistas, é um tipo da Igreja, a qual será arrebatada antes do dilúvio da Grande Tribulação, o que significa que sua presença física da terra terá sido retirada.

Noé é um tipo daqueles que atravessarão a Grande Tribulação, mas serão protegidos. Ou, então, na opinião de alguns, um tipo da Igreja que escapará aos efeitos do período atribulado, sem importar se deixados na terra ou tirados da

terra naquele período. Ou, então, *Noé* representa o povo de *Israel,* que atravessará a Grande Tribulação, mas será preservado durante esse período. Meus vários artigos sobre essas personagens e coisas desenvolvem o tema dos tipos.

Examinem-se os seguintes artigos: Dilúvio (em Gên. 7.6); *Enoque* (em Gên. 5.18); *Noé* (em Gên. 5.29); *Arca de Noé* (no fim das notas sobre este versículo). Na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* ver o verbete *Tribulação, a Grande* E no *Dicionário* da presente obra ver *Dispensação (Dispensacionalismo).*

6.14

Uma arca. Ver o artigo a respeito, no fim do comentário sobre este versículo.

De tábuas de cipreste. Os autores judeus são quase unânimes na afirmação de que essa madeira é o nosso bem conhecido *cedro.* Mas alguns pensam no pinheiro, no abeto, no plátano indiano, no cipreste (no hebraico, o *som* dessa palavra se assemelha ao termo cipreste). Nossa versão portuguesa preserva essa interpretação, que parece ser mera transliteração. É possível que o vocábulo hebraico correspondente, *gopher,* indicasse o local onde havia árvores utilizadas na construção da arca. Não há como resolver o problema de identificação desse tipo de madeira.

Onde a arca teria sido construída também tem chamado a atenção dos intérpretes. Novamente, porém, as conjecturas mostram-se inúteis.

Betume. Devemos pensar aqui em algum tipo de betume, ou argila ou limo. No árabe, *kaphura,* que se parece com a palavra hebraica aqui empregada, é uma espécie de betume. Mas também poderíamos pensar na resina de certas árvores, como o pinheiro.

A Arca de Noé. No hebraico temos as palavras *tebbah* e *aron.* A primeira designa a embarcação construída por Noé; e a segunda, a arca da aliança. Talvez a palavra original seja o termo egípcio *db't,* que significa caixa (ver Gên. 6-9). No livro de Gênesis, *tebbah* designa a embarcação que Noé construiu por mandato divino, a fim de que ele e sua família fossem salvos do dilúvio. Tinha 137 m de comprimento, 23 m de largura e 14 m de altura. Foi construída com madeira de cipreste, embora alguns estudiosos pensem no pinho ou no cedro. Havia três andares e estava dividida em compartimentos. Possuía um respiradouro e uma porta em um dos lados. Foi construída estanque, interna e externamente, com o uso de piche (Gên. 6.14: 8.16). O trecho de Gênesis 6.14 tem sido interpretado como se as tábuas fossem mantidas no lugar por meio de ripas (se alguém ler *qanim* em lugar de *qinnim* — ninhos). Se assim sucedeu, então o conjunto inteiro recebeu uma cobertura de betume. No tocante aos *três andares,* alguns têm entendido que isso refere-se a três camadas de tábuas, cruzando-se, formando os lados da embarcação. O respiradouro aparentemente foi feito no teto, para deixar entrar luz e ar. Aparentemente, a arca foi feita apenas para flutuar, sem nenhum meio de propulsão ou controle. Noé recebeu instruções cento e vinte anos antes do tempo do dilúvio (Gên. 6.13,14; II Ped. 2.5). É possível que o dilúvio tenha sido a última ocasião em que a posição dos pólos se alterou, com o conseqüente desastre ecológico do dilúvio, devido às mudanças de posição na crosta terrestre. Quanto a detalhes sobre essa idéia e outras informações gerais, ver o artigo sobre o *Dilúvio.*

Simbolismo da Arca de Noé. Ela simboliza a segurança ante a destruição, ou a salvação em vista ao julgamento, provisões da misericórdia e da graça de Deus. Assim Jesus empregou a narrativa sobre a arca, em Mateus 24.38,39 e Lucas 17.27. O trecho de Hebreus 11.7 usa a arca como símbolo e exemplo de fé. A passagem de II Pedro 2.5 usa o símbolo da mesma maneira que Jesus. Portanto, a arca é símbolo ou tipo de Cristo, o Salvador.

Sua Carga. Noé e sua família, oito pessoas ao todo (Gên. 7.7; II Ped. 2.5), e uma parte de animais imundos, além de sete pares de animais limpos, sete pares de aves e alguns pares de répteis. Alguns têm indagado, com certa razão, se uma embarcação de dimensões bastante modestas poderia conter representantes de todas as espécies de animais da terra. Dizer tal coisa é um manifesto absurdo, pelo que devemos supor que os animais mencionados eram os animais nativos da área onde Noé vivia. As pessoas que têm procurado demonstrar que a arca de Noé poderia conter todos os animais da terra, cada espécie representada aos pares, não têm noção do fantástico número de espécies de animais que existem. Um zoólogo coraria de vergonha se tivesse de declarar que uma embarcação das dimensões da arca poderia conter todas as espécies de animais. Mas as pessoas que ignoram o fato não coram de vergonha.

Há evidências significativas que indicam que o dilúvio foi parcial, apesar de vasto. A China, por exemplo, permaneceu seca, o que explicaria o imenso número de chineses e outros povos amarelos, hoje em dia. Quando ocorrem os grandes cataclismos, eles rearranjam a posição dos continentes. Vastas áreas, antes ocupadas pelos homens, tornam-se fundo de oceanos, e oceanos tornam-se regiões habitadas. Portanto, esses desastres, embora de proporções gigantescas, nunca são absolutos. Fenômenos dessa natureza são mais amplamente comentados no artigo sobre *Dilúvio.* A arca trazia uma carga simbólica, mostrando o interesse de Deus por *toda* espécie de vida. Ele desejava a preservação e a propagação de todas essas formas de vida, e não apenas da vida humana. Isso fala sobre o amor de Deus como absolutamente universal. Se Deus queria salvar meros ursos e porcos, certamente devia estar interessado em cada ser humano, sem exceção. Isso é o que afirmam os textos de I João 2.2; João 3.16 e I Timóteo 2.4. Alguns pontos de vista teológicos, entretanto, têm preferido limitar o ilimitado, rebaixar aquilo que é moral e espintualmente elevado, estabelecendo fronteiras naquilo que não pode ser medido. Uma desgraça! Notemos que o relato sobre a descida de Cristo ao hades, a fim de anunciar a Sua mensagem aos espíritos dos mortos (I Ped. 3.18-4.6), é dado em conexão com a narrativa do dilúvio. Isso serve para ilustrar ainda mais a qualidade da misericórdia e do amor divino, aumentando nossa compreensão sobre as dimensões do evangelho. Ver o artigo sobre a *Descida de Cristo ao Hades.*

6.15

Motivos do Dilúvio

1. *O Motivo Geológico.* Convulsões periódicas sacodem o globo terrestre, e coisa alguma pode ser feita para impedi-las. Tem havido muitos cataclismos gigantescos, alguns dos quais têm envolvido até a mudança dos pólos e o deslizamento da crosta terrestre. Esses cataclismos produzem terremotos e dilúvios.
2. *O Motivo Divino.* A vontade de Deus controla essas coisas, por razões que desconhecemos. Mas há razões conhecidas, como a vontade de Deus acerca do homem e da criação física.
3. *O Motivo Humano.* Os homens tinham ficado tão corrompidos que o juízo se tornara inevitável.
4. O dilúvio seria um *remédio* eficaz para corrigir os males do mundo, e não somente para impor vingança.
5. *Um novo começo* haveria agora de ocorrer, ao passo que uma fase antiga e desgastada chegaria ao fim.
6. Uma espécie de *nova criação* viria tomar o lugar da antiga.
7. Antes Deus havia plantado um jardim; mas agora Ele *desenvolveria* toda uma nova raça humana no mundo.
8. Ficaria demonstrado que Deus é o *juiz* de toda a terra, e também que a humanidade é responsável por seus atos, diante de Deus.
9. A misericórdia divina é outorgada aos obedientes.
   Notemos que a *linhagem messiânica* continuaria, através de Noé, a despeito de toda a destruição.

Deste modo a farás. Um *côvado* tem cerca de 44,5 cm, pelo que as dimensões da arca eram de 137 m x 23 m x 14 m. O seu propósito não era velejar os mares da melhor maneira possível, e, sim, sobreviver, manter em segurança os seus ocupantes, posto que por breve período de tempo.

Veleja ainda, ó Navio do Estado!

A humanidade, com todos os seus temores,
Com todas as esperanças para anos futuros,
Aguarda, fôlego suspenso, por tua sorte!

(Longfellow, citado por Franklin D. Roosevelt, presidente dos EUA, quando ainda era incerto o resultado da Segunda Guerra Mundial.)

"A arca seria para salvação não de uma família, raça ou nação, não somente para os descendentes de Noé, mas — como na parábola do Bom Samaritano, contada por Jesus — também para o próximo que estiver em qualquer necessidade" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*). Essa é a intenção de Deus, e assim fará ser a misericórdia de Deus, afinal.

O *côvado* era do comprimento do braço, desde o cotovelo até a ponta do dedo médio. Portanto, não era uma medida exata. Vários povos antigos usavam partes do corpo como padrão de medida. Esse sistema foi incorporado pelo sistema inglês, passando daí para o sistema norte-americano, onde se fala em pés, polegadas, jarda (um passo), palmo etc.

Modernamente têm sido construídas embarcações de dimensões maiores que as da arca. Mas para a época, era um vaso gigantesco. Tem-se calculado que ela deslocava cerca de 43 mil toneladas.

6.16

Vários aspectos da arca foram especificados:

Uma abertura. Para efeito de ventilação e iluminação. Essa palavra também é usada em Gên. 8.6, que nossa versão portuguesa traduz por *janela,* embora também possa significar "luz" ou "brilho". Talvez fosse um tipo de abertura que acompanhava todo o perímetro da arca, com um côvado de altura. Isso daria à

arca uma ventilação e iluminação gerais. As palavras *de um côvado de alto* têm deixado perplexos os intérpretes, e muitas conjecturas circundam essa frase, mas sem certeza de nada. Algumas interpretações são fantásticas. Mas devemos pensar em algum tipo de iluminação, natural ou sobrenatural, que havia em algum ponto estratégico da arca, que a iluminava perpetuamente. Alguns até pensam que Noé, a exemplo de modernos técnicos em iluminação, teria acendido lamparinas de azeite! Mas todas essas interpretações parecem ruir por terra quando lemos que Noé "abriu a janela" (Gên. 8.6). Sentidos metafóricos e espirituais têm sido vinculados a essa fonte de *iluminação*. Assim sendo, a luz celestial continuava brilhando, em meio à terrível noite na terra. Cristo é a luz, segundo o Novo Testamento (João 1.4 e 8.12).

Porta. Só é mencionada uma porta; e devemos pensar em uma porta comum. Não são dadas as dimensões da porta, mas teria de ser bem grande, se os animais mais corpulentos tivessem de entrar por ali. A lição espiritual da porta é o *acesso* à provisão de Deus, que aponta para a segurança ou para a Sua *salvação*. No Novo Testamento, Cristo é a *porta* (João 10.1,2,7, *et al.*).

Pavimentos. . . um em baixo, um segundo e um terceiro. Isso para abrigar as muitas espécies de animais em compartimentos. A lição divina aqui é que a provisão de Deus é adequada para todos os Seus propósitos, provendo misericórdia e espaço para todos.

Dentro do mito babilônico, a arca era cúbica, e com cinco vezes mais capacidade que a arca de Noé.

6.17

Águas em dilúvio. . . tudo. . . perecerá. Agora Deus anunciava a Noé o que Ele havia planejado fazer. Todos os elementos deste versículo já haviam sido mencionados antes, exceto que agora Deus comunicava a Noé o Seu terrível desígnio.

Dilúvio. Ver as notas em Gên. 7.6 sobre o *Dilúvio*. A geologia tem mostrado que tem havido *muitos* dilúvios imensos durante a história da terra. Heródoto ouviu dos egípcios que os gregos eram crianças, pois conheciam somente um dilúvio. Mas os egípcios sabiam de *muitos* deles. Se dilúvios localizados poderiam estar em pauta, tem havido dilúvios quase universais, com a mudança dos pólos magnéticos da terra, que a têm afligido periodicamente, ao longo de sua história.

O Intuito de Destruir. Este versículo é, virtualmente, uma duplicação do sétimo versículo. Ver as notas ali.

A *Epopéia de Gilgamés* (ver no *Dicionário*) apresenta a versão babilônica do dilúvio. Muitos elementos aparecem ali similares ao que lemos no livro de Gênesis.

Sobre a terra. O globo terráqueo inteiro, de acordo com alguns intérpretes. Mas a *terra que Noé conhecia*, de acordo com outros intérpretes. Meu artigo sobre o *Dilúvio* aborda essa controvérsia, além de outras.

6.18

A minha aliança. Achamos aqui o *Pacto Noaico*. Nesse pacto podem ser vistos os seguintes elementos:

1. Elementos do Pacto Adâmico foram confirmados (8.21)
2. Uma nova ordem na natureza foi estabelecida (9.1-6)
3. O governo humano foi estabelecido (9.1-6)
4. Não mais haveria um juízo divino por meio de um dilúvio universal (8.21 e 9.11)
5. Uma raça inferior e servil haveria de descender de Cão (9.24,25)
6. Sem teria um relacionamento especial com Yahweh. O Messias procederia da linhagem de Sem (9.26,27)
7. De Jafé descenderiam povos mais habilidosos nos campos do governo, da ciência e das artes (9.26,27)
8. A providência divina, sobre toda vida, com vistas à sua preservação, estava garantida (9.10,11). Deus nunca deixaria de ser benévolo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pactos*.

A Arca Acolheria Noé e Seus Familiares. A predição divina, dessa forma, garantiu o cumprimento do pacto noaico. Este versículo não rejeita, de modo absoluto, quem quer que queira valer-se da arca da segurança, embora subentenda que muitos não quererão vir. A expectativa divina não era grande. A fim de compensar pela perda dos dias de Noé, Cristo foi enviado ao próprio hades a fim de buscar as almas perdidas, segundo afirma o trecho de I Pedro 3.18-4.6. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo detalhado intitulado *Descida de Cristo ao Hades*. Esse fato exibe a natureza magnificente do amor de Deus, que até no hades buscou aquelas almas depravadas. É lamentável que uma parte da cristandade moderna (católicos-romanos e evangélicos) tenha perdido de vista esse aspecto da missão salvatícia de Cristo. Mas um aspecto comum da teologia da comunidade anglicana e da Igreja Ortodoxa Oriental é a missão misericordiosa e salvatícia de Cristo no hades.

O trecho de I Pedro 3.20 diz que somente oito pessoas entraram na arca. Devemos supor que os três filhos de Noé, na ocasião, ainda não tinham gerado filhos.

"Por quase todo o Antigo Testamento vê-se a tendência de pensar que apenas um grupo particular pôde reivindicar algum favor especial da parte de Deus. . Mas esse particularismo desaparece diante da ilimitada piedade revelada na pessoa de Cristo" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*).

Quando este mundo passageiro desaparecer;
Quando houver descido além, o sol brilhante;
Quando estivermos com Cristo, na glória,
Contemplando a história terminada da vida,
Então, Senhor, é que conhecerei bem,
Mas só então, o quanto eu te devo.

(M'Cheyne)

6.19,20

Estes versículos nos dão um esboço simplista dos tipos de animais que Noé deveria recolher na arca. A distinção, tão importante posteriormente, entre animais limpos e imundos, é aqui observada pela primeira vez na Bíblia. Os críticos pensam que essa distinção revela uma data posterior, que reflete o sistema sacrificial que passou a vigorar nos tempos mosaicos. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Limpo e Imundo*. Nestes versículos, *dois* animais de cada classe são ordenados. Em Gênesis 7.2, esse número é alterado para *sete* pares de cada animal, presumivelmente a fim de provisão para sacrifícios futuros, sem destruir as espécies envolvidas. Alguns estudiosos têm entendido isso como sete pares; mas outros como "setes", ou seja, três pares e um macho extra, para ser sacrificado. Alguns críticos vêem no relato diferentes fontes informativas, uma que falava em *dois* pares, e outra que falava em *sete* pares, alegadamente, as fontes *S* e *J*. Ver sobre a teoria das fontes *J.E.D.P.(S.),* acerca do Pentateuco. Outras diferenças sugerem a existência de duas fontes informativas. Ver o artigo sobre *Noé*, em seu segundo ponto, quanto a um sumário.

O imenso número de animais existente no mundo tem levado alguns intérpretes a sugerir estes pontos: 1. a natureza mítica da narrativa; 2. os animais eram somente da área onde Noé vivia; ou 3. houve necessidade de alguma intervenção divina para ajudar Noé a cumprir a ordem do Senhor. Seja como for, o autor sagrado não poderia ter antecipado o colossal número de espécies vivas. O número de espécies de vermes e insetos chega a cerca de quinhentos mil. Há cerca de três mil especies de aranhas; três mil espécies de rãs; sete mil espécies de répteis; dez mil espécies de pássaros; cinco mil espécies de mamíferos. Como é claro, somente um pequeno número (comparativamente falando) desses animais reside na Mesopotâmia.

A pergunta seguinte indaga como uma embarcação das dimensões da arca, ou qualquer outra embarcação imaginável, poderia ter contido tantas espécies de seres vivos. Com base nisso, muitos intérpretes, alguns deles até conservadores, sugerem que o dilúvio foi parcial, e não universal. Ver a quarta seção do artigo sobre o *Diluvio,* acerca de uma discussão pró e contra no tocante ao fato de o dilúvio ter sido universal ou não. Ver Lev. 11.2-23 quanto à distinção bíblica entre animais limpos e imundos.

O Targum de Jonathan antecipou o problema do recolhimento desses animais na arca, dizendo que Deus deu a Noé anjos para que o ajudassem na tarefa. E outros antigos escritores dizem a mesma coisa. Os intérpretes judeus até tentavam calcular quantos compartimentos poderiam ter sido feitos, e supunham que o número por eles calculado seria suficiente. Mas tais cálculos eram um desperdício de tempo.

Imaginemos o trabalho envolvido em lançar nas águas as fezes dos animais! Imaginemos a poluição dentro da arca! Imaginemos o trabalho de limpeza que isso dava! Imaginemos a quantidade de alimentos que seria necessário ter-se estocado para alimentar tantos animais por um espaço de mais de um ano (cf. Gên. 7.6 com Gên. 8.13,14).

6.21

Alimento. Cerca de sessenta ou setenta mil espécies, ou seja, cento e quarenta mil grandes animais teriam de ser alimentados por mais de um ano. Ver as notas sobre os vss. 19,20 quanto aos imensos problemas criados pelo grande número de animais a serem transportados. Pensemos no trabalho que seria recolher e estocar todo esse alimento. Uma vez mais, vários intérpretes invocam aqui a ajuda dos anjos (ou de muitos seres humanos), na concretização dessa tarefa. Scofield diz aqui: "Os navios modernos transportam centenas de animais vivos, com seu alimento, além de vintenas de seres humanos", uma declaração que nem ao menos começa a descrever os problemas de logística sugeridos por este texto. Pensemos no imenso trabalho de juntar os *tipos* específicos de alimentos, apropriados para cada espécie animal. Bastaria isso para que a tarefa assumisse proporções estonteantes.

6.22

Noé Cumpriu, Perfeitamente, a Vontade de Deus. Este versículo fornece-nos a grande lição moral e espiritual do relato. Noé, um homem que já andava com Deus, recebeu uma tarefa sobre-humana para realizar; e, com a ajuda divina contínua, foi capaz de fazer tudo quanto lhe fora ordenado. A maior parte de nós consiste em pessoas divididas. Andamos um tanto com Deus e realizamos nossas tarefas com algum grau de entusiasmo, e com algum grau de sucesso. Mas poucas pessoas buscam a *excelência*. Noé foi um obreiro *por excelência*. Notemos, por igual modo, que ele realizou *cada tarefa* do grandioso projeto com zelo e com inteira perfeição. Foi uma tarefa com muitas facetas; mas isso não o fez parar. Enquanto preparava a arca e juntava prodigiosa quantidade de provisões para um grande número de animais, ele também foi um pregoeiro da justiça, e isso pelo espaço de cento e vinte anos (II Ped. 2.5). Mas em certo sentido, embora não por culpa sua, sua tarefa de pregoeiro falhou. Ele não foi capaz de convencer aquela geração pecaminosa a arrepender-se. A missão de Cristo no hades, mediante a qual Ele pregou *àquela mesma gente*, compensou por aquela falha. Algumas vezes nos levamos por demais a séno, pensando que a vontade e o propósito divinos só poderão ter cumprimento se *nós* os cumprirmos com êxito. Mas o Cristo divino está sempre pronto a compensar por nossas falhas, mediante os Seus *próprios esforços*. Nós *trabalhamos* para Ele, mas não podemos tomar o lugar Dele. Ele continuará sendo o maior obreiro e pregador. Ele não fica inativo, somente porque dispõe de ajudantes. Sua missão salvatícia é efetuada em três áreas: a terra, o hades e os céus. Sua missão é tridimensional. Não fora isso, e a missão remidora tena terminado onde Noé a deixou. Deus tem idéias mais amplas do que essa. O artigo apresentado na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, sobre o tema da *Missão Universal do Logos*, expõe detalhes sobre as idéias aqui sugendas.

Capítulo Sete

Começa o Dilúvio (7.1-24)

Ver o artigo detalhado sobre o *Dilúvio*, em Gên. 7.6. A vontade divina impõe-se de forma inevitável. O prazo fora amplo, provisões tinham sido feitas, uma mensagem de redenção fora pregada. Noé havia-se saído bem na sua tarefa. O terrível acontecimento, porém, não pudera ser evitado. Os homens não percebiam a sua aproximação nem podiam acreditar que aquilo fosse mesmo acontecer. Noé foi alvo de zombarias. Mas isso não fez parar a vontade de Deus nem a necessidade urgente do julgamento divino.

7.1

Disse o Senhor. Temos aqui uma declaração antropomórfica. Ver o artigo sobre o *Antropomorfismo*. O que determina tudo é a Palavra do Senhor.

Entra na arca. A provisão tinha sido feita para as massas humanas, mas somente algumas poucas pessoas acharam o caminho para a vida. Cf. isso com a declaração de Jesus, em Mat. 7.14: ". . . estreita é a porta e apertado o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela". O acesso dado a Noé estava alicerçado sobre a *retidão*. Essa é uma referência à descrição que nos é dada em Gên. 6.9. Noé era um homem justo, perfeito, que andava com Deus. As notas em Gên. 6.9 expandem as idéias inerentes a essas palavras. O mundo criado por Deus é um mundo moral. Este mundo é governado pela vontade de Deus. Deus é um Deus teísta: Ele recompensa os bons e pune os maus. Ver no *Dicionário* o artigo acerca do *Teísmo*.

Justo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Justiça*. Deus salva eternamente (Rom. 8.30), e isso até mesmo das calamidades temporais (Isa. 3.10).

7.2

Sete pares. Os *dois pares* de Gên. 6.19 aparecem aqui como sete pares, no tocante aos animais *limpos*. Ver a nota sobre isso naquela referência. No *Dicionário*, ver o artigo chamado *Limpo e Imundo*.

Dos animais imundos, um par. O número permanece como em Gên. 6.19. O texto subentende o sacrifício de animais, um sistema desenvolvido dentro do sistema mosaico, que surgiu muito tempo depois. O sacrifício de animais é uma prática muito antiga, não havendo razão para supormos que não tenha antecedido sua formalização dentro da legislação mosaica. Os *setes* proveriam três pares de animais limpos, além de um macho extra, para ser sacrificado. Os animais limpos foram recolhidos em maior número que os imundos, tendo em vista o sistema de sacrifícios, diante do que animais viriam a perecer.

William Warburton, bispo de Gloucester (século XVIII), que via a arca como um tipo da Igreja, ofereceu um curioso comentário sobre este texto. "A Igreja, à semelhança da arca de Noé, é digna de ser salva, não por causa dos animais imundos e animais inferiores que quase a enchiam, e que provavelmente faziam tanto ruído e bulha dentro dela, mas por causa da pequena fagulha de racionalidade, que se sentia tão aflita pelo mau cheiro interior, quanto pela tempestade lá fora".

O Amor de Deus Vai Além. Deus preocupava-se até mesmo com os animais, conforme nos mostra o relato sagrado. Notemos também que, no livro de Jônas, Nínive foi poupada por causa de sua população humana, mas Deus cuidava até mesmo dos animais que havia naquela cidade (Jon. 4.11). Ver as notas sobre Gên. 6.12.

Os *sacrifícios* são tipos do grande sacrifício de Cristo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Expiação*.

7.3

Temos aqui a reiteração da mensagem de Gên. 6.20, exceto que aqui a entrada factual na arca foi preparada e executada, enquanto aquele texto antecipava o ato. Ver as notas sobre Gên. 6.19,20. Deus interessava-se pela continuação da vida dos animais. Ensinei meus filhos a respeitar a vida animal. Quanto mais aprendemos sobre eles, mais ficamos impressionados. Os próprios insetos exibem sinais de ser racionais. Os primatas são capazes de certa linguagem, usando o teclado de um computador. Eles demonstram emoções, solidariedade, ódio e amor. Os macacos mais espertos são mais inteligentes que as crianças mais estúpidas.

Sete. O número que se lê em Gên. 6.20 é *dois*. Ver as notas ali quanto às tentativas de solucionar essa aparente contradição.

7.4

Daqui a sete dias. Ficou assim marcado o prazo final da misericórdia divina. Faltavam somente sete dias para o fatal evento. No entanto, os homens continuavam ali, descuidados, preocupados com seus interesses mundanos, matando e sendo mortos, festejando, procriando e ocupados em toda forma de prazer e atividade duvidosos. É provável que o número *sete* tenha o seu significado metafórico de algo completo ou perfeito. Aquela última semana *completaria* o período de advertência. Vários intérpretes judeus pensam que foi durante aquela semana que Metusalém morreu. Pura fantasia!

Quarenta dias e quarenta noites. Uma pesada chuva começaria a cair em breve, e não cessaria durante quarenta dias. Esse número, sem dúvida, é metafórico, indicando um período de *juízo* ou *provação*. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Quarenta*, quanto a plenas explicações sobre os vários "quarentas" da Bíblia. Ali são discutidos nada menos de treze desses "quarentas".

O vs. 11 mostra que seria necessária muita água para produzir um dilúvio universal que inundasse cerca de 6,70 m acima das mais altas montanhas da terra (vs. 20). Nenhuma chuva, por mais pesada que fosse, poderia fazer isso no espaço de quarenta dias, pelo que o autor sacro menciona que havia outras fontes de águas, que discutirei naquele versículo.

"Dali por diante, quarenta tornou-se o número sagrado da provação e da paciência; e, além das óbvias menções ao número no Antigo Testamento, essa foi a duração do jejum do Senhor no deserto, bem como de Sua permanência na terra, após a Sua ressurreição" (Ellicott, *in loc.*).

Destruição completa era o plano de Deus, excetuando a vida vegetal, que aparece como a vida que sobreviveu à enxurrada (Gên. 8.11).

7.5

E tudo fez Noé. Este versículo repete a mensagem de Gên. 6.22, onde a questão foi anotada detalhadamente. Para cumprirmos bem algum grande projeto, precisamos da inspiração divina, a qual nos dá entusiasmo e energia. Assim sendo, peçamos *essa* inspiração da parte do Senhor. Noé foi inspirado por Deus para realizar a tarefa. A palavra *entusiasmo*, no grego, significa "ter Deus dentro". Ali essa palavra é uma combinação de *theós* = Deus, e mais alguma coisa. A inspiração é algo divino, segundo o sentido básico dessa palavra, ainda que, popularmente, seu sentido não envolva essa idéia. Este versículo mostra-nos a continuação das tarefas, além daquilo que se diz que fora feito, em Gên. 6.22. Agora, estavam sendo feitos os preparativos finais.

7.6

Seiscentos anos de idade. Esse informe, combinado com o que achamos em Gên. 8.13 (que assinala o fim do dilúvio), permite-nos determinar que as águas cobriram a terra pelo espaço de um ano. Alguns intérpretes pretendem aqui marcar o tempo exato, dizendo "um ano e treze dias". "Seu filho mais velho tinha agora cem anos de idade, porquanto Noé tinha quinhentos anos de idade quando gerou seus filhos (Gên. 5.32)" (John Gill, *in loc.*).

É aqui que apresento o artigo intitulado *Dilúvio*.

Dilúvio de Noé

Esboço

I. A Pré-História e Antigos Relatos do Dilúvio
II. Provas Arqueológicas, Geológicas, Zoológicas e Botânicas de Mudanças dos Pólos e de Dilúvios
III. A Narrativa Bíblica e o Registro Mesopotâmico
IV. Um Dilúvio Universal ou Parcial?
V. Data do Dilúvio de Noé
VI. A Próxima Mudança dos Pólos - um Desastre Mundial
VII. Implicações Éticas
VIII. Cronologia

I. A Pré-História e Antigos Relatos do Dilúvio

Muitas vezes a verdade é mais difícil de ser descoberta do que alguns gostariam que acreditássemos. A verdade geralmente requer longa pesquisa, com subseqüentes comparações, combinações e separações de itens obtidos na pesquisa. A verdade sobre o dilúvio de Noé cabe dentro dessa categoria. Há muitas evidências de um grande cataclismo que envolveu um imenso dilúvio. Mas o problema não é assim tão simples. Pois há provas de *muitos* eventos dessa ordem, pelo que concluímos que *um* deles pode ser identificado como o dilúvio de Noé. Ademais, distinguir quais evidências se ajustam àquele evento, e quais testificam sobre acontecimentos similares, em diferentes épocas, não é tarefa fácil. Mesmo quando abordam somente os informes bíblicos, com base em evidências geológicas e arqueológicas, os eruditos não concordam quanto à data desse dilúvio, pensando em qualquer ponto entre 10000 e 4000 A. C. A verdadeira data, pois, está perdida em algum ponto da pré-história.

1. Mudanças dos Pólos. O historiador grego, Heródoto, relata seu diálogo com sacerdotes egípcios do século V A. C. Ele ficou admirado de que os registros deles afirmassem que, dentro do período histórico, e desde que o Egito se tornara um reino, por quatro vezes o sol girara na direção contrária ao costumeiro. Diversos papiros egípcios falam sobre como a terra virou de cabeça para baixo, quando o sul tornou-se norte, e vice-versa. O diálogo de Platão, *Estadista*, conta a mesma história sobre a mudança na direção do raiar e do pôr-do-sol. Platão garante que, quando isso ocorreu, houve grande destruição da vida animal, e que somente uma pequena porção da raça humana sobreviveu. Essas referências literárias são indicações claras de que, por mais de uma vez, os pólos da terra mudaram de posição. Alguns estudiosos afirmam que as reversões magnéticas das rochas indicam que os pólos já mudaram nada menos de quatrocentas vezes. Isso ensina que grandes cataclismos têm feito parte constante da história de nosso planeta. Considerando a cronologia bíblica, alguns têm calculado que a história de Adão emergiu depois da penúltima dessas ocorrências, e que a de Noé coincide com o último desses cataclismos. Datar esses acontecimentos, porém, é muito precário; mas, se essas narrativas são autênticas, então tanto Adão quanto Noé representam novos *começos*, e não começos absolutos. Isso posto, é correto falar em raças humanas pré-adâmicas, cujas histórias estão essencialmente perdidas para nós, excetuando alguma ocasional suposta descoberta arqueológica não-cronológica, que não se ajusta ao período da raça adâmica. O leitor deve examinar os artigos intitulados *Antediluvianos* e *Astronomia*, onde abordamos essas teorias com maiores detalhes.

Se os pólos costumam mudar de posição, com o conseqüente deslizamento da crosta terrestre, então é óbvio que há imensos dilúvios, com ondas de até um quilômetro de altura e ventos que chegam a mil quilômetros por hora. Isso corresponderia a um grande cataclismo como aquele descrito na Bíblia, em torno de Noé. As fontes do abismo se rompem, os oceanos também mudam de lugar. Não seria, talvez, um acontecimento absolutamente universal, mas seria imenso. Quanto maior for a mudança polar, maior será o cataclismo, e, inversamente, quanto menor a mudança, menor o cataclismo.

2. Muitos Dilúvios? Antigas Histórias de Dilúvios. Penso que o que dizemos a seguir ilustra adequadamente o fato de que, quando examinamos o passado remoto, não encontramos apenas um grande dilúvio. Houve diversos dilúvios, com a subseqüente mistura de evidências. Os sacerdotes egípcios zombaram de Heródoto, afirmando que os gregos eram apenas crianças, porquanto conheciam apenas *um* grande dilúvio. Os registros egípcios relatam vários dilúvios. As pessoas que examinam somente a Bíblia e relutam em extrair informações de outras fontes têm uma visão muito simples da pré-história. De fato, nem têm nenhuma pré-história, por suporem que os poucos e breves capítulos da porção inicial de Gênesis pretendem narrar-nos, em forma de esboço, tudo quanto já aconteceu neste mundo. Portanto, os hebreus, tal como os gregos, tinham apenas um relato sobre o dilúvio. Mas se Gênesis 6 - 9 nos dá detalhes de *um* desses cataclismos, outros registros antigos, bem como os registros geológicos, asseguram que já houve *muitos* de tais acontecimentos. Quando os seguimos, vemos claramente que não estamos tratando de uma única época, ou de um único evento. Portanto, é inútil afirmar que todos eles são apenas cópias do relato bíblico. Antes, a narrativa bíblica destaca um único desses desastres. Muitos deles o antecederam.

A ciência diz-nos que os dinossauros viveram há milhões de anos passados. Ocasionalmente, porém, encontram-se ossos humanos mesclados com ossos de dinossauros. Então as pessoas concluem: "Os dinossauros não foram animais que viveram há milhões de anos!". Porém, essa observação ignora alguns fatos importantes: 1. Usualmente, nas áreas onde são achados restos de dinossauros, não há nenhum vestígio humano. 2. Quando esses vestígios humanos são encontrados, há uma explicação simples para isso. Os grandes cataclismos, ao rearranjarem a crosta terrestre, naturalmente misturaram as épocas em alguns lugares, embora em outros, as camadas preservem corretamente suas respectivas épocas. 3. Os modos de datar projetam, definidamente, tanto remanescentes humanos quanto remanescentes animais — muito antes — de qualquer cronologia que possa ser extraída do livro de Gênesis. Devemos concluir, pois, que toda a narrativa do Gênesis, excetuando Gênesis 1.1, que descreve a criação original, consiste em história *recente*, a saber, a história da raça adâmica, mas sem tocar em tempos pré-históricos realmente remotos. Muitas descobertas científicas, a começar pelo século XIX, envolvendo fósseis de formas de vida extintas e artefatos primitivos, em sucessivas camadas de rochas, indicam uma pré-história muito mais ampla e complicada do que até então tem sido concebida pelos estudiosos.

a. *Histórias de Dilúvios na Mesopotâmia.* Em 1872, George Smith, ao decifrar antigos documentos assírios, achados em 1853 por arqueólogos britânicos que trabalhavam em Nínive, encontrou uma antiga versão mesopotâmica do relato do dilúvio que, de alguma maneira, tem certos paralelos semelhantes à narrativa de Gênesis. Smith descobriu a biblioteca do rei Assurbanipal (século VII A. C.) e, dentre esse material, uma versão bem mais longa da posterior história babilônica do dilúvio. Elementos dessa história desde há muito eram conhecidos nos escritos de um babilônio de nome *Beroso* (século III A. C.), cujos fragmentos foram citados por Josefo e Eusébio. Mas foi então que veio à luz o mais longo épico de Gilgamés. Essa história aparece naquele que é atualmente conhecido como o *tablete do dilúvio* de número onze, proveniente da cultura assíria, cuja narrativa sobre o dilúvio tem sido preservada, com menores detalhes, pelos registros babilônicos. O épico de Gilgamés, porém, é apenas uma história de uma série de relatos que parecem ter-se derivado da mesma tradição. Certo número de versões de um relato de dilúvio tem sido encontrado entre os documentos em escrita cuneiforme, escavados no Oriente Próximo.

Um tablete sumério de Nipur, no sul da Babilônia. Esse tablete relata como o rei Ziusudra, ao ser advertido sobre um dilúvio próximo, que a assembléia dos deuses resolvera enviar para destruir a humanidade, construiu uma grande embarcação, e assim escapou do desastre. Esse tablete é datado de cerca de 2000 A. C., sendo possível que se trate apenas da preservação de uma narrativa muito mais antiga. Versões acádicas dessa história procedem da Babilônia e da Assíria. O épico *Atrahasis* fala de um dilúvio enviado para expurgar a humanidade. O épico de Gilgamés é o mais bem detalhado, derivado da versão acádica. Nesse relato, Gilgamés é informado por um sobrevivente de um dilúvio que ocorreu muito tempo antes, de nome *Uta-napishitim*, de como ele escapou da morte em um grande dilúvio, por haver sido avisado do mesmo pelo deus Ea, para que construísse um barco no qual abrigou a sua família, animais domésticos e selvagens, e tesouros de ouro e de prata. Esse dilúvio teria perdurado por sete dias, e o barco veio a repousar sobre o monte Nisir no noroeste da Pérsia. Uta-napishitim teria enviado, em sucessão, uma pomba, uma andorinha e um corvo. Quando o corvo não voltou, isso foi tomado como sinal de que o barco podia ser abandonado em segurança. Uta-napishitim ofereceu holocaustos às divindades, e estas, como moscas, juntaram-se em torno dos sacrifícios. Uta-napishitim falou a Gilgamés sobre uma planta rejuvenescedora, existente no fundo do mar, um tipo de variante da lenda da fonte da juventude. Gilgamés a obteve, somente para vê-la ser roubada por uma serpente. O poema termina com uma nota amarga, onde Gilgamés queixa-se de que os seus labores haviam sido em vão, e que somente a serpente, afinal de contas, fora beneficiada. Esse pormenor da história é deveras interessante. Presumivelmente, o dilúvio foi causado pelo deus Enlil, por causa dos muitos ruídos produzidos pela humanidade, que lhe perturbavam o sono. (Podemos simpatizar com isso, nesta nossa época de muita poluição sonora!) Entretanto, o deus Ea não concordou com o decreto do deus Enlil, pelo que avisou Uta-napishitim do dilúvio iminente, o que resultou na sua sobrevivência. A história do dilúvio entra no épico de Gilgamés como um detalhe lateral, porquanto, na realidade, conta a história de um herói acadiano em busca da vida eterna. Gilgamés, rei da cidade de Ereque, no sul da Babilônia, é o herói dessa história. Em suas aventuras, ele se encontrou com Uta-napishitim, o único mortal que já atingira a vida eterna na *terra dos viventes*, isto é, dos deuses. Gilgamés não conseguiu atingir a vida da mesma maneira que Uta-napishitim, porquanto as circunstâncias deste último haviam sido ímpares; mas foi-lhe recomendada uma planta rejuvenescedora, que foi encontrada e perdida, devido à intervenção da serpente. São óbvios os paralelos da árvore da vida e da serpente, no jardim do Éden.

Na verdade, há muitos paralelos entre esses mitos e a história do livro de Gênesis, sobre a existência do homem primitivo. Os paralelos são por demais parecidos e numerosos para os rejeitarmos como meros acidentes, pelo que ou há uma fonte informativa comum a ambos, ou uma narrativa depende da outra. Alguns eruditos supõem que o registro bíblico é o original, e que todos os demais registros seguem corrupções politeístas. Outros estudiosos supõem que as narrativas mesopotâmicas são mais antigas, e que o relato bíblico é um refinamento teológico e moral daquelas. Ver comentários sobre essa circunstância no artigo sobre a *Criação*. Ver especialmente o artigo sobre a *Cosmogonia*, onde são apresentados vários sistemas antigos de crenças, que mostram claramente a interdependência envolvida. Os grupos de estudiosos em oposição jamais chegarão a uma posição de consenso sobre a questão.

b. *Outras Histórias de Dilúvios.* Essas narrativas não se limitam à área da antiga Mesopotâmia. A história de um grande dilúvio, no qual apenas algumas poucas pessoas escolhidas se salvaram, aparece em grande variedade de culturas, sob diversas formas. Aparecem em lugares tão distantes um do outro como a Grécia, a Polinésia, a Terra do Fogo, no extremo sul da América do Sul, e no círculo polar Ártico, entre os esquimós. Os estudiosos pensam que essas narrativas falam sobre mais de um gigantesco dilúvio; e que algumas delas não passam de relatos exagerados sobre dilúvios localizados.

Os índios hopi. Esses índios, um grupo de índios Pueblos norte-americanos que atualmente vive em reservas indígenas no estado de Arizona, nos Estados Unidos da América, confirmam com clareza em seu folclore que houve tempo em que o mundo perdeu o equilíbrio, girando loucamente, por duas vezes. Isso reflete uma mudança de pólos. Eles também acreditam que o mundo anterior ao nosso foi destruído por um dilúvio. Suas lendas falam sobre civilizações avançadas, nas quais os homens viajavam em máquinas de voar. O chefe Dan Katchongva, o falecido Hopi Sun Clan, disse enfaticamente em uma entrevista: "Os Hopi são os sobreviventes de outro mundo, que foi destruído. Portanto, os Hopi estiveram aqui primeiro e fizeram quatro migrações, para o norte, para o sul, para o leste e para o oeste, reclamando para si mesmos toda a terra, em favor do Grande Espírito, conforme a ordem de Massau'u, e em favor do *Verdadeiro Irmão Branco*, que trará o Dia da Purificação". Isso se parece com o anúncio de uma figura semelhante ao Messias, podendo ser uma referência histórica ou intuitiva sobre Cristo. Esses índios crêem na vinda, para breve, do Dia da Purificação, o que talvez seja a segunda vinda de Cristo. O *Logos* parece ter implantado as suas sementes nos lugares mais inesperados. Ver o artigo sobre o *Verbo* (Logos).

II. Provas Arqueológicas, Geológicas, Zoológicas e Botânicas de Mudanças dos Pólos e de Dilúvios

1. *Depósitos de Sedimentos.* Muito material arqueológico tem ficado registrado sobre esses depósitos. Sir Leonard Woolley, no seu livro *Ur of the Chaldees* (1929), despertou muito interesse. Ele descobriu um depósito feito pela água, com data de cerca do quarto milênio A. C., que tomou como evidência conclusiva em prol do dilúvio de Noé. Porém, em somente dois dos cinco buracos que ele escavou foi encontrada a sua suposta *camada do dilúvio*. Isso poderia sugerir um dilúvio local, que não cobriu a área inteira adjacente a Ur. Outras cidades, nos vales dos rios da Mesopotâmia, especialmente Quis, Fará e Nínive, também exibem camadas do dilúvio, embora não pareçam ser pertencentes à mesma época, pelo que mais de um dilúvio local deve estar em pauta. Nenhuma camada do dilúvio foi encontrada em Ereque, a cidade associada ao épico de Gilgamés. Abundam, entretanto, as evidências literárias que falam em mais de um dilúvio de grandes proporções. Há também muitas provas de mudanças de pólos que, naturalmente, poderiam incluir gigantescas inundações. Terraços de seixos mostram que antigamente houve oceanos onde hoje há terras emersas. Sabe-se que a totalidade do território dos Estados Unidos da América já foi o leito do oceano, embora não todo ao mesmo tempo. Os oceanos têm surgido e desaparecido em vários lugares ao redor do globo, em passado remoto, que não mais podemos acompanhar com facilidade. Cataclismos, sem dúvida alguma, têm envolvido o aparecimento e o desaparecimento dessas grandes massas de água.
2. *Evidências Zoológicas e Botânicas.* Os restos de mamutes, rinocerontes, cavalos, cabras, bisões, leões e outros animais, em regiões que agora são árticas, perenemente recobertas de gelo, mostram que, em outras épocas, aquelas porções do globo eram próprias para servir de hábitat a animais de sangue quente, indicando tremendas transformações no clima dessas regiões. Parece que alguns mamutes, por exemplo, foram congelados instantaneamente. O ato de cair num buraco de gelo não explica como eles foram preservados tão perfeitamente. Somente um súbito congelamento desses animais pode explicar por que eles não se putrefizeram, ainda com alimento não-digerido em seus estômagos. Focas encontradas no mar Cáspio e no lago Baical, na Sibéria, são idênticas às que hoje pululam nas águas do Alasca. Certo tipo de lagostas se encontra somente nas águas congeladas do Ártico e nas porções mais frias do mar Mediterrâneo. Esses mistérios zoológicos são explicados pela teoria de dilúvios globais, que transportaram os animais sobreviventes para grandes distâncias, em pouco tempo. Medusas fósseis têm sido encontradas incrustadas na lama. Não poderiam ter sido preservadas senão mediante o súbito congelamento, causado por alguma repentina mudança dos pólos. De que outra forma as moles medusas poderiam ter endurecido como rocha? Outro tanto aplica-se a fósseis delicados, como as marcas das patas de passarinhos e os sinais deixados pela queda de uma gota de água!

No solo congelado da Sibéria têm sido encontradas árvores totalmente congeladas, com folhas e frutos! Nenhum processo gradual poderia ter feito isso, e nenhuma árvore frutífera medra atualmente no Ártico. No parque Yellowstone, nos Estados Unidos da América, uma montanha pesquisada mostrou contar com dezessete camadas de árvores petrificadas, ainda de pé. Entre cada camada havia uma camada de terra vulcânica. Cada camada de árvores estava em seu próprio período geológico de vida vegetal e animal. Cada época terminou mediante uma catástrofe. Quanto mais aprendemos sobre essas coisas, tanto mais apreciamos a vastidão da criação e chegamos a entender melhor a insignificância do conhecimento que temos sobre a vida abundantíssima que existiu antes de nós. Somente um pequeno fragmento veio a ser registrado nas páginas da Bíblia, ou em qualquer outro registro. Apesar de alguns estudiosos procurarem explicações para esses fatos, não há como justificar a presença, no Ártico, de animais cujo hábitat é outro, ou a presença de uma vegetação tipicamente tropical, com folhas e frutos! E o resfriamento gradual da região também não explicaria o fenômeno dessas descobertas. Todos os argumentos esboroam-se diante do fato de que não somente o mamute é ali achado, sabendo-se que esse animal era capaz de resistir a baixíssimas temperaturas, mas também cavalos, leões, cabras, bisões etc. Isso demonstra que nem sempre a região do Ártico foi recoberta de gelo.
3. *As Eras Glaciais e a Deriva do Gelo Glacial.* Há outras provas em favor da idéia de que os povos já ocuparam posições diferentes das que vemos hoje. Os geólogos acham difícil explicar como há hoje grandes acúmulos de gelo onde já foi região tropical ou semitropical. Já houve grandes camadas de gelo na América do Sul, na Austrália, na África e na Índia. Ao examinar os depósitos deixados por essas geleiras e a direção em que se moveram (o que se verifica nas marcas que deixaram no solo), os estudiosos descobriram um grande mistério. Em primeiro lugar, a localização delas ignora totalmente o clima atual dessas regiões. Em segundo lugar, elas se moveram em direções contrárias ao que seria de esperar, considerando-se a localização atual dos pólos. O Dr. William Stokes, da Universidade de Utah, em seu texto *Essentials of Earth History*, faz a seguinte declaração:

"Na África do Sul as geleiras moveram-se principalmente do norte para o sul — para longe do Equador. Na África central e em Madagáscar, outros depósitos mostram que o gelo movia-se para o norte, para bem dentro do que é hoje zona tropical. Mas o mais surpreendente tem sido a descoberta de grandes camadas de caliça das geleiras no norte da Índia, onde o movimento foi na direção norte. . . na Austrália e na Tasmânia, onde o gelo moveu-se do sul para o norte. . . no Brasil e na Argentina, esse movimento foi na direção oeste".

O Dr. C. O. Dunbar, de Yale, ficou admirado diante do fato de que, no Brasil, a glaciação chega a dez graus do equador e de como, na Índia, o gelo derivou dos trópicos para as latitudes superiores. Muitos geólogos, pois, têm chegado à conclusão de que os pólos já estiveram localizados nessas regiões atualmente tropicais, quentes. Alguns eruditos pensam que a deriva continental explica o fenômeno, mas outros crêem que a teoria da mudança dos pólos é uma explicação mais satisfatória. Essa mudança de pólos teria dois resultados: primeiro, grandes depósitos de gelo subitamente encontraram-se em climas quentes, com a subseqüente deriva e dissolvição, produzindo grandes rios e mares interiores. Segundo, novos acúmulos de gelo teriam início onde os pólos então ficaram, cobrindo o que antes eram regiões tropicais ou semitropicais.
4. *Data do dilúvio*, no tocante a esse fenômeno. É quase certo que o que dissemos antes se relaciona a mais de uma mudança dos pólos magnéticos da terra. É de presumir-se que a última dessas mudanças esteve relacionada ao dilúvio de Noé, e que a mudança anterior a essa esteve ligada à história de Adão. Quanto aos mamutes, a sua extinção parece pertencer a uma antiguidade ainda anterior à do dilúvio. Portanto, essa situação ilustra como são provocados os imensos dilúvios, embora não, especificamente, o último da série. Ver o presente artigo em seu ponto quinto, *Data*.
5. *Depósitos de Corais no Ártico.* Sabemos que os corais são formados pelos esqueletos calcários secretados pelos tecidos de certos animais marinhos, e que esses depósitos vão-se acumulando durante milênios, até formarem os recifes. Esses animais são tropicais. No entanto, recifes de corais têm sido encontrados no Oceano Glacial Ártico!
6. *A Deriva Continental.* Sem dúvida foi preciso uma força gigantesca para separar o que é atualmente a África do que é a presente América do Sul, com todo um oceano entre os dois continentes. É bem possível que uma ou mais mudanças de pólos estejam por trás disso.
7. *Alterações Magnéticas.* Nem sempre o norte esteve no norte, e nem sempre o sul esteve no sul. A terra é um gigantesco magneto com pólos positivo (norte) e negativo (sul), que ficam próximos dos pólos geográficos. Com base nos registros impressos nas rochas, sabemos que os pólos têm mudado alternativamente a sua polaridade magnética através dos milênios. Nos últimos setenta e seis milhões de anos, os

pólos norte e sul já mudaram de polaridade pelo menos cento e setenta e uma vezes. Nos últimos quarenta e oito milhões de anos, os registros magnéticos polares nas rochas e nos sedimentos mostram que houve cerca de cinco reversões a cada milhão de anos, com uma média de 220 mil anos entre cada reversão, com um período mais curto de 30 mil anos. Os geólogos supõem que uma nova reversão se aproxima, supondo que deverá ocorrer dentro de alguns poucos séculos, um tempo muito curto, geologicamente falando. Os místicos predizem que isso sucederá em nossa própria época, o que discutimos no sexto ponto deste artigo. Alguns cientistas pensam que essas reversões ocorrem espontaneamente (por razões ainda desconhecidas), sem nenhuma mudança da posição dos pólos; mas outros supõem que as mudanças dos pólos sempre são a causa dessas reversões. Ainda um terceiro grupo de estudiosos prefere a teoria dos meteoritos ou dos cometas. As reversões poderiam ser causadas por grandes colisões cósmicas de algum corpo celeste com o globo terrestre. Outrossim, tanto as mudanças de pólos quanto as reversões magnéticas poderiam ter tais colisões como causas. Um impacto dessa grandeza poderia ser responsável pela extinção em massa dos animais.

8. *A Mudança de Pólos e a História de Noé.* As muitas histórias sobre dilúvios quase certamente indicam que houve bolsões de sobreviventes, em vários lugares do mundo, em cada um deles. Também alguns acham difícil explicar as radicais diferenças raciais da presente humanidade, em face do tempo relativamente breve que se passou desde o último cataclismo. Há uma história muito mais longa de Noé para trás do que de Noé até nós. Consideremos este fato: os relatos mesopotâmicos têm muitos elementos similares aos do relato bíblico. Portanto, há uma espécie de tradição comum naquela região do mundo no tocante a esse desastre. Porém, as histórias provenientes de outras regiões do globo têm as suas próprias características. Esses relatos não parecem dependentes dos da Mesopotâmia. Finalmente, a China teria permanecido relativamente intocada por ocasião do dilúvio de Noé. A história chinesa pode ser acompanhada até antes desse grande abalo, pelo que grande parte da China deve ter permanecido seca, enquanto dilúvios inundavam outros continentes ou porções de outros continentes. Todavia, os chineses não foram totalmente poupados, pois a tradição chinesa fala sobre um grande dilúvio, há pouco mais de cinco mil anos, e Confúcio (nascido em cerca de 551 A. C.), em sua história da China, começa o seu relato falando sobre um dilúvio em recessão que "subira até os céus". Também há registros de imensas destruições por incêndios produzidos por perturbações cósmicas, e de como o sol não se pôs no horizonte por diversos dias (uma mudança de pólos?), além de grandes inundações. É muito difícil datar esses acontecimentos, e não podemos ter certeza sobre como relacioná-los com o dilúvio de Noé. Mas eles ilustram, a grosso modo, a história narrada neste artigo. As histórias sobre dilúvios, em outras nações, referem-se a condições locais, e não universais, conforme dizem os registros mesopotâmicos, comprovando o que dissemos anteriormente, que deve ter havido sobreviventes de civilizações passadas, formando grupos isolados. Porém houve muitos sobreviventes chineses, talvez sendo essa a razão pela qual atualmente os chineses chegam a cerca de um bilhão, um número inteiramente fora de proporção com as populações de outras raças.

A história dos grandes cataclismos é uma história grandiosa, repleta de mistérios. O que oferecemos aqui é apenas um mostruário das informações de que dispomos sobre a questão. Esse material mostra que a Bíblia está com a razão ao aludir a vastíssimas destruições, não faz muito tempo na história. Isso também nos mostra que podemos suplementar extraordinariamente o nosso conhecimento sobre esses eventos, voltando-nos para as descobertas científicas e para as tradições literárias de outros povos.

III. A Narrativa Bíblica e o Registro Mesopotâmico

Ver o artigo em separado sobre *Gilgamés, Epopéia de.* Temos dado provas da declaração de que os registros bíblicos apresentam uma das tradições do dilúvio, e que há outras narrativas que não se derivam daí. Muitas outras histórias refletem condições locais, e não aquelas refletidas pelo relato mesopotâmico. No Irã, o *alto deus* instruiu Yima a construir um ambiente cercado por muralhas, para salvar as pessoas boas. É possível que em diversos lugares do mundo, onde as águas atingiram diferentes níveis de inundação, diferentes modos de proteção tenham sido adequados para salvar algumas pessoas. Também é possível que Deus tenha salvado outras pessoas, tal como salvou Noé e seus familiares, mediante informações dadas por profetas e homens santos. Os propósitos de Deus sempre são maiores e mais vastos do que nossos sistemas teológicos permitem. Seja como for, é significativo que a maior parte das histórias sobre dilúvios relaciona-se à corrupção moral dos homens. No entanto, na Índia temos uma exceção a essa regra. Ali o dilúvio não seria resultado de um decreto divino, mas de uma *série* de cataclismos cósmicos que destruiriam, periodicamente, o mundo. Apesar disso, a religião hindu vincula essas questões aos padrões cármicos da raça humana, de tal modo que fica envolvida a lei da colheita segundo a semeadura, ainda que não esteja em pauta um decreto divino específico, conforme a questão é exposta na Bíblia. A religião hindu sempre demonstrou apreciação pela imensidade do tempo envolvido na criação e no desdobramento do plano divino relativo ao homem, pelo que, ali as pessoas nunca tiveram um senso de urgência espiritual, conforme tanto se vê nas religiões ocidentais. Os propósitos divinos operam através de grandes expansões da história, e a redenção permeia todas essas expansões.

1. *A Questão Moral.* O relato bíblico salienta a corrupção dos valores morais, pelos homens, como a causa do dilúvio. É interessante que os animais também tenham sido objetos da ira do Senhor (Gên. 6.7), o que poderia dar a entender alguma forma de moralidade e responsabilidade animal, conforme se vê na religião hindu. Contudo, estou apenas especulando quanto a esse ponto. O versículo doze do sexto capítulo de Gênesis afirma que "todo ser vivente havia corrompido o seu caminho na terra", o que parece dar a entender que os animais irracionais, e não somente os homens, no parecer do autor sagrado, são capazes de errar. Por essa razão foi que *toda carne* se tornou objeto do decreto divino. O homem, o pior de todos os animais, havia espalhado a violência por toda parte (vs. 11), e seus processos de pensamento se haviam tornado totalmente depravados (vs. 5). Esse raciocínio é melhor que a versão da tradição mesopotâmica, que diz que o deus Enlil decretou o dilúvio porque os homens estavam fazendo muito barulho, a ponto de ele não poder dormir!
2. *Monoteísmo.* A tradição mesopotâmica sobre o dilúvio, excetuando a versão bíblica, mostra-se totalmente politeísta, onde homens e deuses aparecem na narrativa. O relato bíblico, porém, é monoteísta, mais simples, mais direto, exibindo uma declaração muito melhor sobre a responsabilidade dos homens diante de Deus. É difícil crer que essa versão bíblica, muito superior, tenha sido a fonte original, que então sofreu uma série de corrupções, algumas delas tolas e curiosas. Para os intérpretes bíblicos também é difícil acreditar que a narrativa bíblica seja mero refinamento das histórias babilônicas. O mais provável é que tenha havido uma fonte comum das variantes mesopotâmicas, de cuja fonte procedem relatos separados. Mas alguns pensam que não há maneira satisfatória de resolver a questão, nem ela se reveste de importância especial, a não ser para os ultraconservadores, por um lado, e para os céticos, por outro lado. Os ultraconservadores exigem *revelação* somente, sem o acompanhamento de nenhum fator cultural. Os céticos gostam de lançar dúvidas quanto a todas as questões da revelação, ao dizerem que a similaridade de relatos significa que a questão inteira é mitológica. Ou então afirmam que as várias narrativas são invenções posteriores, criadas após o cataclismo, a fim de explicar por que ele teve lugar. Quando examinamos as diversas versões da história do dilúvio, torna-se óbvio para nós que muitos mitos vieram a ligar-se a ela, embora haja evidências mais do que convincentes sobre a realidade desse evento. Não há nenhuma razão para duvidarmos do relato bíblico sobre Noé e sua família, embora muitos pensem que eles não foram os únicos sobreviventes do dilúvio. A sobrevivência deles representaria o resultado de um ato salvador local de Deus, mas não o único desses atos.
3. *Eventos do Dilúvio segundo o Relato Bíblico*

a. Noé, quando tinha seiscentos anos de idade, tendo sido informado pelo Senhor sobre a iminente destruição, construiu a arca, entrou nela, e assim preservou a vida de sua família e de muitos animais. As chuvas começaram no décimo sétimo dia do segundo mês, continuando por quarenta dias. As águas do abismo irromperam. Presumimos que isso aponta para uma mudança dos pólos magnéticos da terra, embora isso não tenha sido reconhecido pelo autor sagrado (Gên. 7.1-9,10-17).
b. As chuvas cessaram, mas as águas persistiram, e, até onde Noé era capaz de ver ao seu redor, só havia água. Naturalmente, isso teria sido tomado como um dilúvio universal (Gên. 7.18-24).
c. A arca acabou pousando sobre o monte Ararate, no décimo sétimo dia do sétimo mês (Gên. 8.1-4).
d. Os picos das montanhas tornaram-se visíveis no primeiro dia do décimo mês (Gên. 8.5).
e. Um corvo e uma pomba foram soltos, a fim de investigarem a situação nas proximidades da arca (Gên. 8.6-9).
f. A pomba foi enviada novamente, sete dias mais tarde, e retornou com um raminho de oliveira no bico, mostrando que as águas estavam diminuindo de nível (Gên. 8.10,11).
g. A pomba foi enviada pela terceira vez, mas dessa vez não voltou, o que mostrou que agora era seguro aos homens abandonar a arca (Gên. 8.12).
h. O solo secou, sendo aquele o ano 601 da vida de Noé, o primeiro mês e o primeiro dia do mês. A cobertura da arca foi removida (Gên. 8.13).
i. Noé deixou a arca no segundo mês, no vigésimo sétimo dia (Gên. 8.14-19).

IV. Um Dilúvio Universal ou Parcial?

1. *Argumentos em Prol do Dilúvio Universal*

a. A linguagem dos capítulos sexto a nono de Gênesis refere-se a um dilúvio de dimensões universais. Todos os picos dos montes foram cobertos pelas águas, tendo havido a destruição absoluta de todos os seres vivos terrestres, excetuando-se os que estavam na arca (e, naturalmente, excetuando-se a vida marinha em geral).
b. A universalidade das narrativas sobre o dilúvio mostra que o dilúvio chegou a todos os lugares.
c. Há uma distribuição mundial dos depósitos aluviais do dilúvio.
d. Houve a súbita extinção de mamutes peludos do Alasca e da Sibéria, na hipótese de que eles foram mortos afogados, e não por congelamento.
e. A diminuição das espécies animais. Poucas espécies restam agora, em comparação com o que se via na antiguidade. Isso supõe que Noé não abrigou na arca

todas as espécies possíveis, mas apenas as representativas de cada espécie; ou, então, que muitas dessas espécies extinguiram-se após terem sido soltas da arca.

2. *Argumentos em Prol de um Dilúvio Parcial*

a. Embora a linguagem de Gênesis 6 - 9 seja universal, só o é para aquela parte do mundo que Noé observou na ocasião. Ele não fazia idéia da verdadeira extensão da terra. O trecho de Colossenses 1.6 também diz como o evangelho se espalhara pelo mundo inteiro, embora seja óbvio que isso indique o mundo que Paulo conhecia, e não toda a superfície do globo. Havia muitos outros povos, nos dias de Paulo, que ele jamais visitou.

b. A universalidade das histórias do dilúvio demonstra que estamos tratando com um gigantesco cataclismo terrestre, com dilúvios que ocorreram por toda a parte, como resultado desse cataclismo, mas não que as águas cobriram absolutamente toda a superfície terrestre. Quando os pólos magnéticos se alteram, há inundações generalizadas, mas nem todas as terras emersas são cobertas. A história do dilúvio na China mostra que os chineses tinham conhecimento do dilúvio e sofreram com ele, mas a história chinesa também mostra que uma larga porção da superfície da terra permaneceu intocada.

c. Há depósitos aluviais do dilúvio por toda parte, mas muitos desses depósitos refletem apenas diluvios locais, não podendo ser usados como evidências em prol de um dilúvio universal.

d. A destruição dos mamutes e outros animais, no Ártico, deu-se por congelamento, e não por afogamento. Alguns têm sido recuperados em condições quase perfeitas, sem putrefação. Isso jamais poderia ter acontecido se eles tivessem morrido por afogamento. Ademais, essa destruição parece estar relacionada a algum cataclismo anterior ao dilúvio de Noé, pelo que não serve para propósitos de ilustração.

e. A diminuição do número de espécies animais seria decorrência natural de qualquer grande cataclismo, resultante de um dilúvio universal ou apenas parcial, pelo que esse argumento nada prova.

f. *A Quantidade de Água.* Fatal à teoria do dilúvio universal é a observação de que a quantidade de água necessária para cobrir a face da terra até encobrir o monte Everest, o mais alto monte do planeta, teria de ser seis vezes maior do que aquela que atualmente existe na terra. Teria sido impossível haver chuvas assim abundantes, dentro do tempo determinado em Gênesis 7.12, quarenta dias e quarenta noites, incluindo os depósitos naturais de água na terra, para que isso pudesse suceder. Além disso, como tanta água ter-se-ia evaporado? Só se essa água estivesse perdida no espaço, o que sabemos que jamais acontece. Verdadeiramente, para que esse efeito fosse conseguido, teria de ter chovido durante vários anos, com água vinda do espaço exterior. Isso posto, teríamos de supor, em primeiro lugar, um suprimento *sobrenatural* de água, e, em segundo lugar, uma retirada *sobrenatural* de água, da face do planeta.

g. *O Problema do Abrigo.* O autor da narrativa bíblica parece que não fazia ideia do vasto número de animais existentes no mundo. Há incontáveis milhares de variedades de vermes e insetos. Haveríamos de supor que Noé tomou consigo somente um par ou sete pares de cada espécie, e que, desde o dilúvio, todas as outras espécies desenvolveram-se? O número de espécies só de vermes e insetos deve ser de quinhentos mil, embora somente doze mil espécies tenham sido classificadas. Só de aranhas há cerca de trinta mil espécies. Teria Noé abrigado somente um par de aranhas, do qual se desenvolveram todas as espécies de aracnídeos que atualmente existem? Há cerca de três mil espécies de batráquios, seis mil espécies de répteis, dez mil espécies de aves, cinco mil especies de mamíferos. Somente um pequeno número representativo, de todos esses seres vivos, reside na área da Mesopotâmia. Os animais levados para a arca, por Noé, teriam sido os dessa área.

h. *O Problema do Recolhimento.* Teria havido um ato sobrenatural de imensas proporções para recolher um ou três pares mais um de cada espécie animal no mundo, a fim de deixá-los convenientemente aos pés de Noé e seus familiares. No entanto, no relato de Gênesis não há nenhuma indicação da necessidade de alguma intervenção divina nessa tarefa. O autor sagrado simplesmente não toma consciência do problema que estaria envolvido em um diluvio de proporções universais, nem mesmo alude a esse problema, porquanto o *mundo* que ele conhecia era uma minúscula fração do mundo inteiro. Não há a menor indicação de que foi preciso o Senhor realizar uma série de milagres a fim de concretizar o que ocorreu por ocasião do dilúvio de Noé.

i. *Formas de Vida Marinha.* Há espécies de vida marinha como as que vivem imóveis, nos corais, ou as que vivem no fundo de águas rasas, que requerem uma camada rasa de água para sobreviver. A pressão produzida pelo aumento das águas e a diminuição da salinidade teriam destruído totalmente essas formas de vida marinha; e, no entanto, elas continuam a sobreviver, a despeito das supostas águas universais que atingiram os mais elevados picos do planeta.

j. *O Fenômeno da Mudança de Pólos Magnéticos.* Acima apresentamos certos argumentos que dão apoio à teoria de vastas destruições mediante mudanças periódicas dos pólos. Tais mudanças, naturalmente, produziriam gigantescas inundações. A própria natureza dessas mudanças de pólos prova a teoria de um dilúvio parcial. Quando isso ocorre, afundam continentes ou partes de continentes, ao passo que outras terras imersas aparecem. As águas dos oceanos são redistribuídas, mas as terras emersas nunca são completamente inundadas. Isso é assim porque é impossível todos os continentes submergirem ao mesmo tempo, deixando os oceanos cobrir toda a superfície do planeta. Para que isso pudesse acontecer, a terra teria de ser tremendamente condensada, e não existe força conhecida, concebida pela ciência, que possa produzir tal ocorrência.

V. Data do Dilúvio de Noé

A Cronologia das Genealogias. Se usarmos esses informes, chegaremos até cerca de 2400 A. C. Mas bem poucos eruditos bíblicos apegam-se a esse método de fixação de datas, pois não aceitam uma data tão recente para o dilúvio. Utilizando-se de outros métodos, alguns estudiosos chegam a retroceder até 20000 A. C. Mas a maioria dos estudiosos confessa que não há como estabelecer a data do dilúvio de Noé. Alguns associam o dilúvio ao fim da última glaciação, ou seja, cerca de 10000 A. C.; mas todas essas opiniões são meras tentativas. A observação mostra que a maioria dos escritores sobre o assunto prefere uma data entre 5000 e 15000 A. C., embora as evidências de modo algum sejam conclusivas. A maioria dos escritores cristãos conservadores sugere cerca de 4000 A. C., quase sempre com base em registros genealógicos ou evidências arqueológicas. Mas sob exame, essas evidências não resistem à sondagem. A descoberta de camadas de argila (com supostas focas de antes e de depois do dilúvio, encontradas em Fará e Ur) provavelmente nada representem senão inundações locais dos rios da área, o Tigre e o Eufrates. Afinal, não é preciso nenhuma imensa inundação para depositar uma camada de argila com alguns metros de espessura. Outrossim, essas camadas de argila, segundo tem sido demonstrado, pertencem a diversos períodos, e não a uma única ocasião que possa ser identificada como um dilúvio universal ou quase universal. *Conclusão:* Não sabemos dizer a data do diluvio, embora a opinião de que ocorreu em cerca de 8000 A. C. seja tão boa quanto qualquer outra.

VI. A Próxima Mudança dos Pólos-Um Desastre Mundial

A Bíblia prediz uma ocasião futura de desastres sem precedentes, que os estudiosos das predições bíblicas pensam não estar muito distante. Esse período é chamado de Grande Tribulação. Ver o artigo sobre *Tribulação, a Grande.* Os místicos contemporâneos concordam que esse tempo está se aproximando rapidamente. Alguns deles associam esse novo cataclismo a outra mudança dos pólos. Alguns geólogos concordam que gigantescas mudanças nas terras emersas são possíveis. Mas no que concerne a quando isso poderá suceder, os vários místicos têm sugerido o final deste século ou o começo do século XXI. Poderíamos citar alguns deles, como Adam Barber, Emil Sepic, Edgar Cayce, Aron Abrahamsen, Paul Solomon, Ruth Montgomery, Baird Wallace. Mas antes deles todos, Nostradamus. Todas essas pessoas tiveram ou têm a reputação de fazer predições exatas. Os intérpretes da Bíblia concordam quanto a um prazo relativamente curto que resta ao mundo, antes de ter início essa próxima e grande fase de perturbações, embora quase todos eles não expressem ou não tenham consciência da teoria da mudança de polos magnéticos, em relação a esse período atribulado. Seja como for, as implicações morais e espirituais da aproximação desse período são vitais e perturbadoras.

Imaginemos como tal desastre poderia ocorrer. Lembremo-nos de que isso talvez seja o clímax da Grande Tribulação:

Aproxima-se a noite. Habitantes das grandes cidades do mundo precipitam-se para casa nas horas de pico no trânsito. A maioria não nota que o sol continua a brilhar acima do horizonte. Alguns poucos sentem-se apreensivos desde o começo. Passam-se várias horas e o sol não desaparece atrás do horizonte. Todos ficam alarmados. Então as pessoas começam a ouvir um ruído cavo, das profundezas da terra. Em alguns lugares a terra está tremendo, embora ainda gentilmente. A força normal da gravidade diminui, e as pessoas sentem-se inseguras sobre seus pés. Os animais estão inquietos desde horas atrás, e então, *em massa*, começam a movimentar-se na mesma direção. O firmamento fica avermelhado, e enormes nuvens de poeira começam a tapar a luz do sol. Um vento forte e constante começa a soprar, aumentando de forma alarmante, enquanto o ruído subterrâneo torna-se ensurdecedor. Os ventos chegam a uma velocidade de quase quinhentos quilômetros horários, desarraigando árvores e fazendo cidades inteiras desaparecer em questão de segundos. A terra começa a balançar loucamente, e há imensas tempestades elétricas como os homens nunca viram. Há terremotos de proporções devastadoras por todo o orbe. Montes abrem-se pelo meio e surgem vulcões cuspindo lava derretida e fogo. A terra fica com rachaduras de centenas de quilômetros. A crosta terrestre começa a mudar de posição e continentes inteiros desaparecem no fundo dos oceanos. Novos continentes vêm tomar o lugar dos antigos. Os oceanos agora irrigam vastos territórios que antes eram terra seca, ou retrocedem de vastos territórios antes cobertos pelo mar. O holocausto de vidas prossegue como se nunca terminasse. Mas cerca de quarenta e oito horas mais tarde, tudo começa a amainar novamente. Mas ainda assim há gigantescos terremotos que se negam a permitir que povos ao redor do globo aliviem a tensão. A temperatura de todos os lugares da terra começa a mudar, para mais quente ou para mais frio. Novas áreas árticas, de muito frio, começam a ser cnadas, onde tudo fica congelado. Grandes massas de gelo desprendem-se das atuais áreas polares e agora derivam em várias direções. O gelo dissolvido começa a formar rios gigantescos que não demoram a devastar tudo em seu curso. Sim, aconteceu novamente. Um enorme cataclismo removeu toda uma antiga era e civilização, abrindo caminho para uma nova era e civilização. E os poucos homens sobreviventes começam a edificar tudo de novo.

VII. Implicações Éticas

Os profetas e os místicos afiançam que sempre há um forte fator moral envolvido nos grandes cataclismos da terra. A história do dilúvio de Noé está firmada especificamente sobre essa base, no sexto capítulo de Gênesis. O livro de Apocalipse também apresenta a Grande Tribulação sobre essa base. A única preparação que temos contra tal eventualidade e o nosso próprio desenvolvimento espiritual. Não há outro modo de nos prepararmos para uma ocorrência assim. "Oh, podemos dizer que estamos prontos, irmão, prontos para o resplendente lar da alma? Quando Jesus vier, para galardoar Seus servos, Ele nos encontrará preparados, aguardando a volta do Senhor?"

VIII. Cronologia

Para detalhes, ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Dilúvio de Noé*.

7.7

Por causa das águas do dilúvio, que logo começariam a subir de nível. Os vizinhos de Noé chamavam-no de *louco*. Ninguém o seguia. Afinal, nem ao menos estava chovendo *ainda*.

Entrou Noé na arca. Noé e as outras sete pessoas entraram na arca. Ver o artigo sobre a *Arca de Noé* em Gên. 6.14.

7.8

Os Animais Seguiram. O autor sacro nos dá um breve sumário de tipos de animais, limpos e imundos. Nenhuma espécie fica de fora dessa classificação. Dentro dos mitos babilônicos, Xisutro tomou consigo todas as espécies de animais e as *sementes* de plantas (um item esquecido no Gênesis). Ele também levou ouro e prata, coisas essas que não interessaram a Noé, e até mesmo *escravas* para fazerem o trabalho. Nessa história, uma tribo inteira, com o seu chefe, foi salva. No Gênesis, fala-se apenas de uma família salva.

7.9

De dois em dois. Não fazendo aqui a distinção entre *dois* e *sete*, se esse último número significa *sete pares*. Mas o leitor não precisa ser ajudado a cada passo. Já lemos sobre isso páginas atrás.

Como Deus lhe ordenara. Noé realizava suas tarefas em espírito de completa obediência a Deus, algo de que muito precisamos e pelo que oramos. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Vontade de Deus, Como Descobri-la*.

7.10

Depois de sete dias. O fim do período divino de oportunidade de possível mudança de mente. Ver o vs. 4 quanto a notas a esse respeito. Mas disso nada resultou, e assim as águas se espraiaram pela face da terra, subindo sempre de nível. Este versículo antecipa o parágrafo seguinte, que entra em detalhes sobre como as águas foram engolfando tudo. Passar-se-iam cento e cinqüenta dias antes que *começassem* a baixar de nível, e mais de um ano até que aparecesse a terra seca. Algumas tradições judaicas fazem esses sete dias serem um período de lamentações de Metusalém, o qual, ao que se presume, morreu no começo daquele período.

7.11

No ano seiscentos. Repetindo a informação do vs. 6.

Segundo mês. No hebraico, *marcheshvan*. Era o segundo mês do ano civil, que começava com tisri, no equinócio do outono. Isso posto, o autor sacro informa-nos que o dilúvio começou no fim de outubro e continuou até a primavera. O ano eclesiástico, por sua vez, começava no mês de *abib*, ou seja, abril; mas o ano eclesiástico foi instituído como memorial do livramento da servidão no Egito, pelo que não é o ano eclesiástico que está em foco aqui. (Êxo. 12.2; 23.15). Plutarco tinha uma interessante declaração que serve de paralelo ao relato do Gênesis. Ele afirmou que Osíris entrou na arca no dia 17 de Athyr, que era o segundo mês após o equinócio do outono (*De Iside and Osiri*). É possível que essa pequena informação tenha sido tomada por empréstimo da Bíblia, direta ou indiretamente.

Aos dezessete dias. Aqui lembrado por causa do tremendo acontecimento que teve lugar *naquele* dia.

Romperam-se todas as fontes do grande abismo. O dilúvio não dependeu somente da chuva, pois nenhuma chuva, por forte que fosse, poderia ter causado tão grande inundação em apenas quarenta dias. As *fontes do grande abismo*, de acordo com alguns intérpretes, seriam depósitos de águas subterrâneas, os quais são realmente grandes. Mais provavelmente, todavia, o autor sacro referia-se às águas sobre as quais repousaria a terra, as "águas debaixo", em distinção às "águas sobre" (ver Gên. 1.6,7, onde há notas a respeito). As águas aqui referidas não são aquelas no interior do globo terrestre, mas *sob* a terra, em consonância com as antigas idéias dos hebreus acerca da natureza da terra. Ver o artigo chamado *Astronomia*, onde apresento um diagrama que ilustra essas crenças antigas.

Abismo. O *theom*, o grande abismo com água onde a terra flutuaria, com suas colunas para baixo.

As comportas dos céus. Pode ser uma alusão às "águas acima" do firmamento, e não meramente à chuva natural. Minha ilustração no artigo intitulado *Astronomia* inclui essa noção.

A imensa quantidade de água é considerada por alguns eruditos como prova de um dilúvio parcial, pois eles crêem que nenhum poder (exceto as forças sobrenaturais) poderia ter produzido a água necessária para encobrir as mais altas montanhas da terra, em apenas quarenta dias. Ver o artigo sobre o *Dilúvio de Noé*, nas notas sobre Gên. 7.6, iv.f.

7.12

Quarenta dias e quarenta noites. Quarenta é o número das provações e dos testes. Ver as notas no vs. 4. As chuvas começaram no décimo sétimo dia do segundo mês, *marcheshvan*, e cessaram no vigésimo oitavo dia do terceiro mês, *chisleu*. Quanto aos *meses* judaicos, ver o artigo intitulado *Calendário* no *Dicionário*.

7.13

Nesse mesmo dia. O dia décimo sétimo assinalou tanto o começo das chuvas como também a entrada das oito pessoas na arca. As Escrituras não nos fornecem os nomes das esposas; mas as tradições suprem-nas, procurando preencher o vazio de informação. Assim, a esposa de Noé seria *Titéia;* e as esposas dos três filhos seriam *Pandora, Noela e Noegla*. Mas outros autores falam em *Titzia* ou *Naamá*, filha de Lameque. Ainda outros preferem o nome *Hancel*. Além disso, a esposa de Sem, de acordo com alguns, seria *Zalbeth;* a de Cão, *Nahalath;* e a de Jafé, *Aresisia*. E todas as três, supostamente, seriam filhas de Metusalém. As tradições multiplicam absurdos ou dão informações falsas. Algumas delas dizem que quando Noé entrou na arca, levou consigo o corpo de *Adão!* e então o colocou bem no meio da arca.

7.14

Todos os animais. O reino animal inteiro entra na arca e fica a salvo de qualquer dano, reiterando o que já havia sido dito por várias outras vezes, como nos vss. 8 e 9 deste mesmo sétimo capítulo. A ignorância das pessoas acerca do vasto número de animais envolvidos aparece na declaração feita pelo bispo Wilkins, no século XVIII. Ele disse que existem cento e noventa e cinco espécies de animais, sendo essa uma estimativa muito modesta, mesmo em relação ao que se sabe que havia na Inglaterra, nos dias *dele*. Mas só de répteis há 7 mil espécies, 5 mil espécies de mamíferos etc. Ver algumas estatísticas a respeito nas notas sobre Gên. 6.19. Neste ponto, não é mais ofício dos bispos dizerem-nos o que sucedeu. Agora os *zoólogos* são os que nos dão esse tipo de informação.

7.15

De dois em dois. Um item repetido e que já fora dado em Gên. 6.19,20 e 7.2,9, onde damos notas.

Em que havia fôlego de vida. Isso aponta tão-somente para *seres vivos*, em distinção a objetos inanimados. O interesse de Deus por *todas* as criaturas vivas é confirmado uma vez mais, em contraste com a crueldade do homem, em sua falta de cuidados diante da natureza.

7.16

Os que entraram de toda carne. Outra reiteração, havendo muitas no texto sagrado. A entrada de macho e fêmea de cada espécie garantia a continuação das espécies, mostrando-nos que há razões para a existência dos animais. Eles têm uma dignidade toda sua, inteiramente à parte do homem. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos *Animais, Direito dos, e Moralidade* e *Animais, Alma dos*.

O Senhor fechou a porta após ele. Alguns intérpretes vêem aqui Deus, literalmente, talvez sob a forma de uma *teofania* (ver no *Dicionário*, sobre esse assunto), que fechou a porta da arca pelo lado de fora. Mas outros aceitam essa declaração como metafórica e antropomórfica. A grande lição espiritual aqui é que houve pessoas que ficaram fechadas *do lado de fora*, mediante esse ato divino. Essas pessoas não tinham tirado proveito da oportunidade. Além disso, havia aqueles que ficaram *fechados pelo lado de dentro,* com vistas à sua segurança e

CRONOLOGIA DO DILÚVIO DE NOÉ

Generalização	Acontecimentos	Data	Referências
Noé e sua família esperaram, dentro da arca, o dilúvio começar: Gên. 7.7,10	1. Entrada na arca. 2. Depois de sete dias, as chuvas começaram.	Mês 2, dia 10 Mês 2, dia 17	Gên. 7.7-9 Gên. 7.10-11
As águas permaneceram na terra por 150 dias antes de começar a retroceder: Gên. 7.24	3. Depois de 40 dias, as chuvas pesadas pararam e as águas do abismo descansaram.	Mês 3, dia 27	Gên. 7.12
	4. Depois de 110 dias, as águas começaram a retroceder e a arca se estacionou no monte Ararate.	Mês 7, dia 17	Gên. 7.24; 8.4
As águas retrocederam em 150 dias: Gên. 8:3	5. Depois de 74 dias, os picos montanhosos ficaram visíveis.	Mês 10, dia 1	Gên. 8.5
	6. Depois de 40 dias, um corvo e uma pomba foram enviados para fora da arca, mas voltaram.	Mês 11, dia 11	Gên. 8.6-9
	7. Depois de 7 dias, a pomba foi enviada novamente e retornou com uma folha.	Mês 11, dia 11	Gên. 8.10
	8. Depois de 7 dias, a pomba voou, mas desta vez não voltou.	Mês 11, dia 25	Gên. 8.12
	9. As águas continuaram retrocedendo por mais 22 dias.	Mês 12, dia 17	Gên. 8.13
	10. Terra seca à vista.	Mês 1, dia 1	Gên. 8.13
	11. A terra ficou totalmente seca: saída da arca.	Mês 2, dia 27	Gên. 8.14-19
TOTAL DE TEMPO NA ARCA: 1 ano e 17 dias			

Cortesia: Zondervan, Publishing House.

OBSERVAÇÕES SOBRE A CRONOLOGIA DO DILÚVIO

1. As expressões "fontes do grande abismo" e "comportas dos céus" provavelmente nos envolvem na antiga cosmologia hebraica. Os hebreus acreditavam que a terra descansava sobre grandes águas, que agiam como alicerce. Para eles, o "firmamento" era uma grande bacia sólida, de cabeça para baixo, que tocava nas extremidades da terra, onde montanhas suportavam o imenso peso. Em cima do *firmamento* havia o grande mar celestial. A quantidade gigantesca de águas surgida pelo dilúvio implicava a utilização das águas do alicerce e do mar celestial, não meramente das águas das chuvas.

2. *Muitos dilúvios?* Em uma famosa passagem, Heródoto, o historiador grego, informa-nos que os egípcios riram de certos gregos que visitaram o Egito como embaixadores, por causa de sua ignorância, que se contrastava com a sabedoria superior deles. Um ponto de comparação era a afirmação de que, enquanto os gregos sabiam somente de um grande dilúvio, os egípcios tinham conhecimento de muitos. Provavelmente tais dilúvios foram universais, não meramente inundações mais violentas do Nilo, que aconteceram periodicamente. A cada 20 mil ou 30 mil anos, condições cosmológicas se formam, favorecendo deslocamentos da crosta terrestre e provocando uma mudança de localização dos pólos. Com isto, os mares assumem novos leitos, com imensas inundações da terra. A mudança da localização dos pólos é a maior causa dos grandes dilúvios.

3. *O dilúvio foi parcial?* Se o dilúvio de Noé fosse de data relativamente recente (2.500 anos antes de Cristo, como alguns afirmam), então, certamente, foi parcial. Os chineses têm registros históricos que datam consideravelmente além dos 2.400 anos antes de Cristo, sem nenhuma interrupção. Não há nesses registros informações sobre um grande dilúvio. Ou os chineses fizeram história embaixo das águas! O artigo *Dilúvio de Noé*, do *Dicionário*, entra no problema de "parcial" ou "absoluto" em relação ao dilúvio. Se os chineses tivessem sido poupados do último grande dilúvio, isto explicaria sua população imensamente desproporcional.

4. *Datas?* Ver detalhes no artigo *Dilúvio de Noé*, seção V. Se dependermos das genealogias de Gênesis, então precisamos datar o dilúvio por volta 2.400 A.C. Poucos eruditos dependem destas genealogias para datar acontecimentos realmente distantes. Alguns supõem que o dilúvio deva ser associado à última glaciação e sugerem 10.000 anos antes de Cristo. Se datarmos o dilúvio com a suposta última mudança dos pólos, então 20.000 anos antes de Cristo seria uma data razoável. O fato é que estamos reduzidos a conjecturas. Alguns pesquisadores acham que outra mudança dos pólos está perto dos nossos dias. Vamos esperar que este "perto" seja ainda muito distante!

salvação. É significativo que, no sentido metafórico e espiritual, Deus novamente *abriu* a porta da arca para os que estavam *do lado de fora*, por meio da missão de Cristo no hades, com uma renovada oportunidade de salvação. Ver I Ped. 3.18 - 4.6, bem como o artigo intitulado *Descida de Cristo ao Hades*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Sim, Deus cuida do homem; Deus abre e fecha a porta, para então abri-la de novo.

Após ele. Provavelmente devemos pensar em Noé, dando a entender que ele foi o último a entrar, depois de ter visto que seus sete familiares e todos os animais já haviam entrado na arca. Ele agiu como um capitão de navio cumpridor de seus deveres, considerando a segurança alheia antes da sua mesma. Atrás de Noé, porém, surgiu Yahweh, que fechou a porta da arca pelo lado de fora.

"É deveras notável o fato de que a *Yahweh* foi atribuído esse ato de *cuidado pessoal* por Noé. No Gênesis caldaico (par. 283), a divindade ordenou a Xisutro que se fechasse na arca por dentro" (Ellicott, *in loc.*). Deus criou e continua cuidando de Sua criação. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Teísmo* e *Providência de Deus*.

7.17

Quarenta dias. Um item que também aparece no vs. 4 (onde é comentado) e no vs. 12, indicando o tempo durante o qual as águas, provenientes de várias fontes, continuaram prevalecendo sobre a superfície da terra. O resultado foi que a tarefa foi assim terminada. As águas prevaleceram acima dos mais elevados montes. A arca, uma grande caixa retangular, ficou flutuando, e assim garantiu a segurança de todos os que estavam em seu interior. Ver nas notas sobre Gên. 6.14 o artigo intitulado *Arca de Noé*.

7.18

Predominaram as águas. O relato do autor sagrado é vívido. As águas precipitaram-se do céu em catadupas; emanaram do grande abismo interior; e assim foram incansavelmente subindo em seu nível, e prevaleceram sobre tudo e sobre todos. A arca flutuava sem rumo sobre as águas. Ela não fora construída para velejar de um lado para outro, mas somente para ficar flutuando. Deus haveria de dirigi-la para onde haveria de abicar em terra, finalmente. Assim também, algumas vezes, nossas vidas parecem flutuar sem destino, mas há um plano de Deus que, inevitavelmente, haverá de conduzir-nos até onde devemos ir.

"Ela flutuou sobre as águas de maneira fácil e tranqüila, pois não havia nem ventania nem tempestades que a pudessem ameaçar" (John Gill, *in loc.*).

7.19

Prevaleceram as águas excessivamente. O resultado disso foi que até os montes mais altos ao redor foram encobertos pelas águas, a saber, tudo o que se via debaixo do céu. Até onde Noé podia enxergar, não havia nenhuma colina à vista: as águas cobriam tudo. No *Dilúvio de Deucalião*, alguns picos de montes mais altos ficaram acima da superfície da água, e algumas poucas pessoas conseguiram escapar ali. Ver as notas no fim deste versículo. As palavras do Gênesis, quando consideradas literalmente, indicam um dilúvio universal. No entanto, bons intérpretes, incluindo alguns conservadores, argumentam em favor de um dilúvio parcial. Discuti exaustivamente sobre essa questão no artigo *Dilúvio de Noé*, que aparece nas notas sobre Gên. 7.6, em sua quarta seção. Ellicott (*in loc.*) apresenta a seguinte linha argumentativa: ". . . é fato bem conhecido que, na Bíblia, a palavra *todos* significa muito menos do que em nossa linguagem moderna. E também devemos lembrar que o idioma hebraico tinha um vocabulário bem pobre, pelo que as palavras 'debaixo do céu' significam apenas 'dentro do horizonte'. Nós, com nossa linguagem composta, temos pedido por empréstimo uma palavra do grego que significa *o horizonte todo*, ou seja, aquilo que se vê dentro dos limites da visão de um espectador. Assim sucedeu nesse caso. Até onde Noé e os seus podiam divisar, em qualquer direção, eles só viam água. Era tudo uma amplidão de água. Mas não devemos pensar aqui nos montes de Auverguem (coberto com as cinzas de um vulcão extinto, repousando em suas crateras, extinto provavelmente desde um tempo muito anterior à criação do homem). Os montes eram aqueles do mundo de Noé, tão limitado quanto o *mundo romano* de Lucas 2.1, ou mesmo mais limitado".

Deucalião. Dentro da mitologia grega, Deucalião, filho de Prometeu, juntamente com sua mulher, Pirra, foram os únicos sobreviventes óbvios de um dilúvio enviado por Zeus para punir a raça humana devido à sua iniqüidade. E eles teriam repovoado o mundo.

7.20

Quinze côvados acima. Os intérpretes se debatem diante deste versículo, por causa de sua tradução um tanto dúbia. Mas parece dizer que os picos montanhosos mais altos foram cobertos pelas águas, que se elevaram acima daqueles por cerca de 6.70 m. Um dos argumentos em defesa de um dilúvio parcial é que há muitas espécies de água-marinha que só podem sobreviver em águas rasas. Toda aquela água acima delas haveria de matá-las quase instantaneamente. No entanto, essas espécies continuam a florescer até hoje. Se o dilúvio tivesse sido universal, seria preciso um novo ato criativo de Deus para replenar as águas com essas espécies. Ver o artigo intitulado *Dilúvio de Noé* nas notas sobre Gên. 7.6, em sua quarta seção, quanto a argumentos pró e contra no que tange à extensão do dilúvio.

Quinze côvados (6,70 m) porque nenhum ser humano ou animal terrestre poderia subir até a superfície da água a fim de respirar.

Outro argumento em defesa de um dilúvio parcial, neste versículo, é a impossibilidade de ter sido depositada tanta água em meros quarenta dias, bem como sua subseqüente remoção, dentro do tempo registrado pela Bíblia. Somente *dois atos divinos* poderiam ter realizado esse feito. Ver sobre o *Dilúvio de Noé*, em iv.f, nas notas sobre Gên. 7.6.

7.21

Pereceu toda carne. O *resultado desejado* fora obtido. *Todas as formas* de vida (que o autor enumerou segundo as categorias que se seguem) foram eficazmente eliminadas. Todas as espécies de animais terrestres pereceram, e isso "por causa do pecado dos homens, a quem pertenciam aqueles animais, e por quem estavam sendo maltratados" (John Gill, *in loc.*). Este texto ilustra a *radicalidade* do pecado. Medidas radicais precisam ser tomadas para contê-lo. Contudo, Deus não usa de medidas radicais apenas para tirar vingança. O juízo divino sempre tem também um aspecto remedial, segundo se vê em I Pedro 4.6. Os intérpretes tentam inutilmente imaginar qual seria a população do mundo por ocasião do dilúvio. Uma das conjecturas fala em onze bilhões, cerca do dobro da atual população mundial. Mas essa estimativa é improvável.

O pecado aparece aqui como algo que infectou fatalmente toda a vida, de tal modo que somente um novo começo pôde satisfazer a vontade divina. Quando ocorrem grandes mudanças, quando surgem novos ciclos, sempre será verdade que o que é antigo precisa ser destruído (e não apenas renovado), antes que o que é novo possa prevalecer.

7.22

Tudo o que tinha fôlego de vida. A morte por afogamento cortou eficazmente o seu suprimento de ar. Eles morreram por falta de oxigênio. Deus lhes dera o fôlego de vida, ou seja, tinha-os animado pelo Seu poder, razão pela qual se tinham tornado seres viventes. Mas agora lhes tirara a vida por meio da água.

Em terra seca. Porque os que viviam no mar não morreram por causa do dilúvio. Há uma antiga fábula judaica que diz que Deus matou toda vida marinha ao fazer as águas do mar ferver. Mas John Gill, especialista em fabulas judaicas, nunca encontrou nenhuma fonte literária com essa fábula.

É triste quando Deus tira uma vida por causa do pecado, não permitindo que as pessoas vivam todo o curso normal de suas vidas, nem cumpram o seu propósito, nem morram de morte natural. Mas há uma morte que é bendita aos olhos do Senhor: 'Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor" (Apo. 14.13).

7.23

Foram exterminados todos os seres. . . o homem e o animal. . . Novamente é salientada a natureza radical do juízo, embora com o uso de uma expressão diferente. O dilúvio foi a pior de todas as destruições. Mas haverá de novo uma incalculável destruição, visto que a terra passa periodicamente por coisas assim, devido à mudança de pólos magnéticos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Pólos, Mudança dos*. E também haverá o *fim* da era em que estamos vivendo (Mat. 24.37-39).

Ficou somente Noé, e os que com ele estavam na arca. A exceção divina, com base na retidão, na justiça e no andar com Deus. Veio o dilúvio e levou-os todos (Luc. 17.27), deixando em vida somente aqueles poucos que tinham sido escolhidos para iniciar um novo começo. Há uma tola fábula judaica que diz que houve mais um sobrevivente do dilúvio, um homem de nome *Ogue*, que conseguiu ficar flutuando agarrado a um pedaço de madeira, e ao qual Noé, de vez em quando, alimentava. (*Pirke Eliezer*, c. 23, fol. 23.1,2).

7.24

Durante cento e cinqüenta dias. Essa declaração deveria ser ligada com a de Gên. 8.3. As águas foram-se acumulando, e, finalmente, atingiram o seu nível máximo. Após cento e cinqüenta dias, porém, começaram a diminuir. Parece que esse cálculo precisa ser entendido a contar do início dos quarenta dias, e não depois deles. Alguns intérpretes, entretanto, discordam desse parecer, e adicionam os cento e cinqüenta aos quarenta, totalizando seis meses e dez dias.

Capítulo Oito

As Águas Retrocedem (8.1-12)

A noite horrenda do julgamento foi seguida pelo dia. Deus sempre faz raiar um novo dia. Sua teologia é sempre otimista. A fidelidade de Deus brilhou novamente, ao amanhecer do novo dia. Deus lembrou-se de Noé, e, por meio dele, da humanidade inteira. Tudo se tinha perdido; mas tudo pode ser recuperado. A descida de Cristo ao hades visou especificamente ao propósito de alcançar as almas perdidas da época de Noé, que então tipificavam toda pessoa em necessidade espiritual. Deus estende a mão aos necessitados. É sobre isso que versa o evangelho. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Descida de Cristo ao Hades*, que comenta sobre os propósitos divinos no que tangem ao dilúvio e aos seus resultados.

Noé não ouvira sobre Deus por muito tempo, mas Ele continuava ali. Algumas vezes temos de seguir nosso próprio caminho, traçar nossos próprios planos e realizar nossas próprias tarefas. Deus espera nas sombras para ver quão bem realizamos aquilo que Ele nos dera para fazer. Então, às vezes, Ele surge e faz intervenção, quando as coisas nos fogem ao controle, ou quando estamos em alguma necessidade especial. Assim sucede à inteira questão do julgamento. Deus espera para ver o que o homem fará. Ele não hesita em mostrar-se severo, pois as pessoas precisam ser tratadas com severidade, a fim de endireitar o seu caminho. Mas então Deus intervém, e usa de Sua graça, porque ama a humanidade.

Sei somente que não me posso desviar
Para longe de Seu amor e cuidado.

(*A Bondade Eterna*, por John Greenleaf Whittier)

8.1

Lembrou-se Deus de Noé. Não fora isso, e toda forma de vida teria perdido a esperança. Uma mãe pode esquecer seu filho, mas Deus não se esquece dos que Lhe pertencem (Isa. 49.15). Temos razão para continuar crendo, mesmo nos dias mais negros, porquanto Deus controla a sucessão de noite e dia. O amor de Deus é muito mais profundo do que o amor de uma mãe por seu filho infante, *tão grande* é o mesmo. A providência divina está sempre presente, pois Ele não é como o homem, que vive mudando de atitude. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Providência de Deus*. Pode parecer que as coisas se perderam, mas Deus contempla e age para reverter todo mal. Podemos perder de vista nossos marcos familiares; podemos ficar boiando no mar do conflito, mas em algum ponto existe a divina âncora da esperança.

Disse o salmista: ". . .tão perturbado estou, que nem posso falar" (Sal. 77.4b). Mas a vida do homem não pode terminar dessa maneira. Finalmente, o dilúvio foi baixando de nível. Os montes apareceram outra vez; a terra seca continuava ali, embora tivesse estado oculta aos olhos por algum tempo. Os pássaros acharam seus ninhos; os animais do campo brincaram de novo; o homem começou a plantar e a adorar. As coisas foram voltando ao normal, pois um novo dia tinha raiado.

Deus fez soprar um vento. Cf. o vento criativo de Gên. 1.2. Agora havia uma intervenção divina muito necessária. As fontes subterrâneas deixaram de jorrar água. Assim, Jesus acalmou as águas (Mat. 8.26). É o Senhor quem acalma a tempestade (Sal. 107.29). O trecho de Gên. 7.24 evidentemente dá a entender que houve correntezas violentas envolvidas no dilúvio. Mas agora tudo estava calmo. O vento fez parar a enxurrada e soprou a chuva para longe. Talvez o vento também tenha imprimido certa direção à arca, conduzindo-a ao futuro lugar de habitação de Noé. Alguns sugerem que o evento também se mostrou eficaz ao produzir uma tremenda *evaporação*, que logo diminuiu o volume das águas. Nesse caso, o relato não entende uma evaporação natural. Adam Clarke falou sobre um seu amigo que tomou banho às margens do rio Tigre, e como então soprou um vento quente que o secou quase assim que ele saiu de dentro da água. E ele aludiu ao "vento eletrificado" de Deus, um superevaporador.

Deus Tomou Providências para que Houvesse Mudanças. Um dos aspectos da lembrança de Deus quanto a Noé foi que Ele tomou medidas divinas com vistas à *mudança*. Algumas vezes, só pode haver mudança em nossa vida por meio do poder, pela iluminação e pela orientação divina. Algumas vezes, o vento de Deus precisa soprar em nossas vidas, ou falharemos em tudo quanto estivermos fazendo. Mui significativamente, os Targuns de Jonathan e de Jerusalém chamam esse vento de "vento de misericórdias", ao passo que Jarchi chama-o de "vento da consolação". A terra seca deveria acolher os ocupantes da arca, e a vontade divina fez essa provisão tornar-se uma realidade.

8.2

Fecharam-se as fontes. As várias fontes de água deixaram de jorrar, por decreto divino, tal como tinham começado. A vontade divina estava controlando as coisas, para que o propósito de Deus viesse a ter cumprimento, do começo ao fim. Aquilo que Deus começa Ele não abandona pelo meio do caminho, e aquele que vive em consonância com a vontade de Deus vê cumprir-se um contínuo propósito divino. Quarenta dias foram suficientes para esse cumprimento; e, dali por diante, teve início um novo estágio. Provavelmente, *as fontes* indicam o *abismo* de águas sobre a terra, que então cessou de jorrar. Essa questão é comentada em Gên. 7.11.

8.3

As águas iam-se escoando continuamente. Uma vez cessado o jorro de águas, agora seu nível começou a baixar. Alguns estudiosos vêem aqui a necessidade de uma remoção divinamente provocada, tal como vêem um dilúvio divinamente provocado. Ver as notas em Gên. 7.6 sobre o *Dilúvio de Noé*, em sua seção iv.f, quanto ao problema da *quantidade* de água, da inundação e do escoamento das águas. Alguns eruditos pensam que o vento referido no primeiro versículo serviu de meio de remoção de águas, através de um incomum processo de evaporação. ". . .retornaram [as águas] ao seu devido lugar, que lhes fora determinado; parte da água foi seca pelo vento e o calor do sol fê-la ser absorvida pela atmosfera; outra parte da água retornou aos canais e às cavidades da terra. . ." (John Gill, *in loc.*). É provável que o autor sagrado cresse que a maior parte daquela água tivesse voltado ao *grande abismo*.

Ao cabo de cento e cinqüenta dias. Ver notas sobre esse período em Gên. 7.24. Deus havia determinado aquele período para o escoamento das águas. Esse período terminou, e Deus interveio e começou a restaurar a normalidade. Esse período tem sido calculado de vários modos, conforme se vê nas notas sobre Gên. 7.24. Mas alguns intérpretes imaginam aqui que esses são *outros* cento e cinqüenta dias, depois que as águas começaram a baixar de nível.

8.4

No dia dezessete do sétimo mês foi quando a arca pousou sobre a terra. Corria o sétimo mês do ano, não do dilúvio, depois do mês de tisri, no equinócio da primavera. Está em pauta o mês de *nisan* (parte de nosso mês de março), ou então o começo da primavera, em algumas partes do mundo. O Targum de Jonathan diz *nisan*, mas Jarchi pensa que era o mês de *sivan* (maio ou junho). Os meses, para os hebreus, tinham trinta dias cada um.

Os Dezessete. "No décimo sétimo dia de abibe a arca repousou sobre o monte Ararate; no décimo sétimo dia de abibe, os israelitas atravessaram o mar Vermelho; no décimo sétimo dia de abibe, Cristo, nosso Senhor, ressuscitou dentre os mortos" (*Speaker's Commentary*). Talvez esse número deva ser considerado um ciclo completo. Ver no *Dicionário* o artigo *Número (Numeral, Numerologia)*. (Abibe é um nome alternativo para o mês de Nisan. Ver sobre *Calendário Judaico*, no *Dicionário*.

Ararate. No hebraico, *deserto*. Nome aplicado à região entre o rio Tigre e as montanhas do Cáucaso, conhecida como Armênia, mas chamada Urarti nas inscrições assírias. O nome veio a ser aplicado à cadeia montanhosa e, especialmente, ao duplo pico em forma de cone, a pouco mais de onze quilômetros separados um do outro, respectivamente com 5.182 m e 4.265 m de altura. O pico de maior altura é chamado Massis, pelos nativos, ou, então, Varaz-Baris; e os persas lhe dão o nome de Kuhi-Nuh, "monte de Noé". Seu cume é perpetuamente coberto de neve. Tradições nativas dizem que a arca repousou sobre sua vertente sul, mas as inscrições assírias identificam um pico um tanto mais ao sul, a saber, o monte Nish'r, com 2.745 m. de altura, comumente identificado com o Pir Omar Gudrun. Há relatos sobre o dilúvio por todo o Oriente, alguns dependentes da narrativa bíblica. Outros, porém, são independentes. Outrossim, essas narrativas sobre o dilúvio são universais, e supomos que a maioria delas, independentes do relato bíblico. Os sacerdotes egípcios disseram a Heródoto: "Vocês, gregos, são apenas crianças. Vocês conhecem apenas um dilúvio, mas temos registros sobre muitos dilúvios". Os registros geológicos, como a reversão do magnetismo das rochas, indicam que não apenas por uma vez, mas por muitas vezes (talvez até quatrocentas vezes) os pólos têm mudado de lugar, com deslizes conseqüentes da crosta terrestre produzindo, obviamente, grande destruição e imensos dilúvios. Pensamos que o dilúvio de Noé tenha sido a última dessas grandes catástrofes, e que ainda haverá outras, no futuro. Ver o artigo sobre o *Dilúvio*.

No Oriente existem vários montes sagrados, assim feitos pelas tradições, que os identificam com o lugar onde a arca teria repousado, terminado o dilúvio. Portanto, além dos montes de Ararate, há outros picos que são assim considerados, como o Sufued Koh (Monte Branco), onde os afegãos dizem que a arca descansou. O pico de Adão, na ilha de Ceilão, é outro desses lugares, sendo curioso que em Gên. 8.4 o pentateuco samaritano diga *Sarandib*, nome árabe para o Ceilão. Os versos sibilinos afirmam que as montanhas do Ararate ficavam na Frígia. Outros situam-nas na porção oriental da cadeia montanhosa antigamente chamada Cáucaso e Imaus, que termina nos montes do Himalaia, no norte da Índia. As descrições bíblicas, porém, parecem eliminar regiões relacionadas ao

Afeganistão, ao Ceilão e ao norte da Índia, embora alguns advoguem esses lugares como a região onde a arca ficou, ao terminar o dilúvio.

1. *Localizando o Ararate.* As unicas passagens bíblicas (além do livro de Gênesis) onde a palavra "Ararate" ocorre são II Reis 19.37 (Isa. 37.38) e Jer. 51.27. Nas duas primeiras, faz-se referência à terra para onde fugiram os filhos de Senaqueribe, rei da Assíria, depois que o assassinaram. Tobias 1.21 diz que eles fugiram para "as montanhas do Ararate". Isso indicaria um lugar, e não uma região dominada pela Assíria, embora não muito distante. A descrição adapta-se à antiga Armênia, que agora faz parte da Turquia moderna, em sua porção oriental. A antiga Armênia era um reino a nordeste da Ásia Menor, incluindo o leste da Turquia e da moderna Armênia, que ultimamente tornou-se independente da ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Se o dilúvio começou quando Noé estava em algum lugar da Mesopotâmia, então as mais elevadas montanhas das vizinhanças, quando baixaram o suficiente as águas do dilúvio, teriam sido as de Urartu (Ararate), correspondendo à informação dada acima.
2. *Descrição do Ararate.* O monte e seu satélite, o Pequeno Ararate, mais para sudeste, são vulcões extintos, que se elevam espetacularmente em meio à planície. O Ararate é um cone irregular, com ombros proeminentes e um profundo abismo do alto ao sope do monte, em seu lado nordeste. Seu cume é perpetuamente recoberto de neve, mas a natureza porosa e cheia de cinzas do solo impede a formação de rios, pelo que o monte é quase desnudo de árvores da base ao cume. É ligado ao Pequeno Ararate por uma longa cadeia de quase 13 km de extensão. Tratados de fronteira entre a Rússia e a Turquia (parte da qual era a antiga Armênia) deixaram o Ararate em território turco.
3. *O Reino de Ararate.* "Ararate" é a forma hebraica do assírio *Urartu*, nome de um reino fundado no século IX A. C. A região continuou sendo chamada por esse nome muito tempo depois de tornar-se Armênia, nos fins do século VII A. C. O reino de *Urartu* floresceu no tempo do império assírio, nas vizinhanças do lago Vã, na Armênia. Esse reino é freqüentemente mencionado nas inscrições assírias como um vizinho perturbador do norte. Sua cultura foi muito influenciada pela civilização da Mesopotâmia, e, no século IX A. C., foi adotada e modificada a escrita cuneiforme para se escrever a língua urartiana, também chamada vânica e caldiana, que não deve ser confundida com o caldeu. A língua urartiana não estava relacionada à acadiana. Cerca de duzentas inscrições em urartiano foram encontradas pela arqueologia. Nessas inscrições, a terra é chamada de BIAI-NAE, e sua população é chamada de "filhos de Haldi", uma das principais divindades de sua religião. Exemplares de sua arte e arquitetura têm sido descobertos em Toprak Kale. A antiga capital, Tuspa, ficava perto do lago Vã, e, nos tempos modernos, em Karmir Blur, uma aldeia próxima de Erivan, na ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

As inscrições de Salmaneser I mencionam Urartu pela primeira vez no século XIII A. C. O reino começou como um pequeno estado entre os lagos Vã e Urmia. Então cresceu até tornar-se uma séria ameaça à Assíria, no século IX A. C. Em cerca de 830 A. C., Sardur I encabeçou uma dinastia ali, estabelecendo sua capital em Tuspa. Pelos fins do século VIII A. C., houve a invasão dos cimérios (ver o artigo sobre *Gômer*), e o reino de Urartu praticamente terminou. Houve um breve reavivamento em meados do século VII A. C., sendo possível que o rei Rusa II, daquela época, fosse o hospedeiro dos assassinos de Senaqueribe (Isa. 37.38). Não se sabe com certeza como terminou esse reino, mas isso parece ter ocorrido na primeira metade do século VI A. C. Antigas inscrições cuneiformes em persa antigo chamam o lugar de *Armênia*, uma designação indo-européia, mostrando que os povos de raça jafetita provavelmente tinham tomado conta da região no século VI A. C., data dessas inscrições.

8.5

E as águas foram minguando até o décimo mês. A renovação divina prosseguia. As águas diminuíam rápida e continuamente. O novo dia estava prestes a raiar. No décimo mês, foi vista uma linda paisagem: apareceram os cumes dos *montes*. Fui criado na parte ocidental dos Estados Unidos, em uma área das Montanhas Rochosas. Lembro-me da primeira vez em que voltei do leste para o oeste (pois eu estudara na parte leste do país). Passei através das Grandes Planícies, no meio-oeste norte-americano, ainda a grande distância de meu destino. E lá no horizonte estavam elas, as Montanhas Rochosas. Era a minha terra, e meu coração saltou dentro do peito. Assim também aqui, os montes apareceram, e ali estava novamente a terra. Podemos imaginar a alegria que esse acontecimento trouxe àqueles que estavam encerrados na arca, os quais nada tinham visto, senão água, pelo espaço de tantos meses.

Décimo mês. Está em pauta o décimo mês do ano civil, e não o décimo mês do dilúvio. O Targum de Jonathan diz aqui *tammuz* (junho/julho), mas outros preferem falar no mês de *ab* (julho/agosto).

8.6

Ao cabo de quarenta dias. Ou seja, desde o dia em que os montes foram avistados. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Quarenta*, quanto ao simbolismo desse número e à sua freqüência nas Escrituras. Houve uma provação ou um período de espera, depois que os montes foram avistados. A grande provação estava terminada, pelo que os quarenta dias de espera produziram apenas uma fagulha de ansiedade. O propósito de Deus continuou a operar, de acordo com o plano e o cronograma preestabelecidos. Nisso tudo há uma lição para nós. Nossa vida e o propósito dela seguem um cronograma divino. Aqueles quarenta dias de provação levam-nos até *ab* (julho/agosto).

A janela. Ver a nota sobre isso em Gên. 6.16. A janela ou "abertura" foi aberta para um Novo Dia. Depois dos períodos de provação, são abertas janelas que nos dão esperança e perspectiva.

8.7

Soltou um corvo. Noé testou a situação para averiguar se a vontade de Deus havia agora produzido condições próprias para a vida humana. O texto talvez seja um tanto ambíguo para o leitor que não conhece o hebraico. No hebraico, conforme somos informados, é indicado que o corvo ficou voando para lá e para cá, indo e vindo, aparentemente sem encontrar um lugar onde pousar. E então, finalmente, encontrou um lugar, o que é indicado pela palavra "até". A história babilônica paralela (par. 286) adianta que o corvo não retornou, tendo encontrado alimento suficiente nos cadáveres flutuantes ou nas carcaças dos animais. A Septuaginta diz aqui "não voltou".

O *corvo* estava muito bem adaptado para sua tarefa. É uma ave forte que pode voar durante muito tempo, e pode ser amansado com facilidade. Antigamente era considerado dotado de poderes de previsão acerca das condições atmosféricas. "A cada noite voltava à arca, e talvez ao seu poleiro, perto da fêmea" (Elício, *in loc.*).

A Lição Dada pelo Corvo. Essa ave estava bem equipada para a tarefa que Noé lhe deu. Ela tinha uma *virtude* para ser usada, e Noé a usou. Aristóteles falava sobre a *virtude* como uma *função*. Para ele, cada pessoa atinge a *conduta ideal* quando *desenvolve* e *usa* a sua função especial. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Corvo*.

8.8

Depois soltou uma pomba. Somente aos pares a pomba faz vôos longos, e, se ela não voltasse, Noé sabena que havia terra seca apropriada por perto. Como é óbvio, a pomba e um símbolo da paz. O dilúvio havia terminado; a paz tinha chegado, o lar estava próximo; um novo dia havia raiado. Os intérpretes cristãos fazem da pomba um símbolo do evangelho, que traz paz e reconciliação. Tradicionalmente, a pomba tem sido usada para levar mensagens; e ela é dotada de uma inteligência especial para essa tarefa, pelo que, tal como no caso anterior do corvo, a pomba era a escolha apropriada para esta missão. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pomba*. Essa ave foi mandada por *três vezes*. Um homem bom receberá de Deus mais de uma missão.

8.9

Não achando onde pousar o pé. O resultado esperado não falhou, mas apenas foi adiado, uma significativa lição para nós, que, às vezes, nos mostramos tão ansiosos. Um dos problemas da vida é o das "orações não respondidas" (aparentemente). Não nos devemos olvidar que o plano de Deus opera de acordo com um cronograma. As coisas acontecem conforme devem. O adiamento não é um fracasso. A pomba "voltou" a seu antigo meio ambiente. Mesmo em meio à demora, houve paz. A provisão divina continuou. Havia lugares secos fora da arca, embora ainda não adequados para o sustento da avezinha, que vive alimentando-se de sementes e pequenos bocados que é capaz de encontrar. As águas continuaram prevalecendo sobre a terra, embora as condições estivessem melhorando. Graças a Deus pelos melhoramentos! A alma, à semelhança da pomba, não acha pouso seguro senão na provisão de Cristo. ". . . não nos aprazimentos mundanos; nem nos deveres externos, nem em ouvir, ler, orar, jejuar ou na humilhação externa que vai às lágrimas; nem na lei. . . como também não na descendência natural, nem na instrução . . . nem na profissão religiosa. . . mas somente em Cristo" (John Gill, *in loc.*).

Noé a Recolheu na Arca. O lar temporário da pomba tornou-se assim o seu lar permanente. E ela foi bem acolhida ali. Isso também sucede à espiritualidade Cristo nos abraça afetuosamente. "Mais espera e mais agonia da esperança adiada" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*). Mas a esperança adiada não é a mesma coisa que a esperança perdida.

8.10

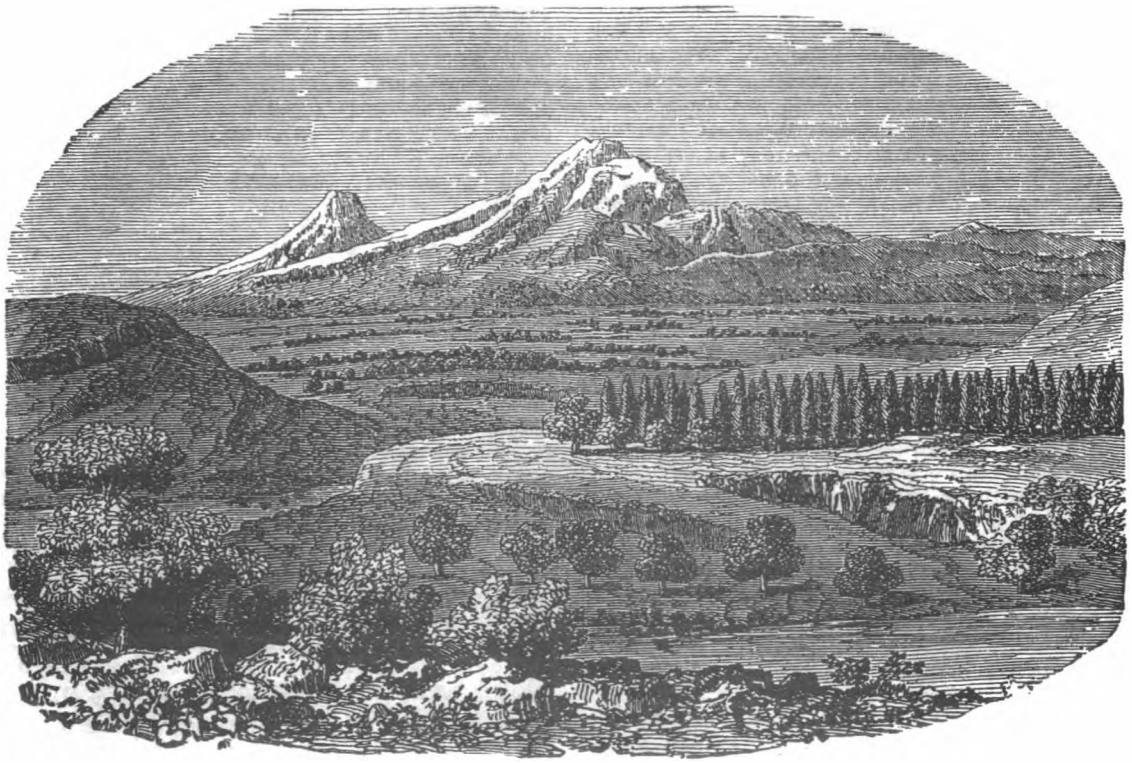
Esperou ainda outros sete dias. Noé julgou ser isso um prazo suficiente, antes de fazer outra tentativa para *mudar* sua situação. As mudanças esperam

ARARATE

No hebraico, *deserto*, nome dado à região entre o rio Tigre e as montanhas do Cáucaso, conhecida como Armênia, mas chamada Urati nas inscrições assírias. O nome veio a ser aplicado à cadeia montanhosa e, especialmente, ao duplo pico em forma de cone, com 5.182 m e 4.265 m.

No Oriente existem vários montes sagrados, consagrados por tradições que os identificam com o lugar onde a arca teria repousado, terminado o dilúvio.

Se o dilúvio começou quando Noé estava em algum lugar da Mesopotâmia, então as mais elevadas montanhas das vizinhanças, quando as águas do dilúvio baixaram o suficiente, teriam sido as de Urartu (Ararate).



ARARATE, Smith's Bible Dictionary

por nós, mas somente quando Deus assim ordena. É impossível abrir uma porta que Deus fechou. Mas ao chegar o tempo certo para uma porta ser aberta, ela se abre por si mesma. *Ainda* outros sete dias talvez indique que um período aproximado se tinha passado entre o envio do corvo e da pomba.

Outra lição ensinada no caso da pomba foi que Nóe não abandonou a tarefa somente por estar envolvido um adiamento. Alguém já disse: "É sempre cedo demais para desistir", e essa declaração tem muitas aplicações em nossas vidas. A *persistência* rende dividendos.

8.11

À tarde ela voltou. E isso por ter achado fora da arca alimentação apropriada, razão pela qual não precisava voltar imediatamente, mas só no fim do dia. As coisas estavam *melhorando*. Graças a Deus pelos melhoramentos!

No bico, uma folha nova de oliveira. A oliveira não cresce a elevadas altitudes, e isso deu a entender que as águas haviam diminuído grandemente e, assim, as *terras baixas* tinham começado a aparecer. Grande deve ter sido o regozijo, diante da pequena folha de oliveira, tal como, alguns dias antes, a visão dos montes acima da água tinha sido motivo de tanto consolo.

Charles William Eliot foi um honrado e bem-sucedido presidente da Universidade de Harvard. Ele serviu longa e arduamente. Finalmente, chegara o tempo de aposentar-se. Muitos vieram prestar-lhe homenagens diante desse evento. Mas houve algo que o deixou especialmente emocionado. Um amado cidadão de Boston, um amigo de quase toda a vida, deu-lhe de presente um envelope. Que haveria dentro? Certamente não seria algo tão corriqueiro como dinheiro. Haveria alguma elegante carta de elogio? Eliot abriu o envelope. Não havia ali nenhum papel; nenhuma mensagem escrita. Continha apenas uma folha, uma folha de *louro*, símbolo da coroa conquistada pelos vitoriosos. Ele obtivera o triunfo. Quão grandioso é viver uma *vida vitoriosa*, no cumprimento da própria missão. Algumas vezes, quanto anelamos por um sinal divino de aprovação de nossa vida e daquilo que estamos procurando fazer. Um amigo pode falar uma palavra encorajadora, ou alguma ocorrência boa pode encorajar-nos a continuar. Uma das pessoas a quem dediquei a *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* foi o Dr. Professor Leônidas Hegenberg, o maior filósofo vivo do Brasil. Ao ler minha dedicatória, ele ficou impressionado. Ele havia passado por um tempo de exaustivo teste. Mas, ao ler minha dedicatória, ele disse: "Isso inspira-me a continuar trabalhando!". Sim, algumas vezes ouvimos tantas palavras duras, desanimadoras; as circunstâncias externas nos castigam; um corpo físico que se vai tornando idoso reclama: "Diminui o ritmo!". Um acontecimento feliz ou uma palavra de encorajamento podem conferir-nos forças novas e determinação.

O encorajamento de Noé, pois, veio *à tarde*. Sempre apreciei o fim da tarde. O dia termina ali; a tarefa do dia está terminada; o sol deita-se em paz no horizonte; a noite estende seu cobertor de repouso. Assim também, no texto à nossa frente, a pomba trouxe esperança no fim da tarde. Foi no fim de uma tarde que os discípulos de Emaús convidaram o ressurreto Jesus a que ficasse com eles; e foi então que O reconheceram. Pensemos na noite jubilosa que tiveram. O sono fugiu deles; uma vitória tão grande e preciosa fora obtida; a morte fora vencida pela vida.

"Aquela pomba, enviada pela segunda vez, e que voltou, pode ser considerada emblema de um ministro do evangelho. Este pode ser comparado a uma pomba, em face dos dons do Espírito de Deus, que se parecem com os de uma pomba. Por meio desses dons um ministro vê-se qualificado para o seu trabalho, por ser homem simples e inofensivo, manso e humilde. E a folhinha de oliveira em seu bico pode ser um emblema do evangelho, que veio da parte de Cristo, a boa oliveira, o Evangelho da Paz. . . e por meio da paz sabe-se que as águas da ira divina foram pacificadas" (John Gill, *in loc.*).

8.12

Ainda mais sete dias. Estava terminado o terceiro período de espera. Algumas vitórias ocorrem imediatamente, mas usualmente uma grande vitória é fruto de longos labores e muita paciência. Mas este texto mostra que o grande momento, finalmente, chegara. A *persistência* sempre será recompensada. A vida não é como uma corrida de cem metros. É como uma maratona. Precisamos de forças para a *longa corrida*. Ao terminar minha tese doutoral, fui aprovado pela comissão na Universidade de Utah. Atravessei o câmpus com minha tese doutoral na mão. Um homem totalmente estranho falou comigo durante o trajeto, expressando sua admiração (e talvez uma pontinha de inveja), ao ver minha tese terminada tão elegantemente adornada! Então eu lhe disse: "Ainda tenho um longo caminho a percorrer!". O que isso prova é que, se prosseguirmos por tempo bastante, finalmente terminaremos nossa tarefa. Meu amigo e companheiro de tarefas, João Marques Bentes, disse-me certo dia, quando me encontrei com ele em São Paulo para lhe dar mais páginas para serem traduzidas, que tinha tido uma visão de uma estrada reta, por onde ele guiava seu carro, em tremenda velocidade, ou melhor, a estrada é que corria, por baixo do veículo. A estrada era tão longa que se perdia no horizonte. E a partir disso e de outros símbolos, ele julgou que nosso trabalho conjuntos ainda continuaria por muito tempo. Senti uma certa consternação, e repliquei: "Oh, não! Nunca haverá de terminar!". Mas a verdade é que o fim acaba chegando, para que venha o merecido descanso. Quando chega esse dia, podemos dizer: "Fiz o que tinha para fazer, e não me acovardei diante das dimensões da tarefa!".

A pomba. . . não tornou a ele. Tinha amanhecido um novo dia, e a pomba havia encontrado seu novo lar. Isso serviu de sinal, para Noé, de que em breve todos os seres encerrados na arca poderiam sair dali para buscar uma vida nova. Pensemos nisso! A humilde pomba foi a primeira criatura a experimentar a vida na nova criação, a renovação de todas as coisas, o novo começo. O mau tempo terminara; o bom tempo prevalecera.

8.13

Ano seiscentos e um. Confrontando este versículo com o trecho de Gên. 7.11, concluímos por quanto tempo as águas prevaleceram sobre a terra. O dilúvio durou pouco mais de um ano, ou seja, um ano e dezessete dias.

Primeiro mês, isto é, do calendário civil, nisan (ou tisri), ou seja, setembro/outubro. Exatamente no *primeiro dia* daquele mês, Noé olhou para fora da arca e viu que a superfície da terra agora estava praticamente seca, embora ele e os outros ocupantes da arca ainda tivessem permanecido ali por mais dois meses, até que houve a ordem divina que os libertou dali (vss. 15 e 16).

Enxuto. Pela ação do vento mandado por Deus, porque a água ia recuando cada vez mais, mas, acima de tudo, porque as águas retornavam ao *abismo*, lugar dos depósitos freáticos. Ver o artigo intitulado *Astronomia*, quanto a uma ilustração sobre a antiga visão dos hebreus sobre o cosmo. A disposição do excesso de água provavelmente também tinha em vista alguma forma de intervenção divina.

A cobertura. Esta era feita de peles de animais, de madeira ou de algum outro material. Esse item não havia ainda sido mencionado no tocante à arca. O trecho de Êxodo 26.14 usa a palavra para indicar peles de animais. Talvez esteja em pauta a cobertura da "janela", mencionada em Gên. 8.6. Agora a terra estava "enxuta", mas não totalmente, pois precisou haver ainda alguma espera.

8.14

Segundo mês. Para que a terra estivesse bem seca, foi mister passar-se pouco mais de um mês. Corria o mês de marchesvan, que correspondia ao nosso outubro/novembro.

Visto que os meses tinham exatamente trinta dias entre os judeus, alguns intérpretes calculam que a arca tenha ficado flutuando exatamente por *um ano*, e isso significaria que o dilúvio fora um *ano de provação*. Mas outros estudiosos adicionam dezessete dias a esse cálculo. A idéia de "um ano" exato parece ser a mais correta.

8.15

Disse Deus a Noé. Cinco coisas podem ser consideradas aqui: 1. Temos aqui uma linguagem antropomórfica. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Antropomorfismo*. 2. Isso teria sido dito pelo Anjo do Senhor. 3. Ou, então, teria havido uma *teofania* (ver sobre esse assunto no *Dicionário*). 4. Ou houve alguma manifestação do Logos ou Verbo, no Antigo Testamento. 5. Ou, finalmente, pode ter havido uma visão, um sonho ou alguma outra experiência mística. Ver no *Dicionário* o artigo sobre o *Misticismo*. O fato foi que Deus falou e Noé entendeu. E isso mostra que outra fase da obra tinha sido realizada.

8.16

Sai da arca. Isso ao fim exato de um ano solar. Terminara a grande provação; e os ocupantes da arca foram libertados pela voz divina.

Teus filhos, e as mulheres de teus filhos. Os intérpretes judeus, que via de regra davam grande atenção a pequenos detalhes (além de adicionarem algumas idéias suas), observavam que a saída da arca ocorreu de modo ligeiramente diferente do que sucedeu na entrada. Na entrada, tinham ingressado os homens, e depois as mulheres. Mas na saída saíram juntos os casais. Mediante essa circunstância, eles entendiam que a ordem da multiplicação, que havia sido dada a Adão, estava sendo renovada, sob o símbolo dos casais juntos. O vs. 17 repete especificamente o comando acerca da fertilidade.

8.17

Faze sair a todos. Os animais participaram do novo começo. Os cuidados de Deus são tão universais que não negligenciam nem os minúsculos pardais (Mat. 10.29). Terminada a provação, chega o momento da libertação. Deus não abandona o homem em sua miséria. Deus criou ou organizou todas as coisas em seis dias. Ele

criou cada espécie com algum propósito; e esse propósito estava sendo preservado naquele dia de renovação. As obras de Suas mãos não sofreram nenhum prejuízo. Havia meios para efetuar um novo começo. A provisão divina é sempre adequada para a tarefa e, usualmente, é abundante. Dá-nos ricamente o de que precisamos, Senhor!

Todas as coisas brilhantes e belas,
Todas as criaturas, grandes e pequenas,
Todas as coisas, sábias e admiráveis:
O Senhor Deus fez a todas elas.

(Sra. C. F. Alexander)

Neste versículo, alguns eruditos acham provas de um dilúvio parcial. Como poderiam aqueles animais, em tão curto período (menos de três mil anos), ter-se espalhado por sobre toda a face do planeta, se considerarmos a barreira intransponível dos oceanos? Ver o verbete sobre o *Dilúvio*, nas notas sobre Gên. 7.6, especialmente em sua quarta seção, quanto a argumentos pró e contra essa idéia. John Gill (*in loc.*) sugeriu que os animais atravessaram os oceanos "nadando", mas isso é extremamente improvável, como também é altamente improvável que homens tenham transportado os animais em embarcações, para cruzarem os oceanos. "Noé, seus familiares e todos os animais pertencentes ao *universo* de Noé, deveriam abandonar a arca", conforme opinou Ellicott sobre essa questão.

8.18

As pessoas saíram da arca, uma reiteração do vs. 16, onde damos notas sobre a questão. Tal como por todo o relato, a voz de Deus foi obedecida, sendo essa a razão do êxito da missão. Isso é instrutivo para todas as gerações. Autores árabes enfeitam aqui o relato, adicionando que, então, Noé edificou uma cidade chamada *Themanin* (nome esse que significa "somos oito"), por terem saído da arca oito seres humanos (I Ped. 3.20).

8.19

Todos os animais saíram da arca na ocasião. Em tudo os animais participaram do empreendimento. Eles saíram em boa ordem, *aos pares*, conforme tinha sido ordenado. A obra de Deus é sempre efetuada "com decência e ordem" (I Cor. 14.40). Os comentadores judeus sempre deram atenção a todos os pormenores. Assim, observaram aqui que os mesmos que entraram também saíram. Não houve reprodução de animais na arca. A fertilidade foi garantida a cada par de animais, mas a multiplicação precisou esperar pelo tempo apropriado.

Terceira Dispensação: o Governo Humano (8.20–11.9)

O Sacrifício de Noé (8.20-22)

8.20

Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pactos*. O homem havia fracassado completamente durante a dispensação da *Consciência* (Gên. 3.24). Ver também ali o artigo *Dispensação (Dispensacionalismo)*.

O Pacto Noaico é explicado nas notas sobre Gên. 6.18. As coisas tinham agora um novo começo, na pessoa de Noé, tal como tinham começado na pessoa de Adão. Cada dispensação tem terminado em fracasso; mas cada uma delas representa um período especial de teste e de crescimento para os que têm agido bem. Agora os homens seriam submetidos a um novo teste. Eles organizariam suas próprias instituições e testariam sua capacidade de governar-se. Agora recebiam a responsabilidade de governar a terra inteira. Porém, tanto os judeus quanto os gentios têm provado somente que governam apenas para benefício próprio, e não para a glória de Deus. Por isso, estamos encaminhando-nos para um novo fracasso. A confusão dos idiomas (de forma simbólica) pôs fim a esse teste racial. Os cativeiros assinalaram o fracasso dos governos de Israel. A destruição da imagem do segundo capítulo do livro de Daniel mostra-nos o que, finalmente, acontecerá aos governos gentílicos. E, então, será armado o palco para o governo de Deus na terra, durante o milênio (ver sobre isso no *Dicionário*) e o estado eterno.

Levantou Noé um altar. Andar com Deus governava a vida de Noé. O dilúvio em nada alterou isso. Noé havia feito provisão para holocaustos, ao fazer entrar na arca certos animais de sete em sete, ou seja, três pares e um macho *extra*, designado para ser sacrificado. Ver Gên. 7.2,3. Destarte, a adoração foi renovada, para começar a generalizar-se. Noé não negligenciou o lado espiritual das coisas. Há uma fábula judaica que faz desse altar o mesmo sobre o qual Adão ofereceu holocaustos, ao ser expulso do jardim do Éden. É possível que Noé tenha erigido um altar no monte Ararate, antes mesmo de procurar um novo local de residência. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Altar*.

Ofereceu holocaustos. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sacrifícios e Ofertas*. Os animais limpos eram o novilho, o carneiro e o bode; as aves limpas eram a rola e o pombinho. O Targum de Jonathan diz que Noé ofereceu quatro holocaustos sobre o altar. Os intérpretes cristãos lêem certo simbolismo nesses sacrifícios. Neles, Cristo teria sido retratado de diferentes modos, um dos temas principais da epístola aos Hebreus. O antigo mundo de Adão havia começado com sacrifícios; e outro tanto sucedia agora ao mundo de Noé. A prática de sacrifícios de animais é deveras antiga. "Os judeus têm uma tradição que diz que o lugar onde Noé erigiu esse altar era o mesmo lugar onde Adão levantara também um altar, que teria sido usado por Caim e Abel, além de ser o mesmo lugar onde, mais tarde, Abraão ofereceu seu filho, Isaque." Mas esse refinamento não faz sentido. Ver o sétimo capítulo de Levítico quanto aos vários tipos de sacrifício.

8.21

E o Senhor aspirou o suave cheiro. Alguns intérpretes aceitam literalmente essa afirmação, como se Deus tivesse o sentido do olfato e tivesse apreciado o aroma de carne queimada. Mas a maioria deles explana a questão em sentido metafórico, e não em termos de *antropomorfismo* (ver sobre essa questão no *Dicionário*). É verdade que os povos antigos imaginavam que as divindades não difenam grande coisa dos homens, deleitando-se em holocaustos em sentido literal, sentindo-se aplacados por tal coisa, o que os induziria a conceder favores. É patente que Paulo aludiu a este versículo em Efésios 5.2. Ali, Cristo aparece como o sacrifício que agradou a Deus, o que é simbolizado aqui pelo aroma suave do sacrifício.

O Senhor. . . disse consigo mesmo. Continua a descrição antropomórfica. Alguns autores judeus dramatizaram a cena, imaginando Deus a fazer um juramento solene, de mão direita erguida, em consonância com o trecho de Isaías 54.9. Mas a lição que temos aqui é que agora a voz divina revertia certos aspectos da maldição original, além de dar as promessas que ajudariam no progresso do novo começo.

Consigo mesmo. Trata-se de uma autodeterminação. A decisão foi firme, por não depender do homem quanto ao seu cumprimento. Deus foi *aplacado* em face do sacrifício, o que é uma antiga noção. Essa noção retrata Deus como alguém insatisfeito e irado (ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Antropomorfismo*), para em seguida sentir-se de espírito leve, ao ver o homem a conduzir-se de forma apropriada, ocupado em seus deveres espirituais e ritos religiosos.

Não tornarei a amaldiçoar a terra. A antiga maldição imposta ao solo, por causa do pecado de Adão (Gên. 3.17), que foi confirmada e agravada por causa do pecado de Caim (Gên. 4.12), era agora aliviada, embora não anulada completamente, segundo a história subseqüente nos mostra claramente.

Depravação Total do Homem. O ser humano é inerentemente mau. Todos os seus pensamentos são iníquos, desde a sua juventude, e os seus atos são correspondentemente malignos. Essa foi a causa do dilúvio (Gên. 6.5). Deus não esperava que agora essa atitude mudasse. Mas *apesar* do fato de que essa maldade humana continuaria, Deus mitigou a maldição antiga e proferiu certas bênçãos, a fim de melhorar o caráter do novo começo da humanidade. Como é óbvio, esse foi um ato de pura graça. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Graça* e *Depravação*.

Nem tornarei a ferir todo vivente. Grandes juízos divinos haveriam ainda de sobrevir, mas nenhum tão drástico quanto o do dilúvio. Mas questionamos isso, quando lemos o livro de Apocalipse. Todavia, nem ali há a ameaça de uma destruição tão completa de vidas humanas.

Os críticos imaginam nesse ponto uma contradição. Uma profunda iniqüidade fora a *causa* do dilúvio, mas aqui vemos essa iniqüidade como uma *razão* da misericórdia divina. Este versículo permite-nos compreender que, *a despeito* da contínua grande depravação dos homens, Deus nunca mais agiria de forma tão drástica e radical como fizera por ocasião do dilúvio.

Está em foco a *longanimidade* de Deus. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Longanimidade*. O homem mostra-se obstinado em seu pecado, mas a longanimidade de Deus prevalece. O homem aprende com extrema lentidão, mas Deus espera com paciência; o homem é irremediavelmente mau, mas Deus é infinitamente amoroso. O homem aprende afinal a confiar, apesar de sua maldade inerente e ativa.

8.22

Enquanto durar a terra. . . sementeira e ceifa. A vontade de Deus garante os processos regulares da natureza, essenciais para a sobrevivência e o bem-estar dos homens. Sobreviriam catástrofes, mas essa ordem de coisas não seria descontinuada. O trecho de Eclesiastes 1.4 diz que a terra permanecerá para sempre; e, nesse caso, a promessa divina que aqui vemos haverá de perdurar perpetuamente. O trecho de II Pedro 3.10, entretanto, promete uma destruição da terra, conforme agora a conhecemos. E os intérpretes agonizam sem necessidade diante dessa aparente contradição.

O DIA DA DESTRUIÇÃO

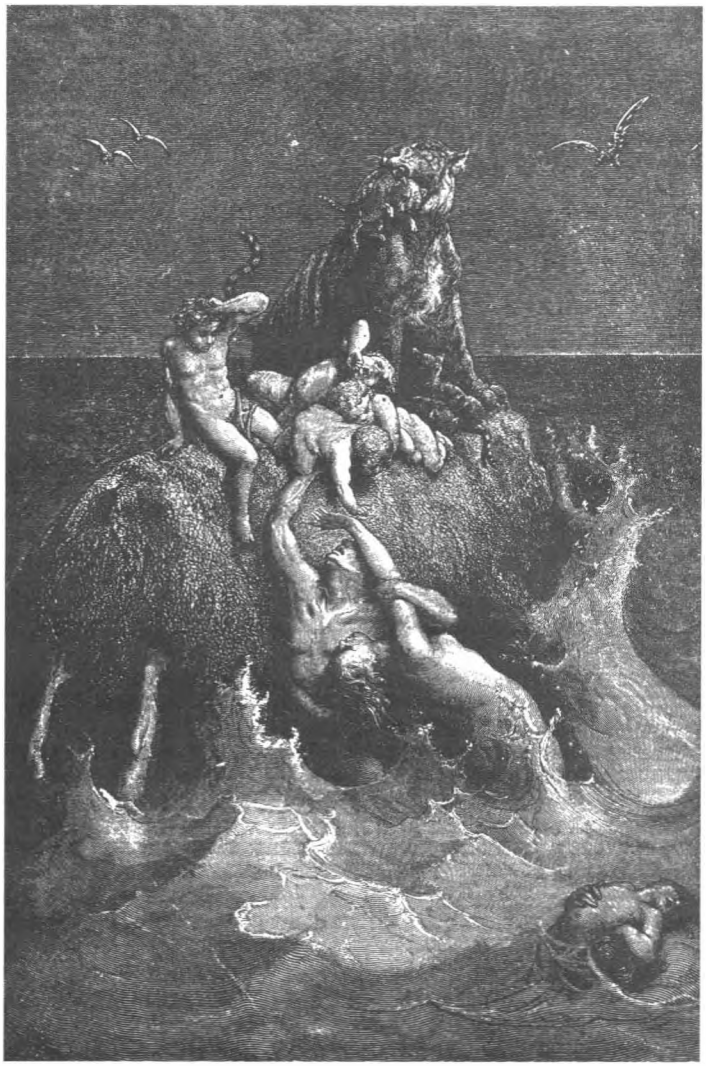
A terra estava corrompida à vista de Deus, e cheia de violência.

Viu Deus a terra, e eis que estava corrompida;
porque todo ser vivente havia corrompido o seu caminho na terra.

Então disse Deus a Noé: resolvi dar cabo de toda carne,
porque a terra está cheia da violência dos homens:
Eis que farei perecer juntamente com a terra.

Lembrou-se Deus de Noé, e de todos os animais selváticos e de todos os animais domésticos que com ele estavam na arca;
Deus fez soprar um vento sobre a terra e baixaram as águas.

Gênesis 7.11–13



Richard Laurence, *The Book of Enoch*, 1821

Estações do Ano Estáveis. ". . . frio e calor, verão e inverno, dia e noite" Jamais falharia o ciclo natural de dias, meses e estações do ano. Os homens dependem dessas coisas quanto à continuação da vida biológica e de seu bem-estar. Os pagãos atribuíam a *Baal* (ver sobre essa divindade no *Dicionário*) o poder de controle sobre as estações do ano. Mas não há motivos para supormos aqui (conforme fazem os críticos) que o culto a Yahweh teria incorporado certos aspectos do baalismo.

Os homens aceitam como coisa automática a regularidade da natureza, e planejam sua vida de acordo com ela. E as ocasionais catástrofes não abalam essa sua fé básica. A continuidade dos ciclos naturais é uma prova do amor e da longanimidade de Deus, extensivos a todos os homens (Tia. 1.17). Os autores judeus costumavam dividir as estações do ano em seis manifestações ou períodos de tempo. John Gill (*in loc.*) alistou cada par de dois meses como caracterizado por três períodos distintos. Mas em alguns lugares predomina um único tipo de clima, o clima *quente*, conforme se vê ao longo da linha do equador; mas em outros lugares manifestam-se duas ou quatro estações. Sem importar o regime prevalente, porém, Deus o está controlando.

Metáforas. O dia e a noite são períodos bons e maus. O homem precisa de ambas as coisas em sua experiência. As estações do ano simbolizam padrões de mudança na vida, bem como as atividades apropriadas a cada estação. O homem requer esses padrões para que cresça e adquira experiências. Os agricultores seguem esse padrão porque *usualmente* ele funciona. Eles não temem o céu, pois de outro modo jamais semeariam. Isso nos ensina a não desperdiçar as oportunidades. Há um tempo para fazer o plantio, ou seja, iniciar as atividades. Precisamos crer na colheita natural de todo trabalho efetuado com honestidade Nosso trabalho não é vão no Senhor (I Cor. 15.58). "Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida" (Pro. 4.23). Deus tem os Seus propósitos, e os homens precisam alinhar suas vidas com eles. Os pais precisam semear diligentemente as sementes do bem nas vidas tenras de seus filhos. O cultivo terá de se seguir a isso; e, uma vez feito isso, a colheita por certo ocorrerá. O processo é prenhe de bênçãos, e o resultado é bendito.

Semeia um pensamento, e colherás um ato;
Semeia um ato, e colherás um hábito;
Semeia um hábito, e colherás um caráter;
Semeia um caráter, e colherás um destino.

(Autor desconhecido)

Capítulo Nove

O Pacto de Deus com Noé (9.1-29)

As Leis Noaicas (9.1-7)

Ver no *Dicionário* o artigo detalhado intitulado *Pactos*, e nas notas sobre Gên. 6.18, a questão sobre o *Pacto Noaico.*

As leis, ou, pelo menos, as *preferências* dietéticas, faziam parte da provisão do pacto estabelecido com Noé. O trecho de Gên. 1.29,20 dá a entender que a norma alimentar era o *vegetarianismo*. Mas os vss. 2 e 3 deste nono capítulo mostram que a ingestão de carne tornava-se agora parte do regime alimentar. Contudo, o sacrifício de animais (Gên. 4.4) implica na ingestão da carne de animais. Por certo, animais não eram domesticados somente para serem oferecidos como sacrifícios, ou meramente para fornecerem a lã. O fato de que Abel criava animais subentende uma dieta que incluía carne. A ciência moderna mostra-nos que a carne deve ser comida com grande moderação, e que a melhor dieta é a vegetariana, se essa puder ser equilibrada com as proteínas necessárias. Quiçá o regime vegetariano alicerce-se mais sobre o respeito a toda forma de vida (como se vê no hinduísmo), e só em segundo lugar sobre considerações nutricionais. O Pacto Noaico, essencialmente, não envolvia condições; mas o quarto versículo deste capítulo mostra-nos que a proibição acerca da ingestão de sangue era deveras antiga, por razões que são sugeridas nas notas sobre esse quarto versículo.

Vemos também aqui uma proibição específica no que tange ao homicídio, o que, posteriormente foi incorporado nos *dez mandamentos* (ver o *Dicionário* quanto a essa legislação). Essa proibição envolve a questão do respeito à vida (que está no sangue), e também o fato de que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, exibindo a sua grande dignidade. Mas se houvesse homicídio, teria de haver a execução do culpado. Assim, neste texto, descobrimos como as leis se foram desenvolvendo e quais os primórdios da legislação mosaica Os judeus requerem somente essas normas, da parte dos gentios, enquanto estes não se fazem judeus por religião, quando então as leis de Moisés passam a ser a norma. O primeiro concílio ecumênico de Jerusalém repetiu elementos do Pacto Noaico, quase não destacando as leis mosaicas (Atos 15.28 ss.), excetuando algumas normas obviamente morais. A vida animal pode ser tirada; mas não a vida humana. Assim foi estabelecida uma distinção que governava a vida humana na humanidade melhorada. Mas homens maus não obedecem a nenhuma lei, e assim têm ignorado essa norma.

9.1

Abençoou Deus Noé. . . Sede fecundos, multiplicai-vos. Noé era um homem (1) justo; (2) perfeito. Ele andava com Deus (ver as notas sobre essa idéia em Gên. 6.9). E havia acabado de provar sua obediência e fidelidade, na questão do dilúvio e da arca. Em face disso, as bênçãos de Deus estavam sobre ele "Se semearmos erva daninha, colheremos erva daninha. Se quisermos colher algo melhor, teremos de fazer mais do que meramente desejar isso. Teremos de seguir, na vida interior, a disciplina que os agricultores usam no cultivo do solo" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*). As bênçãos de Deus sempre envolvem os aspectos material e espiritual.

Sede fecundos. Essa foi a ordem divina. Noé recebeu a mesma ordem que fora recebida por Adão, e pelos mesmos motivos. Esse era um novo começo. Ver os comentários sobre Gên. 1.28. Um mundo despovoado agora haveria de ser repovoado. Os propósitos divinos exigiam novas determinações. Muitos destinos humanos estavam em jogo. É uma autêntica bênção divina quando Ele altera periodicamente a nossa vida e as nossas missões.

Este texto é quase exatamente paralelo ao de Gên. 1.28,29 e 2.16,17. Noé foi o segundo pai da humanidade.

9.2

O Ser Humano Deve Ser Temido. A Adão havia sido ordenado que exercesse domínio sobre o mundo (Gên. 1.28). E Noé recebia aqui a mesma autoridade. Adão não abatia animais a fim de comer, ou, pelo menos, o vegetarianismo parece ter feito parte da vida no paraíso original, onde nada perdia a vida. Ver Gên. 1.29,30. Mas agora os animais teriam razão para temer Serviriam como alimento. Há algo de profundamente triste nisso. Quão humilhante para o reino animal! Deus "entregou" a Noé todas as formas de vida. E os homens têm exercido essa autoridade com rudeza, por causa de sua superioridade mental. Um dos grandes terrores da história humana é a crueldade contra os animais. A permissão de tirar a vida foi limitada à vida animal, mas os homens, cruéis predadores, começaram a matar-se uns aos outros; e isso nunca mais parou.

O Sacrifício de Animais. Quando isso se dava com propósitos religiosos, já havia sacrifícios de animais desde antes desse tempo, e haveria de continuar. Ver o *Dicionário* quanto ao artigo *Sacrifícios e Ofertas*. Bereshit Rabba afirmava que seria eliminada a distinção entre animais limpos e imundos nos dias do Messias, mas ele não pôde antecipar que o próprio Messias seria o sacrifício que viria a descontinuar todos os sacrifícios de animais, que meramente tipificavam a morte de Cristo.

Os homens também começaram a usar os animais no *trabalho*, como se dá especialmente com o burro, com o cavalo e com o boi. E o emprego de animais era vital na agricultura, até serem inventadas certas máquinas agrícolas.

9.3

Ser-vos-á para alimento. Isso é comentado nos vss. 1 e 2. No jardim do Éden tinha havido amor, harmonia, gentileza, bondade e docilidade, entre os homens e os animais. Mas a queda no pecado trouxe a tudo isso a nódoa da crueldade e da exploração, além de exigir o sacrifício de animais. Presume-se que foi a partir daí que os homens também começaram a caçar-se uns aos outros, o que só aumentou a crueldade reinante. "Se o cavalo soubesse de sua própria força, e também a debilidade do miserável ser humano que, sem misericórdia, monta nele, dirige-o, chicoteia-o, esporeia-o e oprime-o, com um único coice haveria de matar seu possuidor" (Adam Clarke, *in loc.*). E esse mesmo autor acrescenta: "Não há nenhuma prova positiva de que os animais tivessem sido usados na alimentação humana *antes* do dilúvio. Noé foi o primeiro a receber licença dessa ordem. . . E não é provável que essa concessão teria sido feita se alguma alteração extraordinária não tivesse ocorrido no reino vegetal, tornando seus produtos menos nutritivos". Como é claro, é possível uma dieta vegetariana, se alguém for dotado dos *conhecimentos* necessários, mas isso não é possessão do homem comum. Também é significativo que a ciência tem podido demonstrar que os problemas cardíacos, em uma grande porcentagem dos casos, originam-se diretamente do uso da carne na alimentação. A gordura animal entope incansavelmente as artérias do corpo humano.

Os intérpretes têm observado que a constituição humana foi grandemente alterada depois do dilúvio, o que é evidenciado pelo fato de que desde então o homem tem vivido uma vida muito mais breve do que no caso dos antediluvianos.

9.4

Carne. . . com sua vida. . . com seu sangue, não comereis. A proibição acerca do uso de sangue na alimentação tem sido uma constante na história dos hebreus. Presume-se que ela tenha começado quando foi permitido que a carne animal viesse a fazer parte da alimentação humana. Em outras palavras, desde o início. Ver Lev. 7.27; 17.10,14; 19.26; Deu. 12.16,23; 15.23; Eze. 33.25. Essa dieta foi imposta aos gentios, por fazerem eles parte do pacto com Noé, e não meramente por parte da lei mosaica. Ver Atos 15.20 e 21.25 nas notas no *Novo Testamento Interpretado*.

Várias razões são dadas pelos intérpretes para essa proibição:

1. Os antigos criam, em algum sentido literal, que o sangue é o agente da vida biológica, mais ou menos como atribuímos isso à alma, a parte imaterial do homem. Logo, seria um sacrilégio beber desse elemento sagrado.
2. Na idolatria, pensava-se que aquele que ingeria o sangue de um sacrifício apropriava-se da vida e do poder do deus sobre cujo altar o sangue fora vertido. Há um antigo hino que diz: "Há poder, sim, poder, só no sangue, só no sangue de Jesus". O que é dito a respeito do sangue de Cristo, era dito acerca do sangue dos animais, por causa de sua conexão com os deuses. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Sangue*. E, dentro do artigo *Expiação*, ver suas seções quinta e sexta, *Sangue* e *Expiação*. Ver também o artigo *Expiação pelo Sangue*
3. Alguns antigos (como também alguns homens modernos, de tribos primitivas) acreditavam ou acreditam que as propriedades de animais, como a força, a resistência e a ferocidade podiam ser transmitidas aos que ingerissem seu sangue. Essa superstição viria a ser combatida na teologia dos hebreus.
4. Razões dietéticas e estéticas. O sangue pode transmitir enfermidades, e não é uma substância agradável ao paladar.
5. Notemos que a palavra "vida" pode ser traduzida como *alma*. Assim, o sangue é vinculado à alma, conforme se vê no primeiro ponto desta série de razões acima. Deus deu a alma, pelo que, esta é *sagrada*. Nenhuma pessoa deveria apropriar-se da substância da alma, devido ao seu caráter sagrado. Esse é um dom especial de Deus, que não foi largado ao controle humano, embora domine sobre tudo mais. Nós aceitamos a questão em um sentido metafórico; mas a antiga teologia dos hebreus, sem dúvida, levava a questão muito a sério, por motivos que não parecem sérios para nós. O trecho de I Samuel 14.31-34 é um comentário sobre a seriedade da questão para a mente hebraica.
6. O sangue sustenta a vida biológica, embora não seja um princípio vivo em sentido metafísico, pelo que não deveria ser sujeitado à humilhação de servir de alimento. Nesses versículos, encontramos o começo da formação dos Dez Mandamentos, anotados com detalhes no artigo sobre esse assunto, no *Dicionário*.

9.5

Requererei. . . o sangue da vossa vida. "Vosso sangue, que é a vossa alma, significa que o sangue é o meio da manutenção da vida animal. Assim, visto ser o sustento da vida de um homem, um *animal* que chegasse a derramá-lo tornava-se culpado, devendo ser morto. Mais ainda, deveriam ser mortos os animais que caçassem seres humanos. Desse modo, foi baixada a ordem de serem extirpados os animais carnívoros, em um tempo em que os animais mais pacíficos haviam sido salvos da extinção. . . As palavras *da mão do homem* nada têm que ver com o vingador do sangue. O parente próximo figura aqui como o matador, e o mandamento requer que até mesmo este não deveria ser poupado" (Ellicott, *in loc.*). O vs. 6 dá o mandamento geral contra o homicídio. Alguns eruditos pensam que a palavra *homem*, que figura por duas vezes no texto, na nossa versão portuguesa, fica melhor do que a palavra "irmão", que aparece em outras versões, um conceito não bem recebido no judaísmo, posto que honrado no cristianismo. De acordo com esse ponto de vista, não estaria especificamente em vista um vingador que fosse parente de uma vítima. Seja como for, *qualquer forma* de execução capital de um homem é aqui proibida. Também devemos incluir aqui a questão da execução capital de criminosos. Isso também foi mais completamente regulamentado na lei mosaica. Todos os seres humanos são nossos irmãos, mas alguns erram e cometem homicídio. Esses devem ser mortos, por causa de seu crime hediondo.

9.6

Se alguém derramar o sangue. . . pelo homem se derramará o seu. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Homicídio*. Essa ordem tornou-se o sexto artigo dos Dez Mandamentos. A dignidade do homem, que foi criado à imagem de Deus, não permite que alguém cometa impunemente o pecado capital, o homicídio. A declaração parece ser uma antiga expressão judicial que sugere que esse crime vinha sendo repudiado desde os tempos mais remotos. Coisa alguma é dita sobre tirar vingança desse tipo de crime, embora a questão seja elaborada com detalhes pela legislação mosaica. Alguns sugerem que a pena máxima só deve ser imposta no caso de assassínio, mas as leis de muitos países ao redor do mundo requerem a pena capital para outros crimes, como é o caso do crime de traição, mormente em tempos de guerra. Por igual modo, o sequestro é algumas vezes castigado com a pena de morte. Contrariamente ao que dizem alguns, a pena de morte não existe somente para impedir o crime, mas também para fazer *justiça*. Ver no *Dicionário* o artigo *Punição Capital*.

Matando Espiritualmente

Senhor, disse eu, Eu jamais mataria outro homem!
Crime tão grande é próprio de uma fera,
Resultado nocivo de uma mente maldita,
Ato ultrajante da pior espécie.
Senhor, disse eu,
Eu jamais mataria outro homem!
Ato desprezível de ira sem misericórdia,
Golpe irreversível de tendência perversa,
Ato impensado de um ímpio desígnio.
Disse-me o Senhor:
Palavra violenta a uma vítima, tu desdenhas,
É um dardo que inflige dor sem misericórdia.
A maledicência corta um homem pelas costas,
Um ato covarde que não se pode mais retirar.
Ódio no coração, ou inveja que erga a cabeça,
É desejo secreto de ver alguém morto.

(Russell Champlin)

Caim recebeu sentença perpétua. Mas outros homicidas terão de receber a pena capital.

9.7

Mas sede fecundos e multiplicai-vos. Reitera-se o primeiro versículo do capítulo, o qual, por sua vez, repete a ordem original, dada a Adão (Gên. 1.28, onde a questão é comentada).

Os Sete Preceitos Originais. Esses preceitos foram entregues a Adão e a Noé, e, então foram incorporados à legislação mosaica. Seis foram dados a Adão; sete, a Noé. Esses sete são os seguintes: 1. idolatria; 2. blasfêmia; 3. homicídio; 4. imoralidade; 5. furto; 6. justiça quanto aos crimes; 7. não comer parte do corpo de um animal, enquanto esse animal estiver vivo. Assim pensavam antigos intérpretes hebreus, embora não apareça isso no texto do Antigo Testamento, com tanta precisão, em relação a Adão e a Noé.

O Pacto Noaico (9.8-19)

9.8

Aqui nos são dadas as provisões desse pacto, sobre o qual comentei em esboço nas notas sobre Gên. 6.18. Ver também no *Dicionário* o artigo *Pactos*. Nenhuma exigência é imposta ao homem, a menos que isso seja entendido como a questão da procriação, um dever sagrado, sem o qual não poderia haver pacto.

9.9

Convosco e com a vossa descendência. Os intérpretes judeus aplicam esse pacto aos gentios, visto que somente muitos séculos mais tarde Deus estabeleceu pactos com Moisés e com o povo de Israel. O espírito dessa interpretação foi aplicado ao concílio de Jerusalém, o primeiro concílio ecumênico da Igreja cristã (Atos 15.28 ss.). Ver outros comentários no parágrafo inicial sobre o nono capítulo.

Este texto lança olhos até ao fim da atual humanidade, de acordo com a vontade divina. As promessas incondicionais de Deus sublinham a vida e a sociedade humana. Deus é o Criador e Sustentador de toda vida. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Teísmo*. O homem é ignorante e tolo, mas a vontade de Deus continua a operar. *Elohim* é uma das partes do pacto, e esse é o mesmo nome que foi dado ao Criador. Até os animais foram beneficiados por esse pacto (vss. 10 e 11).

9.10

Com todos os seres viventes. As promessas passadas providenciavam em favor de todas as criaturas vivas. Todas as criaturas que entraram na arca, e depois dali saíram, participam das provisões do pacto noaico. Deus (Elohim) cria; Deus (Elohim) protege e preserva. Haveria ainda muitas catástrofes, mas nada tão universal que viesse a anular a benevolência de Deus para com todos. Deus amou ao mundo (João 3.16), mas este versículo e o trecho de Jonas 4.11 mostram que o amor de Deus envolve os próprios animais. Esse tem sido um fato constante, enfatizado no livro de Gênesis até este ponto. Posteriormente, homens têm excluído até outros *homens* como objetos do amor de Deus, para nada dizermos sobre os

animais. Podemos concluir daí que *a vida inteira* é sagrada, porquanto Deus tanto a ama. Talvez os hindus tenham algo para ensinar-nos aqui, mostrando-se mais próximos do espírito do livro de Gênesis, quanto a este particular, do que a nossa civilização ocidental. No *Dicionário* ver o artigo intitulado *Reverência pela Vida.* Deus interessa-se até mesmo pela queda de um pardal (Mat. 10.29).

9.11

Não Haverá Mais Dilúvios. Parte das provisões do *Pacto Noaico* (ver informações a respeito nas notas sobre Gên. 6.18) é que nunca mais haveria destruição universal por meio de um dilúvio. Autores cristãos fnsam que a próxima grande destruição ocorrerá por meio do fogo, uma pequena consolação (II Pedro 3.10). O propósito da renovação, sob Noé, era que a ordem natural das coisas fosse restabelecida, e que cada espécie de vida pudesse seguir a ordem natural de desenvolvimento. O texto subentende que a *enormidade* do que sucedeu no dilúvio foi demais, mesmo para a mente divina (naturalmente, devemos pensar aqui em uma linguagem antropomórfica). A natureza produz periodicamente (talvez a cada dez mil anos), uma mudança dos pólos, e isso provoca catástrofes quase universais; todavia, por enquanto, pelo menos, continuamos em descanso. Ver no *Dicionário* o artigo *Pólos, Mudança dos.* Alguns têm previsto outra grande destruição, resultante da mudança dos pólos, para nossos próprios tempos, talvez como parte da Grande Tribulação ou dos acontecimentos logo depois dela mesma (Mat. 24.29).

9.12

O sinal. A promessa de que nunca mais haveria dilúvios universais ou quase universais é escudada por um sinal, a saber, o arco-íris, tal como o sinal do Pacto Abraâmico foi a circuncisão. Ver no *Dicionário* o artigo sobre o *Pacto Abraâmico.* O sinal teria vigência para Noé e para todas as gerações vindouras. Ver o termo hebraico aqui traduzido por "sinal", nas notas sobre Gên. 17.11, Êxo. 3.12; 12.13; Núm. 17.10, Jos. 2.12 e 86.17 Esse vocábulo pode dar a entender um milagre, embora não seja esse o caso do presente texto. Alguns intérpretes dramatizam o texto, imaginando Noé, o coração tomado pelo temor, pensando que o terrível acontecimento poderia ocorrer de novo. Mas eis que então apareceu o arco-íris no céu. E então lhe diz a voz divina: "Estás vendo o arco-íns? Faço agora dele um sinal de segurança. Põe fim aos teus temores!". Quão frequentemente precisamos ouvir a voz divina, para que nos desfaçamos de nossos temores. A benevolência de Deus é grande, mas nossa fé nem sempre se mostra receptiva, e para o frágil ser humano os temores são algo natural e constante

9.13

O meu arco. Isso não quer dizer que antes do dilúvio não aparecesse o arco-íris, mas somente que, agora, tornava-se um sinal do pacto de Deus com Noé, espantando os temores sobre outro grande dilúvio que viesse afligir os homens. O arco-íris eleva-se no céu, como símbolo do amor de Deus que abrange a tudo, de oeste para leste e de norte para sul, em sua benevolência. O termo hebraico correspondente, usado aqui e em outros lugares, sempre fala sobre o arco do arqueiro, fazendo lembrar aquela arma de guerra. Talvez esse *arco* remonte às antigas lendas de que os relâmpagos são armas usadas pelo Senhor (Sal. 7.13; 18.14; Hab. 3.11). Se essa é a alusão aqui em pauta, então aprendemos que nem todos os arcos e flechas do Senhor são mortíferos instrumentos de destruição. Bem pelo contrário, *este arco* serve de símbolo de Sua bondosa providência. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Providência de Deus.*

Os expositores da Bíblia têm descoberto que o arco-íns, como uma *arma divina*, acha-se nas lendas de muitos povos. A história da criação dos babilônios imaginava o arco de Marduque sendo usado contra Tiamate, e esse ato de violência foi fixado nos céus sob a forma de uma constelação. O arco-íris também aparece na crônica seguinte:

> *De longe a grande deusa* (Istar), *aproximando-se,*
> *Ergueu os poderosos arcos (o arco-íns) que Anu criara para sua glória.*
> *Que eu nunca esqueça o cristal daqueles deuses.*
>
> (Gên. Cald. par. 287)

O "cristal" aqui referido também é uma referência ao arco-íris. Ficamos assim sabendo que a mente dos antigos encantava-se diante do arco-íris, o qual também era temido, pois sempre aparecia em conexão com tempestades, às quais muitos povos antigos atribuíam poderes divinos. Como é óbvio, os antigos não sabiam que o arco-íris é um fenômeno natural, devido à refração dos raios de sol sobre partículas de água. Mas mesmo sabedores disso, maravilhamo-nos diante do arco-íris e de sua beleza.

Meu arco, o sinal divino, algo natural, mas usado como símbolo de uma promessa sobrenatural. Os gregos chamavam o arco-íris de filha de *Thaumas* (Admiração), e viam nele algo de divino (Platão em *Theaetus*, Plutarco de Placit). ". . pois embora seja um arco, ainda assim não tem flechas, e não está voltado para baixo, na direção da terra, mas para o alto, na direção do céu, servindo assim de emblema de misericórdia e bondade, e não de ira. . " (John Gill, *in loc.*). Na verdade, o *arco* aponta para o céu, e não ameaçadoramente para a terra.

9.14

Surgem as nuvens, e, com elas, a ameaça de tempestade. Mas então aparece o arco-íris, emblema da paz. *Sempre* há um arco-íris em meio à ira de Deus. O juízo divino é remedial, e não meramente retributivo. Ver I Pedro 4.6 e também, no *Dicionário,* o artigo *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos.*

Tomás de Aquino declarou que o *desespero* é o mais mortífero de todos os pecados, pois leva um ser humano a afundar em sua própria depravação e no torpor moral. Os homens duvidam de que Deus, finalmente, fará o bem, e desistem de combater contra as forças do mal. Os teólogos medievais usavam o termo *acedia* a fim de indicar certa forma de desespero que tomava conta dos homens e os tornava pessimistas. No deserto, o povo de Israel viu-se acossado por esse mal (Êxo. 17.3). Mas as grandes almas não cedem diante da maldade geral e do enfado. Elas trazem o arco-íris em sua mente e em seu coração. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pessimismo.*

Refinamentos Judaicos. A mente judaica simplesmente nunca resistia à tentação de ver grandes mistérios e ensinos nas coisas mais insignificantes. Assim também aqui, *cada cor* do arco-íris revestir-se-ia de algum significado especial E até intérpretes cristãos dão-se ao trabalho de fazer aquelas *cores* representar várias *dispensações.* Ou então, de acordo com outros, tal como há muitas cores no arco-íris, assim também a providência de Deus é multifacetada. Além disso, Cristo é o Sol que rebrilha sobre todas as nossas dificuldades, pecados e depravação, fazendo tudo irradiar esperança. O pacto da graça tem suas muitas facetas, suas muitas cores, que exprimem misericórdia, amor, paz, salvação, bem-estar espiritual etc. O trecho de Apo. 10.1 emprega o arco-íris como uma das glórias de um poderoso anjo de Deus. Ver as notas sobre esse trecho, no *Novo Testamento Interpretado,* onde o símbolo é plenamente explanado.

Implicações Messiânicas. Entre os judeus havia uma afirmação que estipulava: "Enquanto não virdes o arco-íns com suas cores luminosas, não espereis os pés do Messias, em Sua vinda" (Tikkune Zohar correct. 18. foi. 32).

9.15

Então me lembrarei da minha aliança. Deus nunca se esquece de Sua criação, querendo-lhe o bem, e não o mal. Ver no *Dicionário* o artigo *Amor.* Essas lembranças de Deus incluem a promessa de que "não haveria mais dilúvios", reiterando assim o vs. 11, onde há notas sobre essa idéia. Aqui, o arco-íris simboliza a memória divina, que traz alívio e ajuda, bem no meio das tempestades que ameaçam o nosso bem-estar. Nossa base de esperança está sempre em Deus, pelo que ela é sempre segura e eficaz. A presunção, o pecado e o desespero dos homens ocultam tudo isso, mas não poderão prevalecer, afinal, contra esses fatos.

9.16

O arco estará nas nuvens. Isso repete, para efeito de ênfase, o que se lê no vs. 14, onde a idéia é comentada. Onde houver a tribulação e o desespero, *exatamente ali* residirão a esperança e a bondosa promessa de Deus. "Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel, e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar" (I Cor. 10.13).

Aliança eterna. Aqui é dito que o Pacto Noaico (anotado em Gên. 6.18) é eterno, aplicando-se a *todos* os seres vivos. Deus nunca se esquece; antes, Ele se lembra. O homem contempla o arco-íris e então *lembra-se* da bondade de Deus, a qual é perene e nunca diminui. O homem é que se esquece de ser bom. O Pacto Noaico não envolve condições, e vai além das habilidades humanas.

9.17

Disse Deus. Temos aqui: 1. Uma linguagem alegórica; 2. uma linguagem antropológica; 3. uma manifestação do Logos ou Verbo, no Antigo Testamento; 4. uma teofania; 5. mera linguagem poética; ou 6. uma experiência mística de alguma espécie (ver no *Dicionário* acerca do *Misticismo*). A voz divina prevalece ao longo das Escrituras, pois Deus criou e continua cuidando de Sua criação. Ver no *Dicionário* o artigo sobre o *Teísmo*, que contrasta com o *Deísmo.*

O sinal da aliança. Outro tanto fora dito no vs. 13, onde a questão foi comentada. *Todos os seres viventes*, uma vez mais, figuram como o objetivo da misericórdia eterna de Deus.

A Ilíada de Homero (xi. vs.27) tem um paralelo interessante em relação ao livro de Gênesis:

> *. . . como o arco-íris do filho de Saturno,*
> *posto nas nuvens, como sinal à humanidade.*

Naquela obra, o arco-íris aparece no peitoral de Agamenom, em várias cores, em imitação a um arco-íris. Nos escritos de Virgílio temos algo similar: "Juno, a filha de Saturno, enviou o arco-íris do céu". O arco-íris, dentro da literatura dos gregos e dos romanos, servia de aviso, de sinal e de portento.

Na antiga literatura chinesa, o alegado primeiro imperador, *Fohi*, filho do Céu, não teve pai; mas sua *mãe*, ao caminhar à beira de um lago, perto de Lanthier, pôs o pé sobre uma grande pisada humana, impressa na areia; e então, dessa pisada emanou um arco-íris, e essa bela criação foi levada até *Fohi*, que muito se deleitou com ela.

A Maldição contra Canaã (9.18-19)

Esses dois versículos preparam-nos a mente para a tabela das nações (Gên 10) que mostra como, a partir de tão poucas pessoas, o mundo foi repovoado, havendo então um novo começo, similar ao que teve início com Adão. Bem tênues caracterizações são dadas aos três filhos de Noé, e, presumivelmente, aos seus descendentes. A tabela das nações é introduzida com a triste história da embriaguez de Noé. A partir desse incidente, características raciais parecem ter sido determinadas por decreto divino. E assim, a história de Noé tenta agora explicar certos *começos* que são um tema tão comum nos primeiros capítulos do livro de Gênesis.

Esta seção tem por intuito salientar especificamente a origem da maldição contra Canaã. Esta passagem, pois, dá-nos razões pelas quais os cananeus sempre foram tão amargos adversários do povo de Israel. O problema todo começou com Cão e seu filho, Canaã. A linhagem de Abraão começou com Sem, pelo que aqui, uma vez mais, temos uma divisão, como aquela que separou Caim e Sete, desta vez entre Canaã e Sem.

Sem, Cão e Jafé. Ofereço artigos sobre cada um desses filhos de Noé, em Gên. 5.32. Embora Canaã não fosse o filho mais velho de Cão, foi sobre ele que recaiu especificamente a maldição de seu pai; e isso estendeu-se a todos os seus descendentes. Um novo começo logo foi maculado por uma nova maldição.

9.18

Canaã. Ver em Gên. 9.22 as notas sobre ele; e, no *Dicionário*, acerca do povo e do território de Canaã.

9.19

Os três filhos de Noé; e deles se povoou toda a terra. O autor sacro antecipa aqui a tabela das nações, do décimo capítulo do Gênesis. Ver Gên. 10.1 quanto ao artigo sobre esse assunto, mas principalmente a quinta seção, onde oferecemos um gráfico a respeito. Para muitos intérpretes, a palavra *toda*, neste caso, significa "o mundo bíblico", e não o inteiro globo terrestre, que tem tido povos não antecipados nas informações supridas na tabela das nações. Mas há estudiosos que insistem em que essa lista envolve todos os antepassados dos povos atuais. Detalhes como esses são mais bem abordados dentro do artigo dado e nos comentários que explicam os vários nomes próprios que aparecem no décimo capítulo de Gênesis. Ver também os artigos sobre cada um dos filhos de Noé, em Gên. 5.32.

Outros Filhos? Porventura Noé teve outros filhos que acabaram perecendo no dilúvio, ou tais pessoas entraram na arca mas não são mencionadas nas Escrituras? O trecho de Gênesis 5.30 diz que ele teve filhos e filhas, antes de terem nascido Cão, Sem e Jafé; mas quando ele estava com quinhentos anos de idade (antes da eclosão do dilúvio), apenas três filhos são mencionados. Ninguém pode ter certeza disso, porém. Ver as notas sobre Gên. 5.32.

Últimos Dias de Noé: Agricultor e Cultivador da Uva (9.20)

9.20

Noé. . . passou a plantar uma vinha. Noé tornou-se agricultor, mas principalmente viticultor. Algumas traduções dizem aqui "lavrador do solo". Foi por causa desse trabalho que acabou ocorrendo sua grande queda, ou seja, ele abusou de seu mister, embora tal ocupação, por si mesma, fosse legítima. O texto parece indicar que Noé foi o primeiro homem a cultivar a vinha. Jesus usou essa profissão a fim de ilustrar a comunidade divina, em contraste com os que estão fora dessa comunidade. Ver o décimo quinto capítulo de João. Naquela metáfora, o próprio Jesus aparece como *a vinha*, ao passo que o Pai é o *viticultor* (a mesma profissão de Noé). Noé, ao escolher esse trabalho, cumpriu a profecia de Lameque que supunha que, em seu filho, Noé, eles haveriam de *estabelecer-se*, revertendo assim o nomadismo prevalente na época. Lameque é retratado como o originador desse tipo de vida. Mas outros pensam que o nome "Noé" significa "aquele que traz a paz", porquanto através dele veio o juízo divino que conferiu paz mediante a eliminação do mal. Ver as notas sobre Gên. 5.19 sobre essas questões. Adão também havia sido viticultor, mas isso no antigo mundo. No novo mundo (após o dilúvio), foi Noé quem começou de novo essa profissão. Ele já tinha exercido a profissão no mundo antigo.

Antigos escritores judeus creditaram a Noé a invenção de novos instrumentos agrícolas (*Zohar*, apud Hottinger, Smegma Oriental, par. 253), mas quanto a isso não há informações precisas. Esses autores também deram detalhes igualmente incertos, como a idéia de que suas videiras não ficavam longe do monte Ararate, pois ali mesmo ele começara a cultivar o solo. Estrabão informa-nos de que na Armênia não se cultivava a vinha. No entanto, no século XIX e hoje em dia há grandes áreas cobertas de videiras na Armênia. Contudo, é impossível localizarmos que área poderia estar em foco, e nem a questão reveste-se de importância.

9.21

Embriagou-se. Noé era um homem justo e perfeito, e que andava com Deus (ver as notas sobre Gên. 6.9), mas caiu em um estúpido lapso. O lance tem múltiplas aplicações: a vida de agricultor e viticultor, talvez uma vida tediosa, provê um terreno fértil para tentações que busquem aliviar o tédio. Somos assim ensinados que até mesmo o mais piedoso dos homens pode cair, de súbito, em alguma desgraça. Os aspectos do alcoolismo, da possível perversão sexual e da impiedade filial são aqui enfatizados. Aqueles que subjugaram o solo, com grande esforço, não conseguiram subjugar completamente a si mesmos, sendo essa, afinal, a batalha mais árdua de todas. O viticultor participou livremente demais do resultado do labor de suas próprias mãos. Essa é a mais comum tentação dos abastados. A ganância apossa-se do coração de um homem que prospera, e ele acaba esquecendo-se de seus ideais originais. E assim acaba servindo mais a si mesmo do que a Deus e ao próximo. O missionário que se atirara ao campo, com grande dedicação, acaba por construir uma mansão para si mesmo, em vez de usar seu dinheiro na obra do evangelho. O pastor termina por interessar-se mais em construir para si mesmo uma bela residência do que em cumprir o seu dever.

"O mesmo indivíduo que se mostra magnificente quanto às suas atividades públicas, pode cair em ignomínia, em sua vida particular. Sansão era invencível contra os filisteus, mas não tinha defesas contra Dalila. Antônio tinha um império nas mãos, mas perdeu-o devido aos ardis de Cleópatra" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*).

O homem que era poderoso na obra do Senhor, sempre obediente, justo e perfeito, agora jazia sobre seu leito, embriagado e desnudo. Ele havia podido controlar todas as suas situações, mas havia uma falha em seu domínio próprio. Ademais, o sucesso não serve de garantia contra as falhas e as quedas pessoais.

O *alcoolismo* é uma das maiores maldições do mundo, afetando cerca de vinte por cento da humanidade. Seus efeitos são muito piores que os de outras *drogas*, pois o álcool não passa de uma droga. Certa produção teatral, intitulada *Pastos Verdejantes*, ilustra de modo singular as tentações próprias do alcoolismo, e, embora não acompanhe de perto a história de Noé, mesmo assim é instrutiva. Ali, Noé aparece a pedir ao Senhor que lhe permita tirar da arca alguma bebida alcoólica, de fato, dois barriletes. Mas por que dois? Porque queria pô-los cada um ao lado do bote, para conferir-lhe um melhor equilíbrio. Mas teve permissão de tirar apenas um barrilete, que pôs no meio do bote. E ali estava o barrilete, tentando Noé e seus filhos, por estar ao alcance fácil deles. Bebidas alcoólicas são guardadas no refrigerador, sujeitando os membros de uma família a uma constante tentação. Outrossim, isso ensina às crianças que é correto dispor de alguma bebida alcoólica e ficar provando de vez em quando um trago. Isso, por si só, indica alcoólatras em treinamento. As pessoas costumam dizer que são fortes e exercerão moderação, mas uma coisa que as pessoas não são é fortes. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Alcoolismo*.

E se pôs nu. Há muita vergonha refletida nessas palavras. O homem justo jazia ali, bêbado e despido. Todo pecado nos desnuda e nos expõe ao ridículo. Ellicott revela que o original hebraico é enfático aqui: "descobriu-se a si mesmo", e isso por uma "quebra voluntária da modéstia". Adam Clarke, entretanto, procurou desculpar a Noé, afirmando que nunca antes tinha sido produzido o vinho, e que, assim sendo, Noé foi tomado de surpresa. Uma bela desculpa, mas não muito provável. Naturalmente, é verdade que, algumas vezes, o pecado nos toma fora de guarda, ou por sermos ignorantes, ou porque há algum ponto vulnerável, quando nos mostramos mentalmente lerdos.

9.22

Cão. . . fê-lo saber. . . a seus dois irmãos. O texto não subentende a idéia de homossexualidade. Antes, Cão achou graça na situação, e apressou-se para compartilhar da piada. Na antiga sociedade hebraica, ver a nudez de pai ou mãe

era considerado uma calamidade social muito séria, e um filho ou filha ver tal nudez *propositadamente* era um lapso sério da moralidade filial. Portanto, Cão errou gravemente, de acordo com os padrões de sua época. E não somente errou pessoalmente, mas também correu até seus irmãos, fazendo do incidente um motivo de riso. Sua estupidez interior, pois, não tardou a manifestar-se sob a forma de um ato estupido. Como é óbvio, o problema começou com o lapso de Noé; mas o dever filial ditava que um filho deveria tentar reparar a falha, e não promovê-la. Mas os outros dois filhos de Noé procuraram corrigir a situação (vs. 23). Quão frequentemente o pecado passa de pais para filhos. Um pai deve a seus filhos três coisas: Exemplo! Exemplo! Exemplo! Toda espécie de lenda desenvolveu-se em torno de Cão, apresentando-o como homem ímpio, imodesto e libertino. Alguns têm chegado a dizer que ele se tornou um mágico, que se envolveu na magia negra, pelo que se tornou corruptor da moral. O relato bíblico tem sido acrescido por detalhes crus e inocentes, como aquele que fala em um ato homossexual, ou então aquele que diz que Cão, aproveitando a oportunidade, castrou seu próprio pai! Todos esses acréscimos, entretanto, são fantasiosos. Todavia, não têm fim as histórias que têm sido adicionadas ao relato bíblico.

O *vinho* era usado para animar o coração (Jui 9.13; Sal. 104.15), como também para aliviar a dor das maldições (Pro. 31.6), mas em todos os períodos da história os homens têm perdido o controle no uso do vinho. Mediante os estudos científicos modernos, sabemos que um copo de vinho por dia reduz a taxa de colesterol no sangue, agindo isso como um tranqüilizante suave, pelo que pode prolongar a vida por diversos anos. O próprio Paulo recomendou a Timóteo que tomasse um pouco de vinho, e isso com um propósito específico (I Tim. 5.23). Aos anciãos das igrejas recomendou-se que fossem moderados no uso do vinho, e não que fossem totais abstêmios (Tito 2.3). Não obstante, é melhor não ter vinho algum para consumir.

Cão, pai de Canaã. A maldição caiu sobre Canaã (vs. 25). O nome *Canaã* parece significar "pertencente à terra da púrpura-vermelha". Ele era filho de Cão e neto de Noé. A transgressão de seu pai, Cão, relatada em Gênesis 9.22-27, na qual, segundo alguns pensam, Canaã esteve envolvido de alguma maneira, deu a Noé ocasião para proferir a condenação que sobreviria aos descendentes de Canaã. Porém, não há base nenhuma para a suposição de que os descendentes de Canaã tivessem sido amaldiçoados como conseqüência imediata da transgressão de Cão. De qualquer modo, ele foi o progenitor dos *fenícios* e do povo que vivia a oeste do rio Jordão, antes da conquista da região pelo povo de Israel (Gên. 10.15; I Crô. 1.13).

9.23

Tomaram uma capa. Sem e Jafé evitaram cuidadosamente cair no mesmo erro de Cão, tomando uma capa e entrando de costas na tenda de Noé, de rosto virado, para que não vissem a nudez de seu pai. Conseguiram seu intento e cobriram a nudez de seu pai. Dessa forma, cumpriram seu dever filial, observando as normas da decência, conforme eles e sua sociedade compreendiam a questão. O contraste da atitude deles com a atitude de Cão foi violenta e, assim como os descendentes de Canaã sofreriam castigo, os descendentes de Sem e de Jafé seriam abençoados. O pecado fizera descer o nível de decência a um ponto perigoso. Mas aqueles dois filhos de Noé preservaram a santidade da família, até onde lhes foi possível remediá-la.

Capa. Provavelmente a capa externa e solta, que era grande o bastante para envolver o corpo inteiro de uma pessoa.

9.24

Noé. . . soube o que lhe fizera o filho mais moço. Só podemos supor que alguém mais tarde tenha contado a Noé o acontecido. Aqui a imaginação dos homens corre solta. Alguns pensam que ele notou que havia sido violentado! Ou notou que havia sido castrado! Ou soube que Cão havia violentado sua própria mãe, ao saber que seu pai jazia na tenda embriagado! As palavras *mais moço*, nessa declaração, significam literalmente "o pequeno", mas trata-se de um termo usado para indicar alguém mais jovem que outrem, segundo se vê em Gên. 42.34; 43.29 e I Sam. 16.11. Visto que Cão não era o filho mais jovem, pois o mais novo era Jafe, alguns eruditos supõem que *Canaã* é que esteja em vista, e que este versículo *sugere* que Canaã, de algum modo indefinido tenha participado do ato indecente. Jarchi pensava que "pequeno" tem um sentido metafórico, como "desprezível", ou "de pouca importância espiritual" etc. Mas o próprio texto sagrado não dá nenhum indício nesse sentido, nem em favor de muita coisa que tem sido adicionada ao texto sagrado. Alguns estudiosos pensam que a listagem dos filhos, em Gên. 5.32, onde Jafé aparece como o filho mais novo, na verdade não teve por finalidade ensinar isso, porquanto a ordem de menção teria sido meramente circunstancial, e não cronológica. Talvez Sem apareça ali em primeiro lugar por causa de alguma proeminência que ele tivesse. Abundam conjecturas, tentando resolver a aparente discrepância entre aquele versículo e este. Mas a questão não se reveste de importância.

9.25

Maldito seja Canaã. O texto sagrado não esclarece por que Noé amaldiçoou Canaã, e não o próprio Cão. Já expus várias conjecturas a esse respeito. Mas podemos ter certeza de que, quando um *filho* é amaldiçoado, seu pai também é devidamente amaldiçoado. Talvez tudo quanto esteja envolvido aqui era que a maldição de Cão deveria expressar-se na *linhagem de Canaã,* e não através de qualquer outra linhagem da qual ele também foi o progenitor.

Na antiga cultura dos hebreus, as maldições e as bênçãos lançadas por pai ou mãe eram levadas muito a sério, e todos esperavam que elas se cumprissem. Era importante um homem receber a bênção de seu próprio pai, sobretudo quando este estivesse em seu leito de morte. E era vital evitar a maldição do próprio pai. Pois o pai, sumo sacerdote de sua família, tinha poderes que permitiam pôr em ação coisas boas ou coisas más, que afetariam não somente seus filhos diretos, mas também os descendentes *destes*.

Dentro do contexto histórico, essas palavras têm por intuito explicar o sucesso de Israel na subjugação dos cananeus, além de emprestar autoridade divina a essa conquista. Aquela linhagem havia sido amaldiçoada por causa de impiedade filial.

De acordo com as explicações ditadas pelo racismo, há a fantástica explicação que diz que Cão tornou-se um negro, e que os descendentes de Cão são os africanos de tez negra. E isso explicaria sua lenta marcha para a civilização, bem como todo o tráfico negreiro!

O Preconceito Racial. Como é evidente, essa forma de preconceito faz parte inerente do texto. Uma longa história de ódio foi assim posta em movimento, que atuava em ambos os sentidos: Israel contra Canaã, e Canaã contra Israel. Os homens sempre podem encontrar algum texto de prova que justifique o seu ódio. O ódio teológico é a mais virulenta das malquerenças. É triste ver que a Bíblia parece valer-se disso. As pessoas odeiam diferenças. Para a mente preconcebida, *diferente* é sinônimo de *errado*. Todos nós, em algum sentido, somos afligidos por essa forma de *doença*. A mente humana vive receosa do que é estranho, e aqueles que têm pensamentos e crenças diferentes tornam-se estrangeiros em meio à sua própria gente. Os preconceitos, de natureza racial ou outra, sempre tornam-se piores quando também envolvem a questão religiosa. A partir daí, as pessoas começam a fazer campanhas de ódio, como se assim estivessem servindo a Deus. Não obstante, os *prisioneiros* da mente são, na verdade, prisioneiros, e são dignos de lástima, como qualquer outro prisioneiro. Algumas das mais importantes personagens religiosas do mundo têm odiado, perseguido e até mesmo assassinado seus *opositores*, e isso tem acontecido até mesmo em círculos protestantes, e não apenas em círculos católicos. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Intolerância*.

Seja servo dos servos. Os mais abjetos escravos, explorados e espezinhados. Alguns estudiosos têm sugerido aqui uma explicação metafórica. Quando examinamos as páginas da história, parece que tal maldição não atuou, a não ser no caso da conquista de Canaã. Talvez o texto sagrado queira dizer que aquela gente tornou-se escrava dos ídolos, ou seja, escravos espirituais, decadentes e corruptos. "A religião dos cananeus silenciava todos os melhores sentimentos da natureza humana, degradando a mente dos homens mediante uma superstição ao mesmo tempo cruel e devassa" (Cruezer, *in loc.*).

9.26

A Linhagem de Sem Foi Abençoada por Causa de Deus. Abraão, e também o Messias, nasceriam dentro dessa linhagem, fazendo contraste com os ímpios cananeus. Israel conquistaria Canaã. Surgiria em cena uma nova nação que seria o veículo da mensagem espiritual. A Bíblia traça uma linha divisória precisa entre a espiritualidade e a iniqüidade, a primeira própria de Sem, e a outra própria de Canaã.

O que parecera ser um incidente trivial para Cão, até mesmo um motivo de piadas, tivera as consequências mais sérias. Jamais deveríamos brincar com o pecado. A disposição de Cão, diante daquilo que, provavelmente, lhe parecera ser um ato inconsequente, produziu para ele os frutos mais amargos. Israel matou trinta reis cananeus, capturou suas cidades e fez dos gibeonitas lenhadores e puxadores de água, reduzindo-os à servidão. Que atividades horrendas! tudo parte da maldição. Os críticos sentem-se abismados diante da mentalidade que atribui tudo isso a Deus. Mas os defensores da idéia de maldição vêem a justiça divina no episódio.

9.27

Engrandeça Deus a Jafé. Jafé tinha agido retamente no tocante a seu pai, e assim seu pai também lhe foi benigno. *Engrandeça*, neste caso, subentende conquistas territoriais. Os comentadores indicam a Europa, a Ásia Menor, a Média, a Ibéria, a Albânia, a Índia e parte da Armênia como terras que foram concedidas aos descendentes de Jafé. Alguns chegam a incluir aí o continente *americano*, por causa das migrações de tantos europeus para ali! Além disso, espiritualmente falando, em consonância com alguns estudiosos, temos a propagação fácil

do evangelho nessas terras, o que aponta para uma bênção espiritual especial, que acompanha outras vantagens.

Habite ele nas tendas de Sem. Uma referência obscura que tem sido variegadamente interpretada. Em certo sentido, *Sem* (que inclui a linhagem judaica) é que habita nas tendas de Jafé, porquanto o povo de Israel tem sido disperso entre as nações gentílicas, mormente as da Europa. Em um sentido religioso, porém, a bênção de Sem foi estendida a Jafé, por meio do cristianismo, e os judeus são agora abençoados por meio da Igreja. Ou então, Jafé habita (como participante) na tenda de Sem, porquanto alicerça seu processo histórico espiritual (o cristianismo) sobre o judaísmo. Talvez tudo quanto o texto pretenda dizer é que Sem e Jafé teriam intercomunicação racial, compartilhando, por assim dizer, da habitação uns dos outros. "Isso significa que os jafetitas conviveriam com os semitas de acordo com condições amigáveis, e não que os jafetitas desapossariam os semitas de seus territórios" (Allen P. Ross, *in loc.*), opinião essa que, provavelmente, está com a razão.

Canaã, porém, sofreria diante da opressão causada pelos jafetitas, e não somente pelos semitas, conforme a porção concludente do versículo deixa claro.

A Propagação dos Jafetitas. Adam Clarke fez um interessante comentário sobre a Inglaterra, um daqueles lugares onde os descendentes de Jafé têm sido abençoados e têm prosperado:

". . .as ilhas britânicas, que dentre todas as nações debaixo do céu têm a mais pura luz da revelação divina, bem como os melhores meios de difundi-la, têm-se empenhado muito mais em propagar suas conquistas e aumentar o seu comércio do que em anunciar o evangelho do Filho de Deus. Mas essa nação, ao traduzir a Bíblia para todos os idiomas vivos, enviando-a, então, a todas as partes do globo habitado, e mediante suas várias sociedades missionárias. . . está redimindo rapidamente o seu caráter, tornando-se grande em bondade e benevolência sobre a terra inteira!" Podemos tolerar o marcante nacionalismo de Clarke, pois há alguma verdade em seu comentário. Naturalmente, o maior poder missionário da atualidade são os Estados Unidos da América do Norte, nação filha da Inglaterra.

9.28,29

Novecentos e cinqüenta anos. Apesar de sua mui longa idade, o período de vida dos seres humanos estava decaindo rapidamente. Sem só viveu até os seiscentos anos; Pelegue, até os duzentos e trinta e nove anos. Noé viveu vinte anos mais do que Adão, e só perdeu para Metusalém por dezenove anos. Ele viveu o bastante para ver o novo mundo totalmente corrompido, revertendo essencialmente a razão para o dilúvio. A violência retornou como se nunca tivesse estado ausente. Alguns estudiosos calculam que ele tenha vivido até trinta e dois anos antes do nascimento de Abraão, e alguns antigos intérpretes judeus supunham que ele tivesse vivido até Abraão chegar aos seus cinqüenta e oito anos de idade. Noé continuou a procriar, provavelmente tendo gerado muitos filhos, considerando os anos que lhe restaram para isso.

E morreu. Chegou o seu tempo. Ver as notas sobre Gên. 5.30, que têm aplicação a este ponto. As tradições dão-nos detalhes tolos. Assim, quando a morte já se aproximava, teria ordenado que seu filho, Sem, sepultasse o corpo de Adão no meio da terra. Melquisedeque, filho de Pelegue, teria sido nomeado o ministro diante do sepulcro de Adão. Além disso, teria falecido no segundo dia do mês de Ijar, no quarto dia da semana, e às duas horas da madrugada! São apenas detalhes fabulosos.

Capítulo Dez

Os Descendentes de Noé (10.1-32)

A Tabela das Nações. Os *críticos* supõem que o material usado na *Tabela das Nações* tenha sido uma compilação de listas derivadas das fontes informativas *J* e *P*. Ver os artigos no *Dicionário* intitulados *J.ED.P.(S) Hexateuco*. Eles pensam que vários redatores participaram da questão. Os *céticos*, por sua parte, garantem que a idéia toda de a terra ter sido repovoada a partir de três irmãos de um fictício Noé, após uma imensa catástrofe, é pura ficção. E assim perde-se a mensagem central desse capítulo. Não seriam figuras de um homem só. Talvez haja alguma exatidão histórica nessas listas, mas não ao ponto de causar-nos preocupação. Os *críticos*, em sua maioria, também rejeitam o relato sobre Noé e o dilúvio, no tocante a pontos específicos da narrativa, embora admitam alguma exatidão histórica na identificação das nações. Os eruditos *conservadores*, por seu lado, aceitam, em graus variados, a historicidade do relato. Quando é indagado como as raças que atualmente conhecemos poderiam ter descendido de três homens *da mesma raça*, e isso somente desde quatro mil anos atrás, várias respostas são dadas. Alguns tentam defender a tese de que as raças podem ter-se *alterado* tanto, e em tão curto tempo, que um homem branco pode ter sido o progenitor de um negro, talvez no espaço de meros dois séculos. Mas outros, dotados de maior conhecimento sobre a questão, asseguram que deve ter havido alguma *intervenção divina* que causou *mutações genéticas* radicais, das quais resultaram a grande variedade de raças humanas que conhecemos. Alguns eruditos conservadores, no entanto, supõem que possa ter havido raças pré-adâmicas, alguns fragmentos das quais podem ter sobrevivido, e que se misturaram por casamento com os descendentes dos filhos de Noé, o que explicaria melhor a variedade de raças humanas atuais. Naturalmente, não há o menor indício disso no décimo capítulo do Gênesis. Assim, esse capítulo tem provocado inúmeras controvérsias.

Começo a apresentar aqui o meu artigo sobre a *Tabela das Nações*, cujas seções terceira a sexta entram diretamente na questão da *Tabela das Nações*.

Observações Preliminares:

1. Essa tabela apresenta os povos *conhecidos* do mundo antigo, depois do dilúvio.
2. Contém setenta descendentes de Noé: 14 de Jafé; 30 de Cão; 26 de Sem.
3. O trecho de Gênesis 10.1 assinala uma nova seção desse livro sacro, mediante o termo *gerações* (no hebraico, *toledoth*). Desse modo, o autor sagrado forneceu um esboço do seu livro em largas pinceladas, introduzindo seções com esse vocábulo. Ver as notas sobre Gên. 2.4 quanto à lista das onze seções do livro, cada uma começando pela palavra hebraica *toledoth*, "gerações".
4. A lista envolve certo interesse espiritual mostrando-nos quais nações foram abençoadas ou amaldiçoadas de alguma maneira.
5. O propósito dessa lista não é, primariamente, mostrar a ancestralidade e, sim, mostrar a filiação política, geográfica e étnica entre as tribos. As *guerras santas* são uma das razões desse tipo de listagem.
6. A lista fornece os nomes de povos (ou tribos) proeminentes, dentro e ao redor da Palestina. Os nomes incluídos são de fundadores de tribos, clãs, cidades e territórios.
7. A lista mostra-nos como as populações espalharam-se terminado o dilúvio, desenvolvendo suas próprias culturas, cada qual com seu próprio idioma, com suas guerras intermináveis, e como tudo isso resultava dessas vicissitudes da existência humana.

Nações

Esboço

I. Caracterização Geral
II. Terminologia
III. Listas Bíblicas das Nações e Seu Conteúdo
IV Fontes Informativas
V. Tabela das Nações
VI. Declaração Sumária sobre a Tabela das Nações
VII. Atitudes dos Hebreus e dos Cristãos para com as Nações

I. Caracterização Geral

A tentativa do autor (ou autores, conforme alguns pensam) bíblico(s) de compilar uma lista das origens das nações da terra foi corajosa. Alguns comentadores pensam mesmo que se trata de uma empreitada impossível. Ainda assim, em conexão com este, outros artigos deveriam ser examinados pelo leitor, como *Adão; Criação; Antediluvianos*, ponto cinco; *Raças Pré-Adâmicas: Língua*, IV. *Origem das Línguas*. Esses diversos artigos ilustram problemas concernentes à origem e ao delineamento das nações que são somente mencionados, sem serem ilustrados.

A geologia e a arqueologia têm demonstrado a grande antiguidade do globo terrestre, e também como o homem vem vivendo à face da terra desde tempos remotos. Não há como comprimir a história da humanidade dentro dos seis mil anos que a cronologia bíblica, com base nas genealogias, parece indicar. Por isso mesmo, os eruditos liberais rejeitam terminantemente os registros bíblicos como irremediavelmente incompletos ou mesmo inexatos, pelo menos no tocante às questões cronológicas. Até mesmo estudiosos conservadores têm apresentado a teoria da existência de *raças pré-adâmicas*, a fim de explicar as grandes extensões de tempo comprovadas pelas descobertas geológicas e arqueológicas. As evidências assim colhidas falam em um passado muito mais remoto do que aquele que podemos depreender das genealogias bíblicas. Na opinião deste autor, essa é a melhor maneira de abordar o problema, embora continuem sem solução certas dificuldades. E o principal problema, do ponto de vista dos eruditos conservadores, não fica resolvido por esse meio, que é a questão do silêncio. Pois, apesar de podermos especular sobre toda espécie de ocorrência não-registrada na Bíblia, desde o momento da criação inicial até a criação de Adão, será mister apresentarmos provas extrabíblicas para isso. Penso que essa atividade é perfeitamente possível e legítima. Mas alguns conservadores persistem na suposição de que a Bíblia narra a história inteira do homem, e não apenas a história do homem adâmico. Ademais, eles pensam que o homem adâmico é, de fato, a humanidade *inteira*. Mas como justificar tão grande diversidade de raças humanas? Consideremos a raça amarela, em contraste com a raça negra, e então essas duas em contraste com a raça branca, cada uma delas com suas variantes.

Do ponto de vista da genética, parece impossível que tão grande variedade de raças pudesse ter partido dos três filhos de Noé, apenas há cerca de quatro mil e quinhentos anos, se datarmos Noé em cerca de 2500 A. C. Para que brancos, negros e amarelos tivessem provindo todos do mesmo tronco, seriam necessárias grandes mutações em brevíssimo espaço de tempo. Ou então, alternativamente, profundas modificações inter-raciais tiveram lugar ao longo de muito mais tempo que um período de, mais ou menos, três mil anos.

Outra suposição é que, antes do surgimento da raça humana adâmica, diferentes raças já existiriam, e houve sobreviventes das raças pré-adâmicas diante do dilúvio, os quais, finalmente, misturaram-se com os descendentes adâmicos de Noé. Naturalmente, será preciso levar em conta que a Bíblia insiste em que, por ocasião do dilúvio de Noé, ". . .foram exterminados todos os seres que havia sobre a face da terra; o homem e o animal, os répteis e as aves dos céus foram extintos da terra; ficou somente Noé e os que com ele estavam na arca" (Gên. 7.23). E assim, temos de admitir que essa alternativa também não pode ser conciliada facilmente com os informes bíblicos, mostrando que essa especulação é muito dúbia.

Naturalmente, os evolucionistas buscam solução para o problema rejeitando de vez os registros bíblicos, rotulando-os de mitológicos. Mas nós, que cremos na Bíblia como revelação divina, não podemos aceitar essa posição. É verdade que os eruditos conservadores cortam o nó górdio (ver o artigo intitulado *Nó,* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*), apresentando respostas impossíveis para as perguntas que se impõem. Há mesmo quem desista inteiramente de continuar investigando a questão, dizendo simplesmente: "Não sabemos grande coisa sobre a origem das raças humanas". Realmente, parece que o relato bíblico sobre o homem deixa grandes hiatos cronológicos, mormente quanto ao começo da história da humanidade. A Bíblia não nos fornece informes que nos capacitem a solucionar os enigmas da grande antiguidade da terra e de seus primitivos habitantes humanóides. Penso que o que foi dito acima, neste verbete, ilustra bem essa dificuldade. Algumas vezes, gostamos de apresentar-nos como mais sábios do que realmente somos, como se tivéssemos um conhecimento mais completo do que aquele que possuímos. Odiamos os mistérios. E nada existe de mais misterioso, para nós, do que as *origens.*

O restante deste artigo ignora essencialmente os consternadores problemas que qualquer discussão sobre as raças humanas traz à tona. O que se segue é o relato bíblico acerca das nações.

II. Terminologia

Temos de considerar, quanto a esse ponto, sete vocábulos hebraicos e dois gregos, a saber:

1. *Erets,* palavra hebraica que significa "terra". Esse termo indica a totalidade das terras habitadas pelos povos, ou apenas a *parte conhecida então,* da perspectiva do autor sagrado! Os especialistas estão divididos quanto a essa indagação. Os literalistas insistem em que está em foco a face inteira do planeta. A arqueologia tem mostrado a vasta antiguidade de civilizações fora das terras bíblicas (ver sobre *Línguas,* seção IV). Portanto, parece melhor aceitar esse termo hebraico em seu sentido limitado: aquilo que o autor sagrado conhecia do globo terrestre. A Bíblia usa esse vocábulo em seu sentido limitado, segundo se vê, por exemplo, em Gênesis 10.32. Assim, a propagação das nações foi na terra, naquela *porção* conhecida pelo autor sagrado. Não há qualquer registro bíblico sobre nações fora daquela área.
2. *Bene* e *yalad.* Dentro das três linhas dos filhos de Noé (Jafé, Cão e Sem) encontramos esses dois vocábulos hebraicos. *Bene* significa "filhos de"; e *yalad* quer dizer "gerou". Alguns eruditos têm pensado que esses dois modos de expressar refletem listas compiladas com base em fontes informativas diferentes. E isso é mesclado com a teoria da multiautoria chamada *J.E.D.P.(S.)* (ver o Dicionário). De acordo com essa teoria, o código sacerdotal — *P.(S.)* — usava o termo *bene;* mas o código jeovista — *J* — introduzia as descendências com o termo *yalad.* O código sacerdotal, pois, figurara em Gên. 10.1,2-7,20,22,23,31,32, e o código jeovista em Gên. 1.1b,8-19,21,24-30. Mas os que não aceitam isso, afirmam que se trata de uma mera questão de estilo o uso de *bene* ou de *yalad.*
3. *Toledoth.* Palavra hebraica que alude às "gerações" dos filhos de Noé, e, ao que parece, o autor sagrado pensava poder explicar todos os povos da terra, após o dilúvio. Ver Gên. 10-11, quanto à Tabela das Nações, bem como a fórmula em Gên. 10.1 e 11.10. Há eruditos que argumentam que grandes problemas podem ser resolvidos se supusermos que, além dos descendentes de Noé, tenha havido outras raças na terra, pré-adâmicas, que acabaram misturando-se com os descendentes de Noé. Isso posto, o trecho de Gên. 7.23 referir-se-ia somente ao extermínio total do homem adâmico, com exceção dos oito que estavam protegidos no interior da arca. E, conseqüentemente, que o dilúvio foi parcial. Mas essa interpretação é extremamente problemática, pois, nesse caso, a raça adâmica teria sido reduzida a uma ínfima minoria, dentro de uma esmagadora maioria de sobreviventes não-adâmicos que não teriam sido atingidos mais pesadamente pelo dilúvio. Isso não teria alterado radicalmente a raça adâmica, que se veria inteiramente dominada geneticamente pelas supostas raças pré-adâmicas? Todavia, apresentamos evidências em favor daquela suposição, no artigo sobre o *Dilúvio de Noé.*
4. *Mispehot.* Esse é o termo hebraico que significa "famílias", por cujo vocábulo cumpre-nos entender os "clãs" formadores das nações. Essa palavra é usada na Tabela das Nações em Gên. 10.5,18,20,31,32.
5. *Goyim.* Termo hebraico que significa "nações", ou seja, os grupos de clãs que acabaram adquirindo identidade nacional. Ver Gên. 10.5,20,31,32.
6. *Lashon.* Palavra hebraica que significa "línguas". É usada em Gên. 10.31, como se os vários descendentes dos filhos de Noé falassem diferentes idiomas. Entretanto, somente no décimo primeiro capítulo de Gênesis somos informados de que essa diversificação de idiomas ocorreu mais tarde, quando da confusão das línguas, por ocasião da construção da torre de Babel. Esse pequeno anacronismo, todavia, não deve ser considerado um problema. O que cria problema é a questão da origem das línguas, o que é tratado no artigo chamado *Língua,* seção IV. Se há nisso algum problema, talvez o mesmo seja causado pelo fato de que a história sobre a torre de Babel foi preservada por uma tradição independente da Tabela das Nações.
7. *Ethnos.* Palavra grega que significa "nação" (também traduzida por "gentios"). Ocorre por cento e sessenta e quatro vezes no Novo Testamento, começando por Mat. 4.15 e terminando em Apo. 22.2. Alguns poucos exemplos: Mat. 20.19,25; Atos 4.27; 9.15; Rom. 1.5,12; Gál. 1.16; I Ped. 2.9,12; Apo. 2.26; 5.9. Algumas vezes, esse vocábulo refere-se a nações não-judaicas e, outras vezes, a todas as nações, incluindo os judeus, conforme se vê em Mat. 24.9; 28.19; Mar. 11.17; Apo. 7.9.
8. *Geneá,* palavra grega que significa "nação" ou "geração". Ela é usada por quarenta vezes no Novo Testamento, em sua grande maioria nos três evangelhos sinópticos, começando por Mat. 1.17 e terminando em Heb. 3.10. Algumas vezes, essa palavra é traduzida, nas versões, por "gentios". O uso dessa palavra faz-nos entrar na questão das atitudes judaicas e cristãs acerca das nações, o que é comentado mais adiante, na sexta secção deste artigo.

III. Listas Bíblicas das Nações e Seu Conteúdo

A quinta seção deste artigo alista as nações e dá um mapa ilustrativo com um quadro completo acerca do conteúdo. Neste ponto, limitamo-nos a algumas observações.

1. *Tabela das Nações.* "Esse nome, com frequência, é dado ao décimo capítulo de Gênesis e ao trecho de I Crô. 1.5-23, com algumas pequenas variações, provendo uma lista étnica dos descendentes de Noé por meio de seus três filhos, Sem, Cão e Jafé. Ao que tudo indica, o registro limita-se às nações do mundo então conhecido, no segundo milênio A. C., isto é, povos quase todos concentrados no Oriente Próximo e Médio, com quem os israelitas poderiam entrar em contacto. Os antigos documentos egípcios e mesopotâmicos revelam que os detalhes da tabela das nações não ultrapassariam ao conhecimento de uma pessoa educada na corte egípcia de cerca de 1500 A. C., conforme foi o caso de Moisés"
2. *Indicações sobre a Data das Listas.* Os nomes que foram incluídos ou que foram deixados de fora fornecem-nos alguma indicação de quando essa lista deve ter sido compilada. Assim, a Pérsia é deixada de fora. Se essa lista tivesse sido compilada ou editada por sacerdotes da época de Esdras (durante o regime persa), em data posterior, conforme alguns intérpretes supõem, então seria extremamente difícil explicar como esse nome foi omitido da lista. A fonte informativa chamada *P.(S.)* é datada pelos liberais como pós-exílica, e, presumivelmente, foi uma das fontes informativas usadas na confecção dessa relação. Por igual modo, a proeminência de Sidom, em Canaã, a par com a omissão de Tiro (Gên. 10.15,19), sugere um tempo antes de 1000 A. C., quando Tiro ainda não era cidade importante. Foi em 1000 A. C. que Hirão fez de Tiro a principal cidade fenícia. Hete (Gên. 10.15) aparece como a população mais nortista dentre o grupo sírio-cananeu, refletindo os meados do segundo milênio A. C., quando os heteus ou hititas controlavam grande parte da área desde a grande curva do rio Eufrates até às costas do mar Mediterrâneo.

   Por igual modo, Albright salientou que quase todos os nomes dos descendentes tribais de Arã (Gên. 10.23) e de Joctã (Gên. 10.26-29) são arcaicos, sendo anteriores às informações dadas em inscrições do primeiro milênio A. C., que têm sido descobertas pelos arqueólogos na Assíria e no sul da Arábia. E alguns dos nomes também têm formas ortográficas que pertencem ao começo do segundo milênio A. C., mas que, mais tarde, sofreram modificações. Em certos manuscritos hebraicos encontramos revisões feitas por escribas, que adaptaram alguns nomes, grafando-os segundo a ortografia posterior.
3. *Plano.* As principais divisões apresentadas na Tabela das Nações acompanham os descendentes dos três filhos de Noé: Sem (Mesopotâmia e Arábia); Cão (África e Egito); Jafé (o extremo norte e as terras em redor do mar Mediterrâneo). Como é claro, grandes massas de terras foram deixadas de lado. Alguns eruditos conservadores explicam que o resto do mundo foi ocupado mediante vastas *migrações,* que ocorreram após a torre de Babel; mas a geologia e a arqueologia têm mostrado que essa teoria é ilusória. Para exemplificar, a história chinesa pode ser traçada até um tempo bem anterior ao dilúvio, e também continuamente depois do mesmo, sem qualquer interrup-

ção devida a algum cataclismo. Podemos somente concluir daí que o relato do livro de Gênesis não se aplica à China. A arqueologia também tem encontrado civilizações que antecedem em muito à época de 2500 A. C., o tempo do dilúvio; e, em várias regiões do mundo, até com suas próprias línguas (anteriores a Babel). E disso só nos resta concluir que o registro do livro de Gênesis nada tem a ver com esses povos. E, consequentemente, que o relato de Gênesis envolve somente a porção do mundo sobre a qual a história versa. Em outras palavras, a narrativa do dilúvio é regional, e não universal. Nenhum problema é criado se aceitarmos a teoria do *dilúvio parcial*, que tem apoio geológico e arqueológico, embora a linguagem usada na narrativa de Gênesis pareça dar a entender o contrário.

4. *Identificação dos Povos Descendentes dos Filhos de Noé.* Essa questão é coberta, com detalhes, em três artigos separados, intitulados: *Cão, Jafé* e *Sem*. Assim sendo, tal material não é repetido aqui. E no artigo chamado *Jafé* temos provido um gráfico que mostra, na medida do possível, os povos dele derivados.

IV. Fontes Informativas

A fonte original é o décimo capítulo de Gênesis, reiterado, com pequenas variações, em I Crô. 1.5-23. Relatos subseqüentes sobre certos povos são comentados no resto do Antigo Testamento. Povos não mencionados na Bíblia são mencionados e estudados pela arqueologia. E esse estudo também tem contribuído em muito para iluminar nosso conhecimento dos povos envolvidos na Tabela das Nações. No tocante à *Mesopotâmia*, há evidências arqueológicas que remontam ao quarto milênio A. C. Na Mesopotâmia e circunvizinhanças houve uma espécie de antiga cultura comum, envolvendo diversos povos. E no terceiro milênio A. C., houve extensos contactos dessa cultura com outras, devido às campanhas militares e ao intercâmbio comercial entre os povos. Assim, era intenso o comércio que se fazia entre a península arábica, a Anatólia (em termos gerais, o que é hoje a Turquia), o Irã e a Pérsia. Registros feitos em escrita cuneiforme descrevem condições prevalentes no terceiro milênio A. C. No que concerne ao *Egito*, não é menos abundante o material arqueológico e histórico. Quando Abraão apareceu em cena, talvez nada menos que dez dinastias já haviam governado o Egito. A história egípcia pode ser acompanhada, com algum detalhe, desde cerca de 3000 A. C., e Abraão surgiu no palco do mundo mais ou menos em 2000 A. C. Nos tempos pré-históricos havia intenso comércio entre o Egito e certa variedade de lugares, como a região do mar Vermelho, a Núbia, a Líbia, e, talvez, a parte norte do imenso deserto do Saara. Dentro do terceiro milênio A. C., os egípcios enviaram expedições à península do Sinai e a Biblos, na costa mediterrânea da Síria. No segundo milênio A. C., os egípcios entraram em contato com as ilhas de Chipre e Creta, bem como com a Cilícia, na Anatólia. Os textos de execração dos Faraós fornecem-nos algumas informações sobre muitos povos com quem os egípcios tiveram algum tipo de relacionamento. No século XIV A. C., os arquivos de tabletes em escrita cuneiforme dão-nos muitas informações sobre a época. Esses arquivos têm sido descobertos pela arqueologia em *Tell el-Amarna* (ver no *Dicionário*).

É significativo que quase toda a informação que a arqueologia nos dá ajusta-se bem dentro da cronologia bíblica. No entanto, há descobertas arqueológicas que retrocedem enormemente no tempo, em relação aos informes bíblicos. Talvez isso possa ser explicado com a suposição de que o tempo de Adão e então o tempo de Noé foram *novos começos*, e não começos absolutos da história da humanidade. Ao todo, parece que o nosso globo já sofreu pelo menos quatrocentos grandes cataclismos, com tremendas modificações na posição dos pólos da terra, com tremendas destruições conseqüentes. Há evidências que parecem favorecer a especulação de que a penúltima dessas grandes destruições corresponde, grosso modo, com a cronologia bíblica relativa a Adão; e que a última delas corresponde mais ou menos à cronologia bíblica atinente a Noé. Quanto a períodos deveras remotos da pré-história, contudo, vemo-nos forçados a depender de algumas poucas mas significativas descobertas arqueológicas.

V. Tabela das Nações (ver na página a seguir)

VI. Declaração Sumária sobre a Tabela das Nações

"A Tabela das Nações provê o pano de fundo da história do mundo para a chamada de Abraão (Gên. 12). *Vs. 1* Essa lista, vinculada a Gên. 5.32, provavelmente foi extraída do livro da geneologia (Gên. 5.1). A unidade original da humanidade é representada pela idéia de que todas as nações da terra originaram-se dos três filhos de Noé (Gên. 9.19). Embora as diversas *famílias* estivessem separadas por terras e idiomas (vss. 5,20,31), essa lista foi arranjada, primariamente, com base em considerações políticas, e não tanto étnicas. *Vss. 2-5.* Os filhos de *Jafé* (Gên. 9.27) tinham o seu centro político na Ásia Menor, o território anterior dos hititas (*Hete*, vs. 16). A propagação dos povos habitantes das *costas marítimas*, incluindo os filisteus (Gên. 9.27), reflete movimentos populacionais da área do mar Egeu, em cerca de 1200 A. C. *Vs. 6-20.* Os filhos de *Cão* viviam na órbita do Egito. *Canaã* é incluída, porquanto, nominalmente, vivia sob o controle do Egito, entre 1500-1200 A. C. *Vss. 8-12.* Um antigo fragmento da tradição relata como Ninrode, um bem-sucedido guerreiro, erigiu um reino na terra de *Sinear* (Babilônia) e na Assíria. *Vss. 15-20.* Os *hititas* (Hete), que haviam estabelecido um poderoso império na Ásia Menor, desapareceram como uma potência mundial no século XII A. C. Nesse ponto, eles são mencionados juntamente com outros povos cananeus, como, por exemplo, *os jebuseus* (localizados em redor de Jerusalém), os *amorreus* (nativos da região montanhosa da Palestina), os *heveus* (talvez os mesmos horeus ou hurrianos; ver 34.2). *Vss. 21-31. Sem* aparece como o progenitor dos povos semíticos, os filhos de *Éber*, ou seja, todos os "hebreus", incluindo os que, posteriormente, se tornaram o povo de Israel. Durante o período de 1500-1200 A. C., ondas de hebreus entraram na Síria-Palestina e, finalmente, estabeleceram ali estados como *Arã*, na Síria (vs. 23), Moabe, Edom e Israel". (Notas traduzidas da *Oxford Annotated Bible, The Revised Standard Version*, sobre Gên. 10.1.)

VII. Atitudes dos Hebreus e dos Cristãos para com as Nações

O judaísmo terminou sendo uma religião exclusivista, que gerava intensa hostilidade para com as outras nações, que passaram a ser vistas como os *pagãos* ou *gentios*. Isso atingiu sua mais horrível expressão no farisaísmo, para o qual até a ação de entrar na casa de um gentio era um ato contaminador. O trecho de Gál. 2.12 ilustra graficamente o ponto. Paulo precisou repreender Pedro por estar evitando a companhia de crentes gentios, quando certos representantes de Tiago criticaram-no por confraternizar com os gentios. E foi necessário que Pedro recebesse uma visão a fim de que entendesse que as atitudes exclusivistas dos judeus eram fundamentalmente erradas, porquanto até haviam sido ultrapassadas pela fé cristã. Ver o décimo capítulo do livro de Atos. Essa visão provocou da parte de Pedro uma observação que exibe sua surpresa: "Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas; pelo contrário, em qualquer nação, aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável" (Atos 10.34,35). E Paulo enfocou claramente a questão, ao escrever:

". . .porque todos quantos fostes batizados em Cristo, de Cristo vos revestistes. Destarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus" (Gál. 3.27,28).

A Missão Tridimensional de Cristo. O amor de Deus, atuando em favor dos homens, por meio da pessoa de Jesus Cristo, requereu que o Cristo tivesse uma missão nas três esferas gerais da existência, a saber: sobre a terra (a narrativa geral dos evangelhos); no hades (I Ped. 3.18 - 4.6; Efé. 4.9,10); e nos céus (Efé. 4.9,10; I João 2.1; João 12:32, e o décimo sétimo capítulo do evangelho de João). Essas missões de Cristo cooperam juntamente para a redenção dos eleitos e para a restauração dos perdidos. Ver Efé. 1.9,10. Vários artigos da *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* abordam essas questões. Ver os seguintes artigos: *Descida de Cristo ao Hades; Mistério da Vontade de Deus* e *Restauração*. É com essa nota otimista que convém terminar um artigo sobre as *Nações*.

A seguir, aparecem os nomes de povos e indivíduos, com anotações. Os intérpretes variam em suas identificações, o que já seria de esperar.

10.1

As gerações. Isso assinala uma nova divisão no Gênesis. Ver as notas em Gên. 2.4 quanto às doze seções do livro de Gênesis.

Noé. Ver o artigo sobre ele em Gên. 5.29.

Sem, Cão e Jafé. Ver os artigos sobre essas pessoas em Gên. 5.32.

Nasceram-lhes filhos depois do dilúvio. *Estão aqui em pauta os povos* alistados na *Tabela das Nações*. Ver sobre *Nações* nas explicações introdutórias a este capítulo.

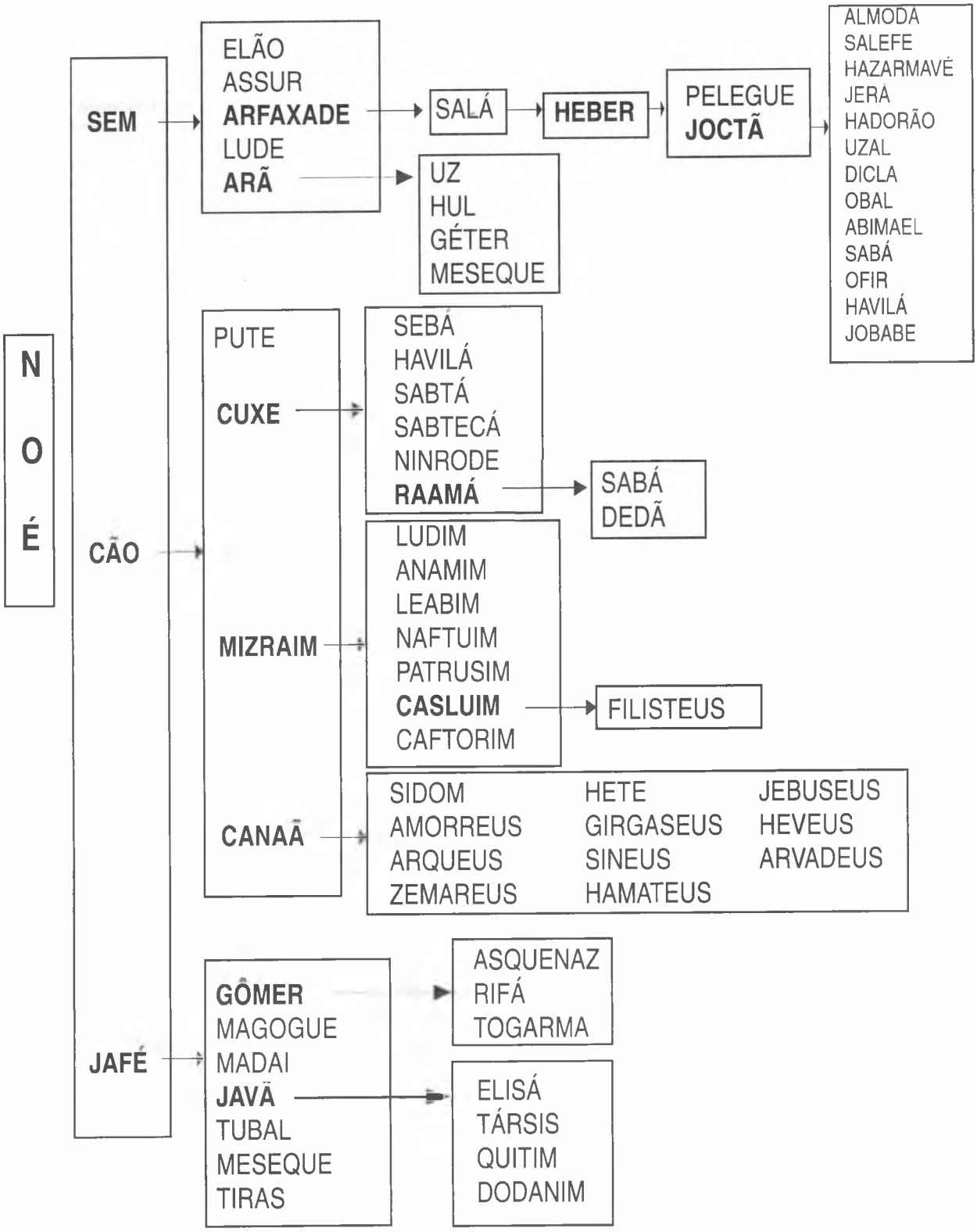
10.2

Os filhos de Jafé.

Gômer. Ver esse nome no *Dicionário*, quanto a descrições detalhadas. Os antigos citas, cimérios e cimbrios estão em foco, como progenitores dos celtas (Ilhas Britânicas e porção ocidental da Europa, como também o centro da Turquia).

Magogue. Ver no *Dicionário* os artigos *Gogue e Magogue* e *Gogue*. Esse nome foi usado em vários trechos fora de Gênesis, e com sentidos e simbolismos variados. No que toca ao décimo capítulo de Gênesis, os intérpretes supõem que *Magogue* se refira aos antigos citas ou tátaros, cujos descendentes ocuparam parte da Rússia. Ver também Eze. 38.2; 39.6; Apo. 20.8. Quando está em pauta a terra de Gogue, deve-se pensar na Armênia e na Capadócia. Esses povos tornaram-se inimigos de Israel, vindos "do norte".

TABELA DAS NAÇÕES



Madai. Ver no *Dicionário* acerca de *Média (Medos)*. Esses povos foram os antigos antepassados dos medos, a leste da Síria e a sudoeste do mar Cáspio. A área incluía parte do que hoje são o Iraque e o Irã. Devem ter entrado na Índia como um dos povos formadores dessa nação.

Javã. Ver o artigo detalhado sobre ele no *Dicionário*. A Grécia, a Síria e margens do mar Negro faziam parte das extensas terras ocupadas por seus descendentes, como também a Ásia Menor e as terras em redor do mar Jônico, incluindo o sul da Itália.

Tubal. Ver esse nome no *Dicionário*. No começo parecem ter ocupado a região ao sul do mar Negro, de onde se espalharam para o norte e para o sul. *Tobolsk*, uma cidade da Rússia, parece ser o nome tribal. Ali também há o rio *Tobol*. Talvez um ramo desse povo transferiu-se para a Espanha. Alguns intérpretes dizem que o nome referia-se a um estado militar no Ponto (ver no *Dicionário, Ponto*), um território da Ásia Menor, agora parte da Turquia.

Meseque. Ver esse nome no *Dicionário*. Originalmente, estão em vista áreas da Turquia moderna. Esses povos espalharam-se para o norte, e podem ter chegado à Rússia. Alguns pensam que Moscou reflete esse nome, embora outros duvidem. Está em pauta o Ponto, nos montes da Armênia.

Tiras. Ver esse nome no *Dicionário*. Esse nome envolve povos que habitavam áreas hoje ao norte do Irã, na Turquia e sul da Rússia. Dali espalharam-se para oeste, atingindo Macedônia, Iugoslávia e partes da Itália, onde parecem ter deixado seu nome no mar Tirreno. Outros pensam também nos pelasgos, nas costas do mar Egeu, e, igualmente, nos trácios.

10.3

Os filhos de Gômer.

Todos esses nomes devem ser examinados no *Dicionário*, onde oferecemos detalhes. Na exposição daremos apenas as informações mais básicas.

Asquenaz. É evidente que esse povo se relaciona aos citas (ver o artigo a seu respeito), na área de Ararate, entre a Turquia, o Iraque e a Rússia. No hebraico moderno, Asquenaz = Alemanha. Podem estar em vista os germânicos e os curdos.

Rifá. Tribos do norte, embora sua localização exata seja desconhecida. John Gill localizava-os na Ásia Menor, na Turquia moderna, no antigo Ponto e na Bitínia. Alguns pensam serem eles os principais formadores do povo armênio, no sul da Rússia.

Togarma. Provavelmente uma tribo aparentada de Rifá. Josefo chamava-os *frígios*. Parece que o nome tem algo que ver com a Turquia, sendo possível que tenham sido um dos formadores dessa nação moderna. Outros eruditos opinam sobre povos como finlandeses, húngaros e populações da parte mais nortista da Rússia européia.

10.4

Os filhos de Javã.

Ver todos os nomes abaixo no *Dicionário*, quanto a detalhes.

Elisá. Os antigos *alasiyah*, ou povos que ocuparam a ilha de Creta. Alguns têm também sugerido os habitantes de Cartago. Josefo falava nos eólios. Mas sem dúvida a Grécia, que os gregos chamam de *Ellás*. Muitas sugestões têm sido feitas, todas elas de alguma maneira ligadas aos gregos.

Társis. Costas distantes da Ásia Menor. Alguns têm conjecturado as Ilhas Britânicas. *Tarso*, na Cilícia, sul da moderna Turquia, por certo deriva-se desse nome. Foi ali que nasceu o apóstolo Paulo. Também pode estar envolvida a Espanha.

Quitim. Habitantes de Chipre. E também um dos povos formadores da Itália (Dan. 11.30).

Dodanim. Essa palavra é uma variante textual de Rodanim (isto é, a ilha de Rodes). Mas outros vêem aí a França, ou outra identificação qualquer. Tróia, na Ásia Menor, poderia estar em foco.

10.5

Estes repartiram entre si as ilhas das nações. Ou seja, os *filhos de Jafé*, que acabavam de ser mencionados. A expressão não é clara, havendo várias conjecturas. Uma delas é que estão em pauta somente os descendentes de *Javã*. Estes acham apoio para seu argumento no fato de que "ilhas das nações", para os hebreus, significava "margens do Mediterrâneo", por onde, evidentemente, se espalharam os jônios e outros povos irmãos. Parece estar em foco uma maneira inexata de dizer que esses povos se espalharam por muitos *países*, conforme o termo pode indicar.

Cada qual segundo a sua língua. . . famílias. . . nações. Prevalece aqui uma linguagem vaga. Esses povos desenvolveram seu próprio idioma, preservaram sua própria cultura, dominaram tribos ou famílias específicas, e foram-se organizando em grupos maiores, que se tornaram nações.

10.6

Os filhos de Cão.

Ver no *Dicionário* todos esses nomes, onde há comentários detalhados. A exposição dá aqui apenas algumas idéias fundamentais.

Cuxe. Está em pauta o sul da Arábia, o sul do Egito moderno, o Sudão e, principalmente, o norte da Etiópia. Houve misturas com povos semíticos, o que explica alguns dos nomes que se seguem. Aqui entra o preconceito racial, que diz que alguns descendentes de Cão são os negros, sobre os quais, supostamente, teria caído a maldição contra Canaã (Gên. 9.25 e suas notas). Tribos árabes parecem estar em foco.

Mizraim. Algumas traduções dizem aqui *Egito*. A palavra está no dual, aludindo, sem dúvida, ao Alto e ao Baixo Egito. Josefo chamava os egípcios de *mestres*, uma palavra cognata do texto. Os árabes chamavam o Cairo de *Almesser*, outro termo cognato.

Pute. Os *líbios*, do norte da África. Josefo diz que o homem desse nome fundou a Líbia, e antigas tradições nos dão idêntica informação.

Canaã. Ver a nota sobre ele em Gên. 9.22. Sobre a maldição que recebeu, ver Gên. 9.25. Foi progenitor dos fenícios. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Fenícia* e *Canaã, Cananeus*.

10.7

Os filhos de Cuxe.

Ver esses nomes explicados nos artigos correspondentes, no *Dicionário*.

Sebá. Está em pauta o Alto Egito. O nome original era de uma tribo árabe que, finalmente, migrou para a África. Outras áreas geográficas estiveram envolvidas em sua expansão.

Havilá. Essa palavra quer dizer "terra marítima". Talvez se refira às porções norte e leste da Arábia, já no golfo Pérsico, ou, talvez, às margens ocidentais do golfo Pérsico.

Sabtá. Refere-se ao antigo Hadramaute, nas margens ocidentais do golfo Pérsico.

Raamá. Localizada no sul da Arábia. Essa localização foi dividida também entre Dedã, a sudoeste, e Sebá, ao centro.

Sabtecá. Na parte sul da Arábia.

Sabá. Está em pauta a porção sudoeste da Arábia. Ver I Reis 10.1-13 quanto à história sobre a rainha de Sabá.

Dedã. Norte da Arábia. Alguns habitantes dessa área são descendentes de Sem (Gên. 10.29), pelo que são mestiços de semitas e camitas.

10.8

Ninrode. Esse homem, em face de sua violência e virulência, merece menção especial, e assim, três versículos ampliam o tema. Somente ele e Pelegue (vs. 25) têm seu relato ampliado de algum modo. O resto do capítulo consiste somente em lista de nomes. Dou um artigo detalhado sobre esse homem e seus descendentes no *Dicionário*. Ninrode foi um antigo tirano, um homem furioso, caçador, incansável, o fundador de Babel (ou seja, Babilônia). Ele proveu "a união da paixão pela caça com a habilidade na guerra" (Delitzsch, *in loc.*), e assim foi uma espécie de protótipo dos monarcas assírios.

Poderoso. Ele era violento, arrogante, matador, exatamente coisas que as pessoas admiram, protótipo dos grandes tiranos que se seguiriam. Os reis assírios

Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha vida eterna.

João 3:16

Deus, não levando em conta os tempos da ignorância, manda agora que todos os homens em todo lugar se arrependam.

Atos 17:30

Pois é por isto que foi pregado o evangelho até aos mortos, para que, na verdade, fossem julgados segundo os homens na carne, mas vivessem segundo Deus em espírito.

I Pedro 4 6

eram famosos por sua habilidade na caça, que era um esporte, mas também um meio de exibir suas habilidades violentas. Fundou várias cidades, que se tornaram centros de oposição ao povo de Israel.

10.9

Daí dizer-se: Como Ninrode, poderoso caçador. O seu nome tornou-se proverbial, e muitas lendas surgiram em torno dele, conforme ilustrei detalhadamente no meu artigo sobre ele. Outros homens entregaram-se a atividades pastoris, mas não Ninrode. Ele sabia onde poderia obter fama e glória humana. E fez outros homens o temer, e com bons motivos. Fazia de suas presas tanto a animais quanto a homens, e ambos fugiam dele.

Diante do Senhor. Ninrode era tido como benfeitor público. Organizava caçadas e distribuía alimentos ao povo. Também organizava comunidades e obras públicas. Era um líder de homens e era respeitado, apesar de sua violência. Deu início a seu pequeno império, que, sob outros líderes, floresceu na forma dos impérios assírio e babilônico.

John Gill (*in loc.*) sugeriu que parte de sua fama residia no alegado fato de que, após o dilúvio, as feras aumentaram grandemente em número; e então qualquer homem, como Ninrode, que pudesse reduzir a ameaça e o desconforto produzido pelo reino animal, seria naturalmente respeitado e honrado. A *caça*, conforme informou Aristóteles (ver *Politico* 1.1 c. 8), era tida como um aspecto das artes *militares*. Há uma certa lógica nisso. Na guerra, os homens caçam uns aos outros, para se matarem; e, na caça, os homens caçam os animais. Uma triste atividade. Xenofonte escreveu que os reis da Pérsia eram preparados para a guerra e para o governo por meio da caça (*Politico* 1.1 c. 8). É curioso que a família real da Inglaterra sempre tenha se especializado na cavalana e na caça, e muitos deles, mesmo em nossos dias, têm-se distinguido como militares. Os assírios deificaram Ninrode, e, em sua mitologia, puseram-no entre as constelações, após a sua morte, a fim de conferir-lhe perpetuidade. Ele chegou a ser chamado de *Órion.* Apesar de muitos outros homens já terem caçado, talvez o relato bíblico queira dar a entender que foi Ninrode quem deu origem à caça como uma verdadeira arte.

Diz aqui a Septuaginta "contra o Senhor", uma denúncia contra a sua virulência; mas dificilmente temos nisso uma verdadeira interpretação do versículo. O texto parece antes envolver um elogio, por meio de um ditado popular; e parece sugerir que o próprio Senhor respeitava Ninrode

10.10

O princípio do seu reino foi Babel. Ninrode fundou várias comunidades que, mais tarde, se tornaram inimigas do povo de Israel. Ver notas completas, no *Dicionário*, sobre o artigo *Babel (Torre e Cidade)*. Ver também sobre a *Babilônia*. Fontes históricas e lendárias falam de vários fundadores da cidade de Babilônia, pelo que há certa confusão quanto a esse particular. A história deveras antiga sempre fica indefinida, perdida nas brumas do tempo.

Ereque. No hebraico, "extensão", "tamanho". No acádico, o nome dessa cidade é *Uruk* e, no sumério, *Unug*. Essa foi a segunda cidade fundada por Ninrode. Ele aparece como fundador das cidades de Babel (Babilônia), Ereque, Acade, Nínive, Reobote-Ir, Calá e Resén, sete ao todo (Gên. 10.10,11). Alguns salientam, contudo, que a rigor não é dito que ele foi o construtor dessas cidades, mas somente estabeleceu sua autoridade sobre elas. Isso significaria que algumas delas, pelo menos, já existissem antes dele. Ereque ficava localizada à margem esquerda do rio Eufrates. O local antigo é assinalado pela moderna *Warka*, situada cerca de cento e sessenta quilômetros a sudeste da cidade de Babilônia, em uma área pantanosa do Eufrates. Nesse mesmo lugar, foram encontrados pelos arqueólogos dois antigos *zigurates* (*que vide*). Serviam de torres de templos e ali foram encontrados selos cilíndricos (*que vide*). O mais antigo desses zigurates data do começo do quarto milênio A. C. Ereque, juntamente com Ur, Lagase e Eridu, representam uma das mais antigas cidades do sul da Babilônia de que se tem notícia.

Entre as inscrições encontradas nesse lugar, muitas são dos dias dos reis Dungi, Ur-Bau, Gudea, Singaside e Merodaque-Baladã. Também têm sido encontrados no lugar tabletes pertencentes aos reinados de Nebopolassar, Nabucodonosor, Nabonido, Ciro, Dario e dos selêucidas. Além disso, muitos artefatos têm sido encontrados, como peças de cerâmica esmaltada, esquifes, muitos tipos de receptáculos e sepulcros.

A vila original, chamada Culabe, foi fundada por pessoas do período Ubaide (cerca de 4000 A. C.). A principal pessoa envolvida nisso foi o governante semítico Mesquiagaser, da primeira dinastia. Uruque (Ereque) foi a capital do rei heróico mítico, Gilgamés, cujas lendas são paralelas, em muitos pontos, à narrativa da criação do livro de Gênesis. Ver o artigo sobre *Cosmogonia*. A literatura assíria e babilônica contém muitas referências a Ereque. Nos tempos assírios, ao que parece, a cidade tornou-se uma espécie de necrópole nacional.

O local foi escavado a partir de 1850. E após essa data, houve muitas outras escavações arqueológicas. Além das coisas já mencionadas, deveríamos destacar que foram encontrados ali dois zigurates, vários documentos, alguns deles pertencentes a até 70 A. C. Canais artificiais traziam água para a cidade. As referências ao lugar indicam que, antigamente, a cidade ficava situada em uma área fértil, embora atualmente seja um virtual deserto.

O culto a Anu talvez fosse a mais importante expressão religiosa de Ereque, porquanto a divindade desse nome era um dos deuses mais proeminentes da Babilônia. Outro culto importante do lugar era o de Istar.

Acade. No hebraico significa "fortaleza", mui antigo centro do poder imperial camita, fundado por Ninrode (Gên. 10.10). Essa cidade deve ser identificada com Agade, que Sargão I trouxe à fama como capital de seu império semita, e que dominou o mundo mesopotâmico em cerca de 2360 - 2180 A. C. Ficava à beira do rio Eufrates, a pouca distância da moderna Bagdá. A *região* derivou o nome de sua capital, incluindo a planície aluvial sem pedras do sul da Babilônia e do norte da Suméria. A expressão "terra de Sinear", onde se desenvolveu o primeiro poder imperial do mundo, incluía as cidades de Babel, Ereque (Uruque), Acade e Calné. Os habitantes originais da região provavelmente foram sumenanos não-semitas, mas de origem camita (Gên. 10.8-10), inventores da escrita cuneiforme, precursores culturais dos posteriores conquistadores semitas da Babilônia. Esse império perdurou por dois séculos, considerado pelos babilônios um império ideal, representante de uma espécie de idade áurea. O termo Acade veio a ser aplicado a todo o norte da Babilônia, a fim de contrastar com a Suméria, o sul da Babilônia. *Acadiano* é atualmente usado como termo para referir-se à mais antiga língua escrita, utilizada durante o reinado de Sargão, de Acade, chamado "acadiano antigo". Essa palavra também designa os idiomas semíticos assírio e babilônio.

Calné. De acordo com alguns eruditos, no hebraico significaria "forte de Anu". Anu era uma das principais divindades do panteão babilônico. O local provável é a moderna Niffer, no Talmude, Nopher. Fica cerca de cem quilômetros a sudeste da antiga cidade da Babilônia, à margem esquerda do rio Eufrates. A Septuaginta refere-se a Calné ou Calno como o lugar onde foi edificada a torre famosa (Isa. 10.9). No século VIII A. C., foi conquistada por um dos reis assírios, e nunca mais recuperou a sua prosperidade. Foi uma das cidades da Babilônia, fundada por Ninrode, referida em associação a Babel, Ereque e Acade (Gên. 10.10). O local acima referido tem sido intensamente investigado pela arqueologia. Ver sobre Nipur. Contudo, há estudiosos que a identificam com Kulunu, outra antiga cidade próxima de Babilônia. Ainda outros supõem que esta cidade deveria ser identificada com Hursagkalama, uma cidade gêmea de Quis. Outrossim, com base em uma compreensão diferente do texto hebraico, alguns intérpretes traduzem Calné como *todas elas*, pelo que aquele versículo diria: "O princípio do seu reino foi Babel, Ereque, Acade, todas elas na terra de Sinear". Nesse caso, nunca houve uma cidade chamada Calné, e todas essas identificações, acima referidas, laboram em erro.

Terra de Sinear. Ver o longo artigo sobre esse lugar no *Dicionário*. Essa é uma das designações (talvez a mais antiga) da *Babilônia.*

10.11

Assíria. Ninrode é aqui retratado como quem viajou de Sinear (Babilônia), para a *Assíria* , ou seja, do sul para o norte. Ver o artigo detalhado sobre este último lugar, no *Dicionário.* Uma vez no território assírio, ele edificou *Nínive,* que também conta com um detalhado artigo no *Dicionário.* E Ninrode também fundou outras cidades, todas as quais recebem artigos separados no *Dicionário.* Ver sobre *Reobote-Ir* e *Calá.* As atividades de Ninrode eram poderosas e atingiam muitos lugares, e assim seu nome tornou-se legendário, tendo chegado a ser deificado em vista de suas obras prodigiosas.

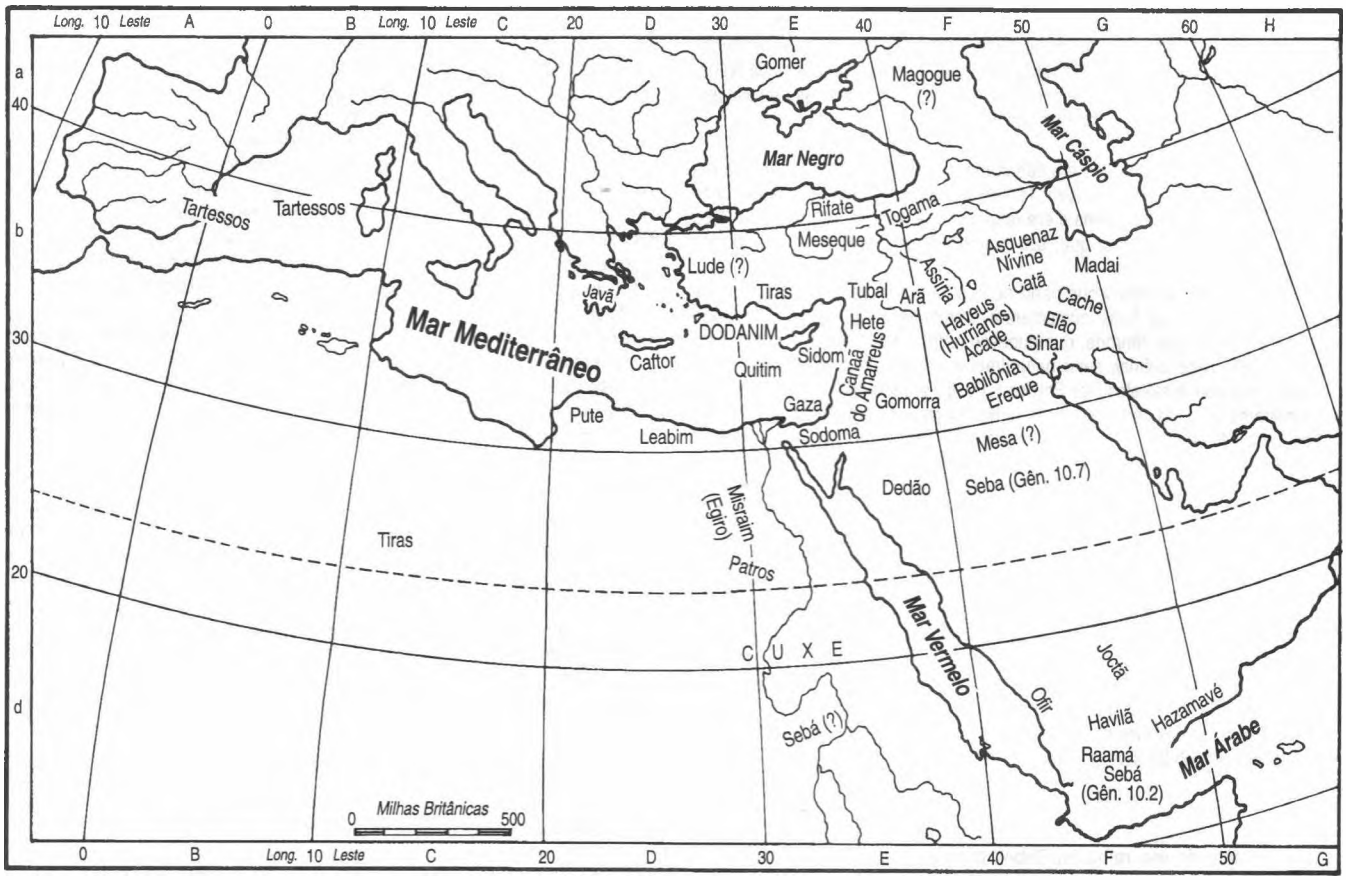
10.12

Resém. O autor sacro localizou-a entre Nínive e Calá, além de tê-la denominado "a grande cidade". Na Septuaginta temos a forma *Dase*, provavelmente uma forma hebraicizada do assírio *res eni*, que significa *cabeça de fonte*, embora outros estudiosos prefiram o sentido de *fortaleza.* A maioria dos estudiosos pensa que o locativo designa uma cidade assíria edificada por Ninrode, entre Nínive e Calá. Mas nenhuma cidade de dimensões apropriadas foi encontrada nessa área. Alguns eruditos propõem a aldeia assíria de *Resh-eni*, mencionada por Senaqueribe em conexão com as suas obras para suprir Nínive de água, situada a nordeste da capital. Mas há quem pense que se trata de uma descrição parentética de alguma impressionante construção militar ou de engenharia, talvez alguma obra hidráulica. Alguns intérpretes chegam mesmo a sugerir que uma grande cidade pode cair no olvido se seus conquistadores e destruidores não chegarem a reedificá-la.

10.13

Agora o autor deixa Ninrode para trás, com sua valentia e obras prodigiosas, e reverte à lista simples de nomes e de localidades.

NAÇÕES DO MUNDO ANTIGO



CHAVE

Acade Fb	Gomorra Eb	Meseque Eb
Amorreus Eb	Haveus (Hurrianos) Fb	Misraim (Egito) Ec
Asquenaz Fb	Havilã Fd	Nínive Fb
Assíria Fb	Hete Eb	Ofir Fd
Babilônia Fb	Hazamavé FGd	Patros Ec
Cache Fb	Java Db	Pute Db
Caftor Db	Joctã Fd	Quitim Eb
Canaã Eb	Leabim Db	Raamá Fd
Catã Fb	Lude Db	Rifate Ea
Cuxe Ec	Madal Gb	Seba Fc
Dedão Ec	Magogue Fa	Sebá Ed; Fd
Dodanim Db	Mar Árabe FGd	Sidom Eb
Elão Fb	Mar Cáspio Ga,b	Sinar Fb
Egito Ec	Mar Mediterrâneo Cb	Sodoma Eb
Ereque Fb	Mar Negro Ea	Tartessos Bd
Gaza Eb	Mar Vermelho Ec	Tira Eb
Gomer Ea	Messa Fc	Tubal Eb

Mizraim. Algumas traduções dizem aqui *Egito*, fazendo esse termo tornar-se o nome próprio de um homem. Ver as notas sobre o vs. 6, onde esse nome é encontrado pela primeira vez. As tribos que descendiam desse homem ocuparam áreas que vão desde o norte da África até a ilha de Creta.

Lude, Ludim. Em Gênesis 10.22, "Lude" aparece como o quarto filho de Sem. Em Gên. 10.13, *Ludim* (uma palavra que no hebraico está no plural) figura como o primogênito de Mizraim, filho de Cão. No décimo capítulo de I Crônicas, a tabela das nações, Lude é um povo semita, e Ludim é um povo camita, descendente de Mizraim, o Egito (ver os vs. 13 e 22). Josefo (*Antiq.* 1.6,4) refere-se aos lídios, embora ele não exclua uma identificação semítica desse povo. Ver o artigo sobre a *Lídia*. Nos trechos de Eze. 27.10 e 30.5, o povo de Lude é descrito como aliado de Tiro e do Egito, respectivamente. A Lídia (*Ludu*) aparece como aliada do Egito nos registros neobabilônicos. As inscrições egípcias dos séculos XIII e XIV A. C. referem-se a um povo chamado *Luden*, localizado perto da Mesopotâmia. Alguns eruditos supõem que isso indique que esse povo fora deslocado de sua pátria original, na Mesopotâmia, migrando então, para a Ásia Menor. Seja como for, a Lídia veio a tornar-se parte do império romano, após a morte de Croeso, às mãos de Ciro, rei da Média-Pérsia.

A identificação de Ludim com a Lídia é duvidosa, mas Lude quase certamente corresponde à Lídia. As inscrições assírias referem-se aos lídios chamando-os de Ludu. Essa é uma palavra cognata do termo hebraico, *lud*. Josefo também fez essa identificação. As evidências demonstram que Heródoto falou sobre *Lydus* como o ancestral dos lídios.

Ludim é um povo de origem camita, segundo se vê em Gên. 10.13 e I Crô. 1.11. Talvez esteja em foco uma nação africana que não se consegue identificar. Mas alguns estudiosos pensam que deve ser *Lubim* (Líbia), o que somente serve para aumentar a confusão.

Anamim. No hebraico, *homens das rochas*, o segundo filho de Mizraim. Coisa alguma se sabe sobre esse homem. O termo também aplica-se a uma tribo relacionada aos egípcios, mencionada somente aqui e em I Crô. 1.11. De acordo com alguns estudiosos, estavam localizados no Alto Egito, no moderno grande oásis de Chargeh. Mas outros os localizam na Cirenaica.

Leabim. No hebraico, *chamejantes* ou *fogosos*. Esse é o nome dos descendentes do terceiro filho de Mizraim (Gên. 10.13 e I Crô. 1.11). Alguns estudiosos supõem que o termo se aplique aos atuais *líbios*, um dos mais antigos povos da África. O termo *lubim* (talvez uma variante) aparece em Naum 3.9 e Dan. 11.43, que a Septuaginta e a Vulgata traduzem por "líbios". E, nessas mesmas duas referências, há a tradução alternativa *núbios*, que já indica colônias de egípcios. Alguns eruditos pensam que eles seriam os *Re Bu* ou *Le Bu* dos monumentos egípcios, de origem midianita ou de origem cognata aos egípcios.

Os *leabim* eram descritos como líbios de cabelos claros e olhos azuis, que desde as dinastias egípcias XIX e XX vinham sendo incorporados ao exército egípcio. Os leabim parecem ter saído do Egito juntamente com outros povos, como os ludim (que vide), ou, talvez, fossem os mesmos, ou então, os anamim, naftuim, casluim e caftorim. Porém, nada se sabe com certeza a respeito deles.

Naftuim. Não se sabe o significado dessa palavra, embora todos reconheçam que é um vocábulo que está no plural, um nome próprio que se refere a uma das populações do Egito (Gên. 10.13; I Crô. 1.11). Essa palavra é de origem egípcia, embora tendo passado pelo hebraico. Por isso, alguns estudiosos pensam que se trata apenas de uma referência à cidade egípcia de Nofe. Mas outros eruditos opinam que a palavra alude à direção *norte*, pelo que poderia ser uma das "populações do norte", ou seja, daquelas que ocupavam o delta do rio Nilo, e sua tradução poderia ser "aqueles do delta". O livro de Gênesis indica que esse povo era de origem camita, o terceiro dentre sete povos camitas ali mencionados.

10.14

Patrusim. No egípcio, essa palavra, que ao ser passada para o hebraico está no plural, significa "habitantes de Patros". Ver sobre *Patros*, em Isa. 11.11. Esse povo vivia no Alto Egito. A palavra encontra-se nas listas geográficas de Gên. 10.14 e I Crô. 1.12.

Casluim. Um povo cujo primeiro antepassado era filho de Mizraim (Gên. 10.14; I Crô. 1.12). Portanto, era um povo camita. Em ambos os textos, onde o adjetivo pátrio aparece, a palavra figura como se os *filisteus* descendessem de Casluim, e não de Caftorim, conforme se vê em Deu. 2.23. Portanto, nesses dois trechos parece ter havido transposição de nomes. Alguns intérpretes sugerem que a listagem dos filisteus, neste ponto, representa movimentos migratórios, e não linhagem, do mesmo modo que era dito que Israel saíra "do Egito". Os filisteus, pois, migraram *de* sua região original perto do mar Egeu, atravessaram Caftor, entrando no delta do Egito, e, finalmente, entraram na Palestina. Sem embargo, pode estar em pauta um grupo mais antigo de tribos pelasgo-filistéias, distinto daquelas do século XIII A. C., sobre as quais lemos em outras porções da Bíblia. O fato de que o nome Casluim aparece lado a lado com o nome Patrusim sugere que as duas etnias eram aliadas bem de perto quanto à raça e à localização geográfica. *Casluim* tem diversas formas variantes nos manuscritos e nas referências históricas. Ellicott (*in loc.*) disse acerca deles: "Provavelmente o povo de Cassiotis, um distrito montanhoso a leste de Pelúsio".

(Donde saíram os filisteus). Uma observação migratória, e não uma indicação de descendência racial. Ver isso explicado no parágrafo anterior.

Caftorim, Caftor. Lugar de onde vieram, originalmente, algumas tribos de filisteus. A referência é migratória, e não uma indicação de descendência racial, conforme se falou antes sob *Casluim*. Ver também Jer. 47.4 e Amós 9.7. Esse lugar tem sido verbalmente identificado com *Kaptara* (Creta), nome esse escrito em caracteres cuneiformes. As palavras que aparecem na referência de Amós, "e de Caftor os filisteus", atualmente, por parte de muitos estudiosos, são consideradas uma parte deslocada, realmente pertencente a Gên. 10.14. A identificação de *Caftor* com o delta do Nilo, no Egito, ou com a Capadócia, há muito foi abandonada. A declaração que mais claramente mostra a origem dos filisteus é a que aparece em Jer. 47.4, onde eles são declarados ". . . o resto de Caftor da terra do mar", o que pode ser uma alusão às costas marítimas da Palestina, embora outros estudiosos pensem que a alusão é às ilhas ou costas do Mediterrâneo. Referências bíblicas assim indiretas não podem elucidar o quebra-cabeça, e todas as identificações esbarram em problemas. A identificação com *Creta* também tem seus problemas, embora a própria palavra *Caftor* possa estar relacionada àquela ilha. Por isso, outros estudiosos preferem pensar na Cilícia.

Descendentes de Canaã (10.15-19)

10.15

Sidom. Essa era a mais importante cidade da Fenícia, e quase todos os estudiosos da Bíblia pensam naquele lugar, e não na pessoa que deu seu nome à cidade. No Antigo Testamento, o nome ocorre somente aqui e em Gên. 10.19, mas o nome da cidade é freqüente no Novo Testamento (Mat. 11.21,22; 15.21; Mar. 3.8; Luc. 4.26; 6.17; Atos 12.20; 27.3). Acerca do homem de nome *Sidom*, entretanto, nada se sabe com certeza, exceto aquilo que é óbvio no texto do Gênesis. Os cananeus ocupavam uma faixa de terra na direção norte-sul, de Sidom a Gaza, que ladeava o Grande Mar, entre outros lugares, conforme vemos no contexto deste versículo. No Novo Testamento, Sidom é mencionado por muitas vezes junto com Tiro, quase como uma fórmula fixa. Jesus visitou essa área (Mat. 15.21). É curioso que o ministério (a ser mencionado) que Jesus desenvolveu ali foi o único a ser efetuado fora das fronteiras da Palestina. A moderna cidade libanesa de Sidom foi construída sobre as ruínas da cidade antiga. Dista cerca de quarenta e oito quilômetros de Beirute, e está mais ou menos à mesma distância de Tiro. Ver também, no *Dicionário*, sobre as cidades de *Tiro* e *Biblos*, outras importantes cidades fenícias.

Hete. No hebraico, "terror", "medo". Esse era o nome do antepassado dos hititas. Ele era o filho mais velho de Canaã, e habitava na parte sul da Terra Prometida, perto de Hebrom (Gên. 10.15; 23.3,7; 25.10). Efrom ou Hebrom era descendente de Hete. Nos dias de Abraão, Hebrom era um lugar habitado pelos descendentes de Hete. Alguns estudiosos têm conjecturado que havia uma cidade chamada Hete, mas nenhuma evidência foi achada para consubstanciar tal suposição. As esposas de Esaú foram chamadas "filhas de Hete" (Gên. 27.46), embora algumas traduções digam ali "hititas". Esse povo é mencionado por ocasião da compra da caverna de Macpela, por Abraão, para ser usada como sepulcro da família (Gên. 23; 25.10; 49.32). O fato de Rebeca ter aconselhado Jacó a não se casar com mulher hitita (Gên. 28.1) mostra-nos que os hebreus e os hititas não se davam bem uns com os outros.

10.16

Jebuseus. Um antigo nome de Jerusalém era *Jebus* (ver sobre esse nome no *Dicionário*). Também ofereço ali um detalhado artigo sobre os *Jebuseus*, um povo cananeu que habitava em Jerusalém.

Amorreus. Esse termo refere-se a semitas ocidentais. Mas neste ponto do livro de Gênesis a referência é mais estreita, aludindo a um pequeno segmento da população mista de Canaã. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre os *Amorreus*. O nome deriva-se de *Emor*, o quarto filho de Canaã.

Girgaseus. Alguns antigos escritores judeus disseram que, quando esse povo foi forçado a deixar a Palestina, expulso dali por Josué, então dirigiu-se a um lugar atualmente chamado Gurgestan. Os *girgaseus* constituíam uma das sete

principais tribos que residiam em Canaã. Ofereço um detalhado artigo sobre esse povo no *Dicionário*.

10.17

Heveus. No hebraico, "aldeões", um povo que descendia de Canaã (Gên. 10.17), e, originalmente, ocupava a porção mais ao sul daquele território da Palestina, paralela à costa do Mediterrâneo, que os filisteus ou caftorinos posteriormente ocuparam (Deu. 2.23). Visto que o território dos heveus é mencionado em Jos. 13.4, em adição a cinco estados filisteus, parece que ele não estava incluído no território desses últimos, e que a expulsão dos heveus deveu-se a uma invasão filistéia anterior, mediante a qual os cinco principados filisteus foram fundados. O território deles começava em Gaza e estendia-se para o sul, até o rio do Egito (Deu. 2.23), formando aquele que se tornou o reino unido dos filisteus de Gerar, na época de Abraão, quando não ouvimos falar sobre uma variedade de estados filisteus. Lemos, em Deu. 2.23, que a pátria original dos heveus chamava-se *Hazerim,* conforme algumas versões. Mas na Bíblia portuguesa, nesse último trecho, o nome deles é grafado *aveus.*

Sineus. Esse povo é mencionado apenas por duas vezes na Bíblia (Gên. 10.17 e I Crô. 1.15). Seria uma tribo de cananeus que vivia ao norte do Líbano, ou, então, em Trípoli ou Ortosia, entre Trípoli e Arca. Jerônimo sabia de um lugar chamado Sin, não longe de Arca; e Estrabão referiu-se a uma fortaleza conhecida, *Sina,* no monte Líbano. Todavia, a identificação dos sineus é problemática, nada tendo sido definitivamente estabelecido quanto a isso.

10.18

Arvadeus. No hebraico, *lugar de fugitivos.* Um lugar que figura na genealogia de Noé, na linhagem de Canaã (Gên. 10.18; I Crô. 1.16). Era a cidade fenícia localizada mais ao norte, em uma ilha rochosa atualmente chamada Ruade. Os gregos chamavam-na *Aruade*, nome que aparece em I Macabeus 15.23. Essa ilha ficava defronte da boca do rio Eleutero, ao largo da costa da Síria, diante da ilha de Chipre. Tinha três quilômetros de uma ponta da praia à outra. Estrabão referiu-se a ela como uma rocha que se eleva em meio às ondas do mar (ver. xiv. par. 753). Nos tempos antigos, era densamente povoada, apesar de suas minúsculas dimensões, tendo conseguido governar as costas próximas durante séculos. É mencionada nas cartas de Tell el-Amarna de números 101, 105 e 109, onde é chamada *arwada.* Nos registros históricos de Tiglate-Pileser (1114-1076 A. C.), ela é chamada *armada.* Cenas do local aparecem em relevos assírios (nos portões de bronze de Salmaneser III, 858-824 A. C.). Algumas moedas arvaditas retratam cenas da ilha. O lugar participava plenamente das atividades marítimas fenícias, particularmente depois que Tiro e Sidom caíram nas mãos dos reis greco-sírios.

Zemareus. Esse era um povo cananeu, nomeado entre os arvadeus e os hamateus (Gên. 10.18; I Crô. 1.16). Provavelmente eles viviam na parte norte da Fenícia, entre Arvade e Trípoli, em uma cidade atualmente chamada Sumra, quase inteiramente reduzida a ruínas. Essa porção da Fenícia fica nos sopés do Líbano.

Hamateus. Esse é o patronímico de certos descendentes de Canaã, que residiam no extremo norte da Palestina. Por esse motivo, é possível que a menção envolva os habitantes de *Hamate* (ver a respeito no *Dicionário*.) Essa palavra, *hamateus,* ocorre no Antigo Testamento por duas vezes (Gên. 10.18 e I Crô. 1.16, onde também são mencionados os naturais de outros lugares).

Espalharam-se as famílias dos cananeus. Uma declaração geral e vaga, indicando muitas migrações, tribos e subtribos dos cananeus, que o autor sagrado não enumerou. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Canaã, Cananeus.*

10.19

A extensão dos territórios ocupados pelos cananeus é aqui sumanada. Naturalmente, muitos lugares deixaram de ser mencionados, conforme o provam as descrições acima.

Desde Sidom. . . Ver as notas a respeito em Gên. 10.15.

Gerar. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado a respeito desse lugar. O antigo local de Gerar tem sido identificado com o Tell Abu Hureiah, cerca de quinze quilômetros a sudeste de Gaza e vinte e quatro quilômetros a noroeste de Berseba.

Gaza. Uma importante localidade bíblica, à qual dediquei um longo e detalhado artigo no *Dicionário.* Gaza era uma das principais cidades dos filisteus, na parte sudoeste da Palestina.

Sodoma. Ver no *Dicionário* informações detalhadas a respeito.

Gomorra. Descrita no *Dicionário.* Os dois nomes, Sodoma e Gomorra, tradicionalmente aparecem juntos, símbolos de uma vida de dissipação.

Admá. No hebraico, *terra vermelha,* uma das cidades do vale de Sidim (Gên. 10.19), que tinha seu próprio rei, Sinabe (Gên. 14.2). A cidade foi destruída juntamente com Sodoma e Gomorra (Gên. 19.24; Deu. 29.23; Osé. 11.8). Alguns identificam esse lugar com a *Adão* mencionada em Jos. 3.16.

Zeboim. No *Dicionário* apresento um artigo detalhado sobre esse lugar. No Antigo Testamento há três lugares com esse nome. O primeiro a ser descrito naquele artigo é o que figura neste versículo. Ali aparece como local próximo de Sodoma e Gomorra. Supõe-se que, juntamente com Admá, tenha sido destruída no desastre que atingiu a região.

Lasa. Parece que no hebraico significa "irrompimento". Talvez o nome refira-se às águas que irrompiam de um manancial borbulhante. Era o nome de uma cidade que assinalava um ponto fronteiro ao território dos cananeus, mencionado somente neste versículo. Desconhece-se atualmente a sua localização, embora várias identificações tenham sido sugeridas, como Calirhoe, a leste do mar Morto, onde há muitas fontes termais. Outros estudiosos têm pensado em Lusa ou Elusa, mais ou menos equidistantes do mar Morto e do mar Vermelho. A história informa-nos que Herodes foi até ali por razões de saúde, a fim de banhar-se nas águas termais da localidade. Esse lugar ficava localizado no que agora se conhece por wady Zerka Ma'in.

10.20

Os filhos de Cão. A referência é à lista anterior dos descendentes de Cão, em geral, e de Canaã (seu filho), em particular. A listagem começa no vs. 6. Seus descendentes incorporavam muitos povos, tribos e países, cada qual com seu próprio idioma. A lista contém trinta nomes específicos, mas as generalidades (vs. 18) mostram-nos que havia muitos outros grupos e localidades. Porções da Palestina, da Ásia Menor e da África foram ocupadas por eles. Mas os informes não nos levam para fora do mundo conhecido pelo autor sagrado, ou seja, o mar Mediterrâneo e suas circunvizinhanças. Conjecturas que atribuem lugares a esses descendentes, mas que vão além desses limites, são precárias, para dizer o mínimo. Outro tanto é verdadeiro no tocante à lista inteira do décimo capítulo do Gênesis.

10.21

Sem e Seus Descendentes. Essa lista vai deste ao vs. 31. Vinte e seis nomes são cotados. Os descendentes de Pelegue (vs. 25) são omitidos dessa lista. Mas aparecem em Gên. 11.18,19.

Héber. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado a respeito dele. (No Antigo Testamento há cinco pessoas com esse nome.) Este foi bisneto de Sem, aqui mencionado por antecipação. Os hebreus procederam dele, *nessa* linhagem. O vs. 25 dá os nomes de seus filhos.

Sem, pai dos filhos de Héber, é chamado de irmão mais velho de Jafé. Cão não é aqui mencionado, por razões desconhecidas. A Sem também nasceram *filhos.* O autor sagrado fornece um esboço de nomes e lugares. Mas sua lista visa a ser representativa, e não exaustiva.

10.22

Elão. Apresentei no *Dicionário* um artigo intitulado *Elão, Elamitas.* O território chamado por esse nome ficava do outro lado do rio Tigre, a leste da Babilônia, limitado ao norte pela Assíria e pela Média, e ao sul pelo golfo Pérsico. Alguns poucos estudiosos pensam que Elão é o local original dos ciganos (Jer. 49.36-39).

Assur. Ver acerca dele no *Dicionário.* Assur foi o segundo dos filhos de Sem, e viveu em torno de 2300 A. C. Seus descendentes ocuparam a região que veio a chamar-se *Assíria* (ver a respeito no *Dicionário*).

Arfaxade. Um dos filhos de Sem e pai de Selá. Ele nasceu um ano após o dilúvio, e faleceu com a idade de quatrocentos e trinta e oito anos (Gên. 11.13), em cerca de 1960 A. C. Foi avô de Éber, que alguns consideram o antepassado dos hebreus, embora a questão ainda não esteja resolvida. Alguns vêem as letras finais, *ksd,* como sugestão aos casdim ou caldeus, mas outros identificam o nome com Arraphka, na Assíria. Uma etimologia iraniana tem sido sugerida, e isso, subseqüentemente, vinculado ao Arfaxade referido em Judite 1.1. Esse homem, de acordo com aquele livro apócrifo, governou os medos. Isso favorece a essa última idéia, embora muitos estudiosos não

aceitem essa opinião. Portanto, é possível que esse nome seja inteiramente desconhecido fora da Bíblia.

Lude. Ver sobre *Lude, Ludim*, em Gên. 10.13. Lude era chamado Ludu pelos assírios, e, talvez, fosse outro nome para a *Lídia* (que fica no que é agora a Turquia ocidental).

Arã. Ele foi o antepassado remoto dos arameus que habitavam nas estepes da Mesopotâmia. Ver no *Dicionário* o artigo *Arã (Arameus)* quanto a um detalhado artigo sobre esse povo. O idioma *aramaico* foi a contribuição deles à história da Bíblia, língua falada na Palestina, nos tempos de Jesus. Ver também o artigo intitulado *Aramaico.*

10.23 – Os Filhos de Arã

Uz. Ver o artigo detalhado sobre esse nome, no *Dicionário*. Coisa alguma se sabe sobre o *Uz* de Gên. 10.23, exceto o que é óbvio no próprio texto. As tradições fazem dele o fundador de Damasco e de outras cidades. Alguns o associam ao Uz de Jó, um distrito da parte norte da Arábia Deserta. Ver detalhes naquele artigo.

Hul. No hebraico, "círculo". Era o nome do segundo filho de Arã, que era filho de Sem. A região ocupada por sua família ficou conhecida pelo nome de *Hule*, embora não se saiba qual a sua localização. Josefo e Jerônimo situavam esse lugar na Armênia, mas outros antigos preferiam pensar no sul da Mesopotâmia, ou seja, na Caldéia. Ainda outros preferem o Líbano. Atualmente, há um distrito chamado Huleh, perto do lago Merom, que pode ser o lugar em foco.

Géter. O significado do nome é desconhecido. Todavia, foi o nome do terceiro filho de Arã. Ele é mencionado somente por duas vezes, em Gên. 10.23 e I Crô. 1.17. Nesta última passagem, ele aparece como um dos filhos de Sem, quando, na realidade, era um de seus descendentes, através de Arã. Viveu por volta de 2200 A. C., ou mesmo antes. Mas nenhum povo, nação ou população têm sido identificados como seus descendentes diretos. Certo número de conjecturas não tem sido aprovado pela erudição moderna.

Más. O significado desse nome é incerto. Era o nome de um dos filhos de Arã (Gên. 10.23; I Crô. 1.17). Nesta última passagem ele é chamado Meseque. A Septuaginta diz *Mosoque*, nos dois versículos, mas os estudiosos acham que *Más* é a forma original do nome. Alguns eruditos crêem que o homem em questão habitava no monte Masius, na Mesopotâmia, tendo emprestado o seu nome ao rio Meseca, que tem ali os seus mananciais. Uma inscrição assíria exibe esse nome, identificando um lugar de sede e desmaio, em um deserto, onde nem animais podiam ser encontrados, por causa de sua desolação. Alguns têm identificado Más com o *Mons Masius* dos escritores clássicos.

10.24 – Os Filhos de Arfaxade

Salá. Era filho de Arfaxade, da linhagem de Sem, e foi pai de Héber (Gên. 10.24; 11.12-15; I Crô. 1.18,24 e Luc. 3.35, onde ele aparece na genealogia de Jesus). As versões portuguesas variam a forma de seu nome entre *Salá* e *Selá*. Ambas as formas são também usadas para identificar outras personagens do Antigo Testamento. Esse nome quer dizer *paz*. Coisa alguma se sabe sobre esse homem além daquilo que é óbvio neste texto. Alguns eruditos, porém, supõem que ele tenha sido o antepassado dos susianos, e pensam que Sele, uma das cidades da Susiana, foi fundada por ele.

Héber. Ver as notas no vs. 21. Apresento um artigo detalhado sobre ele no *Dicionário*. Parece que *hebreu* é uma palavra cognata. E, nesse caso, os hebreus são descendentes dele. Mas os estudiosos continuam disputando sobre a questão.

10.25 – Os Filhos de Héber

Pelegue. Pouca coisa é dita sobre ele, ao passo que muito fora dito sobre Ninrode, sendo esses dois os únicos que recebem alguma explicação ampliada nas listas de descendentes de Noé. Mas, apesar de breve, talvez o relato tenha ligação com a história da torre de Babel. Foi então que os povos da terra *foram divididos* de uma maneira especial. Ver sua genealogia em Gên. 11.1 ss. A forma hebraica, *palag*, é termo usado no Antigo Testamento para descrever a *divisão* dos homens por idiomas. Esse informe diz que o evento da torre de Babel ocorreu cinco gerações após o dilúvio, *se* o autor sacro não deixou hiatos em seu sumário de nomes. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Babel (Torre e Cidade)*.

No hebraico, o nome desse homem pode significar "divisão" ou "canal (de água)". A tradição era que todos os habitantes da terra descendiam dos três filhos de Noé, mas Pelegue assinalou uma espécie de momento crítico nessa descendência. Todavia, outra teoria acerca desse nome é a de que o homem, de algum modo, estava vinculado a *Falga*, uma cidade da Mesopotâmia, situada na junção (ponto de *divisão*) do rio Caraboas com o rio Eufrates. O substantivo comum hebraico, *peleg*, pode significar "canal". Portanto, Pelegue poderia referir-se a um território e seu povo, cujo território era bem regado por águas. A palavra assíria para "canal" é *palgu*, o que empresta apoio linguístico a essa interpretação.

Joctã. No hebraico, *pequeno*. Esse era o nome do segundo filho de Sem (Gên. 10.25,26,29; I Crô. 1.19). Supõe-se que ele tenha sido o progenitor de treze tribos do sul da Arábia. Os árabes chamam-no de Catã, reconhecendo-o como um dos patriarcas de sua raça. Traços dos nomes de seus filhos podem ser encontrados em vários lugares da Arábia. As tribos árabes originais viviam sem se misturar com outros povos, até que Ismael, filho de Abraão e Hagar, com os seus filhos, também estabeleceram-se ali. Houve então a miscigenação, e os povos daí resultantes são conhecidos como mos-árabes, ou mostae-árabes, isto é, "árabes mistos".

10.26-29 Os Filhos de Joctã

São fornecidos treze nomes do vs. 26 ao vs. 29. A maioria dessas tribos árabes ocupou a península da Arábia. Israel teria laços de sangue com esses povos, as treze tribos dos joctanitas do deserto.

Almodá. No hebraico, *agitador*. Era o filho mais velho de Joctã (Gên. 10.26; I Crô. 1.20). Aparentemente ele vivia no sul da península da Arábia, mas nada se sabe com certeza quanto a isso. A Septuaginta diz *Elmodá* (Deus é amigo). Somos informados de que ele foi o fundador de uma tribo árabe, de localização incerta.

Salefe. No hebraico, *retirado*. Era o nome de um dos filhos de Joctã, e, portanto, tornou-se designação de uma tribo árabe (Gên. 10.26; I Crô. 1.20). Provavelmente, ele e seus descendentes localizaram-se no sul da Arábia, onde o nome aparece ainda como Salaf ou Sulaf. Viveu por volta de 2200 A. C.

Hazarmavé. No hebraico, *aldeia da morte*. Nome de um dos filhos de Joctã (Gên. 10.26; I Crô. 1.20). Esse homem e seus filhos estabeleceram-se na parte sul da Arábia, no wadi Hadramaute, a cujo lugar deram nome. Os historiadores têm identificado essa localidade com os *chatramotitai* dos gregos, uma das quatro principais tribos do sul da Arábia, descritas por Estrabão (16.4,2). Eles tornaram-se célebres por seu comércio de incenso. A moderna Hadramaute é um vale muito frutífero, que corre paralelamente às costas marítimas da Arábia, por cerca de trezentos e vinte quilômetros. Os dias de glória dessa região foram do século V A. C. ao século I ou II D. C., quando abrigou uma grande civilização. Sua capital chamava-se Shabwa.

Jerá. No hebraico, *mês*. Nome do quarto filho de Joctã (Gên. 1.20; I Crô. 1.20). Foi o fundador de uma tribo árabe, que parece ter-se estabelecido perto de Hazarmavete e Hadorão.

Hadorão. No hebraico, *Hadar é exaltado*. Nas referências originais, parece haver alguma alusão aos *adoradores de fogo*. Esse é o nome de três personagens do Antigo Testamento, sendo o nome de um dos filhos de Joctã, dado também a seus descendentes, uma tribo árabe (Gên. 10.27; I Crô. 1.21). Viveu antes de 2000 A. C.

Uzal. Seu nome figura somente aqui e em I Crô. 1.21. O significado desse nome é incerto. Fontes informativas antigas fornecem certa variedade de formas. Ele era trineto de Sem, e filho de Joctã. Pelegue e Joctã representam as duas principais divisões dos povos de língua semita. Uma tradição árabe diz que Uzal era o nome original de Sanaá, capital do Iêmen, a sudoeste da Arábia, um país que existe até os nossos dias. O lugar é conhecido hoje por sua produção de aço. Mas outros estudiosos identificam Uzal com *Azala*, perto de Medina. Esse lugar foi capturado por Assurbanipal, quando lutava contra os nabateus. Seus anais mencionam Iarqui e Hurarina, nomes que sugerem descendentes dos filhos de Joctã, a saber, Jerá e Adorão. O trecho de Eze. 27.19 mostra que Tiro mantinha comércio com esse lugar, que incluía produtos de ferro. Os eruditos não estão seguros acerca da identificação de Uzal, mas uma ou outra identificação deve estar certa.

Dicla. Palavra aramaica que significa *palmeira*. Era o nome de um dos descendentes de Joctã (Gên. 10.27; I Crô. 1.21). Visto que esse nome está associado à palmeira, os eruditos imaginam que a área da habitação deles teria muitas palmeiras. A região do sul da Arábia, nas proximidades da foz do rio Tigre, é a que tem sido mais insistentemente sugerida. Porém, nada se sabe a esse respeito, com algum grau de certeza. O que se sabe é que eles eram uma tribo semita que descendia de Héber, por meio de Joctã. Tradicionalmente, ele é o ancestral dos árabes do sul. Seus descendentes provavelmente estabeleceram-se no Iêmen, tendo ocupado uma porção dessa região, ligeiramente a leste de Hedjaz.

Obal. Há traduções que dizem *Ebal*. No hebraico significa *estar despido* ou *pedra*. Era o nome de um dos filhos de Joctã (Gên. 10.28; I Crô. 1.22). Viveu em torno de 2200 A. C. Também é o nome de um monte do território de Efraim (Deu. 11.29, chamado "monte da maldição"). Nada se sabe sobre essa pessoa, exceto o que nos é sugerido no texto. Seus descendentes formavam uma das treze tribos árabes que descendiam de Joctã e ocuparam a península da Arábia. O local exato da tribo de Obal ainda não foi identificado pelos estudiosos.

Abimael. No hebraico, *meu pai é Deus*. Ele aparece como o nono dos treze filhos de Joctã. Ver Gên. 10.28 e I Cor. 1.22. Tal como alguns dos outros nomes dessa lista, o nome é tipicamente árabe do sul, pelo que seus descendentes devem ter ocupado algum lugar não identificado do sul da Arábia.

Sabá. O décimo filho de Joctã, filho de Héber e descendente de Sem (Gên. 10.28 e I Cor. 1.22). O fato de que Sabá e Dedã são classificados como cuxitas (Gên. 10.7) parece indicar que houve uma migração por parte dessas tribos para a Etiópia. E sua derivação de Abraão (Gên. 25.3) parece indicar que algumas famílias dessa tribo se localizaram na Síria. Na realidade, Sabá era uma tribo árabe do sul, ou joctanita.

Os sabeus figuram como negociantes em ouro e especiarias, e também como habitantes de um país distante da Palestina (I Reis 10.1,2; Isa. 60.6; Jer. 6.20; Eze. 27.22; Sal. 75.15; Mat. 12.42). Eram negociantes de escravos (Joel 3.8), ou mesmo atacantes em bandos, no deserto (Jó 1.15; 6.19). De acordo com genealogias árabes ele foi pai de Himyar e Kahlan. Teria recebido esse nome por ter sido o primeiro a fazer prisioneiros (*shabhah*) de guerra. Fundou a capital de Sabá e também sua cidadela, Maibe (Mariaba), famosa por sua grande barragem.

A elevada posição que as mulheres desse povo podiam ocupar reflete-se na história da rainha de Sabá e Salomão. Ali as mulheres podiam ocupar até mesmo altas posições militares. A identificação da rainha de Sabá com a rainha Bilkis não corresponde aos fatos, pois esta última viveu muito tempo depois de Salomão. A arte dos sabeus dependia muito das artes assíria, persa e grega. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sabeus*, quanto a maiores informações.

Ofir. No hebraico, *rico* ou *gordo*. Esse era o nome de um dos treze filhos de Joctã (Gên. 10.29 e I Cor. 1.23), que veio a tornar-se uma tribo com sua própria localização geográfica, embora haja muita discussão sobre esse último ponto, estando os eruditos divididos entre a Índia, a África e a Arábia, neste último caso, o Iêmen.

Ofir era lugar visitado pelas naus de Salomão (I Reis 10.22). Seu ouro era considerado da melhor qualidade, talvez estando em foco a facilidade de sua extração ali. No *Dicionário* ver o artigo bastante extenso chamado *Ofir*.

Havilá. No hebraico, *círculo, distrito*. Pessoa que não deve ser confundida com o homem do mesmo nome no vs. 7, um dos filhos de Cuxe. Este *Havilá* era filho de Joctã, descendente de Sem (Gên. 10.29; I Crô. 1.23), e era nome de um homem e de um povo. Parece que os descendentes de Havilá ocuparam o sul da Arábia, embora se tenham estendido até Babe el Mandebe, localizado na África.

Jobabe. No hebraico, *uivar, clamar, tocar a trombeta*. Era o filho caçula de Joctã (Gên. 10.29; I Crô. 1.23). Os estudiosos não conseguiram localizar a tribo que dele descende, sendo mesmo possível que nenhuma tribo se tenha originado dele. Mas outros filhos de Joctã deixaram tribos no sul da Arábia.

Estes foram filhos de Joctã. Foram treze ao todo, já alistados e descritos. Assim, Joctã deixou um grande número de descendentes, engrossando a raça árabe. O vs. 30 adiciona mais alguns detalhes à questão.

10.30

E habitaram desde Messa. No hebraico, *liberdade*. Algumas traduções portuguesas dão a variante Mesa como nome deste lugar. O nome foi usado para indicar várias personagens e localidades no Antigo Testamento. *Messa* era a localidade que marcava um limite extremo do território dos descendentes de Joctã (Gên. 10.30). O outro extremo era *Sefar* (ver abaixo). Talvez Messa seja idêntica a *Massá*, no norte da Arábia, embora a maioria dos eruditos diga que Messa ficava na parte sul da Arábia, pois, com quase absoluta certeza, era ali que se encontrava Sefar. Seja como for, nenhuma localidade com essa designação foi encontrada pelos estudiosos, naquela região. Talvez esteja em pauta a Muza de Ptolomeu e de Plínio que era uma famosa cidade portuária do mar Vermelho. Mas há outras conjecturas.

Sefar. No hebraico, *numeração*. Mas no hebraico pós-bíblico, *país fronteiriço*. Alguns pensam que essa palavra tem origem extra-hebraica. Seja como for, o termo é usado para indicar um dos extremos de território ocupado pelos descendentes de Joctã. A *montanha do Oriente*, referida no texto, provavelmente é o mesmo "monte Séfer", aludido em Núm. 33.23. Mas os eruditos duvidam dessa identificação. O texto do Gênesis sugere um monte no *oriente*, mas ninguém foi capaz de frisar o local específico desse monte. Hazarmavete e Seba (sul da Arábia) são sugestões plausíveis, mas também poderiam estar em pauta Zafar ou Safari (no sul da Arábia) e Hadramaute.

10.31

São estes os filhos de Sem. O autor sagrado alistou vinte e seis nomes, dando algumas indicações dos lugares onde viviam os seus descendentes. Tinham sido formadas famílias, tribos e nações, cada qual com seu idioma distinto. Ver o vs. 20 quanto a uma declaração similar a respeito de Cão. Esses vinte e seis nomes são uma lista representativa, e não exaustiva. Assim, nenhum filho de Elão, Assur e Lude foi nomeado, embora eles devam ter tido filhos. Além disso, foi mencionado somente um filho de Selá, dois de Héber e nenhum de Pelegue. O trecho de Gên. 11.19, todavia, dá-nos o nome de um filho, *Reú*, mas acompanhado pela nota vaga de que ele teve filhos e filhas.

10.32

Famílias dos filhos de Noé. Agora o autor sacro havia terminado sua *Tabela das Nações*. Então faz-nos lembrar, em conclusão, de que tudo havia começado com Noé e seus três filhos, através de várias de suas *gerações*, que povoaram diversas regiões do mundo com o qual o autor estava acostumado. E tudo isso teve lugar *após o dilúvio*. Moisés também prepara-nos para ver como Deus espalhou ainda mais as nações, ao dividir a única língua que tinham em muitas. Neste capítulo dez, contudo, ele menciona *línguas* por diversas vezes (ver os vss. 5,20,31). Os críticos opinam, em face disso, que já existiriam idiomas diversos antes da história sobre a torre de Babel. Mas os eruditos conservadores crêem que o autor sagrado disse isso por mera *antecipação* daquilo que passaria a narrar no décimo primeiro capítulo do Gênesis.

Destes foram disseminadas as nações. Já havia muitos povos antes mesmo do episódio da torre de Babel, mas é de presumir-se que todos eles tinham um só idioma. Para alguns estudiosos, essa declaração antecipa a divisão em línguas, que ocorreria por ocasião daquele episódio. Também pensa-se que foi nos dias de *Pelegue* (ver no vs. 25) que ocorreu essa *divisão* em nações.

Capítulo Onze

Uma Língua Universal (11.1-6)

Agora o autor começa a contar outro *começo* (em consonância com a essência do *Gênesis*, o livro dos princípios). Conforme ele nos disse, antes havia um único idioma. A começar pelo vs. 7, ele narra como esse estado de coisas chegou ao fim, e informa-nos como tiveram origem as *muitas línguas*. Os homens estavam unidos entre si, mas essa unidade conferiu-lhes a coragem e a ambição de fazer coisas proibidas. Uma dessas ambições era edificar uma torre tão alta que chegasse ao lugar de habitação do próprio Deus (ou dos próprios *deuses*, dependendo do entendimento de cada leitor). Lendas antigas informam-nos que os homens não tinham compreensão acerca das grandes distâncias envolvidas no espaço, e aqueles que acreditavam que o céu era ocupado por deuses, não percebiam a impossibilidade de chegar até eles fisicamente falando. O antigo folclore babilônico fala em lugares de habitação dos deuses nos céus, e ninguém ignora o *Olimpo* dos gregos e dos romanos. O trecho de Gên. 11.5 parece subentender que o autor compartilhava de tais crenças, ou, pelo menos, que ele falou em um sentido metafórico e antropológico, a fim de emprestar sentido à sua narrativa.

O décimo primeiro capítulo também prepara o caminho para fazer-nos ver de que forma surgiu Israel como uma nação, uma nação descendente de Abraão, cujo relato é formalmente iniciado no capítulo doze. Deus estava estabelecendo distinções. A língua universal foi confundida, dividindo-se em muitos idiomas. E as migrações foram espalhando povos em todas as direções. Dentre as massas, Deus separou um povo, descendente de Sem por meio de Abraão. Essa foi a linhagem selecionada para anunciar a mensagem espiritual, propiciando, afinal, o surgimento do Messias, que teria por missão concretizar a redenção para *todas* as missões. Essa divisão provocada por Deus, pois, foi feita a fim de produzir uma *união* de acordo com Seus próprios termos, e não em harmonia com a falsa e problemática união dos homens antes da torre de Babel. Essa união dos homens, como sempre acontece, terminou em *confusão*. Mas a união segundo Deus sempre termina em *salvação*. Para melhor compreensão deste décimo primeiro capítulo, examine no *Dicionário* os seguintes artigos: *Língua* e *Babel (Torre e Cidade)*.

11.1

Este versículo liga este capítulo com o anterior, onde encontramos a *Tabela das Nações*. Ver no *Dicionário* o artigo geral chamado *Nações*, que inclui informações sobre essa tabela, em suas seções terceira a sexta. Aprendemos que antes todas as nações formavam um único povo, preservando um único idioma. As declarações constantes no décimo capítulo, acerca de línguas diversas (ver os vss. 5, 20 e 31), são tidas pelos críticos como se o autor sacro se tivesse

esquecido das "línguas" que já existiriam antes da torre de Babel, e como se, desajeitadamente, não tivesse contado como essas línguas haviam começado. Ou, então, conforme outros estudiosos dizem, ele antecipou, naqueles versículos, a *multiplicidade* dos idiomas, mas somente aqui conta *como* ocorreu essa multiplicidade.

Uma só maneira de falar. Um dos grandes mistérios científicos é a origem da linguagem. O primeiro capítulo do Gênesis em nada ajuda quanto a isso, mas devemos supor que Deus, simplesmente, deu ao homem a capacidade de falar. A ciência assinala a questão com um grande ponto de interrogação. Alguns pensadores têm tentado achar uma resposta, mas elas não convencem. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Língua*. Na quarta seção desse artigo apresento algumas teorias sobre as origens da linguagem.

Existem entre três a quatro mil línguas diferentes no mundo. Há cerca de quarenta *famílias* de línguas que já foram identificadas. A maior dessas famílias é a das línguas indo-européias, que ocupam uma faixa que vai desde a Índia até ao extremo ocidental da Europa, tendo-se espalhado daí para todos os outros continentes.

Têm sido vãs as tentativas para identificar a *língua única* da qual todas as demais línguas descenderiam. Naturalmente, alguns judeus falam no "hebraico", chegando ao extremo de pensar que Deus fala essa língua. Mas os árabes falam no "árabe". É que esses idiomas são sagrados para os povos que os falam. Alguns ultraconservadores chegam a objetar a traduções feitas a partir desses idiomas. Mas todas essas especulações são inúteis e anticientíficas.

O autor sagrado presume que a existência de um único idioma dava aos homens uma unidade especial. E não há que duvidar de que esse era um fator determinante de unidade.

11.2

Partindo eles do oriente. Uma alusão vaga às contínuas migrações humanas, após o dilúvio, historiadas com pormenores no décimo capítulo do Gênesis. A palavra *eles*, neste caso, aponta para os descendentes de Noé, mormente para aqueles que tinham chegado à terra de Sinear, ou seja, à região que originou a então futura Babilônia. O *oriente*, neste caso, parece referir-se a algum lugar perto do monte Ararate, onde a arca veio a repousar, terminado o dilúvio.

Terra de Sinear. No *Dicionário*, apresento um longo e detalhado artigo sobre esse lugar. Essa é uma antiga (quiçá a mais antiga) designação da *Babilônia* (ver também no *Dicionário*). Essa designação figura em Gên. 10.10; 11.2; 14.1,9; Isa. 11.11; Dan. 1.2 e Zac. 5.11.

O Fruto Proibido do Capítulo 11 de Gênesis. Tal como em Gên. 2.17, houve um fruto proibido do qual o homem não podia participar (sob a pena de morte); assim também agora para os habitantes da terra, depois do dilúvio, havia um fruto proibido ao qual deveriam resistir, a saber, construir, movidos pelo *orgulho*, uma edificação que invadisse o santuário de Deus, sob a inspiração da unidade dos homens. A lição dada aqui é que só podemos nos aproximar de Deus de acordo com *Suas* condições, e não segundo as condições ditadas pelos homens. As *condições humanas*, pois, constituem outro fruto proibido para nós.

11.3

Façamos tijolos. Na planície da Babilônia não havia pedra para construções, o que causou a necessidade de fazer tijolos. No *Dicionário* apresento um detalhado artigo intitulado *Tijolo*. Construir com tijolos equivale à instrução espiritual. Esse tipo de edificação exige que se faça um pouco de cada vez, em um esforço cumulativo contínuo, para que se obtenha o resultado colimado. Assim também os homens, para o bem ou para o mal, vão-se tornando gradualmente no que são, e, gradativamente, produzem as realizações de sua vida, sejam elas benignas ou malignas.

Betume. Um produto natural do petróleo, ou, então, alguma espécie de cimento. As escavações feitas na Babilônia mostram a tenacidade das substâncias ali usadas para unir tijolos, como também a boa qualidade dos tijolos feitos na antiguidade. A planície de Sinear também tinha argila de boa qualidade, a qual, ao ressecar-se, tornava-se quase tão dura como a rocha. Heródoto dá-nos algumas informações sobre a edificação com tijolos, na Babilônia, e também alude ao betume natural ali existente. Certa área possuía essa substância em tal abundância que os mouros chamavam-na de "boca do inferno" (Curtius, *Hist.* 1.5 c.1). Dioscorus Siculus confirmou que, na Babilônia, se edificava com tijolos e betume (*Bibliothec.* 1.2 par.96).

11.4

Uma cidade, e uma torre. No *Dicionário* ver o artigo intitulado *Babel (Torre e Cidade)*, onde há detalhes abundantes relativos a este versículo e à situação geral retratada neste capítulo. Ver também sobre *Zigurate*, que poderia ser o modelo de torre que os homens resolveram construir.

Cujo tope chegue até aos céus. No *Dicionário* ver o artigo chamado *Céu*. Vários povos antigos imaginavam que o *lar dos deuses*, ou de Deus, ficava *acima* da terra, mas não muito distante dela. O folclore babilônico, sem dúvida, encara as coisas assim. Também sabemos o que os gregos e romanos pensavam sobre o *Olimpo*. O Olimpo original ficava (e fica) em um dos montes da Tessália, cujo cume chega à altitude de 2.919 metros. Os gregos antigos simplesmente criam que naquele lugar elevado residiam os deuses. Daí derivou-se a idéia de que os deuses habitam "lá em cima". Homero fez as *nuvens* (literais) ser os portões do céu. E assim o Olimpo foi transferido para o *céu*, lá em cima. Na época, os antigos não concebiam divindades não-físicas. Não seriam seres mortais, mas também não seriam entidades espirituais. Assim, era fácil supor que eles foram seres exaltados, posto que não infinitos, que podiam ter intercomunicação fácil e freqüente com os homens; pois os deuses seriam diferentes, mas *não muito diferentes*. Gênesis, como é claro, tem um conceito de Deus não tão desenvolvido como o que se vê em livros posteriores do Antigo Testamento, ou no Novo Testamento. Por que alguém pensaria que isso é estranho? Daí, o texto à nossa frente reflete um conceito primitivo de Deus, provavelmente físico em algum sentido, e aqueles homens julgaram que Sua residência não estaria muito *acima* deles, no céu.

Os zigurates, pelo menos muitos deles, revestiam-se de um simbolismo religioso. Geralmente contavam com sete terraços, que partiam de um pátio no nível do solo, e eram coroados com santuários gigantescos no topo. Eram consideradas construções que ajudavam os homens em sua busca pela comunhão com os deuses. Talvez os sete pavimentos visassem honrar às sete divindades planetárias da religião babilônica. Essas divindades eram tidas como mediadoras entre os deuses e os homens. O alto dos zigurates era considerado *a entrada para o céu*.

Tornemos célebre o nosso nome. Tanto diante dos deuses (ou de Deus) quanto diante dos homens, visto que a torre seria feita para que se obtivesse acesso à divindade, para que merecesse a sua *aprovação*. Eles pareciam sinceros em sua crença. Não há que duvidar de que construíram movidos pelo orgulho, mas pensavam que assim estariam honrando aos poderes divinos, e não meramente a si mesmos.

Para que não sejamos espalhados. A migração era a ordem do dia. Condições de vida instáveis forçavam as pessoas a vaguear para garantir seu sustento. Os construtores da torre buscavam segurança e estabilidade, aquilo que as pessoas mais buscam nesta vida. Eles queriam trabalhar visando à sua própria honra e à honra das divindades, mas desejavam que sua própria segurança fosse um subproduto de seus labores. A maioria das pessoas é impulsionada por esse tipo de motivação.

As *pirâmides* do Egito (ver sobre elas no *Dicionário*) também exaltavam os poderes divinos e o homem. Dessa forma, na maneira de pensar dos homens, o religioso e o secular tornam-se inseparáveis. Os homens tentam aproximar-se de Deus de uma maneira errada e, por isso mesmo, fracassam. O *acesso* sempre constituiu um problema.

Talvez o autor sacro quisesse sugerir aqui que as pessoas, mediante alguma intuição interior, temiam aquilo que acabou acontecendo, ou seja, a *dispersão*. E, assim sendo, tomaram algumas medidas preventivas. Deus havia ordenado que os homens se espalhassem pela terra (Gên. 9.1), mas agora eles tentavam contornar o plano divino.

11.5

Ver o vs. 4 quanto às crenças dos homens primitivos acerca de Deus, e que a revelação bíblica foi corrigindo. Os céticos e os críticos tiram proveito deste versículo para mostrar quão ridículas noções os homens embalam a respeito de Deus, do que nem o autor do Gênesis teria escapado. Deus desceu de Sua habitação celeste para espiar a torre e a cidade que estavam sendo edificadas. Mas os eruditos conservadores falam aqui em termos de símbolos antropomórficos, quando dizem que Deus compartilhou (metaforicamente) de emoções humanas. Ver no *Dicionário* dois artigos, *Antropomorfismo* e *Antropopatismo*. Os intérpretes, seguindo Orígenes, simplesmente nos dão interpretações alegóricas em passagens como esta.

John Gill (*in loc.*), que era um mestre conservador em extremo, comentou dizendo que Deus não desceu "local ou visivelmente, sendo Ele imenso, onipresente e invisível. . . pois tudo isso foi dito à maneira dos homens". É verdade, mas alguns intérpretes não percebem tais refinamentos cristãos refletidos no próprio texto bíblico.

Significado Espiritual do Texto. Em meio às controvérsias teológicas, podemos perder de vista a lição que a teologia nos quer ensinar. Neste versículo, aprendemos que o homem, por mais sincero que seja, pode tentar aproximar-se de Deus de forma que não corresponde à vontade divina revelada, pelo que

acaba falhando. A mensagem inteira do evangelho é que Deus aproxima-se do homem mediante certo intermediário, a saber, Seu Filho, Jesus Cristo. Deus é paciente, e pode reconduzir todos nós através da variegada missão do Logos.

Os filhos dos homens. Ou seja, a humanidade. Temos aqui uma expressão geral, talvez enfatizando a fragilidade e a estupidez dos seres humanos, que pretendem aproximar-se de Deus de uma maneira que Deus não aceita.

Outra lição espiritual do texto é a do *Teísmo* (ver no *Dicionário*). Deus criou e continua cuidando; Ele galardoa e castiga; Ele acompanha a vida dos homens; Ele está sempre presente, aquilatando os atos humanos certos e errados.

11.6

O povo é um. . . têm a mesma linguagem. A mente divina ressaltou aqui um problema: a unidade dos homens agora fora posta a serviço de uma abordagem errada a Deus, visando também a frustrar Seu designio de espalhar os homens pela terra (Gên. 9.1), para que esta fosse povoada. Ele não queria alguma gigantesca cidade, que crescesse sem parar, cheia de crimes e ambição; nem queria uma torre por onde os homens tentassem chegar até Ele. A unidade da humanidade, pois, teria de terminar.

Agora não haverá restrição. Deus estava preocupado (em um sentido metafórico e alegórico), embora o homem antigo não tivesse entendido a questão por esse prisma. Mas até hoje alguns teólogos fazem de Deus um simples Super-Homem, que compartilha das crenças e da ciência dos homens. É muito fácil reduzir Deus às nossas proporções; e é precisamente isso que faz a teologia popular. Erasmo, pois, estava com a razão ao dizer que "a linguagem humana não pode conter o Infinito". Alguns intérpretes pensam que Deus falou aqui com "ironia", como se Ele tivesse soltado uma gargalhada diante do que os homens estavam tentando fazer; mas essa idéia parece distante do intuito do autor sacro.

O que o homem não queria fazer por motivo de *obediência* à injunção divina (Gên. 9.1), Deus realizaria através do juízo. Há coisas que Deus pode fazer melhor entre os homens, por meio do julgamento, do que por outros meios. Todavia, os juízos divinos são sempre remediais, e não apenas retributivos. Ver I Ped. 4.6.

A Confusão das Línguas (11.7-32)

Os artigos referidos no vs. 4 iluminam este texto. Ver também a introdução a este décimo primeiro capítulo. O poder de Deus "descia" de novo (ver esse tipo de linguagem no vs. 5). Deus agiu a fim de frustrar o propósito dos homens na falsa abordagem deles. Não basta que sejamos sinceros quanto àquilo em que cremos. Deve haver *verdade* nessas crenças. Além disso, é errado promover uma causa que labora contra a vontade de Deus — neste caso, Deus queria repovoar a terra inteira (Gên. 9.1).

11.7

Confundamos ali a sua linguagem. Ver o vs. 1 quanto a notas sobre a linguagem universal que havia; e, no *Dicionário*, o artigo chamado *Língua*. O homem é corrupto, independentemente de ter uma ou muitas línguas; mas um único idioma servia para unir os povos. Esse *idioma único* simbolizava como os homens estavam unidos em seus propósitos, que eram e continuam sendo contrários à vontade divina.

Quando Deus é Deixado de Lado e o Orgulho Nacional Predomina. Incontáveis exércitos têm marchado, matado e conquistado a fim de edificar um império para algum tirano! Pensemos na fama de Alexandre, o Grande, que ele obteve com suas atividades belicosas. Adolfo Hitler proclamou seu Terceiro Reich como um império que perduraria, no mínimo, por mil anos. Mas em quão pouco tempo esse império estava reduzido a cinzas. Um recente presidente argentino tolamente falou em cem anos de progresso sob sua filosofia de governo. Mas veio a eleição *seguinte*, e eis que ele foi tirado do governo. Os líderes e teóricos comunistas falam grosso, para dizermos o mínimo; mas em nossos próprios dias não somente o comunismo foi obliterado na Rússia, mas a própria *União Soviética* dividiu-se e o seu império se dissolveu. Nações por toda a Europa desvencilharam-se das peias comunistas. Os impérios antigos duravam por mais tempo. Mas eles também, um por um, acabaram substituídos por outros poderes. Deus é deixado de lado pelos homens, mas o orgulho nacional não tem podido estabelecer coisa alguma de duradouro. A Babilônia contou, por algum tempo, com um grande império; mas o juízo divino, finalmente, destruiu a iniqüidade daqueles homens. Os homens precisam depender do *Eterno*, embora seja preciso muito tempo para aprenderem essa lição.

Os homens da torre de Babel estavam unidos, mas espiritualmente confusos. Deus precisou pôr fim àquela solidariedade humana que dava uma idéia falsa de unidade. Ver as notas sobre o vs. 9 quanto a uma aplicação espiritual de *Babel*.

Não havia intérpretes; ninguém falava duas línguas. E assim, quando os operários tentaram prosseguir com a obra, descobriram ser isso impossível. Jarchi oferece-nos aqui um curioso comentário: "Quando alguém pedia tijolos, outro lhe trazia massa ou betume, diante o que o primeiro se levantava contra o segundo e lhe estourava os miolos".

11.8

Destarte o Senhor os dispersou. O plano divino mostrou-se eficaz. Cessou a construção da torre, e os homens reiniciaram sua marcha migratória, cumprindo assim a ordem divina que se vê em Gên. 9.1. Também estacou a construção da cidade, ainda que, posteriormente, o poderoso império babilônico tivesse sido edificado em torno de uma cidade naquela área. Alguns intérpretes supõem que tenha havido alguma forma de intervenção divina, além da confusão da linguagem, mas o texto não dá indício algum a esse respeito. Uma única causa foi suficiente para produzir o efeito desejado. Quando *Deus* age, as coisas sucedem com prontidão e poder. Terminara o ambicioso projeto dos *homens*. A vontade de Deus tinha sido feita. Aquilo que os homens tanto temiam havia acontecido. "Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam" (Sal. 127.1). Abideno, um escritor assírio, atribuía o fim abrupto da construção a um vento poderoso que derrubou a torre (apud. Eusébio c.14 par.416). Antigos autores judeus tolamente referiam-se à 'confusão do idioma hebraico", que, para eles, seria a língua original. E vários estudiosos têm descrito, mediante uma vívida imaginação, a consternação causada pela confusão da linguagem, com lutas, matanças e conflitos. Finalmente, simplesmente teriam desistido do projeto inteiro como um mau negócio. Algumas vezes, é melhor abandonar um projeto. Seja feita a vontade de Deus! Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Vontade de Deus, Como Descobri-la*.

11.9

Babel. Essa palavra é de origem babilônica, e significa "portão de Deus". De acordo com a etimologia popular, porém, devido à similaridade de sons, no hebraico surgiu o sentido de "confundir". A palavra também pode significar "misturar" (o babilônico *bab-li* passou para o hebraico *balal*). No *Dicionário*, ver os artigos *Babel* e *Babilônia*.

Lições e Metáforas Espirituais. "Os construtores de Babel servem de emblema de pessoas justas aos próprios olhos, as quais, como na maior parte do mundo, existem sob diferentes formas religiosas, e tudo com base em um pacto de obras" (John Gill, *in loc.*).

"A história de Babel (*confusão*) é notavelmente paralela à história da Igreja professa: 1. Unidade (Gên. 11.1 — a Igreja apostólica, Atos 4.32,33). 2. Ambição (Gên. 11.4 — o uso de meios mundanos, e não espirituais, Gên. 11.3), o que termina em uma unidade feita pelo homem, o papado. 3. A confusão da linguagem (Gên. 11.7 — o protestantismo, com suas inúmeras seitas)." (C. I. Scofield, *in loc.*).

Os homens criaram um monte *artificial*. Mas a aproximação a Deus deve ser efetuada por meios espirituais genuínos. Posteriormente, Israel seguiu o mesmo curso de orgulho que fora seguido pelos babilônios, e terminou cativa por potências pagãs.

"A derrota de Babel foi explicada claramente por Sofonias, cujos termos por certo retraçaram esse evento, antecipando a grande unificação do reino milenar, quando todos falarão uma só linguagem pura, adorando a Deus no santo monte *de Deus*, convocados dentre as nações para onde tinham sido dispersos (Sof. 3.9-11). O milagre do Pentecoste (Atos 2.6-11) foi um arauto daquele evento que ainda jaz no futuro" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Este versículo assinala o fim dos eventos primevos. E agora o autor sagrado volta-se para a genealogia de Sem a fim de apresentar-nos a figura de Abraão, por meio de quem haveria de surgir em cena a nação de Israel. Essa nação seria a mestra das outras nações, e por meio dela Jesus, o Cristo, viria a este mundo.

Os Descendentes de Sem (11.10-26)

Fica Preparado o Caminho para Israel. Neste ponto, o autor sacro apresenta seu sexto *toledoth* (ou *gerações*), um artifício literário que ele usou para dar-nos uma espécie de esboço do Gênesis, em grandes pinceladas. Os autores antigos não pensavam muito em esboçar suas obras por meio de divisões, e certamente nunca incluíam índices em seus livros. Ver Gên. 1.4 quanto a comentários sobre essa questão e sobre as divisões do livro de Gênesis.

O autor do livro havia acompanhado com cuidado o desenvolvimento do plano divino: primeiro, através de Adão; então, através de Noé; através dos filhos de Noé; agora, através de Sem, até Abraão; e, finalmente, de Abraão, ele acompanharia a organização da nação de Israel. E Israel seria a mestra das nações, e dela emergiria o Messias, o mestre do *mundo inteiro*. O homem coopera e ajuda na consecução do plano divino mui ocasionalmente, mas usualmente fracassa. No entanto, o plano divino propriamente divino nunca falha.

A *Tabela das Nações* (no *Dicionário* ver o artigo *Nações*, mormente suas seções terceira a quinta) já havia sido dada, e nela figura a maioria dos nomes da presente seção, até ao seu vs. 19. A genealogia de Sem é apresentada em Gên. 10.21 ss. Essa lista deixa de fora qualquer informe sobre a idade dos homens quando geraram este ou aquele filho, e qual a sua idade por ocasião da morte. Mas as listas que se seguem incluem esses detalhes. Nesta seção, os números também diferem daqueles que aparecem na Septuaginta, no Pentateuco Samaritano e nos escritos de Josefo, tal como também sucede em todas as seções anteriores do Gênesis. São dadas oito gerações, até Terá, pai de Abraão. No fim de uma relação de nomes de pessoas sobre quem pouco sabemos, e sobre quem pouco deve ter havido para se saber, surge o gigante, *Abraão*, cuja história será contada longa e pormenorizadamente. Mistérios divinos e um destino específico distinguiam-no do resto. Ele estava destinado a tornar-se uma das figuras supremas da história e da fé religiosa.

11.10

Sem. Ver as notas sobre ele em Gên. 5.32.

Da idade de cem anos. Esse número varia no hebraico, na Septuaginta, no Pentateuco Samaritano e nos escritos de Josefo. O texto hebraico dá um total de trezentos e noventa anos de Sem a Abraão. O Pentateuco samaritano fala em mil e quarenta anos. A Septuaginta, em mil duzentos e setenta anos. Devemos lembrar que as letras do hebraico eram usadas para representar números, e que era fácil confundir uma quantidade com outra, alterando assim consideravelmente os cálculos.

Sem viveu até aos seiscentos anos de idade. Portanto, ele deve ter sido um contemporâneo mais idoso de Abraão, a menos que os cálculos não-hebraicos, que mencionei acima, estejam mais certos que o texto hebraico.

Arfaxade. Ver Gên. 10.22.

11.11

Quinhentos anos. Portanto, ele viveu até aos seiscentos anos de idade, de acordo com o texto hebraico. Por toda a lista, redatores antigos, sobretudo judeus e árabes, foram adicionando detalhes que faríamos bem em ignorar. Assim, supostamente, Sem morreu durante o mês de elul, em uma sexta-feira, quando Jacó estava com quinze anos, e viu doze gerações depois de si mesmo. Esses detalhes raramente são exatos, e vou ignorá-los daqui para a frente.

E gerou filhos e filhas. Ver o vs. 13.

11.12

Trinta e cinco anos. A vida extremamente longa dos patriarcas antediluvianos não foi duplicada em seus descendentes após o dilúvio. Mesmo no caso de Arfaxade, vemos um rápido declínio. Salá foi o primeiro filho a nascer de um pai relativamente jovem (conforme nós contamos os anos). Pelo menos, seu nascimento foi o primeiro a ser registrado nessas condições.

Salá (Selá). Ver Gên. 10.24.

11.13

Arfaxade chegou ao total de quatrocentos e trinta e oito anos. De acordo com os padrões antediluvianos, morreu como um homem relativamente jovem. Ver o vs. 12.

E gerou filhos e filhas. Essa declaração é repetida em Gên. 11.11,13,15,17,19,21,23 e 25, ou seja, oito vezes, dentro da genealogia de Sem. Houve muitos outros nascimentos que não foram alistados. A lista é apenas representativa, e não exaustiva.

11.14

Trinta anos. Outro nascimento de um filho quando seu pai era relativamente jovem. Ver o vs. 12.

Héber. Ver no *Dicionário* o artigo a seu respeito. Presume-se que o nome *hebreus* derive do nome desse homem.

11.15

Quatrocentos e três anos. Isso quer dizer que Selá viveu um total de quatrocentos e trinta e três anos, ligeiramente menos do que o *jovem* Arfaxade. Ver nas notas de Gên. 5.21 a seção intitulada *Desejabilidade de uma Longa Vida*.

11.16

Trinta e quatro anos. Outro nascimento de um filho quando seu pai era relativamente novo. Ver os vss. 12 e 14.

Pelegue. Ver Gên. 10.25. Foi no seu tempo que ocorreu a *divisão* dos homens, por causa da torre de Babel. Em outras palavras, os homens reiniciaram então as grandes migrações, consoante a vontade divina expressa em Gên. 9.1, por terem sido forçados a isso.

11.17

Héber viveu um total de quatrocentos e sessenta e quatro anos. A vida humana agora tinha bem menor duração do que antes do dilúvio, e a longevidade continuaria diminuindo.

11.18

Pelegue gerou *Reu*. Temos aí a primeira adição de um nome dado à genealogia dos descendentes de Sem, segundo se viu em Gên. 10.21 ss.

Reú. No hebraico, *amigo, companheiro*. Ele era filho de Pelegue e pai de Serugue. Era descendente de Sem (Gên. 11.18-21; I Crô. 1.25,26). Alguns intérpretes fazem dele o pai de Melquisedeque, sacerdote do Deus Altíssimo. Na verdade, porém, coisa alguma se sabe sobre Melquisedeque, além do fato de seu sacerdócio. Ver Heb. 7.3.

11.19

Pelegue viveu somente duzentos e trinta e nove anos, pouco mais que a metade da vida de seu pai. Teve muitos filhos que não foram nomeados na lista (ver o vs. 13). Talvez um deles tenha sido Melquisedeque, embora não haja como averiguar a possibilidade.

11.20

Serugue. No hebraico, *firmeza, força*. Seu nome aparece em Gên. 10.20-23; I Cor. 1.26; e, na genealogia de Jesus, em Luc. 3.35, onde a forma grega é *Serouch*. Ele foi o pai de Naor e o bisavô de Abraão. Coisa alguma se sabe acerca dele, além daquilo que lemos no próprio texto. As tradições árabes atribuem a ele a edificação de duas cidades, ambas as quais teriam recebido o seu nome.

11.21

Reú viveu por duzentos e trinta e nove anos, exatamente a idade de seu pai, Pelegue, ao falecer. Presume-se que tenha sido em seus dias que vários reinos foram organizados. Alegam alguns que, quando ele estava com cento e trinta anos, Ninrode começou a reinar em Babilônia. E em seus dias (no dizer de outros), o Egito ergueu-se como uma nação poderosa. Outros reinos são mencionados, como o das amazonas e o dos boêmios, mas não há como verificar se essas tradições estão com a razão. O que é indiscutível é que o Egito já havia passado por várias dinastias, antes de seu tempo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Egito*. Alguns pensam que ele morreu quando Abraão estava com setenta e cinco anos de idade, e que cerca de cinco dinastias antecederam os dias de Abraão.

11.22

Naor. Duas pessoas e uma cidade têm esse nome nas páginas do Antigo Testamento. Ver Gên. 11.22; 11.26 e 24.10. No hebraico, *resfôlego, respiração pesada*. Ele era filho de Serugue e pai de Terá, pai de Abraão. Viveu pelo espaço de cento e quarenta e oito anos (uma vida muito breve, em comparação com seus antepassados), algum tempo antes de 2100 A. C. Seu nome aparece na genealogia de Jesus em Luc. 3.34. Sua grande distinção foi que ele era o avô de Abraão. Alguns pensam que seu nome significa "esforço intenso", dando a isso uma torção espiritual: "Foi com ele e em seus dias que os homens começaram a ter uma luta espiritual mais séria, o que veio a refletir-se na vida de Abraão, o qual representou um grande avanço espiritual". O trecho de Jos. 24.2 mostra que a idolatria era praticada de modo geral pelos descendentes de Sem. Talvez Naor tenha feito algo para reverter isso, embora nada se saiba sobre ele com certeza.

11.23

Serugue viveu por duzentos e trinta anos. A duração da vida humana estava declinando rapidamente, a cada geração. Serugue teve muitos filhos e filhas cujos

nomes não figuram na lista. Ver o vs. 13 quanto a isso. Detalhes fornecidos por escritores judeus e árabes dizem que foi em seus dias que a idolatria começou, que surgiu o reino de Damasco, que os babilônios inventaram os pesos e as medidas, como tecer a seda e a arte de tingir panos. Mas tudo isso, provavelmente, é apenas imaginário.

11.24

Vinte e nove anos. Naor foi o homem mais jovem a gerar um filho até onde vai o registro bíblico até este ponto.

Terá. Pai do grande Abraão (Gên. 11.24-32). No hebraico, esse nome significa *giro, duração* ou *vagueação*. Na Septuaginta, *Thárra*. Também há menção a ele em Jos. 24.2; I Crô. 1.26 e Luc. 3.34. Estêvão referiu-se ao pai de Abraão em Atos 7.4.

Terá teve três filhos que, no livro de Gênesis, são chamados de Abrão, Naor e Harã. Isso corresponde à época em que Terá vivia em Ur, uma cidade que a maioria dos eruditos modernos identifica como *Al-Muqayyur*, no curso inferior do rio Eufrates, já próximo do golfo Pérsico. De Ur, pois, Terá migrou para o norte, cerca de oitocentos quilômetros ao longo do rio Eufrates, até a cidade de Harã, localizada cerca de quatrocentos e quarenta quilômetros a nordeste de Damasco.

Embora o nome de Abrão ocorra em primeiro lugar, não devemos concluir daí que ele tenha sido o filho mais velho de Terá. É possível que Harã, que morreu antes de a família ter-se mudado mais para o norte, tivesse sido o filho mais velho. Foi o filho de Harã, Ló quem, finalmente, acompanhou Abraão até a Palestina.

De acordo com Josué 24.2,15, Terá era um homem idólatra. A principal divindade adorada em Ur era Nannar (em semítico, *Sin*). E isso também acontecia na cidade de Harã, durante os dias de Terá.

Talvez tenha sido por esse motivo, igualmente, que o Senhor, quando quis conceder a Abraão experiências espirituais, recomendou-lhe: "Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação. . ." (Gên. 12.1,2). Isso precipitou a formação do povo de Israel, cuja finalidade principal foi servir de berço para o Messias. Ver Rom. 9.5. A graça de Deus operou toda essa transformação, desde o idólatra Terá até o próprio Filho de Deus encarnado, o Salvador do mundo.

11.25

Naor viveu somente cento e quarenta e oito anos, pois a duração da vida humana vinha declinando rapidamente depois do dilúvio. Alguns presumem que, em seus dias, a idolatria tenha aumentado de forma alarmante, e grande juízo caiu sob a forma de um poderoso terremoto. Alguns calculam que foi nesse tempo que surgiram a Espanha, Portugal e Aragão como reinos. Naor morreu quando Abraão estava com cento e dez anos de idade. Mas, quanto a esses detalhes, coisa alguma sabemos com certeza.

11.26

Abrão. Ofereço, no *Dicionário*, um detalhado artigo intitulado *Abraão*.

Naor. Este deve ser distinguido do Naor de Gên. 11.22, que foi seu avô. Era filho de Terá e irmão de Abraão e Harã. Casou-se com sua sobrinha, Milca, filha de Harã (Gên. 11.26,27,29). Aparentemente, viajou até Harã (o lugar) na companhia de Terá, Abrão e Ló, a despeito do fato de que isso não é mencionado especificamente em Gên. 11.31. Harã veio a tornar-se conhecido como "a cidade de Naor" (Gên. 24.10); e isso parece uma prova adequada daquela assertiva. Como é natural, ele pode ter chegado ali posteriormente.

Naor foi o progenitor de doze tribos dos arameus, alistadas em Gên. 22.20-24, o que ilustra o parentesco próximo entre os arameus e os hebreus. Parece que Naor havia preservado as tradições religiosas (pré-hebréias) dos semitas, porquanto adorava a um falso deus, honrado por seu pai, Terá (Gên. 31.53). É possível, igualmente, que o pacto firmado entre Jacó e Labão, em Mispa (Gên. 31.43 ss.), tenha incluído vastos feitos tanto a Yahweh quanto ao deus de Terá, o que era tradicional na família, provavelmente desde gerações anteriores.

Harã. Três pessoas recebem esse nome no Antigo Testamento. Aquele que recebe esse nome no texto era filho de Terá e irmão de Abrão e Naor. Ele era o pai de Ló, e tinha duas filhas chamadas Milca (que se casou com Naor, um tio seu) e Iscá (Gên. 11.27-31). Faleceu antes de seu pai, Terá, o que parece ter sido um caso raro, porquanto é mencionado. Muitos estudiosos têm pensado que esse nome significa "forte" ou "iluminado". Viveu por volta de 1990 A. C. Interessante é observar que Iscá, filha de Harã, é considerada por alguns antigos a mesma *Sara*, esposa de Abraão. Entre esses poderíamos citar Josefo. Contudo, não se sabe qual a base para essa opinião.

As Gerações (*Toledoth*) **de Terá** (11.27-29)

Achamos aqui a sétima divisão do livro de Gênesis, de acordo com o uso que o autor sagrado fazia da palavra hebraica *toiedoth*, "gerações". Os livros antigos não contavam com divisões ou seções como os livros modernos, e certamente também não tinham índices. O autor do livro de Gênesis dividiu seu livro em doze seções, cada uma delas iniciada pela palavra hebraica *toledoth*. Ver a nota sobre isso em Gên. 2.4. As gerações de Terá, naturalmente, incluem aquelas de Abraão. É a partir deste ponto que começa a ser-nos apresentada a nação de Israel, a nação derivada de Abraão, a nação por meio da qual viria o Messias. Assim a linhagem santa foi Sem/Terá/Abraão.

As informações que aqui achamos já tinham sido expostas no vs. 26, exceto pelo fato de que agora somos apresentados a Ló, filho de Harã. Esta seção serve para encerrar a genealogia de Sem iniciada no vs. 10. É possível que a família de Abraão vivesse em Harã, lugar ao qual, finalmente, eles voltaram (Gên. 11.31). Nesse caso, a família havia migrado por uma distância de cerca de novecentos e sessenta quilômetros, desde Ur, na Suméria, até aquele lugar. E dali, Abraão desceu à Palestina, dando assim início à história de Israel.

11.27

Todos os nomes que figuram neste versículo já foram anotados nos vss. 25 e 26, exceto *Ló*. Provi no *Dicionário* um longo e detalhado artigo sobre ele. Seu nome aparece aqui, provavelmente, porque ele haveria de figurar com proeminência nas narrativas que se seguirão. Ele era sobrinho de Abraão.

". . .embora Abraão seja a personagem cêntrica, contudo a narrativa é chamada *toledoth Terá*, tal como a história de José foi chamada de *toledoth Jacó* (ver Gên. 37.2). Isso vincula Abraão com o passado mostrando que, mediante Terá, e o *toledoth* que terminou com ele, ele era o representante de Sem."

Terá gerou a Abrão. Os comentaristas, em seu esforço por fazer a declaração de Estêvão, em Atos 7.4, concordar com os números do texto hebraico, têm suposto que Abraão não fosse o filho mais velho e que o primeiro lugar lhe havia sido dado aqui por causa de sua proeminência espiritual. Mas isso é contra as regras da língua hebraica, e o fracasso da tentativa de privar Sem de seu direito de primogenitura, por uma tradução errada de Gên. 10.21, confirma a reivindicação de Abraão à mesma prerrogativa" (Ellicott, *in loc.*). Ver as notas sobre o vs. 32 quanto aos números hebraicos em questão.

11.28

Morreu Harã. . . em Ur. Um breve comentário triste que envolve uma circunstância incomum. Sempre é triste quando um filho amado morre antes de seu pai. Parece algo tão desnatural. Mas precisamos continuar confiando na bondade de Deus, bem como no destino específico que Deus dá a cada ser humano. Uma vida longa é desejável, o que já comentei em sentido poético em Gên. 5.21. Apesar de ser verdade que é melhor viver *bem* do que viver muito, ainda é mais verdadeiro que é melhor viver bem *e* longamente. O texto aqui pode significar "antes da morte de seu pai" ou "na presença de seu pai". Esse é o primeiro registro de uma morte prematura na Bíblia. Todos tememos a morte. *Sabemos* que Deus controla os ciclos da vida e, sem importar se esses ciclos são breves ou longos, Sua vontade prevalece. Mas tememos os ciclos breves como se algum acidente estivesse envolvido neles. Tememos o caos e o desconhecido. O bispo William Lawrence, do estado americano de Massachusetts, disse: "Para mim, o mais surpreendente na vida é que ela se vai tornando cada vez mais interessante, conforme envelhecemos. E uma fé cristã de uma longa vida infunde serenidade e esperança àqueles últimos anos". Ele tinha mais de noventa anos de idade quando escreveu essas palavras. Naturalmente, a vida humana toda, por mais longa que a consideremos, é breve. Minha mãe faleceu com somente sessenta e oito anos. O desejo dela era atingir os oitenta anos e falecer de um ataque cardíaco. Ela só atingiu sessenta e oito e morreu de câncer. Deve ser nosso desejo viver o bastante para completarmos a nossa missão, e enquanto *outras* pessoas precisarem de nós. Que Deus nos conceda essa graça!

". . .Harã morreu diante da face de seu pai; mas Abraão sobreviveu em segurança perante os olhos de todos eles" (John Gill, *in loc.*). Isso ele comentou acerca da alegada morte de Harã. Harã e Abraão foram lançados na fornalha. Harã representando os deuses falsos, e Abraão o verdadeiro Deus. O teste destruiu Harã, mas Abraão sobreviveu diante dele. Essas adições, todavia, são meros arroubos da imaginação. Nada sabemos acerca das circunstâncias que envolveram a morte de Harã.

Em Ur. No *Dicionário* há um longo e detalhado artigo sobre *Ur*. Ver também sobre a *Caldéia*.

11.29

Mulheres. . . Sarai. No *Dicionário* há um longo e detalhado artigo.

Milca. Naor casou-se com Milca, sua sobrinha. Ver o *Dicionário* quanto ao artigo intitulado *Incesto*. Naturalmente, aquilo que hoje consideramos incestuoso não era assim considerado nos tempos de Abraão, pois, afinal, ele casou-se com sua meia-irmã.

Milca, no hebraico, *conselho*. Há algumas variantes textuais que incluem as formas *Melcha* (na Septuaginta) e *Malka*, que significa "rainha". Essa palavra é usada como nome próprio feminino para indicar duas mulheres nas páginas da Bíblia. Ver também Núm. 26.33; 27.1. Uma filha de Harã tinha esse nome. Ela tornou-se esposa de Naor, irmão de Abraão. Teve oito filhos, um dos quais foi Betuel, pai de Rebeca (esposa de Isaque). Ver Gên. 11.19; 22.20,23; 24.15,24,27. Ela viveu em cerca de 1950 A. C. É curioso que no panteão de Harã, *Sharratu* (nome similar ao de Sara) era o título dado à deusa-lua, consorte de Sin, ao passo que *Malkatu* (nome similar a Milca) era um título de Istar, uma deusa que também era adorada ali. É possível que esses dois nomes femininos derivassem da religião pagã com que a família de Abraão se tinha envolvido desde algumas gerações anteriores.

Iscá. No hebraico, *vigilante*. Esse era o nome de uma filha do irmão de Abraão, Harã. As tradições judaicas, como também Jerônimo (*Quaest*, sobre o Gênesis) identificavam-na com Sara. Josefo disse a mesma coisa (*Antiq*. 1.6,5). Mas Harã era irmão de Abraão (vs. 26). Ora, se Sara era filha dele, então Sara era sobrinha de Abraão, e não sua meia-irmã, conforme se lê em Gên. 20.2. Ademais, por que Sara receberia outro nome dentro de uma mesma sentença, sem nenhuma explicação por parte do autor sacro?

11.30

Sarai era estéril. Até essa altura de sua vida, essa era a coisa mais significativa que podia ser dita sobre ela. Mas essa afirmação prepara o leitor para o milagre que vem mais tarde, o nascimento de Isaque (Gên. 17.15), uma parte necessária do Pacto Abraâmico, que em breve teria lugar. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pactos*.

Era precária a situação da mulher na sociedade antiga. Uma mulher sem filhos facilmente podia ser substituída por outra, dotada de rosto bonito, *e* fértil. As mulheres achavam alguma segurança quando se tornavam mães, e a competição entre as mulheres, no tocante aos homens, não era sexual (o homem fazia o que melhor lhe agradava). A luta envolve o número de filhos que ela deveria ter para cimentar seu casamento. De acordo com os padrões antigos, a situação de Sarai era uma *calamidade*.

11.31

Todos os nomes que figuram neste ponto já foram comentados nos versículos anteriores. Mas aqui recebemos a informação de que a família mudou-se de Ur para Harã, a cerca de novecentos e sessenta quilômetros de distância. Alguns eruditos pensam que, originalmente, a família residia em Harã, tendo migrado para Ur, e agora retornava. Essa conjectura alicerça-se no fato de que alguns dos nomes da família de Terá são os mesmos nomes que se encontram em *Arã*, terra onde se localizava a cidade de Harã. Todavia, no próprio texto não achamos o menor indício sobre essas viagens.

Harã. Sobre a localidade assim chamada, ofereço um artigo detalhado no *Dicionário*. Esse lugar era um dos centros da deusa-lua (cujo nome era parecido com o de Sarai, isto é, *Sharratu*). Mas esse era um nome babilônico e não estava associado exclusivamente a Harã. Os críticos pensam que a fonte *J* indica que Harã era a pátria original da família de Abraão, e que a fonte *P* alterou para Ur. Mas esse argumento, com base em um nome de família, é precário. Rotas comerciais ligavam Ur a Harã, e os nomes, sem dúvida, eram trazidos para cá e para lá. Ver no Dicionário o artigo *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes informativas múltiplas do Pentateuco.

Uma Omissão. Há muitas conjecturas sobre os parentes de Sara. O relato não nos diz aqui que ela era filha de Terá (embora de mãe diferente da de Abraão), mas isso parece ficar indicado em Gên. 20.2, a menos que Abraão tenha usado o termo *irmã* em um sentido lato, que poderia incluir até uma sobrinha (talvez a *Iscá* do vs. 29).

A Chamada Preliminar. O texto não esclarece por qual motivo Terá mudou-se para Harã. Mas podemos ter a certeza de que o propósito que operava na vida de Abraão requeria essa mudança, pelo que Deus arranjou as circunstâncias para promover o destino de Abraão. Coisas dessa natureza não cessam de ocorrer. O destino atua através de famílias, e então nos indivíduos que fazem parte dessas famílias. Nenhum homem é uma ilha, separada do continente. Josefo diz que Terá ainda estava a lamentar-se pela morte prematura de Harã (vs. 28), e que não gostava de Ur, por causa da conexão desse lugar com aquele acontecimento funesto (Elmarinus, par. 31). Mas o mais provável é que isso seja mera conjectura.

Para ir à terra de Canaã. Ao que tudo indica, o intuito de Terá era entrar na Terra Prometida. Por que ele não o fez não é explanado no texto. Mas Abraão cumpriu essa intenção, e esse era o *seu* destino, e não o de Terá. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Canaã*.

É possível que a migração de Terá tenha feito parte das migrações das tribos semíticas para oeste e para o norte. Parece que na época eles eram povos seminômades. O termo "hebreu" parece significar *nômade*. Ver no *Dicionário* sobre o vocábulo *Héber*. Ellicott (*in loc.*) pensa que a viagem feita por Terá teve motivos religiosos, visto que Harã era um centro religioso, mas também era uma grande capital comercial e industrial. É possível que Terá tenha misturado as duas atividades. O dinheiro geralmente é o motivo impulsionador das ações da maioria das pessoas.

11.32

Terá atingiu a idade de duzentos e cinco anos. Nunca cumpriu seu desejo de chegar à terra de Canaã. O destino de cada pessoa toma precedência sobre seus desejos pessoais. Antigos escritores judeus deixaram registrado que Terá morreu quando Isaque estava com trinta e cinco anos de idade.

Capítulo Doze

A Escolha de Abraão, Isaque, Jacó e Judá (12.1 — 23.20)

Abraão Entra na Terra Prometida (12.1 — 14.24)

A Chamada de Abraão (12.1-8)

Todos os eventos primevos agora tinham sido descritos. A seqüência Adão/Sete/Abraão/Israel passava agora a ser a consideração dominante. Passamos de Adão a Israel, por meio de Abraão.

"Os capítulos onze e doze do Gênesis assinalam um importante ponto no trato divino com os homens. Até este ponto, a história envolvera toda a raça adâmica. Não havia ainda a distinção entre judeus e gentios; todos eram um só no primeiro homem, Adão. Mas doravante, no registro bíblico, a humanidade devia ser considerada uma vasta torrente da qual Deus, na chamada de Abraão e na formação da nação de Israel, separou uma estreita faixa, através da qual, finalmente, Ele haveria de purificar a própria grande torrente! Israel foi chamada para ser testemunha da unidade de Deus em meio à idolatria universal (Deu. 6.4; Isa. 43.10-12), para ilustrar quão bendito é servir ao verdadeiro Deus (Deu. 33.26-29), para receber e preservar as revelações divinas (Rom. 3.1,2; Deu. 4.5-8), e para produzir o Messias (Gên. 3.15; 21.12; 28.10,14; 49.10; II Sam. 7.16,17; Isa. 4.3; Mat. 1.1)" (C. I. Scofield, *in loc.*).

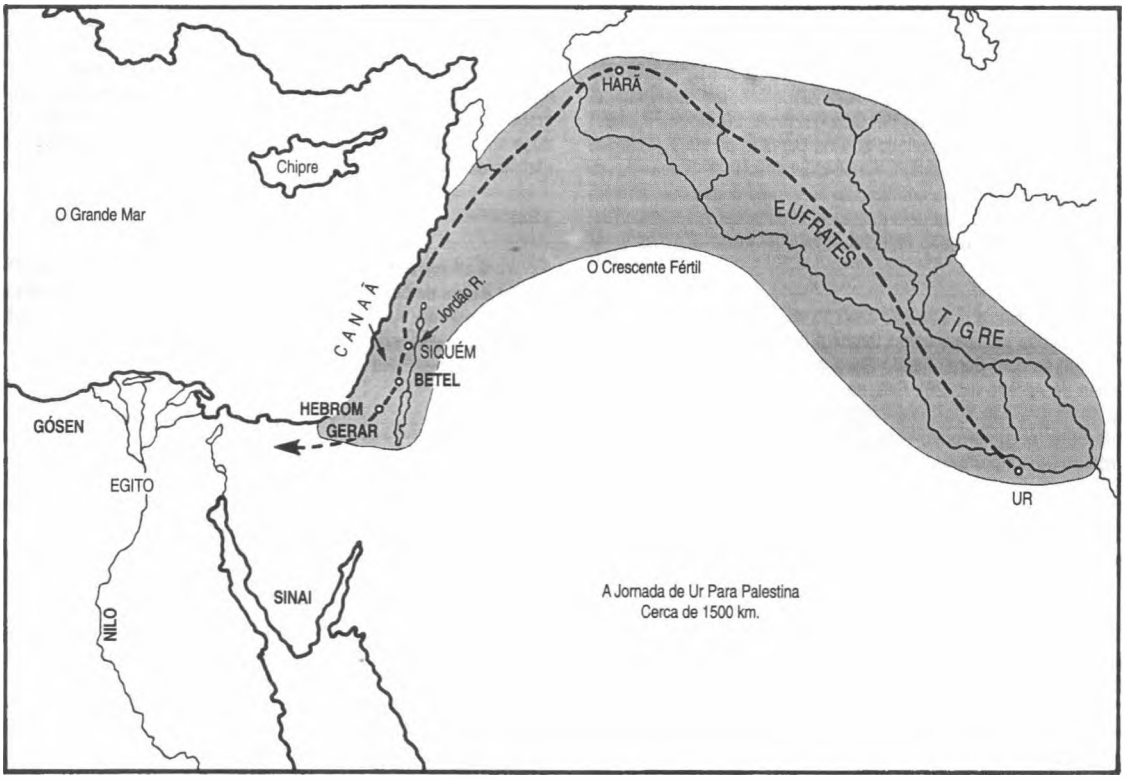
Quarta Dispensação - A Promessa. Estende-se desde a chamada de Abraão (Gên. 12). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Dispensação (Dispensacionalismo)*.

O Pacto Abraâmico. Esse é o quarto pacto referido na Bíblia. Ver o artigo geral sobre os *Pactos* no *Dicionário*. Ver detalhes sobre o Pacto Abraâmico nas notas sobre Gên. 15.18.

A promessa de Deus a Abraão (no pacto estabelecido com ele) produziu um novo tipo de relacionamento entre Deus e os homens, relacionamento esse que pode ser chamado *dispensação*. Deus fez grandes promessas que garantiam o soerguimento de Israel, a bênção de todas as nações através dessa *nação* e a promessa do Messias, tipificado em Isaque, o *filho da promessa*. Esse pacto era gracioso e incondicional, e desse modo o princípio da *graça* (ver sobre isso no *Dicionário*) foi ilustrado e antecipado. A dispensação da promessa, conforme insistem os dispensacionalistas, estende-se de Gên. 12.1 a Êxo. 19, quando então entra em cena a lei mosaica, imposta ao povo de Israel. A dispensação era *provisória*, mas o pacto é *eterno*, pelo que continua em vigor. A lei mosaica não ab-rogou o pacto, conforme Paulo deixa claro em Gálatas 3.15-18. A dispensação era uma medida disciplinadora e um período de prova, conforme o são todas as dispensações.

Houve muitos motivos por trás das migrações que atraíram povos semíticos à terra de Canaã, incluindo as migrações de povos, comunidades e famílias. Porém, por trás de todas as *circunstâncias*, havia a vontade divina, que estava moldando as circunstâncias que precipitariam os eventos desejados. Dinheiro, espírito aventureiro e motivos religiosos sempre foram molas impulsionadoras das migrações. O trecho de Hebreus 11.8 revela-nos que Abraão saiu sem saber para onde ia. Por certo ele conhecia Harã e talvez até já tivesse habitado ali ou tivesse visitado o lugar. Mas a terra de Canaã, como é provável, era essencialmente desconhecida para os primeiros nômades que ali chegaram. Até mesmo nossas viagens podem ter por trás delas a vontade divina, embora não tenhamos consciência de como isso opera.

A JORNADA DE ABRAÃO DE UR PARA PALESTINA
(2000 - 1800 A.C.)



A CHAMADA DE ABRAÃO

Disse o Senhor a Abraão:

Sai da tua terra,
da tua parentela e
da casa de teu pai, e
vai para a terra que te mostrarei.

De ti farei uma grande nação
e te abençoarei,
e te engrandecerei o nome.
Sê tu uma bênção.

Abençoarei os que te abençoarem,
e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem;
em ti serão benditas todas as famílias
da terra.

Gênesis 12.1-3

Veio a chamada, e Abraão respondeu com fé. Isso fez dele um homem de fé, o que é comentado em várias passagens do Novo Testamento. Ver Rom. 4.1-3; 4.16; Gál. 3.6-9; Heb. 11.8-19; Tia. 2.21-23.

12.1

Sai da tua terra. A chamada missionária: ele deixaria amigos, família e terra natal. Levaria seus filhos a uma terra estrangeira, forçando-os assim a aprender outra língua e a viver em um lugar estranho. Apenas metade dos missionários permanece no campo mais do que o primeiro termo (3 a 5 anos). Não é fácil arrancar todas as raízes e começar tudo de novo. Alguns saem como aventureiros; outros ganham dinheiro para fazer isso; outros saem impelidos por intenso zelo religioso, por muitas vezes tolos e acriançados. Aqueles que vão e perseveram têm por trás de si a vontade de Deus, e é isso que dá poder de permanência ao empreendimento missionário. Abraão foi um pioneiro, ou seja, alguém que vai para o deserto e ali prepara o caminho para outros. O pioneiro abre uma vereda; e os que o seguem abrem uma estrada. Assim sucedeu com Abraão. Colombo descobriu um novo mundo, e não tinha mapa. Atravessou o oceano em embarcações que eram cascas de nozes, e fundeou entre nativos hostis. A parte ocidental dos Estados Unidos foi conquistada com grande determinação, por uma raça de pioneiros e aventureiros. A grandeza do pioneiro é que ele prossegue apesar de suas perdas óbvias, olhando para um grande ganho remoto. É assim que as Escrituras falam acerca da aventura de Abraão (ver Heb. 11.9-10).

Abraão era homem abastado em bens como gado, prata e ouro (Gên. 13.2). É belo poder alguém avançar em meio à afluência material. O dinheiro pode fazer muitas coisas. Mas muitos pioneiros têm tido de aventurar-se em grande pobreza; e, mesmo assim, tornam-se vencedores.

Um País Desconhecido Esperava por Abraão. A chamada de Deus sempre tem um ou mais objetivos concretos. Quem nos *mostra* isso é o próprio Deus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Vontade de Deus, Como Descobri-la.* Profunda verdade oculta-se naquele ditado que diz: "Quem não arrisca, não petisca". Todos os grandes projetos custam alguma coisa para os que neles se aventuram. Mas todo risco acaba pagando dividendos. No caso de Abraão, grandes coisas estavam em jogo. Uma nação escolhida haveria de surgir por meio dele; e o Messias seria seu filho.

"Essa chamada de Abraão é um emblema da chamada dos homens, por meio da graça de Deus, para fora deste mundo e dentre os homens, renunciando às vantagens materiais, não se conformando com elas, e esquecendo-se de sua própria gente e da casa paterna, a fim de apegar-se ao Senhor, seguindo-O para onde quer que Ele oriente" (John Gill, *in loc.*).

Tua terra. O local onde foi feita a chamada foi Harã. Mas os trechos de Gên. 15.7; Nee. 9.7 e Atos 7.2 mostram que tudo se originara em *Ur,* talvez por orientação divina direta, que Abraão pôde entender, ou, pelo menos, Deus estava providenciando essa chamada, em sua forma preliminar, desde Ur, e não somente desde Harã, que acabaria levando Abraão à terra de Canaã. O relato do livro de Atos sugere alguma orientação divina bem definida e mesmo gloriosa. É lindo quando o crente é dirigido de maneira óbvia e específica, não precisando depender de meras circunstâncias externas para sentir-se guiado.

12.2

De ti farei uma grande nação. Nenhum homem é uma ilha, separada do continente. Abraão residia em Harã, abastado e com uma vida amena, gozando a vida. Mas eis que Deus tinha em mira coisas maiores para ele. Israel haveria de nascer a partir de Abraão. "Não havendo profecia o povo se corrompe" (Pro. 29.18). Os prazeres embotam-nos a visão. Deus *desarraigou* a Abraão e *perturbou* o seu programa. Deu-lhe uma promessa, mas não recursos imediatos. Ele teria de *esforçar-se* para que a promessa tivesse cumprimento. Deus tem um plano, mas nós temos de *colocá-lo em execução,* tanto quanto isso estiver ao nosso alcance. Quando as coisas "avançam mais depressa do que nós", então precisamos de uma intervenção divina. Abraão teve *a fé* suficiente para pôr em execução a promessa divina:

Fé

Oh, mundo, não escolheste a melhor parte;
Não é sábio ser apenas sábio,
E fechar os olhos para a visão interior;
Mas é sabedoria acreditar no coração.
Colombo achou um mundo, e não tinha mapa,
Salvo o da fé, decifrado nas estrelas.
Confiar na empresa invencível da alma
Era toda a sua ciência, toda a sua arte.
Nosso conhecimento é uma tocha fumegante
Que ilumina o caminho um passo de cada vez,
Através de um vazio de mistério e espanto.
Ordena, pois, que brilhe a luz terna da fé,
A única capaz de dirigir nosso coração mortal
Aos pensamentos sobre as coisas divinas.

(George Santayana)

Te abençoarei. . . Sê tu uma bênção. O fundo divino de bondade é mais do que suficiente para todos. Deus tem Seus instrumentos, mas todos são beneficiários. Abraão haveria de ser um instrumento especial, e o mundo inteiro seria o beneficiário. Seu nome seria engrandecido, mas grandes seriam também as bênçãos que fluiriam por meio dele a todas as nações. Hoje em dia, onde estivermos, estaremos desfrutando dos benefícios dessa promessa feita a Abraão. A verdadeira bem-aventurança flui por meio de nosso relacionamento com Deus. Um novo relacionamento, com suas bênçãos mais ricas, estava sendo preparado na vida de Abraão. Por isso mesmo, diz aquele hino antigo: "Senhor, faz de mim uma bênção para alguém, hoje mesmo". Esse é um alvo nobre para todos os dias. As bênçãos fluem a partir do amor. Ver, no *Dicionário,* o artigo intitulado *Amor.* A vinda do Messias, como é óbvio, é a bênção culminante que foi dada a todos por meio de Abraão. As bênçãos derivadas do Pacto Abraâmico são espirituais e temporais, e ambas essas formas de bênçãos derivam de Deus, segundo lemos em Tiago 1.17.

Te engrandecerei o nome. Abraão tornar-se-ia conhecido para milhões de pessoas como uma das grandes personagens da história. Ele se tornaria o pai dos fiéis, o progenitor de várias raças, incluindo o veículo que seria Israel. Ele foi o mais proeminente membro da genealogia do próprio Messias.

12.3

Bênçãos e Maldições. Tradicionalmente, este versículo tem sido usado para ensinar que Israel não deve ser molestada mesmo quando está errada. Por certo, a promessa e o aviso não foram feitos somente a Abraão. Os indivíduos e as nações que promovem o bem de Israel recebem a promessa de uma bênção especial. E os que causam danos a Israel sofrerão o juízo divino apropriado. Apesar de essa não ser a interpretação primária deste versículo, sem dúvida é uma aplicação apropriada. Moisés deve ter tido em mente a significação de Israel, e não apenas a dignidade pessoal de Abraão.

Também é ressaltada aqui a *fé de Abraão.* Esta não pode ser considerada levianamente por quem quer que seja. Um novo avanço na espiritualidade estava sendo preparado em Abraão. Os homens precisam respeitar isso. E essa preparação culminou em Cristo e em Seu evangelho.

As famílias da terra. Ou seja, as *nações,* no seu sentido geral, "as famílias do mundo". O plano remidor de Deus atuaria em Abraão e em seu Filho, o Messias. Seria oferecida salvação eterna, que é a maior de todas as bênçãos. O evangelho haveria de universalizar a mensagem. Todos os povos seriam o seu objetivo (João 3.16). Achamos aqui um universalismo incipiente que, com freqüência, se perdia de vista dentro do exclusivismo do judaísmo. O calvinismo radical também falha por não ver de modo devido essa promessa. O fogo divino não teve por intuito avisar somente à casa de Israel. Esse fogo não conheceria limites de nacionalidade.

"Abraão e a nação dele originada deveriam ser os intermediários entre Deus e a humanidade" (Ellicott, *in loc.*). Ver Rom. 3.29 e 10.12. Esta última referência mostra como a vontade de Deus abençoa *ricamente todos* quantos O invocam, e aquele capítulo está dentro de um contexto missionário.

12.4

Partiu, pois, Abrão. Ele recebeu as promessas, confiou e agiu de acordo com elas. Essas promessas incluem estes pontos: 1. uma grande nação viria à realidade por meio dele; 2. surgiria um grande nome pessoal, pois seria o pai dos fiéis, conhecido por milhões de pessoas em todos os séculos; 3. seria a fonte de bênçãos ou de maldições, tudo dependendo do acolhimento que dariam a ele, à sua nação e à sua mensagem. Eram promessas grandiosas e de longo alcance, e Abraão deixou-se *convencer* por elas. Isso posto, agiu movido pela convicção e pelo entusiasmo, e logo estava a caminho da terra de Canaã. A vontade decidida é metade da batalha, e Deus põe em ação a vontade do homem, inclinando-a para o que é certo.

Terá tinha morrido; Naor ficou para trás; mas Abraão seguiu avante. Ló também dispôs-se a ir, como também as esposas dos dois homens e os animais de ambos. Os pioneiros partiram pela trilha, rumo à terra desconhecida, mas abençoada.

Setenta e cinco anos. Idoso, de acordo com os nossos padrões, mas um homem ainda jovem, dentro da época de grande longevidade em que ainda viveu. E assim, o homem ainda jovem atirou-se à grande aventura.

Ló. Seu nome é aqui mencionado para armar o palco para futuras revelações. Ver Gên. 13.5-13 e os caps. 14, 18 e 19, onde se lê sobre o drama de Sodoma e Gomorra e a origem dos moabitas e amonitas. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Ló*.

12.5

Partiu o Pequeno Grupo. Abraão, Sara, Ló e outras *pessoas* cujos nomes não nos são dados compuseram o pequeno grupo de viajores. Nesse tempo, Abraão ainda não tinha filhos, mas talvez Ló já os tivesse. Além de filhos (se é que os havia), seguiam servos e servas (talvez escravos), conforme ditavam os costumes da época. Os escritores judeus falam em *prosélitos* aqui, mas isso é um anacronismo. Alguns deles chegaram a pensar-se capazes de precisar o número desses servos, a saber, trezentos e dezoito (com base em Gên. 14.14), mas essa informação já é pertencente à época bem posterior.

O Momento da Obediência. "O que Deus pede de uma alma não é a segurança própria de que ela pode ir *longe*. Antes, Deus requer aquela obediência humilde que faz o indivíduo *dar início* e na *direção certa*. O homem que começa corajosamente em seu coração jamais fracassará" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*). A partir desse momento, Deus pode conferir poder sustentador. Assim, o pequeno grupo partiu de Harã, a caminho da desconhecida terra de Canaã. E os humildes começos renderam grandes recompensas.

12.6

Até Siquém. Há muitas informações sobre essa localidade, incluindo extensas descobertas arqueológicas. Acerca dela há um detalhado artigo no *Dicionário*. Essa palavra indica tanto o nome de um homem quanto de uma antiga cidade dos cananeus, nas então futuras colinas de Efraim (Jos. 20.7). Foi ali que Abraão e seu grupo, a caminho de sua nova pátria, fizeram uma parada. Aquele era o santuário do famoso carvalho de Moré (Gên. 35.4; Deu. 11.30). Seu nome moderno é Balatá, cerca de quarenta e cinco quilômetros ao norte de Jerusalém. Os temíveis cananeus já se tinham instalado ali, e isso arma o palco para os relatos sobre intermináveis batalhas entre Israel e aquela gente. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Canaã*.

"Era perigoso e perturbador estar em uma região onde vivia um povo tão ímpio e irreligioso [como os cananeus]" (John Gill, *in loc.*).

O nome Siquém significa *ombro*, uma alusão à serra que é uma extensão entre os montes Ebal e Gerizim (separados como estavam os dois por ligeiramente mais do que três quilômetros).

Até ao carvalho de Moré. Algumas traduções dizem aqui "planície de Moré", mas "carvalho" é a verdadeira tradução. Ver a questão explicada nas notas sobre o vs. 7.

12.7

Apareceu o Senhor a Abrão. *Senhor*, neste caso, é *Yahweh*. Devemos considerar estas possibilidades: 1. houve, literalmente, uma teofania, 2. temos aqui uma linguagem metafórica (ou poética); 3. temos aqui uma alegoria, um modo de expressar uma experiência interior; 4. houve alguma forma de experiência mística; ou 5. temos aqui uma aparição do *Logos* no Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Misticismo*.

Darei à tua descendência esta terra, ou seja, a ti e aos teus descendentes. Essa foi a mensagem de Yahweh. Fica assim antecipado o chamado *Pacto Abraâmico*. Ver Gên. 15.18 quanto a completos detalhes. Ver também, no *Dicionário*, o artigo *Pactos*. Acabamos de ser informados que ali viviam os cananeus, e mais adiante saberemos que outras tribos temíveis também poderiam resistir à invasão. Mas o pacto com Deus haveria de garantir uma ocupação bem-sucedida, embora não sem conflito e sacrifício. Deus está presente conosco para garantir-nos, mas também precisamos estar presentes para que os acontecimentos tomem lugar, havendo ocasionais e bem acolhidas intervenções divinas em nosso favor.

Edificou Abrão um altar. A experiência de Abraão foi impressionante e eficaz. Antes de ir adiante, ele sentiu que deveria parar e adorar ao Senhor. Então fez aquela construção formal, levantando um altar, talvez uma simples pilha de pedras. E ali recebeu outras visitas da parte de Yahweh, por ser aquele um local de comunhão espiritual. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Altar*. O autor sagrado acrescenta que foi Abraão quem ergueu o santuário ao pé do carvalho de Moré (vs. 60).

Carvalho dos Adivinhadores. Talvez esteja em foco o *carvalho dos Adivinhadores*, assim chamado somente em Juí. 9.37. Esse carvalho ficava localizado em um lugar proeminente, talvez em uma pequena colina. Os carvalhos eram muito estimados por serem árvores majestosas. E os idólatras costumavam praticar a sua adoração debaixo de carvalhos escolhidos. Há uma variante, nesse trecho de Juízes, que diz "planície". Nesse caso, um lugar específico é destacado, e não alguma árvore, onde os adivinhos viriam atuar. Ver o artigo sobre *Adivinhação*.

Moré significa *mestre*, sendo também uma referência ao carvalho ou carvalhal que era um lugar apropriado para o recebimento de instruções da parte de poderes divinos, ou, no caso de Abraão, da parte de *Yahweh*. Foi naquele santuário, sob uma forma rudimentar, que foi proferido o Pacto Abraâmico. Talvez esse seja também o carvalho mencionado em Gên. 35.4, onde Jacó enterrou seus deuses, antes de prosseguir até Betel. Também há uma alusão ao mesmo local, na história de Abimeleque (Juí. 9.3). Ali foi erigido um altar, que continuou sendo importante para Israel, nos anos subseqüentes. É possível que os cananeus já tivessem erigido altares pagãos naquele lugar. Nesse caso, Abraão consagrou o lugar a Yahweh.

12.8

O monte ao oriente de Betel. Talvez esteja em foco o monte Efraim (Gên. 13.3). Abraão, pois, mudou-se de um lugar sagrado para outro. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado acerca de *Betel*. Ali foi erigido um famoso altar também importante para Israel em sua história posterior. Aarão caiu no erro de levantar ali um bezerro de ouro, mas posteriormente essa idolatria foi revertida. E foi assim que passaram a existir dois altares opostos (conforme as coisas sucederam mais tarde), em Siquém e em Betel. Abraão usou o altar desse segundo lugar, em seu culto e comunhão. Lutero traduziu "pregou", em lugar de *invocou*, a palavra aqui usada, como se Abraão tivesse evangelizado as populações em redor. Mas isso é por demais evangélico para os dias de Abraão. Seja como for, Abraão nunca negligenciou sua fé religiosa e cumpriu atos significativos para dar forma e orientação à sua fé.

Ai. No hebraico, *montão, ruína*. Era uma cidade dos cananeus, associada a Betei, Jerico e Jerusalém. No *Dicionário* exponho um artigo detalhado sobre essa cidade. Significativas escavações arqueológicas nos têm dado muitas informações sobre esse lugar, em seus sucessivos períodos históricos. A cidade foi incendiada (tornando-se uma ruína) em cerca de 2200 A. C., ou pouco mais tarde, tendo ficado desocupada até cerca de 1200 A. C. A Abraão não apareceu nenhuma teofania naquele lugar, e assim ele não erigiu um altar ali.

"Onde Abraão armava a sua tenda, ali também era erigido um altar" (Adam Clarke, *in loc.*).

12.9

Seguiu Abrão. . . indo sempre para o Neguebe. Ele continuou viajando terra de Canaã adentro. Havia um destino à sua espera, uma pátria a conquistar. Ele tirava proveito dos lugares que visitava, mas não se deixava prender a nenhum desses lugares.

Para o Neguebe. "Ou terra seca, assim chamada porque seu solo era um calcário branco e mole, que absorvia as águas da chuva, fazendo-as escoar pelos vales mais abaixo. Embora destituída de árvores, a região mesmo assim é rica em rebanhos de gado vacum e gado ovino, mas a água precisa ser recolhida em tanques e cisternas" (Ellicott, *in loc.*). Ofereço no *Dicionário* um detalhado artigo sobre o *Neguebe* (a porção sul da Palestina).

Abraão no Egito (12.10-13.1)

Os críticos imaginam três versões de um único relato: 1. A presente seção, até Gên. 13.1 (atribuída à fonte *J²*). 2. O capítulo 20 (atribuído à fonte *E*). 3. O trecho de Gên. 26.1-11 (atribuído à fonte *J¹*). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.)*, bem como o artigo chamado *Crescimento do Hexateuco*. Esses artigos explanam a idéia de fontes informativas múltiplas, criada pelos críticos. Eles pensam que a versão mais antiga da narrativa é a relativa a Isaque (Gên. 26.1-11), e que mais tarde o material foi aplicado a Abraão. Também supõem que certas lendas preservadas acerca de Berseba tinham Isaque como o seu herói, e que a tendência foi transferir esse material para Abraão. Diante dessas mudanças, a área geográfica foi naturalmente mudada de Gerar para o Egito. Assim Abraão teria tido contatos internacionais: com os filisteus e povos circunvizinhos, e até mesmo com o Egito. Chegam mesmo os críticos a pensar que a história de Israel no Egito emprestou algumas idéias à história do capítulo doze de Gênesis, pelo que isso seria mais uma instância de "lendas alinhavadas".

Paralelos com a História do Egito:

1. Há fome nos dois relatos (12.10 e 47.20)
2. Descida até ali (12.10 e 47.27)
3. Tentativa de matar os homens mas poupar as mulheres (12.12 e Êxo. 1.22)
4. Pragas contra o Egito (12.17 e Êxo. 7.14-11.10)
5. Despojo do Egito (12.16 e Êxo. 12.35,36)
6. As mulheres escapam da desgraça por intervenção divina (12.17 ss. e 26.10)
7. O livramento (12.19 e Êxo. 15)
8. Subida ao Neguebe (13.1 e Núm. 13.17,22).

Os eruditos conservadores retrucam a isso dizendo que é possível a várias pessoas ter experiências similares, e que esses paralelismos apenas provam que a vida humana é cheia de vicissitudes que se repetem. E isso significa que o que temos aqui não consiste em "lendas alinhavadas", e, sim, "experiências humanas alinhavadas".

As lições morais dos relatos também são paralelas. Enganar o próximo é um mau negócio. Apesar de pecados os mais diversos, o plano de Deus continua atuante, e o livramento ocorre por decreto divino. Abraão caiu em certos pecados, mas prosperou, pois seu coração era sincero, sem importar os seus lapsos. Outro tanto pode ser dito acerca de seus descendentes imediatos. A Bíblia não oculta as falhas, mesmo de suas principais personagens, em contraste com muitas biografias populares.

12.10

Havia fome. Ver os paralelos deste episódio com o que está envolvido no relato de tempos posteriores, quando os filhos de Jacó desceram ao Egito por causa de outro período de escassez, na introdução a esta seção. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Fome*. Esse é um triste estado de coisas, mostrando a fragilidade humana, quando os esforços dos homens nem ao menos podem suprir-lhes o de que eles precisam para seu sustento. Buscamos alimentos e moradia como itens necessários à sobrevivência. Até mesmo em países desenvolvidos, onde o alimento é abundante, é dispensioso demais para as classes mais pobres terem suas próprias casas onde morar. Até os animais mais humildes têm sua maneira própria de resolver esses dois problemas, mas os seres humanos, nestes fins do século XX, debatem-se para solucioná-los.

Já tinham passado várias dinastias egípcias quando Abraão, o nômade, desceu ao Egito. Por um lado, havia um único homem, que buscava alimento. Por outro lado, havia um orgulhoso império. Mas Deus estava com aquele homem, e grandes coisas estavam prestes a ocorrer, especialmente no campo *espiritual*. Israel, em nenhuma época de sua história, chegou perto da *cultura* egípcia. Mas Israel fez grandes contribuições no terreno da literatura e da religião. Isso derivava-se de Abraão. Abraão era o representante de um novo impulso e avanço espiritual que teria fruição no cristianismo, e que perdurou mais do que a cultura egípcia.

A terra de Canaã era um lugar frutífero. Porém, ocasionalmente, por razões climáticas, falhava a agricultura de sustento. Mas o Egito contava com o poderoso rio Nilo, cujas águas nunca secavam, pelo que era capaz de cuidar melhor do problema da fome.

"Essa fome deve ter ocorrido poucos anos depois da chegada de Abraão em Canaã. Pois ele tinha setenta e cinco anos quando partiu de Harã; e, visto que Ismael, seu filho com a escrava egípcia, tinha treze anos quando Abraão estava com noventa e nove anos, então restam somente oito anos para abrir espaço para os eventos registrados nos capítulos doze a dezesseis de Gênesis" (Ellicott, *in loc.*).

Adam Clarke via alguma razão moral para a fome. Canaã era uma terra extremamente fértil, "mas Deus a deixara desolada por causa da iniqüidade de seus ocupantes". Essa é a primeira fome a ser registrada na Bíblia, na história da humanidade. Não há que duvidar, porém, de que muitos outros períodos de fome já haviam ocorrido, embora não tivessem ficado registrados na Bíblia. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Egito*.

12.11

Abraão Preocupado com a Beleza de Sara. Os pregadores costumam censurar pesadamente a Abraão, por causa de seu lapso no Egito. Por outra parte, consideremos que os chefes tribais locais (para nada dizermos sobre os reis das nações) possuírem um poder absoluto. Não havia instituições democráticas nem havia leis que protegessem os direitos das pessoas comuns (mormente dos nômades ou turistas), diante da vontade perversa de tais governantes. Abraão estaria disposto a sacrificar a virtude de sua esposa a fim de salvar sua própria vida. Os críticos indagam como Sara poderia ser uma mulher bonita se o quarto versículo deste mesmo capítulo informa que ambos eram pessoas idosas ao partirem de Harã. Mesmo considerando que então as pessoas tinham vida muito mais longa, não parece provável que uma mulher de tanta idade pudesse atrair algum chefe tribal, ou mesmo um rei que poderia ter todas as mulheres jovens que quisesse. Há alguns anos, ouvi um sermão que presumivelmente dá a resposta para essas críticas. Deus tornara-os jovens novamente! Em outras palavras, eles tinham rejuvenescido no corpo, tanto Abraão quanto Sara. Pois não muito depois, Abraão e Sara aparecem como pais de um filho. Para os críticos, o que fica aqui demonstrado é que houve um *deslize* de atenção por parte do autor sagrado, quando, presumivelmente, adaptou a história de Isaque (um homem mais jovem) para que se ajustasse à história de Abraão (um homem mais idoso).

Fosse como fosse, um chefe local não teria hesitado em matar Abraão a fim de ficar com sua bela esposa. Em outras palavras, Abraão ficou à mercê da situação; e, talvez, qualquer outro homem teria agido como Abraão, se sua própria vida estivesse correndo perigo.

Minha irmã. Uma meia-verdade, conforme se vê através de Gên. 20.12. Essa meia-verdade teve por fito enganar, a fim de obter segurança. Dizemos verdades totais e meias-verdades por razões muito menos importantes do que fez Abraão. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Incesto*. Naor, irmão de Abraão, casou-se com uma sobrinha (Gên. 11.29). As pessoas, nos tempos de Abraão, não compartilhavam de certas idéias que, finalmente, vieram a fazer parte da legislação mosaica no tocante ao incesto. Ver os capítulos 18 e 19 do livro de Levítico.

Adam Clarke tem aqui um curioso comentário. Ele opinou que, pelo simples fato de Sara ser uma estrangeira (de pele presumivelmente mais clara), ela teria sido motivo da cobiça dos egípcios, de pele mais escura. E também imaginava ele que nas Índias Ocidentais e na América do Norte as mulheres africanas seriam mais cobiçadas que as mulheres brancas. Por essa razão, disse Dryden:

> *Lírios brancos jazem negligenciados na planície,*
> *Mas escuros jacintos permanecem em uso.*

Pelo menos é verdade que os homens sempre buscam variedade nas mulheres, e que qualquer coisa que contribua para essa variedade é um fator importante para os predadores.

12.12,13

Abraão Sabia que Haveria Dificuldades. Devido à sua beleza física, Sara não poderia expor-se à atenção sem ser molestada de alguma maneira. Segundo as coisas ocorreram, o próprio Faraó (mediante várias manipulações) acabou prestando atenção a Sara. Estava iniciado o drama, conforme Abraão havia temido. Ele tinha instruído cuidadosamente Sara quanto ao que ela deveria dizer. Uma *bela* esposa não seria respeitada. Seu marido simplesmente seria eliminado. Brutal, sem dúvida, mas isso fazia parte da maneira de pensar da época; e, embora de maneira mais sofisticada, até hoje assim pensa a mente criminosa.

12.14

Uma Beleza Extraordinária. Ao ler esta crônica, lembro-me de Helena, a grega, por causa de quem houve a guerra de Tróia. Diz-se que ela era tão bela que podia enviar mil barcos a vela simplesmente ao exibir em público o seu rosto. Temos em Homero uma cena na qual os anciãos de Tróia queixaram-se devido às dificuldades que eram causadas pelo seqüestro de Helena. "Mandem-na de volta", exigiram eles, "e assim salvem vidas". Mas exatamente quando estavam dando esse conselho, aconteceu que Helena estava passando. E todos olharam, admirados diante de sua extraordinária beleza. E então, disse-nos Homero, ficou-se sabendo *por que* ela tinha sido seqüestrada, e por que ela teria de permanecer em Tróia.

A beleza de Sara era tão grande que aqueles que a viam reconheciam prontamente que ela *tinha* de pertencer ao *próprio Faraó*. E assim, ela foi *conduzida* à presença dele, para sua apreciação. Qualquer rua de uma cidade egípcia contava com belas jovens que faziam os homens dar uma espiada. Mas Sara era simplesmente extraordinária.

Os egípcios. Todos os homens que viam Sara se admiravam dela. Então se admiraram também os *príncipes* (vs. 15) e, finalmente, o próprio *Faraó* (vs. 15).

12.15

Os príncipes. Um termo vago que aponta para vários governantes secundários, que tinham acesso à presença do Faraó. O texto subentende que Abraão foi recebido por homens importantes. Não foi uma reunião ao acaso. Nos dias de Abraão, Canaã era o caminho que levava ao Egito, e um homem importante em Canaã tornar-se-ia conhecido de algumas figuras-chave no Egito. Talvez esses "príncipes" fossem os cortesãos do rei. Nesse caso, Abraão estava sendo entretido em alguma dependência do próprio palácio real. Não há que duvidar de que Faraó já dispunha de um harém de bom tamanho, mas sempre haveria lugar para uma mulher tão atraente quanto Sara.

Faraó. Não há como determinar qual Faraó teria sido esse. Mas vários intérpretes pensam que sena um dos reis *hicsos*, acerca dos quais ofereço um artigo detalhado no *Dicionário*. Eles eram conhecidos como *reis pastores*, mas a palavra *shushu*, "pastores", tem sido confundida com *shoshu*, "terras estrangeiras". Eram reis de outros lugares, que tinham migrado para ou invadido o Egito, tornando-se reis das dinastias egípcias XV e XVI. Com a passatem do tempo, os *hicsos* foram expulsos do Egito. O que ainda me resta dizer sobre eles aparece no citado artigo. Naturalmente, não há como determinar se algum deles esteve envolvido no incidente com Abraão e Sara.

Ellicott compara Abraão a um "xeque poderoso" que chegou de fora, para ser detido e interrogado pelos sub chefes egípcios. E, segundo também pensa Ellicott, teria sido assim que Faraó entrou em contato com Abraão e sua mulher. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Faraó*.

A casa de Faraó. A residência real, onde ele mantinha o seu harém, sem dúvida como uma preparação para incorporar Sara a esse harém. Uma mulher que tivesse de ser incluída em um harém real passava por um período de purificações cerimoniais, e foi durante esse período que houve a intervenção divina.

12.16

A Prosperidade de Abraão. Quando chegou no Egito, Abraão já era um homem rico. E agora, tendo sido favorecido pelo próprio rei, como futuro cunhado, muito aumentaram as suas possessões materiais e o seu prestígio. Tornou-se dono de toda espécie de animais domesticados (o que, naquele tempo, era um dos itens mais importantes nos bens de alguém), além de muitos escravos e escravas. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Escravo, Escravidão.* O trecho de Gên. 13.2 relata que Abraão tornou-se rico em *gado, prata e ouro.* O quadro que temos assim pintado implica a passagem de um tempo considerável, e alguns intérpretes supõem que Sara tenha acabado incorporada, por muito tempo, ao harém de Faraó; mas sobre isso o texto sagrado nada nos diz. Podemos supor, contudo, que grande parte das riquezas acumuladas por Abraão se devia a generosos presentes dados por Faraó. Os intérpretes judeus comentaram como Faraó abriu as portas de seus tesouros e se mostrou generoso com Sara e Abraão, incluindo a concessão de muitas terras. (Ver *Pirke Eliezer,* c. 26.)

12.17

Grandes pragas. Na introdução às notas sobre Gên. 12.10 alistei certos paralelos que esse relato tem com a servidão do povo de Israel no Egito, e por quais razões alguns críticos supõem que temos aqui uma "mistura de lendas", histórias alinhavadas umas às outras, a fim de ser *produzido* esse incidente da vida de Abraão, para emprestar um senso dramático à sua vida. Seja como for, as *pragas* aqui mencionadas fazem-nos lembrar o que sobreveio ao Egito tempos mais tarde, por causa da presença do povo de Israel naquela terra. Tais calamidades tinham por fim levar Faraó a liberar Sara e a expulsar do Egito Abraão e sua gente.

Intérpretes judeus deixam sua imaginação correr solta aqui, procurando identificar quais teriam sido essas pragas. Eles pensam que doenças acossaram o Faraó, que suas terras foram devastadas, que enfermidades diversas atacaram o seu gado, que ele sofreu derrotas em batalha etc. Ou o país inteiro enfermou, e várias calamidades atingiram a nação.

Mas Deus protegeu o inocente, a despeito dos lapsos de Abraão.

> *. . . por detrás do indistinto desconhecido, está Deus,*
> *entre as sombras, sempre vigilante, quanto aos Seus.*
>
> (James Russell Lowell)

12.18

Chamou. . . Faraó a Abrão. O rei não demorou a reconhecer que o terror que o atacava tinha sua causa naquele *estrangeiro* que vivia com tanto luxo nas dependências do palácio real. E não só isso, mas Faraó também chegou à conclusão seguinte: "A mulher é esposa de Abraão, e não irmã dele!". O texto não nos revela *como* o Faraó chegou a reconhecer isso, ou seja, por quais meios ele chegou àquela conclusão. O fato é que, antes de ter chamado Abraão, já possuía aquela informação. Notemos sua abordagem direta. Ele não perguntou a Abraão *se* Sara era sua mulher. Simplesmente afirmou que sabia disso. John Gill (*in loc.*) sugeriu que ele havia consultado seus sacerdotes e adivinhos. É verdade que um bom psíquico poderia ter dado a Faraó essa informação, sem nenhuma dificuldade; e talvez tenha sido assim que Faraó descobriu a verdade. E então, sem dúvida, o Faraó ficou indignado. E vergastou Abraão com suas palavras, indicando que ele tinha sido enganado e estava ofendido, para nada dizer sobre os muitos desastres provocados pelas pragas contra o rei e contra seus súditos.

Que é isso que me fizeste? *Depois* de termos cometido algum erro, *depois* de termos ofendido alguém, *depois* de as coisas terem saído erradas, é *então* que, com freqüência, perguntamos *por que* fizemos aquele erro. O texto mostra-se direto. Nem ao menos nos permite ouvir as desculpas esfarrapadas de Abraão. O texto poupa-nos disso.

12.19

Por **isso a tomei para ser minha mulher.** A versão portuguesa, além de outras, segue fielmente aqui o original hebraico, dizendo que Sara se tornara esposa de Faraó, ou seja, fora incorporada em seu harém. Mas algumas traduções, incluindo a King James Version, em inglês, acrescenta aqui um "poderia". E então os *intérpretes* acrescem essa idéia de potencialidade a essa declaração do Faraó. É curioso que o autor de Gênesis não se importou em tranqüilizar nossa mente sobre a questão, não tendo incluído a idéia de *potencialidade* no texto. Destarte, ficamos com diversas interpretações possíveis, sem saber qual teria sido a verdade. O texto de Gên. 26.10 (acerca de Rebeca) afirma que ela escapou à contaminação, mas um reparo semelhante não figura aqui.

A Repreensão Real. Vemos assim que Abraão foi repreendido pelo *chefe.* Essa repreensão foi feita pela maior autoridade. Mas as repreensões mais solenes são feitas pelo Senhor Deus, e *todos* os Seus filhos são repreendidos, vez por outra (Heb. 12.5 ss.). Todas as repreensões divinas são disciplinares. Se não o fossem, nada restaria a ser repreendido. Ver Lam. 3.22.

12.20

E acompanharam-no. A até fora das fronteiras do Egito, em desgraça. Podemos ter certeza de que ele não conseguiu levar consigo todas as suas riquezas. Ele levou o bastante, mas sua situação financeira sofreu um prejuízo, e quase todos os seus escravos ficaram no Egito, a fim de servirem a outrem. O fato é que ele teve de ser expulso do Egito. Abraão poderia ter-se fixado ali, gozando de uma vida confortável de forma permanente. Mas assim o propósito de Deus quanto a Canaã teria falhado. Algumas vezes tornam-se necessárias grandes *mudanças,* se tivermos de cumprir devidamente o nosso destino. Tais mudanças são intervenções divinas, sem importar se produzem felicidade ou infelicidade. Deus nos leva adiante, chegado o momento certo da mudança. Deus havia dito: "Sai da tua terra. . . ". Abraão obedecera. E assim acabou ele chegando ao Egito. E então, por meio do Faraó, Deus lhe disse: "Agora, sai do Egito". A *família patriarcal* precisou ser livrada do Egito, e, para tanto, foi mister Deus enviar pragas. A embaraçosa situação de Abraão havia posto em perigo o plano divino. Algumas vezes, ficamos atolados em esquemas que nós mesmos traçamos, e isso força Deus a intervir em nossa vida.

O Ludíbrio Produziu Prosperidade. É admirável o bem que o dinheiro pode trazer! Algumas vezes, todavia, as riquezas materiais resultam do mal que é praticado. Abraão enriqueceu ao enganar o Faraó. Mas isso só poderia terminar trazendo-lhe maus resultados.

Hagar. Talvez tenha sido por essa altura dos acontecimentos que Hagar tornou-se parte do grupo que seguia Abraão. E isso abriu a porta para um novo drama, pleno de alegrias e tristezas, de coisas boas e coisas ruins (Gên. 16.1 ss.).

O Faraó agiu com maior retidão do que Abraão. É triste quando alguém espiritualmente menos dotado repreende ou age melhor do que o homem espiritual. Ellicott (*in loc.*) exorta-nos aqui para não julgarmos Abraão de acordo com os padrões do cristianismo bíblico. Ele viveu em outra época, quando prevaleciam outros padrões de comportamento. Ele era um estrangeiro em um país hostil. Abraão fora submetido a um grande teste, e falhara. Com grande freqüência caímos por razões triviais.

Capítulo Treze

Abraão e Ló (13.1-18)

O incidente registrado no capítulo doze deixara Ló de fora. Estaria ele com Abraão, no Egito? Gênesis 13.1 responde com um "sim". O grupo que tinha entrado no Egito agora era expulso dali. E podemos supor com segurança que Abraão levara consigo algumas de suas possessões, e, talvez, alguns escravos que tinha adquirido ali, incluindo talvez Hagar. Os críticos supõem que a fonte informativa J^2, do capítulo doze do Gênesis, deixara Ló em Canaã. Mas então a fonte P^2, uma nova fonte informativa, entrando em contradição com aquela, agora o fazia deixar o Egito em companhia de Abraão. Ver o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.),* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

Deixando o Egito, o grupo dirigiu-se para o norte, para o *Neguebe* (ver as notas sobre Gên. 12.9). Este ficava no sul da Palestina. Presumivelmente, o vs. 2 faz-nos retornar à fonte J^1, que teria sido abandonada em Gên. 12.8. Essa fonte armaria o palco para a história da destruição de Sodoma (Gên. 19.1-28), uma grande calamidade que o mundo bíblico jamais esqueceu. Então somos informados sobre como Ló chegou a habitar em Sodoma, e não em Hebrom, em companhia de Abraão. Também ficamos sabendo como Ló se tornou o progenitor dos moabitas e dos amonitas.

13.1

Saiu. . . do Egito. Foi impossível para a família do patriarca estabelecer-se no Egito, em uma vida luxuosa. Ainda havia muitas *batalhas* a serem enfrentadas, antes que Israel fosse estabelecida como uma nação, na Palestina. O Egito era incompatível com o plano de Deus. Abraão fora *expulso* do Egito por haver

enganado ao Faraó no tocante a Sara, tendo-a chamado de sua *irmã*, a fim de preservar sua própria vida. Tinha havido a intervenção divina (pragas enviadas para castigar o Egito e o Faraó), o que proporcionou a Abraão a oportunidade de sair dali. Ver a história em Gên. 12.9-20. Algumas vezes surgem ocorrências desagradáveis em nosso caminho, a fim de impelir-nos para alguma nova direção. De outras vezes, há mudanças produzidas por acontecimentos harmoniosos e agradáveis. Quem dera que sempre sucedesse assim conosco! O fato foi que Abraão retornou ao lugar de onde havia partido. Estava sendo atraído por suas raízes. Algumas vezes, nossa vida segue em espirais, não se movendo em linha reta até alguma situação nova. Abraão, pois, precisou *voltar* ao altar que havia erigido em Betel (vs. 3), que ele tinha erguido *antes* de errar. Dali por diante, retomaria o caminho das bênçãos de Deus.

Por quanto tempo teria estado Abraão no Egito? Os comentadores judeus variam em sua opinião a respeito. Alguns falam em *poucos meses*. Mas outros calculam nada menos de *vinte anos*. Esse tempo, todavia, não foi tempo perdido, pois Abraão aprendeu lições durante esse tempo. Mas agora, tudo isso ficara para trás.

13.2

Era Abrão muito rico. Ele possuía todas aquelas *coisas* pelas quais eram aquilatadas as riquezas, no mundo antigo: gado (sem dúvida toda sorte de animais domésticos, conforme nos indica Gên. 12.16), prata e ouro (não mencionados no capítulo doze, mas certamente sempre uma parte apreciável da abastança material). Mas de fora ficam as pessoas (incluindo os escravos, Gên. 12.16) que também distinguiam um homem rico de um homem pobre. E, como é claro, apesar de seus lapsos, ele era espiritualmente rico.

O *dinheiro* é um mal necessário. Contudo, o dinheiro pode ser um *bem* positivo. O próprio Jesus disse: ". . .vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas" (Mat. 6.32). O dinheiro é como um sexto sentido, sem o qual não podemos tirar vantagem dos outros cinco. O dinheiro é o óleo lubrificante que faz a máquina movimentar-se. Paulo sabia o que era estar abatido e o que era gozar de abundância material (Fil. 4.12). Se você estiver tentando fazer algo de significativo, sempre será melhor ser rico do que ser pobre. Por outra parte, há aquelas tentações e armadilhas especiais impostas pelo dinheiro. Algumas pessoas chegam mesmo a abandonar projetos, uma vez que tenham muito dinheiro, e, então, desperdiçam sua vida em viagens e em uma vida de luxo. Contudo, dispomo-nos a arriscar nessas escorregadelas e fracassos. O temor faz-nos buscar dinheiro; os prazeres inspiram-nos a dar valor exagerado às coisas materiais; o senso de segurança segreda para nós: "Consiga *agora* tudo quanto lhe for possível!". Não obstante, há muitas coisas boas que podem ser conseguidas pela abundância material. Paulo prometeu aos que *dão* que certamente *obterão*. A chave para a obtenção é o ato de dar: "Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra" (II Cor. 9.8). Notemos que o contexto desse suprimento abundante (que deve ser usado visando às *boas obras*) é a generosidade com outras pessoas (vss. 6 e 7). Trata-se da lei da colheita conforme a semeadura, conforme esta passagem esclarece. O segredo do suprimento eterno é a nossa generosidade para com outras pessoas.

Embora rico, agora Abraão voltava ao seu altar, em Betel. Essa é a grande lição da passagem.

Josefo diz-nos que uma parte das riquezas de Abraão foi adquirida mediante seu ensino, a eles, das artes e ciências do Egito; e alguns dizem, da astrologia. Mas não parece que o Egito precisasse de Abraão para receber esse tipo de instrução, nem que ele seria o tipo de homem com tal conhecimento. Israel sempre foi culturalmente pobre, em comparação com o Egito. O povo de Israel notabilizou-se na literatura e na fé religiosa, e não nos refinamentos da civilização.

13.3

Do Neguebe Abraão voltou a Betel. O versículo reitera a informação dada em Gên. 12.8, onde comentamos sobre todos os elementos do versículo. A jornada de Abraão ao Egito trouxe resultados negativos, pelo que ele acabou tendo de retornar para onde havia estado, antes de a fome tê-lo impelido dali. "Ele fez o mesmo trajeto, foi pela mesma estrada, parando nos mesmos lugares de descanso, como quando descera ao Egito." O antigo nome de Betel era Luz (Gên. 28.19). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Efraim, Região Montanhosa*. A área ficava cerca de seis quilômetros e meio ao norte de Jerusalém.

13.4

Até ao lugar do altar. Ver Gên. 13.7,8, onde ofereço notas detalhadas sobre o altar de Betel. A lição espiritual é óbvia. A excursão de Abraão ao Egito rendeu para ele muito dinheiro e possessões, mas quase lhe custa a vida e o casamento. O homem bom foi repreendido pelo homem mau, e foi expulso a pontapés do lugar para onde, antes de tudo, nunca deveria ter ido. Ele foi *forçado* a voltar ao bom senso, e assim retornou ao seu legítimo lugar: o altar. Como é óbvio, o Egito é um símbolo deste *mundo*. E muitos homens piedosos têm feito sua excursão ao mundo, para então terem de reparar os danos sofridos. Por outra parte, alguns religiosos nunca mais voltam da excursão, preferindo permanecer no Egito e mostrar que são homens maus.

Cada novo começo tem início defronte do altar, ou assim, pelo menos, deveria ser. A vida é sagrada e deveria ser vivida no espírito da adoração, no serviço do Senhor. Essa é a nossa grande oportunidade. Todo homem precisa da luz e da orientação do alto. Todo homem precisa de uma renovação periódica. Conheci um pastor que, quando era preciso recarregar suas baterias espirituais, sempre voltava à mesma cidade e até à mesma igreja, e ali permanecia por algum tempo. E, então, voltava ao seu próprio estado e cidade, e ali reiniciava o seu trabalho.

Abraão voltou humilhado e arrependido. Ele havia cometido um erro. Agora, porém, buscava renovação. Esta está sempre à nossa disposição, conforme afirma o trecho de Tiago 1.5. Era ótimo ter aquele dinheiro todo. Mesmo que alguém se sinta mal por dentro, é melhor gozar conforto em meio à miséria íntima. Contudo, a pobreza espiritual é um estado pior do que a pobreza material.

O Enfoque Incide sobre Deus. Abraão era uma figura exaltada, mas a Bíblia não oculta de nós as suas falhas. A Bíblia enfoca a pessoa de Deus, e não o homem. Abraão cometeu seus equívocos, mas isso não arruinou o desígnio de Deus quanto à sua vida.

13.5

Ló Também Enriquecera. Ló havia acompanhado Abraão por todo o caminho, mas agora os dois teriam de separar-se. Ele tinha acumulado riquezas, tal como Abraão. Agora, tio e sobrinho tinham de tornar-se entidades distintas. As divisões no seio das famílias são sempre coisas difíceis, mas tornam-se simplesmente intoleráveis quando envolvem conflitos. Parece que Ló havia prosperado no Egito. Como homem menor, agora ele teria de tomar uma decisão muito pior do que aquela que Abraão tinha feito. Ele não retornou a nenhum altar. Sentia-se à vontade com suas riquezas. E haveria de ir escorregando até a pior região do mundo, *Sodoma*, onde havia todas as formas de maldade, em abundância. Haveria de tentar criar sua família em um lugar imundo. E ali não havia altares.

13.6

Uma Terra Frágil. Abraão e Ló eram ricos demais, possuíam muito gado e ocupavam muito espaço. E a terra não podia sustentar ambos. Não havia espaço, naquela região, para aqueles dois homens tão abastados. Isso impôs a necessidade de eles se separarem. Não haveriam de dividir uma herança, o que, por muitas vezes, causa brigas em famílias, mas teriam de dividir as terras, o que, potencialmente, causa muitas contenções. Usualmente, os membros de uma família vivem juntos quando os recursos financeiros deles são limitados. Neste caso, porém, achamos a situação oposta. A maioria dos homens nunca chega a perceber esse outro lado da moeda.

Declarou Martinho Lutero: "Os filhos de famílias ricas raramente se saem bem na vida. Eles são complacentes, arrogantes e cheios de si. Pensam que não precisam aprender coisa alguma, porque têm muito com que viver, afinal de contas" (McGiffert, *Martin Luther*, pág. 4). Sem dúvida, Lo ilustrava o mal que o dinheiro em demasia pode fazer a uma família.

John Gill (*in loc.*) falou acerca da *inconveniência* criada pela riqueza demasiada. Mas a maioria das pessoas não entende essa palavra dentro do contexto. Antes, *nossa* inconveniência consiste na *falta* de dinheiro.

13.7

Começam os Conflitos. Primeiro houve desentendimentos entre os servos, e isso logo haveria de perturbar Abraão e Ló. Vários fatores contribuíram para a situação: 1. Um acúmulo excessivo de bens materiais impedia que eles continuassem vivendo em um mesmo lugar. 2. Havia uma competição natural entre o pessoal de Abraão e o pessoal de Ló. Houve disputas *trabalhistas* entre eles. Suas respectivas corporações tinham entrado em choque. 3. Eles entraram em conflitos *com estrangeiros*, os cananeus e os ferezeus, que também ocupavam aquela área geral e competiam pelos parcos recursos. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Canaã, Cananeus* e *Perezeus (Ferezeus)*. Ambos esses artigos são bastante detalhados. Algumas vezes, os nomes "cananeus" e "ferezeus" parecem ser usados em um sentido geral (não etnicamente exato), para indicar todos os habitantes primitivos da Palestina. Provavelmente é o que se deve entender neste versículo. É possível que, coletivamente falando, os povos semitas ocidentais fossem os cananeus e que os semitas orientais fossem os ferezeus. O resto que tenho a dizer a respeito acha-se nos artigos aludidos.

Competição. Essa é a alma dos negócios. Melhores produtos são produzidos quando a competição é mais ativa. São praticados preços menores quando os homens precisam competir uns com os outros. No entanto, o conflito nunca se afasta para muito longe. Ocorre a estagnação quando os homens não têm com quem competir. Ora, onde se estabelece a estagnação, aí passa a haver menos desenvolvimento. Mas algumas denominações cristãs querem apenas *conformi-*

dade. A liberdade de expressão, permitida no mundo político, é brutalmente censurada no mundo religioso. E daí o resultado inevitável é a falta de crescimento.

13.8

Que Cessem os Conflitos. Abraão tomou a iniciativa a fim de acalmar a tempestade. As coisas que uniam tio e sobrinho eram maiores do que as coisas que os dividiam. Eles eram da mesma raça e família, adoravam ao mesmo Deus, eram provenientes da mesma terra, e agora compartilhavam da mesma sorte. Se a competição é boa, o ódio não o é. Abraão, por ser o homem mais importante, tomou a iniciativa a fim de trazer a paz. Bem-aventurados são os pacificadores (Mat. 5.9). Abraão refletiu sobre a situação e achou uma solução. Não havia ali espaço para ambos; mas, se eles se separassem, poderiam achar espaço para o seu gado. Abraão estava tão ansioso por corrigir os males advindos daquele conflito que agiu prontamente, a fim de não permitir que a situação potencialmente explosiva viesse a estourar. Há poucos bons árbitros neste mundo.

O International Rotary Club tem um lema que contém uma profunda verdade: "Tira melhor proveito aquele que serve melhor". Jesus ensinou que é melhor dar do que receber, porque quem assim faz é "mais bem-aventurado" (Atos 20.35). Abraão apresentou sua generosa proposta. Ló, impelido pela ganância, escolheu aquilo que, economicamente, era "a melhor parte". Mas isso decretou o naufrágio da vida espiritual dele e de seus familiares.

"Nenhuma vantagem secular pode contrabalançar a perda da paz" (Adam Clarke, *in loc.*).

13.9

Peço-te que te apartes. Ló poderia escolher o caminho da direita ou o da esquerda, à sua vontade. Abraão mostrou-se *magnânimo.* Ló, o homem mais jovem, de acordo com o padrão da cultura ocidental, seria forçado a escolher a terra menos apropriada. Mas ele tirou proveito da generosidade de seu tio. Nem sempre os homens exercem um bom juízo espiritual, quando estão envolvidas questões de dinheiro, para dizermos o mínimo.

Contendas. Na região desértica, não havia água para beber. E o povo começou a contender (Êxo. 17.1-7). Isso sucedeu em Meribá, "contenda." O egoísmo cultivou nas pessoas a incredulidade (Sal. 95.10). A grande maioria dos israelitas não pôde entrar na Terra Prometida (Sal. 95.11). Ora, quando Ló fez sua escolha, foi seguindo na direção de Sodoma. Abraão, no passado, tinha feito uma má escolha e descido ao Egito (Gên. 12.10). Mais tarde, tivera de reparar os danos sofridos. Agora era a vez de Ló fazer uma escolha errada, e o dano que sofreria seria imenso.

A direita. . . a esquerda. Quando um homem se põe de pé olhando para o ocidente, o norte fica à sua esquerda, e o sul à sua direita.

13.10

O Vale do Rio Jordão. Essa foi a área que atraiu a atenção de Ló. Era um vale bem regado, o mais básico e necessário de todos os recursos naturais. E Ló escolheu a melhor parte. No *Dicionário* apresento uma nota detalhada chamada *Jordão (Vale),* com um diagrama completo. Algumas vezes, um bem aparente, mas escolhido precipitadamente, leva ao desastre. Ver no *Dicionário* o artigo *Vontade de Deus, Como Descobri-la.* Nossas decisões por muitas vezes são influenciadas por alguma facilidade, quando parece que não teremos muito trabalho. Ló estava disposto a ser um homem piedoso, mas não queria sacrificar demais. E preferiu o curso mais fácil.

"O perigo de nos tornarmos como Ló jaz no fato de que só se chega lá pouco a pouco. Ló começou como um homem decente; e, no entanto, não terminou somente em desastre, mas também foi engolfado em um desastre que envolveu toda a sua família" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*).

Antes. O autor sagrado indica assim que tinha havido modificações radicais naquele vale, tornando-o menos fértil e menos bem regado, desde os dias de Ló até os seus próprios dias. Ele vinculou isso à destruição de Sodoma e Gomorra, como se alguma maldição divina tivesse modificado as condições climáticas da terra. Antes, o vale era como o jardim do Éden (com seus quatro grandes rios), ou como o Egito, que contava com o poderoso rio Nilo, o qual lhe garantia a fertilidade. Alguns eruditos supõem que o autor sacro sugerisse aqui que o mar Morto surgiu como consequência da imensa calamidade que sobreveio a Sodoma e Gomorra. Como é óbvio, historicamente falando, isso não corresponde à realidade dos fatos. "As evidências geológicas provam que aquela admirável depressão na superfície da terra tinha existido durante eras antes do advento do homem no globo, formando, desde o princípio, parte de um grande lago cujas águas, originalmente, estavam algumas tantas dezenas de metros acima do atual nível do mar Morto" (Skinner, *Genesis,* pág. 273).

As circunvizinhanças do mar Morto são estéreis, mas áreas um pouco mais distantes pulsam de vida e fertilidade. De onde Ló contemplou a cena, ele teria sido capaz de perceber abundante promessa de sustento da vida.

Gomorra. Ver no *Dicionário* um detalhado artigo sobre essa antiga cidade.

Zoar. No *Dicionário,* apresentei um artigo detalhado sobre essa localidade. Os eruditos encontram muita dificuldade diante da menção dessa cidade, neste ponto. "Nenhuma pessoa na rota para o Egito poderia topar com Zoar; e dentre as cinco cidades da planície, essa era a que menos se pareceria com o Paraíso. A versão siríaca preservou o texto correto, a saber, *Zoã.* Todavia, esta última era chamada Zor ou Zar pelos egípcios. . . e ficava situada no lado oriental do ramo tanaítico do Nilo, o início de uma planície fértil chamada campo de Zoã (Sal. 78.12). Ló havia atravessado, não fazia muito, essa região rica e bem regada, na companhia de Abraão, e a vegetação luxuriante que ali havia permitia sua comparação com o Paraíso" (Ellicott, *in loc.*). No *Dicionário* apresento um detalhado artigo a respeito de *Zoã.*

13.11

Ló Fez Sua Escolha. "Ele fez isso sem se preocupar com Abraão, o que foi o pior erro de sua vida" (Allen P. Ross, *in loc.*). Ló estava resolvido a prosperar materialmente, e não se importava com o que era apropriado fazer.

Para o Oriente. Ou seja, na direção leste, em relação à terra de Canaã.

Separaram-se um do outro. Uma separação de família. Eles tinham estado juntos por longos anos, mas agora chegara o tempo de se separarem. Eventos mais poderosos do que eles previram tinham assumido o controle. Mas ainda haveriam de estar juntos de novo, em um dia mais radioso. Todas as famílias cujos membros têm sido forçados a se separar sabem o que isso significa. Separaram-se como bons amigos, pois a generosidade de Abraão havia garantido isso. A generosidade sempre torna o caminho mais suave.

13.12

As duas escolhas são agora postas diante de nós de forma vívida. Abraão ficou habitando em Canaã. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Canaã.* E Ló entrou na região da campina e escolheu *Sodoma* para sua residência. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Sodoma.* Esta cidade era cheia de vida e excitação, embora também fosse cheia de pecado e corrupção, conforme o capítulo dezenove de Gênesis mostra de maneira inequívoca. Sempre será mais excitante viver em uma cidade grande do que em uma fazenda; mas nas metrópoles há sempre muitas armadilhas para seus habitantes. Brigham Young, um dos primeiros líderes do mormonismo, não permitia que cidades grandes fossem fundadas no estado de Utah, reconhecendo que essas cidades se tornam perigosas. Ele requeria que seus seguidores se espalhassem e dessem início a pequenas comunidades.

Ló por fim chegou a Sodoma, mediante uma série de escolhas descendentes. É possível que, por algum tempo, ele tenha residido nas periferias dessa cidade. Mas finalmente, cedendo à tentação, foi residir bem na região central. Quando Ló entrou na cidade, a cidade entrou nele. O trecho de Gênesis 19.16 diz-nos que ele "se demorou" ali, mesmo quando as coisas ficaram desesperadamente adversas. É que ele já não conseguia desvencilhar-se da cidade, não podia sair dela. Conforme alguém já disse: "Antes que você possa tirar as pessoas de uma favela, terá de tirar a favela das pessoas".

Ia armando as suas tendas até Sodoma. Talvez isso queira dizer que ele, a princípio, armava as suas tendas nos arrabaldes de Sodoma. Provavelmente continuou vivendo, por algum tempo, como seminômade, nas vizinhanças de Sodoma, mas não na própria Sodoma. Isso só ocorreu mais tarde (ver o capítulo dezenove). Ló foi caindo por etapas. Mas finalmente ele trocou suas tendas por uma casa. O vs. 14 oferece um violento contraste com isso: Abraão continuou a erigir os seus *altares.*

13.13

Eram maus e grandes pecadores. O capítulo dezenove fornece-nos detalhes quanto a isso. A iniqüidade deles era tão grande que chegava a ser quase proverbial nos dias de Abraão, como até hoje. A região em redor de Sodoma era excelente para a criação de ovelhas, mas era horrível alguém ter de criar ali os seus filhos. Não demorou muito e Ló estava queixando-se em Sodoma, embora também estivesse transigindo. Ele era homem rico, mas em breve perderia seus bens em uma conflagração. Abraão havia tomado a estrada alta e dificultosa; Ló estava seguindo pelo curso de menor resistência, tendo preferido a estrada baixa e fácil. Sempre haverá esses dois tipos de homens. Cada qual atinge um resultado diferente. É que eles pensam de maneiras diversas. Ambos os tipos de homens desenvolvem-se pouco a pouco. Ninguém torna-se bom em um único dia; ninguém torna-se mau em um único dia.

". . .eram culpados dos crimes mais notórios, viciados nas paixões mais escandalosas e desnaturais. . . e isso eles cometiam aberta e publicamente, diante de

OS MAIS DESGRAÇADOS PECADORES

Ora, os homens de Sodoma eram maus e grandes pecadores contra o Senhor.

Na quarta geração, porém, voltarão para cá; porque a medida da iniqüidade dos amorreus não está ainda cheia.

Gênesis 13.13; 15.16

*** *** ***

PAGANISMO CAÓTICO

Naquele duro mundo pagão caíram
Desgosto e nojo secreto;
Profundo cansaço e paixão arraigada
Fizeram da vida humana um inferno.

Matthew Arnold

Deus e da maneira mais ousada e desavergonhada. . . sem nenhum temor ou pejo" (John Gill, *in loc.*). O Targum de Jonathan menciona o ludíbrio, a fraude, as concupiscências e práticas sexuais desnaturais, o incesto, o derramamento de sangue inocente, a adoração aos ídolos e a rebeldia. Cf. Isa. 3.9 e Eze. 16.49.

Abraão Estabelece-se em Hebrom (13.14-17)

Voltam as Visitas Divinas. O Senhor falou com Abraão a fim de encorajá-lo. Ele tinha permitido que Ló escolhesse as melhores terras. Mas prevaleceriam as disposições do Pacto Abraâmico (Gên. 15.18). Havia uma grande pátria que Abraão deveria herdar pela força do decreto divino. Talvez ele estivesse um tanto amuado por haver ficado com as terras inferiores. Deus, porém, haveria de reverter tudo isso. A provisão divina haveria de estender-se em todas as quatro direções, segundo o vs. 14 deixa claro. A magnanimidade de Abraão haveria de receber plena recompensa, ao passo que Ló em breve perderia tudo na conflagração do juízo divino. Os vss. 14-17 fazem um contraste violento entre Abraão e Ló. Abraão contava com a presença de Deus e daí resultaria um sem-fim de benefícios, espirituais e materiais.

13.14

Há uma Falácia na Grandeza Terrena.
Eis que toda a pompa de ontem
Teve a mesma sorte de Nínive e Tiro!

(Kipling)

Disse o Senhor. Isso pode refletir um destes pontos possíveis: 1. Temos aqui uma manifestação do Logos no Antigo Testamento. 2. Ou uma teofania (ver sobre isso no *Dicionário*). 3. Ou isso foi dito alegórica ou poeticamente. 4. Ou Deus pode ter falado com ele mediante iluminação interior. 5. Ou, então, houve alguma experiência mística mediante a qual a presença divina manifestou-se novamente a Abraão. Ele foi homem de muitas experiências místicas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misticismo.*

"Todo poder corrompe; e o poder absoluto corrompe de maneira absoluta" (Lord Acton). Sodoma dispunha de muito poder e de muito dinheiro. Abraão havia preferido o campo humilde. Mas o Poder Supremo estava com ele. Jesus falou sobre a falácia do homem que tinha tantas riquezas que destruiu seus celeiros e construiu maiores, a fim de guardar ali os seus bens materiais. Mas tinha-se esquecido totalmente de sua própria alma (Luc. 12.18-21).

Assim, Ló aproximava-se cada vez mais de Sodoma, mas Abraão aproximava-se cada vez mais de Deus.

Era de dia, e assim Deus mostrou a Abraão o que ele haveria de obter, fazendo-o olhar nas quatro direções. Para onde quer que olhasse, tudo seria seu. Em Gênesis 15.5, *era noite.* Por essa razão, Deus fê-lo olhar para o céu, contemplando o vastíssimo número das estrelas. Isso serviu de indicação de quão numerosa seria a sua posteridade.

Para o *norte,* Abraão viu o monte Líbano; para o *sul,* Edom ou Iduméia; para *leste* o vale do rio Jordão; e para *oeste,* o mar Mediterrâneo.

13.15

Todo o território que Abraão contemplou para o norte, o sul, o leste e o oeste, pertencia a ele, e então seria o mesmo transferido à sua posteridade. Deus nada lhe negaria. Sua misericórdia é tão vasta quanto o mar. A Abraão foi prometida a grandeza:

1. A grandeza inclui uma significativa *missão espiritual* e a visão de vê-la e reconhecê-la, para então ativar-se a fim de desenvolvê-la.
2. A grandeza de um homem reflete-se nas coisas que ele procura *promover.*
3. A grandeza de um homem é garantida por sua capacidade de *persistir* em seus propósitos e levar suas idéias à plena fruição.
4. A grandeza de um homem reflete-se em sua capacidade de sofrer perdas, mas recuperar-se e *renovar* o seu zelo.
5. Um grande homem está sempre em uma *cruzada.* Ele nunca descansa em Sião.
6. A vitalidade e a força não residem nas coisas materiais, mas na *fé* que cultivamos. Abraão erguia um altar por onde quer que fosse.
7. Ao homem nômade foi prometida uma pátria grandiosa, por ser ele o homem *escolhido* para aquela hora, a fim de cumprir o propósito de Deus. A *vontade de Deus* sempre coincide com a verdadeira grandeza.

Em Abraão, o povo de *Israel* seria grande. A promessa tinha âmbito universal. Não se destinava somente a Abraão. O *Messias* levantar-se-ia dentre Israel estando Ele destinado a uma missão universal: na terra, no hades e nos lugares celestiais.

"Enquanto Ló via sua vida deteriorar-se, Abraão ia-se aproximando de Deus cada vez mais" (Ellicott, *in loc.*).

13.16

Como o pó da terra. Notemos aqui as metáforas. A herança de Abraão seria tão grande que: 1. Ele podia olhar em todas as direções, pois tudo quanto visse lhe pertencia (Gên. 13.14). 2. Ele podia contemplar o imenso número de estrelas, que falava de sua incalculável posteridade espiritual (Gên. 15.5). 3. Ele podia olhar para o pó da terra (Gên. 13.16), que ninguém pode contar, para mostrar-lhe sua posteridade física. 4. Ele podia olhar para a beira-mar, e para toda a sua areia, o que também lhe transmitia idêntica mensagem (Gên. 22.17; 32.12). A generosidade de Abraão garantiu-lhe toda essa recompensa, a certeza de que o propósito divino operaria por seu intermédio. É dando que recebemos. *Dar* é o segredo das riquezas eternas. O Israel espiritual também estava incluído no Pacto Abraâmico (o que é comentado em Gên. 15.18; ver também Gál. 3.6,7,14,29; Rom. 4.16,17; 9.7,8).

13.17

Percorre esta terra. Conta-se a história do homem a quem foram prometidas todas as terras que ele pudesse percorrer, correndo ou andando, durante um dia. Sentiu grande entusiasmo ao ser-lhe feita a promessa. E assim, cedo pela manhã, ele começou a correr. Ele correu e correu, andou e andou, e tornou a correr um pouco mais. Seu zelo obteve assim uma grande realização. Foi capaz de cobrir um vasto território durante aquele dia. Tudo seria dele. No entanto, esforçou-se de tal modo que seu coração não aguentou o esforço. No fim do dia, morreu. A Abraão foi dito que caminhasse e percorrese toda a terra. Onde quer que ele pusesse os pés, aquilo lhe pertenceria. Em contraste com o homem daquela história, Abraão deveria continuar vivendo, e sua posteridade também. É que Deus foi para ele o poder sustentador.

A Terra Prometida não era grande, de acordo com os padrões modernos. A Palestina inteira não tem tanta área quanto o estado brasileiro de São Paulo. No entanto, não devemos olvidar que a herança espiritual de Abraão haveria de abranger a *terra inteira,* incorporando todas as nações, povos e famílias. Ló, por sua vez, foi residir em Sodoma. A terra inteira seria o local da residência de Abraão.

Alguns intérpretes imaginam Abraão, o nômade, a viajar como um turista, atravessando toda aquela boa terra, divertindo-se enquanto prosseguia. Tudo era dele, e, sem duvida, ele gostava do que estava fazendo.

13.18

Nos carvalhais de Manre. Abraão deixou o altar em Betel e foi para Manre, em Hebrom, e imediatamente erigiu outro altar. Assim, ele caminhava de altar em altar. A espiritualidade era a base de tudo quanto Abraão fazia, bem como a essência de seu ser. Isso explica a grandeza dele. Um santuário especial dedicado a *Yahweh* foi erigido naquele lugar, e por longo tempo seria importante.

Carvalhais, conforme lemos aqui, em algumas traduções aparece como "planície". Mas nossa versão portuguesa dá a tradução mais provável, pois um bosque seria um lugar apropriado para a adoração e para que ali fosse erigido um altar. Ver as notas sobre Gên. 12.6, que contém elementos similares. A Septuaginta e a versão siríaca também dizem "carvalhais", parecendo que assim dizia o original.

Manre. No *Dicionário* há um artigo detalhado sobre esse lugar. Vários importantes acontecimentos da vida de Abraão tiveram lugar ali. Atualmente, o local tem sido variegadamente identificado.

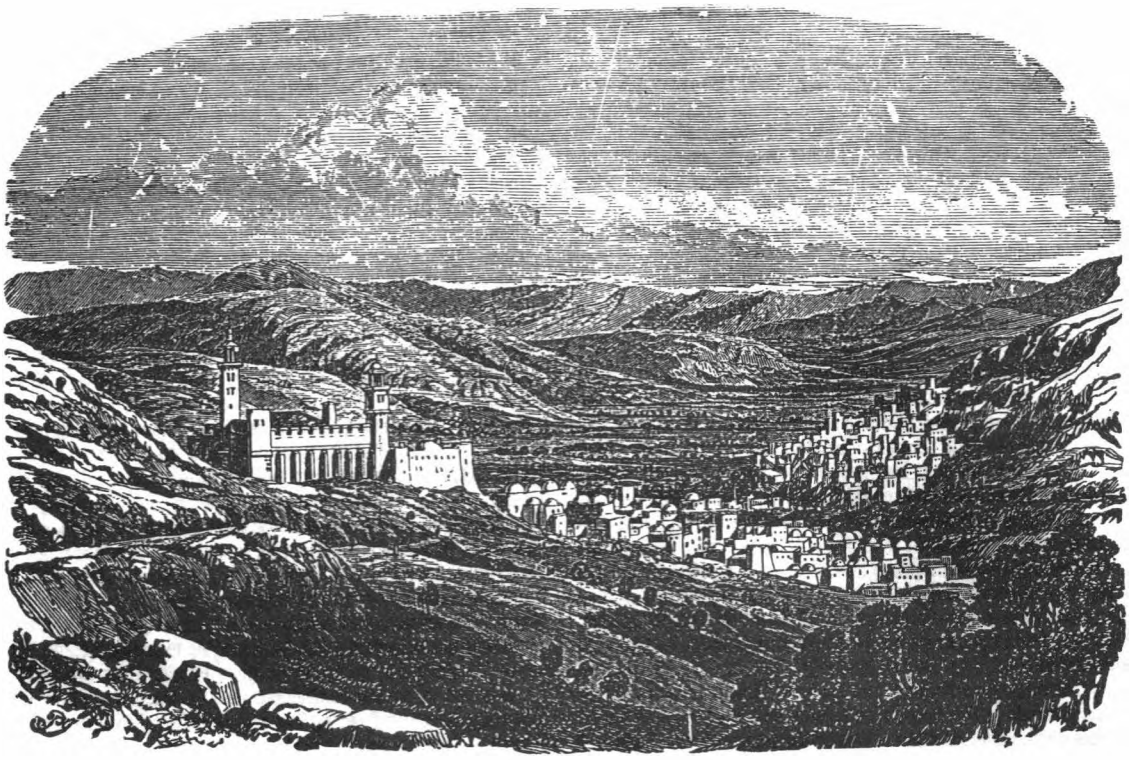
Hebrom. Ver o artigo sobre esse lugar no *Dicionário.* Essa cidade ficava no sul da Palestina, no território de Judá, cerca de vinte e nove quilômetros ao sul de Jerusalém. Essa é a cidade da Palestina situada à maior altitude, 972 metros acima do nível do mar Mediterrâneo. A cidade moderna tem uma população de talvez sessenta mil pessoas. O nome desse lugar significa *aliança,* talvez uma referência à confederação firmada entre Abraão e os amorreus que residiam na região. Provavelmente, esse nome foi inicialmente aplicado ao distrito, e só depois à cidade construída no local. Ao que tudo indica, Manre ficava a pouca distância de Hebrom, mas os intérpretes opinam quanto a variadas distâncias. Várias localidades modernas competem pela honra de ser o local da antiga Manre.

Um altar. Ver no *Dicionário* um detalhado artigo sobre essa palavra.

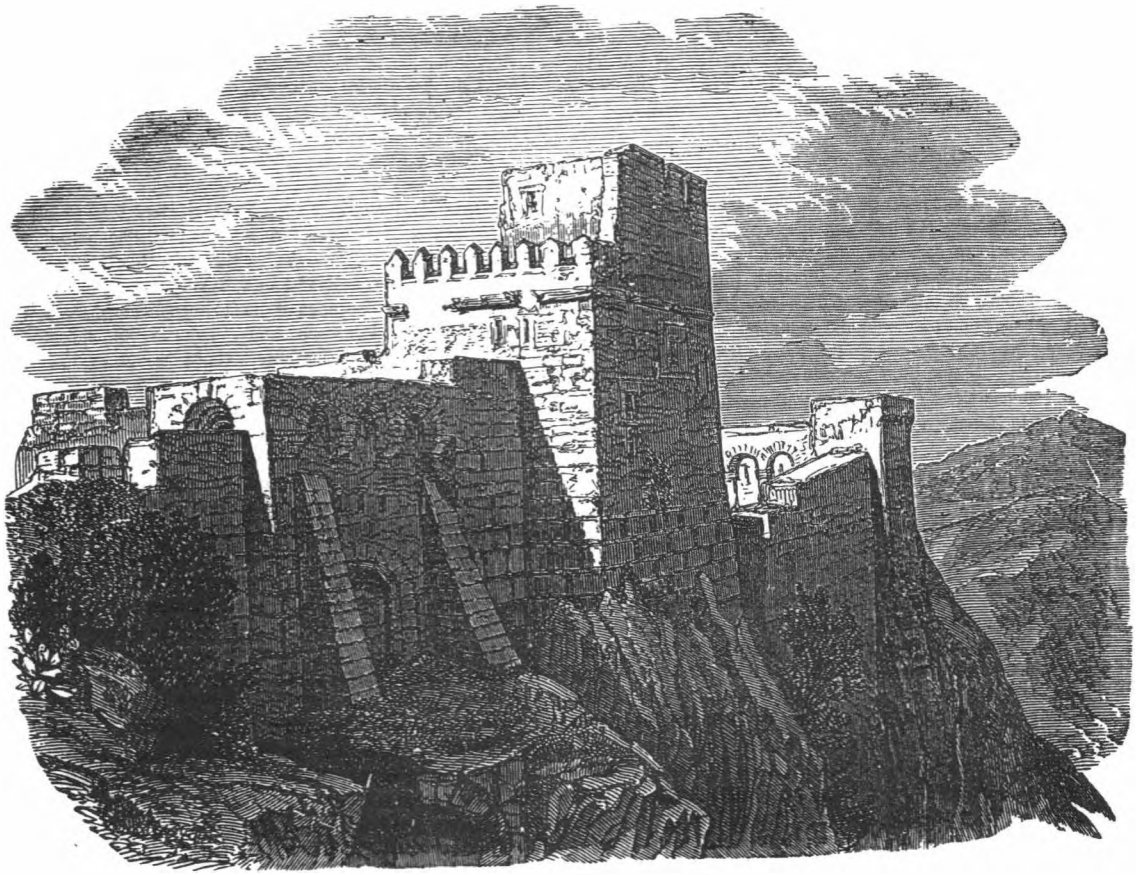
Capítulo Catorze

A Guerra dos Reis (14.1-24)

Quando lemos sobre esses vários *reis,* dentro do contexto do livro de Gênesis, devemos pensar em chefes tribais, e não em monarcas de grandes nações,



Hebrom, *Smith's Bible Dictionary.*



Muros de Hebrom. *Smith's Bible Dictionary.*

conforme se vê hoje em dia. Os nomes desses vários reis estão perdidos para a história, embora sejam conhecidos os locais que eles governavam. Desconhece-se de onde foram extraídas as informações que nos são dadas aqui. A questão dos *feitos militares* sempre excitou a mente humana, e ficamos desolados diante de quanto disso aparece nas páginas do Antigo Testamento. Mas o mundo inteiro tem sido palco dessa violência, pelo que nossa perplexidade é perene. Apesar de ser verdade que, algumas vezes, uma solução militar é a *única* opção, ou mesmo a *melhor* opção, sabemos que é loucura uma nação enviar homens armados contra outra nação, a fim de matar. Como é óbvio, não podemos esquecer que os tiranos por muitas vezes são psicopatas, quando, então, se torna impossível qualquer solução razoável ou negociada. Há provas científicas da insanidade literal de tiranos como Hitler e Stalin. Enquanto os homens gostarem de galgar posições de liderança e autoridade, haverá matanças insensatas, bem como necessidade de se fazer guerra contra eles.

Abraão impressiona-nos com a sua *espiritualidade*. Ele ia de altar em altar, e de uma experiência mística com a presença de Deus a outra. No entanto, aqui ele se tornou o cabeça de um pequeno exército, envolvido em *matança*. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Guerra*. Certo intérprete intitulou esta seção do Gênesis de "Um Mal Antigo: a Guerra". "Aqui, na Bíblia, encontramos a primeira glorificação da guerra. E isso será seguido por muitas crônicas dotadas do mesmo espírito: no Êxodo, em Josué, em Juízes, e assim por diante. A literatura mais orgulhosa de outros povos, desde a *Ilíada* de Homero em diante, está repleta dos ruídos da guerra. A razão para isso é bastante clara. A existência humana sempre foi uma luta. No começo os homens lutavam contra as feras, a fim de sobreviverem: depois, buscando campos de caça e alimentos. As brigas de indivíduos expandiram-se até chegarem à ferocidade mútua das tribos. O profundo instinto primário da autopreservação estava à raiz de tudo isso" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*). Como é evidente, há muitas outras razões para a guerra: a cobiça, o espírito de aventura e a insanidade.

Lamentamos. Mas há comentadores que elogiam. "Abrão, o hebreu, deixou para seu povo um *ideal* de guerra *nobre* e de galante cavalheirismo. Ele é o tipo de todos os heróis da fé, poderosos homens de valor, animados pelo Espírito de Deus. . . Os limites apropriados da Terra Santa — de Dã a Berseba — eram um campo de batalha e um santuário. . . Deus abençoou o herói cuja espada ficou molhada com o sangue dos tiranos. Antes das doces notas da paz, por muitas vezes precisa haver o tom da trombeta de guerra, para que seja imposta a justiça" (James Strachan, *Hebrew Ideals*).

Certos *críticos* procuram aliviar Abraão desse elemento desagradável, a idéia de *herói guerreiro*, apresentando razões para crer que o relato é uma fabricação, e não história autêntica. Mas os eruditos conservadores acham outras razões para justificar atos de violência e não coram diante da informação de que Abraão foi forçado a matar. Contudo, lamentamos o estado da humanidade que permite, causa ou provoca crônicas como aquela que temos agora à nossa frente.

14.1

Anrafel. Têm falhado as tentativas de identificar esse homem com o bem conhecido Hamurabi, embora alguns eruditos insistam quanto ao ponto. O sentido desse nome é incerto. Ele foi rei de Sinear, as terras baixas de aluvião do sul da Babilônia. Fazia parte da liga de quatro reis (Arioque, Tidal, Quedorlaomer e Anrafel) que combateu contra um grupo de reis palestinos (de Sodoma, Gomorra, Admá, Zeboim e Bela). Os primeiros derrotaram estes últimos (Gên. 14.1-11). O cabeça da liga oriental era Quedorlaomer, rei do Elão. Se Anrafel tem sido identificado com Hamurabi, da Babilônia, Tidal tem sido identificado com Tudalia I, de Hati. Mas tudo isso sem muitas certezas, pois as evidências lingüísticas e cronológicas laboram contra tais identificações.

Sinear. Ver no *Dicionário* o verbete sobre esse lugar.

Arioque. Esse era o nome de um rei ou chefe de Elasar (Larsa, Senqueré, uma cidade-estado do sul da Babilônia), o qual estabeleceu uma aliança com Quedorlaomer, quando este invadiu o vale do rio Jordão (Gên. 14.1,9). A guerra teve o propósito de punir os reis de Sodoma, Gomorra, Admá, Zeboim e Bela. Os primeiros saíram-se vitoriosos, mas foram postos em fuga por Abraão, quando este foi combater contra eles, porquanto haviam levado Ló, seu sobrinho, como cativo. Alguns estudiosos ligam o nome Arioque com Waad-Sin (Eri-aku), de cerca de 1836-1824 A. C., ou com Rim-sin (cerca de 1824-1763 A. C.), ambos filhos de Kudur-Mabuque, de Larsa, nomes comuns nos textos de Mari (ver a respeito no *Dicionário*). Porém, isso daria a Abraão uma data mais recente. Seja como for, a cronologia sobre a época é precária. A cidade de Elasar tem sido identificada com Ilanzura, mencionada nos textos hititas e nos arquivos de Mari, localizada entre Carquêmis e Harã. Alguma confirmação para essa conjectura talvez se ache no Apócrifo do Mar Morto, que diz que o reino de Arioque era *Kptwk* (talvez a Capadócia). E então, se o rei Tidal, mencionado na Bíblia, puder ser identificado com Tudalia I, dois daqueles quatro reis podem ter sido nativos da Anatólia, embora tudo isso seja extremamente incerto.

Elasar. O significado do nome desse lugar é desconhecido. Era uma cidade da antiga Babilônia (Gên. 14.1,9), território do rei que acabamos de descrever. A cidade ficava no sul da Babilônia, entre Ur e Ereque, à margem esquerda do grande canal Shat-en-Nil. Uma colina, próxima de *Senkereh*, tem sido identificada como o local moderno. Essa área era um centro da fé religiosa que promovia a adoração ao sol. A forma babilônica desse nome é *Larsa*, que os gregos chamavam de *Larissa*. Não dispomos de nenhuma informação quanto à fundação desse lugar, mas aí por 2400 A. C. já era um centro populacional importante. Os reis de Elasar também controlavam as regiões próximas da Suméria e da Acádia. Somente dois nomes são historicamente conhecidos, vindos daquela área, naqueles tempos remotos, a saber, Nur-Raman e Sin-Indina, que foram governantes daquela parte da Babilônia. O último desses homens a ser mencionado construiu o canal que ligou Shat-en-Nil ao rio Tigre. Pouco depois dessa construção, os elamitas conquistaram a área. Kudur-Mabuque enviou seu filho, Elasar, para tentar controlar a situação. Seu nome era Eri-Aku. Mas esse nome, em inscrições babilônicas, aparece com a forma de Rim-Sin. Hamurabi, rei da Babilônia, mais tarde tomou esse território e anexou-o a seu próprio império, trazendo assim à existência o *império* da Babilônia. A identificação de Larsa com Elasar tem sido consubstanciada por muitos eruditos, mas mesmo assim restam dúvidas. Outras idéias têm sido sugeridas, como Ilanzura, entre Carquêmis e Harã, no norte da Síria.

Quedorlaomer. Ele era rei do Elão, líder dos três reis que invadiram Canaã na época de Abraão (Gên. 14.1,4). No relato do Gênesis, aprendemos que Abraão veio de Ur dos caldeus, e, através de Harã, chegou à Palestina. Ali ele cuidava de seus rebanhos de gado vacum e de ovelhas, e recuperou os despojos que tinham sido tomados das cidades da planície. Também no livro de Gênesis, somos informados sobre os atos de Quedorlaomer, no tocante a Abraão. Elão era um país a leste da Babilônia, no fundo do golfo Pérsico (Gên. 14.1,4,5). Aliou-se a três outros reis, a fim de combater contra os cinco reis da região do mar Morto. Quando os governantes de Sodoma, Gomorra, Admá, Zeboim e Zoar libertaram-se de sua hegemonia, ele tentou esmagar toda a resistência. Abraão entrou em conflito com ele, quando teve necessidade de libertar Ló, que fora levado como prisioneiro. Até agora, todas as tentativas para identificar esse homem com figuras históricas conhecidas têm fracassado. A identificação com Hamurabi (cerca de 1700 A. C.) não é mais mantida. Pelo menos, podemos datá-lo como pertencente ao século XXI A. C. Seu nome, aparentemente, vem de *kudu* (ou kuti), palavra elamita que significa *servo*. Coligações políticas como descritas, no livro de Gênesis são refletidas nos textos cuneiformes do segundo milênio A. C. Porém, têm falhado todas as tentativas de identificação específica.

Elão. Ver o artigo sobre esse território e sobre os elamitas no *Dicionário*. O Elão era um país que ficava a leste da Babilônia, no fundo do golfo Pérsico. Ficava do outro lado do rio Tigre, limitado ao norte pela Assíria e pela Média, e ao sul pelo golfo Pérsico.

Tidal. No hebraico, *resplendor, renome* (Gên. 14.1,9). Era rei de Goim. Confederou-se com Anrafel, Arioque e Quedorlaomer, em sua guerra contra o rei de Sodoma e seus aliados, nos dias de Abraão. Viveu por volta de 1910 A. C. Parece que "rei de Goim" era um título honorífico, comum nos anais acadianos. Mas outros estudiosos identificam Goim com Gutium, na Mesopotâmia. Os chamados textos de Mari usam a palavra *gayum* para indicar um grupo ou bando. Isso talvez sugira que Tidal era o chefe de uma tribo nômade, sem fronteiras fixas. O nome Tidal parece corresponder a Tudalia I, um governante hitita que, segundo pensam alguns, foi o sucessor de Anitas. Todavia, a identificação é incerta.

Goim. No hebraico está no plural, *nações*. Alguns estudiosos opinam que o termo procede do acádico *gayum*, "tribo." Na linguagem do Antigo Testamento, porém, indica a idéia de "raças pagãs", não-judaicas. Quanto às suas conexões geográficas, o vocábulo veio a ser associado à porção nordeste da Síria. Um território governado por um certo Tidal (Gên. 14.1). Além disso, houve uma força armada gentílica, na Galiléia, que foi derrotada pelas tropas comandadas por Josué, que tinha esse nome (Jos. 12.23). Em Juízes 4.2,13, esse é o nome de uma localidade, *Harosete-Hagoim*, o que parece ser outra alusão a essa idéia, indicando uma área da Galiléia. Ver também Isa. 9.1. Onde Goim estaria localizada depende de como identificarmos *Tidal*. A maioria dos estudiosos identifica Tidal como um nome hitita ou sírio, relacionado a *Tudalia*. E esse é o nome de certa região da Síria. Porém, a idéia de que a palavra *goim* refere-se coletivamente aos povos não-israelitas não é bem recebida pela maioria dos estudiosos, quanto à sua ocorrência neste ponto.

14.2

Fizeram guerra contra Bera. No hebraico, *presente*. Ele era rei de Sodoma nos dias de Abraão. Pagava tributo forçado a Quedorlaomer, rei do Elão, mas depois revoltou-se, juntamente com quatro outros reis. Após várias manobras,

Quedorlaomer, com mais três reis, derrotou em batalha a Bera e seus quatro aliados. No processo da luta, Ló e sua gente foram levados cativos. Ao tomar conhecimento do fato, Abraão reuniu trezentos e dezoito homens dos mais capazes, nascidos em sua casa, e perseguiu os captores de seu sobrinho Ló, libertando-o. Isso permite-nos ver que Abraão era chefe de um clã poderoso, embora tenhamos de levar em conta que os reis antigos eram mais chefes de cidades-estado do que de nações inteiras.

Sodoma. Ver o artigo detalhado a respeito no *Dicionário*.

Birsa. No hebraico, *grosso* ou *forte*, ou então, *filho da iniqüidade*. Esse era o nome do rei de Gomorra, quando Quedorlaomer invadiu o lugar (Gên. 14.2), em cerca de 2080 A. C. Ele é mencionado no *Gen. Apocryphon* xxi.24. Birsa revoltou-se contra Quedorlaomer, rei do Elão, mas foi, finalmente, derrotado. Posteriormente, Abraão conseguiu derrotar as forças de Quedorlaomer, libertando os gomorritas e seu sobrinho, Ló, que havia sido levado cativo pelos elamitas (Gên. 14.12-17).

Gomorra. No *Dicionário* ofereço um artigo detalhado sobre essa cidade.

Sinabe Rei da cidade-estado de Admá, que se aliou a quatro outros governantes sul-palestinos, em uma rebelião contra Quedorlaomer, mas que foi esmagado por ele e seus três aliados. Viveu em torno de 1910 A. C. Não se sabe o significado de seu nome.

Admá. No hebraico, *terra vermelha*. Era uma das cidades de Sidim, que tinha seu próprio rei, Sinabe. A cidade foi destruída juntamente com Sodoma e Gomorra (Gên. 19.24; Deu. 29.23; Osé. 11.8). Alguns identificam esse lugar com a cidade de Adão, mencionada em Josué 3.16.

Semeber. No hebraico, *esplendor de heroísmo*, rei de Zeboim, uma pequena cidade-estado da época de Abraão. Ele e outros quatro reis ou chefes locais foram derrotados no vale de Sidim, por uma coligação de reis orientais (Gên.14.2). Viveu em cerca de 1920 A. C.

Zeboim. No hebraico esse nome grafa-se *tsebhoyim* e significa *hienas*. Esse era o nome de uma das muito antigas cidades do vale de Sidim, que acabou sendo destruída com Sodoma e Gomorra. Seu nome ocorre por cinco vezes no Antigo Testamento (ver aqui e Gên. 10.19; 14.2,8; Deu. 29.23; Osé. 11.8). Ela é sempre mencionada depois de Admá, outra daquelas cidades. Zeboim aparece quando se menciona a fronteira sul dos cananeus, que, da beira-mar para o interior do continente, seguia na direção de Sodoma, Gomorra, Admá, Zeboim e Larsa. Quedorlaomer, rei do Elão, e seus três aliados, atacaram essas cidades durante a campanha que fizeram ao longo do Caminho do Rei (ver a respeito no *Dicionário*). Semeber, rei de Zeboim, juntamente com seus quatro aliados saíram ao encontro dos invasores no vale de Sidim (que vide), mas acabaram sendo derrotados (Gên. 14.2,8,10). Provavelmente, Zeboim foi destruída com Sodoma e Gomorra, cuja história aparece em Gên. 19.24-29. Posteriormente, Moisés referiu-se à destruição de Zeboim e cidades vizinhas (Deu. 29.23). E Oseias utilizou-se de Zeboim como um exemplo do julgamento que sobrevêm, a mandado de Deus, a cidades malignas (Osé. 11.8). Não se sabe a localização exata dessa cidade, mas, ao que tudo indica, ela está sepultada na extremidade sul do mar Morto, que antes era terra seca, mas agora está recoberta por águas mais rasas do que o resto do mar Morto. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Mar Morto*.

Zoar. Apresento no *Dicionário* um detalhado artigo sobre esse lugar. Seu nome significa *pequena*. É mencionado no Antigo Testamento por dez vezes. Em Gên. 14.2,8 o texto explica que outro nome da cidade era *Belá*. Há intérpretes que pensam que Belá era o nome do governante de Zoar, mas parece que ambos os nomes se referem a um mesmo lugar, e que o nome de seu rei não é dado no texto sagrado, ou porque o autor não sabia de seu nome ou porque ele não era pessoa de fama.

14.3

No vale de Sidim. O sentido desse locativo está sujeito a mais de uma interpretação. Alguns pensam que o nome significa "extensão", mas outros pensam que a palavra deriva-se do hitita, *syiantas*, "sal". Neste último caso, descreveria as planícies muito planas, de sal e betume, de um vale que acompanha por algum espaço as margens do Mar Morto. Esse vale é mencionado somente em Gênesis 14.3,8,10. Aparece ali como o lugar onde Quedorlaomer e seus aliados derrotaram os reis de Sodoma, Gomorra e as demais cidades da pentápole da Jordânia. Essa expedição, mui provavelmente, ocorreu no século XX A. C., durante a idade média do Bronze. Os exércitos seguiram pelo Caminho do Rei, até algum lugar próximo do mar Morto. Há quem pense que o local exato teria sido na porção do extremo sul do mar Morto, que hoje está submersa mas já foi uma região emersa. O local está sujeito a muitas oscilações de nível, pelo que somente quando se fizerem mais pesquisas completas é que haverá possibilidade de uma determinação mais exata do local do vale de Sidim. Antes disso, tudo não passará de especulação.

Mar Salgado. Outro nome do mar Morto. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Mar Morto*.

Estes se ajuntaram. Os cinco reis das cinco cidades da planície reuniram-se na extremidade sul do vale, formaram uma confederação, a *pentápole*, cinco cidades aliadas, semelhante à liga dos cinco príncipes dos filisteus, segundo se aprende em I Samuel 6.16-18.

14.4

Doze anos serviram. Em outras palavras, tiveram de pagar tributo, além de outras possíveis e indesejadas responsabilidades, que lhes custavam recursos e tempo. Após doze anos, porém, resolveram descontinuar essa servidão por meios militares. Eles estavam acostumados a pagar um tributo anual, a fim de não serem vítimas das expedições saqueadoras de Quedorlaomer.

14.5

Quedorlaomer. Ele foi um matador de homens, sempre ocupado nesse mister. A cena à nossa frente, provavelmente, era típica da vida diária naqueles tempos. Pequenos chefes (prefeitos de pequenas cidades-estados) viviam em choques armados constantes, matando e sendo mortos, nunca felizes, nunca em paz, impelidos pelo ódio, cruéis, prontos a matar os inocentes, seqüestrando mulheres e gado e roubando prata e ouro, se por acaso achassem esses metais. Algumas das vítimas de seus ataques súbitos foram mencionadas por nome.

Refains. Eram populações de estatura gigantesca que habitavam na Transjordânia. Forneci um detalhado artigo sobre esses povos no *Dicionário*.

Asterote-Carnaim. No hebraico. *Asterote dos dois chifres*, ou, então, *Asterote perto de Carnaim* (dois chifres). Era uma cidade habitada pelos gigantes refains. Ficava a cerca de trinta e sete quilômetros a leste do mar da Galileia. A palavra *Carnaim* não aparece nas referências bíblicas como uma referência separada, embora figure como tal em I Macabeus 5.26, onde é descrita como cidade grande e fortificada. Fortificada como era, a cidade era quase inexpugnável, porquanto os vales que a cercavam eram por demais estreitos. Na época de Abraão, Asterote começou a ser ultrapassada em importância por Carnaim: e, na época dos arameus e sírios, Carnaim havia substituído Asterote como capital regional.

Zuzins. Ver a descrição desse povo no artigo com esse nome, no *Dicionário*. Ao que parece, eles também eram uma raça de gigantes da antiguidade, talvez da mesma origem a que pertencia Golias. Esse nome significa "murmuradores". Entretanto, outros estudiosos insistem em que não devemos confundir os *zuzins* com os *zanaumins* (vide no *Dicionário*).

Hã. Esse era o nome de uma cidade cujos habitantes, os zuzins, foram derrotados por Quedorlaomer e os reis seus aliados, nos dias de Abraão. Desconhece-se atualmente o local dessa antiga cidade, e nenhuma iluminação nos tem sido dada vinda de qualquer fonte. Alguns pensam que o nome reflete o nome de Cão, filho de Noé, mas até isso é incerto.

Emins. No hebraico, "terrores". Esse nome, que está no plural, designava uma numerosa raça de gigantes que, nos dias de Abraão, ocupavam a região do outro lado do Jordão, um território que os moabitas, tempos mais tarde, vieram a ocupar (Gên. 14.5; Deu. 2.1). Os emins ocupavam a área ao redor de Quiriataim (ver no *Dicionário*), que ficava a leste do mar Morto. O trecho de Gênesis 14.5 diz que eles foram derrotados pelas tropas dos quatro chefes locais invasores. Parece que foram os primeiros habitantes históricos conhecidos da área envolvida. Talvez o nome venha de *aima*, caso em que significa "tribo" ou "horda." A Bíblia informa-nos que várias etnias ocuparam o lado oriental do rio Jordão, incluindo os *refains* (em Basã), os *zanzumins* (terras dos amonitas posteriores), conforme se vê em Deuteronômio 2.20,21. E também havia os *horeus* (ver sobre eles no *Dicionário*), cujas terras acabaram ocupadas pelos idumeus, descendentes de Esaú.

Savé-Quiriataim. No hebraico, *planície de Quiriataim*, ou seja, "planície das Cidades Gêmeas". Foi nesse lugar que Quedorlaomer derrotou os emins, gigantes da antigüidade. Esse antigo rei derrotou outras tribos de gigantes, de outros lugares, como os refains e os zuzins (Gên. 14.5). Foi ali, igualmente, que Absalão ergueu uma coluna memorial (II Sam. 18.18). De conformidade com Josefo, essa cidade ficava a cerca de quatrocentos metros de Jerusalém, ou seja, mui provavelmente, no setor mais amplo, ao norte do vale de Hinon, que, então, se estreita

para formar uma ravina, em seu setor mais baixo. Entretanto, com uma pequena modificação consonantal, essa palavra pode passar a significar "feia", o que apontaria para uma aldeia de localização topográfica desconhecida.

14.6

Horeus. Exponho um detalhado artigo sobre eles, no *Dicionário*. Essa palavra parece significar "homens das cavernas". Até onde a história registra, parece que eles foram os habitantes originais do monte Seir, até serem conquistados pelos idumeus (Deu. 2.12,22). A condição de miséria em que viviam é descrita em Jó 30.3-8.

Monte Seir. Forneci um detalhado artigo sobre essa cadeia montanhosa, no *Dicionário*. Eram montanhas de Edom. Estendem-se desde o wadi Armon, em direção ao sul, até as proximidades da moderna Ácaba. A cidade de Petra e o monte Hor encontram-se entre suas principais características.

El-Parã. No hebraico, *carvalho das cavernas* (Gên. 14.6). Também é local chamado *monte Parã* e *Parã* (Gên. 21.21; Núm. 10.12; 12.16; Deu. 1.1; 33.2; I Sam. 25.1; I Reis 11.18; Hab. 3.3). Era um lugar ao sul de Canaã e a oeste do território de Edom, onde os horeus habitavam, em Seir. Era um local ermo, desértico, que se estendia para oeste, até Sur, e para o sul, até o golfo Elanítico. Foi até ali que chegou Quedorlaomer, com suas tropas e seus reis aliados, quando guerreavam contra os horeus do monte Seir. A leste ficava o wadi Arabá, localizado ao norte do golfo de Ácaba. Os montes de Edom, que modernamente chamam-se cadeia de Jebel-esh-Shera, alongam-se a sudoeste do golfo de Ácaba. El-Parã é o nome mais antigo de Elate (modernamente, *Eilat*), o porto marítimo do extremo norte do golfo de Ácaba. Ismael foi residir no deserto de Parã, depois que ele e sua mãe, Hagar, foram expulsos por Sara (Gên. 21.21). El-Parã é o único *oásis* a meio caminho da estrada principal, que atravessa o deserto de Parã. Posteriormente, veio a ser conhecido como *Qala at Nukjl* ou *Castelo de Nahkl* isto é, "Castelo da Palmeira". Em tempos bem remotos, havia uma floresta de carvalhos (terebintos), à beira do grande deserto que distava três dias de viagem do Sinai (Núm. 10.12,33).

14.7

De volta. Não voltaram pela mesma rota, mas, antes, dirigiram-se para o noroeste, encontrando então outras localidades, que até aqui não tinham sido mencionadas.

En-Mispate. No hebraico, *fonte de julgamento*. Nesse lugar os antigos habitantes costumavam resolver as suas disputas. Também é chamado *Cades*. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo intitulado *Cades-Barnéia*. Gênesis 14.7 informa-nos que Quedorlaomer e seus aliados, tendo cruzado o deserto de Parã, chegaram a esse lugar. Talvez a palavra "Cades" tenha sido acrescentada para garantir que os leitores reconheceriam o local, visto que o outro nome é o mais antigo. Essa fonte e seus arredores formavam um oásis na parte norte da península do Sinai. Ali passou a haver uma fortaleza, um santuário e a sede do governo local.

E feriram. A matança era o que eles melhor sabiam fazer, pelo que espalharam a morte por todos os lugares por onde foram passando. Esse é o homem animalesco que precisa de redenção, porquanto nele a imagem de Deus (Gên. 1.26,27) foi desfigurada, embora não apagada.

Amalequitas. Ver no *Dicionário* um artigo detalhado sobre esses povos. Saul perseguiu essas hordas vagabundas até recessos em Parã (I Sam. 15.7). Ao que tudo indica, houve tempo em que também controlavam as terras do Neguebe, na Judéia. Ver explicações completas naquele verbete.

Amorreus. Ver sobre eles no *Dicionário*. Essa gente ocupava um pequeno território, que começava mais ou menos à altura da metade do mar Morto e daí para o norte, e da parte leste desse mar até a margem oriental do rio Jordão. Quando Israel entrou na Terra Prometida, os amorreus já tinham ampliado suas terras para ambos os lados do Jordão, acima do mar Morto. Eram cananeus. O trecho de Gênesis 14.7 (a primeira menção bíblica a eles) situa-os no deserto da Judéia, não longe do mar Morto. Alguma idéia sobre a extensão do território deles, nos tempos antigos, é dada em Gênesis 15.16,21. Ver detalhes naquele artigo.

Hazazom-Tamar. No hebraico, *poda das palmeiras*, nome antigo de *En-Gedi* (Gên. 14.7). Em II Crônicas 20.2, a cidade é chamada de Hazazom-Tamar. Essa era uma antiquíssima cidade da Síria, tão antiga como qualquer outra da área, contemporânea de Sodoma e Gomorra. Já existia quando Hebrom foi fundada. Era ocupada pelos amorreus e pelos amalequitas. Foi conquistada por Quedorlaomer e pelos reis seus aliados. Sua identificação com En-Gedi revela-nos a sua localização antiga. Posicionava-se no lado ocidental do mar Morto, embora o local exato ainda não tenha sido descoberto. Não ficava muito longe de Sodoma e Gomorra. Talvez fosse a mesma Tamar que foi fortificada por Salomão (I Reis 9.18). Ezequiel diz que a cidade ficava na extremidade sudeste de Israel (Eze. 47.19; 48.28). O *wadi Hasada*, a noroeste de 'Ain-jedi, preserva ainda o nome antigo.

14.8

Todos os nomes pessoais e locativos contidos neste versículo já foram comentados em outros lugares. Ver no *Dicionário* sobre *Sodoma* e *Gomorra*; sobre *Admá* (Gên. 14.2); sobre *Zeboim* (14.2); sobre *Belá* e *Zoar* (no *Dicionário* e em Gên. 14.2); sobre o *vale de Sidim* (14.3). Esse vale vivia coberto de sangue, naqueles dias. A malignidade dos homens não conhecia limites. Quatro chefes locais guerrearam contra cinco, e isso pela simples razão da cobiça.

14.9

Este versículo reitera os nomes que figuram no vs. 1, onde há artigos sobre eles, ou, então, o leitor poderá examinar o *Dicionário* se quiser maiores informações a respeito. *Quedorlaomer* aparece na lista em primeiro lugar, por ser o líder no massacre. Os *quatro*, do oriente, agora novamente mencionados, lutaram contra os cinco chefes das cidades da planície, cujos nomes aparecem a começar pelo segundo versículo deste capítulo.

14.10

O vale de Sidim. Dei notas sobre esse lugar em Gên. 14.3.

Poços de betume. Ver o verbete *Betume* no *Dicionário*. Talvez diga respeito a escavações de onde tinha sido extraído o betume. Estão em foco camadas de asfalto natural, bem conhecido pelos gregos e pelos romanos pelo nome de *pix judaica*. O betume continua existindo no lado ocidental do mar Morto. Escavações antigas, em busca desse material, continuam visíveis até hoje. Em alguns lugares, o betume aflora à superfície, como se fosse uma fonte de água.

Alguns caíram neles. Os cinco reis das cidades da planície não demoraram a ser derrotados, e tiveram de fugir. Tudo quanto eles queriam era escapar de um tributo injusto que lhes havia sido imposto pelo espaço de dez anos (ver o vs. 4). Em lugar disso, porém, sua causa não foi ganha, e quase todos eles perderam a vida. Os restantes, fugiram. Alguns fugitivos caíram naqueles horrendos poços de betume, e os poucos que conseguiram escapar abrigaram-se nas colinas das proximidades. Foi para aquelas mesmas colinas que Ló fugiu, quando Deus destruiu toda aquela área (Gên. 19.30).

14.11

A Grande Pilhagem. Eles mataram e saquearam. Todos os bens materiais que as pessoas dali tinham podido acumular no decurso de anos se perderam; também perdeu-se todo o alimento estocado, deixando os sobreviventes passando fome. Sodoma e Gomorra tinham sofrido muitos prejuízos, mas nada que se comparasse com o que sucederia em seguida, quando Deus visitasse a área, por causa dos pecados de seus habitantes. A predação, a pilhagem e o saque sempre foram ingredientes comuns das guerras.

Adolescentes Morais. O General Omar Bradley, discursando no Dia do Armistício, em 1948, disse algumas coisas significativas sobre os guerreiros que dominam o nosso planeta:

"Nosso conhecimento científico já ultrapassou em muito a nossa capacidade de controlá-lo. Temos muitos homens de ciência, mas pouquíssimos homens de Deus. Temos conseguido manusear os mistérios do átomo, mas temos rejeitado o Sermão da Montanha. O homem está tropeçando cegamente em meio às trevas espirituais, ao mesmo tempo em que brincamos com os precários segredos da vida e da morte. O mundo tem obtido resplendor sem sabedoria, poder sem consciência. Nosso mundo é de gigantes nucleares e de infantes éticos. Sabemos mais sobre a guerra do que sobre a paz, mais sobre como matar do que sobre como viver. Essa é a nossa reivindicação à distinção e ao progresso, neste nosso século XX".

E o mesmo militar também queixou-se de como este mundo tem-se tornado vítima dos *adolescentes morais*. A quantidade de poder destrutivo tem aumentado a sabedoria, mas não a qualidade da sabedoria.

E se foram. Lavaram o sangue grudado em suas espadas; encheram a barriga com alimentos; e foram-se embora, regozijando-se por todo o caminho por causa de sua vitória tão fácil.

14.12

Apossaram-se também de Ló. Ló era um homem bom que morava em um lugar mau, que subitamente se tornou o lugar errado. Ló foi achado na companhia

de praticantes da iniquidade. Há uma antiga história inglesa sobre como gansos e grous estavam juntos em um campo. Os grous eram maliciosos e estavam destruindo os grãos por pura diversão. Os gansos estavam inocentemente comendo os grãos. Eis que chega um caçador e acaba pondo grous e gansos em um mesmo saco. Assim também sucedeu a Ló, o ganso, que foi tomado prisioneiro juntamente com os ímpios grous sodomitas. Sendo ele um forasteiro entre os ímpios, Ló acabou compartilhando do castigo daqueles. Os chefes vitoriosos saquearam os bens de Ló, suas preciosas possessões, algumas das quais ele havia amealhado facilmente no Egito, embora grande parte tenha conseguido mediante trabalho árduo. E assim ele perdeu os frutos de seu labor, porquanto tinha preferido ficar em companhia errada.

14.13

Veio um, que escapara. Esse tornou-se mensageiro de más notícias, mas sua missão resultou na reversão da situação, tanto quanto era possível revertê-la. Pois havia perdas que não podiam mais ser repostas.

Abrão, o hebreu. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Abraão*. É neste versículo que pela primeira vez aparece o termo *hebreu*, sobre o qual comentei, com riqueza de detalhes, no *Dicionário*, no verbete *Hebreus (Povo)*. Nesse artigo há várias idéias quanto à derivação desse nome. Vemos, na primeira referência a esse versículo, o começo da formação da nação hebréia. Agora, Abraão era um hebreu. O propósito divino estava avançando, a despeito da confusão e do conflito dos povos. Agora Abraão passava a ser reconhecido como o chefe de um clã. Abraão segundo se vê neste décimo quarto capítulo, começava a tornar-se uma força que todos tinham de levar em conta. Agora ele era um poder entre outros poderes. Na primeira vez em que se engajou em uma campanha militar, obteve sucesso.

Carvalhais de Manre. No *Dicionário* apresentei um artigo detalhado sobre *Manre*. Ver Gên. 12.7 e 13.18 quanto a detalhes adicionais. O nome *Manre* alude a um chefe dos amorreus (neste versículo), e aos carvalhais de Manre (Gên. 13.18 e 18.1).

Manre, o amorreu, era aliado de Abraão, juntamente com seus irmãos, Aner e Escol. Esses homens ajudaram Abraão a derrotar os reis mesopotâmicos invasores. Lemos que Abraão havia armado as suas tendas perto dos terebintos de Manre, intitulado "o amorreu". Assim sendo, é provável que esse homem tenha dado o seu nome à localidade.

Escol. Esse nome era dado a um homem e a um vale. Ele era um chefe amorreu com quem Abraão entrara em aliança, quando estava acampado perto de Hebrom. Ele se aliou a Abraão na perseguição a Quedorlaomer e seus aliados, na tentativa de libertar Ló, que havia sido sequestrado com todos os seus.

Aner. Nome de um homem e de uma cidade (Gên. 14.13,24 e I Crô. 6.70). Essa palavra significa "jovem". Era irmão de Manre e de Escol, chefes cananeus (amorreus) que uniram suas forças às de Abraão, na perseguição aos reis Quedorlaomer e Anrafel e seus aliados, que haviam pilhado Sodoma e levado Ló, sobrinho de Abraão, como prisioneiro. É provável que ele tenha dado seu nome à cidade mencionada em I Crô. 6.70. Manre era o nome antigo de Hebrom (Gên. 23.19). Escol é o nome de um vale perto de Hebrom (Num. 13.23). Terminada a tarefa, Abraão ignorou os despojos. Mas aqueles que o ajudaram deles compartilharam. Uma décima parte (o dízimo) foi dada a Melquisedeque, rei de Salém (o antigo nome de Jerusalém). Tudo isso sucedeu em cerca de 2060 A. C.

O amorreu. Estes amorreus formavam um pequeno grupo étnico da antigüidade, e não a poderosa onda de invasores amorreus que se derramou tanto sobre a antiga Suméria quanto sobre a região ao ocidente. Os amorreus eram tão proeminentes entre os cananeus que o nome deles podia ser usado para indicar todos os cananeus (Jos. 24.8).

14.14

Abraão reuniu uma pequena força de milicianos. Eram trezentos e dezoito homens, mas ele foi o general, e obteve o crédito pela vitória ganha (vs. 17). Ver meus comentários sobre o homem espiritual envolvido na *guerra* e na *matança*, no parágrafo introdutório às notas sobre Gên. 14.1. Abraão tornou-se um herói de guerra, exaltado e louvado como sempre o foram os homens violentos. É claro que a sua causa era justa, e também é verdade que, às vezes, a única solução restante é a militar. Mas isso não impede que quedemos boquiabertos diante do homem que erigia um altar a Deus, por onde ia, mas que aqui precisou matar. Melquisedeque (vs. 20) atribuiu a vitória a Deus. Mas os homens sempre metem Deus em suas batalhas. Destarte, Abraão transformou-se no modelo de Rei-Guerreiro que se tornou tema tão popular na época de Saul e depois dele. Podemos achar textos de prova quase para qualquer coisa.

Servos Treinados. Talvez tenham sido treinados exatamente para uma eventualidade como aquela. Aquele que encabeçasse uma tribo de qualquer modalidade teria de tomar medidas militares, pois, de outra sorte, acabaria morto. O *pacifismo* é um belo ideal, mas nunca funcionou, nem na sociedade antiga nem na moderna. O pacifismo serve somente para encorajar os matadores e os psicopatas. Tudo isso é um triste comentário sobre o estado aviltado da espiritualidade em que nos achamos. Por outra parte, nada existe de recomendável sobre a guerra, e nem deveríamos exaltá-la.

O pequeno número de homens que se preparou para essa batalha ilustra o que eu já tinha dito. Estamos tratando aqui com chefes tribais, e não com "reis" no sentido moderno da palavra.

"Esses (servos) foram treinados por ele nos exercícios religiosos (Gên. 18.19), nas atividades da vida civil, no cuidado pelos rebanhos, e, particularmente, na arte da guerra" (John Gill, *in loc.*).

Até Dã. Ver sobre esse nome no *Dicionário*. Dã foi o quinto filho de Jacó. Seu nome acabou sendo dado à tribo que dele descendia. E, então, houve uma cidade com esse nome, que está em foco neste texto. Esse foi o nome que os danitas deram à cidade de *Lesém* (Jos. 19.47 quanto a um artigo sobre esse nome). A cidade também era chamada *Laís* (Juí. 18.27,28). Era a cidade mais nortista de Israel, após a conquista da Terra Prometida. Daí a expressão "desde Dã até Berseba" (Juí. 20.1; I Sam. 3.20) assinalar os extremos norte e sul de Israel. Quanto a outros detalhes sobre esse lugar e a sua história, ver o artigo mencionado. Se a perseguição efetuada por Abraão começou em Manre (Hebrom) e continuou até Dã, então ele percorreu cerca de duzentos e cinqüenta quilômetros, uma grande distância para a época, ou seja, quase toda a extensão norte-sul de Israel.

Provavelmente Abraão precisou marchar por grande distância antes de encontrar o inimigo. Parece que o vs. 15 indica que *quase* todos aqueles duzentos e cinqüenta quilômetros foram percorridos antes de o inimigo ser detectado. Finalmente, em Dã, Abraão os surpreendeu, e a batalha deve ter ocorrido nas proximidades daquela cidade. As distâncias cobertas por Abraão, nessa perseguição, causaram-lhe consideráveis sacrifícios e perda de tempo. Isso mostra o grande interesse que ele demonstrou por seu sobrinho, Ló, e pelos familiares deste.

14.15

E, repartidos contra eles. As tropas dividiram-se em vários esquadrões, de acordo com algum plano e formação de batalha preparados de antemão. Talvez tenha havido quatro grupos, para enfrentar quatro distintos grupos de inimigos. Os intérpretes judeus vêem aqui alguma espécie de treinamento e experiência militar na vida de Abraão, que o tinha aprestado para uma eventualidade como aquela.

E os perseguiu até Hobá, que ficava à esquerda (norte) de Damasco, estando o bando de Abraão a olhar para o oriente. Josefo afirma que a perseguição durou um dia e uma noite, depois que o inimigo foi encontrado. Em Hobá terminam os montes e começa uma grande planície, e isso facilitou os golpes finais do ataque.

"A afeição de Abraão por Ló parece ter sido a motivação básica do primeiro. Abraão arriscou alegremente a sua vida em defesa do sobrinho que ainda há pouco havia escolhido a melhor parte da terra, deixando seu tio vivendo como melhor pudesse fazer, no território que ele mesmo havia rejeitado. Mas é próprio das mentes grandes e generosas não somente perdoar mas também esquecer as ofensas, pagando a todo o tempo o bem pelo mal recebido" (Adam Clarke, *in loc.*).

Hobá. No hebraico, *aquele a quem Yahweh incita*. Esse era o nome de uma localidade (talvez um lugar vazio entre montes, conforme o nome parece indicar), que ficava ao norte de Damasco. Abraão chegou àquele lugar quando perseguia os reis que haviam saqueado Sodoma. Tem sido identificada com a moderna Hoba, que fica cerca de oitenta quilômetros ao norte de Damasco, na estrada para Palmira.

Damasco. Uma das mais antigas cidades do mundo, sobre a qual dou um artigo detalhado no *Dicionário*. Muitos episódios bíblicos estão associados a esse lugar, no Antigo e no Novo Testamento.

14.16

Houve Recuperação Completa ou Quase Completa do que se tinha perdido, tanto sob a forma de pessoas como sob a forma de bens materiais. Não fica claro por que aqueles saqueadores se deram ao trabalho de poupar os homens e levá-los como prisioneiros. O padrão comum era ficar com os bens materiais e com as mulheres. Temos aqui, pois, um significativo incidente da graça de Deus. Ló tinha tomado uma série de más decisões, e agora merecia um tratamento severo. Contudo, talvez por causa de Abraão, suas grandes perdas foram quase completamene revertidas. Não obstante, ele não aprendeu a lição, pois regressou

a Sodoma, somente para perder tudo no juízo divino que não demorou a cair sobre aquele lugar. Paulo ensina-nos, em Romanos 2.4, que a *bondade* de Deus tem por intuito conduzir-nos ao *arrependimento*. Essa é a melhor maneira de alguém ser levado a arrepender-se. Mas a bondade de Deus não impressionou muito Ló. Somente um juízo drástico conseguiria esse efeito. Deus pode fazer, por meio do julgamento, certas coisas que não podem ser realizadas de outra maneira, e Seus juízos nunca são meramente retributivos. Esses juízos sempre visam à restauração das pessoas punidas. Ver I Pedro 4.6, que descreve o caso dos ímpios, que já estão sob o julgamento de Deus. Assim, o *amor* de Deus é o maior e mais ativo princípio que atua sobre a criação. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Amor* e *Graça*.

E ainda as mulheres. Um toque, ao mesmo tempo, de terror e de ternura. Todos quantos lêem essas crônicas devem sentir dó das mulheres e das crianças, os impotentes e os inocentes, que homens desarrazoados vitimam, e que ficam à mercê de indivíduos brutais e moralmente insanos. O autor sagrado, porém, apressa-se por informar-nos que Deus cuidou desses. As criancinhas Te pertencem, ó Senhor!

Melquisedeque (14.17-20)

Esta breve seção apresenta o misterioso Melquisedeque. Alguns críticos acreditam que o relato foi adicionado por uma mão posterior à narrativa da guerra; mas quase todos são sábios o bastante para ver que o relato sobre a guerra, embora interessante, reveste-se de menor importância do que a seção que tem começo aqui. O autor sagrado teve o cuidado de frisar, desde o princípio, os valores espirituais, e de ressaltar lições morais. A história dos saqueadores provê o ensejo para mostrar o que resultou de tanta agitação. Melquisedeque estava presente para abençoar o vitorioso Abraão, aparecendo como figura superior a ele, visto que dele recebeu dízimos e ainda o abençoou, e não o contrário. Temos aqui um sacerdócio em Salém (Jerusalém), anterior à instituição do sumo sacerdocio levítico, em Aarão. No Novo Testamento, com base nessa circunstância, é usado o argumento de que, se Jesus não descendia de Aarão (daí não ter o direito histórico de ser o sumo sacerdote), Ele é sumo sacerdote segundo a ordem ou categoria de Melquisedeque (Heb. 7.1-11,15,17,21). Os críticos vêem nisso apenas uma competição de sacerdócios, que envolvia a questão de Jerusalém ter ou não precedência dentro do judaísmo. Os filhos de *Zadoque* (ver sobre ele no *Dicionário)* foram contrastados com os filhos de Aarão (Eze. 48.11), pois o sacerdócio deles não seria de origem levítica. Talvez tivessem achado as origens de seu sacerdócio em Jerusalém, desde antes do desenvolvimento do sacerdócio aarônico. Outros críticos sugerem que eles aceitaram o *Yahwismo* (culto a Yahweh) quando Davi capturou Jerusalém. E, sendo eles pessoas de grande prestígio, foram capazes de manter-se como guardiães do santuário central, o de Jerusalém, formando assim uma espécie de sacerdócio rival. Além disso, terminado o exílio, teriam sido forçados a entrar em acordo com o sacerdócio aarônico. Alguns críticos também supõem que a descendência de Zadoque de Aarão tenha sido uma desinformação que penetrou nas genealogias (I Crô 6.1-8), para que se evitasse a suposição de que havia dois sacerdócios em competição. Na *fusão* dos sacerdócios, Jerusalém tornou-se o santuário central, e lugares como Betel perderam prestígio, parcial ou inteiramente. Os eruditos têm estudado essas questões sem chegarem a resultados definitivos, mas o texto à nossa frente sugere claramente um sacerdócio mais antigo e muito respeitado em Jerusalém, ao qual o próprio Abraão honrou. É lógico supor que esse sacerdócio tenha persistido mesmo depois que Israel se apossou da Terra Prometida, e, de algum modo, fundiu-se com o sacerdócio aarônico. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sacerdotes e Levitas*.

14.17

O Rei de Sodoma Encontra-se com Abraão. Tinha-se divulgado a notícia de que Abraão triunfara sobre os malignos reis do oriente (Gên. 14.1), algo que os reis de Sodoma e seus aliados não tinham podido fazer. Esse rei estava em dívida com Abraão e queria expressar-lhe gratidão. Ademais, havia todo aquele dinheiro e bens (para nada dizermos sobre pessoas) que tinham sido levados, e o rei estava ansioso por recuperar a parte que lhe cabia. Melquisedeque, rei de Salém (Jerusalém), também foi, fazendo grande contraste entre os dois tipos de pessoas que tinham ido saudar a Abraão. Melquisedeque estava interessado em assuntos espirituais; os demais queriam saber somente dos bens. Os homens sempre estiveram e sempre estarão divididos entre o que é material e o que é espiritual. Isso, às vezes, sucede no caso de um único indivíduo, para não mencionar que é um fator que divide os homens em duas classes bem distintas.

No vale de Savé. No Antigo Testamento são mencionados vinte e seis vales diferentes. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Vale*. Um desses é o que figura neste texto, o *vale de Savé*, também conhecido como *vale do Rei* (Gên. 14.17; II Sam. 18.18). Foi nesse vale que o rei de Sodoma veio ao encontro de Abraão, quando este voltava, após ter derrotado Quedorlaomer. Foi ali, igualmente, que Absalão erigiu uma coluna (II Sam. 18.18). Ao que parece, ficava localizado perto de Salém (Jerusalém), onde Melquisedeque residia, e onde, posteriormente, foi edificada a cidade de Jerusalém. Muitos eruditos identificam o vale do rei com o *vale de Josafá* (ver no *Dicionário*).

Vale do Rei. Não somos informados sobre qual seria esse rei, mas a maioria supõe que Melquisedeque estaria em pauta, embora outros digam que seria o rei de Sodoma. Contudo, é possível que o termo *Rei* tivesse sido aplicado mais tarde ao lugar, ou seja, quando Israel começou a ter reis. Esse nome indicaria (em face dessa última conjectura) que foi nesse local que os reis de Judá, em tempos subseqüentes, reuniam-se e exerciam seu poder, ou, então, ali eles faziam algo que deu notoriedade ao local. Nesse caso, "vale de Savé" é o nome antigo, e "vale do Rei" seu nome mais recente. *Savé* significa "planície" ou "vale".

14.18

Melquisedeque. Achamos aqui um homem misterioso que tem arrebatado a imaginação dos intérpretes. Daí haver tantas e tão variegadas tentativas de identificação. Não reitero aqui os detalhes, visto que no verbete sobre esse homem, no *Dicionário*, forneço abundantes informações. As referências veterotestamentárias a ele aparecem em Gên. 14.18 e Sal. 110.4. No Novo Testamento, todas as referências acham-se na epístola aos Hebreus (5.6,10; 6.20; 7.1,10,11,15,17,21). Mas há muitas tradições sobre ele, que aumentam tão escassas informações bíblicas. O autor do tratado aos Hebreus faz dele um tipo de Cristo, o originador do tipo de sacerdócio que Cristo tinha, que já existia antes do sacerdócio aarônico e até lhe era superior. Os mórmons dizem ser continuadores tanto do sacerdócio de Aarão quanto do sacerdócio de Melquisedeque, e este segundo reveste-se de maior importância que o primeiro.

Salém. No hebraico, *completa*. Esse nome é uma forma abreviada de Jerusalém (ver no *Dicionário* a esse respeito). Embora ocorra apenas por quatro vezes nas Escrituras, o nome Salém é a primeira designação dessa cidade (Gên. 14.18), identificando o lugar da *cobertura, tenda* ou *habitação* de Deus (Sal. 76.2). O título dado a Melquisedeque, ou seja, rei de Salém (Heb. 7.1), significa "rei de paz", no versículo seguinte, destacando-se o seu sentido de segurança, prosperidade e bem-estar. Salém talvez também seja nome ligado a alguma divindade cananéia desse nome, adorada pelos seus habitantes jebuseus originais. A emenda de nossa versão portuguesa, em Gên. 33.18, para "chegou Jacó são e salvo à cidade de Siquém", segue de perto a Revised Standard Version, em inglês.

Pão e vinho. É provável que estejam em mira alimentos e bebidas de vários tipos. Talvez devamos pensar aqui em uma refeição providenciada por Melquisedeque. Mas alguns vêem na cena uma espécie de sacrifício religioso, algum rito ou cerimônia. Talvez tenha havido algum tipo de rito religioso de ação de graças, diante da vitória, com bênção conferida aos participantes vitoriosos. É possível que Melquisedeque, como tipo do Rei dos Reis que viria, tenha previsto as necessidades tanto do corpo quanto da alma dos presentes. O amor de Deus sempre provê o necessário tanto para um quanto para outra.

Deus Altíssimo. Melquisedeque era o sacerdote de *El Elyon*. O nome *El* era comumente aplicado a Deus entre os povos de origem semita, e tornou-se na Bíblia um dos nomes principais de Deus, em sua forma singular ou plural, respectivamente, *El* e *Elohim*. (Ver no *Dicionário* o verbete *Deus, Nomes Bíblicos de*.) *El* significa "poder", "força". É nome usado de forma composta com outros títulos. Assim, temos *Deus Todo-poderoso*, em Gên. 17.1; *Deus, o Deus de Israel*, em Gên. 33.20; e *El-Betel* (Deus de Betel), em Gên. 31.13. Por sua vez, *Elyon* é apelativo usado com freqüência no Antigo Testamento para indicar o Senhor (Sal. 78.35).

Alguns estudiosos têm sugerido que *El Elyon* seria uma antiga divindade do santuário de Jerusalém que, mais tarde, veio a ser identificada com Yahweh. Os Macabeus foram chamados "sacerdotes do Deus Altíssimo" no livro *Assunção de Moisés* 6.1. Em Salmos 7.17, *Elyon* é aplicado a Yahweh. No vs. 22 deste capítulo, Abraão jurou por *Yahweh, El Elyon*.

Sacerdote. Temos aqui a primeira menção ao termo "sacerdote" na Bíblia. Ver as notas introdutórias a Gên. 14.17, e, no *Dicionário*, o artigo *Sacerdotes e Levitas*. Embora talvez Melquisedeque fosse cananeu, seu sacerdócio e adoração foram reconhecidos por Abraão como ligados ao mesmo Deus que o seu. Alguns intérpretes judeus pensam que Melquisedeque é outro nome dado a *Sem*, a fim de evitarem o problema criado por um rei *pagão*. Mas isso já é *eisegesis*, e não exegese, ou seja, é ler no texto aquilo que queremos ver ali, e não o que realmente faz parte do texto sagrado.

14.19

Abençoou ele Abrão. Ou seja, Melquisedeque abençoou Abraão, mostrando ocupar uma posição superior à deste último. Algumas versões dizem aqui:

"abençoou ele Abrão pelo Deus Altíssimo", fazendo Abraão e seu Deus serem os agentes dessa bênção. Ambos tinham o mesmo Deus, pois, de outra sorte, Abraão não teria aceitado a bênção. No vs. 22, El Elyon é o mesmo Yahweh. Portanto, não há aqui nenhum conflito quanto ao objeto apropriado da adoração. Deus aparece como "criador" do céu e da terra, o que significa que estamos em terreno monoteísta. Mas algumas traduções dizem aqui "possuidor", ou "que possui" (como se dá com nossa versão portuguesa), em lugar de criador. Comentou John Gill (*in loc.*): "Ele é o Criador de ambos (céu e terra), e tem o direito de dispor de tudo quanto há em ambos". O termo hebraico envolvido significa "criador" ou "formador".

Hebreus 7.7 usa o fato de que "o inferior é abençoado pelo superior", a fim de mostrar que o sacerdócio de Cristo tem mais prestígio que o de Aarão, e que Seu sumo sacerdócio substituiu o sacerdócio aarônico.

14.20

Bendito seja o Deus Altíssimo. Melquisedeque bendisse o Deus dos dois, o Altíssimo, a quem deu o crédito por ter dado a Abraão (o general que dirigira a operação) o poder de derrotar os seus inimigos. Abraão havia derrotado os *quatro reis*, o que não foi um feito insignificante. Os intérpretes judeus fazem esses reis representar a Babilônia, a Pérsia, a Grécia e Roma, todos os quais mais tarde se tornaram opressores de Israel, mas que foram caindo, um por um. Seja como for, a lição moral e espiritual é clara: somente através da ajuda divina podemos obter vitórias significativas de qualquer modalidade, embora, como é óbvio, tenhamos de fazer nossa parte. Indaga um certo hino: "Como poderíamos obter uma grande recompensa, se agora evitamos a luta?".

O dízimo. Ver o artigo assim intitulado no *Dicionário*. Neste caso, o dízimo foi uma oferenda de gratidão a Deus, mostrando-se generoso com Seu sacerdote ou representante. Veja como o trecho de Hebreus 7.4-11 usa esse e outros elementos em seu argumento em prol da superioridade do sacerdócio de Cristo. O dízimo foi dos despojos tomados ao adversário, visto que os bens voltaram aos seus proprietários. É possível, porém, que Abraão se tenha sentido justificado ao dar o dízimo de tudo. Neste ponto, achamos a primeira menção bíblica ao *dízimo*. É totalmente possível, contudo, que esse já fosse um costume fixo de sustento dos sacerdotes. Seja como for, o princípio veio a tornar-se parte integral do judaísmo, conforme mostra meu artigo sobre o assunto. Sem dúvida, o dízimo era um princípio observado por vários povos, e não somente pelos hebreus. Achamos algo similar na cultura helênica (no caso dos tarentinos, que deram dízimos depois de terem obtido uma vitória sobre os paucetianos). Um dízimo foi enviado a *Delfos*, nesse caso. Adam Clarke asseverou que muitos povos antigos seguiam essa prática, embora não tivesse citado nenhuma fonte informativa. Em meu artigo sobre o *Dízimo*, segunda seção, há algumas evidências em prova dessa assertiva.

14.21

Abraão Não se Interessou pelo Dinheiro. Disse ele ao rei de Sodoma: "Fica com teu dinheiro!". O rei não relutou, e ficou com o dinheiro. Abraão estava interessado em salvar pessoas que lhe eram queridas. Tendo feito isso, seu interesse pelo caso tinha terminado. Não era assim que um *general* costumava agir, mas era a atitude espiritual certa. Alguns comentam: "Abraão já era rico, pelo que não precisava de coisa nenhuma". Isso é uma verdade, mas usualmente os ricos jamais param de cobiçar mais. Abraão mostrou ser diferente. Abraão era homem dotado de *mente elevada*, conforme o autor queria que entendêssemos, destacando outra lição moral e espiritual. Uma de minhas fontes informativas ajunta que Abraão agora passava por um "teste", por estar-lhe sendo oferecido "um negócio irrecusável". Mas Abraão simplesmente estava acima de tudo isso, e não se sentiu tentado. Abraão repeliu o que lhe fora oferecido com um discurso (vss. 22-24), deixando claro que não queria obter a reputação de ter enriquecido graças ao rei de Sodoma. Ele tinha uma fonte mais nobre para suas riquezas, *Deus*.

"A fé olha para além das riquezas deste mundo, contemplando as promessas superiores que Deus lhe reserva" (Allen P. Ross, *in loc.*).

14.22

Levanto minha mão. Abraão estava fazendo um juramento por Deus, mostrando quão sério era ele, ao recusar receber qualquer coisa da mão do rei de Sodoma. Esse é o primeiro incidente de um *juramento* registrado na Bíblia; mas é provável que esse fosse um costume bem antigo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Juramentos*. Um crente pode erguer sua mão para orar, para abençoar, para curar e para fazer um juramento. Abraão apelou a Deus erguendo a mão. Um apelo foi feito a Deus. E isso mostra a fé de que Deus *tem* poder, e que *pode* e *quer agir* a pedido de Seu povo. Abraão já havia submetido a teste as suas orações. Ele deixou sua casa, em Hebrom, a fim de perseguir os saqueadores, e deve ter orado muitas vezes, ao longo do caminho, pedindo a segurança de seus entes amados. Deus é o Criador, mas também é o Ser que cuida de Sua criação. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Teísmo*.

O Deus Altíssimo. *Yahweh El Elyon*. Esses são nomes importantes de Deus. Ver no *Dicionário* o verbete *Deus, Nomes Bíblicos de*, bem como os comentários no vs. 18 deste capítulo. Abraão estava sujeito à bênção de Deus, e recebeu essa bênção da parte de Melquisedeque (vs. 10). Mas do rei de Sodoma ele nada queria. Deus é o controlador dos tesouros divinos. E desse depósito é que fluem todas as Suas bênçãos (Tia. 1.17). Existe lucro ilícito, mas Abraão não estava interessado nesse tipo de ganho.

14.23

Nada tomarei. O rei de Sodoma era um homem perigoso. Em alguma ocasião futura, ele poderia querer usar o episódio para explorar o bom nome de Abraão, com proveito próprio. É melhor deixar de lado certas pessoas.

Nem um fio, nem uma correia de sandália. Ou seja, nem a mínima coisa. Abraão reconhecia quão perigoso era fazer negócios com o rei de Sodoma. Ademais, ele tinha acesso a todas as bênçãos divinas, que faziam parte do seu Pacto Abraâmico (ver no *Dicionário* o artigo *Pactos*). John Gill sugeriu que o *fio* aqui mencionado era usado para costurar vestes, e que uma correia de sandália servia para prender uma sandália ao pé de uma pessoa. Assim, ele não ficaria com o mínimo dos mínimos que pertencesse ao rei de Sodoma. Uma sandália pouco valia; quanto menos uma correia de sandália! Adam Clarke (*in loc.*) pensa que estamos tratando com algum ditado proverbial, cujo sentido não é muito claro para nós, por falta de explicações por parte do autor sacro.

14.24

Algum Alimento Foi Consumido, que Abraão teve de aceitar, pois fazia parte de coisas que haviam sido tomadas de Sodoma. Além disso, aqueles que o tinham acompanhado, as pessoas alistadas no vs. 13 (onde ver as notas), mereciam algo dos despojos. Ele não pedia que seguissem o seu exemplo. Havia despojos recapturados, e os aliados de Abraão tinham o direito de compartilhar desses despojos. Os saqueadores, sem dúvida, tinham-se apossado de muitos bens, porquanto já haviam atacado *muitos* lugares.

Os rapazes. . . que foram comigo. Os trezentos e dezoito guerreiros treinados por Abraão, bem como certos aliados referidos no vs. 13. Que teria sucedido aos saqueadores? Teriam sido todos mortos? Teria Abraão reduzido os mesmos a seus escravos? Ou o rei de Sodoma levou-os consigo, para serem seus escravos? Essas eram coisas que normalmente acompanhavam as guerras antigas. Mas coisa alguma nos é informada sobre essas indagações.

Capítulo Quinze

Pacto e Promessa de um Filho (15.1 — 18.6)

O Pacto com Abraão (15.1-21)

Yahweh é o principal nome divino usado por todo este décimo quinto capítulo do Gênesis. Por isso, os críticos supõem que a fonte informativa seja *J*. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.)*. Alguns críticos pensam que a fonte é *E*, mas que o material foi refeito por redatores das fontes *J* ou *D*. Outros vêem uma fusão de *J* e *E*. A complexidade das suposições e das contradições inerentes a elas deixa na dúvida toda a teoria. Os eruditos conservadores pensam que Gênesis foi produzido por um único autor, e que algumas informações podem ter sido obtidas de qualquer número de fontes informativas independentes, por ser assim que os autores geralmente fazem. A maior parte dos livros representa algum trabalho de compilação. Não me incomodo em dar aqui ao leitor os pontos intrincados de porções primárias e secundárias, de inserções e adições que os críticos supõem terem ocorrido quanto a este capítulo.

Após os incidentes registrados no capítulo catorze, Abraão recebeu do Senhor novas revelações. Um pacto formal, que já havia sido anunciado, agora seria firmado com ele (Gên. 12.2,3). Todavia, tudo quanto está implícito nesse pacto não se tornaria óbvio e real senão após um longo período de servidão (vs. 13). Apesar disso, o propósito divino era firme e sua a concretização seria poderosa.

15.1

Depois destes acontecimentos. As revelações divinas ocorreram dentre várias maneiras possíveis: 1. Como uma *teofania* (ver sobre isso no *Dicionário*); 2. uma manifestação do Logos no Antigo Testamento; 3. a visita de um anjo; 4. a

questão foi apresentada como uma alegoria: Abraão teve um sentimento ou certeza interior; neste caso, em contraste com as revelações anteriores dadas a Abraão, a origem dela é claramente dita: ele recebeu uma *visão*. Logo, estava envolvida alguma espécie de experiência mística. Ver no *Dicionário* sobre o *Misticismo*. Não somos informados sobre como essa visão teve lugar, nem entendemos muito sobre tais visões. Mas o fato é que as pessoas recebem visões. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo intitulado *Visão* (*Visões*).

Senhor. No hebraico, *Yahweh*, o nome do grande tetragrama, *YHWH*, conjugação do verbo "ser" em hebraico, dando a entender o Eternamente Existente, a Fonte da Vida, o Eu Sou de Êxodo 3.14. Ofereci no *Dicionário* verbetes sobre *Yahweh* e sobre *YHWH*. Ver também *Deus, Nomes Bíblicos de*, quanto a muitos detalhes e combinações em que Yahweh figura como parte componente.

Não temas. As visões produzem algum temor, pois são incomuns e fazem a pessoa entrar subitamente em uma experiência com o "outro mundo". Ademais, os seres poderosos que, algumas vezes, produzem as visões, são temíveis e assustam as pessoas. E assim, por muitas vezes, o Ser que produz uma visão ou outra experiência mística acalma a pessoa que as recebe, dizendo-lhe para "não temer". Abraão haveria de enfrentar ainda muitas dificuldades, como também os seus descendentes, o povo de Israel. Precisavam do consolo e da garantia divinos a fim de que pudessem receber todas as provisões do pacto (comentado no vs. 18 deste capítulo). Diz um antigo hino: "Não sabemos o que o futuro tem para nós, mas sabemos Quem garante o futuro". Ver Atos 27.24 quanto ao temor produzido pelas visões.

Eu sou o teu escudo. Essa era a peça da armadura que tinha por finalidade especial dar proteção ao guerreiro. Pode anular todos os dardos inflamados do inimigo. Ver Sal. 91.2 ss. Ali, a verdade de Deus é pavês e escudo. Abraão haveria de enfrentar perigos e dificuldades ao tentar obedecer aos mandamentos do Senhor e reivindicar as promessas que lhe tinham sido feitas no pacto.

Teu galardão será sobremodo grande. Não algo trivial como o benefício que Abraão havia recebido por ter sido generoso com Ló e por tê-lo livrado (depois) do cativeiro (cap. 14). Antes, o grande galardão embutido no Pacto Abraâmico, comentado no vs. 18. Em primeiro lugar chegaria o filho prometido (vs. 2) e, através dele, o resto fluiria. E através do maior Filho prometido (o Cristo) fluiria grande bênção para todas as nações da terra.

15.2

Senhor. No hebraico, *Adonai* (uma palavra no plural), que significa "Senhor de escravos", uma palavra aplicada a Deus ou aos homens. Em certos contextos pode significar "marido" (Gên. 24.9,10,12). Esse termo fala sobre domínio e autoridade. No tocante a Deus, mostra ser Ele o Governante Supremo, o Senhor ou Proprietário de todos. A forma *Adonai* é o plural de *Adon*, usado como *pluralis excellentiae*, indicando exaltação e reverência. Homens também eram chamados assim, como se vê em Gênesis 42.30,33. Por motivo de respeito, os judeus evitavam pronunciar o nome divino *Yahweh*. Assim sendo, misturavam as letras consoantes desse nome, Yahweh, com as vogais do nome Adonai, a fim de produzir o nome artificial *Jeová* (ver no *Dicionário*). Para eles, o verdadeiro nome de Deus era por demais sagrado para ser pronunciado. Isso pode ser contrastado com os cristãos nominais de hoje, que proferem o nome de Deus com muita frivolidade. A linguagem frívola revela superficialidade espiritual. Ver no Dicionário o artigo intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*.

Deus. No hebraico, *Yahweh*. Há notas expositivas sobre esse nome no primeiro versículo deste capítulo e também no *Dicionário*, no verbete *Deus*.

Continuo sem filhos. Grandes coisas haviam sido prometidas a Abraão (Gên. 12.1-4; 13.14-17), e outras mais lhe seriam prometidas, conforme se vê neste capítulo. Um pacto formal em breve seria firmado. Mas Abraão percebia que as provisões desse pacto não poderiam realizar-se sem o filho prometido. Portanto, era questão muito séria que ele continuasse sem filhos. "Todas as minhas riquezas e possessões, vitórias e honras, de nada valem enquanto eu estiver privado desse favor" (John Gill, *in loc.*). É belo contar as muitas bênçãos, no dizer do hino, mas há ocasiões em que precisamos de algum poder específico se tivermos de dar prosseguimento às nossas respectivas missões de maneira certa. Deus sabe disso e, no tempo certo, esse poder nos é outorgado, se permanecermos fiéis.

O damasceno Eliezer? Onze homens são assim chamados na Bíblia. No hebraico, esse nome significa "Deus de socorro". Lázaro (Luc. 16.20) é uma forma abreviada desse nome. O Eliezer de Gênesis 15.2 era o principal servo de Abraão, uma espécie de servo-líder que cuidava de seus interesses em geral. Talvez se tratasse de um escravo nascido em sua casa, dificilmente a pessoa certa para ser o herdeiro de Abraão, embora isso fosse legalmente possível, ante os costumes da época. Provavelmente ele foi o homem enviado, anos depois, para conseguir esposa para Isaque (Gên. 24.2-4). Mas alguns intérpretes rejeitam essa identificação. É difícil entender como ele foi chamado "damasceno" se, em Gên. 15.3, é dito que ele nasceu na casa de Abraão. Os críticos pensam que essa palavra é uma glosa da palavra *herdeiro*, uma corrupção posterior do texto. Porém, a palavra pode significar apenas que a família dele era de Damasco, mas não ele mesmo. Ele também foi chamado de "herdeiro da minha casa", ou seja, ele seria o possuidor da casa, das propriedades, dos animais, de tudo. Alguns supõem que o homem realmente fosse natural de Damasco e fosse parente próximo de Abraão, e não um escravo nascido em sua casa. E indaguemos por que Ló não fora escolhido como herdeiro, pois era parente próximo de Abraão. Mas se Eliezer era um parente próximo, então é óbvia a razão de ele ter sido escolhido como o herdeiro principal. Podemos envolver-nos em muitas conjecturas sem sabermos qual a verdade da questão. Há tradições, mas elas raramente ajudam. Os intérpretes judeus deram toda sorte de desinformação, como aquela que diz que ele era filho ou neto de Ninrode, ou que depois ele recebeu carta de alforria de sua escravidão e tornou-se Ogue, o rei de Basã, ou que ele era Canaã, filho de Cão. Outros disseram que a cidade de Damasco foi construída por ele, e que ele chegou a ser o rei dessa cidade. Tantas fantasias, porém, deixam-nos vazios da verdade dos fatos.

Abraão dispunha de uma provisão legal para o seu caso. Eliezer poderia ser o seu herdeiro. Mas o plano de Deus não se ajustava a isso, e nem Abraão finalmente se apegou a essa alternativa inferior. Sempre será lindo quando Deus nos dá algo melhor do que aquilo que nós mesmos temos planejado.

Herdeiro. No hebraico temos o termo *benmeshek*, que significa "filho da possessão" ou "herdeiro". Em outras palavras, ele era o herdeiro potencial dos bens de Abraão. Mas esse termo hebraico tem outra interpretação, pois pode significar "aquele que corre", de *meshek*, ou seja, aquele que corre para fazer a vontade de seu senhor. A palavra é similar a Damasco, *dammesek*. Assim, Abraão pode ter feito um jogo de palavras, cujo sentido final seria: "Este damasceno é aquele que corre para servir-me. Deve ser ele o meu herdeiro?".

15.3

Este versículo repete a mensagem essencial do vs. 2. Havia um laivo de acusação no tom de voz de Abraão: "Tu, Adonai Yahweh, que tens poder ilimitado, não me deste ainda o ingrediente essencial ao plano, um filho!". Os antigos criam que os filhos são herança do Senhor, e o processo era visto como algo controlado pela vontade divina. Ver Sal. 127.3. Davi deu a entender que quanto mais filhos tivesse um homem, melhor. Mas Abraão agora dizia: "Vê a que triste estado estou reduzido. Tenho este escravo, nascido em minha casa, e sou forçado a tê-lo como meu herdeiro". Parecia que o poder de Deus havia falhado. Quão frequentemente chegamos a esse ponto. Continuamente precisamos de novas demonstrações desse poder, a despeito das muitas vitórias que já pudemos obter. Assim, Abraão pedia *uma* nova *prova do poder de Deus. Ó Senhor, concede-nos essa graça.*

O Poder que Resolve Problemas. Frederick W. Robertson, em *sua obra Life, Letters, Lectures and Addresses*, tocou no espírito do texto à nossa frente, em certo trecho do livro. Nos seus momentos mais negros, ele sabia que alguns grandes princípios, pelo menos, devem estar certos. Disse ele: "É melhor ser generoso do que egoísta, é melhor ser casto do que licencioso, é melhor ser veraz do que mentiroso, é melhor ser corajoso do que covarde" Algumas pessoas sofrem colapso em sua fé, e suas boas intenções dissolvem-se em meio à fraqueza. Deus está sempre presente para dar-nos forças. Deus está ali para ajudar-nos. Deus está ali para cumprir as Suas promessas. A fé religiosa é a primeira coisa de que um homem precisa, e também a última coisa de que ele precisa. Um homem precisa ser achado por Deus e precisa achar a Deus. Ele precisa de Deus para começar e precisa de Deus para terminar sua carreira. É como se Abraão tivesse dito: "Senhor Deus, olha em que estado deplorável eu estou. Faze algo a respeito!". O pacto inteiro dependia de Deus fazer alguma coisa a respeito. O homem espiritual não é um indivíduo isolado. Deus está presente para garantir tudo de quanto ele precisa. Tudo o que precisamos fazer é pedir!

15.4

Respondeu logo o Senhor. O autor sagrado como que disse: "Olha aqui!". Sim, a resposta do Senhor veio prontamente. Podemos supor que a resposta tenha vindo por meio de uma visão, segundo se vê no primeiro versículo. Nas notas sobre esse versículo, esbocei as várias maneiras pelas quais Deus pode falar conosco. Usualmente, quando buscamos a vontade divina, temos de esperar por um pouco, algumas vezes por bastante tempo. Mas, neste caso, Abraão obteve uma resposta imediata. E a resposta dirigiu-se ao cerne mesmo do problema. "Não será esse o teu herdeiro". E, ao ouvir a resposta, Abraão deve ter-se sentido melhor ali mesmo. "Aquele que será gerado de ti, será o teu herdeiro". Ali estava ele, o filho prometido, previsto na mente divina, e isso assegurado de

O PACTO ABRAÂMICO

Propósitos

Dar ao povo escolhido uma terra.
Originar uma nação espiritual.
Fornecer bênçãos espirituais.
Suprir bênção espiritual universal para todos os povos.
Preparar para a chegada do Messias.
Dar uma base para todos os outros pactos.

A Ênfase do Antigo Testamento

A importância deste pacto é demonstrada pelo número de vezes que ele ocorre no livro de Gênesis:

> 12.1-4; 13.14-17; 15.1-7; 17.1-8; 18.18 ss.; 22.15 ss.; 26.4,5; 26.24; 27.29; 28.3,4,14; 32.12; 35.9 ss.; 46.3,4; 48.16; 50.24.
> Consultar também Êxo. 2.24.

Confirmações do Novo Testamento

Os descendentes de Abraão se tornariam uma grande nação: João 8.37.

Seria formada uma nação espiritual, derrubando quaisquer origens étnicas: João 8.39; Rom. 4.16,17; 9.7,8; Gál. 3.6,7,14,29.

Bênçãos espirituais e temporais acompanham o pacto: João 8.56.

Bênçãos e pragas se aplicam ao pacto, dependendo das reações e dos relacionamentos com Israel: Mat. 25.40.

A nação espiritual é abençoada espiritualmente: Gál. 3.16.

Este é um pacto da graça, não da lei: Gál. 3.17,18.

PACTOS BÍBLICOS

O Pacto Edênico: Gên. 1.26-28
O Pacto Adâmico: Gên. 3.14-19
O Pacto Noaico: Gên. 9.1 ss.
O Pacto Abraâmico: Gên. 15.8
O Pacto Mosaico: Êxo. 19.25; 20.1 — 24.11
O Pacto Palestino: Deu. capítulos 28 e 30
O Pacto Davídico: II Sam. 7.8 - 17
O Novo Pacto: Heb. 10.19 — 12.3

Cristo e os Pactos

Ele é sua substância: Isa. 42.6; 49.8
Seu mediador: Heb. 8.16; 9.15
Seu mensageiro: Mal. 3.1
Realização nele: Luc. 1.68,69
Confirmação nele: Gál. 3.17
Bênçãos nele: Isa. 56.4-7; Heb. 8.10-12
Punição contra aquele que O despreza: Heb. 10.29,30

forma absoluta, embora Abraão ainda tivesse de esperar por algum tempo, até vê-lo pessoalmente. O plano de Deus obedece a um cronograma. As coisas chegam quando devem chegar, e não necessariamente quando pensamos que devem chegar. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Vontade de Deus, Como Descobri-la.*

Gerado de ti. No hebraico temos *produzido de tuas entranhas*, uma expressão bastante crua para nós, mas que significa apenas "do teu corpo", ou seja, de teus próprios poderes procriativos. A Vulgata diz aqui, "do útero", pois transfere a questão da procriação para Sara. A maior parte das traduções provê um eufemismo, como vemos em nossa versão portuguesa. Um filho natural de Abraão seria o seu herdeiro, e Abraão, mediante a fé, descansou nessa promessa, conforme vemos no quinto versículo.

15.5

Olha para os céus. Deus mostrou a Abraão a vasta expansão onde estão as estrelas. Em seguida, elas foram comparadas com o grande número da posteridade do patriarca, que cumpriria as provisões do Pacto Abraâmico, com notas no vs. 18 deste capítulo.

As Promessas e as Metáforas: 1. Em Gên. 12.2, Deus prometeu que uma grande nação procederia de Abraão, por meio da qual todas as famílias (povos) da terra seriam abençoadas. 2. Em Gên. 13.14, a Abraão foi dito que olhasse em todas as direções — norte, sul, leste e oeste — pois tudo quanto visse seria possessão sua, lugares onde sua posteridade habitaria (vs. 15.). 3. Em Gên. 13.16, foi feita a promessa de que a posteridade de Abraão seria tão numerosa que se assemelharia ao pó da terra. 4. Agora, porém, seus descendentes são comparados com as estrelas do céu. Naturalmente, sabemos hoje que essas estrelas chegam a incontáveis bilhões. Mas a olhos nus podemos divisar apenas alguns milhares de estrelas, e todas dentro da Via-Láctea. E assim, os descendentes de Abraão, quanto ao seu número, seriam mais numerosos que as estrelas que ele poderia ver. Podemos estar certos de que Abraão foi inspirado pela visão celestial. Deus chamou Abraão para fora de sua tenda, à noite. Nas trevas, pois, foi-lhe feita a revelação. Essa circunstância é espiritualmente instrutiva. 5. Em Gên. 22.17, a posteridade de Abraão aparece como se fosse a areia das praias do mar.

Os intérpretes judeus fazem de Abraão um homem treinado na astrologia; e nesse caso (o que não é provável), ele teria alguma noção do imenso número das estrelas. Não é provável, todavia, que Abraão fosse um mestre na matemática e nas ciências, conforme diziam intérpretes antigos. Mas ele sabia o que tinha visto, e isso lhe era suficiente. Ver Heb. 11.12 quanto à aplicação que o Novo Testamento faz dessa passagem, a qual ilustra a fé de Abraão e os resultados dessa fé. Ver também Gên. 22.17 e 26.4.

15.6

Ele creu no Senhor. Este versículo é uma notável antecipação do princípio da justificação pela fé, tão salientado por Paulo (que ele copiou da Septuaginta), em Rom. 4.3,9,22 e Gál. 3.6.

Isso lhe foi imputado para justiça. Conforme pensava Paulo, pensamos que está em foco a retidão de Deus, lançada na conta de Abraão. Contudo, de acordo com Deu. 6.25 e 24.13, essa justiça seria atingida mediante a obediência à lei, o que, sem dúvida, era um ponto de vista judaico comum. O judaísmo nunca chegou a uma crença que se assemelhasse à doutrina da justificação pela fé, embora alguns poucos versículos isolados possam ser evocados como antecipações dessa doutrina. Os trechos de Sal. 24.5 e 106.31 contêm antecipações assim. Se Paulo entendeu o trecho de Gên. 15.6 melhor do que Tiago este, em sua epístola (cap. 2), certamente refletiu melhor o judaísmo em geral. O capítulo quinze do livro de Atos mostra-nos que houve um vívido conflito entre os princípios da graça e os princípios da lei, dentro da própria Igreja primitiva. E o segundo capítulo de Tiago mostra-nos que a disputa continuou, e ambos os lados dispunham de textos de prova que consubstanciavam suas crenças. E até hoje a Igreja usa textos de prova para solucionar qualquer de seus problemas, mesmo quando isso serve para defender mais de um ponto de vista. Na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, ofereci artigos detalhados intitulados *Graça* e *Justificação pela Graça*. Ver também, no *Dicionário* da presente obra, o verbete chamado *Graça*.

Paulo ensinava que Abraão foi justificado pela fé, antes de a lei ter sido dada (Rom. 4.13 e Gál. 3.17). Isso posto, a lei não pôde anular o pacto que já tinha sido firmado. Tiago, por sua vez, argumentou que a justificação de Abraão ocorreu mediante sua fé e suas obras de fé, ilustradas pelo sacrifício de Isaque (uma obra nobre). Essas são as duas posições históricas sobre a questão, e qualquer interpretação precisa levar em consideração o pano de fundo histórico dessa doutrina. É infantil aquela teologia que precisa reconciliar todos os pontos, para efeito de conforto mental. Em um profundo sentido espiritual, ambas as posições estão corretas, porque a graça não produz meramente certos resultados sob a forma de obras. A graça, em si mesma, é um grande poder atuante, produzindo obras em um sentido verdadeiro, ou seja, as obras que Deus opera em nós, embora não efetuadas por nós com o fito de produzir mérito. Nesse sentido, não há contradição final entre Paulo e Tiago, mas sem dúvida Tiago escreveu o segundo capítulo de sua epístola visando a refutar o que Paulo tinha em mente. Os críticos, como é claro, não aceitam que foi Tiago, irmão do Senhor, quem escreveu a epístola que tem esse nome. Ainda assim, pensam que essa epístola propõe-se a expor suas idéias, as tradições em torno dele. Mas se Tiago não escreveu essa epístola, então ela é apenas uma produção literária do partido legalista, que teria escrito em nome de Tiago. Talvez essa seja a verdade da questão, afinal. E, nesse último caso, não se trataria de um conflito pessoal entre Paulo e Tiago, mas de um conflito entre duas tradições que eles representariam.

15.7

O mesmo *Yahweh* que já havia feito grandes coisas, faria ainda outras grandes coisas, pois Ele é o mesmo ontem, hoje e para sempre (Heb. 13.8). Deus tinha trazido Abraão desde *Ur* (ver o artigo no *Dicionário* sobre essa cidade), e agora não teria Ele dificuldade para dar a Abraão um filho prometido, cumprindo assim todas as condições do Pacto Abraâmico.

Deus Não é um Deus de Meras Partes. Tirar Abraão de Ur foi parte do plano de Deus para ele. Muito mais, porém, Deus ainda faria. Havia todo um plano a ser concretizado. Enquanto vamos passando de uma parte para outra, tendemos por duvidar e então dizer em nosso coração: "Haverá alguma provisão divina para esta parte?". É muito fácil esquecer as outras partes que Deus já realizou graciosamente. Precisamos manter a confiança no plano total de Deus, sabendo que uma parte feita significa que muitas outras partes serão adicionadas, inevitavelmente.

Te tirei de Ur. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ur dos Caldeus*. Abraão viu suas raízes ser desarraigadas, mas Deus conferiu-lhe novas raízes, nos lugares para onde ele foi sendo conduzido. Jamais será fácil ter nossas raízes desarraigadas. Que Deus nos dê a graça necessária para tal prova.

15.8

Como Poderemos Saber? O sexto versículo mostra-nos Abraão como alguém que tinha fé em razão da qual foi considerado justo. Contudo, agora ele pedia alguma forma de indicação concreta, capaz de dar-lhe repouso ao coração. Os melhores crentes podem ser assaltados por dúvidas ao longo do caminho. Às vezes os melhores homens precisam de um sinal, de alguma experiência de intuição especial, ou de alguma outra indicação sobre o caminho pelo qual convém enveredar e como avançar.

> *Aquele que se lança sobre Deus, e busca-O,*
> *Sem perplexidade haverá de achá-Lo.*
>
> (Browning, *A Grammarian Funeral*)

Qual Sinal? A promessa era grandiosa e também improvável, do ponto de vista humano. Abraão pediu algo de especial para satisfazer sua mente e fomentar sua esperança. Seguiu-se uma estranha visão ou experiência mística que pôs fim à dúvida e ao temor.

"...não envolve culpa pedir de Deus um sinal com esse intuito; homens bons sempre o fizeram, como Gideão e Ezequias, sem serem acusados por isso. Sim, Acaz foi acusado por não ter pedido um sinal" (John Gill, *in loc.*).

15.9

Um Sacrifício Especial. O sinal foi dado através de um sacrifício especial que envolveu os vários animais enumerados neste versículo. Uma experiência espiritual incomum resultou do rito. Os animais foram aqueles que geralmente eram usados nos sacrifícios. Ver Lev. 1.14-16. "É digno de nota que todo animal permitido ou ordenado a ser sacrificado, sob a lei mosaica, acha-se também nesta lista (de Abraão). Não é verdade que Deus estava dando ali a Abraão uma epítome da lei e de seus sacrifícios, que Ele tencionava revelar mais plenamente a Moisés? e que a essência disso consistia em seus sacrifícios, que tipificavam o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo?" (Adam Clarke, *in loc.*). Os intérpretes judeus vêem toda forma de sentido oculto fantástico aqui, como se os animais maiores que deveriam ser divididos (vs. 10) simbolizassem as nações pagãs, que poderiam sofrer divisão e perda: a novilha, os povos babilônicos; o cordeiro, a Pérsia; a cabra, o rei da Grécia. Mas as aves representariam Israel, que não pode ser dividida nem derrotada.

Cada qual de três anos. Segundo as leis levíticas, animais de apenas um ano eram sacrificados. Os de três anos de idade eram animais adultos na sua

maior força. Eram estes últimos que costumavam ser sacrificados entre os pagãos, e não os animais mais jovens, conforme determinava a legislação dos hebreus. Luciano alude a um sacrifício romano (em *Dialogis Deorum*). Talvez os três animais antecipassem três tipos de oferenda que seriam instituídos mais tarde: o holocausto, a oferta pela culpa e a oferta pacífica.

15.10

A Divisão. Os animais mais corpulentos foram divididos pela metade, e as duas metades foram postas uma contra a outra; ou então, conforme pensam alguns eruditos, foram cortados em pedaços, e os pedaços foram arrumados em seus lugares, mas com um espaço vago entre as metades, largo o bastante para alguém andar entre as duas bandas. Talvez essa divisão indicasse como as duas partes de um acordo precisam concordar uma com a outra. O rabino Solomon Jarchi mencionou esse tipo de sacrifício e ofereceu uma explicação a respeito. As duas partes contratantes passavam entre as bandas dos animais sacrificados como sinal de seu acordo sobre qualquer ponto contido no pacto. Ver o vs. 17 quanto ao ato de passar entre as metades. O trecho de Jeremias 34.18,19 é a única outra referência bíblica a esse tipo de sacrifício e pacto, mas referências extrabíblicas ao costume são abundantes.

Temos mesmo uma terrível referência pagã a esse ato. Xerxes ordenou que um dos filhos de Pítio fosse cortado em duas bandas, e uma metade da criança foi posta em um lado, e a outra metade em outro lado, e ele ordenou que seu exército passasse entre as duas bandas. Isso foi feito para punir o inimigo da maneira mais horrível. Daniel 2.5 e 3.29 são passagens que mostram que os persas se utilizavam de punições assim brutais. Uma possível alusão a esse tipo de sacrifício aparece em Homero (*Ilíada* A., V.460) "Eles cortam os quartos e cobrem-nos com gordura, dividindo-os em duas bandas. . . ." E Cirilo mencionou esse tipo de sacrifício como algo que existia entre os caldeus e outros povos da antigüidade.

As Aves Não Foram Divididas, o que as leis levíticas também proibiam (ver Lev. 1.17). Foram cortadas para que as entranhas fossem retiradas, mas não foram divididas em dois pedaços. O vs. 17 mostra que foi o Fogo Divino — um fogareiro fumegante e uma tocha de fogo — que passou entre as bandas dos animais, e não participantes humanos. Assim sendo, Deus fez um acordo unilateral com base no qual firmou a Sua promessa.

15.11

As Aves de Rapina. Essas aves foram atraídas para a cena, e tentaram tirar proveito da situação. Essas aves de rapina talvez representassem as forças malignas que haveriam de juntar forças na tentativa de anular a vontade e o pacto de Deus, obliterando os sinais divinos que seriam concedidos. Os adversários de Israel congregar-se-iam para tentar obliterar Israel. Mas Abraão conseguiu defender os elementos do sacrifício. Alguns estudiosos vêem aqui, em forma simbólica, todos os ataques que Israel haveria de sofrer ao longo de sua história: seu cativeiro no Egito, sua divisão em dois reinos, os assédios constantes dos inimigos internos e externos. Mas Abraão manteve-se vigilante e enxotava as aves. Assim, a proteção divina mostrou ser real, e isso por meio de Abraão. Coisa alguma seria capaz de neutralizar a vontade de Deus. Haveria proteção divina a cada passo do caminho. O quanto precisamos desse cuidado para que o bom plano de Deus não seja anulado em nossa vida ou na vida de nossos entes queridos!

15.12

Ao pôr do sol. O rito continuou por diversas horas. Abraão continuava espantando as aves de rapina. Ele estava fazendo a parte que lhe cabia. Desceram trevas sobre a cena. Abraão foi tomado por um sono profundo (divinamente provocado), porque não estava ocorrendo algum incidente comum. Ele haveria de entrar na noite escura da alma, uma experiência por muitas vezes anunciada pelos místicos. E então, em meio a seu profundo sono, houve um terror, que foram justamente as grandes trevas que caíram sobre Abraão, e o poder lhe sobreveio. Nada havia de natural naquelas trevas. Não é apenas que a noite sucedera ao dia. Antes, foram pesadas trevas espirituais. É possível que isso tipificasse, tal como o ataque das aves de rapina, os ataques físicos e espirituais que Israel haveria de sofrer. Israel haveria de passar por muitos ataques de trevas e de terror. Tudo isso faz-nos lembrar da própria noite escura de alma pela qual passou o Senhor Jesus.

> *É meia-noite agora, no jardim das Oliveiras,*
> *A Estrela brilhante, começa a empalidecer;*
> *Agora, é meia-noite no jardim das Oliveiras,*
> *E o Salvador Sofredor orava sozinho.*
> *É meia-noite, e, distante de qualquer pessoa,*
> *Emanuel luta isolado, contra os temores. . .*

Jarchi pensava que Abraão previa, nessa cena, as quatro temíveis monarquias que haveriam de escravizar os seus descendentes, ou maltratar de outros modos Israel. Seja como for, o que parece indiscutível é que algo do que é mencionado nos vss. 13-16 deve ter feito parte da noite de trevas de Abraão.

Esse episódio pode ser comparado ao trecho de Jó 4.12-16, que é muito instrutivo, e até paralelo em certos sentidos. A presença divina aterroriza. Ver também Dan. 10.8. Lemos em Jó 4.15: "Então um espírito passou por diante de mim; fez-me arrepiar os cabelos do meu corpo".

15.13

O Cativeiro de Quatrocentos Anos. Nem bem se tinha iniciado a sua história, Israel sofreria cativeiro por mais de quatrocentos anos, no Egito. (Ver abaixo.) O texto fornece-nos aqui o número redondo, quatrocentos. Êxo. 12.40 e Gál. 3.17 dão-nos o número exato, quatrocentos e trinta. Atos 7.6 também nos dá o número redondo. Os planos de Deus abrangem séculos e milênios. Em meio a tempos de prova, podemos perder a esperança e supor que o plano divino tenha falhado. Mas perdemos a esperança por motivo de ignorância, não percebendo que o plano opera tão bem nas trevas quanto na luz. Não conhecemos bem o cronograma de Deus. Qualquer pessoa cativa no Egito, se lesse um relato do Pacto Abraâmico, acharia motivo de riso. De acordo com a mentalidade humana, não havia como viesse a existir a nação de Israel, quanto menos conquistar a terra que Deus havia prometido a Abraão. Em outras palavras, o plano divino tinha abortado. Mas esse raciocínio não levava um fator em consideração: Moisés. Este assinalaria um novo começo, por meio de uma nova manifestação do poder divino.

Quatrocentos Anos. Muita controvérsia gira em torno da declaração deste versículo e do prazo designado. No *Novo Testamento Interpretado*, em Atos 7.6, ofereci uma detalhada exposição sobre o assunto. "De conformidade com a maneira comum de computar os anos, o intervalo entre o pacto estabelecido com Abraão e o aparecimento libertador de Moisés é de 430 anos (Êxo. 12.40; Gál. 3.17). E, dentro desse tempo, apenas 215 anos foram realmente passados pelos seus descendentes como escravos no Egito. Por conseguinte, estritamente falando, Israel não foi maltratado por quatrocentos anos, conforme Estêvão declara". Estêvão não se mostrou exato quanto ao tempo, nem a questão faz alguma diferença, exceto para os críticos, os quais tentam achar erros de qualquer modo; ou para os ultraconservadores, para quem não pode haver nenhuma forma de discrepância nas Escrituras.

"Paulo (Gál. 3.17) segue a cronologia que se via em alguns manuscritos da Septuaginta, em Êxo. 12.40, de acordo com a qual os quatrocentos e trinta anos incluíam o período em que os patriarcas estiveram na Palestina e no Egito; por outra parte, o texto hebraico de Êxo. 12.40 refere-se aos quatrocentos e trinta anos somente quanto ao período de permanência no Egito" (*Oxford Annotated Bible* sobre Gál. 3.17). John Gill (*in loc.*) oferece uma nota pormenorizada, procurando mostrar exatamente como se devem calcular os quatrocentos e trinta anos. Ele começou pelo nascimento de Isaque. Outros eruditos começam pelo nascimento de Ismael.

15.14

Eu julgarei. O Egito não é diretamente mencionado, mas a nação que cativasse o povo de Israel não poderia escapar ao juízo divino. A lei da colheita segundo a semeadura aplica-se tanto a indivíduos quanto a nações. Ver no Dicionário o artigo detalhado intitulado *Lei Moral da Colheita Segundo a Semeadura.*

Sairão com grandes riquezas. Mesmo durante o período de servidão, não lhes faltaria abundância material. A provisão divina cuidaria do bem-estar tanto físico quanto espiritual deles. E ao terminarem o seu período de cativeiro, estariam ricos. Ver o primeiro capítulo do livro de Êxodo.

15.15

Irás para teus pais em paz. Um eufemismo para a morte, onde termina a vida de toda carne. Deus cuida de Seu povo, conferindo-lhe paz por ocasião da morte, apesar de suas labutas e sofrimentos. Essa promessa foi feita especificamente a Abraão, mas talvez, por implicação, Deus também tenha prometido aos israelitas cativos no Egito uma morte pacífica, a despeito dos rigores do cativeiro. Abraão ver-se-ia envolvido em trabalho árduo e vagueações, e nesta vida nunca veria o cumprimento cabal do pacto que Deus fizera com ele. Mas ele morreria em paz, sabendo que a promessa certamente cumprir-se-ia no caso de seus descendentes. Alguns têm interpretado as palavras "irás para teus pais em paz" como uma promessa acerca da esperança da vida eterna, para além-túmulo. Cf Gên. 25.8, "reunido ao seu povo", onde ofereço notas sobre a questão.

Em ditosa velhice. Ver os comentários em Gên. 5.31, sob o título *Desejabilidade de uma Vida Longa*, cujos sentimentos também são aplicáveis aqui. O Salmo 91.16 promete vida longa. Apesar de ser melhor viver bem do que

viver por muitos anos, é melhor ainda viver bem e longamente. Como é natural, a vontade de Deus controla a questão. Jesus chegou apenas aos 33 anos! Abraão viveu 175 anos! (Gên. 25.7).

Uma Ausência Conspícua. Não há aqui nenhuma promessa de vida espiritual a Abraão para depois da morte biológica; e não há que duvidar de que isso se torna conspícuo em razão de sua ausência. Tanto intérpretes judeus posteriores quanto intérpretes cristãos têm injetado no texto a promessa da vida eterna. O autor da epístola aos Hebreus declara que Abraão buscava uma "pátria celestial", referindo-se assim à salvação e à vida eterna (Heb. 11.16). Deus preparou essa cidade celestial para Abraão, conforme vemos no mesmo versículo. Mas o texto do Antigo Testamento não subentende nada nesse sentido. Os estudiosos da teologia histórica dos hebreus asseguram-nos de que foi somente no tempo dos Salmos e dos Profetas que a idéia da imortalidade da alma veio a tornar-se parte da teologia deles. É possível que a questão de o homem haver sido criado à imagem de Deus (Gên. 1.26,27) antecipasse ou incluísse (sem nenhuma explanação) a idéia de que o homem é um ser que tem uma parte imaterial, a qual sobrevive à morte física. Além disso, o fato de que Enoque andava com Deus e que Deus o tomou para Si pode dar a entender alguma coisa sobre a alma (Gên. 5.24 e suas notas expositivas). É verdade que a lei mosaica nunca promete a vida eterna aos obedientes, nem ameaça os desobedientes de juízo além-túmulo. Simplesmente temos de admitir que a teologia avança conforme vão sendo dadas novas revelações. E por que haveríamos de pensar que isso é estranho? Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os vários artigos sobre a *Imortalidade*. Ver no *Dicionário* da presente obra o verbete chamado *Alma*.

15.16

Na quarta geração. Sem dúvida passar-se-iam mais de quatro gerações médias, pelos padrões modernos, antes que a nação de Israel fosse livrada do cativeiro. Assim, os eruditos têm-se esforçado por encontrar uma explicação para essa afirmação:

1. A palavra "geração", neste caso, foi escrita pelo autor sacro como um deslize da pena. Ele teria querido dizer quatro séculos, para concordar com os quatrocentos anos referidos no vs. 13.
2. A palavra "geração" significaria aqui um século. Mas isso seria um uso bíblico raro, que só se encontra neste trecho.
3. Ou, então, essa palavra aponta para um ciclo de tempo, e não para uma geração literal.
4. Outros pensam que estariam em foco quatro gerações dos amorreus; a estes restariam quatro gerações distintas de grande iniqüidade, e *então* o juízo divino viria contra eles. Mas essa explicação tem poucas possibilidades de estar com a razão.
5. Ou o autor estava pensando em termos de uma geração antiga, de cerca de cem anos, pois, na época de Abraão, a duração da vida humana ainda era *longa*. Abraão chegou aos cento e setenta e cinco anos, e assim, uma média de cem anos para a vida humana média não constituiria um exagero. Provavelmente, essa é a interpretação correta. Um autor que até bem pouco havia descrito a duração da vida humana como vários séculos não hesitaria em pensar que a vida humana tenha uma média de cem anos de duração. O próprio Moisés chegou aos cento e vinte anos (Deu. 34.7).

Não se encheu ainda a medida da iniqüidade dos amorreus. É provável que *amorreu*, neste caso, seja uma referência geral a todos os habitantes originais da Palestina. Ver Gên. 10.16 quanto à primeira referência a esse povo na Bíblia. No *Dicionário* forneci um longo artigo sobre esse povo. "Na qualidade de principal das tribos, eles foram usados aqui como representantes de todas as nações cananéias" (Ellicott, *in loc.*).

O Cronograma e a Justiça de Deus. Os cananeus eram os ocupantes originais da Terra Prometida, e tinham direitos sobre ela. Mas a extrema iniqüidade deles haveria de anular esse direito. Os descendentes de Abraão não poderiam entrar na Terra Prometida enquanto o juízo divino não tivesse castigado os cananeus. E então, com justiça, aqueles iníquos perderiam os seus próprios territórios. Essa questão é muito instrutiva sobre como a vontade divina opera no que toca às nações e aos grandes ciclos de tempo.

"Com base nessas palavras, aprendemos que há um certo acúmulo de iniqüidade a que as nações têm permissão de chegar, antes de serem destruídas, mas além do que, a justiça divina não permite que ultrapassem" (Adam Clarke, *in loc.*).

Israel seria mantida em cativeiro porque ainda não era chegado o tempo de eles tomarem posse da Terra Prometida. Esse tempo estava marcado (entre outras coisas inerentes à vontade divina), pela chegada do tempo de os cananeus serem punidos.

Amorreus. Eles são mencionados aqui porque, quando a promessa foi feita a Abraão, era entre essa tribo que ele vivia. Todavia, todos os habitantes da Palestina devem ser incluídos aqui, por extensão.

15.17

Densas trevas. Trevas sobrenaturais tinham invadido a alma de Abraão (vs. 12). Não havia luz natural nem luz sobrenatural. Mas no meio das trevas, subitamente e sem a ajuda de mãos humanas, passaram um fogareiro fumegante e uma tocha de fogo entre os pedaços dos animais sacrificados, defronte de Abraão. Vemos esses pedaços ser dispostos em certa ordem, no vs. 10. Usualmente, as partes envolvidas em um acordo passavam ambas entre as bandas dos animais mortos, mas agora o fogo de Deus é que passava entre elas. Estava sendo feito um acordo unilateral, de Deus com Deus. Isso foi representado mediante o "fogareiro fumegante" e a "tocha de fogo". Deus estava assim mostrando a Abraão que não havia razão para ele duvidar do pacto (ver essa questão nas notas sobre o vs. 8). Deus "jurou por si mesmo" (Heb. 6.13).

Os planos de Deus podem envolver trevas e adiamento, mas a luz de Deus haverá de resplandecer, iluminando tudo, finalmente. Trevas e adiamento não são anulações, mas apenas inconveniências temporárias. Não devemos apressar-nos, tentando levar à fruição aquilo que Deus adia por algum motivo. Lemos acerca de Phillips Brooks (um dos maiores pregadores de nossa época) que, em certo período da vida, buscou seguir diligentemente a carreira de professor. Mas fracassou miseravelmente. Deus fechou a porta diante dele, da maneira mais óbvia. Depois que a porta menor foi fechada, Brooks pôde ser levado à oportunidade maior e mais apropriada para as suas habilidades, em harmonia com a vontade de Deus para ele. Precisamos de fé para quando enfrentarmos uma porta fechada, para concluirmos que ela está fechada por alguma razão, e que o cronograma de Deus haverá de levar-nos diante de portas abertas, chegado o tempo certo para isso. O fim de um livro não se escreve logo no seu primeiro capítulo, mas as pessoas buscam um término ainda no começo.

George Elliott, em seu livro *Romola, faz o menino Lillo dizer o seguinte, o que demonstra quão frívolas podem ser as pessoas a respeito da vida e suas operações:* "Eu gostaria de ser algo que fizesse de mim um grande homem, e muito feliz também - algo que não me impedisse de me divertir à beça".

No entanto, com freqüência, a felicidade traz a dor, e o sucesso não pode ser medido em termos daquilo que as pessoas chamam de grande. Aquele que quiser cumprir o propósito de Deus precisa esperar que o sacrifício seja um dos principais fatores de sua vida. Deverá ter pensamentos amplos e obedecer à lei do amor. Doutra sorte, terminará na gaiola de alguma seita ou denominação.

Fogareiro fumegante. Provavelmente, seguindo o modelo dos fogareiros redondos que os povos orientais costumavam usar para aquecer suas casas e que lhes dava algum conforto em tempos de frio. Mas há quem pense aqui em um forno de fabricar tijolos. Os intérpretes judeus viam nisso, em símbolo, intermináveis testes e provações para Israel. Mas outros pensam estar em foco um emblema de consolação e calor.

Tocha de fogo. Certamente indica a presença afogueada de Deus, dando a entender o Seu poder, tal como o fogo é o maior poder potencial. A tocha é um "emblema da glória *shechinah*" (John Gill, *in loc.*). É possível que devamos entender aqui que o fogo consumiu os elementos do sacrifício, tal como, séculos mais tarde, o fogo divino desceu do céu e consumiu os animais sacrificados, assegurando aos circunstantes que Deus os havia aceitado.

15.18

Fez o Senhor aliança com Abrão. Ver no *Dicionário* o artigo sobre os *Pactos*.

O Pacto Abraâmico. O livro de Gênesis destaca grandemente o Pacto Abraâmico, repetindo-o por dezesseis vezes, de maneira completa ou incompleta. Ver estas referências: Gên. 12.1-4; 13.14-17; 15.1-7; 17.1-8; 18.18 ss.; 22.15 ss.; 26.4,5,24; 27.29; 28.3,4,14; 32.12; 35.9 ss.; 46.3,4; 48.4,16; 50.24. Ver também Êxo. 2.24. Há dez provisões nesse pacto, a saber:

1. Os descendentes de Abraão tornar-se-iam uma grande nação: dele procederia a nação de Israel (Gên. 13.16; João 8.37). O vs. 18 mostra quais seriam as dimensões de seu território. Mas outras nações também descenderiam de Abraão.
2. Abraão também tornar-se-ia o pai de uma grande *nação espiritual* que não sofreria as limitações de considerações raciais e terrenas (João 8.39; Rom. 4.16,17; 9.7,8; Gál. 3.6,7,14,29). Homens de fé, sem importar sua raça, tornar-se-iam filhos de Abraão.
3. Abraão receberia bênçãos divinas especiais, de ordem espiritual e temporal (Gên. 13.14,15,17; 15.16,18; 24.34,35; João 8.56).
4. Abraão teria um grande nome. Ele é conhecido como um dos maiores líderes espirituais de todos os tempos, venerado por várias nações e religiões.
5. Aqueles que abençoassem Abraão (a sua nação ou a sua posteridade espiritual) seriam abençoados, o que está ligado bem de perto com o ponto seguinte (Gên. 12.3 e 27.29).

6. Aqueles que amaldiçoassem Abraão seriam amaldiçoados, o que, sem dúvida, também envolve a nação de Israel (Deu. 30.7; Isa. 14.1,2; Joel 3.1-8; Miq. 5.7-9; Ageu 2.22; Zac. 14.1-3; Mat. 25.40,45).
7. *Todas as nações* haveriam de ser abençoadas por meio de Abraão (Gên. 18.18; 22.18) e por meio do *Filho prometido* (o Messias), que descenderia por meio da linhagem de Isaque, o menor filho prometido. O evangelho cristão é que tornaria realidade essa promessa espiritual maior (Gál. 3.16; João 8.56-58). Assim, as provisões do Pacto Abraâmico foram *universalizadas* em Cristo.
8. Nisso consiste a *vida eterna*, por meio da salvação provida em Cristo. Embora esse aspecto não seja claramente frisado nas provisões originais do pacto, temos aí o cumprimento mais cabal dessas provisões.
9. O Pacto Abraâmico é *gracioso*, e não legal (Gál. 3.17,18). Antecedeu à lei e não foi anulado quando foi instituída a lei.
10. *Circuncisão* — o sinal do pacto (ver Gên. 17.10 ss.).

O Território. O território de Israel estender-se-ia do rio Nilo ao rio Eufrates, ou seja, cerca de mil quilômetros, o que não é uma distância muito grande, embora grande o bastante para as nações da época. Essencialmente, essa é a dimensão sudoeste-nordeste. Mas não nos é dada a dimensão oeste-leste. Naturalmente, Israel nunca possuiu tanta terra. Alguns intérpretes pensam que, no futuro, durante o milênio (ver esse artigo no *Dicionário*), Israel apossar-se-á de todo esse território prometido a Abraão. Ver no *Dicionário* os verbetes sobre os rios *Nilo* e *Eufrates*.

Metáforas sobre a Grande Prosperidade. Quanto a este particular, consideremos os quatro pontos abaixo:

1. Abraão podia olhar em qualquer direção, e tudo quanto visse seria seu (Gên. 13.14).
2. Ele podia contemplar o céu, e a grande multiplicidade das estrelas informá-lo-ia sobre sua imensa posteridade futura (Gên. 15.5).
3. Ele podia olhar para as partículas do pó da terra, que ninguém pode enumerar, o que lhe transmitia, como um emblema, a mesma mensagem (Gên. 13.16).
4. Finalmente, Abraão podia considerar a areia da praia do mar, o que ilustrava idêntica mensagem (Gên. 22.17; 32.12).

15.19

Devemos entender aqui que são mencionadas as *terras* dos povos alistados nos vss. 19-21, terras essas que seriam dadas a Israel. No vs. 16 encontramos os *amorreus* (a principal tribo cananéia da época), como representantes de todas as tribos que então ocupavam a Palestina. Neste versículo também aprendemos que Israel deveria continuar cativo no Egito até que se enchesse a medida da iniqüidade dos cananeus. E então cairia contra eles o juízo divino, e eles perderiam o direito às suas terras, por causa de sua imensa iniqüidade. A perda dos cananeus seria ganho para Israel.

Queneu. No *Dicionário* ofereço um detalhado artigo sobre esse povo, pelo que não repito aqui as informações. Os queneus ocupavam a região do atual wadi Arabá (Núm. 24.20-22), naquilo que veio a ser o território de Naftali (Juí. 4.11). Nos tempos de Davi e Salomão, eles foram mencionados em associação a Judá (I Sam. 15.6; 27.10). Héber, aludido em Juí. 4.11 e 5.24, era queneu, e os ascetas tiratitas, simeatitas e sucatitas, mencionados em I Crô. 2.55, pertenciam a essa tribo cananéia.

Quenezeu. Nome de um clã ou família. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Quenaz*. Essa tribo residia no sul da Palestina (Gên. 15.19). Eram aparentados dos queneus, e, como eles, eram excelentes artífices em metais do vale do Jordão, que era rico em cobre. Essa palavra é usada como um epíteto para indicar Calebe, sendo possível que ele descendesse do idumeu Quenaz. Nomes próprios idumeus e horeus aparecem na genealogia de Calebe. Lemos que ele era filho de Jefoné, o quenezeu (Núm. 32.12; Jos. 14.6,14). Os quenezeus são descritos como um povo estrangeiro (Gên. 15.19). A Calebe foi prometida uma porção da Terra Prometida, com base em sua fidelidade, e não por direito de nascimento. Entretanto, as genealogias dos capítulos dois e quatro de I Crônicas fazem dele um neto de Judá, através de Hezrom (I Crô. 2.9,10). Por essa razão, muitos eruditos têm encarado as genealogias dos livros de Crônicas como uma tentativa proposital de dar a Calebe uma posição legal em Israel, no judaísmo pós-exílico. Há nisso tudo uma discrepância que não é fácil de resolver. Por causa disso, alguns sugerem que devemos pensar em mais de um Calebe, o que não é impossível.

Cadmoneu. Esse vocábulo aparece somente em Gên. 15.19, onde alude a uma tribo que os israelitas desapossaram. Tal palavra é um adjetivo, cujo sentido é oriental ou antigo, pelo que é possível que eles fossem os mesmos que, em Juízes 6.33, são chamados de "povos do oriente" (no hebraico, *bene-kedem*), cujo território ficava contíguo ao de Israel, na direção do nascente do sol. No livro de Gênesis, vemos que o território deles foi prometido a Abraão como uma possessão final. Os hebreus e outros povos antigos designavam as direções voltando o rosto para o sol nascente. Isso significa que diante ou à frente era o oriente, atrás era o ocidente, à direita era o sul, e à esquerda era o norte. O território que ficava entre os rios Nilo e Eufrates, o deserto sírio a leste de *Biblos* (ver no *Dicionário*), mui provavelmente era a região dos cadmoneus.

15.20

Heteu. Ver o detalhado artigo sobre esse povo chamado *Hititas, Heteus*, no *Dicionário*. Nos dias de Abraão, uma tribo hitita localizava-se perto de Hebrom (Gên. 23.1-20). Foi dos heteus que Abraão comprou um terreno com uma caverna, que passou a servir de cemitério da família. Esaú casou-se com esposas hetéias (Gên. 26.34,35; 36.2). Os espias enviados por Moisés encontraram hititas localizados na região montanhosa (Núm. 13.29). Curiosamente, a língua hitita era uma antiga forma do indo-europeu. Isso parece indicar que, originalmente, em uma época inteiramente perdida no passado remoto, os antepassados desse povo desceram mais do norte (talvez da Europa) para a Palestina.

Ferezeu (perezeu). Ver um detalhado artigo sobre esse povo no *Dicionário*, chamado *Perezeus (Ferezeus)*. Esses nomes eram, ocasionalmente, usados para indicar os habitantes gerais da Palestina. Algumas vezes, cananeus e ferezeus eram nomes usados para abranger todos os povos que habitavam na Palestina, antes da invasão hebréia. Provavelmente, nos dias de Abraão, esse povo tinha se localizado na área a oeste do rio Jordão, como também talvez ao norte do mar Morto, uma região montanhosa entre Bete-Seã (Beisã) e Zezeque (Khirbet Ibziq). Foram os homens da tribo de Manassés que, finalmente, vieram a possuir a maior parte dessa região.

Refains. Ver o verbete sobre esse povo no *Dicionário*. Os habitantes da Transjordânia, em tempos pré-israelitas, eram conhecidos com esse nome. Pareciam ocupar um extenso território, mas eram chamados por nomes diversos, conforme a localidade. Em Moabe, os refains foram finalmente substituídos pelos moabitas, o que também veio a suceder entre os amonitas (Deu. 2.11,20,21). Eram gigantes, como os filhos de Anaque (Deu. 2.21).

15.21

Amorreu. Forneci um artigo detalhado sobre esse povo no *Dicionário*. O termo refere-se aos semitas ocidentais, mas nos tempos de Abraão a referência era a um pequeno segmento da população mista de Canaã. Em seus dias, eles habitavam no outro lado do rio Jordão, e eram vizinhos de Abraão. O vs. 16 usa o termo para incluir todas as tribos de Canaã, e o juízo divino contra elas deixaria a terra livre para Israel. Quando Israel invadiu a terra, os amorreus ocupavam ambos os lados do rio Jordão, acima do mar Morto.

Cananeu. Ver no *Dicionário* o artigo *Canaã, Cananeus*. A extensão dos lugares ocupados pelos cananeus foi sumariada na exposição de Gên. 10.19. O termo geral, cananeus, era usado para incluir sete nações distintas (heteus, girgaseus, amorreus, cananeus, perezeus, heveus e jebuseus). Além disso, havia diversas tribos cananéias que viviam nas fronteiras da Palestina, em seu lado norte, a saber, os *arqueus*, os *sinitas*, os *arvaditas*, os *zemaítas* e os *hamatitas* (povos sobre os quais comentamos no *Dicionário*). As cartas de Tell el-Amarna, do século XIV A. C., referem-se aos cananeus como um povo que ocupava todo o território sino-palestino do Egito. E chegavam até a certas áreas da Síria, ao norte.

Girgaseu. Ver sobre os girgaseus no *Dicionário*. Esse era o nome de uma das sete principais tribos que ocupavam a antiga Palestina. Parece que ocupavam, nos tempos mais antigos, a área a leste do mar da Galiléia. Talvez eles tenham sido um ramo lateral dos *heveus* (ver no *Dicionário*). Os gergesenos, de Mat. 8.28, talvez fossem descendentes daquele povo.

Jebuseu. Ver o verbete sobre eles no *Dicionário*. Esse era um povo antigo que tinha ocupado Jerusalém e áreas adjacentes.

O autor sagrado, pois, alistou assim as principais tribos que ocupavam a Palestina nos dias de Abraão, a quem foi prometido que toda aquela gente não seria capaz de resistir perante os descendentes do patriarca. As terras desses povos tornar-se-iam terras de Israel. Isso fazia parte das provisões do Pacto Abraâmico, comentado no vs. 18 deste capítulo.

Capítulo Dezesseis

A História de Hagar (16.1-16)

O relato sobre essa mulher reveste-se de grande interesse humano, não só por estar ligado à vida de Abraão, mas também porque nos fornece um certo número de importantes lições. O apóstolo Paulo entendia que a história serve de alegoria,

segundo se vê em Gálatas 4.22 ss., fazendo os israelitas incrédulos (e sua lei) ser representados pelos filhos da mulher escrava (Hagar). Essa aplicação do relato do Antigo Testamento parece especialmente repelente para os judeus, porquanto furta deles a sua posição especial dentro do Pacto Abraâmico, além de conferir aos odiados gentios um lugar favorecido, quando estes confiam em Cristo. Um dos pontos que dá valor ao relato é que ele empresta alguma evidência à historicidade das antigas narrativas acerca de Abraão. A arqueologia tem podido confirmar os costumes sociais relativos ao casamento que aparecem neste capítulo. Também aprendemos que aquilo que começa no ódio (Sara odiou Hagar por causa do filho desta) prossegue no ódio (os judeus e os árabes, hoje em dia, dão prosseguimento àquela antiga animosidade). Talvez seja verdade o que Maomé dizia, que ele era um descendente direto de Ismael. Nesse caso, teríamos um desenvolvimento histórico de religiões contrárias, e não meramente de povos contrários.

Admiramo-nos do poder de Sara diante de Abraão, que o levou a expulsar um filho e deixá-lo à mercê do deserto. Admiramo-nos da fraqueza de Abraão quanto a este ponto; e dizer "seja feita a vontade de Deus" dificilmente justifica aquele ato de desumanidade.

Abraão recebeu riquezas da parte de Faraó, ao descer ao Egito, por motivo de uma fome. Ele obteve ali grande quantidade de animais, ouro, prata, e, sem dúvida, escravos e escravas, para que sua vida se tornasse mais amena e luxuosa. Ver o capítulo treze de Gênesis. Mais tarde, Abraão se recusou a aceitar qualquer coisa do rei de Sodoma, como medida insultuosa e pouco sábia para sua prudência e alta espiritualidade (ver o capítulo catorze de Gênesis). Ele tinha ficado mais sábio. Provavelmente foi no Egito que ele adquiriu Hagar (e outras escravas, sem dúvida). Mas esta se tornou a escrava pessoal de Sara, pelo que estava em posição de ser mãe "de aluguel". As mães de aluguel são um costume antigo, conforme a arqueologia tem descoberto, já existindo nos dias de Abraão.

Ficamos desolados diante do que sucede no capítulo dezesseis de Gênesis considerando-se que não fazia muito tempo Abraão havia recebido uma experiência mística da mais alta qualidade, a fim de garantir-lhe que Deus lhe prometia um herdeiro, um filho dele mesmo, como algo resolvido nos decretos divinos (Gên. 15.5 ss.). Se Eliezer não seria o herdeiro de Abraão, por que ele pensaria que o filho da escrava egípcia poderia sê-lo? Ver Gênesis 15.2. No entanto, até os homens mais espirituais estão sujeitos a lapsos, especialmente quando alguma promessa de modificação não produz resultados por muito tempo.

16.1

Em momentos de fraqueza, até mesmo as mentes mais espirituais caem, em busca de planos alternativos que não se harmonizam com a vontade de Deus. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Vontade de Deus, Como Descobri-la*. Faltanos previsão, e, em nossa mente, qualquer demora por muitas vezes é equiparada ao fracasso.

Sarai. Ver o artigo detalhado sobre ela no *Dicionário*.

Não lhe dava filhos. Já tínhamos sido informados acerca da esterilidade de Sara. Ver as notas sobre Gên. 11.30 quanto a essa calamidade, aos olhos dos povos antigos. Esse foi o fato que provocou o queixume de Abraão diante de Deus, o que resultou em uma experiência mística de elevado nível acerca das provisões do Pacto Abraâmico, no capítulo quinze de Gênesis. A principal dessas provisões, o *sine qua non*, era a promessa de um herdeiro, um filho que o próprio Abraão geraria. Ter um filho com Hagar era um filho natural, mas não o filho prometido. Ver as notas sobre o Pacto Abraâmico, em Gên. 15.18.

Uma serva egípcia. É provável que Abraão tenha escolhido Hagar no Egito, quando estava enriquecendo ali (capítulo treze de Gênesis). Dentre as escravas adquiridas na época, Hagar foi selecionada para ser a atendente pessoal de Sara. Isso a deixou em uma posição de tornar-se concubina de Abraão, por meio da qual, presumivelmente, Deus poderia dar a Abraão o seu herdeiro. Parecia um plano plausível, mas não era esse o propósito divino.

Hagar. No *Dicionário* ofereço um artigo detalhado sobre ela. Esse artigo inclui as conjecturas acerca de sua origem, de sua linhagem racial etc.

Nem todas as oportunidades apontam para o cumprimento da missão de uma pessoa neste mundo. Abraão tomou uma providência que parecia levar ao cumprimento do plano de Deus acerca dele. Ele tirou vantagem dessa provisão. Com o tempo, entretanto, ele aprendeu que tinha feito um julgamento errado.

16.2

Sara acusou Deus pela sua esterilidade e assim tomou suas próprias medidas. Os filhos são herança do Senhor (Sal. 127.3); e estar alguém sem filhos, de acordo com a mentalidade dos hebreus, era um ato de Deus. Destarte, Sara resolveu ajudar a Deus para que o plano Dele desse certo. É verdade que, na realização dos planos de Deus, precisamos fazer a parte que nos cabe, mas algumas vezes exageramos.

A arqueologia tem confirmado que, na época de Abraão, havia o costume de que uma mulher podia dar a seu marido uma concubina, para que os filhos desta fossem considerados filhos da esposa legítima. Esse costume é também confirmado em Gênesis 30.3 (no caso de Raquel) e em Gênesis 30.9 (no caso de Lia). Os filhos nascidos dessas uniões eram considerados filhos da esposa legítima, como já dissemos, e não da concubina. Assim, a questão tem-se tornado fulcro de muita discussão em nossos dias, e estão sendo julgados vários casos na lei, procurando resolver quem tem o direito de ficar com esses filhos.

O tempo fez Sara entrar em desespero. E ela acabou agindo precipitadamente. Há um hino que fala sobre a dor das "orações não respondidas", experiência essa pela qual todos nós temos tido ocasionalmente de passar. Deus mantém-se oculto nas trevas, vigiando tudo, observando o que faremos com os meios e os equipamentos que Ele nos dá. Quando as coisas tornam-se difíceis demais para nós, fora de nosso controle, então Ele nos abençoa mediante alguma intervenção divina. Deus nos dá apenas o bastante para que fique garantido o nosso sucesso. Entrementes, temos de nos mostrar honestos e ativos.

Abraão Obedeceu à Sua Esposa. Algumas vezes é certo um homem fazer o que sua esposa lhe diz, mesmo que isso seja contra os seus sentimentos. Mas dessa vez, não foi certo. Abraão não consultou Deus. Disso podemos ter a certeza. Ele ansiava por ter Hagar. Gostou do plano de Sara, embora tal plano não pudesse resolver o problema dele. Tal plano estava de acordo com os costumes sociais da época, pelo que não houve *qualquer* objeção a ele, nem moral nem legalmente. Deus, porém, está muito acima de meros costumes sociais. Nem todos esses costumes são naturais e corretos.

Na época, Sara estava com setenta e cinco anos de idade, vivia em Canaã fazia dez anos, e simplesmente tinha desistido de ser mãe. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Poligamia*. Nesse caso, Sara deu seu consentimento ao casamento plural. Todavia, não há nenhuma evidência, nos tempos do Antigo Testamento, de que tal consentimento fosse necessário.

16.3

Dez anos. Sara esperou por longo tempo, de acordo com os padrões humanos. Ela demonstrou uma paciência notável. Costumamos condená-la, mas provavelmente teríamos falhado até mesmo antes dela. Por outra parte, havia uma promessa a ser cumprida nela e em seu filho (Gên. 16.10 ss., onde vemos que o Anjo do Senhor estava com ela). Isso posto, o plano de Deus incluía o nascimento de Ismael, embora não para o ofício de herdeiro de Abraão. Os planos primários de Deus não eliminam os Seus planos secundários.

Na ocasião, Abraão estava com oitenta e cinco anos de idade. Ele viveria até aos cento e setenta e cinco anos (Gên. 25.7), pelo que, aos oitenta e cinco anos, ainda era relativamente jovem. E isso quer dizer que havia muito tempo para que Deus fizesse muita coisa nele e através dele. Ver as notas sobre Gênesis 5.21 quanto à desejabilidade de uma vida longa.

Tempos depois, tornou-se norma entre os judeus que, se um homem tivesse esposa por dez anos, mas ela não lhe desse filhos durante esse tempo, ele poderia tomar outra mulher para dar-lhe um herdeiro (ver Bereshit Rabba, Jarchi e Aben Ezra, comentando sobre este texto). É provável, pois, que essa regra tenha sido sugerida pelo presente texto.

16.4

O plano parece que estava funcionando. Hagar ficou grávida. O filho herdeiro estava a caminho. Mas então surgiu um grave problema. Hagar não era uma mulher humilde. Antes, ela desprezou Sara, sua senhora, em seu coração. O texto não nos diz por qual razão, mas a resposta é fácil. Agora ela tinha um filho amado que estava chegando, e já havia um poderoso laço de amor entre ela e Abraão. Mas o costume determinava que o precioso filho seria entregue a Sara. E Hagar sentia que algo de errado havia nesse costume. Outro tanto acontece hoje em dia com as mães de aluguel. Elas concordam em receber, digamos, dez mil dólares para servirem de veículo do nascimento da criança; mas, uma vez que a criança esteja a caminho, forma-se um laço de amor entre a mãe e a criança, e o dinheiro deixa de ser importante. Um poder superior toma conta da mãe de aluguel. O amor é sempre um poder superior, e o dinheiro nada significa quando um ente querido é ameaçado, conforme o demonstra o caso dos sequestros.

Alguns intérpretes têm pensado que a dificuldade estava na arrogância de Hagar. Agora ela não queria ocupar uma posição inferior, quando seria ela a mulher que ia trazer ao mundo o filho prometido. É possível que haja algo verdadeiro nessa idéia, mas não muito. Não é muito provável que uma escrava pudesse tornar-se tão arrogante assim. Mas outros pensam que Hagar desprezava Sara por causa da esterilidade desta. E nisso pode haver alguma verdade.

16.5

Seja sobre ti a afronta. O plano havia falhado e agora via-se que tinha defeitos. O sexo nada tinha que ver com a questão. O que estava em jogo era o que se faria com a criança. Ela tinha duas mães. Qual delas ficaria com a criança? Hagar pode ter pensado que uma mulher estéril não tinha o direito de ficar dando ordens. Abraão foi acusado porque poderia ter dito: "Você deveria saber que o plano não daria certo. Por que você não aceitou minha sugestão?". O versículo, naturalmente, projeta luz sobre os inconvenientes da poligamia. Esse estado marital, naturalmente, produz certos conflitos, apesar de poder aliviar outros problemas. Assim, Sara lançou a culpa sobre Abraão, esperando vingar-se nele.

Julgue o Senhor entre mim e ti. Sara ameaçou aqui Abraão com a vingança divina, por causa da estupidez dele ao permitir que a situação se desenvolvesse. Parece que ela não estava meramente tentando achar de quem era a culpa, para então invocar Deus a fim de que o Senhor tomasse uma decisão. Antes, já tinha formado seu juízo de que a culpa principal cabia a Abraão. As brigas em família sempre têm muito dessas acusações e ameaças mútuas.

16.6

A alienação tornara-se completa. E assim a perseguição começou. Abraão, ato contínuo, deixou tudo nas mãos de Sara. "Ela é tua escrava, não é mesmo? Então age como te parecer melhor". Mas isso não foi uma maneira muito feliz de solucionar aquela crise. E Sara começou a afligir Hagar, conforme o vocábulo hebraico pode ser traduzido, tal como Israel foi mais tarde afligido pelo Egito (Êxo. 1.11). E o trecho de Gênesis 15.13 contém a mesma palavra. Israel seria afligida no Egito por muitos decênios. Essa aflição era verbal e constante, e também, sem dúvida, era física. No dizer de John Gill *(in loc.)*: ". . .não só com palavras, mas com pancadas, conforme alguns pensam, pancadas duras, dando-lhe tarefas que ela não era capaz de cumprir, especialmente nas circunstâncias em que se achava".

Hagar Foge. Temos aí a antiga história da jovem que não agüenta os maus-tratos recebidos por parte da dona da casa; a antiga história da criada que é sobrecarregada com trabalhos com pouca ou nenhuma recompensa; a antiga história de maus-tratos dados a um inferior, a quem não se mostra amor. O ódio ia crescendo, as perspectivas em nada melhoravam. A fisionomia de Sara exibia ira, ódio e fúria. Quem poderia ficar por perto e olhar para ela? O nome Hagar significa fuga. Por isso, o lugar para onde Maomé fugiu, mais tarde, ficou sendo chamado Hegira. Outro tanto sucedeu no caso de Hagar, algum tempo mais tarde, após um breve período de restauração. Ver Gên. 21.10 ss. Nessa segunda vez, Hagar foi expulsa e tornou-se uma fugitiva. Mas, em ambas as oportunidades, o Anjo do Senhor a socorreu.

"Ao fugir, Hagar demonstrou não somente o indômito espírito de liberdade que Ismael herdou dela, mas aparentemente estava repetindo o ato do qual ela obtivera seu nome." Assim comentou Ellicott *(in loc.)*, mas o texto diz-nos que os maus atos de Sara foram o motivo de sua fuga. Sara não era uma mulher boazinha.

16.7

O anjo do Senhor. Dentro da cultura hebraica havia uma crença antiga em anjos. Temos aqui a primeira referência bíblica a esses seres, e isso sem nenhuma preparação prévia ou elaboração. Os eruditos na história dos hebreus informam-nos que não é provável que logo de início esses seres fossem considerados seres imateriais, como também não se pensava na alma como algo imaterial. Ver Gên. 1.26,27. Os anjos eram concebidos como um tipo diferente de ser, poderosos, muito inteligentes, agentes de Deus, mas não imateriais, pelo que não teriam uma natureza muito diferente da nossa. Nesse estágio primitivo da idéia, fica claro no texto que esses seres eram tidos como quem vivia interessado pelos seres humanos, fazendo-se presentes com eles "a fim de ajudá-los". Esse Anjo é identificado com El (Deus), em Gênesis 16.13, e alguns têm opinado que temos aí uma visita do Logos nas páginas do Antigo Testamento. Contudo, não podemos esquecer que era noção comum da teologia dos hebreus que aquele que visse o anjo do Senhor tinha visto ao Senhor. Ver também Gên. 22.1-12; 31.11; 48.16; Juí. 6.11,16,22; 13.22,23; Zac. 3.1,2. O anjo é distinguido de Yahweh (Gên. 24.7; II Sam. 24.16; Zac. 1.12). Talvez a antiga mente hebraica não fizesse distinção entre uma teofania e um anjo. Referências como as de Gên. 18.1,2; 19.1; Núm. 22.22; Juí. 2.1-4; 5.23 e Zac. 12.8 são interpretadas das maneiras mais diversas, mas por certo indicam aparições ou teofanias do Logos ou Cristo.

.Hagar chamou aquele anjo de El Roi, "Poder (divino) de ver", dando a entender que ela tinha visto ao Alto Poder, ou a um Seu representante. Ver também as notas sobre o vs. 13.

O anjo. Ver a respeito desses seres no *Dicionário*, como também o artigo intitulado *Teofania*.

No caminho de Sur. Ver o artigo detalhado sobre esse lugar e sua fonte, no *Dicionário*. É provável que Hagar tenha fugido por essa rota usual: para Hebrom, passando por Berseba, e daí seguindo para o Egito.

16.8

De Onde Você Veio? Para Onde Está Indo? O Anjo fez perguntas retóricas, a fim de dar início a um diálogo. Mas ele já sabia de tudo. O Anjo do Senhor sabia quem era Hagar e o que ela estava fazendo. Isso nos serve de grande consolo. Não estamos sozinhos, embora, algumas vezes, assim nos possa parecer. O poder divino acompanha-nos o tempo todo, ao longo do caminho, e o Senhor intervém quando isso é necessário e benéfico. O anjo chamou Hagar pelo nome dela. Jesus ensinou que Deus se interessa até mesmo pelos pardais que caem em terra. Isso reflete o teísmo e não o deísmo. Deus criou e continua cuidando de Sua criação: Ele também recompensa e pune; Ele acompanha a Sua criação. Ver no *Dicionário* acerca do *Teísmo*.

Fujo. Hagar não pudera mais suportar a perseguição (vs. 6) que Sara insistia em mover contra ela. Hagar, pois, fazia o que pensava que era próprio que se fizesse naquelas circunstâncias. Mas o plano de Deus, apesar de não justificar a crueldade de Sara, tinha algo mais em mente, visto que havia um propósito divino operando na vida de Hagar, e não somente na vida de Sara. Há destino, onde quer que se faça ativa a mente de Deus.

16.9

Volta. . . humilha-te sob suas mãos. O texto não apresenta a apologia de Sara. Ela ficou satisfeita por ver-se livre daquela escrava perturbadora, que estivera ao ponto de deixá-la nas sombras porque ia ter um filho de Abraão. Sem dúvida, Sara ficou muito infeliz ao ver a escrava voltar. Mas havia um plano divino envolvido, que estava acima daquela tola disputa em que as duas mulheres estavam envolvidas; e a fim de cumprir esse plano é que foi ordenado a Hagar que voltasse e se submetesse a Sara. Algumas vezes não podemos fazer as coisas do nosso modo, porque isso não corresponde ao modo de Deus.

Também manifestou-se na cena a graça celeste, que contemplou a necessidade humana de Hagar e reverteu uma atitude errada da parte dela. Aquele que cuida de Israel não dorme (Sal. 121.4), e a vontade do Senhor é sempre benéfica. Tal como na história inglesa de Lord Jim, algumas vezes precisamos "submeter-nos aos elementos destrutivos". Em outras palavras, aquilo que pensamos que só pode prejudicar e destruir, algumas vezes é o próprio elemento que precisamos injetar em nossa vida e em nossos labores. Mas se contamos com a presença de Deus, então a disciplina será aplicada, mas disso resultará grande fruto de nossos esforços e de nossa vida.

Este versículo tem sido insensatamente usado para ensinar o direito divino que os senhores teriam sobre os seus escravos. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Escravo, Escravidão*.

16.10

Multiplicarei sobremodo a tua descendência. Uma provisão similar à do Pacto Abraâmico (ver notas em Gên. 15.18). Ver no vs. 7 as notas sobre esse Anjo, bem como, no *Dicionário*, o verbete intitulado *Anjo*. As nações árabes, naturalmente, descendem em grande parte de Hagar, pelo que tanto elas quanto Israel são descendentes diretos de Abraão. Mas o ódio que se origina no capítulo dezesseis de Gênesis tem persistido até os nossos dias. Quão ridículos são os homens. Uma pitada de amor teria solucionado o problema há muito tempo. O anjo falara com a autoridade de Deus. Não tinha autoridade independente para estabelecer pactos divinos.

O Nascimento de Ismael (16.11–16)

Originalmente, os ismaelitas eram uma tribo de beduínos que vagueavam pelo deserto, incluindo a parte sul da Palestina (Gên. 25.18). Eles estavam ligados aos hagarenos (Sal. 83.6) e tinham conexões raciais com eles. Os críticos supõem que esses povos tiraram vantagem da história à nossa frente para assim obterem uma alegada descendência de Abraão. Mas não há motivos para duvidar da veracidade do relato. Maomé dizia-se descendente direto de Ismael, mas não sabemos a qualidade das suas informações quanto a esse particular. Por outra parte, ele era seu filho espiritual, pois, de maneira enfática, encabeçou a oposição a Israel, mediante sua nova religião. Mas em algum ponto do futuro há uma unidade a ser conseguida (Efé. 1.9,10), apesar de tudo ainda estar distante. Nesse interim, os homens continuam a dividir-se em campos opostos e conflitantes. Não existe ódio que se compare ao ódio religioso, pelo que, onde houver fé religiosa, ali os conflitos mostram-se mais amargos. E os homens sempre acusam Deus por causa do ódio em seu coração. Se alguém falar em amor, será questionada, pelos radicais, a qualidade da fé desse alguém. Matanças e revides ocorrem em nome de Deus, e os discípulos dos grandes matadores vêem tudo com olhar de aprovação.

Pessoalmente, espero um bom destino para *Ismael*, filho de Abraão, e creio que o amor de Deus triunfará no fim, garantindo bons resultados.

16.11

Ismael. Ha um longo e detalhado verbete sobre ele no *Dicionário*. O nome incorpora um dos mais comuns nomes semíticos para Deus, El, "força", "poder". O nome inteiro significa "Deus ouve". Sem duvida, Hagar tinha feito muitas orações. Ali estava ela, grávida e prestes a morrer de sede e de fome. Deus viu a sua aflição, e também os maus-tratos de Sara contra a escrava. Mas Deus "ouviu" as orações de Hagar e os sons de agonia que subiam de seu coração. Ao ouvi-la, pôs-se a agir em favor dela. O texto parece dar a entender que a situação dela clamava a Deus. Ele a teria ouvido, mesmo que ela não tivesse orado.

Os intérpretes judeus observavam que seis pessoas receberam nomes da parte de Deus, antes mesmo de nascerem: Isaque, Ismael, Moisés, Salomão, Josias e o Messias. E o Novo Testamento, é claro, ajunta João Batista (Luc. 1.13). Algumas pessoas dão exagerada importância a nomes. Mas talvez eles tenham mais importância do que percebemos, ou talvez essa importância só se aplique em alguns casos. Os casos bíblicos revestem-se de grande importância. O sentido de um nome falava de algum fato ou característica importante da pessoa que o possuía.

"As aflições e as tribulações chegam até os ouvidos de Deus, mesmo quando restringimos as nossas orações. E quanto mais, quando poderosamente oramos, quando suportamos tudo no espírito da humildade, com confiança e com súplicas dirigidas ao Senhor!" (Adam Clarke, *in loc.*).

16.12

Como um jumento selvagem. Ismael seria hostil para com outros homens, sempre em conflito, lutando pela própria sobrevivência no deserto da Arábia, lugar tão difícil de viver que é o bastante para fazer um homem ali perdido quase enlouquecer. Pensemos no destino! O bisneto de Sara, José, bem mais tarde foi conduzido ao Egito pelos ismaelitas (Gên. 37.28). Contudo, em meio ao entrelaçado do relacionamento humano, a misericórdia divina opera e não pode falhar, finalmente. A palavra *raiz* que é aqui traduzida por "selvagem" não aparece no Antigo Testamento, mas está ligada ao vocábulo árabe farra, "correr para longe" ou "correr selvagemente", como fazem os animais do deserto, como faz o jumento selvagem que é rápido e não pode ser amansado facilmente. Ver Jó 39.5-8 quanto a uma boa descrição que pode ser aplicada a homens ou a animais.

A sua mão será contra todos. Intermináveis conflitos tribais, e então guerras, que o povo chama de "guerras santas", têm confirmado essa predição.

". . . vivendo no deserto, deleitando-se em caçadas a animais ferozes, roubando e pilhando . . . feroz, selvagem, indomado, nunca sujeito ao jugo. . . briguento. . . guerreiro, continuamente ocupado em combater os seus vizinhos. . . assediando seus vizinhos mediante excursões e ataques constantes, pilhando povos de todas as nações em redor. . . implacável e possuído por animosidades hereditárias. . ." (John Gill, *in loc.*)

Habitará fronteiro a todos os seus irmãos. Ismael estaria sempre pronto e presente para desfechar seus atos de hostilidade, conforme a frase pode ser entendida. Alguns eruditos, entretanto, sugerem que significa "a leste" de seus irmãos (como em Gên. 25.6); ou, então, que Ismael habitaria "contra" os seus irmãos, ou seja, quanto à posição geográfica ou quanto à atitude. Jarchi asseverava que o sentido dessas palavras é que os descendentes de Ismael multiplicar-se-iam em tão grande número que se espalhariam ao ponto de "atingir as fronteiras de todos os seus irmãos".

16.13

Senhor, ou seja, Yahweh, mas aqui interpretado como El, o Alto Poder, a Grande Autoridade dotada de força. Hagar invocou o Senhor e Lhe deu um nome especial, em harmonia com as circunstâncias da ocasião. Vários estudiosos pensam que Hagar dirigiu-se a Deus em uma oração, onde então Lhe deu um nome apropriado.

El Roi, ou seja, "Deus que vê". Esse nome tem sido entendido de duas maneiras: 1. "Aquele que vê tudo", no sentido de estar sempre pronto para ajudar aos atribulados. 2. "Aquele que se permite ser visto". Ambos os sentidos são verdadeiros, embora não haja certeza quanto ao que está em foco aqui. Talvez ambas as idéias estejam incluídas.

A porção final do versículo é considerada ininteligível por muitos leitores modernos do hebraico, embora fosse claro para um antigo nativo dessa língua. Diversas opiniões tentam mostrar o seu sentido. Talvez Ellicott *(in loc.)* tenha captado bem o sentido:

"Não estou vendo e não continuo viva? Não fiquei cega nem perdi os sentidos e a razão, embora eu tenha visto Deus". Os judeus acreditavam que usualmente era fatal ver Deus (Êxo. 33.20; Juí. 6.22; 13.22). Eles também criam que ver uma *teofania* (ver sobre isso no *Dicionário*) ou um *anjo* (ver sobre isso no *Dicionário*) era a mesma coisa que ver o próprio Deus. Por isso, Hagar surpreendeu-se ao ver-se viva e bem, depois de seu encontro com o Anjo.

Naturalmente, o sentido do texto é mais profundo do que isso. Ela regozijou-se diante do fato de que Deus é um Deus que tanto ouve (vs. 11) quanto vê (vs. 13). Isso ensina que as vidas humanas estão seguras nas mãos de Deus, porque Ele cuida de nós.

". . .lançando sobre Ele toda a vossa ansiedade, porque Ele tem cuidado de vós" (I Ped. 5.7).

Uma Reprimenda a Abraão. Ele expulsou seu próprio filho, ao permitir que Sara afligisse Hagar, o que levou esta a fugir. No entanto, Deus trouxe Hagar de volta, e ela pôde manifestar-se diante de Abraão: "Embora tu me tivesses expulsado por teus atos impiedosos, contudo Deus me viu e me ouviu, e me conservou em segurança!".

16.14

Aquele poço. Também é mencionado no vs. 7. Ver no *Dicionário* o verbete *Sur*.

Beer-Laai-Roi. Parece que o sentido dessas palavras é "poço da queixada do antílope" e presume-se que esse fosse o nome original do local. Mas de acordo com a etimologia popular e em conexão com a história de Hagar, o lugar veio a ser conhecido como "poço do Ser vivo que me vê" (cf. Gên. 24.62 e 25.11). Outros patriarcas tiveram ligação com esse lugar. Os arqueólogos têm identificado, tentativamente, esse poço, a dezenove quilômetros a noroeste de Ain Kadis, em 'Ain el Muweileh, cuja pronúncia, no árabe, assemelha-se um pouco ao nome original e tem o mesmo sentido.

Cades. Ver no Dicionário o verbete *Cades-Barnéia*. Ver Núm. 13.3,26; Jos. 14.7. Os Targuns de Onkelos e Jonathan chamam o local de Rekam, equiparando-o com Petra, uma das principais cidades da Arábia Petrea, habitada posteriormente pelos nabateus, posteridade de Ismael.

Berede. Uma cidade de Judá, perto de Cades (Gên. 16.14), que em caldaico chamava-se Agara, e em siríaco, Gedar. Talvez se trate da mesma Arade (Jos. 12.14), na parte sul do território de Judá. O local tem sido identificado com a moderna El-Khulassah, a dezenove quilômetros ao sul de Berseba. Mas outras identificações também têm sido propostas. Não há certeza sobre a questão.

16.15

Hagar Estava de Volta. Parece que a concórdia reinou de novo por algum tempo, mas hostilidades francas em breve haveriam de fazer Hagar abrigar-se no deserto (Gên. 21.9 ss.). Hagar deu à luz a seu filho, ao qual Abraão chamou Ismael, sem dúvida aceitando o testemunho de Hagar de que o próprio Senhor dera esse nome ao menino, dando o recado por meio do Anjo que ela viu no deserto. Ismael, pois, foi o primeiro homem (cujo registro aparece na Bíblia) cujo nome lhe foi dado antes mesmo de nascer.

16.16

Abraão tinha oitenta e seis anos de idade quando Ismael nasceu. Abraão chegou aos cento e setenta e cinco anos de idade (Gên. 25.7), pelo que ainda lhe restavam oitenta e nove anos de vida, após o nascimento de Ismael! Ele tinha setenta e cinco anos ao deixar Harã (Gên. 12.4), e já estava por dez anos em Canaã, quando Sara lhe presenteou Hagar como concubina.

Capítulo Dezessete

O Pacto da Circuncisão (17.1-27)

Reiteração do Pacto Abraâmico (17.1-8)

Os vss. 1-8 nada nos trazem de novidade, exceto pelo fato de que o nome de Abrão é mudado para Abraão, além de um novo nome divino começar a ser usado (ver 17.1). O restante é mera reiteração de elementos que já se achavam em passagens anteriores. O Pacto Abraâmico (comentado em Gên. 15.18) tinha sido antecipado sob forma preliminar em Gên. 12.1-4; então, mais completamente, em 13.14-17, e, finalmente, com maiores detalhes, em Gên. 15.1-7. A narrativa do capítulo quinze é acompanhada por uma significativa história da experiência mística ou visão, dada a Abraão, que lhe trouxera essa mensagem. E este capítu-

lo dezessete também deixa claro que a reiteração do pacto foi igualmente feita mediante uma poderosa experiência mística. Ver no *Dicionário* o verbete *Misticismo*. A definição básica desse termo é qualquer experiência que concede ao indivíduo algum poder superior que faz uma revelação, ilumina ou, de algum modo, influencia a pessoa que recebe a experiência. Isso significa que aquilo que as pessoas, com freqüência, chamam de experiências espirituais são experiências místicas. Está em foco algum contato genuíno com a deidade ou com alguma força cósmica do bem. O misticismo falso consiste ou em fraude ou em contato com algum poder prejudicial para a alma. Há o misticismo genuíno e há o misticismo falso. O artigo citado acima deixa bem claras essas questões. Quase todas as religiões começam e são sustentadas por essas experiências místicas, e Abraão foi um exemplo eloqüente dessa realidade. Com que freqüência ele recebeu alguma experiência mística a fim de ser instruído! Em Gênesis 15.2, vemos que Abraão solicitou do Senhor alguma espécie de sinal que lhe infundisse segurança quanto ao pacto. Deus lhe deu o sinal, e podemos estar certos de que Abraão cresceu espiritualmente.

Os críticos supõem que as várias repetições de elementos do pacto sejam meras versões diferentes do mesmo pacto, extraídas das várias fontes informativas que teriam contribuído na compilação do Pentateuco. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.)*, quanto à teoria das fontes informativas múltiplas do Pentateuco. Não há razão, porém, para supormos que o pacto firmado com Abraão não tenha sido reiterado por mais de uma vez. Abraão recebeu, em diversas ocasiões, algum Visitante Celeste, sob forma visionária ou outra, para que tivesse a certeza quanto à orientação de Deus e Suas provisões. Foram visitas poderosas, que aumentaram sua fé e seu poder espiritual.

17.1

Noventa e nove anos. Essa experiência mística ocorreu treze anos após o nascimento de Ismael. O filho prometido (Isaque) ainda não havia sido dado. Talvez a fé de Abraão se viesse debilitando. Agora ele tinha quase cem anos de idade. Deus percebeu sua necessidade e deu-lhe uma experiência que renovou a sua fé na promessa divina.

O Senhor. Ou seja, *Yahweh* (ver sobre esse nome no *Dicionário*). O Senhor eterno, Fonte de toda vida, em nada se sentiu obstaculizado pela passagem de alguns poucos anos. Suas promessas têm um cronograma certo, e aquilo que nos parece adiamento é algo apropriado para realização do plano de Deus.

E disse-lhe. O vs. 3 deixa claro que Abraão não ouviu simplesmente uma voz. Antes, recebeu outra visita celeste. Cf. Gên. 15.12 ss. Naquela ocasião, esteve envolvida uma visão (15.1). A visita celeste pode ter sido uma das aparições do Logos no Antigo Testamento; uma *teofania* (ver a esse respeito no *Dicionário*); ou uma visita do anjo do Senhor, como sucedeu no caso de Hagar (16.9 ss.). Alguns intérpretes pensam estar aqui em foco uma alegoria. O autor sagrado teria apenas apresentado uma boa história, com alguns recursos literários, mas não quisera dar a entender uma aparição real de Deus. Mas essa interpretação não se ajusta ao nosso texto.

O Deus Todo-poderoso. No hebraico, *El Shaddai*. Não se sabe com certeza o significado da combinação (com El, "força" "poder"), pelo que há um certo número de interpretações, a saber:

1. Alguns pensam que *shaddai* é um termo cognato do acádico para "seios". Isso significaria, metaforicamente, que Deus é que nos *supre* as nossas necessidades, visto que com os seios a mulher alimenta seu infante. Nesse caso, o *Poder (El)* agora viera para *suprir* todas as necessidades de Abraão. Os críticos fazem-nos lembrar das deusas de muitos seios das culturas pagãs, supondo que tenhamos aqui um reflexo de alguma deusa cananéia cujo nome foi aqui tomado por empréstimo, para tornar-se um dos nomes de Deus. O termo hebraico *shad*, "seio", pode ser cognato do acádico. Essa palavra é usada, com freqüência, para indicar esse órgão feminino (Gên. 49.25; Jó 3.12; Sal. 22.9; Can. 1.13; Eze. 16.7). Deus, pois, seria encarado como Ser poderoso, aquele que satisfaz aos "infantes espirituais". Ou Ele ter-se-ia aqui mostrado *todo-suficiente* para todas as nossas necessidades. Ele tanto enriqueceria quanto tornaria frutífero o crente, e essa teria sido a própria intenção do Pacto Abraâmico.
2. Alguns estudiosos sugerem que a palavra significa "ser poderoso a ponto de avassalar". Então estaria em pauta a idéia de Deus poder ultrapassar qualquer obstáculo, mediante Seu poder inerente.
3. Ainda outros pensam na idéia de *toda-suficiência*. O Logos criou e sustenta tudo, dando significado a todos os aspectos da vida.
4. Essa palavra derivar-se-ia do hebraico *shadah*, "derramar", indicando a idéia de *abundância* de suprimento e de forças que Deus proporciona. Ele daria aos crentes de maneira rica e abundante. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*.

Anda na minha presença, e sê perfeito. O Pacto Abraâmico foi firmado unilateralmente, ou seja, era incondicional. Não obstante, seus beneficiários precisavam manter uma correta condição espiritual e uma conduta correta. O ato de *andar* é uma metáfora bíblica usual para indicar a *conduta*. O ato de andar consiste em uma série de passos, e o próprio ato de andar consiste em uma série de meias-quedas, mas que o passo seguinte não permite que cada queda se complete. Há um detalhado artigo sobre essa metáfora do *andar* no *Dicionário*. O andar do crente deve ser "na presença de Deus", o qual observa e requer o melhor de cada crente, e que se mantém sempre alerta a fim de ajudá-lo a prosseguir.

Quanto ao ato de andar, a mesma palavra é usada aqui como o foi usada no caso de Enoque, o qual andava com Deus (Gên. 5.22). E Noé foi descrito como homem perfeito e justo. A Abraão foi ordenado que manifestasse essas mesmas virtudes espirituais.

Perfeito. Toda perfeição humana é relativa. No entanto, esse é o alvo da vida cristã: obter a própria perfeição divina, posto que em proporções finitas. Está em pauta mais do que a maturidade espiritual. Convém que nos tornemos perfeitos como nosso Pai celeste é perfeito, quanto à natureza metafísica e quanto às perfeições morais. Ver no *Dicionário* os artigos *Perfeito*, *Perfeccionismo* e *Maturidade*.

17.2

Farei uma aliança. Ver as explicações sobre o Pacto Abraâmico, nas notas sobre Gên. 15.18.

Te multiplicarei. Essa é uma das promessas do Pacto Abraâmico, que seria cumprida através do Filho prometido, o qual, entretanto, se demorava tanto a chegar. Agora Israel deveria surgir em cena como uma nação, ainda que outras nações também se derivariam de Abraão. Todavia, Israel produziria a grande revelação contida no Antigo Testamento, tornando-se a nação mestra do mundo. E então, como descendente de Abraão, o Messias chegaria e tornaria realidade o lado espiritual do pacto, que visava a beneficiar a todas as nações. Assim sendo, apareceria uma raça espiritual, não limitada pela descendência humana, natural (Gál. 3.13,14; 5.19-31).

No tocante ao verbo "fazer", que aparece no começo deste versículo, em nossa versão portuguesa, comentou Ellicott *(in loc.)*: "Em Gênesis 15.18 a palavra hebraica significa cortar, indicando que as vítimas deveriam ser divididas: mas aqui a palavra hebraica significa pôr, refletindo um ato gracioso da parte de Deus. Abraão havia esperado por vinte e cinco anos depois de ter deixado Ur-Chasdim, e mais catorze ou quinze anos desde a ratificação do solene pacto entre ele e Yahweh (15.17); mas agora, finalmente, tinha chegado o tempo do cumprimento da promessa".

17.3

Prostrou-se Abrão, rosto em terra. Por motivo de temor, estando ele defronte do Anjo, da teofania ou de alguma outra manifestação visível da presença divina. Cf. Gên. 15.1. O *temor*, por muitas vezes, faz parte das elevadas experiências espirituais, sobre o que comento, na referência dada. "O método oriental de as pessoas prostrarem-se era como segue: a pessoa primeiramente ajoelhava-se, então inclinava a cabeça até a altura dos joelhos, e então tocava na terra com a testa. Era uma postura bastante dolorosa, mas indicava grande humilhação e reverência" (Adam Clarke, *in loc.*). Naturalmente, Abraão, em seu temor e admiração, provavelmente não seguiu nenhum padrão fixo pelos costumes da época.

E Deus lhe falou. O autor de Gênesis por várias vezes pinta Deus a falar com seres humanos, o que podemos interpretar em sentido alegórico ou metafórico, ou mesmo realmente, através do Logos, que aparecia no Antigo Testamento de forma ocasional, ou também mediante uma teofania ou através do Anjo do Senhor. Experiências místicas de alto nível mostram que uma voz podia fazer parte da experiência. Algumas vezes, a mensagem é entendida sem nenhuma palavra ser ouvida, mediante telepatia ou discernimento interior. Mas de outras vezes há uma voz audível. Cf. a fala de Deus com Abraão e os incidentes que envolveram Adão e Eva (Gên. 2.16); Caim (Gên. 4.9); Noé (Gên. 8.15; 9.8) e Hagar (Gên. 16:8-12).

17.4

Será contigo a minha aliança. Deus mostrou-se gracioso ao estabelecer esse pacto, e era fiel para mantê-lo. O pacto foi firmado com Abraão, que estava prestes a começar a dele beneficiar-se.

Pai de numerosas nações. De Israel (que logo teria início), dos ismaelitas e dos idumeus. Mas Israel viria através de Isaque, o filho prometido; e de Israel viria o Cristo, o Pai espiritual de todos os homens de fé, sem importar sua origem racial. Ver Gên. 25.1-4, onde são arroladas as nações que descendem de Abraão, nada menos de dezesseis, todas elas através de Quetura, a segunda esposa de Abraão.

17.5

Abrão. Essa palavra significa "pai exaltado" ou "pai elevado", dando talvez a entender que Abrão descendia de uma linhagem real.

Abraão. "Pai de uma multidão", dando a entender as muitas nações que procederiam dele (vs. 4). Mas muitos eruditos acreditam que novamente estamos envolvidos aqui em uma etimologia popular e que não há diferença no sentido dos nomes, embora "fazer uma diferença" veio a tornar-se uma diferença do ponto de vista espiritual. No *Dicionário* forneci um detalhado artigo sobre *Abraão*. O nome mais longo entrou em uso a partir deste ponto em Gênesis, olhando para o cumprimento breve da provisão necessária do Pacto Abraâmico, isto é, o Filho prometido. As nações agora começariam a nascer como descendentes de Abraão. O nome dele foi alterado quando ele estava com noventa e nove anos de idade, o que parecia ser um tempo não muito propício para ele surgir em cena como pai potencial de uma numerosa posteridade.

Maimônides ofereceu-nos um belo comentário sobre o presente versículo: "Eis que ele é o pai do mundo inteiro, reunidas todas as nações sob as asas da glória shechinah".

17.6

Far-te-ei fecundo extraordinariamente. Nos poderes procriativos, de tal modo que várias nações começariam a partir de seus descendentes imediatos, e, naturalmente, entre eles, haveria grandes homens valorosos, reis e outras pessoas de renome. Abraão, por meio de Sara, gerou Isaque, progenitor de Jacó, que deu início ao povo de Israel. Mas, mediante Quetura, ele gerou seis filhos, os quais, por sua vez, geraram outros, tornando-se assim Abraão ancestral remoto de dezesseis nações. Podemos, pois, computar Israel, Judá, os midianitas, vários povos árabes, os idumeus, os sarracenos e várias tribos da Turquia atual. Ismael produziu doze príncipes. E, naturalmente, em um sentido espiritual, todas as nações são filhas de Abraão, mediante a agência do Messias, seu Filho maior, através de Isaque.

17.7

Estabelecimento do Pacto. Ver notas completas sobre o Pacto Abraâmico em Gên. 15.18. E, no *Dicionário*, ver o verbete intitulado *Pactos*. O pacto foi uma autodeterminação de Deus, um propósito universal que tinha Abraão como centro, que serviria de agente iniciador. A condição da circuncisão foi imposta, e isso pode ser tido como uma circunstância bilateral. Ver o vs. 11 deste capítulo quanto a essa condição, a qual se tornou um sinal. Todavia, não devemos considerar a circuncisão uma obra humana, mas apenas um "sinal". Não obstante, foi um sinal absolutamente necessário, conforme qualquer judeu ansiaria por nos informar.

Aliança perpétua. Não há aqui nenhuma informação sobre a dimensão espiritual do pacto que estenderia seus benefícios ao mundo dos espíritos, para depois da morte biológica. De fato, não há declaração no pacto, em todo o Antigo Testamento, que fale sobre essa dimensão, e o termo perpétua significa que a aliança prosseguiria enquanto a nação de Israel existisse, o que, podemos supor, será *ad infinitum*. Foi o Filho maior de Abraão, o Messias, que trouxe a dimensão eterna (espiritual) do Pacto Abraâmico. Ao próprio Abraão não foi prometida, no pacto, vida para além do túmulo. E não parece que a vida eterna fizesse parte integral da teologia dos hebreus, senão já na época dos Salmos e dos Profetas. Mas talvez o fato de que o homem foi criado à imagem de Deus (Gên. 1.26,27, onde ver as notas a respeito), e também o fato de que Enoque andava com Deus e foi arrebatado, sem passar pela morte física, fossem elementos no desenvolvimento da doutrina da imortalidade da alma. Ver Gên. 5.24 quanto ao caso de Enoque. Naturalmente, os intérpretes judeus posteriores e os intérpretes cristãos injetam nessas passagens, como aquela que temos diante de nós, a idéia da espiritualidade eterna, a idéia da salvação da alma, por meio do Messias; mas, na época de Abraão, essa noção pode ser considerada um anacronismo. Apesar da falta de alusões antigas, o pacto sempre incluiu a dimensão espiritual. Todavia, essa dimensão só veio a ser entendida e expressa bem mais tarde. O propósito maior do Pacto Abraâmico era trazer à existência uma nação especial, Israel, e, dela, o Messias, que garantiria as aplicações espirituais do pacto. Mas foi preciso tempo para que houvesse a revelação sobre essa dimensão do Pacto Abraâmico.

Idéias Inerentes aos Pactos:

1. Deus é o iniciador dos pactos dotados de importância espiritual.
2. Esses pactos dependem do propósito e do poder de Deus.
3. Os pactos são interpretados do ponto de vista da mente divina, e não de acordo com o nosso entendimento. Nosso conhecimento sobre os pactos pode ir aumentando. A teologia é uma ciência que evolui.
4. Os pactos de Deus anulam ou subordinam todos os pactos de origem meramente humana. Nossa responsabilidade primária é diante de Deus.
5. Deus assegurou que o pacto não falharia e abrangeria a todos, em todos os tempos. O Pacto Abraâmico visava ao tempo todo, por ser perpétuo, e envolvia provisões e implicações crescentes.

17.8

Dar-te-ei. . . a terra. Eis outra provisão do pacto. Israel precisava de um território. Ver as notas sobre Gên. 15.18 onde a narrativa fala sobre as dimensões gerais da terra que Deus prometeu a Abraão. Ver Sal. 105.44,45, onde a posse da terra é considerada uma coisa necessária, se Israel tivesse de manter os estatutos de Deus e observar as Suas leis. A idéia do povo escolhido não podia mesmo ser uma idéia abstrata. Era mister concretizá-la em uma pátria específica, em uma comunidade, em um governo instituído. O povo dessa nação teria de ser ímpar entre as nações, a fim de que o propósito divino pudesse operar por meio dele e não fracassar. O território seria um centro de operações, visando a esse propósito. Haveria um governo, uma lei, um culto religioso, sacerdotes e profetas, que guardassem e propagassem a crescente revelação divina, registrando-a em livros que se tornassem uma herança literária.

Tuas peregrinações. Abraão começou sua carreira em Canaã como mero peregrino em terra estrangeira. Mas logo os seus descendentes seriam os nativos daquele território, porque toda aquela terra pertenceria ao povo de Israel.

Terra de Canaã. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo chamado *Canaã, Cananeus*.

Em possessão perpétua. O imperador romano Adriano expulsou os judeus da Terra Prometida, em 132 D. C. Expulsões ainda anteriores tinham causado muitas dificuldades. Ver no *Dicionário* os verbetes *Cativeiro (Cativeiros)*; *Cativeiro Assírio* e *Cativeiro Babilônico*. As dez tribos do norte, Israel, nunca mais voltaram. As tribos do sul, Judá, retornaram após setenta anos. A partir de então, somente "judeus" no sentido estrito da palavra, ou seja, descendentes da tribo de Judá, deram continuação a Israel como uma nação. Mas Adriano fez um trabalho completo. Tanto assim que Israel foi disperso dali para "nunca mais" retornar, senão já em nossos dias (em maio de 1948), em um retorno que ainda não se completou. Assim, por algum tempo, parecia que a Terra Prometida se havia perdido para sempre. Mas um milagre está restaurando a Terra Prometida a seus legítimos proprietários, os descendentes de Abraão por meio de Isaque.

E serei o seu Deus. O Pacto Abraâmico foi uma idéia e uma iniciativa tomada por Deus, e Ele mesmo era a garantia do pacto. O poder divino paira sobre esse pacto e o torna operante. Era e continua sendo uma instituição divina, que fomenta o culto divino e a verdadeira espiritualidade. Cf. Gên. 21.33. Ali Deus é chamado "eterno". Nessa qualidade, Ele tem injetado o elemento da eternidade no Pacto Abraâmico.

17.9

Guardarás a minha aliança. O Pacto Abraâmico deveria estar sempre diante de Abraão, em sua mente e em seu coração; para ele, suas provisões espirituais deveriam ter a prioridade; e ele receberia o sinal do pacto, que era a circuncisão (ver o vs. 10, que parece estar em foco neste versículo, por antecipação).

A Família. A célula familiar deveria ocupar o primeiro lugar na consubstanciação desse pacto, porquanto o sinal era de pai para filho, dentro da unidade da família. Consideremos estes sete pontos:

1. Abraão receberia instruções espirituais, transmitindo-as aos seus descendentes (Deu. 6.6,7).
2. O pacto teria uma importância capital na vida diária. Abraão transmitiria o devido conhecimento a seus filhos (e estes, por sua vez, aos seus filhos). A pior coisa que um pai pode fazer é conhecer os ensinos bíblicos, mas não transmiti-los a seus filhos.
3. A espiritualidade de Abraão serviria de inspiração a todos os seus descendentes. Um pai deve três coisas a seus filhos: Exemplo, exemplo, exemplo! Ver Deu. 6.7 acerca desse ensino contínuo dos filhos quanto às realidades espirituais.
4. Um pai deve ser uma figura dotada de autoridade aos olhos de seus filhos, para que estes recebam a orientação apropriada e não se deixem corromper pelas más influências do mundo. Um pai deve instilar em seus filhos os valores espirituais. Filhos indisciplinados podem frustrar o propósito da educação espiritual. As crianças geralmente assistem a programas televisivos por muitas horas diárias, mas pai e mãe lhes dão tão pouca instrução valiosa quanto a questões religiosas ou outras.
5. *As ervas daninhas do jardim.* Alguns pais permitem que cresçam ervas daninhas no jardim do coração de seus filhos. Alguns pais chegam a opinar que a educação moral e religiosa deveria ser adiada para quando os filhos já tiverem atingido uma certa idade. No entanto, quando um homem cultiva um jardim,

ele o mantém livre de ervas daninhas *desde o começo*, pois de outra sorte jamais tornar-se-á um verdadeiro jardim. Ou alguém cultiva o seu jardim, ou não obterá resultados positivos. Os pais devem ter as forças e a sabedoria para *cultivarem* seus jardins preciosos — a vida de seus filhos.

6. Há os mais diferentes desvios, e as crianças podem desviar-se por veredas da malignidade. No entanto, dizem as Escrituras: "Este é o caminho, andai por ele" (Isa. 30.21).
7. *O plano.* As crianças são forçadas a seguir na vida certos planos obrigatórios de educação, nas escolas públicas ou particulares. No entanto, na plana espiritual, os pais negligenciam quaisquer planos específicos com vistas ao desenvolvimento espiritual de seus filhos. Isso exibe falta de sabedoria, resultando em grande prejuízo para as crianças. O povo de Israel nada seria, não fora a insistência sobre o ensino e sobre a força do exemplo dos pais, que transmitiam suas tradições religiosas a seus filhos.

O Sinal do Pacto: a Circuncisão (17.10-14)

Ver as notas sobre o Pacto Abraâmico, em Gên. 15.18. E, no *Dicionário*, o verbete intitulado *Batismo Infantil*.

O Pacto Abraâmico foi uma iniciativa essencialmente divina, unilateral e incondicional. Contudo, havia essa condição da circuncisão. Esta serviria de sinal. Todavia, os teólogos judeus não demoraram a tornar a circuncisão um ponto essencial, e intérpretes posteriores (até mesmo alguns cristãos) chegaram a dizer que a circuncisão é necessária para a salvação da alma, um exagero (Atos 15.1-5). Além disso, alguns antigos cristãos transformaram o batismo em água em algo mais do que um sinal, tornando-o imprescindível à salvação. Os homens sempre acham difícil distinguir a substância de seu mero sinal, pois pensam que o sinal é a substância da verdade. Não é provável que Abraão tenha sido o primeiro homem a ser circuncidado. Essa é uma questão que vem desde os tempos mais remotos, de antes da época de Abraão. Mas o rito foi aplicado a ele como um sinal de que participava do pacto com o Senhor.

Alguns críticos opinam que, visto que a circuncisão envolve o órgão masculino da reprodução, provavelmente esse rito se originou nos cultos de fertilidade, de desconhecida antigüidade. Seja como for, sabemos que a circuncisão era largamente praticada nas religiões semíticas primitivas. E os egípcios também a praticavam. O termo *incircunciso* veio a ser aplicado aos povos não-semitas, como os filisteus (I Sam. 17.26,36; 18.25-27; II Sam. 1.20). Originalmente, a operação era efetuada durante a puberdade e servia de rito de iniciação, quando o garoto assumia plenas responsabilidades religiosas e civis, entrando assim no estado adulto. Ver Jos. 5.2,3,8,9, que sugere que Josué, de maneira especial, tornou a circuncisão um dever obrigatório em Israel. Infantes eram circuncidados desde os tempos mais antigos, conforme fica entendido em Êxodo 4.25.

Em Êxodo 4.24-26 achamos uma curiosa passagem acerca desse rito. Moisés tinha-se esquecido da necessidade da circuncisão. Assim, o poder divino ameaçou tirar-lhe a vida, por causa dessa negligência. Mas sua esposa, Zípora, salvou-lhe a vida, realizando apressadamente o ato da circuncisão no próprio filho do casal. Alguns estudiosos pensam que as palavras "aos pés de Moisés", que figuram nesse texto, provavelmente são um eufemismo para as partes genitais. Assim sendo, Moisés teria sido salvo mediante uma circuncisão vicária. Esse episódio permite-nos entender algo da importância da questão em Israel. No Dicionário apresento um artigo detalhado sobre a *Circuncisão*, que destaca vários outros fatos. Esse verbete vincula a questão ao Pacto Abraâmico, como também, de modo geral, a Israel e a outras nações. Os estudiosos da teologia histórica dos judeus informam-nos que o mandamento acerca da circuncisão só perdia em importância diante do sábado, na hierarquia de valores dos hebreus.

17.10

Todo macho. . . será circuncidado. No vs. 11 essa operação é chamada de "sinal de aliança entre mim e vós". Ver os comentários *no Dicionário* a esta seção, anteriormente, bem como, no *Dicionário*, o artigo intitulado *Circuncisão*.

O Valor dos Sinais. Os homens transformam os sinais na essência que eles simbolizam. ". . .um rito como a circuncisão pode ter um vasto poder em favor do bem, pois leva o indivíduo ao campo magnético das sugestões e das influências, que impressionam mais do que a nua verdade simbolizada. Isso sucede no caso dos sacramentos de todas as religiões. A dificuldade é que o rito pode perder sua força de inspiração, quando se reduzir a uma forma tradicional que perdeu todo o significado. Ou seu suposto significado pode cristalizar-se tanto e tornar-se algo meramente pró-forma, que fica paralisado todo crescimento e expansão do espírito. Era isso que tendia por acontecer no judaísmo" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*). Ver Mateus 3.9 quanto a uma afirmação desse sentimento. Não basta ter Abraão como "pai" histórico, no sentido físico. Cada indivíduo deve ter sua própria (e genuína) espiritualidade.

"Deus Todo-poderoso, que fizeste Teu Filho bendito ser circuncidado e ser obediente à lei, em lugar do homem, concede-nos a verdadeira circuncisão do Espírito, para que nossos corações e todos os nossos membros, sendo mortificados de toda concupiscência mundana e carnal, nos leve a obedecer em todas as coisas à Tua bendita vontade" (*Livro de Oração da Comunidade Anglicana*).

"A propriedade da circuncisão servia de sinal da entrada no pacto, e especialmente em um pacto onde somente filhos eram admitidos, consistia no fato de ser um emblema do novo nascimento, mediante o despojamento do velho homem e da dedicação do novo homem à santidade. A carne era posta de lado, a fim de que o espírito fosse fortalecido. E a mudança do nome Abrão e (posteriormente) de Sarai, tipificou essa mudança de condição. Eles tinham nascido de novo, e precisavam receber um novo nome" (Ellicott, *in loc.*).

Heródoto (II, 104) descreveu a circuncisão praticada entre os egípcios. Os críticos pensam que Abraão pode ter herdado deles a idéia, durante sua peregrinação naquele país (Gên. 12.10 ss.). Parece que, naquela nação, o rito limitava-se aos sacerdotes, conforme Orígenes pensava (Epis. ad Rom. 2.13). Parece que os etíopes e os sírios aprenderam a prática da parte dos egípcios. É evidente que a Heródoto faltavam informações sobre o rito entre os hebreus. Ele não sabia tudo. Alguns eruditos supõem que os próprios egípcios tenham aprendido o rito da parte de José, filho de Jacó, o que fica entendido por um de seus lexicógrafos (Baal Aruch in Rad. fol. 91.1).

17.11

Ver a introdução às notas sobre o vs. 10 quanto a informações sobre a circuncisão, como também o verbete a respeito, no *Dicionário*.

"Mediante esse símbolo, Deus impressionou-os com a impureza da natureza e com a dependência a Deus para a produção de toda forma de vida. Eles deveriam reconhecer e lembrar que: a. toda impureza nativa deve ser rejeitada, sobretudo no casamento; b. a natureza humana é incapaz de gerar a semente prometida. Os israelitas que se recusassem a deixar-se cortar fisicamente desse modo, seriam cortados (separados) dentre o povo (vs. 14), por motivo de desobediência ao mandamento de Deus" (Allen P. Ross, *in loc.*). E assim, essa operação tornou-se emblema de separação pessoal e de distinção entre aqueles que pertenciam e aqueles que não pertenciam ao pacto. O termo é usado em sentido metafórico em Deuteronômio 30.6 onde lemos sobre corações circuncisos. Paulo usou essa metáfora (Rom. 2.28,29; cf. Rom. 4.11). A incredulidade é como ter o coração incircunciso (Jer. 9.26; Eze. 44.7-9).

Causas Originais da Operação. É provável que os antigos tivessem consciência de enfermidades e infecções causadas nos homens que não eram circuncidados. A lavagem diária elimina tais problemas, mas aqueles que não se higienizam devidamente vivem com problemas. A circuncisão, pois, é uma boa medida de higiene, sendo possível que a causa original da circuncisão tenha sido o desejo de não ser vítima de certas doenças físicas. Daí não foi difícil pensar na saúde espiritual, e a operação tornou-se um rito religioso que fala de higidez ou higiene espirituais, de santificação e separação de qualquer causa que provoque enfermidades espirituais.

A carne do vosso prepúcio. Aquela parte do pênis que recobre a ponta, a qual, se não for higienizada diariamente, cobre-se de bactérias que causam infecções. Essa parte ofensora, pois, precisava ser cortada fora. Assim, essa pequena cirurgia tornou-se um sinal do Pacto Abraâmico para os israelitas. A santificação é vital à espiritualidade; separar-se do pecado é vital à espiritualidade.

Às vezes, a separação degenera no fanatismo e no exclusivismo. Muitos fariseus eram pessoas preconcebidas, embora circuncidadas. Qualquer bem pode degenerar em mal. Os prisioneiros da mente são prisioneiros e merecem nossa compaixão, como qualquer outro prisioneiro. A separação pode degenerar em legalismo. Neste caso, a lei reina; o espírito se estiola. Esse rito, como qualquer outro, pode degenerar em algo fraudulento. O sinal externo é transformado na essência da religião, conforme se vê em certas interpretações cristãs que dos memoriais fazem sacramentos.

17.12

O que tem oito dias. Dentro da fé dos hebreus, a circuncisão, que entre outros povos era efetuada durante a puberdade, para iniciar um rapazinho na vida adulta e na plena responsabilidade, dentro de sua comunidade, tornou-se um rito infantil.

Por Que Oito Dias? O infante acabara de passar por uma crise, a crise do parto. Que descansasse e obtivesse alguma força. Mas oito dias seriam o suficiente. E então que fosse circuncidado. A legislação levítica considera um menino impuro até aquele dia (Lev. 12.2,3). Mas o infante, agora cerimonialmente purificado, era separado para sua fé e para o seu Deus, através desse ato. Idéias assim tentam ser copiadas hoje em dia por aqueles que crêem no batismo infantil. Ver no *Dicionário* o verbete *Batismo Infantil*. Nenhum animal era oferecido a Deus, antes de seu oitavo dia de vida, pelas mesmas razões (Lev. 22.27).

Aqueles que devem saber informam-nos que nessa tenra idade a circuncisão não é muito dolorosa, e que a dor vai aumentando com a idade. Maimônides explicava que é bom realizar a operação na infância a fim de que esse dever não seja esquecido ou negligenciado na mente ou nos atos. Alguns cânones judaicos permitiam o adiamento da operação por alguns poucos dias, talvez até o décimo segundo dia, mas não mais do que isso (Misn. Eracin. c. 2 sec. 2). Alguns pensavam que o dia exato dependia de ser ensolarado ou não. Quando o sol brilhava, então o rito era realizado (Schulchan Aruc. c. 262, sec. 1; Maimon Hilchot Milah, c. 1, sec. 3).

Todos os infantes masculinos de lares hebreus eram circuncidados. Isso incluía filhos naturais e filhos de escravos, tanto daqueles nascidos na casa como daqueles adquiridos a dinheiro, e também servos de qualquer categoria, mesmo que fossem livres mas prestassem algum serviço. Um servo ou escravo adulto que não quisesse ser circuncidado, não era forçado a sê-lo; mas nesse caso, tinha de ser despedido, pois no círculo de uma família hebréia não podia ficar homem que não fosse circuncidado. Destarte, o círculo inteiro da família era separado para o Senhor, sem importar a raça a que pertencesse aquela pessoa.

17.13

Este versículo repete, para efeito de ênfase, os requisitos que já tinham sido mencionados no versículo anterior. O círculo inteiro da família, sem importar como algum membro chegou a fazer parte dela, sem importar se por nascimento natural ou por ter sido comprado como servo ou escravo, e, segundo podemos presumir, se chegou ali como prisioneiro de guerra, todos deveriam submeter-se a esse rito. Nisso se vê uma união e uma santificação simbólica, na esperança de que cada um seria leal à fé dos hebreus, criando assim uma unidade espiritual equivalente à unidade simbólica.

Será aliança perpétua. Isso reitera o vs. 7, onde a questão é anotada. A ordem natural das coisas era a de que o pai ou a mãe efetuassem o rito, ao passo que os escravos eram circuncidados por seus respectivos genitores, se os houvesse, ou, então, por alguém nomeado para isso, como o mordomo principal da casa. Se o sistema familiar falhasse, então os magistrados da família realizariam a operação. Um homem podia realizar ele mesmo a operação, se falhassem outros métodos e se já tivesse chegado à idade adulta.

Os escravos não eram libertados ao receberem o sinal do pacto, mas eram mais considerados a partir dali, por terem sido então incorporados ao círculo da fé.

17.14

A Penalidade e a Ameaça. Nenhum homem podia ficar entre o povo hebreu, por qualquer longo período de tempo, se não fosse circuncidado. Todos os cidadãos e residentes permanentes tinham de ser circuncidados, sob pena de ser cortados, ou seja, separados, enviados para o exílio, enviados para alguma nação pagã, etc. Não eram excluídos, mas eram banidos.

A Lição Moral da Circuncisão. A santificação é indispensável para a espiritualidade. Não pode haver transformação metafísica, segundo a imagem de Cristo, sem a santificação. Trata-se de um *sine qua non* do desenvolvimento espiritual. Ver no *Dicionário* o artigo sobre a *Santificação.*

Em tempos posteriores, chegou-se a pensar que um menino que não fosse circuncidado também ficaria sem salvação no mundo vindouro. Mas essa idéia não surgiu nos dias de Abraão, visto que, dentro da fé hebraica, a noção da salvação da alma só se tornou clara muito depois de seus dias. Dentro da era cristã, essa noção doentia também é aceita por alguns, sob a forma de que um infante não-batizado, se vier a morrer, irá para o limbo, ao passo que um adulto não-batizado irá para o inferno.

Castigos Temporais. O homem que negligenciasse circuncidar seu filho, ou que não se submetesse pessoalmente ao rito, embora tendo oportunidade para isso, seria castigado por Deus, e não meramente por ser banido, conforme pensava a mentalidade judaica. Ficaria sem filhos ou sofreria uma morte prematura (Talmude: Tract. Yebam, 55). Essa punição temporal, com a passagem do tempo, foi ficando cada vez mais severa, a ponto de o culpado ficar queimando no inferno, segundo pensavam os judeus.

Renovação da Promessa de um Filho (17.15-22)

O filho prometido não seria nem *Eliezer* (15.2) e nem *Ismael* (16.11). Esses teriam seus respectivos destinos, e Deus estaria com eles. Mas o filho prometido (Isaque), de quem descenderia o povo de Israel e por meio de quem surgiria a nação (e a linhagem de Abraão), seria *filho de Sara.* Isso requeria que o nome dela fosse mudado. E assim sucedeu, de *Sarai* para *Sara.* Portanto, temos aqui uma provisão especial para o cumprimento das condições do Pacto Abraâmico, o que comentamos em Gên. 15.18.

O nome Abrão foi substituído por Abraão (Gên. 17.5), e Sarai foi substituído por Sara. Nomes novos indicavam novas circunstâncias que agora surgiriam, um novo passo no desenvolvimento do pacto: uma nova intervenção divina nas atividades dos homens. Deus criou; Deus cuida; Deus intervém; Deus galardoa; Deus pune. Esse é o Deus do teísmo, e não o Deus do deísmo. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Teísmo* e *Deísmo.*

17.15

De Sarai para Sara. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado *Sarai, Sara.* Sarai significa "minha princesa" ou "principesca", e Sara quer dizer "princesa". Mas alguns eruditos vêem em Sarai o plural, *princesas,* ao passo que Sara seria o singular, *princesa,* ou seja, *aquela* por meio de quem nasceria o filho prometido por Deus. Sara tornou-se a princesa absoluta, pois dela descenderia toda a linhagem real, que culminaria no Rei dos reis.

A mudança de nome não significou somente que ela tinha sido admitida ao pacto. Mas mostrou que ela seria uma personagem importante no seu cumprimento.

17.16

Abençoá-la-ei. Especialmente por torná-la fértil uma vez mais, depois que se tornara estéril (Gên. 11.30). Agora ela daria a Abraão o filho tão ansiosamente antecipado. Essa era a maior de todas as bênçãos que Sara ou Abraão poderiam ter esperado. E essa promessa (de acordo com os padrões humanos), demorou muito a ter cumprimento.

Tipos. Os intérpretes católicos romanos vêem em Sara um tipo da bendita *virgem Maria.* O apóstolo Paulo, porém, comparou-a com a futura *Jerusalém celestial* a mãe dos descendentes espirituais de Abraão, ou seja, da Igreja, a comunidade espiritual (Gál. 4.22 ss., especialmente o vs. 26). Todas as mulheres fiéis e santas são chamadas de *filhas* de Sara.

Ela se tornará nações. Israel com suas doze tribos, os descendentes de Esaú (neto de Sara), e os descendentes espirituais de Abraão, recolhidos dentre todas as nações.

Reis de povos procederão dela. Da *Princesa* descenderiam princesas, príncipes e reis, a linhagem real de Israel, e, finalmente, o próprio Rei dos reis.

17.17

Então se prostrou Abraão, rosto em terra. Não de espanto diante do Comunicador da mensagem, como em outras ocasiões (Gên. 17.3), mas dessa vez rindo-se. Tão grande era o seu riso que ele perdeu o controle muscular e caiu em terra. Ele não disse em voz alta o que subira em sua mente, quanto à *natureza ridícula* da promessa divina. Mas pensou isso em seu coração. Com razão, os intérpretes vêem aqui um lapso de fé, pois o pacto já havia sido confirmado por muitas vezes, mediante as mais poderosas experiências místicas (ver as notas sobre Gên. 15.12 ss. e 17.3 ss.). Já havia sido informado que Eliezer não seria o seu herdeiro (Gên. 15.2), mas continuava pensando que *Ismael* seria o seu herdeiro. Talvez Abraão não tivesse entendido que o seu herdeiro seria um filho de *Sara.* E agora fora-lhe dito sem rodeios que o herdeiro seria filho carnal de Sara. Mas a promessa ultrapassava tudo quanto Abraão tinha antecipado. Mas é que, quando Deus está presente, qualquer coisa pode acontecer. Todavia, com freqüência, ficamos surpreendidos pelas Suas obras, que ultrapassam as nossas expectações. Se sucedesse somente aquilo que esperamos, esta vida não seria muito excitante.

Deus "... é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos, ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós" (Efé. 3.20).

A Idade Avançada Machuca. Quando uma pessoa envelhece, encolhem as esperanças, os poderes e até as expectações. Assim é a experiência humana. *A idade avançada machuca.* Abraão estava então com cem anos de idade, e Sara com noventa. Alguns intérpretes acreditam que ambos foram favorecidos com um *milagre* de rejuvenescimento, pelo que, em certo sentido, o caso de Sara é um tanto paralelo ao caso futuro de Maria, mãe de Jesus. Foi mister um milagre para que Sara pudesse ter filhos, e seu milagre serviu de modelo, até certo ponto, do milagre com que Maria seria agraciada.

Isaque (vs. 19). Esse nome significa "riso". Portanto, foi com base na circunstância que ora presenciamos que lhe foi dado o nome.

Desculpando Abraão? Alguns estudiosos pensam que Abraão riu-se aqui de pura alegria, a qual foi tão avassaladora que ele caiu por terra. Mas o versículo à nossa frente não dá margem a essa interpretação. Abraão mencionou a grande idade dele mesmo e de Sara, não a fim de dizer que, porque seria vencida essa barreira, ele se alegrava tanto. Antes, ele caiu por terra devido à incredulidade.

Referindo-se a Salmos 103.5, comentou John Gill (*in loc.*): "Sua mocidade foi renovada como a das águias". De fato, depois disso, Abraão foi capaz de gerar seis filhos, por meio de sua segunda esposa, Quetura (Gên. 25.1 ss.). Ver também Gên. 18.12, onde Sara riu-se diante da mesma promessa e pelo mesmo motivo.

17.18

Oxalá viva Ismael diante de ti! É como se Abraão tivesse dito: "Para que tanto trabalho? Para que toda essa tribulação? Eu já tenho um filho, a quem amo. Por que ele não poderia ser o herdeiro e filho prometido?". Abraão parece não se ter incomodado muito quando permitira que Sara perseguisse Hagar, a qual acabou sendo forçada a fugir, por causa da ira de sua senhora (Gên. 16.6 ss.). Agora, porém, ele queria enveredar pelo caminho fácil, deixando as coisas como estavam. Não lhe ocorria que Deus tinha uma idéia superior e um plano melhor. Queria facilitar as coisas. Não esperava algum milagre. Não fixou os olhos nas estrelas.

O Filho Mais Velho. É verdade que Ismael era o filho mais velho de Abraão, pelo que tinha direito de ser o seu herdeiro. Mas Isaque seria o filho primogênito *por meio de Sara*. E nisso residia o plano divino. Entrementes, Ismael teria sua própria bênção e destino (através de doze príncipes, seus descendentes), mas isso já era *outro plano*, e não *o plano* de Deus sobre o "filho prometido". A graça de Deus abrange todos os planos, portanto, quem pode queixar-se? Ver o vs. 20 quanto às bênçãos conferidas a Ismael.

Deus Ouviu o Apelo de Abraão em Favor de Ismael. E assim, tomou as devidas providências. Dessa maneira, bendito seja o nome daquele que provê para todos, embora não necessariamente da mesma maneira.

Durante treze anos Ismael vivera em companhia de Abraão, e fora o príncipe da casa. Qualquer pai que amasse seu filho haveria de fazer um apelo a Deus, em favor de tal filho.

17.19

E lhe chamarás Isaque. Apresentei um detalhado artigo sobre Isaque no *Dicionário*, pelo que aqui não dou pormenores. O nome dele significa "ele ri", referindo-se ao riso de Abraão diante da possibilidade de gerar um filho em sua idade (vs. 17). Ver também Gên. 18.12 quanto ao riso de Sara sobre a mesma questão. "Esse nome seria um memorial perpétuo do fato de que o nascimento de Isaque era uma impossibilidade natural tão grande que excitava o ridículo" (Ellicott, *in loc.*).

Os intérpretes judeus afirmam que *seis pessoas* são mencionadas no Antigo Testamento cujos nomes lhes foram dados antes do nascimento: Ismael, Isaque, Moisés, Salomão, Josias e o Messias. E o Novo Testamento adiciona a essa lista o nome de João Batista (Luc. 1.13). Algumas pessoas dão muita importância aos nomes próprios, pensando que exercem alguma influência sobre o caráter e o destino dos homens. Se isso é verdade, então não se aplica às massas humanas cujos nomes são escolhidos ao acaso, e muito repetidos. Pelo menos, porém, em alguns casos bíblicos revestiam-se de importância.

17.20

Quanto a Ismael. Este era o filho amado de Abraão e seu primogênito. Ismael não seria esquecido. Teria um digno destino e tornar-se-ia cabeça de um povo poderoso. Mas sua vereda seria diferente da de Isaque, posto que também abençoada por Deus. Achamos nisso a graça de Deus. Ver no *Dicionário* o verbete *Graça*. É minha convicção pessoal que, mesmo quanto à questão da salvação, poucos terão de ser transformados à imagem de Cristo e de compartilhar da natureza divina (Rom. 8.29; II Ped. 1.4). Mas mesmo sem a salvação, haverá uma graciosa restauração dos demais (Efé. 1.9,10), o que faz parte do mistério da vontade de Deus, sempre graciosa, sempre amorosa e poderosa. Ver o artigo intitulado *Restauração* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*.

Tipos. Os eleitos seguem Isaque; os não-eleitos, Ismael. No fim, porém, cada grupo receberá de Deus a sua bênção, posto que *diferente*. O *julgamento* nesse caso, deve ser visto como remedial, e não apenas como retributivo, conforme vemos em I Ped. 4.6. Ver esse versículo comentado no *Novo Testamento Interpretado*.

Gerará doze príncipes. E estes tornar-se-iam chefes de várias nações árabes. O trecho de Gên. 25.13-15 registra seus nomes e seus descendentes. Ismael atingiu os cento e trinta e sete anos de idade, pelo que teve uma vida longa e plena de bênçãos, incluindo os cuidados divinos por ele. Ismael era um dos filhos de Abraão; mas o pacto seria mediado por Isaque (vs. 21).

Os Doze Patriarcas. Assim como a nação de Israel procedeu de doze patriarcas, outro tanto sucedeu às nações árabes. Árabes e judeus, mais do que outros povos, têm preservado sua identidade histórica, bem como sua unidade de fé religiosa.

17.21

A minha aliança, porém. Ismael não perdeu as suas bênçãos, pois Abraão pleiteara por ele, em seu coração. Mas o Pacto Abraâmico (comentado em Gên. 15.18) viria por intermédio de Isaque, filho de Sara.

Daqui a um ano. Ver Gên. 18.14, quanto ao *tempo determinado*. Abraão ouviu essa bendita profecia. Chegara o tempo do cumprimento da promessa. Faltava agora somente *um ano*. É admirável quando um acontecimento longamente esperado finalmente faz sua aparição. A espera adoece o coração (Pro. 13.12). Mas a alegria é grande quando a promessa se *torna realidade*. Todo indivíduo que anda na vereda espiritual sabe o que isso significa.

Essa Promessa Era Especial. A profecia sobre a promessa fora especial. O pacto agora adquiriria um vívido sentido. Israel tinha sido escolhido; o plano estava funcionando; estava ocorrendo uma separação. Estava raiando uma *nova era*. A vontade de Deus opera de acordo com planos e promessas específicas. As profecias podem prever essas coisas. O capítulo vinte e um de Gênesis registra o cumprimento da promessa. O segundo versículo desse capítulo enfatiza que isso ocorreu no tempo "determinado" por Deus. O riso de zombaria transformar-se-ia em riso de alegria, conforme se vê em Gênesis 21.6.

17.22

Termina o Bendito Diálogo. Abraão e seu Deus tinham terminado outro encontro. Esses encontros sempre deixavam no ar a esperança, e também muita coisa para ser esperada. A oração é um prazer e uma demonstração de poder. O homem que se demora na vereda da oração pode esperar grandes coisas. O poder origina-se na nossa comunhão com Deus. Feliz o homem que se demora ali. Abraão ia de altar em altar (Gên. 12.7,8; 13.4,18; 22.9). Ele passou por profundas experiências espirituais (Gên. 15.12 ss.; 17.3 ss.). Ele passou por muitas experiências místicas significativas. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Misticismo*.

Cumpre-se o Requisito da Circuncisão (17.23-27)

17.23

Circuncisão Coletiva. Este versículo reitera os elementos dos vss. 12 e 13, onde comento sobre a questão de quem tinha de ser circuncidado e como. A ordem divina foi cumprida com precisão e de forma imediata (no mesmo dia em que foi baixada). Abraão mostrou-nos o caminho da obediência. Ele cumpriu a vontade de Deus sem demora, sem procrastinação. Não se assemelhou a Agostinho (que se debateu com pecados sexuais) e que disse: "Senhor, dá-me a castidade, mas não por enquanto". Ver o artigo geral sobre a *Circuncisão* no *Dicionário*. Nas notas introdutórias sobre o vs. 10, adiciono minúcias a respeito, bem como nos comentários sobre os vss. 10 e 11. Ver também as notas sobre o *Pacto Abraâmico*, em Gênesis 15.18.

Abraão foi circuncidado aos noventa e nove anos de idade; Ismael, com treze, e todos os homens de sua casa com idades variadas, sem importar se eram da linhagem de Abraão ou não. O Pacto Abraâmico inclui todas as raças ou famílias da terra. O sinal da circuncisão, assim sendo, tornou-se algo que distinguiria Abraão e sua raça das massas humanas. Neste ponto, Israel é *salientada* em termos enfáticos, embora ainda se passasse algum tempo até essa nação vir à existência. Mas há um exagero quando a circuncisão é considerada a essência mesma da espiritualidade, o *sine qua non* da salvação, conforme se via entre os fariseus que se tornaram crentes, na Igreja primitiva (Atos 15.1).

17.24

Noventa e nove anos de idade. É significativo que o sinal do pacto tenha sido dado tão tardiamente a Abraão. Nunca é tarde demais para alguém fazer a vontade de Deus. E sempre será tarde demais para desistir. Os homens, de qualquer idade que sejam, podem ser admitidos à comunhão com Deus, para que a sua vida se torne útil. Homens *de todas as idades*, naquele dia, *começaram* a participar do Pacto Abraâmico. Isso criou certa unidade entre senhor e escravos. Esse princípio desenvolveu-se melhor no evangelho (Gál. 3.28,29). Também é significativo que, nesse trecho de Gálatas, onde é frisada a *unidade* de todos os crentes em Cristo, todos eles sejam chamados descendentes espirituais de *Abraão*, de acordo com a *promessa*.

John Gill (*in loc.*) via nisso diversas lições. É possível que Eliezer, o chefe dos servos, tenha realizado o rito no caso de Abraão. Não houve pejo nem relutância diante da idade avançada. Todavia, é possível que o próprio Abraão

se tenha aplicado o rito, o que era permissível. Mas foi *Abraão* quem circuncidou Ismael, seu filho. Nisso encontramos uma lição. Os pais devem servir seus filhos em sentido *espiritual*, e não apenas prover suas necessidades físicas. A pior coisa que um pai pode fazer é ter os ensinamentos mas não transmiti-los a seus filhos. Acima de tudo, ele lhes deve *exemplo, exemplo, exemplo.*

17.25

Treze anos. Ismael tinha treze anos de idade quando foi circuncidado por seu pai. Os árabes, até hoje, circuncidam seus filhos quando eles atingem os treze anos de idade, seguindo esse antigo exemplo. Essa prática foi mencionada por Josefo (*Ant.* 1.1c 12 sec. 2). Todavia, é permitida uma certa latitude, de modo que a operação seja feita entre os treze e os quinze anos de idade. Ambrósio diz-nos que os egípcios costumavam circuncidar seus meninos aos catorze anos de idade (*De Abraham,* 1.2 c. 11 par. 266).

Batismo Infantil? O trecho de Colossenses 2.11 ss. traça um certo paralelismo entre o batismo e a circuncisão e, com base nessa e em outras circunstâncias, muitos cristãos de hoje praticam o batismo infantil. Ver no *Dicionário*, no verbete *Batismo Infantil*, argumentos pró e contra essa prática.

17.26

Este versículo repete, para efeito de ênfase, que tanto Abraão quanto Ismael, seu filho, foram circuncidados *no mesmo dia* em que a ordem divina foi dada, o que já havia sido dito no vs. 23. O cumprimento *imediato* da ordem divina, pois, é novamente comentado. Abraão não temeu àqueles que poderiam zombar dele. Sempre custa alguma coisa cumprir prontamente a vontade de Deus.

17.27

Todos os homens. Este versículo reitera o que já havia sido dito no vs. 23, onde a questão foi anotada. A vontade de Deus foi cumprida de modo *absoluto*. A maioria de nós cumpre a vontade de Deus apenas em parte. O absoluto não é atingido por muitas pessoas. E mesmo aquilo que fazemos, misturamos com elementos estranhos como pecado, orgulho e deficiência. Abraão exerceu pressão sobre *todos*, mas *não forçou* ninguém. Um homem podia repelir o rito, mas não podia continuar residindo na casa de Abraão. Sim, custava algo fazer parte daquela comunidade. O que se requer é que a pessoa se separe do mundo. Abraão, pois, foi o primeiro a dar exemplo. E então cuidou para que *seu filho* fosse circuncidado em seguida. E então seguiram-se outros membros da casa. Devemos preocupar-nos com que todos aqueles que vivem próximos de nós recebam a mensagem espiritual e se tornem discípulos do Senhor. Mas isso começa no lar.

Capítulo Dezoito

Visita do Senhor em Hebrom (18.1-33)

O nome divino *Yahweh* domina esta seção, pelo que os críticos supõem que sua fonte informativa seja *J*. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.)*. Esse artigo apresenta argumentos em favor e contra a teoria das fontes múltiplas do Pentateuco ou Hexateuco.

Visitas Divinas. Os teólogos históricos informam-nos que visitas *incógnitas* de seres divinos (anjos ou outros seres) são um motivo comum nos documentos antigos de todas as raças. Ver também Juí. 13.20,21 e 8.18 e, no Novo Testamento, Heb. 13.2 fala sobre esse fenômeno. O contexto deste último trecho é a exortação, feita pelo autor sagrado, de que devemos ser hospitaleiros, e que "seja constante o amor fraternal". Alguns daqueles que agem assim têm sido surpreendidos por notáveis aparecimentos ocasionais de visitas divinas. Os críticos supõem que tais coisas façam parte das mitologias dos povos, pois o coração humano anela por contato com esses poderes superiores e de outra dimensão. Creio pessoalmente na realidade dessas visitas, e a evidência em favor delas é abundante, mesmo em tempos modernos.

A visita divina deu início à adoração a Yahweh em Hebrom. A fé dos hebreus estava crescendo e, finalmente, tornar-se-ia a fé de Israel. Ademais, de modo mui enfático, a profecia e a certeza da chegada do filho prometido (um filho de Abraão e Sara) foram aqui repetidas. Os três visitantes divinos confirmaram o Pacto Abraâmico.

Continuamos precisando das visitas do Anjo do Senhor. Carecemos da presença divina. Não basta lermos a Bíblia e orarmos; mas como é claro, há outros modos de desenvolvimento espiritual, além das experiências místicas. Ver no *Dicionário* os verbetes *Desenvolvimento Espiritual*, *Meios do* e *Misticismo.*

18.1

O Senhor. No hebraico, *Yahweh.* Ver sobre esse nome divino no *Dicionário.* Contudo, no vs. 2 vemos *três* seres divinos. Isso tem sido explicado de vários modos:

1. Yahweh *era* os três, manifestando-se em Sua pluralidade. Alguns vêem aqui uma sugestão da doutrina da trindade, mas isso é exagerar o texto sagrado.
2. Yahweh era *uma* das teofanias, como em Daniel 3.25. Havia quatro que caminhavam entre as chamas, mas somente *um* deles era como o Filho de Deus. O trecho de Gên. 19.1 parece dar apoio a essa interpretação.
3. Yahweh teria *enviado* os três anjos ou teofanias. Ver no *Dicionário* os verbetes *Anjo* e *Teofania.*
4. Ou teríamos aqui o *Logos*, manifestando-se desde o Antigo Testamento, que teria aparecido pessoalmente entre anjos ou teofanias.
5. Os críticos pensam que o singular, *Senhor,* fazia parte de um documento, que acabou desajeitadamente combinado com os três do segundo versículo (proveniente de outro documento), e que a confusão ocorreu na compilação.
6. Os críticos e os céticos também supõem que tudo não passe de uma lenda. Eles duvidam de visitas divinas e de todas as narrativas dessa natureza.
7. Ou, então, o autor sacro escreveu em sentido metafórico e simbólico, não esperando que pensássemos em alguma visita divina concreta. Seria apenas um artifício literário. Todavia, não podemos embalar dúvidas quanto a dois pontos: a. o autor esperava que pensássemos em termos literais; e b. algumas vezes ocorrem visitas divinas. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Misticismo.*

Nos carvalhais de Manre. Ver as notas sobre isso em Gên. 13.18. Havia ali um antigo santuário e um altar, e o local, como é evidente, era importante dentro da vida espiritual de Abraão. Esse era um dos lugares onde Abraão havia erigido um altar (Gên. 12.7,8; 13.4,18; 22.9). Abraão vivia indo de um altar para outro. O santuário em Manre era um local extremamente antigo da adoração a *Yahweh.* Essa fé foi crescendo em poder, até tornar-se o maior fator isolado em Israel.

No maior calor do dia. Não houve necessidade de escuridão. A experiência teve lugar em pleno meio-dia. Foi uma experiência clara, positiva, poderosa. O texto não indica que, *a princípio,* Abraão pensou estar acontecendo alguma coisa sobrenatural. Ele viu que os estranhos se aproximavam e, em uma incomum hospitalidade oriental, logo convidou-os para que comessem com ele, lavassem seus pés etc. Mas, conforme avançamos na leitura, adquirimos a impressão de que Abraão começou a suspeitar de que Yahweh o estava visitando de alguma maneira. Ao que parece, ele ofereceu um *sacrifício* (vs. 7 ss.). No vs. 23, torna-se óbvio que Abraão já entendera que estava recebendo uma visita divina. Talvez o autor esperasse que compreendêssemos isso desde o começo.

O espírito generoso sempre recebe a sua recompensa. Algumas vezes, até uma visita divina é dada. Mas a generosidade sempre terá o seu galardão. Aquele que dá, recebe. Essa é a lei da semeadura e da colheita, a qual sempre funciona. Todos os homens espirituais têm confirmado isso por si mesmos, *reiteradamente.* Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Amor.*

Propósitos da Visita Divina. Confirmar o Pacto Abraâmico e anunciar o julgamento de Sodoma e cidades vizinhas. *Dois anjos* prosseguiram para dizer a Ló que saísse de Sodoma (cap. 19).

À Porta da Tenda. Abraão estava à entrada de sua tenda, na canícula do dia, refrigerando-se, porquanto fica muito quente no interior de uma tenda. As atividades comuns de repente foram substituídas por uma atividade deveras incomum. O humano fundiu-se com o divino. Autores judeus afirmaram que corria o terceiro dia após a circuncisão, mas as tradições, com frequência, adicionam detalhes não-confirmados a uma boa história.

18.2

Eis. Talvez essa pequena palavra, como alguns intérpretes supõem, seja o bastante para introduzir diante de nós o elemento sobrenatural da narrativa. Abraão nem os viu aproximando-se. Mas *eis* que, de repente, eles simplesmente estavam lá!

Abraão correu ao encontro deles, em uma ansiedade difícil de explicar, a menos que não tenha percebido nada de incomum. E também *prostrou-se diante deles,* ao estilo oriental, um ato de autodepreciação que assinala muito daquela sociedade, mas que o autor sagrado pode ter usado para indicar que Abraão *reconheceu* que aquela não era uma visita usual. Cf. Gên. 23.7; I Sam. 24.8; II Sam. 14.4; I Reis 1.31.

"Quando alguém acolhe outra pessoa com calor humano, pode estar mais perto do que pensa de uma experiência divina" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*). A lei do amor é o maior princípio da lei e da espiritualidade. Aquilo que fazemos pelo próximo, fazemos pelo próprio Mestre (Mat. 25.40).

Podemos notar aqui outra reafirmação do Pacto Abraâmico. Tomar juntos uma refeição era uma maneira comum de confirmar acordos e tratados. Por assim dizer, o próprio Senhor veio comer com Abraão.

Três homens. No entanto, neste mesmo versículo temos o singular, *Senhor (Yahweh).* Ver o vs. 1 quanto a comentários sobre essa circunstância. Ver aqui a trindade por certo é um exagero e um anacronismo. Está diante de nós um dos textos lidos durante o domingo da Trindade, dentro da comunidade anglicana, mas não há justificativa para isso, senão, talvez, uma justificativa *poética.*

Os intérpretes judeus dão a cada um dos três personagens uma missão específica. Assim, um teria trazido a notícia sobre o nascimento de Isaque, o outro teria vindo para libertar Ló da destruição de Sodoma; e o terceiro viera para fazer o trabalho de destruir Sodoma. Mas isso não passa de um excessivo refinamento.

18.3

Senhor meu. No hebraico, *Adonai,* uma palavra usada em relação a Deus ou aos homens. Ver as notas sobre essa palavra em Gên. 15.1.

Rogo-te que não passes do teu servo. A insistência de Abraão em reter os três *homens* seria demasiada se ele não suspeitasse de que alguma coisa incomum estava acontecendo. Ele chegou a pleitear sua *dignidade* para receber a visita deles, o que *deveria* ser reconhecido por eles, e chama a si mesmo de servo. Os intérpretes, por outra parte, ressaltam que a hospitalidade oriental parece exagerada em contraste com os padrões orientais. Assim, pois, talvez aqui recebamos alguma idéia de quão solícito *esperava-se* que fosse um homem *daquela* região, em uma ocasião como aquela.

18.4

Água. . . repousai. Debaixo do carvalho sagrado de Manre, que comentamos em Gên. 13.18. Era um bosque de carvalhos onde se tinha erigido um santuário em honra a Yahweh, dotado de altar. Naquele lugar sagrado, seus pés seriam lavados por Abraão ou por um de seus servos, uma parte indispensável da hospitalidade oriental. Também teriam a oportunidade de descansar, sendo entretidos como se deveria fazer.

Os antigos não conheciam sapatos, conforme hoje são fabricados. Usualmente o calçado era uma sandália que deixava os pés descobertos, e assim entravam em contato direto com a terra, a lama ou a poeira. Daí a necessidade constante de serem lavados os pés, quando não era mister um banho de corpo inteiro. É significativo que o costume do lava-pés tornou-se para alguns cristãos (segundo se vê no capítulo treze de João), uma ordenança, juntamente com o batismo e a Ceia do Senhor. Dou uma nota detalhada sobre esse rito e costume na *Enciclopédia da Bíblia, Teologia e Filosofia.* Ver também o verbete sobre o *Lava-pés.* Ver ainda Jui. 19.21.

18.5

Um bocado de pão. Abraão preparou uma refeição para os três homens, primeiramente trazendo um pão e, então, a carne de um *sacrifício* que ele tinha acabado de oferecer. Se ele estivesse meramente entretendo hóspedes humanos, e não suspeitasse da natureza divina deles, então tanta hospitalidade pareceria exagerada. O sacrifício de um animal poderia implicar um rito religioso. Seja como for, Abraão aparece aqui como um homem generoso e até mesmo magnânimo. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Hospitalidade.*

"Naqueles dias antigos, todo viajante. . . tinha o direito a descansar, quando precisasse de tanto, na primeira tenda que encontrasse durante a jornada" (Adam Clarke, *in loc.*).

Vossas forças. "No original hebraico temos aqui a palavra 'coração', que indica a soma total das faculdades, físicas e mentais, do homem inteiro" (Ellicott, *in loc.*). Abraão estava genuinamente interessado neles. Não estava apenas cumprindo um dever social.

18.6

Três medidas. No hebraico, temos a palavra *seah,* medida equivalente a 6,3 litros, o que significa 18,9 litros. Os intérpretes tiram proveito disso para comentar como os antigos eram bons pratos. O piedoso abade Fleury tomou sobre si a tarefa de calcular que a refeição inteira pesaria cerca de 25 kg! Homero (*Odisséia* liv. xiv. ver 74) diz-nos que Eumaeus entreteve Ulisses com grande prodigalidade, tendo preparado *dois porcos* somente para os dois! Em outra ocasião, foi dito que um grande porco foi preparado para apenas cinco pessoas.

Pão assado ao borralho. A ajuda de Sara foi solicitada. Foi-lhe pedido que preparasse pães ao borralho. *Três medidas,* como já vimos, era mais do que três homens poderiam consumir. Talvez Abraão planejasse preparar alguma refeição comunitária, convidando outras pessoas, embora o texto nada diga sobre isso. Abraão era dotado de uma "pródiga generosidade", se é que tencionava que todo aquele alimento — sem falar no animal sacrificado — fosse servido para apenas três convidados. Pães cozidos sobre brasas eram considerados um alimento muito delicioso (I Reis 19.6). Carne usualmente não era servida nessas oportunidades, mas aqui foi oferecida essa provisão, juntamente com coalhada e leite e arroz ou papa de trigo. Abraão serviu somente o que havia de melhor.

18.7

Correu. Mostrando sua grande solicitude para servir a seus convidados.

Um novilho. Aqui chamado de "tenro e bom". Ele só serviria o melhor para os seus hóspedes. Hebrom era o centro da cultura da uva (cf. Gên. 49.11,12), mas não é mencionado vinho como parte da hospitalidade. O vinho era geralmente associado a atos abusivos (Gên. 9.21-25), pelo que pode ter sido omitido propositadamente nessa ocasião. O autor sacro não apresenta os anjos como bebedores de vinho. Mas talvez a omissão seja circunstancial, e não proposital. Cf. I Sam. 28.24 e Luc. 15.23 quanto a um banquete com um novilho, considerado alimento delicioso e apropriado para ocasiões especiais. Embora Abraão devesse ter meia dúzia de servos, parece ter feito pessoalmente todo o trabalho envolvido, com a ajuda de Sara.

18.8

Coalhada e leite. Eram usados para temperar a carne, para preparar bolos ou como um prato acompanhante. Abraão proveu variedade, a essência de uma boa refeição. Jarchi afiançou que Abraão usou a *gordura* e o leite ou *creme.* Os hebreus, gregos e romanos não sabiam preparar a *manteiga,* conforme o fazemos, mas sabiam fabricar o queijo. O leite de camela era considerado, pelos árabes, a melhor de todas as bebidas, mas usava-se também o leite de outros animais. Talvez Abraão tenha trazido leite fresco de camelas e leite azedado de ovelhas. Provavelmente, essas coisas eram usadas na preparação de bolos ou pães. Interessante é que esses banquetes usualmente tinham lugar ao ar livre, e não no interior de casas.

Permaneceu de pé junto a eles. O próprio Abraão nada comeu, evidentemente para indicar que mostrava uma cortesia especial, permitindo que seus convidados se servissem primeiro. Como foi que os anjos comeram? Outro tanto pode ser indagado no caso do Senhor ressurrecto (Luc. 24.43). Dizem aqui os Targuns: "Eles fingiram que comiam". Mas não sabemos o suficiente a respeito dos anjos para tentar fazer uma idéia decente do que aconteceu. Naquele período remoto da história, a teologia dos hebreus não concebia os anjos como seres imateriais, mas apenas possuidores de mais poder, inteligência e atributos do que os homens, capazes de fazer coisas surpreendentes. Mas, se eram seres materiais, por que não seriam capazes de comer? John Gill (*in loc.*) fornece uma longa citação que ilustra como um hospedeiro ficava de pé nas proximidades e nada comia, mas antes, ficava sempre pronto a servir seus convidados, cuidando de cada necessidade que percebesse, além de afirmar que teria sido uma *quebra* de cortesia se um hospedeiro se juntasse aos seus convidados, enquanto eles comiam. Em outras palavras, Abraão fez o papel de *garçon!*

18.9

Os Anjos Procuram por Sara. Aqueles seres divinos tinham várias missões a realizar. Um deles viera advertir sobre a destruição de Sodoma para breve; outro deveria anunciar o nascimento de Isaque, o filho prometido, para breve; ainda o outro deveria repetir a provisão essencial do *Pacto Abraâmico* (ver as notas a respeito em Gên. 15.18). Sara era vital dentro da missão deles, pelo que perguntaram onde ela estaria. Eles sabiam quem ela era e a chamaram pelo nome. E através disso, se Abraão ainda não tivesse suspeitado da natureza divina deles, agora deve ter ficado muito admirado. Por outra parte, ele já tivera tantas grandes experiências espirituais (ou místicas) que talvez nada mais o surpreendesse. Sara estava no interior da tenda. De onde estava, ela ouviu a mensagem, e riu-se. O vs. 15 mostra-nos que logo ela sairia da tenda, para negar que se tinha rido. Ela não se rira em voz alta, pelo que disse uma meia-verdade. No entanto, rira-se consigo mesma, de forma inaudível, e aí estava toda a verdade.

De acordo com Ellicott, os costumes orientais não permitiam que um homem perguntasse desse modo pela esposa de outro homem. Mas se nisso há alguma verdade, então os anjos não se importaram em seguir o costume dos homens.

Deus Sabe Onde Estamos. Em pergunta retórica, os anjos indagaram por Sara, mas os seres angelicais sabiam tanto o nome dela como onde ela estava. Ver Gên. 3.9 ss. e 4.9 ss. quanto a circunstâncias similares. A mente divina sempre sabe onde estamos, espiritualmente falando. Até a queda por terra, por parte de um pardal, é importante e é reconhecida (Mat. 10.29)

18.10

Daqui a um ano. Algumas traduções dizem aqui "na primavera". No hebraico, literalmente, temos "de acordo com um tempo de vida". A frase é disputada quanto a seu sentido, embora se entenda que aponta para algum *tempo fixo*. O anjo prometeu algum tipo de assistência, talvez um milagre de rejuvenescimento, estabelecido por um *tempo específico*, o que ajudaria Sara a cumprir seu maior sonho: *um filho*. Quando as circunstâncias nos avassalam, Deus intervém. Normalmente, ele espera que façamos o trabalho que nos cabe, de acordo com os recursos que tivermos desenvolvido ou recebido da parte do Senhor. Por assim dizer, Ele aguarda nas sombras, sempre próximo, mas não de maneira conspícua. Sua presença garante o sucesso dos homens honestos.

Um Tempo de Vida. ". . . quando todas as coisas revivem, e que durante a estação do inverno pareciam mortas, um apropriado emblema do caso de Abraão e Sara, ambos os quais, por assim dizer, estavam *mortos* (no corpo), incapacitados de gerar filhos. Mas a natureza haveria de reviver neles de novo" (John Gill, *in loc.*). Assim, o inverno cederia lugar à primavera.

Um filho. O filho prometido, Isaque, a maior graça que Sara poderia jamais esperar, bem como a maior experiência de toda a sua vida, prometida fazia já tanto tempo, mas que agora em breve teria lugar.

Sara estava *por trás* do anjo que estava de pé, junto à entrada da tenda, mas não podia ser vista. A *porta* da tenda era uma espécie de cortina, feita de peles de animais, que podia ser arredada para um lado, permitindo acesso ao interior da tenda.

18.11

Abraão estava agora com noventa e nove anos de idade; e Sara estava com oitenta e nove. Mesmo que as pessoas vivessem muito mais tempo naqueles dias (Abraão chegou a cento e setenta e cinco anos, Gên. 25.7), este versículo diz especificamente que a época da fertilidade de Sara já havia cessado. Daí, a maioria dos intérpretes acreditar que devemos entender que foi mister um milagre para trazer Isaque a este mundo, através de Abraão e Sara. No entanto, anos depois, Abraão teve seis filhos com Quetura (Gên. 25.2), o que, para os críticos, indica que ele nunca perdera a sua fertilidade, ao passo que os eruditos conservadores pensam que isso quer dizer que ele gerou esses filhos por ter rejuvenescido. O que o texto pretende dizer é que Abraão rejuvenesceu, sem dúvida alguma. John Gill (*in loc.*) disse esquisitamente que os *visitantes mensais* de Sara tinham deixado de fazer a sua aparição, referindo-se ao fim (desde há muito) de seu ciclo menstrual. O texto faz-nos lembrar do nascimento de Jesus através da virgem Maria, e a Igreja Católica Romana interpreta que Sara, por conseguinte, é tipo de Maria, mãe de Jesus.

18.12

Sara Riu-se Consigo Mesma. E fez assim porque não queria que o anjo a ouvisse. Ela riu-se devido à incredulidade, tal como Abraão fizera muitos anos antes (Gên. 17.17). Alguns intérpretes pensam que Abraão riu de alegria (e não por motivo de incredulidade), mas Sara riu por incredulidade. Mas isso é forçar o texto. Sara apontou para a *razão* e para suas *condições físicas*, a fim de justificar a sua incredulidade. Em outras palavras, ela estava vivendo por vista, e não por fé. A fé anula as inconveniências das circunstâncias adversas. Portanto, nada há de impossível para Deus (vs. 14). É fácil termos uma crença piedosa e uma fé forte quando não estamos sendo submetidos a teste. Confiar quando a noite ainda não chegou é fácil. Os incrédulos estão sempre por perto para dizer que a fé usualmente consiste em crer em algo que não é verdade. No entanto, o propósito de Deus é poderoso. No caso do nascimento de Isaque, esse propósito teve cumprimento *apesar* do ceticismo de Sara. Contudo, é melhor quando os grandes atos de Deus são antecipados por nós em alegria, e não na incredulidade. Por muitas vezes, o cumprimento dos propósitos de Deus nos toma inteiramente de surpresa. Regozijemo-nos *na surpresa*. O homem espiritual regozija-se antes *e* depois.

O Riso de Alegria. "Quando o Senhor restaurou a sorte de Sião, ficamos como quem sonha. Então a nossa boca se encheu de riso, e a nossa língua de júbilo" (Sal. 126.1,2).

18.13

Disse o Senhor. "Por que se riu Sara?" Embora ela tivesse rido consigo mesma, seu riso foi percebido pelo anjo ou teofania. E ele também sabia *por quê*, embora lhe tenha feito outra pergunta retórica, como no vs. 9. Sua pergunta salientou o defeito de Sara. Às vésperas do grande milagre, ela estava rindo escarninha. Ela poderia ter suas razões, mas estava sem razão. E o Senhor fê-la enfrentar sua atitude errada. Toda pessoa é responsável, apesar de até os fracos serem usados como excelentes instrumentos da graça de Deus. Sentimo-nos reanimados quando vemos a obra do Senhor ser referida como beneficente e gentil, quando tão freqüentemente ouvimos falar dos poderes destrutivos de Deus, que aniquilam tudo quanto o homem é e faz (Sal. 18.7-15, 29; Êxo. 19.18; I Reis 19.11, e logo adiante, no capítulo dezenove de Gênesis, é descrita a tragédia que atingiu Sodoma e as cidades circunvizinhas).

Senhor, ou seja, *Yahweh* (como no vs. 1). E assim voltamos ao singular e a Yahweh, em vez dos *três* homens (vs. 2). Ver o primeiro versículo quanto a explicações sobre a mudança do singular para o plural.

Sendo velha? O hebraico é pitoresco, "desgastada", como se fosse uma peça de roupa antiga que não presta mais para ser usada. A velhice é algo terrível. Esperamos então ter alguns poucos anos para meditar e recapitular. Em lugar disso, porém, na maioria das vezes as pessoas recebem somente debilidade e fraqueza, esperando pelo fim com impaciência.

18.14

Acaso para Deus há cousa demasiadamente difícil? Essa é uma breve mas sugestiva declaração bíblica, e também muito citada. *Difícil* aparece como *maravilhosa* em algumas traduções. As maravilhas aos olhos dos homens são apenas obras corriqueiras para Deus. O trecho de Luc. 1.37 reflete este versículo, e, significativamente em relação ao fato de que Isabel, mãe de João Batista, ficara grávida dele, sendo ela já *idosa*, como também em relação ao nascimento virginal de Jesus. Maria, ao admirar-se, reagiu afirmando que era serva do Senhor, e que o propósito divino poderia ter cumprimento nela. Por muitas vezes, o homem põe obstáculos na vereda do propósito divino. Mas esse propósito avança, seja como for. Os labores humanos operam da causa para o efeito, obedecendo a leis físicas. Mas as obras de Deus podem injetar uma causa não-física. Isso posto, qualquer coisa pode ocorrer quando Deus intervém. Deus produziu a própria natureza, pelo que Ele controla qualquer coisa dentro da natureza. Sua palavra trouxe todas as coisas à existência, pelo que Sua palavra pode alterar quaisquer circunstâncias. Os homens pensam em termos de finitude. Deus age de acordo com Sua infinitude. Seu poder é *maravilhoso*, e age de forma quase incrediável.

Se ainda não ficara claro, o vs. 14 esclarece que o *Senhor* se estava manifestando, a fim de revelar a Sua intenção. Aqui, pois, vemos uma intervenção divina. O Anjo do Senhor apareceu, chegado o tempo certo. E ele continua aparecendo, pois Suas intervenções na vida humana nunca cessam.

Daqui a um ano. Ver o comentário sobre essa expressão no vs. 10. As traduções dizem "em um ano", "na primavera" etc. Seja como for, temos aqui uma palavra de encorajamento. Sara debatia-se na incredulidade. Mas Deus cuidou da questão. Havia uma repreensão inerente na palavra dita pelo Senhor, embora seu propósito fosse curar. Homens odiosos repreendem a fim de ferir. Homens espirituais (seguindo o exemplo divino) repreendem a fim de curar. Heb. 12.6 ss.

18.15

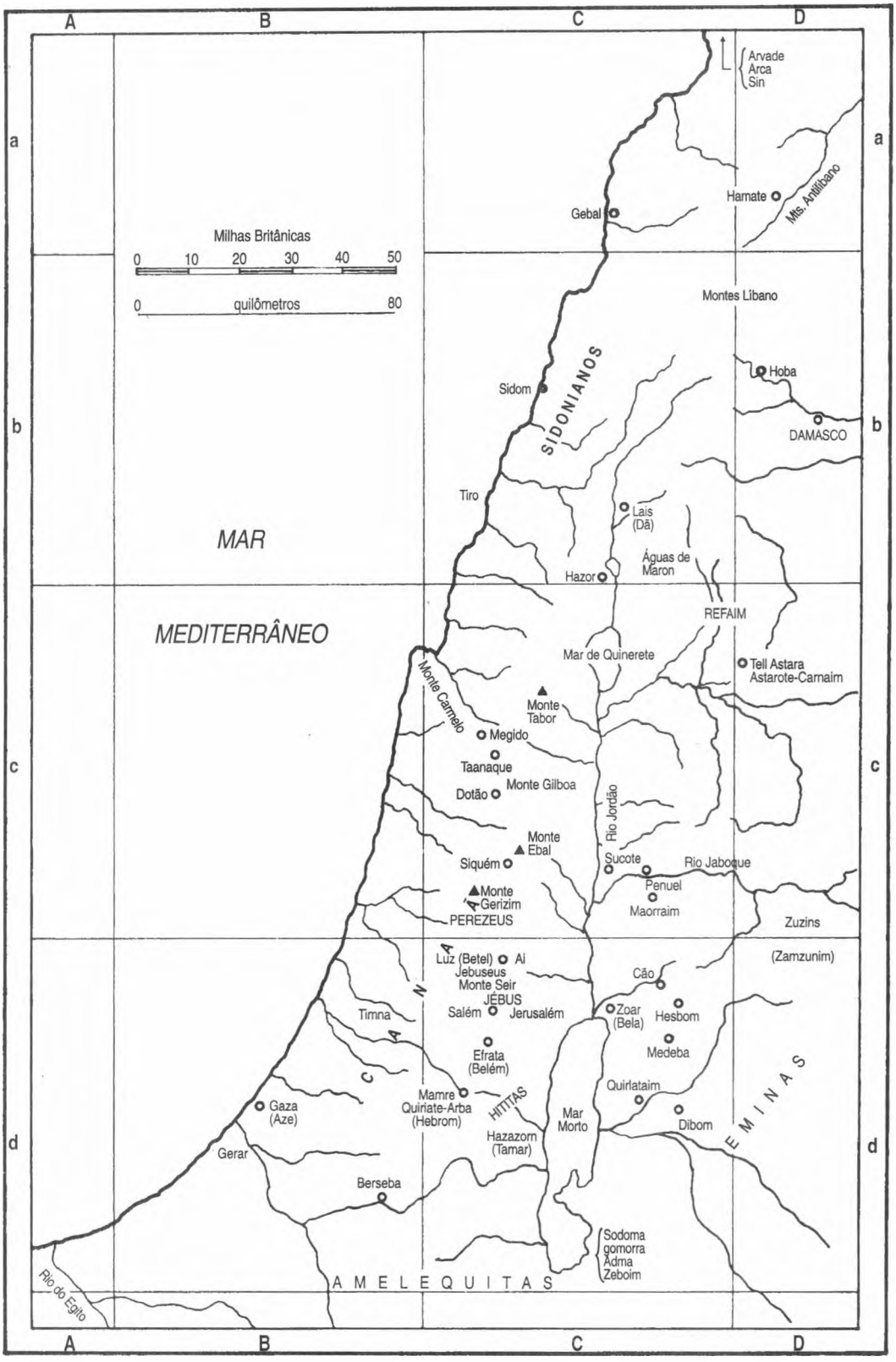
Sara, receosa, o negou. Ela mentiu, movida pelo temor. Quão fácil é mentir. Mentir é um esporte para a maioria das pessoas. Por muitas vezes, envolve certa medida de auto proteção. Com demasiada freqüência, a verdade é muito reveladora. A mentira é como uma capa negra que esconde aquilo que não queremos que seja visto. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Mentir (Mentiroso)*. As mães dizem a seus filhos que não mintam, mas as mães mentem para seus filhos o tempo todo. E as crianças acabam aprendendo que têm de submeter a teste cada situação. Não podem crer no que suas mães lhes dizem. Uma mãe diz a seu filho o que ela quer que ele acredite, usualmente por motivo de conveniência. O filho logo aprende que sua mãe é uma mulher mentirosa, e assim torna-se um mentiroso. Além desse mau exemplo, ele dispõe da corrupção no íntimo. Desse modo, temos um dos piores pecados e vícios humanos. Sara não estava acima desse defeito. O próprio Senhor precisou repreendê-la acerca da questão.

Sara Temeu. Ela havia posto em dúvida a palavra dita pelo Senhor. Seu marido ficaria desgostoso com ela; ela seria considerada negligente quanto à hospitalidade; e os três visitantes divinos a repreenderam. Temos tantos temores, e muitos deles são destrutivos. O amor expele o temor (I João 4.18). A palavra *temor* aparece por cerca de quinhentas e cinqüenta vezes na Bíblia. O medo é uma das emoções básicas do ser humano e, talvez, a mais destrutiva de todas. Franklin D. Roosevelt comentou que "Nada há para temer, exceto o próprio medo". Emerson afirmou que "o temor sempre tem origem na ignorância". Felizmente, porém, há coisas reais para temer, e nenhuma pessoa está isenta disso. O temor é algo cruel, conforme disse James Froude. Uma das lições espirituais no texto à nossa frente é que, visto que o poder e o amor de Deus operam na vida dos homens, o temor é algo desnecessário. Senhor, concede-nos essa graça!

18.16

Tendo-se levantado dali aqueles homens. Eles partiram na direção de Sodoma; e Abraão, cumprindo seu dever de hospitalidade até o fim, acompanhou-os pelo

A ÉPOCA DOS PATRIARCAS



CHAVE

Adma Cd
Águas de Marom Cb
Ai Cd
Amelequitas BCd
Antilíbano, mts. Da
Arca Da
Arvade Da
Berseba Bc
Cão Cd
Carmelo, mt. Cc
Damasco Db
Dibom Cd
Dotã Cc
Ebel, mt. Cc
Efrata (Belém) Cd
Emins CDd
Gaza (Aza) Bd
Gebal Ca
Gerar Bd
Gerizim, mt. Cc
Gilboa, mt. Cd
Gomorra Cd
Hamate Da
Hazor Cb
Hazazom (Tamar) Cd
Hebrom
(Quiriate-Arba) Cd
Hesbom Cd
Perezeus Cc
Hesbom Cd
Hititas Cd
Hoba Db
Jaboque, rio Cc
Jebus Cd
Jebuseus Cd
Jerusalém Cd
Jordão, rio Cc
Lais (Dã) Cb
Leontes, rio Cb
Líbano, mts. CDb
Luz (Betel) Cd
Maanaim Cc
Mamre Cd
Mar de Quinerete Cc
Mar Morto Cd
Mar Mediterrâneo Aba-d
Medeba Cd
Megido Cc
Penuel Cc
Perezeus Cc
Quirlataim Cd
Quiriate-Arba Cd
(Hebrom)
Refaim CDc
Rio (Ribeiro) do Egito Ad
Salém Cd
Seir, mt. Cd
Sidom Cb
Sidonianos Cb
Sin Da
Siquém Cc
Sodoma Cd
Sucote Cc
Taanaque Cc
Tabor, mt. Cc
Tell Astara
(Astarote-Carnaim) Dc
Timna Bd
Tiro Cb
Zeboim Cd
Zoar (Bela) Cd
Zuzins (Zamzunim) Dcd

caminho. Eles tinham cumprido um propósito. A promessa do filho tinha sido renovada e *garantida*. Agora seriam confirmadas outras provisões divinas (vss. 18 ss.). Outro propósito da visita agora tornara-se patente. Sodoma precisava ser destruída. O cálice da iniquidade dos cananeus estava cheio e até extravasando; a paciência de Deus tinha-se esgotado.

"Temos aqui outra demonstração da hospitalidade antiga — dirigir os estranhos pelo caminho. Não havia então estradas públicas, e eram indispensáveis os guias em regiões onde quase não havia aldeias" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Atos 20.38 e 21.5.

Dessa forma, aquela visita do Senhor combinou a misericórdia com o julgamento. O amor e o juízo andam de mãos dadas. De fato, o juízo é apenas um dedo da mão amorosa de Deus. O juízo opera grandes transformações, e também tem uma natureza remedial (I Ped. 4.6).

A rota seguida por Abraão provavelmente apontava para sudeste, passando pela região montanhosa de Judá. Há tradições que dizem que Abraão encaminhou os seus visitantes até a vila de Cafar-Barucha, de onde era possível ver-se o mar Morto, e, naturalmente, a localização da antiga Sodoma e cidades circunvizinhas.

A História dos Patriarcas (18.17 - 19.23)

Partida para Sodoma (18.17-22)

O amor estava dirigindo Abraão e Sara. A promessa do filho fora reiterada e garantida. Mas agora o poder de Deus preparava-se para julgar. Não podiam continuar sendo toleradas as cidades de Sodoma e Gomorra. Assim sendo, o amor e o juízo de Deus são dois fatores que nunca deixam de operar. Entretanto, não são contraditórios, mas pólos de uma mesma realidade. Deus castiga porque ama. A cruz foi um julgamento, mas também extraordinária demonstração de amor, mediada pela graça divina. O amor de Deus é sempre um remédio (ver as notas sobre I Ped. 4.6 no *Novo Testamento Interpretado*).

A *justiça* é um dos principais temas do trecho com que defrontamos. Deus julga. Mas esse julgamento será justo? O texto ilustra a paciência de Deus e a Sua moderação, pelo que essa pergunta é respondida de forma afirmativa. O Juiz de toda a terra sempre faz o que é justo. Sócrates propôs a seguinte indagação: "Alguma coisa é justa porque Deus a faz, ou Deus a faz porque ela é justa?". Uma correta teologia responde que Deus faz o que é justo. Uma coisa não é justa somente porque Deus (ou alguma pessoa) a faz. Precisamos evitar o *voluntarismo* (ver no *Dicionário* o artigo com esse título). O voluntarismo ensina que a vontade de Deus é absoluta e não nos assiste o direito de pô-la em dúvida, mesmo quando ela nos parecer *injusta*. Mas a verdade é que *os homens* dizem que Deus faz certas coisas que, na verdade, Ele não faz; e, então, querem que aceitemos pacificamente o que *eles dizem*, sem protesto. Mas aquilo que Deus faz é sempre justo, não meramente porque Ele assim determina, mas porque o que Ele faz é certo mesmo. Ademais, Deus equipou os homens com uma razão suficientemente correta para poder julgar (para dizermos o mínimo) no que consiste a justiça. Meu artigo sobre o *Voluntarismo* entra nas minúcias dessas questões.

A passagem que ora comentamos por certo é contrária à idéia do voluntarismo. Deus primeiro *investigou* Sodoma. Ele também permitiu grandes medidas de graça e de moderação, em harmonia com os pedidos de leniência, feitos por Abraão. No entanto, a situação naquelas cidades estava completamente podre. Sodoma não podia ser poupada. Algumas vezes, somente o juízo divino pode remediar uma situação. E, infelizmente, *nossa própria época* parece ser como uma Sodoma que clama pelo juízo divino. Muitos intérpretes acreditam que o período de investigação e leniência, da parte de Deus, se está esgotando rapidamente quanto a este velho mundo.

18.17

Ocultarei a Abraão. . .? Essa pergunta os três fizeram a si mesmos, mas, estritamente falando, era *Yahweh*. Pouco antes disso, tudo era róseo e belo. Uma *maravilhosa* mensagem tinha sido anunciada acerca do filho prometido a Abraão. Mas agora era anunciada outra mensagem, nada alvissareira. Sodoma e Gomorra seriam destruídas. E não podemos esquecer Ló, sobrinho de Abraão, que estava em Sodoma, com seus familiares. Por isso, Abraão estava vitalmente interessado na questão. Quando nossos entes queridos estão envolvidos, a questão sempre nos será crítica. Nem sempre é bom saber das coisas de antemão. Sabendo do futuro, passamos por ansiedades. Por outro lado, a oração é mais poderosa que a profecia, e, em alguns casos, podemos até anular eventos, se soubermos deles com antecedência. A história que se segue mostra-nos que Abraão foi *capaz de anular* uma parte do futuro. Pois pôde tirar Ló e sua família de Sodoma, antes que o julgamento divino sobreviesse.

18.18

O Homem do Pacto Era Digno. Yahweh havia perguntado: "Ocultarei a Abraão o que estou para fazer?". A *estatura* espiritual de Abraão, como o homem do pacto, significa que ele deveria ser informado da mensagem contida nos vss. 18-22. Naturalmente, havia outras razões para isso, além de Ló e sua família. Abraão era agora uma espécie de sócio de Yahweh, e precisava ser levado em conta no plano divino da destruição de Sodoma. O *solilóquio* do vs. 17 volta ao plural, no vs. 22, pelo que o singular e o plural são intercambiados na passagem inteira. Ver as notas sobre essa questão em Gên. 18.1. Yahweh ou os três homens (anjos ou teofanias), quanto ao propósito, estavam unidos.

O *Pacto Abraâmico* (plenamente anotado em Gên. 15.18) é agora repetido. Cf. Gên. 12.1-4; 13.14-17; 15.1-7; 17.1-8 e 18.18 ss. quanto às várias repetições. Assim também o livro de Gênesis promete reiteradamente a vinda do filho prometido (Isaque), pois através dele teria cumprimento o propósito divino de levantar a nação de Israel. Mas o tempo todo, fica claro que, *através* de Israel, seriam abençoadas *todas* as outras nações. E isso é especificamente destacado no versículo que ora comentamos. *Todas as nações*, segundo se lê neste versículo, subentende que Abraão tinha o direito de saber acerca do destino de Sodoma (uma parte daquelas nações que seriam abençoadas por meio dele).

A dimensão espiritual e maior do Pacto Abraâmico (um mundo futuro, a imortalidade da alma neste mundo, a salvação eterna) nunca foi destacada na versão veterotestamentária desse pacto. Essa dimensão, porém, é adicionada e esclarecida no Novo Testamento.

18.19

Abraão era digno de ser o homem do pacto. Essa é a mensagem deste versículo. Assim, ele deveria ser informado a respeito da intenção divina de destruir Sodoma (e o vs. 17 indaga se Abraão deveria ser informado ou não disso). Além disso, a dignidade de Abraão servia de garantia do cumprimento do pacto com ele. Abraão não falharia; e o plano divino operaria por meio dele. Sua obra começaria em seu lar; ele tomaria cuidados com sua própria espiritualidade, mas também providenciaria para que cada membro de sua casa observasse a Palavra de Deus. Quase todas as reiterações do pacto, bem como de seu emblema, a circuncisão (Gên. 17.1-27), salientam quão importante é a família. A seqüência é: a família, a nação, todas as nações. Trata-se de um pacto altamente humanista, porque tem em mira beneficiar todos os povos da terra. Grandes são as responsabilidades de um pai. Ele deve a seus filhos bom exemplo e ensino. O maior erro de um pai é não transmitir bom exemplo e ensino a seus filhos.

"*O Manuseio da Fé.* Meditar sobre o Antigo Testamento é viver em dois mundos ao mesmo tempo — no mundo antigo, mas também no mundo contemporâneo. Os costumes e a maneira de falar de Abraão não podem ser os mesmos que os nossos; mas os *valores centrais* da vida, refletidos em seu relacionamento com Deus, independem do tempo" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*).

Eis, Senhor, sento-me em Teu largo espaço,
Com minha filha sobre os joelhos,
Ela contempla o meu rosto,
E eu contemplo o Teu.

(George McDonald)

Coisas que Devemos Transmitir a Nossos Filhos: 1. Exemplo. 2. Ensinos. 3. Um ideal de vida. 4. Uma profissão, negócio ou ocupação, ou o encorajamento para alguma dessas atividades, mediante a educação e a orientação pessoal. 5. Paciência. Os discípulos de Jesus pensavam que Ele vivia ocupado demais para ser perturbado por crianças; mas Jesus disse: "Deixai vir a mim os pequeninos, não os embaraceis. . ." (Mar. 10.14). 6. Uma fé para ser seguida.

A justiça e o juízo. Essas são virtudes cardeais da espiritualidade, que devem envolver tanto as famílias quanto as comunidades. Abraão era digno de que o pacto divino fosse firmado com ele, para benefício dele mesmo e de sua posteridade. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Retidão* e *Justiça*.

18.20

O Clamor de Sodoma e Gomorra. O autor sacro falava sobre *o clamor contra Sodoma e Gomorra*, o grito cósmico pedindo justiça. Antes do dilúvio, Deus *vira* a grande iniqüidade dos homens, do que resultou o juízo do dilúvio. Agora Deus *ouvia* novo clamor contra a iniqüidade, o que, de novo, resultaria no devido julgamento. O autor sagrado usou essas metáforas dos *sentidos humanos*, instrumentos de percepção. Hoje em dia, em nosso mundo de extrema iniqüidade, quem não pode ouvir os gritos de ultraje?

O seu pecado se tem agravado muito. Ver Gên. 13.13 quanto a isso, onde praticamente a mesma coisa é dita. O capítulo décimo nono dá-nos detalhes da profunda maldade de Sodoma e Gomorra, que se tornara proverbial, até hoje lembrada. Seus habitantes eram culpados dos crimes mais notórios: eram tendentes a toda espécie de vício; eram praticantes da injustiça; e se tinham escravizado a concupiscências desnaturais, que exibiam publicamente, sem nenhum pejo. O Targum de Jonathan refere-se à desonestidade, às fraudes, aos pecados sexuais estranhos,

ao incesto, ao derramamento de sangue inocente, à perseguição contra os órfãos e as viúvas, à adoração a ídolos e à rebeldia deles contra Deus e a decência.

18.21

Descerei, e verei se. Desde os tempos mais antigos, os povos pensavam que os deuses habitavam em lugares altos, ou literalmente, em algum monte, como os gregos pensavam no Olimpo, ou em algum outro mundo, material ou não, suspenso acima da terra. O trecho de Gên. 11.5,7 (no que toca à torre de Babel) também retrata Deus a descer a fim de fazer uma averiguação. Ver meus comentários sobre o vs. 5 que fala sobre a visão antropomórfica de Deus e os problemas que essa visão cria para a teologia. Os eruditos conservadores supõem que essa linguagem seja metafórica.

Deus *fez uma investigação,* e assim deu o exemplo para os magistrados e juízes. Essa lição foi extraída do presente texto pelos intérpretes judeus. "Deus examina, antes de castigar" (Ellicott. *in loc.*).

Verei se de fato o que têm praticado corresponde a esse clamor. . . A investigação, feita por Deus, produziria o devido resultado. O *pleno conhecimento* determina a extensão do juízo divino, pois esse juízo é imposto de acordo com as obras de cada um (Rom. 2.6). A mente divina *sabe,* mas o autor sagrado fala em figuras de linguagem que apelam para a mente humana.

18.22

E foram para Sodoma. *Yahweh,* cujo nome predomina na narrativa, tinha três identificações possíveis: homem, anjo ou teofania. Ver as notas sobre Gên. 18.1 sobre como os eruditos manuseiam esse intercâmbio entre uma e três personagens. Abraão tinha guiado os "homens" até perto de Sodoma, cumprindo assim o seu dever de hospedeiro (ver as notas sobre o vs. 16). Mas agora, tendo avistado o lugar para onde se dirigiam, prosseguiram sozinhos, enquanto Abraão ficava para trás a fim de receber mais uma experiência mística (espiritual). Abraão "permaneceu ainda na presença do Senhor". O autor sacro antecipava aqui alguma espécie de manifestação visual. Ver no *Dicionário* acerca do *Misticismo.* Uma experiência mística é aquela em que uma pessoa entra em contato com algum poder superior, de tal modo que o ser humano pode dizer: "Tive uma experiência com a presença divina". Esse tipo de acontecimento era uma constante na vida de Abraão.

Alguns intérpretes supõem que os *dois* anjos prosseguiram até Sodoma, ao passo que *Yahweh,* em alguma forma visível, permaneceu para trás a fim de instruir Abraão.

A Intercessão de Abraão (18.23-33)

Ver no *Dicionário* os artigos *Intercessão* e *Oração.* Abraão dá-nos outro exemplo, nesta seção. Ele anelava que o juízo de Deus não caísse contra Sodoma e as outras cidades malignas da área. O seu argumento diante de Yahweh era que eles deveriam ser poupados porque talvez se achassem ali algumas pessoas justas, ainda que em número muito reduzido. Por "amor a essas pessoas", ele esperava que aquelas cidades fossem poupadas da ira divina. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos.* O *Pacto Abraâmico* (comentado em Gên. 15.18) é uma provisão graciosa para todos os povos. Sodoma, pois, estava incluída nesse pacto. Podemos ter certeza de que Abraão era homem misericordioso e se preocupou com as pessoas que iam ser julgadas. Ele não ansiava somente pela segurança dos justos potenciais que poderiam ser apanhados pelo fogo. A misericórdia divina estava manifestando-se nele. Ele sentia as dores alheias. Homens ímpios não têm misericórdia pelo próximo. Os lobos matam qualquer membro da matilha que fique ferido. Mas os homens piedosos exibem misericórdia.

Várias verdades devem ser consideradas aqui:

1. Existem alvos universais no cristianismo, e destacam-se entre eles o amor e a misericórdia divina *para com todos.* O cristianismo não é uma fé exclusivista. Todos os homens são objetos do amor e do interesse de Deus, e não meramente o povo de Israel ou os Seus eleitos.
2. Israel (ou a Igreja, dentro do contexto do Novo Testamento) existe para demonstrar o amor de Deus a outros, e não somente para tirar proveito exclusivo desse amor.
3. Os indivíduos são importantes. Deus teria poupado Sodoma e Gomorra por causa de alguns poucos indivíduos justos. As pessoas têm a capacidade de afetar a vida de muitas outras pessoas.
4. A presença de grandes males não deve embotar a nossa mente a ponto de não reagirmos nem nos esforçarmos para fazer *alguma* diferença onde nos achamos.
5. Devemos acreditar na bondade e também promovê-la, não permitindo que alguma atitude pessimista nos furte à nossa iniciativa.

18.23

Abraão Tomou a Inicitiva. Em outras oportunidades, quem se aproximava de Abraão era *Yahweh.* Mas dessa vez, Abraão foi quem tomou a iniciativa. Havia o senso da misericórdia em seu coração. Ele queria reverter um juízo divino, e veio equipado com argumentos. A oração intercessória consiste em tomar a iniciativa. Naturalmente, há um Deus misericordioso que está à nossa espera. Somos sempre bem acolhidos.

Destruirás o justo com o ímpio? Abraão tinha apenas um argumento, que ele pensava ser invencível: algumas poucas pessoas justas, que vivessem em Sodoma, poderiam fazer a ira divina desviar-se. O vs. 23 arma o palco para toda a intercessão. As coisas eram piores em Sodoma e Gomorra do que Abraão havia imaginado. Ele foi diminuindo o número de justos de cinqüenta para quarenta e cinco, daí para quarenta, para trinta, para vinte e para dez. Mas mesmo assim, não podiam ser achadas dez pessoas justas em Sodoma. Billy Sunday foi um grande evangelista. Por onde ele levava suas campanhas, a taxa de criminalidade caía de modo significativo. As próprias forças policiais podiam ser reduzidas. Mas em *Chicago* não ocorreu a mesma coisa. Uma canção popular que entoa afetuosamente em honra a "Chicago, Chicago. . ." tem uma linha que diz: "Chicago, cidade que Billy Sunday não pôde fechar". Sodoma, pois, foi a Chicago de Abraão. Seus esforços evangelísticos não surtiram efeito ali. A corrupção havia tomado conta de tudo e de todos. Os homens dali nem ao menos se fingiam justos. "Temos aí o quadro das possibilidades corrosivas de um ambiente maligno. Aqueles que se acostumam com os métodos de uma sociedade má acabam por tornar-se maus. Que está acontecendo hoje em dia com pessoas que não protestam de modo eficaz contra os erros com que convivem todos os dias?" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*).

"O grande sacrifício de Cristo é uma *razão* infinita pela qual um pecador penitente deveria *esperar* encontrar misericórdia por aquilo que ele pleiteia" (Adam Clarke, *in loc.*).

18.24

Os versículos que se seguem repetem as idéias do vs. 23, mas iniciando o possível número de pessoas justas, começando por cinqüenta e terminando com dez (vs. 32). Abraão não sugeriu menos de dez justos. Talvez somente na casa de Ló houvesse mais do que dez pessoas, e essas seriam *tiradas* de Sodoma, antes de esta ser atingida pelo juízo divino. Os intérpretes dispensacionalistas vêem nisso um símbolo do arrebatamento da Igreja, *antes* da Grande Tribulação. O argumento usado por Abraão era invencível. Por causa de um punhado de pessoas justas, Yahweh não mandaria Seu juízo aniquilador. Mas nem mesmo esse pequeno número de justos pôde ser achado ali, e a ira divina não pôde ser evitada. É possível que o que salva o mundo de hoje, adiando o grande julgamento, seja a presença de *algumas* pessoas verdadeiramente justas. Por quanto tempo continuará essa situação?

Abraão Começou Humildemente (vs. 24). Cinqüenta pessoas não é um grande número em uma cidade. Ló e seus familiares e servos talvez fossem mais do que cinqüenta. No entanto, nem mesmo na casa de Ló havia tantos justos. Ló havia falhado. O próprio Ló era um homem justo (II Ped. 2.8), mas ele não havia feito muita coisa para ajudar àqueles que com ele conviviam. E isso fazia violento contraste com o caso de Abraão, que cuidou dos que lhe pertenciam, segundo se vê em Gênesis 18.19.

Consideremos o Fracasso de Ló. Na região havia uma *pentápole* (cinco cidades), pelo que para serem achados cinqüenta justos bastaria encontrar dez deles em cada cidade: Sodoma, Gomorra, Admá, Zeboim e Zoar.

18.25

Longe de ti o fazeres tal cousa. Abraão tomou sobre si a tarefa de relembrar a Yahweh que Ele é o justo Juiz de toda a terra, punindo os justos juntamente com os injustos. Um importante aspecto desse texto, que não deveria ser olvidado, é que está aqui em pauta um juízo temporal. Coisa alguma fica aqui entendida quanto ao juízo eterno das almas. Essa noção só veio a fazer parte explícita da teologia dos hebreus durante o período intertestamentário, o que começa a aparecer nos livros pseudepígrafos. Ver os artigos intitulados *Pseudepígrafos e Livros Apócrifos* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*

É encorajador pensar que os próprios juízos divinos temporais são retidos no caso dos justos, e que isso está em consonância com a bondade e a misericórdia de Deus, para as quais Abraão apelava. Naturalmente, essa consideração não contribui muito para dar solução ao problema do mal. Pois até os justos estão sujeitos a acidentes, a enfermidades, a desastres e à morte. Quanto a esse problema ver, no *Dicionário,* o verbete *Problema do Mal.*

Lições Evidentes: 1. O juízo divino visa a combater a iniqüidade. 2. É útil interceder tanto pelos ímpios quanto pelos justos. 3. Deus pode preservar os ímpios do juízo por amor aos justos. 4. A justiça de Deus é perfeita, e não há equívocos. 5. A justiça exalta uma nação (Pro. 14.34). Pessoas justas contribuem para que haja uma sociedade justa (Mat. 5.13). 6. A misericórdia, a compaixão e o amor são virtudes cardeais que todos deveríamos exibir.

John Gill (*in loc.*) costumava ressaltar que, com freqüência, nas calamidades naturais, os justos sofrem juntamente com os ímpios. Na dimensão eterna, entretanto, *haverá* a distinção entre justos e injustos. Todavia, nosso texto aponta para um julgamento temporal. A vontade de Deus é que determina as coisas.

O Juiz de Toda a Terra Age com Justiça. Abraão fez uma pergunta retórica, que equivale a uma afirmação. O Senhor é o Juiz. O Senhor é justo. Seus juízos são obrigatoriamente justos. Esse texto combate a idéia do *voluntarismo* (ver a respeito no *Dicionário*). Deus faz o que é direito porque Ele mesmo é justo. Ele segue as mesmas leis que impõe aos homens. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Atributos de Deus.* Em Sua justiça, Deus não faz aquilo que Ele ordena que os homens não façam.

Os deuses imaginários dos gregos faziam o que melhor lhes parecesse no momento, praticando coisas vergonhosas para um poder divino. Eles eram um poder para si mesmos e faziam o mal de forma poderosa. O Deus dos hebreus não se parecia com isso. Muitos têm declarado: "Poder é ter direito". Mas esse é um raciocínio corrompido. Antes, "o amor é direito". E o que é feito pelo amor podemos estar certos, é verdadeiramente justo.

Justiça. John Gill tem um perceptivo comentário sobre esta palavra, neste ponto: ". . .com a palavra *justiça*, parece que Abraão não queria dar a entender uma justiça rigorosa e estrita, mas uma mistura de misericórdia com justiça . . . e a resposta dada pelo Senhor *concorda* com esse sentido". Achamos aqui uma justiça autêntica, *sempre* temperada com o amor de Deus. Justiça destituída da moderação do amor torna-se *justiça nua.* Mas a justiça de Deus não pertence a essa categoria, embora alguns intérpretes da Bíblia insistam em que essa é a justiça Dele. O contrário da injustiça não é a justiça, e, sim, *o amor.*

Não Há Contradição Alguma. Não há nenhuma contradição entre os juízos (e a justiça) de Deus e o Seu amor. O juízo divino é apenas o dedo da amorosa mão do Senhor. Seu julgamento é sempre remedial, e não apenas retributivo.

18.26

Cinqüenta Pessoas Justas. Yahweh não começa exigente. Sem dúvida haveria cinqüenta pessoas que não se teriam corrompido em Sodoma. O colóquio que se segue é teórico. Nem Abraão nem Yahweh iriam até Sodoma para fazer uma contagem dos justos. E fica *entendido*, a cada vez em que o número de justos vai baixando, que tal investigação resultaria no fato de que aquele número específico de pessoas justas não poderia ser encontrado na cidade. No entanto, Yahweh começou por prometer que, se houvesse cinqüenta pessoas justas em Sodoma, Ele não imporia juízo contra a população toda que ali havia. O julgamento, pois, estava operando em combinação com a misericórdia (ver o vs. 25, nos últimos parágrafos de sua exposição).

18.27

Abraão Foi Baixando o Número. Ele estava falando com Yahweh, o Deus Altíssimo, pelo que, mui apropriadamente, se humilhou, por ser ele apenas pó e cinzas. Ainda assim, Abraão mostrou-se ousado o bastante para tentar uma barganha. E prontamente diminuiu o número de justos de cinqüenta para quarenta e cinco, que ele esperava resolveria a questão. Nenhuma investigação empírica foi feita. Fica entendido, porém, cada vez que o número baixava mais, que *se entendia* que nem mesmo tal número de pessoas justas poderia ser encontrado em Sodoma, *se* fosse iniciada uma contagem. Deus não precisa investigar a fim de ficar sabendo. Ele está acima do empirismo.

Pó e Cinzas. A condição aviltada do homem tem sido plenamente demonstrada na história. Quão facilmente o homem é reduzido a nada. A arqueologia vai descendo camada após camada, em suas investigações, e vai encontrando sucessivas civilizações perdidas e esquecidas. Praticamente ninguém ao menos sabe qual era o nome de seu bisavô. As guerras, as fomes e as pragas varrem da terra civilizações inteiras, e algumas poucas gerações mais tarde, ninguém mais liga para o acontecido. Não faz muito tempo, uma súbita inundação atingiu certo estado dos Estados Unidos da América. E alguns cemitérios foram danificados. Alguns esquifes de bronze tinham sido manufaturados mais de cem anos atrás. Longe dali, foi encontrado um desses esquifes, flutuando em um rio. As pessoas que o acharam o abriram, movidas pela curiosidade. Continha uma jovem, muito bem preservada. Ela era bonita, e seus longos cabelos lhe encobriam parcialmente o corpo. Porém, quem era ela? Algum dia, no passado não muito distante, pessoas devem ter lamentado amargamente a morte daquela jovem. Mas, agora, quem poderia dizer quem ela era? Na parte ocidental da América do Norte a mineração atraiu muita gente para certas regiões. As massas humanas se locomoveram. Estradas de ferro ligaram cidades. Mas a mineração acabou diminuindo de intensidade ou tornou-se cara demais. Minas foram fechadas. Cidades-fantasmas foi tudo quanto restou. As linhas férreas deixaram de funcionar. Toda uma grande atividade humana virou poeira.

Além disso, há as vidas espirituais, que não passam de pó, mesmo quando o homem físico foi arrogante e materialmente próspero. Sodoma era uma cidade cheia de vida e de vícios, que quase nunca cessava em sua bulha. Espiritualmente, porém, era um deserto, cheia de poeira e de ossos secos de mortos.

O calvinismo tem enfatizado muito como o homem não passa de um verme. Abraão reconhecia isso. Contudo, não devemos esquecer o outro lado da moeda. Aos olhos de Deus, Abraão era homem de gigantesca estatura espiritual, pois, de outro modo, Yahweh não se teria perturbado em manter aquele colóquio com ele. Abraão foi um gigante espiritual, uma figura criativa, a outra parte do Pacto Abraâmico, um homem ao qual o próprio Deus dava crédito, a cujas orações e anelos Ele dava atenção.

Quando alguém é sepultado então o pregador ou padre diz: "O pó volta ao pó, a cinza às cinzas", tomando por empréstimo as palavras deste versículo. E assim, realmente, sucede. Por outro lado, há o espírito eterno, que sobrevive diante de tudo isso. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Alma.*

O homem foi feito do pó da terra (Gên. 1.26 e 2.7). Ao morrer, seu corpo volta a ser o que era antes. Mas isso diz respeito somente ao corpo físico do homem. O seu espírito volta para Deus, que o tinha dado (Ecl. 12.7).

18.28

Na hipótese de faltarem cinco. Abraão, ao refletir, receou que não poderiam ser achados cinqüenta justos em Sodoma e nas cidades vizinhas (Pentápole). E assim, tratou de diminuir o número de justos. Nenhuma investigação foi feita. Mas simplesmente sabia-se que, se houvesse uma inquirição, não seriam achados *tantos* justos ali. Mas logo o número é de novo baixado, de quarenta e cinco para quarenta. A iniqüidade dos sodomitas ia ficando assim cada vez mais patente. O mal havia tomado conta de tudo. Nenhuma família da cidade tinha escapado. O próprio Ló não tinha cumprido o seu dever para com os seus familiares, pois, se eles e os seus escravos fossem todos contados, provavelmente o número deles chegaria a cinqüenta.

18.29

Quarenta. Abraão não desistia. Sempre será cedo demais para desistir. A misericórdia deveria estender-se ao máximo. Os esforços não devem ser abandonados. Abraão continuava crendo que em Sodoma haveria ao menos uma pequena ponta de justiça. Albert Schweitzer trabalhou em meio à miséria humana do continente africano, mas nunca perdeu a fé na bondade. Nunca se queixou sobre a miséria, mas manteve a confiança de que *ele* poderia fazer *alguma coisa* para fazer a balança inclinar-se na direção do bem. Talvez ele pudesse fazer *um pouco* para alterar toda aquela miséria humana. Asseverou ele: "Tenho confiança no poder da verdade e do espírito. Acredito no futuro da humanidade" (*Out of My Life and Thought*, págs. 280,281). Os que quiserem salvar almas terão de manter uma atitude de otimismo. A derrota no íntimo é a melhor garantia para a derrota externa. A *persistência* é um dos mais necessários fatores do sucesso.

18.30

Não se ire o Senhor. Ao baixar o número de justos possíveis de quarenta para trinta, Abraão temeu que Yahweh poderia perder a paciência e irar-se com ele. Atribuir emoções ao Ser divino é chamado, na teologia, de *antropopatismo.* Forneci um artigo sobre essa questão no *Dicionário.* Como é óbvio, o antropopatismo é uma subcategoria do *antropomorfismo,* que atribui qualidades ou defeitos humanos a Deus. Ver também sobre esse assunto no *Dicionário.* Os estudiosos ultraconservadores nada vêem de errado com o antropopatismo, mas o autor sacro, não há que duvidar, estava fazendo uma concessão diante da compreensão *humana* neste ponto. Yahweh não se irou, e concordou que trinta justos seria um número aceitável.

18.31

Abraão Mostra-se Atrevido. Ele tinha tomado sobre si mesmo a tarefa de falar com o próprio Yahweh, o que não é nenhum empreendimento de pouca monta. Ele já estava em águas profundas, mas persistiu. Agora ele atrevia-se a baixar mais ainda o número de possíveis justos. Não desistiria de suas tentativas, apesar da grande audácia que elas continham. Cf. o vs. 27, onde Abraão demonstrou humildade ao atirar-se a tão hercúlea tarefa. Yahweh, todavia, não se mostrou ofendido diante do atrevimento de Abraão, e concordou em torno do número de vinte justos.

18.32

Não se ire o Senhor. Ver as notas sobre o vs. 30, quanto à esperada explosão de ira do Senhor. Agora, porém, Abraão chegava ao fim de sua intercessão. O número de justos foi baixado para um ridículo dez. Antigos intérpretes

judeus supõem aqui que Abraão tinha boas razões para esperar encontrar esses dez entre os familiares de Ló. Sem dúvida, entre seus familiares e seus escravos, poderiam ser achadas dez pessoas razoavelmente justas. A narrativa, porem, e interrompida, sem dizer-nos o resultado de uma suposta investigação. Mas o capítulo dezenove fornece-nos a resposta. Yahweh não permitiu que Sodoma escapasse ao castigo. Antes, as poucas pessoas razoavelmente retas foram removidas da cidade, deixando ali, como é presumível, somente as pessoas pecaminosas, para receberem o merecido castigo. Nesse caso, a intercessão de Abraão foi um *completo sucesso,* embora não da maneira exata como ele havia planejado. E assim sucede, com freqüência, com a vontade de Deus. Pensamos que certa coisa tem de ser feita de certo modo, mas ignoramos a soberana vontade de Deus. Ele pode responder às nossas petições, mas de uma maneira inesperada e melhor. E, de outras vezes, Ele não responde às nossas preces, porque isso é melhor para nós. Seja como for, há evidências esmagadoras em favor da suposição de que Deus responde às nossas orações, e que a oração é, realmente, eficaz. Todas as pessoas que trilham pela vereda espiritual recebem provas disso. Ver no *Dicionário* os verbetes *Oração* e *Intercessão.*

Dez Pessoas. De acordo com as leis do judaísmo posterior, já podiam formar uma congregação ou sinagoga, pelo que eles diziam que, onde houvesse dez pessoas justas, a localidade seria salva por amor a elas. Os irmãos dispensacionalistas vêem no relato o arrebatamento da Igreja, antecipado em símbolo. O juízo caiu sobre Sodoma, mas "primeiro foi tirado" um pequeno remanescente.

18.33

Fim do Bendito Colóquio. "É grande e maravilhosa a condescendência de Deus ao comungar com uma mera criatura humana; e é um ato soberano o tempo em que Deus continua a assim fazer. Sempre devemos esperar a comunhão com o Senhor nesta vida. Mas Ele comunga conosco por algum tempo, e então afasta-se, prosseguindo o Seu caminho. Ver Jer. 14.8". Uma definição simples do *misticismo* é o contato ou a comunhão com o poder divino. Ver o *Dicionario* quanto a uma discussão sobre o *Misticismo.*

O Targum sobre este versículo é pitoresco: "A glória do Senhor levantou-se" como uma bendita nuvem da presença divina, para então desaparecer. O Senhor seguiu o Seu caminho. E que homem sabe como ou para onde? E Abraão retornou à sua tenda, em Manre.

Capítulo Dezenove

Destruição de Sodoma e Gomorra (19.1-29)

Yahweh é o nome divino usado até o vs. 29 deste capítulo dezenove, pelo que os críticos pensam que a fonte *J* é a base desta passagem, e que a fonte *P (S)* começa a partir daquele versículo. Ver sobre a teoria das fontes informativas *J.E.D.P.(S.)* no *Dicionário.*

Os eruditos falam de uma classe muito diversificada de histórias que seguem de perto o relato bíblico da destruição de uma cidade. Essas histórias aludem a uma cidade antes existente nas vizinhanças do mar Morto, provavelmente em sua extremidade sul. Os arqueologos ainda não conseguiram descobrir o sítio de Sodoma e Gomorra, pelo que os estudiosos pensam que o local antigo jaz sob as águas daquele mar. Nesse caso, há algo de moralmente apropriado nisso tudo. Não somente o fogo e o enxofre consumiram aquelas cidades malignas, a Pentápole (Sodoma, Gomorra, Admá, Zeboim e Zoar), mas também as águas vieram e cobriram toda aquela vergonha para sempre. Os detalhes da narrativa parecem confirmar que a causa da conflagração foi uma erupção vulcânica, e que isso ocorreu em um momento oportuno. Há estudos que demonstram que a natureza age contra os que abusam, e há teorias sobre como isso opera. A boa moral, de modo bem definido, serve de proteção contra os desastres. E também, de modo bem definido, a imoralidade pode atrair tais desastres. Pode haver ou não alguma forma de intervenção divina direta. O livro de Gênesis parece indicar que o mar Morto só veio à existência *após* a destruição de Sodoma e das outras cidades (Gên. 13.10; 14.3,10). Apesar disso não ser uma verdade geológica, é possível que uma imensa erupção vulcânica possa ter alterado as dimensões, a extensão e a profundidade do mar Morto, inaugurando assim uma espécie de novo começo.

A bancarrota moral da civilização cananéia desde há muito vinha provocando a ira de Deus. E, finalmente, esgotou-se a paciência de Deus. Agora a tarefa consistia somente em retirar dali Ló e seus familiares. Haveria poucos sobreviventes, como quase sempre ocorre durante tais calamidades. Ló era um cidadão reto, hospitaleiro e generoso (ver os vss. 2 e 3), mas estava irremediavelmente perdido em Sodoma. Era um homem justo, mas estava deslocado (II Ped. 2.7,8). Mas Deus podia tirá-lo dali, e foi o que Deus fez. Ló tinha preocupações financeiras. Ele preferiu ganhar dinheiro negociando com os cidadãos de Sodoma do que criar vacas e ovelhas nas colinas (Gên. 13.10,11). Agora ele tinha propriedades em Sodoma e se tornara homem próspero. E, por muito tempo, vinha dando mais valor aos bens materiais do que às riquezas espirituais. Como quase todas as pessoas religiosas, ele era um hipócrita. Sua palavra não significava muito em Sodoma (Gên. 19.14). Era homem moral, mas tolerava o homossexualismo ao seu redor. Ele reconhecia o mal quando deparava com ele, mas dispunha-se a sacrificar a virtude de suas próprias filhas (vs. 8). Seu coração estava em Sodoma, pelo que Deus precisou arrancá-lo de Sodoma, e uma parte de sua vida precisou morrer. Sua esposa estava por demais presa a Sodoma para poder escapar com vida. E assim, ela pereceu quando ainda não estava longe da cidade. Ló pagou um preço altíssimo. Uma das dificuldades que cerca o pecado é que *raramente* podemos pecar sozinhos. Sempre arrastamos outras pessoas em nossa insensatez. Ló pensava que podia desfrutar tempos aprazíveis em Sodoma, e continuar sendo um homem espiritual. Ele foi um homem espiritual que perdeu a batalha contra o mundo. Para que Deus pudesse tirar Sodoma do coração de Lo, ele precisou tirar Ló de Sodoma.

A Hospitalidade de Ló (19.1-3)

19.1

Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Hospitalidade.* As histórias de Abraão e Lo ilustram vários aspectos da antiga hospitalidade oriental. Podemos ver a ansiedade de Abraão por entreter estranhos (Gên. 18.2 ss.); e Ló agiu da mesma forma, conforme nos mostra este versículo.

Os dois anjos. Evidentemente são dois dos três *homens,* mencionados em Gên. 18.2. Agora o número era *dois,* em lugar de *três,* porquanto *Yahweh,* um dos três, não havia prosseguido até Sodoma, depois de seu encontro com Abraão (Gên. 18.33). Quanto às várias interpretações que existem sobre esses "homens", e sobre o singular (Yahweh) intercambiado com o plural (os três), ver as notas em Gên. 18.1. O capítulo dezoito não chama nenhum desses seres de *anjos.* Ver no *Dicionário* o verbete *Anjo.*

Ló Estava à Entrada da Cidade. Provavelmente isso quer dizer que agora ele era um dos juizes de Sodoma, homem dotado de autoridade e prestígio. Ele tinha posição e dinheiro, e, assim sendo, tolerava os grandes males da cidade. Ver as notas introdutorias sobre Gên. 19.1, acima. O *portão* de uma cidade era o lugar onde se faziam deliberações e julgamentos. Estando ali, ele se encontrava em posição de ver a passagem de estranhos, o que explica o incidente que ocorreu. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Portão,* em sua segunda seção. Ele levantou-se para ir ao encontro dos anjos e *prostrou-se* a moda tipicamente oriental. Ver Gên. 18.2 quanto a uma descrição similar do que sucedeu a Abraão, ao tratar com os mesmos seres.

19.2

Vinde para a casa. . . pernoitai nela. Ló, tal como Abraão, insistiu em que aqueles homens se aproveitassem de sua hospitalidade. O versículo é paralelo a Gênesis 18.3,4, onde há notas que se aplicam aqui, sobre a questão do lava-pés. Algumas vezes, pessoas acolhem anjos sem terem consciência disso, mas ser bondoso para com estranhos fazia parte essencial da hospitalidade oriental. Eles foram convidados a pernoitar na casa de Ló, partindo somente na manhã seguinte, para que a viagem deles se efetuasse sem nenhum empecilho. Ló não queria atrapalhá-los. Gênesis 18.4 contém uma atitude similar. Ver também Luc. 7.44.

Na praça. Algumas versões dizem aqui "na rua", que é menos provável. Está em pauta um espaço aberto, como em Juí. 19.15,20. No clima quente, não haveria grande problema em passar a noite ao ar livre, o que era comum entre os andarilhos. Naquele tempo, as hospedarias eram raras, pelo que os viajantes se cuidavam o melhor possível, armando suas tendas portáteis em locais convenientes, a menos que alguém os abrigasse em sua casa.

A relutância inicial dos dois homens em aceitar o convite de Ló provavelmente deveu-se à polidez tipicamente oriental. Seja como for, eles tinham vindo para *investigar a cidade,* e a casa de Lo era um bom lugar por onde começar.

19.3

Ló Mostrou-se Insistente. Ló era homem generoso, um bom termômetro para aquilatar a espiritualidade de uma pessoa. O amor é a maior lei e o maior princípio moral que existe. Ver no *Dicionáno* o artigo intitulado *Amor.* Ló preparou um banquete para eles, o que tem paralelo em Gên. 18.5-8, onde a questão é exposta de forma mais elaborada e onde são anotados elementos que também aparecem neste versículo.

Pães asmos. No hebraico, *bolos finos,* sem fermento, como aqueles que foram determinados para a Páscoa. Podiam ser preparados rapidamente,

tendo a vantagem de ser uma *refeição ligeira*. Ver I Sam. 28.24 quanto a algo parecido.

". . .um entretenimento generoso e liberal, conforme tinha feito Abraão, que consistia em comestíveis e bebidas" (John Gill, *in loc.*). Mas não é mencionado vinho, embora esse artigo usualmente fizesse parte de tais banquetes. Talvez Ló tivesse pensado que vinho era impróprio para seres celestiais, pelo que o autor não menciona esse artigo.

Eles comeram. Como pode um anjo comer? E como o Senhor ressurrecto comeu? (Ver João 21.13 ss.) Disseram alguns intérpretes judeus: "Eles só fingiram que comeram" Por outra parte, devemos lembrar que, naquele período remoto, os anjos não eram concebidos como seres imateriais, mas somente como seres de ordem superior e de maiores habilidades que os homens. Não sendo eles imateriais, por que não haveriam de comer? Cf. Gên. 18.8.

O Pecado de Sodoma (19.4-11)

19.4

Antes que se deitassem. Os pervertidos sodomitas apressaram-se em reclamar outras vítimas de suas paixões desnaturais. Eram despudorados e incansáveis. O vício do homossexualismo tomara conta do lugar. O autor sacro dá-nos a horrenda informação de que eram homens velhos e jovens, vindos de todas as partes da cidade. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sodoma*. Dou um detalhado artigo sobre o *Homossexualismo* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. As estatísticas modernas acerca desse vício são modestas em comparação com o que deve ter prevalecido em Sodoma. Somente cerca de cinco por cento da população é realmente homossexual, ou seja, fazem sexo *somente* com membros de seu sexo. Mas os bissexuais atingem a taxa impressionante de vinte por cento da população em geral. Daí a propagação rápida, que ninguém consegue fazer estacar, da AIDS, em nossos dias. No Brasil, a cidade de Santos é um triste exemplo disso. Mais da metade das prostitutas daquela cidade já está contaminada. Em alguns países africanos, mais da metade da população já apresentou a doença. Se essa doença tivesse existido em Sodoma, virtualmente a população inteira estaria infectada. Mas quase a população inteira estava infectada pela enfermidade pior ainda da corrupção da própria alma.

Cercaram a casa. A violação homossexual é um dos mais hediondos de todos os crimes. A população inteira de Sodoma era criminosa. Ver as notas sobre Gên. 13.13 quanto à extensão da iniqüidade dos sodomitas. Yahweh observou tudo com profundo desgosto. Mas não estava distante um ressonante fim de tudo aquilo, efetuado pelos próprios "homens" que agora eram buscados como vítimas.

19.5

E chamaram. Era o clamor de terror nas trevas da noite. Aqueles homens bestiais realizariam a sua violência sexual, se necessário. Ló estava incapacitado de lhes oferecer resistência. Teria sido um ato desumano, e não apenas uma quebra da hospitalidade, sacrificar os dois homens à multidão. Mas que poderia ele fazer agora? Os sodomitas eram o supremo exemplo de total depravação. Ver o artigo intitulado *Depravação*, no *Dicionário*. Eles declararam desavergonhadamente as suas intenções. Ver Isa. 3.9.

Para que abusemos deles. Algumas traduções dizem algo como "para que os conheçamos", um eufemismo para o ato sexual, usado por várias vezes nas Escrituras. Ver Gên 4.1,17,25. Até hoje o termo *sodomia* refere-se ao homossexualismo. Nos Estados Unidos da América e em outros países, esse pecado também é chamado de "o pecado grego", pois, ultimamente, um número surpreendente de gregos entregou-se a essa corrupção.

19.6

Ló Fechou Sua Porta. Ou a da sua casa ou a do portão que dava para a rua. Mas portas não servem de obstáculo a criminosos resolutos. Ló não pensava que fechar a porta servisse de proteção. Ele só queria um pouco de tempo para barganhar. E ofereceu um horrendo negócio. Ele entregaria suas duas filhas para serem sacrificadas à multidão (vs. 8). Mas *Ló fechou a porta errada.* Desde há muito ele deveria ter fechado a porta para Sodoma, afastando-se daquele lugar. Hoje em dia, a Igreja vê-se invadida pelo mal da música tipo rock, sem nenhum freio, com suas chamadas palavras cristãs acerca de drogas e de sexo. Mas a porta da Igreja deveria ter sido fechada para essas coisas, e várias outras, faz muito tempo. Agora, Sodoma penetrou na Igreja, fazendo parte da apostasia prevista na Bíblia (II Tes. 2.3). Assim sendo, há uma apostasia vinda de fora, e há outra apostasia, vinda de dentro.

19.7

Meus irmãos. Devemos dar atenção a esse tratamento. Ló chamou "irmãos" àqueles homens bestiais. Muitos deles, sem dúvida, eram conhecidos pessoalmente por ele. Eram seus "amigos e vizinhos". Ló descendia da linhagem de Sem; os sodomitas, da linhagem de Cão. Ló não estava apelando para a idéia de origem racial, mas para a idéia de proximidade, vizinhança. Ele esperava que seus vizinhos e irmãos mudassem de atitude. Quanto à fé religiosa, eles não eram "irmãos". Eles seguiam uma religião idólatra, e Ló havia transigido, residindo em Sodoma. Cf. I Reis 9.13, onde o termo "irmão" é usado acerca de uma relação mais distante, dentro de uma comunidade.

Não façais mal. Ló era capaz de reconhecer o pecado, quando o via. Aqueles homens nem ao menos possuíam essa percepção. A consciência deles havia perdido todo poder. Em lugar da consciência, tinham um irrefreável pendor para a corrupção. Aquilo que pomos em prática não demora a assenhorear-se de nós. Nossas práticas pecaminosas acabam por dominar-nos. Assim, os apelos patéticos de Ló aos sodomitas foram um desperdício. Eles agiriam como tinham desejado fazer. Ele era diferente deles no coração, mas nem por isso era respeitado.

19.8

Tenho duas filhas. Ló ainda tentou aquela repelente barganha. Duas filhas donzelas seriam entregues à multidão de feras pervertidas, *se* esquecessem suas más intenções no tocante aos *homens*. Ellicott (*in loc.*) opinava que essa *proposta* não deve ter sido encarada, naquele tempo da história, com tanto horror como sentimos hoje; e frisou o trecho de Juízes 19.24 como prova disso. Mas outros eruditos pensam que a questão é "abominável" Ambrósio afirmava que Ló apenas queria substituir o pecado pior por um pecado menor. Crisóstomo comentou sobre como Ló estava na obrigação de proteger os homens e as suas filhas, "até os limites de suas forças". Mas ninguém diz como Ló poderia ter saído daquele dilema, sem a ajuda divina. Algumas vezes, somente uma intervenção divina pode solucionar os nossos problemas. Benditas são essas intervenções, quando elas ocorrem!

Ló havia amealhado propositadamente as suas riquezas em Sodoma. Sentia-se preso à cidade Tinha negligenciado os valores morais, mas agora estava preso a uma armadilha. Fazia anos que ele tinha aberto as portas de sua casa à corrupção, e agora estava pagando o preço por isso. Podemos confrontar isso com a rendição de Sara, por parte de Abraão, ao harém de Faraó (Gên. 12.11-20). E Isaque fez outro tanto, mais tarde (Gên 26.7-11). Em todos os três incidentes, estava em pauta uma questão de vida ou morte. Para nós parece fácil julgá-los, mas seria difícil melhorar nossa atitude, sob as mesmas circunstâncias. Seja como for, o texto reflete uma atitude inferior acerca da mulher. Na época, as mulheres eram pouco mais do que quinquilharias de seus maridos.

Como podemos reconciliar esse versículo com II Pedro 2.7,8, que chama Ló de homem justo? Até mesmo homens justos, especialmente aqueles que têm comprometido suas convicções, caem em ardis dos quais, depois, não conseguem desvencilhar-se.

19.9

Retira-te daí. Eles rejeitaram a barganha oferecida por Ló. De fato, ele não estava em posição de barganhar. Agora, abusariam de Ló e de suas filhas, e não somente dos dois homens. Que Deus nos livre de indivíduos malignos e destituídos de razão! (II Tes. 3.2).

Ló, o Estrangeiro. Na verdade, Ló não era natural de Sodoma. Tão-somente, ele tinha parado ali. Ele se tornara um dos *juízes* da cidade; mas quem precisava dele? Ele estava brincando de ser juiz e de dizer-lhes o que deveriam fazer ou não fazer. Eram meras palavras. Os sodomitas eram homens de ação, e coisa alguma fá-los-ia parar. "Os apelos de Ló em favor da justiça (vs. 7) foram desperdiçados" (Allen P. Ross, *in loc.*). A iniqüidade dos sodomitas tinha sido igualada, o tempo todo, pela hipocrisia e pela transigência de Ló. Suas palavras agora nada significavam. Os *cidadãos* poderiam fazer o que bem quisessem. E o *estrangeiro* teria de manter-se longe deles e ficar quieto.

Ló, Objeto da Indignação de Todos. Visto que Ló tinha ousado abrir a boca, para apresentar sua estúpida defesa, agora ele seria punido pela sua imprudência. Sofreria um ataque homossexual, e haveriam de deixá-lo meio morto, em piores condições em que deixariam os dois "homens".

"Na antiguidade os direitos dos cidadãos não eram ciosamente guardados, e a situação dos forasteiros era muito periclitante" (Ellicott, *in loc.*).

Os sodomitas abafaram Ló com suas ameaças de violência, com insultos, maldições e imprecações. Era o dia do juízo. Entrementes, a terra estava preparada para o seu ataque A lava estava fervendo, os gases estavam prestes a explodir A terra rugiria muito mais alto do que aquelas bestas humanas, e isso poria fim a toda aquela miserável pecaminosidade

19.10

A Ajuda Divina. Ló estava fazendo tudo quanto podia, mas apenas estava interferindo nos planos da maldade. E foi arredado de sua posição de defesa, que era inútil. Ele tinha fechado a sua porta, mas agora precisava de alguém dotado de poder muito maior, para que aquela ameaça turbulenta fosse removida. Assim, os dois homens impediram que Ló entregasse suas filhas à turba, e não permitiram a entrada de nenhum sodomita. As coisas funcionam quando Deus abre ou fecha as portas.

19.11

A Intervenção Divina. Por causa dessa intervenção, a ameaça foi neutralizada. A cegueira imposta deixou aqueles homens animalescos a tatear nas trevas. Não desistiram de imediato de suas más intenções, mas agora não tinham como realizar o que desejavam. Todas as pessoas que seguem pela vereda espiritual sabem o que são as intervenções divinas. E também sabem que, normalmente, Deus nos permite experimentar nossas próprias idéias e capacidades, para vermos que nada podemos fazer. Mas quando as coisas tornam-se impossíveis de ser manuseadas por nós, então o poder divino intervém a fim de remediar a situação, ou criar situações inteiramente novas. Este versículo apresenta-nos o estranho quadro de homens cegados pelo pecado, a tatear em meio à noite de sua degradação. Plenos de energia e propósito quando se tratava de coisas erradas; Foram subitamente, reduzidos a zero, conforme esta destinado que aconteça a todo tipo de maldade.

Alguns intérpretes judeus pensam que Deus enviou uma capa de trevas e terror, que envolveu aqueles homens iniquos, e não que seus olhos físicos foram afetados. Mas essa opinião apela para a fantasia. Não há que duvidar de que aquela cegueira física tambem tenha causado perturbações mentais. Aqueles que até momentos antes mostravam-se tão arrogantes, agora estavam reduzidos a uns coitados. Ver o relato em II Reis 6.18 quanto a uma cena similar. Somente aqui e ali temos a utilização de certa palavra hebraica, aqui traduzida por "feriram de cegueira".

As Cidades São Destruídas (19.12-28)

O ataque contra os anjos (homens) ao que parece só ocorreu no começo da noite. O vs. 15 mostra que os anjos só começaram a executar o seu plano de destruição ao amanhecer. Os vss. 27 e 28 dão a entender que a destruição ocupou tempo considerável, atingindo seu ponto culminante pela manhã. É impossível fazermos declarações absolutas sobre o elemento tempo envolvido. Os críticos vêem contradições nas afirmações sobre o tempo, supondo que mais de uma fonte informativa teria sido entretecida. Os vss. 18-22 são patéticos. Parece que Ló desistiu de viver na cidade. Mas rogou pela permissão de residir na "pequena" cidade de Zoar. Esta ficava no extremo sul do mar Morto, uma área que acabou completamente devastada. Não há informações sobre como e por que ela escapou.

A narrativa que passa a ser aqui contada tem incendiado a imaginação dos hebreus. Com freqüência ela foi repetida ou aludida (Deu. 29.23; Isa. 1.9; 13.19; Jer. 49.18; 50.30; Amós 4.11; Sof. 2.9). Sodoma e Gomorra também são mencionadas por muitas vezes, a fim de ilustrar uma espantosa iniqüidade, e como ninguém deveria ousar seguir o exemplo negativo dos sodomitas. (Deu. 32.32; Isa. 1.10; 3.9; Jer. 23.14; Isa. 3.9; Lam. 4.6; Eze. 16.46-55). No trecho de Deuteronômio 29.23 são mencionadas Admá e Zeboim, juntamente com Sodoma e Gomorra, e em Oseias 11.8 Adma e Zeboim são mencionadas sozinhas. Detalhes como esses, e a insistente repetição, demonstram como um evento real deixara impressões duradouras. Jesus lembrou o evento a pessoas de Seus dias (Mat. 10.15; 11.23 e Luc. 17.32).

19.12

A lava já borbulhava no interior da terra. Os grandes bolsões de gás estavam prestes a explodir. O momento fatal estava muito próximo. A ameaça enchia o ar. Os anjos queriam que primeiro *saissem* todos os familiares de Ló, pelo que apertaram com este para que se apressasse. Não havia tempo para diálogos. Até mesmo seus futuros genros deveriam ser poupados, por causa dessa relação de parentesco com ele. A ordem dos anjos foi: ". . .faze-os sair deste lugar". Esses genros eram "noivos" das filhas de Jó, porquanto elas são chamadas "virgens" no vs. 8. Ou, então, Ló tinha outras filhas, e os detalhes da história estão um tanto confusos. O vs. 14 subentende que esses genros potenciais não escaparam, porque não acreditaram nas palavras de Ló sobre o cataclismo iminente, uma previsão fantástica do ponto de vista deles.

As pessoas foram poupadas, mas Ló não achou meios para salvar seus bens, acumulados tão trabalhosamente e por tanto tempo. A *razão* pela qual Ló escolhera Sodoma como seu lar, por motivos de *vantagens financeiras,* mostrou assim ser uma razão totalmente absurda. De chofre, ele perdeu tudo, por causa daquela anterior decisão errada. "À semelhança de tantos outros homens desde então, ele ficou sabendo que suas escolhas anteriores, que ele tinha julgado serem espertas, na verdade lhe haviam chamuscado a consciência, e que agora estava pagando caro por elas. Não há garantia de uma responsabilidade parcial diante de um ato errado" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*).

19.13

Três Fatores. Os dois "homens" eram agentes da destruição; o *clamor* da iniqüidade requeria uma imediata destruição (cf. o vs. 18.20, onde a questão é anotada). *Yahweh* enviara-os em uma missão de destruição. Ver no *Dicionário* o artigo *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos.*

19.14

Os Avisos de Ló Resultam em Nada. Ló, tendo transigido com Sodoma, não tinha muita autoridade em sua própria casa. Seus genros potenciais riram-se diante da piada engraçada dele, acerca de uma iminente destruição da cidade. Ló tinha falado sobre o *Senhor.* Sua conversação era piedosa, mas sua vida não era muito piedosa. Ele tinha perdido a força da influência. Portanto, seus avisos foram ignorados. Uma das histórias mais tristes ocorre quando, a um pai que não ensinou devidamente seus filhos, vem um momento de crise, quando os homens precisam de espiritualidade, e eles são vencidos no campo de batalha. Um pai deve três coisas a seus filhos: *Exemplo, exemplo, exemplo.* Se Ló tivesse dado bom exemplo aos seus familiares, seus genros potenciais teriam dado ouvidos a seus avisos. E, se não o ouvissem, então pelo menos isso não teria sido falha de Ló. ". . .sendo-lhe o Senhor misericordioso. . ." (vs. 16) são palavras que mostram a conclusão da questão. Ló obteve mais do que merecia da parte do favor divino, mas na grande hora da crise, apesar de seus frenéticos esforços, ele não conseguiu o respeito de todos ao seu redor.

19.15

Ao amanhecer. Chegara a hora crítica. Agora a destruição viria prontamente, pois, quando Abraão levantou-se bem cedo e olhou na direção de Sodoma, ele viu a fumaça do cataclismo (Gên. 19.27-28). A alvorada tinha começado e parecia que outro dia, como qualquer outro, tinha começado e terminaria normalmente. Subitamente, porém, em meio a gigantescas explosões, aquele foi o último dia para muita gente daquela região.

Ló tinha contado com a noite inteira para preparar-se para escapar. Em visita a seus genros potenciais, ele pregara uma mensagem de destruição. Ele era um profeta da condenação, mas pouquíssimos deram ouvidos às suas palavras.

Alguns eruditos pensam que as *duas filhas* deste versículo são diferentes das duas filhas do vs. 14, as quais seriam mulheres casadas e, ao que parece, pereceram junto com seus maridos incrédulos. Realmente, é difícil decidir qual a verdade da questão.

19.16

Ló Foi Forçado a Sair de Sodoma. Ló titubeou na hora da crise. Ele esperava que tena um pouco mais de tempo para preparar-se e entrar em ação. Foi mister que os anjos agarrassem a ele e à sua esposa, pela mão, para forçá-los a sair de Sodoma. O autor sacro atribuiu certa razão para esse ato dos anjos: o Senhor mostrou-se misericordioso. Todos nós, ocasionalmente, dependemos da pura misericórdia de Deus. Tragédias são revertidas; julgamentos são suspensos. Seja como for, todos os juízos de Deus são temperados com o amor e a graça, pois não existe a *justiça nua,* que opera sem o concurso do amor. O juizo é um dedo da amorosa mão divina. Esse princípio foi bem ilustrado e comentado nas notas sobre Gên. 18.23 ss., onde Abraão é pintado a barganhar com Yahweh, na esperança de evitar a destruição de Sodoma, em razão da existência de pessoas justas ali, embora tal número fosse ridiculamente pequeno. Ver especialmente as notas sobre o vs. 25.

"Ló continuava agarrado às suas riquezas, e não podia resolver se partiria dali, e assim, finalmente, os anjos tomaram-no pela mão e compeliram-no a desistir da cidade condenada" (Ellicott, *in loc.*). John Gill (*in loc.*) sugeriu que Ló pode ter-se demorado por estar orando por Sodoma, conforme Abraão também o fizera. Mas naquele instante a oração era inútil.

19.17

Salva a tua vida; não olhes para trás. As palavras eram urgentes, pois a situação era crítica. Não havia tempo para lamentações e para saudades do passado. Coisas dessa ordem só poderiam impedir a fuga para a segurança. *Ele não devia parar na campina,* pois a erupção vulcânica afetaria a área inteira, muito mais do que apenas as cidades da Pentápole (ver as notas sobre Gên. 18.24) Tudo quanto um homem tem dará pela sua vida. Há ocasiões em que a única coisa que importa é continuar vivendo. De repente, Ló viu-se dentro de uma dessas ocasiões.

Não olhes para trás. Temos aqui uma lição moral. Uma correta dedicação pode significar, algumas vezes, um total abandono "ao que vier de beneficente",

que poderia ser conquistado *se* não dedicássemos nossa vida ao principio espiritual. Jesus prometeu que os que assim o fizerem serão grandemente galardoados, tanto nesta vida quanto na vindoura. Luc. 18.29,30.

Foge para o monte. Era o mesmo monte para onde os reis de Sodoma e Gomorra tinham fugido, após a batalha contra reis vindos do oriente (Gên. 14.10).

19.18

Assim não, Senhor meu! Temos aqui um breve versículo, mas prenhe de significado. Ló, embora em perigo de perder a vida, continuava lutando para ser um habitante da cidade. Ele não podia tolerar a idéia de lutar pela sobrevivência no monte solitário que dominava a região. Podemos pensar que, uma vez, a misericórdia divina o beneficiou. Foi-lhe concedido o que desejava. Ou, talvez, a questão fosse indiferente, e Ló tivesse feito uma escolha legítima. Seja como for, os intérpretes sorriem diante deste versículo. Ló, correndo um perigo mortal, ainda assim teve a coragem de disputar com o anjo do Senhor. Ló antecipava perigos no monte (vs. 19), depois de ter tido de enfrentar tantos perigos.

Senhor meu! O singular causa aqui algum problema. Mas podemos imaginar que Ló falava somente com um dos anjos, ou que o outro se tinha afastado. O autor sagrado não estava dando muita atenção a tais detalhes. Não é provável que *Yahweh* tivesse voltado à cena, depois de haver sido originalmente um dos três "homens" (Gên. 18.33 em combinação com Gên. 19.1).

Senhor. No hebraico temos aqui *Adon*, forma singular de *Adonai*. Ver as notas sobre Gên. 15.2 acerca desse nome divino.

19.19

Graça e Misericórdia. Ver no *Dicionário* sobre ambos esses assuntos. Ló reconheceu que não merecia os atos de bondade que lhe tinham sido feitos. Ver o vs. 16. A misericórdia do Senhor tinha poupado a sua vida. E assim agora Ló desejava depender pesadamente dessa *mesma misericórdia*, a fim de obter um pequeno favor.

Não posso escapar no monte. Alguns eruditos têm pensado que o problema de Ló era que ele pensava que não seria capaz de chegar até o monte, pois a erupção vulcânica poderia envolvê-lo antes que ele chegasse a uma distância segura. Outros supõem que ele esperava encontrar algum perigo oculto nas colinas, de tal modo que, depois de ter escapado da conflagração, acabaria vítima de alguma *outra* desgraça. Fosse como fosse, ele estava demais cansado para ir muito adiante, e queria interromper a fuga o mais cedo possível. Ou, então, queria, de algum modo, reiniciar a vida citadina que antes tivera. Não queria ser um criador de gado, em grandes espaços vazios.

19.20

Uma cidade. . . pequena. A cidade em questão era Zoar (vs. 22), antes conhecida como Belá (Gên. 14.2). Ofereço verbetes no *Dicionário* sobre ambos esses locais. Uma pequena cidade como aquela não deveria ser viciada como Sodoma. Ló poderia ter ali um novo começo. Parece que Zoar ficava localizada no extremo sul do mar Morto, uma região representada como completamente devastada pela conflagração (vs. 25). Os críticos pensam que isso reflete uma adição posterior à história original, que colocou uma cidade onde ela não poderia estar. Por outra parte, não há como sabermos até onde se espalhou a explosão vulcânica, e quais lugares exatos foram atingidos ou não. Os desastres naturais geralmente atingem e poupam de maneira totalmente inesperada. O vs. 21 dá-nos uma razão divina: Deus poupou o lugar. *Zoar* quer dizer "pequena", e seu nome provavelmente refletia as pequenas dimensões da cidade. Meu artigo sobre o assunto explora as várias localizações possíveis que têm sido sugeridas, além de vários outros detalhes relativos a esta passagem e a outras, onde Zoar é mencionada.

Um Pequeno Pedido. Esse pedido de Ló reveste-se de grande interesse humano. Quão freqüentemente pedimos do Senhor alguma "coisa pequena", algum minúsculo item, muito importante para nós, embora, talvez, não tenha uma importância real. O anjo cedeu diante do desejo expresso por Ló. Assim também o Senhor dá-nos aquelas pequenas coisas que tanto desejamos, embora elas não façam grande diferença para nossa felicidade ou bem-estar. Isso faz parte da misericórdia e do amor de Deus, pois Ele trata conosco como Seus *filhos*.

19.21

Quanto a isso estou de acordo. No hebraico temos uma frase pitoresca: "ergui o teu rosto", dando a entender a idéia de aprovação. O rosto do anjo refletiu-se sobre a fisionomia de Ló, visando ao seu bem. John Gill (*in loc.*) disse que achamos aqui uma reverberação de um costume antigo: ". . .ergui o *teu* rosto. . . aludindo ao costume dos países orientais onde as pessoas, ao chegarem à presença de algum superior, costumavam prostrar-se rosto em terra; e então como sinal de *terem sido aceitas*. . . era-lhes ordenado que erguessem o rosto, pondo-se de pé diante de seus superiores".

19.22

Nada posso fazer, enquanto não tiveres chegado lá. Consideremos o poder da oração intercessória. Até aquele poderoso anjo do Senhor não estava autorizado a exercer o seu poder enquanto Ló não estivesse em segurança. Somente então ele poderia espalhar a destruição, executando assim a tarefa do julgamento divino.

As orações de Abraão mostravam-se altamente eficazes. Sodoma e outras cidades foram completamente devastadas. Mas o poder destrutivo não pôde tocar em Ló. Somente depois de ele haver chegado a Zoar é que a destruição se completou.

Tinha indagado Abraão, em Gênesis 18.25: "Não fará justiça o Juiz de toda a terra?". Parte dessa justiça consistiu em poupar Ló, embora ele mesmo não merecesse o livramento (Gên. 19.16). Mas a dignidade de Abraão lançou uma capa de proteção sobre Ló e seus familiares, embora seus bens materiais se tivessem perdido. Ele não conseguiu escapar totalmente ileso, antes, sofreu perdas.

Zoar. O lugarejo tornou-se um memorial do livramento de Ló. Ele residiu nessa "cidade pequena" por um breve período de tempo. Não foi aquela a sua mudança derradeira, porém. Ver o vs. 30. Viriam outras; mas por enquanto ele desfrutava a bênção do Senhor em seu novo lar.

19.23

Ló Entrou em Zoar ao Romper o Dia. Isso não significa que ele chegou ali exatamente ao alvorecer. Logo, este versículo não contradiz o vs. 27, que mostra Abraão a olhar na direção de Sodoma, que fumegava "de madrugada". Tudo o que precisamos pensar é que a destruição de Sodoma ocorreu cedo pela manhã, e que, enquanto ainda era bem cedo, Ló conseguiu chegar em Zoar. Não sabemos dizer, porém, que distância havia entre Sodoma e Zoar. Os intérpretes judeus expunham vários cálculos, como três quilômetros, seis quilômetros ou oito quilômetros. Nesse caso, não há nenhum problema acerca dos horários dados ao longo da passagem.

Era uma bela manhã. O sol surgira no horizonte; o céu estava sem nuvens. Mas o juízo divino apanhara os habitantes de Sodoma inteiramente de surpresa. A maioria deles morreu na cama, antes de terem tempo de reagir. Para eles, a bela manhã trouxe morte súbita em suas asas; mas para Ló trouxe um notável livramento.

A Destruição de Sodoma e Gomorra (19.24-38)

19.24

Enxofre e fogo, da parte do Senhor. Não há como dizer com exatidão o que aconteceu em Sodoma; mas reproduzo abaixo algumas opiniões dos estudiosos:

1. A ocorrência foi completa e absolutamente sobrenatural. Deus, a causa da intervenção, enviou fogo e enxofre sobre uma dada área, como se tivesse soltado uma bomba atômica divina ali. Não devemos ver aqui causas meramente sobrenaturais.
2. O evento foi *controlado*, quanto à sua *cronologia*, por Deus, a causa. Mas o Senhor utilizou-se de elementos naturais, como uma erupção vulcânica, a explosão dos poços de piche (por razões desconhecidas) etc.
3. O acontecimento, na realidade, foi natural, mas os autores que registraram a memória do acontecido *atribuíram-lhe* uma causa divina. É usual que os homens atribuam causas divinas a desastres naturais. Até as apólices de seguro falam sobre *atos de Deus* quando aludem a incêndios, inundações e outras calamidades naturais. Naturalmente, toda vanedade de cristãos assume que Deus pode estar por trás de desastres naturais, que podem tornar-se maneiras de castigar pessoas pecaminosas, sejam indivíduos, sejam comunidades, ou mesmo nações inteiras.
   Sabemos que naquela região do mundo havia terremotos freqüentes e alguma atividade vulcânica. A lava escaldante naturalmente dava início a incêndios secundários nos poços naturais de betume que existem na região. Assim sendo havia fogo vindo de cima e fogo vindo de baixo. O enxofre e o salitre até hoje são produtos químicos naturais encontradiços nas margens do mar Morto.
4. O evento foi uma calamidade natural, mas *provocada* pela vontade divina, que fez acontecer exatamente o que aconteceu. Há evidências de que até a *psique humana coletiva* pode provocar desastres naturais, pois a terra reage diante dessas forças, em sentido positivo ou negativo. Há uma *ressonância*

entre a mente humana e a natureza. Quanto mais, pois, a mente divina é capaz de provocar acontecimentos naturais.

Fogo e Enxofre. Esses elementos químicos são usados metaforicamente para indicar qualquer tipo de julgamento. Isa. 24.9; 30.33; Apo. 14.10; 19.20; 20.10; 21.8. Ver também Deu. 29.23; Jó 18.15; Osé. 11.6 e Eze. 38.22.

Gomorra. Na presente narrativa, esta é a primeira vez em que essa cidade é mencionada. Mas ela já havia sido referida em Gênesis, fora desta conexão (Gên. 10.19; 14.2 ss.). Já havia sido predito o juízo divino contra ela (Gên. 13.10). Por várias vezes, noutros trechos bíblicos, Gomorra é referida como cidade que sofreu a grande destruição, juntamente com Sodoma (Deu. 29.23; Isa. 13.19; Jer. 23.14; 50.40; Mat. 10.15; II Ped. 2.6; Jud. 7). No *Dicionário* há um verbete detalhado sobre *Gomorra*.

O Senhor. Ou seja, *Yahweh*, associado aos dois anjos no tocante a este incidente (Gên. 18.33 em confronto com Gên. 19.1). Alguns estudiosos pensam que nessa palavra vemos o reflexo de uma aparição veterotestamentária do Logos, ou Filho de Deus, pelo que também pensam estar subentendida a triunidade, quando essa palavra aparece. Mas essa interpretação é um exagerado refinamento do texto.

19.25

E subverteu aquelas cidades, como também a região inteira, de maneira tal que qualquer coisa que crescia no solo ou qualquer pessoa não poderia ter sobrevivido à calamidade. O versículo aponta para a destruição *absolutamente completa*, com a notável exceção de Ló e seus familiares. Mas embora tão completa, a destruição não atingiu *Zoar*, porque para ali Ló havia fugido (vs. 22). Isso posto, o julgamento de Deus é ao mesmo tempo completo e seletivo, dependendo de quem é justo e de quem não o é, e dependendo da influência ou não da oração. Por isso, indagamos por que alguns dentre o povo de Deus caem juntamente com este mundo corrupto, e chegam a atrair o juízo divino. Por que esses não fogem de uma sociedade ímpia? A corrupção externa, a bem da verdade, *apela* para a corrupção interior, e a perversão continua oculta na alma até mesmo das melhores pessoas.

Aquelas cidades. Isto é, a *Pentápole* (Gên. 18.24), excetuando *Zoar*. Estrabão mencionou que naquela área tinha havido antes treze cidades, o que é bem possível. A Bíblia enfoca sua atenção sobre quatro delas, talvez as principais. Alguns estudiosos supõem que agora essa área esteja sob as águas mais rasas da ponta sul do mar Morto.

19.26

Estátua de sal. Uma pessoa sobrevivente acabou perecendo, a saber, a esposa de Ló. Ela continuava afagando Sodoma em seu coração, pelo que a sorte de Sodoma acabou por afetá-la. Esse acontecimento tornou-se proverbial, pois os homens costumavam dizer: "Lembrai-vos da mulher de Ló", quando advertiam outros a tirar Sodoma de seus corações, a fim de evitar um julgamento desnecessário. O trecho de Lucas 17.32 mostra-nos que esse provérbio continuava em uso nos dias de Jesus. Os críticos supõem que as estranhas formações de sal da região *sugeriram* ao autor do Gênesis a perda de um dos membros da família de Ló, ao transformar-se em uma coluna de sal. Isso teria dado ao relato outro efeito dramático. Mais provavelmente, uma ou mais pessoas que fugiam da área podem ter sido apanhadas pela calamidade que se espalhava, e o corpo delas transfigurou-se em formações estranhas. Entre essas, a esposa de Ló também foi apanhada. Mas também é possível que o caso dela tenha sido único.

A Mortífera Olhada para Trás. Com quanta facilidade os pecados e vícios anteriores retornam para capturar de novo suas vítimas impotentes! Existem emaranhados persistentes. As consequências do erro apegam-se às pessoas culpadas. Pessoas inocentes acabam sendo corrompidas. Olhando para trás, as pessoas tornam-se filhas do inferno mais do que já o eram por causa de seus lapsos. Essas circunstâncias foram pintadas metaforicamente pela fatal olhada para trás da esposa de Ló. O lar dela estava lá; seus bens materiais estavam lá; seus amigos estavam lá; seus prazeres estavam lá. Mas agora, *à frente* dela, só havia o deserto. Seus olhos volveram-se para trás; ela hesitou, e assim, pereceu.

A esposa de Ló não apenas se tinha *acostumado* com Sodoma. Ela amava aquele lugar. Não é fácil romper com um vício do passado. Os homens chegam a amar os seus pecados. Algumas pessoas insistem em olhar para seus erros passados. Ficam paralisadas de tanto se lamentarem. As coisas passadas adquirem um certo lustre conforme avançamos pelo futuro. Esse *lustre* pode chamar-nos de volta, quando o melhor para nós é precisamente onde nos achamos. Seja feita a vontade do Senhor!

A Estátua de Sal. Os eruditos perdem seu tempo tentando explicar o que sucedeu exatamente à mulher de Ló. Nenhuma teoria científica foi apresentada, e nem alguém sabe deveras o que sucedeu. Alguns deles lançam a culpa sobre Deus: Ele a teria transformado literalmente em sal, por decreto divino, em face de seu lapso. Outros vêem no acontecido um fenômeno natural, mas tentam em vão explicar o seu *modus operandi*. Algumas vezes é fútil tentar descobrir as razões das coisas; e assim dizendo, julgo que esse é o caso do presente versículo. Os críticos, por sua vez, não acham dificuldade alguma. Eles simplesmente dizem que o episódio é lendário. Isso é ofensivo para os estudiosos conservadores, os quais tentam achar explicações diversas. Adam Clarke gasta uma página inteira de duas colunas sobre a questão. Disse John Gill (*in loc.*): ". . .uma coluna de sal — ela morreu instantaneamente, ou diretamente pela mão de Deus, ou pela chuva de enxofre e fogo; e o corpo dela foi transformado em uma substância metálica, uma espécie de sal, dura e durável, conforme disse Plínio, uma substância cortada das rochas, com a qual casas eram construídas". Josefo (com toda a seriedade) afirmou que a coluna particular de sal em que fora transmutada a esposa de Ló ainda podia ser vista em seus dias! (*Antiq.* 1.1 c. 11 sec. 4). Outros escritores, como Irineu e Tertuliano (e mais tarde, vários turistas importantes), passaram adiante a mesma incrível história, dizendo até mesmo onde essa coluna estava localizada. John Gill preparou uma coluna inteira de comentários, relatando tais crônicas, acompanhadas até de documentação!

Ellicott escreveu que *cones de sal* são comuns naquela área, e a Expedição Americana encontrou uma dessas colunas com doze metros de altura, perto de Usdum.

19.27

De madrugada. Abraão levantou-se para seu usual momento de devoção e adoração. Ele precisou caminhar por uma boa distância até o seu altar, pelo que se levantou bem cedo. Ou talvez o *lugar* referido seja aquele mencionado em Gênesis 18.22, o lugar onde ele tinha conversado com *Yahweh* acerca do iminente julgamento de Sodoma e Gomorra. O lugar tornara-se sagrado. Dali, ele podia avistar toda a campina do rio Jordão. Provavelmente, ficou surpreso e chocado ao ver a fumaça subindo. O juízo divino tinha sobrevindo! Teria falhado a sua intercessão? Ele não sabia o que tinha acontecido, visto que sua barganha com Yahweh ficara indecisa. Sim, Deus tinha feito uma provisão adequada para o livramento de Ló e seus familiares, mas Abraão ainda não sabia disso. Seu coração, pois, afundou de tanta preocupação. Mas logo Deus viria tratar de seu coração confrangido. A narrativa permite-nos imaginar a conclusão. Não nos é informado como Abraão foi ao encontro de Ló e como o idoso patriarca sentiu-se aliviado ao perceber que seu sobrinho tinha escapado e as suas orações tinham sido respondidas.

A devoção de Abraão tinha lançado uma capa protetora em redor de Ló. Isso envolve uma grande lição espiritual, porquanto a misericórdia e o amor de Deus são mais poderosos que a destruição e o julgamento!

19.28

Ver o vs. 24 e suas notas quanto a teorias sobre a natureza do desastre que atingiu Sodoma, Gomorra e outras cidades da campina. Ver também sobre o vs. 25, que adiciona detalhes, bem como a identificação das cidades destruídas. Este versículo somente acrescenta uma nota sobre a intensidade do fogo, que era como "a fumarada de uma fornalha". Cf. Apo. 19.3. As muitas referências ao evento, em tempos posteriores, servem de testemunho quanto à natureza temível daquilo que sucedeu. Trata-se de um acontecimento histórico que nunca foi esquecido, e também é significativo que a *razão* para o fato também nunca foi esquecida. Tão grande iniquidade (Gên. 13.13) não poderia ficar sem castigo severo. Ver as notas do vs. 24 quanto a referências sobre esse evento.

19.29

Este versículo repete dados que já tinham sido vistos e comentados em outros versículos. Lembra-nos que Ló foi livrado devido à *intercessão* de Abraão, o que foi descrito com riqueza de pormenores a partir de Gên. 18.23. Isso mostra que as orações de Abraão foram respondidas, embora não exatamente como ele tinha desejado (que a destruição fosse totalmente evitada); mas em essência os "justos" (Ló e sua família) foram livrados dessa destruição. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Intercessão*. Ver também sobre *Oração*.

Origem de Moabe e de Amom (19.30-38)

Yahweh continuaria a ser o nome divino utilizado nesta seção, pelo que os críticos supõem que a fonte informativa seria *J*. Ver no *Dicionário* a teoria das fontes informativas múltiplas, chamada *J.E.D.P.(S.)*.

O propósito principal desta seção é dar-nos alguma informação sobre origens. Aqui aprendemos que os moabitas e amonitas descendiam de Ló mediante um relacionamento incestuoso que ele teve com suas próprias filhas, devido a um período de embriaguez da parte dele. Ele teve sua participação na maldade. Sodoma continuava morando em seu coração, embora tivessem sido livrados daquele lugar pela misericórdia divina. Alguns eruditos pensam que o desastre que feriu Sodoma e as cidades próximas foi tão grande que chegou a ser

comparável com o dilúvio, guardadas as devidas proporções. Pelo menos, quanto àquela pequena região do globo, foi um cataclismo realmente devastador. De fato, foi de tão grande alcance que as filhas de Ló sentiram que não poderiam conseguir marido, pelo que tiveram de usar seu próprio pai para perpetuar a raça.

Talvez outra finalidade desta seção tenha sido mostrar por que, posteriormente, houve tanta inimizade entre Israel, por um lado, e Moabe e Amom, por outro. Quanto a esse particular, ver Deu. 32.31,32, onde lemos que esses povos eram agora tidos como *inimigos*. Fica implícito, embora não declarado, que o *incesto* (ver no *Dicionário*) era uma prática comum entre os povos daquela área. Sem dúvida, fazia parte da estrutura social de Sodoma e Gomorra. O próprio Abraão tinha-se casado com sua meia-irmã, Sara! Assim sendo, por que ficaríamos surpresos se outra forma de incesto também era comum (Gên. 20.12)?

Alguns intérpretes supõem que o fato de os nomes das filhas de Ló não serem dados indica que ele, e não elas, tenha sido o iniciador de toda a triste história, embora isso não seja revelado no texto sagrado. Outros pensam que o detalhe da embriaguez de Ló não foi histórico, mas apenas uma invenção para encobrir o pecado dele. É difícil ver por que as pessoas pensam estar desculpadas de seus erros, somente por estes serem praticados estando elas sob o efeito (proposital) de bebidas alcoólicas. Universalmente, as pessoas conhecem o poder do álcool para perverter a conduta de uma pessoa. Portanto, ficar embriagado por si mesmo já consiste em um erro sério; e assim, como isso poderia servir de justificativa para a prática de outros males conseqüentes?

19.30

Ló Abandona Zoar. Antes ele tinha desejado muito ir para aquela localidade, sendo ela uma cidade *pequena* (ver os vss. 19 ss.). Isso lhe fora concedido pelo anjo, com o resultado de que Zoar, embora estivesse na mesma área geral das outras cidades, não foi destruída. O texto não indica por quanto tempo Ló ficou em Zoar, nem *por que* ele partiu dali. Há muitas razões para as mudanças, como busca por uma melhor situação financeira, ou quando as pessoas não se sentem à vontade em um lugar, ou quando os vizinhos são implicantes, quando uma cidade tem sérias desvantagens etc. Fosse como fosse, Ló resolveu tentar a sorte nas montanhas (que antes ele tinha procurado evitar tão criteriosamente, vs. 30) e acabou indo residir em uma caverna. Não há que duvidar de que estamos tratando com uma tradição muito antiga. Os críticos pensam que várias tradições foram alinhavadas, e que o nome de Ló acabou ligado a elas. De acordo com essa teoria, o Ló da caverna não seria o mesmo Ló de Sodoma, nem seria ele parente de Abraão. Mas essa interpretação tem por base apenas uma conjectura, não havendo como prová-la. Uma estranha torção dessa teoria é aquela que diz que Ló, que antes fora um homem rico, com muito gado e outros animais domésticos, e com uma família de muitos membros, com muitos servos para tomarem conta de sua casa, aparece aqui reduzido a somente ele e suas duas filhas; e, então, os três acabam habitando em uma caverna. Mas de fato, quão grande foi a queda de Ló, resultante de seu envolvimento com Sodoma!

"Que contraste com a *civilização progressiva* (Luc. 17.28) da cidade de Sodoma, que ele tinha abandonado" (Allen P. Ross, *in loc.*). "Fora um erro, em primeiro lugar, não se ter ele refugiado no monte; e agora ele errava de novo, por ter ido para ali" (Adam Clarke, *in loc.*).

A região de solos calcários da Palestina é pontilhada de cavernas, pelo que foi fácil para Ló encontrar ali um abrigo. Mas consideremos o contraste. Não fazia muito tempo, Abraão e Ló estavam prestes a entrar em disputa por serem ambos tão ricos que a região não podia sustentar os seus rebanhos (Gên. 13.8 ss.). E agora vemos Ló, com suas duas filhas, vivendo em uma caverna!

Alguns têm identificado o local com En-Gedi. Josefo (*Antiq.* 1.6 c. 13 sec. 4) afirma que era a mesma caverna onde Davi (séculos depois) abrigou-se com seus seiscentos homens, nos montes de En-Gedi. Ver I Sam. 24.3. Outros também identificaram os dois lugares como um mesmo lugar, mas não há como investigar a questão.

19.31

Não há homem na terra. A destruição de Sodoma tinha aniquilado com a população de toda aquela região, ao ponto em que não havia candidatos a marido. Os maridos potenciais das duas mulheres tinham perecido na destruição de Sodoma e Gomorra (Gên. 19.14).

Está velho. Talvez sessenta e cinco anos de idade, conforme opinavam alguns intérpretes judeus.

Segundo o costume de toda terra. Um eufemismo para o sexo e a reprodução, mediante meios normais, marido e mulher. Esse *costume* estava perdido para elas, em face das circunstâncias. Isso posto, resolveram agir contra tal costume e inventar seu próprio método: incesto com seu idoso pai! Alguns intérpretes supõem que o relato tenha sido contado a princípio como um ato de *heroísmo* por parte das duas mulheres, porquanto fizeram o que lhes foi possível para dar a Ló uma posteridade. Isso talvez fosse a concepção popular dos povos descendentes do ato, mas não é o ponto de vista da Bíblia.

19.32

Álcool e Sexo. Quantas vezes essas duas coisas andam juntas, neste mundo ímpio. Dessa vez, porém, a situação era desesperadora. Duas filhas fazem seu idoso pai embebedar-se a fim de terem filhos por meio dele. Ló, sobrinho de Abraão, livrado fazia ainda pouco tempo de um temível julgamento, pela misericórdia de Deus, agora cooperou para ficar embriagado! Presume-se que isso reflita um hábito, e não um mero acidente. Sodoma continuava pulsando no coração de Ló e de suas duas filhas.

Elas tentaram justificar o ato com vistas a uma suposta boa finalidade. Era considerado, na antiguidade, uma grande calamidade quando um homem não deixava posteridade. Era bom ter posteridade, pelo que um meio escuso foi sancionado para produzir um "bom" resultado. Trata-se da velha história que diz: "Façamos males para que venham bens", que sempre será um princípio maligno. Não obstante, podemos estar certos de que Deus tinha um plano para os moabitas e os amonitas, pelo que, uma vez mais, a vontade divina utilizou-se de más circunstâncias para que daí resultasse o melhor bem possível. Mas isso não justifica os meios errados, embora magnifique a graça e o poder de Deus.

Não somos informados de onde veio o vinho. Não é provável que o tenham trazido de Sodoma. Mas podemos supor que Ló começara a praticar alguma forma de atividade agrícola.

19.33

O Ousado Plano Funcionou. Nem sempre é bom obter êxito. A primogênita de Ló conseguiu o que desejava. Não somos informados sobre como ela teve tanta "sorte" que ficou grávida logo na primeira tentativa; e como sua irmã mais nova teve igual sorte na noite seguinte. O autor sacro não se importou muito com tais detalhes e especulações. Talvez o que foi feito aqui tenha sido repetido, mas o autor fala somente sobre a tentativa bem-sucedida.

Ló é desculpado pelo autor sagrado. Ele não fazia idéia do que estava acontecendo. Mas ficou embriagado a propósito. Ele tinha vivido em Sodoma, e sabia o que o álcool pode fazer. Ver no *Dicionário* o verbete *Alcoolismo*. Na verdade, não houve participante inocente do caso. Talvez Ló estivesse de luto por sua esposa, triste pela perda de todos os seus bens. Era uma vítima fácil, sozinho naquela caverna. Sua vida espiritual havia degenerado em meio à sua degenerada situação. John Gill (*in loc.*) mostrou-se cru aqui: "Ele estava morto de bêbado". Mas vendo uma mulher com ele na cama, deitou-se com ela. Talvez, em seu estupor alcoólico, possa ter imaginado estar com sua esposa.

19.34

Um Segundo Sucesso Mau. A filha mais nova de Ló não queria sair derrotada por sua irmã mais velha. Se *ambas* ficassem grávidas, a posteridade de Ló seria mais numerosa. Tanto melhor! Se só uma delas ficasse grávida, pelo menos haveria posteridade para Ló. As mulheres aplicaram uma infalível matemática, e uma ciência exata.

Encorajando Outras Pessoas a Pecar. Já é ruim alguém pecar sozinho. E pior ainda é fazer outrem participar de nossos pecados. Sem dúvida, essa é uma lição dada pelo presente versículo. Ló ficou embriagado novamente. Parecia fácil demais! Ele podia ser intoxicado com grande facilidade. Tinha perdido sua fibra moral. Sodoma, ainda em seu coração, saíra-se vencedora.

19.35

O Horrendo Pecado Gêmeo. Este caso pecaminoso é gêmeo daquele do vs. 33. O pecado foi agravado pela repetição imediata. Ló, novamente bêbado, e vendo outra mulher em sua cama, não teve a menor intenção de resistir. As filhas obtiveram sucesso completo. Algumas vezes é ruim obter sucesso.

Permitindo a Outras Pessoas Exercer Má Influência. Somos responsáveis por nossos próprios pecados e não podemos desculpar-nos em face da influência desses pecados sobre outras pessoas. Mas, ai do indivíduo que causa propositadamente a queda de outra pessoa.

19.36

Gravidez. Ambas as filhas de Ló obtiveram sucesso, para sua grande satisfação. Mas na realidade, para vergonha delas. Um homem bom pode tornar-se culpado de crimes chocantes. Não nos esqueçamos de que Ló havia exposto suas filhas às imoralidades de Sodoma, pelo que ele compartilhou dos atos delas.

Ele teve alguma culpa daquilo que elas agora eram. A ingestão excessiva de álcool leva aos crimes mais hediondos. E ele participou no incesto sem nenhum protesto. Era tremenda a falta de vergonha naquela caverna. "Os pecados e falhas de homens bons ficaram registrados para nossa admoestação e cautela, para que possamos evitar toda aparência de mal, vigiando para *não* cairmos, e nem ao menos nos mostrarmos presunçosos e autoconfiantes (I Cor. 10.12)" (John Gill, *in loc.*).

19.37

E lhe chamou Moabe. No *Dicionário* ver o artigo *Moabe, Moabitas*. Essa palavra vem do termo hebraico *meabh*, que significa "de um pai", ou seja, de Ló, pai do filho de sua filha primogênita. Alguns estudiosos informam-nos que a etimologia é incerta, e que aqui temos uma etimologia popular. Seja como for, a natureza incestuosa da gravidez já se acha inerente no sentido desse nome próprio. Os moabitas foram, finalmente, absorvidos pelas nações árabes.

Não imediatamente, mas gradualmente os moabitas foram-se tornando adversários de Israel. É possível que a etimologia popular do nome Moabe nos forneça a razão dessa animosidade. Afinal, conforme diz o próprio nome, eles procediam de um vergonhoso incesto. Não admira, pois, que terminassem sendo inimigos dos israelitas. Os dois povos irmãos, amonitas e moabitas, foram capazes de reduzir à obediência os aborígenes que residiam à margem oriental do mar Morto, estabelecendo pequenos reinos naquela área.

As opiniões acerca do significado da palavra "Moabe" incluem estas idéias: 1. De um pai; 2. indo para um pai (ou seja, tendo relação sexual com ele); 3. águas de um pai (e, nesse caso, não se deve pensar no incesto, mas talvez em um território bem regado por águas).

19.38

E lhe chamou Ben-Ami. No hebraico, "filho de meu parente", o que faz lembrar que os amonitas originavam-se de uma relação incestuosa de Ló com uma de suas filhas. Ver no *Dicionário* o verbete *Amom (Amonitas)*. Tal como no caso dos moabitas, parece que devemos entender que a inimizade entre Israel e os amonitas teve começo no fato de que estes últimos tinham uma origem vergonhosa. Uma vez mais, os eruditos anunciam que a etimologia da palavra *Amom* é desconhecida, e que a etimologia que é dada no texto bíblico é uma explicação popular, talvez com um intuito polêmico. Tanto os moabitas quanto os amonitas acabaram sendo absorvidos pelos povos árabes.

Ao comentar sobre este versículo, Orígenes lembra-nos que um único ato pecaminoso não indica um coração pervertido, pois esta condição já se refere a um hábito. Em outras palavras, não deveríamos apressar-nos muito para julgar nossos semelhantes pelos seus *lapsos*. Tanto os moabitas quanto os amonitas foram idólatras quase desde o começo de sua história. Ver Jui. 11.4,22; Deu. 23.3,4.

É nesse ponto do relato que Ló desaparece das páginas do Antigo Testamento; mas ele reaparece no Novo Testamento, em II Pedro 2.7.

Cinco Grandes Motivos do Capítulo 19:

1. Juízos repentinos e poderosos caem sobre aqueles que persistem no pecado. O rico Ló acabou em uma caverna. Ele tinha compartilhado dos pecados de ímpios.
2. A lição moral é óbvia, sublinhada em Rom. 12.1,2 e I João 2.15-17. A separação do mal e a comunhão com Deus resultam de uma vida transformada.
3. "Lembrai-vos da mulher de Ló", disse Jesus, em Luc. 17.32. Ela titubeou, saudosa da vida antiga, e pereceu. Não devemos desprezar os livramentos divinos, que nos libertam do mal. A misericórdia divina foi desprezada, e as conseqüências foram sérias.
4. Jesus mostrou que aqueles dotados de maior luz devem ser os primeiros a arrepender-se. Cafarnaum vira o poder do Messias, mas O rejeitou. Até os sodomitas, se tivessem tido as vantagens dos habitantes de Cafarnaum, ter-se-iam arrependido diante da prédica de Jesus (Mat. 11.23).
5. O julgamento divino envolve diversos níveis. Será mais tolerável para Sodoma do que para Cafarnaum, no dia do juízo, por causa da luz e da oportunidade sem-par dos moradores desta última (Mat. 11.24). Ver no *Dicionário* o verbete *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*.

Capítulo Vinte

Sara, Isaque e Ismael (20.1 — 23.20)

Abraão e Isaque (20.1 — 21-7)

Ver o trecho paralelo (Gên. 12 10-20). Alguns críticos pensam que o relato à nossa frente é uma *duplicação* da passagem mencionada. Isso significaria que ambos os relatos tiveram uma mesma origem, sendo apenas versões diferentes, e não dois incidentes históricos separados. Poucas são as diferenças, e talvez só quatro sejam importantes: 1. O Faraó era agora Abimeleque. 2. O Egito agora era Gerar. 3. Abraão encobriu sua mentira com uma meia-verdade: Sara era tanto sua esposa quanto sua meia-irmã. Esse item não figura na história do Egito. 4. Na primeira história, Abraão foi expulso do Egito. Nesta, ele foi favorecido. Contra tais suposições, os eruditos conservadores frisam que as experiências da vida tendem por repetir-se, e que mesmo um homem bom pode repetir por duas vezes um mesmo erro.

Na introdução a Gên. 12.10 ofereço comentários que se aplicam aqui, pelo que não repito os detalhes. Os críticos pensam que o trecho de Gên. 12.10 ss. deriva da fonte *J*, e que o vigésimo capítulo deriva da fonte *E*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *J.E.D.P.(S.)* quanto às teorias sobre as fontes múltiplas do Pentateuco.

O propósito dos dois relatos é essencialmente o mesmo: Deus, sem dúvida, protege o povo do pacto, apesar de seus erros e dificuldades, e a despeito das ameaças externas. Ver as notas sobre o *Pacto Abraâmico*, em Gên. 15.18. É um mal negócio enganar o próximo. É triste quando um incrédulo precisa repreender um santo. É triste quando Deus precisa iluminar o incrédulo para que este repreenda o crente. É triste o comentário sobre a vida espiritual de alguém quando Deus precisa livrar repetidamente a mesma pessoa do mesmo erro. As promessas de Deus demandam a separação do mal e da falsidade.

20.1

Abraão Muda-se de Manre para Gerar. Abraão tinha vivido em Manre ou nas cercanias durante quinze a vinte anos. Essa localidade ficava na porção sul das terras cananéias. Ver as notas sobre *Carvalhais de Manre*, em Gên. 13.18. O texto não nos explica a razão para essa mudança feita por Abraão. As sugestões incluem que ele não podia tolerar o escândalo que envolveu Ló (o nascimento de filhos por meio de suas filhas, Gên. 19.30 ss.); que ele não agüentava o mau cheiro sulfúrico dos incêndios que prosseguiam na área de Sodoma; que ele recebeu alguma espécie de visão de Deus que o fez mudar-se dali (embora tal visão não tenha sido registrada); que Abraão era um seminômade que ficou vagueando por tempo considerável (o que talvez seja indicado em Gên. 13.17,18).

A terra do Neguebe, entre Cades e Sur, onde ficava, conforme se aprende em Gên. 16.7,14, Beer-Laai-Roi, com a qual localidade Isaque esteve associado (Gên. 24.62, 25.11). No *Dicionário*, ver os artigos sobre *Cades-Barnéia* e *Sur*. E ver as notas sobre *Beer-Laai-Roi*, em Gên. 16.14. Alguns estudiosos pensam que a história original envolvia Isaque, e não Abraão, mas que acabou sendo transferida para a vida deste último. De novo, os eruditos conservadores indagam por que Isaque não poderia ter tido uma experiência similar à de seu pai.

O que Abraão fora em Hebrom, Isaque tornou-se em Beer-Laai-Roi, ou seja, um líder espiritual importante e cabeça do culto a Yahweh. Foi em Beer-Laai-Roi que houve a promessa divina de um *filho*. E isso também tinha ocorrido em Hebrom (Gên. 18.9-14).

Gerar. No hebraico, "região", "lugar de pernoite". Era uma das principais cidades dos filisteus, localizada na fronteira sul da Filístia, não muito longe de Gaza. Ofereço um artigo detalhado sobre esse lugar, com todas as suas associações bíblicas, no *Dicionário*. Abraão mudou-se assim para o coração mesmo do território dos filisteus, ao mudar-se de Manre para ali. Ficava a cerca de oitenta quilômetros ao sul de Hebrom.

20.2

Ela é minha irmã. Abraão tinha dito a mesma coisa no Egito. Ver Gên. 12.13. No *Dicionário* ver o artigo chamado *Incesto*. O trecho de Gên. 20.12 mostra que Sara era *meia-irmã* de Abraão, um detalhe não incluído no relato do capítulo doze, que ocorreu no Egito. Quase todos os elementos dos dois episódios são paralelos, pelo que os críticos crêem tratar-se de uma *duplicação*, ou seja, os dois relatos procedem de uma mesma fonte histórica, e não de dois acontecimentos distintos na vida de Abraão. Ver as notas de introdução a Gên. 20.1, quanto a argumentos. Outros eruditos acreditam que o episódio realmente ocorreu na vida de Isaque (Gên. 26.1-11), e que a tradição foi adaptada para envolver a vida de Abraão. Os estudiosos conservadores crêem na repetição de incidentes, e não em uma *combinação de tradições*. É difícil ver por que o autor faria tais incidentes serem aplicados ao grande patriarca Abraão, levando-o a mentir e a enganar, e até chegando a repetir a história, a menos que os incidentes realmente tenham sucedido.

Abimeleque, Rei de Gerar. A história similar sobre Isaque também teve o seu Abimeleque, o qual deve ser entendido como um homem diferente (Gên. 26.1-11). Quatro homens desse nome figuram nas páginas da Bíblia. No hebraico, esse nome significa "pai do rei" ou "pai real" (*abi* significa "pai"). Ele foi um rei filisteu (um chefe de tribo) nos dias de Abraão (cerca de 2200 A. C.). Talvez esse nome se assemelhasse ao título *Faraó*, isto é, um título dos reis filisteus. Ele notou a beleza física de Sara e resolveu incluí-la em seu harém. Abraão não refreou a

"A verdadeira religião não está confinada a um lugar nem a um povo. Ela está espalhada, assumindo diversas formas, por toda a terra. Aquela que preenche a imensidão deixou um registro de si mesma em todas as nações e entre todos os povos sob os céus. Esteja ciente do espírito da intolerância, pois o fanatismo gera a ausência de caridade, e a ausência de caridade, julgamentos ríspidos; e em tal espírito, um homem pode pensar que está prestando um serviço a Deus quando tortura ou quando faz uma oferta queimada da pessoa, a quem sua mente limitada e coração enrijecido desonram com o nome de herege".

Adam Clarke, comentando sobre o capítulo 20 de Gênesis

*** *** ***

PEDRO TEVE UMA VISÃO

... lençol... contendo toda a sorte de quadrúpedes, répteis da terra, e aves do céu. E ouviu-se uma voz que se dirigia a ele: Levanta-te, Pedro, mata e come. Mas pedro replicou: De modo nenhum, Senhor, porque jamais comi cousa alguma comum e imunda.

A voz lhe falou: AO QUE DEUS PURIFICOU NÃO CONSIDERES COMUM

Atos 10.12-15

O APÓSTOLO PAULO RECEBEU UMA REVELAÇÃO

...desvendando-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em Cristo, de fazer convergir nele, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as cousas.

Efésios 1.9-10

questão e salvou a sua vida, inventando a história de que Sara era sua irmã, e não sua mulher. Os chefes tribais da época faziam o que queriam em seus territórios, e era inútil esperar misericórdia da parte deles. Homens eram assassinados: mulheres eram violadas. Ver Gên. 12.15 e Est. 2.3 quanto a essa questão.

Mas Deus Estabeleceu a Diferença. Yahweh avisou Abimeleque, em um sonho, do que estava sucedendo, pelo que Abimeleque terminou repreendendo Abraão, por havê-lo enganado. Deus ameaçara o rei filisteu com a morte, e o vs. 17 mostra que sua gente sofrera de esterilidade temporária. Os vss. 4 e 6 mostram que o rei ainda não mantivera relações sexuais com Sara, que assim foi poupada de ser contaminada. E embora Abimeleque tenha repreendido sarcasticamente Abraão (Gên. 20.14,16), ainda assim deu-lhe escravos e animais (vs. 14), mostrando-se muito generoso para com Abraão (vs. 15). Faraó, rei do Egito, expulsou Abraão de seu país, fazendo contraste com a atitude de Abimeleque. Alguns anos depois, os servos de Abraão e os servos de Abimeleque entraram em desacordo por causa do poço de Berseba, além de outras coisas. Mas a disputa foi resolvida pacificamente.

Sara tinha cerca de noventa anos de idade na ocasião. Os intérpretes supõem que ela deve ter sido sujeita a um milagre de rejuvenescimento, a fim de ser mulher atrativa em idade tão avançada. Esse argumento é reforçado pelo fato de que ela foi capaz de gerar Isaque com essa idade.

20.3

Em sonhos. Foi desse modo que Deus fez a revelação a Abimeleque. Ver no *Dicionário* o verbete *Sonhos*. *Elohim* é o nome divino aqui usado. Ver no *Dicionário* o verbete sobre esse nome divino. Com base nessa circunstância, os críticos supõem que a fonte *E* tenha sido usada. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)*. A alegada fonte informativa do capítulo doze seria a fonte *J*. O relato paralelo (a respeito de Isaque) também contém o nome divino Yahweh (tal como no capítulo doze), e supostamente vem da fonte informativa *J*.

Vais ser punido de morte. Isso porque havia tomado Sara, esposa de Abraão. Aqui temos uma das principais lições da narrativa. O *Pacto Abraâmico* (ver no *Dicionário*) teria cumprimento, apesar de todas as dificuldades, internas e externas, o que seria garantido pelas medidas necessárias da misericórdia e da graça de Deus. O poder de Deus estaria por trás desse pacto; e as forças externas, como Abimeleque, não poderiam causar dano. Sara, que em breve seria mãe de Isaque (o filho prometido), praticamente nem ficou no harém de Abimeleque!

Ela tem marido. O patriarca havia mentido. Ellicott supunha que Abraão usava de vez em quando a mentira sobre sua "irmã", enquanto vagueava pela Palestina. Era a sua história padrão de proteção, e o que sucedeu aqui pode ter ocorrido por várias outras vezes, duas das quais ficaram registradas no livro de Gênesis.

O vs. 17 diz que Deus *curou* Abimeleque. Alguns eruditos pensam que ele estava sofrendo de impotência, e sua esposa de esterilidade. Talvez *ambos* estivessem sofrendo de esterilidade. O versículo mostra que se deu a *cura* para provar que havia algum problema que poderia ter inspirado a aquisição da bela Sara, talvez na tentativa de remediar a impotência e/ou esterilidade.

O Conhecimento de Deus. Ter conhecimento de Deus nunca se restringiu a alguma nação ou grupo de indivíduos. Abimeleque recebeu instruções diretas da parte de Elohim. O *Logos* manifesta-se universalmente, e não meramente através de uma nação ou de uma fé religiosa. Deus tem poder para unir os homens, posto que a longo prazo, e assim haverá de fazer, conforme vemos na questão do mistério da vontade de Deus (Efé. 1.9,10). Ver no *Dicionário* o verbete *Mistério da Vontade de Deus*.

20.4

Matarás até uma nação inocente? O argumento de Abimeleque foi muito bom. *Ele* estava inocente. Naquele caso, Abraão é que era o culpado. O juízo de Deus haveria de o ferir e a sua gente, quando ele não tinha culpa do ludíbrio de que fora vítima, com seus resultados funestos? Como é óbvio, há aqui uma alusão à situação da destruição de Sodoma. Abraão tinha intercedido em favor de Sodoma, e baixara para dez o número de justos possíveis que ali moravam. Se houvesse dez pessoas justas na cidade, Deus não pouparia Sodoma por causa daqueles dez? *Sim,* tinha respondido Yahweh. Ver Gên. 18.32. Portanto, temos aqui uma alusão a esse princípio.

Inocente. Provavelmente devemos entender que Abimeleque estava defendendo a retidão geral de seu povo. Eles não agiam como os habitantes de Sodoma. Eles eram inocentes, e não somente no que dizia respeito à presente circunstância de Sara ter sido separada de seu marido. Abimeleque não se tinha aproximado de Sara a fim de manter relações sexuais com ela, pelo que não havia razão para a ameaça divina. Alguns críticos textuais afirmam que a palavra *nação*, que lemos no texto, deveria ser substituída pela palavra *homem*, supondo que o rei tinha pleiteado somente em favor de *sua própria* inocência. Mas não há nenhum manuscrito que dê apoio a essa contenção.

O rei filisteu estava corretamente preocupado com o bem-estar de sua gente. E isso é uma lição que não pode ser esquecida nestes dias de tremenda corrupção, onde os governantes só se preocupam com o quanto poderão enriquecer, mediante a manipulação das finanças públicas.

20.5

Abimeleque ficou assustado diante da ameaça divina de morte. Ele argumentou que Abraão havia mentido (pois havia dito: "É minha irmã"). Mas Sara também havia mentido, dizendo sobre Abraão: "Ele é meu irmão". Tendo havido assim uma mentira dupla, que o tinha enganado, Abimeleque era inocente, por haver tomado a mulher de outro homem sem o saber. Havia nele integridade de coração e mãos inocentes. Ele não havia planejado alguma maldade; ele não havia praticado alguma maldade. As profecias de morte assustam-nos. Mas a oração é mais poderosa que a profecia, pelo que mesmo uma profecia de morte pode ser anulada.

Com sinceridade de coração. Abimeleque não tinha embalado maus propósitos, não estando interessado nem em violações sexuais nem em adultério. Buscava um casamento honroso. Alguns homens poderiam ter mãos manchadas de sangue. Mas ele mesmo era *inocente,* porquanto não praticara nenhuma maldade. Ele sabia o que era certo e agira de modo justo. Alguns seguem a lei da natureza e chegam até certo grau de retidão, conforme o segundo capítulo de Romanos supõe que pode ocorrer. Mas é possível que alguns filisteus tivessem mais do que isso, como esta mesma passagem parece indicar. A luz interior era fraca; mas talvez os filisteus também dispusessem da luz exterior, através de revelações e outras experiências místicas (João 1.9; Rom. 2.14,15; Mat. 6.23). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Misticismo*. Os homens podem entrar em contato com o Ser divino, o que é uma das definições básicas do misticismo. Todas as fés religiosas estão alicerçadas sobre esse princípio.

Abraão era polígamo; mas Abimeleque também o era. Para os antigos, a poligamia era uma opção de matrimônio, e não um pecado.

20.6

O sonho continuou, havendo um interessante colóquio entre Elohim e Abimeleque. O argumento de inocência, apresentado pelo rei, foi reconhecido como um argumento justo, pois, na verdade, ele tinha boa consciência, sabia o que era certo e tinha agido certo. Suas intenções acerca de Sara eram nobres. Ademais, Elohim tinha feito *intervenção,* pelo que a virtude de Sara foi preservada. Não nos é dito *como* isso sucedeu. Talvez Abimeleque tenha sofrido impotência, conforme supõem alguns estudiosos. Deus tinha visto que Abimeleque não merecia morrer, porquanto teria sido muito sério se ele tivesse violado Sara, a princesa, a futura mãe do filho prometido por Deus.

20.7

Restitui. A solução era simples. Que Abimeleque devolvesse a mulher a seu marido, e cessariam todas as ameaças de punição. E o rei filisteu não hesitou em retirar o espinho.

Ele é profeta, e intercederá por ti. O autor sacro apresenta Abimeleque como quem *precisava* da intercessão de Abraão. As orações deste já tinham mostrado ser poderosas e eficazes, como no caso de Ló. Ver Gên. 19.10 ss. e especialmente o vs. 22. O anjo destruidor *nada pôde* fazer enquanto Ló não se afastou de Sodoma. Houve uma proteção absoluta, por causa da intercessão de Abraão. Se Abraão orasse, o rei seria livrado da ameaça divina de morte, bem como de quaisquer problemas de impotência e esterilidade que tivessem atingido a ele e a sua casa (vs. 17).

Profeta. Por toda a história de Abraão temos visto quão grande era a espiritualidade dele, apesar de lapsos ocasionais. Ele tinha passado por poderosas experiências espirituais. Ver Gên. 12.1 ss. e, especialmente, Gên. 15.7 ss. É possível, portanto, que o autor sacro quisesse dizer-nos que Abraão era um profeta, segundo os padrões do Antigo Testamento. Ele era homem de grande energia espiritual e discernimento e capaz de proferir tanto ensino quanto declarações proféticas. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Profecia, Profetas* e *Dom de Profecia*. Alguns eruditos, porém, pensam que os dias de Abraão eram cedo demais para terem surgido ainda *profetas*, pelo que essa palavra, aqui, significaria *homem de Deus,* um homem capaz de produzir maravilhas e instruir, mas não alguém que *predizia.* Os profetas eram homens que entravam em *êxtase,* o que é amplamente ilustrado no caso de Abraão. Posteriormente, homens capazes de profetizar preditivamente floresceram com suas experiências místicas, quando se tornaram figuras nacionais, voltadas para as tarefas de instruir e predizer o futuro, de modo benéfico para a nação de Israel.

A ameaça de morte continuava pairando sobre o rei filisteu e toda a sua família, ou mesmo sobre a nação (alguma praga poderia atingir a todos), *se* Sara não fosse devolvida a Abraão. Mas Abimeleque não precisava ser exortado. Ele estava pronto, disposto e ansioso para fazer o que era certo e remover assim a ameaça divina.

Profeta (no hebraico, *nabi*) tinha o sentido primário de quem *orava, exortava* e *suplicava*. Abraão era habilidoso na *intercessão* (ver a esse respeito no *Dicionário*). Mas era mais do que isso. Um *nabi* era um intercessor e um comunicador. Abraão tornou-se alguém capaz de predizer.

20.8

Levantou-se Abimeleque de madrugada. Ele não perdeu tempo. A situação requeria urgência. Sua admirável experiência mística (falar com Elohim em um sonho!) levou-o a modificar o curso dos acontecimentos. Primeiro comunicou a seus cortesãos tudo quanto tinha acontecido. E eles *acreditaram* prontamente no que ele dizia. E compartilharam de seu temor de drásticas conseqüências.

Muito atemorizados. Talvez todas as pessoas envolvidas tenham ficado muito apreensivas. Eles tinham ouvido falar sobre a destruição de Sodoma e Gomorra. O temor a Deus descera sobre o coração deles. Também devem ter sabido da participação de Abraão no acontecido. Daí ter-se tornado ele um homem respeitado e temido. Talvez esse *temor* tenha contribuído para tornar Abimeleque generoso com Abraão, apesar da vergonhosa conduta deste (vss. 15 e 16). Por qual outro motivo ele teria dado a Abraão todas aquelas coisas? Por certo o chefe filisteu não estava satisfeito com Abraão. Estava receoso de Elohim. Além disso, não seria um mal negócio manter feliz a Abraão, aquele poderoso chefe tribal. Isso fazia parte de uma política de boa vizinhança.

20.9

Abimeleque, o pagão, repreendeu Abraão, o justo. Isso tem paralelo no décimo segundo capítulo do Gênesis, onde Faraó fez a mesma coisa (Gên. 12.18 ss.). Parece que Abimeleque também se sentiu advertido pelas circunstâncias adversas, que não eram nada naturais.

É triste quando um homem justo, dotado de toda a luz e de todo o conhecimento, é repreendido por alguém que é seu inferior espiritual, por estar laborando em erro. O autor sacro fornece-nos um relato pormenorizado. O rei falou com palavras sarcásticas e cortantes. Ele não havia prejudicado ou ofendido em sentido algum Abraão. No entanto, havia sido prejudicado e ofendido. Não tinha pecado, e, no entanto, Abraão era culpado de mentira e de decepção. A conduta de Abraão tinha sido lamentável.

Todos os Religiosos São Hipócritas. Assim dizemos porque não vivem à altura do conhecimento que possuem, e também porque sempre apresentam diante de outras pessoas um quadro melhor do que aquele que eles realmente são. Todavia, esses hipócritas usualmente são melhores do que os ímpios, lá fora. Assim, no caso das pessoas religiosas há, pelo menos, algum progresso.

". . .coisas que não deveriam ser feitas por *nenhum* homem, muito menos por um homem que professava ser religioso e piedoso" (John Gill, *in loc.*), ao explicar como Abimeleque "repreendera" Abraão.

20.10

O Que e Por Quê. A reprimenda do rei prosseguia. Ele queria saber *o que* Abraão tivera em mente ao cometer aquele erro, e *por que* agira daquele modo. O homem superior pendeu a cabeça, envergonhado, diante do homem inferior.

Que estavas pensando. . .? O original hebraico tem causado aqui alguns problemas. Nossa versão portuguesa procura contornar o problema, a exemplo de outras traduções, que dão mais uma interpretação do que uma tradução. No hebraico temos: "Que estavas vendo. . .?". Também há interpretações como: "Que maldade observaste em mim ou em meu povo que propositadamente tentaste prejudicar-me?". Ele e seus cidadãos tinham respeitado Abraão e sua esposa; eles não os tinham molestado ou prejudicado em coisa alguma. Portanto, *por que* Abraão agiu como agiu? Se Abraão tivesse notado abusos contra as mulheres, violações e assédios sexuais, então teria razão ao tentar proteger Sara daquela maneira duvidosa. Mas Abraão não tinha observado tais coisas entre aquele povo.

20.11

Não há temor de Deus neste lugar. Todas as motivações de Abraão eram subjetivas. Todavia, qualquer pessoa que percorresse a Palestina como Abraão tinha feito, teria podido ver, em muitas ocasiões, atos imorais, defloramentos e ataques sexuais contra mulheres. Assim sendo, Abraão deve ter dito "Esta é minha irmã", a fim de proteger-se de homens ímpios e desarrazoados, que poderiam querer matá-lo a fim de ficarem com ela. Ora, Abimeleque e sua gente eram uma exceção, e Abraão nada *tinha visto* fora de ordem entre eles. Mas, meditando, chegara a acreditar que havia perigos ali, como em tantos outros lugares que já tinha visitado. Portanto, perpetrou aquele ludíbrio.

Eles me matarão por causa de minha mulher. A velha história, que se tornara costume em muitos lugares. Nos interiores remotos do Brasil isso continua acontecendo com tanta freqüência que há ali muito mais mulheres do que homens. Os homens são assassinados. E as mulheres se prostituem, de tal modo que os homens que sobrevivem ficam com muitas mulheres. Isso faz parte da depravação da alma humana. A civilização não ajuda muito aos seres humanos, quanto a esse ponto. Armas mais mortíferas têm permitido crimes mais horrendos.

A depravação das tribos cananéias era generalizada e proverbial. Mas em *Gerar* os padrões de moralidade eram mais elevados do que Abraão tinha imaginado.

20.12

É também minha irmã. As palavras em seguida mostram que Sara era meia-irmã de Abraão. Eles eram filhos de um mesmo pai, mas não da mesma mãe. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Incesto*. Naor, irmão de Abraão (Gên. 11.26,27,29), tinha-se casado com uma sobrinha. As filhas de Ló não hesitaram em usar o próprio pai para que a linhagem dele não se extinguisse. Posteriormente, a legislação mosaica veio a condenar essas práticas, típicas de povos pagãos. Ver Levítico 18 e 19 quanto a detalhes sobre a questão. Meu artigo sobre o assunto entra em minúcias, incluindo informações sobre outros povos. Os intérpretes judeus preenchem aqui toda espécie de informações duvidosas, chegando a dar-nos os nomes das duas filhas de Terá (uma seria *Iona*, e a outra, *Teevita;* e esta última seria a mãe de Sara). Também dizem que a primeira esposa de Abraão falecera, e que então ele se casara de novo, com Sara. Mas se Abraão era polígamo, por que não o seu pai? Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Poligamia*.

Alguns eruditos têm pensado que Sara e Iscá eram dois nomes de uma única mulher (Gên. 11.29). Mas esta última era *neta* de Terá. E se o presente versículo está correto, então essa noção de dois nomes de Sara não pode corresponder à verdade. Ou então, a palavra *filha* foi usada em um sentido frouxo, onde se deveria falar em neta. Mas o argumento de Abraão de que Sara era, realmente, sua *irmã,* nada significaria se, de fato, ela fosse *neta* de Terá.

Uma Meia-verdade é uma Mentira. A lógica de Abraão mostrou-se capenga neste ponto. Ele não apresentou nenhum argumento válido. Sara continuava sendo sua *mulher*, sem importar o que mais ela possa ter sido para ele.

20.13

Quando Deus me fez andar errante. Abraão se tinha lançado à vida de transumância ou seminomadismo por ordem do próprio Deus. Ver Gên. 12.1 quanto a essa ordem divina. Nessa vida de seminômade, ele entrara em contato com muitos homens furiosos, sem dó, desvairados. Tornou-se inevitável que Sara fosse cortejada, e que a vida de Abraão vez por outra corresse perigo. Este versículo indica que Abraão enfrentara tal situação de quando em vez, embora isso só seja registrado por duas vezes (nos capítulos doze e vinte de Gênesis). Assim, Abraão tinha criado uma medida protetora padronizada. Por onde iam, Sara chamava Abraão de "irmão" e ele a chamava de "irmã". E o plano vinha funcionando bem. Ele continuava vivo, embora de vez em quando Deus tivesse de fazer alguma intervenção para livrá-lo das conseqüências. Abraão vinha repetindo a mesma inverdade fazia cerca de trinta anos, desde que deixara Ur.

Deus ou Deuses? O nome divino, neste ponto, é Elohim, uma forma plural no hebraico. Esse nome divino assume a forma singular quando indica o Deus Supremo, mas às vezes é usado o plural quando está em foco a idéia de *deuses* pagãos. Neste versículo, o verbo está no plural, pelo que os tradutores sentem-se tentados a traduzir por "deuses". Várias explicações têm sido oferecidas: 1. Cristianização do texto — alguns estudiosos vêem aqui a Triunidade divina. 2. Outros vêem aqui o passado formativo de Abraão, quando eram adorados *deuses*, os quais o teriam impelido a partir de Ur. 3. Ainda outros vêem aqui um mero deslize da pena. O autor mostrou-se descuidado e usou um verbo no plural. 4. Ou, então, nem sempre era observada a regra fixa do verbo singular para *Deus* e do verbo plural para *deuses*, e um autor podia usar uma fórmula ou outra, sem nenhuma razão especial. O Pentateuco Samaritano preserva a forma singular, o que também se vê em Gênesis 35.7.

20.14

Abimeleque pagou com um grande despojo, como se ele, e não Abraão, tivesse praticado o erro. Por quê? Provavelmente porque ele *temia* (tendo sido ameaçado com a pena de morte, por Elohim), se não corrigisse a situação (ver o

vs. 7). Em sua ansiedade, ele exagerou, presenteando Abraão com muitos animais, escravos e dinheiro (vs. 16). Além disso, permitiu que Abraão ficasse na região e escolhesse qualquer território que preferisse, tal como Abraão havia feito com Ló (Gên. 13.8 ss.). Os homens fazem coisas estranhas quando estão com medo. Mas também devemos lembrar que Abraão era um poderoso chefe de clã, e que poderia causar muitas dificuldades para Abimeleque. Destarte, o rei "comprou" Abraão, pacificando a situação inteira. Acima de tudo, porém, Abimeleque devolveu *Sara* a Abraão, *incontaminada*.

Em contraste com o Faraó, que expulsara Abraão do Egito (Gên. 12.20), Abimeleque mostrou-se muito generoso, e permitiu que Abraão continuasse a ser seu vizinho.

Em minha opinião estão equivocados aqueles eruditos que supõem que o rei reconheceu que o que fizera era *errado*. Bem pelo contrário, o próprio Elohim concordou que Abimeleque agira com "sinceridade" (vs. 6).

20.15

A minha terra está diante de ti. Abraão foi convidado a pesquisar a terra, tal como Abraão fizera com Ló, o qual poderia escolher o território que quisesse. Desse modo, Abimeleque fez de Abraão um vizinho *pacífico*, e talvez por esse motivo ele tenha sido tão generoso. Ademais, Abimeleque e suas mulheres foram impedidos, por decreto divino, de produzir filhos (vs. 18), e agora ele queria que o profeta Abraão fizesse reverter a maldição. E, para isso, precisava da boa vontade do patriarca.

20.16

Dei mil siclos de prata. Isso em *adição* ao que já havia presenteado, ou, então, o que ele dera tinha esse valor em moedas de prata. Não há como calcular o valor dessas moedas, antes de tudo porque não sabemos qual era a moeda, e, em segundo lugar, porque é impossível fazer a correspondência com valores modernos. Mas mil moedas de *prata* seria um bom dinheiro em qualquer lugar.

O restante do versículo apresenta dificuldades de tradução, pois envolve expressões idiomáticas, com o resultado que há diversas interpretações:

A teu irmão. Isso teria sido dito com *sarcasmo*. "Aqui está teu *irmão*. Estou te devolvendo a ele. Tu o chamas de irmão, mas na verdade ele é teu marido. Esse teu *irmão* deveria ser uma cortina protetora para ti, escondendo-te dos olheiros. Em lugar disso, ele te entregou a mim, para salvar o próprio pescoço!"

Ou, então, poderíamos interpretar essas palavras como: "Do dinheiro que dei a Abraão, teu irmão, os mil siclos de prata, toma algo e compra um véu para cobrir-te dos olhares cobiçosos daqueles que tentarem tirar-te de teu irmão". E esse véu também poderia ser usado para cobrir a vergonha de Sara, visto que ela também contribuíra para o ludíbrio.

Interpretação totalmente diferente é aquela que diz que o dinheiro foi dado a Abraão como *vindicação* de Sara, uma prova de que nada lhe sucedera de errado, e que ela continuava sendo uma esposa virtuosa. Diante de todos os presentes, pois, ela estava "justificada", aparecendo como mulher santa e pura, sem nenhuma culpa.

Justificada. Algumas traduções dizem estranhamente aqui "reprovada". Nesse caso, o discurso inteiro de Abimeleque (embora não bem compreendido por nós) teve a finalidade de ser uma *reprimenda* a Sara, por causa do papel que ela desempenhara no ludíbrio. Adam Clarke (*in loc.*) desesperou de entender o sentido das palavras de Abimeleque, e então comentou: "Entre os intérpretes praticamente não há concordia aqui. O texto hebraico é muito obscuro, e cada intérprete o entende de uma maneira diversa".

20.17

E, orando Abraão. Ele era um "profeta" (ver notas no vs. 7), poderoso na *oração* e na *intercessão* (ver sobre ambos os assuntos no *Dicionário*). Agora a sua ajuda era necessária, e ele era o homem do momento. As mulheres não estavam gerando filhos. As mulheres tinham ficado estéreis (vs. 18) e, talvez, Abimeleque tenha ficado impotente. Assim, era mister que Abraão orasse pela *cura*, conforme este versículo deixa claro. John Gill (*in loc.*) pensa que doenças venéreas tinham infeccionado os homens e as mulheres, incapacitando-os para a reprodução, e que as orações de Abraão foram o meio de cura de tais doenças. Talvez apenas Abimeleque e suas concubinas estejam aqui em foco, embora a maldição possa ter-se generalizado por toda a população local. De qualquer modo, as orações de Abraão eram *eficazes*. A oração funciona, como bem o sabe qualquer pessoa espiritual.

20.18

O Senhor havia tornado estéreis todas as mulheres. Deus aplicou um juízo temporário a fim de tirar Sara do harém de Abimeleque. Na antigüidade, não gerar filhos era uma calamidade. Davi indicou que quanto mais crianças houvesse, melhor (Sal. 127.5). *Doenças* (vs. 17) podem ter causado a esterilidade, até terem sido curadas as mulheres.

Adam Clarke (*in loc.*), ao encerrar seus comentários acerca deste capítulo, via uma lição no fato de que Abimeleque tinha comunhão com *Elohim*, não sendo um pigmeu espiritual, conforme poderíamos pensar: "A verdadeira religião não se limita nem a *um local* nem a *um povo*. Ela se espalha de várias formas pela terra inteira. Aquele que preenche a imensidade da criação deixou um registro de Si mesmo em cada nação e entre todos os povos debaixo do céu. Cuidado com o espírito da intolerância, pois a atitude fanática produz a falta de amor; a falta de amor produz juízos precipitados. E, com tal espírito, os homens podem pensar que estão prestando a Deus um serviço quando torturam alguém, fazendo de holocausto a pessoa a quem a mente preconceituosa e o coração duro desonram com o apelido de herege". Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Tolerância*.

Capítulo Vinte e Um

Nascimento de Isaque (21.1-7)

Os críticos supõem que as fontes informativas desta seção tenham sido *J, E* e *P (S)*. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.)*. De acordo com esses críticos, presume-se que cada uma dessas fontes informativas fale de um lugar diferente onde Isaque teria nascido; ou, então, *se* ele foi uma figura histórica, não era filho de Abraão, embora lhe tenha sido dada essa posição, mediante o "entrelaçamento de várias tradições". De acordo com a Alta Crítica, o texto seria tão entrecortado neste ponto que os intérpretes têm feito objeção a ele, com base na idéia de que há poucas evidências em favor de tantos pronunciamentos. Os lugares de nascimento atribuídos a Isaque são: *J*, Beer-Laai-Roi; *E*, Berseba; *P (S)*, Quiriate-Arba, ou seja, Hebrom. A linha de raciocínio dos críticos é que a fonte *J* continua o material iniciado em Gên. 20.1, portanto, onde estava Abraão na ocasião deve ter sido o lugar em que Isaque nasceu. A fonte *E*, presumivelmente, localizou o capítulo vinte após o incidente dos poços de Berseba (Gên. 21), de forma que esse seria o lugar favorecido. Mas a fonte *P (S)* diria que Abraão residia somente em Hebrom, não registrando nenhuma de suas peregrinações, pelo que Hebrom teria sido o lugar onde Isaque nasceu, sem importar alguma menção específica. Independentemente de concordarmos ou não com tal informação, é bom saber o que os críticos dizem a respeito do texto sagrado.

A importância da seção à nossa frente não transparece nas controvérsias que a cercam. Antes, temos ali o cumprimento da profecia sobre o filho prometido, por meio de quem emergiria a nação de Israel e, por fim, o Messias. Aqui a linhagem messiânica ganha destaque. O Pacto Abraâmico (ver as notas em Gên. 15.18) é mencionado em Gênesis por diversas vezes (12.1-4; 15.1-7; 17.1-8 e 18.18 ss.). Um fator fundamental desse pacto é a outorga miraculosa do filho prometido, Isaque. Durante muitos anos, Abraão e Sara aguardaram o cumprimento dessa promessa divina. Deus dispõe tanto de um método quanto de um cronograma, e as coisas sucedem no tempo *determinado*. Mas a espera pelos acontecimentos nos cansa e nos enferma o coração. Porém é grande a alegria quando tem cumprimento uma bendita profecia. Diz Provérbios 13.12: "A esperança que se adia faz adoecer o coração, mas o desejo cumprido é árvore de vida".

21.1

Visitou o Senhor Sara como lhe dissera. Cerca de um ano depois, um tempo que havia sido previamente *estabelecido* (Gên. 17.21) para o nascimento de Isaque. Seria mister um milagre, mas isso não era problema para o Senhor.

Visitou, garantindo que a concepção teria lugar, cumprindo assim a promessa feita. Cf. Gên. 18.10 e as notas expositivas ali, que tratam da mesma questão. Em Gên. 17.19 o nome divino é *Elohim*. Mas aqui é *Yahweh*. E os críticos vêem nisso uma mudança de fonte informativa. Ver os comentários de introdução ao presente versículo.

Sara tinha noventa anos de idade quando Isaque nasceu; e Abraão tinha cem. Os Targuns comentam sobre a *maravilha* que Deus operou em favor de Sara, considerando sua idade e suas circunstâncias. Mas tudo aconteceu porque fazia parte do plano de Deus.

21.2

Sara. . . deu à luz. . . no tempo determinado. Esse tempo *determinado* evidentemente é paralelo ao que se lê em Gên. 18.14, "daqui a um ano", obedecendo ao cronograma de Deus. Outros sentidos, contudo, têm sido dados a essa expressão, conforme mostro nas notas sobre aquele versículo. Ver também sobre Gên. 17.21 quanto ao *tempo* referido no texto. A vontade de Deus, às vezes, não somente traz o inesperado, mas também o que, para nós, é "impossível". As pessoas dotadas de espiritualidade reconhecem essas coisas. *Deus tinha falado*, e isso fez toda a diferença no caso de Sara.

21.3

O nome de Isaque. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre ele. Alguns intérpretes criam aqui pseudoproblemas. Abraão é quem dá aqui o nome a Isaque, e não a mãe dele, parecendo que esse era o costume. Também deu seu nome por ocasião do seu nascimento, e não de sua circuncisão, conforme era costumeiro. Mas quem pode dizer quais variações tiveram lugar, e agora refletem-se no texto? Afinal, Deus é quem tinha dado a Isaque o seu nome (Gên. 17.19). *Isaque* significa "riso", envolvendo o riso de Abraão (Gên. 17.17) e o riso de Sara (Gên. 18.12). Seu nome, pois, tornou-se um memorial das suas dúvidas, mas também da sua alegria, pois rimo-nos de satisfação, e não somente por zombaria. Em Gên. 21.6, Sara dá uma nova direção a seu riso. Diz ela ali que "Deus" a fizera rir-se, ou seja, de alegria. E todos quantos ouvissem falar sobre Isaque também haveriam de rir-se!

Isaque como Tipo. Ele tipifica várias coisas: 1. Ele era tipo da Igreja, composta pelos filhos espirituais de Abraão, em contraste com sua mera descendência física (Gál. 4.28). 2. Ele era tipo de Cristo, o Filho prometido, obediente até a morte (Gên. 22.1-10; Fil. 2.5-8). 3. Ele era tipo de Cristo, como o Noivo de uma noiva chamada de longe (Gên. 24). 4. Ele era tipo da nova natureza do crente, visto ter nascido mediante intervenção do Espírito de Deus (Gál. 4.29).

Sara como Tipo. Ela era tipo da mulher livre, a Jerusalém lá de cima, a Igreja (Gên. 17.15-19 e Gál. 4.22-31).

21.4

Abraão circuncidou a seu filho. Isso sucedeu no oitavo dia de vida de Isaque, conforme tinha ficado determinado em Gên. 17.12. Ver no *Dicionário* o verbete *Circuncisão*. O rito da circuncisão é descrito em Gên. 17.9-14, onde ofereço comentários abundantes a respeito. A obediência estrita demandava a obediência imediata a esse mandamento. Abraão serviu a seu filho, dando-lhe o sinal do pacto. Senhor, ajuda-me a não falhar quanto a este meu filhinho. Ajuda-me a dar-lhe uma grande herança espiritual, e não apenas uma herança física. Ajuda-me a conferir a ele a espiritualidade, e não meras coisas materiais.

21.5

Cem anos. Costumamos dizer: "Antes tarde do que nunca". Mas Deus não opera dessa maneira. O centésimo ano de vida de Abraão tinha sido *determinado* por Deus como o *ano certo* do nascimento de Isaque. Outrossim, Deus deu a Abraão mais *setenta e cinco anos* de vida, para que ele pudesse estar com seu filho, encaminhando-o na senda da retidão (Gên. 25.7). Sara tinha noventa anos de idade quando deu à luz a Isaque, e viveu mais trinta e sete anos. Assim, quem poderia queixar-se de ter tido um filho na idade avançada? Ver Gên. 23.1. Oh, Senhor, concede-nos graça tal que possamos cumprir nossa missão, mesmo quando já formos de avançada idade! Abraão e Sara fizeram algo de especial em sua velhice. Oh, Senhor! Concede-nos tal graça.

Há Coisas Dignas de Ser Esperadas. Abraão e Sara tiveram de esperar por longos anos, antes que se cumprisse a promessa especial de Deus, por ocasião do nascimento de Isaque. Há coisas que são dignas de ser esperadas.

Vinte e cinco anos após ter partido de Harã, para dirigir-se à Terra Prometida, Abraão recebeu a dádiva daquele filho especial (ver Gên. 12.4, quanto a uma indicação cronológica). Tinha noventa e nove anos de idade quando recebeu a garantia absoluta desse nascimento, quando o *tempo* da promessa foi marcado (Gên. 17.1,21). Os vss. 33 e 34 parecem indicar que o nascimento de Isaque ocorreu em Berseba, mas veja-se a controvérsia que gira em torno da questão na introdução ao primeiro versículo deste capítulo. Alguns eruditos dizem que essa localização é dada pela fonte informativa *E*, ao passo que a fonte *J* fala em Beer-Laai-Roi.

21.6

Deus me deu motivo de riso. A alusão é a Gên. 17.17 e 18.12, o riso de derrisão e incredulidade. Agora o riso aparece como algo que fora provocado por Deus. A explicação dada por Sara serve para dizer-nos o que significa o nome *Isaque*. A alegria de Sara teria de ser compartilhada por outros, que também rir-se-iam de alegria, visto que uma promessa feita há muito tempo tinha sido cumprida. "O evento foi admirável e espantoso" (Ellicott, *in loc.*). As pessoas nunca poriam em ridículo uma mulher de noventa anos que tivera um filho. O riso das pessoas seria de alegria, e nunca de zombaria. Ver Luc. 1.28 quanto a uma situação similar. Isabel era idosa e estéril, mas tornou-se a mãe de João Batista. Outras pessoas regozijaram-se com ela, diante do inesperado benefício que ela recebera.

21.7

O Breve Poema de Sara. A alegria dela levou-a a escrever um pequeno poema. Quão admirável era que a idosa mulher estivesse dando de mamar a um bebê, para deleite de Abraão! A profecia, feita um ano antes, dizia: "Por este tempo, daqui a um ano". Sara havia-se rido de incredulidade. Mas logo essa circunstância tinha sido alterada. É grande a ocasião quando a derrota transmuta-se em súbita vitória.

Um filho? No original hebraico temos aqui o plural, *filhos*. E isso tem causado problemas para os intérpretes. Talvez Sara agora esperasse ter outros filhos, ou a expressão é de natureza poética, e o plural não significa mais de um filho.

21.8

Isaque cresceu, e foi desmamado. Isso deve ter ocorrido aos três anos de idade. Há tradições que falam em dois anos de idade. II Crônicas 31.16 e II Macabeus 7.27 dão a entender que Isaque estava com dois anos. Quando foi desmamado, Samuel tinha idade suficiente para ser deixado no tabernáculo, em companhia de Eli (I Sam. 1.24).

Jerônimo informa que Isaque tinha cinco anos de idade ao ser desmamado (Question. in Genesis, fol. 68, tom. 3). Filo fala em sete anos (Annal. Vit. Test. par. 9). O Alcorão (31.14) fixa o tempo certo de desmame aos dois anos de idade.

Um grande banquete. A ocasião foi celebrada com festejos, algo comum na época entre os povos semitas. Sabemos que na Pérsia e na Índia também havia tal costume. Jarchi imaginava que os vizinhos "importantes" também foram convidados, como Abimeleque e Héber.

Hagar e Ismael (21.9-21)

Sara permitiu que a brincadeira tola de uma criança arruinasse para ela o banquete. Ismael nascera quando Abraão estava com oitenta e seis anos de idade. Portanto, agora Ismael tinha cerca de catorze anos de idade. Ver Gên. 16.16.

Uma pequena ocorrência causou uma grave questão. Um filho querido foi expulso de casa e foi forçado a ir para o deserto, por causa do ataque de ciúme de uma mulher. O vs. 11 mostra que Abraão chegou a agonizar por causa da questão, mas não conseguia suportar a fisionomia de Sara, distorcida pela ira. Paulo acusou Ismael de *perseguir* a Isaque. Mas parece que esse verbo foi escolhido para dar maior força à alegoria. Este texto nada revela sobre o que aconteceu. Ver as notas sobre o vs. 9, onde são ventiladas algumas idéias sobre a questão.

Os críticos vêem nesta seção uma duplicação do trecho de Gên. 16.1 ss., o que significa que eles supõem que a narrativa envolva duas fontes informativas diferentes, tendo sido alterados os detalhes do episódio. A fonte informativa *E* seria a base do capítulo vinte e um, ao passo que a fonte *J* seria a base do capítulo dezesseis. Sobre a teoria das fontes múltiplas do Pentateuco, ver no *Dicionário* o artigo chamado *J.E.D.P.(S.)*. Entretanto, os dois relatos são diferentes o bastante para que tenha apoio a idéia de que temos aí dois incidentes diferentes. Ambos os incidentes retratam Sara como mulher dura e vingativa. Mas ao menos o segundo desses incidentes dá-nos um motivo para a maneira de ela agir: alguma infração da etiqueta por parte de Ismael. Hagar haveria de angustiar-se no deserto, mas Sara não ligava nem um pouco. O anjo do Senhor precisou cuidar de Hagar e do garoto pela segunda vez. O vs. 14 é um trecho especialmente comovente. O grande Abraão preparou a farta provisão de pão e de um cântaro de água, e mandou embora o próprio filho! A história é dramática e consternadora. Porventura o amor alguma vez esteve em um nível tão baixo?

A Alegoria de Paulo. A alegoria formada por Paulo, a partir dessa narrativa, era tão consternadora para a sensibilidade dos judeus quanto a expulsão de Ismael para o deserto é consternadora para nós. Ali, *Sara* figura como um tipo dos crentes autênticos, a Igreja, composta principalmente por *gentios*, ao passo que Hagar simboliza a apóstata nação de Israel, descendente de Abraão, com a sua legislação (Gál. 4.22 ss.).

21.9

O filho de Hagar. . . caçoava de Isaque. Visto que não nos é dito o que o menino (talvez com catorze anos de idade) estava fazendo, as tentativas para adivinhar são intermináveis e fúteis. Estaria ele caçoando da criança e de sua *idosa* mãe? Estaria lançando contra ele alguma flecha? Estaria ele imitando os gestos infantis e a fala tatibitate de Isaque? Estaria ele envolvido em alguma espécie de rito religioso dos pagãos, zombando do espiritual Isaque? Estaria ele ameaçando o menino menor com alguma coisa perigosa? A mesma palavra aqui traduzida por *caçoar* aparece como *rir-se*, no vs. 6, pelo que é claro que nada de sério estava sendo feito. Ismael não se tinha tornado culpado de algum crime ou violência. Estava meramente agindo como um garoto agiria em meio a uma festa. A Septuaginta e a Vulgata dizem aqui "brincando". Gesenius diz "dançando". Paulo, como interpretação, diz "perseguindo", mas esse comentário foi provocado

pelas exigências de sua alegoria. Israel realmente vinha *perseguindo* a Igreja, e temos nisso o pano de fundo do verbo usado por Paulo. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Hagar* e *Ismael*.

Talvez o autor sacro tencionasse dar-nos um jogo de palavras: aquele cujo nome significava *riso*, estava sendo alvo de *risotas*. Em certo sentido, Ismael transformou o riso de alegria de Sara em uma zombaria.

21.10

Rejeita essa escrava e seu filho. Durante catorze anos, Ismael fora o herdeiro presuntivo de Abraão. Mas ele era apenas o filho de uma escrava. No entanto, legalmente falando, de acordo com os costumes da época, ele era *filho de Sara*, e não de Hagar. Mas a furiosa e iracunda Sara desconsiderou isso. Agora, mãe e filho eram somente objetos odiados e teriam de sofrer a ira da frenética Sara. Sara não se esqueceu de mencionar a palavra *herdeiro*. Não existiria competidor para Isaque. Sem dúvida, tinha havido uma quentíssima animosidade entre Hagar e Sara, durante todos aqueles anos. É inútil pensar que Hagar seria inocente. Quase sempre, em uma controvérsia, há dois lados. Fosse como fosse, definitivamente não havia lugar para Ismael naquele lar. Ele era inocente, mas teria de sofrer. Assim sucede quando governa o ódio, e não o amor.

Concubinato e Escravidão. Hagar era uma escrava. Talvez ela tenha sido dada a Abraão durante a permanência dele no Egito (Gên. 12.10 ss.). O vs. 16 daquele capítulo mostra-nos que Faraó dera escravos a Abraão, entre outras *possessões*. Hagar era uma jovem bonita, boa para efeitos de reprodução, embora ninguém a amasse. Na ocasião anterior, Abraão não a protegera, mas apenas permitira que Sara fizesse o que lhe parecesse melhor (Gên. 16.6). Ele tinha aprendido a amar Ismael, mas esse amor era débil e secundário. Sara agora continuava fazendo o que queria, embora seus designios fossem maus. Era comum que as escravas se tornassem concubinas. Poucas escravas eram muito respeitadas. "O exemplo dos patriarcas não deve ser aceito indiscriminada e servilmente, como se tivessem sido padrões permanentes do comportamento humano" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*). Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Concubina* e *Escravo (Escravidão)*.

"Antes Sara já havia maltratado Hagar (Gên. 16.6); agora o filho de Hagar tinha maltratado o filho de Sara. Antes Sara havia feito Hagar, grávida, fugir (Gên. 16.6); agora ela fazia fugir Hagar e seu filho adolescente" (Allen P. Ross, *in loc.*).

A Dificuldade Não Envolvia a Herança. Abraão era um homem rico. Isaque poderia ser favorecido, recebendo qualquer porcentagem das riquezas que Abraão desejasse dar-lhe. Isso não teria prejudicado Ismael quanto à *parte* que lhe cabia. Mas o destino fez Hagar e seu filho mudar-se para outro lugar, visto que nações distintas descenderiam dela e de Ismael, a saber, as nações árabes. Maomé dizia-se descendente direto de Ismael. Outra descendência foi o ódio original entre os judeus e os árabes, que até hoje requeima, provocando morte e destruição a esses dois povos.

21.11

Pareceu isso mui penoso. Abraão tinha um certo afeto paternal por ismael. Ele havia ignorado as hostilidades entre as duas mulheres, mas agora via-se forçado a ferir uma a fim de agradar a outra. Mas a tristeza de Abraão não causou arrependimento. Ele emudecia diante do olhar feroz e das palavras iracundas de Sara. O original hebraico diz: "isso pareceu excessivamente mau aos olhos de Abraão". Sim, era *mau*. A exigência de Sara era *injusta*. Sara estava perpetrando uma *grande injustiça*. Provavelmente, há muito ela desejava fazer o que agora estava fazendo, porquanto apenas estava esperando uma boa oportunidade. Os folguedos ainda acriançados de um adolescente foram-lhe a desculpa para dar vazão ao ódio guardado em seu coração.

Por causa de seu filho. Senhor, ajuda-me a não falhar com este meu filho. Mas Abraão, apesar de um afeto secundário por seu filho Ismael, dispôs-se a despedi-lo para o deserto da Arábia. E somente uma intervenção divina salvou a vida de Ismael (vs. 17 ss.).

21.12

Disse, porém, Deus. A situação era crítica, e fazia mister uma intervenção divina. O que Sara tencionava como um mal, e o que Abraão também interpretou como tal (por causa do que era, no tocante a Sara e às atitudes dela), Deus faria redundar em bem. Mas não era culpa de Sara, e podemos estar certos de que ela não antecipara que Deus faria aquela situação miserável redundar em bem. A traição de Judas tornou-se um bem, para a glória de Deus, mas nem por isso o Iscariotes foi justificado pelo que fez. Uma coisa encorajadora sobre o poder e a vontade de Deus é que Ele pode reverter qualquer maldade. É assim que Deus anula a perversidade do homem. Mas nem por isso o homem pervertido é justificado. José foi vendido ao Egito pelos seus próprios irmãos. Foi um grande mal moral. Mas Deus reverteu a maldade, fazendo aquilo redundar em *bem*. Mas isso não quer dizer que os irmãos de José fossem inocentes.

A intervenção de Deus mostrou que o Senhor se preocupava tanto com Ismael quanto com Hagar, algo que a Sara faltava completamente, e do que Abraão compartilhava, mas somente no tocante a seu filho. Ninguém amava Hagar, exceto o próprio Deus.

Isaque Levaria Avante a Linhagem de Abraão, de um Modo Especial. Ismael não tinha participação nesse fato. O povo de Israel derivar-se-ia de Isaque. As nações árabes descenderiam de Ismael. Deus tinha um bom destino em reserva para ambos, mas seguindo veredas distintas. O Messias viria de Isaque. Mas o Messias seria o Salvador do *mundo inteiro*, e Deus ama o mundo todo (João 3.16). O povo de Israel seria favorecido entre as nações, mas com o intuito de tornar-se o veículo que aprimoraria a espiritualidade de todos os povos da terra. O Pacto Abraâmico (ver Gên. 15.18 quanto a notas a respeito) operaria *por meio* de Israel, embora com o propósito de abençoar a *todas* as famílias da terra. Desse modo, Ismael, embora não viesse a ser o ancestral do Messias, ainda assim seria abençoado pelo Messias. Destarte, Ismael foi incluído no Pacto Abraâmico, posto que indiretamente. Esse pacto é *universal*, e não visa a beneficar somente o povo de Israel.

21.13

Farei [dele] **uma grande nação, por ser ele teu descendente.** É como se Deus tivesse dito: "Não te preocupes com Ismael. Estou com ele e o abençoarei". É tremendo o fato de que Deus está por trás da fraqueza e da miséria humanas, fazendo-as redundar em bem, algo que o homem não é capaz de fazer. Podemos descansar sobre essa bondade. Ao nosso redor todos os dias ocultam-se perigos como aqueles que Ismael precisou enfrentar. Mas Deus está sempre presente conosco, a fim de proteger-nos, segundo é descrito com detalhes no Salmo 91. Ver as notas sobre Gên. 17.20, onde a mesma promessa divina foi feita no tocante a Ismael, e onde as notas expositivas dali aplicam-se também a este versículo. Ismael geraria doze príncipes, dos quais descenderiam várias nações árabes. Ismael viveu por cento e trinta e sete anos. Portanto, ele teve uma longa vida, cheia de bênçãos e de esperança. Afinal, ele era *filho de Abraão*. Por outro lado, ele era um indivíduo que tinha seu próprio valor, seu próprio destino e sua própria dignidade. Uma única alma vale mais do que o mundo inteiro (Mar. 8.36). Assim como a nação de Israel contava com doze patriarcas, assim também se daria com as nações árabes. O que Abraão foi para Israel, ismael foi para os árabes. Desse modo, Ismael tinha seu devido lugar e dignidade, e Deus garantiu isso diante de Abraão para ajudá-lo naquele momento de crise.

Predestinação? O texto sugere eleição e predestinação. Ver no *Dicionário* artigos detalhados sobre essas duas doutrinas bíblicas.

21.14

Uma Provisão Ridícula. Devemos contrastar Abraão com Deus. Ele estava expulsando uma mulher, que o tinha servido por muitos anos e lhe dera um filho! Também estava expulsando um *filho* que tinha estado com ele por catorze anos! E que foi que lhes deu? Um pouco de pão e um odre com água. Abraão era um homem rico. Ele poderia ter enviado com eles uma numerosa escolta, com amplas provisões, animais de carga e um guia, para conduzi-los a algum lugar específico, onde pudessem ficar em segurança. Em lugar disso, deu-lhes tão pouco que nos faz rir. Para onde se tinha ido o amor? Naquela hora, o amor falhou.

Aspectos de Falta de Coração. O relato à nossa frente envolve aspectos tão destituídos de sentimentos, uma tão grande ausência de compaixão humana, que alguns críticos têm posto em dúvida a sua autenticidade, preferindo pensar que se trata de uma lenda. Não podem acreditar que um homem da estatura espiritual de Abraão, apesar de sua esposa iracunda, possa ter feito o que o texto diz que ele fez. Alguns estudiosos conservadores, pendendo para o outro extremo, crêem que Abraão agiu *baseado na fé*. Deus não tinha dito que cuidaria de Ismael (vss. 12 e 13)? Assim sendo, por que ele ficaria ansioso? Essa interpretação é sua própria refutação, pelo que nem me incomodo de comentá-la.

Pô-los às costas de Hagar. Hagar tinha tão pouca coisa. O que tinha podia levar sozinha, às costas. O texto talvez indique que o garoto também foi posto às costas dela. Nesse caso, a postura dela era estranha, pois ela não haveria de carregar o tempo todo um garoto adolescente.

E a despediu. Uma frase que aumenta o tom emocional da história. Escritores judeus pensavam que Abraão teria dado a Hagar uma carta de divórcio. Era o fim de todo relacionamento. Mas provavelmente não havia esse costume antes da legislação mosaica. Esses autores judeus, pois, mostraram ser tão destituídos de sentimento quanto Abraão, louvando-o por aquele ato e afirmando que Abraão

despediu-os não só do lar e do sustento, mas também de qualquer esperança quanto ao mundo por vir.

Ela saiu, andando errante. Não tendo guia nem provisões, ela ficou vagueando pelo deserto de Berseba (ver a respeito no *Dicionário*), aguardando pela morte. Abraão decretara contra ela a pena de morte, até onde dizia respeito a ele. Somente Deus poderia reverter um mal daquela magnitude. A área fica a trinta quilômetros ou mais de Hebrom, no sul da Palestina. Talvez Abraão tenha pensado que o odre de água seria suficiente para eles chegarem até ao poço (vs. 19), mas ela errou o caminho e ficou vagueando, perdida. "Ela tinha sido despedida subitamente, pelo que não tinha plano nem propósito, mas ficou a vaguear de um lado para outro, até que o odre de água se acabou" (Ellicott, *in loc.*)

Pelo deserto de Berseba. Talvez indicando que foi nessa região que Isaque tinha nascido, conforme pensam alguns eruditos. Ver as notas de introdução ao primeiro versículo deste capítulo.

21.15

O Menino é Abandonado para Morrer. **A água acabou-se.** Ismael começou a sentir-se fraco, sob a canícula, perdendo as energias. Estava morrendo. Hagar deixou-o sob um arbusto, não se sentindo capaz de testemunhar a morte dele. Mas os autores judeus continuam em seus ataques contra Hagar. Conforme eles disseram, Hagar teria vagueado enquanto praticava ritos idólatras, rindo-se de Ismael quando a água se acabou. Não existe ódio que se compare com o ódio religioso, o antigo e o moderno *Odium Theologicum* (ver a respeito no *Dicionário*).

Um dos arbustos. Talvez tenhamos aqui uma alusão ao pinheiro, ao carvalho-anão ou ao junipeiro, árvores típicas do deserto, que oferecem bem pequena sombra protetora dos raios do sol. Cf. Jó 30.7.

21.16

O Patético dos Patéticos. Uma mãe abandona seu filho; vai colocar-se a certa distância dele, para não vê-lo morrer; e chora. Mas Deus ouviu o pranto dela. Acredite que acima do ruído fútil do mundo, a oração mais débil pode ser ouvida assim mesmo. Impotente, a mãe tinha ficado esperando pela morte de seu filho querido. Entrementes, Abraão com seus amigos e servos, estava a banquetear-se, e Sara regozijava-se. Certo intérprete, para sua vergonha, chegou a escrever neste ponto que Hagar e Ismael foram *punidos* por Deus por causa da zombaria infantil de Ismael, e que era *bom* para eles aprenderem como era a vida sem as provisões de Abraão. Ademais, Deus tinha dito a Abraão que *Ele* cuidaria deles, pelo que Abraão nada precisaria fazer. Isso faz-me lembrar de Tiago 2.15,16. Se um irmão estiver destituído de roupas e de alimentos, de que adiantaria dizer-lhe: "Aquece-te! Enche a barriga!" mas nada dar para ele? A fé sem suas obras está morta.

À distância de um tiro de arco. Cerca de setecentos metros, pois, segundo intérpretes judeus, dois tiros de arco cobriam uma milha romana (1421,58 metros). Portanto, Hagar distanciou-se tanto de seu filho que não podia nem vê-lo nem ouvi-lo. "Ela não suportava ouvir seus grunhidos de morte, nem vê-lo nas agonias do último suspiro" (John Gill, *in loc.*). E a Septuaginta acrescenta. "e a criança clamou e chorou". O vs. 17 mostra que Ismael também estava chorando, porquanto lemos que foi a *voz* dele que Deus ouviu. Eram "francos soluços de tristeza" (Ellicott, *in loc.*).

21.17

Daí onde está. Aquele local era sagrado. O Anjo do Senhor apareceu à beira do poço de Berseba. O lugar até hoje é sagrado para os árabes. Ali Ismael chorou, e, segundo podemos imaginar, orou. Neste ponto, peço ao leitor que examine o último parágrafo das notas sobre Gên. 20.18, acerca do qual Adam Clarke fornece-nos poderosa declaração contra a intolerância e preiteia em favor da revelação e da graça universal de Deus para *todos* os povos. No *Dicionário* checar o verbete *Tolerância*.

O anjo de Deus. No trecho paralelo, Gên. 16.7, temos a expressão "anjo de Yahweh". Mas aqui o original hebraico diz "anjo de *Elohim*". Por isso os críticos pensam que temos aqui uma duplicação, ou seja, duas histórias procedentes de uma fonte histórica comum, como versões do mesmo relato, uma da fonte *J* e outra da fonte *E*. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Ver também os verbetes *Anjo* e *Deus, Nomes Bíblicos de*. Também oferecemos artigos separados sobre os títulos divinos *Elohim* e *Yahweh*.

Hagar continuava sendo membro da família de Abraão, embora tivesse sido abandonada; e o Deus dela continuava sendo Yahweh-Elohim, e Ele continuava cuidando dela, mesmo que Abraão tivesse desistido. É reconfortante saber que *Deus*, afinal de contas, é o poder que nos protege e provê para nós, e que Ele determina que as coisas sejam usadas em nosso favor. Deus importa-se até mesmo com a queda no chão de um humilde passarinho (Mat. 10.29), e quanto mais não cuidaria de Hagar, de Ismael e de nós!

Teu toque tem ainda o poder antigo,
Nenhuma palavra tua cai por terra inútil;
Ouve nesta solene hora da noite,
E, em tua compaixão, cura-nos a todos.

(Henry Twell)

Céu. Ver as notas sobre Gên. 11.4 e 22.15.

Não temas. Ainda que naquele horrendo deserto estivesse sozinha e sem suprimentos, sem água e com seu filho morrendo. Algumas vezes, não temos verdadeira razão para sermos assaltados pelo medo. Mas esta história mostra-nos que a provisão de Deus estava bem próxima. Havia um poço que Hagar não tinha encontrado. Deus lhe mostrou o caminho para lá (vs. 19). Talvez o *medo* seja a mais básica emoção humana negativa. O homem sente sua solidão e impotência. O existencialismo tem explorado muito essa emoção, dizendo-nos que a natureza pespegou em nós uma piada cruel. Estaríamos sozinhos, impotentes e sem futuro. Ver sobre a filosofia do *Existencialismo* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. O amor de Deus cura o temor (I João 4.18).

"Deus está *em toda parte*, e pode ouvir os clamores dos homens, onde quer que eles estejam, e por mais desolada que seja a condição deles. . . Ele leva em conta a oração dos destituídos" (John Gill, *in loc.*). Deus encontrou Ismael sob o arbusto, e logo tomou-o pela mão e o conduziu até onde havia água.

21.18

Ergue-te, levanta o rapaz, segura-o pela mão. Diz um antigo hino: "Senhor, segura a minha mão". Um pai segura seu filho pequeno pela mão e o conduz, o que é um ato de amor e proteção, um ato de amor e interesse pessoal. Hagar, pois, serviu de instrumento do interesse de Deus, e voltou ao arbusto. Tomando Ismael pela mão, ela disse: "Vem, há água aqui perto".

Literalmente, as palavras *segura-o pela mão* dizem: "fortalece nele a tua mão", ou seja, "segura-o com firmeza". E assim, conforme comentou Jerônimo, mãe e filho caminharam juntos, companheiros de jornada, sozinhos, embora realmente não estivessem sozinhos, pois Deus estava com eles. Era isso que competia a ela fazer na ocasião. E também deveria guiá-lo durante a vida inteira, pois ela seria sua fiel protetora e guia. Abraão tinha perdido o privilégio de proteger seu filho. Esse privilégio foi entregue a Hagar.

Eu farei dele um grande povo. Ver o trecho paralelo a este, em Gên. 17.20 e no versículo treze deste capítulo, onde dou notas sobre a questão. Mãe e pai tinham recebido a promessa da parte de Deus. A mãe prosseguiu; o pai preferira deixar-se ficar para trás.

21.19

Abrindo-lhe Deus os olhos. Essas palavras podem significar que os olhos dela tinham sido fechados por Deus, a fim de que, por meio da experiência testadora que se seguiria, ela pudesse aprender o valor de certas lições sobre o amor de Deus. O mais provável, porém, é que Hagar, em suas vagueações, não tinha mesmo encontrado o poço. Mas agora Deus mostrava-lhe o poço. Seja como for, o amor divino estava ali, e isso era o bastante. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor*.

Um poço de água. Provavelmente não uma cacimba, com água parada, mas uma fonte de água corrente. Esses poços eram extremamente importantes nos desertos da Palestina. Ver no *Dicionário* o verbete *Poço*. O suprimento de água estava bem próximo, mas não pudera ser achado. Foi necessária a intervenção divina para resolver o problema. A presença de Deus está sempre próxima de nós, e é sempre benévola.

Miragens. Geralmente, as miragens enganam os sedentos perdidos nos desertos. Mas a presença de Deus satisfez cada necessidade de Hagar e Ismael. Existe o que é verdadeiro e o que é falso, o que é jubiloso e o que é desapontador. "Felizes são aqueles cujos olhos são abertos pelo Espírito e pela graça de Deus, para que vejam o poço das águas vivas, a fonte e a plenitude da graça que há em Cristo" (John Gill, *in loc.*).

Agora o odre estava de novo *cheio* de água. ". . . tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra" (II Cor. 9.8).

21.20

Deus estava com o rapaz. Embora tivesse sido abandonado por seu pai, ele não fora abandonado *pelo Pai*. Antes, fortaleceu-se e prosperou no deserto, tornan-

do-se arqueiro e caçador perito. A história revela-nos que atirar com o arco e a flecha era uma das habilidades especiais dos ismaelitas. Ele não foi para o Egito, onde tantos povos semitas tinham-se reunido, por causa de sua magnificente civilização. Nem se interessara pelas mundanas cidades cananéias. Antes, Ismael tornou-se um seminômade no deserto, à semelhança de tantos membros das tribos árabes. E tornou-se o progenitor dos doze patriarcas das tribos árabes (Gên. 17.20).

21.21

Deserto de Parã. Ver sobre *El-Parã*, em Gên. 14.6. Essa parte do deserto pertencia à Arábia Petrea, nas circunvizinhanças do monte Sinai. Encontramos três nomes desse lugar: *El-Parã, monte Parã* e *Parã*. Era um lugar que ficava ao sul da terra de Canaã, a oeste do território de Edom, onde os horeus habitavam, em Seir. El-Parã era o nome mais antigo de Elate, atualmente chamada *Eilat*.

Uma mulher da terra do Egito. Hagar é chamada de egípcia (ver o vs. 9). Provavelmente ela obteve esposa para Ismael dentre sua parentela daquele lugar, tal como Abraão mandou buscar uma esposa para Isaque (ver Gên. 24), dentre a sua parentela (vs. 4). Autores judeus, como é usual, fornecem-nos pormenores de natureza duvidosa, dizendo que essa deveria ser a sua segunda esposa, depois de ter-se divorciado da primeira, cujo nome seria *Aishah*. Fontes informativas árabes também falam em Aishah. E esse também era o nome de uma das esposas de Maomé, sendo possível ter sido acrescentado às histórias inventadas a respeito de Ismael.

A Disputa de Abraão com Abimeleque (21.22-34)

A história de Abraão já ensejou que conhecêssemos Abimeleque. Ver Gên. 20.2 ss. Ele tinha tomado Sara para ser membro de seu harém, pois fora enganado pela história constante de Abraão de que ela era sua irmã. Ao que parece, isso era continuamente alegado, a fim de salvar sua vida entre as tribos selvagens que ocupavam a Palestina, enquanto ele vagueava em sua vida de seminomadismo. Deus livrara Sara de ser contaminada, por meio de um sonho de advertência dado a Abimeleque. Um dos resultados da experiência foi que Abraão e Abimeleque tornaram-se bons vizinhos, quando este último permitiu que o patriarca hebreu habitasse em seu território (Gên. 20.15).

De acordo com os críticos, a seção à nossa frente é uma combinação das fontes informativas *J* e *E*. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes informativas múltiplas do Pentateuco. Até bons vizinhos algumas vezes entram em conflito. Neste caso, o motivo foi um poço, mas não envolveu diretamente os dois chefes tribais, mas antes, seus subordinados. Como bons vizinhos que eram, a disputa foi resolvida pacificamente. Talvez uma das razões da inclusão do episódio no livro de Gênesis tenha sido simplesmente dizer: "Vejam, é assim que as pessoas deveriam viver em paz". Mas há ali inúmeros exemplos contrários a isso, envolvendo disputas, guerras e matanças. Algumas vezes as pessoas pareciam ser humanas, racionais e pacíficas, do que há alguns poucos exemplos.

O Homem dos Altares. Outra razão desta secção é mostrar-nos que Abraão, segundo o seu costume, erigia (ou consagrava) um altar a Deus, por onde quer que fosse. Isso também aconteceu em Berseba (vs. 33). Desse modo, a espiritualidade de Abraão continuava a ser ilustrada.

21.22

Abimeleque. Ver sobre esse homem no artigo detalhado no *Dicionário*, com esse título.

Ficol (Picol). Esse era o nome do principal auxiliar e provável comandante-em-chefe do exército de Abimeleque. Ele aparece no conflito do presente texto e também em Gên. 26.26-31, onde Isaque se viu envolvido. Esse nome significa *boca de todos*, e parece que essa era a designação oficial do primeiro-ministro e comandante-em-chefe das forças armadas de Abimeleque. Ficol, pois, era o braço direito e principal conselheiro do rei filisteu. As tradições nada acrescentam ao nosso conhecimento, além do que nos é dito neste ponto.

Abraão tornara-se um poderoso chefe tribal, homem conhecido por sua espiritualidade. Os dois visitantes, vindos da tribo vizinha, reconheceram tanto o seu poder como as suas bênçãos espirituais. Assim, vieram a ele, desejando firmar um tratado, a fim de ser mantida a paz que os tinha preservado já fazia agora bastante tempo.

21.23

O Tratado de Lealdade Mútua. Abimeleque queria firmar um tratado a longo prazo, que chegasse, pelo menos, aos seus netos. Os homens são traiçoeiros. A Palestina era uma região onde havia muita crueldade, pilhagem e matança. Abraão era seu vizinho mais próximo, o qual cada vez mais ficava poderoso e próspero. Era um homem que podia dar muito trabalho. Os tratados, por sua vez, eram firmados para serem quebrados. Os homens não costumavam cumprir a palavra empenhada. Abimeleque, pois, queria um tratado de lealdade, a longo termo, que garantisse a paz e a boa vizinhança. Salientou que fora bondoso para com Abraão, devolvendo-lhe Sara, presenteando-o com muitos bens e permitindo-lhe escolher um território (Gên. 20.14 ss.). Tendo-se mostrado generoso e bondoso, esperava agora idêntico tratamento da parte de Abraão, e queria sua promessa *por escrito*, em alguma espécie de tratado formal.

A *Lex Talionis*. Ou, seja, a regra da retaliação, dente por dente, olho por olho, tinha seu lado positivo: serviço bondoso por serviço bondoso, gentileza por gentileza, generosidade por generosidade. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Lex Talionis*.

21.24

Respondeu Abraão: Juro. Abraão estava de acordo com a proposta e não hesitou. Ele também tinha muito que ganhar com uma política de boa vizinhança. Reconheceu a correção dos argumentos de Abimeleque. Realmente, havia sido beneficiado graças à bondade do filisteu. A Abraão tinha sido prometida toda a terra de Canaã, dentro do Pacto Abraâmico (ver as notas sobre Gên. 15.18), mas isso não teria cumprimento senão dentro de mais quatrocentos anos, de forma que o neto de Abimeleque não correria perigo.

21.25

A Queixa de Abraão. Visto que Abimeleque queria paz e um tratado formal que assegurasse a concórdia, Abraão aproveitou a oportunidade para apresentar uma queixa. Ele tinha um poço que servos de Abimeleque haviam tomado à força. Não somos informados se os servos de Abraão reagiram com *violência* ou não. E o mais provável é que o poço tenha sido devolvido a Abraão, ou os dois encontraram uma maneira de compartilhar do bem. O texto não fornece pormenores, pelo que temos de contentar-nos com a nossa imaginação.

Pessoas pacíficas não têm dificuldades para resolver pequenas disputas. Essas pessoas resistem à tentação de ceder diante da cobiça.

Poços (cisternas). Esses eram fontes que jorravam, e eram um bem muito valorizado nos desertos da Palestina. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Poço* e *Cisterna*. Eram sistemas que permitiam a continuação da vida. A água era escassa, e cavar um poço era uma tarefa cara e laboriosa.

Considerando o tamanho dos rebanhos de gado vacum e gado ovino de Abraão e Abimeleque, é possível que estivesse sendo disputado todo um sistema, e não um único poço.

21.26

Abimeleque Ignorava os Fatos. Ele não tinha baixado ordens quanto ao confisco do poço; algum subordinado seu tinha tomado a iniciativa, passando por cima da autoridade de seu senhor, e Abimeleque nem ao menos tinha ouvido falar na questão. Portanto, Abimeleque era inocente quanto a qualquer infração das regras de boa vizinhança. O texto cala-se sobre como a pendência foi resolvida, e cabe a nós imaginar a solução. Alguns intérpretes têm pensado que a visita de Abimeleque foi ocasionada pela questão sobre o poço, mas o próprio texto não nos fornece nenhum indício a esse respeito.

21.27

Ovelhas e bois. Foi dado um presente a Abimeleque, como garantia de boas intenções da parte de Abraão. Esses animais tornaram-se um símbolo do tratado firmado. "Eu dou, tu recebes; tu dás, eu recebo". Essa é a essência da boa vontade que garante a vigência de um tratado. O presente de gado graúdo e miúdo também parece ter sido uma espécie de presente simbólico pela perda do poço ou sistema de poços. Ou, talvez, os dois, dali por diante, usariam, ambos, o sistema. Abraão, pois, afiançou por meio do presente que *ele mesmo* havia cavado o poço. Não estava mentindo. Talvez a questão das ovelhas e dos bois tenha envolvido alguma espécie de sacrifício religioso, que fazia parte integral do estabelecimento do acordo.

No hebraico temos a expressão *cortando um pacto*, talvez indicando alguma forma de sacrifício oferecido por Abraão, em Gên. 15.10,17, onde os animais sacrificados foram cortados em bandas. Nesses sacrifícios, as pessoas que se compactuavam passavam pelas metades dos animais mortos. Ver as notas expositivas sobre aqueles versículos, que fornecem detalhes desse costume antigo. Por outra parte, um tipo de pacto estava em pauta quando era usada a expressão idiomática como "cortar um tratado".

21.28

Sete cordeiras do rebanho. Abraão tinha cavado aquele poço. Abimeleque acreditou nele e também deu um presente a Abraão, depois de ter recebido deste um presente, como uma espécie de "pagamento" ou "compensação" pelo poço. Os tratados são uma questão de dar e receber. Abraão não recebeu um docu-

mento formal de posse do poço. Bastava-lhe que Abimeleque concordasse quanto ao direito legítimo de propriedade. Obviando a necessidade de juramentos formais, disse o Senhor Jesus. "Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não não. O que disto passar, vem do maligno" (Mat. 5.37).

21.29

Que significam as sete cordeiras. . .? Ou Abimeleque não sabia mesmo (pois os filisteus não usavam esse método de fazer pactos) ou, então, fez a pergunta por motivo de cortesia, dando a Abraão a oportunidade de declarar solenemente as condições do tratado. Seja como for, a recuperação do poço indicava a ratificação do tratado, caso em que as cordeiras serviam de sinal e garantia.

21.30

As Sete Cordeiras Serviram de Testemunho. Abraão havia cavado o poço. Abimeleque tinha cridо nele e recebeu as sete cordeiras, para então devolvê-las como "pagamento" ou "compensação" pelo poço. Os tratados são uma questão de dar e receber. Abraão não recebeu um documento de posse do poço. Bastava que Abimeleque tivesse concordado sobre quem era o proprietário legítimo. Conforme disse Jesus, em Mateus 5.37, "Seja porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar, vem do maligno" E essas palavras dispensam a necessidade de juramentos.

21.31

Berseba. O termo hebraico *beer* quer dizer "poço", e *sheba* significa "juramento" estando também relacionado a *seba*, "sete". Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Berseba*. Robinson, o arqueólogo, afirmava ter achado o local exato desse poço, no wadi-es-Seba, cujo nome até hoje é preservado como Ber-es-Seba. Naquela área há dois poços de construção sólida, separados um do outro por um espaço de cerca de duzentos metros. Ambos são recobertos internamente por tijolos, e são alimentados por fontes de água perenes. O maior dos dois poços é deveras antigo, e suas paredes laterais superiores foram desgastadas pelas cordas usadas para puxar baldes de água. Muitos eruditos, porém, duvidam de que esses poços sejam dos dias de Abraão. Mas não há como provar a veracidade ou não dessa contenção.

21.32

O Acordo Fica Completo. Foi assim garantida a paz por algumas gerações, ficando estabelecida uma política de boa vizinhança. Os participantes retornaram cada qual a seu lar.

As terras dos filisteus. Ver as notas sobre o vs. 34. É bom que os irmãos habitem juntos, em paz.

21.33

Plantou Abraão tamargueiras. Ele levantava um altar e estabelecia um lugar de adoração e observância religiosa por onde quer que fosse. Ver Gên. 12.7,8; 13.4,18; 22.9. Isaque seguiu o seu exemplo. Ver Gên. 26.25. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Altar.*

Tamargueiras. No hebraico, *eshel,* que aparece por três vezes no Antigo Testamento (aqui e em I Sam. 22.6; 31.13). Mas o vocábulo só é traduzido por "tamargueira" neste passo bíblico, nas outras ocorrências temos a tradução "arvoredo". O nome científico dessa planta arbustiva é *Tamarisk aphylla.* Na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* há um verbete intitulado *Tamargueira, Arbusto* que o leitor pode examinar.

Os bosques são lugares aprazíveis, e eram plantados para prover lugares tranqüilos para meditação e ritos religiosos. Mas muitos desses bosques, também conhecidos como *lugares altos,* posteriormente foram usados em Israel para efeito de ritos pagãos idolátricos. Ver no *Dicionário* sobre os *Lugares Altos.* Nesse tempo, Abraão erigiu um santuário em Berseba, onde iniciou a adoração a *Yahweh* (ver a respeito no *Dicionário*). Um nome divino diferente é usado aqui (explicado abaixo), embora continuasse sendo aquele um bosque e santuário de Yahweh. Mas aqui Ele é intitulado *Senhor Deus Eterno.* É possível que no local houvesse antes um centro de culto pagão, embora não possamos ter certeza quanto a isso. Os críticos supõem que o centro tenha sido realmente estabelecido por Isaque (Gên. 26.19-33), supondo que a fonte *J* seria mais antiga que a fonte *E.* Se esse raciocínio está correto, a fonte informativa *E* atribuiria a obra a Abraão. Mas não há motivos para duvidarmos da exatidão histórica do relato do capítulo vinte e um. Ver no *Dicionário* o artigo sobre a teoria das múltiplas fontes informativas do Pentateuco, intitulado *J.E.D.P.(S.).*

O culto a Yahweh foi-se ampliando a partir de Hebrom, até que chegou às mais diversas regiões da Palestina. Muito mais antiga que Abraão era a crença que havia entre antigas populações, de que lugares aprazíveis ou que causavam admiração eram lugares onde os poderes divinos se manifestavam preferencialmente. Cf. esta passagem com os *carvalhais de Manre* (Gên. 13.18 e 18.1). Ver também, em Gên. 23.17,18 e 35.27 e no *Dicionário,* acerca de *Manre.* Talvez Abraão tenha sido impelido a pensamentos mais profundos sobre as obras divinas naquele lugar, onde ele podia descansar e meditar. As árvores têm inspirado os poetas:

> *Uma árvore que olha para Deus o dia todo,*
> *Que eleva seus braços de folhas para orar.*
>
> (Joyce Kilmer)

Senhor, Deus eterno. Temos aqui no hebraico, *Yahweh El Olam.* Nas Escrituras, o termo hebraico *olam* é usado para indicar coisas secretas ou ocultas (Lev. 5.2; II Reis 4.27; Sal. 10.1). Também é empregado para falar de uma era ou de um tempo indefinido (Lev. 25.32; Jos. 24.2). Daí originou-se a idéia de "eternidade", de tempo indefinido e interminável. No Novo Testamento, a palavra grega usada para traduzir o termo hebraico é *aion.* Quanto ao termo hebraico *El,* também já o analisamos. Fala de poder e autoridade. Deus é o poder eterno, o poder que a tudo controla. Ele é o Deus Todo-Poderoso e Eterno, cuja autoridade não diminui nem se altera. Neste versículo, *El Olam* é adicionado a *Yahweh* (Senhor), servindo para falar de um de Seus atributos. Ver no *Dicionário* os artigos *Deus, Nomes Bíblicos de,* e *Yahweh.* O título divino *Olam* figura aqui pela primeira vez na Bíblia. No grego, teríamos a combinação correspondente *Theós Aiônios.*

"O qual é de eternidade em eternidade. . . o Criador e Sustentador do universo, bem como o preservador de todas as criaturas ali existentes. . ." (John Gill, *in loc.*).

21.34

Morador. Como seminômade. Ver no *Dicionário* o verbete *Nômades.*

Na terra dos filisteus. Comentadores judeus disseram que essas jornadas de Abraão duraram vinte e seis anos. O vs. 32 diz que Abimeleque, ao voltar de Gerar, retornou à "terra dos filisteus". Os filisteus estabeleceram-se em massa na Palestina, em cerca de 1200 A. C. Mas, antes mesmo dessa época, comerciantes marítimos estabeleceram-se nas costas mais orientais do Mediterrâneo, desde a época de Abraão (2166-1990 A. C.). Ver no *Dicionário* o artigo detalhado *Filisteus, Filístia.* A palavra moderna *Palestina* deriva-se do nome daquele povo. Essa palavra só começou a ser usada no século II A. C. Canaã era um nome alternativo e mais antigo para Palestina. O nome Fenícia, talvez derivado do vocábulo grego *phoinos,* significa "avermelhado", "queimado de sol", que pode ter-se originado na tintura púrpura ou avermelhada que era um dos principais produtos da região.

Capítulo Vinte e Dois

O Sacrifício de Isaque (22.1-19)

Os críticos atribuem o relato à fonte *E.* Quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco, ver o verbete *J.E.D.P.(S.).* Esta narrativa foi contada com graça excepcional, sendo um dos mais belos e comoventes episódios do Antigo Testamento. Ao mesmo tempo, tem servido de consternação para muitos intérpretes, por causa de seu *sacrifício humano,* que, embora não se tivesse concretizado, alegadamente foi ordenado pelo próprio Deus (vs. 2). Intérpretes como Orígenes pensavam tratar-se de uma alegoria (o que também pensavam sobre outras passagens *difíceis*), extraindo daí lições morais e espirituais, mas negando, peremptória e absolutamente, que Deus tivesse ordenado (como fato histórico) um sacrifício humano. Há aqui grande drama humano: O amado filho prometido, Isaque, que tanto demorara a chegar, e que vinha sendo aguardado fazia tanto tempo, agora, de súbito, precisava ser sacrificado, e pelo seu próprio pai. Os registros mostram que sacrifícios humanos eram coisa comum em Ur e cercanias nos dias de Abraão, e que, sem dúvida, esse teria sido um fator do pano de fundo histórico do relato. Alguns eruditos consideram o episódio uma lenda que foi adicionada a Gênesis a fim de demonstrar a grande dedicação de Abraão a Yahweh, não Lhe negando nem mesmo a vida de seu filho, Isaque. A lição moral perene do relato é que não pode haver limite à dedicação espiritual e a obediência do homem, que deve incluir até o *sacrifício.* Outros estudiosos crêem na autenticidade histórica do relato, mas dizem que Abraão, em sua dedicação total, *pensou* que Yahweh tinha ordenado o sacrifício, sem perceber que o impulso vinha dele mesmo, e não de Deus. Por outra parte, não podemos perder de vista o fato de que o autor de Gênesis compreendia que a questão tivera origem na ordem divina. E assim vai rolando a controvérsia. Mas esta não nos deveria cegar para as grandes lições morais e espirituais da narrativa. Ver no fim do vs. 14 um *sumário* de idéias sobre o problema do sacrifício humano, no que tange à história de Abraão.

22.1

Depois dessas cousas. Ou seja, após os incidentes em Berseba, onde Abraão erguera um centro de adoração (santuário) a *Yahweh, El Olam*. Ver 21.27 ss.

Pôs Deus Abraão à prova. Sem dúvida, foi o mais severo teste a que Abraão foi submetido (em toda a sua vida). Ele havia recebido Isaque da parte de Deus, mediante uma intervenção miraculosa, e após muitos anos de espera. Agora devia dá-lo de volta a Yahweh. Dizemos de forma negligente: "Deus dá e Deus tira". Mas chegado o tempo de Deus tirar-nos algo, nosso coração desmaia. E quando perdemos um filho querido, isso é quase demais para suportar. Mas se essa *perda* chegar a ser *causada* pelo pai, então a severidade da prova ultrapassa toda compreensão humana.

Ismael tinha sido mandado embora (Gên. 21.12,13), e isso fora difícil para Abraão. Mas agora fora-lhe pedido algo pior: a morte de um filho querido. Uma coisa é *falar* em confiar em Deus e obedecer a Ele. Mas é outra coisa *atender* ao Senhor na hora da prova e da tristeza.

Intermináveis sermões têm sido pregados sobre como Abraão tinha estatura espiritual suficiente para ser aprovado no teste. Somente um homem como Abraão poderia ter passado em um teste dessa natureza.

Quatro grandes crises da peregrinação espiritual de Abraão:

1. Deixar seu país e sua gente (Gên. 12).
2. Separar-se de Ló e as provas que ocorreram por causa do envolvimento de Ló com o mundo (Gên. 13.1-18).
3. O teste e a separação acerca de Ismael (Gên. 21.9 ss.).
4. O sacrifício de Isaque, o mais severo dos quatro testes (Gên. 22).

Cada um desses testes envolveu uma rendição do que lhe era querido e grande dor de coração. Mas tudo redundou em vitória final.

Deus. *Elohim, o Eterno.* Nenhum teste pode ser visto isoladamente. Existe um plano divino e uma dimensão eterna de todas as coisas. Confiamos nesse plano. Ver no *Dicionário* o verbete *Elohim*.

A Idade de Isaque. Não há como determinar sua idade na ocasião. Josefo dizia que ele tinha vinte e cinco anos; mas outros falam em cinco anos, e outros em treze. O Targum de Jonathan diz trinta e seis.

As Dez Tentações. Os intérpretes judeus distinguiam dez testes especiais de Abraão, observando que esse foi o último e mais severo de todos.

22.2

Teu filho, teu único filho. Naturalmente, isso nos faz lembrar o Filho unigênito de Deus, tipificado por Isaque.

Tipos Envolvidos Neste Texto:

1. *Abraão* é o Pai que sacrificou Seu Filho como expiação pelo mundo inteiro (João 3.16).
2. *Isaque* é tipo de Cristo, obediente até a morte (Fil. 2.5-8).
3. *O carneiro* é tipo da substituição, especificamente de Cristo, que foi oferecido como oferenda em nosso lugar (Heb. 10.5-10)
4. *A ressurreição* foi tipificada na fé de Abraão de que Deus traria Isaque de volta à vida, se o sacrifício fosse levado a efeito (Heb. 11.17-19).
5. *A fé que opera através de suas obras*, e é ilustrada por elas. Tiago utiliza-se deste trecho nessa demonstração, em Tia. 2.21-23.

Teu único filho. Abraão já tinha Ismael, mas Isaque era o único filho por meio de quem o pacto seria realizado. Ver sobre o *Pacto Abraâmico*, em Gên. 15.18. Ademais, Isaque era o único filho que Abraão tinha em sua companhia. Ismael já estava vivendo no deserto da Arábia.

Oferece-o. Ou seja, Isaque. Aqui Deus aparece a ordenar um sacrifício humano. Devemos lembrar que isso foi proibido terminantemente na legislação mosaica, por ser tido como a pior das abominações pagãs. Ver Lev. 18.21; 20.2,3. A pena de morte pairava sobre qualquer um que ousasse tão absurdo ato em Israel. Mas aqui Abraão, o pai de Israel, aparece prestes a cometer esse ato, e por ordem do próprio Deus. "Aqui há uma verdade que requer nossa reverência; mas há vestígios de idéias antigas que as consciências mais bem formadas deixaram há muito para trás. É como se em algum campo verdejante e frutífero, pronto para a colheita, alguém achasse ossos fossilizados de estranhas criaturas que antes caminhavam à face da terra. Temos aqui a história de Abraão e Isaque. E nela está embebido o fato de que antigamente não só os homens praticavam sacrifícios humanos, mas também faziam isso como se fosse uma ordem divina" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*). Alguns intérpretes pensam que a dificuldade inteira é aliviada pelo fato de que Deus estava apenas testando Abraão, pois não haveria de permitir que ele realizasse o ato. Outros aplicam aqui uma interpretação alegórica, como se o relato visasse a ensinar lições morais e espirituais, e não a um evento histórico. Alguns eruditos conservadores apenas ignoram o problema. Ver um *sumário* de idéias dos intérpretes, sobre a questão, no fim do vs. 14.

A teologia histórica e a arqueologia têm mostrado que em Ur e vizinhanças praticavam-se sacrifícios humanos para agradar aos deuses, nos dias de Abraão. A mesma coisa ocorria entre as tribos cananéias, vizinhas de Abraão. O rei de Moabe ofereceu em sacrifício um filho seu (II Reis 3.27). Ver detalhes sobre a questão, no verbete *Sacrifício Humano*.

Holocausto. O animal sacrificado era totalmente queimado como oferta de cheiro suave a Deus. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Ofertas Queimadas* e *Sacrifícios*.

Terra de Moriá. No hebraico, "(região) alta". Esse nome consiste em três elementos: *Men* (lugar), *ra'ah* (ver), e *Yah* (forma abreviada de *Yahweh*). Por isso é que alguns estudiosos dizem que o nome significa "visto por Yahweh" ou "escolhido por Yahweh". A palavra ocorre somente por duas vezes em todo o Antigo Testamento (Gên. 22.2, para onde Abraão levou Isaque, a fim de oferecê-lo em sacrifício). Esse lugar ficava a três dias de viagem para quem partia da terra dos filisteus (Gên. 21.34), a região de Gerar, mas podia ser visto a distância, devido à sua elevação (Gên. 22.4). E também, em II Crô. 3.1, o local onde foi construído o templo de Salomão, a saber, o *monte de Moriá*, na eira de Ornã, o jebuseu, onde Deus apareceu a Davi (II Crô. 3.1).

Vários problemas têm surgido no tocante a essa questão. Em primeiro lugar, o sul da Filístia não ficava a três dias de viagem desse lugar. Além disso, quando alguém caminhava para a área do templo, não podia vê-la a distância. A tradição samantana ligava o monte Moriá ao monte Gerizim. A isso, outros retrucam dizendo que, em vista de o sul da Filístia ficar a cerca de oitenta quilômetros de Jerusalém, poderam ser necessários três dias de caminhada até a área onde, futuramente, foi construído o templo. Além disso, em Gênesis não está em evidência algum monte isolado, e, sim, toda uma região montanhosa, pelo que essa região é que seria visível a distância. Assim, se o monte Moriá, propriamente dito, não podia ser divisado a distância, as colinas circundantes podiam ser vistas. Josefo concordava com a identificação do monte Moriá como a área do templo (*Antiq.* I.12,1; VII.13,4), tal como o faz o livro dos Jubileus (18.13) e a literatura rabínica em geral. Atualmente, há no local uma mesquita islâmica, a mesquita de Omar.

22.3

De madrugada. A fim de albardar o jumento e fazer outros preparativos para a viagem. Abraão estava de coração pesado. Mas fez todas as provisões necessárias, em obediência à ordem divina. Quanto a outras menções à *madrugada* em Gênesis, quando homens começavam a cuidar de seus afazeres, ver 19.27; 20.8; 24.25; 28.18; 31.55; 40.6.

"Todo preparativo para o sacrifício foi minuciosamente cuidado, como que para mostrar a calma com que Abraão se dispôs a obedecer. Chegou a levar a lenha já rachada, não porque em Moriá não houvesse lenha (vs. 13), mas a fim de que, ao chegarem ao destino, nada pudesse distrair seus pensamentos, e o sacrifício pudesse ser oferecido prontamente" (Ellicott, *in loc.*). "Uma jornada. . . silenciosa e difícil" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Dois dos seus servos. Eles não são identificados, mas intérpretes judeus, sem base alguma, chamaram-nos Eliezer (ver Gên. 15.2), que então já seria um homem idoso, e Ismael (que estava caçando no deserto da Arábia).

Isaque. O filho amado, que era o próprio sacrifício, e, sem sabê-lo, encaminhava-se para a sua execução. Incrível!

22.4

Ao terceiro dia. Uma longa e cansativa viagem, feita de coração triste e com sombrias expectações. Depois da longa jornada, avistaram o local do sacrifício. A região de Moriá ficava a cerca de sessenta e cinco quilômetros de Berseba (onde Abraão residia). Hebrom ficava a trinta e cinco quilômetros de Berseba, e Jerusalém a trinta e dois quilômetros. Viajar trinta e dois quilômetros em um dia não era coisa fácil na antiguidade.

Alguns eruditos vêem sentidos místicos nesse informe, *terceiro dia*. Cf. Osé. 6.2. Jesus ressuscitou ao terceiro dia (Mat. 17.23; I Cor. 15.4). Assim, simbolicamente, Isaque ressuscitou naquele dia. Isaque transportava a madeira; Jesus carregou a Sua cruz (João 19.17). Isaque foi amarrado; Jesus foi encravado na cruz (Mat. 27.22). Moisés resolveu entrar no deserto caminho de três dias, a fim de oferecer sacrifício (Êxo. 15.22); Israel viajou três dias deserto adentro antes de achar água (Êxo. 15.22). Por três dias, a arca da aliança foi adiante do povo, em busca de um lugar de descanso (Núm. 10.33). Ao terceiro dia, o povo de Israel deveria estar pronto a receber as leis de Deus (Êxo. 19.11). Depois de três dias, teriam de cruzar o rio Jordão (Jos. 1.14). Ao terceiro dia, Ester vestiu-se em sua roupagem real (Est. 5.1). Podem ser achadas outras referências bíblicas, mas parece que neste texto não há nenhum sentido especial no terceiro dia.

Viu o lugar de longe. O próprio monte Moriá não podia ser avistado por quem caminhasse a pé apenas por três dias, tendo partido de Berseba, mas as colinas da região de Moriá podiam ser avistadas. Não precisamos exigir exatidão no relato.

Os Targuns dizem que o monte pôde ser identificado porque Deus fez uma coluna de fumaça subir dele, ou algum pilar de fogo, indicando uma manifestação divina, mas isso é fruto da imaginação.

22.5

Iremos até lá. Abraão e Isaque seguiram sozinhos, a partir dali, deixando para trás os dois servos. Estes não podiam ser testemunhas do que estava prestes a acontecer.

Havendo adorado. Um rito religioso que ultrapassava a imaginação estava prestes a ter lugar. A garganta de Isaque seria cortada (o golpe mortal), seu corpo seria despedaçado; os pedaços do corpo seriam arrumados por sobre a lenha; e então tudo seria consumido no fogo, até tornar-se cinzas. Assim se consumaria o sacrifício de Isaque. Assim *adoravam* os povos antigos, uma espécie de sacrifício que Cristo eliminou para sempre na cruz. Aqui métodos primitivos gritam diante de nós, e alegramo-nos que tudo tenha ficado enterrado no passado. Verdadeiramente, chamar isso de *adoração* causa-nos *admiração*, segundo observou um comentador. O trecho de Heb. 11.17,19 fala da ressurreição de Isaque, dando uma interpretação cristã ao episódio, embora o próprio texto não fale nesse tipo de expectativa por parte de Abraão. Antes, temos o drama de um sacrifício inacreditável, não-mitigado pela esperança, que tinha em mira apenas a obediência, severa e inflexível.

Voltaremos. Isso pode ser cristianizado sob a forma "depois da ressurreição de Isaque, voltaremos para junto de vós". Tremendo milagre! Mas nada disso fica entendido no próprio texto. Os intérpretes judeus não viam aqui a idéia de ressurreição, mas apenas afirmavam que Abraão disse isso "no espírito da profecia". O Espírito fê-lo ver um final feliz. Mas isso é improvável. Nada foi capaz de aliviar a dor daquele momento.

22.6

A lenha. . . a colocou sobre Isaque. Isaque transportou a lenha; mas logo estaria em pedaços sobre ela. Tal como Jesus carregou a Sua própria cruz (João 19.17), assim também Isaque levou a lenha de seu sacrifício. O cutelo cortaria a garganta de Isaque, e a fogueira transformaria seu corpo em uma tocha, até tê-lo reduzido a cinzas.

Um Tipo. A lenha pode indicar nossos pecados, postos sobre Jesus, o Cristo, ou, então, a cruz na qual Ele foi crucificado.

É nesta altura da Bíblia que lemos pela primeira vez sobre o fogo e sobre facas, usados pelos homens, embora ambas as coisas desde muito antes de Abraão fossem conhecidas.

22.7

Onde está o cordeiro. . .? Isaque estava familiarizado com sacrifícios de animais, e percebeu que lhes faltava alguma coisa. Faltava o *cordeiro*. É mister fazer provisão para qualquer tarefa a ser cumprida. Isaque não sabia como conseguir o item que faltava. Quem teria pensado em uma coisa tão horrível? Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sacrifícios e Ofertas*. Os primeiros sete capítulos de Levítico são a principal fonte informativa sobre como, dentro da legislação mosaica, eram efetuados os sacrifícios, e quais animais eram tidos como legítimos como sacrifícios. Caim e Abel também tinham trazido sacrifícios e ofertas (Gên. 4.4,5), pois, do ponto de vista da Bíblia, desde o começo, esses ritos religiosos e esse tipo de adoração já existiam. Todos os sacrifícios eram reputados como meras *sombras* de aspectos da missão e da obra remidora de Cristo (Heb. 8.7; 10.1; ver também 9.13,14).

22.8

Deus proverá. . . o cordeiro. Para *aquela* ocasião. Os intérpretes judeus consideram que Abraão falou como profeta, sabendo no seu subconsciente que Isaque seria poupado. Mas outros pensam que ele falou em tom de desespero, como se estivesse querendo dar a entender: "Tu, meu filho, és o sacrifício, conforme logo descobrirás. *Tu* és a provisão de Deus". Abraão já havia sido chamado de profeta (Gên. 20.7, a única vez em que esse vocábulo é usado em Gênesis; ver as notas ali). Dotado de poderes especiais, incluindo a predição, ele podia ver em sua alma uma provisão divina especial que salvaria a vida de Isaque. Eruditos evangélicos pensam que ele também previu o *Cordeiro de Deus*, a provisão universal. Ver no *Dicionário* os verbetes *Ovelha* e *Cordeiro de Deus*, quanto a abundantes detalhes sobre essas questões. O Cordeiro de Deus seria o cumprimento final de todos os tipos e sombras que tinham sido dados antes (Heb. 8.7; 10.1).

O texto ilustra a *fé resoluta* de Abraão e a *submissão* de Isaque, uma de suas grandes qualidades espirituais. Pai e filho seguiram "ambos juntos", mostrando que eles se equiparavam em suas virtudes espirituais.

O trecho de João 8.56 mostra-nos que Abraão fora capaz de prever a vinda do Messias. Os autores judeus dão grande crédito a Isaque, neste episódio. Sem dúvida, ele estava familiarizado com sacrifícios humanos, e eles supuseram que Isaque tenha *compreendido* que ele seria a vítima. Mas, conforme diz o Targum de Jerusalém, mesmo assim ele prosseguiu "com mente e coração tranqüilo, submisso e bem-comportado".

22.9

Chegaram ao lugar, ou seja, onde o sacrifício ocorreria. Chegara o momento mais crítico. Três dias de caminhada tinham-nos trazido até aquele temível *lugar*, onde Isaque, o filho amado, seria sacrificado. O lugar foi o monte Moriá (ver o vs. 2 e suas notas). Davi e Salomão edificaram altares ali, tal como Abraão também o fez, naquele momento. Abraão erigia altares em todos os lugares onde chegava (Gên. 12.7,8; 13.4,18). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Altar*. Mas ali, no monte Moriá, estava o altar mais importante, o lugar onde seu filho querido, Isaque, seria sacrificado. Na antigüidade eram erigidos altares simples, feitos de terra ou de pedras.

Dispôs a lenha. A lenha que ele tinha posto sobre os ombros de Isaque.

Amarrou Isaque. Os animais sacrificados eram amarrados porque, percebendo o que estava sucedendo, sem dúvida ofereciam resistência. Mas Isaque, sendo jovem, muito mais forte que seu idoso pai, deve ter-se submetido voluntariamente. A cena é quase inconcebível! Os críticos rebelam-se neste ponto, não crendo que um homem da estatura espiritual de Abraão pudesse ter feito algo assim. E pensam que o relato é lendário. Mas outros simplesmente opinam que Abraão, apesar de todo o seu progresso espiritual, era produto de sua *época*, quando ainda havia sacrifícios humanos. Ver no *Dicionário* o verbete *Sacrifício Humano*. Os eruditos conservadores, por outra parte, olham em outra direção, não ousando contemplar Abraão a preparar-se para efetuar o sacrifício. Alguns chegam a temer comentar sobre o texto com maior profundidade. Ainda há aqueles que alegorizam todo o lance. Ver meus comentários de introdução ao primeiro versículo deste capítulo, bem como sobre outras idéias, no segundo versículo.

22.10

E, estendendo a mão. . . para imolar o filho. Abraão *quase* concluiu o sacrifício. O cutelo chegou a ser erguido. Golpearia ele a garganta de Isaque, como era usual, ou atingiria ele o coração do rapaz? Fosse como fosse, seria um golpe mortal. E, então, Abraão deceparia o corpo de seu filho, pô-lo-ia sobre a lenha e o consumiria a fogo sobre o tosco altar. Uma cena quase inimaginável!

"Ele brandia o cutelo na mão, pronto a cortar a garganta de seu filho, com um golpe final. . ." (John Gill, *in loc.*).

Senhor, disse eu,

Jamais eu poderia matar um meu semelhante;
Crime de tal grandeza cabe a um selvagem somente,
É o crescimento venenoso da mente maligna,
Ato alienado dos mais indignos.

Senhor, disse eu,

Jamais eu poderia matar um meu semelhante,
Um ato horrível de raiva sem misericórdia,
Punhalada irreversível de inclinações perversas,
Ato não imaginável de plano ímpio.
Disse o Senhor a mim:
Uma palavra sem afeto lançada contra vítima que odeias,
É um dardo abrindo feridas de dores cruéis.
A bisbilhotice corta o homem pelas costas,
Um ato covarde que não podes retirar.
Ódio no teu coração, ou inveja levantando sua horrível cabeça
É um desejo secreto de ver alguém morto.

(Russell Champlin)

22.11

Do céu. Ver Gên. 11.4 e 22.15; e, no *Dicionário*, o verbete intitulado *Céu*.

O Anjo do Senhor. Até este ponto no livro de Gênesis já pudemos apreciar várias cenas de ministério angelical. Ver 16.7,9-11; 19.1,15; 21.17. Ver também

Gên. 22.15; 24.7,40; 28.12; 31.11; 32.1; 48.16. Ver no *Dicionário* o artigo geral chamado *Anjo*. Não há que duvidar da existência de seres não-materiais, invisíveis e poderosos, os quais podem entrar em contato com homens no cumprimento de várias missões.

Até esta altura da narrativa, *Elohim* é o agente ativo do drama. Agora Ele enviava o Seu Anjo para impedir o sacrifício humano que estava prestes a ocorrer. O Anjo chamou Abraão. Sua voz soou alta e clara. Abraão fez parar o movimento da mão. Ele estava ali para ouvir e obedecer, uma vez mais. Dessa vez, houve uma feliz obediência. E Isaque foi poupado de uma morte horrível.

Anjo. Alguns pensam estar em foco uma aparição do *Logos* no Antigo Testamento, o qual sempre foi, é e será o único Mediador entre Deus e o homem (I Tim. 2.5). Mas talvez essa opinião reflita uma exagerada cristianização do texto.

22.12

Não estendas a mão. Deus nunca tivera a intenção de que aquele ato terrível fosse levado à conclusão. Mas até então nem Abraão nem Isaque sabiam disso. Portanto, a *fé* de Abraão e a *submissão* de Isaque foram testadas supremamente.

Agora sei. Palavras com sentido antropomórfico, pois Deus não fica sabendo das coisas. Seu conhecimento foi apenas *confirmado* pelo ato de obediência de Abraão, uma obediência absoluta e inquestionável. Ver no *Dicionário* o artigo *Antropomorfismo*.

Temes Deus. O texto contém um jogo de palavras, mas que não transparece nas traduções. *Yere Elohim* (temes a Deus) é um jogo de palavras com *el yireh* (Deus verá), no vs. 14. Devemos entender isso como "Deus verá como O temes, e não perderás o teu galardão".

O sacrifício real, o *Cordeiro de Deus*, não foi poupado, como Isaque o foi, porquanto havia a imposição de uma necessidade divina. Em Sua agonia, Jesus procurou escapar, mas não Lhe foi permitido isso, conforme foi permitido a Isaque (Mat. 26.39).

Abraão foi um tipo do Pai, que sacrificou; *Isaque* foi um tipo do Filho, que foi sacrificado, mostrando-se "obediente até à morte" (Fil. 2.8). Considerado um *tipo*, o relato do sacrifício de Isaque é uma das mais importantes narrativas do Antigo Testamento. Muitos dados teológicos são abrangidos pelo incidente, segundo se vê no Novo Testamento.

Não me negaste... o teu único filho. De acordo com o Anjo do Senhor, essa é a principal lição a ser extraída de todo o episódio. Abraão fez um *sacrifício supremo*, tendo o Senhor considerado que ele foi até as últimas conseqüências, embora Deus lhe tenha impedido de chegar à temível conclusão. E Isaque demonstrou uma *obediência suprema*, secundando a obediência de Abraão.

"Aquele que não poupou seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou..." (Rom. 8.32). E agora, como não nos daria, juntamente com Ele, todas as coisas? O ato de obediência de Abraão foi recompensado por uma nova reiteração do Pacto Abraâmico (Gên. 22.15 ss.). O Filho maior de Abraão, o Messias, foi quem tornou realidade o cumprimento maior das dimensões espirituais do pacto.

22.13

Um carneiro preso pelos chifres. Eis aí o substituto previsto (vs. 8). Esse animal, como todos os animais sacrificados no Antigo Testamento, era tipo do Cordeiro de Deus. Em face dessa substituição, a vida de Isaque foi poupada. É devido a Cristo, nosso Substituto, que todas as almas podem ser liberadas. A provisão de Deus foi adequada no caso de Isaque, e outro tanto quanto à missão remidora de Cristo, no que nos diz respeito.

Talvez o carneiro tivesse quatro chifres, um animal que ainda é comum no Oriente Médio. Devemos pensar em um animal selvagem, e não domesticado. Não foi por acaso que o animal estava ali. Houve um *designio divino* na questão, mesmo porque nada acontece por mero acaso. A providência divina é, portanto, uma das lições contidas no texto. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Providência de Deus*.

Um Holocausto em Lugar de Isaque. Este versículo subentende a natureza vicária do sacrifício de Cristo, tão óbvia no Novo Testamento. A epístola aos Hebreus ensina-nos que tudo quanto aconteceu antes foi mero tipo e sombra de Cristo (ver Heb. 8.7 e 10.1). Ver as notas em João 1.29, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia;* e ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Cordeiro de Deus*. Ver também Rom. 8.32, onde "poupou" é tradução da mesma palavra grega usada na Septuaginta em Gên. 22.2, *epheiso*.

A Provisão da Graça. Não foi Abraão quem trouxe o carneiro. O animal já estava ali. Logo, foi mister certa medida de graça divina para que a transação se completasse. Ver no *Dicionário* o verbete *Graça*.

22.14

O Senhor proverá. No hebraico, *Yahweh-jireh*. Ver no *Dicionário* os artigos sobre *Yahweh* e sobre vários outros nomes de Deus, isolados ou em suas combinações. Ver também o verbete *Deus, Nomes Bíblicos de*. O apelativo *Yahweh-jireh* significa "Deus verá". Quando estava prestes a sacrificar a Isaque, Abraão usou esse nome, ou seja: "O Senhor verá e proverá um substituto para ser sacrificado em teu lugar, ó Isaque". Isso ocorreu no monte Moriá. Isto posto, alguns estudiosos têm insistido em que essa expressão pode dar a entender *ambas* as idéias de *ver* e de *prover*. Assim, Yahweh veria e interviria, o que serve de grande encorajamento para todos quantos Nele confiam.

Um Provérbio Resultante. Os homens não se olvidaram daquela ocasião memorável, lembrete de um momento especial no monte Moriá, quando Deus interveio em favor de Abraão e Isaque. "No monte do Senhor se proverá", ou seja, é admirável que a providência divina possa ser aplicada a todos nós, em muitas oportunidades. Abraão viu grandes coisas, e nós também. No monte, pois, Deus fez uma *provisão* especial (conforme dizem algumas traduções, inclusive nossa versão portuguesa, ao passo que outras preferem destacar a idéia de "ver") Essa provisão foi marcante, o que mostra que Yahweh está sempre próximo para prover-nos o necessário.

Proibição acerca de Sacrifícios Humanos. Deus *não permitiu* que se consumasse o sacrifício de Isaque. Portanto, dali por diante *nunca* mais dever-se-ia tentar tal coisa. É possível que esse relato tenha sido *um* dos fatores que fez descontinuar todo sacrifício humano em Israel. Deus não permitiu que Abraão sacrificasse seu filho. Logo, ninguém deve agora fazer sacrifícios humanos. Seja como for, tornou-se terminantemente proibida essa prática. Ver Lev. 18.21 e 20.2,3.

Diz aqui a Septuaginta: "No monte, Yahweh será visto", ou seja, será visto a prover, a cuidar dos que Lhe pertencem, a mostrar o Seu poder. Isso, por sua vez, é cristianizado para indicar que, no monte Calvário, Deus completaria a Sua provisão. Yahweh apareceria ali em favor dos homens. "Deus manifesto na carne, o Emanuel" (John Gill, *in loc.*).

Alguns intérpretes identificam o monte desta história com o monte Calvário. Isso seria uma coincidência notável, mas não há como examinar e comprovar a questão. Seja como for, há uma identificação espiritual, mesmo que talvez não haja uma identificação de localização topográfica.

Sumário de Interpretações acerca dos Sacrifícios Humanos, no que Tange a Este Texto:

1. *Um Relato Não-Histórico* (posição do ceticismo). A narrativa seria lendária e, naturalmente, conteria elementos (desagradáveis para nós) que faziam parte da cultura da época. Se o relato é *muito* antigo (o que é possível), então surgiu em uma época em que não se fazia objeção a sacrifícios humanos. De fato, isso era aprovado como um ato de adoração suprema.
2. *Um Relato Não-Histórico* (posição da Alta Crítica). O relato seria um dos muitos mitos que cercam a pessoa de Abraão, ainda que, provavelmente, ele tenha sido uma personagem histórica. Ele foi um *herói* dos hebreus, tal como Homero, em sua Iliada, apresentou muitos heróis fictícios. Talvez *algum* material histórico tenha sido *injetado* em tais lendas. Naturalmente, estão ali contidos alguns elementos contrários à nossa atitude espiritual, entre os quais a questão dos sacrifícios humanos.
3. *Um Relato Histórico Literal* (posição ultraconservadora). Deus, de fato, quer gostemos disso quer não, ordenou um sacrifício humano, e Abraão nada viu de errado nisso. O acontecimento foi uma ocorrência histórica real, ordenada por Deus.
4. *Um Relato Histórico Literal* (posição do voluntarismo). Aquilo que Deus determina é correto, não havendo razão para supormos que Sua *vontade* corresponda necessariamente àquilo que *nós* pensamos que é certo. Deus faz o que bem quer, e aquilo que Ele quer torna-se automaticamente correto — essa é a opinião do voluntarismo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Voluntarismo*.
5. *Posição Conservadora Modificada*. Essa posição tem assumido várias formas, a saber:
   a. Deus determinou o sacrifício, que foi um evento histórico. Desde o princípio, porém, Deus não queria que Abraão o consumasse. Logo, na verdade, nenhum sacrifício humano foi determinado. Tudo apenas serviu para testar a fé de Abraão.
   b. Deus ordenou o sacrifício a fim de dar-nos um tipo maravilhoso. Isaque serviu de tipo de Cristo; e Abraão serviu de tipo do Pai, que sacrificou a Seu Filho. Para que esses tipos fossem vívidos e poderosos, foi mister *permitir* que o ambiente cultural de Abraão suprisse um ingrediente essencial: a aceitação de sacrifícios humanos.
   c. *Uma alegoria literária* teria sido fornecida pelo autor do livro de Gênesis, a fim de ensinar importantes lições. Não precisamos pensar que temos aqui um evento histórico.

d. *Uma não-interpretação, "deixa para lá".* Vários autores conservadores preferem não comentar sobre o aspecto de sacrifício humano do relato, mas apenas extraem várias lições morais e espirituais do episódio. Algumas vezes é melhor não dissecar a Palavra de Deus.

6. *Sacrifícios Humanos São Proibidos.* Essa explicação pode encarar a história como histórica ou como não-histórica. De ambos os modos, o propósito central teria sido *proibir* sacrifícios humanos. Deus ordenara que Abraão oferecesse Isaque em sacrifício. Mas Sua real intenção era *descontinuar o ato,* a fim de dar-nos uma lição objetiva. "Doravante, ponham isto na cabeça", Deus poderia ter dito. "Eu interrompi o ato, e vocês devem fazer a mesma coisa." Essa teria sido a instrução divina.
7. *A Teologia é Progressiva.* Qualquer interpretação sã deve levar em conta a progressão da teologia, que é um corpo crescente de conhecimentos revelados. Às vezes, o que é aceitável em um período, fica ultrapassado em outro. Ver Luc. 9.54-56.

Outra Confirmação do Pacto Abraâmico (22.15-19)

Não era possível que o autor sacro permitisse que o relato acima terminasse sem outra confirmação do Pacto Abraâmico (ver as notas a respeito em Gên. 15.18). O ato de suprema obediência de Abraão mostrou que ele era digno, garantindo assim o cumprimento do pacto. Ademais, Isaque havia sobrevivido à terrível prova, sendo ele o filho prometido que nos faz lançar olhos para o Messias, o Filho maior de Abraão.

Reiterações do Pacto Abraâmico em Gênesis: 12.1-4, 13.14-17; 15.1-7; 17.1-8; 18.18 ss.; 22.15 ss.

22.15

Anjo do Senhor. Ver o vs. 11 deste capítulo quanto às muitas passagens de Gênesis que aludem ao ministério e atividade dos anjos. No *Dicionário* ver o artigo *Anjo.*

Do céu. Não há doutrina definida ou detalhada do céu, no Antigo Testamento. Mas havia uma antiga crença de que Deus habitava "lá em cima", embora de forma indefinida. Os gregos tinham o seu Olimpo terrestre, o qual, com o tempo, passou a ser concebido como lugar que pairava acima da terra. O pensamento dos hebreus parece ter seguido uma progressão similar. Ver Gên. 11.4 quanto a uma antiga instância do *céu* concebido como habitação de Deus. Estas notas também se aplicam ali. Ver também Gên. 21.17. No *Dicionário* ver o artigo chamado *Céu.*

Pela segunda vez. A primeira vez figura no vs. 11, quando o Anjo fez parar o sacrifício humano.

22.16

Jurei, por mim mesmo. O comentário de Hebreus 6.13, que aborda o Pacto Abraâmico e seu cumprimento certo, é: ". . . visto que não tinha ninguém superior por quem jurar, jurou por si mesmo". Hebreus 6.17 menciona o juramento confirmatório. Os juramentos são feitos "por" alguma coisa. Ver o detalhado artigo *Juramentos,* no *Dicionário.* A linguagem aqui é antropomórfica, visto que Deus não faz juramentos como os homens fazem. Ver o artigo *Antropomorfismo,* no *Dicionário.* Há uma determinação divina, e é a isso que o "juramento" feito por Deus se refere. Temos aí o único juramento divino mencionado nas Escrituras. A promessa do pacto, devido ao juramento divino, agora se tornava um pacto solene. Seu cumprimento triunfal pode ser visto no evangelho.

O filho único não foi negado ao Senhor. Abraão teria consumado o sacrifício se o Anjo não tivesse feito intervenção; e isso foi considerado como se ele tivesse realizado o sacrifício. Um ato de suprema obediência provocou o juramento divino como uma confirmação absoluta.

Esse texto também visa a "encorajar outros a obedecer ao Senhor, em qualquer coisa que Ele lhes ordene" (John Gill, *in loc.*).

". . .os conselhos, estratagemas e poderes das trevas não seriam capazes de prevalecer nem de derrubar a verdadeira Igreja de Cristo (Mat. 16.18), e, talvez, nosso Senhor tivesse em mira, nessa promessa, a Abraão e à sua posteridade espiritual" (Adam Clarke, *in loc.*).

22.17

Deveras te abençoarei. No original hebraico a idéia é de que Deus *abençoaria continuamente* Abraão, o que é frisado mediante um acúmulo enfatizador de termos. Abraão seria abençoado temporal e espiritualmente, especificamente com as bênçãos alistadas no *pacto.*

O Acúmulo de Descrições. Como Abraão haveria de multiplicar-se? De três maneiras:

1. Como as estrelas (Gên. 15.5, onde damos as notas a respeito; ver também Gên. 26.4)
2. Como a areia da praia (repetido em Gên. 32.12).
3. Como o pó da terra (Gên. 13.16, onde damos as notas a respeito; esse aspecto é reiterado em Gên 28.14).

Várias nações são oriundas de Abraão. Israel, através de Isaque; e doze príncipes das nações árabes, por meio de Ismael. Ver Gên. 17.20 e 25.13 ss., onde são alistados os povos. Várias nações árabes por meio de Quetura (Gên. 25.1 ss.); os idumeus, por meio de Esaú (Gên. 25.30; 36.10 ss.).

Este versículo acrescenta a promessa da conquista final da Terra Prometida, pois Israel não poderia ser preservada sem esse triunfo. Embora ainda se passassem cerca de quatrocentos anos até que essa promessa se cumprisse, o Pacto Abraâmico (notas em Gên. 15.18) já havia previsto esse aspecto. Mas primeiro era mister que se completasse a iniqüidade dos povos cananeus, e estes fossem destruídos mediante a justiça divina. Israel haveria de ser o instrumento desse juízo. Ver Gên. 15.16 e suas notas sobre essa questão.

Possuirá a cidade dos seus inimigos. Os descendentes de Abraão haveriam de assediar as cidades dos povos cananeus, conquistando seus territórios. A "cidade", conforme temos em nossa versão portuguesa, segue de perto a Septuaginta; mas outras versões dizem aqui "portas". Podem estar em pauta as cidades fortificadas dos cananeus, ou, então, suas "autoridades constituídas". A expressão indica que os inimigos seriam completamente dominados. O portão de uma cidade era onde se fazia justiça, onde havia deliberações públicas e onde se exercia autoridade. Israel, pois, tomaria esses portões inimigos. Uma mesa seria servida a Israel, na presença de seus inimigos (ver Sal. 23.5).

22.18

Serão benditas todas as nações da terra. Essa é uma repetida provisão do Pacto Abraâmico. Ver as notas em Gên. 12.3. O trecho de Gálatas 3.16 fornece a dimensão espiritual da promessa, fazendo-a aplicar-se aos descendentes espirituais de Abraão, a Igreja. Israel haveria de ser um *instrumento* de bênção universal, no sentido temporal e no sentido espiritual, e não como possuidora única da bênção. Isaque seria o perpetrador imediato do pacto, provendo a linhagem física apropriada para sua operação. Cristo, por Sua parte, seria o cumpridor da dimensão espiritual e eterna do pacto.

Porquanto obedeceste. Abraão era o vaso apropriado do pacto, o que requeria dele obediência e persistência. A grande prova de sua obediência geral foi o fato de que ele não negou seu filho, Isaque, como sacrifício a Deus. Ele nada reteve para si mesmo, e não guardou para si nem mesmo o que ele tinha de mais precioso, seu filho Isaque.

22.19

Volta Jubilosa de Abraão e Isaque. De coração pesado eles tinham ido ao lugar do sacrifício. Mas retornavam agora com alegria, para aqueles que por eles estavam esperando (vs. 5). E todos os quatro retornaram a *Berseba* de onde haviam partido (ver 21.33 com 22.1). Ver as notas sobre *Berseba* em Gên. 21.31 e no *Dicionário.* No capítulo seguinte, Abraão é visto em Hebrom, o que mostra que ele vivia uma vida de seminomadismo.

Descendentes de Naor (22.20-24)

Abraão ouviu (não se sabe como) sobre seu irmão, Naor, que agora era chefe de uma numerosa família. Isso prepara-nos para a mensagem do capítulo vinte e quatro, onde Abraão envia seu servo para obter noiva para Isaque, dentre a sua *parentela.* Abraão casara-se com Sara, sua meia-irmã (Gên. 20.12). E Naor casara-se com sua sobrinha, Milca. Ela era filha de Harã, irmão de Naor e Abraão (Gên. 11.29). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Incesto.* É óbvio que a cultura dos dias de Abraão não tinha as mesmas idéias sobre o assunto que se desenvolveram mais tarde e tornaram-se parte da legislação mosaica. (Ver Lev. 18 e 19 quanto às restrições mosaicas.)

22.20

Milca. Ver as notas sobre ela em Gên. 11.29.

Naor. Ver as notas a respeito dele em Gên. 11.22, com adições em Gên. 11.26 e 24.10.

"Esta breve crônica (vss. 20-24) parece ter sido introduzida com o propósito exclusivo de preparar o leitor para as transações relacionadas ao vigésimo quarto capítulo, e para mostrar o que a providência de Deus estava preparando, em um dos ramos da família de Abraão, uma esposa apropriada para seu filho, Isaque" (Adam Clarke, *in loc.*) Como é claro, em tipo, temos nisso um quadro da Igreja, a Noiva de Cristo (Apo. 21.2; 22.17; Efé. 5).

Naor teve *doze* filhos, oito por meio de suas esposas, e quatro por meio de concubinas. Ismael também teve *doze* filhos (25.13 ss.), e Jacó também teve *doze* filhos, oito por meio de suas duas esposas, e quatro por meio de duas concubinas. Portanto, havia grandes coincidências envolvidas em tudo isso. Nisso, os críticos vêem um elemento mitológico, onde os "doze" figuram como uma espécie de número completo e místico para indicar descendentes. Mas não há motivo sério para duvidarmos da autenticidade do relato bíblico.

22.21

Uz. Nos dias do Antigo Testamento esse era um nome pessoal comum de pessoas e de localidades. Ver o artigo a respeito no *Dicionário*. Uma das pessoas com esse nome era filho de Naor e Milca, sendo ele irmão de Buz, o caçula. Uz significa "firmeza". A Septuaginta diz *Austitis*, apontando para uma parte do deserto da Arábia, nome do lugar onde ele nascera. Outro homem com esse nome, que figura na Bíblia, estabeleceu-se na parte oeste da Palestina, uma área que se tornou conhecida como *terra de Uz*. Essa era a terra de Jó. Foi o filho de Naor que deu seu nome a esse território. Ver o *Dicionário* quanto a detalhes sobre essa questão. Nada mais se sabe a respeito de Uz, filho de Naor, além daquilo que pode ser conjecturado pelos textos bíblicos. Ver Jó 1.1 e Jer. 25.20.

Buz. Esse nome quer dizer *desprezo*. É nome de duas pessoas no Antigo Testamento. O segundo filho de Naor e Milca (Gên. 22.21), irmão de Uz, viveu em torno de 1880 A. C. Sua descendência provavelmente estabeleceu-se na Arábia Petrea. Jeremias (25.3) anunciou julgamentos contra essa tribo, e o contexto do trecho sugere-nos uma localização no deserto da Arábia. O nome tribal era os buzitas. Ver sobre o outro Buz em I Crô. 5.14. O Eliú referido no livro de Jó, o buzita, talvez fosse descendente do Buz referido em Gênesis. Ver Jó 32.2,6. As tradições nada adicionam.

Quemuel. Três pessoas recebem esse nome no Antigo Testamento. No hebraico, significa "assembléia de Deus" ou "Deus, levanta-te". Era o terceiro filho de Naor, irmão de Abraão, o qual foi pai de seis filhos, o primeiro dos quais se chamava Arã, e o último, Betuel (Gên. 22.21,23). Todas essas pessoas são de história desconhecida, exceto o último desses homens, o qual era pai de Labão e Rebeca (Gên. 24.15). Arã foi o nome próprio que Quemuel deu a seu primogênito, mas visto que esse nome, no hebraico, também significa *Síria*, alguns intérpretes têm pensado erroneamente que os sírios são descendentes dele. Mas a Síria já constituía uma nação quando esse nome surgiu (em cerca de 1800 A. C.). Desse homem descendiam os camelitas, mencionados por Estrabão, uma tribo que vivia na margem direita do rio Eufrates.

Arã. Esse nome não deve ser confundido com os *arameus* (ver acerca deles no *Dicionário*). O Arã que foi ascendente daquele povo, era filho de Sem (Gên. 10.22,23). O Arã do presente texto era o filho primogênito de Quemuel. No hebraico, o nome quer dizer *cabra selvagem*. Nada se sabe sobre ele, salvo o que é sugerido neste texto.

22.22

Quésede. O nome é de sentido desconhecido no hebraico, mas ele era o quarto filho de Naor, irmão de Abraão. Não foi o ancestral dos antigos chasdim ou caldeus, mas talvez de uma pequena tribo de ladrões, que tinha esse nome e atacou as possessões de Jó (ver Jó 1.17). Coisa alguma se sabe sobre Quésede, nem as tradições nos esclarecem alguma coisa.

Hazo. No hebraico, *vidente*. Ele era um dos filhos de Naor e Milca. O nome veio a designar um dos clãs naoritas. Uma inscrição de Esar-Hadom tem o nome *Hazu*, o que faz os estudiosos pensar que, provavelmente, ela aponta para essa mesma gente. Talvez Hazo vivesse em Ur da Caldéia, ou em algum lugar próximo, em cerca de 2100 A. C. John Gill (*in loc.*) diz que ele se estabeleceu em Elymais, uma porção da moderna Pérsia, e uma cidade, chamada *Chuz*, deriva dele o nome. Os habitantes dali eram chamados chuzistanos; Estrabão chamou-os cosseanos.

Pildas. No hebraico, o nome é de sentido desconhecido, embora alguns arrisquem *chama*. Ele era um dos oito filhos de Naor, irmão de Abraão, e de Milca, esposa e sobrinha de Naor. Gên. 22.22. Pildas viveu em cerca de 2080 A. C. Talvez seu nome seja cognato da palavra que significa *ferro*, quiçá com o significado de *força*. Alguns escritores árabes associam esse nome com Pars, filho de Pahla, talvez relacionado ao homem do texto à nossa frente.

Jidlafe. No hebraico, *chorão* ou *lacrimejante*. Era o nome do sétimo filho de Naor e Milca. Coisa alguma sabe-se sobre ele, exceto o que este texto nos sugere.

Betuel. No hebraico, *residência de Deus*. Era nome de um lugar e de uma pessoa, nas páginas do Antigo Testamento. Ver sobre a cidade em I Crô. 4.30. Foi o filho mais novo de Naor e sua esposa, Milca, e pai de Labão e Rebeca (Gên. 22.22,23; 24.15,24; 25.20; 28.2,5). Os documentos da irmandade de Nuzu (*tuppi ahatuti*) explicam o importante papel desempenhado pelo irmão de Rebeca, Labão, no arranjo do casamento dela, junto ao servo de Isaque, papel esse que esperaríamos que fosse desempenhado por seu pai, Betuel. Josefo (*Antiq.* I.16.2) provavelmente equivocou-se ao dizer que o pai de Rebeca estava morto na ocasião, e que, por isso, as negociações foram dirigidas por Labão, irmão da noiva.

22.23

Rebeca. Ofereço um detalhado artigo sobre Rebeca, esposa de Isaque, no *Dicionário*, razão pela qual não repito aqui aquele material. O propósito central desta seção (vss. 20-24) torna-se agora patente. No capítulo vigésimo quarto veremos a história de como Rebeca tornou-se noiva de Isaque. Ela é tipo da Igreja, a Noiva de Cristo, conforme comentei no vs. 20.

Estes oito. Naor teve esses oito filhos com sua esposa, Milca; e teve outros *quatro* por meio de Reumá, sua concubina, perfazendo assim o número mágico de *doze*. Quanto a esse número, no tocante aos relatos sobre Ismael, Naor e Jacó, ver o vs. 20. Alistei acima, começando pelo vs. 21, os nomes desses oito filhos, com um breve comentário sobre cada um deles.

22.24

Sua concubina. Ver no *Dicionário* o verbete *Concubina*.

Reumá. No hebraico, *pérola* ou *coral*. Ela era a concubina de Naor, cujos quatro filhos tornaram-se os ancestrais de tribos aramaicas que viviam ao norte de Damasco. Com a adição de seus quatro filhos, Naor alcançou um total de doze filhos. Ver o vs. 20 quanto aos doze filhos de Ismael, aos doze de Naor e aos doze de Jacó.

Tebá. No hebraico, *grande*. Ele era um dos filhos de Naor, irmão de Abraão, e Reumá, sua concubina. Uma tribo do mesmo nome descendia dele. Em I Crô. 18.8, seu nome aparece com a forma de *Tibate;* e no trecho paralelo, II Sam. 8.8, ele é chamado *Betá*, que também seria o nome de um lugar, embora de localização desconhecida. Ele viveu em cerca de 1860 A. C.

Gaã. No hebraico, *queimar*. Era filho de Naor e sua concubina, Reumá. Seu nome também tem sido interpretado com o sentido de *negridão*. Coisa alguma se sabe sobre ele, exceto o que o presente texto sugere.

Taás. No hebraico, o sentido desse nome é desconhecido. Era filho de Naor e sua concubina, Reumá. Nada se sabe sobre ele além daquilo que diz o presente texto.

Maaca. Esse era um nome muito popular entre os hebreus, podendo indicar um homem ou uma mulher. E também era o nome de uma localidade. Dei um pormenorizado artigo sobre esse nome, no *Dicionário*. Era filho de Naor e sua concubina, Reumá. Não aparece em nenhuma outra literatura fora de Gên. 22.24. Portanto, coisa alguma se sabe sobre ele, exceto o que podemos depreender deste texto. O nome significa *opressão* ou *depressão*.

Capítulo Vinte e Três

Morte e Sepultamento de Sara (23.1-20)

Os críticos atribuem essa passagem à fonte informativa *P*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Além de dar-nos a descrição da aquisição original da caverna de Macpela em Hebrom, para servir de local de sepultamentos para Abraão e sua família, a seção talvez seja uma polêmica para *provar* que esse lugar pertencia à linhagem que descendia de Abraão, a saber, Israel. Essa afirmação talvez tenha sido feita contra os idumeus, que se tinham apossado de Hebrom, depois que seus anteriores habitantes haviam sido levados para o exílio no Egito, ou se tinham mudado mais para o norte.

É irônico que, atualmente, o lugar esteja sob o poder dos árabes, e que nenhuma outra das grandes fés religiosas possa entrar naquele lugar sagrado, embora possam sentar o pé no terreno em derredor. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Macpela*. Ali dou um artigo detalhado sobre o assunto, completo e com pano de fundo histórico. A autenticidade do relato é confirmada por seus vários paralelos nos costumes hititas e ugaríticos que a arqueologia tem descoberto.

23.1

Sara. A grande matriarca de Israel, mãe de Isaque, seu filho único, por meio de quem passa a linhagem messiânica. Ver o artigo detalhado chamado *Sarai, Sara,* no *Dicionário*. Ela atingiu os cento e vinte e sete anos de idade, trinta e sete anos depois que deu à luz Isaque. Abraão viveu setenta e cinco anos após o nascimento de Isaque, ou seja, quarenta e oito anos mais depois do falecimento de Sara. A morte de Sara é mencionada de passagem, mas os arranjos para seu sepultamento e o próprio sepultamento ocupam quase todo o capítulo vinte e três.

"A tristeza humana tem procurado imortalizar os nomes e perpetuar a memória de entes perdidos. Pensemos nas pirâmides do Egito. Assim também Abraão, embora não pudesse erigir tão grandioso monumento em honra de Sara, aparece aqui como quem pagou alto preço por uma caverna, onde poderia sepultá-la" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*).

Uma mesquita islâmica eleva-se hoje em dia sobre o local, razão pela qual o lugar tem sido imortalizado pelos descendentes de Ismael, uma estranha torção do destino! Aquela que expulsou o patriarca das tribos árabes, Ismael, agora descansa debaixo de uma mesquita árabe!

Sara é a *única mulher* cuja idade, por ocasião da morte, é mencionada na Bíblia, o que, sem duvida, lhe serve de honraria (ver Isa. 51.2). Paulo honrou-a de modo especial quando, em uma alegoria, fez de Sara um tipo da Igreja de Cristo, a dimensão espiritual do Pacto Abraâmico (ver as notas a respeito em Gên. 15.18). Sara teve permissão de ver Isaque tornar-se adulto, até a idade de trinta e sete anos. Que assim seja sempre com aqueles que confiam no Senhor! Ver sobre a *desejabilidade* de uma longa vida, em Gên. 5.21. Deus abençoou de forma especial Sara e Maria, esta, mãe de Jesus, dando-lhes filhos de um modo contrário às expectações da natureza. Há qualquer coisa difícil demais para Deus? Apesar de que alguns milagres concordem com a natureza, se entendermos tudo quanto está implícito e existe potencialmente nesse termo, alguns milagres são intervenções divinas na natureza. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Milagres.*

23.2

Quiriate-Arba. Esse é o nome antigo de Hebrom (ver no *Dicionário*). O nome significa *cidade dos quatro,* provavelmente devido à circunstância de que quatro chefes cananeus de certa feita tinham vivido ali, a saber, Arba, Sesai, Aimã e Talmai. Ver Juí. 1.10 e Jos. 14.15. Mas outros eruditos chamam o local de uma *tetrápole,* supondo que, originalmente, quatro aldeias da área se tenham unido por meio de laços comuns políticos e militares. Intérpretes judeus falam em várias noções fantásticas, dizendo que quatro casais tinham sido sepultados ali: Adão e Eva; Abraão e Sara; Isaque e Rebeca; Jacó e Lia. A verdade da questão é que ninguém sabe de onde se originou tal nome. A área ficava a cerca de trinta e cinco quilômetros ao sul de Jerusalém, nos limites do Neguebe, no território de Judá. No hebraico, *arba* significa "quatro" e Hebrom quer dizer "aliança" (Gên. 13.18), pelo que pode ter havido um antigo acordo de alguma sorte, que deu à localidade o seu nome. Posteriormente foi edificada ali uma cidade, que adquiriu alguma importância. Calebe expulsou dali o povo que se apossara do lugar, quando Israel conquistou a Terra Prometida (Jos. 14.14). Hoje em dia há uma moderna mas pequena aldeia no local.

Canaã. Ver a esse respeito no *Dicionário.*

Veio. Abraão, que vivia como seminômade, tinha vários quartéis-generais onde costumava pernoitar. Tinha deixado Sara em Quiriate-Arba e estava cuidando de negócios em algum outro lugar, provavelmente em Berseba (22.19). Dali voltou a Hebrom, talvez ao ser informado da morte de Sara. O Targum de Jonathan diz que ele veio da adoração no monte Moriá. Também há outras conjecturas.

Lamentar Sara e chorar por ela. Não é fácil a proximidade da morte. Ver as notas sobre o vs. 19. O capítulo todo devota-se a mostrar como Abraão comprou um terreno caro, para prover um lugar de sepultamento apropriado para a família. E as dificuldades que ele teve de enfrentar para fazer a transação refletem o grande amor que ele tinha por Sara.

23.3

Levantou-se. . . da presença de sua morta. Cabeça pendida, coração pesado de tristeza, uma cena que se repete interminavelmente neste mundo de lágrimas e tristezas. Ver Jó 2.12. Algumas vezes os que se lamentavam sentavam-se no chão, em sinal de pesar e de tristeza. Tendo prestado respeito, na presença do cadáver, Abraão estava livre para cuidar dos arranjos para o funeral. Tempos depois, o costume era o de que esse período de lamentação se prolongasse por vários dias. Este texto não dá a entender período tão longo. Ver Tobias 12.12; Isa. 47.1 e Gên. 37.35. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Sepultamento, Costumes de*

Filhos de Hete. Eram descendentes do filho de Canaã que tinha esse nome (notas em Gên. 10.15). Eles eram hititas. Quanto a detalhes, ver no *Dicionário* o artigo *Hititas, Heteus.* Eles é que tinham tomado conta do território, e Abraão precisou negociar com eles acerca da caverna de Macpela (vs. 9). O reino dos hititas só se tornou um poderoso império no século XVI A. C., mas não há razão para pensarmos que eles não poderiam ter representantes em Hebrom, nos dias de Abraão. O centro da cultura deles ficava na porção central da Ásia Menor, moderna Turquia. No século XIV A. C., suas migrações e conquistas levaram-nos a várias partes da Palestina. Ver Êxo. 3.8,17; 23.23,28; Deu. 7.1; I Sam. 26.6; II Sam. 11.3; Eze. 16.3. Os trechos de Gên. 26.34 e 36.2 localizam os hititas no sul da Palestina. Este capítulo reflete leis e costumes dos hititas, os quais, embora codificados somente mais tarde, poderiam ter expressão desde antes dos dias de Abraão.

23.4

Sou estrangeiro e morador. Abraão levava uma vida de seminomadismo, cuidando de rebanhos em vários pontos nevrálgicos da Terra Prometida. Como tal, ele não possuía um local fixo de sepultamento de sua família, nem até ali havia sentido falta de tal lugar. Ver Heb. 11.13-16 e I Ped. 2.11 quanto a reflexos das palavras deste versículo, no Novo Testamento. No Novo Testamento, essas palavras são aplicadas à peregrinação *espiritual* de Abraão. Ele era forasteiro neste mundo, mas Deus havia preparado para ele uma cidade celeste que seria sua verdadeira pátria.

Dai-me a posse de sepultura. Os costumes antigos consideravam vergonhoso alguém ser sepultado na terra de outrem, e os cemitérios públicos eram evitados por todos quantos tinham dinheiro suficiente para isso. Abraão não haveria de sepultar Sara em um sepulcro entre os hititas. Ele queria seu próprio terreno, que pudesse servir para tal propósito.

Para que eu sepulte a minha morta. Se Sara tinha sido uma belíssima mulher, a idade avançada havia destruído tudo isso. Agora a morte havia alterado radicalmente a sua fisionomia, e a putrefação já tinha começado. Aquela que era agradável aos olhos por sua beleza física, agora era desagradável à vista. John Gill usa aqui o termo "repelente". Por isso, conforme diz o original hebraico, ela foi "tirada fora da vista", um triste comentário sobre o que a morte faz com nossos entes queridos. Todavia, assim dizendo, estamos falando sobre o corpo, e não sobre a alma, que é a pessoa real. Ver no *Dicionário* o verbete *Alma.* Ver também os artigos intitulados *Morte; Morte e Sepultamento,* e *Mortos, Estado dos.*

23.5

Os hititas atenderam ao pedido de Abraão, oferecendo um lugar de sepultamento entre os seus sepulcros (vs. 6), o que não foi aceito por Abraão. Abraão viveu em paz com os hititas, em contraste com tempos posteriores, quando a conquista da Terra Prometida teve lugar.

23.6

Tu és príncipe de Deus. Abraão era homem rico e possuidor de vários quartéis-generais. Era dono de muitas riquezas sob a forma de animais e dinheiro. Tinha até o seu próprio exército. Era respeitado e, provavelmente, temido, segundo se vê no pacto que Abimeleque firmou com ele (Gên. 21.22 ss.). Além disso, era Abraão um homem pacífico, que nunca causou nenhuma dificuldade para os seus vizinhos. Isso posto, ele poderia pedir qualquer favor a um vizinho, esperando que o pedido fosse atendido. Mas, sendo rico, teria de pagar um elevado preço pela caverna de Macpela (vs. 9). O dinheiro sempre será um fator nas relações humanas. Os intérpretes judeus injetam no texto as palavras "poderoso príncipe de Deus", conforme se vê em nossa versão portuguesa, enfatizando a posição espiritual de Abraão, pois ele era um *profeta,* e não somente um poderoso príncipe (Gên. 20.7). Esses intérpretes judeus pensavam que o adjetivo "poderoso" seria uma referência a *El,* o Deus poderoso.

Sepulta numa das nossas melhores sepulturas. Ele poderia ficar com qualquer sepulcro que tivesse escolhido. Coisa alguma foi dita no tocante a dinheiro, mas de acordo com a cortesia oriental, esse era um particular indispensável. Os hititas não *dariam* coisa algum a Abraão. Haveriam de falar em dinheiro uma vez que passassem as formalidades e cortesias. E quando chegaram a falar em dinheiro, cobraram caro, porque Abraão tinha dinheiro. Talvez eles relutassem em ter um estrangeiro que fosse possuidor de terras entre eles, mas essa relutância foi ultrapassada pelo respeito genuíno que tinham por Abraão e pelo desejo de agradar a um tão ilustre príncipe que residia entre eles.

23.7

... se inclinou. De acordo com uma típica cortesia oriental, o que se vê de novo no vs. 12. Não há razão para supormos que não havia respeito mútuo, e

toda negociação se faz melhor dentro dessa atmosfera. Abraão tinha pedido um grande favor, que os hititas poderiam ter repelido. Mas descobriu que eles se mostraram amistosos e agradáveis. E assim mereciam o seu respeito.

23.8

Um Pedido Especial. Abraão não queria uma sepultura entre os hititas. Ele queria ter seu próprio terreno e sepultura, onde Sara pudesse ser sepultada, e onde ele também pudesse ser sepultado, bem como seus descendentes. Quão estranho é que saibamos onde fica o terreno adquirido por Abraão, e que os filhos de Ismael agora são donos dele e até construíram ali uma mesquita! Ver as notas introdutórias ao primeiro versículo deste capítulo.

Efrom. Esse homem poderia resolver o problema. Ele tinha exatamente o terreno que interessava a Abraão. Há um detalhado artigo sobre esse homem, no *Dicionário*. Esse é o nome de várias pessoas e lugares no Antigo Testamento. Sob o ponto quarto, descrevi *Efrom, o heteu*. Até hoje a área é conhecida. Uma grande estrutura de pedra, dos islamitas, assinala o lugar. Os visitantes têm permissão de entrar no edifício, mas não de adentrar a caverna. Esse é um lugar considerado por demais sagrado para ser franqueado ao público.

Filho de Zoar. *Zoar* era nome de uma localidade, anotada longamente no *Dicionário*. E também é nome de três pessoas no Antigo Testamento. Uma delas é aquela deste versículo. Ele era o pai de Efrom, que figura neste texto. Seu nome serviu para identificar o Efrom específico sobre quem Abraão estava falando. Coisa alguma se sabe sobre ele, exceto o que é dito neste texto.

23.9

A caverna de Macpela. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Macpela*, quanto a detalhes abundantes sobre o local. Esse nome significa *dupla*, ao que parece descrição da formação da caverna. Ficava localizada em um extremo do terreno de propriedade de Efrom. Mas este não venderia somente a caverna, pelo que também exigiu que Abraão comprasse o terreno inteiro (vss. 11 e 15).

Preço de posse. Efrom ficava falando em *dar* (vss. 11 e 13), mas fazia isso somente para barganhar de forma polida. Finalmente, Abraão pagou um elevado preço. Os costumes requeriam que Abraão trouxesse à tona a questão monetária, e foi o que ele fez. No hebraico temos uma expressão que quer dizer "por plena prata", e, de fato, finalmente o terreno foi vendido em troca de peças de prata (vs. 15). Naqueles dias, o dinheiro era pago *por peso*, o que persiste até hoje no mercado de metais nobres, como o ouro e a prata.

23.10

Sentando-se no meio dos filhos de Hete. Ou seja, vindo fazer parte do grupo que negociava. Jarchi observa que ele estava atuando como presidente do conselho, o homem principal, pelo menos *naquela* ocasião, visto que se tratava de uma questão de seu interesse vital.

Os que entravam pela porta. Lugar de negociações e transações judiciais. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Portão*, em sua segunda seção. Efrom era homem importante em Quiriate-Arba (Hebrom), e sua palavra seria final. Abraão *precisava* de Efrom. Todos nós somos dependentes. Todos nós precisamos de outros que nos ajudem a cumprir nossos propósitos e missões. Deus envia-nos outros, quando deles precisamos. Ademais, Ele nos envia a outros, quando eles precisam de nós. Isso posto, não temos motivo de orgulho. Servimos e somos servidos, no "dá e toma do amor". "Dessas assembléias, efetuadas na entrada das cidades, todo cidadão nascido livre tinha direito de participar, e as questões eram resolvidas por consenso. Visto que Efrom era o proprietário do terreno, sua aprovação era indispensável" (Ellicott, *in loc.*). Abraão pediu a ajuda dos concidadãos de Efrom, para que o convencessem (vs. 8), mas parece que isso nem foi necessário.

23.11

Dou-te. . . te dou. Por duas vezes, em uma única declaração, Efrom falou em dar, parecendo ansioso por agradar a Abraão. Não foi preciso alguém convencê-lo. Ele reiterou sua boa vontade; mas por trás disso ficava entendida a frase, "você paga", o que Abraão também estava disposto a fazer. Portanto, as negociações não foram trabalhosas, mas imediatas.

Na presença dos filhos do meu povo. Esses poderiam ter feito objeção à transação, mas terminaram sendo testemunhas voluntárias do negócio. "Compra e venda. . . *presentes* mútuos" (Ellicott, *in loc.*). Isso exprime a verdade de que certas coisas valem mais para nós do que o dinheiro, ao passo que, para aquele que está vendendo algo, o dinheiro vale mais do que o objeto posto à venda. Assim, em certo sentido, cada qual recebe um *presente*.

Dou-te o campo. Efrom jamais venderia somente a caverna. Só venderia a Abraão o campo inteiro, em uma das extremidades do qual estava a caverna. Supomos que tenha sido necessário negociar um terreno bastante extenso. Mas era um *campo*, e não uma cidade.

23.12

Inclinou-se Abraão. Isso já tinha acontecido no vs. 7, onde ver as notas expositivas. Esse sinal de respeito e gentileza era a maneira oriental de dizer "agradecido", e também de fazer petições. Antes inclinara-se Abraão para fazer o pedido; e agora inclinava-se de novo, em sinal de agradecimento. O passo seguinte consistiu em fixar o preço. Por motivo de cortesia, isso foi deixado para o último lugar. Abraão falava em dinheiro; Efrom falava em doar. No fim, entretanto, foi efetuada uma *transação* de compra e venda.

23.13

Tu Dás e Eu Pago. A disposição de Efrom para doar a terra era igual à disposição de Abraão para pagar pela terra. Abraão estava debaixo da *polida necessidade* de transformar a *doação* de Efrom em um *recebe este dinheiro*. Efrom dava a impressão de que não lhe importava o dinheiro, mas esse era o propósito do diálogo, desde o começo. Quão moderno é esse pequeno costume antigo. Somos forçados a obrigar outros a receber algum dinheiro por um serviço prestado, mas em *seu coração* eles esperam receber algum pagamento em dinheiro.

A compra daquele terreno foi uma boa transação, afinal. Assim, ficou garantido que a posteridade de Abraão contaria com um lugar de sepultamento. Sua *compra* poderia tornar-se um motivo polêmico para povos posteriores que viessem a conquistar a região, enquanto o povo de Israel estivesse no exílio no Egito. Os descendentes de Edom conquistaram aquela área durante esse tempo.

23.14

Efrom respondeu, convencido pelo pedido de Abraão, além de estar disposto a negociar. É bom quando os argumentos são aceitos, em vez de provocarem hostilidade. Todo debate é bom, quando feito com espírito amistoso.

23.15

O Preço é Fixado: Quatrocentos *siclos* de prata. Devemos pensar em um certo peso. Ver o artigo *Dinheiro*, no *Dicionário*. Discuto sobre o *siclo* naquele artigo, em sua segunda seção, primeiro parágrafo. O peso do siclo, e, portanto, seu valor, foi variando com a passagem dos séculos, sendo impossível fazer qualquer comparação com os valores modernos. Considera-se que quatrocentos siclos representavam uma considerável soma, apesar de Efrom ter diminuído a importância da questão (ver as explicações abaixo).

Que é Isso entre Mim e Ti? É como se Efrom tivesse dito: "Tu, Abraão, és um homem rico. E eu também. Assim, para que debater acerca de tão pequena quantia?". Ou, talvez, ele estivesse procurando diminuir o vulto do preço, querendo assegurar a Abraão que ele fizera uma boa *barganha*.

O vs. 16 mostra-nos que Abraão *pesou* a quantia pedida, pelo que é provável que não houve moedas que trocaram de mãos. E alguns estudiosos dizem que isso, realmente, não pode ter acontecido, pois ainda não se cunhavam moedas nos dias de Abraão.

23.16

Chega-se a um Acordo. O peso em prata foi aquilatado, de acordo com valores correntes no mercado de então. Talvez o metal fosse moldado em pequenos lingotes, talvez indicando seu preço e qualidade. O negócio foi feito com boa ordem e decência, na presença de testemunhas. Os mercadores operavam em mercados fixos e em cidades específicas, mas muitos eram viajantes que passavam vendendo e comprando. Tinham conhecimento do valor da prata, um instrumento de trocas comum.

23.17

Macpela. No *Dicionário* apresentei um detalhado verbete sobre esse lugar. O termo significa *dupla*, talvez indicando um tipo de caverna dupla. O local é modernamente identificado como Haram el-Khalil, em Hebrom, sob o domínio árabe, considerado um lugar supremamente sagrado. A referência é incerta, visto que lemos que o campo ficava em Macpela, e não que Macpela ficava no campo. Diz a Vulgata latina: "o campo de Efrom, onde havia a caverna dupla". Esse é o sentido que os intérpretes dão à passagem, embora não seja exatamente o que diz o original hebraico. Talvez o autor sacro tenha produzido uma expressão desajeitada, ou então estivesse dizendo algo que não pudemos recuperar.

Manre. Ver as notas, no *Dicionário*, sobre esse lugar. Ver também *Manre, Carvalhais de.* em Gên. 13.18. Modernamente o local chama-se Haram Ramet el Halil, cerca de três quilômetros ao norte de Hebrom. A caverna é o famoso santuário de *Harã*, pelo que os descendentes de *Ismael* edificaram uma mesquita muçulmana no local, uma estranha distorção do destino, considerando-se que Ismael, patriarca de tantas tribos árabes, havia sido expulso de casa por exigência de Sara.

O arvoredo. Era uma área arborizada, talvez com carvalhos, conforme se via em Manre. Um santuário em honra a Yahweh tinha sido estabelecido em Manre, que não ficava muito distante do cemitério de Abraão. Ver Gên. 13.18 quanto a esse santuário. Santuários em honra a Yahweh antecederam a construção do tabernáculo (Êxo. 40.17). Quando esse evento teve lugar, havia uma unificação da adoração entre os hebreus.

Abraão recebeu toda aquela area, sendo ela um *campo*, e não uma área urbanizada. Tinha seu próprio pequeno bosque.

A Exatidão da Transação. Os limites do terreno foram cuidadosamente delineados, o preço foi fixado e pago, e tudo foi feito sob o olhar de testemunhas. Esses detalhes são harmônicos com o que se sabe sobre as negociações da época de Abraão, confirmadas por inúmeros tabletes de terracota que os arqueólogos têm podido desenterrar.

"A religião da Bíblia recomenda e inculca uma conduta ordeira, sem falar na pureza de coração e de vida" (Adam Clarke, *in loc.*) E ele também mencionou a maneira decente com que William Penn obteve as terras que agora formam o estado da Pensilvânia, tendo-as comprado dos indígenas americanos. Tendo feito um paralelo entre Abraão e William Penn, ele comentou: "Que os justos sejam eternamente lembrados!".

23.18

A Propriedade Foi Transferida para Abraão. E isso foi testemunhado por muitas pessoas entre os hititas, que eram os dominadores da área. A transação foi *certificada no portão,* ou seja, pela autoridade devidamente constituída. "O designio da expressão é mostrar que a transação foi efetuada de *maneira pública*" (John Gill, *in loc.*). Não sabemos dizer se houve algum documento escrito na transação. As descobertas da arqueologia mostram que isso pode ter acontecido. O *portão* era o local onde se efetuavam transações legais.

23.19-20

Sepultou Abraão a Sara. Anos depois, ele mesmo foi sepultado ali (Gên. 25.9), tal como o foram Isaque, Rebeca, Jacó e Lia (Gên. 49.29-31; 50.13).

> *Ai daquele que nunca vê*
> *As estrelas brilharem por entre os ciprestes!*
> *Os quais, sem esperança, sepultam seus mortos,*
> *Mas não olham para ver o romper do dia*
> *Brincando do outro lado das colinas!*
>
> (Whittier)

O Antigo Testamento não atribui a Abraão a crença na imortalidade. Apesar dessa omissão, ele pode ter tido alguma fé na imortalidade, visto que esta era tão universal entre os povos antigos. O Novo Testamento faz adições à dimensão espiritual e eterna do Pacto Abraâmico. Ver Gên. 15.18; Heb. 11.14 ss. e Gál. 3.16 ss.

Nós não nos deixamos vencer pela tristeza como aqueles que não têm esperança (I Tes. 4.13). Ver também I Cor. 15.54,57, onde lemos que "Tragada foi a morte pela vitória". Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Alma.*

"Disse o rabino Josué: 'Meus filhos, sei que é impossível não lamentar, mas é proibido lamentar em demasia'. Por quê? Porque o grande sábio judeu sentia que nós, seres humanos, devemos pensar não somente sobre o passado, mas também sobre o futuro. Nossa religião ordena-nos ser servos da vida, enquanto estivermos vivos" (Joshua Loth Liebman, *Peace of Mind).*

Apresento vários artigos sobre a *Imortalidade*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*

Capítulo Vinte e Quatro

Isaque (24.1 — 26.35)

Isaque e Rebeca Casam-se (24.1-67)

Os críticos pensam que as fontes informativas *J* e *E* estão por trás desta passagem. Ver o artigo *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

Casamentos mistos com parentes consangüíneos eram um costume comum no ambiente cultural dos dias de Abraão. Ele casou-se com uma meia-irmã (Gên. 20.12), e seu irmão, Naor, casou-se com uma sobrinha (Gên. 11.29). Os antigos não sentiam a mesma coisa sobre casamento e parentesco que nós sentimos. Esses casamentos consangüíneos mais tarde foram proibidos (Lev. 18 e 20), e o que Abraão e Naor fizeram não teria sido permitido séculos mais tarde. De fato, esse costume passou a ser chamado de uma das abominações pagãs. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Incesto.* Rebeca era sobrinha-neta de Abraão (Gên. 22.20 ss.), pelo que Isaque era primo dela. Isso, naturalmente, estava dentro do grau de parentesco aceitável diante da legislação mosaica. Israel, já em sua terra, tinha idéias bem fixas e radicais sobre casamento com pagãos, mas vemos que Abraão e Sara já haviam manifestado tal atitude. Ademais, qual donzela poderia ser noiva melhor de Isaque do que alguém que era membro próximo da família?

O trecho de Gênesis 22.23 diz-nos que Betuel era pai de Rebeca. Mas Labão, irmão de Rebeca, tomou a frente nas negociações do casamento dela. Alguns estudiosos supõem que haja aqui alguma confusão de nomes, e que *Labão* é que deveria estar no texto. Mas Gênesis 28.5 diz que Labão era filho de Betuel. Ver o vs. 50.

O servo de Abraão recebeu a incumbência de obter uma *mulher* dentre a parentela de Abraão para ser noiva de Isaque. Os vss. 5 e 8 dizem "a mulher", que pode dar a entender que Rebeca já era a candidata. Gênesis 24.7 parece indicar que Abraão já havia escolhido Rebeca por divina indicação e inspiração. Nada era deixado ao acaso. Pelo menos, o texto fala definidamente da orientação divina quanto à questão, mesmo que não tenha envolvido a escolha de uma determinada mulher. De fato, o casamento é questão tão importante que requer a orientação divina.

Labão e Milca atenderam ao pedido do servo acerca de Rebeca (mesmo sem a terem consultado previamente, vss. 50-54, mas nos vss. 57,58,60, a própria Rebeca toma a decisão). Os críticos atribuem os vs. 50-54 à fonte informativa *J*, e os outros versículos à fonte *E*, mas talvez tenhamos aí mera variação literária, e não supostas fontes informativas separadas.

Uma das polêmicas em torno da passagem é que *Israel* deveria provir da pura linhagem de Abraão, sem nenhuma contaminação pagã. O fato de que Isaque se casou com uma prima garantiu isso. É provável que o *Yahwismo* requeresse casamentos mistos entre pessoas da mesma raça e mentalidade, o que, posteriormente, tornou-se uma norma em Israel. Isso foi relaxado para permitir que pagãos convertidos viessem a fazer parte da comunidade. O monoteísmo foi resultado natural do Yahwismo, no que consistiu em significativo avanço religioso.

Os comentadores têm falado sobre o excelente estilo do relato, como ótima peça literária. "A história movimenta-se com facilidade, envolvendo valores humanos e provendo-nos um quadro fidedigno das condições da época em que adquiriu sua forma" (Walter Russell Bowie, *in loc.*).

As idéias-chave são a *providência de Deus,* que opera entre famílias e nações dentro de contextos religiosos e sociais, sem nenhum elemento estranho perturbador; a *provisão de Israel,* mediante uma linhagem não-contaminada de Abraão; o *amor leal* ao Pacto Abraâmico; e o *cumprimento das promessas divinas* no tocante ao Pacto Abraâmico (notas em Gên. 15.18).

Divisões Naturais deste Capítulo:

1. A comissão para obtenção da noiva (24.1-9)
2. O encargo (24.10-27)
3. O sucesso (24.28,29)
4. O término da incumbência (24.60-67).

   Tudo foi efetuado com *hesed* (lealdade e amor).

A Providência Opera por meio das Circunstâncias. Há um poder por trás daquilo que acontece. Nada sucede por mero acaso. Deus estava guiando a Abraão e a Eliezer (vs. 27; ver também os vss. 31 e 50,51). Não há milagres referidos no capítulo, mas sermos conduzidos por Deus na vida diária já é um milagre. O Pacto Abraâmico não é reiterado aqui, mas sabemos que estava sempre em foco. Estava tendo cumprimento pela providência de Deus. Através desse pacto, a própria humanidade, em sua inteireza, seria abençoada, pois o exclusivismo tornou-se universalidade. O poder divino evitou abortos: o servo poderia ter falhado (vss. 5-8), mas não falhou. Ele poderia ter deixado de perceber o sinal divino (vss. 14,21), mas não deixou. Labão poderia não ter cooperado (vss. 49-51), mas isso não aconteceu. Rebeca poderia ter-se negado a ficar noiva (vss. 54-58), mas não se negou. A orientação divina faz-nos singrar através de muitas vicissitudes e azares. Bendito seja o nome do Senhor! Deus cuida de nossas "possibilidades" e faz ocorrer a Sua perfeita vontade.

"...a escolha da noiva para Isaque foi feita *por Deus.* O sinal confirmou isso. Labão também reconheceu o fato. Rebeca aceitou-o. Aqueles que querem fazer a vontade de Deus de modo obediente, sob oração, são guiados por Deus (Pro. 3.5,6)" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Capítulo 24 — Um Capítulo de Muitos Tipos

1 Abraão tipifica Deus Pai, que escolheu uma Noiva para Seu Filho (Mat. 22.2; João 6.44).
2 O servo tipifica o Espírito Santo, que sai em busca da Noiva (João 16.13,14).

3. O servo também tipifica o Espírito Santo, que traz a Noiva ao encontro do Noivo (Atos 13.4; 16.6,7; Rom. 8.11; I Tes. 4.14-16).
4. O serviço prestado pelo servo, com a outorga de presentes, tipifica como o Espírito abençoa-nos com todas as bênçãos espirituais (Gál. 5.22; I Cor. 12.7-11).
5. Rebeca é tipo da Igreja, a eventual participante das bênçãos espirituais do Pacto Abraâmico (II Cor. 11.2; Efé. 5.25-32).
6. Isaque é tipo de Cristo, o Noivo, embora ainda não visto pela Noiva, mas que é amado por ela, mediante o testemunho do servo (I Ped. 1.8).
7. Isaque, também como tipo de Cristo, sairá ao encontro da Noiva, a fim de recebê-la para Si mesmo (I Tes. 4.14-16).

Instruções de Abraão a Seu Servo (24.1-10)

24.1

Era Abraão já idoso. Agora ele estava com cerca de cento e quarenta anos de vida, exibindo sinais de declínio físico. Viveria mais trinta e cinco anos (ver Gên. 25.7)! Sara já tinha morrido, e ele era o único responsável por Isaque. Isaque aproximava-se dos quarenta anos de idade, e era chegado o tempo de casar-se. Isso gerou um problema especial para Abraão. Ele mantinha relações cordiais com seus vizinhos, respeitando-os e sendo respeitado por eles, mas *casamento* já era outra história. Quanto a *isso*, ele precisaria recorrer à sua própria parentela, que morava a cerca de setecentos e cinqüenta quilômetros de distância. Somente assim a linhagem de Israel seria mantida livre de alianças envolventes e corruptoras. Toda essa seqüência estava dentro do plano de Deus: Abraão-Isaque-Messias! Ver as notas anteriores, que destacam a *providência* de Deus (Introdução ao atual capítulo).

Deus Abençoou Abraão. Isso em todos os sentidos, temporal e espiritualmente, como um indivíduo e como cabeça de uma tribo crescente. Disse Aben Ezra: "Com vida longa, com riquezas e honras, com crianças e com todas as coisas desejadas pelos homens".

Depois do casamento de Isaque, Abraão ainda viveu por mais trinta e cinco anos, pelo que pôde ver Esaú e Jacó (seus netos) já na idade adulta. Deus, concede-nos tal graça!

24.2

Seu mais antigo servo. Embora não seja dito aqui o seu nome, talvez fosse o mesmo *Eliezer* de Gên. 15.2. Mas talvez ele fosse idoso demais, nessa época, para realizar o serviço pedido por Abraão. O fato é que esse era o servo de maior confiança de Abraão, o segundo em comando em sua casa. Se ele governava *tudo* quanto Abraão tinha, então era homem de total confiança. Esse servo tipifica o Espírito Santo, que veio buscar uma Noiva para Cristo. Ver a introdução a este capítulo quanto aos muitos tipos que há aqui. O Targum de Jonathan diz que o nome do servo era Eliezer, mas é provável que isso fosse apenas uma conjectura. Não há como calcular a idade de Eliezer por esse tempo, mas ele deveria ser mais ou menos da idade de Abraão, ou não muito mais jovem. Nesse caso, um homem mais jovem teria recebido a incumbência.

Põe a tua mão por baixo da minha coxa. Foi um juramento feito pelos *órgãos genitais*, onde se concentram os poderes procriativos do homem, os quais, por sua vez, são conferidos por Deus (ou pelos deuses ou forças divinas, tudo dependendo de quem estivesse usando esse tipo de juramento). No atual contexto, esse tipo de juramento fala da continuação da linhagem de Abraão por meio de Isaque, e, quanto a essa continuação, Abraão invocou Deus. A procriação estava envolvida *potencialmente*, o que mostra quão apropriado foi esse tipo de juramento, nessa ocasião.

Jacó requereu que José lhe jurasse, usando o mesmo tipo de juramento (Gên. 47.29). Há aqui um eufemismo. O membro sexual masculino, no caso de Abraão, o pênis *circuncidado*, foi tocado, juntamente com outras partes genitais.

É óbvio que, nesse ato, está em pauta o pacto da *circuncisão* (ver as notas em Gên. 17.10 ss. e o artigo com esse nome, no *Dicionário*). A linhagem circuncidada precisava ser respeitada na transação em pauta. Heródoto menciona que os joelhos de uma pessoa eram abraçados por seu subordinado, e alguns eruditos pensam que isso é tudo quanto está envolvido no presente caso, o que é altamente improvável, por não concordar com o fraseado envolvido.

24.3

As Responsabilidades do Servo. Essas responsabilidades eram grandes (vs. 2) e incluíam a busca de uma noiva para Isaque. O juramento feito pelos órgãos genitais agora tornava-se um juramento feito pelo Senhor, o Deus do céu, diante de Quem o servo tinha a responsabilidade de agir direito.

Os nomes divinos aqui usados são Senhor (*Yahweh*) e Deus (*Elohim*). Ver os artigos sobre esses nomes no *Dicionário*, bem como o verbete intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de.*

Que Fossem Esquecidos os Cananeus. Não há que duvidar de que havia muitas moças bonitas entre os cananeus. Qualquer uma delas também se alegraria em casar-se dentro da ilustre família de Abraão. Ademais, elas estavam próximas. Ver o artigo *Canaã, Cananeus*, no *Dicionário*. Abraão mantinha relações amistosas com eles; ele os respeitava e era respeitado por eles. Mas casamento já pertencia a outro nível de coisas. Isso já requeria laços de família e o *Yahwismo*, a fé religiosa da família de Abraão. Outrossim, Abraão tinha em mente a pureza do Pacto Abraâmico (ver as notas sobre Gên. 15.18). O povo de Israel estava sendo moldado.

Na introdução a este capítulo, mostrei que a família de Abraão estava compactamente interligada, mediante casamentos entre seus membros. Abraão queria que Isaque se casasse com uma prima (Rebeca), ou com outro membro da família, pelo menos tão próximo quanto ela.

Casamentos Mistos? O povo de Israel por certo continuou essa atitude de Abraão, embora tivesse mais tarde permitido que pagãos *convertidos* se tornassem parte integrante da comunidade religiosa. Isso sucedeu até no caso de Moisés, tendo havido muitos casamentos mistos entre israelitas e pessoas de outras raças, sobre essa base. Mas o *pai* decretava que o filho ou filha pertenciam a Israel. Nos dias bíblicos a ordem era esta: pai hebreu, filho hebreu — sem importar a que raça pertencesse a mãe. Os rabinos judeus, porém, inverteram a ordem, afirmando que alguém é judeu se sua mãe é judia, não importando a raça do pai. Se o critério deles fosse levado às últimas conseqüências, então os filhos de Jacó por meio de suas concubinas, Zilpa e Bila (Gade, Aser; Dã e Naftali), não poderiam fazer parte do povo de Israel!

Em nossos dias, o catolicismo romano tem-se mostrado adamantino sobre essa questão, fazendo da cerimônia de casamento um sacramento, ou seja, um meio de graça. Ademais, os filhos devem ser criados como católicos romanos, mesmo quando filhos de casamentos mistos. Talvez essa atitude distorça o que está envolvido na herança cristã, posto que possamos entender que há uma nobre intenção. O protestantismo, em todos os seus círculos conservadores e pentecostais, tem prosseguido nesse tipo de exclusivismo, salientando o trecho de II Cor. 6.14 ss., sobre o "jugo desigual". No que respeita ao casamento, é uma proibição obrigatória para todos os crentes. Por outra parte, os católicos e protestantes liberais não observam essa "distinção religiosa" quanto ao matrimônio. Como é óbvio, um casamento sem fé e sem convicções religiosas ressente-se da ausência de um elemento vital de fortalecimento, que empresta boas qualidades e durabilidade ao casamento. Um grande número de pais, em nome da liberdade, permite que seus filhos sofram toda forma de influências externas, algumas das quais *através* do matrimônio.

Abraão fez a questão estender-se até o aspecto racial, e não meramente religioso; mas, no caso de Israel, não estava em pauta apenas uma questão religiosa, e, sim, a formação do povo de Israel. Os racistas empregam passagens, como esta, como textos de prova de sua doutrina contrária ao casamento de pessoas de raças diferentes.

"A sanidade da vida individual e a estabilidade do casamento e do lar dependem daquilo que tiver sido dado por Deus. Conforme Abraão sabia, assim *deveríamos saber* que as grandes tradições de uma família e de uma cultura religiosa devem ser tratadas como uma custódia sagrada por sucessivas gerações" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*).

Senhor Deus. Ou seja, *Yahweh-Elohim*, conforme se vê também no vs. 7.

Do céu. Ver as explicações sobre essa expressão nas notas sobre Gên. 11.4. Ver outros comentários a respeito no vs. 7 deste capítulo.

Paganismo na Família de Abraão? Terá (ver as notas sobre ele em Gên. 11.24), sem dúvida nenhuma, tinha sido um homem idólatra. E no início de sua vida, Abraão também seguira a idolatria. É provável que práticas idólatras continuassem exercendo seu poder na família de Betuel. Mas agora Abraão se tinha distanciado de tudo isso em sua promoção do Yahwismo, e ele não acharia dificuldades para treinar Rebeca, transformando-a em um digno membro da nova ordem. Formas de idolatria, contudo, persistiram na família patriarcal (Gên. 31.19). Gradualmente, porém, a família foi-se afastando dessas normas e aproximando-se dos estritos princípios que a legislação mosaica formalizou. Ver Jos. 24.2,15 quanto à idolatria de Terá.

24.4

Irás à minha parentela. Isso é definido no vs. 10, como a *Mesopotâmia*, e, mais especificamente, como *Arã*, a cidade de Naor. No hebraico temos "Aram-Naharaim", isto é, "Arã dos dois rios". Arã é nome que significa *terra alta*, embora se tenha tornado um título geral para toda a raça síria. Neste versículo, porém, está em foco aquela porção da Síria que jaz entre os rios Tigre e Eufrates. Ver no *Dicionário* o verbete *Mesopotâmia*. Arã era onde se tinha instalado a família de Harã, irmão de Abraão; e o próprio Abraão estivera ali por algum tempo, em companhia de seu pai, Terá. A família tinha vindo de *Ur*, na Caldéia. Ver no *Dicionário* o artigo *Arã (Arameus)*. De Hebrom a Arã eram cerca de trinta dias de

viagem. Ver Gên. 29.4,5 quanto à residência de Labão, ali situada. Alguns pensam, contudo, que *Ur* está em pauta. Se o servo de Abraão não obtivesse sucesso em Arã, deveria ele ir até Ur?

Minha Parentela. Especificamente, onde habitavam Naor, irmão de Abraão, com seus familiares. Betuel, filho de Naor, era o pai de Rebeca, o que quer dizer que Rebeca era neta de Naor. Não há que duvidar de que alguns parentes continuavam habitando em Ur. Assim, se esse lugar é que está em foco, o servo de Abraão deveria ir até lá?

24.5

Rebeca Concordaria? Na introdução ao primeiro versículo deste capítulo mostrei que vários obstáculos possíveis seriam ultrapassados. A possível relutância de Rebeca era um desses obstáculos. Os vs. 57,58 mostram que isso não sucedeu. A providência divina cuidou de todos os pormenores. O servo de Abraão tinha dois planos. O primeiro consistia em trazer a donzela. O segundo consistia em levar Isaque à Mesopotâmia, presumivelmente para residir ali. Talvez Rebeca preferisse ficar com sua mãe, embora casada com Isaque, o que, às vezes, acontece. Mas Abraão não demonstraria paciência com uma donzela que quisesse ficar com sua mãe, forçando Isaque a ir viver com ela ali (vs. 6). Graças a Deus quando nosso primeiro plano se concretiza, e não precisamos apelar para o segundo e inferior plano, ou mesmo para um terceiro, um quarto plano, etc. Deus tinha chamado Abraão para *fora* daquela região, e agora o patriarca não permitiria que seu filho retornasse para lá. Ver o vs. 6 quanto a algumas das "razões" do raciocínio de Abraão.

24.6

Isaque Não Deveria Retornar Nem a Arã Nem a Ur. Deus tinha chamado a família para *fora* daqueles lugares. O Pacto Abraâmico deveria cumprir-se dentro da Terra Prometida. Isso não poderia suceder se Isaque retornasse às raízes ancestrais. Uma nova raça, distinta da de Naor, haveria de surgir na Terra Prometida, que fazia parte do Pacto Abraâmico. Portanto, a mulher com quem Isaque se casasse teria de ajustar-se aos planos divinos para a descendência de Abraão. O Senhor tinha um plano diferente para Naor e seus familiares. Algumas vezes é difícil determinar a vontade de Deus. Mas quanto a essa vontade, Abraão não tinha a menor dúvida. Ver no *Dicionário* o artigo *Vontade de Deus, Como Descobri-la.* Abraão tinha consciência de seu destino e missão.

Dois Princípios Deveriam Ser Seguidos: 1. Isaque não podia casar-se com mulher cananéia. 2. Isaque não podia regressar às suas raízes ancestrais.

24.7

O Senhor Deus Separa Abraão. Os nomes divinos aqui usados são *Yahweh-Elohim*, como no vs. 2, e uma vez mais é feita a observação de que Ele é o Deus "do céu". Há notas sobre essa expressão em Gên. 11.4. Não sabemos dizer com exatidão o que Abraão entendia sobre o "céu", mas é evidente que ele se referia a alguma dimensão não-humana, "lá em cima". Na antiga teologia dos hebreus, não há o menor indício de que essa dimensão era concebida como uma realidade imaterial, com seres imateriais como seus habitantes. A teologia desenvolve-se, de forma que detalhes como esses só apareceram mais tarde. Pelo menos, porém, Abraão fazia idéia de um "outro mundo", o mundo de Deus. No livro de Gênesis não aparece a doutrina explícita de que as pessoas, ao morrerem, vão para esse outro mundo, como seres imateriais e imortais. Essas noções também só entraram no pensamento dos hebreus bem mais tarde. A teologia cresce, conforme avança a revelação.

Yahweh-Elohim havia chamado Abraão para fora de sua terra e parentela. Ver Gên. 12.1 ss. Portanto, seria altamente impróprio se Isaque voltasse para lá. A Terra Prometida deveria ser a cena de sua vida, bem como a pátria de seus descendentes (o povo de Israel). Isso fazia parte essencial do Pacto Abraâmico.

À tua descendência darei esta terra. Uma das provisões do Pacto Abraâmico, que é comentado em Gên. 15.18. Deus não havia mudado de idéia, nem Abraão mudaria a sua posição. Logo, não poderia ser considerada para Isaque uma esposa que não estivesse disposta a vir para ele. Além disso, o servo não deveria ir a Ur para obter uma esposa para Isaque, se não a conseguisse em Arã.

O seu anjo. O contato de Abraão com anjos era frequente. Ele supôs que o anjo do Senhor acompanharia seu servo, em sua inquirição. Em outras palavras, a missão do servo não falharia. Ver Gên. 18.3 ss.; 22.11,15 e, no *Dicionário*, o artigo intitulado *Anjo.*

24.8

Desobrigado do teu juramento. Se a missão fracassasse, o servo não deveria ser tido como culpado. Ele deveria atirar-se à tarefa deixando com Deus o sucesso da sua missão.

Juramento. Descrito no vs. 2. Sob nenhuma circunstância, porém, Isaque deveria ser levado a Arã, sem importar a insistência de Rebeca ou de seus pais. Mas o que Abraão temia acabou não sucedendo, o que ocorre com a *maior parte* de nossos temores. O texto inteiro, bem como o juramento solene que foi feito, mostra com que ansiedade Abraão tomou a si a necessidade de obter uma esposa apropriada para Isaque. Várias culturas, antigas e modernas, têm seguido de perto esse método de obtenção de uma esposa. Por certo não é superior a esse o nosso moderno método de tentativa e fracasso, em que o romance e a paixão física parecem mais importantes do que tudo. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Matrimônio.*

24.9

Pôs o servo a mão. . . e jurou. Ver as notas sobre o vs. 2 quanto a uma completa descrição desse juramento. Aquilo que ali foi antecipado, agora é declarado como realizado. O servo cumpriria com precisão todas as ordens de Abraão, e o Anjo do Senhor o acompanharia, dando-lhe sucesso na tarefa (vs. 7). O servo falou sobre esse aspecto da questão, quando chegou em Arã, procurando cumprir a sua missão (vs. 40).

24.10

As Provisões da Viagem. A viagem, de cerca de setecentos e cinquenta quilômetros, tomaria cerca de trinta dias, de modo que era preciso muito material e víveres para a jornada ida e volta. Assim, *dez camelos* transportariam as pessoas e as coisas. Ele partiu como uma caravana, acompanhado por um certo número de homens, que ajudariam a proteger a caravana. Também levou presentes que seriam dados a Naor e seus familiares, um costume oriental que não poderia deixar de ser observado. Talvez isso é o que devamos entender com a palavra *bens*, que lemos neste versículo. Eram presentes enviados por seu senhor, Abraão, para membros de sua família. Provavelmente incluídos entre os bens havia o dote oferecido à noiva em perspectiva (vs. 22), visto que na antigüidade era costume dar um dote à noiva, em lugar de receber um dote da parte de seus pais.

Os *camelos* eram o mais comum meio de transporte no deserto, o que continua até hoje, na região em pauta. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Camelo.* Acerca de Jó lemos que suas riquezas incluíam três mil camelos (Jó 1.3).

Demonstração de Riquezas. Alguns estudiosos pensam que o servo de Abraão levou um mostruário das riquezas de seu senhor. Sempre é bom casar-se dentro de uma família abastada, *se* outras condições também forem as condições certas. Ver o vs. 22.

Rumo da Mesopotâmia. Ver no *Dicionário* o verbete com esse título.

Para a cidade de Naor. Ou seja, *Arã* (acerca da qual examinar o *Dicionário*). Ver Gên. 11.31; 12.4; 27.43.

O Servo Encontra-se com Rebeca (24.11-27)

24.11

A Chegada. O vs. 10 deixa entendido que fora feita a viagem de trinta dias. O vs. 11 já estaciona o servo de Abraão e sua caravana perto da cidade de *Arã.* Os camelos tinham passado dias sem beber água, pelo que era mister dar-lhes de beber fora ainda da cidade. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Poço.* Fontes e poços de água eram e continuam sendo facilidades das mais importantes naquela terra sedenta. Ver também o artigo *Cisterna,* no *Dicionário.* Os camelos ajoelharam-se para beber, embora ainda não tivessem sido descarregados.

O Servo Esperou à Beira do Poço. Estando ali, fez ao Senhor um pedido especial (e muito difícil): que a própria jovem que deveria ser esposa de Isaque *viesse até ele, o servo* (vs. 14), para tirar água do poço. Puxar água era usualmente trabalho de mulheres. Cf. a história de Jesus e da mulher samaritana, à beira do poço, em João 4.6 ss.

Tarefas Femininas: tecer, moer a farinha, cozer o pão, cuidar das crianças e, usualmente à tardinha, tirar água do poço para as necessidades do dia seguinte.

24.12

Ó Senhor. . . rogo-te que me acudas. Uma oração padrão daqueles que trabalham para o Senhor. Seu sucesso também seria o sucesso de seu senhor,

Abraão, que o tinha enviado. Estavam ambos envolvidos na mesma missão. O servo por assim dizer orou: "Deus, dá-me sucesso, e *hoje mesmo*". Ele já vinha viajando fazia quatro semanas, e estava muito cansado. Quão grande seria a "bondade" de Deus se o poder divino facilitasse a tarefa, fazendo a donzela escolhida vir até ele, em lugar de ele ter de entrar na cidade e começar a inquirir sobre a casa de Naor.

Algumas vezes, queremos tomar atalhos. Ocasionalmente, um grande benefício simplesmente cai do céu sobre nós. E isso sempre nos deixa surpreendidos, embora tenhamos pedido diligentemente que isso acontecesse!

Bondade. Os benefícios divinos são dados como prova de bondade; e, então, devemos ser gratos ao Senhor. Usualmente Deus mantém-se oculto nas sombras, permitindo-nos usar nossos dons e habilidades. Ele quer ver o que podemos fazer com os poderes que já possuímos. Ocasionalmente, porém, é mister que Ele intervenha em nossas vidas. É assim que opera o propósito divino.

Ó Senhor, Deus de meu senhor. Assim diz nossa versão portuguesa. Mas tradução melhor seria "Ó Senhor Deus de meu senhor. . ." (sem a vírgula entre "Senhor" e "Deus", pois o original hebraico diz *Yahweh-Elohim).* Esse era o Deus de Abraão, o patriarca considerado profeta e dotado de grande poder espiritual (Gên. 20.7), cuja autoridade era maior que a do servo, dotado de comprovado poder diante de Deus.

24.13

Eis que estou. O servo estava à beira do poço, e pedia para ser visto e que sua petição fosse ouvida. As mulheres estariam saindo da cidade, especialmente as *filhas* das donas de casa. Era apenas lógico esperar que a futura noiva de Isaque estivesse entre as donzelas. Portanto, que ela fosse trazida diretamente ao servo e fosse identificada na presença dele. O vs. 14 mostra *como* essa identificação teria de ser feita.

A decisão da escolha da noiva de Isaque foi deixada ao encargo do servo. Mas ele não estava muito certo quanto às suas habilidades, por isso apelou ao Senhor, para que o ajudasse. Ademais, o Anjo do Senhor estava com ele, inspirando seus pensamentos e seus atos. Ver os vss. 7 e 40.

O texto expõe a contínua necessidade da interação das vontades divina e humana. Deus utiliza-se do livre-arbítrio humano sem destruí-lo, embora não saibamos explicar como isso possa suceder. Ver no *Dicionário* os artigos *Livre-Arbítrio* e *Vontade de Deus, Como Descobri-la.*

". . .o caso aqui aludido é tal, que requeria uma orientação especial da parte de Deus; um caso em que as nossas faculdades racionais, sem o concurso da influência divina, não bastam. . . Planejemos, esquematizemos e labutemos como Eliezer, e então, mediante fé e oração intensa, entreguemos tudo à orientação e bênção de Deus" (Adam Clarke, *in loc.,* em excelente comentário, reconhecendo a necessidade de o homem fazer a *sua parte,* mas sempre requerendo também a ajuda e o poder de Deus).

O servo estava ao pé do *poço dos desejos,* mas deixou que seu desejo fosse energizado pela providência divina. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Providência de Deus.*

". . .desejando, esperando, aguardando. . ." (John Gill, *in loc.*).

24.14

O Servo Pede um Sinal! Isso pode ser feito de uma forma errada, conforme Jesus salientou (Mat. 12.38,39). Jesus não precisava de sinais. Sua espiritualidade e comunhão com Deus eram tais que Ele mesmo era o Sinal. Mas nós outros buscamos, ocasionalmente, sinais, no que somos acompanhados por muitos homens bons. Dizia minha mãe: "Há vezes em que podemos barganhar com Deus, mas de outras vezes não podemos". Porém, quando não sabemos quando é *sim* e quando é *não,* solicitamos um sinal, e tentamos barganhar com Deus. O servo de Abraão fez uma espécie de barganha com Deus, pedindo-Lhe que o Senhor fizesse algo como demonstração de Sua "bondade".

Um Sinal Difícil. Não somente a donzela certa deveria aparecer naquele momento, mas também deveria identificar-se da maneira como o servo pedira. Impossível, diríamos. Mas possível para Deus, se Ele estivesse envolvido. Por isso é que lemos: ". . .para Deus não haverá impossíveis em todas as suas promessas" (Luc. 1.37).

Como o servo de Abraão poderia reconhecer a donzela? "Mediante alguma aparência particular dela? Não. Havia um critério mais importante do que esse — o critério do espírito. A jovem que fosse dotada de discernimento mais imediato, a mais bondosa, a mais pronta para ajudar — *essa* seria a jovem que ele estava procurando. . . E exatamente assim a sua oração foi respondida" (Walter Russell Bowie, *in loc.*). Além disso, ela era muito *formosa de aparência* (vs. 16), e isso sempre ajuda!

24.15

Saiu Rebeca. Há coisas que acontecem e são deveras admiráveis. Admiramo-nos diante de certas coisas que Deus faz. Todos quantos andam pela vereda espiritual passam por experiências como aquela do texto à nossa frente. Ali estava o dom de Deus. O servo recebeu o sinal, e com isso a sua missão foi grandemente *facilitada.* Oh, Senhor, facilita nossas missões! Concede-nos sinais e vitórias súbitas! "Quão admiravelmente a providência divina adaptou todas as circunstâncias à necessidade do caso. . ." (Adam Clarke, *in loc.*).

Betuel. Ver sobre esse homem no *Dicionário.* Ele era o oitavo e mais novo filho de Naor e Milca. Milca era sobrinha e esposa de Naor, pois era filha de Harã, irmão de Naor. Por conseguinte, Rebeca era prima de Isaque. Ver o artigo detalhado sobre *Rebeca,* no *Dicionário.* Ver as notas introdutórias ao primeiro versículo deste capítulo, quanto ao assunto de casamentos consangüíneos. Embora Rebeca fosse filha de um homem abastado, ela não desdenhava de serviços árduos.

24.16

A moça era mui formosa de aparência, virgem. O primeiro ponto era uma vantagem; e o segundo era um *sine qua non* dentro da mentalidade dos hebreus. Assim, a palavra "moça" podia ser usada intercambiavelmente com a palavra "virgem", visto que uma donzela solteira automaticamente era considerada virgem. Naturalmente, havia exceções. Ver no *Dicionário* o artigo *Virgem (Virgindade).* Temos aqui a primeira menção à palavra *virgem* usada na Bíblia. Uma palavra diferente desta é usada no vs. 43, no hebraico, ainda que em nossa versão portuguesa tenhamos a mesma palavra, "moça". Ver as notas ali. Rebeca tinha deveres por cumprir, e desincumbia-se deles com diligência, o tipo de moça que Isaque haveria de apreciar.

24.17

O servo saiu-lhe ao encontro, já suspeitando de que a sua oração tinha sido respondida. Por igual modo, o Espírito de Deus apressa-se ao encontro da Noiva de Cristo, para recolhê-la dentro da família divina. O servo de Abraão mostrou-se ousado, e pediu-lhe um pouco de água, o que ela atendeu alegremente (vs. 18).

A fé e as orações do servo de Abraão estavam pagando dividendos. David Livingstone foi um missionário pioneiro na África. Tal como todos nós, ele precisava buscar a vontade de Deus. Seu biógrafo anotou quão grande era a percepção dele, no desempenho de seus deveres: "Como ele conseguia isso? Em primeiro lugar, pela singeleza de seu coração. . . que atraía a luz! 'Se teu olho for luminoso, todo o teu corpo será iluminado'. Acresça-se que ele era bem claro e minucioso em suas orações. Finalmente, ele se mostrava muito cuidadoso ao averiguar todas as indicações providenciais que pudessem iluminar qual a vontade de Deus" (W. Garden Blaikie, *The Personal Life of David Livingstone*).

Josefo deu um toque de maior vivacidade à cena ao dizer que outras jovens que estavam à beira do poço se recusaram a dar de beber ao servo e a seus camelos. Em contraste com elas, Rebeca atendeu o servo e ainda repreendeu as outras donzelas pela negligência delas. O servo, pois, dirigiu-se diretamente a uma só moça, a moça certa.

24.18

... lhe deu de beber. O sinal estava adquirindo forma. Ela cumpriu prontamente a indicação de que ela era aquela que o servo de Abraão estava procurando. "...toda inocente, singela e gentil... tudo em Rebeca era encantador" (Walter Russell Bowie, *in loc.*).

Ela era dotada de formosura (vs. 16), era gentil (vs. 18), era diligente (vs. 19), era dotada de capacidade de decidir-se prontamente (vs. 58). Assim também, Isaque amou-a à primeira vista (vs. 67), e ao que tudo indica não se tornou polígamo, sendo um dos poucos homens que se contentou com uma só mulher. Ver no *Dicionário* os artigos *Poligamia* e *Monogamia.*

24.19

Rebeca fez mais do que o esperado, pois também tirou água para os *dez* camelos do servo de Abraão, o que deve ter ocasionado considerável trabalho. Ver o vs. 10. Talvez ela tenha sido compelida a isso pelo Anjo do Senhor (vs. 7), mas ela era espiritualmente sensível, e podia receber *prontamente* os apelos divinos. A oração do servo fora respondida. O *sinal* por ele pedido tornou-se tão óbvio que nenhum homem tê-lo-ia perdido de vista.

24.20

Apressando-se. . . correu. Enquanto o servo tudo contemplava, admirado, Rebeca trabalhava com afã. Aquele cavalheiro inglês, Adam Clarke, quase não podia acreditar ao ler os vss. 19 e 20. Que tipo de homem era aquele servo que

ficava parado enquanto uma jovem fazia todo o trabalho? Ele não sabia do que deveria *admirar-se* mais — de Rebeca, que fazia todo o trabalho, ou do servo de Abraão, que a tudo observava preguiçosamente. Entrementes, os camelos não poderiam interessar-se menos por quem estivesse fazendo aquele trabalho, contanto que pudessem beber água.

24.21

O homem a observava. O servo de Abraão estava *boquiaberto*. Ele quase não podia crer no que estava vendo. A jovem não parava de tirar água do poço, para dar de beber a todos os dez camelos. Adam Clarke queixou-se de novo ao chegar neste versículo. Eles eram *ambos* de uma estirpe diferente, decidiu ele. Ela, tão diligente! Ele, tão inativo! Por outro lado, o servo tinha acabado uma viagem de trinta dias, e estava exausto. Ademais, às mulheres cabia puxar água. O servo também estava admirado, mas *observava* tudo com atenção. O que ele poderia extrair daquela cena? O *sinal* que ele havia pedido estava brilhando bem diante de seus olhos. Ver o vs. 14 quanto ao sinal pedido.

Ele admirava-se dela ante "...a afabilidade... a cortesia... a humildade... a condescendência... a prontidão... a diligência... o labor... a celeridade dela" (John Gill, *in loc.*, que acabou concluindo que a providência de Deus estava atuando).

24.22

O Servo Já Tinha Recebido a Sua Resposta. Foi até a carga que trouxera e dali apanhou alguns objetos de grande valor, o impressionante pendente de ouro e as pulseiras que ele tinha trazido para adornar a *mulher* que o Senhor havia providenciado. Apesar de não podermos calcular o valor daquelas jóias, sabemos que elas eram de ouro, e que o autor mencionou seu *peso*, ou seja, o pendente, meio siclo, e as pulseiras, dez siclos. Essas pulseiras, mui provavelmente, eram usadas tanto nos pulsos quanto nos tornozelos. Ver no *Dicionário* o artigo *Jóias e Pedras Preciosas.*

Os ornamentos femininos eram de oito tipos: 1. para a testa; 2. para o nariz; 3. para as orelhas; 4. para os braços, 5. para os dedos; 6. para o pescoço; 7. para o colo; 8. para os tornozelos. Ver Gên. 24.22,47; Eze. 16.12; Pro. 11.22; Isa. 3.21; Êxo. 32.2,3; Jó 42.11; Juí. 8.24. Os profetas sempre se queixavam da vaidade das mulheres (ver Isa. 3.17 ss.; I Ped. 3.3 ss.), mas elas não se corrigiam.

Pendente. Devemos pensar em um pendente para o nariz, embora também fossem usados brincos (conforme se vê em algumas traduções). Mas o vs. 47 mostra que o pendente era para ser usado no nariz. As mulheres também dispunham de um enfeite para ser usado sobre a testa, com uma espécie de fita que o segurava no lugar. Tanto as mulheres egípcias quanto as mulheres judias usavam jóias, incluindo pendentes no nariz. Algumas delas adornavam-se de pedras preciosas, encastoadas em ouro ou prata.

As *pulseiras* eram usadas nos pulsos e nos tornozelos, fabricadas com ouro ou prata, e, algumas vezes, com pedras preciosas engastadas. Jarchi e Jonathan alegorizavam as duas pulseiras, como se elas simbolizassem as tábuas da lei, e o peso delas, dez siclos, representariam os Dez Mandamentos da lei mosaica.

As mulheres persas e árabes também usavam jóias.

O Tipo. O Espírito Santo confere ricos dons espirituais à Noiva de Cristo (Efé. 4 e I Cor. 12 e 13).

24.23

De quem és filha? Essa era a pergunta crucial. Seria ela uma parenta de Abraão? Ele tinha as jóias na mão, e estava pronto para dar-lhe ricos presentes. Seria ela a pessoa correta que deveria recebê-los?

Haverá... lugar? O servo de Abraão estava (quase) certo de que ela era parenta de Abraão e até já convidava a si mesmo para ficar hospedado no lugar. Isso seria muito conveniente para ele, visto que ainda tinha de negociar o casamento com os familiares de Rebeca.

24.24

Ela Era Sobrinha de Abraão. Era mais que uma mera coincidência. Era a resposta à sua oração. A neta-sobrinha de Abraão estava falando com o servo sobre membros da família que soavam familiares aos ouvidos dele. Todos os nomes que figuram neste versículo merecem artigos separados no *Dicionário*. Muitas coincidências são mais que meras coincidências. Por trás delas há algum propósito, algum misterioso *modus operandi* que não podemos perscrutar. Neste caso, porém, a resposta à oração do servo era tão óbvia que não permitia que nenhuma dúvida invadisse a mente do servo de Abraão. O texto não diz isso especificamente, mas é possível que, naquele momento, Rebeca tenha aceitado as jóias mencionadas no vs. 22. Ela era dotada de todas as qualificações e era digna de receber aqueles emblemas de seu futuro casamento. Ver Gên. 22.20-24 quanto à família de Naor.

24.25

Lugar para passar a noite. Rebeca garantiu ao servo que ele poderia alojar-se com sua família (de acordo com o pedido que ele fizera, vs. 23), e também que havia suprimento abundante para os camelos. A caravana inteira seria bem cuidada. Havia palha para os animais, e também pasto para eles se alimentarem. Naor era um homem rico e tinha acomodações para a caravana inteira. Rebeca sabia que seu pai se mostraria generoso, liberal e hospitaleiro. Ela não precisava ir verificar *se* o grupo poderia ser bem acolhido.

24.26

... se inclinou o homem e adorou ao Senhor. Este é um dos melhores versículos de interesse humano de toda a Bíblia. Acerta no cérebro do homem espiritual como se fosse um malho. Ele estava ali. Uma grande vitória produz humildade e ação de graças imediata. O homem espiritual inclina a cabeça; lágrimas lhe descem pelo rosto e as palavras de agradecimento mostram-se profusas. Algumas vezes obtemos vitórias imediatas, sob a forma de respostas às nossas orações, conforme vemos neste texto. O servo de Abraão tinha partido em viagem fazia apenas dezessete dias, mas já havia obtido a sua resposta. Usualmente, porém, há uma luta de alguns anos, antes que venha a vitória. De outras vezes nossos corações enfermam, devido à demora (Pro. 13.12), mas a alegria vem após a nossa lamentação.

"A fim de mostrar o profundo senso que ele tinha da *bondade* divina, e em *humilde* reconhecimento dos *favores* que ele havia recebido, ao ser providencialmente *dirigido*... ele adorou ao Senhor e Lhe agradeceu..." (John Gill, *in loc.*).

A cena diante de nós faz-me lembrar de uma fotografia que vi, de certa feita, do presidente Juscelino Kubitschek, por ocasião da inauguração de Brasília. Sua cabeça estava pendida, uma das mãos lhe encobria a face, e ele chorava profusamente. Tinha chegado o grande momento; ele havia edificado a sua cidade: a vitória era dele. E naquele momento, proferiu estas palavras:

"Nestes últimos três anos, minhas forças físicas foram sobrecarregadas ao máximo. Subi tenso ao Planalto. Tudo despertava as minhas emoções: a cidade, as memórias de tudo quanto havia sucedido; os conflitos agora passados; o fervor emocional do povo: a contemplação do produto terminado. Ali estava ele, em todo o seu esplendor. Vivendo o tumulto das emoções, não fui capaz de controlar as contrações musculares que só vinham parar a altura de minha garganta. Quando os ponteiros do relógio marcavam vinte minutos do dia 21 de abril de 1960, e eu vi o espetáculo, e as cores que incendiavam o céu, olhando ao meu redor, vendo a multidão, com lágrimas nos meus olhos, não consegui controlar-me. Cobri meu rosto com a mão e, avassalado por tudo, chorei, as lágrimas rolando livremente pelas minhas bochechas".

Não há que duvidar de que uma das coisas que tornam a vida digna de ser vivida são aqueles momentos quando Deus avança e diz: "Eis a minha bênção; tu a buscaste; tu te tens esforçado por encontrá-la; ela é tua". Conheço um pastor que, em um grande momento de triunfo, exclamou: "Se eu tivesse vivido somente para ver *este* momento, para obter *esta* vitória, minha vida seria digna de ser vivida". Quando ele disse isso, ainda era jovem, e viveu mais de cinqüenta anos depois daquele instante triunfal — e teve vários outros momentos assim.

24.27

Bendito seja o Senhor Deus. Todo louvor cabia a *Yahweh-Elohim*, o Deus de seu senhor, Abraão. Era uma obra *Dele*, e era agradável aos olhos do servo. Deus aplicara Sua *misericórdia* à situação, e produzira alegria, nada deixando *desolado*. Ele tinha *guiado* o servo de Abraão pelo caminho, até chegar ao lugar *determinado*, a casa do *parente* de Abraão.

Todos os elementos necessários estavam presentes. Coisa alguma faltava. Deus havia desenvolvido tudo belamente, até os mínimos detalhes. E agora somente um insensato poderia dizer que tudo fora fruto do acaso. Mas nada acontece por mero acaso. "...Ele dirigiu todos os passos dele" (Adam Clarke, *in loc.*).

Não retirou a sua benignidade. Talvez haja uma alusão indireta à tristeza de Abraão face à morte de Sara (cap. 23). Mas essa tristeza havia sido revertida. Agora haveria o jubiloso casamento de Isaque, filho de Abraão e Sara, com a jovem escolhida por Deus. "... Ele não permite que Seus fiéis fracassem" (John Gill, *in loc.*). O *caminho bendito*, a vereda aberta pelo Senhor Deus. Como é bom nos encontrarmos *nesse* caminho.

24.28

E a moça correu e contou aos da casa. Assim todos participaram da alegria do servo de Abraão. Aquele foi um dia muito especial para Rebeca e toda a sua família. Gostamos de partilhar de boas-novas, visto que isso aumenta a nossa própria alegria. Ademais, interessa-nos genuinamente a alegria alheia. O altruísmo é um fator genuíno da alma humana. Não fazemos tudo egoisticamente. Ver no *Dicionário* o verbete *Amor*. O termo aqui traduzido como "casa" é interessante, pois significa *casa (tenda) da mãe*. Em primeiro lugar,

visto que reinava a poligamia, havia várias casas (tendas), mormente no caso de haver muitos filhos, de diversas mães. Os ricos tinham várias casas para suas diversas famílias. E, talvez, também haja aqui um indício de que Rebeca ansiava por mostrar as *jóias* à sua mãe, que eram garantias de casamento, pois as mulheres é que se interessam supremamente por tais objetos. Outro costume aqui refletido é que as mulheres tinham suas próprias casas (tendas). Elas não ficavam nas mesmas tendas que os homens. Ver Gên. 24.27 quanto a outra indicação sobre isso.

24.29

Labão. . . correu. Este era irmão de Rebeca, aquele que tomou a frente nas negociações. Talvez Betuel já fosse muito idoso para correr até o poço. E deixou que seu filho o substituísse. O vs. 50 menciona Betuel. Alguns eruditos pensam que o Betuel daquele versículo seria algum irmão de Labão e Rebeca, e que teria o mesmo nome que seu pai. Mas isso não é provável, pois o autor sagrado ter-nos-ia informado que havia dois homens do mesmo nome, Betuel. Os críticos, por sua vez, dizem que "Betuel" é uma adição posterior ao texto, para arrendondar a história. Novamente, não precisamos acatar essa conjectura. Seja como for, é Labão (que anos depois mostrar-se-ia tão astuto com Jacó) quem ocupa nossa atenção no momento.

Labão. Ver o artigo detalhado sobre ele no *Dicionário*.

24.30

Labão Vê as Jóias. Talvez o autor não tencionasse mostrar-se engraçado, mas vários comentadores têm notado como Labão viu *primeiro* as jóias, e ficou bem impressionado. E somente *depois* ouviu a história. "Sem importar se o narrador teve ou não a intenção, o fato é que isso deu indicação de uma característica de Labão — e que ele haveria de demonstrar anos depois em seu trato com Jacó, um olho rápido para perceber algum lucro" (Walter Russell Bowie, *in loc.*). Vendo as jóias, ele concluiu que o futuro sogro de Rebeca era um homem rico, generoso e liberal, uma boa pessoa para ter como membro da família. ". . .ele não seria um perdedor se acolhesse bondosamente o servo, a fim de entretê-lo generosamente" (John Gill, *in loc.*), o qual assim comentou sobre a cobiça de Labão, o que transparece em toda a narrativa a seu respeito. Por outra parte, provavelmente ele tinha um lado bom em sua personalidade, assim não devemos duvidar da sinceridade de sua hospitalidade.

24.31

Entra, bendito do Senhor. O nome divino aqui é *Yahweh*. O trecho de Jos. 24.2 informa-nos das práticas idolátras da família de Terá. E Raquel (anos mais tarde), filha de Labão, procurou reter os ídolos do lar da família (Gên. 31.19,34). Todavia, nada disso força a que o termo *Yahweh*, usado por Labão nesta ocasião, tenha sido uma glosa do autor sacro. Era possível alguém *combinar* a adoração a Yahweh com a veneração a ídolos, um sincretismo parecido com aquilo que tão freqüentemente se vê no nosso Brasil. Não nos olvidemos de que o próprio Abraão, quando ainda vivia em Ur, era idólatra. Mas ele havia abandonado a idolatria. A família de Naor, contudo, não abandonou a idolatria com o mesmo grau com que o fizera Abraão.

A *mensagem* da declaração é que Labão era homem bastante perceptivo (excluindo-se a questão das jóias) para entender que o servo de Abraão estava encarregado de uma *missão divina*, e que não estava em operação o mero acaso. Deus é quem tinha escolhido a noiva de Isaque. O sinal pedido e dado confirmava isso. Rebeca anuiria ao convite. Labão reconheceu a mão de Deus. A lição moral é que aqueles que procuram fazer a vontade de Deus com sinceridade, com oração, são realmente conduzidos pelo Senhor.

Ídolos do lar parece que ainda foram guardados por muitas pessoas, em Israel, por diversos séculos (ver Osé. 3.4), até que o Yahwismo, finalmente, veio a dominar toda a cena.

24.32

Então fez entrar o homem. Devemos pensar que o sujeito da frase é "Labão". O servo de Abraão fizera uma longa viagem bem-sucedida. Ele já havia achado a noiva de Isaque, pois a vontade de Deus revelou-se tão rapidamente. Mas ainda tinha de negociar com a família de Rebeca, pois, naquele tempo, nenhuma jovem tinha o poder de tomar sozinha uma decisão como essa. Mas a boa acolhida de que era alvo não deixou dúvidas sobre a mente do servo. Sua missão vinha sendo cumprida de forma esplêndida. Labão acolhera-o bem, estava cuidando de seus animais, e fizera-o sentir-se em casa.

Os camelos. "Esses foram os primeiros objetos de seus cuidados, pois um homem bom mostra-se misericordioso com os seus animais" (Adam Clarke, *in loc.*). Os camelos foram descarregados, e a forragem e o pasto serviriam para alimentar os animais.

Deu-se-lhe água para lavar os pés, obséquio estendido a todos os outros caravaneiros. Ver Gên. 18.4; 19.2 e 43.24 quanto a esse antigo costume oriental. As pessoas usavam sandálias, e não sapatos fechados, e assim os pés precisavam ser lavados com freqüência, mesmo quando a pessoa não precisava banhar o corpo inteiro. O lava-pés era uma importante parte da hospitalidade oriental; e Jesus tornou-o uma das ordenanças da Igreja (ver João 13), ainda que muitos grupos não a observem hoje em dia. Ofereço um detalhado artigo sobre o *Lava-Pés* na *Enciclopédia de Bíblia, Telogia e Filosofia*.

24.33

Primeiro, Falar; Depois, Comer. A hospitalidade de Labão estendeu-se ao grupo inteiro de caravaneiros. Mas o servo de Abraão ansiava por explicar a sua missão, antes mesmo de comer, pelo que Labão lhe deu permissão para tanto. A diligência na missão impunha isso. Além disso, o servo teria melhor apetite se primeiro cuidasse de seu dever, cumprindo outro aspecto de sua missão. *Lição moral:* "A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou, e realizar a sua obra" (João 4.34)

24.34

Sou servo de Abraão. Uma declaração simples, mas profunda e surpreendente. Todos sabiam quem era Abraão, não só por ser membro da família, mas também por ter-se tornado poderoso príncipe e profeta.

Tipos Espirituais. Abraão era tipo de Deus Pai; Isaque, de Deus Filho; o servo de Abraão, do Espírito Santo; e Rebeca, tipo da Igreja. A missão do servo alude a como o Espírito Santo busca a Noiva, ocupando-se em tudo quanto está envolvido na condução de seres humanos aos pés de Jesus Cristo.

O servo conseguiu uma boa introdução para o seu discurso. Todos o ouviam atentamente.

24.35

As Riquezas de Abraão, a Bênção Divina. Outros trechos de Gênesis ressaltam a grande afluência de Abraão, atribuída à bênção de Deus. Ver Gên. 12.16; 13.2 (que diz que Abraão era "muito rico") e 20.14. O *propósito imediato* da recitação das riquezas de Abraão foi o de mostrar que Rebeca estar-se-ia casando dentro de uma boa, estável e próspera família. Todos já sabiam da espiritualidade de Abraão, e isso era importante. O vs. 36 mostra-nos que *Isaque* era o herdeiro de Abraão e, como noivo de Rebeca, era um candidato excelente.

24.36

Sara. . . lhe deu à luz um filho. Isaque, nascido de Sara, era o *herdeiro* único de Abraão, embora não fosse o único filho biológico deste. E Sara dera à luz Isaque, quando já era mulher *idosa*, o que mostra que, naquela época, o plano de Deus já era operante, pois o nascimento dele fora um milagre. Ela tinha noventa anos de idade quando do nascimento de Isaque (ver notas completas a respeito em Gên. 21.1-3). Ver também Gên. 17.15 ss. e o vs. 17, que diz que ela tinha noventa anos, pouco antes do nascimento de Isaque. Em um importante sentido, Isaque era o filho único de Abraão. Assim também, o antítipo de Isaque, Jesus Cristo, é o Filho especial de Deus, o Seu Filho unigênito (João 3.16).

24.37

Os Cananeus Excluídos. A missão do servo de Abraão tinha um aspecto negativo. Ele não deveria buscar noiva para Isaque dentre as jovens cananéias. Isso já fora mencionado (vs. 3 deste capítulo), sendo essa a razão pela qual o servo tivera de vir a um lugar diferente e distante, como era Arã. Ver as notas, naquele versículo, sobre *Casamentos Mistos*.

O Jugo Desigual. Essa questão mereceu uma instrutiva citação de Adam Clarke. ". . .mesmo naqueles tempos primitivos dava-se atenção à posição e categoria na vida, como também ao fator educação, para que houvesse matrimônios compatíveis. Pessoas de hábitos diferentes, como também de princípios religiosos distintos, dificilmente são felizes se vierem a casar-se. Até mesmo os *pobres* e os *ricos* podem firmar melhores alianças matrimoniais do que os *religiosos* e os *profanos*, os *bem instruídos* e os *vulgares*. Uma pessoa pode ficar em jugo desigual com outra, em grande variedade de maneiras. *Levai as cargas uns dos outros* é um comando divino; mas onde não houver propriedade nas disposições, na educação, na capacidade mental etc., entre os cônjuges, então *um deles* será forçado a carregar a carga toda, e o resultado será uma interminável insatisfação".

24.38

À casa de meu pai, e à minha família. Ver o vs. 4 quanto a notas a esse respeito. Naor, irmão de Abraão, e sua família, estão aqui em pauta. Ver Gên. 22.20 ss. quanto à família em questão. A prima de Isaque, *Rebeca*, seria em breve visitada, embora ainda não o soubesse. *Alguns* casamentos são marcados no céu.

Família. Ou seja, uma subdivisão de uma tribo (Núm. 1.18).

Esposa. Para Isaque, ao que tudo indica, a única que ele teve. Não se registra na Bíblia que ele se tenha tornado polígamo, que ele foi uma exceção à regra. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Matrimônio*.

24.39

Temos aqui uma duplicação do vs. 5, onde a questão é comentada.

24.40

Este versículo repete as idéias dos vss. 4 e 7, onde o leitor deve examinar as notas expositivas.

24.41

Este versículo reitera as idéias dos vss. 2, 3 e 9, onde o leitor deve examinar as notas expositivas.

24.42

Este versículo repete as idéias dos vss. 11 e 12, onde o leitor deve examinar as notas expositivas.

24.43

Este versículo repete as idéias dos vss. 13 e 14, onde o leitor deve examinar as notas expositivas.

A moça. No hebraico, *almah*, "mulher jovem", mas com o sentido de "virgem", pois esperava-se de toda donzela que ela fosse virgem. Trata-se da mesma palavra usada em Isa. 7.14, traduzida por *virgem (párthenos*, no grego), em Mat. 1.23, e que tem dado margem a muita controvérsia. Ver no *Dicionário* o verbete *Virgem (Virgindade)*, e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, ver o artigo intitulado *Nascimento Virginal de Jesus*. Rebeca, a donzela virgem, tipifica a Igreja pura, a Noiva que o Espírito está buscando para Cristo (II Cor. 11.2; Efé. 5.25 ss.). O termo hebraico envolvido, *almah*, literalmente significa "oculta", "escondida", talvez aludindo à proteção e reclusão a que as mulheres eram sujeitas no mundo antigo. Por extensão, tal mulher ainda não fora *descoberta* por nenhum homem. O termo hebraico aqui usado não é o mesmo do vs. 16, que é *bethulah*, vocábulo cognato ao verbo *separar*, ou seja, uma mulher separada, reclusa, e, por extensão, intocada, virgem.

24.44

Este versículo reitera as idéias do vs. 14, onde damos notas expositivas.

24.45

Este versículo reitera as idéias dos vss. 15,17, onde são dadas notas expositivas. No hebraico, mais literalmente, temos a tradução "antes de eu ter parado de falar em meu coração", o que transparece em nossa versão portuguesa. Logo, o servo de Abraão tinha orado silenciosamente. A oração silente, pois, é tão eficaz como a oração em voz alta, pois acima do tumulto deste mundo, a oração mais secreta pode ser ouvida pelo Senhor.

24.46

Este versículo repete as idéias dos vss. 18-20, onde o leitor deve examinar as notas expositivas.

24.47

Este versículo repete as idéias dos vss. 22-24, onde o leitor deve examinar as notas expositivas. Aqui, porém, é dito especificamente que, naquele momento, ele entregou à donzela as jóias que tinha trazido como mostruário de seu dote, ao passo que, nos vss. 22-24, esse detalhe é deixado ao leitor inferir. Também este versículo mostra estar em pauta um pendente *para o nariz*, e não um brinco, conforme dizem algumas traduções. Comentei sobre os tipos de jóias que foram presenteadas, nas notas sobre o vs. 22.

24.48

Este versículo repete as idéias dos vss. 26 e 27, onde o leitor deve examinar as notas expositivas.

24.49

A Proposta à Queima-Roupa. O servo de Abraão tinha tanta certeza de que o Anjo do Senhor o havia conduzido à donzela certa que falou abruptamente. "Se vocês querem mesmo ser fiéis e leais a Abraão, entreguem-me a jovem!" Ele não estava atrás de alguma opinião. Mas esperava que fossem *benevolentes* e o ajudassem a conduzir Rebeca a Isaque.

Para a direita, ou para a esquerda. Ou seja, ele continuaria buscando uma noiva idônea para Isaque. Talvez, para começar, ele veria quais outras filhas estavam disponíveis, dentro da família de Naor. Por certo não estava pensando em conseguir uma noiva entre as famílias de Ló ou de Ismael, conforme tolamente têm pensado alguns estudiosos. O Targum de Jonathan interpreta aqui "para o sul ou para o norte", visto que essas direções também eram dadas como direita e esquerda. Mas na verdade essas palavras são uma expressão idiomática que significa "para qualquer lugar".

24.50

Responderam Labão e Betuel. Até este ponto, Labão tinha dirigido as negociações do lado da família. Mas agora manifestava-se o pai de Rebeca. Ele e Labão (irmão de Rebeca) concordaram imediatamente: "O Senhor está fazendo isso. Não podemos reclamar". Eles se submeteram à vontade de Deus sobre a questão, de maneira pronta e absoluta, sem questionamentos. Como é claro, provavelmente também se sentiam felizes porque Rebeca casar-se-ia dentro de uma família tão ilustre (e rica).

"Uma vez mais, nos vss. 50 e 51, soa a nota dominante que ecoa por toda a narrativa, como o motivo de uma sinfonia — a nota da orientação de Deus" (Walter Russell Bowie, *in loc.*).

"Se nos maravilhamos diante da providência de Deus em todo o episódio, a responsabilidade humana também se evidencia" (Allen P. Ross, *in loc.*). De fato, o servo de Abraão fizera a sua parte; Rebeca não se mostrara hostil ao plano; seu pai e seu irmãos também cumpriram o seu dever, não pondo obstáculos. O *louvor* também se destaca no relato. É bom vermos as coisas correr tão bem, quando Deus é o poder que põe tudo em movimento, e isso evoca o louvor a Deus, em nosso coração.

Nesta narrativa há muitas reiterações, mas uma boa história tolera repetições. Quão freqüentemente repetimos antigas histórias de coisas que nos são agradáveis!

Alguns intérpretes vêem Labão e Betuel como irmãos, pensando que este último tinha o mesmo nome de seu pai, que talvez já tivesse morrido antes dessa ocasião. Isso explicaria o papel liderante de Labão nas negociações. Por outro lado, um pai, especialmente já idoso e senil, alegremente delegaria tais questões às mãos de seu filho mais velho.

Nada temos a dizer. Eles não sabiam o que manifestar, de positivo ou de negativo. Que fosse feita a vontade do Senhor. "A coisa toda era tão clara que eles não faziam nenhuma objeção" (John Gill, *in loc.*).

24.51

Toma-a, e vai-te. Estou supondo que isso não tenha sido fácil. Rebeca era amada na família, e também fazia muito trabalho, que agora teria de ser executado por outras mulheres. Representava um grande sacrifício dá-la como noiva, de forma tão repentina e absoluta. Porém, quem havia falado era o *Senhor*. Bendito seja o nome do Senhor! O servo de Abraão ansiava por voltar a Abraão. Obtivera uma vitória imediata e significativa. Haveria de forçar os camelos a andar mais ligeiro por todo o caminho de volta. Mas para Rebeca e para seus familiares, sem dúvida havia uma ponta de tristeza no coração, por causa da separação. Não é fácil nos separarmos de entes queridos, mesmo quando sabemos que, ocasionalmente, haveremos de encontrar-nos de novo com eles.

A Vontade de Deus Requer Sacrifício. O padrão da vida do crente não é o prazer. Algumas vezes sofremos para cumprir a vontade de Deus. Contudo, podemos estar certos de que o sofrimento tem sua recompensa. Por outra parte, é motivo de júbilo conhecer e cumprir a vontade de Deus. A longo prazo, isso só pode redundar em bem. Vemos aqui Rebeca, que foi viver com a família de Abraão. Ela seria uma das honradas matriarcas de Israel. Esse destino devolveu, sob a forma de bênção, qualquer sacrifício pessoal que a sua família original possa ter tido de fazer, ao separar-se dela.

A família de Rebeca tentou negociar *dez dias* mais da presença dela, antes da separação (vs. 55), mas o servo de Abraão não gostou da idéia. A decisão foi então deixada à própria Rebeca. E ela decidiu: "Vou imediatamente." E seus familiares respeitaram a sua vontade.

24.52

Prostrou-se em terra. Até aquele ponto, restava alguma dúvida quanto ao resultado final das negociações. Mas agora a vitória estava garantida, e isso fez o coração do servo de Abraão humilhar-se diante do Senhor e louvá-Lo. Antes, ele se havia "inclinado" (vs. 26). Agora, porém, prostrava-se no chão, em agradecimento e adoração. Ele tinha recebido o privilégio de ser um instrumento especial nas mãos do Senhor, tendo obtido imediato e completo sucesso. Ver as notas sobre o vs. 26, onde o gesto é mais completamente explicado.

O que foi reconhecido pelo servo de Abraão? "A benignidade, a bondade, a fidelidade, a verdade, o poder e a providência de Deus" (John Gill, *in loc.*).

O louvor é um importante aspecto da espiritualidade, visto que reflete a reação do coração humano diante da bondade recebida. Ver no *Dicionário* o artigo *Louvor.*

24.53

Ricos presentes. Abraão demonstrara sua abastança e sua generosidade, e cada qual recebeu alguma coisa. Ele tinha esperado o sucesso e queria que todos se sentissem felizes. Aquilo que foi dado a Rebeca (vs. 22) parece ter sido uma parte adiantada do dote. Agora, porém, era entregue o dote propriamente dito. O Dicionário de Funk & Wagnall, em inglês, definiu a questão: "Um galardão pago por uma esposa". Assim, era uma espécie de troca com vistas à obtenção de uma esposa. E, significativamente, ele nos dá o trecho de Gên. 34.12 como exemplo. Um dote também podia consistir nas propriedades ou possessões que uma esposa *trouxesse* a seu marido, conferido pelo sogro ao genro. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Dote.*

Na atualidade impera a estranha circunstância em que o pai da noiva é que precisa pagar todas as despesas do casamento e da recepção, sem obter nenhum presente. Naturalmente, é o marido que acaba pagando pelas despesas pelo resto da vida. E alguns maridos dizem que vale a pena. Por outro lado, em muitas sociedades modernas, a esposa ganha algum dinheiro, e isso é um bom negócio para o marido. Seja como for, o dinheiro não deveria ser a consideração básica em nenhum casamento, embora, sem dúvida, não seja uma questão indiferente.

As Jóias. Os objetos mencionados eram e continuam sendo itens que fazem parte das riquezas de uma família abastada. Havia jóias de vários tipos, de ouro e de prata. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Jóias e Pedras Preciosas.* Essas jóias foram presenteadas a Rebeca, juntamente com vestes caras, exatamente aquelas coisas em que as mulheres sempre estiveram interessadas. Ver no *Dicionário* o artigo *Vestimenta (Vestimentas).* A sexta seção desse artigo alude especificamente às vestes femininas. Os dotes por muitas vezes incluíam uma importância em *dinheiro* (ouro e prata, avaliados por peso; e, posteriormente, como moedas). Mas isso não é aqui mencionado, embora pudesse estar incluído nos indefinidos *ricos presentes.*

Ricos presentes. Reflete uma palavra hebraica também usada em Deu. 33.13-16, para indicar frutas e acepipes raros; ou plantas e flores de adorno, em Can. 4.16. Abraão, pois, tinha-lhes enviado presentes que eles apreciariam: dinheiro, vestes, jóias, utensílios e objetos de decoração. Os dez camelos tinham vindo carregados de um autêntico tesouro.

24.54

Depois comeram e beberam. Foi uma festa de despedida, ao mesmo tempo alegre e triste, conforme são quase todas as despedidas. O servo de Abraão recebera todas as respostas positivas que sua missão requeria para ser bem-sucedida. Não nos admiremos se ele se sentou e participou do banquete com grande apetite! Antes, porém, havia-se recusado a provar qualquer coisa, enquanto não terminasse o negócio que tinha vindo efetuar (vs. 33).

Passaram a noite. Refestelando-se e adquirindo energias para os trinta dias de viagem de volta a Abraão. Quanto zelo demonstrou o servo. Trinta dias até a cidade de Labão; um único dia ali; e mais trinta dias de volta a Abraão. Ele era todo negócios, e pouco descanso.

Permiti que eu volte. Eles precisavam ajudá-lo a empacotar suas coisas, arrumar os camelos, preparar Rebeca etc., e isso tudo com a permissão e as bênçãos dos familiares da donzela. Feito isso, o servo partiria de volta a Abraão, sem tardança. Parecia querer surpreender a seu senhor. Ele fizera tudo em pouco tempo. A alegria irrompe com a alvorada. ". . .sem consultar suas próprias conveniências e prazeres, que ele poderia ter tido se demorasse um pouco mais. . . pois teria sido entretido de forma esplêndida" (John Gill, *in loc.*).

24.55

Alguns dias, pelo menos dez. Curiosamente, assim disseram o *irmão* e a *mãe* de Rebeca, enquanto o pai ficou calado. Aqui os intérpretes novamente vêem evidências de que Betuel, pai de Rebeca, já teria morrido, razão pela qual Labão dirigira toda a negociação. E os críticos opinam que o nome Betuel foi adicionado ao relato original, embora ele continuasse ausente, segundo tudo parece indicar, sendo este versículo um desses indícios. Ou, então, a omissão não teve nenhum propósito especial por parte do autor sagrado.

Dez Meses? Os intérpretes judeus, como Onkelos e Jonathan, afirmaram que era costume uma virgem dispor de doze meses para aprontar-se com ornamentos e outros artigos necessários para casar-se. Se um ano inteiro não bastasse, dez meses eram considerados suficientes. Esse tempo também serviria de período de ajustamentos psicológicos e de planejamento, uma espécie de noivado. Mas se isso é o que devemos pensar aqui, então é difícil imaginar por que o termo "dias" foi usado. De fato, há uma variante marginal que diz "meses". Talvez assim dissesse o original. Mas a Septuaginta também diz "dias", o que confirma que assim dizia o original hebraico. Mas a versão siríaca diz "meses", e a dúvida permanece.

24.56

Não me detenhais. Nesse caso, toda demora deixaria adoentado o coração do servo (ver Pro. 13.12). O Senhor havia feito *próspero* o seu caminho, e agora o servo não queria que empecilhos humanos impedissem o término imediato de sua missão. Ele era mensageiro de boas-novas, e queria dar alegria ao seu senhor. O propósito de Deus havia sido obtido sem medidas arbitrárias. A anuência humana havia cooperado com o propósito divino, embora o propósito divino tivesse determinado as condições. Ver as notas sobre o vs. 54 quanto à expressão "permiti que eu volte".

24.57,58

A Decisão Foi Transferida. Rebeca foi chamada para dizer o que *ela* queria. Apesar de não depender de uma jovem tomar decisão sobre o casamento, ainda assim ela poderia exercer alguma influência sobre aquela decisão. Ela já tinha resolvido casar-se com Isaque. O que restava determinar era o elemento tempo. O servo de Abraão tinha chegado apenas *ontem.* E ela partiria com ele *hoje* mesmo?

O Elemento Tempo. Esse é um fator muitas vezes problemático para nós. Os planos de Deus operam de acordo com um cronograma estrito. Precisamos-nos ajustar a esse cronograma. Se o elemento tempo é plástico, então podemos modificá-lo por meio da oração. Em caso contrário, precisamos ajustar-nos ao tempo certo, quanto à coisa certa. Algumas vezes as coisas se demoram, e, então, podemos desesperar. Mas é admirável ver como as coisas acontecem no tempo *certo.*

Os estudiosos observam aqui sobre a *dignidade da mulher.* Mesmo naqueles dias, quando as mulheres tinham poucos direitos, havia algum respeito pela dignidade feminina. Sara por certo empurrava Abraão para onde ela queria, o que indica que ela tinha direitos e os exercia.

Ela respondeu: Irei. Rebeca não hesitou. Ela tinha sido arrebatada pela onda da vontade de Deus. O plano de Deus requeria pressa, e ela não fez objeção a isso. Tudo havia sido planejado providencialmente; e ela seria a última a servir de entrave. Além disso, seu coração ditava que ela fosse. As despedidas são experiências que nos testam profundamente. O coração se confrange; e as pessoas matutam sobre *se* e *quando* pessoas queridas ver-se-ão novamente. Não há registro bíblico de que Rebeca tenha voltado ao lar paterno algum dia. Por outra parte, eram apenas trinta dias de viagem que os separavam, e não é mister supormos que a Bíblia registrou todos os acontecimentos.

24.59

Despediram a Rebeca, sua irmã. Não testarei a paciência de meu leitor contando-lhe todas as vezes que minha família sofreu por motivo de separação, por causa do ideal espiritual. Mas posso dizer que por muitas vezes temos tido de passar por essa dura experiência: mãe de filho; filhos de mãe e de pai; irmão de irmão. Nosso coração se tem sentido rasgado, diante de automóveis, ônibus, trens e aviões. Os aeroportos têm sido cena de muitas lágrimas, embora também de ocasionais reuniões de família. Isso tudo não para ganhar dinheiro, nem para melhorar as condições de vida, mas para pôr em andamento o labor espiritual que nos tem servido de motivação constante. Apesar de tudo, muitas têm sido as vitórias, e não temos do que nos lamentar. Pois é aí que vemos onde o sacrifício se impõe: a dor da separação das despedidas entre os membros da família.

A sua ama. A separação tornou-se mais amena pela presença da ama de Rebeca, que foi com ela. Lemos em Gên. 35.8 que o nome dessa ama era *Débora.* Ela fazia companhia à jovem desde o nascimento dela, e se tornara uma segunda mãe para ela. Quão querida ela foi, primeiro para Rebeca, e depois para Jacó, conforme podemos depreender da lamentação diante de sua morte (Gên. 35.8). Débora foi sepultada ao pé do carvalho próximo de Betel. Desde então, o

carvalho passou a chamar-se *Alom-Bacute*, "carvalho da lamentação". Essa mulher é mencionada somente aqui e naquela referência. Quanto à ama (uma espécie de escrava atendente) que as mulheres de alta classe recebiam ao se casarem, ver as notas expositivas em Gên. 29.24.

24.60

Abençoaram Rebeca. Talvez Labão amasse o dinheiro (vs. 30) e, de fato, anos depois, ele tentou enganar astuciosamente Jacó. Mas havia grande amor em sua família. Com uma bênção sincera e profética, ele e os demais membros da família despediram-se de Rebeca.

Compartilhando do Pacto Abraâmico. Rebeca tornou-se agente especial na continuação do pacto (ver as notas sobre Gên. 15.18). Ela seria mãe de muitos milhões, ajudando assim a cumprir em parte a promessa feita a Abraão. Ela seria uma das matriarcas de Israel. Tanto os idumeus quanto os israelitas descendem dela, pelo que ela é uma das mães de nações.

A porta dos seus inimigos. A porta de uma cidade era o local onde se fazia justiça, onde se tomavam deliberações e era também o quartel do poder militar. Tão grandes seriam os descendentes de Rebeca que eles possuiriam a porta de seus inimigos. Também haveria uma mesa preparada diante deles, na presença de seus inimigos (ver Sal. 23.5). Isso olha para a conquista do território de Israel, séculos mais tarde, a consolidação de sua pátria.

O trecho de Gên. 22.17 promete especificamente que Abraão possuiria "a cidade dos seus inimigos". E assim a promessa deste versículo, feita a Rebeca mediante declaração profética, foi uma reafirmação da promessa originalmente feita a Abraão.

Os portões da cidade eram fortificados, pelo que, para tomar uma cidade, era mister primeiro derrotar os fortins que havia no portão ou portões das cidades. Os descendentes de Abraão assaltariam os portões das cidades de seus adversários, e tomariam os seus territórios. Israel obteria domínio absoluto sobre os inimigos.

24.61

A Partida da Caravana. Rebeca e sua bagagem foram arrumadas sobre os camelos. Cada pessoa cumpriu sua parte nos preparativos para a viagem. Foram proferidas despedidas finais; as lágrimas fluíam; os caravaneiros partiram. Labão e seus familiares acompanharam com os olhos o comboio, até onde lhes foi possível; e, então, chegou um momento em que não mais podiam vê-los. Rebeca se fora, mas não estava perdida. De fato, ela havia sido encontrada. Agora era um honrado membro da família de Abraão, o que não era coisa de somenos! Chegado o tempo de meu filho mais velho ingressar na universidade, fui com ele até os Estados Unidos, e levei-o à faculdade onde ele deveria estudar. Estive naquela faculdade apenas por um dia, matriculei o meu rapaz e deixei tudo arrumado em seu quarto. Então chegou o momento. Havia um trem que me conduziria da pequena cidade onde estava a faculdade ate Chicago. Fui com meu rapaz até a estação ferroviária. Chegou o trem. Entrei na composição. Meu rapaz estava de pé na estação. Do trem que partia, acenei-lhe adeus. Ali estava ele, desolado, perto da linha. Não havia pai nem mãe para estar com ele, muito menos irmão. Estava em um lugar estranho, entre estranhos. O trem ia a caminho de Chicago. Lágrimas foram vertidas, de forma quase descontrolada.

Mas lágrimas de alegria, em outra ocasião, haveriam de ser derramadas. Dessa vez, em Cambridge, no culto de graduação pelo Massachusetts Institute of Technology. Meu rapaz, o mesmo rapaz, receberia seu diploma de Mestre. Eu estava lá para participar da cenmônia, *meu rapaz* recebendo seu diploma de engenheiro urbanista de uma das maiores instituições científicas do mundo. Ele deu alguns passos para receber seu diploma. Era dele. A vitória tinha sido obtida. Não pude conter as lágrimas. Sim, tem havido momentos de tristeza e momentos de alegria e triunfo. Bendito seja o nome do Senhor!

24.62

Beer-Laai-Roi. Dou completas notas sobre esse lugar em Gên. 16.14, por isso não repito aqui o material. Ali estava o poço onde Hagar chegou, quando fugia de Sara. Ali também Isaque encontrar-se-ia com Rebeca.

Terra do Neguebe. Ou seja, região do sul. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Neguebe*.

O oásis ao redor do poço tornara-se o local da residência de Isaque (Gên. 25.11). Ficava nas vizinhanças de Berseba (ver a esse respeito no *Dicionário*). Ali vivia Abraão, quando Sara faleceu (Gên. 23.2). Cerca de setecentos e cinqüenta quilômetros separavam Harã de Berseba. A caravana precisaria talvez de trinta dias para chegar ao seu destino. E há estudiosos que pensam em uma viagem mais demorada ainda.

24.63

A meditar. . . ao cair da tarde. O trabalho do dia de Isaque tinha-se encerrado, e ele voltou a mente para as coisas espirituais. A *meditação* fazia parte de sua inquirição espiritual e de sua espiritualidade. Ver no *Dicionário* os artigos *Meditação* e *Desenvolvimento Espiritual, Meios do*. Não somos informados sobre *como* ele meditava. Há vários modos, mas todos eles dão ao espírito a oportunidade de comungar com o Ser divino. Nestes nossos dias de frenetica atividade, poucos têm tempo para se dedicar à meditação. Contudo, esse método de desenvolvimento espiritual sempre foi importante no Oriente, e assim continua a sê-lo, na Igreja Ortodoxa Oriental.

"Grande parte da vida moderna é como crianças que brincam em um carrossel. Elas exultam enquanto os cavalos sobem e descem e a música toca; mas quando tudo pára com um ruído de freios, ao descerem, as crianças chegam somente onde tinham começado, pois não foram a lugar nenhum. Precisamos de mais pessoas como Isaque, homens que saibam meditar, que 'concentrem os seus pensamentos'" (Walter Russell Bowie, *in loc.*).

A Meditação Requer um Lugar Apropriado. Conheci uma jovem que impôs uma estranha condição para casar. Ela requeria de seu marido que, na casa deles, houvesse um lugar de meditação e oração, *exclusivamente* para isso. Ele acedeu. Não há muitas jovens como ela.

A Meditação Requer um Tempo Especial. O horário varia de acordo com cada indivíduo. Pode ser cedo pela manhã, outros preferem ao meio-dia; e outros à tardinha. A meditação não produz coisa alguma se não for regular e em relativa solidão. Há livros que ensinam o *modus operandi* da meditação. Há vários métodos. Cada indivíduo pode escolher o que é melhor para suas próprias necessidades e condições particulares.

Isaque encontrou-se com Rebeca no lugar de meditação que ele havia escolhido. O mais importante é que ali ele costumava encontrar-se com a *presença divina*. Isaque olhou e viu que a caravana se aproximava. Há algo de significativo no fato de que essa *contemplação* ocorreu exatamente no momento de meditação. Sem dúvida, ele vinculava a oração com a meditação. Estava chegando uma grande resposta à oração, para ele mesmo e para sua família. Isaque estivera naquele lugar por muitas vezes. Dessa vez, aconteceu algo de incomum e bendito. Sua noiva estava chegando.

A meditar. Não a orar, conforme alguns têm comentado. No hebraico, o verbo é raramente usado. O substantivo é usado em Sal. 104.34, onde nossa versão portuguesa diz "meditação", que poderíamos entender como *meditação religiosa*. Isso concorda com o caráter de Isaque, calmo e pacífico, um tipo do Cordeiro diante de seus algozes (ver Gên. 22.7).

24.64

Também Rebeca levantou os olhos. Tinha chegado para ela, igualmente, um grande momento. O momento de conhecer o seu noivo. Ao ver Isaque, "apeou do camelo". Fez isso para poder encaminhar-se na direção dele. Temos aqui, em tipo, a Igreja, ansiosa para sair ao encontro do Senhor. De acordo com uma perspectiva profética, ela já O via a distância. Isaque, entrementes, também caminhava na direção dela. Haveriam de encontrar-se a meio do caminho.

Até hoje é costumeiro, no Oriente, que um inferior desmonte e avance a pé até seu superior. Mas deveríamos pensar que Rebeca, naquele momento de exultação, estava obedecendo conscientemente a esse costume? De forma alguma! Ela queria mesmo era correr ao encontro de Isaque.

24.65

Rebeca Tinha Sido Informada. Ela havia perguntado: "Quem é aquele homem que vem pelo campo ao nosso encontro?". E o servo tinha respondido: "Esse é o homem!". Então Rebeca observou um pequeno costume oriental. Ela pôs o véu, pois aproximar-se dele sem véu seria considerado uma desgraça. Ofereço um longo e detalhado artigo intitulado *Véu da Mulher,* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. John Gill (*in loc.*) informa-nos que algumas mulheres hebréias nunca mostravam o rosto diante de outras pessoas, nem mesmo diante de membros de suas próprias famílias. Mas parece que Rebeca não vinha usando um véu durante a viagem, pelo que, naquele momento, velou-se a fim de se encontrar com Isaque.

24.66

O Servo Contou Tudo a Isaque. Foi exposta uma lição extraordinária de providência divina. Ver no *Dicionário* o artigo *Providência de Deus*. Não deve ter restado, na mente de Isaque, dúvida alguma quanto à propriedade de tudo quanto havia sido feito. Além disso, ele sentiu grande afeto imediato por sua noiva (vs. 67 — "Ele a amou"). Dessa forma, cumpriu-se o propósito de Deus, que afetava várias vidas de

ambos os lados da família. Existem propósitos individuais e propósitos coletivos, e vemo-nos constantemente envolvidos em ambos esses propósitos.

24.67

Até à tenda de Sara. Sara tinha tido a sua própria tenda. Lia e Raquel também teriam, cada qual, a sua tenda (Gên. 31.33; ver também Gên. 24.28). Havia dois fatores em operação. Em primeiro lugar, naqueles dias de poligamia, cada mulher tinha seu próprio aposento. Em segundo lugar, as mulheres não dormiam nem geralmente viviam na tenda do homem. O texto pode dar a entender que a tenda que fora de Sara tornava-se agora a tenda de Rebeca, embora o texto mesmo não especifique isso. Cabe a nós imaginar como Rebeca chegou a conhecer a Abraão, mas o servo, em triunfo e júbilo, deve ter-lhe contado tudo quanto tinha acontecido. Nos dias antigos, o material de escrita era escasso, e a escrita era laboriosa. Em conseqüência, os escritores deixavam muita coisa sem ser mencionada. Nada nos é dito sobre a cerimônia de casamento e sobre as festas próprias à ocasião, as quais, sem dúvida, foram elaboradas. Mas somos informados que agora Rebeca tinha sua própria tenda, sendo honrada por ficar com aquilo que tinha pertencido a Sara. Agora ela se tornava a matriarca da família. A nação de Israel estava começando a tomar forma.

Ele a amou. O relato deste capítulo vinte e quatro é uma elaborada história de amor, plena de tipos simbólicos,o que é ilustrado na introdução ao seu primeiro versículo. Há outras idéias sobre o tipo de *Isaque,* no *Dicionário.* Este capítulo encerra duas mensagens centrais: *amor* e *providência divina.* Sobre ambas as questões há artigos separados no *Dicionário.*

O amor é o alicerce e a maravilha da vida. O verdadeiro amor atinge a própria alma. O amor é uma expressão da alma, sempre que deixa de lado a sua expressão sexual. O amor liga um homem ao passado e ao futuro. Recebe uma expressão especial quando um homem encontra uma boa esposa. É próprio que a procriação se efetue em um ambiente de amor, pois então os filhos tornam-se objetos especiais do amor, além de a procriação ser um meio de dar prosseguimento à raça humana. Elizabeth Browning deixou-nos um poema que pode aplicar-se a alguns casais. Infelizmente a poucos casais, mas pelo menos, há nisso um ideal:

Como te amo? Deixa-me dizer-te como.
Amo-te na profundeza, largura e altura
Onde chega a minha alma, mesmo fora da vista
Até os confins do Ser e da Graça Ideal.
Amo-te no nível de todos os dias,
Na quietude, à luz do sol ou da vela.
Amo-te livremente, como quem busca a retidão;
Amo-te com pureza, como quem acaba de louvar.

. . .se Deus assim quiser, eu te amarei melhor após a morte.

(Elizabeth B. Browning)

O amor concede em um instante
o que o trabalho árduo não consegue em uma era.

(Goethe)

Se quiseres ser amado, ama.

(Hecato)

Foi Isaque consolado, no tocante à morte de Sara, sua mãe, o que tinha ocorrido cerca de três anos antes. A tristeza transmutara-se em alegria; o coração pesado, em bom ânimo; a dor da saudade, em consolação.

Capítulo Vinte e Cinco

Morte de Abraão e Nascimento dos Filhos de Isaque (25.1-34)

Os Filhos de Quetura (25.1-6)

O *Pacto Abraâmico* (ver as notas em Gên. 15.18) incluía a promessa de uma numerosa posteridade, pois Abraão seria o pai de muitas nações. O povo de Israel começou a ser formado através de Sara e de Rebeca. Os doze filhos de Jacó seriam os doze patriarcas dessa nação. Por meio de Ismael, igualmente, estariam sendo formadas várias nações árabes, igualmente através de doze patriarcas (ver Gên. 17.20). Agora, neste capítulo, vemos outras nações árabes em seus primórdios, por meio de Quetura. No outro lado da família, Naor também teve *doze* filhos, que produziram outras tantas nações (Gên. 22.20 ss.). Apesar de essas nações não terem ligação direta com Abraão, é um detalhe significativo para a família patriarcal. Importa notar que havia muitos ramos, muitas linhas de descendência, e o Antigo Testamento tem o cuidado de dizer-nos que todas essas linhagens estavam sob a bênção divina. É verdade que os vss. 5 e 6 indicam que os filhos das concubinas e das esposas secundárias de Abraão não se equiparavam com os da linhagem de Sara. Esses outros filhos receberam sinais do afeto de Abraão, mas não participavam da linhagem central, espiritual. O trecho de Gênesis 25.12 ss. fornece-nos a linhagem dos ismaelitas, descendentes de Abraão por meio de Hagar.

Tipos. Isaque tipifica os eleitos e o que Deus fará pelos salvos, quando os tornar participantes da natureza divina (II Ped. 1.4), da plenitude de Deus (Efé. 3.19) e da imagem do Filho, com Sua natureza e atributos (Rom. 8.29 ss.). *Ismael* tipifica os não-eleitos, os quais, embora separados dos eleitos e inferiores a estes quanto à glória final, serão *restaurados* (Efé. 1.9,10). Quanto a esses conceitos explanados com abundância de detalhes, ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Salvação;* e também os verbetes *Restauração* e *Mistério da Vontade de Deus,* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Portanto, o amor de Deus mostrar-se-á *verdadeiramente* triunfante, e não apenas potencialmente triunfante.

25.1

Quetura. Ela era esposa de Abraão, e não meramente concubina, como o texto deixa claro. Sara havia morrido. Não havia razão pela qual Abraão não pudesse casar-se de novo. O nome dessa mulher significa *incenso.* Ela foi a segunda esposa de Abraão, embora I Crô. 1.32 a chame de *concubina.* Abraão e ela tiveram seis filhos, cujos nomes são dados neste texto, mais abaixo. Provi um detalhado artigo sobre ela, no *Dicionário.* Ver também as notas introdutórias ao primeiro versículo deste capítulo, quanto a detalhes. Alguns estudiosos têm pensado que ela já era concubina de Abraão, *antes* mesmo da morte de Sara, pelo que o nascimento de alguns filhos deles pode ter ocorrido antes do falecimento de Sara. O fato de que Abraão continuou a gerar filhos, quase até o fim de sua vida, favorece a tese de alguns, de que ele foi *rejuvenescido* para que pudesse tornar-se pai de muitas nações, cumprindo assim uma das principais provisões do Pacto Abraâmico (ver as notas em Gên. 15.18). Os trechos de Gênesis 17.16 ss. e 21.1 ss. por certo manifestam-se em favor da idéia do rejuvenescimento, como também a interpretação dada em Romanos 4.19.

Alguns eruditos têm identificado Hagar com Quetura, mas essa teoria não se harmoniza com vários textos que tratam das duas mulheres, nem com a informação que temos acerca de seus filhos. O vs. 6 fala em *concubinas* (no plural). Ver também I Crônicas 1.32 e seu contexto, onde os descendentes das duas mulheres são distinguidos. A identidade deles explicaria como Abraão teve todos esses filhos, sendo ele um homem idoso e, presumivelmente, incapaz de gerar filhos *depois* de Isaque. Assim, Abraão tê-los-ia gerado *antes* da morte de Sara, conforme continua esse argumento, pelo que não os teria gerado em sua idade avançada, após o nascimento de Isaque. Porém, se a tese do rejuvenescimento concorda com a realidade dos fatos, isso já não constituiria problema.

As tradições acrescentam sobre Quetura, provavelmente de natureza fantasiosa, que ela era filha da rainha dos turcos e de linhagem real, uma importante princesa. O mais provável, entretanto, é que ela fosse apenas uma das escravas de Abraão, tal como fora o caso de Hagar.

25.2

Zinrã. Esse nome poderia significar *célebre,* pois pode derivar de *zimra* (cântico, fama). Mas também pode derivar de *zemer* (cabra montês). Muitos estudiosos duvidam dessas derivações. Zinrã era filho de Abraão e Quetura. Abraão casou-se com Quetura após a morte de Sara. Quanto a Zinrã, muitos eruditos pensam que ele deixou sinais de sua passagem neste mundo. A localidade de Zabram, a oeste de Meca, na Arábia, que foi mencionada pelo geógrafo antigo, Ptolomeu, tem um nome relacionado ao nome de Zinrã, embora isso não seja evidente em portu-guês, e, talvez, derive do nome daquele filho de Abraão.

Abraão agora estava com cerca de cento e quarenta anos de idade. E, em face de seu rejuvenescimento, continuou a gerar filhos, por meio de uma nova esposa. Todos os filhos de Abraão e Quetura foram criados em algum ponto da Arábia Deserta. Plínio (*Hist. Nat.* liv.vi. c. 28) mencionou um povo chamado zamarenianos, os quais poderiam ser os descendentes de Zinrã.

Jocsã. No hebraico, *armador de ciladas* ou *passarinheiro,* nome do segundo filho de Abraão e Quetura. Seus filhos, Seba e Dedã, ao que tudo indica, foram os antepassados dos sabeus e dedanitas da Arábia Feliz (ver também I Crô. 1.32). Alguns estudiosos pensam que esses nomes devem ser identificados com o *Joctã* de Gên. 10.25,26. Talvez os cataneanos fossem descendentes de Jocsã. As identificações são incertas, e quanto ao próprio Jocsã, não possuímos nenhuma informação.

Medã. No hebraico, *contenção.* Na Septuaginta, *Madiam.* Ele era filho de Abraão e Quetura (Gên. 25.2; I Crô. 1.32). As tradições dizem que ele e seu irmão, Midiã, foram os ancestrais da tribo chamada *Midiã,* que se localizou a leste do mar Morto. Porém, essa idéia pode ter-se originado somente com base na similaridade dos nomes. Talvez essa palavra, Medã, esteja historicamente associada a Madã, um importante deus dos antigos povos árabes. Uma tribo envolvida com esse deus chamava-se 'Abd-Al-Madan, "adoradores de Madã". Parece que o Iêmen foi o principal centro dessa fé. Todavia, os descendentes de Quetura parecem ter-se multiplicado em lugares distantes do sul da Arábia, onde fica o atual Iêmen.

Midiã. No hebraico, *contenda.* Ele foi o quarto dos seis filhos de Abraão e Quetura (Gên. 25.2; I Crô. 1.32). Os textos informam-nos que ele teve quatro filhos, mas essa é toda a informação que temos na Bíblia a respeito dele. Alguns estudiosos supõem que os descendentes de Medã e Midiã tenham-se misturado formando uma única tribo, e que Jetro, sogro de Moisés, pertencia a essa tribo (Êxo. 3.1). Nesse caso, eles tornaram-se vizinhos poderosos de Israel (ver Juí. 6 - 8). Identificações como essa, porém, são duvidosas.

Jisbaque. Seu nome também aparece como *Isbaque,* quinto filho de Abraão e Quetura. Não possuímos informações seguras a seu respeito, nem sobre seus descendentes. Talvez o ribeiro de Jaboque derive dele o seu nome. Até as tradições são silentes acerca dele.

Sua. Ver sobre esse nome no *Dicionário.* Três pessoas são assim chamadas no Antigo Testamento, mas há mais de um termo hebraico por trás do nome. Com o sentido de *depressão,* temos a referência a um filho de Abraão e Quetura (aqui e em I Crô. 1.32). Ele viveu por volta de 1800 A. C. Alguns estudiosos pensam poder ver reflexos de seu nome em lugares como *Sakkaia,* a leste de Basã, ou como *Sichan,* em Moabe, ou como *Siajcha,* a leste de Aila. Mas parece que isso se alicerça sobre meras conjecturas. Alguns supõem que os saceanos, que viviam perto de Betânia, na extremidade da Arábia Desértica (como quem vai para a Assíria), fossem um povo dele descendente. Talvez Bildade, o suíta, um dos "amigos" de Jó (Jó 2.11), fosse um de seus descendentes.

25.3

Os Filhos de Jocsã

Sabá. Seu nome também figura com a forma de *Seba.* Dou um artigo detalhado sobre esse nome, no *Dicionário.* Alude a vánas pessoas do Antigo Testamento. Mais de uma palavra hebraica está por trás desse nome. A pessoa em questão, neste versículo, era filho de Jocsã e neto de Abraão e Quetura (ver também I Crô. 1.32). Viveu em torno de 1800 A. C. Nada se sabe a respeito dele. Sabá e Dedã também são chamados filhos de Raamá, filho de Cuxe (Gên. 10.7). Isso posto, essas genealogias são geográficas, pelo menos em parte. Supomos que a mesma linhagem esteja em foco nos dois textos, e que os nomes foram trocados e, talvez, confundidos. Alguns estudiosos argumentam que houve aqui uma duplicação de nomes, e não uma troca.

Dedã. Várias pessoas recebem esse nome no Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* sobre esse nome. Também havia mais de uma tribo de Dedã. Aquela referida neste versículo provinha de um filho de Jocsã, e, portanto, neto de Abraão e Quetura (ver também I Crô. 1.32). Ele tornou-se o fundador de várias tribos árabes, descritas em I Crô. 1.32. Assim, aprendemos que Seba e Dedã, tribos árabes, também eram midianitas (vs. 4) e descendentes de Abraão. Realmente, muitas nações eram oriundas de Abraão, em cumprimento às promessas que lhe foram feitas (ver Gên. 12.2 e 17.4).

Os Filhos de Dedã

Os nomes dados poderiam ser de indivíduos ou nomes de tribos que descendiam de Dedã. Se eram nomes pessoais, então temos aqui bisnetos de Abraão.

Assurim. Um nome no plural. Talvez fosse o pai da tribo assim chamada, a qual deve ser distinguida dos assuritas ou asseritas (ver o artigo sobre eles). Eles descendiam de Abraão e Quetura, juntamente com os "letusim" e os "leumim", através de Dedã. Eles não têm nenhuma ligação com os assírios, apesar da similaridade de nomes. Todos esses três nomes estão no plural, o que sugere tribos, e não indivíduos. Onkelos interpretava-os como nome dos lugares onde habitavam, como em campos, tendas e ilhas, e Jonathan ben Uzziel chamou-os de mercadores, artífices e chefes de povos.

Letusim. No hebraico, *afiados,* por esmerilhamento, nome do segundo filho de Dedã, bisneto de Abraão. Ou, então, esse nome (que está no plural) poderia designar uma tribo, e não um homem. Os estudiosos não estão certos quanto às identidades específicas deles, mas pensam que habitavam na península do Sinai, em cerca de 2024 A. C.

Leumim. No hebraico, *povos.* O hebraico talvez indique uma tribo, e não um indivíduo. No caso de tratar-se de um homem, então ele era bisneto de Abraão e Quetura. Uma tribo árabe era assim chamada, mas os eruditos não conseguem achar a localização onde eles habitavam. Ptolomeu pensava que os *alumeotai* seriam a tribo em pauta (6.7, par. 24). Porém, outros pensam que os *alumeotai,* da parte central da Arábia, corresponde a *Almodade.* Nas inscrições deixadas pelos sabeus ocorrem as formas *l'mm* e *l'mym.*

25.4

Os Filhos de Midiã, netos de Abraão.

Efá. Há três homens com esse nome no Antigo Testamento. O nome significa *trevas,* nome do filho mais velho de Midiã, que habitava na Arábia Petrea. Ele emprestou o seu nome a uma cidade (Gên. 25.4, I Crô. 1.33). Essa cidade, com algum território ao seu redor, fazia parte de Midiã, na margem leste do mar Morto. Efá tinha relações de sangue com Abraão, por meio de Quetura. Isaías mencionou os jovens camelos de Midiã e Efá (60.6). As referências bíblicas aos descendentes de Efá mostram que eles estavam aparentados com os midianitas, com os ismaelitas e com a nação de Sabá, descendentes de Quetura.

Efer. Nome de três pessoas do Antigo Testamento. Significa *veado* no hebraico. Era o segundo filho de Midiã e irmão de Efá (aqui e em I Crô. 1.33). Estavam relacionados a Abraão por meio de Quetura. Abraão havia enviado esses seus descendentes mais para o oriente. Talvez houvesse vários clãs entre os midianitas, ou, então, esse nome pode ter sido usado frouxamente para indicar povos que não estavam racialmente ligados entre si. Seja como for, em tempos posteriores, alguns deles mostraram-se dispostos a ajudar a Israel (Êxo. 3.1), ao passo que outros, dentre eles, tornaram-se inimigos de Israel (Núm. 31.2 ss.; Juí. 6.1 ss.). Efer viveu entre 1900 e 1800 A. C.

Enoque. Nome de quatro pessoas do Antigo Testamento. Ver a respeito no *Dicionário.* O Enoque deste versículo era filho de Midiã e neto de Abraão por meio de Quetura. Foi um ancestral das tribos midianitas (aqui e em I Crô. 1.33).

Abida. No hebraico, *pai do julgamento* ou *juiz.* Era filho de Midiã, bisneto de Abraão e Quetura, relacionado aos outros nomes deste versículo, mas nada sabemos sobre ele, nem mesmo através das tradições.

Elda. No hebraico, *aquele que Deus chamou.* Era o quinto filho de Midiã, bisneto de Abraão e Quetura (aqui e I Crô. 1.32). Quetura foi mãe de diversos povos árabes. Não há informação sobre alguma tribo descendente de Elda. Provavelmente seus descendentes misturaram-se com as outras tribos, não restando deles nenhuma identidade separada.

25.5

Isaque Era o Único Herdeiro. Abraão mostrou certa generosidade para com seus outros filhos (vs. 6), mas foi Isaque, o filho prometido e progenitor de Israel, que recebeu a maior parte dos bens. Como é óbvio, havia uma preferência de Abraão por Isaque. Todos os descendentes de Abraão, contudo, estão incluídos no Pacto Abraâmico (ver as notas a respeito em Gên. 15.18). Mas o centro desse pacto é ocupado pela nação de Israel, a *primeira linhagem* dos descendentes de Abraão, destinada a ser a mestra do mundo.

25.6

Filhos das concubinas. Conhecemos por nome Hagar e Quetura. Talvez tenha havido outras. Elas são chamadas tanto esposas (Gên. 16.3 e 25.1) quanto concubinas (I Crô. 1.32). Sabemos de sete filhos: Ismael, por meio de Hagar; e seis outros, por meio de Quetura, alistados e anotados no vs. 2. Mas pode ter havido outras concubinas e filhos, aos quais a Bíblia não deu atenção.

Deu ele presentes. Doações generosas, mas nada parecidas com o que Isaque recebeu. Esses filhos, netos e bisnetos foram, finalmente, enviados para longe de *Isaque.* Há um certo tom de competição, ou mesmo de hostilidade, nas palavras deste versículo. A posição e a autoridade de Isaque não podiam ser contestadas nem ameaçadas.

Ainda em vida. Não querendo arriscar-se a que, após a sua morte, Isaque viesse a perder a prioridade e a herança, e evitando assim a competição ou mesmo o desentendimento.

A terra oriental. Os lugares mencionados nas notas anteriores, sobre os vss. 3 e 4, a Arábia Desértica, a leste de Berseba, onde vivia Abraão, e, talvez, até incluindo partes da Mesopotâmia. Ver Juí. 6.3.

Um Costume. Há evidências de que persiste entre as tribos árabes o que Abraão fez. O filho mais velho era dotado com a herança da família, e mantinha o lar da família. Aos demais filhos eram dados presentes ou heranças menores, e, então, eles eram enviados para estabelecer-se em outros lugares. É claro que isso procurava evitar superpopulação em alguma área. Ver Lucas 15.12 quanto a um possível paralelo.

Morte de Abraão (25.7-11)

Os críticos atribuem esta seção à fonte informativa *P (S).* Ver no *Dicionário* o artigo chamado *J.E.D.P.(S.),* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Alguns deles vêem uma contradição no fato de que Ismael é apresentado como quem estava presente e em relações amistosas com Isaque, por ocasião do sepultamento de Abraão. Mas por que pensaríamos que esse homem, embora despedido junto com sua mãe, não era grande o bastante para manter relações decentes com o outro lado da família, apesar do que tinha acontecido? Deve ter havido alguma intercomunicação, pois, de outra sorte, ele nem teria sabido da morte de Abraão. É bom quando os irmãos habitam juntos em unidade e paz (Sal. 133.1). Abraão teve uma longa e rica vida, plena de bênçãos materiais e espirituais. Ele viu os primórdios da concretização do Pacto Abraâmico, mas até hoje isso continua tendo cumprimento, em sua maior dimensão espiritual (Gál. 3.14,17 ss.). Ver as notas expositivas sobre esse pacto em Gên. 15.18.

25.7

Foram os dias. Esses dias estenderam-se a anos, e, então, ele chegou ao fim de sua vida física. A vida dos seres humanos não é medida em séculos, mas em humildes dias. Até os cento e setenta e cinco anos de Abraão são considerados poucos.

A Brevidade da Vida. Consideremos os seguintes pontos: 1. A vida humana é como uma peregrinação (Gên. 47.9). 2. É como um relato contado (Sal. 90.9). 3. É como um navio veloz (Jó 9.26). 4. É medida aos palmos (Sal. 39.5). 5. Termina como a remoção de uma tenda (Isa. 33.20). 6. É como um sonho (Sal. 73.20). 7. É como um sono (Sal. 90.5). 8. É como uma sombra (Ecl. 6.12). 9. É como um fio cortado pelo tecelão (Isa. 38.12). 10. É como uma flor que murcha (Jó 14.2). 11. É como água derramada (II Sam. 14.14). 12. É como o vento que passa (Jó 7.7). 13. É como a erva e sua flor que o sol queima (Tia. 1.11).

Cento e setenta e cinco anos. Um pequeno número de anos em contraste com os antediluvianos, mas uma longa vida em comparação com os tempos modernos. Para chegar a esse número de anos, foi mister que ele fosse rejuvenescido, o que também foi necessário para que Isaque, o filho prometido, pudesse nascer. Ver Gên. 17.16 ss.; 21.1 ss. e Rom. 4.19. Destarte, a graça de Deus fez a provisão necessária para que Abraão pudesse viver tempo bastante a fim de obter todos os aspectos de sua missão até a sua completa e perfeita fruição. Bendito o homem que recebe um tal favor! Senhor, permite-nos ser abençoados por Ti. Ver em Gên. 5.21 sobre a *Desejabilidade de uma Longa Vida.*

Quando Abraão faleceu, Isaque estava com setenta e cinco anos de idade; Jacó e Esau com quinze; e Ismael com oitenta e nove. Visto que Abraão tinha setenta e cinco anos ao entrar na Terra Prometida, isso significa que ele viveu como seminômade pelo espaço de cem anos.

25.8

Expirou Abraão. No hebraico temos a palavra *yigva,* "arquejar por ar", "deixar de respirar". Alguns pensam em "entregar o espírito", mas não há nenhum indício disso no hebraico. Ver também Gên. 25.17; 35.19; 44.33; Jó 3.11; 10.18; 11.20; Lam. 1.19. O Pacto Abraâmico (ver as notas sobre Gên. 15.18) é reiterado por várias vezes no livro de Gênesis, embora não haja ali promessa de vida pós-túmulo, e nem mesmo no Antigo Testamento. A dimensão espiritual só aparece no Novo Testamento, segundo se vê em Gálatas 3.14,17 ss. e Heb. 11.10.13,14. Os teólogos históricos dizem-nos que no Pentateuco não há alusão clara à alma ou à vida pós-túmulo, nem um destino positivo ou negativo da alma (céu ou inferno). A lei mosaica nunca prometeu a vida eterna aos que a observassem, nem ameaçou com o julgamento (após a vida terrena) aos desobedientes. Talvez na doutrina da imagem de Deus, em Gên. 1.26,27, tenhamos um indício da alma; talvez em Enoque, o homem que andava com Deus e foi arrebatado para Ele, sem passar pela morte física, tenhamos outro indício da existência da alma; e, talvez, na expressão deste versículo, "foi reunido ao seu povo", tenhamos outro indício da realidade da alma. Mas tudo isso são meros indícios, e não uma doutrina explícita. Coube a Cristo e à Sua doutrina trazer-nos a verdadeira esperança do céu e uma verdadeira advertência quanto ao juízo eterno. A teologia mostra-se progressiva nas páginas da Bíblia, tal como outro conhecimento qualquer, e os instrumentos humanos da revelação vão obtendo uma visão cada vez mais clara do escopo das bênçãos divinas. Por que pensaríamoss que isso é estranho?

"Nem todos os homens, desde a queda, têm estado *sujeitos* à morte, mas todos a têm *merecido,* tendo perdido o direito às suas vidas, por causa do pecado. Jesus Cristo, que nasceu imaculado e nunca pecou, esse não perdeu o direito à própria vida" (Adam Clarke, *in loc.*), mas Ele a deu gratuitamente por nós. Em Cristo temos a base da esperança da vida eterna.

Foi reunido ao seu povo. É provável que isso signifique apenas "foi reunido, na morte, aos seus ancestrais". Mas há eruditos que vêem aqui uma promessa da vida pós-tumulo. "Ele foi ter com os seus antepassados, no lar celeste." Naturalmente, Jesus disse-nos que Abraão e os outros não estavam mortos, pelo que outros também poderiam ir para algum lugar de bênção eterna (Mat. 22.32); mas isso já é uma compreensão que nos foi dada por Jesus. Ver uma expressão similar em Gên. 15.15, que tem sido interpretada da mesma maneira que vemos aqui. Cf. Heb. 11.16. Abraão não foi sepultado literalmente perto de seus antepassados, em algum lugar terreno, mas apenas figuradamente, na morte.

25.9,10

Sepultaram-no Isaque e Ismael. Onde? Na caverna de Macpela (ver o artigo a respeito no *Dicionario*). No capítulo vinte e três achamos o relato inteiro da compra do campo de *Efrom,* e como esse campo tornou-se possessão de Abraão e sua família. Não é explicado como Ismael pôde fazer-se presente. Deve ter havido *alguma* intercomunicação entre os ramos da família. Talvez, como alguns eruditos têm sugerido, houvesse um liame religioso que ultrapassava as questões raciais, e que era mais importante, pelo menos em algumas ocasiões solenes, que os conflitos vindos do passado. Tanto Isaque quanto Ismael faziam parte do Pacto Abraâmico. Sem dúvida havia ali algum laço espiritual. "O pacto que envolvia pai e filho ligava entre si as gerações subsequentes, em uma bênção contínua" (Walter Russell Bowie, *in loc.*). Ver as notas sobre *Manre, Carvalhos de,* em Gên. 13.18; e, no *Dicionário,* os verbetes *Efrom; Zoar; Hititas* e *Manre*

25.11

A Bênção do Pacto Passa a Isaque. "Ele é que levaria avante a promessa, até que se formasse a nação de Israel. Por outra parte, Isaque era um homem digno em si mesmo. A herança era dele; foram dados presentes aos seus meios-irmãos. . . mas quão pouco vemos nele da fé operante, da esperança paciente e do amor atuante! Somente um Abraão e somente um Cristo têm aparecido entre os homens. Tem havido alguns *imitadores* bem-sucedidos, mas deveria haver *muitos* deles" (Adam Clarke, *in loc.*).

Aqui termina a *toledoth* da seção de Terá (Gên. 11.27-25.11), uma das grandes seções do livro. Nas notas sobre Gênesis 2.4 apresentei as onze gerações (no hebraico, *toledoth*) que, nesse livro, nos dão uma espécie de esboço cru desse primeiro livro da Bíblia.

O progenitor da nação de Israel foi escolhido, chamado, abençoado e com ele foi firmado um pacto especial, o Pacto Abraâmico (comentado em Gên. 15.18). E o filho prometido, Isaque, levou adiante a linhagem e a bênção divina.

Beer-Laai-Roi. Há notas sobre esse local em Gên. 24.62.

Descendentes de Ismael (25.12-18)

Temos aqui a oitavo *toledoth* dos onze que se acham no livro de Gênesis. De acordo com os críticos, esses versículos procedem da fonte informativa *P(S).* Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P (S.),* sobre a teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

Os ismaelitas habitavam no deserto sírio-árabe a leste de Edom e Moabe, e alguns deles (vs. 18) chegaram a estender-se até a fronteira com o Egito. Virtualmente não há registros históricos sobre esses povos, que ficaram de fora dos registros egípcios e assírios. Ismaelita tornou-se sinônimo virtual de *beduíno,* nome dado às tribos árabes seminômades que vagueavam pelo deserto, quase sem entrar em contato com a civilização externa a eles, sem ciências e sem artes próprias. Eles viviam lutando o tempo todo pela sobrevivência, e a fé religiosa deles nunca conseguiu desvencilhar-se da idolatria.

25.12

As Toledoth de Ismael. Ver um sumário das onze *toledoth* (gerações) do Gênesis em Gên. 2.4. O autor sacro usou esse termo para prover uma espécie de esboço cru de seu livro. Tipicamente, nos livros antigos, não havia nem esboços nem índices. Não havia enciclopédias nem obras de referência que fornecessem material devidamente catalogado. Os escritos da Babilônia continham tipos de *colofons* com informações básicas tais quais título, data, número de série, declarações do conteúdo geral e conclusão. Algumas vezes eram dados os nomes do autor ou do escriba, mas parece que nenhum desses recursos foi tomado por empréstimo pelo autor do Gênesis. Ele criou a sua própria maneira de marcar as divisões principais de seu livro. A *toledoth* de Ismael (com uma breve genealogia) é a oitavo divisão do Gênesis.

Filho de Abraão. Ver no *Dicionário* o artigo *Abraão*.

Hagar. Ver sobre ela no *Dicionário*.

Ismael. Ver sobre ele no *Dicionário*. Ismael era o filho primogênito de Abraão, o herdeiro presuntivo, até que foi substituído por Isaque e enviado para o deserto. Hagar era uma das *escravas* de Abraão, talvez adquirida enquanto ele esteve no Egito (Gên. 12.10 ss.). Assim como houve doze patriarcas em Israel, e doze filhos de Naor (irmão de Abraão, ver Gên. 22.20 ss.), assim também Ismael, o patriarca dos árabes, gerou doze príncipes árabes (Gên. 25.16).

Ismael não desapareceu das páginas da história sagrada, nem ficou sem bênção, meramente por não pertencer à linhagem de Israel. Deus tinha um lugar e um destino reservado para ele. O Messias da linhagem de Isaque também seria o Salvador dos demais descendentes de Abraão, de fato, de todas as famílias da terra. Isso era uma das provisões do Pacto Abraâmico (notas a respeito em Gên. 15.18).

Tipos. Assim como *Isaque* tipifica os eleitos, também *Ismael* representa os não-eleitos, que serão restaurados. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Mistério da Vontade de Deus;* e, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, ver o verbete *Restauração*.

25.13

Os Filhos de Ismael

Nebaiote. Ele era o primogênito. No hebraico, esse nome significa *frutificação, fertilidade*. Ele foi um chefe tribal árabe. Ver também I Crô. 1.29. Houve doze desses chefes (vs. 16), que Jerônimo chamou de *phularchoi,* chefes de tribos seguindo a analogia dos doze patriarcas das tribos de Israel. Há um povo cujo nome deriva do nome desse homem, até os tempos modernos. Uma das esposas de Esaú (Maalate; ver Gên. 28.9; 36.3), era irmã de Nebaiote. As terras de Esaú ou Edom, finalmente, caíram sob o domínio dos descendentes de Nebaiote. Essa tribo era vizinha à região de Quedar. Ambos os nomes figuram nos registros de Assurbanipal, rei da Assíria (669 - 626 A. C.). Talvez os *nabateus* (ver no *Dicionário*) fizessem parte dessa tribo (embora alguns eruditos duvidem disso).

Quedar. Nome do homem e da tribo que descendia desse homem. Há um artigo detalhado a seu respeito no *Dicionário*, pelo que não repito aqui essa informação. O nome *Quedar* veio a indicar todas as tribos árabes dos ismaelitas, que, posteriormente, receberam o nome de *beduínos*.

Adbeel. Coisa alguma sabe-se sobre esse homem ou sobre alguma tribo dele descendente. Ptolomeu falou sobre os agubenos, que viviam perto da Arábia Feliz, o que poderia ser uma alusão aos descendentes de Adbeel. Seu nome significa *disciplinado, castigado*.

Mibsão. No hebraico, *fragrante*. Nome de duas pessoas nas páginas do Antigo Testamento. Ele foi o quarto filho de Ismael e um dos doze príncipes árabes. Ele é mencionado neste versículo e em I Crô. 1.29. Nada se sabe sobre ele, pessoalmente, nem sobre a tribo ou tribos que dele teriam descendido. Ele viveu em torno de 1800 A. C. Ver I Crô. 4.25 quanto a outra pessoa desse nome, no Antigo Testamento.

25.14

Misma. No hebraico, *fama* ou *relatório*. Esse foi o nome de duas pessoas no Antigo Testamento. Era o quinto filho de Ismael (aqui e I Crô. 1.30). Talvez o nome tenha sido preservado no lugar chamado *Jebel Misma*, localizado entre Damasco e Jarife, ou, então, em um lugar com o mesmo nome, cerca de duzentos e quarenta quilômetros a leste de Taima.

Dumá. No hebraico, *silêncio*. Nome de um lugar e de uma pessoa no Antigo Testamento. Era o sexto filho de Ismael e neto de Abraão. Viveu em cerca de 1840 A. C. Presume-se que ele tenha sido o fundador de uma das tribos árabes. Seu nome veio a ser usado para indicar o principal distrito onde habitavam os seus descendentes. Ver também I Crô. 1.30. Dumat al Gandal parece identificar o local moderno. Esse lugar atualmente é um oásis, localizado a meio caminho entre o fundo do golfo Pérsico e o golfo de Ácaba. Inscrições reais, de origem assíria e babilônica, pertencentes aos séculos VII e VI A. C., referem-se à destruição de Adammatu, que parece ser uma referência a Dumá.

Massá. No hebraico, *carga, peso*. Ele era um dos filhos de Ismael (aqui e em I Crô. 1.30). É provável que seus descendentes fossem os *masani*, que Ptolomeu disse estarem radicados na parte oriental da Arábia, perto da fronteira com a Babilônia. Inscrições assírias mencionam juntos os povos de Massá, Tema e Nebaiote, que viveriam próximos uns dos outros. Nessas inscrições, Tema, ao que tudo indica, é a moderna *Teima*, que fica a nordeste de el'Ula, na parte noroeste da Arábia. Tema era irmão de Massá. Isaías, por sua vez, referiu-se a Dumá, um nome locativo derivado de outro irmão deles (21.11,12). Os irmãos mencionados foram os progenitores de populações que se estabeleceram na Arábia. Alguns acham que Agur e Lemuel (ver Pro. 30.1 e 31.1) descendiam de Massá. Eles envolvem uma pequena parte da história dos povos árabes.

25.15

Hadade. Esse é o nome de seis pessoas no Antigo Testamento. Ver o *Dicionário* a esse respeito. O nome quer dizer *trovão*. O oitavo filho de Ismael tinha esse nome (aqui e em I Crô. 1.30). Ele viveu em cerca de 1750 A. C. Algumas traduções dizem Hadar, neste versículo, mas Hadade, em I Crô. 1.30, seguindo variantes textuais. Coisa alguma sabemos sobre esse homem ou sobre a tribo que descenderia dele. Talvez a cidade de Adra, na Arábia Petrea, preserve o seu nome.

Tema. No hebraico, *região sul* ou *queimadura de sol*. No Antigo Testamento esse é o nome de uma pessoa e de uma tribo. Tema era o nono filho de Ismael, cujos descendentes estabeleceram-se perto do golfo Pérsico. Viveu em torno de 1750 A. C. O povo dele descendente também é mencionado em Jer. 25.23. A localidade onde eles habitavam é mencionada em Jó 6.19; Isa. 21.14 e Jer. 25.23. Na primeira dessas referências, aprendemos que eles organizavam caravanas, o que significa que, provavelmente, eram um povo nômade, conforme sempre sucedeu aos descendentes de Ismael.

Jetur. No hebraico, *cercado*. Era o décimo filho de Ismael (aqui e em I Crô. 1.31). Uma tribo descendia dele, retendo o seu nome. Esse povo vivia a leste da área norte do rio Jordão. Alguns estudiosos têm identificado Jetur com os *itureanos,* no Novo Testamento. Ver sobre a *Ituréia* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. O lugar é mencionado somente por Lucas (3.1).

Nafis. No hebraico, *refrigeração*. Era o décimo-primeiro filho de Ismael (aqui e em I Crô. 1.31). Seu nome passou para os seus descendentes. Os rubenitas, gaditas e a meia-tribo de Manassés subjugaram-nos, juntamente com vários outros, conforme I Crô. 5.19. Daí por diante, nada mais diz a Bíblia acerca dessa gente, e a história secular faz total silêncio a respeito deles. No entanto, alguns pensam que o trecho de Esdras 2.50 alude a esse título, com o nome de "filhos dos nefuseus". Ver também Nee. 7.52.

Quedemá. No hebraico, *oriental*. Aparece como o filho mais novo de Ismael. Viveu em cerca de 1750 A. C. É mencionado somente aqui e em I Crô. 1.31. Foi ancestral e chefe de uma tribo de seu nome.

25.16

Nomes. . . vilas. . . acampamentos. Provavelmente isso quer dizer que seus nomes foram sendo passados para os lugares que iam ocupando sucessivamente. Doze príncipes ou patriarcas originaram-se de Ismael, tal como havia doze patriarcas de Israel e doze filhos de Naor, irmão de Abraão (Gên. 22.20 ss.). Eles viviam como nômades ou seminômades. Sua arte era primitiva, e não desenvolveram ciência. Mas não foram esquecidos por Deus. O trecho de Gên. 17.20 encerra a profecia que o autor sagrado diz aqui que foi cumprida.

25.17

E morreu. O mesmo destino final atribuído a Abraão e a outros. Ver as notas em Gên. 25.8. Até esse ponto da Bíblia não transparece a crença na vida pós-túmulo, o que só surgiu bem mais tarde. Todavia, há alguns indícios a esse respeito, mesmo no livro de Gênesis (ver 1.26,27, quanto ao homem criado *à imagem de Deus).*

Cento e trinta e sete. Bem menos anos que Abraão, mas ainda assim uma longa vida. Ver as notas em Gên. 5.21 quanto à *Desejabilidade de uma Longa Vida*, e em Gên. 25.8, quanto à *Brevidade da Vida.*

Ismael viveu ainda por quarenta e oito anos, depois da morte de Abraão. Mas então ele foi "reunido ao seu povo", a mesma expressão usada a respeito de Abraão, no oitavo versículo deste capítulo, onde ver as notas. Talvez haja nisso um indício sobre a vida pós-túmulo, embora signifique somente que ele "morreu", assumindo assim seu lugar entre os que já tinham morrido. Cristo trouxe a nós a dimensão eterna do Pacto Abraâmico. Ver Gál. 3.14,17 ss.

25.18

Havilá. Ver as notas sobre esse lugar em Gên. 2.11.

Sur. Ver o verbete sobre esse lugar no *Dicionário*. As regiões de Havilá e Sur ficavam no centro-norte da Arábia (Havilá) e entre Berseba e o Egito (Sur). Essas

populações eram hostis a seus irmãos e a Israel, neste caso posteriormente (Gên. 16.12).

Como quem vai para a Assíria. Não indica que Sur ficava na rota para a Assíria, mas, antes, no *limite oriental* da região habitada pelos descendentes de Ismael.

... se estabeleceu fronteiro a todos os seus irmãos. Ou seja, entre os filhos de Quetura e a posteridade de Isaque, os primeiros a leste, e esta última, a oeste. Esses eram seus *irmãos,* e ele habitou *entre* eles, *separado* deles por fronteiras em ambos os lados. O trecho de Gên. 16.12 diz essencialmente a mesma coisa.

Gerações (Toledoth) de Isaque (25.19-34)

Temos aqui o nono desses *toledoth*, ou seja, uma das divisões naturais do livro de Gênesis (ver as notas em Gên. 2.4 quanto às doze divisões do livro, mediante esse termo geralmente traduzido por "gerações"). Com esse termo, o autor sagrado proveu uma espécie de divisão inexata de seu livro, em grandes seções. Aos livros antigos faltavam esboços, tabelas de conteúdo ou índices. Os críticos pensam que as fontes informativas *J* e *P(S)* contribuíram para esta seção, por meio de compilação. No *Dicionário* ver o artigo *J.E.D.P.(S.),* quanto à teoria de fontes informativas múltiplas do Pentateuco.

Esta seção conduz-nos a Jacó e Esaú, os irmãos gêmeos que competiam e chegaram a ser progenitores de duas nações distintas. Até hoje vemos reflexos disso, no conflito árabe-israelense. O nome de Jacó foi mudado para Israel, onde achamos o começo do *nome* da nova nação. Seus filhos tornaram-se os patriarcas da nova nação, e seus descendentes multiplicaram-se de forma incrível no Egito. Somente ao serem libertos da servidão egípcia foi que os israelitas reclamaram a posse do território que lhes fora prometido, tornando-se assim, finalmente, a nação que Deus havia prometido a Abraão. Há toda uma seqüência: Israel-Árabes (em Sara e Hagar); Israel-Árabes (em Isaque e Ismael); Israel-Árabes (em Jacó e Esaú).

Uma das esposas de Esaú (Maalate) era irmã de Nebaiote, filho de Ismael. Assim, houve casamento misto aí. Ver Gên. 28.9 e 36.3. Naturalmente, outras nações foram envolvidas como descendentes que se espalharam e ocuparam vários territórios.

25.19

Abraão gerou a Isaque. E foi este quem deu continuação ao Pacto Abraâmico (ver as notas a respeito em Gên. 15.18). Agora *Isaque* é contrastado com *Ismael* (vs. 16). Os dois encabeçaram duas nações separadas. O autor *avançava na direção* de Israel, contando-nos como, dentro do processo histórico, surgiu afinal essa nação, mediante gerações, separações e desenvolvimento gradual. Quando Esaú entrou no quadro, isso só serviu para aumentar o conflito. Embora fossem *gêmeos,* houve um processo de separação entre os dois.

25.20

Isaque. . . Rebeca. O autor passa em revista as indicações genealógicas do capítulo vinte e quatro. Aquele capítulo mostra como o servo de Abraão foi até Arã para obter uma noiva para Isaque, dentre a família de Naor, irmão de Abraão. Rebeca era irmã de Labão, e seu pai foi Betuel. Todos os nomes que aparecem neste versículo são comentados ou *in loc.*, neste volume, ou no *Dicionário.*

Padã-Arã. Ver Gên. 25.20. O mesmo que o território de Harã.

Casamentos Consangüíneos. Abraão casou-se com uma meia-irmã, Sara (Gên. 20.12); Naor casou-se com uma sobrinha, Milca (Gên. 11.29); Isaque casou-se com uma prima, Rebeca (Gên. 24.47). No *Dicionário* ver o artigo *Incesto.* Como é óbvio, os antigos tinham idéias diferentes das nossas, quanto a essa questão.

"O casamento de Isaque com Rebeca, desse modo, vincularam-no ao país e à família nativa de Abraão, bem como aos arameus da parte noroeste da Mesopotâmia (cf. Gên. 24.10), mais tarde conhecidos como sírios" (Allen P. Ross, *in loc.*).

O arameu. . . o arameu. Betuel e Labão eram descendentes de Arã (ver Gên. 10.22,23). No siríaco, idioma de Harã, *padana* significava "arado" (I Sam. 13.20), ou "junta de bois" (I Sam. 11.7). E isso sugere que era uma área cultivada, próxima da cidade. Jacó foi chamado de "arameu" porque viveu por algum tempo naquele lugar (Deu. 26.5).

25.21

Isaque orou ao Senhor. Rebeca era estéril, tal como o fora Sara, antes dela; e a questão tornou-se motivo especial de orações. Ver Gên. 24.63 quanto à vida de meditação e oração de Isaque. A oração funciona, e o homem espiritual não a dispensa. Ver no *Dicionário* o verbete *Oração.* O vs. 26 mostra que a esterilidade de Rebeca prolongou-se por vinte anos. Isaque tinha quarenta anos de idade quando se casou (vs. 20), mas seus filhos gêmeos nasceram quando seu pai estava com sessenta anos de idade.

Deus e a Esterilidade. Era questão séria uma mulher não poder ter filhos na antigüidade. E ainda era coisa mais séria quando o Pacto Abraâmico dependia da fertilidade. Deus teve de intervir por várias vezes: com Sara (Gên. 15.2-6; 18.12-14); com Rebeca (este texto); com Raquel (Gên. 29.31; 30.22,23). Posteriormente, com a mãe de Sansão (Juí. 13.2-7); com Ana (I Sam. 1.2-20); e com Isabel, no Novo Testamento (Luc. 1.7-13). As pessoas assim envolvidas creram em um ato especial de Deus, para corrigir a situação.

Intervenções Divinas. Normalmente, Deus esconde-se nas trevas e espera para ver o que podemos fazer com nossos dotes naturais conferidos por Ele, bem como com a nossa determinação espiritual. Mas há ocasiões em que as coisas ultrapassam nossa capacidade Nesses casos, uma intervenção divina é conferida, para que possamos cumprir nossa missão. Ninguém é sempre bem-sucedido sozinho.

25.22

O Conflito Eterno. Sempre haverá conflito. O conflito árabe-israelense tem tido várias manifestações. Houve a luta entre Sara e Hagar, transferida para Isaque e Ismael. Hoje temos a luta entre os israelenses e os árabes, descendentes de Isaque e Ismael. Neste versículo o conflito dava-se no ventre de Rebeca, entre os *gêmeos,* Jacó e Esaú. O propósito divino sempre foi o de separar e desenvolver. Um propósito governava a linhagem Abraão-Isaque-Jacó. Outro propósito governava a linhagem Abraão-Ismael-Esaú. A linhagem de Rebeca, através de Jacó, produziu a nação de *Israel.* A outra linhagem produziu os ismaelitas e os edomitas, os quais, em considerável proporção, se mesclaram com várias nações árabes. Assim Deus abençoou ambas as linhagens, mas de diferentes modos. Israel tornou-se mestra das nações e guardiã das revelações divinas, que culminaram no Messias, Jesus. Mas isso aconteceu a fim de que todas as nações viessem a ser abençoadas. O propósito de Deus é grandioso e amplo. Onde não redime, restaura, do que Isaque e Ismael são tipos. Ver uma nota sobre isso em Gên 25.12, último parágrafo. Ver o artigo *Restauração,* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* E, no *Dicionário,* ver *Mistério da Vontade de Deus.*

Por Quê? A luta no ventre de Rebeca era de natureza existencial. Rebeca indagava o que poderia estar sucedendo. Era apenas natural que ela tivesse consultado o Senhor (vs. 23). Adam Clarke lançou a culpa sobre "a primeira vez em que uma mulher engravida", mas a questão envolvia muito mais do que isso.

Fantasias têm embelezado o texto. Alguns intérpretes judeus dizem que Rebeca teria consultado Sem ou Melquisedeque, ou que ela teria ido a algum altar especial, como o de Betel ou o de Berseba, a fim de obter resposta. Isso é possível. As pessoas costumam visitar santuários quando enfrentam problemas graves. Ver Salmo 73.17 quanto a algo similar.

Lutavam. No hebraico, *esmagavam.* A violência predizia mais violência futura.

25.23

Duas nações. Os dois fetos já sentiam o destino, já estavam em conflito, já sentiam em si mesmos seus poderes regenerativos, prevendo duas nações em choque que deles descenderiam. Eles eram grandes demais para ficarem confinados em um lugar tão apertado. As profecias feitas pelos familiares de Rebeca (Gên. 24.60) já estavam tomando forma.

Este versículo vinte e três parece ter tido origem em um antigo poema, ou ter originado um poema. Ellicott procurou dar-lhe um formato poético moderno:

> *Duas nações há no teu ventre,*
> *Dois povos, nascidos de ti, se dividirão:*
> *Um povo será mais forte que o outro,*
> *E o mais velho servirá ao mais moço.*

Dois filhos, totalmente diferentes um do outro, cresceriam e se tornariam homens em conflito; e homens em conflito tornar-se-iam nações adversárias.

Os *edomitas* viriam de Esau; os *israelitas* viriam de Jacó. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Edom, Idumeus* e *Israel.* Esaú foi um habilidoso caçador, deleitando-se na vida ao ar livre; Jacó era homem comum que habitava em tendas e preferia uma vida pacífica, cuidando de suas vacas e de suas ovelhas.

Uso da Passagem por Paulo. As tradições judaicas concernentes a Esaú são muito severas, crivando-o de adjetivos pesados e enfatizando a sua impiedade, algo que não transparece em nenhuma passagem do Antigo Testamento que fala sobre ele. Paulo tirou proveito dessa apreciação adversa dos judeus acerca dele, utilizando-a em Romanos 9.10-13. Ali, Jacó representa os eleitos, e Esaú, os não-eleitos, um, amado, e outro, odiado. Felizmente, outros textos do Novo Testamen-

to vão além dessa drástica avaliação e projeção, oferecendo esperança na missão mais ampla de Cristo. Ver Efé. 1.9,10 e I Ped. 3.18-4.6. Ver as exposições nessas passagens no *Novo Testamento Interpretado*.

25.24

Gêmeos. Rebeca foi talvez a primeira mulher a saber, de antemão, que estava grávida de gêmeos, sem a ajuda do ultra-som. O decreto divino havia separado os gêmeos que lutavam, estando eles ainda no ventre materno, de acordo com propósitos e destinos. Estando assim separados, eles haveriam de cumprir seus propósitos diferentes na vida. O uso que Paulo faz desse fato, em Romanos 9.10-13, é radical. O propósito da eleição de Deus chega a separar pessoas de uma mesma família, incluindo *gêmeos*. Um era amado, e outro, abominado. No entanto, "Deus amou o mundo de tal maneira" (João 3.16), e foi isso que deu sentido à missão de Cristo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Restauração*. E, no *Dicionário*, ver *Mistério da Vontade de Deus*.

Adam Clarke fornece-nos uma elaborada explicação da passagem à nossa frente, que foi usada por Paulo, onde esse erudito tenta negar a eleição individual, pois Clarke fazia o propósito eletivo de Deus envolver privilégios dados a raças da humanidade. E mesmo assim esses privilégios seriam condicionados à receptividade do homem. Essa é a forma tipicamente arminiana de abordar o problema. Ver no *Dicionário* os artigos *Eleição* e *Predestinação (Livre-Arbítrio)*, que tratam dos problemas teológicos aí envolvidos. Ver também o verbete *Polaridade, Princípio da*, quanto ao que considero a abordagem correta ao problema.

Isaque tinha pedido somente *um* filho. A providência divina foi pródiga e deu-lhe *dois*.

25.25

O primeiro, ruivo, todo revestido de pêlo. Essa é a descrição de Esaú. As condições físicas tinham significado. Ele era *ruivo* (no hebraico, *'adhmoni*), um jogo de palavras com *Edom*, que tem o mesmo sentido. *Peludo* é termo relacionado a *Seir*. Esaú foi o pai dos idumeus, que habitavam no monte Seir. Nesse caso, os nomes e a aparência física tinham seus significados, desde o começo. A aparência física de Esaú sugeria condições futuras do povo que dele derivaria. Os críticos pensam que as descrições foram criadas posteriormente, a fim de projetar as idéias mencionadas, mas não há motivo para duvidarmos da veracidade do relato bíblico.

Os intérpretes judeus são severos e lançam Esaú no ridículo, fazendo sua cor ruiva significar *sangue*, e acusando-o de morticínios insensatos, acerca do que o Antigo Testamento nada nos diz. A penugem ruiva de Esaú desenvolveu-se até tornar-se em pêlos tão ásperos como os de um cabrito (Gên. 27.16), servindo de sinal de sua natureza forte, vigorosa e (conforme alguns dizem) sensual.

25.26

Segurava. . . o calcanhar. Jacó já nasceu atacando seu irmão gêmeo. Os intérpretes vêem nesse ato como ele haveria de suplantar seu irmão, arrebatando-lhe o direito de primogenitura. John Gill afirmava que esse ato indicava uma tentativa de Jacó de puxar de volta seu irmão, e nascer antes dele, tornando-se assim o primogênito e obtendo uma herança maior. Contudo, Esaú conseguiu nascer primeiro. Mas Jacó, mediante sua astúcia, haveria de ser o *primogênito*, se não por direito de nascimento, ao menos por direito de conquista.

Jacó. Esse nome significa "que ele (Deus) proteja", embora uma derivação popular diga "aquele que segura pelo calcanhar" ou "suplantador". O som das palavras hebraicas que formam o nome Jacó e o sentido sugerido são parecidos: "calcanhar" (no hebraico, *aqeb*) e "olhar por trás" (no hebraico, *aqab*).

Em uma forma composta, *Jacob-el*, o nome aparece nas listas de Tutmés III (século XV A. C.), antes mesmo da entrada de Israel na sua terra. Nessa forma, o nome parece significar "Deus alcança" ou "Jacó é Deus". Seja como for, o nome derivou-se de uma tradição pré-israelita. Ver os artigos detalhados no *Dicionário, Jacó* e *Esaú*.

Era Isaque de sessenta anos, na ocasião, o que significa que tinha esperado por um filho durante vinte anos, porquanto se casara aos quarenta anos de idade (vs. 20).

A Providência Divina. O livro de Gênesis mostra-se insistente e enfático quanto a esse particular. Isso é novamente destacado na história do nascimento e do destino de Jacó e Esaú. O propósito divino levou-os a lutar desde o ventre materno, em antecipação a destinos desiguais. O propósito divino fê-los ter nascimentos e missões diferentes. Uma *intervenção divina* produzira seus nascimentos. Ver no *Dicionário* o verbete *Providência de Deus*.

Jacó Furta o Direito de Primogenitura (25.27-34)

De acordo com os críticos, esta seção vem da fonte informativa *J*. Ver no *Dicionário* o verbete *J.E.D.P.(S.)*. A vida nômade era eivada de dificuldades. O direito de primogenitura, que oferecia algumas vantagens, era de grande valor para povos carentes. Era algo cobiçado, conforme o relato que temos aqui mostra claramente. Jacó não era o primogênito, mas, em vista de suas manipulações, acabou sendo o herdeiro. Ele saiu em segundo lugar do ventre materno, mas no decorrer da vida acabou obtendo a primazia. Se a sua astúcia é a explicação natural para essa inversão, o favor divino era a causa real. Deus usou para o bem as manipulações de Jacó, embora este fosse moralmente responsável por elas. O *Pacto Abraâmico* (ver as notas em Gên. 15.18), dependia de Jacó ter nascido primeiro. E assim, apesar de ser verdade que, política e economicamente, os edomitas tenham conseguido organizar-se como nação antes de Israel, dotados de uma cultura mais estável, enquanto Israel passava lentamente do nomadismo para a vida sedentária, a relação ímpar de Israel com Yahweh foi o fator determinante. Daí surgiria o ofício de mestre universal, que desembocaria no Messias.

"Tristemente, coisas dotadas de grande valor espiritual, com freqüência, são manuseadas de modo profano e astucioso. Algumas pessoas tratam com desdém as coisas espirituais e eternas, pois lhes parecem destituídas de valor. Mas outras pessoas, apesar de valorizarem grandemente essas coisas, fazem-nas servir a si próprias, mediante a astúcia e a manipulação. Esaú e Jacó são exemplos de ambos esses tipos" (Allen P. Ross, *in loc.*).

25.27

Cresceram os meninos. Cada qual foi seguindo sua trilha diferente, apesar de terem ambos o mesmo pai e a mesma mãe. Conforme fora predito no oráculo (vs. 23), assim estava sucedendo a eles. Esaú era homem que vivia ao *ar livre*, um caçador exímio, um homem do campo. Sua natureza viril agradava a Isaque, que apreciava os pratos deliciosos preparados com a caça que Esaú apanhava. Entrementes, Jacó era homem quieto, que preferia ficar em casa, um homem *caseiro*, que gostava de cuidar de seus rebanhos de vacas e ovelhas. Rebeca apreciava mais esse estilo de vida, e assim Jacó tornou-se o seu favorito.

"O vigor físico dele [Esaú] não era a sua única virtude. Ele era homem de coração grande, que amava seu pai. Quando Isaque já estava idoso e cego, o rude Esaú sempre se mostrou gentil com seu pai, sempre pronto a atender tudo quanto este desejasse. Se Isaque manifestasse o desejo de comer alguma caça especial, Esaú saía atrás dela. Mas se Esaú mostrou-se descuidado quanto às vantagens do direito de primogenitura, não era descuidado quanto à bênção paterna. Portanto, que havia de errado com Esaú? Por que ele não desempenhou um papel decisivo na história espiritual do povo de Deus? Porque era homem que vivia somente para o momento imediato" (Walter Russell Bowie, *in loc.*).

"Ele perdeu de vista o amanhã porque se agarrava tão cobiçosamente ao dia de hoje" (*idem*).

Em contraste com isso, Jacó tinha o discernimento para perceber o valor do direito de primogenitura. Quanto à energia física, ele era o mais fraco dos dois, mas possuía uma visão espiritual mais clara. Embora estivesse errando em seus métodos, estava certo em sua teoria.

Os intérpretes judeus adornam a narrativa, fazendo Esaú (o homem do campo) parecer uma pessoa profana, ao passo que Jacó preferia ficar em casa, cultivando a sua vida espiritual, "na escola de Sem, buscando aprender a doutrina do Senhor, um estudante. . ." (assim fantasia o Targum de Jonathan).

25.28

Isaque amava a Esaú, pois este preparava apetitosas refeições para seu pai com suas caças, embora por certo também por outras razões. Esaú *servia* a Isaque. Dava uma atenção especial a seu pai. Procurava satisfazer às necessidades de Isaque.

Rebeca. . . amava a Jacó. Pois este estava sempre em casa, dando atenção às necessidades dela, sempre presente para dar e receber afeto. Divisões afetivas como essa sempre criam problemas nas famílias, e aquele que é mais amado nem sempre é o que mais merece amor. As crianças sentem-se preteridas quando não há demonstrações adequadas de amor por parte de seus pais, ou quando vêem que são amadas menos do que outras crianças da mesma família. Alguma competição doméstica tem vantagens. Mas esse tipo de competição é prejudicial.

"Temos aí uma antiga prova de apego paterno *sem base* a um filho, em detrimento de outros. . . os interesses da família ficavam divididos, e a casa se punha em oposição a si mesma. Os frutos desse apego tolo sem base puderam ser vistos no futuro, no longo catálogo de males naturais e morais entre os descendentes de ambas as famílias" (Adam Clarke, *in loc.*).

25.29

Um cozinhado. O famoso (mas inútil) prato que Jacó costumava preparar. E Esaú, ao que parece sem ter obtido êxito na caça, ou muito apressado para preparar algo para si mesmo, acabou comendo, pelo qual pagou tão caro. Os prazeres do pecado são sempre atrativos, mas custam muito. Não devemos vender a própria alma em troca de uma mera sensação. Uma refeição comum precisa apenas de quinze minutos para ser consumida. Por esse prazer, tão fugaz, Esaú sofreu por toda a sua vida. O cozinhado era de lentilhas (vs. 34). e, talvez, fosse pouco mais que uma sopa. Fosse como fosse, não se parecia nada com os bifes que Esaú preparava para Isaque. No entanto, *naquele dia, aquele* prato de lentilha exercia uma estranha atração sobre Esaú. Ele estava por demais envolvido com o *apetite*, a base da maioria dos pecados. Alguns pecados sérios envolvem o zelo de obter algo que pouco vale, com a negligência de coisas de real valor.

Os intérpretes judeus novamente exageravam e preenchiam detalhes, como aquele que diz que o alimento preparado por Jacó era para os lamentadores, que tinham vindo lamentar a morte de Abraão, ou aquele outro que diz que Jacó e Esaú estavam ambos, na ocasião, com quinze anos.

25.30

Esmorecido. Isso é dito por duas vezes no texto. Esaú estava fisicamente *fraco* naquele dia, e, em sua debilidade, fez algo precipitado. Assim foi e assim sempre será. Na nossa fraqueza, fazemos coisas que nosso bom senso diz que não devemos fazer.

Disse ele: "Dá-me um pouco desse cozinhado vermelho". As lentilhas são preparadas de modo bem parecido com o feijão, com azeite e alho, e facilmente se dissolvem, formando uma massa.

Edom. Ver sobre ele no *Dicionário*. Essa palavra significa *vermelho*. Esaú chegou a ser chamado *vermelho* por haver desejado tanto o cozinhado "vermelho". Seu apelido teve origem em seu maior erro.

"Jacó, vendo a cobiça e a fome correodora de seu irmão, recusou-se a dar-lhe do alimento, enquanto Esaú não se dispôs a desfazer-se de sua alta e sagrada prerrogativa, que o tornava herdeiro da promessa divina" (Ellicott, *in loc.*).

25.31

Vende-me. . . teu direito de primogenitura. Esaú nascera primeiro, mas aqui ele acaba por último (ver o vs. 25). Jacó nascera por ultimo, mas aqui ele acaba em primeiro lugar. A cena faz-nos lembrar de Mateus 19.30: ". . .muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros". Jesus falava sobre o discipulado cristão. Alguns poucos deixavam tudo, a fim de segui-Lo. Os fariseus e outros líderes religiosos (que tinham a primazia, aos olhos do povo) terminariam em último lugar. E pessoas que eram consideradas como nada, os Seus humildes discípulos, terminariam em primeiro lugar. Está em foco a vida eterna (vs. 29). Desse modo, Esaú desprezou o seu direito de primogenitura, que incluía um aspecto espiritual, e não meros privilégios materiais. Ele buscou algo praticamente sem valor, sacrificando o que tinha valor em troca do que não tinha valor.

Direito de primogenitura. Ver o artigo detalhado. *Primogênito*, no *Dicionário*.

Vantagens:

1. O filho primogênito de sexo masculino (e todos os animais assim nascidos) eram consagrados a Deus, o que comemorava o juízo de Deus que sobreveio aos primogênitos do Egito (Êxo. 13.2). Isso enfoca o privilégio espiritual. Ver Êxo. 22.29.
2. O filho primogênito recebia dupla porção da herança paterna (Deu. 21.17). Mas isso podia ser vendido ou transferido, como no caso de Ismael e Isaque. Ver Gên. 21.10 ss.; 25.31,32; Deu. 21.15-17.
3. Antes da instituição formal do sacerdócio em Israel, o filho primogênito era o sacerdote da família, cuidando do culto e das práticas espirituais da família. Ver Núm. 3.12-18; 8.18; Gên. 27.29.
4. Presumivelmente, o filho primogênito era dotado de superioridade política, social e moral, a *autoridade* da família, depois da morte do pai. Ver Gên. 49.3.
5. O filho primogênito recebia uma bênção superior de seu pai, o que, segundo se concebia, tinha o poder de moldar os eventos futuros em favor desse filho. Isso foi enfatizado no grande afã de Esaú por receber a bênção de seu pai. Esaú só recebeu uma bênção secundária. Ver Gên. 27.34 ss.
6. No caso desta passagem, supõe-se que também estavam em jogo as bênçãos do *Pacto Abraâmico* (ver as notas a respeito em Gên. 15.18). Seja como for, as bênçãos maiores desse pacto passaram a fluir através de Jacó, pois a linhagem espiritual tomou-se Abraão-Isaque-Jacó. Jacó teria perdido esse privilégio, se não tivesse conquistado o direito de primogenitura? Quem sabe responder?

Quantas dessas provisões aplicavam-se aos dias de Abraão tem sido debatido pelos intérpretes. Alguns estudiosos pensam que a única coisa em jogo era o aspecto econômico; mas outros percebem a realidade da faceta espiritual. Em Hebreus 12.16, lemos que Esaú era um "profano," ou seja, alguém que não dá valor às coisas espirituais, mas somente às coisas materiais.

25.32

Estou a ponto de morrer. Esaú, debilitado, estava desmaiando. Esaú exagerou seu estado, a fim de convencer-se da sua *necessidade* de ficar com o cozinhado vermelho. Enganou a si mesmo, em seu estado de debilidade física. O pecado sabe como enganar. Todas as maçãs do diabo têm vermes. Ele convenceu-se, com um argumento falaz, de que era tão bom quanto um *homem morto*, pelo que perderia qualquer vantagem que o direito de primogenitura pudesse dar-lhe. Era um homem jovem, mas ficou cego quanto ao futuro, por meio de uma *necessidade* presente que, na verdade, *não* era necessária. Esaú, pois, mostrou-se indiferente para com os valores espirituais e econômicos de seu direito de primogenitura, por ter agido em um momento de estupidez auto-imposta.

Alguns eruditos procuram diminuir a estupidez de Esaú supondo que havia muita fome na época (com base em Gên. 26.1 ss.) e a comida andava escassa. Assim, um prato de lentilhas poderia salvar-lhe a vida. Mas o texto sagrado não nos dá o menor indício disso.

25.33

Jura-me. . . Ele jurou. O único *dinheiro* envolvido foi o cozinhado vermelho. Ademais, houve alguma espécie de acordo (verbal), confirmado por um juramento. Ver no *Dicionário* o verbete *Juramentos*. O texto permite-nos saber que tais juramentos eram considerados legais e obrigatórios. Em caso contrário, por certo Esaú teria tentado reverter a situação, ao voltar-lhe o bom senso.

E vendeu o seu direito de primogenitura. Em troca de nada; em um momento impulsivo, para obter algo sem valor, sacrificando o que era valioso; para satisfazer uma obsessão física; em um momento de desvario.

25.34

Lentilhas. No hebraico, *adashim*. Ver Gên. 25.34; II Sam. 17.28; 23.11 e Eze. 4.9. Forneço uma nota detalhada sobre esse alimento no *Dicionário*.

Esaú Obteve o Que Queria. Mas na verdade, *perdeu* o que realmente tanto desejou ter, mais tarde. Obteve uma vantagem material temporária, mas perdeu algo de muito mais valor, e jogou fora a sua herança espiritual. Não admira, pois, que o autor da epístola aos Hebreus tenha-o chamado de "profano" (Heb. 12.16). Adam Clarke condenou Esaú, mas não se esqueceu de criticar seu *irmão desnaturado*, Jacó, que havia perpetrado a fraude. E assim Jacó adquiriu o direito de ser apelidado de *suplantador*. Por ocasião do nascimento dos gêmeos, Jacó tinha agarrado no calcanhar de seu irmão; e agora, tomava dele o seu direito de primogenitura. Ele tinha *reais* qualidades enganadoras, o que, talvez, fosse culpa de Rebeca. O trecho de Gênesis 27.6 ss. mostra que ela encorajou Jacó a perpetrar outra farsa. Apesar de suas qualidades (ver o capítulo vinte e quatro), ela tinha algumas falhas sérias. Ela falhava em dar *bom exemplo* a seu filho. Muito pelo contrário, ela lhe dava um mau exemplo. E, naturalmente, não houve muita dificuldade para convencê-lo, pois já tinha o pecado distorcedor em seu íntimo.

Esaú Desprezou o Seu Direito de Primogenitura. Ele se sentou para comer vorazmente, após seu tolo juramento; depois de encher a barriga, afastou-se, na inconsciência de seu gesto. Não se lamentou, não percebeu sua perda, não se entristeceu, não previu coisa alguma. Poderia ele ser o progenitor do Messias? Quem sabe? Seja como for, ele poderia ser mais do que era. Por outra parte, o resto do Antigo Testamento, se não mesmo as tradições judaicas e alguns poucos toques no Novo Testamento, falam bem a seu respeito. Portanto, deve ter havido algum desenvolvimento espiritual a partir daquele ponto.

O Targum de Jerusalém mostra-se especialmente severo com Esaú, alistando seus principais atos de estupidez, muito além do que diz o Antigo Testamento: Esaú desprezou sua participação no mundo vindouro e ele negou a ressurreição dentre os mortos. E o *Targum de Jonathan* adiciona a essa lista: Ele realizou atos idólatras; ele derramou sangue inocente; ele deflorou uma virgem no dia do desposório desta; ele negava a realidade da vida futura.

Capítulo Vinte e Seis

Isaque Vai a Gerar: Renovação da Promessa (26.1-35)

O Caso que Envolveu Isaque, Rebeca e Abimeleque (26.1-33)

Os críticos supõem que esta seção tenha vindo, essencialmente, da fonte informativa *J*, com algumas modificações baseadas em *E*. Ver no *Dicionário* o

verbete *J.E.D.P.(S.)*. Eles pensam que essa seção é uma *duplicação* do relato de Gên. 12.10-20 e 20.1-17 (que eles atribuem à fonte informativa *E*). Isso significa que eles crêem ter havido uma narrativa original, provavelmente aquela ligada a Isaque, mas que também foi posteriormente aplicada a Abraão, *como se* este tivesse passado por uma experiência similar. O episódio ocorrido no Egito e aquele relacionado a Abimeleque também são considerados modificações, *tradições* que foram adicionadas com base à história seguinte, considerada a mais primitiva das três. Os eruditos conservadores, porém, vêem em tudo isso apenas *repetições* naturais de eventos, e não duplicações de uma única fonte informativa, com vários adornos. Naturalmente, é verdade que os dois relatos são bastante similares. Para os conservadores, todavia, isso significa apenas que algo de parecido sucedeu na vida tanto de Abraão quanto de Isaque. Os Abimeleques envolvidos, de acordo com os críticos, refletiriam tradições diversas, envolvendo uma única pessoa. Em meio a controvérsias desse tipo, não nos devemos esquecer das importantes lições morais e espirituais aqui ensinadas. Notemos também que o *Pacto Abraâmico* (ver as notas sobre Gên. 15.18) é repetido neste capítulo, pois suas promessas foram reiteradas a Isaque, que daria continuação à linhagem física e moral de Abraão. Está em foco o Messias, embora o Novo Testamento seja o documento que adicionou a compreensão espiritual das implicações do Pacto Abraâmico (ver Gál. 3.14,17 ss.).

O Pacto Abraâmico Confirmado a Isaque (26.1-5)

Dou uma descrição detalhada do Pacto Abraâmico nas notas sobre Gên. 15.18, incluindo sua dimensão neotestamentária, concretizada em Cristo. As repetições desse pacto, em vários graus de abrangência, aparecem nos seguintes trechos do Gênesis: 12.1-4; 13.14-17; 15.1-7; 17.1-8; 18.18 ss.; 22.15 ss.; 26.4,5; 28.3.4.

Essas referências acompanham a transferência do Pacto Abraâmico de Abraão para Isaque, e daí para Jacó. O autor sagrado, naturalmente, conduzia-nos ao desenvolvimento da nação de Israel, que estava destinada a ser a grande mestra do mundo, e da qual viria o Messias, com Sua bênção para *todas as nações*. O propósito remidor estava operando de modo especial por meio de Abraão, e culminaria em seu Filho maior, o Messias. Ver Gál. 3.14,17 ss.

26.1

Sobrevindo fome à terra. Isso tem paralelo em Gên. 12.10, no que toca a Abraão. Ver a introdução a este capítulo, acima. Os críticos acreditam que o relato que se segue, neste capítulo, é a forma *original* de onde se desenvolveram relatos similares (Gên. 12.10-20 e 20.1-17). Os eruditos conservadores vêem nisso apenas acontecimentos similares, ocorridos na vida de Abraão e de Isaque, apesar de os pormenores serem muito semelhantes. Ver as notas sobre Gên. 12.10 quanto a um desenvolvimento dessa circunstância da *fome*. Ver no *Dicionano* o artigo chamado *Fome*. Em Gên. 12.10, vemos que foi a fome que empurrou Abraão ao Egito. O próprio autor sagrado lembra-nos de que Abraão teve uma experiência similar que envolveu fome.

Foi Isaque a Gerar. O paralelo fica em Gên. 20.1, a alegada duplicação desta passagem. As descrições geográficas são mais elaboradas naquela seção. Ver as notas ali sobre a circunstância que é duplicada neste versículo. Abraão tinha ido a Gerar, onde conhecera Abimeleque; agora, Isaque ia a Gerar, onde conheceu (outro) Abimeleque. Abraão e Isaque mentiram ambos sobre a identidade de suas respectivas esposas, apresentando-as como irmãs, a fim de escaparem de possível assassinato às mãos de chefes tribais que não hesitariam em matar um homem para ficar com sua mulher. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Filisteus, Filístia* e *Abimeleque*.

John Gill (*in loc.*) informa-nos que o incidente com Abraão sucedeu cem anos antes daquele registrado neste capítulo. Logo, é óbvio que está em pauta outro Abimeleque (talvez descendente do primeiro; ou, então, Abimeleque era um título real entre os filisteus, como Faraó o era no Egito).

Isaque chegou ali vindo de *Beer-Laai-Roi* (ver as notas a respeito em Gên. 24.6), onde havia residido por muitos anos (Gên. 24.62; 25.11). Ficava perto de Berseba (ver sobre este último lugar no *Dicionário*), talvez a treze quilômetros de distância.

26.2

Apareceu-lhe o Senhor. Abraão, antes de Isaque, recebeu muitas visitas divinas, que seriam teofanias (ver a respeito no *Dicionário*), ou o *Anjo* do Senhor (ver sobre *Anjo* no *Dicionário*), ou alguma visita do *Logos* no Antigo Testamento, conforme outros supõem. Ver Gên. 12.1; 15.1; 17.1; 18.1 e 22.11. O décimo quinto capítulo do Gênesis é especialmente instrutivo quanto às muitas experiências místicas de Abraão. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Misticismo*. Em seu sentido básico, essa palavra dá a entender o contato com o *Ser Divino*, por meio de visões, sonhos, teofanias, o Anjo do Senhor etc. Trata-se daquilo que algumas pessoas denominam experiências *espirituais*.

Ver Gên. 24.63 quanto ao hábito que Isaque tinha de *meditar*. Assim, pois, ele levava avante a linhagem espiritual de Abraão, repetindo as experiências deste e promovendo seus mesmos ideais religiosos.

Não desças ao Egito. Seu paralelo é Gên. 12.10, cujas notas devem ser examinadas pelo leitor. Mas ali, Abraão desceu ao Egito, o que aqui é proibido a Isaque. Alguns eruditos sugerem que os atos de Isaque, neste ponto, não foram isolados. Grandes contingentes de semitas estavam migrando para o Egito. A fome servia de inspiração adicional para essas migrações. Gerar não ficava na rota direta para o Egito, pelo que devemos imaginar aqui uma parada fora de rota, antes que houvesse surgido a idéia para Isaque descer ao Egito. De fato, ir a Gerar teria levado Isaque para o norte, e não para o sul. Assim sendo, Isaque foi a Gerar, e daí pretendia continuar viagem, mudando de direção e indo para o Egito.

Fica na terra. A Terra Prometida, prometida a Abraão, ou seja, a Palestina. Na emergência, a instrução dada a Isaque foi que ele não descesse ao Egito, mas permanecesse na Terra Prometida, onde seria ricamente abençoado. Ver o vs. 12 quanto ao cumprimento dessa promessa. Abraão tinha caído no erro de descer ao Egito, quando houve um período de escassez na Palestina, e passou por dificuldades. Faraó acabou por expulsá-lo do Egito, por causa do ludíbrio que tinha envolvido a identidade de Sara. Isaque foi advertido por inspiração divina para não cair no mesmo erro em que caíra Abraão. Contudo, em Gerar, ele repetiu *outro* dos erros de Abraão.

A Providência Divina. O livro de Gênesis reitera esse tema constantemente. O homem piedoso é dirigido pelo Senhor ao longo de seu caminho. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Providência de Deus*. A Bíblia, como um todo, tem um ponto de vista teísta, e não deísta. O teísmo ensina que Deus não somente criou, mas também agora guia, recompensa e castiga, estando interessado por todos os aspectos da vida humana. Mas o deísmo ensina que Deus, ou algum grande poder, pessoal ou impessoal, pode ter criado as coisas, somente para, em seguida, abandonar a sua criação aos cuidados das leis naturais. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Teísmo* e *Deísmo*.

26.3

Habita nela. Isaque deveria levar uma vida de seminomadismo, conforme fizera Abraão. Mas se ele não tinha residência fixa, Deus estaria sempre com ele, e Sua presença garantiria a bênção e um suprimento abundante, apesar da fome que se espalhara pela região. Novamente é enfatizado o princípio da providência divina, anotado no versículo anterior. Essa circunstância leva-nos a outra reiteração do *Pacto Abraâmico*. Ver notas completas sobre esse pacto em Gên. 15.18, e ver também os comentários de introdução ao primeiro versículo deste capítulo.

As Peregrinações de Abraão. Isso é visto em Gên. 20.1 e 21.33,34. As jornadas de Jacó são referidas em Gên. 32.4 e Sal. 105.23. Ver também Gên. 24.3 quanto à própria declaração de Abraão a esse respeito. O trecho de Hebreus 11.9 expõe uma metáfora espiritual com base nessa questão, no tocante aos três, Abraão, Isaque e Jacó. Os homens espirituais são cidadãos da pátria celeste e nômades na terra, pois aqui não têm pátria permanente. Os patriarcas eram peregrinos, indo para onde houvesse maior abundância para os seus rebanhos de gado vacum e ovino.

Onde tocassem os seus pés seria *deles* algum dia, uma parte da promessa de terras do Pacto Abraâmico. Finalmente, haveriam de adquirir uma pátria. Isso fazia parte necessária do seu pacto, visto que uma *nação* (uma pátria) finalmente viria à existência, mas não antes da Grande Peregrinação no Egito, após cerca de quatrocentos anos.

Todas estas terras. Tais territórios, no momento, eram possuídos por várias tribos de filisteus, de cananeus e de outros povos hostis. Abraão jamais veria a concretização desse aspecto do Pacto Abraâmico. Ainda passar-se-ia muito tempo, dentro da longa estrada da história de Israel. Mas a promessa que o Senhor lhe tinha feito servia de grande raio brilhante, que iluminava a estrada que se alargaria. Minhas notas sobre Gên. 15.18 dão as *dimensões* do território prometido a Abraão.

A Bondade de Deus. Esta fazia parte da providência divina. Abraão havia descido ao Egito. Ali passara por tribulações, mas tinha sobrevivido. Isaque, porém, era agora proibido de entrar no Egito. A mente divina tinha razões para isso. Talvez ele não pudesse sobreviver à viagem, ou, então, alguma grande dificuldade poderia ter de ser enfrentada por ele, que ele não poderia manusear. Algumas vezes são importantes as áreas geográficas. Não devemos ir a certos lugares, nem viver em certos lugares. Os *lugares* por onde vamos devem ser determinados pelo Senhor, e quanto a isso devemos buscar a *orientação* do Senhor!

O juramento que fiz a Abraão. A provisão do território, mencionada por diversas vezes em que o Pacto Abraâmico é reiterado. A promessa divina agora é transferida para Isaque, que era o instrumento escolhido para dar continuidade ao *desígnio* do Senhor.

26.4

Todos os elementos aqui mencionados são reiterações das promessas feitas a Abraão.

Como as estrelas dos céus. Ver as notas sobre essa expressão em Gên. 15.5 e 22.17.

Um Acúmulo de Metáforas. A descendência de Abraão multiplicar-se-ia como:
1. As estrelas (notas em Gên. 15.5).
2. A areia (notas em Gên. 22.17 e 32.12).
3. O pó da terra (notas em Gên. 13.16 e repetido em 28.14).

Várias nações descendiam de Abraão: Israel, através de Isaque e Jacó; doze príncipes de Ismael; várias nações árabes (Gên. 17.20; 25.13 ss.), além de várias tribos árabes através de Quetura (Gên. 25.1 ss.) e os idumeus, através de Esaú (Gên. 25.30; 36.10 ss.).

... lhe darei todas estas terras. Ver as notas expositivas no vs. 3 deste capítulo.

Serão abençoadas todas as nações da terra. Afirmado e anotado em Gên. 12.3; 18.18 e 22.18. O trecho de Gál. 3.14 ss. fornece-nos a dimensão espiritual da promessa divina. Está em pauta a grandiosa promessa espiritual por meio do Messias, através do Filho maior de Abraão.

26.5

Porque Abraão obedeceu. Isso repete o que se lê em Gên. 22.18, onde a idéia é comentada. O incidente particular de obediência que aparece no texto é o sacrifício de Isaque, a prova suprema por que passou Abraão. Neste versículo, a obediência é generalizada para que indique os *mandamentos, os estatutos* e *as leis* de Deus. Tal delineamento parece falar sobre a legislação mosaica, dada séculos mais tarde, ou seja, parece ser uma reverberação daquela legislação posterior, tão abrangente em seu escopo. Os críticos usam este versículo para atribuir o Gênesis a uma data posterior. Ofereci material relativo à *data* da composição de Gênesis na segunda seção da introdução ao livro, intitulada *Composição*.

Acúmulo de Termos Legais. Esses referem-se aos preceitos e ordenanças morais, cerimoniais, civis e individuais que, dentro da cultura dos hebreus, vieram a cobrir todos os aspectos imagináveis da vida e do pensamento dos hebreus. Finalmente, uma canga mais pesada do que qualquer pessoa poderia suportar (Atos 15.10) foi acumulada sobre os judeus. Contudo, foi através da obediência à vontade de Deus, revelada em tais questões, que Abraão obteve essa aprovação divina, com todas as suas provisões.

Isaque Ludibria: o Caso de Abimeleque (26.6-11)

Tal como Abraão fizera no Egito, Isaque também pespegou um ludíbrio em Gerar. São óbvios vários pontos paralelos entre o episódio que envolveu Abraão e este caso:
1. Houve fome (Gên. 12.10).
2. Abraão foi ao Egito: Isaque planejou ir (12.11).
3. Houve uma permanência em Gerar (20.1).
4. As esposas foram chamadas de *irmãs* (12.12,13; 20.2,11,12).
5. A beleza feminina era uma questão problemática que exigia cautela (12.11,14).
6. Abimeleque não quis cometer adultério (20.4-7).
7. Uma possível sentença de morte seria imposta ao ofensor (20.3).
8. O inferior, Abimeleque, repreendeu ao superior (20.9,10). Faraó tinha repreendido a Abraão (12.18 ss.).
9. Em Gên. 21.22 e 26.26, há um Ficol (Picol) envolvido.

Naturalmente, há diferenças nas três histórias. Ver a introdução a este capítulo quanto a comentários sobre a questão. Os críticos pensam que o relato original (relativo a Isaque) foi injetado na história de Abraão, embora não pertinente a este último. Os eruditos conservadores apenas crêem que "a história se repete". Cerca de cem anos separaram os dois episódios, o do Egito e o de Gerar. Cf. Gên. 12.11-20; 20.1-17 e 26.6-16.

26.6

Gerar. Ver no *Dicionário* o artigo sobre essa localidade. O trecho paralelo é Gên. 20.1, que dá detalhes geográficos mais elaborados.

26.7

É minha irmã. Ver os paralelos em Gên. 12.13,19; 20.2,5,12. A última destas referências mostra que, no caso de Abraão, isso apontava para uma meia-verdade, visto que Sara era, de fato, sua meia-irmã. Mas Rebeca era prima de Isaque. Ver as notas introdutórias a este capítulo, quanto às várias relações de parentesco dentro da família de Abraão. A beleza de Sara fora enfatizada, tal como aqui é destacada a beleza de Rebeca, "porque era formosa de aparência". Ver Gên. 12.14. O temor de Abraão e de Isaque de que uma mulher bonita poderia ser arrebatada por algum chefe tribal injusto, deixando o seu marido morto, era justificado, motivo pelo que foi escolhido um mal menor, uma mentira, para salvar a vida. Naturalmente, é claro que a virtude da esposa seria assim sacrificada. No caso de Sara, no Egito, nada é revelado se assim aconteceu com ela. Mas no caso de Rebeca, vemos no vs. 10 deste capítulo que nada lhe aconteceu. Mas no caso de Sara, com o *outro* Abimeleque (ver Gên. 20.6), sua virtude também não foi posta a perigo.

Repetição de um Erro. Sob temores e pressões similares, Isaque caiu no mesmo lapso em que caíra Abraão. Uma mentira é algo dito com o intuito de enganar. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Mentir (Mentiroso)*.

26.8

Por muito tempo. Esta narrativa não diz que Abimeleque tentou cortejar Rebeca imediatamente, o que sucedera com Sara no Egito e em Gerar (ver os caps. 12 e 20 de Gênesis). Passou-se muito tempo, e Isaque e Rebeca receberam permissão de habitar no país. Mas permanecia o perigo de algum outro homem tentar cortejar Rebeca. Essa é uma das principais diferenças entre este episódio que envolveu Isaque, e aquele primeiro, que envolveu Abraão.

Acariciava. Embora inocentes, tais carícias um homem não praticaria com sua própria irmã, a menos que houvesse um caso de incesto. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Incesto*. No hebraico, esse verbo vem da mesma raiz de onde vem o nome próprio Isaque, pelo que, ao que parece, o autor sagrado quis fazer um jogo de palavras: "O acariciador acariciava". Adam Clarke (*in loc.*) falou sobre "liberdades e licenças" que um observador jamais esperaria ver entre um homem e sua irmã. Assim, a conclusão natural foi: "Ela é esposa dele!". E Abimeleque chegou sem dificuldades a essa conclusão. John Gill (*in loc.*) mostrou-se mais ousado que Clarke, pois comentou como Isaque e Rebeca estar-se-iam rindo e abraçando, beijando-se com freqüência *e coisas como essas*. Não era assim que se comportaria um irmão com sua irmã.

26.9

Isaque Desmascarado em Sua Mentira. Quase todas as mentiras acabam embaraçando ao mentiroso. Isaque foi apanhado nas teias que ele mesmo tecera. Abimeleque repreendeu-o e lhe perguntou "por que" ele tentara ludibriar acerca de sua mulher. Ver Gên. 12.17 ss. e 20.6 ss. No primeiro caso, as muitas pragas que caíram sobre o Egito revelaram a Faraó que algo estava errado. Ele *deduziu* que a dificuldade girava em torno de Sara. No caso do outro Abimeleque, foi-lhe divinamente dado um *sonho* que revelou a verdade. Em ambos os casos, houve alguma severa repreensão, onde algum homem inferior repreendeu algum homem superior, o que comentei nas notas sobre Gên. 20.9. Abimeleque, o pagão, repreendeu Abraão, o justo. Isso é ridículo, mas algumas vezes os crentes caem em erros ridículos. Neste capítulo, Abimeleque manteve certa distância. Não havia amizade, nem aliança, nem sinais de respeito. Os relatos diferem quanto a essas características. Mas a essência dos relatos é a mesma.

O Temor de Perder a Vida. Esse temor inspira-nos a quase qualquer ato. Os ricos sacrificam suas riquezas e propriedades adquiridas com grande labor para salvar a vida de um filho seqüestrado, pois uma alma é mais preciosa do que todas as riquezas do mundo (Mar. 8.36,37). Ninguém já chegou a odiar a sua própria vida, mas o amor lhe dá valor (Efé. 5.29). E mesmo as pessoas mais altruístas amam e protegem sua própria vida, por causa do bem que podem fazer em favor do *próximo*.

26.10

Que é isso que nos fizeste? Abimeleque preocupava-se com a culpa pelo adultério que poderia ter sido imposta a ele e à sua gente. Isso tem paralelo em Gên. 12.17 ss., onde o mal, realmente, sobreveio a Faraó, por ter posto Sara entre as mulheres de seu harém; e também em Gên. 20.3, onde Abimeleque pensou que a morte física poderia ser o resultado, *se* ele tivesse tocado em Sara; e também nos versículos 17 ss., onde foi mister que Abraão orasse para que a praga divina da infertilidade fosse suspensa de Abimeleque e seu povo, um juízo que pairava sobre eles porque Sara estava no harém daquele chefe.

Aqui e no vigésimo capítulo, Abimeleque aparece como um pagão incomum, alguém que havia crescido até uma boa espiritualidade e se conduzia de acordo com isso. Nas notas sobre Gên. 20.18, ver um significativo comentário de Adam Clarke acerca da questão.

O pecado expõe o pecador ao perigo, mesmo quando se trata do pecado de outrem. É preciso a vida inteira para que se aprenda a seriedade do pecado. Brincamos com o pecado, mas o pecado não brinca conosco.

Facilmente algum do povo teria abusado de tua mulher. Homens profanos vivem à cata de oportunidades de outra conquista sexual. Olhos cobiçosos tinham-se fixado em Rebeca, por ser ela uma mulher formosa, e seria apenas uma questão de tempo até alguém tê-la abordado. A palavra aqui traduzida por "facilmente" pode ser traduzida por "mais um pouco", o que parece indicar que já havia algum desígnio em operação, talvez uma iniciativa do próprio Abimeleque, do que resultaria um ato de adultério.

26.11

Certamente morrerá. Foi imposta a pena de morte. O rei Abimeleque determinou: "Quem tocar nesta mulher, morre!". A punição capital foi vinculada à questão. Isso é um paralelo da atitude que vemos em Gên. 20.6 ss. (especialmente o vs. 9). O grande temor de Abimeleque era quanto ao juízo divino. E assim, temeroso, ele tomou providências drásticas para proteger Rebeca, a fim de que algum grande mal não viesse a derramar-se sobre o seu povo. Nisso, como se vê em muitos outros casos no livro de Gênesis, vemos a ênfase sobre a providência de Deus, o qual protege àqueles que Lhe pertencem. Ver no *Dicionário* o artigo *Providência de Deus*.

A Ironia. O que Isaque deveria ter feito a fim de proteger sua mulher, isso acabou fazendo Abimeleque, o rei pagão.

Adultério e Pena de Morte. Na legislação mosaica, a pena imposta ao adultério era a morte. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Adultério*. Antigas fontes históricas mostram que essa pena também havia entre os cananeus, ainda que fosse imposta com extrema raridade.

As Omissões. Os relatos dos capítulos doze e vinte mostram que Abraão recebeu ricos presentes da parte de Faraó e de Abimeleque. No caso deste último, isso foi feito, pelo menos em parte, por temor à *ofensa* que poderia ter sido feita a Sara. Abimeleque queria alcançar o favor de Abraão, o profeta (vss. 7 e 14 ss.). A versão deste capítulo, porém, deixa de fora tudo isso, dizendo que Isaque conseguiu prosperar por sua própria indústria. Mas em todos os casos há paralelismo quanto à *prosperidade*.

26.12

Isaque Semeou e Colheu Cem Vezes Mais. Ele obedecia a Deus, apesar de seus lapsos. E não desceu ao Egito, conforme lhe fora ordenado. Permaneceu onde a fome mostrava-se ameaçadora. É verdade que ele *semeou*. Cumpriu a sua parte, mas Deus é que lhe estava dando sucesso e prosperidade extraordinária. Nisso vemos uma lição.

Dificuldades para o Sucesso. Raramente obtemos bom êxito automática e facilmente. Colhemos em proporção direta à nossa semeadura, exceto se Deus nos der acima e além de nossos esforços. A história provê muitos exemplos inspiradores no que tange a essa questão. Entre os primeiros colonos daquilo que mais tarde tornou-se os Estados Unidos da América do Norte, estiveram os Peregrinos de Plymouth. Tiveram o infortúnio de chegar pouco antes de um rigoroso inverno. Não estavam preparados para isso, e boa parte do grupo morreu logo no primeiro inverno. Foram tentados a desistir da aventura, mas resistiram. Não poderiam prever a grande nação que se originaria de seus esforços. Hoje em dia, os curiosos visitam o cemitério onde ainda estão os ossos daqueles peregrinos. Quando alguém penetra naquele cemitério, tem a estranha sensação de que, sob os seus pés, estão os ossos daqueles que "chegaram primeiro" a esse grande país, séculos atrás. Muita coisa já sucedeu durante esse tempo, devido, em parte, à coragem daqueles primeiros peregrinos, que enfrentaram perigos e privações, mas não abandonaram o seu projeto. "A história teria sido diferente e mais pobre, caso eles não tivessem agüentado firme" (Walter Russell Bowie, *in loc.*). Pensemos no missionário em um posto solitário, que tivesse deixado para trás um país rico; pensemos em um professor de uma área rural que tentasse obter êxito em uma escola pobre e mal equipada; pensemos em um pastor que dirige uma igreja presumivelmente destituída de importância. Isaque enfrentava a fome, mas não desceu para o afluente e rico Egito. Todavia, em meio à necessidade, o plano divino continuava a operar, e, finalmente, Isaque prosperou acima de todas as expectativas. Por trás dele estava a mão invisível de Deus; invisível, mas *real*.

Cento por um. **Uma linguagem figurada que parece indicar a colheita máxima que alguém poderia esperar na Palestina (Mat. 13.8), ainda que, noutros lugares, houvesse colheitas mais produtivas ainda.**

26.13

Prosperou, ficou riquíssimo. Há muitas coisas que um homem, dedicado a Deus e correto, pode fazer por seu trabalho e em favor do próximo, se tiver dinheiro. Portanto, dêem-nos dinheiro! Mas também dêem-nos sabedoria. A cobiça arruína a tudo. A insensatez anula as boas intenções. Isaque ficou rico por haver obedecido a Deus e ficado longe do Egito (vss. 2 e 3). Algumas vezes, os piedosos obtêm dinheiro. O dinheiro corrompe, e os piedosos precisam, *antes de tudo*, de sabedoria e de espiritualidade. E, então, podemos receber dinheiro com *segurança*. O texto hebraico aqui é enfático: ". . .e o homem ficou *grande*; e ele continuou avançando, e ficou *grande*, até ficar *excessivamente grande*". Palavras simples, mas de profundo significado.

Grande "em possessões materiais, bem como em honra e glória entre os homens. . . assim era mister, pois Deus lhe deixara tudo quanto possuía, sendo ele muito rico em gado, ouro e prata, e visto que Isaque, *desde então* enriquecera mais ainda, sobretudo depois de haver chegado em Gerar, tendo-se tornado o maior homem do país, sim, maior que o próprio rei Abimeleque, conforme se depreende do vs. 16" (John Gill, *in loc.*, um comentário entusiasmado).

O autor salientou isso porque queria mostrar que vale a pena obedecer a Deus. Mas também ordenou a preparação para a partida de Isaque de Gerar. Isaque tornara-se homem importante demais para residir ali. Era uma ameaça para os seus vizinhos, e saiu dali antes que surgissem dificuldades mais sérias.

26.14

Grande Acumulo de Riquezas. O autor ilustra aqui a sua tese, algo que ele também havia feito no caso das riquezas de Abraão (Gên. 13.2 e 20.14 ss.). Os tesouros antigos eram calculados com base no peso do ouro e da prata, com base no gado possuído, com base nas vestes e no número de escravos e servos. Isaque possuía todos os indicadores econômicos da abastança. ". . .se, na vida de um homem, há tanta atividade e abundância, deve haver pessoas envolvidas, bem como muito lucro para manter as atividades" (Ellicott, *in loc.*).

... lhe tinham inveja. Os vizinhos de Isaque permitiram que ele prosseguisse, mas logo Isaque haveria de enfrentar obstáculos. Os filisteus começaram a invejá-lo; tinham receio de seu poder; ele era um estrangeiro entre eles, e em breve começariam a tomar medidas para livrar-se dele (vss. 16 e 17). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Inveja*. Isaque, o homem rico, estava enfrentando os problemas que geralmente afetam os ricos.

Dificuldades por Causa dos Poços (26.15,16)

Esse episódio tem paralelo em Gên. 21.25 ss., onde Abraão enfrentou dificuldades com Abimeleque, por causa do suprimento de água. Naquele caso, foi conseguida uma solução pacífica. Cem anos mais tarde, entretanto, de Isaque foi simplesmente solicitado que fosse embora. Abraão tinha escavado os poços e estes faziam parte da herança de sua família. Mas com a passagem do tempo, o respeito à propriedade foi diminuindo. A terra era "deles", e não de Isaque, pelo que o "estrangeiro" Isaque perdeu direito à terra. Sem dúvida, ele levou tudo quanto possuía, não tendo sido prejudicado de modo especial, excetuando a inconveniência de ter de encontrar um novo lugar onde lançar raízes. Mas para alguém que era um seminômade, isso era rotineiro.

26.15

... lhe entulharam todos os poços. Qual a importância dos poços? Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Poço* e *Cisterna*. Os patriarcas percorriam um território ressequido e sedento. Muitas pessoas e animais os acompanhavam. Daí a necessidade de água abundante. Aquele era um problema crítico.

"Os poços referidos no Gênesis têm nomes significativos, e estão ligados a eventos significativos:

1. *Beer-Laai-Roi*, 'poço daquele que vive e me vê' (Gên. 16.14; 24.62; 25.11).
2. *Berseba*, 'poço do juramento do pacto' (Gên. 21.25,33; 22.19; 46.1-5).
3. *Eseque*, 'contenda' (Gên. 26.20).
4. *Sitna*, 'ódio' (Gên. 26.21).

Esses dois últimos poços, Eseque e Sitna, foram mandados cavar pelo próprio Isaque. Depois, ele passou a viver perto dos antigos poços de seu pai.

5. *Reobote*, 'amplidão' (Gên. 26.22)." (C. I. Scofield, *in loc.*).

"No Oriente, quem cavava um poço era considerado um benfeitor público; mas os filisteus entulharam os poços mandados cavar por Abraão, provavelmente por pensarem que a propriedade que mantinha entre eles (embora confirmada pelo pacto entre ele e Abimeleque, Gên. 21.32) era uma *intrusão* em seus direitos como povo que dominava o território. E também tornaram-se invejosos, diante do

rápido progresso das riquezas de um estrangeiro, pelo que resolveram expulsar Isaque do meio deles" (Ellicott, *in loc.*).

26.16

Aparta-te de nós. És grande demais para nós, e esta é a nossa terra. Deixa-nos em paz. Pelo menos, porém, não o atacaram nem tentaram matar a ele e aos membros de sua casa. A hostilidade deles, entretanto, era ameaçadora, portanto Isaque os atendeu na exigência deles. Isaque tinha buscado refúgio entre o povo de Abimeleque. Ele estava fugindo da fome. Deus o tinha abençoado materialmente de forma notável. A hospitalidade então desapareceu, e, havendo tantas ameaças pairando no ar, Isaque teve por bom alvitre ir-se embora. Existem começos que são fins. Precisamos de sabedoria para distinguir ambas as coisas.

"A *inveja* pública é um *ostracismo* que sujeita os homens a eclipses, quando eles ficam *grandes demais*" (Francis Bacon). Um Faraó posterior oprimiu o povo de Israel pela mesma razão.

26.17

Isaque saiu dali. Agora Isaque pôs-se de novo em movimento. Os patriarcas de Israel eram seminômades. Eles viviam mudando-se de lugar para lugar. Não conseguiam grande cultura nem contribuíam para as artes e as ciências. Mas deixaram-nos uma grande herança espiritual. Isaque deixou a cidade de Gerar e foi acampar-se no vale de Gerar. Mas as dificuldades seguiram-no até ali. E, finalmente, regressou a Berseba (vs. 23). A hostilidade de seus vizinhos não o deixava sossegar.

Vale. No hebraico, *nahal*, um *wadi*, um leito de rio raso, que durante o verão fluía torrencialmente, mas secava durante a maior parte do ano. No leito desses wadis usualmente podia ser encontrada alguma água, ali depositada nos dias de chuva e de correnteza. Conforme revelou Josefo, o lugar não ficava longe de Gerar (*Antiq.* 1.1 c.18 sec. 2), embora não tenha dito qual a distância. Alguns traduzem aqui por "ribeiro de Gerar", mas na verdade estamos tratando com um lugar seco, com fluxos meramente periódicos de água, um típico *wadi* (ver sobre essa palavra no *Dicionário*).

26.18

Os poços. . . de Abraão. Esses poços haviam sido entupidos pelos súditos hostis de Abimeleque, mas agora eram reabertos por Isaque. Ver as notas sobre o versículo quinze deste capítulo, quanto à importância dos poços na Palestina. Esses poços foram reabertos, mas receberam os mesmos nomes que Abraão lhes havia dado. Parece que Isaque tentou restabelecer o poder e a presença de Abraão naquele lugar, uma espécie de *reivindicação* de território. Mas Isaque estava deslocado, e não demorou a perceber isso. Isaque tinha *direitos* sobre aquele lugar e sobre seus poços, mas algumas vezes é mais conveniente nos esquecermos de nossos direitos.

Os mesmos nomes. Ver o vs. 15 deste capítulo quanto aos nomes desses poços, alguns deles muito significativos no relato do livro de Gênesis.

Um Autêntico Conservantismo. Sabiamente, Isaque respeitou o que Abraão havia realizado. A renovação dos poços de Abraão envolve uma parábola permanente. Isaque voltara aos *poços comprovados*, pertencentes a seu falecido pai. A juventude, em seu zelo pela novidade, pode esquecer que os caminhos antigos foram estabelecidos mediante muita labuta e sabedoria. Isso não diminui a importância das mudanças, quando necessárias, mas serve de palavra de cautela contra a radicalidade que rejeita todo o bem realizado por outros que viveram antes de nós. A vida não começa de novo a cada nova geração que entra em cena. A vida é uma continuação, alicerçada sobre fundamentos antigos. Precisamos tanto do novo quanto do velho. O novo não pode excluir o velho, e vice-versa. Precisamos de *alicerces*, embora também precisemos de *um novo edifício*. A juventude rebela-se em face de sua imaturidade. Os ultraconservadores temem qualquer mudança. Ambas as posições são extremas. "Nenhum de nós é infalível, nem mesmo os mais jovens!" (Jowett de Baliol). "Isaque era sábio o bastante para saber que aquilo que seu pai tinha descoberto ser bom, também era bom para ele" (Walter Russell Bowie, *in loc.*). Os poços dos pais são ricos em tradições e em sabedoria. Os poços dos jovens abrem novas perspectivas. Precisamos de ambos os tipos de poços. Os pioneiros abrem novas veredas. Aqueles que os seguem, fazem essas veredas tornar-se auto-estradas.

26.19

Um poço de água nascente. Isso equivale a dizer um poço com água *abundante*. Abraão tinha feito um bom trabalho. E agora Isaque tirava proveito disso. É bom quando podemos tirar proveito tanto do trabalho alheio quanto do nosso mesmo. Isso faz-nos lembrar das graças perenemente vivas do Espírito de Deus (João 4.10; 7.38), as quais se tornaram reais para nós mediante a missão messiânica de Jesus, o Filho de Deus.

Água nascente. Eram fontes de onde brotava água corrente (e não meros depósitos de água parada). Ver Lev. 14.5,50; 15.30; Núm. 19.17; Can. 4.15; João 4.10-14; 7.38; Apo. 21.6; 22.1. Devemos pensar aqui em alguma fonte *permanente*, que nunca cessava.

26.20

Contenda por Causa da Abundância. A água era escassa na região. Mas Isaque, subitamente, tinha muita água. E seus adversários não demoraram muito para tomar-lhe a fonte. "Essa água é nossa. Esta é a nossa terra. Vai para a tua terra, ó Isaque!"

Eseque. No hebraico, "contenda", visto que houve contenda por causa da água, entre os pastores de Isaque e os de Gerar. Ver o vs. 15 quanto aos nomes dos vários poços referidos no livro de Gênesis. O egoísmo está sempre presente. As nações fazem guerra em busca da abundância, para tomarem o que é de "outros", por puro egoísmo. As teorias econômicas estão alicerçadas sobre esse princípio de aquisição própria e de distribuição das riquezas. Alguns filósofos pensam que o egoísmo é a base de todo pensamento e ato humano. Apesar de isso certamente ser um exagero (o amor é um princípio vivo no homem), grande parte desta vida ocupa-se somente em obter cada qual para si mesmo, em detrimento de outros! O princípio moral da vida e a lição espiritual é que devemos aprender a amar; aprender a ser generosos; aprender a considerar o próximo. Esse é o princípio sobre o qual está fundamentada a missão salvatícia de Jesus (João 3.16), sendo essa a grande prova da nossa espiritualidade (I João 4.7,8). Ver no *Dicionário* o artigo sobre o *Amor*.

26.21

Sitna. No hebraico, "ódio". A desavença tornou-se em *ódio* franco, o pior dos princípios negativos, o equivalente satânico ao amor de Deus. Mas como é fácil, até para pessoas boas, "odiar", e isso em nome de uma justa indignação. Esse princípio, pelo lado negativo, é tão forte quanto o amor pelo lado positivo. Aqueles que devem saber o que estão dizendo, informam que a possessão demoníaca é quase impossível sem o ódio. Assim, Deus é amor; e Satanás é ódio. Ver os dois artigos, no *Dicionário*, intitulados *Ódio* e *Odium Theologicum*. Satanás é cheio de *malícia*, a ponto de ser esse um de seus nomes. Os pastores de Gerar, pois, foram possuídos por um espírito diabólico, cheio de ódio, inveja, despeito e malícia. O ódio sempre acaba manifestando-se na forma de *perseguição*, de atos negativos, da mesma maneira que o amor sempre se manifesta por meio de atos de *bondade* e *generosidade*.

26.22

Outra Mudança. Isaque não resistiu ao mal, obedecendo a um princípio que seria claramente ensinado por Jesus (Mat. 5.39). Havia muito espaço para todos, e a bênção de Deus haveria de segui-lo a qualquer nova localização que escolhesse. E dessa vez, ele se afastou para longe da *contenda*.

Reobote. Esse nome significa "amplo", "espaço aberto". Tem sido modernamente identificado com o wadi Ruhaibeh, atualmente entulhado, mas originalmente uma fonte com cerca de 3,60 metros de diâmetro, construída com pedras lavradas. Ficava a cerca de sessenta e quatro quilômetros de Gerar. Naquele "espaço aberto", pois, Isaque encontrou paz e prosperidade, embora não tivesse sido seu pouso final. Havia muito espaço no deserto, e Deus abriu espaço para Isaque, ou seja, preparou um lugar pacífico para ele. Não se sabe dizer por quanto tempo ele se demorou ali, mas podemos estar certos de que foi um período de paz e prosperidade.

Há três lugares chamados *Reobote* nas páginas do Antigo Testamento, e forneço um verbete detalhado, com esse título, no *Dicionário*.

26.23

Subiu para Berseba. (Ver sobre essa localidade no *Dicionário*.) Isaque deixou o lugar onde encontrara paz e foi para Berseba, entre trinta e dois e quarenta quilômetros longe de Gerar. Dessa vez, ele não voltou para Beer-Laai-Roi, onde havia habitado antes por longo tempo, mas para o local de residência favorito de seu pai. Por assim dizer, ele estava retornando à terra de seu pai, onde também buscou a bênção de Deus. Essa mudança foi feita em meio à ansiedade e temor. Ele tinha enfrentado um longo período de contenda que poderia irromper sob a forma de guerra aberta. E buscara um contato com o Senhor no altar de Berseba (vs. 24). Ele e sua família já tinham vivido naquele lugar (Gên. 21.33 e 22.19). Podemos supor que a escassez que o forçara a entrar no território de Abimeleque havia passado. Agora, era bom voltar para casa.

26.24

Renovação do Pacto Abraâmico. Quanto ao *Pacto Abraâmico*, ver notas detalhadas em Gên. 15.18; e, no *Dicionário,* o verbete *Pactos*, quarta seção.

O Encorajamento Divino. A misericórdia do Senhor deu a Isaque um forte motivo para renovar seu espírito. Em meio ao temor e à ansiedade, foi reafirmado o pacto, o que, sem dúvida, infundiu nova coragem em Isaque.

O Senhor. No hebraico, *Yahweh* (ver no *Dicionário).* Isaque teve uma experiência (espiritual) mística. Ver no *Dicionário* sobre o *Misticismo.* Pode ter sido uma teofania (ver sobre esse termo no *Dicionário),* o Anjo do Senhor (ver sobre *Anjo*), ou uma aparição do Logos, no Antigo Testamento. Fosse como fosse, a presença divina reafirmou o pacto, infundindo forças novas em Isaque.

Abraão, meu servo. Isso também foi dito acerca de outras personagens, como Moisés (Êxo. 14.31), Josué (Jos. 24.29), o povo de Israel (Isa. 41.8), e o Messias (Isa. 52.13). Era um título de altíssima honra. Isaque participava dessa honra e de seus benefícios, parcialmente por causa de sua própria dignidade, mas principalmente por ser filho e herdeiro de Abraão.

"Abraão, o homem heróico, Isaque, o homem inconspícuo, Jacó, o homem inconsistente — cada um deles participou da revelação da multifacetada luz divina, que brilha por meio das almas humanas remidas. Não existem muitas almas como a de Abraão. Mas elas têm um grande valor — são os pioneiros espirituais, os canais de novas revelações. Mas elas mesmas nunca podem constituir a sociedade. Deus também precisa manifestar-se no homem quieto, como Isaque" (Walter Russell Bowie, *in loc.*).

26.25

Levantou ali um altar. Quanto ao fato de que Abraão também levantava altares, ver Gên. 12.7,8; 13.18; 22.9. Ver também, quanto a um período posterior, Gên. 33.20 e 35.1,3,7. Há um detalhado artigo, chamado *Altar,* no *Dicionário.*

Os Essenciais da Vida. Temos aqui o altar, a tenda e o poço. Todas essas coisas são necessárias à vida neste mundo. Mas o *altar* tem a prioridade. "Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas cousas vos serão acrescentadas" (Mat. 6.33). Todos os aspectos da existência têm origem em Deus. Viver é uma função dada por Deus, é uma dádiva de amor. Isaque, pois, armou a sua tenda.

> *. . .toda noite armo minha tenda portátil,*
> *um dia de marcha mais perto de casa.*
>
> (James Montgomery)

A peregrinação prosseguiu (ver Heb. 11.13). Isaque dispunha de seu poço, a fonte da vida. Minha alma anela pelo ribeiro de águas, o Deus sustentador (ver Sal. 42.1). Jesus dá aos homens a água da vida (João 4.14). O profeta convidava os homens a vir às águas (Isa. 55.1). Cf. esta cena, a adoração de Abraão, em Berseba. O episódio com Abraão também envolveu tratos com Abimeleque. Aqui a questão do altar vem antes do surgimento de (outro) Abimeleque em cena (vs. 26 ss.).

Tratos com Abimeleque; o Pacto (26.26-33)

Os críticos supõem que tenhamos aqui uma duplicação de Gên. 21.22-34, embora com algumas modificações na ordem de eventos, e com alguns detalhes diferentes. A história de Isaque, de acordo com alguns, seria mais antiga, mas teria sido injetada na vida de Abraão, de forma não-cronológica. Em ambos os casos temos Abimeleque e Ficol (Picol); mas no segundo relato devemos supor que ambos fossem descendentes das personagens da história relativa a Abraão. Cerca de cem anos separavam os dois eventos, embora os críticos neguem serem cenas diferentes. Os conservadores vêem nisso apenas uma repetição natural de eventos, nas vidas de Abraão e Isaque, pois este passou por certas coisas que seu pai também havia experimentado, e com descendentes de pessoas que tinham estado em contato com Abraão. Supõem alguns que esta seção mescle as fontes informativas *J* e *E*. Ver o artigo *J.E.P.D.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Mas há críticos que aceitam a base histórica da narrativa, uma espécie de acordo entre os habitantes de Berseba e os filisteus vizinhos, incluindo a questão do poço, tão importante nas regiões desérticas. Ver no *Dicionário* os artigos *Poço* e *Cisterna.*

26.26

Abimeleque. Ver o artigo sobre esse nome no *Dicionário*, e também idéias adicionais sobre ele em Gên. 20.2 e 21.22 ss. Quanto à idéia de tolerância religiosa, ver especialmente Gên. 20.18.

Ausate. No hebraico, *possessão.* Ele era amigo de Abimeleque II, de Gerar, que cuidou dele em sua visita a Isaque (Gên. 26.26). No seu caso, encontramos a primeira instância de uma personagem não-oficial, chamada *amigo* ou *favorito* do rei. No Brasil, Dom Pedro I teve o seu Chalaça, o seu valido. Provavelmente, ele agia como conselheiro do rei. Jerônimo, seguido por vários intérpretes, pensava que Ausate era o nome de um grupo de amigos, ou conselheiros, e não de um indivíduo isolado. Os Targuns dos judeus especulam quanto a uma *companhia.* A Septuaginta chama-o de *paraninfo,* um ajudante geral, ou, mais especificamente, aquele que conduzia a noiva até a casa do noivo. Mas esse sentido, como é óbvio, é estreito demais para o presente texto, embora alguns pensem que um paraninfo acompanhava a Abimeleque por este ter-se casado recentemente.

Ficol (Picol). Ver Gên. 21.22. Os críticos supõem que esteja em pauta uma só pessoa, a mesma que figurara no relato sobre Abraão (cap. 21) e agora viera tratar com Isaque. Ver as notas de introdução a este versículo, quanto à alegada *duplicação* envolvida. É possível que esteja em pauta outro Ficol, talvez um descendente daquele mencionado no capítulo vinte e um. Ou, então, Ficol seria um *título* de algum comandante militar, que passava de um militar para outro.

O trecho de Gên. 26.26 é paralelo ao de Gên. 21.22, mas os relatos que se seguem são distintos. Nesse caso, há um paralelo com Gên. 21.25, onde coincidem as questões dos poços e do pacto, na tentativa de obter condições de paz.

26.27

Por que viestes a mim. . .? "Vós me expulsastes do vosso meio." As palavras de Isaque referiam-se aos maus-tratos que havia recebido em face de sua crescente abastança e poder (vs. 14), como também por causa dos vários incidentes que tinham envolvido poços (vss. 15 ss.). O vs. 16 registra especificamente o pedido para Isaque ir-se embora dentre os filisteus. E mesmo depois disso, Isaque continuara a ser molestado (vss. 20,21). O rei, ao que tudo indica, precisou decidir se teria paz ou se faria guerra. E resolveu manter a paz, um acontecimento raro. Isaque, o homem de paz, aceitou a abordagem pacífica, e firmou um novo acordo, conforme os versículos seguintes o mostram.

26.28

O Senhor é contigo. Abimeleque havia estado a meditar sobre a pendência. E percebeu que estivera errado ao permitir (ou ordenar) que seus homens perseguissem a Isaque. *Qualquer um* poderia notar que Deus estava dando prosperidade a Isaque. Ver os vss. 13 e 14. Seria um erro lutar contra Deus. Ademais, aquele que abençoasse a Abraão (e a Isaque) seria abençoado (Gên. 12.3 e 27.29). Essa era uma das provisões do *Pacto Abraâmico* (ver as notas a respeito em Gên. 15.18, bem como a quarta seção do artigo *Pactos*). Acresça-se que Isaque se tornara um homem rico e poderoso, e lutar contra ele poderia ocasionar muita perda sob a forma de propriedades e de homens. A paz era o curso mais *sábio.*

Senhor. No hebraico, *Yahweh.* Parece indicar que Abimeleque também estava envolvido no Yahwismo, ou, pelo menos, que tinha grande respeito pela fé de Isaque. Ver esse nome divino explicado no *Dicionário.*

Juramento. Um paralelo de Gên. 21.23,24. Naquele texto, Abimeleque estivera preocupado com a sua *posteridade,* e não somente com um relacionamento presente. Esse aspecto desaparece no presente texto. Ver as notas no trecho paralelo, quanto a detalhes.

26.29

Também não te havemos tocado. Sim, tinha havido perseguições e eles haviam entulhado os poços de Isaque. Mas não lhe fizeram nenhum dano físico. Poderiam ter atacado de surpresa Isaque e sua gente, eliminando todos. Em lugar disso, porém, tinham-no mandado embora sem nenhum dano físico. Esse foi um bom argumento. Novamente é aludida a incomum prosperidade de Isaque. Abimeleque quis tirar proveito disso.

". . .sua prosperidade dava a entender que o Senhor o estava abençoando, continua e constantemente. . . e isso induzira Abimeleque e os seus nobres a buscarem cultivar com ele amizade e boas condições de relacionamento" (John Gill, *in loc.*). Assim também, décadas depois, Labão quis ter Jacó por perto, porquanto era tão obviamente abençoado por Deus, e ele desejava compartilhar dessas bênçãos (Gên. 30.27).

26.30

O Acordo é Reafirmado. Houve uma festa para celebrar a confirmação do acordo que tinha sido feito com Abraão. Ver o trecho paralelo em Gên. 21.22 ss.

É tradicional que as pessoas se reúnam para festejar quando têm algo de significativo para celebrar. Até mesmo as formaturas acadêmicas são assim celebradas.

O "banquete" provavelmente incluiu um sacrifício especial, conforme também se vira em Gên. 15.9 ss., onde a questão é comentada. Esse sacrifício serviu para confirmar, de modo solene e simbólico, o acordo.

26.31

Juraram de parte a parte. Um contrato verbal obrigatório, testemunhado por todos os presentes, que ratificava o acordo. Provavelmente, os poços passariam a ser usados pelos homens de Isaque e pelos homens de Abimeleque. Isso evitou a guerra. E ambos os lados da questão puderam prosperar.

"Levantar-se cedo era o costume geral entre os primeiros habitantes do mundo, sendo essa uma das causas que contribuía para sua saúde e longevidade" (Adam Clarke, *in loc.*). Esse pequeno detalhe é mencionado com freqüência no livro de Gênesis. Ver 19.2,27; 21.14; 22.3; 28.18 e 31 55.

Isaque em Berseba (26.32,33)

Combinando este texto com os vss. 1-11 deste capítulo, veremos que Isaque migrara de Beer-Laai-Roi para Berseba, tendo feito uma pausa em Gerar. Assim, ele tinha associações com os altares desses dois lugares, santuários devotados a Yahweh. O vs. 33 informa-nos de que a própria Berseba recebera seu nome por causa de certas circunstâncias da vida de Isaque. Contudo, Gên. 21.33, ao que parece, liga a fundação de Berseba a Abraão. Os críticos vêem nisso o *alinhavo de tradições*, supondo que episódios atribuídos a Abraão na verdade tinham acontecido com Isaque, ou, em alguns casos, o contrário. Mas os eruditos conservadores encaram isso apenas como eventos similares na vida do pai e do filho. No tocante a Berseba, talvez Isaque tenha refeito o que Abraão tinha feito, pois os lugares mencionados eram importantes para ambos.

Uma lição que não podemos perder de vista é que o Yahwismo foi estabelecido na vida de Abraão e de Isaque, o que significa que uma nova fé religiosa estava lançando raízes, a qual se tornaria a fé da emergente nação de Israel. O monoteísmo dos israelitas estava tomando forma. Havia a unificação da nação sob um único Deus, um significativo acontecimento histórico e espiritual.

26.32

Nesse mesmo dia. . . lhe disseram: Achamos água. Ou seja, no dia em que Abimeleque e seus nobres partiram de volta. O sucesso veio de imediato, e a prosperidade estava aumentando. Quanto à importância de um bom suprimento de água nos lugares desérticos, ver no *Dicionário* os verbetes *Poço* e *Cisterna*.

Dois antigos poços foram descobertos em Berseba. Assim, não há certeza se o poço aqui mencionado seria um novo poço, ou, então, aquele que Abraão, cem anos antes, mandara cavar, mas que os filisteus tinham entulhado. Os críticos supõem que o poço em pauta fosse o poço de Isaque, mas que o episódio tenha sido transferido para a vida de Abraão no capítulo vinte e um do Gênesis.

26.33

Seba. No hebraico, *juramento*, referindo-se ao pacto feito entre Isaque e Abimeleque, no dia em que essa água foi achada. Berseba, pois, significa "poço do juramento", e a cidade recebeu esse nome com base nessa circunstância.

Berseba. Ver o artigo detalhado sobre esse local no *Dicionário*. O trecho de Gên. 21.31 dá-nos os mesmos pormenores acerca de nomes dados a lugares, como aqui; mas ali está em pauta a vida de Abraão, cem anos antes. Ver as notas introdutórias ao vs. 32 quanto a uma declaração sobre os problemas envolvidos. Os eruditos conservadores vêem aqui renovação e confirmação. Os estudiosos liberais vêem apenas mistura de tradições.

Esaú Desagrada a Seus Pais (26.34,35)

Esaú Era Homem de Decisões Erradas. Havia perdido seu direito de primogenitura da maneira mais ridícula (Gên. 25.29 ss.). Em seguida, casou-se de uma maneira que seus pais não aprovavam e contra o bom senso. Ele escolheu suas noivas dentre as mulheres hetéias, em vez de seguir o exemplo de Abraão e procurar esposa entre a sua gente (ver o capítulo vinte e quatro). É significativo que ao relato da aquisição de uma noiva, por parte de Isaque, dera-se longa atenção. O fato de Esaú ser polígamo não era contrário à antiga moralidade; mas ter-se ele casado *fora* de seu clã foi um desastre. Isso não só complicava as heranças e a continuidade da tribo, mas também tinha implicações religiosas, pois trazia elementos indesejáveis à vida de todos. Dou notas minuciosas sobre essas questões em Gên. 24.3, sob o título *Casamentos Mistos*, que faz uma aplicação moderna ao incidente. O que fica entendido nestes versículos é que Esaú (entre outras razões) não herdou a promessa por ter obtido *esposas estrangeiras*. Estes versículos, pois, são paralelos de Gên. 25.21-24 e 27.1-40.

Há outras implicações nestes versículos. A nação de Israel estava sendo formada em Isaque e em Jacó. Por meio de Israel viria a revelação divina e a mensagem espiritual. E daí viria o Messias, o Filho maior de Abraão. Isso não poderia ser conseguido se houvesse mistura de sangue com os hititas, que nada tinham a ver com o propósito divino. Assim, Esaú perdeu o seu direito dentro *desse* propósito divino, ainda que nem por isso tenha sido esquecido por Deus. Deus tinha preparado para Esaú um caminho inferior, mas continuava com ele.

Neemias repreendeu severamente os judeus que se tinham casado com mulheres não-israelitas. Foram forçados divórcios (Nee. 13.25). Os Macabeus, tempos depois, lutaram para preservar a identidade de Israel contra obstáculos avassaladores. No cristianismo, essa questão foi transferida para a fé religiosa, e não se resume a fatores raciais, porque, em Cristo, todas as nações são *uma* só (ver Gál. 3.28). Isso foi uma mudança revolucionária, mas que só teve lugar depois que o Messias tinha vindo ao mundo, através da nação de Israel. Então o próprio Pacto Abraâmico assumiu suas dimensões maiores, espirituais e universais, e, de modo significativo, *todas as nações* foram unidas em torno desse pacto e abençoadas pelo Messias. Ver Gál. 3.14 ss.

26.34

Quarenta anos de idade. Esaú, tal como seu pai, Isaque (Gên. 25.20), casou-se com essa idade, provavelmente por mera coincidência.

Judite. No hebraico, *judia* ou *louvada*. Esse é o nome de duas pessoas no Antigo Testamento. Uma delas é esta esposa de Esaú. Ela era filha de Beeri, um heteu. Nada sabemos acerca dela exceto o que transparece neste texto. É possível que, através dessa união, Esaú quisesse aumentar seu poder de influência. Ou, talvez, ela apenas fosse uma bela garota.

A outra pessoa com esse nome é a personagem central do livro de Judite (que, a rigor, não faz parte do Antigo Testamento, por ser um dos livros apócrifos). Ofereço uma descrição mais completa desse livro na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Ver no *Dicionário* o verbete *Hitita*.

Basemate. Esse é o nome de três pessoas no Antigo Testamento. Ver sobre as três no *Dicionário*. No hebraico, esse nome significa *fragrante*. Uma das esposas de Esaú tinha esse nome. Ela era filha de Elom, um heteu ou hitita. *Ada*, outra das esposas de Esaú, provavelmente era irmã de Basemate (Gên. 36.4). Mas alguns estudiosos identificam as duas como uma só supondo que a mesma mulher tivesse dois nomes. O trecho de Gên. 36.3 diz que Basemate era filha de Ismael. Nenhuma solução foi ainda encontrada para essa discrepância, embora muitas tenham sido propostas. Há mesmo quem pense que Esaú se casou com duas jovens do mesmo nome, embora filhas de homens diferentes. Isso é possível, mas não pode ser provado. Mas a questão não se reveste de grande importância, ainda que haja aqui uma verdadeira discrepância. Seja como for, o trecho de Gên. 36.2 nos dá uma lista mais longa de esposas de Esaú. Ver também Gên. 28.9.

Elom. Três pessoas são assim chamadas no Antigo Testamento, e também uma cidade. Ver no *Dicionário*. O Elom do presente texto era pai de *Basemate*, uma das esposas de Esaú. Nada de significativo é sabido sobre esse homem, exceto o que depreendemos do texto. O significativo é que ele era visto como intruso na pureza da família de Abraão, e que ele e suas filhas foram causa de muita preocupação mental para Isaque e Rebeca. Ver a nota de introdução ao vs. 34.

O *Targum de Jonathan* assevera que Elom e seus familiares eram idólatras, com costumes contrários ao habitual na família patriarcal, e provavelmente isso é correto. Não se tratava apenas de uma questão racial. Esse Targum também destaca a rebeldia de Esaú quanto a esse particular. Isaque e Rebeca não lhe permitiram casar-se sem protesto. "Esaú estava longe de ser um homem espiritual, e suas esposas eram totalmente carnais" (Adam Clarke, *in loc.*). Esaú violou o princípio lançado por Abraão (Gên. 24.3); perdeu seu direito à primogenitura e se pôs fora do escopo da promessa divina, da qual resultaria a vinda do Messias.

26.35

Amargura de espírito. Temos aí a velha história de filhos que causam tristeza a seus pais, por causa de maus casamentos. Algumas vezes, os filhos ou as filhas têm razão, ao passo que seus pais são preconceituosos, eivados de falsos padrões. Mas usualmente os pais é que estão com a razão. No caso desses versículos, os casamentos de Esaú com as mulheres hetéias só trouxeram confusão, visto que a idolatria e costumes pagãos lançavam o caos na família patriarcal.

". . . essa conduta de Esaú apenas serviu para prepará-lo para sua rejeição final e para a perda de seu direito de primogenitura. Esses dois versículos (o anterior e o presente), com toda a razão, poderiam ser postos no começo do capítulo vinte e sete" (Ellicott, *in loc.*).

Capítulo Vinte e Sete

Jacó (27.1 — 36.43)

Jacó Trapaceia o Irmão e Obtém a Bênção de Seu Pai (27.1-46)

Quanto a esta seção, os críticos vêem uma mistura das fontes informativas *J* e *E*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *J.E.D.P (S.)*, quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Observando o intercâmbio dos nomes divinos (Yahweh e Elohim), eles vêem um padrão intrincado de mistura de fontes. Os eruditos conservadores, por sua vez, vêem apenas o intercâmbio de nomes divinos por um único autor.

O relato bíblico informa-nos que Jacó (apesar de não ser o filho primogênito) obteve para si mesmo (com sua astúcia) o direito de primogenitura, que legalmente pertencia a seu irmão Esaú (o primogênito). Ver a nota detalhada sobre os direitos dos filhos primogênitos e suas vantagens, em Gên. 25.31. Ver também, no *Dicionário*, o verbete *Primogênito*. Tal como em Gên. 25.27-34, por extensão, esta seção conta por que Israel foi favorecido acima dos idumeus.

A Bênção Paterna. Havia algo de místico quando um pai abençoava seus filhos, onde havia profecias. Acreditava-se que um homem, em seu leito de morte, podia prever eventos significativos, e as pesquisas quanto às funções psíquicas confirmam isso. Quando desce a cortina da vida, sobe outra cortina. Naquele momento, a alma é liberada até certo ponto, podendo ver coisas que de outro modo estariam ocultas. O evento registrado neste capítulo teve um sentido especial, por estar envolvido o destino de nações, e não só de indivíduos. Ver o vs. 4 deste capítulo quanto a detalhes do poder da bênção de um homem moribundo.

Outra importante consideração é: "Como seria projetado o Pacto Abraâmico?" (ver as notas em Gên. 15.18). "Qual dos netos levaria avante esse pacto?" O texto responde: *Jacó*. O texto mostra-nos o *modus operandi* dessa escolha, ainda que, sem dúvida, a vontade divina já houvesse determinado a questão.

27.1

Isaque Velho e Cego. Chega o dia final de todo indivíduo. A juventude cede lugar à idade avançada, com todas as suas complicações. Lembro-me do dia em que me formei no colegial, faz quarenta anos, mas isso parece que foi ontem. Isaque, velho e cego, tinha passado a sua vida, prenhe de bênçãos, dignidade e abundância material. Agora o palco passava a ser preenchido por seus filhos. O que eles fariam? A vida deles estaria à altura da vida de seu pai? Levariam avante a tradição da família? Isaque, já cego, estava prestes a tomar uma importante decisão. Ele daria a sua bênção paterna. Estava prestes a fazer uma escolha errada, mas Deus haveria de corrigir as coisas. Usualmente, quando erramos, as coisas não correm bem. Ocasionalmente, um erro humano é usado por Deus, fazendo-o redundar em bem.

O homem reluta em enfrentar a brevidade da vida. Uma vida longa é desejável, o que comentei em Gên. 5.21. No entanto, a brevidade da vida é uma realidade constante que precisamos enfrentar. E mesmo uma longa vida é muito breve. Comento sobre isso em Gên. 25.7. Ouvimos falar de um homem que morreu sem deixar testamento e exclamamos: "Que estupidez!" Mas resta-nos alguma vontade final? Ninguém aprecia a morbidez de deixar no papel o que gostaria que fosse feito com suas coisas, depois da morte. Um diretor da British Broadcasting Corporation disse que tinha ouvido mais de seiscentos sermões pelo rádio, mas apenas *um* deles falava sobre a *morte*. É importante morrer bem e deixar nossas bênçãos para filhos e filhas. É importante passar adiante a nossa herança espiritual, e não apenas bens materiais. "Quantos pais têm um *testamento espiritual* que, acima de tudo mais, querem transmitir para os seus filhos?" (Walter Russell Bowie, *in loc.*).

O Material Conduziu ao Espiritual. Isaque gostava das caças que Esaú lhe trazia. Agora, pois, prestes a morrer, ele queria ter mais uma refeição deliciosa preparada por Esaú. Isaque comeria, abençoaria e morreria. Mas Jacó estava interessado na *bênção*, razão pela qual se fez presente, por insistência de Rebeca. A refeição redundaria em tristeza para Isaque e Esaú, e alegria para Rebeca e Jacó. Eram cumplicidades humanas que tinham produzido dissensão e separação, mas Deus estava fazendo valer a Sua vontade em meio às tortuosidades humanas.

Abraão tivera de fazer a divisão entre Isaque e Ismael (Gên. 21.11,12), embora ao preço de grande dor. Agora, Isaque enfrentava uma situação similar, entristecendo-se pelo que tinha de ser feito. Mas a providência divina estava operando, sendo este um dos principais temas do livro de Gênesis. Ver no *Dicionário* o verbete *Providência de Deus*.

Envelhecido. Agora Isaque estava com cento e trinta e sete anos, e Esaú e Jacó tinham cerca de setenta e sete, embora os intérpretes não concordem com essa exatidão. Mas Isaque continuou vivendo por muito tempo depois desse incidente, talvez quarenta anos, até a volta de Jacó de Padã-Arã. Ver Gên. 35.27-29. Isaque faleceu aos cento e oitenta anos.

27.2

Não sei o dia da minha morte. Embora longa, a vida é muito breve (ver as notas em Gên. 25.7). Mas quando um homem está idoso (Isaque estava com cento e trinta e sete anos), estabelece-se uma nova maneira de pensar. Muitas pessoas começam a tomar vitaminas e aspirina, para combater (ou adiar) o inevitável. Ainda recentemente, vi uma dama tomar oito pílulas durante o almoço, e fui informado que, em *outras* refeições, ela tomava *mais* pílulas! Ela queixava-se de que as pílulas, que supostamente deveriam devolver a cor de seus cabelos, não estavam funcionando. De fato, afinal de contas, *nada* dá certo. Conforme dizia um amigo meu: "Você tenta impedir a morte tomando várias medidas; e, então, de súbito, pam! ela o apanha de alguma maneira inesperada". Isso é morbidez, exceto pelo fato de que Deus está conosco, e Ele é o Senhor da vida e da morte. Precisamos depositar fé nesse fator. A imortalidade da alma é uma certeza. Ver no *Dicionário* o artigo *Alma*. É mais importante viver bem do que viver longamente.

Isaque estava envelhecido e cego. Talvez alguma enfermidade crônica tenha tomado conta dele. Logo, ele não sabia quantos *dias* ainda lhe restavam de vida. Por certo não esperava viver mais quarenta anos, mas a graça de Deus concedeu-lhe esse tempo. Senhor, concede-nos tal graça!

27.3

Aljava. Talvez tenhamos aqui uma tradução correta, posto que o termo hebraico correspondente seja duvidoso quanto ao seu sentido. Vem de uma palavra que significa "pendurar", provavelmente indicando algo que fica pendurado no ombro. Uma aljava é um receptáculo para flechas. Sua proximidade com a palavra *arco* facilita interpretarmos o seu significado.

Apanha para mim alguma caça. Esaú sempre servira bem a Isaque. Não podemos esquecer as boas qualidades que havia em Esaú. Sua especialidade era a caça, o que para ele era um meio de suprir-se de alimentos, sem falar no prazer da caça. Feliz é o homem que pode combinar o que ele faz para sobreviver com satisfação. Poucuíssimos têm esse privilégio. Ver Gên. 25.27, que nos diz que Esaú era um *perito caçador*, um homem do campo, em contraste com Jacó, que preferia permanecer em sua tenda ou cuidando de seus rebanhos.

Caça. Não "veado", como dizem algumas traduções. Havia lebres, cabras monteses e outros animais selvagens para serem caçados, mas uma ou duas espécies de veado também eram possíveis. Rebeca tentou (e com sucesso) duplicar o gosto da caça possível com a carne dos cabritos (vs. 9).

27.4

Comendo e Abençoando. Isaque fez uma espécie de acordo informal: uma boa refeição de carne em troca da bênção paterna. Ele apreciava aquela carne especial *e* amava a Esaú, desejando que aquele fosse um dia feliz. Apesar de sua tristeza diante do casamento de Esaú com as mulheres hetéias (Gên. 26.34,35), sua atitude de pai não havia mudado. Ver sobre a *bênção paterna* nas notas de introdução ao primeiro versículo deste capítulo.

E te abençoe. Temos aí o poder da palavra de um homem moribundo. Isaque estava prestes a abençoar a seu filho mais querido, Esaú. E isso "de todo o coração", conforme o texto dá a entender. No hebraico temos aqui "e minha alma te abençoe". A palavra para "alma" (no hebraico, *nephesh*), naqueles dias, não tinha nenhuma conotação de substância ou entidade *imaterial* que sobrevive à morte do corpo. Essa foi uma idéia vinculada à alma em um período posterior da teologia dos hebreus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Alma*. As palavras "antes que eu morra" dão a entender uma cena de leito de morte, embora Isaque tenha continuado a viver por mais quarenta anos, depois disso (ver o vs. 1, último parágrafo).

Parece que havia a crença de que a refeição o fortaleceria de tal modo que ele poderia transferir toda a sua força dinâmica para Esaú, na bênção que haveria de proferir. Havia a crença na *eficácia especial* das palavras ou da bênção final de um homem moribundo, conforme se vê também em Gên. 48.10-20; 49.1-28; 50.24; Deu. 33; Jos. 23; II Sam. 23.1-7; I Reis 2.1-4; II Reis 13.14-19. Pensava-se que essa palavra final de um homem moribundo aproximava-se da própria palavra divina, dotada de seu próprio poder e capacidade de cumprimento. Daí, essa palavra era buscada com diligência.

Acordos e Refeições. Parece que toda variedade de acordos eram feitos mediante uma "refeição conjunta", um símbolo de comunhão, que mostrava a boa-vontade em qualquer acordo. Bênçãos e maldições faziam parte desses acordos. Alguns supõem que Isaque haveria de proferir algo parecido com um juramento, em um

pacto, à semelhança do que Abraão também fizera. Isso talvez envolvesse uma refeição junto com Esaú. Mas este ponto parece exagerar as exigências do texto.

27.5

O Plano de Rebeca. Parecia ter sido por um golpe de sorte que Rebeca ouviu o pedido e a promessa de Isaque a Esaú. Ela também acreditava na eficácia da palavra e da bênção de um homem moribundo e ansiava por substituir Esaú por Jacó. Isso garantiria a este um destino superior. Mas também havia a possibilidade de o plano falhar, e de que Isaque, em sua ira (por haver sido enganado), viesse a proferir uma maldição contra Jacó (vs. 13). A maldição de um homem moribundo por certo seria tão potente quanto uma bênção sua. Jacó temia, mas Rebeca tinha um segundo plano. Se Jacó fosse desmascarado, ela tinha um segundo plano: ela sofreria a maldição, porquanto fora a instigadora do primeiro plano.

Esaú tinha partido para caçar, pelo que havia urgência nas ações. Era preciso agir agora; enganar agora; suplantar agora!

27.6

Executando o Conluio. Rebeca traçou o plano ali mesmo; e logo o plano estava rolando; Jacó temia, mas cooperava.

A Dama Virtuosa Não Era Muito Virtuosa. O capítulo vinte e quatro pinta uma Rebeca virtuosa, bondosa e pronta a servir. Mas estes versículos mostram-na a instigar Jacó a um ato corrupto. Ela foi a causa de que seu marido, Isaque, fosse vítima de engodo e traição. E levou seu filho amado a realizar um ato lamentável, que dividiu a família e causou muito sofrimento. Jacó precisou enfrentar os quase oitocentos quilômetros de viagem até Padã-Arã, onde residia Labão, irmão de Rebeca. Ali Jacó ficaria durante vinte anos.

Devido a uma inexplicável omissão, não há registro algum da morte de Rebeca. Mas sabemos, em Gên. 49.31, que ela foi sepultada na caverna de Macpela, sendo provável que tenha falecido antes de Isaque. Embora Deus tenha contornado a situação, fazendo que a bênção, por decreto divino, fosse dada a Jacó, Ele não precisaria da ajuda de Rebeca para fazer isso. Deus dispõe de mais recursos do que ter de depender da astúcia de uma mulher.

27.7

Este versículo duplica os vss. 3 e 4, onde o leitor deve ver as notas expositivas. Aqui Rebeca usa o nome divino *Senhor* (no hebraico, *Yahweh).* A bênção seria "diante do Senhor", como é natural, embora Isaque não tenha falado especificamente nesse sentido. Talvez haja uma reminiscência, nessa palavra, do *Pacto Abraâmico,* feito entre Abraão e o Senhor. Isso deve ter fortalecido o apelo de Rebeca a seu filho, Jacó. Era como se ela tivesse dito: "Não percas a oportunidade de ser abençoado como o foi Abraão, e de participar de seu pacto!". Contudo, talvez isso seja injetar algo que não faz parte do texto sagrado.

27.8

Vamos! Obedece! Põe em execução o plano que te estou dando. "A autoridade do afeto de uma mãe pode redundar no bem de um homem: mas se for mal utilizada, pode envolver esse homem no mal, e, então, ele terá de pagar um alto preço" (Walter Russell Bowie, *in loc.*). Ela forçou Jacó a tomar uma decisão que envolveu grande sofrimento, e isso durante vários anos dali por diante. Ela despertou a fúria de Isaque e forçou seu amado filho, Jacó, a dar início a um longo exílio. Isso criou uma rachadura na família, que não foi curada enquanto ela viveu. "Ela exigiu dele a obediência filial" (John Gill, *in loc.*). Mas aquela foi uma ocasião em que ele não deveria ter dado ouvidos à sua mãe.

27.9

Dois bons cabritos. Não eram os animais selvagens que Esaú haveria de trazer, mas Rebeca, decidida a enganar, conseguiria fazer uma boa imitação. Jacó tinha rebanhos e ser-lhe-ia fácil arranjar os cabritos. Jarchi disse-nos que o gosto da carne de cabrito é parecido com a carne do veado ou do gamo, e assim, com um pouco de tempero, Isaque poderia ser enganado. O antílope seria um dos animais selvagens que Esaú poderia caçar. Assim, se os cabritos fossem chamados de antílopes, Isaque não notaria a diferença. Pessoas enganadoras sempre têm seu estoque de cabritos, que podem substituir antílopes.

27.10

Para que a coma, e te abençoe. Ver o vs. 4 quanto ao poder da palavra de um homem moribundo, de acordo com as crenças antigas. Ali, dou uma lista de referências bíblicas ilustrativas. Rebeca fez o que ela pensou ser melhor para ela e para Jacó, o que ela presumia ser melhor para todos. Ela tinha razão quanto aos seus sentimentos, mas estava errada quanto aos seus métodos. Ela praticou o mal a fim de trazer o bem, uma antiga prática. O modo relativista de pensar diz: "O que funciona é bom". Na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* ofereço artigos sobre o *Pragmatismo* e sobre o *Relativismo,* que ilustram as bases filosóficas dos atos de Rebeca, naquela ocasião.

27.11

Jacó Previu Possíveis Problemas. Isaque estava virtualmente cego, mas podia *tatear.* Seria inevitável que ele viesse a *tocar* em seu amado filho Esaú; e, então, o ludíbrio seria descoberto. É triste quando a inteligência é posta para trabalhar em favor do mal.

Jacó teve sentimentos corretos ao tentar evitar o conluio, mas seus sentimentos foram fracos demais para evitar isso. Ele tinha *mais medo* de ser apanhado do que de praticar o mal. Algumas pessoas pensam que o erro só ocorre quando a pessoa má é apanhada no ato. Em contraste com isso, Platão pensava que a pior coisa que pode acontecer a um homem é fazer ele uma maldade mas não vir a ser castigado por isso. Sob tal circunstância, a própria alma da pessoa se vê corrompida, e isso é pior do que qualquer retrocesso material.

27.12

O Logro Redundaria em Maldição. Se a trama fosse descoberta, Isaque ficaria consternado, para dizer-se o mínimo. E, então, poderia proferir uma maldição contra o enganador. Sem dúvida, a maldição de um homem moribundo seria tão potente quanto a sua bênção, pelo que conseqüências drásticas poderiam ser esperadas. De acordo com as crenças antigas (o que é ilustrado no quarto versículo deste capítulo), questões extremamente sérias estavam em jogo. Jacó seria o pior dos enganadores, por ter tirado proveito da cegueira e da enfermidade de seu idoso pai. "Maldito aquele que fizer o cego errar o caminho. E todo o povo dirá: Amém" (Deu. 27.18).

27.13

Caia sobre mim essa maldição. Rebeca estava disposta a sofrer uma maldição lançada por Isaque, seu marido, *se* o plano dela falhasse. Frederick W. Robertson, um dos maiores pregadores ingleses de todos os tempos, fez uma poderosa afirmação sobre a conduta de Rebeca nesse episódio: "Vemos aqui a idolatria da mulher: ela sacrificou seu marido, seu filho mais velho, todo princípio superior, sua própria alma, e tudo por uma *pessoa idolatrada.* . . Não nos enganemos. Ninguém jamais amou demais a filho, irmão ou irmã. O que compõe a idolatria não é a intensidade da afeição, mas sua interferência na verdade e no dever. Rebeca amou a seu filho mais do que à verdade. . . mais do que Deus. . . O único afeto verdadeiro é aquele que se subordina a um afeto maior. . . Comparemos, por exemplo, o amor de Rebeca por Jacó com o amor de Abraão por seu filho, Isaque. Abraão esteve prestes a sacrificar seu filho, por amor ao dever. Mas Rebeca sacrificou a verdade e o dever por amor a seu filho. Quem amou mais a seu filho? Quem teve o amor mais nobre?" (*Sermons on Bible Subjects*).

Assumindo as Conseqüências. Outro problema aqui era que Rebeca simplesmente estava *equivocada.* Não havia como tomar sobre si mesma algo que fosse dirigido contra Jacó. Isaque cuidaria para que Jacó recebesse o que merecia. Havia uma falha séria em seu raciocínio. Toda maldade está alicerçada sobre alguma falácia. Conforme disse Robertson: "Cuidado com os afetos que se importam mais com a felicidade do que com a honra".

Rebeca confiaria no oráculo divino que lhe fora dado por ocasião do nascimento de seus filhos? Nesse caso, talvez ela tivesse alguma razão por não acreditar que Jacó seria amaldiçoado. Ver Gên. 25.23. Aquela profecia pode tê-la feito confiar no bom resultado do conluio. Há nisso um profundo mal: o uso da fé religiosa a fim de dar respaldo a um ato errado.

A Maldição da Situação. O plano funcionou. Isaque não amaldiçoou nem Jacó nem Rebeca. Mas a *situação* foi uma desgraça para ambos, e mãe e filho tiveram de separar-se. Jacó foi para o exílio. E a família de Isaque dividiu-se.

27.14

Jacó Obedeceu ao Conselho Errado. A sua consciência ainda tentou, mas não conseguiu deter o plano. Ele obedeceu à voz de sua mãe. A maioria dos pecados ocorre porque obedecemos a alguma voz errada. Algumas vezes, essa voz é de um *amigo* ou *parente.* Há muitas pessoas prontas a encorajar-nos a praticar algum mal. Algumas pessoas regozijam-se em ver o mal de outrem; elas praticam o mal, encorajam à prática do mal e têm prazer no mal (Rom. 1.32). Algumas vezes, a voz que nos instiga a fazer o mal é a voz das *circunstâncias,* quando somos encorajados a fazer aquilo que nos dê alguma vantagem imediata.

É então que ignoramos os princípios. Mas também há uma voz corrupta que fala *dentro de nossa alma*. A corrupção interior está sempre conosco, impelindo-nos à maldade. Ver o sétimo capítulo de Romanos quanto a uma longa diatribe de Paulo contra a sua própria corrupção interior.

27.15

A melhor roupa de Esaú. Só o melhor traje serviria para a ocasião, visto que um *grande* ludíbrio estava sendo pespegado. A cena toda é doentia. Esaú estava fora, procurando servir a seu pai. Mas Rebeca, usando *as roupas dele*, separava um filho de seu pai e provocava tristeza geral. O odor característico de uma pessoa apega-se às suas vestes. E isso seria mais verdadeiro ainda no caso de um caçador, quando as roupas provavelmente não eram lavadas com freqüência. Isaque estava quase cego, mas tinha bom olfato. Ele haveria de tocar e cheirar. Essas roupas quase certamente eram feitas de peles de animais. Todos os elementos necessários ao ludíbrio estavam presentes. Era impossível que falhasse. Contudo, ainda que tudo tivesse sido bem planejado, nada poderia purificar o mal da ação. Um pecado excelente continua sendo pecado. O cinema e a televisão glorificam pecados excelentes. As pessoas pecam com classe, e outras pessoas as admiram.

Esaú não guardaria suas roupas na tenda de Rebeca. Portanto, ela teve de ir até a tenda *dele*, ou à tenda de uma de suas mulheres, para conseguir a tal roupa. Ela precisou *roubar* a fim de dar apoio a seu plano.

Os intérpretes judeus perverteram o texto, ao dizerem que essa roupa de Esaú seria uma veste sacerdotal, supondo que Esaú costumava usá-la em suas práticas idólatras. Outra fábula dessas diz que Esaú havia roubado essa veste (que tinha pertencido a Adão), que havia sido usada por Ninrode, e que ele tivera de matar seu dono para ficar com a roupa.

27.16

Com a pele dos cabritos. O fato de que Jacó não era homem peludo não constituía problema. Peles de animais imitariam a pele do cabeludo Esaú. Isaque talvez tocasse em suas mãos. Nesse caso, ele teria de tocar em pêlos. Talvez passasse os braços em torno de seus ombros. Nesse caso, teria de sentir pêlos. "Nos países de clima quente, a pele dos animais é muito menos espessa e peluda do que nos países de clima frio, e algumas espécies de cabras orientais são famosas por sua lã fofa e sedosa. . . Em Cantares 4.1, os cabelos da esposa são comparados ao pêlo das cabras" (Ellicott, *in loc.*). Cf. I Sam. 19.13,16.

27.17

A Provisão Fina. Rebeca já havia preparado a refeição com a carne dos cabritos. A imitação era excelente. Ela pôs a comida nas mãos de Jacó. E ele a aceitou de bom grado, apoiando e confirmando o ludíbrio. Eles eram cúmplices no engano; e as vítimas eram membros amados da própria família deles. Com freqüência, é de nossos familiares que recebemos os golpes mais devastadores. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Engano, Enganar*. ". . .nada disponhais para a carne, no tocante às suas concupiscências" (Rom. 13.14).

27.18

Jacó Fez a Parte que Lhe Cabia. Rebeca fizera "bem" a sua parte. Jacó também teria um "bom" desempenho? Ele é que se aproximaria de Isaque: a ele cabia a finalização do plano. Sua mãe dependia dele para que o crime fosse perfeito! Ficamos muito chocados quando vemos, nos jornais ou na televisão, como alguns pais usam seus filhos na prática de crimes. No entanto, bem aqui, na Bíblia, uma das matriarcas de Israel envolveu-se nesse tipo de conduta! Jacó é visto aqui a seguir o truque sugerido por sua mãe, e isso com uma habilidade inescrupulosa. O vs. 20 nos entristece de modo especial. Jacó chegou a dizer que o Senhor o tinha ajudado.

Quem és tu, meu filho? Talvez Isaque tenha suspeitado de estar sendo ludibriado, ou, talvez, tivesse apenas querido ter certeza de que era Esaú, para que abençoasse a quem de direito. Essa pergunta foi repetida mais adiante (vs. 24). Isaque estava sendo cauteloso, pois queria que seu filho primogênito recebesse a bênção maior, conforme fazia parte do costume local. Ver no *Dicionário* o artigo *Primogênito*, e também as notas sobre Gên. 25.31.

27.19

Sou Esaú. Ver no *Dicionário* o verbete *Mentir (Mentiroso)*. Algumas pessoas mentem por puro esporte. A maioria mente para obter alguma vantagem. A mentira causa tristeza a outras pessoas, como neste caso. Isaque e Esaú ficariam vencidos pela tristeza. Esaú clamou com um amargo choro, e Isaque estremeceu (vss. 33 e 34). Mas a dor deles nada significou para Jacó e Rebeca. Sempre haverá angústia no pecado, quando estamos pecando, e somos capazes de esquecer esse aspecto da questão.

Jacó sabia o que Isaque havia dito a Esaú, e, segundo *parecia*, tinha satisfeito o desejo de Isaque. A evidência era avassaladora, mas falsa.

Assenta-te, e come. Os hebreus sentavam-se para comer, conforme nós fazemos. Os romanos é que se reclinavam. Ver no *Dicionário* o artigo *Refeições (Banquetes)*, quanto a completas informações e ilustrações. Cf. I Sam. 20.25.

Calmet (*in loc.*) descreveu como Jacó usou de todos os artifícios a fim de enganar seu pai: 1. mediante suas palavras enganadoras; 2. mediante seus atos; 3. mediante suas roupas. Alguns intérpretes mostram-se ridículos aqui, procurando desculpar os atos de Jacó e Rebeca. Mas Deus não precisa de nossa ajuda para fazer concretizar os seus propósitos. Deus não se sente obrigado a nada, diante de nossas ofensas.

Para que me abençoes. Ver o vs. 4. Assim previa o acordo feito entre Isaque e Esaú. Primeiro, Esaú ofereceria uma refeição de carne de caça a seu pai; depois, Isaque abençoaria Esaú. Jacó apressou-se a mencionar essa parte do trato. Para isso ele estava ali.

27.20

Como. . . a pudeste achar tão depressa. . .? O falso "Esaú" tinha feito tudo em pouquíssimo tempo. E isso deixara Isaque admirado. Mas Jacó atribuiu tudo ao Senhor, dando-Lhe o crédito pela pseudo-realização. Quão fácil é atribuir ao Senhor as coisas mais triviais, por meio do teísmo popular. Os hebreus honravam de tal modo o nome divino que lavavam as mãos antes de escrevê-lo. Temiam proferir o nome *Yahweh*, pelo que criaram uma combinação dos nomes Yahweh e Adonai, tornando-o "Jeová", para terem um nome divino que pudessem pronunciar. Mas muitos crentes dizem de forma tão frívola: "Oh, meu Deus!". E isso por qualquer razão. Essa é uma maneira de tomar o nome de Deus em vão. Jacó tomou o nome de Deus em vão. Muitos religiosos modernos tornam-se culpados dessa frivolidade. Não honramos em nada ao Senhor quando dizemos: "O Senhor disse-me isto ou aquilo", para então falarmos de coisas banais nas quais o Senhor nunca se meteria. O teísmo (ver a respeito no *Dicionário*) exprime uma grande verdade, mas o teísmo popular, com freqüência, é degradante. "A caçada foi providencial", disse Jacó de maneira ridícula. Faz-me lembrar do pregador que viu (de uma janela de sua casa) alguém abalroar seu carro, que estava estacionado diante da casa. E disse ele: "Não sei por que, Senhor, quiseste que o *Teu* carro fosse destruído!". Um caso claro de teísmo popular.

". . .outra falsidade. A refeição não havia sido preparada por Deus, mas por sua mãe. . ." (John Gill, *in loc.*). Assim também sucede a muitos de nós, que dizem: "O Senhor, o Senhor", como se fosse Ele a causa de qualquer coisa que fantasiemos ou façamos. Deveríamos dizer, nesses casos. "Eu, eu, eu!".

Conforme pensam alguns estudiosos, talvez nessa pergunta de Isaque transpareça alguma suspeita da parte dele. Nesse caso, ele expressou a dúvida por quatro vezes (vss. 20, 21, 22 e 24).

27.21

Chega-te aqui, para que eu te apalpe. Isaque queria confirmar se era mesmo Esaú. Mas Rebeca também tinha tomado providência para essa eventualidade. Uma maldade esperta continua sendo uma maldade. Isaque parece ter suspeitado, mas sua investigação nada descobriu de errado.

27.22,23

A voz é de Jacó. Os gêmeos, mais do que meros irmãos, têm vozes muito parecidas. Mas Isaque pôde perceber a diferença. Porém deu mais valor a seu toque do que a seu ouvido. Este versículo tornou-se o instrumento para expressar coisas que "parecem" ser uma coisa mas, na verdade, são outra, ou seja, casos dúbios que suscitam dúvidas. Livros escritos no nome de algum bom autor, mas que na realidade não foram escritos por ele, como os livros pseudepígrafos do Antigo e do Novo Testamento, "têm a voz de Jacó, mas as mãos de Esaú".

E o abençoou. A bênção aparece nos vss. 27-29, uma espécie de pequeno oráculo que descreve, em termos latos, as características e o futuro do homem abençoado. As crenças antigas supunham que a bênção ou a maldição de um homem moribundo (especialmente de um pai, ao abençoar seus filhos) tinham um poder especial e muito eficaz. Comentei sobre isso no quarto versículo deste capítulo.

Supomos que Isaque tivesse em mente as provisões do *Pacto Abraâmico* (ver as notas a respeito em Gên. 15.18), e não apenas as coisas que ele profetizou na ocasião, embora o texto não nos diga isso.

27.24

És meu filho Esaú mesmo? A dúvida de Isaque persistia. Isaque solicitou outra averiguação de identidade. Novamente Jacó mentiu, fazendo-se passar por

seu irmão gêmeo, o que já tínhamos visto e comentado nos vss. 18 e 19. Jacó agora estava próximo do sucesso, mais ou menos como fazem os alegados "grandes" atletas que obtêm maior energia por meio de substâncias químicas proibidas. Nesses casos, os grandes tornam-se pequenos. "Ali estava Isaque, dando-nos pena por sua perturbação, procurando assegurar-se de que o filho diante de si era o Esaú que ele tanto amava. Também houve uma bênção dada para outro, até onde ia o desejo de Isaque, embora estivesse obedecendo ao destino" (Walter Russell Bowie, *in loc.*).

27.25

Carne e Vinho. Eles (Esaú e Isaque) tinham feito um acordo: primeiro Esaú ofereceria uma refeição a seu pai; e então Isaque abençoaria Esau. Ver os vss. 3 e 4. Presumivelmente, *Esaú* tinha cumprido a sua parte, mas era um *falso Esau* que agora aguardava ansiosamente pela bênção. O cego e enfermo Isaque sentou-se à mesa servida com a "caça". Seu coração estava apertado. Mas isso em nada importava a Jacó.

27.26

Dá-me um beijo, meu filho. O texto faz-nos lembrar a traição de Judas, que osculou a fim de trair a Jesus (Luc. 22.48). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Beijo.* O beijo era uma preparação solene para a doação de uma bênção: filho e pai juntos, o pai impelido para proferir o oráculo abençoador; a presença de Deus com ele, impulsionando-o; um filho a esperar anelantemente pela palavra, com a autoridade mesma da Palavra divina.

27.27

Beijou. . . aspirou o cheiro. A ordem normal era: beijar e falar. Mas Isaque beijou, cheirou e falou. O cheiro do campo removeu suas dúvidas (expressas nos vss. 20, 21, 22 e 24). Estudos científicos recentes mostram que o sentido do olfato é mais forte (embora, com frequência, muito sutil) do que se supõe no homem, pois várias de suas reações são influenciadas por esse sentido. Como é claro, o que Isaque fez nada teve que ver com a ciência. Ele conhecia o cheiro do campo, e seu rapaz, Esaú, era um homem do *campo*, ao passo que seu outro rapaz, Jacó, cheirava mais a ovelhas. "Não o cheiro de ovelhas, mas do campo. . ." (John Gill, *in loc.*). Isaque pôde identificar o aroma do campo, com suas ervas fragrantes, flores e outras coisas agrestes. Certos aromas fazem parte da nossa nostalgia, bem como de nossa vida diária.

O cheiro do campo, que o Senhor abençoou. É dali que procede a frutificação necessária para sustentar a própria vida. Assim, Isaque deu início à sua bênção lembrando isso e desejando que seu filho, "Esaú", prosperasse de forma fragrante, tal como seus amados campos de caça eram lugares agradáveis e abençoados pelo próprio Deus.

27.28

Deus te dê. A bênção teve a forma de um oráculo, e Deus estava por trás dela. A palavra de um homem moribundo era considerada dotada de grande poder, trazendo embutida em si o seu próprio poder de cumprimento. De fato, essa palavra era considerada dotada da autoridade da Palavra divina. Ver o vs. 4 e suas notas quanto a uma descrição dessa antiga crença. Bons pais, de todos os séculos, abençoam seus filhos de maneira formal ou informal, e, naturalmente, suas orações são respondidas. Se os estudos têm mostrado que a genética é um fator importantíssimo, e que as pessoas parecem seguir uma espécie de curso programado, também é verdade que "a oração muda as coisas" e "mais coisas são realizadas através da oração do que este mundo imagina". Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Oração* e *Bênção.*

Do orvalho do céu. A umidade que causa o crescimento das plantas, o que garante a fertilidade e refrigera a alma. No vs. 39 vemos que Esaú recebeu mais ou menos a mesma coisa quanto a bênçãos temporais, mas Esaú seria subserviente a Jacó, ilustrando assim como Israel conquistaria e sujeitaria os idumeus. Ademais, as bênçãos espirituais por meio do Pacto Abraâmico seguiriam a linha Abraão-Isaque-Jacó, e ainda que o Messias viria abençoar *todas as nações*, através desse pacto, Esaú não seria alijado, embora só recebesse bênçãos secundárias. Todavia, a bênção primária foi dada para garantir a secundária; e em Cristo, o distante Filho de Isaque, todos seriam *um só* (Gál. 3.14 ss.).

Da exuberância da terra. Uma terra fértil seria a herança conferida por Deus. Um território fértil, com a regularidade da semeadura e da colheita, e com a bênção da abundância. A Terra Prometida tinha seus desertos, mas sempre houve territórios férteis para uma agricultura suficiente. O solo da Terra Prometida é naturalmente fértil, mas, além disso, haveria a bênção divina. As chuvas e o solo dali são adequados para uma agricultura abundante, embora seja mister o esforço humano para cuidar das plantações. O solo fértil e as chuvas são símbolos de abundância, nas Escrituras. Ver Deu. 33.13,28; Miq. 5.7; Zac. 8.12. Se as chuvas escasseiam, isso leva à esterilidade do solo e à aflição dos homens (II Sam. 1.21).

De trigo e de mosto. Os cereais necessários, mas também a satisfação dada por bons vinhos. Os estudos mostram que qualquer bebida alcoólica ingerida mata um certo número de células do cérebro. Mas pelo seu lado positivo, um pouco de bebida alcoólica por dia (com apropriada moderação) diminui a taxa de colesterol no sangue, e atua como uma espécie de *calmante* natural. Essa combinação adiciona alguns anos à vida do indivíduo. Ver no *Dicionário* os artigos *Bebida Forte* e *Alcoolismo.* Pessoalmente, continuarei como total abstêmio, pois penso que os malefícios do álcool são maiores do que os seus benefícios. Mas que cada pessoa obedeça aos ditames de sua consciência!

27.29

Sirvam-te povos. . . sê senhor de teus irmãos. Este versículo fala a respeito do domínio sobre nações e sobre a própria família! Os idumeus haveriam de servir aos descendentes de Jacó. Este furtou as bênçãos que Isaque queria dar a Esau. Não fora isso e poderíamos pensar que Israel é que seria subserviente aos idumeus. Todavia, a promessa é geral. Todos os povos vizinhos de Israel seriam sujeitos. Isso aconteceu, de fato, apenas por um breve período de tempo, especialmente através da conquista da Terra Prometida, e mais tarde, nos dias de Davi e Salomão. Os terríveis cativeiros não foram vistos por Isaque. Ver no *Dicionário* o artigo *Cativeiro (Cativeiros).* Talvez a profecia tenha tido grande poder e olhado ao longo da estrada do tempo, até a restauração, quando Israel vier a tornar-se cabeça de todas as nações, um tema explorado por Isaías. Quanto a uma aplicação paulina deste versículo, ver Rom. 9.12.

Os filhos de tua mãe. Parte do *Pacto Abraâmico* (comentado em Gên. 15.18) é que Abraão teria numerosa posteridade, tornando-se pai de muitas nações. Ele foi o pai de Isaque-Jacó-Israel, mas também de Ismael e dos doze patriarcas de nações árabes; e também de seis filhos com Quetura, que deram mais nações árabes; e, finalmente, da linhagem de Esaú, os edomitas ou idumeus, a qual também se arabizou por meio de casamentos. Mas onde quer que se achassem parentes de Jacó, sem importar de qual nação ou subdivisão da família de Abraão, todos estariam sujeitos a ele. Ver Sal. 2.12; Isa. 60 e Apo. 15.4 quanto a provisões ainda futuras que cumprirão as predições deste versículo.

Maldito. . . abençoado. Aquele que amaldiçoasse Jacó seria amaldiçoado, e aquele que o abençoasse seria abençoado. Isso também é uma provisão do Pacto Abraâmico (Gên. 12.3). Naturalmente, não são mencionadas diversas das provisões daquele pacto, pois não temos aqui uma repetição do pacto, mas somente de *partes* dele, que subentendem o *todo.* Ver Gên. 28.3,4 quanto a como o pacto foi transferido para Jacó.

Portanto, Jacó foi abençoado, mas Esaú perdeu a bênção. ". . .em um sentido, Rebeca e Jacó *venceram*, embora nada tivessem ganho que Deus não lhes teria dado de qualquer modo; e *perderam* muito" (Allen P. Ross, *in loc.*).

27.30

Chega Esaú. Este mostrara-se expedito em sua caçada; já a havia preparado, e agora chegava ansioso, à presença de seu pai. Porém, *era tarde demais.* "Quão dramático e comovente pode ser o livro de Gênesis!" (Walter Russell Bowie, *in loc.*). O retrato dos atos e das emoções humanas é simples mas profundo. Temos aqui uma história de favoritismo paterno; de como mãe e pai estavam divididos quanto a seus filhos; de como irmão estava separado de irmão; de como o ódio cresceu; de como um filho favorito foi mandado para o exílio; de como prevaleceram anos de miséria (em alguns aspectos da vida). Temos aqui a insensibilidade espiritual ligada com o crasso egoísmo. Mas o elemento amoral mais proeminente são o *ludíbrio* e a *mentira.* Ver no *Dicionário* os artigos *Engano, Enganar* e *Mentir (Mentiroso).*

Há ainda outra lição aqui, ou seja, podemos tentar forçar a vontade de Deus a se cumprir, *à nossa maneira* e em *nosso tempo,* quando um pouco de paciência deixaria tudo ao encargo do poder divino. Mas a vontade de Deus, quando o homem intervém, pode ser feita da maneira e no tempo errado. Deus tem Seus próprios métodos e Seu próprio cronograma.

27.31

Come da caça. . . para que me abençoes. Este versículo duplica o vs. 19, onde são comentados os itens, exceto pelo fato de que agora quem fala é Esaú, e não Jacó. A comida preparada por Esaú era carne genuína de uma caça apanhada no campo, através de um esforço honesto. Jacó trouxera apenas uma imitação. Os intérpretes judeus, que odiavam Esaú mas amavam Jacó, disseram que o

primeiro havia abatido um *cão* e o trouxera a seu pai. Isso é ridículo, para dizermos o mínimo.

A Ironia. Esaú trouxe a caça genuína; Jacó, uma fraude. Essa fraude fora consumida por um pai faminto. A caça genuína ficou intocada.

27.32

Sou Esaú. A voz era mesmo de Esaú. Dessa vez, Isaque não teve dúvidas. Não precisava fazer nenhuma investigação. Ele era Esaú, o filho amado de Isaque, era o filho primogênito; e a bênção deveria ter sido dada a ele. É verdade que tinha perdido a primogenitura mediante um ato tolo e deliberado, mas também havia-se esforçado muito para obter a bênção de seu pai, somente para perdê-la também.

27.33

Estremeceu Isaque de violenta comoção. A verdade bateu no cérebro de Isaque como um malho, e seu corpo frágil quase não pôde agüentar o golpe. E ficou tremendo da cabeça aos pés. É verdade que ele ficou vexado por haver sido enganado tão vergonhosamente; mas sua agonia derivava-se do fato de que seu filho favorito tinha perdido a bênção. Alguns eruditos pensam que foi então que ele percebeu que vinha resistindo à vontade do Senhor, e que o oráculo que Rebeca havia recebido antes do nascimento dos gêmeos era correto (Gên. 25.23), embora nada disso venha à tona neste texto. Mas Isaque estava agora impotente para reverter o que havia sido feito.

"...estava chocado e espantado, tomado por tremores por todo o seu corpo, e, com terror e confusão mental, percebeu a astúcia de Jacó, e sentiu profunda consternação diante do fato de que Esaú havia perdido a bênção" (John Gill, *in loc.*).

27.34

Esaú... bradou com profundo amargor. Ele havia perdido novamente. Na primeira vez, sua insensatez fê-lo ser um perdedor; mas agora ele era inocente. Seu astucioso irmão, ajudado por uma mãe trapaceira, tinha-lhe aplicado um rijo golpe. Dizem que os homens não choram; mas Esaú chorou incontrolavelmente.

"As rodas do destino tinham ido longe demais! Esaú havia desprezado o seu direito de primogênito em um momento crítico, por sua própria escolha, e isso possibilitou o triunfo de Jacó. Havia sido pesado na balança do julgamento divino e fora achado em falta... ele nunca fora um homem mau, mas mostrava-se indiferente e desprezador quanto aos valores invisíveis (Heb. 12.16)" (Walter Russell Bowie, *in loc.*). A Vulgata Latina diz aqui que ele *rugiu como um leão*, um toque pitoresco adicionado ao texto.

27.35

E tomou a tua bênção. Jacó, o homem dos truques; o enganador e suplantador. Foi ele quem praticou um ato tão traiçoeiro. A bênção paterna não era a mesma coisa que o direito de primogenitura, embora, como seja óbvio, as duas coisas estivessem ligadas uma à outra. Todavia, ante a perda do direito de primogenitura, a causa de Esaú não estivera ainda perdida. A bênção poderia ser uma espécie de restauração do que fora perdido. Daí ele a ter buscado com tanto afã. É triste quando um presumível homem bom é identificado com um grande mal, quando finalmente se percebe que ele não era o que parecia ser. Naquele momento, ninguém teria nada de bom para dizer acerca de Jacó.

Os intérpretes judeus que tiveram coragem de comentar sobre o que Jacó fez, registraram: "Ele tomou [a bênção] com *sabedoria*".

27.36

Não é com razão que se chama ele Jacó? Encontramos aqui um jogo de palavras que envolve o nome *Jacó*. A referência é a Gên. 25.26. Ele era o "agarrador de calcanhares", pois já viera do ventre de sua mãe agarrado ao calcanhar de seu irmão, tentando ultrapassá-lo, assediando-o. Esaú tinha nascido primeiro; mas o astuto Jacó acabou recebendo a primogenitura. Esse nome, naturalmente, tem esse sentido apenas por etimologia popular; pois seu verdadeiro sentido é "que Ele (Deus) proteja".

Tirou-me o direito... e agora usurpa. Embora Esaú tivesse *vendido* a Jacó seu direito à primogenitura, ainda assim o ato foi um *roubo*. Pois Jacó tirou proveito da fraqueza momentânea de seu irmão, de um pecado moral. Competenos ajudar os fracos, e não tirar vantagem deles (Rom. 15.1).

Primogenitura. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Primogênito*, como também idéias adicionais nas notas em Gên. 25.31.

A bênção que era minha. Ela é dada com detalhes nos vss. 28 e 29. Essas grandes vantagens deveriam ser de Esaú, mas o destino, divinamente determinado, levou as coisas noutra direção. Não obstante, Esaú receberia uma bênção toda sua (vss. 39,40), posto que secundária, e com elementos negativos. O trecho de Heb. 11.20 diz que Isaque abençoou Jacó e Esaú em um ato de *fé*, de modo que houve em tudo uma orientação espiritual. Estão envolvidos no caso certos aspectos do Pacto Abraâmico, conforme se vê no vs. 29.

Há um Grande Fundo de Bênçãos. Deus amou o mundo de tal maneira (João 3.16) que até os gentios viriam a participar das bênçãos do Pacto Abraâmico (Gál. 3.14 ss.). A linhagem Abraão-Isaque-Jacó-Messias ocorreu não meramente para abençoar Israel, o descendente direto, mas para abençoar *todos, por meio de* Israel, que foi nação nomeada como mestra do mundo.

27.37

... o constituí em teu senhor. Aquilo que Isaque teria gostado de dar a Esaú, já havia dado a Jacó. Ver o vs. 29, que é o âmago da bênção e contém todos os elementos mencionados neste versículo. Todos seriam subservientes a Jacó, não somente Esaú, mas até os seus futuros descendentes. Seriam reduzidos a confinamento e a taxas. Os idumeus tornaram-se servos de Davi (II Sam. 8.13,14). Esses eram fatos que Esaú não poderia cancelar. Contudo, havia um raio de esperança para os seus descendentes (vs. 40); pois conseguiram romper "o jugo" imposto por Israel (II Reis 8.20-22 registra isso). De modo geral, porém, as coisas seriam dificílimas para Esaú e seus descendentes, por causa do predomínio de Israel.

27.38

Tens uma única bênção, meu pai? Um apelo tocante escapou dos lábios de Esaú. Jacó teria ficado com tudo? Não restaria mais nenhuma bênção? Não admira que Esaú tenha odiado a Jacó (vs. 41). O direito de primogenitura só podia pertencer a um filho. Todavia, mais do que um só filho seria abençoado. Mas, visto que Jacó dominaria tudo, Esaú não poderia esperar muita coisa. Esaú tentou escapar dessa triste sorte com *lágrimas*, e lágrimas genuínas.

"...nem haja algum impuro, ou profano, como foi Esaú, o qual, por um repasto, vendeu o seu direito de primogenitura. Pois sabeis também que, posteriormente, querendo herdar a bênção, foi rejeitado, pois não achou lugar de arrependimento, embora, com lágrimas, o tivesse buscado" (Heb. 12.16,17).

27.39

Traduções Radicalmente Diferentes. Bênção secundária de Esaú, de acordo com certas traduções, inclui as mesmas vantagens temporais dadas a Jacó, no tocante à fertilidade e à abundância, equivalentes ao vs. 28, onde a questão é anotada. Mas a nossa versão portuguesa (como também a versão inglesa RSV) diz aqui: "Longe dos lugares férteis da terra será a tua habitação, e sem orvalho que cai do alto". E isso indica que Esaú seria *privado* até mesmo dessas vantagens temporais. O território de Edom, ocupado por Esaú e seus descendentes, era uma região desértica, e isso se harmoniza com a idéia de privação. A história subseqüente mostra-nos que Esaú chegou a *prosperar* (ver Gên. 33.9 ss.). Aquele capítulo, incidentalmente, mostra-nos que o amor triunfou no fim (vs. 4). Mas a julgar pela bênção secundária de Esaú, parece que Isaque nada tinha de positivo, para todos os efeitos práticos, para dizer a seu filho desse nome.

27.40

Tua espada. Esaú seria homem cercado pela violência, e teria de matar a fim de sobreviver. Mas mesmo assim seria subserviente a Jacó. E outro tanto sucederia a seus descendentes. A história subseqüente mostra-nos que isso não se aplicou diretamente a Esaú, mas aos seus descendentes. Davi acabou por subjugá-los (II Sam. 8.13,14).

Servirás. Tal como no vs. 29, onde a questão é comentada. Embora fosse irmão gêmeo de Jacó, Esaú seria como um dos filhos de Ismael ou de Quetura.

Os idumeus tornaram-se um povo de incursionistas e saqueadores de caravanas. E isso envolvia o fato de que tinham de viver de sua espada. Todavia, também ocupavam um território hostil ao ser humano, e sempre tiveram de manter-se na defesa, envolvidos em guerras com chefes locais.

O trecho de II Reis 8.20-22 mostra-nos que os idumeus escaparam temporariamente ao jugo de Jorão, rei de Judá, e isso não muito depois de terem sido derrotados por ele. A situação foi mais tarde revertida de novo, e Edom gozou de um período bastante longo de independência, embora nunca livre de tribulações. Ver no *Dicionário* o artigo *Edom, Idumeus*, quanto a uma nota detalhada que inclui a história geral deles.

Hircano, sobrinho de Judas Macabeu, conquistou o território deles, e eles continuaram subservientes. É uma curiosidade histórica o fato de que os Herodes eram descendentes de idumeus e tiveram um momento de glória nos dias em torno de Jesus, e mesmo depois Dele. Ver o artigo sobre os *Herodes* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*.

Resultados do Engano e da Mentira (27.41–46)

27.41

Passou Esaú a odiar Jacó. E não era para menos. Esau planejava assassinar seu irmão, depois da morte de Isaque. Todavia, essa terrível ameaça acabou por dissipar-se. Jacó foi para o exílio. Esaú conseguiu prosperar. Anos mais tarde, os dois irmãos gêmeos encontraram-se sob condições amistosas (Gên. 33.4). O amor triunfou no fim. Os dois irmãos puderam sepultar juntos Isaque (Gên. 35.29).

Novamente, Rebeca exigiu de Jacó que obedecesse à sua voz. Mas agora ela o enviava ao exílio, para ele poder escapar com vida. Era para Jacó ficar fora somente por "alguns dias" (vs. 44), mas o astucioso Labão, irmão de Rebeca, conseguiu mostrar-se ainda mais esperto do que Jacó, que até então havia ultrapassado a todos em astúcia. E assim, o que seria alguns dias acabou somando cerca de vinte anos.

Rebeca perdeu o filho querido. Não se ouve mais falar em Rebeca até o seu sepultamento (Gên. 49.31). Nem mesmo é relatada a sua morte. Ao que tudo indica, ela nunca mais viu seu filho, excetuando, como é óbvio, do outro lado da porta de Deus que chamamos de morte. Jacó e Rebeca tiveram ambos que pagar caro por sua duplicidade. Jacó não mais pôde enganar a Esaú. Antes, em várias oportunidades, foi enganado por Labão, seu tio por parte de mãe. A lei da colheita segundo a semeadura dominou toda a situação. Ver no *Dicionário* o artigo *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Jacó ainda teria de aprender que ninguém obtém a bênção de Deus por meio do ludíbrio, mas obedecendo ao Senhor.

Vêm. . . os dias de luto por meu pai. Esaú planejou matar a Jacó, mas somente após a morte de Isaque. Enquanto isso, conter-se-ia em sua profunda tristeza. Esau pensava que Isaque não demoraria a morrer, mas passaram-se mais quarenta anos!

Filhos Pródigos e o Arrependimento. Hebreus 12.16,17 mostra-nos que Esau buscou arrependimento e reversão, mas não os achou. Isso, naturalmente, não diz respeito à salvação de sua alma, mas somente aos seus privilégios terrenos. O relato neotestamentário do filho pródigo (Lucas 15) mostra-nos que há arrependimento em disponibilidade, mesmo nos casos mais extremos. O homem da história contada por Jesus era jovem, intempestivo e profano. No entanto, obteve lugar de arrependimento e subseqüente restauração.

27.42

Algum Informante? Esaú continuou proferindo ameaças. Alguém (que não é identificado) contou a Rebeca os planos de Esaú. E, novamente, ela pressionou Jacó. E outra vez, ele obedeceu. Obteve assim a sua *sentença* por haver tratado com má-fé o seu irmão: teve de submeter-se ao exílio. É um ponto curioso da história, que foi *Rebeca* quem o forçou a cumprir a sentença, a qual, ao mesmo tempo, era uma sentença contra ela. Para Rebeca não foi coisa de somenos separar-se de seu filho querido, e isso pelo resto de seus dias.

Consolo no Homicídio. Corrigir uma ofensa mediante a violência era a mentalidade de Esaú, e ele não estava fazendo segredo disso. Cada dia era um dia de homicídio potencial, e Rebeca tratou de evitar a tragédia. Em lugar da pena de morte, Jacó receberia uma pena de vinte anos de exílio. O que fora semeado agora começara a ser colhido: uma dolorosa separação; uma longa viagem ao desconhecido; a perda do próprio lar e da família. Todas as maçãs do diabo têm vermes.

27.43

Ouve o que te digo. Tal como no vs. 8, Jacó foi posto sob as ordens de sua mãe. Antes ele havia obtido o que tinha querido, mas agora obtinha o que não queria. Estava sendo traçado um plano que concordava com os propósitos divinos; e Jacó estava sendo arrastado a ele, percebendo que não poderia agir de outro modo. Seu anterior sucesso, ao obedecer a Rebeca, fora doce; mas esse "sucesso" logo se tornou amargo, e agora era mister escapar à execução.

27.44

Fica com ele alguns dias. Jacó acabou ficando mais de vinte anos com seu tio, Labão. Alguns eruditos chegam a falar em quarenta anos. E não há registro de que ele tenha visto novamente sua mãe. Cada pessoa colhe aquilo que semeia (Gál. 6.7,8). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Ver Gên. 31.38 quanto a uma indicação cronológica. O exílio de Jacó faria Esaú acalmar-se, mas um elevado preço precisou ser pago em resultado do ludíbrio. Deus poderia ter feito as coisas acontecer sem a ajuda de atos pecaminosos.

27.45

O Tempo Cura. Pelo menos isso é o que alguns dizem. O tempo faria Esau acalmar-se; e então Rebeca mandaria chamar Jacó de volta, ao ver que tudo voltara à normalidade em casa. Ela seria a juíza do tempo. Todavia, não lemos que algum dia ela tenha feito isso. Talvez o seu tempo de vida tenha sido curto, e não o tempo de vida de Isaque. No entanto, Jacó não demorou a ser absorvido na família de Labão; pois se tinha apaixonado por Raquel e se dispôs a fazer qualquer sacrifício por ela. Uma grande mudança ocorrera em sua vida, impedindo que ele voltasse prontamente para casa.

Os meus dois filhos. Ou seja, Esau e Jacó. Se Esaú matasse Jacó, teria de sofrer as conseqüências, de acordo com a lei da vingança (Gên. 9.6), e também perderia a própria vida. A morte de ambos os filhos era mais do que Rebeca poderia suportar. Ela deveria ter algum amor por Esau, ao que parece. Estava disposta a rebaixar Esaú abaixo de Jacó, mas não queria perdê-lo.

"Aqueles que tentam santificar os *meios* através dos *fins*, acabam perplexos e aflitos. Deus não dará seu apoio, nem mesmo a um culto à divindade, *exceto* se for feito à Sua maneira" (Adam Clarke, *in loc.*).

27.46

Aborrecida estou da minha vida. Rebeca estava enfrentando muitas angústias. Ela tinha manipulado o caso de Jacó e Esaú, com resultados desastrosos. Agora, Jacó iria para o exílio. E, então, suas noras (esposas de Esaú) mostraram ser tudo quanto já era de esperado que fossem (ver Gên. 26.34,35) — *terríveis*. Os hititas (ver sobre eles no *Dicionário*) tinham outros costumes e outra fé religiosa. Havia muitos fatores irritantes, não havia harmonia nem amor entre os membros da família. ". . . elas viviam vexando-a e aborrecendo-a com sua impiedade e idolatria, com sua irreligiosidade e conduta profana, com sua desobediência e contradição, com seu temperamento e sua conduta contrários" (John Gill, *in loc.*). George Hodges, de bom humor, disse acerca deste versículo: "Aquelas jovens de Hete me deixam preocupado quase até a morte". Mas para Rebeca a coisa não era engraçada, e surgiram dificuldades domésticas sérias, que corroíam a alma e vexavam a mente. Mais tarde, o povo de Israel, mediante a lei mosaica, teve de separar-se de elementos estrangeiros (embora sempre tenha havido muitos lapsos).

A Desculpa e a Razão. Algumas vezes, desculpas são meras desculpas; mas de outras vezes também são razões. Assim dava-se no caso à nossa frente. Rebeca expôs o seu caso a Isaque. "Envia Jacó à minha família, em Padã-Arã, para que ele consiga esposa ali. Eu não suportaria se ele também se casasse com alguma jovem hetéia, conforme fez Esau, e trouxesse mais dificuldades à nossa família." Desse modo, ela conseguiu a permissão de Isaque quanto ao afastamento de Jacó, salvando-lhe assim a vida, sem dizer qual a razão *real* pela qual ela queria que ele saísse de casa.

Este versículo atua como transição para a narrativa que envolve Jacó em sua associação com Labão, seu tio, ainda que, na Bíblia em hebraico, não haja interrupção entre o fim de nosso capítulo vinte e sete e o começo de nosso capítulo vinte e oito.

A História Repete-se. Abraão tinha feito o que Rebeca promovia aqui. Ele tinha mandado buscar uma noiva para Isaque. E essa noiva tinha sido Rebeca. Ver a descrição sobre isso no capítulo vinte e quatro do Gênesis. Na introdução a esse capítulo, apresento notas sobre os casamentos *consangüíneos* entre os membros da família de Abraão. Abraão tinha-se casado com sua meia-irmã; Naor (irmão dele) casara-se com uma sobrinha. Isaque casara-se com uma prima. Raquel era a filha mais nova de Labão. E isso quer dizer que Jacó estava destinado a casar-se também com uma prima. E a outra esposa de Jacó, Lia, também era sua prima, sendo irmã de Raquel. As filhas de Labão eram mulheres bonitas, portanto ali era o lugar certo para Jacó buscar esposa!

Jacó partiu sob a bênção de seu pai, Isaque. Ele agora era o herdeiro das promessas divinas feitas originalmente a Abraão (Gên. 28.3-5). Assim, ele deu continuidade à linhagem favorecida, de acordo com o *Pacto Abraâmico* (ver as notas a respeito em Gên. 15.18).

Capítulo Vinte e Oito

Jacó Foge para Arã e Deus Renova a Promessa em Betel (28.1-22)

O Pacto Abraâmico é Entregue a Jacó (28.1-4)

Os críticos pensam que a fonte *P (S.)* foi a base dos vss. 1-9 deste capítulo, e então a partir do vs. 10, até o fim, teria havido uma combinação de informações vindas das fontes *J* e *E*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *J.E.D.P.(S.)*. O capítulo vinte e oito leva-nos de volta ao motivo do capítulo vinte e quatro, ou seja, como os patriarcas hebreus não podiam misturar-se por casamento com os povos pagãos ao seu derredor. Estava sendo preparada uma linhagem especial para Israel, a nação por meio da qual operaria o Pacto Abraâmico. Ver a exposição sobre Gên. 15.18, bem como o artigo chamado *Pactos*, quarta seção, no *Dicionário*.

O autor sacro estava interessado em demonstrar como havia uma linhagem firme e mantida desde Abraão, passando por Jacó, e daí até os doze patriarcas. A herança foi passando de geração em geração, isenta de elementos estrangeiros. Os casamentos de Esau tinham entristecido seus pais (Gên. 26.34,35; 27.46). Apesar de todas as suas falhas, Jacó seria diferente, pelo menos quanto a essa questão. Ele faria bons casamentos dentro da família patriarcal. Preservaria assim a fé e as tradições da família.

28.1

Não tomarás esposa dentre as filhas de Canaã. Isaque, à semelhança de Abraão, antes dele, queria um casamento livre de influências pagãs, ensinadas por povos que circundavam a família patriarcal. Ver Gên. 24.3,4 quanto ao ato e ao desejo de Abraão. Outro casamento, *dentro* da família, teria de ser contratado. Ver as notas de introdução aos capítulos vinte e quatro e vinte e oito quanto a esse assunto. Ver explanações sobre a proibição de matrimônio com mulheres cananéias, em Gên. 24.3. Os cananeus eram um povo mestiço, que incorporava dúzias de grupos e clãs, os quais haviam sido formados por tratados e casamentos mistos. Ver no *Dicionário* o verbete *Canaã, Cananeus*. E sobre *Casamentos Mistos*, as notas em Gên. 24.3. A manutenção da pureza da linhagem e da lealdade à própria família era importante para Abraão e para os primeiros patriarcas hebreus. Os casamentos envolvem contatos próximos, modificações e transigências. As tradições misturam-se. Abraão queria uma única tradição, bem como o livre fluxo das provisões do seu pacto com Deus.

Jacó Deu Ouvidos ao Bom Conselho. Usualmente, os pais dão bons conselhos a seus filhos. Rebeca teve um lapso (Gên. 27.6 ss.), mas agora o conselho que ela dera (reiterado por Isaque) era bom. Havia muitas jovens bonitas e saudáveis entre os cananeus, e elas viviam ali por perto. Mas Jacó encontraria suas esposas, Lia e Raquel, a cerca de setecentos e cinqüenta quilômetros de distância, em Padã-Arã.

Isaque Abençoa e Despede a Jacó. Assim começou uma dolorosa separação de membros da família. A bênção paterna acompanharia a Jacó. Agora Jacó era o portador do Pacto Abraâmico, e Isaque lembrou Jacó desse fato. Vemos em Gên. 26.4,5 que o Pacto Abraâmico havia sido confirmado por Deus com Isaque. Agora, seria confirmado com Jacó. Ver Gên. 15.18 quanto a notas sobre as várias reiterações desse pacto, no livro de Gênesis.

Jacó tinha setenta e sete anos de idade quando partiu para Harã, e Isaque estava com cento e trinta e sete anos. Jacó nascera quando Isaque estava com sessenta anos. Ver Gên. 27.1 quanto a notas sobre essa particularidade.

28.2

Padã-Arã. Ver sobre essa localidade as notas em Gên. 25.20.

Betuel. Ver o *Dicionário* sobre esse homem, que era o pai de Rebeca.

Labão. Ver sobre ele o artigo no *Dicionário*. Ele era irmão de Rebeca, tio de Jacó, e pai de Lia e Raquel, com as quais Jacó estava destinado a casar-se. Ver as notas de introdução ao capítulo vinte e quatro, quanto aos casamentos consangüíneos na família de Abraão. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Incesto*. Naqueles tempos, como parece claro, as atitudes sobre essa questão não eram iguais às refletidas na legislação mosaica (Lev. 18 e 20), a qual proibia casamentos entre membros chegados de uma mesma família.

A missão de Jacó era essencialmente a mesma que tinha envolvido o servo de Abraão, que partira em busca de uma noiva para Isaque (Gên. 24). Mas Jacó partiu para agir por si mesmo.

"Com alguns poucos acompanhantes de confiança, ele jornadearia até chegar à rota comum de caravanas, que passavam por Damasco e daí iam até Arã, e, então, se juntaria a algum grupo de negociantes como escolta e companhia" (Ellicott, *in loc.*).

28.3

Renovação do Pacto Abraâmico. Ver notas completas a respeito em Gên. 15.18, bem como o artigo *Pactos*, em sua quarta seção, no *Dicionário*.

Deus Todo-poderoso. No hebraico, *El-Shaddai*, um nome divino que é devidamente comentado em Gên. 17.1. O Deus de poder e de suprimento acompanharia a Jacó, cumprindo as provisões do pacto. Deus mostrar-se-ia *todo-suficiente* quanto a todas as suas necessidades, materiais e espirituais. Também não haveria falta de poder espiritual, o próprio poder de Deus. A providência divina, por igual modo, haveria de acompanhá-Lo. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Providência*.

Uma multidão de povos. A promessa de uma numerosa posteridade fora feita a Abraão. Ver as notas sobre isso em Gên. 26.4. Jacó, pertencente à linhagem de Abraão, levaria avante esse propósito. Mais especificamente, a nação de *Israel* emergiria dessa linhagem, e, subseqüentemente, o Messias, o Rei das nações, em quem *todos* os povos seriam *um* só (Gál. 3.14 ss.).

Multidão. Ou seja, *assembléia* ou *congregação*, talvez indicando Israel como a congregação de Deus.

28.4

A Bênção Pertencia a Jacó. Essa bênção fora dada por Deus a Abraão (Gên. 12.1-4; 13.14-17; 15.1-7; 17.1-8; 18.18 ss.). Dele, foi transmitida para Isaque (Gên. 26.4,5); e agora, de Isaque para Jacó. De Jacó, haveria de passar para os doze patriarcas; e daí para a nação de Israel. E o Messias viria da tribo de Judá, um dos filhos de Jacó. E do Messias seria estendida a bênção a todas as nações da terra (Gál. 3.14 ss.).

A Terra Também Pertencia a Jacó. A Terra Prometida era outra provisão do Pacto Abraâmico. Essa questão é comentada em Gên. 15.18, como primeiro ponto do citado pacto (ver as notas, em seu último parágrafo). Mas antes que Israel tomasse posse da Terra Prometida, teria de sofrer o cativeiro no Egito, o que perdurou por vários séculos. E também, antes que Israel pudesse entrar na Terra Prometida, os povos cananeus que ali habitavam teriam de atingir o limite suportável de sua iniqüidade. Essa iniquidade teria de ser *cheia* (Gên. 15.16). E então Israel entraria na Terra Prometida a fim de punir aqueles povos por sua iniqüidade, tomando as terras dos que se tivessem tornado irreparavelmente maldosos. Dessa maneira, a conquista da Terra Prometida serviria à justiça de Deus, bem como ao cumprimento da promessa divina feita a Abraão.

Uma Pátria Celestial também havia sido prometida, não deste mundo (Heb. 11.9,10,13,16); mas ficou reservado ao Novo Testamento falar claramente sobre essa dimensão espiritual do Pacto Abraâmico. Ver também Gál. 3.15 ss.

28.5

A Partida. Somos poupados de acompanhar uma triste separação de membros da família patriarcal. Rebeca estava presente. A falta era dela. Ela havia planejado e ludibriado na questão da bênção de Esaú para Jacó (Gên. 27.6 ss.). Tinha obtido sucesso em seu esquema, mas precisou pagar um alto preço por causa disso. Imaginara que Jacó ficaria fora de casa apenas alguns *poucos dias* (Gên. 27.44), mas, na realidade, isso se prolongou por cerca de vinte anos ou mais; e ela nunca mais o viu. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

Todos os nomes próprios que figuram neste versículo foram comentados algures, conforme se vê no vs. 2. O termo *arameu* é comentado em Gên. 25.20, onde se descreve a pessoa de *Betuel*. No *Dicionário* ver sobre *Esaú*. Betuel era um *arameu* (ver *Arã, Arameus* no *Dicionário*). Algumas versões chamam-no de "sírio", porque Arã corresponde a Síria nos primeiros livros da Bíblia.

De Berseba a Padã-Arã eram cerca de setecentos e cinqüenta quilômetros, talvez uma viagem de vinte dias, mas não mais de trinta.

28.6

Esaú Busca o Favor Paterno por Meio de Novo Casamento. Ele tinha ignorado os protestos de seus pais acerca de seu casamento com mulheres hititas. Mas agora, vendo que Jacó havia ganho o favor deles, mediante sua obediência na questão do casamento, casou-se também com uma neta de Abraão, através de Ismael. Isso foi uma aliança melhor que os casamentos anteriores, mas ainda estava longe de agradar a seus pais. Ver o vs. 9.

Esaú já tivera de enfrentar vários reveses. Ele tinha perdido seu direito de primogenitura mediante uma grande bobagem; tinha perdido a bênção paterna por culpa do ludíbrio de Jacó; estava em contínuo desfavor diante de seus pais por causa de suas esposas heteias. Agora, procurava *melhorar* a sua situação, casando-se com uma neta de Abraão. Estava começando a perceber que ele mesmo era o culpado pela maioria de suas dificuldades, percepção essa que, para muitas pessoas, requer muitos anos para ser obtida. Parece que, da parte de Esaú, não havia nenhuma intenção de reverter as suas perdas, como, por exemplo, recuperar o seu direito de primogenitura. Ele apenas desejava melhorar sua má situação. É triste quando nos encontramos tentando melhorar uma segunda melhor opção.

28.7

Jacó Obedeceu. Sua obediência fê-lo viajar a Betel, onde passaria por uma profunda experiência mística, que haveria de influenciá-lo pelo resto de seus dias. Agora estava no caminho certo. A obediência fê-lo progredir. E assim chegou em *Padã-Arã* (ver as notas a respeito em Gên. 25.20), na casa de Labão, seu tio.

28.8

Isaque Era a Fonte da Bênção. Em conseqüência, Esaú passou a tentar agradar a seu pai. Deveria ter feito isso desde anos antes. O fator mais irritante era o seu casamento com mulheres de Canaã. E pensou que, se trouxesse uma neta de Abraão a sua tenda, isso haveria de ajudá-lo. Ver Gên. 26.34,35 e 27.46, quanto ao desprazer de Isaque e Rebeca diante de suas noras por meio de Esaú.

28.9

Ismael. Ver no *Dicionário* notas expositivas completas sobre ele.

Maalate. No hebraico, *enfermidade*. Era uma das esposas de Ismael. Ela era neta de Abraão, também chamada *Basemate*. Ver o artigo sobre ela no *Dicionário*, segundo ponto. Ao que parece, Esaú tinha duas esposas, ambas chamadas Basemate (ver Gên. 26.34 e 36.17). Alguns estudiosos supõem que deva ter havido alguma confusão nos relatos, que duplicaram nomes. Mas não há razão para supormos que casar-se alguém com duas mulheres do mesmo nome fosse algo incomum nos dias de poligamia. Maalate (Basemate) era irmã de Nebaiote (Gên. 28.9; 36.3). Maalate tornou-se mãe de *Reuel*, um chefe tribal idumeu (Gên. 36.4,10,13; I Crô. 1.35,37).

Nebaiote. Ver as notas expositivas sobre esse irmão de Maalate em Gên. 25.13.

Não sabemos dizer se essa manobra de Esaú fez alguma diferença em sua situação. Pelo menos, ele foi sábio o bastante para tentar melhorar a situação que havia criado, ou que tinha sido criada contra ele por outras pessoas.

Jacó Vai a Betel (28.10-22)

Os críticos crêem que esta seção é uma mistura das fontes informativas *J* e *E*. Ver o artigo *J.E.D.P.(S.)*, no *Dicionário*, quanto à teoria das fontes informativas múltiplas do Pentateuco.

Jacó, o enganador e suplantador, teve aprimorada a sua espiritualidade por meio dessa experiência mística em Betel, o seu contato e comunhão com o Anjo do Senhor. Ver no *Dicionário* o artigo *Anjo*. Naquele tempo, não sabemos se a teologia dos hebreus tinha avançado o bastante para conceber os anjos como seres imateriais. Pelo menos, porém, havia a crença nos anjos e no fato de que pertenciam a *outra* dimensão. Também não é claro até que ponto a teologia dos hebreus havia avançado no que tange ao *céu*, lugar da habitação de Deus, e, a julgar por este texto, também lugar da habitação de outros seres, como os anjos. Ofereço uma exposição sobre a crença dos antigos em um *céu*, em Gên. 11.4. Naturalmente, continuamos não sabendo muita coisa sobre o *céu*, embora o Novo Testamento tenha acrescentado alguma informação. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Céu*. A falta de conhecimentos não pode obscurecer o ensino principal do presente episódio: Jacó obteve maior espiritualidade mediante uma experiência mística. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misticismo*. Jacó passou por uma elevada experiência espiritual, que o transformou. Precisamos do toque místico em nossas vidas. Não basta ler a Bíblia e orar. Precisamos ter acesso à presença divina.

Na experiência de Jacó, temos outra reafirmação do *Pacto Abraâmico*. Jacó já havia recebido o pacto por meio de Isaque (Gên. 28.3,4). Mas agora a escada dos anjos levava-o até a *presença* mesma de Deus. E ali foi-lhe reassegurado que tudo quanto fora prometido a Abraão era agora transferido para ele, e que o plano divino não haveria de falhar. Ver Gên. 15.18 quanto a notas completas sobre o Pacto Abraâmico; e, no *Dicionário*, ver também o artigo *Pactos*, em sua quarta seção.

"Poucas passagens de todo o Antigo Testamento igualam-se a estes seis versículos em sua influência sobre o pensamento religioso. A visão de Jacó acerca da escada e dos anjos — quão incontáveis são as almas que têm sido iluminadas ao meditar a esse respeito! Ela reverbera em orações e hinos evangélicos. Philip Doddridge invocou o

Deus de Betel, por cuja mão
Teu povo continua sendo alimentado.

Um dos belos hinos no estilo "negro spiritual" diz como segue: "Subimos pela escada de Jacó". E adoradores sem conta têm entoado e continuarão entoando "Perto de Ti, meu Deus". Os que buscam Deus identificam-se com o "peregrino", quando o sol se pusera, as trevas tinham descido e ele descansou a cabeça sobre "uma pedra". E desse mesmo pano de fundo é que vem a oração que diz:

Mas em meus sonhos, eu estava
Mais perto de Ti, meu Deus, de Ti,
Mais perto de Ti!

(Walter Russell Bowie, *in loc.*)

A igreja na qual passei a infância e a juventude chamava-se *Betel*, e ali muitas almas foram transformadas. Enviou inúmeros pregadores e missionários, e durante anos foi a mais potente luz espiritual em Salt Lake City, no estado de Utah nos Estados Unidos da América.

28.10

De Berseba. . . para Harã. Há notas sobre esses dois lugares, o primeiro no *Dicionário;* e o segundo em Gên. 25.20, sob *Padã-Arã*. A viagem era de cerca de setecentos e cinqüenta quilômetros, e exigia vinte dias ou mesmo trinta de jornada. Jacó foi por motivo de obediência, conforme vimos no sétimo versículo. Primeiramente ele passaria por Betel, onde se encontraria com Deus e seria transformado. Ele deixou Berseba, e também os ludíbrios e fraudes. Chegou em Harã como um homem novo. Ainda teria de enfrentar reveses e tribulações. Em várias ocasiões mostrou-se um fraco. Mas agora estava diferente, tendo sido transformado em um vaso apropriado para tornar-se o progenitor da nação de Israel.

Embora a história de Jacó seja incluída dentro da *toledoth* (geração) de Isaque, começando em Gên. 25.19 e indo até Gên. 35.29, em um sentido real, também temos nela a *toledoth* de Jacó, tal como a *toledoth* de Terá era também a de Abraão (Gên. 11.27-22.11). Com esse termo hebraico, o autor sagrado assinalou as doze seções do livro de Gênesis, a primeira delas sem essa palavra. Portanto, há onze *toledoth*, que assinalam as divisões mais gerais do livro. Ver a nota geral em Gên. 2.4 sobre as *toledoth*.

28.11

Fê-la seu travesseiro, ou seja, de uma pedra. O viajante estava cansado da viagem. Com a cabeça apoiada sobre uma pedra, dormiu profundamente. O sol já se tinha posto na realidade, mas também metaforicamente. Seu passado estava todo para trás. Deus havia preparado uma experiência muito significativa, que teria notável influência pelo resto de sua vida. Recentemente li sobre um grande cientista do século XVII que, aos cinqüenta e sete anos, passou por uma experiência transformadora. Ele fizera grandes contribuições para a ciência. Mas de súbito começara a ter uma série de estranhos sonhos, cada um dos quais procurava dizer-lhe: "Este era o seu passado; mas veja quão defeituoso foi ele!" Então o homem caiu em um estado de transe por um período de cerca de dez horas. E quase no fim desse período, teve uma visão de Jesus, que lhe dizia: "Que vais fazer com a tua vida?". A sua velha vida, embora cheia de distinção, agora ficava no passado. Esse homem veio a tornar-se um grande líder espiritual, cujos ensinos e escritos ainda exercem influência sobre milhares de pessoas hoje em dia. Assim também, o Senhor apareceu a Jacó, em Betel, e lhe disse: "Que vais fazer com a tua vida?". E Jacó foi da pedra terrena para a escadaria celestial.

A certo lugar. Assim diz nossa versão portuguesa. Mas o original hebraico diz "ao lugar", mostrando que era um lugar definido, o lugar determinado para ele receber sua revelação divina, pois *estava sucedendo por acaso*.

Provavelmente, Jacó tinha tencionado chegar à cidade de Luz, a pouco menos de oitenta quilômetros de Berseba. Tinha sido uma jornada e tanto para uma caminhada de um único dia. Por isso mesmo, teve de parar no lugar da revelação. Estava em algum ponto fora da cidade. Ver o vs. 19.

Já era sol-posto. Trata-se de uma bela provisão divina quando o sol se põe em alguma parte de nossa vida, para poder surgir no horizonte, projetando os seus raios sobre um novo começo e trazendo um Novo Dia.

John Gill (*in loc.*) manifestou pena de Jacó. Ele poderia ter apanhado um resfriado, dormindo sobre aquela pedra. Mas concluiu que, em todas as coisas, Jacó estava dentro da providência divina. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Providência de Deus*.

28.12

E sonhou. Sem sombra de dúvida, alguns sonhos são de natureza espiritual. Há muitos níveis de sonhos, alguns superficiais e outros profundos. Sonhar é uma dádiva divina, e podemos aprender muita coisa através dos sonhos, e isso em *muitas* ocasiões, mesmo que não todas as noites. Mas precisamos aprender sua linguagem e seus símbolos. No *Dicionário*, apresento um artigo detalhado sobre os *Sonhos*. Os jovens têm visões; os velhos têm sonhos (Atos 2.17). Há sonhos que valem como visões, e ambas essas coisas promovem a nossa espiritualidade. É significativo que os sonhos e as visões usem os mesmos símbolos.

Uma escada, cujo topo... Os pagãos tinham construído uma torre por meio da qual haviam tentado chegar ao céu. Mas fracassaram. Ver Gên. 11.1-9. Pela graça de Deus, Jacó sonhou com uma escada, e ela levava ao céu. Era a escada de Deus, em contraste com a torre feita pelos homens. O lugar onde Jacó teve sua experiência ficava perto do alto de um cume, ao norte da moderna Beitin, local da antiga Betel.

Atingia. Os anjos do Senhor subiam e desciam por ela. Havia comunicação entre o céu e a terra. Isso ensinava que Deus se fez acessível para nós.

Ver Romanos 5.2: Temos *acesso mediante a fé*. Efésios 2.18: Temos acesso pela agência do Espírito. Hebreus 4.16: Temos acesso como parte da herança espiritual que nos foi dada em Cristo. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Acesso*.

Esse incidente mostra que Deus ia com Jacó por onde quer que ele fosse. Mas sua vida foi dramaticamente transformada em Betel. A vida de Jacó caracterizar-se-ia por acesso a Deus e por provisão divina. A providência de Deus o governava. A Jacó competia levar adiante o Pacto Abraâmico (vss. 13 e 14).

O céu e a terra estavam ligados por meio da provisão divina.

Alguns estudiosos percebem três estágios no sonho-visão de Jacó:

No vs. 12: Havia acesso ao céu; havia intercomunicação.

No vs. 13: O próprio Senhor estava no alto da escada, à disposição do homem. Ele é que reafirmava o Pacto Abraâmico diante de Jacó, garantindo Sua provisão universal em favor do homem.

No vs. 15: Deus estava com Jacó, a fim de cumprir todas as Suas promessas. Jacó não sofreria carência nem fracassaria.

Uso que Jesus Fez Desta Passagem. "Em verdade, em verdade vos digo que vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem" (João 1.51). E isso porque em Cristo se manifestam a mensagem e a providência de Deus, visando ao bem do homem (João 1.1,8,9).

28.13

Perto dele estava o Senhor. Os anjos são meros servos do Senhor (*Yahweh*). Ver sobre esse nome divino no *Dicionário*. Jacó, peregrino e exausto, a dormir com a cabeça apoiada sobre uma pedra, subita e inesperadamente obteve acesso ao próprio Senhor. Estava longe de casa, mas o Senhor estava com ele, transmitindo-lhe uma notável mensagem de esperança. Há uma ponte que transpõe o abismo entre o céu e a terra. Os homens espirituais sabem disso, mesmo que nunca tenham recebido uma visão confirmatória. Jacó não merecia receber uma visão da parte de Deus. Mas ele estava crescendo; era um homem do destino, em quem o propósito divino estava operando. Seus instintos eram infalíveis. Ele havia desejado intensamente o direito de primogenitura. Seus métodos tinham sido errados; mas ele estava crescendo.

Quando ficamos tão tristes que não poderíamos ficar mais tristes; quando choramos diante de alguma imensa perda, então nosso rosto brilha por causa da luz daquela escada que liga o céu à terra.

A Lição Eterna. O sonho-visão dado a Jacó simboliza a esperança de Israel, a esperança que os acompanhou desde Abraão, atravessando todo o Antigo Testamento, até culminar na pessoa do Messias, Jesus de Nazaré.

Cristo, *o caminho* (João 14.6), é a escada em sua dimensão maior. Ele é a ponte que liga o mundo imaterial ao mundo material (ver I Tim. 2.5).

O Senhor, Deus. No hebraico, *Yahweh-Elohim*. Ver sobre esses nomes divinos no *Dicionário*. Esses nomes divinos são aqui acumulados para efeito de ênfase.

Abraão. O Pacto Abraâmico foi firmado com ele: Gên. 12.1-4; 13.14-17; 15.1-7; 17.1-8; 18.18 ss. e 22.15 ss.

Isaque. O pacto foi confirmado com Isaque (Gên. 26.4,5,24).

Jacó. O pacto também foi confirmado com Jacó (Gên. 27.29; 28.3,4,14).

Só há um Deus, com uma única promessa. E Ele confirmava o mesmo pacto com a linhagem Abraão-Isaque-Jacó-Messias. Ver Gên. 15.18 quanto ao Pacto Abraâmico, com idéias adicionais no artigo intitulado *Pactos*, em sua quarta seção.

A terra... eu ta darei. Por enquanto és um peregrino, estás longe de casa, e estás dormindo sobre uma pedra. Mas a *terra* onde estás te pertence, bem como tudo ao teu derredor. A provisão de uma pátria faz parte do Pacto Abraâmico. Ver Gên. 15.18 quanto a essa dimensão do pacto, estabelecido entre Deus e Abraão.

28.14

Como o pó da terra. Várias expressões foram usadas para salientar o grande número de descendentes da linhagem Abraão-Isaque-Jacó. Várias nações procederiam de Abraão, e a grande nação de Israel, de Jacó. Essa era uma das provisões do Pacto Abraâmico. Nas notas sobre Gên. 26.4, ver como outras nações descenderiam de Abraão. A expressão *o pó da terra* é comentada em Gên. 13.16. Nas notas sobre este versículo alisto e comento outras metáforas usadas para exprimir a idéia de numerosa posteridade. Ver também Núm. 23.10.

Estender-te-ás. Em todas as direções da bússola. Se a Terra Prometida não era vasta, a julgar pelos padrões modernos, era bastante grande para a época. Em Gên. 15.18 dou suas dimensões, nas notas expositivas. ". . .estender-te-ás como um dilúvio que chegará às extremidades da terra prometida, para todos os lados" (John Gill, *in loc.*).

Serão abençoadas todas as famílias da terra. Outra provisão do Pacto Abraâmico. Ver Gên. 18.18, 22.18; e, sobre as dimensões espirituais da promessa divina, ver Gál. 3.14 ss. e João 8.56-58. Uma bênção universal deveria provir de Abraão, através da *instrumentalidade* de Israel.

28.15

A Contínua Presença. "De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei" (Heb. 13.5). Jacó estava distante de casa, em um território desconhecido, sem nenhum amigo por perto; mas a presença divina estava com Ele, e nunca o abandonaria.

... Te guardarei. Deus o acompanharia a fim de guardá-lo, protegê-lo e guiá-lo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Providência de Deus*. Haveria animais ferozes nos campos; haveria assaltantes nas estradas, haveria vizinhos hostis, o próprio Esaú seria um perigo imediato; Labão tiraria proveito de sua boa vontade; Jacó seria explorado e pressionado, mas a vitória lhe estava garantida.

... te farei voltar a esta terra. Para Jacó, essas palavras foram proféticas. A nação que dele se originaria passaria vários séculos no cativeiro, no Egito. Mas no tempo determinado por Deus (quando a taça da iniqüidade dos cananeus estivesse repleta, Gên. 15.16), *então* o povo de Israel estaria *de volta* àquela terra. Era mister que houvesse uma *pátria*, se Israel tivesse de ser uma grande nação. Isso fazia parte das provisões do pacto com Abraão. As dimensões da Terra Prometida aparecem em Gên. 15.18, onde o leitor deve examinar as notas.

O Simbolismo de Betel. Ver a nota a esse respeito no vs. 19 deste capítulo.

28.16

Deus Está em Todos os Lugares. Mas fizera uma visita especial a Betel, embora Jacó não o tivesse notado logo. Era um local improvável, um deserto, uma terra seca e sedenta. Era um lugar ermo, sem nenhum oásis, nem vale sombreado. Era um lugar rochoso e estéril. Segundo todas as aparências, era um lugar abandonado por Deus. Ali Jacó era um fugitivo, tomado por temores e ansiedades. Mas foi *exatamente ali* que Deus quis manifestar a Sua presença. A lição espiritual é clara. Em nosso lugar de necessidade, onde desesperamos e tememos, Deus acha-se presente. Jacó estava em um exílio castigador. Contudo, em seu sonho, ele viu não somente a natureza, mas também a porta do céu que se abria diante dele, e ouviu a voz do Senhor. No entanto, em sua solidão, quantos seres humanos dormem, mas não recebem nenhum sonho divino. Contudo, a presença está ali, se buscarem por ela (Mat. 7.7). Deus manifestou-se a Jacó longe dos santuários onde ele estava acostumado a adorar. Mas Abraão, muitos anos antes, havia erigido um altar e um santuário em Betei, provavelmente não muito longe de onde Jacó agora estava. Ver Gên. 12.8.

E eu não o sabia. "Tal como Maria, quando Jesus esteve pertinho dela, mas ela não O reconheceu (João 20.13)" (John Gill, *in loc.*).

28.17

Um Lugar Temível. As experiências místicas de elevada ordem tanto aterrorizam quanto fazem exultar, ao mesmo tempo. O lugar de uma poderosa experiência espiritual causa espanto. Pelo menos alguns santuários de culto religioso têm sido estabelecidos por causa do fato de que, inicialmente, em tais lugares, houve alguma poderosa experiência espiritual. Mas esses lugares acabam sendo profanados com o comércio. Jacó estivera à porta do céu. E assim, aquele que ainda recentemente fora um enganador, foi alcançado pela graça de Deus e transformado, por ser ele um instrumento especial do Senhor. Quando um homem é levado a reconhecer, de alguma forma dramática, que Deus, de fato, *veio estar dentro dele*, ele se admira disso; e ainda que até ali tenha sido um fracasso moral, experimenta momentos de arrebatamento e exultação. A visão é um momento de supremo triunfo, embora também seja um momento de humildade e de prestação de contas, quando a pessoa tem direito de corrigir-se diante de Deus.

A distância entre Deus e o homem é imensa. Algumas vezes, entretanto, a pessoa é levada até a própria porta do céu. Esaú havia infundido profundo medo em Jacó, e este fugira para escapar com vida. Mas isso nada foi em comparação com o abalo que o sonho-visão trouxe agora a Jacó. Anos mais tarde, Jacó haveria de lutar com o Anjo. A visão em Betel foi apenas um começo, e não um fim. Assim sucede com todas as experiências místicas autênticas. Elas fazem parte do caminho e ajudam-nos ao longo da caminhada; não são o caminho propriamente dito. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Misticismo*.

A casa de Deus. Daí o local chamar-se, no hebraico, *Betel* (ver o vs. 19, onde aparecem notas expositivas). Ver Sal. 23.6, que diz: "Habitarei na casa do Senhor para todo o sempre". Provavelmente temos aí uma referência ao templo. Ver também I Tim. 3.15, onde o termo é aplicado à Igreja. Benditos são aqueles lugares e edificações associados à verdadeira fé religiosa! Deus está em toda a parte, mas resolve manifestar-se de maneira especial em certos lugares.

A porta dos céus. Não o próprio céu, mas o lugar de entrada ou *acesso* àquele lugar; o lugar de autoridade, a porta, o caminho. A própria visão ilustra esses elementos, conforme as notas dadas nos vss. 12 e 13, com referências a outras Escrituras. Ver no *Dicionário* o verbete *Portão*.

28.18

A Pedra Tornou-se uma Coluna. Jacó tomou a pedra que lhe servira de travesseiro, e a transformou em um monolito espiritual. Essas pedras podiam ser encontradas em todos os santuários cananeus. Aquela usada por Jacó tornou-se uma espécie de altar tosco, sobre o qual ele ofereceu uma espécie de libação. Esses monolitos eram símbolos da presença de Deus, ou dos deuses, em certos lugares. Também serviam de *memoriais*, referindo-se a algum evento incomum ou sagrado, em algum local. Cf. este versículo com Gên. 31 13,45; 33.20; Êxo. 24.4 e Jos. 24.26. Uma pedra assim é mencionada em relação ao culto dos cananeus (Êxo. 34.13). Afinal, esses memoriais foram condenados como manifestações idólatras, o que se vê na última dessas referências. Nada existe de errado com os sinais físicos das aspirações ou crenças espirituais, contanto que não degenerem em alguma forma de idolatria. A dificuldade é que usualmente degeneram desse modo. Ver no *Dicionário* os artigos *Idolatria* e *Imagem de Escultura*. A legislação mosaica posterior mostrava-se enfática contra a manufatura de tais objetos. Ver Êxo. 20.4,5 e Deu. 5.8.

A Pedra e os Mitos. Os homens não permitem que "aquela" pedra descanse em paz. A tradição tem inventado histórias fabulosas a respeito. Dizem-nos que aquela pedra exata foi levada a Jerusalém, e dali passou para a Espanha. Da Espanha foi para a Irlanda e, então, para a Escócia. Na Escócia, os reis escoceses transformaram-na em uma espécie de banqueta onde se sentavam quando eram coroados. Além disso, continua a lenda, Eduardo I mandou trazê-la para a abadia de Westminster, e ficou sob o trono onde o rei se sentava quando de seu coroamento. E agora a pedra, a mesma pedra de Jacó, está ali. Ridículo demais para considerarmos. E outros mitos têm sido inventados em torno da tal pedra, os quais nem me dou ao trabalho de trazer à baila.

Pedras Antigas. A pedra, Jacó transformou-a em um altar, seguindo um antigo costume. Talvez tenha derramado algum azeite sobre ela, ao mesmo tempo em que proferia uma oração. Os cananeus tinham um rito similar; os hindus ungem imagens e altares de pedra com azeite, perfume ou outros líquidos. Há uma referência em Homero (*Odyss.* lib. v. secs. 406-410) acerca de uma pedra. "O idoso homem levantou-se cedo, andou um trecho e se sentou sobre uma *pedra polida*, diante do portão de mármore; e o lúcido mármore foi feito brilhar com unguento, onde sentara-se, antigamente, Neleu, em um trono rústico." Pedras também eram ungidas na adoração a Saturno e a Júpiter. Altares feitos de uma única pedra vieram a ser adorados como se fossem divindades, de modo que a idolatria foi ficando cada vez pior. Essas pedras, altares e imagens de escultura eram derrubadas pelos hebreus (Lev. 26.1; Deu. 7.5 e 12.3).

28.19

Betel. Ou seja, "casa de Deus". Comentei sobre essa localidade no *Dicionário*. Abraão havia erigido ali um altar, fazia muitas décadas. Ver Gên. 12.8. É tolice imaginar que Jacó chegou precisamente ao mesmo lugar, embora tivesse chegado nas cercanias. O *Yahwismo* avançava mediante a elevação de tais altares, e também pela crescente iluminação espiritual que ia sendo dada à família de Abraão. Assim, os hebreus avançavam na direção de um monoteísmo formalizado (ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Monoteísmo*).

Luz. Ver sobre esse lugar no *Dicionário*. Duas cidades eram assim chamadas no Antigo Testamento, aquela deste texto (perto de Betel), e uma cidade dos heteus, mencionada em Juí. 1.23-26. O trecho de Jos. 16.3 faz a distinção entre Luz e Betel, talvez para mostrar que ali havia duas cidades, próximas uma da outra, ou, então, a Luz desta passagem pode ser referência a uma serra montanhosa, e não o nome de uma aldeia separada. Detalhes sobre esses particulares aparecem no *Dicionário*. Luz significa "amêndoa" ou "avelã", tipos de nozes que medravam naquela região em geral.

O Simbolismo de Betel. Ali havia acesso; ali estava a casa de Deus; ali os homens se encontravam com a presença divina. Para o crente, representa a realização espiritual, a comunhão e o acesso a Deus. Ver Efé. 1.17-23, que requer a presença divina. Os dispensacionalistas vêem ali a nação de Israel, expulsa da Terra Prometida por motivo de iniqüidade, embora retendo a promessa de restauração (Gên. 28.15; Deu. 30.1-10). Os *verdadeiros israelitas*, ou seja, discípulos de Cristo, têm sua Betel no discipulado cristão e nos seus privilégios. Ver João 1.47-51. Esses privilégios incluem revelações especiais, dadas por meio de Cristo. Em um sentido geral, Betel representa experiências místicas nas quais a *Presença de Deus* nos é conferida de alguma maneira especial. Deus pode manifestar-se e realmente manifesta-se ao homem, e de várias maneiras. Isso fala sobre o teísmo, em contraste com o deísmo. O teísmo entende que o Criador não abandonou a Sua criação, mas faz-se presente a fim de guiar, julgar e recompensar os seres morais. O deísmo pensa que Deus (ou alguma força criadora, pessoal ou impessoal) trouxe as coisas à existência, mas em seguida abandonou a sua criação, deixando-a entregue ao governo das leis naturais. Ver no *Dicionário* os artigos *Teísmo* e *Deísmo*.

O Novo Nome. Naquela região antes medravam amêndoas. Tornou-se então a "casa de Deus". Do material, pois, passamos para o imaterial; e do terreno, para o celestial. Todo homem precisa de sua experiência tipo Betel. Ou melhor, todo homem precisa de muitas experiências tipo Betel, pois a espiritualidade nunca chega a um alvo final, mas vai avançando continuamente na direção das perfeições de Deus. Esse é um processo eterno, e não um acontecimento isolado.

Conta-se a história de um pescador e de sua esposa, que ilustra o texto. Um ministro chegou ao lar humilde do pescador. E perguntou: "Jesus Cristo vive aqui?". O ministro não perguntou se eles freqüentavam a igreja, ou se liam a Bíblia ou se oravam de vez em quando. Mas perguntou: "Jesus Cristo vive aqui?". Essa é uma pergunta muito mais importante e vital, no caso de cada ser humano.

28.20

Um voto. A visão teve um poderoso efeito sobre Jacó, inspirando-o a fazer um voto ao Senhor. *Se* Deus estivesse com ele; *se* Deus o guardasse; *se* Deus suprisse todas as suas necessidades e *se* Deus o levasse de volta à casa de seu pai, *então* Yahweh seria o seu Deus. A visão deveria ter eliminado todas essas várias *condições*. Mas não podemos esquecer que Jacó era um caráter fraco, e somente agora começara a crescer. Ele proferiu suas condições na fraqueza, mas debaixo de uma crescente iluminação.

O tom de *barganha* do voto por certo indica a consternação do autor sagrado diante da pequenez de Jacó naquele momento. Jacó, porém, acabou sendo um dos maiores patriarcas de Israel. O homem pode crescer; o homem pode *mudar*. Um livro contém vários capítulos; cada capítulo leva mais adiante o assunto. Jacó tinha começado a avançar. Quem não barganha com Deus, até mesmo em torno de coisas triviais? Também estamos começando a crescer. Mas *Yahweh* é o nosso Deus. E isso garante tudo.

Historicamente falando, este versículo é importante. O Yahwismo estava tomando vulto. A família de Abraão havia começado na idolatria (Jos. 24.2). Não se pode edificar um templo em um único dia.

A oração de Jacó não foi muito profunda. Mas foi apenas um começo. Ele tentou barganhar com Deus. "Se Deus salvasse sua pele e o tornasse próspero, então ele daria a Deus o dízimo daquilo que Deus lhe desse. Uma oração *superficial*" (Walter Russell Bowie, *in loc.*). No entanto, Jacó voltara o rosto para o céu, talvez pela primeira vez na vida, com alguma seriedade.

Sua oração foi, essencialmente, *interesseira* e *egoísta,* conforme são quase todas as nossas orações. Ver Tia. 4.3.

Os *votos* tiveram um importante papel na história de Israel. Ver no *Dicionário* o artigo *Voto*. O primeiro voto que há nas Escrituras é esse voto de Jacó.

28.21

As Raízes Atraem. Jacó já estava saudoso da casa paterna. Esaú estava desvairado de ira, pelo que Jacó precisara fugir. Desejava encontrar-se de novo com um Esaú pacífico, para que pudesse retornar. Ele escolheria sua noiva em Padã-Arã, e, então, voltaria, conforme sucedera no caso de seu pai Isaque, e de sua mãe, Rebeca. Mas a vontade de Deus haveria de detê-lo na casa de Labão por cerca de vinte anos. Finalmente, haveria de voltar. Deus tem o seu próprio *cronograma*. É impossível abrirmos uma porta espiritual antes do tempo certo. Todavia, é possível entrarmos *atrasados*. Contudo, as portas espirituais mais benditas são as que se abrem espontaneamente, *chegado o tempo certo.* Isso nos surpreende de cada vez, e quedamos admirados diante da graça divina. O homem espiritual sabe dessas coisas, mas quase sempre manifesta surpresa quando vê Deus agir *de novo*.

Mantém-nos na sua graça,
E guia-nos quando perplexos.
Livra-nos de todos os males,
Neste mundo e no outro.

(Martin Rinkart)

Jacó Orou. A vida inteira ensina-nos sobre o poder e a necessidade da oração. A oração funciona! Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Oração*

28.22

O Altar de Betel. A pedra tornou-se o ponto focal do que havia acontecido. Tornou-se um altar tosco (ver no *Dicionário* o verbete *Altar*). Ali ainda não havia nenhuma cidade, embora uma pequena aldeia próxima fosse chamada Luz. O que havia ali agora, porém, era um memorial a *Yahweh*, estabelecido juntamente com um voto. Não há nenhum indício de que Jacó tenha reconstruído ou restabelecido o altar que Abraão havia erigido ali (Gên. 12.8). Mas em algum lugar, naquela região em geral, ele agiu da mesma maneira que fizera Abraão, enfatizando a realidade espiritual com o seu ato, por mais imperfeita que tenha sido a sua oração.

Jacó *começou* assim a ser um homem por meio de quem podia fluir a mensagem espiritual. "Meditemos sobre a mensagem que procede das palavras de inúmeras grandes almas, tanto entre os místicos como quanto entre os santos militantes" (Walter Russell Bowie, *in loc.*).

"Ele leva-nos lentamente a sua câmara secreta. Ele confere-nos uma crescente constância em Sua presença. E nós Lhe agradecemos" (Thomas R. Kelly). Temos aqui êxtase, serenidade e segurança inabalável.

O dízimo. Provi um detalhado artigo sobre esse assunto, no *Dicionário*. A prática era anterior à legislação mosaica por muitos séculos, sendo um costume em várias antigas religiões. Ver Gên. 14.20 quanto a primeira referência a essa prática, no Antigo Testamento, que envolveu Abraão e Melquisedeque.

Não somos informados sobre como Jacó gastaria esse dinheiro: talvez na forma de esmolas, sacrifícios e promoção do Yahwismo, com seus altares e ritos, ou mesmo mostrando-se generoso para com outras pessoas.

Capítulo Vinte e Nove

Os Casamentos de Jacó em Arã (29.1-30)

Os críticos vêem um entretecido de tradições neste capítulo, atribuindo os vss. 1-14 à fonte informativa *J*, a maior parte dos vss. 15-30, à fonte *E*, e os vss. 29.31-30.24, a uma mescla das fontes *J* e *E*, com vários comentários e emendas editoriais. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

Jacó conheceu Raquel, sua esposa querida, no *Oriente* (vs. 1), a parte norte do deserto da Arábia, em Arã, terra natal de Labão, pai de Lia e Raquel. Labão era um arameu seminômade, neto de Naor, irmão de Abraão. Abraão havia deixado o lar da família, em Arã, e tinha entrado na Terra Prometida (Gên. 12.4 ss.). Parte da família (oriunda de *Ur;* ver no *Dicionário*) permaneceu em Arã, a saber, Naor e seus descendentes. Havia algum contato entre os dois ramos da família. O servo de Abraão fora até Arã, que ficava cerca de setecentos e cinqüenta quilômetros de distância, o que requeria uma viagem de cerca de trinta dias, a fim de ali obter uma noiva para Isaque (cap. 24). Rebeca, a noiva, viajou até Berseba e foi absorvida na família de Abraão. Agora era a vez de Jacó entrar em contato com o ramo da família que ficara em Arã. Mas estava destinado a permanecer ali por cerca de vinte anos. Cada homem tem seu destino; cada pessoa tem seu cronograma. Jacó moveu-se em várias direções, durante a sua vida: para o sul, até Hebrom; para oeste, até Betel e Siquém; para o norte, até Arã; e, então, de volta para o sul. Em Siquém, ele se tornou o pai de José, e assim foi continuando a história dos patriarcas.

Tal como o servo de Abraão, Jacó encontrou-se com sua futura esposa perto de um poço, e ali teve início uma das mais inspiradoras histórias de amor de todos os tempos. Dessa vez, foi Jacó quem se ocupou em servir água, e não a mulher (Rebeca) conforme se vê na história paralela anterior. Jacó, tomado de grande emoção, osculou imediatamente a sua prima e, por ter tal mulher nos braços, chorou em voz alta.

O diálogo revelou o fato de que ela era sua prima (tal como na história anterior, Gên. 24.47 ss.). Pormenores da história que se segue são similares ao relato do capítulo vinte e quatro. Houve muito júbilo, e Jacó foi regiamente recebido. Isso armou o palco para os casamentos de Jacó, e para *ele* ser enganado, para variar. Sempre nos encontramos conosco mesmos, apesar de nossos pecados nos serem perdoados.

29.1

Pôs-se Jacó a caminho. Ou seja, de Betel a Harã, cerca de setecentos e cinqüenta quilômetros. Ele deve ter gasto uns vinte dias, ou algo mais, para cobrir essa distância.

Oriente. Ou seja, a parte norte do deserto da Arábia. Mas tendo como ponto de partida a sua terra, era a direção nordeste. Já eram terras da Mesopotâmia, a leste da terra de Canaã (ver Isa. 9.11), pelo que é dada essa direção. O território para além do Eufrates era chamado *kedem* (oriental), nos escritos sagrados. Algumas vezes o território dos árabes também era assim designado.

29.2

Eis um poço. Presumivelmente, o mesmo diante do qual chegara o servo de Abraão, na missão para obter noiva para Isaque. Mas alguns estudiosos preferem pensar em outro poço. Ver Gên. 24.11 e suas notas expositivas, como também, no *Dicionário*, os artigos chamados *Poço* e *Cisterna*. Poços e cisternas revestem-se de capital importância nas áreas desérticas. Há boa chance de que tenha sido feita, de modo positivo, a identificação do poço em pauta, o que comento nas notas sobre Gên. 24.11. O capítulo vinte e quatro do Gênesis é uma espécie de tratado sobre a liderança divina. Ver no *Dicionário* o artigo *Providência Divina*. Neste capítulo vinte e nove a ênfase sobre isso é atenuada, mas compreendemos essa verdade sem termos de ser continuamente lembrados a respeito.

Grande pedra. Não visava a impedir a saída da água da fonte perene. Antes, servia para impedir que alguma pessoa ou animal caísse no poço. Ou, então, impedia que entulho ou areia caísse na água, sujando-a.

29.3

Como Era Removida a Pedra? Vários homens rolavam a pedra para um lado. Aos animais dava-se água. Então a pedra era reposta em seu lugar. Uma tarefa laboriosa, mas necessária. Um homem rico como Labão, sem dúvida, dispunha de vários homens que fizessem esse trabalho. Era preciso mais de um homem para remover a pesada pedra. Talvez por isso as mulheres estivessem isentas desse trabalho. O relato do capítulo vinte e quatro não menciona uma pedra assim, além do que, ali, parece que Rebeca fez todo o trabalho, observada pelo servo de Abraão. Isso dá a entender que seria um poço diferente.

29.4

Os Estranhos da Cidade de Labão. Não eram amigos de Jacó nem da família de Labão. Mas eram pastores, e, portanto, "irmãos de profissão". Jacó chamou-os de "irmãos" por querer ser amigável. E procurou saber se lhe poderiam dar alguma informação sobre Labão. De fato, eles conheciam Labão, além do fato de que em breve chegaria Raquel, filha de Labão, para dessedentar primeiro às suas ovelhas. Talvez isso não se devesse ao fato de que Raquel fosse mulher, mas sim de que Labão tivesse alguma prioridade sobre o uso do poço.

O Problema do Idioma. A família de Jacó era de Ur e falava um idioma semítico (o caldaico). Os habitantes de Arã também eram semitas, e havia muita intercomunicação entre os dois lugares. Isso posto, não há razão para pensarmos que houve entre Jacó e os naturais da região algum problema sério de linguagem. Talvez já existisse um hebraico primitivo, mas não era muito diferente dos outros idiomas semíticos. Ver Gên. 31.47 quanto a alguma diferença de linguagem entre os dois ramos da família. Ver no *Dicionário* o artigo *Padã (Padã-Arã)*. Nossa versão portuguesa e outras dizem aqui *Harã*.

29.5

Labão. Dou um artigo detalhado sobre ele no *Dicionário*. Ele era sobrinho de Abraão, filho de Betuel, e pai de Raquel. O texto chama-o aqui de "filho de Naor", mas isso indica uma designação frouxa para "neto". Talvez Betuel já tivesse falecido, e Naor fosse o mais bem conhecido patriarca da família. Seja como for, Labão era bem conhecido em Arã, e foi fácil para Jacó descobri-lo. Naor era o fundador daquele ramo da família, e o imigrante original chegado de Ur (da família de Terá). Portanto, seu nome continuava em evidência, e um seu neto podia ser chamado de *filho*.

29.6

Ele está bom? Labão estava em boa saúde, e o diálogo tocou primeiro em questões como essa, tal como em tempos modernos. Talvez esse termo também significasse *próspero*. Labão estava *bem* e estava em *boa situação*. No hebraico, temos *hashalom*, "em paz", que tem essas conotações.

Raquel. Esse é o único nome feminino pelo qual já tive preferência. Esse nome significa *ovelha*. Devia ser seu nome original, e não algum apelido adquirido em face de sua ocupação. Dou um artigo detalhado sobre ela no *Dicionário*. Por pura sorte, enquanto Jacó falava com os homens, Raquel chegou. Naturalmente nada sucede por acaso. No trecho paralelo de Gên. 24.42 ss.; temos uma história elaborada e dramática sobre como *Deus trouxera* Rebeca para vir ao encontro do servo de Abraão. Se isso não aconteceu aqui, estamos acompanhando a mesma providência divina.

29.7

É ainda pleno dia. O sol ainda estava alto no céu. Os animais abrigavam-se na pouca sombra que havia, esperando pela hora de receber água. Jacó pensou que era chegado o momento certo de tirar água, e indagou por que aquela demora. Mas é que havia uma rotina que os pastores costumavam observar. Reuniam-se os diversos rebanhos, incluindo o de Labão (guiado por Raquel). Ela tirava água para seus animais *primeiro*, e, então, os outros faziam a mesma coisa. Ou Labão era o proprietário do poço ou tinha alguma prioridade sobre eles, embora isso não seja explicado. Primeiro dessedentavam-se os animais, e então estes podiam ir pastar nos campos.

29.8

Seja removida a pedra da boca do poço. Os pastores com os quais Jacó se encontrou não tinham autoridade para remover a pedra. Havia uma certa sequência de atos. É provável que eles fossem servos ou pastores de Labão, e tivessem de esperar por Raquel, a pastora. Ou, então, para evitar que a água se sujasse, a pedra era rolada quando *todos* os rebanhos se reuniam. E, então, começava o processo.

29.9

Chegou Raquel. Um grande momento pelo qual Jacó tanto esperara, e que foi divinamente arranjado para ele. Parece que ele *caíra* bem no meio dos acontecimentos, mas *Deus* providenciara o encontro. Raquel seria uma das matriarcas da nação de Israel. O versículo mostra-nos que Jacó não a conhecia ainda, mas o diálogo com os pastores (mencionado no vs. 6) permitiu que ele a reconhecesse quando ela chegou. E também é possível que um dos pastores tenha dito: "Eis aí Raquel".

As mulheres, ao que parece, não eram mantidas em reclusão e tão abrigadas como hoje se vê naquela parte do mundo, graças à influência do islamismo. Note-se também que, apesar de Labão ser um homem rico, não estava abaixo da dignidade de sua filha cuidar de ovelhas. Todo trabalho honesto é digno. Ver no *Dicionário* o artigo *Trabalho, Dignidade e Ética do*. "O trabalho honesto, longe de ser um descrédito, é uma honra para grandes e pequenos. . . que todo filho e toda filha aprendam que não é um descrédito manter-se alguém ativo, sempre que isso for mister, ainda que seja no labor mais humilde, mediante o qual os interesses da família sejam honestamente promovidos" (Adam Clarke, *in loc.*). Homero (*Iliad*, vol. 1, vs. 313, 2:6 vs. 2) diz algo similar sobre os filhos do rei de Tebas, que cuidavam dos rebanhos dele.

29.10

Tendo visto Jacó a Raquel. Ele a amou desde o começo, e imediatamente começou a trabalhar em favor dela, sem que tivesse sido feito qualquer pedido nesse sentido. Assim começou uma das mais comoventes histórias de amor de toda a literatura mundial.

Removeu a pedra. É provável que o texto signifique que ele, ao tomar a iniciativa, com a ajuda de outros fez rolar a pedra. Ali estava Jacó, o irmão gêmeo mais fraco (não Esaú, o rapaz do campo), a rolar *sozinho* a grande pedra, se tivermos de entender literalmente a passagem. Como ele conseguiu esse feito? Ele simplesmente viu Raquel, e *qualquer* tarefa dali por diante tornar-se-ia fácil. A partir do instante em que a viu, tornou-se um homem diferente. Começou imediatamente a servir, por amor.

Casamentos dentro da Família de Abraão. Abraão casara-se com sua meia-irmã (Gên. 20.12). Naor, irmão dele, casara-se com uma sobrinha (Gên. 11.29). Isaque casara-se com uma prima. E agora, Jacó casar-se-ia com duas primas. Ver no *Dicionário* o artigo *Incesto*. As proibições da legislação mosaica, de tempos posteriores, não tinham aplicação durante os dias dos patriarcas hebreus. Ver Levítico 18 e 20. Rebeca era neta-sobrinha de Abraão (Gên. 22.20 ss.). Portanto, temos aí uma família com bem apertados laços de parentesco, onde apenas Esaú fugiu da norma.

O Targum de Jonathan diz que Jacó rolou a pedra do lugar com *um* só braço, fazendo um trabalho que usualmente requeria vários homens. Jarchi diz que ele fez a tarefa com *facilidade*, como uma pessoa que removesse a tampa de uma panela. O amor realiza grandes coisas!

29.11

Primos que se Beijaram. John Gill (*in loc.*), escreveu: "o que ele fez com cortesia e civilidade". Um beijo em família. Mas qual homem que beijasse uma prima por mera cortesia levantaria sua voz e choraria? Houve no momento profunda emoção, resultante de um imediato e grande amor.

Jacó sentiu-se feliz ao término de sua jornada. Feliz diante da providência divina; feliz por estar entre seus parentes, visto que se encontrava tão longe de casa. Mas sua maior felicidade era ter conhecido Raquel. Adam Clarke comentou sobre o antigo costume social de oscularem-se as pessoas, como uma forma de saudação além de mostrar quão hipócritas são os homens corruptos, para quem o beijo se tornou algo sensual. Ver no *Dicionário* o artigo *Beijo*.

29.12

Revelação dos Laços de Família. O filho de Rebeca encontra-se com a filha de Labão. Jacó e Raquel — uma das maiores histórias de amor que já foi contada. Raquel saiu correndo para contar a seu pai da chegada de Jacó, isso é paralelo ao afeto demonstrado por Rebeca, em Gên. 24.28.

Parente. Algumas versões dizem aqui, "irmão". Mais especificamente, ele era "sobrinho" de Labão. Ver Gên. 13.8 e 29.5.15, quanto a esse uso frouxo do termo. Não há menção à mãe de Raquel, a qual talvez já tivesse falecido. Ou uma mulher mais jovem esteve envolvida, mas não foi mencionada.

29.13

Labão. Ver sobre ele no *Dicionário*. Labão veio correndo ao encontro de seu sobrinho, Jacó. Na ocasião, nenhum deles ainda sabia, mas Jacó haveria de servir fielmente a seu tio por cerca de vinte anos. Estes versículos antecipam os capítulos 30 e 31 do Gênesis. Os rebanhos de Labão seriam pastoreados pelo hábil Jacó. Sem importar seus defeitos, Jacó nunca foi um preguiçoso. Em contraste com os preguiçosos pastores de Labão (Gên. 29.7,8), Jacó era ativo, zeloso e consciente.

Este versículo tem paralelo em Gên. 24.29, onde Labão também correu até o poço, para saudar ao servo de Abraão. *Naquele* caso, ele primeiro viu e admirara as joias que o servo de Abraão havia trazido para Rebeca. *Neste* caso, ele admirava a Jacó, que seria um seu excelente empregado.

Fazia *setenta anos* que Rebeca, irmã de Labão, tinha partido de casa para ser *integrada* à família de Abraão. Dessa vez, sua família é que *integraria* um membro da família de Abraão. Parece que Labão tinha filhos e filhas mais jovens que Raquel, apesar de ser homem já de idade avançada. Talvez ele se tivesse casado com uma esposa mais jovem, não especificada. Há menção a filhos dele, em Gên. 31.1.

Jarchi diz que Labão correu na esperança de receber outros presentes: dinheiro, joias etc., conforme sucedera por ocasião do noivado de Rebeca. Mas acolher Jacó para que este o servisse por vinte anos foi um ótimo presente. Não há razão para duvidarmos da sinceridade de sua hospitalidade. Todos os homens têm seus pontos fortes e fracos.

29.14

És meu osso e minha carne. Um parente próximo, que ficou a descansar por trinta dias, algum trabalho a fazer, mas abundante e bom alimento, um bom lugar para dormir, um leito confortável etc. *Mas* terminados aqueles trinta dias, Labão resolveu pô-lo *a trabalhar* (vs. 15), assalariado, naturalmente. Jacó fez a sua contraproposta: "Servirei, trabalharei, labutarei por *sete* anos, por Raquel" (vs. 18). Provavelmente ele já estava ocupado em sua profissão, cuidando das ovelhas de Labão, mas agora assumiria maiores responsabilidades, tornando-se um *empregado assalariado*, apesar do fato de ser parente próximo.

29.15

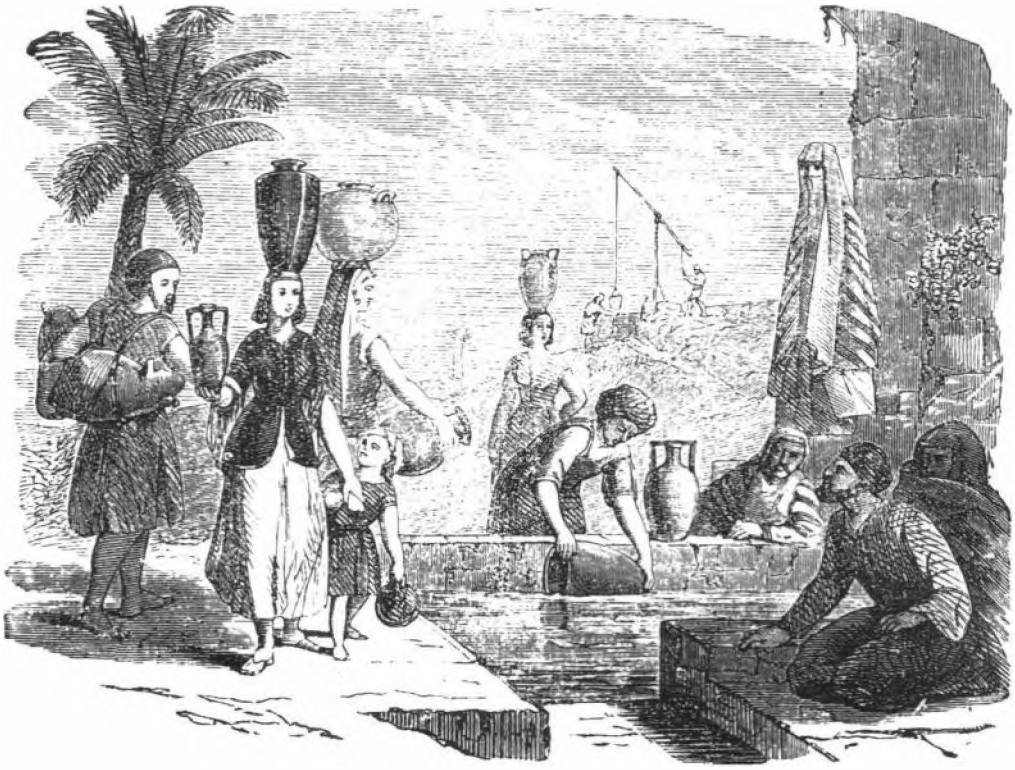
Irás servir-me de graça? Labão não era tão egoísta assim. Jacó já estava trabalhando, em troca de nada, excetuando cama e mesa. Labão propôs um *salário*. Mas Jacó respondeu: "Não um salário, mas Raquel". Podemos supor que ainda assim foi oferecido um salário pelos sete anos de trabalho, mas Raquel era o principal prêmio. Aquele *mês* dera a Labão oportunidade de observar Jacó a trabalhar. E ficou satisfeito com o que viu. E agora queria garantir seus serviços indefinidamente. É bom quando o serviço de um homem é apreciado. A tendência dos homens é depreciar e degradar, mas não foi o que Labão fez com Jacó.

Meu parente. Essa questão já foi comentada no vs. 12.

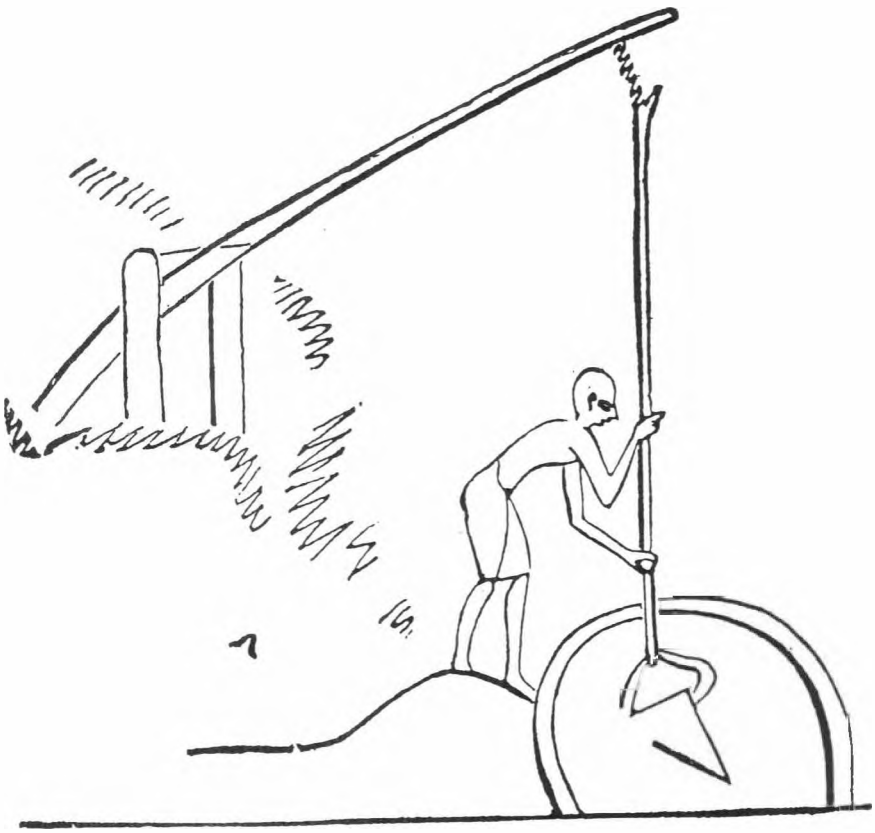
A Oportunidade de Jacó. A providência de Deus incluiu um *emprego* para Jacó, com um salário justo. Ver no *Dicionário* o artigo *Providência de Deus*.

29.16

Duas filhas. Jacó, o enganador, estava a caminho de sofrer um tremendo logro. Por outra parte, visto que ele se casou com Lia e com Raquel quase ao mesmo tempo (ele teve de trabalhar por Raquel por mais sete anos, mas pôde casar-se com ela, uma semana após ter-se casado com Lia, vs. 28), em certo sentido, Jacó saiu ganhando. Naturalmente, ele precisou trabalhar durante catorze anos, pelo que Labão também recebeu uma boa vantagem. Lia era uma



Poço Oriental, *Smith's Bible Dictionary*.



Maquina Egipcia para Tirar Água do Poço – o snadoof (Wilkinson),
Smith's Bible Dictionary.

mulher de aparência comum, mas de belos olhos; e era uma pessoa digna. Não devemos esquecer que ela estava destinada a ser uma das matriarcas de Israel (um de seus filhos, Judá, é ancestral de Jesus). Raquel, por sua vez, era bonita e vivaz, uma *mulher muito bonita,* para dizermos o mínimo. E também estava destinada a ser uma das matriarcas de Israel. Portanto, Jacó nada tinha para queixar-se, ao mesmo tempo em que o propósito de Deus atuava sobre ele quanto a ambos os seus casamentos.

Lia. Ver sobre ela o artigo detalhado no *Dicionário*. O nome dela significa "labor" ou "cansaço", por razões desconhecidas. Mas, na antigüidade, tal como entre nós, os nomes eram, com freqüência, escolhidos sem que se desse atenção ao seu significado.

29.17

Os olhos baços. O adjetivo, no hebraico, significa *suaves, delicados, bonitos* ou *envergonhados* (*rak*). Poderíamos dizer apenas "bonitos". Lia tinha olhos bonitos, mas Raquel tinha tudo mais, bem feita de corpo, natureza vivaz, alguém que, naturalmente, atraía a atenção de todos, mormente dos homens que dão valor à *beleza* feminina. Lia tinha a personalidade um tanto apagada. Raquel brilhava. Onkelos supunha que a beleza de Lia se resumia a seus olhos, mas a beleza de Raquel manifestava-se em tudo. Ben Melech referiu-se aos belos cabelos negros de Raquel, e de sua pele branca e de textura suave. Ela era o *prêmio,* o *bem* de que nos falou Salomão (ver Pro. 18.22). Adam Clarke (*in loc.*), exagerou quanto a esse ponto, ao falar sobre a vaidade das mulheres *modernas*, estragadas por demasiada educação e atenção, ao passo que as mulheres *antigas* seriam, invariavelmente, o *bem* aludido por Salomão.

Ellicott reverte o sentido do adjetivo acerca dos olhos de Lia, fazendo-os "baços" (conforme faz nossa versão portuguesa) e sem graça, supondo que ela teria sofrido alguma forma de doença ocular na infância, por causa dos desertos arenosos. E outros intérpretes concordam com essa avaliação negativa da palavra hebraica envolvida, a qual pode ter tanto um sentido positivo quanto um sentido negativo. A julgar por um dos significados possíveis desse adjetivo hebraico, talvez o olhar de Lia fosse "pudico", "modesto". O contexto parece estar dizendo: "Lia tinha esta característica boa e notável — seus belos olhos. Mas Raquel tinha *muitas* características de beleza feminina"

O Messias é descendente de Lia, e não de Raquel. Ver as notas sobre o vs. 18 deste capítulo.

Formosa de porte e de semblante. Nossa versão destaca mais a impressão visual que se tinha de Raquel. Mas há intérpretes que opinam que o original hebraico diz que todos se sentiam atraídos por ela devido à sua personalidade atrativa. As traduções estão divididas quanto a essa questão.

29.18

Jacó amava Raquel. Naqueles dias em que já passara na casa de Labão, seu amor por Raquel se acentuara. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor*.

A Linhagem do Messias. Entre os filhos de Lia devemos destacar Judá, ancestral de Jesus. Assim, o Messias descendia não da bela Raquel, mas da comum Lia. A decisão divina sobre a questão, porém, nada teve que ver com o amor romântico de Jacó por Raquel, nem com a relativa negligência dele para com Lia. As decisões divinas dependem de coisas superiores a essas.

Trabalhando para Ganhar uma Esposa. A arqueologia e a literatura antiga confirmam o fato de que um homem podia obter esposa através do seu *trabalho*, de conformidade com um acordo que se fizesse entre o homem e o pai da jovem. Os estudiosos dizem que esse costume prevalece até hoje entre os árabes, embora apenas ocasionalmente. Uma esposa também podia ser comprada, conforme se vê em Gên. 24.53. Essa *venda* era com freqüência velada (de acordo com as sutilezas orientais), como se algum *presente* estivesse envolvido, que é o caso destacado no capítulo vinte e quatro. O trecho de Gên. 31.15 mostra-nos que Raquel e Lia consideravam-se *vendidas* por seu pai a Jacó. Assim, o *trabalho* efetuado por Jacó, durante catorze anos, não visou apenas a agradar a Labão, para obter as suas filhas como esposas, mas, antes, foi uma forma de compra.

29.19

Labão Não Demonstrou Entusiasmo. Pelo menos não abertamente, embora talvez a proposta lhe tenha agradado. O negócio era-lhe favorável. Mas ele ocultou o seu entusiasmo, se é que se entusiasmou. E disse: "Antes tu que outro homem!". Estou imaginando que foi um preço tremendo em troca de uma mulher. Contraste-se isso com os presentes que o servo de Abraão trouxera para obter Rebeca. Teria ele trazido jóias e presentes equivalentes a sete anos de trabalho?

A arqueologia e as referências literárias antigas indicam que os povos daquela região preferiam ter casamentos entre parentes, o que sem dúvida estava acontecendo à família de Abraão.

29.20

Serviu Jacó sete anos. Um longo tempo, de fato, mas, na mente e nos sentimentos de Jacó, tudo foi como *um* dia, porque a mulher por quem ele estava trabalhando era muito valiosa para ele. Assim acontece também com aqueles que têm algum grande projeto a realizar. O *entusiasmo* faz toda a diferença. Alguns dizem que a *perseverança* faz a diferença, mas é o entusiasmo que sempre está por trás da verdadeira perseverança.

Os eruditos supõem que Jacó estivesse com cinqüenta e sete anos de idade na época. Mas os patriarcas casavam-se tarde, por razões difíceis de precisar. Por certo não atingiam logo a maturidade e, devido à sua longa vida, não tinham pressa para casar, e nem os costumes sociais da época os pressionavam nessa direção. Assim, não temos regras fixas que guiem nosso raciocínio a respeito.

Sete anos. Para Jacó, esses anos passaram-se com rapidez, por amor a Raquel. Tudo quanto ele tinha passado era como "nada". Além disso, ele passava muitas "horas agradáveis" em conversa com Raquel. Assim, o tempo "passou-se rapidamente" (conforme comentou John Gill, *in loc.*).

29.21

Já venceu o prazo. "Dá-me minha mulher", e assim, "cumpre a tua parte na negociação". Jacó havia dado por sua esposa um dote não com forma de dinheiro, mas com forma de trabalho. Mas aqueles anos de trabalho valiam muito, do ponto de vista monetário.

"Era chegado o tempo de ele ficar com ela" (John Gill, *in loc.*). Alguns intérpretes judeus pensam que ele estaria então com oitenta e quatro anos de idade; mas a estimativa mais baixa é de cinqüenta e sete anos. Fosse como fosse, era chegado o tempo do casamento, de acordo com o negociado entre Jacó e Labão. O amor fez esse tempo parecer "poucos dias" (vs. 20). Mas acordos são acordos.

"É interessante que as esposas dos três primeiros patriarcas eram mulheres bonitas: Sara (Gên. 12.11), Rebeca (Gên. 24.15,16) e Raquel (29.17)" (Allen P. Ross, *in loc.*). A paixão de Jacó por Raquel não permitiria maior prazo.

29.22

A Festa e a Farsa. Jacó encontrou em seu tio quem pudesse enganá-lo. Foi preparada uma grande festa, mas estava sendo planejada uma grande farsa. *Lia*, e não Raquel, é quem estava esperando casamento. Um costume local prevaleceria sobre o acordo feito. Labão tivera o cuidado de não revelar que seguiria *esse* costume local de dar, em casamento, primeiro a filha mais velha, nesse caso, Lia.

Uma festa assinalava ocasiões solenes, como pactos e casamentos, além de servir de ponto de contato social, mesmo que só estivesse em pauta uma questão de amizade, sem outro motivo especial. Ver no *Dicionário* o artigo *Refeições (Banquetes)*. Os banquetes também faziam parte das principais festividades religiosas dos judeus. Ver no *Dicionário* o verbete *Festas (Festividades) Judaicas*.

Com freqüência, sacrifícios e ofertas acompanhavam os banquetes de casamento, visto que o matrimônio era considerado um contrato solene.

Todos os homens do lugar. Ou seja, de Padã-Arã. Foram convidados os homens de maior importância, além de seus amigos pessoais. Portanto, a festa foi um grande momento público, não envolvendo apenas a família imediata de Labão.

29.23

Lia Toma o Lugar de Raquel. Labão levou sua filha Lia, e não Raquel. De acordo com os costumes locais, ele agiu acertadamente. Mas também poderia ter feito a coisa certa da maneira certa, ou seja, com honestidade. Teria Jacó feito objeção, desde o princípio, se tivesse sabido que tena de trabalhar por *duas mulheres*, sete anos por cada uma? Provavelmente, não; mas também é possível que, quando a barganha fora feita, Labão não tivera a intenção de ser tão generoso. Todavia, *repreendido* por Jacó, também acabou entregando Raquel, uma semana mais tarde (vs. 27). De qualquer modo, o véu oriental usado pelas mulheres e a falta de iluminação no interior da tenda permitiram que Labão enganasse Jacó com sucesso. A noiva era trazida velada ao noivo (ver também Gên. 24.65 e suas notas expositivas).

Cf. o caso de Jacó com o de Isaque. Isaque pôde ser enganado por estar cego, como se estivesse às escuras. Jacó também foi enganado devido às trevas. Onde houver ludíbrio, aí haverá também trevas espirituais.

O costume da época determinava que o noivo fosse deitar-se primeiro. Então a noiva era trazida até ele, usando véu. Somente no escuro o véu era tirado.

29.24

Para serva. As mulheres de círculos mais abastados recebiam uma "serva", conforme se viu no caso de Hagar e Sara. Na maior parte dos casos, essa serva era uma escrava. Por assim dizer não se separava da dona da casa, acompanhando-a enquanto esta vivesse. Ela não tinha direitos próprios, exceto aqueles dados por sua *senhora*. Tão próxima era ela de sua senhora que poderia ter filhos do marido desta última, embora esses filhos, legalmente, fossem considerados filhos da *senhora*. Essa jovem, dada à *senhora* da casa, não era governada pelo homem. Todos os direitos sobre ela pertenciam à esposa (conforme se vê em Gên. 16.6). Sara mostrou-se cruel com Hagar, mas Abraão não interveio, porque não tinha autoridade sobre a questão. Betuel tinha dado a Rebeca uma companhia dessas, Débora, além de outras escravas (Gên. 24.61). A tradição judaica diz que Zilpa fora concubina de Labão. Mas isso é altamente improvável.

Zilpa. No hebraico, *terra baixa*. Era uma jovem escrava que foi dada por Labão a Lia, por ocasião do casamento desta com Jacó. Posteriormente, a pedido da própria Lia, tornou-se esposa secundária ou concubina de Jacó. Zilpa foi mãe de dois filhos, Gade e Aser (Gên. 29.24; 30.9-13; 35.26; 37.2; 46.18). Ela viveu em torno de 1730 A. C. Assim, aquela humilde jovem tornou-se uma das matriarcas de Israel. Se as tradições judaicas estão certas, então Zilpa e Lia eram meias-irmãs, embora não haja como averiguar essa teoria. Parece improvável, contudo, que uma concubina de Labão tivesse vindo a ser uma concubina de Jacó, posto que sucedem coisas estranhas, e que o *incesto* (ver a respeito no *Dicionário*) não era algo que perturbava os antigos dos dias de Abraão.

29.25

Ao amanhecer viu que era Lia. A luz do dia revelou a fraude, mas era tarde demais. Agora chegara a vez de Jacó protestar veementemente por ter sido iludido, tal como Esaú reclamara ao ser enganado (Gên. 27.35 ss.). Esaú se enchera de ódio e de vontade de matar seu irmão (Gên. 27.41 ss.), o que deu azo para que Jacó fosse para o exílio. Jacó não pensou em assassinato, mas podemos estar certos de que bradou ao máximo, manifestando a sua indignação. O *acordo* havia sido desrespeitado. Jacó fizera a sua parte, mas Labão falhara. A luz do dia sempre revela as fraudes. A luz faz o pecado dispersar-se. John Gill pensa que o que sucedeu foi adultério (e também incesto), visto que Jacó se deitara com uma mulher que não era sua esposa, além de ser irmã da mulher com quem ele se casara. Mas Labão não via as coisas por esse ângulo. As pessoas definem as coisas de diferentes maneiras, mas isso não faz do pecado uma questão relativa. Jacó estava colhendo o que tinha semeado. Ver no *Dicionário* o verbete *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

29.26

Um Costume Local. O conservantismo frustrou o bom senso. O *costume* foi observado, à revelia de qualquer outro fator. John Gill negou que houvesse algum costume assim, e nenhuma de minhas fontes informativas revela qualquer coisa. Mas este versículo o menciona, embora a arqueologia nada tenha descoberto. Adam Clarke encontrou um costume hindu dessa natureza, que ele chamou de "lei positiva". Se havia tal costume entre o povo de Labão, então ele enganou Jacó (no tocante a Raquel) desde o começo; ou, talvez, no decurso dos anos, pensou no golpe astucioso, tirando proveito de um costume, que ele valorizou mais que seu acordo com Jacó. E também enganou seus convidados, porque eles viram o casamento de Jacó e *Raquel*. Podemos supor que Lia também fez parte do conluio, ou, pelo menos, *obedeceu* à voz de seu pai, tal como Jacó havia obedecido à palavra de sua mãe, Rebeca, cooperando com o engano pespegado contra Isaque (Gên. 27.8 ss.). Lia amava Jacó (Gên. 30.15), e deve ter cooperado com satisfação.

Os Costumes Prevalecem. O conservantismo nem sempre está com a razão. Novas idéias, ainda que úteis, com freqüência são tabus. As escolhas são limitadas por mentes limitadas. Alguns costumes precisam ser desafiados e alterados. Outros precisam ser testados e aprovados; novos costumes precisam ser introduzidos. O tempo permite crescimento, não meramente preservação. *A teologia desenvolve-se.*

A antiga ordem muda e cede lugar à nova
E Deus cumpre Sua vontade de muitos modos.

(Tennyson)

29.27

A Solução Fácil. Raquel também seria dada a Jacó, mas isso custaria a Jacó mais sete anos de serviço. Mas que significavam catorze anos de serviço, se ele veio a servi-la a vida toda?

Decorrida a semana desta. Ou seja, os sete dias de banquete do casamento (Jui. 14.12 e Tobias 11.18). É difícil ver como aquela semana poderia ser de *Lia*, se todos os convidados tinham vindo para o casamento de *Raquel*. Mas a semana foi de Lia. Talvez não houvesse votos formais, como nas cerimônias de matrimônio modernas, e a jovem que entrasse na tenda de um homem, *essa* seria a sua esposa. Nesse caso, não houve nem adultério nem incesto. Nossa falta de conhecimento não nos permite dizer alguma coisa indiscutível sobre esse casamento de Jacó. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Matrimônio*, quanto ao que se sabe sobre o casamento na antiguidade.

"Infelizmente, *Jacó* não é o único crente que tem precisado de um *Labão* a fim de disciplinã-lo" (Allen P. Ross, *in loc.*).

29.28

Labão lhe deu. . . Raquel. Esta custou a Jacó um dote maior (sob a forma de sete anos de trabalho), mas ele também não reclamou por essa parte. Ademais, de subito ele tinha ganho *quatro* mulheres, que seriam as matriarcas da nação de Israel (vs. 29). A legislação mosaica proibia o casamento com uma irmã da primeira esposa (Lev. 18.18), mas isso já pertenceu a uma época posterior. Se um homem podia casar-se com sua meia-irmã, como foi o caso de Abraão (Gên. 20.12), então casar-se com duas mulheres que eram irmãs entre si, e primas do noivo, não pareceria coisa estranha. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Incesto*.

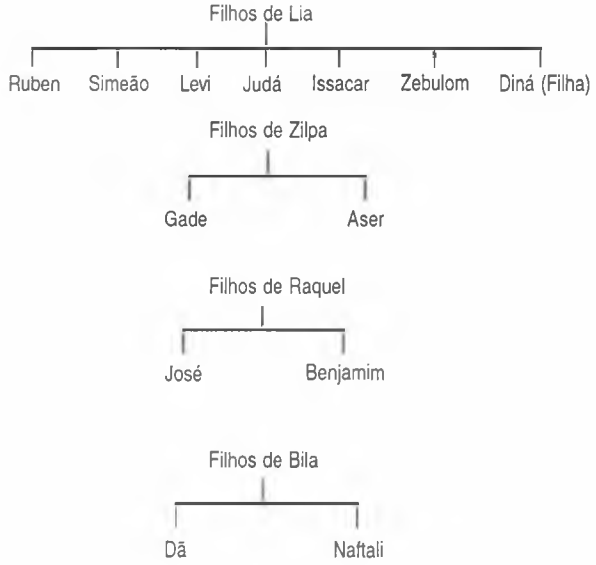
A Grande Vitória. Jacó havia obtido uma grande vitória, pela qual também muito se tinha esforçado, com toda a paciência e perseverança, durante sete longos anos. O segredo da vitoria é a perseverança inspirada pelo entusiasmo, bem como a paciência para esperar uma grande realização, mediante o trabalho árduo.

29.29

Bila. Juntamente com Lia, Jacó obtivera Zilpa; e agora, com Raquel, obtinha Bila. As duas servas não se tornaram de imediato suas concubinas, mas isso não demoraria muito. Abraão tinha ganho Hagar como concubina, pelo que vemos que estava envolvido um costume arraigado. Ver as notas sobre o vs. 24 quanto a maiores informações.

Bila era, nas páginas do Antigo Testamento, o nome tanto de uma pessoa quanto de uma cidade. Ver no *Dicionário*. Esse nome significa *terna* ou *timidez*. Ela veio a ser mãe de Dã e de Naftali (Gên. 30.1-8; 35.25; 46.25; I Crô. 7.13). Embora fosse apenas uma serva, tornou-se uma das matriarcas da nação de Israel.

A Família de Jacó



Visto que o Messias procedeu da tribo de Judá, *Lia* foi a escolhida para dar continuidade à linhagem espiritual direta do Pacto Abraâmico (ver as notas sobre Gên. 15.18).

29.30

Jacó amava mais Raquel. As mulheres daquele tempo não pareciam ter ciúmes relativos aos privilégios sexuais. Mas mostravam-se sensíveis acerca de qual mulher

era mais amada, conforme vemos em Gên. 29.32. Ademais, era muito importante para a mulher que ela fosse fértil, pelo que havia competição quanto ao número de filhos que uma mulher desse a seu marido (Gên. 30.1 ss.). O capítulo trinta mostra uma vívida competição entre Lia e Zilpa, por um lado, e Raquel e Bila, por outro lado. Qual das duas mulheres seria capaz de produzir mais filhos? Essa competição deu origem aos doze filhos, alistados no capítulo trinta, os quais vieram a ser os patriarcas de Israel. Vemos aqui um drama comum da humanidade — o anelo humano por amor e reconhecimento. Esse reconhecimento inclui a questão de posição, motivo pelo qual essas questões sempre envolvem o orgulho. As pessoas dispõem-se a pagar um alto preço por essas coisas. Sementes amargas estavam sendo plantadas no seio da família patriarcal devido à forte competição prevalente. É triste quando isso macula uma família. Neste mundo já há bastante dessa desgraça.

Raquel foi o primeiro amor de Jacó. Mas não foi a primeira a ficar grávida dele. Ademais, Lia teve seis filhos, ao passo que Raquel só teve dois. Mas Raquel sempre ocuparia o primeiro lugar no coração de Jacó. Ela morreu de parto, ao ter seu segundo filho, Benjamim. José, seu primeiro filho, seria o favorito de Jacó. E José teria uma carreira ilustre, posto que muito acidentada.

Nascimento dos Filhos de Jacó (29.31 — 30.24)

Ver as notas no vs. 29 quanto a um gráfico que ilustra os filhos de Jacó. Os críticos atribuem essa seção a uma mistura das fontes informativas *J* e *E*. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Eles disputam a ordem dos nascimentos, e pensam não haver bases suficientes para essa ordem, supondo que as fontes não proviam tal ordem, o que não nos daria certeza quanto à cronologia. Os céticos crêem que as origens se perderam, e tais listas são meras conveniências literárias, nada tendo que ver com uma história genuína. Os eruditos conservadores não vêem razões para abandonar a exposição simples da Bíblia, supondo estarem elas fora de ordem. E se pode parecer que tudo quanto temos aqui é um cronograma das atividades sexuais de Jacó e suas quatro mulheres, contudo, o que o autor sagrado estava exibindo *cuidadosamente* era como *Israel*, como uma nação, teve seu começo: ela veio através da linhagem Abraão-Isaque-Jacó (por meio das quatro esposas deste último). Os doze filhos de Jacó tornaram-se os patriarcas de Israel, tal como, através de Ismael (antes desse tempo), seus doze filhos tinham-se tornado os doze patriarcas das nações árabes (Gên. 17.20). Destarte, estava sendo cumprida a promessa feita a Abraão, de que ele seria pai de muitas nações, e, então, da *nação* de Israel. Através de Abraão-Isaque-Jacó-Lia-Judá veio afinal o Messias, provendo o necessário para a dimensão espiritual do Pacto Abraâmico (Gál. 3.14 ss.). Ver as notas sobre o Pacto Abraâmico em Gên. 15.18, com informações adicionais no artigo *Pactos*, em sua quarta seção, no *Dicionário*.

29.31

Lia era desprezada. Essas palavras são fortes, dando a entender que Jacó, a despeito de todo o progresso espiritual feito desde a sua visão em Betel, ainda tinha muito que crescer. *Maomé* permitiu que um homem tivesse várias esposas, e até que fizesse trocas entre elas, conforme seu bel-prazer. Mas a regra dizia: "Ama todas igualmente, e trata todas com igualdade". Joseph Smith (fundador do mormonismo) encorajou a poligamia por razões espirituais, embora dizendo que essa deveria ser seguida com senso de *responsabilidade*. Ver o verbete *Santos dos Últimos Dias (Mórmons)* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, e também o artigo *Poligamia*, no *Dicionário*. Jacó tinha quatro mulheres e gerou doze filhos e uma filha, mas permitiu que o *ódio* fosse incorporado ao seu sistema. O ódio é o contrário do amor, o princípio negro, tal como o amor é o poder e o princípio mais elevado da espiritualidade (I João 4.7 ss.). No ódio há trevas. No amor há luz. Ver no *Dicionário* os artigos *Amor* e *Ódio*.

A esposa menos favorecida por Jacó era a mais favorecida pelo Senhor. Cf. I Sam. 1.2-5. Um dos motivos da teologia dos hebreus era que o Senhor protege e abençoa de modo especial uma esposa menos favorecida, tornando-a mais frutífera que outra esposa mais favorecida. Isso exibe Sua atenção pela família e o desejo de reverter a fraqueza e o favoritismo humano.

Raquel era estéril. Quão estranho é que as três mulheres especialmente bonitas, Sara, Rebeca e Raquel, tenham passado por um período de esterilidade, o que requereu a ajuda divina para corrigir a situação. Sara fora estéril (Gên. 11.30), mas tornou-se fértil (Gên. 21.1 ss.). Rebeca também teve sua esterilidade revertida (Gên. 25.21); e Raquel era estéril (Gên. 29.31), mas tornou-se fértil (Gên. 30.22). Em cada caso houve uma intervenção divina, visto que se acreditava que "herança do Senhor são os filhos" (Sal. 127.3 ss.). A esterilidade, pois, era considerada uma maldição e um opróbrio (Gên. 30.23). Se um casal não tivesse filhos, Deus não o estaria abençoando, por algum motivo.

29.32

Lia Engravidou Primeiro. O primogênito de Jacó foi Rúben, sobre quem há um detalhado artigo no *Dicionário*. A derivação desse nome é incerta. Alguns pensam que vem de *reubhel*, "leão". Mas outros dizem que significa "Eis um filho!" Ele perdeu o direito à primogenitura (tal como sucedeu a Esaú, antes dele), por ter mantido relações sexuais com *Bila*, concubina de seu pai (Gên. 35.22; 49.4). Grandes pecados continuavam assediando a "família patriarcal".

O Resultado Esperado. Jacó favorecia altamente Raquel, mas *desprezava* Lia. Visto que os filhos eram tão importantes, considerados uma bênção divina, Lia esperava que Rúben mudasse a mente de Jacó. Mas isso não funcionou. Temos aí a velha história do amor não correspondido. Labão, talvez com a cooperação de Lia, tinha enganado Jacó; e, talvez, por essa razão Jacó continuava a favorecê-la e amá-la menos (vs. 30 e 31). Por outra parte, não há como explicar como e por que um homem ama uma mulher, e em que direção sua paixão haverá de conduzi-lo.

29.33

Concebeu outra vez. O filho seguinte de Lia foi *Simeão*. Ver o artigo detalhado sobre ele, no *Dicionário*. Outro filho, outro patriarca de Israel. Lia era desprezada, mas era quem estava produzindo filhos. Cada novo filho renovava-lhe a esperança de que Jacó a amaria, favorecendo mais a ela que a Raquel. *Simeão* significa *prole de hiena* ou *prole de lobo*. Mas de acordo com a etimologia popular, *audição*. Isso porque Lia continuava orando por filhos, e Deus continuava a dar-lhe *ouvidos*.

O Instinto Básico. Reclamou Raquel: "Dá-me filhos, senão morrerei" (Gên. 30.1). Propagar a espécie é algo básico na psique humana, uma parte de nossa herança genética. Mais do que isso, porém, estava envolvido. Estava envolvido o amor; a família é algo fundamental; o amor filial é básico para a vida humana.

29.34

Porque lhe dei à luz três filhos. Agora era a vez de *Levi*, sobre quem também há um artigo detalhado no *Dicionário*. Dele originar-se-ia a casta sacerdotal de Israel. Seu nome significa "boi selvagem", estando relacionado ao nome *Lia*, de sua mãe. Raízes primitivas da palavra podem ter significado "serpente" ou "leviatã" (ver Jó 3.8; Sal. 74.14; 104.26; Isa. 27.1). De cada vez que lhe nascia um filho, aumentavam as esperanças de Lia. "*Agora* Jacó me favorecerá e amará". Mas isso nunca acontecia. Por outro lado, ela estava trazendo à existência a futura nação de Israel, pelo que havia júbilo e realização. Por meio de Lia teria cumprimento a *esperança messiânica*, e sua esperança estava tendo cumprimento de uma maneira melhor do que ela tinha em mente. Ver no *Dicionário* o verbete *Esperança Messiânica*.

Lia tinha preparado um cordão de três dobras (três filhos) para amarrar o coração de seu marido a ela; mas Jacó não se sentia preso a ela. De acordo com a compreensão dela quanto ao nome "Levi", esse nome queria dizer "união". Ela esperava que a corda ligasse Jacó a ela. Mas Jacó ignorava tudo.

29.35

A Linhagem Messiânica. O quarto filho de Lia foi *Judá*, o progenitor da linhagem messiânica. Portanto, Lia estava tendo grande sucesso e privilégios, apesar da atitude de Jacó. Ver no *Dicionário* sobre *Judá*. A derivação desse nome é incerta, mas talvez venha de *hodh*, "ele (Deus) é majestático", ou "Deus seja louvado". Exclamara Lia: "Esta vez louvarei o Senhor". Daí o nome do quarto filho ser *Judá*. Lia já havia dado quatro filhos a Jacó, e estava ganhando disparado de sua irmã, Raquel, que até agora não tivera nenhum filho. Lia estava ocupando sua mente com ciúmes triviais. Mas estavam em jogo coisas muito mais importantes do que ela imaginava. É comum que nos mostremos triviais em meio a algo grandioso que ocorre ao nosso redor. A base é o egoísmo, que norteia a maior parte das pessoas.

Posteriormente, Lia teve mais dois filhos e uma filha (Gên. 30.17-19).

"No registro do livro de Gênesis, o que mais importa não são as mulheres, mas o rol de filhos por elas gerados" (Walter Russell Bowie, *in loc.*).

Capítulo Trinta

Agora o autor sagrado voltava a sua atenção para Raquel, mas o começo do parágrafo fica em Gên. 29.31, onde apresento os comentários de introdução a esta seção.

30.1

Vendo Raquel que não dava filhos. Ver as notas sobre Gên. 29.31 quanto à circunstância da esterilidade, que envolveu todas as três belas mulheres, Sara, Rebeca e Raquel. Porém Deus haveria de suspender esse vexame (vs. 23). Mas antes, a esposa menos favorecida (por seu esposo) seria a mulher mais favorecida

por Deus (ver Gên. 29.31 ss., com notas específicas sobre essa questão no vs. 31). Esse é um dos grandes motivos da teologia dos hebreus, pois cria-se que os filhos são dados por Deus (Sal. 127.3; ver também o versículo seguinte, que enfatiza a origem divina dos filhos).

Teve ciúmes. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Inveja*. O que era mais importante para as mulheres — filhos — estava sendo negado a Raquel. Entrementes, Lia não tivera só um filho, mas *quatro*. Raquel era a esposa mais amada (Gên. 29.30). Mas de que lhe adiantava isso se não obtinha realização pessoal como mulher? Ela não se sentiria *feliz* enquanto não ganhasse o que sua irmã já havia ganho. O coração humano nunca se satisfaz, e está sempre à cata de alguma *vantagem*. O ciúme ou inveja é uma forma de ódio. Assim, Jacó desprezava Lia (Gên. 29.31), e Raquel também a desprezava (Gên. 30.1), e tudo isso consistia em uma maneira muito vergonhosa de a "família patriarcal" comportar-se.

A Morte Rondava por Perto. Disse Raquel: "Se as coisas continuarem como estão, acabarei morrendo". Não gerar filhos era, para as mulheres hebreias, a pior das calamidades, um *vexame* (vs. 23). Nessa situação, elas se sentiam aflitas. Uma forma espúria de imortalidade é a continuação do código genético de uma pessoa por meio de seus descendentes. Mas conforme comentou um de meus professores de filosofia, em uma de suas aulas: "Depois de algum tempo, isso fica velho". *Pessoalmente,* gostamos de viver por longos anos, e não meramente transferir nossos genes, que assim continuam existindo! Quanto ao período dos patriarcas hebreus há pouca evidência em favor da crença na imortalidade, embora haja indícios a respeito na doutrina da imagem de Deus, com a qual o homem foi criado (Gên. 1.26,27). Talvez o grande anelo por filhos esteja envolvido no instinto humano da sobrevivência, se não no indivíduo, pelo menos na família ou na raça. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Alma*.

Bem à parte dessa possibilidade, Raquel estava pesadamente envolvida no instinto feminino da procriação, sem falar na ambição *pessoal* de ultrapassar sua irmã. Há riqueza na família. Isso é enfatizado pelo judaísmo. Em uma família bem formada, de acordo com a vontade de Deus, há bênção e desenvolvimento espirituais. No lar aprendemos lições valiosas. É ali que achamos nossas mais profundas expressões de amor, e o amor é a essência e a prova da espiritualidade. Ver I João 4.7 ss. e, no *Dicionário*, o artigo intitulado *Amor*.

"... a inveja é a podridão dos ossos" (Pro. 14.30; Can. 8.6).

"Há um provérbio oriental que diz que uma pessoa sem filhos é como uma pessoa morta" (Ellicott, *in loc.*). "Ela era uma esposa muito jovem e mimada" (*idem*).

"Dá-me filhos", talvez tenha sido um grito que incluía a idéia de que as orações intensas e persistentes de Jacó poderiam convencer Deus a torná-la fértil, conforme vários intérpretes judeus têm pensado.

30.2

Acaso estou eu em lugar de Deus...? Jacó ficou irado. Ver no *Dicionário* o artigo *Ira dos Homens*. A ira é uma das obras da carne (Gál. 5.20). "Como posso fazer aquilo que só Deus pode fazer?", indagou Jacó. O trecho de Gên. 25.21 mostra que Deus concedeu fertilidade a Rebeca porque *Isaque* buscou o Senhor quanto a essa bênção, em suas orações. Talvez isso fosse o que Raquel desejava da parte de Jacó. "Deus não tem agido. Que poderei fazer. Sou eu *maior* do que Deus?" foi a resposta de Jacó.

O Targum de Jerusalém afirma que só há *uma chave* que Deus não entrega aos anjos (e, muito menos, aos homens), ou seja, essa questão da esterilidade. A fertilidade depende exclusivamente Dele. Cf. este incidente com aquele que envolveu Abimeleque e Abraão. Deus fechou a madre das mulheres do clã de Abimeleque, quando Sara esteve sob ameaça de ser contaminada (Gên. 20.18).

30.3

Uma Medida Ditada pelo Desespero. "Não sirvo para gerar filhos, Bila terá de servir". A escrava era possessão exclusiva de Raquel. O que sucedesse a Bila, seria creditado a Raquel. Uma criança que Bila desse à luz seria considerada legalmente pertencente a Raquel. O vs. 6 mostra que, efetivamente, o menino que Bila deu à luz foi considerado filho de Raquel. E esta teve grande alegria. Já era algo bom, mas não suficiente!

E eu traga filhos ao meu colo. Os intérpretes coçam a cabeça diante do que significariam essas palavras. Alguns pensam que o ato de dar à luz de algum modo era efetuado sobre os joelhos da dona da casa, algo bastante desajeitado de imaginar, e, talvez, até impossível de ser feito. Talvez o que temos aqui seja aludido em Gên. 50.23, onde lemos que os filhos de Maquir, neto de José, este tomava "sobre seus joelhos". Talvez houvesse o costume de colocar uma criança recém-nascida sobre os joelhos, primeiro do pai e, então, da mãe, por meio de quem ela dera à luz em lugar de outra mulher. Simbolicamente, isso significaria que o pai e a mãe recebiam tal criança como sua. Um filho de Bila seria posto sobre os joelhos de Raquel, tornando-se legalmente dela. Talvez a cerimônia fosse usada em casos de adoção.

Nossa versão portuguesa prefere dar outra interpretação às palavras de Raquel: se Bila tivesse um filho, visto que esse seria de Raquel, esta última teria o direito de trazê-lo ao seu colo!

30.4

A Terceira Mulher de Jacó. O que fora apenas uma possibilidade, era agora uma realidade. Um novo casamento foi consumado, e uma nova matriarca de Israel foi provida. A menção freqüente de tal prática, no livro de Gênesis (ver o caso de Abraão e Hagar, em Gên. 16.2), indica que esse deve ter sido um costume generalizado e bem aceito. Ver no *Dicionário* o verbete sobre *Bila*.

30.5

A Bênção Divina. De acordo com a concepção dos antigos, Deus havia abençoado Raquel por meio de sua escrava, pois agora ela perdera o estigma de não ter filhos. Além disso, ela tinha lavrado um tento contra Lia, que já possuía quatro filhos.

30.6

Deus me julgou. Em outras palavras, Deus tinha decidido em favor de Raquel. Não havia dúvidas morais quanto à prática. Raquel agradeceu a Deus por Sua intervenção, o que melhorou um pouco a sua situação.

Também me ouviu a voz. Ou seja, Deus ouvira sua *oração*, que pedira um filho. Essa oração fora atendida de modo aceitável, embora não de forma ideal. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Oração*.

Dã. Nesse caso, a etimologia é correta. Seu nome quer dizer "meu pai (Deus) é juiz". A palavra é uma forma teofórica de Abidã (cf. Núm. 1.11). Dou um artigo detalhado sobre *Dã* no *Dicionário*. Ver Gên. 29.29 quanto a um gráfico sobre a família de Jacó. Bila contribuiu com dois filhos: Dã e Naftali.

"Ela [Raquel] olhou para a criança como um presente de Deus, como um fruto de suas orações, e, em misericórdia para com ela, Deus agira em seu favor..." (John Gill, *in loc.*).

30.7

Outro Sucesso. Se um é bom, dois é melhor. Bila deu à luz um segundo filho, ajudando Raquel a diminuir a diferença existente entre ela e Lia. Agora Jacó tinha seis filhos: quatro com Lia e dois com Bila.

30.8

Com grandes lutas. Raquel estava empenhada em uma luta de vida ou morte com Lia, apostando quem daria mais filhos a Jacó. E agora achava que tinha "prevalecido", embora ainda estivesse perdendo por quatro a dois. A fim de comemorar a sua "vitória", deu a seu novo filho o nome de Naftali, *minha luta*. Mas Raquel ignorava totalmente o que realmente estava sucedendo, o nascimento de vários patriarcas de Israel. Sua visão míope só lhe mostrava que estava ganhando a batalha contra sua irmã.

Naftali. No hebraico, "minha luta". Dou um artigo detalhado sobre ele no *Dicionário*. Alguns dizem que esse nome vem de uma palavra hebraica que significa "torcer", "trançar". E talvez a idéia de luta se derive daí, por etimologia popular.

Uma Lição Moral. Todo conflito inútil não merece atenção por parte do homem espiritual. Mas as mentes pequenas deleitam-se em coisas dessa natureza, e chegam a pensar que estão prestando a Deus um serviço, com sua "defesa" da fé e com seus ataques a outras pessoas. Ver no *Dicionário* o artigo *Contendas*.

30.9

Os Revezes de Lia. Depois de ter dado à luz *quatro* filhos, Lia percebeu que sua irmã estava aproximando-se dela. Portanto, lançou mão da mesma tática que fora usada por Raquel. E chamou a ajuda de sua serva, Zilpa, para reforçar seu lado no conflito. E foi assim que Jacó ganhou sua quarta esposa. Lia não estava brincando. Ela e Zilpa ultrapassaram Raquel e Bila. Quão tola competição!

Zilpa. Esse nome quer dizer "abundância". Ela produziria filhos o bastante para manter Lia à frente de Raquel, frustrando assim as tentativas desta de furtar a glória daquela. Ver o artigo sobre *Zilpa* em Gên. 29.24. Outros significados têm

sido dados a esse nome, como "gota de mirra" ou "dignidade", neste último caso passando por um vocábulo árabe.

O pouco prestígio de Lia baixou mais ainda, sem dúvida, depois que deixou de ter filhos. Mais tarde, porém, teve mais dois filhos (vss. 17 e 18). Portanto, ela teve seis filhos ao todo. Juntando isso aos dois filhos de Zilpa, o total foram oito filhos, contra os quatro de Raquel e Bila.

30.10,11

Uma Tropa Estava a Caminho. Lia e Zilpa haveriam de dar toda uma tropa de filhos a Jacó, o que fica entendido no nome do filho *Gade.* As duas mulheres eram agora comandantes de tropas, avassalando a coitada da Raquel e sua serva, Bila. Estúpida competição! Dois ridículos *exércitos* estavam agora em conflito. A competição entre as duas irmãs assumira proporções monstruosas.

Gade. Há um detalhado artigo sobre ele no *Dicionário.* Se esse nome pode significar *tropa,* outros pensam que quer dizer *fortuna.* Mas Lia o interpretou como *tropa,* pelas razões acima explicadas. Adam Clarke diz-nos que pode estar em foco o deus falso de Isa. 65.11, talvez um planeta, como Júpiter, e que esse filho pode ter sido enviado pelo poder de tal divindade. Isso significaria que Lia continuava envolvida em alguma forma de idolatria. É possível que assim tenha sido, mas o próprio texto bíblico dificilmente indica tal coisa. Ela deu o crédito todo a *Elohim* (vss. 17 e 18). As versões dizem *afortunada* ou *sorte,* o que favorece aquela interpretação pagã, mas desnecessariamente. Nossa versão portuguesa, seguindo a versão inglesa RSV, diz "Afortunada!". Nesse caso, não haveria nenhuma referência pagã, mas apenas uma exclamação de *boa sorte,* por haver ela conseguido mais um filho.

30.12

Outro Sucesso Ainda. A tropa (ou boa sorte) continuou aumentando. Zilpa continuou ajudando a causa de Lia. Mas com esse filho terminou a produção de Zilpa, provavelmente por decreto de Lia, que exercia controle sobre ela.

30.13

É a minha felicidade! Isso porque se tinha destacado naquilo que as mulheres mais desejam, gerar muitos filhos. Seu nome passaria pelos lábios de muitas mulheres, admiradas de ela haver gerado tantos filhos, os quais tentariam imitar o seu bom exemplo.

Aser. Esse nome significa *felicidade,* conforme vemos na primeira metade deste versículo. Lia tinha agora oito filhos, os quais constituíam sua felicidade e orgulho. Ver o artigo detalhado no *Dicionário* sobre *Aser.* A palavra *Asaru* foi encontrada nas inscrições de Seti I e de Ramsés II (cerca de 1400 A. C.). Ali designa uma região a oeste da Palestina. Mas alguns estudiosos pensam que originalmente apontava para o nome de uma deusa cananéia.

Lia estava bem à frente de sua irmã, oito a dois.

30.14

Achou mandrágoras no campo.. Esse é o nome dado ao gênero de plantas *Atropa mandragora,* que amadurece em maio. A fruta é do tamanho de uma ameixa, redonda, amarela, com uma polpa mole. Pertence à família da batata. Na área do mar Mediterrâneo há três espécies de mandrágoras. Elas são plantas praticamente destituídas de caule, com grandes folhas dentadas e grandes raízes tipo tubérculo. As flores são coloridas desde o púrpura até o violeta pálido, ou mesmo branco, com corolas em formato de sino. A raiz é dupla, e, mediante uma vívida imaginação, tem o formato de um *corpo humano,* da cintura para baixo. Por *esse motivo,* várias lendas e superstições têm aparecido em torno dessa planta. Supunha-se que o fruto poderia ajudar a mulher a conceber, além do que teria propriedades afrodisíacas. Ver Gên. 30.14 e Can. 7.13. Por esse motivo, o fruto tem sido chamado de *maçã do amor,* mas os árabes chamam-na de *maçã do diabo.* Sua parenta próxima, a beladona (*Atropa*), produz a atropina, uma importante droga medicinal. De acordo com Can. 7.13, a mandrágora tinha um aroma agradável. No entanto, as variedades hoje em dia conhecidas não têm um aroma assim, razão pela qual ou uma planta diferente está aqui em foco, ou até mesmo se trata de outra espécie.

Dá-me das mandrágoras. Este versículo é muito revelador, ligado ao versículo seguinte. Raquel desejou intensamente obter aquelas frutas. Se elas eram realmente afrodisíacas, então sua mente estava ocupada com idéias freudianas acerca daquela noite. Se a fruta era concebida como algo que ajudava a mulher a conceber, então queria experimentá-la com essa finalidade. É evidente que ela não queria as frutas meramente por seu gosto. Havia um *propósito* por trás de seu desejo. Além disse, vemos que Rúben vinha trazendo as mandrágoras à sua mãe. Logo, as duas irmãs estavam apelando para *elementos químicos* em sua luta para ver quem geraria mais filhos. Triste é dizê-lo, mas elas estavam equivocadas sobre a questão. As mandrágoras não ajudam na concepção, mas talvez intensifiquem o desejo sexual.

30.15

Fico com as mandrágoras; e tu ficarás com Jacó. Este versículo permite-nos ver claramente que Raquel, com sua beleza, havia conquistado todas as atenções sexuais de Jacó. Por isso mesmo, Lia agora acusou sua irmã de ter furtado o marido *dela.* Tendo-lhe furtado o maior, agora queria ficar até com o menor: as mandrágoras achadas por Rúben. Mas Raquel queria tanto as frutas que se dispôs a deixar que Jacó ficasse com Lia por *uma* noite. Mas parece que Lia ficou com algumas mandrágoras (embora o texto nada diga a esse respeito), para melhorar suas chances de engravidar naquela noite. Raquel ficou com o resto, e, sem dúvida, iria usá-las nas *outras* noites. A competição entre as duas, que já era ridícula, agora descera ao cúmulo das superstições.

30.16

Esta noite me possuirás. Lia não implorou apenas, mas *exigiu* que Jacó dormisse com ela naquela noite, e não hesitou em contar-lhe a barganha que fizera com Raquel, a qual controlava o harém. E informou Lia a Jacó: "Eu te aluguei por esta noite!". Jacó concordou, não tanto para agradar a Lia, mas porque negócio é negócio. Como era costume, as duas mulheres tinham, cada qual, a sua tenda. Assim, naquela noite, Jacó entrou na tenda de Lia. Adam Clarke (*in loc.*) supunha que as mulheres hebréias, cônscias do Pacto Abraâmico, ansiavam por aumentar o número de seus filhos, indo a quase qualquer extremo para cumprir suas funções reprodutoras. Mas parece que isso não somente exagera o texto, mas também espiritualiza o que dificilmente era espiritual.

30.17

Um Sucesso Espetacular. Lia teve apenas uma noite com Jacó, e eis que outro filho estava agora a caminho. John Gill pensava que ela deve ter obtido algumas *poucas* noites, mas o texto bíblico não diz isso. Antes, lemos aqui que foram as *orações* de Lia que lhe deram tão grande sucesso. Em todo o decorrer do relato, Deus recebe o crédito pela produtividade, o que veio a tornar-se um fator importante na teologia dos hebreus (Sal. 127.3). Alguns eruditos trazem de novo à baila o Pacto Abraâmico (ver as notas em Gên. 15.18), supondo que, de outra sorte, estaria abaixo da dignidade do autor sagrado registrar o relato dessa competição no texto bíblico. Outros pensam que o registro de tudo quanto sucedeu deveu-se ao senso de *humor* de Moisés. Descendentes das quatro mulheres (a nação de Israel) soltariam boas gargalhadas ao lerem como as duas irmãs competiram uma com a outra, e como os nomes de seus filhos foram dados segundo as circunstâncias do conflito.

30.18

Deus me recompensou. Essas palavras têm sido entendidas de várias maneiras. A alusão pode ter sido ao fato de que ela tinha "alugado Jacó" por aquela noite (vs. 16), e que isso fora aprovado por Deus, que permitiu a concepção. Ou, então, Lia estava reconhecendo que Deus era digno de louvor por tê-la *recompensado* (um sentido possível da palavra hebraica envolvida, refletido em nossa versão portuguesa). Ainda de acordo com outros estudiosos, pode ter havido um elemento profético nessa expressão. O texto de Gên. 49.15 refere-se à tribo de Issacar, como quem se sujeitaria ao "trabalho servil". Mas parece que a primeira dessas explicações é a correta.

Issacar. Esse nome significa "homem de aluguel", por causa das circunstâncias acima explicadas. Há um detalhado artigo sobre ele no *Dicionário.*

A Razão de Lia para o Louvor. Ela acreditava que Deus a havia abençoado com outro filho, especificamente por haver dado Zilpa a Jacó, a fim de aumentar o número dos filhos. Isso John Gill considera *absurdo;* mas essa é a opinião de um cavalheiro inglês monógamo, e não de um homem poligamo e da primitiva sociedade hebreia. A razão dada por Lia pode indicar que ela tinha feito aquilo como um serviço prestado, e não voluntariamente. Pode ter envolvido algum sacrifício pessoal de sua parte.

Seja como for, agora ela tinha cinco filhos dela mesma, fora os dois filhos através de Zilpa, totalizando sete. O escore era sete a dois — um massacre!

30.19

A Boa Onda. Quando a gente apanha uma onda favorável de "sorte", continua sobre a onda até que ela diminua. Lia tinha achado uma boa onda. Logo chegaria o seu sexto (e último) filho. Alguns estudiosos afirmam que Jacó, por essa altura dos acontecimentos, estaria dando mais atenção a Lia, não se apegando tão servilmente a Raquel. Isso talvez seja indicado pela breve chegada de outro filho de Lia.

30.20

Zebulom. Os sentidos dados a essa palavra são "presente", "dote" e "honra". Como mulher, provavelmente Lia estava pensando em termos de um *dote*. Ela havia recebido seu dote particular, agora que tinha seis filhos dela mesma, além dos dois de Zilpa. Com esse dote, ela poderia "comprar" o amor e a atenção de Jacó. Por assim dizer, ela lhe tinha pago um dote, em vez de Jacó ter de pagar um dote a Labão, a fim de tê-la como esposa. Jacó não tinha dinheiro para pagar um dote por Raquel, pelo que terminou servindo pelo espaço de catorze anos a Labão, dando-lhe trabalho em vez de dinheiro, o que concordava com certos costumes antigos. Agora Lia tinha seu próprio dote, com o qual poderia manipular as circunstâncias.

Permanecerá comigo meu marido, embora não com exclusividade. Isso seria esperar demais. Em um sentido *essencial*, porém, Jacó passava cada noite na tenda de Raquel.

30.21

Uma filha. . . Diná. Geralmente, as filhas não eram mencionadas nas genealogias. Mas Diná era uma pessoa em torno de quem havena grande confusão, e o autor sagrado apresenta-nos aqui o seu nome. Mais adiante (cap. 34), ele contaria a triste história dela.

No hebraico, o nome dessa filha de Jacó quer dizer *julgada* ou *vingada*. Era filha de Jacó e Lia, e, portanto, irmã de Simeão, Levi, Rúben, Judá, Issacar e Zebulom. A história de Diná é um daqueles incríveis relatos do Antigo Testamento que demonstram a loucura dos atos e das paixões humanas.

Quando Jacó estava acampado nas vizinhanças de Siquém, Diná foi seduzida e violentada por um homem chamado *Siquém*, filho de Hamor, o chefe heveu da cidade. Siquém resolveu corrigir o seu erro, e pediu Diná em casamento. Isso pode ter sido inspirado por *amor*, ou, também, pelo *temor* do que lhe poderia acontecer, se não quisesse fazer justiça. Mas dois dos irmãos de Diná, Simeão e Levi, só quiseram consentir com o casamento se *todos* os homens habitantes da cidade se submetessem à circuncisão (o que, presumivelmente, os transformaria em israelitas, tornando viável o matrimônio). Porém, tudo não passava de um plano ardiloso da parte dos filhos de Jacó; pois, no terceiro dia após a operação da *circuncisão* (ver a respeito no *Dicionário*), quando as dores da circuncisão estavam em seu ponto máximo, Simeão e Levi (juntamente com tropas armadas, sem dúvida) atacaram a cidade e mataram todos os seus habitantes. Ver o capítulo trinta e quatro do Gênesis. O próprio Jacó lamentou e repeliu o ato (Gên. 34.25-31). Diná voltou à casa paterna (onde, provavelmente, permaneceu solteira). Em cerca de 1950 A. C., ela foi levada com seu pai para o Egito (Gên. 46.15).

Referências vindas dos tempos antigos dão-nos conta de que tais atos, contra as mulheres, eram considerados algo muito grave, embora também fossem bastante comuns. Uma irmã precisava ser vingada por seus irmãos, se ela não fosse mulher casada. Se fosse casada, então cabia ao marido tirar vingança por ela.

30.22

O Vexame de Raquel é Anulado. Quão ardentemente Raquel havia esperado por aquele momento. Ela já tinha dois filhos por intermédio de Bila (vss. 5-8), mas isso não podia comparar-se com a felicidade de ter seus próprios filhos. Uma vez mais, Deus recebe o crédito pela concepção. Agora, Deus se *lembrara* de Raquel. Até então ela fora deixada de fora do processo de procriação. Lia teve seis filhos, Zilpa, dois; Bila, dois; mas Raquel até então não tivera nenhum. E foi então que Deus lhe devolveu a fertilidade e lhe deu um filho, de nome *José*, o qual estava destinado a tornar-se o filho favorito de Jacó e o maior de todos os doze. E Raquel mais tarde teve ainda outro filho, Benjamim, acerca do qual não ouviremos senão já no capítulo trinta e cinco. Por incrível que pareça, Raquel morreu de parto, ao dar luz a Benjamim. Isso pôs fim à competição, e tornou-se uma dor permanente no coração de Jacó.

As três belas mulheres, Sara, Rebeca e Raquel sofreram todas de períodos de esterilidade, que foram revertidos por intervenção divina. Isso é comentado em Gên. 29.31.

"A longa esterilidade de Raquel provavelmente a tinha humilhado e disciplinado. Isso a curou de sua anterior petulância, ela não mais confiava em *maçãs do amor*, mas antes, esperava que Deus a abençoasse com filhos. Deus ouviu as orações dela e lembrou-se dela. Cf. I Sam. 1.19" (Ellicott, *in loc.*).

30.23

O Fim do Vexame. Deus retirou o *opróbrio* de Raquel. Visto que José nasceu entre seis e sete anos antes de Jacó deixar Padã-Arã, Raquel continuou estéril por um espaço de cerca de vinte e seis anos. E grandioso quando problemas de muita duração finalmente são solucionados, ou quando bênçãos há muito esperadas finalmente são recebidas. A esperança adiada adoece o coração, mas quando o desejo é atendido, torna-se uma árvore de vida (Pro. 13.12).

Deus me tirou o meu vexame. Raquel acusava a si mesma, porque estava falhando como mulher; e também era repreendida por Lia e por suas vizinhas. E talvez o próprio Jacó a repreendesse, apesar do grande amor que lhe tinha. Pois, naquele tempo, era uma calamidade uma mulher casada não ter filhos. Agora, porém, as mulheres fazem aborto!

30.24

José. Filho primogênito de Raquel e favorito de Jacó, destinado a tornar-se o maior dos doze patriarcas. A história dele ocupa catorze capítulos no livro de Gênesis, um pouco mais do que o espaço devotado ao próprio Abraão. Dei um artigo detalhado sobre ele no *Dicionário*. Seu nome tem-se tornado um dos nomes masculinos mais comuns e um dos mais proeminentes da Bíblia. Ver sobre *José* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Ver sobre José como tipo de Cristo nas notas sobre Gên. 37.3

O nome dele significa *adição*, ou *a ser adicionado*. Raquel, tendo-o dado à luz, esperou que pudesse ter outro filho, depois dele. E essa antecipação foi finalmente concretizada na pessoa de *Benjamim* (Gên. 35.18).

Não se fala aqui sobre a continuação da competição. É possível que Raquel, feliz com seu filho José, tenha perdido o ódio e o desejo de competir. Agora ela estava realizada como mulher; e também parece que não a preocupava o fato de que tinha tido um filho, ao passo que Lia tivera seis. Ademais, seu único filho veio a tornar-se o mais distinguido de todos os doze patriarcas. Conta-se a história dos animais da floresta que se jactavam do grande número de filhotes que eram capazes de produzir. Cada animal dizia: "Vejam quantos filhotes eu tenho". Então chegou a leoa, e disse: "Eu só tenho *um* filhote, mas ele é um *leão*". Assim também sucedeu a José, que foi um *leão*.

Labão Faz Novo Pacto com Jacó (30.25-43)

Chegara a vez de Jacó ganhar uma vitória. Os críticos pensam que esta seção é uma mescla das fontes informativas *J* e *E*. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)* quanto a informações sobre a teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Jacó tinha servido bem e por muito tempo, e agora estava insatisfeito com as suas condições e com o seu salário. Seu trabalho tinha enriquecido a Labão. Agora, ele queria uma parte para si mesmo. E assim foi firmado entre eles um acordo, baseado nas características genéticas dos rebanhos de que Jacó cuidava. Parece que um pouco de superstição ajudou-o a prosperar bem mais do que Labão; mas os eruditos teístas diriam que Deus estava operando em seu favor, mesmo que isso parecesse contrário à natureza. Embora Jacó fosse um patife, e Labão fosse outro, e um procurasse enganar ao outro, Jacó não era nenhum tolo. Ele confiava que seu sucesso, indiscutível até ali, não haveria de abandoná-lo, mesmo contra todas as expectativas. O próprio Labão precisou admitir que fora abençoado por causa de Jacó (vs. 27). O suposto poder de Jacó, mediante o seu truque com varas de álamo, aveleira e plátano (vs. 37), não interferiu no caminho de Deus. Deus vem ao encontro do homem onde ele se encontra, e abençoa-o se o seu coração for reto, mesmo que haja coisas que Ele não possa aprovar. De fato, quem poderia ser ajudado por Deus, se Ele ajudasse somente aos perfeitos? Naturalmente, havia o Pacto Abraâmico, no qual Jacó estava envolvido; e as promessas de Deus a Abraão faziam-no prosperar, embora, às vezes, ele laborasse em erro. E foi assim que Labão prosperou à custa de Jacó, o contrário do que tinha acontecido por muitos anos. Chegara a vez de Jacó obter um triunfo.

30.25

Permite-me que eu volte ao meu lugar. As raízes de Jacó atraíam-no de volta. Finalmente, ele haveria mesmo de voltar. Mas continuaria por mais um pouco em Padã-Arã, com condições um tanto melhoradas. Mas então abrir-se-ia uma porta. É impossível alguém entrar por uma porta fechada, embora seja possível entrar tarde por uma porta aberta. Mas quando Deus abre uma porta, ela se abre miraculosa e automaticamente.

As mudanças são boas, mas somente quando ocorrem no *tempo certo*. E, então, podemos tirar proveito delas, com coragem e entusiasmo. Entrementes, sempre é bom quando nossas condições *melhoram*. Era isso que estava prestes a ocorrer com Jacó, e ele já estava psicologicamente pronto para uma mudança total. Todo homem bom é guiado pelo Senhor.

Minha terra. Jacó queria voltar a Berseba, onde ainda viviam seu pai e sua mãe. Jacó já estava no estrangeiro havia cerca de vinte anos, e agora queria retomar. Ver as notas em Gên. 31.41, quanto ao tempo envolvido.

30.26

Dá-me as mulheres, e meus filhos. Jacó tinha cumprido todos os seus deveres e mantido todos os acordos. Havia trabalhado catorze anos por Raquel e Lia, e ainda tinha ficado mais seis anos. Labão não possuía bases legais para queixar-se, nem tinha nenhum direito de detê-lo. Jacó não pediu para levar nada,

embora, sem dúvida, levaria algo consigo. Ele tinha uma ampla herança, da parte de Isaque, por isso não enfrentava apertos econômicos.

Esposas de Jacó. Elas eram quatro: Lia, Raquel, Bila e Zilpa. Na época, ele tinha onze filhos. Somente Benjamim ainda não havia nascido.

30.27

Fica comigo. Labão reconheceu assim que Jacó era um homem de Deus. Deus abençoa o homem justo, e isso sem falar na graça de Deus, que abençoa a todos, indistintamente. Os bons e os maus prosperam, e ambos podem padecer necessidade. Labão sabia que tinha prosperado desde a chegada de Jacó, e não queria perder a *fonte* de sua bênção. Assim, ansiava entrar em algum acordo com ele, a fim de que Jacó não fosse embora. É incrível que Jacó não tivesse um salário fixo. Agora, esse salário lhe era oferecido. Mas Jacó tinha idéias maiores do que um salário fixo. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Bênção.*

Tenho experimentado. A palavra hebraica aqui usada pode significar "tenho adivinhado". E assim alguns estudiosos a entendem aqui. Parece que Labão tinha consultado seus terafins ou posto em prática alguma forma de adivinhação, a fim de verificar o que era melhor para ele. E *Jacó* sempre aparecia como uma força positiva para seu bem-estar. Ver sobre os terafins ou ídolos do lar em Gên. 31.19, bem como o artigo intitulado *Terafins,* no *Dicionário.* Ver o versículo seguinte quanto ao envolvimento da família de Terá na idolatria.

30.28

Fixa o teu salário. Não é com freqüência que um patrão potencial dá um cheque em branco para alguém preencher à vontade. Alguns eruditos pensam que ele esperava que Jacó fixasse um preço baixo, pois sempre negociava, sempre buscava seus próprios interesses. Por outro lado, se Jacó era tão importante para Labão como o texto subentende, este poderia pagar-lhe um bom salário, e até estaria ansioso por pagá-lo, para não perder as bênçãos do Deus de Jacó, que também figurava entre as divindades que ele adorava (Gên. 24.50). Terá (pai de Abraão e de Naor), estivera envolvido na idolatria (Jos. 24.2). Raquel não conseguira desvencilhar-se dessa prática (Gên. 31.19).

30.29

A Prova do Conhecimento. Jacó fizera Labão tornar-se um homem rico. Este tinha numerosos rebanhos, que eram antigos padrões de riqueza material. Mas pouco possuía, comparativamente, quando Jacó tinha chegado (vs. 30). Ninguém sabia mais dessas coisas que o próprio Labão, o que explica sua ansiedade por reter Jacó em sua companhia.

Quanto mais Jacó trabalhava, mais trabalho tinha para fazer, motivo pelo qual se vira em um círculo vicioso de trabalho-produção-mais trabalho. E agora queria que houvesse mudança em tudo isso, ou, então, como as coisas terminaram acontecendo, uma grande melhoria, capaz de torná-lo proprietário de *alguma coisa.*

30.30

O pequeno rebanho de Labão era antes tão pequeno que sua jovem filha, Raquel, era capaz de tomar conta dele (Gên. 29.9). Ele tinha apenas um rebanho de ovelhas, mas agora era dono de vários rebanhos de ovelhas e de cabras.

Jacó Parecia Ter Muita Sorte. As palavras "minha vinda", neste versículo, literalmente são, no hebraico, *meu pé.* Aben Ezra conta um provérbio que dizia que algumas pessoas têm um pé com muita sorte, de tal modo que onde elas pisam, as coisas correm bem. Mas os negócios até então eram dominados por Labão. Agora Jacó queria que as coisas virassem também para seu lado, a fim de que ele viesse a tornar-se proprietário de alguma coisa, para poder cuidar melhor de sua família.

Provendo para a Própria Família. Jacó tinha quatro esposas e onze filhos; e agora, um pouco mais velho, começava a preocupar-se com a segurança de seus familiares. Para tanto, teria de começar a produzir para si mesmo e para eles. Quando um homem envelhece, começa a pensar sobre a *herança.* Ele queria deixar seus filhos sob circunstâncias econômicas razoáveis. Paulo fala sobre essa responsabilidade (II Cor. 12.14). Doravante, Jacó usaria suas habilidades e experiências em prol de sua família. Senhor, concede-nos tal graça! Ver I Tim. 5.4.

". . .existem qualidades inspiradas pela religião — a integridade, a diligência, a fidelidade quanto aos deveres domésticos, tudo o que pode trazer, como resultado, bens deste mundo" (Walter Russell Bowie. *in loc.*). A ética dos puritanos via o sucesso nos negócios e nas finanças como parte das recompensas de Deus a um homem bom, mas exigia *trabalho.* Isso tornou-se conhecido como *ética do trabalho,* tão importante para a história do começo dos Estados Unidos da América como até hoje. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Trabalho, Dignidade e Ética do*

30.31

Iniciativa Pessoal. Jacó não queria um salário fixo. Antes, tinha um plano de iniciativa pessoal. Ele extrairia o salário de seu próprio trabalho. Mas precisava da cooperação de Labão para pôr seu plano em execução. Se isso lhe fosse concedido, então continuaria a cuidar dos animais, como já lhe era usual, e garantiria a multiplicação e prosperidade dos rebanhos. Jacó queria passar de um virtual escravo para um *capitalista inovador.*

30.32-33

Os salpicados e malhados. No Oriente, a maior parte dos rebanhos de ovelhas compõe-se de cordeiros negros, ao passo que a maioria das cabras compõe-se de animais salpicados e malhados. Esses animais ficariam sendo de Labão. E os demais, de Jacó. É um tanto difícil acompanhar a proposta de Jacó. O que fica claro é que os animais de certa coloração, que formavam a maioria, seriam de Labão, e a minoria ficaria com Jacó. Assim, superficialmente, Labão ficaria com a vasta maioria dos rebanhos de ovelhas e de cabras. Se os antigos nada sabiam sobre genética, eram capazes de observar que os animais se reproduzem segundo suas respectivas espécies. Assim, a maioria continuaria a ser a maioria, e a minoria continuaria a ser a minoria. Em conseqüência, Labão ficou deleitado diante da proposta feita por Jacó. Jacó pareceu um tolo, ao propor tal negócio. Mas estava prestes a atirar-se a certa engenharia genética que fana mudar tudo.

O trecho de Gênesis 31.10-12 mostra que Jacó tivera um sonho revelador que lhe mostrara quais animais haveriam de multiplicar-se mais rapidamente.

Os vss. 32 e 35 parecem estar em contradição mútua, visto que aquilo que Jacó quisera para si mesmo (vs. 32), Labão (vs. 35) separou e entregou para seus próprios filhos. Podemos supor que lhes foram entregues para que ficassem bem guardados, a fim de serem entregues mais tarde a Jacó. Não há como determinar com exatidão o que foi feito, afinal. Mas a idéia básica é clara: os animais de cores em maioria ficaram com Labão; e os demais ficaram com Jacó.

30.34

Seja conforme a tua palavra. Labão não precisou pensar duas vezes. A barganha proposta por Jacó parecia totalmente estúpida. Praticamente todos os animais ficariam com Labão, e alguns poucos animais, em minoria, ficariam com Jacó. No entanto, Jacó tinha traçado um plano que Labão não poderia antecipar. Desse modo, o humilde pastor passaria a perna no grande barão. O sonho de revelação de Jacó (não mencionado aqui, mas somente em Gên. 31.10-12) tinha-lhe mostrado quais animais ele deveria escolher como seus. A providência divina, como sempre, estava por trás dos atos de Jacó.

30.35

Separação Imediata dos Animais. Labão não tardou a fazer a separação, conforme a proposta de Jacó, antes que este mudasse de idéia. Os animais que lhe cabiam foram entregues a seus próprios filhos, ainda que, por causa da aparente contradição com o vs. 32, Aben Ezra (e outros intérpretes) supusessem que esses animais tivessem sido entregues aos *filhos de Jacó.* Devemos entender, entretanto, que os animais foram separados para serem entregues a Jacó no momento certo. Ou, então, conforme alguns eruditos têm dito, o autor sagrado confundiu-se, dizendo que eles foram entregues aos filhos errados. Alguns estudiosos dizem que os filhos de Jacó ainda não tinham idade suficiente para cuidar dos animais, e a tarefa foi realmente entregue aos filhos de Labão. Não é fácil determinar o que, realmente, sucedeu.

30.36

A Sábia Separação de Bens. Assim como houve uma separação dos animais, também foi mister fazer uma separação de espaços, para que não houvesse mistura de rebanhos. Ninguém poderia enganar, ficando com o que não era seu, ou vindo fazer furtos durante a noite. Além disso, os animais não deveriam fugir a fim de misturar-se. Todas as providências foram tomadas para garantir um resultado honesto, *exceto* pelo fato de que Jacó já havia traçado seu plano, sem nada dizer a respeito. Ele influenciaria o código genético dos animais (vs. 37 ss.). O espertalhão continuou com as suas espertezas.

30.37

E lhes removeu a casca. As várias varas que conseguiu dentre as várias espécies de plantas, por baixo da parte externa da casca, eram brancas. Portanto, ele raspou listras, deixando a parte branca mais interior fazendo contraste com a cor natural da casca. Em outras palavras, ele preparou varas *listradas.*

Álamo. Essa árvore é mencionada apenas por duas vezes na Bíblia (aqui e em Osé. 4.12), embora nesta última referência a nossa versão portuguesa diga "choupos". Na primeira referência, há menção à utilidade de sua madeira; e na segunda, são mencionadas as ofertas feitas debaixo de suas sombras. Cientificamente, a árvore é chamada *Populus elba*, podendo atingir uma altura de 18 m. Produz boa sombra, devido à sua densa folhagem. As folhas são de cor cinza brilhante, brancas por baixo, o que explica o termo álamo prateado. Durante a primavera, os botões que produzem as flores emitem um odor fragrante. Bosques de álamos eram usados na adoração pagã, e, evidentemente, essa adoração incluía a queima de incenso debaixo das árvores (ver Isa. 65.3). Jacó utilizou-se de varas de álamo para tentar influenciar as ovelhas a produzir crias de determinado colorido. Naturalmente, há nisso uma certa dose de superstição, e se algo influenciou tal colorido, além dos fatores genéticos, temos de pensar em Deus.

Aveleira. Isto é, amêndoas. No hebraico, o nome significa *despertada*, porque florescia bem cedo no ano (aqui e em Gên. 43.11; Núm. 17.8; Ecl. 12.5; Jer. 1.11). Trata-se da *Prunus Amygdalus communis*. Uma árvore nativa da Síria e da Palestina. Por causa de sua inflorescência, é altamente ornamental. Talvez tenha sido introduzida no Egito quando José era o governador. Na Palestina, ela floresce já no mês de janeiro. As flores são róseas, e, algumas vezes, brancas, o que explica a sua analogia com um ancião encanecido (Ecl. 12.5). Sua beleza tem inspirado a decoração em trabalhos de entalhe, onde a amêndoa é retratada. Também parece ter sido a origem de um óleo valioso. *Simbolismo:* Deus cumpre prontamente as Suas promessas (Jer. 1.11,12).

Plátano. No hebraico, *armom* (aqui e em Eze. 31.8). Há um plátano verdadeiro, das planícies da Palestina, o *Platanus orientalis*. Essa espécie pode ser achada especialmente nos sopés do monte Líbano. Produz cachos de flores, formando bolas arredondadas, em torno de uma haste comum. É árvore de grande porte e faz muita sombra, além de ser muito valorizada. O trecho de Eclesiástico 24.14 fala dela metaforicamente, como símbolo de grande estatura. Pode atingir mais de 50 m de altura, com um tronco bem grosso. Nas planícies mais ao sul, embora a árvore não cresça tanto, ainda assim é uma espécie impressionante.

A madeira do plátano é muito usada no fabrico de móveis, porquanto pode adquirir um acabamento lustroso. As folhas, com três e cinco lobos, com alguns dentes, algumas vezes chegam a 25 cm de comprimento, e têm mais ou menos a mesma largura. O fruto, de formato globular, fica pendurado em ramículos.

A família do plátano esta distribuída pelo mundo inteiro, e espécies fósseis têm sido encontradas até nos tempos cenozoicos. O plátano é abundante ao longo de todos os cursos de água da Síria e da Mesopotâmia. O cedro do Líbano é posto em comparação com o plátano (Eze. 31.8), por causa de sua imensa altura. *Armom*, nome hebraico do plátano, significa *liso* ou *nu*, designação essa derivada do fato de que a árvore perde a sua casca externa.

30.38

Engenharia Genética. Os antigos que lessem o episódio não duvidariam em crer que tal *sugestão* poderia levar os animais a produzir filhos com certos coloridos ou marcas. É inútil tentar dizer que o autor sagrado não acreditava nas implicações de sua própria narrativa. O conhecimento, científico ou teológico, *cresce*. E por que deveríamos pensar que isso é estranho? Logo, o que podemos chamar de *superstição*, era o conhecimento científico da antiguidade. Os eruditos modernos dão o crédito de todo o ocorrido a Deus, o qual é concebido como Aquele que influenciou o código genético dos animais, a fim de beneficiar Jacó.

Atos similares são registrados em outras obras literárias. Coloridos específicos em cães e cavalos supostamente eram obtidos por meio desse método (Oppian, *Kynegetics*, I, 327 ss., 353-356). Até mesmo criadores de gado, em certos países atuais do Oriente, tendem a preservar os cordeiros brancos rodeando suas gamelas de beber com uma variedade de objetos dessa cor.

Bebendo e Reproduzindo-se. As ovelhas e as cabras teriam de beber; teriam de vir à presença das varas preparadas por Jacó. Assim fazendo, elas viriam beber, olhariam para as varas e copulariam. E não demorana a vir o resultado, com animais da cor desejada.

30.39

Sucesso. O extraordinário sucesso que Jacó obteve com suas esposas, agora também afetava os seus animais. Presumimos que devamos entender que o Pacto Abraâmico não permitiria que Jacó empobrecesse. Havia uma grande força por tras dele. Ele seria "abençoado", sem importar onde se encontrasse. Mesmo quando caía em erros, esses redundavam em seu favor, embora não sem castigo (Heb. 12.8).

A causa desse sucesso, no caso presente, não era o que ele pensava. Ele confiou em uma tola superstição, que era a ciência de sua época. Os resultados foram positivos, mas não resultavam de seu ato ridículo. Os antigos chineses já sabiam que toda vida na terra deriva-se do sol. Mas imaginavam que, quando ocorre um eclipse do sol, há um *dragão* que tenta engolir o sol. Para impedir isso, eles iniciavam uma cerimônia selvagem, com uma dança frenética, que, segundo pensavam, salvava o sol naqueles momentos de perigo. Assim, iniciado um eclipse, eles começavam sua dança louca. E assim continuavam, até que o sol emergisse de novo das sombras. O que eles faziam "funcionava", conforme pensavam. Mas a *causa* do reaparecimento do sol não era o que eles tinham imaginado.

John Gill conta a história de uma rainha etíope (portanto, negra), que conseguiu dar à luz um bebê *branco*, mediante o poder do pensamento, enquanto ela estava grávida. E, ao que parece, ele levou a sério essa *lenda*. E também mencionou outras superstições, de igual natureza, mas, por mais que tais instâncias sejam multiplicadas, nada disso nos convence.

30.40

A Separação. Os eruditos queixam-se, diante da obscuridade do texto hebraico aqui. Jacó separou os animais que lhe pertenciam, de acordo com certos coloridos, dos animais que pertenciam a Labão. Porém, não é claro o que, exatamente, esteve envolvido. Alguns têm a impressão de que ele usou um segundo artifício na engenharia genética dele. Ele parece ter usado os animais cujo colorido os fazia serem dele, como uma influência secundária. Os animais de Labão olhariam para os animais de Jacó, e não apenas para as varas. E mediante essa influência dupla, ao que se presume, ele obtinha os resultados desejados. Os animais de cores simples recebiam assim uma *dupla exposição*.

30.41

Outro Artifício Ainda. Jacó dava atenção aos animais mais vigorosos, e expunha-os ao seu artifício (ou artifícios), de tal modo que, ao se reproduzirem, o resultado era o nascimento de animais deste ou daquele colorido. Mas os animais mais fracos não eram sujeitados a tal exposição, e assim, ao procriarem, davam filhotes que seriam de Labão. Os esquemas de Jacó estavam obtendo resultado.

Os adjetivos *forte e fraco,* no hebraico, querem dizer *presos* e *cobertos*. E alguns intérpretes judeus pensam que isso dizia respeito a estações do ano, ou a dois períodos de cio. "As ovelhas, na primavera, após a estação fria, são *presas*, isto é, ficam bem próximas umas das outras, e os cordeiros são *fortes* e saudáveis. E a palavra *cobertos* parece indicar que os animais se escondiam (Jó 23.9), pois eram *fracos*. . . As ovelhas nascidas no outono não têm grande valor, e Jacó as deixava ao sabor da natureza" (Ellicott, *in loc.*). Desse modo, Jacó influenciava os animais que nasciam durante a boa estação do ano, na época de sua reprodução, mas não os animais que nasciam durante a estação ruim do ano.

30.42

Omissão. Os animais fracos não eram sujeitados aos artifícios de Jacó. Assim, não nasciam com as cores que os fariam pertencer ao rebanho dele. O autor sagrado, por sua vez, não pôs em dúvida moral esse artifício usado por Jacó. Mas não basta prosperar; nem basta ser ardiloso; e nem basta fazer funcionarem artifícios supersticiosos. O *amor* é que está com a razão. É errado alguém prosperar à custa de outrem, especialmente quando esse alguém dispõe dos *meios* para tanto, e, então, aplica esses meios. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Amor*. Dificilmente Jacó estava fazendo contra Labão o que gostaria que Labão fizesse contra ele (Mat. 7.12). Esse princípio do amor reflete "a lei e os profetas", ou seja, a essência da sua mensagem.

30.43

Enriquecimento por Meio da Astúcia. Jacó estava enriquecendo através de *peculato*. Ele terminou sendo o proprietário da maior parte dos rebanhos de ovelhas e de cabras. Labão viu-se reduzido a uma pobreza comparativa. Jacó exibia suas riquezas, mal ganhas. Alguém já disse que é uma virtude roubar de um ladrão. Se isso é verdade, então Jacó mostrou ser um homem virtuoso. Mediante suas manipulações, foi capaz de comprar muitos escravos e outros animais, que não estavam envolvidos na *experiência*. Agora ele tinha todos os emblemas da riqueza, aos olhos dos antigos, chegando a aproximar-se de Abraão (Gên. 13.2). Deus havia dito que abençoaria (Gên. 12.2) a linhagem de Abraão, por causa do pacto (ver a descrição do *Pacto Abraâmico* em Gên. 15.18). Isso estava acontecendo. Mas Jacó laborava em erro ao usar os artifícios que aqui lemos, a fim de enriquecer.

Jacó podia vender grande quantidade de lã. Era um negociante. Havia demanda pelo produto, e ele dispunha de um bom suprimento. Também podia adquirir muitas outras coisas. Tinha seus camelos e comerciava com lugares distantes. Seus produtos eram enviados através das rotas de caravanas, e estava ganhando dinheiro no comércio internacional. Tornara-se um supernegociante, e compartilhava dos vícios dos ricos e abastados. Não admira, pois, que a fisionomia de Labão para com Jacó tenha mudado, em relação ao que fora antes (Gên. 31.2).

Capítulo Trinta e Um

Retorno de Jacó para a Terra Prometida (31.1 — 34.31)

Os críticos atribuem esta seção à fonte informativa *E*, excetuando os vss. 1 e 3, que pertenceriam à fonte *J*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *J.E.D.P.(S.)*, quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

Jacó havia chegado a vários *limites*. Em primeiro lugar, ele tinha ficado antipático aos olhos de Labão, mediante sua prosperidade desonesta, embora Labão tivesse concordado com o método sugerido por Jacó para dividir os animais (Gên. 30.31 ss.). Em segundo lugar, ele era possuidor de tantos bens que não havia mais necessidade de ficar confinado ao território de Labão. Agora ele queria voltar a sua própria terra e região, Berseba. Tinham-se passado cerca de vinte anos. Provavelmente, depois desse tempo todo, Esaú não continuaria afagando suas intenções homicidas, a causa pela qual Jacó tivera de ir para o exílio (Gên. 27.42 ss.). Jacó desejava muito uma mudança de área geográfica. A isso Sêneca chamava de "mudança de céu". Mas insistia em que aquilo de que precisamos é de uma mudança no coração, e não de uma mudança de ares (como nós dizemos). Por outra parte, algumas vezes somos conduzidos a uma diferente área geográfica, visto que nossa missão na vida leva-nos a nossas possibilidades e empreendimentos. Declarou Paulo a certa altura de sua vida: "Mas agora, não tendo já campo de atividade nestas regiões. . ." (Rom. 15.23). E assim, ele mudou-se para uma nova área geográfica, a fim de que a sua missão pudesse prosperar em uma nova arrancada.

Se Jacó não foi exatamente um exemplo de "como devemos tratar o próximo", Labão também não o foi (vs. 7). Jacó contava com a ajuda divina para prosperar (vs. 9), bem como de orientação espiritual (vss. 11 ss.). Por igual modo, dispunha do apoio de suas esposas em sua intenção de mudar-se de localidade (vs. 14-16). De acordo com *todas* as indicações, era chegado o tempo de ele mudar-se. É grandioso quando Deus nos dá uma *orientação clara*, e é precisamente isso que devemos pedir Dele, sobretudo quando temos de tomar grandes decisões.

31.1

Jacó se apossou de tudo. Os filhos de Labão iniciaram uma campanha de ódio. Para eles parecia claro que Jacó havia roubado as riquezas da família, deixando-os na miséria. Ele havia reduzido a zero a família de Labão. As dificuldades estavam fermentando. A violência poderia irromper a qualquer momento. Mas os erros de Labão não estavam sendo mencionados, o que é típico. Um argumento tenta ignorar certos elementos debilitadores. No entanto, o argumento deles era forte e convincente, e poderia causar repercussões sérias. Estavam como que dizendo: "Jacó, volta para casa!". Labão como que dizia: "Jacó, volta para casa!" E o próprio Senhor estava dizendo: "Jacó, volta para casa!". E Lia e Raquel secundavam: "Jacó, volta para casa!". Portanto, o que mais poderia suceder? Jacó voltaria para casa. Mas, a fim de desvencilhar-se de Labão, seria mister mais alguma manipulação.

A Mensagem do Texto. A providência divina é um fato, e ela nos guia pelo caminho. Essa é a convicção central de todo o livro de Gênesis. Apesar das faltas e falhas de Jacó, o propósito divino sempre controlou tudo em sua vida. O fato de Jacó ter voltado para sua terra foi outro capítulo na história de como Deus cuidava dele, dando-lhe alguma orientação especial necessária. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Providência de Deus*.

Toda esta riqueza. As riquezas materiais sempre trazem sua fama e sua glória. Jacó havia roubado a glória da família de Labão, deixando-os envergonhados diante de seus vizinhos. O Targum de Jonathan explica que a queixa era de que Jacó tinha obtido toda a sua fama e boa reputação entre os homens por meio de seu tratamento errado para com Labão.

31.2

Labão Exige: "Jacó, Volta para Casa!". Um olhar para o rosto de Labão bastaria para mostrar que Jacó estava enfrentando momentos difíceis. Os familiares de Labão estavam sussurrando por trás de suas costas. Um crescente desprazer, que poderia terminar em conflito franco, era óbvio na expressão fisionômica de Labão. A situação estava deteriorando seriamente. Jacó mostrava-se atento para com os sinais desse desprazer.

"Deus estava agitando a situação" (Allen P. Ross, *in loc.*). Não demoraria muito para Jacó partir de volta à Terra Prometida.

O Lar

Ó, devem os exilados sempre lamentar;
E então, após muitos anos, retornar?
Condenados pelo injusto decreto da Sorte
A não mais ver nossa terra e nossas casas. . .

(Virgílio Ec. i. vs. 68)

O lar é onde está o coração.

(Plínio, o Velho, 23-79)

Quando eu estava em casa, estava em um lugar melhor.

(Shakespeare)

Sê sempre tão humilde que não haja lugar como o teu lar.

(John Howard Payne)

Qual a ave que vagueia longe do seu ninho, tal é o homem que anda vagueando longe do seu lar.

(Provérbios. 27.8)

Era necessário falar. A tribulação pairava no ar. Mas se Jacó não agisse, muitas outras palavras indignadas seriam ainda proferidas. Porém, havia no ar mais do que meras dificuldades. Havia preparativos para a partida. A vontade de Deus manifestava-se em meio aos acontecimentos. As circunstâncias cooperariam com a iluminação direta, garantindo o cumprimento do propósito divino.

31.3

A Orientação Divina. O Senhor falou. Não nos é dito de que maneira. Mas o livro de Gênesis alude a certa variedade de maneiras:

1. Há uma resposta à oração por meio da intuição interna, das visões externas e da seqüência das circunstâncias. Ver Gên. 20.7 quanto ao poder das orações de Abraão. Ver Gên. 24.42 ss., 25.21; 28.20 ss. e 30.22 ss. quanto a outras instâncias de oração no Gênesis. No *Dicionário* ver o artigo *Oração*.
2. O *Anjo* do Senhor pode dar-nos orientação. Ver exemplos disso em Gên. 16.7 ss.; 21.17; 22.11 e 31.11. Nesta última referência, o anjo falou por meio de um sonho. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Anjo*.
3. Há visões que nos fornecem orientação, como se vê nos casos de Abraão (Gên. 15.12 ss.) e de Jacó, em Betel (Gên. 28.12 ss.). Um *sonho* pode conter uma visão. Ver no *Dicionário* os artigos *Sonhos* e *Visão (Visões)*.
4. Alguns intérpretes supõem que aparições do Logos no Antigo Testamento podem estar envolvidas em algumas aparições de Yahweh ou Elohim. Ver Gên. 31.13. Ver no *Dicionário* os artigos *Misticismo* e *Vontade de Deus, como Descobri-la*. É um grande privilégio dispor da Bíblia para ser lida, e dali extrair princípios gerais que nos norteiam. Também é notável dispormos da agência da oração. Algumas vezes, entretanto, precisamos do toque divino mais direto, de alguma iluminação especial para saber o que nos convém fazer.

Os vss. 10-13 deste capítulo ou nos dão uma nova orientação ou nos dão mais detalhes acerca do que é dito nestes versículos. São detalhes preciosos. Algumas vezes precisamos de uma ajuda mais direta e específica quanto ao que devemos fazer. Se a providência de Deus nos provê graça para tomarmos o passo seguinte, algumas vezes, divisar uma praia distante ajuda-nos a dar o próximo passo. Deus mostrou a Jacó a praia distante: Berseba. E o passo seguinte consistiu em deixar a região de Labão. Algumas vezes precisamos de um sonho mandado por Deus, de uma visão iluminadora. Mas há ocasiões em que até precisamos da visita do Anjo do Senhor.

Torna à terra de teus pais. As raízes de Jacó estavam-no chamando. Um novo propósito precisava ter início. Padã-Arã não podia continuar servindo de palco para o drama sagrado. Era mister que houvesse um novo palco. É um bem conhecido fenômeno psicológico que as pessoas de mais idade, ao ingressarem no último ou nos últimos ciclos de sua vida, desejem *voltar para casa*. Algumas vezes as circunstâncias permitem isso; outras vezes, não.

E à tua parentela. Ver Gên. 12.1; 24.4,7. No caso de Jacó, provavelmente os que estavam em Berseba. A família patriarcal tinha-se instalado naquela área em geral. Mas havia outros membros da família em outros lugares, porquanto viviam como seminômades.

Jacó precisava de *encorajamento* a enfrentar uma mudança drástica em sua vida. As pessoas de mais idade sentem maior dificuldade em dar início a coisas novas. Deixam-se envolver por muitos temores e ansiedades.

E eu serei contigo. Se partires, Esaú não te prejudicará. Labão não te poderá impedir. Farás uma viagem segura de retorno. E chegando lá, prosperarás. Terás uma nova vida de utilidade e bênção. Abençoarás outros e serás abençoado por outros. Nada perderás com essa mudança. Bem pelo contrário, tudo redundará para teu bem, e de todos quantos estiverem em tua companhia.

Jacó lembrou-se dessa mensagem, "eu serei contigo", quando, finalmente, precisou enfrentar Esaú (Gên. 32.9). Ele temera inutilmente. Esaú acolheu-o de braços abertos e com amor fraterno. O tempo havia curado a ferida.

31.4

Lia e Raquel São Consultadas. Jacó havia recebido uma clara orientação divina. Agora, estava preparando-se para partir. Jacó enviou um filho (os Targuns

dizem que foi Naftali), ou um servo, para convocar as suas duas esposas. Os três tinham estado juntos por longo tempo. Jacó não haveria de fazer a mudança sem primeiro consultar-se com elas. Elas eram vitais em sua vida. Ninguém da família imediata seria deixado para trás. "Jacó, como homem prudente que era e marido afetuoso, pensou que seria apropriado dar a conhecer às suas esposas o que estava sucedendo, avisando-as, de modo a nem deixá-las subitamente nem levá-las pela força" (John Gill, *in loc.*).

O Apelo de Jacó Ressaltou Três Pontos. 1. Labão tinha mudado de atitude para com Jacó, o que era causa de desconforto (vs. 5). 2. Labão tinha se mostrado repetidamente injusto em seus acordos com ele (vs. 7). 3. Jacó recebera recentemente uma orientação de Deus (vs. 11).

31.5

A Carranca de Labão. A fisionomia de Labão não era mais favorável a Jacó como antes. Labão tinha mudado. Não há nenhuma menção aos igualmente irados filhos de Labão. O fator humano era contrário a Jacó, mas "o Deus de meu pai tem estado comigo". Assim, a promessa do vs. 3 é reiterada aqui. Este versículo repete a mensagem do segundo versículo, onde a questão é comentada. O Deus do pai de Jacó, Isaque e de seu avô, Abraão, era o Deus *Yahweh*, que o estava guiando. O contexto usa ambos os nomes divinos, Yahweh e Elohim. Neste quinto versículo o nome é *Elohim*. Ver sobre os nomes divinos no *Dicionário*.

31.6

Com todo empenho tenho servido. A despeito de quaisquer outras possíveis faltas, Jacó não era preguiçoso. O registro bíblico confirma estas suas palavras. Não estava sendo injustiçado por ter servido mal. Antes, estavam *abusando* de sua bondade e operosidade. Suas esposas eram testemunhas tanto da operosidade de Jacó quanto das injustiças de Labão. Ver no *Dicionário* o artigo *Trabalho, Dignidade e Ética do*. Jacó havia servido por catorze anos por suas duas esposas, e mais seis anos extras.

31.7

Um Salário Flutuante. O trecho de Gên. 30.21 ss. parece indicar que Jacó havia trabalhado por todos aqueles anos sem salário fixo, e parece que não fora durante aqueles catorze anos que seu salário havia sofrido tantos reajustes (sempre para pior, naturalmente). Assim, a maioria dos eruditos supõe que, apesar da barganha que fora feita, Labão conseguira enganar Jacó, não lhe dando todos os animais das cores que tinham sido combinadas. Mas na verdade não há como determinar no que consistiu o ludíbrio, embora haja várias conjecturas a respeito. Alguns dizem que devemos entender aqui "dez números", e não *dez vezes*, o que envolvia (de alguma maneira desconhecida), o número de animais que lhe haviam sido entregues. A Septuaginta diz "dez cordeiros". Agostinho interpretou isso como o salário de cinco anos, como se Labão lhe tivesse negado os animais combinados por cinco anos, visto que as ovelhas produzem ninhadas duas vezes por ano, ou seja, *dez* ninhadas em *cinco* anos. Jarchi diz que Labão não fizera nenhuma modificação no trato durante o primeiro ano. Mas depois, vendo que as coisas lhe eram desfavoráveis, nos próximos cinco anos não observou o acordo, resultando disso as dez vezes em que cordeiros deveriam nascer. Naturalmente, o fato de que Jacó prosperou tão notavelmente mostra que, sem importar as tentativas de Labão, ele continuava saindo perdedor.

Deus Estava Controlando as Coisas. Apesar das diversas manipulações de Labão, Jacó ia prosperando cada vez mais, visto que a sua prosperidade dependia de Deus, e não de Labão ou de seus próprios esquemas.

31.8,9

As Transferências dos Rebanhos. Labão merecia perder. Assim, o decreto divino determinou seu prejuízo. Por muitas vezes, os ímpios prosperam (Sal. 73.12). E não suponhamos que Labão realmente empobrecera, apesar de suas queixas. Nesse caso, porém, o homem injusto sofreu perdas financeiras por causa de sua iniqüidade.

Deus Estava Controlando o Código Genético. Labão continuava mudando de vez em quando de parecer. As condições da barganha viviam sendo mudadas. Mas cada vez que Labão fazia uma restrição ou estabelecia uma nova condição, o resultado, miraculosamente, saía em favor de Jacó. Em conseqüência, mais e mais animais eram adicionados aos rebanhos de Jacó. Além disso, ele tinha muito dinheiro para comprar camelos e abrir negociações com os caravaneiros. E também podia comprar muitos escravos, e agora já dispunha de um pequeno império. Ver Gên. 30.43.

O vs. 19 mostra-nos que Labão ainda possuía rebanhos. Não havia empobrecido, mas já não era o homem rico que tinha sido. E estava sentindo isso no bolso. Entrementes, Jacó continuava dando crédito a Deus por seu sucesso.

31.10

Um Sonho de Revelação. Somente neste ponto somos informados de que Jacó havia recebido uma experiência mística acerca da questão dos rebanhos. O trecho de Gên. 30.32 ss. indica somente que ele fizera um negócio esperto, aparentemente usando sua razão, e não alguma revelação divina. Assim sendo, a questão das varas listradas foi somente uma medida de segurança. Ele acrescentou o artifício para garantir que o plano funcionaria. Seu sonho de revelação havia mostrado quais animais se multiplicariam mais. As varas eram apenas um artifício para garantir o resultado previsto em seu sonho.

31.11

E o Anjo de Deus me disse. Isso foi feito por meio de um *sonho*, o que mostra que alguns sonhos são de natureza espiritual, comunicando alguma mensagem ou orientação divina. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado intitulado *Sonhos*, que inclui informações sobre os sonhos espirituais. O trecho de Gên. 31.3 indica como a *orientação divina* nos pode ser dada. Embora os anjos tenham sido relegados a uma era pré-científica, por parte dos céticos e críticos, não há razão para duvidarmos do fato de que existem seres invisíveis, imateriais, que entram em contato conosco e nos podem ajudar em nosso desenvolvimento espiritual. Ver no *Dicionário* os artigos *Anjo* e *Anjo da Guarda*.

Jacó. O anjo dirigira-se diretamente a Jacó, uma vez que a orientação angelical pode ser pessoal, pois os anjos da guarda realmente existem.

Eis-me aqui. Daí aprendemos que um homem pode corresponder a forças invisíveis orientadoras. O "eis-me aqui" é uma afirmação da validade das experiências místicas. Ver no *Dicionário* o artigo sobre o *Misticismo*. Precisamos de experiências espirituais, e não apenas orar e ler os documentos sagrados. Essas experiências podem conferir-nos direção em momentos necessários. Também ajudam em nosso *crescimento* espiritual. Ver no *Dicionário* o artigo *Desenvolvimento Espiritual, Meios do*.

Os compiladores do Pentateuco Samaritano, pensando ser estranho que a visão aqui mencionada não estivesse associada ao plano original da divisão dos rebanhos, transferem esse sonho para depois de Gên. 30.36.

31.12

Seleciona os Animais! O anjo revelara a Jacó *quais* animais (de quais cores) procriariam melhor. Isso posto, ele sabia quais animais deviam ser escolhidos, embora fosse contra a razão. A revelação por muitas vezes labora contra a razão humana, ou mesmo a ultrapassa, e é imprescindível para a determinação da vontade de Deus. Quando não dispomos de revelação, temos de depender da nossa razão, a qual também nos foi dada por Deus. Ver no *Dicionário* o artigo *Antiintelectualismo*. Nenhum método de orientação espiritual é infalível, nem mesmo a revelação. Somente Deus é infalível, e o resto é alguma forma de idolatria. Ademais, nenhum modo de orientação espiritual pode permanecer de pé isoladamente. Precisamos de boa variedade de modos. Deus nos guia de muitas maneiras, por meio de muitos instrumentos.

Um Exagero. Aqueles que recebem experiências místicas (que podem chamar de espirituais, em contraste com intelectuais), com freqüência desprezam e diminuem a importância da razão. Isso é um exagero. A razão também é um dom de Deus, e na maioria das vezes é útil na tomada de decisões. Meu artigo intitulado *Antiintelectualismo* entra na questão. Mas a razão isolada não basta. Precisamos da presença divina em nossas vidas.

Labão Tinha de Perder. O anjo tinha observado tudo quanto Labão vinha fazendo contra Jacó. Mas chegara o dia da prestação de contas, e o poder divino garantiria que Labão seria castigado, perdendo grande parte das riquezas materiais que pensava obter. Um dos nossos vexames consiste em ter de ver os ímpios prosperar (Sal. 73.12). Algumas vezes, porém, conforme se vê aqui, o castigo deles ocorre sob a forma de privação material.

31.13

Eu sou o Deus de Betel. O Anjo é que falara, mas como porta-voz de *Elohim*. Algumas expressões assim mostram o Logos em aparições veterotestamentárias, que era o Cristo em sua encarnação judaica, uma de Suas várias missões. O *Anjo* tinha falado, mas as palavras eram de Deus (cf. I Tes. 2.12 e Heb. 1.1). Ver também Gên. 28.13 quanto ao contexto original da visão de Betel. Aquela visão também fora dada a Jacó sob a forma de um sonho.

Os elementos deste versículo, a orientação divina dada em Betel, a coluna, a unção da coluna e o voto feito por Jacó são todos comentados em Gên. 28.10 ss. Ver especialmente os vss. 18 e 19. O texto à nossa frente usa outra reiteração do *Pacto Abraâmico*, comentado em Gên. 15.18, onde são mencionadas todas as suas ocorrências. Parte desse pacto garantia a Abraão e à sua linhagem que eles *prosperariam*. Ademais, Jacó deveria separar-se da família de Labão, para que se desenvolvesse uma nação distinta, Israel. Da nação de Israel viria o Messias, através da linhagem de Judá, um dos filhos de Lia. Logo, Jacó tinha de deixar a região de Labão. Era mister que ele voltasse à Terra Prometida. A prosperidade material fazia parte de Sua herança no Senhor. Portanto, o que foi prometido na primeira visão, em Betel, estava operando em Jacó nesta outra ocasião, e o Anjo fê-lo lembrar da primeira visão, a fim de fortalecer a sua fé e pô-lo a caminho de volta para casa.

"O mesmo anjo que aparecera a Jacó, em um sonho, no começo de seus anos de servidão, agora lhe aparecia, no final desse período" (John Gill, *in loc.*).

31.14

Há ainda para nós. . . herança. . .? Lia e Raquel estavam de pleno acordo. Elas não receberiam herança, por serem mulheres. Suas riquezas dependiam de estarem casadas com Jacó. Logo, se Jacó tivesse de se mudar, elas ansiavam ir com ele. Este versículo mostra-nos que as mulheres, na antigüidade, não recebiam herança. Posteriormente, em Israel, mulheres podiam ser herdeiras, mas somente se permanecessem dentro de suas tribos de origem, casando com homens da mesma linhagem. Portanto, até nesse caso a herança era condicional. E mesmo assim somente se seu pai não tivesse *filhos*. Ver Núm. 27.1-11. No *Dicionário*, apresentei um detalhado artigo sobre essas questões chamado *Herdeiro*.

31.15

Como estrangeiras? Elas aludiram a *estrangeiros*, os quais podiam ser comprados e vendidos como escravos, e que não tinham direitos entre o povo do país adotivo. Labão tinha vendido suas filhas a Jacó. Os costumes antigos diziam que, se um homem não tivesse dinheiro, poderia trabalhar para obter esposa. Assim, Jacó trabalhara por catorze anos por Lia e Raquel, tendo-as *comprado* para todos os efeitos práticos. Ofereço detalhes sobre essa questão em Gên. 29.18 e 20.

Considerando-se a maneira brutal com que as duas mulheres falaram acerca de seu pai, parece que, ultimamente, Labão se tinha tornado "mesquinho, interesseiro e autoritário, conservando na memória de suas filhas as *antigas* ofensas" (Ellicott, *in loc.*).

31.16

Toda a riqueza. . . é nossa. Elas se tinham casado com Jacó no regime de "comunhão de bens". O que Jacó adquirira era delas também. Elas haveriam de desfrutar disso enquanto vivessem, e, então, transmitiram a herança aos seus filhos. Portanto, era melhor separarem-se, com seus bens, do ganancioso Labão. Jacó precisava encontrar uma maneira de ficar com tudo. Lia e Raquel também deram a Deus o crédito pela prosperidade de Jacó, e não se importavam em deixar Labão na pobreza.

Outro Elemento Importante. Elas acreditavam que Deus vinha dirigindo Jacó. Acreditavam na visão que ele tivera; que Deus estava com ele de uma maneira especial. Assim sendo, deram-lhe todo o apoio nas suas decisões, incluindo essa de voltar à Terra Prometida.

"Elas falaram bem, realmente. Elas deram a entender que ele deveria deixar a casa de seu sogro, voltando à terra de Canaã, conforme *Deus* lhe havia orientado; e mostraram que estavam dispostas a ir com ele" (John Gill, *in loc.*). Na verdade, elas estavam mais do que dispostas, estavam *ansiosas*.

Jacó Foge de Labão (31.17-43)

31.17

A Fuga. Deve ter havido consideráveis preparativos, antes da execução do plano. Primeiro, Jacó proveu o necessário para suas esposas e seus filhos. Então reuniu todos os seus bens. Raquel, por sua vez, furtou os ídolos do lar (terafins), pois quem tivesse esses objetos tinha o direito de reclamar a herança. E, finalmente, *fugiram* todos. Teria sido inútil conversar com Labão. Ele teria aprontado tropas armadas para impedir que se fossem. Ademais, provavelmente não seriam capazes de levar o que lhes pertencia.

Os críticos atribuem esta seção a uma mistura das fontes *J* e *E*. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)*, quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. O plano foi executado com todo o cuidado. Não seria fácil fugir do astuto Labão. Enquanto Labão estava ausente, na tosquia das ovelhas, Raquel furtou os terafins (vs. 19). E, então, tirando proveito da ausência de Labão, eles fugiram (vs. 21 ss.). Naturalmente, passados uns dias, Labão partiu em perseguição a eles, e os alcançou em Gileade (vs. 23). Foram necessários sete dias para alcançá-los, pois Jacó partira com uma vantagem de três dias (vs. 23). Houve tremenda discussão, mas quando os espíritos finalmente se acalmaram, tudo foi reduzido a mais uma triste separação entre membros de uma família. Labão jamais veria de novo as suas duas filhas, Lia e Raquel. Embora fosse muito ambicioso, não lhe faltava afeto paternal.

Chegara a vez de Labão receber um sonho da parte de Deus. Foi avisado no mesmo a não dizer coisa alguma a Jacó, nem de bom nem de mau (vs. 24); e isso deve ter sido um dos fatores que *possibilitou* a separação amigável, *menos dolorosa*. Deus cuida de nós, mesmo quando temos de enfrentar a separação de membros de nossas famílias.

A fuga de Jacó tornou-se possível porque ele levava três dias de vantagem sobre Labão (Gên. 30.36). Ele pudera planejar em paz. Mesmo assim, Labão conseguiu alcançá-lo.

31.18

Todo o seu gado e todos os seus bens. Jacó não quis deixar para trás coisa alguma. Todas as riquezas que acumulara tinham de ir com ele. Haveria de sair *forte*, e não fraco. Tinha chegado ali em fraqueza, mas tudo se havia revertido, devido às extraordinárias bênçãos de Deus que recebera em Padã-Arã. Saía dali vitorioso porque Deus providenciara em seu favor. Antigos intérpretes judeus adornaram esse texto, dizendo que Jacó possuía cinco mil e quinhentas cabeças de gado, e um número igualmente impressionante de outros animais domésticos. Também tinha muitos escravos e muita prata e muito ouro. Acima de tudo, levava consigo suas duas esposas, suas duas concubinas e seus onze filhos, sem sabermos quantas filhas, além de Diná. Era um pequeno povoado que se estava transferindo de Padã-Arã para Berseba, a cerca de setecentos e cinqüenta quilômetros de distância.

Jacó estava de volta à casa de seu pai. Isaque ainda estava vivo, mas provavelmente Rebeca já havia falecido. Não há registro de sua morte na Bíblia, embora haja uma referência tardia ao seu sepultamento (Gên. 49.31).

31.19

O Furto dos Terafins. Por que nos deveríamos admirar de que a família de Labão ainda estivesse envolvida em alguma forma de idolatria? Muitos cristãos de hoje praticam a idolatria, e têm muito mais luzes que a família de Terá. O trecho de Jos. 24.2 mostra-nos que Terá era idólatra. O próprio Abraão quase se envolveu em um sacrifício humano (Gên. 22). Estamos tratando aqui com antigas formas religiosas que dificilmente podem satisfazer os padrões cristãos modernos. Antigos intérpretes judeus tentaram limpar o texto dizendo que Raquel furtou as imagens a fim de livrar da idolatria a casa de seu pai, mas isso não faz sentido. Ela pode ter crido que a *adivinhação*, mediante consulta aos ídolos, poderia ajudar Labão a seguir os fugitivos. Mas, sem dúvida, mais do que isso esteve envolvido.

Os ídolos do lar. Eram imagens de escultura, feitas em honra a diversas divindades, deuses da lareira, tal como hoje as pessoas põem ídolos em nichos, em suas casas. No vs. 30 são chamados *deuses* (no hebraico, *elohai*). I Samuel 15.23 condena essa prática. Mas se a família de Labão ainda se apegava a essas práticas idólatras, também tinha consciência da adoração a Deus, conforme se vê em Gên. 24.50. Uma parte dessa tradição em torno dos ídolos do lar ou terafins era que a sua posse garantia a transmissão da herança paterna ao possuidor. Logo, as imagens passavam de pai para filho, na linhagem da herança. Se assim realmente sucedia, é difícil ver como Raquel poderia ter esperado garantir a herança para Jacó, visto que Labão tinha tantos *filhos*. Ademais, no vs. 14 deste capítulo lemos que Raquel e Lia não esperavam receber nenhuma herança, sendo elas mulheres. Parece mais provável que Raquel cresse na eficácia de orações e ritos realizados diante dessas imagens, e quisesse a proteção e os benefícios que (alegadamente) esses terafins poderiam conferir. Tais ídolos eram postos nos lares a fim de protegê-los e trazer-lhes prosperidade. Algumas dessas imagens eram figurinhas representando deidades; outras tinham formato humano; algumas talvez fossem os signos do zodíaco; talvez algumas fossem usadas para efeito de adivinhação. O fato é que muitas pessoas as adoravam. Ver o artigo geral intitulado *Idolatria*, no *Dicionário*.

Os tabletes de Nuzi (século XV A. C.), associam esses ídolos do lar aos direitos de herança, mas não é provável que Raquel pensasse que eles pudessem garantir a herança para Jacó. Ver Eze. 21.21 quanto a adivinhações feitas por meio de imagens. Ver sobre *Nuzi*, no *Dicionário*.

31.20

E Jacó logrou a Labão. Essa era a única maneira. Labão teria ficado furioso diante da idéia e teria usado quaisquer meios para reter Jacó e continuar a explorá-lo. Algumas vezes precisamos fazer coisas desagradáveis, porque somente elas funcionam. Labão não merecia nenhuma consideração especial. Seu

tempo de opressão, porém, tinha passado. John Gill (*in loc.*) observou azedamente que Labão, apesar de todos os seus ídolos e de suas adivinhações, não recebera nenhuma previsão sobre a fuga de Jacó!

O arameu. Ver Gên. 25.20, onde Betuel foi assim chamado, e ver no *Dicionário* o verbete *Arã (Arameu).* Isso é repetido em Gên. 28.5, onde ofereço notas adicionais.

Não lhe dando a saber que fugia. O hebraico tem aqui uma expressão idiomática que envolve a palavra que significa "coração". Mas segundo os especialistas no idioma, isso significa somente que a possibilidade de fuga nem tinha passado pela consciência de Labão, segundo se vê na maioria das traduções.

31.21

E fugiu com tudo o que lhe pertencia. Repetição do que já fora dito no vs. 18, onde há notas expositivas.

Passou o Eufrates. Esse rio ficava entre a Mesopotâmia e a terra de Canaã. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo sobre esse curso de água. Os críticos indagam *como* ele pode ter feito isso. Os eruditos conservadores têm sugerido um milagre, como se deu no mar Vermelho. O mais provável é que houvesse baixios que podiam ser vadeados, lugares bem conhecidos tanto por Jacó quanto por Labão.

Tomou o rumo da montanha de Gileade. Uma área montanhosa na fronteira da terra de Canaã, perto do Líbano. Esse nome foi dado à região um pouco *mais tarde*, com base na circunstância das pedras que foram postas ali como testemunho do pacto feito entre Jacó e Labão (vs. 45). No *Dicionário* há um artigo detalhado sobre esse lugar. Essa expressão significa "montanha de rocha". Era uma fronteira montanhosa que separava as tribos dos cananeus das tribos dos arameus.

31.22

No terceiro dia. Isso foi possível devido ao fato de que os rebanhos e possessões de Jacó e de Labão tinham sido separados por esse espaço (Gên. 30.36). Não se sabe como essa consternadora notícia foi comunicada a Labão, mas podemos estar certos de que ele ficou furioso. Não tendo de transportar os bens, as crianças e os animais que Jacó precisou levar consigo, Labão não teve dificuldade para alcançar Jacó, apesar da vantagem de três dias de caminhada.

31.23

Sete dias de jornada. O que Jacó precisou cobrir no período de dez dias, Labão conseguiu fazer em sete. Ele tinha consigo um grupo armado. Seu propósito era ameaçador, e o que Esaú fora para Jacó, agora o era Labão. Somente uma intervenção divina impediu uma grande tragédia (vs. 24). Gileade ficava a cerca de quatrocentos e dez quilômetros de distância de Padã-Arã. Isso significa que Jacó conseguira cobrir dois terços da distância em dez dias. Caminhar cerca de cinqüenta quilômetros por dia significa que ele havia instituído uma *marcha forçada,* por temor a Labão. Estava a talvez duzentos e cinqüenta quilômetros de casa quando Labão o alcançou.

31.24

A Intervenção Divina. Jacó precisava de Deus para tirá-lo do apuro em que estava. Labão vinha com intenções homicidas. Qualquer tipo de violência poderia ter irrompido.

Deus Veio a Labão em um Sonho. Ver Gên. 31.3 sob o título *A Orientação Divina,* quanto aos vários modos que Deus pode usar em Suas instruções, além dos meios normais da razão humana e das circunstâncias. Os sonhos divinos são um desses meios. Ver no *Dicionário* o verbete *Sonhos.* Há vários níveis de sonhos, tal como há vários níveis de hipnose. Alguns sonhos são triviais. Outros sonhos transmitem poderosas mensagens. Alguns sonhos são divinamente inspirados, pois são espirituais. Os jovens têm visões; os velhos têm sonhos, que são equivalentes a visões (Atos 2.17). Ocasionalmente, nos sonhos, recebemos visões.

O sonho advertia Labão a que não prejudicasse Jacó, nem tivesse com ele algum diálogo tolo e violento, muito menos alguma atitude drástica. Ver Gên. 24.50, onde é usada a mesma expressão. Ali significa: "Deus fez isso. Como podemos falar de modo a mudar a questão?". Para Labão, fazer qualquer coisa seria errado. Jacó era homem de Deus e estava voltando para casa para cumprir um novo destino. E a ordem divina dizia: "Deixa-o em paz!".

31.25

A Confrontação. Jacó e Labão acamparam ambos nas montanhas de Gileade. A confrontação estava preparada. Ambos estavam agora na mesma região, de ânimo muito exaltado. Se tivessem braços longos o bastante, já estariam atirando dardos um no outro. Mas Deus interviera, e isso para bem de ambos. No mínimo, Jacó perderia todos os bens que trazia, e talvez Labão até lhe arrebatasse suas esposas e seus filhos. Mas segundo as coisas sucederam, ele saiu *livre* e *rico.* Era uma obra de Deus, em consonância com o estipulado no Pacto Abraâmico (comentado em Gên. 15.18). Jacó era o homem de Deus para aquele momento, e nenhum dano poderia sobrevir-lhe. Conforme disse Sócrates: "Nenhum dano pode ser sofrido por um homem bom". Nenhum dano *definitivo,* bem entendido, embora as vicissitudes da vida tragam muitos reveses e consternações.

31.26

Labão Repreende Jacó. Ele queria saber o "porquê" de tudo aquilo. E iniciou uma longa arenga. Parte de seu discurso dizia verdades, parte não. Teria ele realmente despedido Jacó com uma festa (vs. 27)? Na verdade, para Labão fora uma experiência dura perder as filhas e os netos, sem poder dar-lhes ao menos um ósculo de despedida (vs. 28). Labão era um safado, mas não destituído de afeto natural.

Como cativas pela espada? Labão deu a entender que Lia e Raquel tinham objetado à fuga, e foram forçadas a fazê-lo. Ele se mostrava por demais insensível para com os sentimentos delas, e não pôde antecipar quão ansiosa e voluntariamente tinham fugido (vss. 14-16). Seqüestradores e ladrões é que carregam com os membros de uma família. Jacó teria agido como um simples criminoso, segundo a estimativa de Labão.

31.27

A Grande Mentira. Não havia muita chance de que Labão ter-se-ia despedido de Jacó com alegria e com festa. As contendas sempre contêm suas grandes mentiras. O ânimo violento sempre exagera as pequenas coisas.

Tamboril. Ver no *Dicionário* sobre esse instrumento, no artigo intitulado *Música, Instrumentos Musicais.* Ver também o artigo geral *Música.* Na quarta seção do artigo sobre os instrumentos musicais, descrevi aqueles de cordas, de sopro e de percussão. O tamboril (no hebraico, *toph*) era similar ao *pandeiro* brasileiro, tangido com a mão. Era usado para acompanhar, ritmadamente, a música e a dança nas festividades e nos cortejos.

Harpa. Naquele mesmo artigo, em sua quarta seção, ver os instrumentos de *cordas.* A harpa é o primeiro instrumento musical mencionado na Bíblia (Gên. 4.21). Como é óbvio, havia vários tipos de harpa, algumas delas mais parecidas com a guitarra do que com as harpas modernas.

31.28

Por que não me permitiste beijar. . .? Temos aqui uma verdade. Quão amargo é para um homem perder as filhas e os netos, sem ao menos poder dar-lhes um beijo de despedida, nem poder dar-lhes a bênção paterna! Não há motivo para duvidarmos da sinceridade de Labão quanto a esse particular. Mas em outro sentido (metafórico), ele já se havia despedido delas por meio de anos de maus-tratos, não fazendo nenhuma provisão quanto ao futuro de suas filhas e de seus netos (vss. 14-16). Labão disse que o ato de Jacó, quanto a isso, fora "insensato". Por outra parte, somente um insensato esperto poderia ter escapado de Labão com todos os seus bens. Além disso, esse tolo estava sendo guiado por Deus.

31.29

Poder. . . para vos fazer mal. Labão tinha encetado a perseguição com grande fúria, espada na mão. Alguém iria pagar um elevado preço pelo que tinha sucedido. Os amigos e vizinhos de Labão teriam-no congratulado por ter tirado a vida de Jacó. Mas Deus interveio por meio do sonho, conforme se vê nas notas sobre o vs. 24.

O Deus de vosso pai. Por certo essas palavras distinguem entre as divindades que ele adorava, e *o Deus* de Abraão, Isaque e Jacó. Contudo, isso não significa que Labão não incluísse *esse Deus* em seu panteão, conforme Gên. 24.50 por certo indica. Labão tinha os seus *elohai* (vs. 19), e Jacó tinha o seu *Elohim* (vs. 29)

Não fales a Jacó nem bem nem mal. Essa expressão já foi comentada no vs. 24 deste capítulo.

A Mão de Deus e a Mão do Homem. Sem dúvida, a mão do homem realiza toda forma de males e ultrajes. Mas as coisas permanecem nas mãos de Deus, afinal. Pilatos pensava que podia fazer o que bem quisesse, mas Jesus o informou que a vontade de Deus é que prevalece (João 19.10,11). A palavra "poder",

usada aqui por Labão, no hebraico é *el*, que algumas traduções dizem *El* (um nome de Deus), ou seja: "Minha mão é *el*, um deus para mim", como se Labão estivesse dando a Deus (ou a algum deus) o crédito pelo poder que ele tinha e poderia usar. Mas essa interpretação parece ser um exagero em cima do texto, mesmo que o forcemos a dizer isso.

Labão misturava o egoísmo e o amor em sua diatribe. Como todos nós, ele era uma mescla de bons e maus elementos.

Labão não usaria seu poder armado superior, mas queria que Jacó temesse e visse claramente o que poderia ter sofrido, não fora a advertência divina.

31.30

Tens saudade da casa de teu pai. Labão entendia as saudades de casa, por parte de Jacó. Ver o vs. 2. Suas raízes o estavam atraindo. Mas acima de todos os "crimes" cometidos por Jacó, havia o pior de todos. Qual? Por que ele havia furtado os *deuses* (*elohai*) de Labão, ou seja, os ídolos do lar? O vs. 32 mostra que Jacó nada sabia sobre esse furto. Este versículo mostra o grande valor que Labão dava àquelas imagens. A fé religiosa de Labão havia sido violada. Isso pode ser comparado com a consternação, em todo o Brasil, quando houve a tentativa de danificar a imagem venerada na cidade de Aparecida. Sem dúvida, por trás dos ídolos, estavam as *divindades* que eram adoradas. Labão pensava em seres que poderiam sentir-se ofendidos diante do tratamento trivial dado às imagens. Ademais, Labão imaginava que elas lhe davam proteção e prosperidade, e talvez até meios de adivinhação. Ele havia sofrido uma *grande* perda, e lançava sobre Jacó a culpa por isso.

Jacó poderia *reivindicar* certas coisas que tinha levado consigo, como seus familiares e seus bens, mas não podia reivindicar os terafins da família de Labão. Portanto, tê-los tomado era puro furto. Jacó tornara-se culpado de um ato criminoso.

31.31

A Resposta Veemente de Jacó. Agora era a vez de Jacó vergastar com palavras. O *temor* fizera-o fugir; mas isso era apenas *uma* das razões. Ele temia, e com razão, que o ganancioso Labão não lhe permitisse voltar para sua terra, mas confiscasse tudo pelo que ele trabalhara tanto. Visto que suas esposas eram *propriedade* sua, pela qual ele pagara catorze anos de labor, não há razão para supormos que elas também poderiam ter sido confiscadas.

Jacó ficou indignado diante dessa acusação de furto. Ele é que havia sido roubado. Ele nada trouxera consigo que não tivesse sido obtido por meio de muitos anos de trabalho diligente.

31.32

Os Deuses Furtados. Ver o vs. 19 e o artigo *Terafins*, no *Dicionário*, quanto a completas informações sobre esse assunto. Jacó negou peremptoriamente que tivesse furtado os ídolos, pois não sabia que Raquel os tinha furtado. E proferiu a sentença de morte contra aquela que tinha feito o ultraje.

Raquel Não Merecia Viver? Antigos intérpretes judeus acusam Raquel aqui. Supõem que ela morreu jovem, na hora do parto, por causa da maldição lançada por Jacó. Sua morte ficou registrada no capítulo trinta e cinco. Mas uma palavra como aquela, dita por Jacó, teria tal poder, e Deus permitiria que algo tão trivial fosse a causa da morte de uma jovem mulher? Penso que não.

Uma Busca Autorizada. Jacó permitiu que Labão fizesse uma busca completa, para achar os ídolos ou qualquer outra coisa com que Jacó e sua gente pudessem ter ficado daquilo que não lhes pertencia. O teste empírico haveria de solucionar todos os problemas.

31.33

A Busca, Tenda Após Tenda. Labão procurou nas tendas de todas as personagens principais, Jacó, Lia, Bila, Zilpa e, finalmente, Raquel. Não houve coisa que não tivesse sido revirada. Ele não confiou na palavra de ninguém. Ele tinha de averiguar pessoalmente. Ele vinha perseguindo os fugitivos por sete dias, e não tinha pressa. O fato de que ele entrou por *último* lugar na tenda de Raquel pode indicar que era dela que ele menos suspeitava, um toque irônico. Este versículo (tal como Gên. 24.67) mostra-nos que cada mulher tinha a sua própria tenda.

31.34

Raquel Era a Culpada. Isso já tinha sido adiantado no vs. 19. Ela tinha posto os terafins debaixo de sua sela, o que mostra quão pequenos eram esses objetos. Alguns eruditos vêem nessa circunstância uma prova de que Raquel dificilmente veneraria tais ídolos. Alguém se sentaria sobre os seus próprios deuses? Mas o fato de que se dera ao trabalho de furtá-los mostra que os tinha em alta conta, talvez por razões religiosas, e não só por causa de uma questão de herança. Ela fez o que sentiu ser melhor para ocultar o furto, e o relato mostra que ela usara de grande astúcia.

31.35

Não poder eu levantar-me. As palavras "as regras das mulheres" são um eufemismo para a menstruação, o que, posteriormente, tornava uma mulher *impura*, de acordo com as leis cerimoniais (Lev. 15.19-23). De acordo com essa lei, também se tornava imunda qualquer coisa em que uma mulher se sentasse. Raquel adicionou uma mentira ao furto, e agiu de forma pragmática. "A verdade é aquilo que dá certo, aquilo que funciona." Labão continou em sua busca, mas a mentira de Raquel impediu que ele fizesse sua busca exatamente onde estavam os terafins. Raquel fizera o possível para cumprir o seu desígnio. Uma de minhas fontes informativas diz que, com aquele ato contaminador, ela "reduzira a nada" os ídolos. Mas na verdade já "não valiam nada", pois não eram mesmo divindades.

É provavelmente verdadeiro que Labão não forçou Raquel a levantar-se, porque não suspeitaria jamais que ela teria sujeitado *os deuses* a uma tão grande humilhação. Ela não os tinha furtado para livrar Labão da idolatria, nem para impedir que ele os usasse em suas adivinhações para descobrir a rota da fuga (embora essa possa ter sido uma das razões). O mais provável é que os tenha furtado por querer ficar com a herança de seu pai. Além disso, porém, compartilhando de idéias idólatras, ela queria ter qualquer benefício que lhe provesse segurança, proteção e prosperidade, as razões mesmas pelas quais Labão tinha adquirido os terafins. Ver notas completas a respeito no vs. 19.

31.36

Então se irou Jacó. Era uma justa indignação. O temor de Jacó agora era substituído por uma justa indignação. Sua resposta foi uma tirada de indignação. Seu discurso ocupa nada menos que sete versículos. Pessoas que têm queixas sempre trazem à lume o passado. Ele passou em revisão a excelente qualidade de seu trabalho e *sacrifício*, bem como a mesquinhez de Labão. O que estava sufocado em sua garganta, por todos aqueles vinte anos, enquanto ele sofria por causa dos atos abusivos de Labão, agora era posto para fora como um vômito. Mas a despeito das palavras duras de Jacó, Labão não mudou de mente. "Um homem convencido contra a própria vontade continua com a mesma opinião", conforme diz um antigo dito popular. E o vs. 43 mostra-nos que Labão não mudara de opinião. Por outra parte, a situação era irremediável, tanto que Labão preferiu partir para a assinatura de um solene pacto.

Qual é a minha transgressão? As pessoas costumam interpretar de maneiras diferentes as mesmas evidências. Jacó havia servido longa, dura e sacrificialmente a seu tio. Ele havia levado consigo os frutos de *seu* labor. Portanto, ele nada havia furtado. O vs. 43 mostra-nos que Labão não concordava com isso. Tudo quanto se podia ver naquele dia, como as mulheres, os animais, os bens etc., Labão considerava *seu*. Não havia como conciliar os dois pontos de vista, o de Jacó e o de Labão. Eles não acreditavam nas mesmas coisas, nem ao menos pensavam da mesma maneira.

31.37

Que achaste. . .? A busca fora completa. Labão havia descoberto alguma coisa sua? Nesse caso, que a apresentasse diante de todos, para que a vissem e julgassem o caso. Mas nada tinha sido achado de furtado, nem mesmo o menor utensílio doméstico.

"O pecado constitucional de Labão era a cobiça; para ele, era um pecado arraigado, que governava toda a sua conduta" (Adam Clarke, *in loc.*). Sendo esse o caso, Labão jamais concordaria com a avaliação de Jacó. Tudo quanto era *visível* era, para Labão, evidência de que Jacó o tinha furtado (vs. 43).

31.38

Vinte anos eu estive contigo. Divididos em catorze anos trabalhando para comprar Lia e Raquel, e, então, seis anos adicionais, envolvidos na questão da multiplicação dos rebanhos. Isso significa que, então, Jacó estaria com cerca de noventa e sete anos. Ora, viveu ele até os cento e quarenta e sete anos (Gên. 47.28), portanto ainda lhe restavam cinqüenta anos de vida. Podemos, pois, dizer, que Jacó viveu cinqüenta anos *depois* daquela experiência com Labão. Ainda tinha um longo tempo para experimentar um tipo diferente de vida, mesmo que houvesse uma mistura de alegria e tristeza, de ganhos e perdas. Senhor, concede-nos tal graça!

Um Serviço Generoso. Jacó havia cuidado bem dos animais, de tal modo que nem ao menos tinham sofrido aborto. Não se tinha apossado gananciosamente dos animais de Labão, como alimento, para serem servidos em festas etc. Ele sempre se mostrara conservador, frugal e generoso com seu empregador. Os

pastores podiam comer à vontade de seus rebanhos (Eze. 34.3). Jacó sacrificara os pequenos prazeres da vida para não se mostrar desonesto em seu trabalho e em seu serviço.

31.39

Sofri o dano. Os animais despedaçados por animais predadores não eram postos no passivo de Labão. Jacó sofria o dano diante de acontecimentos assim, o que nenhum pastor seria forçado a sofrer. Ademais, Jacó pagava por todos os animais que porventura fossem furtados.

". . .uma arrebatadora descrição de um pastor (vss. 38-40), tão devotado a seu rebanho e tão esquecido de seus proprios interesses que não hesitava em sofrer qualquer prejuízo por causa de suas ovelhas" (Walter Russell Bowie, *in loc.*).

". . .a lei de Deus determinava que um pastor não era forçado a devolver um animal que fosse despedaçado por alguma fera (Êxo. 22.10,13)" (Adam Clarke, *in loc.*). E podemos dizer que um costume similar prevalecia desde bem antes. Mas Labão mostrara-se tão cobiçoso que ignorara um costume consagrado e o bom senso, fazendo com (ou permitindo) que Jacó pagasse por prejuízos que não lhe eram devidos.

31.40

Calor, Geada e Falta de Sono. Tudo isso Jacó teve de sofrer, sem nunca se queixar, e sem receber uma unica expressão de "agradecimento" da parte de seu empregador. "Conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim" (João 10.3,4). Grande assim era a dedicação de Jacó às suas ovelhas. Isso o distinguia de algum mero mercenário.

"De setembro a maio, no Oriente, as noites são usualmente frias, e a mudança de temperatura de grande calor durante o dia, até uma temperatura de quase zero grau, assim que o sol se põe, é muito prejudicial à saúde" (Ellicott, *in loc.*).

Em sua diligência, Jacó não hesitava em perder o sono quando os animais precisavam de cuidados especiais, ou quando as condições do tempo não permitiam que ele descansasse. Jacó tornou-se conhecido por sua dedicação, embora estivesse trabalhando para cuidar de animais que não lhe pertenciam.

31.41

Vinte anos. Catorze anos trabalhando por suas duas mulheres e mais seis anos cuidando dos rebanhos, para obter seu próprio rebanho, de acordo com um trato feito com Labão. Jacó reitera aqui a *longa duração* dos serviços por ele prestados. Ele tinha o direito de começar a amealhar algo para si mesmo. Porém, enquanto trabalhava tão fielmente, Labão, em sua ganância, continuava a tratá-lo com injustiça. Havia modificado o salário dele por *dez vezes*. Mas visto que ele não tinha salário fixo (Gên. 30.31), essas modificações só podem ter envolvido o citado acordo. Enquanto os rebanhos de Jacó aumentavam cada vez mais, segundo o acordo feito (Gên. 30.32 ss.), Labão continuava mudando as condições do acordo, ou, simplesmente, não cumpria o trato. Este versículo reitera o sétimo versículo, onde o leitor deve examinar as idéias acerca de como Labão pode ter alterado o salário de Jacó por dez vezes.

31.42

O Temor de Isaque. Isso foi dito porque Isaque continuava vivo, adorando ao augusto e temível Deus, diante de Quem todos os homens deveriam tremer.

Deus me atendeu. Este versículo chega a ser amargo contra a ganância de Labão. Não fora Deus, e Labão não teria deixado *coisa alguma* para Jacó. Na verdade, algumas vezes precisamos de uma intervenção divina para sermos livrados de nossos inimigos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus*. O nome divino, *Elohim*, foi o nome divino aqui usado, indicando o Deus de Abraão, de Isaque e, naturalmente, de Jacó, o que posteriormente se tornou uma fórmula: o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó. Jacó, porém, não mencionou o seu próprio nome, por humildade e por respeito à grandeza de Abraão e de Isaque. O acúmulo de *grandes nomes* entre os servidores do Deus de Israel era uma maneira de exaltar o verdadeiro Deus, contrastando-O com os deuses dos pagãos. Outrossim, esses nomes divinos fazem-nos lembrar o Pacto Abraâmico (ver as notas a respeito em Gên. 15.18). *Elohim* é o nome pelo qual o Deus desse pacto é conhecido. Esse pacto levaria à formação da nação de Israel, e, posteriormente, à vinda do Messias, o Filho maior de Abraão, tal como Isaque fora o filho prometido. Ver as seguintes referências onde Deus é chamado de "Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó": Êxo. 3.6,15; Mat. 22.32; Atos 7.32. Deus *de Israel* tornou-se uma expressão mais comum. Ver Juí. 5.3; 11.21; Rute 2.12; Sal. 41.13.

Repreendeu-te ontem à noite. Uma referência ao sonho que Deus havia dado a Labão, a fim de acalma-lo e não deixar que ele fizesse algum mal contra Jacó (ver os vss. 24 e 29).

31.43

Acalmado, Mas Não Convencido de Todo. A tirada acalmara Labão, mas não o convencera. E disse Labão, por assim dizer: "Que posso fazer por ti, ó Jacó, seu ladrãozinho? Olha ao teu redor. Tudo quanto vês contigo é meu, e tu o roubaste. Por outra parte, nossa amizade chegou ao fim, embora fosse errado para mim prejudicar minhas filhas e meus netos. Portanto, serei liberal contigo, embora não o mereças". A resposta de Labão refletia resignação, de mescla com uma sincera preocupação por suas filhas e por seus netos. O vs. 50 mostra quão genuíno era o seu interesse por eles. Recomendou fortemente a Jacó que cuidasse de suas filhas, não tomando outras esposas para si, e chegou a invocar Deus como testemunha e garantia dessas condições, favoráveis às suas filhas. Labão não estava combatendo a poligamia, mas percebia que, se Jacó tomasse mais mulheres, isso poderia prejudicar suas filhas, Lia e Raquel.

Possessões Materiais. Para que Jacó cuidasse bem de suas mulheres e de seus filhos, era mister que tivesse os meios pecuniários para tanto. Assim, Labão permitia que ele ficasse com tudo quanto tinha trazido, e não por ser homem generoso e preocupado com o bem-estar de sua gente, ainda que agora Lia e Raquel, e toda a sua prole, estivessem formando um ramo diferente de sua família. Labão havia perdido sua irmã, Rebeca, fazia muitos anos; e agora estava perdendo Lia, Raquel e seus netos, para nunca mais poder vê-los. Esse é o trauma que todos precisamos sofrer, embora em Cristo todos nós tenhamos segurança, a ponto de nunca se perder uma alma dentre os que pertencem ao povo de Deus.

O Acordo de Jacó e Labão (31.44-55)

Os críticos atribuem esta seção a uma mistura das fontes *J* e *E*. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes informativas múltiplas do Pentateuco. Supõem eles que o propósito da fonte *J* era definir as fronteiras entre os israelitas a leste do Jordão e os arameus nômades. Labão, nesse caso, representava esses nômades, ao passo que Jacó representava a nação de Israel, aquela parte que ocupava a faixa de terras a leste do rio Jordão. E, alegadamente, a fonte *E* se preocuparia em narrar a fuga de Jacó, bem como o destino da futura nação de Israel na Terra Prometida, tudo resultante da fuga de Jacó. Isso posto, o acordo comemoraria uma separação amistosa entre dois povos em formação.

31.44

Façamos aliança. Um acordo entre Jacó e Labão. E, se os eruditos estão com a razão, um acordo entre nações em formação, com o intuito de definir fronteiras. A *coluna* (vs. 45), nesse caso, seria um memorial do evento, assinalando simbolicamente uma separação amistosa de raças, condutiva à independência de Israel como um povo. "Aqui a tumultuosa história de Jacó e Labão chegou à sua conclusão mais pacífica e agradável" (Walter Russell Bowie, *in loc.*). O relacionamento entre os dois havia chegado às proporções de uma tempestade de verão, mas subitamente dissipou-se em nada; o céu tinha clareado, e o sol estava brilhando. Esse acordo fez as relações humanas voltar-se para Deus. Deus era testemunha; Deus era a garantia; Deus havia dado a idéia e o ideal.

Amizade mútua e segurança tinham sido buscadas e conseguidas, algo que não é fácil de obter neste mundo de ódio. Divergências e contendas passadas foram esquecidas, sob o sol de um novo dia.

"Esse tratado fronteiriço assinalou o rompimento com o Oriente, para a família de Israel" (Allen P. Ross, *in loc.*).

31.45

O Memorial. Foi um momento solene quando Jacó erigiu a pedra que serviria de coluna. O passado estava enterrado. Vinte anos tinham-se tornado história. E agora Jacó voltava seu rosto para o oeste e para o sul. Havia um novo lar à sua espera, ali. Deus lhe dera paz. Um acordo amistoso o tinha libertado de seu passado.

A coluna serviu de marco, tal como aquela que ele tinha levantado em Betel (Gên. 28.18,22). Assinalava um território, mas também assinalava a vida de Jacó. A coluna era um marco, mas também era um altar, apontando na direção de Deus, que contemplava a tudo de modo favorável. Antigos inimigos tinham resolvido olvidar suas diferenças, e cada qual estava livre para seguir seu próprio caminho.

31.46

Fizeram um montão. Isso complementou a coluna, como um emblema do acordo. Fizeram do montão uma mesa para festejarem, uma celebração do fim feliz do conflito. O banquete celebrou o pacto, pois foram momentos de regozijo. Cf. Gên. 26.30, onde achamos o mesmo tipo de circunstância.

Labão e seus homens tinham vindo a fim de lutar e matar. Mas agora, juntamente com Jacó e seus companheiros, sentaram-se sobre o montão de

pedras em uma conversação amistosa. Essa é a diferença quando Deus se faz presente.

31.47,48

Jegar-Saaduta. Esse nome significa "montão do testemunho", o nome aramaico que Labão deu ao monte de pedras que erigira para servir de memorial do pacto firmado entre ele e Jacó quando, finalmente, se separaram. Jacó comemorou o ato, levantando uma coluna (vs. 47), que chamou de Galeede (ver abaixo), que também quer dizer "montão do testemunho". É provável que essa palavra, usada por Jacó, esteja vinculada à região chamada *Gileade*, porquanto naquela região é que foi firmada a aliança entre Jacó e Labão.

Galeede. No hebraico, *monte de testemunhas*, nome que Jacó deu à pilha de pedras que se tinha juntado como memorial do pacto firmado entre ele e Labão. Labão, em seu próprio idioma (aramaico), havia chamado a pilha de Jegar-Saaduta. Uma refeição comunal acompanhou o estabelecimento da aliança. O episódio ilustrou uma prática comum entre os antigos israelitas, quando se tratava de estabelecer acordos. Algumas vezes, uma *estela* servia ao mesmo propósito. Ver Gên. 28.18; Jos. 4.39; 22.26-28. É bem possível que o território da Transjordânia se chamasse Gileade por causa de algum acordo ali estabelecido. O sentido desse nome, *Gileade*, não está acima de dúvidas, mas alguns eruditos pensam relacionar-se ao nome *Galaade*.

31.49

Mispa. No aramaico, *torre de vigia*. Há seis localidades assim denominadas no Antigo Testamento. Esse nome podia indicar qualquer torre de vigia, sem especificar uma localização geográfica. Ver a explicação sobre esse termo no *Dicionário*. Neste texto, a palavra refere-se ao monte de pedras ou memorial erigido por Jacó e Labão, a fim de comemorar o acordo que fizeram. Foi nome dado ao montão por Labão, que adicionou o nome aos dois outros, o que é comentado no vs. 47. O acordo determinava que nem Jacó nem Labão ultrapassariam aquele marco, com o propósito de atacar o outro. Esse monumento foi levantado em Gileade (de acordo com muitos eruditos), a leste do rio Jordão. Posteriormente, tornou-se conhecido como *Mispa*, no nebraico. Desconhece-se o local exato hoje em dia, embora, ao que se presume, não fique distante do ribeiro do Jaboque, um tanto mais para o norte.

É possível que, além de servir de marco de fronteira, o monumento tivesse um valor sentimental. "Vigie o Senhor entre mim e ti, e nos julgue quando estivermos separados um do outro." Declarou Robert Frost que "boas cercas fazem bons vizinhos", e isso parece ser a principal coisa envolvida. Popularmente, a expressão tem sido usada como equivalente a dizer: "Deus esteja conosco, enquanto estivermos separados. Embora separados, Deus está conosco e nos conserva em Seu amor". Esse é um belo sentimento, mas não parece ser o que está envolvido no texto.

31.50

Se maltratares as minhas filhas. Labão as tinha afligido (vs. 14 ss.), mas ansiava que Jacó não seguisse o seu mau exemplo. Algumas vezes falamos duramente contra aqueles pecados que nos derrotam, por sentirmos no íntimo o seu poder de prejudicar.

Outras mulheres. Labão não era contra a poligamia como uma instituição. Mas temia a competição que outras mulheres representariam contra Lia e Raquel. Isso poderia desviar a atenção de Jacó, levando-o a tratar com menor preocupação às suas quatro mulheres. Além disso, havia o problema da herança. O Alcorão permite que um homem tenha quatro mulheres, mas ele é forçado a tratá-las com igualdade. Dizem que isso nunca funciona, mas que é o ideal. Nos países árabes lemos sobre casos em que os parentes restringem o poder de um homem, para que não chegue a ter quatro mulheres. Assim também, aqui, Labão fazia dessa exigência, "não tomar outras mulheres", como parte do pacto. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Poligamia*. O trecho de Lev. 18.18 encerra proibição similar. Um homem não podia casar-se com *duas irmãs* ao mesmo tempo. Isso veio a tornar-se uma espécie de incesto. Duas irmãs, sem dúvida, acabavam tornando-se *rivais* no lar, conforme é ilustrado no caso de Jacó. A rivalidade trazia contenção e ódio. Ver no *Dicionário* o artigo *Incesto*.

Não estando ninguém conosco. Essas palavras talvez indiquem que, quando o pacto foi firmado, todos os outros homens se tinham afastado, e que eles discutiram sozinhos sobre as condições. Ou, então, Labão quis dizer que não havia testemunhas e a única testemunha era o *Deus* Todo-poderoso, que garantiria o cumprimento dos termos do pacto, com as ameaças e os castigos necessários. Naturalmente, chegaria o tempo em que ninguém veria o que Labão e Jacó estavam fazendo, sem importar se houve alguma testemunha humana do pacto. Chegado *aquele tempo*, Deus seria o Juiz e o Fiador do acordo.

Deus. No hebraico, *Elohim*, o qual garantiria tudo. Ele era o Deus de Abraão, Naor e Terá (vs. 53), e agora também é declarado ser o Deus de Jacó e de Labão. Assim, apesar de Labão querer seus ídolos, ao desejar firmar um acordo solene, invocou Elohim como testemunha.

31.51

Este versículo reitera a mensagem dos vss. 45 e 46. Labão, ao apresentar os termos do acordo, apontou para a coluna que Jacó tinha erigido, bem como para o montão de pedras, e, de maneira solene, pediu que Jacó considerasse a seriedade do que estava envolvido. A coluna e o montão continuariam ali por muito tempo. Nenhum viajante haveria de dar-se ao trabalho de retirar a coluna ou o montão de pedras do lugar. Portanto, o pacto estaria em vigência por muito tempo, enquanto vivessem, no tocante a ambos.

31.52

Testemunha. Este versículo repete essencialmente os vss. 48 e 49. Não se deve entender que nem Jacó nem Labão poderiam visitar um ao outro, embora não haja registro de que se tenham avistado no futuro. O que estava proibido é que ultrapassassem aquele marco, para cá ou para lá, com o intuito de *atacar*, de forma violenta ou para saquear. Talvez o acordo visasse a envolver os seus respectivos descendentes, pelo que foi um acordo firmado entre povos, e não somente entre dois indivíduos.

31.53

O Deus. No hebraico, *Elohim*, o Deus de Abraão, Naor e Terá. O trecho de Jos. 24.2 diz-nos que Terá fora um homem idólatra, o que significa que, no tempo dele, Abraão também estivera envolvido na idolatria. Abraão, porém, fora chamado para sair de seu lar, e, gradualmente, Elohim (um único Deus, devendo nós entender aqui, que, no hebraico, esse nome está no plural de exaltação) tornou-se o seu Deus. *Yahweh* também era um dos nomes divinos. Ver sobre ambos esses nomes no *Dicionário*. Se o nome divino usado neste texto, *Elohim*, pode ser traduzido por "deuses", até mesmo neste versículo, é muito mais provável que Labão aludia ao único verdadeiro Deus, dizendo que Ele tinha sido o Deus de seus antepassados, e agora seu Deus e de Jacó.

Temor de seu pai Isaque. Ou seja, o Deus que inspirava temor e reverência em Isaque, que continuava vivo. Ver o vs. 42, onde faço a exposição dessa expressão. Não ha razão para supormos que o autor quisesse distinguir o objeto do temor de Isaque do Deus dos seus antepassados, como se Labão tivesse jurado pelos *deuses*, e Jacó por Deus, embora alguns bons intérpretes tenham tomado a passagem nesse sentido.

Julgue entre nós. No hebraico, temos um substantivo no plural, "juízes", e não um verbo, "julgue". Isso parece reforçar a referência idólatra que, segundo alguns, Labão teria feito. Por outro lado, esse plural só ocorre devido à atração pelo plural, *Elohim*, sem nenhuma intenção especial.

31.54

E ofereceu Jacó um sacrifício. Sacrifícios e banquetes acompanhavam a feitura de acordos e alianças. Cf. Gên. 26.30 ss. Alguns eruditos supõem que, originalmente, ingerir carne fosse algo restrito aos ritos religiosos, e somente mais tarde tenha passado a fazer parte do regime alimentar das pessoas. Nesse caso desde o princípio, comer carne tinha a conotação de sacrifício e de acordo. Cf. isso com a festa da páscoa, ou com a Ceia do Senhor, de Jesus e Seus discípulos. A eucaristia, na Igreja cristã, era originalmente celebrada com uma refeição comunal da Igreja, e isso veio a ser associado ao Novo Pacto.

Passaram a noite na montanha. Eles haviam tido um dia agitado, com tanta discussão e argumentação. Mas o acordo impusera a paz. Assim, passaram amigavelmente a noite na montanha, descansando para a continuação da viagem que teriam de reiniciar no dia seguinte, cada qual na direção oposta.

Entre eles ficaria a coluna e o montão de pedras, símbolos do acordo de paz que tinham firmado, tal como a estátua do Cristo foi levantada nos Andes, separando a Argentina do Chile, como símbolo de que ambos os países sempre manterão relações amistosas.

31.55

Beijou. . . e os abençoou. Corações entristecidos assinalaram a despedida. Nunca mais Labão veria suas filhas e seus netos. Ele tinha suas falhas, mas

amava os seus. E o amor, afinal, é a prova mesma e o grande teste da espiritualidade (I João 4.7 ss.)

Quão difícil é deixarmos ir os nossos filhos, o círculo familiar desmanchando-se para que se formem outros círculos familiares, e nós avançando em anos! Apesar das disputas, das mentiras, dos enganos e das astúcias, tudo termina da mesma maneira: mais uma daquelas dolorosas separações familiares como as que a minha própria família, com seus ramos internacionais, tem sofrido por tantas vezes.

O Relato Bíblico É Tão Humano. Houve alguns elementos religiosos distorcidos; manifestou-se a velha idolatria que tanto domina o coração humano, transformando os homens em tolos: houve mentiras, egoísmo e ludíbrios. No entanto, também houve amor. E cada um, à sua maneira, a despeito de seus defeitos, estava cumprindo o desígnio divino. Temos aqui uma cena em miniatura do próprio drama humano. A fim de estabelecer o acordo que fizeram, tiveram de invocar Deus como testemunha. Se Deus não for invocado como testemunha dos lances da vida humana, esta não terá sentido.

Capítulo Trinta e Dois

O Drama de Jacó e Esaú (32.1 - 33.16)

Jacó Teme a Esaú e Prepara-se para o Encontro (32.1-23)

Os críticos atribuem esta seção a uma mistura das fontes informativas *J* e *E*. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.)*, quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

A caminho de casa, Jacó teria de atravessar o território de Esaú, e não pensava que poderia evitar esse encontro. Haveria de tomar a rota comum, e não desviaria caminho para o deserto. Havia comunidades ao longo dessa rota. Daí o seu dilema. Jacó traçou planos de acordo com a razão humana, e esperou que sucedesse o melhor. Recebeu outra visita angelical que preparou a sua mente para a viagem e para o encontro, mas seu temor não parece ter sido aliviado por causa disso. Enviou mensageiros que preparassem o caminho. Mas eis que Esaú, com quatrocentos homens (um verdadeiro exército, para a época), estava vindo ao seu encontro. Ao ouvir isso, Jacó ficou angustiado. Seus pecados o estavam alcançando de novo. O que um homem semear, isso haverá de colher. Ele deveria ter-se descontraído, porém. Esaú não era homem que pudesse manter uma inimizade por mais de vinte anos. De fato, assim como as dificuldades de Jacó com Labão tinham terminado com tristes despedidas de membros de uma mesma família, assim seu encontro com Esaú terminaria como uma daquelas felizes reuniões familiares. A bênção do Senhor acompanhava a Jacó por onde quer que ele fosse. Senhor, concede-nos tal graça!

32.1

Anjos de Deus lhe saíram a encontrá-lo. Admiramo-nos das vezes em que os anjos acompanharam Jacó. Eu mesmo levo a sério a realidade desses seres invisíveis. Há muitas evidências em prol da existência dos anjos. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Anjo*. Provavelmente, na época de Jacó, eles não eram considerados seres imateriais, mas certamente eram tidos como seres de *outra* dimensão. Não são uma variedade diferente de seres humanos, nem mesmo aparentados.

Seja como for, os anjos sempre estavam prontos a proteger Jacó, a fim de tranqüilizar-lhe a mente e infundir-lhe senso de segurança. Ele estava de volta para casa. Coisa alguma poderia impedi-lo ou prejudicá-lo ao longo do caminho. Ver Sal. 91.11,12 quanto às grandes promessas associadas aos seres angelicais. Eles são espíritos ministradores (Heb. 1.14). Ver as seguintes referências às atividades dos anjos no Gênesis, até este ponto: 16.7,9-11; 19.1; 21.17; 22.11,15; 24.7,8,12 ss. 40; 31.11. Ver também Gên. 32.24. Jacó passou por muitas experiências místicas, com ou sem a presença visível de anjos. Ver no *Dicionário* o artigo *Misticismo*. Consideremos a sua experiência em Betel (Gên. 28.12 ss.), acompanhada por anjos. Ao que parece, todas as grandes mudanças em sua vida foram ajudadas pelo ministério angelical. De quanto carecemos da manifestação da presença divina para ajudar-nos! Não basta ler a Bíblia e orar. Precisamos do toque místico, *ocasionalmente* em períodos de crise e de decisão. Oh, Senhor, confere-nos tal graça!

"Neste ponto, o mundo invisível de Deus tocou abertamente no mundo visível de Jacó" (Allen P. Ross, *in loc.*).

32.2

Maanaim. Ver no *Dicionário* o artigo sobre esse nome. No hebraico significa *acampamento duplo*. Esse foi o nome dado ao lugar quando Jacó, ao retornar de Padã-Arã, teve um encontro com anjos. Ao vê-los, Jacó exclamou: "Este é o acampamento de Deus". Literalmente, a palavra significa "dois exércitos". Talvez fossem compostos pelo grupo humano, que Jacó encabeçava, e pelo grupo dos anjos. Ou, talvez, o número dos anjos fosse tão grande que eles pareciam ser não um só, mas *dois* exércitos. O propósito do relato foi mostrar quão bem Jacó estava sendo acompanhado. Muito poder acompanhava Jacó. Ele mesmo avançava em fraqueza e temor. Esaú em breve haveria de encontrar-se com ele, levando-o a temer. Mas Deus estava controlando a situação. Jacó não sofreria dano, pois estava destinado a voltar para casa e iniciar ali uma nova missão. O *Pacto Abraâmico* garantia a sua segurança e o cumprimento de mais cinqüenta anos de vida, prenhes de propósito. Ver sobre esse pacto nas notas em Gên. 15.18 e sob o artigo *Pactos*, em sua quarta secção, no *Dicionário*. Assim também, os propósitos de Deus garantem a nossa vida e guiam-nos de um drama para outro. Jacó ainda tinha mais de um terço de sua vida para viver. Sua volta à Terra Prometida estava garantida.

"Quão freqüentemente os anjos são mencionados na história da vida de Jacó! Anjos no sonho-visão da escada, em Betel; o sonho de um anjo que lhe dissera para deixar o território de Labão; anjos agora, que lhe saíram ao encontro, no caminho; a memória de um anjo quando, finalmente, ele impôs as mãos sobre os filhos de José e disse: 'O Anjo que me tem livrado de todo mal abençoe estes rapazes' (Gên. 48.16)" (Walter Russell Bowie, *in loc*).

O nome *Maanaim* foi posteriormente dado a uma cidade que veio a pertencer à tribo de Gade. Ver II Sam. 2.8; 17.24; I Reis 4.14 e o artigo sobre esse lugar, no *Dicionário*.

32.3

Enviou mensageiros. . . a Esaú. Quando Jacó enganou seu pai, Isaque, e furtou a bênção (e então já havia arrebatado o direito de primogenitura), estava tratando somente com uma pessoa. Mas agora Esaú avançava contra ele à testa de um pequeno exército de quatrocentos homens. Jacó tinha muita razão para temer; mas ao mesmo tempo, nada tinha para temer, visto que todas as coisas estavam cooperando em conjunto para o seu bem. Antigos atritos tinham desaparecido. Esaú estava avançando de coração e de braços abertos. E assim, podemos dar graças, pois muitos de nossos piores temores na realidade nada representam. Deus já tomou conta das coisas. Os mensageiros nem tiveram tempo de entregar a mensagem reconciliadora de Jacó. Mas Deus já havia reconciliado os dois irmãos, um com o outro.

Terra de Seir. Ofereci um artigo detalhado sobre essa localidade, no *Dicionário*. Essa palavra significa *peludo, cabeludo*. Provavelmente havia ali muita vegetação, embora não mais atualmente. Seir ficava a muitos quilômetros de Maanaim, mas parece que Esaú, já por vários dias, avançava para onde estava Jacó; e assim, quando os mensageiros partiram, ele já não estava muito longe. Esse lugar ficava ao sul do mar Morto, e estendia-se até o golfo da Arábia (I Reis 9.26). Era um nome alternativo para Edom.

Edom. Ver um artigo detalhado sobre esse artigo, no *Dicionário*. Essa palavra significa *vermelho*, uma alusão ao repasto vermelho que Jacó vendeu a Esaú, em troca do direito de primogenitura. Essa alcunha foi dada a Esaú (Gên. 25.30) e passou dele para a terra em que fora habitar. Tornou-se um nome alternativo para Seir e para a Iduméia, além de designar a terra e seus habitantes, os descendentes de Esaú (Gên. 25.20, 21, 30 e 32.3), ou, coletivamente, todos os idumeus (Núm. 20.18,20,21; Amós 1.6,11; Mal. 1.4).

32.4

Uma Breve História. Os mensageiros foram enviados para contar a Esaú uma breve história da vida e dos atos de Jacó, desde que se tinham visto pela última vez, cerca de vinte anos antes. A linha central do recado dizia: "Sê amigável para comigo", ou seja, Jacó buscava as boas graças de seu irmão gêmeo (vs. 5). Era um apelo em favor de paz e de boas relações.

Jacó, o homem de muitas experiências místicas, homem de destino e de poder, o vaso central, em sua geração, do Pacto Abraâmico, por outra parte, era também *aquele homem* que havia cometido certos erros que ainda o perseguiam. Esse homem teria de sofrer as conseqüências de sua insensatez anterior. Ele havia defraudado seu irmão e, então, se afastara para uma distância segura de sua vítima. O passado, contudo, não poderia ser esquecido. Ele teria de se encontrar consigo mesmo, o "eu" que ele deixara para trás fazia muitos anos. A lei da colheita segundo a semeadura é muito poderosa. Ver no *Dicionário* o artigo *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Mas Esaú, o irmão defraudado, mostrou-se moralmente superior a Jacó, e deixara de odiar. Agora, só queria ver de novo o seu amado irmão gêmeo. A graça de Deus estava atuando em seu coração.

Como peregrino morei. Jacó não havia residido com Labão de forma permanente. Fora ali apenas um peregrino. Agora estava voltando para casa. Os patriarcas de Israel foram peregrinos e forasteiros na terra (Heb. 11.13). Jacó parece ter transmitido a idéia de que já havia sofrido o bastante às mãos de

Labão, pelo que, por assim dizer, já havia pago a sua dívida. Isso posto, muito apreciaria se recebesse um tratamento bondoso às mãos de Esaú. Todos acabamos pagando as nossas dívidas, de uma maneira ou de outra.

32.5

Volto Rico. Trabalhei muito; enriqueci; tenho vivido bem. Talvez isso indicasse que ele presentearia Esaú, a fim de suavizar a indignação deste. E acabou dando-lhe mesmo presentes (vss. 14 e 15). Seus presentes foram deveras generosos, mesmo porque seu temor era grande. Algumas vezes, os presentes são peitas disfarçadas, o que por certo ocorreu nesta ocasião.

Jacó não merecia a amizade de seu irmão, mas tinha esperança de poder comprá-lo. Bens materiais serviriam para corrigir as contas? Esaú também havia enriquecido, e por que se importaria com coisas materiais? Só queria oferecer perdão a seu irmão, como também acenar-lhe com a paz. A graça de Deus estava atuando.

32.6

Quatrocentos homens com ele. Fracassara a missão dos mensageiros enviados por Jacó. Esaú passara por eles com pressa, *aparentemente* de testa franzida, decidido a fazer o mal. A única informação que os mensageiros puderam captar fora que Esaú se encaminhava na direção de Jacó, com um pequeno exército de quatrocentos homens. Talvez ele tenha reunido tal força sem saber o que poderia esperar da parte de Jacó. Afinal, Jacó nunca fora conhecido como homem de negociações justas. Talvez Jacó estivesse atacando com um poderoso batalhão armado. Qual não deve ter sido a surpresa de Esaú ao averiguar que Jacó estava acompanhado somente de mulheres e crianças! (Gên. 33.2).

"...uma consciência culpada não precisa de acusador. Mais cedo ou mais tarde, ela dirá a verdade" (Adam Clarke, *in loc.*).

32.7

Teve medo e se perturbou. Jacó trazia muitos bens, mas não estava equipado para a guerra. Por outra parte, Esau parecia bem munido para guerrear. Conforme costumavam dizer os gregos quando as circunstâncias eram *impossíveis* de contornar: "Lança tudo ao cuidado dos deuses, e ora". E foi isso que Jacó fez.

A divisão de sua gente em dois grupos teve o propósito de diminuir as perdas e o derramamento de sangue. Enquanto um grupo fosse massacrado, o outro tentaria escapar. Jacó preparou-se para o pior, ao mesmo tempo que Deus o tinha preparado para receber o melhor. É grandioso quando Deus age além e acima do que esperamos.

"Ora, àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos, ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós..." (Efé. 3.20).

A angústia de Jacó era grande, apesar da visão dos anjos que ele tinha recebido. Deus o tinha encorajado, mas ele estava muito aflito, pois sua fé era fraca. Ele era um quadro do crente comum, conforme sucede à maioria de nós. E então, cada vez que Deus nos dá uma grande vitória, isso nos *surpreende* de novo.

32.8

Minimizando as Perdas. Jacó havia virtualmente abandonado a esperança de paz e amor. Agora só procurava diminuir as perdas inevitáveis. Um de seus grupos talvez fosse massacrado, mas, enquanto isso, o outro grupo teria a oportunidade de escapar. Ele se havia olvidado do amor de Deus, o qual pode (e ocasionalmente assim realmente faz) mudar o coração dos homens. Estamos sempre em dificuldades e apertos, quando deixamos de lado o amor de Deus. A intenção de Jacó era apenas aplacar; mas Deus já havia aplicado o Seu amor. "Fogem os perversos, sem que ninguém os persiga" (Pro. 28.1).

Na mente de Jacó, todos os quatrocentos homens de Esau vinham de espada desembainhada na mão. Na mente divina, entretanto, todos vinham de coração amistoso e de braços abertos, acolhedores. Eles eram uma comissão de boas-vindas, e não um exército destruidor.

A Aflita Oração de Jacó (32.9-12)

32.9

Deus de meu pai. Jacó havia traçado os seus planos, e esperava salvar parte de seu grupo. Na sua oração, porém, seu alvo foi *mais alto* do que isso. Todavia, esse alvo mais elevado só poderia ser atingido mediante o poder divino. Deus já havia feito o trabalho, mas como não sabia disso, Jacó orava insistentemente para que houvesse algum acontecimento especial. Ele teria de esperar até o dia seguinte, a fim de ver o resultado de suas orações, pois ainda teria de passar-se uma noite (vs. 13). Quanto à fórmula por muitas vezes repetida, "Deus de Abraão e de Isaque", à qual foi acrescentado mais tarde o nome de "Jacó", ver as notas sobre Êxo. 3.6. O *acúmulo* de nomes patriarcais, atrelados ao nome de Deus, compunha uma fórmula de monoteísmo e de poder. Era o Deus de Israel, conforme passou a ser chamado mais tarde. Esse acúmulo também emprestava apoio tradicional à nova fé, que se ia formando.

Deus dera ordens a Jacó para que retornasse à sua terra. E Jacó estava *obedecendo.* Portanto, Jacó estava recebendo a proteção divina, em face de sua obediência. Ademais, como poderia ter cumprimento o Pacto Abraâmico, se Jacó e seus filhos fossem dizimados em campo aberto? Ver Gên. 31.13 quanto à ordem divina que lhe fora dada: "volta para a terra de tua parentela".

"A oração de Jacó... foi notável por sua combinação de grande intensidade com simplicidade de termos. Depois de dirigir-se a Deus como o *Elohim* de seus pais, ele se aproximou mais Dele, chamando-O de *Yahweh,* o qual lhe havia ordenado pessoalmente que voltasse ao lugar onde nascera (Gên. 31.13)" (Ellicott, *in loc.*).

E te farei bem. Deus daria proteção a Jacó, abençoando-o e conferindo-lhe poder, a fim de que fosse o elo que levasse avante a cadeia do Pacto Abraâmico, até que a nação de *Israel* se tornasse uma realidade. Uma vez mais, pois, é enfatizada a providência de Deus, algo que é tão conspícuo no livro de Gênesis. Ver no *Dicionário* o artigo *Providência de Deus.*

32.10

Sou indigno. A maioria das orações pode ser iniciada por uma confissão de indignidade, pois essa é a condição humana geral. A Jacó já havia sido conferida, por repetidas vezes, a misericórdia divina, de mescla com alguma revelação da verdade. Grande propósito divino estava atuando em sua vida. Ele tinha visto muita coisa; esperava ver mais ainda, e, especificamente, a presença protetora de Deus, naquele instante, para que tudo não viesse a perder-se desnecessariamente.

O homem espiritual reconhece essas coisas. Quão freqüentemente oramos, baseando nossas petições sobre as bênçãos passadas e sobre o poder já experimentado! Como foi o passado, tal será o futuro! Jacó tinha tido *ricas experiências.* Agora, orava fervorosamente, pedindo forças espirituais e a intervenção divina na sua presente emergência.

Atravessei este Jordão. Isso tinha acontecido cerca de vinte anos antes. Jacó reconheceu que, naquela ocasião, embora não tivesse companhia humana, *Deus* estivera com ele. E agora, considerasse Deus como ele se tornara dois grupos de pessoas e de animais. "É tudo devido à Tua bênção, ó Senhor. Não permitas que agora tudo se acabe!"

"A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça..." (Efé. 3.8). Mas, a despeito de sua indignidade, Jacó recebeu uma grande bênção. Tal como lhe acontecera no passado, assim continuaria a ser no futuro!

32.11

Livra-me... e as mães com os filhos. Em sua mente, Jacó imaginava a pior de todas as cenas: as mães impotentes a quererem salvar freneticamente seus filhinhos preciosos, do bronze sem misericórdia das armas de guerra.

"...Salmã destruiu Bete-Arbel no dia da guerra: as mães ali foram despedaçadas com seus filhos" (Osé. 10.14). Essa é a pior possibilidade em uma guerra — as mães e seus filhos sofrendo às mãos de homens ímpios e desarrazoados. O ódio é capaz de liberar a pior crueldade, a destruição inútil de famílias, em meio à barbárie e à selvageria.

32.12

O *Pacto Abraâmico,* aqui relembrado por Jacó, conferia-lhe esperança naquela hora. Ver Gên. 28.3,4,14 e 31.3 quanto aos elementos reiterados, no que se aplicavam a Jacó. Quanto à metáfora da *areia do mar,* ver Gên. 22.17 (a promessa feita a Abraão), que aqui Jacó reivindica com uma promessa feita a ele mesmo. Em Gên. 22.17, exponho o acúmulo de metáforas sobre a multiplicação que poderia ser esperada em resultado daquele pacto. Ver as notas sobre esse pacto, em Gên. 15.18. Ora, não poderia haver tal multiplicação dos descendentes de Abraão se agora Jacó e seus filhos fossem mortos. Jacó aplicou essa lógica em sua oração. A fidelidade de Deus faz-nos atravessar as horas mais terríveis.

32.13

Tendo passado ali aquela noite. Jacó prepara-se para o encontro com Esaú, confiando em Deus e nos seus presentes, que haveria de dar a seu irmão no dia seguinte. Era um presente deveras generoso. Mas é melhor perder alguma propriedade do que perder a vida. Esaú havia ameaçado matá-lo (Gên. 27.41), e

agora parecia estar prestes a poder executar a ameaça. No entanto, *outra noite* haveria de intervir, antes do fatídico encontro (ver o vs. 21).

Onde Jacó Passou a Noite? Por certo, em Maanaim (vs. 1). "O presente que o homem faz alarga-lhe o caminho. . ." (Pro. 18.16).

32.14,15

Um Magnífico Presente. Quinhentos e oitenta animais devem ter formado uma dádiva impressionante. Eram os melhores animais para alimentação, vestes e viagens. Animais domesticados formavam um aspecto importante das riquezas na antiguidade. E aquele que tivesse uma bela esposa e alguns animais considerava-se feliz. Jacó mostrou-se realmente generoso. A generosidade era uma maneira de alguém preservar a própria vida. No dizer de Adam Clarke (*in loc.*), foi um "presente principesco". Os animais presenteados poderiam ter sustentado uma família durante muito tempo, servindo de virtual pensão vitalícia para um criador de gado. O leite de camela era considerado uma delícia pelos habitantes de todas aquelas regiões. Uma camela produz leite continuamente durante muitos anos. Plínio explana que esse leite era misturado com três partes de água, tornando-se uma bebida muito saudável e saborosa (*Hist. Nat.* lib. xi cap. 41).

O Princípio Moral. Os erros praticados contra alguém precisam ser corrigidos por meio de *restituição*, sempre que isso estiver ao nosso alcance. E aquele que assim não o fizer, não terá o direito de invocar a *misericórdia divina*, chegado o momento de necessidade. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Reparação (Restituição)*. A restituição pode e deve ser um ato que demonstre um arrependimento genuíno. Ver Efé. 4.28. Ver no *Dicionário* o artigo *Arrependimento*.

Presentes

Mais bem-aventurado é dar que receber.

(Atos 20.35)

O que há de mais importante, em qualquer relacionamento,
não é o que se obtém, mas o que se dá.

(Eleanor Roosevelt)

Ou qual dentre vós é o homem que,
se porventura o filho lhe pedir pão,
lhe dará pedra.

(Mateus 7.9)

O amor é o melhor de todos os presentes.

32.16

Os Três Rebanhos. Ver os versículos imediatamente anteriores, quanto ao número e às espécies desses rebanhos. Há várias razões pelas quais os animais podem ser divididos em três rebanhos:

1. Seria mais fácil guiar os animais separados, do que se estivessem misturados uns com os outros.
2. Separados assim, formariam um presente mais impressionante, devido à sua boa ordem.
3. Acima de tudo, isso fazia parte de uma tática da parte de Jacó. Se Esau continuasse irado, depois de falar com os servos de Jacó (divididos em sucessivos grupos), sua ira teria mais oportunidade de esfriar. Um esquema assim por certo teria abrandado um homem como Labão, que ficaria ocupado em contar os animais, na esperança de receber mais ainda. Esaú, porém, não era desse tipo (Gên. 33.9). Antes, ele disse: "Tenho o bastante; não quero os teus animais."

Deixai espaço entre rebanho e rebanho. Isso faria com que os animais dessem a impressão de ser mais do que quinhentos e oitenta. Assim, a ira de Esaú iria abater-se cada vez mais.

32.17,18

Perguntas e Respostas. Por sua vez, a mesma coisa iria acontecendo aos líderes de cada rebanho. Haveria saudações; haveria perguntas acerca da *razão* daquele rebanho; haveria reafirmações do fato de que Esaú era o senhor de Jacó. Isso iria desgastando a indignação de Esaú. Depois das três séries de animais, viriam as mulheres com seus filhos, Raquel, e, finalmente, o próprio Jacó. Por essa altura, o caminho estaria preparado para o reencontro dos dois irmãos. "A ironia de tudo é que todas aquelas precauções eram desnecessárias" (Walter Russell Bowie, *in loc.*).

32.19

O terceiro sentido provável de os animais terem sido divididos em três rebanhos é que estes devem ter sido formados, o máximo possível, pela mesma espécie de animais. Ver o vs. 16 quanto às razões possíveis dessa divisão dos rebanhos. Os três rebanhos atuariam como uma introdução à chegada de Jacó (Gên. 33.2,3). Mas antes dele mesmo, as mulheres e as crianças deveriam aparecer. Em seguida, Raquel, a esposa favorita, cuja vida Jacó queria preservar o máximo possível (Gên. 33.2).

32.20

Jacó vem vindo atrás de nós. Em outras palavras, Jacó não estava tentando evitar o encontro com Esau. Ele estava chegando. Que Esau tivesse paciência. Mas antes que houvesse seu encontro com Esaú, Jacó ainda teria de passar por outra poderosa experiência espiritual: a luta com o anjo. E isso haveria de alterar seu nome de Jacó (suplantador) para Israel (Deus Luta, ou Príncipe de Deus). Esaú haveria de encontrar um novo homem. Jacó, pois, haveria de prevalecer, apesar de seus truques e de suas manipulações. O melhor de tudo é que ele seria transformado mais ainda em conhecimento e em progresso espiritual. Jacó seria humilhado e castigado, antes que seu passivo pudesse ser eliminado. Esau, homem superior a Jacó quanto a vários aspectos, haveria de esquecer-se do passado. E então, haveria unidade e harmonia.

Eu o aplacarei com o presente. Jacó confiava em seus presentes a fim de aplacar a Esaú. Somente depois disso apareceria diante dele. Esperava ver um sorriso naquele rosto, o que lhe daria a entender que tudo estava bem. Mas tudo aconteceu melhor do que ele esperava. Ambos se atiraram um nos braços do outro, chorando comovidos. O amor fraternal mostrou ser mais forte do que o ódio. O hebraico diz aqui, literalmente, "eu cobrirei o rosto dele", uma expressão idiomática de difícil tradução. Não apareceriam as rugas de indignação no rosto de Esau; o presente haveria de *encobri-las*, alterando a sua fisionomia. O amor cobre "multidão de pecados" (Tia. 5.20).

32.21

Ficou aquela noite no acampamento. Isso mostra que a apresentação dos presentes a Esaú tomou um dia inteiro. Veio *outra* noite. Ver o vs. 13 quanto à primeira noite, desde que o reencontro começara a ser preparado. Jacó tinha-se instalado perto do ribeiro do Jaboque, conforme vemos no vs. 22. Ele não sabia ainda, mas nesse local ele passaria por outra grande experiência espiritual. O Anjo do Senhor o guiava, passo a passo. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

32.22

As Preciosas Poucas Vidas. O círculo íntimo de Jacó, aqueles que lhe eram mais chegados, consistia em Lia, Raquel, as duas concubinas, Bila e Zilpa, e os seus onze filhos. Eram esses que faziam parte de sua família imediata, que estavam ao seu lado o tempo todo. Diná sem dúvida também estava presente, embora ela não seja especificamente mencionada. Isso posto, as preciosas poucas vidas totalizavam dezessete pessoas, incluindo Jacó. Cada homem tem seu círculo mais interior, e aí o amor doméstico deve manifestar-se mais forte.

O vau de Jaboque. Ou seja, o lugar onde o ribeiro podia ser atravessado. Há no *Dicionário* um artigo detalhado sobre esse rio. Esse ribeiro, quase um filete de água, descia dos montes da Arábia, passava perto da fronteira com os amonitas, regava a cidade de Rabá, e, então, passava entre Filadélfia e Gerasa, e, finalmente, desembocava no rio Jordão, perto do lago ou mar da Galiléia, que ficava a quase cinco quilômetros dali, mais para o sul. Atualmente esse ribeiro chama-se wady Zerqa, nome que significa "torrente azul". Posteriormente, formou a fronteira entre as tribos de Manassés e Gade. No hebraico, o nome desse rio significa *fluir fora* ou *fluir adiante*.

Jacó tinha tido a sua Betei; mas agora teria o seu Jaboque, lugares associados a significativas experiências espirituais que lhe haviam transformado a vida. A transformação espiritual é um processo gradual e eterno. Ninguém chega a atingir, nesta vida, todo o seu potencial, mas estará sempre avançando nessa direção. E, sem dúvida, isso continuará ocorrendo até mesmo em nossa pátria celeste. A glorificação será um processo eterno. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Transformação segundo a Imagem de Cristo*.

32.23

E fê-los passar o ribeiro. Do outro lado, o destino esperava por Jacó. O encontro fatídico com Esaú não poderia ser evitado. Jacó enviou à sua frente tudo quanto lhe era precioso. E, então, ele mesmo avançou. Confiando em Deus e nos seus presentes a Esaú, ele prosseguiu, o coração batendo forte, mas com espe-

rança. Ansioso, mas sem desesperar. Havia feito tudo quanto podia, de acordo com a *razão*. E confiava em que Deus faria o resto.

Jaco tinha enviado suas esposas e rebanhos para a segurança, para o alto da serra ao sul. O profundo vale estava destinado a ser o palco de seu conflito solitário. Naquele ponto, a ravina tem entre 6,5 e 9,5 km de largura.

32.24

Ficando ele só; e lutava. Para outros, foram momentos seguros. Mas Jacó tinha ficado sozinho. E, de súbito, viu-se mergulhado em outra profunda experiência espiritual. Oséias 12.4 mostra-nos que sua luta não foi apenas física, mas também espiritual. Como é óbvio, o vs. 26 deste capítulo indica a mesma coisa. Jacó pediu uma *bênção* antes de permitir que o "homem" se fosse. O vs. 28 mostra-nos que o homem era divino, e lemos no vs. 30: "Vi a Deus face a face".

A Identidade do Homem. Alguns eruditos crêem que temos aí uma aparição do Logos, no Antigo Testamento, o qual, séculos depois, manifestar-se-ia como Jesus de Nazaré, em uma fusão da natureza divina com a natureza humana. Mas quase todos os estudiosos concordam em que esteve envolvido um *anjo do Senhor*. Notemos que em Gên. 18.2 os três *homens* foram logo identificados como *anjos* (Gên. 19.1). A experiência de Jacó incluiu vários encontros com anjos. Quanto a encontros com anjos, no livro de Gênesis, até este ponto, ver 16.7,9-11; 19.1; 21.17; 22.11; 24.7; 28.12 ss.; 31.11; 32.1. Ver no *Dicionário* os artigos *Anjo* e *Misticismo*. Em Gên. 31.3, ver as notas sobre a *Orientação Divina*.

A Luta às Margens do Jaboque. No hebraico, "luta" (*abak*) e "Jaboque" têm sons similares. Parece que *abak* deriva-se do termo hebraico que significa *poeira*, porquanto os lutadores logo se vêem envolvidos em uma nuvem de poeira. Na Grécia, os lutadores passavam pó no corpo.

Corporal ou Não-corporal? Os críticos dizem que todo o incidente foi apenas alegórico ou mitológico. Alguns eruditos conservadores debatem-se em torno da idéia de como um anjo pode assumir corpo físico, mesmo temporariamente, ou fingir ter um corpo que pode ser tocado e parece sólido. Nos tempos de Jacó, isso não constituía problema, já que os anjos não eram, provavelmente, concebidos como seres imateriais, embora fossem vistos como seres de *outra* dimensão, não sendo outra ordem de seres humanos. Apesar de haver muita evidência em favor de seres imateriais, e de esses seres poderem assumir corpo sólido, ou nos fazerem pensar que eles possuem corpos sólidos, restam ainda muitos mistérios em torno da questão, tal como há mistérios que circundam a própria vida. Logo, é inútil indagarmos quanto a essa questão. Simplesmente não sabemos como resolver tais problemas. Há um *intercâmbio* de energia e de matéria, sendo provável que *essa* realidade esteja por trás de tais fenômenos de uma maneira que não sabemos explicar.

Os intérpretes judeus explicavam de forma variegada este texto: Foi uma visão (Maimônides); foi um fantasma (Josefo); foi tudo imaginário ou um anjo (Targum de Jônatas, que chama esse anjo de Miguel).

32.25

Vendo este que não podia com ele. Jacó era forte demais, e o anjo não conseguia prevalecer sobre ele, motivo pelo que lhe infligiu uma injúria física. Algum golpe mais violento deixou-o capenga, embora a natureza do golpe não seja determinado no texto. Poderia um homem continuar a lutar, com o osso da coxa fora de sua junta? Nesse caso, havia muita coragem em Jacó. Ellicott opinou que se tratava de uma *luxação*. Mas a despeito de seu tendão fora de lugar, ele continuava lutando. Ele não somente continuou lutando, mas também *prevaleceu*. Lembremo-nos de que isso tinha não somente um aspecto físico, mas também um aspecto espiritual. Assim, Jacó estava sendo transformado, e obteria uma bênção especial, acompanhada pela mudança de seu nome. Ele prevaleceu contra um *anjo;* mas não demoraria a prostrar-se até o chão, por sete vezes, diante de seu irmão, *Esaú* (Gên. 33.3)!

Embora *incapacitado*, ele continuou lutando. Isso mostrava a determinação de Jacó. A *perseverança* é o mais importante elemento no sucesso em qualquer atividade. Mas por trás da perseverança deve haver entusiasmo. No grego, essa palavra significa, literalmente, "estar cheio de Deus".

32.26

Já rompeu o dia. Um novo dia estava raiando na vida de Jacó, um dia muito abençoado, ou, talvez, o mais abençoado de sua vida. A luta se prolongara por boa parte da noite; Jacó estava chegando à vitória; o alvorecer trouxe-lhe o triunfo. O lutador celeste desejou ir-se embora, mas Jacó era forte demais para ele, e só lhe permitiria ir-se se lhe desse uma *bênção divina*. Desse modo ficamos sabendo que Jacó acabou por entender que nada havia de ordinário naquela luta. Ele estava envolvido em outra poderosa experiência mística. Ao romper a alva, surgiu também um novo Jacó, agora chamado Israel. Ele ainda tinha temores. Haveria de prostrar-se diante de Esaú. Mas um grande marco espiritual havia sido atingido. O passado ficara no passado.

"Na combinação de bem e de mal que havia em Jacó, havia dois fatores de *nobreza* que o salvavam. O primeiro desses fatores era a consciência de que a vida tem um *significado divino*. . . e o segundo era a sua. . . *determinação*" (Walter Russell Bowie, *in loc.*).

É provável que o texto dê a entender que Jacó, para enfrentar essa luta, recebeu uma força *sobre-humana*. Foi-lhe permitido ultrapassar as suas próprias forças, uma provisão divina.

A pessoa derrotada precisava ceder diante das exigências da pessoa vitoriosa. Isso assegurou a bênção pedida por Jacó. Ele havia conseguido um extraordinário triunfo, por ter vencido um extraordinário adversário.

32.27

Jacó. Esse fora seu nome, até aquele instante. Tal nome o havia caracterizado no passado. Ele havia sido o enganador, o astuto manipulador, o suplantador. Esse era o Jacó natural e carnal. Ele tinha sido um homem superficial, que ignorava a espiritualidade mais elevada, ao mesmo tempo que cultivava sua natureza mais baixa. Até ali ele tinha ignorado o impacto de seus pecados. Tinha prosperado materialmente, e até havia obtido alguma espiritualidade, mas continuava a ser apenas *Jaco*. "O agarrador de calcanhares fora apanhado" (Allen P. Ross, *in loc.*). Desse modo, fora envolvido em uma transação divina, e recebeu uma nova expressão de vida.

32.28

Israel. O novo nome de Jacó. Os antigos, com freqüência, mudavam de nome quando havia alguma profunda mudança na vida, ou quando esperavam que houvesse tal mudança. No livro de Gênesis já vimos os casos de Abrão (nome mudado para Abraão, ver Gên. 17.5) e de Sarai (nome mudado para Sara, ver Gên. 17.15).

Israel. É admirável o grande número de possíveis sentidos que os intérpretes dão a esse nome. Apresento abaixo apenas uma amostra.

1. "Deus luta". Essa é a etimologia popular, que também pode indicar o verdadeiro sentido do nome.
2. "Deus governa".
3. "Aquele que luta com Deus" (Osé. 12.3,4)
4. "Aquele que prevalece com Deus" (Osé. 12.3, de acordo com outra interpretação).
5. "Príncipe de Deus". Ver o termo hebraico *sar* (como se vê no nome de Sara), que significa "príncipe".
6. Por extensão, "príncipe de Deus que tem poder diante de Deus".
7. "Príncipe que prevalece diante de Deus".

Todos esses nomes têm aplicações espirituais e morais. Se os estudiosos do idioma hebraico não nos podem fornecer uma resposta *única*, pelo menos fica claro um ponto: o fraco Jacó tornou-se o poderoso Israel, aquele que lutara com um ser angelical e vencera, mediante um poder miraculoso, agora era um príncipe de Deus que poderia prevalecer diante de Deus e dos homens; tinha lutado contra disparidades impossíveis e tinha vencido. Deus lutaria *por meio dele* na futura nação de Deus, e essa nação venceria. O Messias viria ao mundo por intermédio dele, a fim de abençoar todas as nações, em consonância com o Pacto Abraâmico. Por meio desse pacto, todos os povos haverão de ter poder diante de Deus e de prevalecer.

O Novo Nome. Ver o artigo *Novo Nome e Pedra Branca* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. O novo nome indica aquela transformação em nós que nos torna capazes de atingir toda a nossa potencialidade espiritual, para sermos conformados segundo a imagem de Cristo de uma maneira especial e ímpar. Isso faz de nós aquilo que poderemos vir a ser espiritualmente, o que nos confere tremendas potencialidades.

O crente torna-se participante da natureza divina (II Ped. 1.4). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete *Transformação segundo a Imagem de Cristo*.

"Os ideais que embalamos, os propósitos que mantemos, a capacidade que sentimos de atingir qualquer coisa mais excelente do que já pudemos atingir — todas essas coisas estão contidas naquele *novo homem* escrito sobre a pedra branca que todo homem tem o privilégio de usar sobre o seu peito" (Charles R. Brown, em seu livro, "What Is Your Name?" referindo-se ao trecho de Apocalipse 2.17).

Cede a mim, pois sou fraco,
Mas confiante no autodesespero:
Fala a meu coração, fala de bênção,
Sê conquistado por minha oração constante.

(Charles Wesley, em seu hino *Come, O Thou Traveler Unknown*)

32.29

O Poder dos Nomes. Uma antiga superstição diz que há uma espécie de poder mágico nos nomes próprios. Até hoje, os exorcistas parecem obter maior êxito se conseguirem fazer o demônio proferir (e revelar) o seu nome. Parece que isso ajuda no exorcismo. Se isso pode ser exagerado, e se não sabemos o que Jacó tinha exatamente em sua mente, pelo menos neste versículo há provas de uma verdade eterna. Deus tem muitos nomes. Essa questão é revisada no artigo *Deus, Nomes Bíblicos de*, no *Dicionário*. Cada nome revela ou um atributo de Deus, ou alguma obra especial ou operação do Ser divino. Jacó pensava que poderia obter maior poder se soubesse o nome daquele ser divino (o anjo, ver o vs. 24), obtendo grandes bênçãos, eficiência e poder em sua vida. Talvez até, em outras ocasiões, pudesse ter maior poder em suas orações ou encantamentos, mediante o uso desse nome. Os nomes eram concebidos como essência da personalidade e do caráter de uma pessoa, e não meros rótulos de pessoas. Ver o verbete *Nome*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*.

O poder divino apossara-se de Jacó, e Jacó apoderara-se do poder divino. Agora, queria saber como deveria chamar esse poder. Queria preservá-lo e usá-lo. A Bíblia conta a história de como Deus vai sendo descoberto pelo homem. As experiências místicas trazem até nós a *presença divina*. Há poder nessa presença. Precisamos estudar a Bíblia e orar, mas também precisamos de experiências pessoais com Deus. Aquele que tem essas experiências está em vantagem em relação ao que só tem argumentos.

Reversão da Idolatria. O anjo não revelou o Seu nome, tal como, em outra ocasião, o mesmo Ser recusou-se a dizer Seu nome a Manoá (Juí. 13.18). Agora Jacó tornara-se Israel, e estava progredindo espiritualmente. Ele conhecia Elohim e Yahweh. Isso lhe bastava. Alguns pensam que não deveria ser-lhe revelado o nome de um anjo, o que poderia acrescentar um falso deus à sua teologia. Bastava-lhe saber que tinha lutado com o anjo e tinha vencido um poder divino, e que esse poder o havia abençoado. O anjo era divino, mas não Deus. Outros pensam que o nome do anjo não lhe foi revelado para que Jacó não pudesse dispor do poder de um anjo. Cf. Êxo. 3.13,14 e Juí. 13.17.

32.30

Peniel. Ver no *Dicionário* o artigo *Peniel (Penuel)*. Esse termo hebraico significa "face de Deus" (ou "forma de Deus"). No Antigo Testamento, figura como nome de duas pessoas e de uma cidade. O local é o que aparece no presente texto. A sua localização exata ainda não foi identificada. Ficava em algum ponto a leste do rio Jordão, não longe de Sucote (Gên. 33.17 e Juí. 8.5,8). Posteriormente, foi edificada uma cidade com esse nome (Juí. 8.8; I Reis 12.25). Alguns afirmam que ficava a seis quilômetros e meio de Maanaim.

Jacó temia ver o rosto de Esaú, mas acabou vendo a face de Deus, por meio do anjo que lhe trouxe inesperada bênção e vitória. Esse tipo de visão era tido como potencialmente fatal e, no entanto, Jacó recebeu permissão de viver e também de crescer espiritualmente em resultado da experiência. Ver Gên. 16.13 e Êxo. 33.20 quanto a algo similar. Ver também Gên. 28.19; 31.47 e 32.2. Ninguém jamais poderá ver Deus em sua verdadeira essência (João 1.18), mas Ele tem sido visto de maneiras secundárias, figuradas e visionárias. Ver João 1.18 no *Novo Testamento Interpretado* quanto a completas explicações a respeito.

Penuel é uma forma alternativa do nome. Ele deixou o lugar onde lutara com Deus. Agora era Israel, e não mais Jacó. Alguns estudiosos pensam que foi nesse ponto que Jacó se converteu. Ele era um *novo homem* a caminho de um *novo lar*. Mas antes disso teria de encontrar-se com Esaú. Deus, porém, também cuidaria disso. Agora Jacó estava *aleijado*, e andava capengando. A marca da luta tinha ficado nele. Alguns supõem que Jacó tenha ficado permanentemente aleijado como lembrete. Talvez, mas não dispomos de informações sobre o assunto. Contava-se na família de meu pai (que trabalhava em uma estrada de ferro) a história de um empregado da estrada de ferro que vivia longe de Deus. Em um acidente, ele perdeu uma perna. Isso transformou a sua vida, e acabou produzindo a sua conversão. Seu aleijão tornou-se um lembrete permanente de sua "vitória".

32.31

"Após o toque deformador, a luta de Jacó tomou uma nova direção. Agora aleijado em suas forças naturais, tornou-se ousado na fé" (Allen P. Ross, *in loc.*).

32.32

O nervo do quadril. Para os judeus tornou-se proibido comer dessa parte de um animal, porque ali o Anjo do Senhor tocara em Jacó e o deixara aleijado. Assim, essa parte do corpo sempre foi considerada um tanto sagrada: e esse sentimento foi transferido até para os animais que servissem de alimento. A proibição celebrava a experiência de Jacó, que era considerada uma importante experiência para Israel; pois a *Israel* é que Deus se tinha manifestado, tornando-o um Príncipe de Deus. Essa porção dos animais tornou-se um memorial da presença divina. "O que seria esse nervo, nem judeu e nem cristão são capazes de dizer, e isso nada acrescenta ao nosso conhecimento e nem a uma verdadeira compreensão do texto, além de multiplicar conjecturas" (Adam Clarke, *in loc.*). Esse erudito pensa que a parte que foi injuriada foi a *virilha*. A Vulgata diz que o nervo *encolheu*, o que é refletido em algumas traduções. Provavelmente isso indica que houve uma injúria permanente no caso de Jacó. Mas a Septuaginta diz aqui "amortecido", o que talvez indique uma injúria temporária.

Uma Espécie de Ordenança. No caso de Abraão, Deus impôs a circuncisão. No caso de Israel, certa parte do corpo de animais a serem consumidos foi vedada na alimentação, porquanto Deus havia infligido *outro tipo* de operação física em Jacó, por assim dizer.

John Gill pensa que a questão inteira envolve apenas uma *superstição*, além de informar-nos que na Mishna todo um capítulo foi dedicado a tratar da questão, proibindo que certa parte de um animal morto fosse comida. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mishna*. Em certos círculos houve tanto exagero quanto à questão que os judeus se negavam a comer qualquer nervo da parte posterior do corpo de um animal, visto ser difícil identificar exatamente qual nervo estaria envolvido. Outros chegaram ao extremo de comer qualquer porção dos quartos traseiros de um animal, e não apenas os nervos daquela porção.

Capítulo Trinta e Três

Jacó Encontra-se com Esaú (33.1-15)

Os críticos atribuem esta seção a uma combinação das fontes informativas *J* e *E*. Ver o artigo *J.E.D.P (S.)* no *Dicionário* quanto a informações sobre a teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Conforme os críticos pensam, a continuação do uso do nome Jacó, em vez de Israel (Gên. 32.28), deve-se a fontes múltiplas, uma ou outra das quais não levou em conta a mudança de nome.

Chegamos agora ao muí longamente esperado e temido encontro de Jacó com Esaú. O coração de Jacó havia sido transformado, e agora ele *anelava* por reconciliar-se com seu irmão. Ele havia preparado restituição, porque havia prejudicado a Esaú (os ricos presentes que lhe ofereceria; ver Gên. 32.13 ss.). Mas Esaú não se mantivera rancoroso, e aquilo que Jacó tanto havia temido terminou por se tornar uma alegre reunião em família, com muito amor e respeito mútuo. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! A providência de Deus continuava a cuidar de Jacó. Esse é um tema central ao longo do livro de Gênesis. Ver no *Dicionário* o artigo *Providência de Deus*.

33.1

Esaú se aproximava. Jacó levantou os olhos e viu a figura temida. Ali estavam Esaú e seu ameaçador exército de quatrocentos homens. A maior parte do que tememos nunca se materializa. Durante a Segunda Guerra Mundial, declarou o presidente Roosevelt, dos Estados Unidos da América: "Nada temos que temer, exceto o próprio temor". Talvez os homens de Esaú tivessem chegado armados. Mas o próprio texto nada diz. No entanto, se tinham vindo armados, foi porque Esaú não sabia o que poderia esperar da parte de Jacó. Mas vendo que não havia perigo algum, e tendo passado pelos três rebanhos que Jacó havia preparado como um presente (Gên. 32.13 ss.), abandonou de vez a idéia de atacar a Jacó e a seu grupo.

Mostrando-se à altura da transformação de Jacó, devido às experiências espirituais deste, Esaú sempre demonstrou um caráter superior. Assim sendo, por que ele foi aviltado? Simplesmente porque assim os livros pseudepígrafos o avaliaram, o que acabou sendo uma forma padronizada de os judeus o avaliarem. E isso foi transferido para o Novo Testamento (Rom. 9.13; Heb. 12.16). Mas se nos ativermos ao relato veterotestamentário a seu respeito, chegaremos à conclusão de que ele teve momentos de insensatez, como quando vendeu por quase nada o seu direito de primogenitura, mas também que, excetuando esses maus momentos, ele sempre se mostrou uma pessoa honrada. Esaú voltou a encontrar-se com Jacó quando os dois sepultaram a seu pai, Isaque (Gên. 35.29), e assim os dois cumpriram os seus deveres filiais até o fim.

As Quatro Divisões. Temendo ainda o pior, Jacó tinha dividido seus filhos sob os cuidados de suas quatro mulheres. Ele haveria de enviar seus familiares em grupos distintos até a presença de Esaú, tal como havia feito com seus rebanhos (Gên. 32.16). Parece que essa foi outra tentativa de apiacar a Esaú, mediante adiamento. Ou talvez ele tenha pensado que, se Esaú chegasse a dizimar o primeiro grupo (liderado por uma de suas concubinas), então os outros três grupos pelo menos poderiam tentar escapar.

33.2

Uma Hierarquia. Em primeiro lugar apresentaram-se Bila e Zilpa, com seus respectivos filhos. Em seguida, Lia, com seus seis filhos e uma filha. Depois,

Raquel e José. E, finalmente, Jacó. E isso pelas razões esclarecidas acima. E a *seqüência* de apresentação, sem dúvida, evidenciava o amor e a preocupação variegados de Jacó por cada grupo. Os mais chegados ele guardou para o fim, Raquel e José. Posteriormente, os filhos de José tornaram-se os favoritos de Jacó. Despedaçava o coração enviar um filho a uma situação de perigo, ao mesmo tempo em que retinha um filho mais amado para evitar aquele mesmo perigo, durante algum tempo. Essa foi a agonia que Jacó precisou enfrentar. "Ele mandou à frente a quem estimava menos" (Adam Clarke, *in loc.*).

33.3

Jacó Mostra-se Humilde. Subitamente, encorajando-se, Jacó não obedeceu a todos os passos de seu plano, de ir apresentando aos poucos os seus entes queridos. Mas foi diretamente ao encontro de Esaú. Jacó aproximou-se dele humilde e contrito. Prostrou-se diante de seu irmão por *sete vezes*, embora ainda na noite anterior tivesse enfrentado o Anjo do Senhor, lutando com Ele a noite inteira e prevalecendo. Submeteu-se ao perigo, com fé no coração e uma oração nos lábios. Somente a ajuda de Deus poderia livrá-lo agora. Não tinha justificativa, e nenhuma virtude que pudesse apresentar como motivo para continuar vivo.

"Esse ato de prostrar-se, no Oriente, é feito dobrando o corpo para a frente, com os braços cruzados, a mão direita sobre o peito" (Ellicott, *in loc.*).

Prostrando-se, Jacó aproximou-se. De tantos em tantos passos, ele se prostrava. O orgulhoso suplantador, o enganador, o fugitivo, agora enfrentava os seus pecados, a situação que ele mesmo havia criado fazia muitos anos. Todos nós acabamos por nos encontrar conosco mesmos. Ver no *Dicionário* o verbete *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

O Símbolo. Jacó era como um pecador contrito que se lança à misericórdia de Deus. E, tal como Jacó, o pecador é acolhido com um caloroso abraço, seus pecados perdoados. A comunhão tomara o lugar do temor.

33.4

A Magnanimidade de Esaú. Esaú não hesitou, mas correu ao encontro de Jacó. Quem tomou a iniciativa foi Esaú. Ele abraçou Jacó; e ambos choraram. Passaram-se cerca de vinte anos, desde que se tinham visto pela última vez. "Quão sincera e genuína foi essa conduta de Esaú, e, ao mesmo tempo, quão magnânimo! Ele sepultara todo o seu ressentimento e esquecera todas as ofensas" (Adam Clarke, *in loc.*). "Já tínhamos recebido antes (Gên. 27.38) uma prova de que Esaú era homem de sentimentos calorosos; e agora vemos, de novo, como ele foi dominado por seus impulsos amorosos" (Ellicott, *in loc.*). Os antigos manuscritos dos hebreus tinham marcas aqui, para que o leitor notasse que algo de maravilhoso havia sucedido. Isso era interpretado positivamente por alguns, e negativamente por outros (como se Esaú tivesse sido um hipócrita nessa demonstração de afeto). Mas como é óbvio, seu amor era genuíno, e é bem possível que aquele sinal servisse para mostrar ao leitor um tão notável exemplo de amor fraternal, inesperado por parte de Jacó. Bastava de temor; bastava de medo. A graça de Deus havia resolvido o problema da maneira mais extraordinária. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Amor.* O amor é a essência mesma e a prova da espiritualidade (I João 4.7 ss.).

33.5

Quanta Gente! "Quem são todas estas pessoas?", indagou Esaú. Embora separados por cerca de setecentos e cinqüenta quilômetros apenas, parece que nunca houvera intercomunicação entre os dois ramos da família de Isaque. Havia *quatro* mulheres e *doze* filhos (incluindo Diná), e Esaú estava querendo uma explicação. Os filhos eram reputados uma bênção do Senhor, a fertilidade era tida como grande vantagem, e famílias numerosas eram algo desejável (Sal. 127.3). Em conseqüência, o grande número de filhos de Jacó mostrava a Esaú que o Senhor estava com seu irmão.

33.6

As servas. Ou seja, Bila e Zilpa, cada qual com seus dois filhos, foram apresentadas a Esaú. Elas cumprimentaram respeitosamente o irmão de seu marido, de quem eram cunhadas. Os filhos de Bila eram Dã e Naftali, e os de Zilpa eram Gade e Aser, todos os quatro destinados a tornar-se patriarcas de Israel, cabeças de tribos.

33.7

Lia e seus filhos. A primeira esposa de Jacó, Lia, a irmã mais velha de Raquel, apresentou-se com seus filhos: Rúben, Simeão, Levi, Judá, Issacar e Zebulom (seis filhos) e Diná (a filha). Esses filhos estavam destinados a ser chefes de outras tantas tribos que formariam uma parte da nação de Israel.

José e Raquel. Raquel tinha apenas um filho. Tempos depois, ela teria Benjamim, mas morreria do parto. José seria o filho favorito, e seus filhos seriam altamente estimados por Jacó. Por esse tempo, José estaria com sete anos de idade. Não houve tribo de José, em Israel, mas Efraim e Manassés, filhos de José, tornaram-se cabeças de tribos, porquanto tinham sido adotados por Jacó como se fossem seus filhos (Gên. 48.5). Estritamente falando, isso formaria treze tribos, mas apenas doze são formalmente consideradas (Êxo. 24.4; Jos. 4.2). Levi, embora filho, ocupou posição de medianeiro entre Yahweh e a nação de Israel, e não dispunha de território próprio.

Lia e Raquel, além de serem cunhadas de Esaú, eram também suas primas, pois Jacó, Raquel e Lia eram primos. Todos demonstraram o devido respeito por Esaú, cada grupo por sua vez, conforme Jacó os tinha disposto em ordem (ver Gên. 33.1,2).

33.8

Os Presentes. Jacó havia exagerado. Tinha separado quinhentos e oitenta animais dos tipos mais valiosos para alimento, vestuário e viagens (Gên. 32.14,15). Ele havia dividido esses animais em três grupos (Gên. 32.19), cada um dos quais deveria aproximar-se em separado, dando tempo para Esaú esfriar a sua indignação (se ele continuasse irado e estivesse disposto a atacar). Foi preciso muito tempo para fazer passarem os presentes diante de Esaú. Tudo era um tanto misterioso. Por isso, agora Esaú desejava saber a *razão* daquilo tudo. O próprio Jacó explicou que se tratava de um presente para "lograr mercê" na presença de seu irmão, a pessoa a quem ele tanto havia ofendido. "Nos países orientais era comum levar presentes a amigos e, especialmente, a grandes homens, sempre que houvesse visitas. E todos os viajantes em geral testificam que assim continua sendo o costume, até estes nossos dias" (John Gill, *in loc.*).

33.9

Guarda o que tens. Essas palavras de Esaú mostram o desinteresse de Esaú pelos bens materiais. Sem importar quais fossem os defeitos de Esaú, ele não era ganancioso como Labão. Ele tinha o bastante. O Senhor Deus também o havia abençoado, podemos ter certeza. Os presentes de Jacó mostraram-se desnecessários. Esaú não precisava ser subornado, porquanto havia amor fraternal em seu coração.

O amor concede em um momento
O que o trabalho não faz em uma era.

(Goethe, *Torquato Tasso*)

Os judeus e os árabes conferenciam interminavelmente, mas há entre eles matanças e vinganças de parte a parte, ao passo que um pouco de amor poderia resolver esses problemas em um único dia.

Se quiseres ser amado, ama.

(Hecato, *Fragmentos*)

O amor é a essência e a prova da espiritualidade (I João 4.7 ss.). Ver no *Dicionário* o artigo *Amor.*

"No amor não existe medo: antes, o perfeito amor lança fora o medo" (I João 4.18).

33.10

Mas Jacó insistiu. É um erro supormos aqui que Esaú queria receber os presentes, mas que, de acordo com a polidez e a maneira de barganhar dos orientais, foi obrigado a permitir que Jacó primeiro o *convencesse.* Esaú realmente não queria os bens materiais. Por outra parte, teria sido uma bofetada no rosto de Jacó não aceitar o que lhe era oferecido tão generosamente. Portanto, deixou-se convencer.

Vi o teu rosto. Jacó disse que a fisionomia de Esaú lhe parecera o semblante de Deus, como se tivesse visto o próprio Elohim. E, em certo sentido, isso era uma verdade. A bênção, os cuidados e a proteção de Elohim transpareciam no rosto de Esaú, e o coração de Jacó saltava-lhe no peito ao entender que suas orações haviam sido respondidas; e assim os seus temores chegaram ao fim. Quando amamos, não há motivos para termos medo de Deus. Antes, Ele é o grande Benfeitor de toda a humanidade, e Seus decretos resultam em prosperidade e bem-estar. O texto fala sobre a providência de Deus, uma mensagem constantemente reiterada no livro de Gênesis. Ver no *Dicionário* o verbete *Providência de Deus.*

Talvez tenha havido alguma hipérbole na exclamação de Jacó sobre o semblante de Elohim, mas podemos estar certos de que o seu coração estava invadido pela alegria naquele momento.

O amor estampado no rosto de uma pessoa é um reflexo do semblante de Deus, porquanto Deus é a fonte de todo amor, seu manancial e garantia. Quando alguém ama e é amado há algo de divino nisso; e quando buscamos o amor, buscamos a Deus, mesmo que não tenhamos consciência disso. O *amor* é, virtualmente, o único princípio que todas as filosofias e religiões aprovam de forma *unânime*. Nas religiões e filosofias mais avançadas, o amor é o princípio controlador e a grande inspiração. Não obstante, é *mais fácil odiar*. E muitos, embora donos de uma *teoria* correta, odeiam em nome do amor ou da espiritualidade.

33.11

Aceitar Era Forçoso. Naquele tempo, no Oriente, rejeitar um presente era um ato de hostilidade. Já a aceitação era um ato de amizade. A última dúvida se Esaú queria causar dano ou não, e se Jacó havia achado mercê ou não, seria removida quando Esaú recebesse o presente de Jacó. Por isso, apesar de não querer o presente nem dele precisar, acabou por aceitá-lo. Nisso há toda uma lição espiritual. Deus oferece a Sua salvação por meio da graça, mas ela não é eficaz enquanto a pessoa não a *aceita*. E, então, evapora-se a hostilidade entre o homem e Deus.

Ter Sorte. Ainda havia o envolvimento de outro fator. Era considerado um golpe de sorte receber um presente, e Deus era considerado a fonte de toda boa sorte. Ver I Sam. 25.27; 30.26.

Compartilhando as Riquezas. A generosidade é um grande princípio ético. Ser generoso com os próprios bens é uma maneira de viver segundo a lei do amor. A generosidade faz parte da espiritualidade. O cristianismo de Tiago enfatiza a generosidade (Tia. 2.14 ss.). Deus é a fonte de toda boa dádiva (Tia. 1.17). Jacó, pois, queria *compartilhar* seus bens. Elohim, que lhe havia dado tantas bênçãos, jamais mostrar-se-ia pobre com ele. Continuaria a abençoar a Jacó, para que este pudesse continuar compartilhando seus bens. Ver o detalhado artigo sobre *Liberalidade e Generosidade*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*.

"Porque Deus amou o mundo de tal maneira que *deu*. . ." (João 3.16).

33.12

Eu seguirei junto de ti. Agora, Esaú e Jacó eram amigos, e Esaú propôs que viajassem juntos, até Seir (vs. 16). Mas suas veredas, que se tinham cruzado por tão pouco tempo, só haveriam de cruzar-se de novo até que os dois sepultassem Isaque, pai deles (Gên. 35.29). Esaú, o mais extrovertido dos dois irmãos, queria prolongar o encontro. Mas Seir ficava fora da rota de Jacó. Ele estava seguindo em direção a Hebrom. E embora talvez tencionasse seguir após Esaú e visitá-lo em Seir (vs. 16), acabou não cumprindo a sua intenção. Se os dois homens tivessem examinado juntos os seus itinerários, teriam verificado que poderiam descer de Peniel a Hebrom (cerca de cento e sessenta quilômetros), permanecer ali por algum tempo (que é um lugar bem fora da rota), e, então, Esaú poderia ter ido sozinho até Seir, talvez viajando mais cento e sessenta quilômetros. Mas parece que Jacó não compartilhava do entusiasmo de Esaú quanto a uma viagem juntos. Além disso, ele estava ansioso por chegar *em casa*, após cerca de vinte anos "fora" de sua terra.

33.13

As crianças e os animais novos não estavam fisicamente preparados para caminhar cento e sessenta quilômetros extras até Seir, e depois mais cento e sessenta quilômetros de volta a Hebrom. Era ótimo estar novamente com um irmão amigo, todos os antigos ferimentos cicatrizados; mas as crianças tinham prioridade. As razões de Jacó eram boas. Por outra parte, talvez seja verdade, conforme disse Cuthbert A. Simpson (*in loc.*), que Jacó "soltou um suspiro de alívio", quando Esaú dirigiu-se novamente ao deserto, sem que ninguém saísse prejudicado ou ferido. Seja como for, já tinha havido excitação suficiente para aquele dia, e Jacó, agora livre, tanto de Labão quanto de Esaú, sentia-se capaz de completar sua viagem de volta para *casa*. Estava apenas a cerca de cento e sessenta quilômetros dali. Quando um homem está voltando para casa, depois de uma longa ausência, é melhor não complicar o quadro.

O filho mais velho de Jacó, Rúben, deveria estar com treze anos de idade, e José deveria ter sete anos. Já estavam sofrendo muita tensão. A preocupação com os filhos é característica de um bom pai.

33.14

Eu seguirei. . . no passo do gado. . . e no passo dos meninos. Esaú poderia marchar rapidamente com seus homens armados. Mas Jacó seguiria lentamente com seus meninos e seus animais novos. E Jacó se encontraria com Esaú em *Seir* (ver o artigo detalhado sobre esse lugar no *Dicionário*; ver também as notas em Gên. 14.6 e 32.3). Mas o encontro em Seir nunca aconteceu. "Posteriormente, ocorreram circunstâncias que tornaram impraticável ou mesmo impróprio o encontro. E descobrimos que posteriormente Esaú mudou-se para Canaã, e que ele e Jacó habitaram ali, juntos, por vários anos. Ver Gên. 36.6-7" (Adam Clarke, *in loc.*). Depois de ter habitado em Canaã por algum tempo, Esaú regressou a Seir, porque ele e Jacó tinham ficado ricos demais para que a região pudesse suportar seus muitos animais.

". . .ele se propôs a movimentar-se lentamente, como faria tanto um pai sábio, cuidadoso e terno com a sua família, quanto faria um pastor com o seu rebanho" (John Gill, *in loc.*).

33.15

Esaú Oferece Ajuda. Ele tinha homens fortes consigo. Queria deixar alguns deles para que ajudassem Jacó pelo caminho. Mas Jacó não via necessidade dessa ajuda, e deu-se por excusado. Jacó conhecia o caminho e não precisava de guias. As coisas estavam sob controle. Ele tinha encontrado *graça* diante de seu irmão. Feridas tinham sido curadas. Tinha havido uma completa reconciliação. Para ele, isso era suficiente, por isso declinou do oferecimento de ajuda por parte de Esaú. A benevolência de Esaú tinha sido suficiente para aquele encontro.

33.16

Assim voltou Esaú. . . a Seir, esperando ver Jacó ali. Mas isso não sucedeu. Todavia, passaram juntos alguns anos em Canaã, sempre em um bom relacionamento (Gên. 36.6-7). É bom quando antigas ofensas são reparadas e restituição é feita. Quantas disputas em família nunca são solucionadas, e os respectivos membros morrem com ódio no coração!

"Assim sendo, houve milagres na vida de Jacó e de Esaú. Em *Jacó*, Deus injetou o espírito de humildade e de generosidade. E Esaú foi transformado de um homem que buscava vingar-se para um homem que desejava reconciliar-se. Essas *mudanças* serviram de prova de que Deus havia dado a Jacó uma resposta à sua oração (32.11)" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Jacó em Siquém (33.17-20)

Os críticos atribuem esta pequena seção a uma combinação das fontes *J, E* e *P(S.)*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *J.E.D.P.(S.)*, quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. *Sucote* (vs. 17) ainda não foi descoberta pela arqueologia, e o local é desconhecido, mas Juízes 9.28 indica que os filhos de Hamor formavam um dos clãs mais importantes de Siquém. Um terreno foi ali comprado e finalmente tornou-se o local do sepultamento de José (Jos. 24.32). Um santuário a Yahweh (para promover o Yahwismo) foi construído ali (vs. 20), razão pela qual evidentemente tornou-se outro centro da crescente nova fé. Jacó deve ter ficado ali por algum tempo, visto que lemos que ele se deu ao trabalho de construir ali uma casa, com acomodações para os seus animais (vs. 17). Finalmente, mudou-se para Hebrom, seu lar.

33.17

Sucote. Provi um detalhado artigo sobre esse local no *Dicionário*. Ver o segundo ponto do artigo. Outra cidade com esse nome, no Egito, também aparece em Êxodo 12.37. Esse termo significa *tendas*. Embora nada se saiba com certeza acerca da localização dessa cidade, em Canaã, ela tem sido tentativamente identificada com o Tell Akhsos ou com o Tell Deir'alla.

Nesse lugar, Jacó edificou uma *casa*, além de acomodações para seus animais. E com base nessa circunstância foi que o local recebeu sua designação. Isso indica que Jacó tencionava permanecer ali por algum tempo (não designado). Finalmente, porém, mudou-se para Hebrom, seu lar e seu alvo original. Não se sabe com certeza por que Jacó armou as tendas para seu gado, o que sem dúvida era algo incomum. Talvez quisesse protegê-los, de animais predadores ou do mau tempo.

O Targum de Jerusalém diz que ele ficou ali por um ano; e Jarchi fala em dezoito meses. Mas ambas as informações são meras conjecturas.

33.18

Chegou Jacó são e salvo à cidade de Siquém. Algumas traduções falam aqui em "Salém, uma cidade de Siquém". Mas a tradução correta é aquela que temos em nossa versão portuguesa. Aquelas traduções seguem a Septuaginta, a versão Siríaca Peshitta e a Vulgata. Se houve mesmo uma cidade chamada "Salém", então ela perdeu-se totalmente para nós, e nenhuma informação existe.

Siquém. No *Dicionário* ofereci um artigo detalhado sobre esse lugar. Era uma cidade que Hamor tinha construído, chamando-a pelo nome de seu filho. Trata-se da mesma Sicar de João 4.5. Jacó precisou atravessar o Jordão para chegar ao lugar, embora o texto não mencione o fato. O lugar ficava perto de Samaria. A palavra "Siquém" significa *ombro*. Não se sabe por que Hamor deu tal

nome a um de seus filhos. Há informações sobre esse nome e sobre sua família em Gên. 34; Jos. 24.32 e Juí. 9.28. A cidade ficava a cerca de trinta e dois quilômetros do rio Jordão, na terra de Canaã.

Jacó, a caminho de casa, foi conservado em segurança. Ele passou por Siquém (talvez tendo ficado ali por alguns anos), durante os quais Diná cresceu e se tornou donzela casadoura (Gên. 34). Ele havia descido de Padã-Arã (Gên. 25.20), lugar da residência de Labão. Tinha feito uma viagem de cerca de setecentos e cinqüenta quilômetros, e agora estava bem perto de casa. Mas antes de chegar, teria de passar pela mui desagradável experiência que envolveu a filha de Lia, Diná, única filha de Jacó mencionada em todo o Antigo Testamento. O relato figura no capítulo trinta e quatro do Gênesis. O incidente maculou tremendamente uma viagem que em tudo mais foi excelente, cheia de segurança e de alegria.

33.19

A parte do campo. . . ele a comprou. A exemplo do que Abraão tinha feito (que comprara o campo de Macpela), um incidente narrado com detalhes no capítulo vinte e três. Foi em Macpela que Sara e outros membros da família patriarcal foram sepultados. E o terreno agora comprado por Jacó tornou-se o lugar de sepultamento de José (Jos. 24.32). A compra feita por Jacó teve lugar cem anos após a compra feita por Abraão. Abraão tinha comprado seu terreno dos filhos de *Hete* ou hititas, e Jacó, dos filhos de Hamor.

Por cem peças de dinheiro. Não devemos pensar em moedas, uma invenção posterior, mas em um *peso*. Não há como traduzir o valor para termos modernos. O termo hebraico aqui usado é *qesitah*. Ver a *Encíclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, no artigo *Pesos e Medidas*, em seu quarto ponto, onde se lê que, talvez, fosse um lingote de prata com valor suficiente para comprar um cordeiro. Os amigos de Jó, quando ele se recuperou, deram-lhe cada qual uma quesita e um anel de ouro (Jó 42.11). Alguns intérpretes judeus supunham que Jacó tenha pago o terreno com cem *cordeiros*, embora não haja respaldo bíblico para isso. Estêvão (Atos 7.16) menciona o dinheiro dessa transação. Curiosamente, no livro de Atos, *Abraão* aparece como quem comprou esse terreno. Essa dificuldade é amplamente discutida no *Novo Testamento Interpretado*.

Hamor. Ver as notas em Gên. 34.2.

33.20

Levantou ali um altar. Apesar de suas boas qualidades, não se lê que Esaú tenha edificado algum altar. Abraão era um homem que levantava altares; e Jacó lhe seguia de perto as pisadas. Ver Gên. 12.7; 13.4,18; 22.9; 26.25; 33.20; 35.1,3,7. O indivíduo voltado para as coisas materiais, ou mesmo o indivíduo bom que se satisfaz com sua vida comum, negligencia o lado espiritual de sua vida. Jacó, tal como seu avô, Abraão, distinguia-se por seu interesse espiritual e por suas experiências místicas (ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Misticismo*). Ver também seus encontros com anjos, em Gên. 28.12 ss.; 31.11; 32.24. Ver as notas sobre a *Adivinhação* em Gên. 31.3. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Anjo* e *Altar*. Ele havia erigido um altar em Betel, após sua profunda experiência espiritual naquele lugar. Ver Gên. 28.18 ss.

Deus, o Deus de Israel. No hebraico, *El-Elohe-Israel*. Isso antecedeu ao estabelecimento da confederação das doze tribos de Israel em Siquém, quando *El* (o nome semítico para *Deus*) foi substituído por *Yahweh*, o Deus de Israel (Jos. 20). Portanto, o Yahwismo estava em pleno desenvolvimento, e formava-se uma fé distintiva dos hebreus, o que é parcialmente indicado pelo uso de vários nomes divinos. Ver no *Dicionário* o artigo *Deus, Nomes Bíblicos de*.

A Permanência de Jacó em Siquém. Uma leitura casual do texto parece indicar que Jacó ficou em Siquém somente por uns poucos meses, mas, visto que Diná cresceu ali até chegar à idade própria de casar-se, devemos pensar antes em termos de alguns anos.

Capítulo Trinta e Quatro

Diná é Seduzida com Graves Conseqüências (34.1-31)

Os críticos atribuem esta seção (o capítulo inteiro) a uma combinação das fontes informativas *J* e *P(S)*. Ver no *Dicionario* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.)* quanto a informações sobre a teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

Diante de nós temos uma história de culpa e de insensatez. A culpa foi de Siquém, filho de Hamor; a insensatez foi de dois dos filhos de Jacó, que preferiram o homicídio ao casamento. Esta turbulenta história é uma daquelas estranhas mesclas de bem e de mal. Há muita comoção na violação de uma garota; e também há terror, assassínio e violência. Essa é a vida "crua", que a Bíblia nunca esconde de nós. Siquém cometeu um grande mal, mas procurou corrigir seu ato mediante o amor e o casamento. Mas a ira de dois dos irmãos de Diná transformou uma tragédia em uma tragédia maior ainda. As teias do pecado apanharam todos eles, causando desgraças para todos os lados. Temos nisso uma triste lição acerca do poder do pecado, o qual tratamos com tanta negligência. Dificilmente pecamos *sozinhos*. De alguma maneira, outras pessoas são envolvidas em nossos pecados ou em seus resultados. Duas tribos sofreram nessa oportunidade, porque um jovem permitiu-se ser arrebatado por suas paixões. A vida humana diária é repleta de paixões que avassalam, e a destruição torna-se descontrolada.

Havia fortes sentimentos contra casamentos com os cananeus, o que é ilustrado no capítulo vinte e quatro do Gênesis, onde o servo de Abraão viajou por cerca de mil e quinhentos quilômetros (ida e volta), a fim de buscar uma noiva para Isaque. Outro tanto sucedeu a Jacó, o qual foi até Padã-Arã (por ordem de sua mãe, Rebeca), a fim de obter uma noiva dentre a família de Labão (Gên. 29). Assim, se os irmãos de Diná continuaram com o espírito de Abraão acerca dessa questão (também ficaram indignados diante da violação de Diná), parece que o problema poderia ter sido solucionado sem a necessidade de apelar para o homicídio. Até Jacó ficou profundamente perturbado diante da "solução" violenta de Simeão e Levi (vs. 30).

A Amarga Colheita. "Jacó estava colhendo o que tinha plantado em seus anos maus (Gál. 6.7,8)" (*Scofield Reference Bible, in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

34.1

Diná. Ver as notas sobre ela em Gên. 30.21. Ela era a única filha de Jacó (por meio de Lia), de que se tem notícia na Bíblia. Sendo filha única, sem dúvida era muito amada por seu pai, por sua mãe e por seus irmãos. E esse sentimento sem dúvida foi um dos ingredientes na violência que resultou do defloramento da jovem.

Talvez Jacó e sua família já estivessem agora em Siquém por cerca de oito anos, conforme pensam alguns eruditos. Pelo menos Diná havia chegado à idade de casar-se, estando talvez com catorze anos.

Uma Visita Amigável. Diná saíra para visitar amigas. Foi um ato inocente. Os intérpretes imaginam daí mil coisas. Alguns chegam a objetar à *visita*, pensando que a família de Jacó deveria tê-la guardado melhor. Mas o registro do Gênesis mostra-nos que Abraão mantivera relacionamento amistoso com aqueles vizinhos, não havendo indicação alguma de que os patriarcas se separavam de seus vizinhos, exceto no tocante à questão do casamento. Alguns intérpretes (como Josefo) supõem que Diná tenha ido a uma festa dos cananeus, embora o texto faça silêncio a esse respeito. O Targum de Jonathan diz que ela estava curiosa para saber que tipos de vestes e de costumes as mulheres das circunvizinhanças usavam. Aben Ezra ajunta que ela foi sem o consentimento de seus pais, embora tais detalhes sejam meras conjecturas.

34.2

Siquém, filho do heveu Hamor. Não dispomos de informes sobre esse homem, exceto o que podemos depreender do texto sagrado, embora as tradições adicionem detalhes duvidosos. Ele era "filho de Hamor, o heveu que desvirginou Diná, filha de Jacó e Lia, e foi morto por Simeão e Levi" (Gên. 34; Jos. 24.32; Juí. 9.28). Siquém viveu por volta de 1730 A. C. Hamor era um príncipe, portanto temos aqui o filho de um príncipe que se aproveitou de uma menina inocente, um ato de violência e sensualidade pelo qual ele precisou pagar muito caro. Seu pai era um *chefe*, e por isso Siquém pensava que poderia fazer o que bem entendesse, com impunidade.

Hamor. No hebraico, *asno*. Esse era o nome de um príncipe de Siquém, pai do jovem Siquém (nome que, de acordo com Josefo, significa rei). Siquém desvirginou Diná. Ela era a filha única de Jacó (Gên. 34.2). Desse homem, Jacó tinha comprado um campo (Gên. 33.19), que posteriormente serviu de lugar do sepultamento de José (Jos. 24.32). Atos 7.16 diz que a compra foi feita por Abraão. Discuto sobre o problema no *Novo Testamento Interpretado, in loc.* Hamor era um heveu. Ver a nota sobre os *heveus*, em Gên. 10.17. O povo assim chamado descendia de Canaã, constituindo uma das várias populações que ocupavam o território de Canaã. Não temos nenhuma outra informação sobre Hamor além do que este texto nos sugere, exceto alguns poucos detalhes tradicionais duvidosos.

Humilhação e aflição era uma descrição judaica comum para a violação sexual de uma mulher.

34.3

Sua alma se apegou a Diná. Não foi alguma paixão trivial. Siquém fez algo que não devia, mas quis corrigir o seu erro. Ver no *Dicionário* o artigo

intitulado *Reparação (Restituição)*. Esse será sempre um sinal autêntico de arrependimento, requerido sempre que possível. Siquém quis reparar seu ato errado mediante casamento. Ele estava apaixonado por Diná. Sua alma se tinha apegado a ela. Tinha errado gravemente, mas agora queria reparar o seu erro. *Implorou* que seu pai conseguisse Diná como sua esposa. Procurou corrigir seu erro falando ternamente com ela, na esperança de eliminar a desgraça dela e obter o seu amor. Ele tinha usado a força, mas agora tentava obter amor.

34.4

Um Pedido Especial. Siquém não estava apenas tentando melhorar uma situação errada, nem fingia amar a jovem Diná. Seus sentimentos eram tão profundos por Diná como os de Jacó por Raquel. Poderia ser outra grande história de amor, mas o pecado havia estragado tudo de forma irreparável.

"Siquém, como fazem muitos homens em qualquer tempo, havia cometido uma grande maldade, não de forma deliberada, mas através de um impulso súbito e da falta de autocontrole, que podem transformar um homem em um desvairado moral" (Walter Russell Bowie, *in loc.*). Conheci o filho de um pastor que, em uma subita paixão, violentou uma mulher em um hospital, onde ele trabalhava. Em resultado de seu ato tresloucado, passou vários anos em uma prisão, enquanto seus familiares agonizavam por causa da questão.

O versículo vinte e seis deste capítulo indica que houve algum progresso nas negociações, parecendo que ia haver casamento. Diná chegou a ficar na casa de Hamor, não se sabe dizer por quanto tempo.

34.5

Quando soube Jacó. De coração confrangido, ele ouviu a notícia estarrecedora. E então transmitiu a péssima notícia a seus filhos. Naquele momento, Siquém era um homem morto, para todos os efeitos práticos.

Jacó poderia tentar vingar-se ou poderia mostrar-se moderado. Mas ele não era adversário à altura para os heveus. Aos irmãos de Diná caberia o dever de efetuar a vingança. Pacientemente, Jacó suportou sozinho toda a dor, sem acusar Lia por haver permitido que sua filha andasse à vontade pela vizinhança, e sem se deixar arrebatar pela ira.

34.6

Hamor. Ver as notas sobre esse homem em Gên. 34.2. Na qualidade de pai de Siquém, ele tomou sobre si o dever de tentar acalmar as coisas, buscando conseguir Diná como esposa para seu filho. E tentou arranjar o casamento com Jacó, pai de Diná, conforme era costumeiro. E Hamor tomou a iniciativa, atendendo ao pedido de seu filho (vs. 4).

34.7

A Ira dos Filhos de Jacó. O costume dizia que os irmãos de uma jovem violentada deveriam vingar-se por ela; e agora eles ansiavam por cumprir o seu papel. Estavam revoltados e consternados, uma combinação de emoções que facilmente desandaria em violência.

Siquém praticara um desatino em Israel. Uma expressão muito usada no Antigo Testamento para indicar pecados de natureza sexual. Ver Deu. 22.21; Jui. 19.23,24; 20.6,10; II Sam. 13.12,13; Jer. 29.23. A expressão é usada em Jos. 7.15 para aludir à impiedade de Acã, ao ficar com certos objetos, por ocasião da captura de Jericó, contra uma estrita proibição divina.

Em Israel. O pessoal de Jacó, assim chamado, porque estes registros foram compilados quando Israel já era uma nação, e esse vocábulo foi aqui inserido como um anacronismo. *Quanto tempo* depois que Israel se tornara uma nação, não se sabe dizer. Os eruditos liberais escolhem uma data posterior, de acordo com a teoria das fontes múltiplas do Pentateuco, chamada *J.E.D.P.(S.)*. Ver sobre esse assunto no *Dicionário*.

O que se não devia fazer. De acordo com qualquer julgamento da razão, da moralidade ou da civilidade, Siquém havia praticado algo grosseiro e cruel.

"Tolo é aquele que se recusa a reconhecer suas obrigações para com a comunidade à qual pertence. A insensatez, ato de um insensato, por conseguinte, é um ato criminosamente irresponsável, que contribui para a desintegração social e individual" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*).

Por nossas loucuras, que duram tanto,
Mantemos separada a terra do céu.

(Edward Rowland Sill, *The Fool's Prayer*)

34.8

A alma de meu filho. . . está enamorada. Portanto, que Siquém e Diná se casassem, e todos ficassem em paz. Essa foi a mensagem simples e direta de Hamor. Mas havia obstáculos que ele não antecipara, sobretudo que o mal tinha de ser punido. Ademais, a família de Jacó não se casava com os cananeus, e essa atitude dificilmente se modificaria. Hamor tentou simplificar um problema complexo. Alguns problemas não têm solução fácil.

Peço-vos. Estão aqui em foco Jacó *e* seus filhos. Na antiguidade, os casamentos eram contratados entre os chefes das famílias, o que já vimos em Gên. 24.50,51,55,59. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Matrimônio*.

34.9

Aparentai-vos conosco. Hamor pensava que era boa a idéia de casamentos entre os filhos de Israel e os cananeus. Ele estava propondo uma mescla de tribos, e não somente um casamento. Este seria apenas um começo. Haveria então uma cooperação de recursos, de natureza social e comercial, e todos se beneficiariam daí. Ele estava simplificando um problema complexo. Em primeiro lugar, deveria haver vingança pelo erro cometido; em segundo lugar, a família de Jacó, desde duas gerações atrás, não se casava com cananeus. Quando Esaú fizera isso, caíra em desfavor. Gên. 26.34,35. Abraão fizera um grande esforço para evitar que Isaque se casasse com alguma donzela das tribos locais (Gên. 24.3,4), e Jacó e Raquel e Lia tinham seguido esse exemplo (Gên. 28.1 ss.). Posteriormente, tentando corrigir seu erro, Esaú casou-se com uma neta de Abraão, uma filha de Ismael.

Essa forma de exclusivismo passou para o povo de Israel, quando este se organizou como nação, ainda que a regra tenha sido violada por muitas vezes. Isso também tornou-se parte da lei de Moisés (Deu. 7.3). No cristianismo prossegue o princípio, embora não sobre bases raciais. Deve haver compatibilidade *espiritual* entre os crentes (II Cor. 6.14 ss.). Antigas distinções raciais e nacionais foram obliteradas no cristianismo (Gál. 3.28,29).

Filha Única. Por essa altura, Diná era filha *única* de Israel (Jacó). E teria sido um mau precedente se essa *única* filha se tornasse esposa de um cananeu.

34.10

Paz e Comércio. Quando duas tribos habitam um mesmo território mas se hostilizam, os negócios e a prosperidade não somente empacam, como até são destruídos. A paz produz a prosperidade, pois as energias vitais de uma pessoa não são dilapidadas em atos violentos. Hamor sabia do que estava falando. A história das tribos daquela região era continuamente coalhada por sangue e violência. O vs. 23 mostra uma certa duplicidade. Hamor estava querendo vantagens para si mesmo e para sua gente, e não apenas um benefício mútuo para cananeus e israelitas. Ou, então, falou como falou a fim de garantir um acordo, na esperança de que ele redundasse em benefício mútuo, por fim.

Fim do Nomadismo. A família de Abraão seguia um regime de seminomadismo. O oferecimento de Hamor permitiria uma maneira de vida estável, voltada para a agricultura, as artes e as ciências. Eles seriam *donos de propriedades*, e não apenas criadores de gado, sempre vagueando. O esforço por *obter uma propriedade* sempre foi um dos principais motivos da vida humana. O fato de que a maioria dos homens nunca é capaz de prover *casa própria* para seus familiares (ou que precisam trabalhar por trinta anos para conseguirem essa provisão) demonstra a pobreza em que se debate a raça humana. As propostas de Hamor eram aparentemente honrosas, sábias e generosas. Ele estava oferecendo uma boa barganha, que operaria mediante casamentos mistos; mas também estava querendo simplificar um problema muito complexo.

34.11

E o próprio Siquém disse. Portanto, o próprio Siquém fez adições ao que seu pai já havia proposto. Seu pai havia prometido muita coisa. Agora o próprio Siquém fez sugestões, aproveitando o ensejo para falar com Jacó e seus filhos. Ele *compraria* Diná por meio de um vultoso dote, tal como Jacó havia feito, porquanto havia trabalhado por catorze anos a fim de *adquirir* Lia e Raquel (Gên. 29.20,27; 31.15). As atitudes de Siquém demonstraram o quanto ele amava Diná. Ele não estava negando coisa alguma.

34.12

Majorai de muito o dote. No hebraico, dote é *mohar*. Esse era o preço pago por uma noiva aos seus pais. Outros parentes da noiva também podiam esperar ganhar alguma coisa (Gên. 24.53). Além disso, era usual que o noivo desse um ou mais presentes (no hebraico, *matthan*) à noiva. E, em outras ocasiões, o dote

era dado inteiramente à noiva. Esse dote podia ser pago sob a forma de trabalho, o que ficou demonstrado no caso de Jacó.

A questão da sedução de donzelas foi regulamentada sob a legislação mosaica. Ver Êxo. 22.16,17. No *Dicionário* ver o artigo intitulado *Dote*

34.13

Responderam com dolo. Concordaram dos lábios para fora, mas em seu coração eles já haviam planejado o assassinato em massa. Esse plano estava baseado na ira e no desgosto, diante do estupro de Diná. A maioria dos homens de pouco precisa para sentir-se inspirada a enganar ao próximo. Basta um pouco de vantagem própria. Ver no *Dicionário* o artigo *Mentir (Mentiroso).* As palavras "com dolo", aqui usadas foram traduzidas por *com sabedoria,* por Onkelos, Jonathan e Jarchi, mas isso é uma distorção do texto sagrado.

34.14

A Circuncisão é Exigida. Esse era o sinal externo do Pacto Abraâmico (ver Gên. 17.10 e os artigos *Circuncisão* e *Pactos,* em sua quarta seção, no *Dicionário,* e também as notas expositivas em Gên. 15.18 sobre o *Pacto Abraâmico*).

Isso nos seria ignomínia. Não ter sido circuncidado era não fazer parte do Pacto Abraâmico, e era desobedecer à aliança que Deus fizera com Abraão sobre essa questão. Nisso os filhos de Abraão estavam com a razão. "Mas fazer desse princípio santo uma capa para seus propósitos dolosos e assassinos era o cúmulo da iniqüidade" (Adam Clarke, *in loc.*).

34.15

Circuncidando-se todo macho entre vós. Essa foi a condição imposta pelos filhos de Jacó aos homens da tribo de Hamor. Isso não lhes conferiria a fé de Abraão, mas removeria deles o estigma da incircuncisão. Mas talvez, na mente dos filhos de Jacó, isso nada lhes conferiria, pois, desde o começo, a questão inteira era um artifício.

34.16

Seremos um só povo. Os casamentos mistos, depois de algum tempo, criariam um único povo. Todavia, a última coisa que os filhos de Jacó queriam era ser um só povo com os cananeus. Os filhos de Jacó falavam em tom razoável (vs. 18), mas a violência ocultava-se por trás de palavras agradáveis. Somente em Cristo é que todas as nações tornam-se *uma só* (Gál. 3.28,29). O rito da circuncisão não pode fazer isso, nem casamentos mistos. Para que dois sejam um, é mister que haja unidade de alma, e não só de condições externas. Podemos entender, todavia, que os filhos de Jacó queriam dizer que, mediante a circuncisão, os cananeus tornar-se-iam religiosamente orientados, o que os prepararia para aceitar as doutrinas e as práticas de Abraão, mas o próprio texto não aponta para nenhuma revolução dessa natureza. Mas para que entrar em detalhes sobre um plano ardiloso, que visava a enganar?

34.17

E nos retiraremos embora. "Se vocês não concordarem, partiremos daqui", ameaçaram eles. A ameaça era somente levar Diná dali; mas isso constituía uma grande ameaça, por causa do grande amor de Siquém por ela. O vs. 26 mostra-nos que Diná estava na casa de Siquém. Por que ela não havia retornado, não é explicado. É difícil crer que ela tivesse ficado ali retida à força. Talvez ela tivesse concordado em casar-se com Siquém, dependendo de negociações com seu pai, pelo que estava hospedada na casa de seu futuro sogro, até que as negociações tivessem sido concluídas.

"E retiraremos nossa filha à força." Esse é o fraseado do Targum de Jonathan, o que talvez indique que Diná estava sendo retida na casa de Hamor contra a sua vontade.

34.18

Tais palavras agradaram. Hamor e Siquém não fizeram exigências descabidas, mas somente aquilo que contribuía para seu próprio interesse, não impondo condições impossíveis ou mesmo difíceis de cumprir.

É provável que o rito da circuncisão não fosse desconhecido à tribo de Hamor, e que até fosse encarado de modo favorável, embora não praticado por eles. Pelo menos, eles não se ofenderam nem sentiram repugnância. A circuncisão era praticada por muitos povos antigos, o que se vê no artigo sobre esse rito, no *Dicionário.*

34.19

Não tardou o jovem. Siquém não perdeu tempo. Mais tarde haveria necessidade de a tribo inteira concordar em receber o rito. Isso seria conseguido mediante um apelo indireto à cobiça deles (vs. 2), o que pode ter sido dito com seriedade ou não. Mas tudo não passava de outro ardil.

Era o mais honrado. Em um momento de desvario, ele havia desvirginado Diná. Mas fora de certos impulsos desastrosos, ele era, normalmente, o mais honrado elemento da tribo de seu pai. Portanto, ele cumpriu prontamente a parte que lhe cabia, começando a corrigir o erro para poder casar-se com Diná, por causa do grande amor que lhe votava.

34.20

À porta da sua cidade. Hamor e Siquém reuniram os anciãos da cidade a fim de discutir sobre a questão, exortando outros a concordar com o trato que tinham acabado de firmar com Jacó. Quanto a consultas e a negócios efetuados na *porta* de uma cidade, ver Gên. 19.1 e 23.10. Ver também II Sam. 15.2; Nee. 8.1; Sal. 69.12 e o artigo intitulado *Portão,* no *Dicionário,* sobretudo em sua segunda seção.

À porta. "Era ali que se efetuavam os tribunais de julgamento, bem como se resolviam todas as questões públicas acerca do interesse comum dos habitantes da cidade" (John Gill, *in loc.*).

34.21

Estes homens são pacíficos. Até ali, Jacó com seus familiares e os habitantes da região tinham sido bons vizinhos. Eram criadores de gado, semi nômades, e não guerreiros. Coisa alguma tinham jamais furtado, nem provocado contenção alguma. Isso os recomendava para que se fizesse com eles um pacto de amizade e casamentos mistos, a fim de que os dois povos, os heveus e Israel (este ainda em formação), pudessem tornar-se *um só* povo. O território era *espaçoso* o bastante para ambos, fazendo contraste com o caso de Abraão e Ló, que precisaram separar-se (Gên. 13.8 ss.), e também em contraste com a situação que, ainda recentemente, surgira entre Jacó e Esaú (Gên. 36.7 ss.).

A Troca de Filhas. Ver as notas sobre os vs. 9 e 16 deste capítulo, quanto à questão dos casamentos mistos, que inclui a relutância dos membros da família de Abraão em misturar-se por casamento com as tribos cananéias, que viviam à sua volta. Nem os heveus nem a família de Jacó eram numerosas na época, e, conforme parecia a Hamor e a Siquém, seria benéfico para ambos os grupos que eles fortalecessem seus recursos humanos e materiais.

34.22

Consentirão os homens em habitar conosco. Mas o acordo dependia da circuncisão dos homens heveus, sinal do Pacto Abraâmico. Pode-se presumir (embora o próprio texto sagrado nada diga a esse respeito) que os heveus haveriam de seguir a nova fé, que se estava desenvolvendo no Yahwismo. Ver os vss. 14 e 15 quanto a essa condição, que foi proposta de modo *ardiloso.* O assassinato em massa estava no coração dos filhos de Jacó, e não as idéias de incorporação e de unificação.

34.23

Seus animais não serão nossos? Os heveus estabeleceriam com os filhos de Israel uma aliança e, sendo mais numerosos que eles, haveriam de absorvê-los, incorporando Jacó e sua família. Desse modo, eles se tornariam heveus, e não israelitas. Assim, a barganha, que começara como estrada de duas mãos, terminaria *favorável* a eles. Este versículo mostra-nos que os heveus também estavam promovendo uma *armadilha,* tal como o tinham feito os filhos de Jacó, embora segundo um método pacífico, e não violento. Alguns eruditos, porém, pensam que essa declaração servia apenas de *isca,* para obter a cooperação de toda a comunidade dos heveus, não envolvendo nenhuma proposta séria de incorporação e dominação. Não há como saber o que eles, realmente, pretendiam. Mas se este versículo não contém um *ardil,* então as idéias do vs. 21 são aqui contraditas.

Consintamos. Com a dupla finalidade de manter a paz e de agradar o jovem Siquem, o mais honrado dentre os heveus, ao qual todos os heveus respeitavam (vs. 19).

34.24

Houve Cooperação Geral. Todos os varões foram circuncidados, sem nenhuma exceção. O poder dos chefes asiáticos era quase absoluto, e os povos da região estavam acostumados a prestar *obediência passiva.* Além disso, haviam sido apresentados argumentos convincentes, e todos queriam honrar Siquém. Ninguém entre os heveus haveria de desapontá-lo.

34.25

E mataram os homens todos. Foi uma matança completa. Lemos que somente Simeão e Levi estiveram ocupados nessa tarefa sangrenta. Isso indica que os heveus não eram numerosos. Os homicídios foram cometidos quando os súditos de Hamor mais estavam sofrendo. Portanto, o ardil foi seguido por traição. Muitos estudiosos pensam que só Simeão e Levi são mencionados por terem agido como *líderes* na matança, e não porque somente eles usaram da espada. Essa idéia é razoável, embora o texto sacro não explicite isso. Simeão, Levi e Diná tinham a mesma mãe (Lia); e foram eles dois, naturalmente, que assumiram a liderança no massacre. Rúben, que também era irmão de Diná, opunha-se ao derramamento de sangue (Gên. 37.22), e provavelmente por isso mesmo não participou do morticínio. Em uma ocasião posterior, Jacó manifestou-se sobre o que acontecera naquele dia, em termos da mais decisiva desaprovação (Gên. 49.5-7).

"Ainda que a provocação tenha sido muito grave (e sem dúvida assim foi), esse foi um ato sem paralelo de traição e de crueldade" (Adam Clarke, *in loc.*).

Josefo retrata os heveus como quem não só estava sofrendo por causa da recente operação da circuncisão, mas também como quem sofria devido às suas muitas festas e pesada ingestão de vinho. Nesse caso, mostraram-se vítimas fáceis.

"Assim, Siquém havia praticado um *desvario*, e tornara-se culpado do fato. Merecia ser castigado, e os filhos de Jacó estavam resolvidos a ser os agentes castigadores. Mas o que fizeram foi pior do que a ofensa original, mais cruel, mais odioso e mais arruinador. Seus detalhes feios ficaram registrados no relato bíblico, incluindo as palavras de ludíbrio calculado, e então a traição, e, finalmente, a matança sem dó" (Walter Russell Bowie, *in loc.*).

Simeão e Levi mostraram como homens carnais costumam defender o seu alegado direito de maneiras violentas e destrutivas, e também como homens radicais pretendem defender Deus e a verdade usando métodos irracionais e pecaminosos. Esses homens, estribando-se em uma alegada superioridade espiritual, golpeiam e queimam outros seres humanos.

34.26

Os Alvos Centrais da Violência. Siquém merecia ser punido. Mas que dizer sobre o pai dele? E mereceria ele *esse* tipo de punição? O texto bíblico não esclarece por que Diná continuava na casa de Siquém. Também não há nenhum indício de que estivesse sendo forçada a isso. Talvez ela continuasse ali, esperando pelo resultado das negociações. Talvez estivesse envergonhada e temerosa de voltar à casa paterna. Ou, então, fora até ali, após ter sido feito o acordo em torno da circuncisão dos homens heveus.

"Siquém era o principal ofensor, e seu crime fora hediondo. Mas considerando que, em seguida, fez o quanto pôde para corrigir seu erro e para recompensar pela injúria causada, ele merecia outro tratamento; pelo menos, deveria ter-lhe sido demonstrada misericórdia" (John Gill, *in loc.*). Hamor talvez se tenha mostrado por demais indulgente com seu filho, mas dificilmente o ato era passível de morte.

34.27

Os filhos de Jacó. Talvez isso aponte para todos os filhos de Jacó que tinham idade suficiente. Nem todos participaram do homicídio, mas todos participaram do saque.

Saquearam a cidade. A mente criminosa geralmente ofende de *três* maneiras: a. ela atenta contra a integridade física de outra pessoa; b. rouba; e c. o que não consegue roubar, destrói insensatamente. Simeão e Levi agiram como criminosos comuns. O saque sempre foi um corolário da guerra. Neste caso, fez parte da vingança. O autor sacro precisou de três versículos (vss. 27-29) para narrar os horrendos detalhes dos atos covardes e criminosos dos dois irmãos. E eles haveriam de tornar-se patriarcas de Israel!

Aos mortos. Somente um deles, Siquém, tinha cometido o crime de estupro, mas *todos* os heveus, indistintamente, foram considerados culpados pelos filhos de Jacó.

34.28

Levaram Tudo. A pilhagem foi completa. Moisés enumerou as várias coisas que eram tidas como valiosas, ou seja, as *riquezas* dos antigos, que se compunham principalmente de animais, vestes, terras, metais preciosos, vinhas e outras plantações. O que pôde ser levado, os filhos de Jacó levaram. Provavelmente também confiscaram suas terras, plantações e vinhas. O vs. 29 diz, "todos os seus bens".

34.29

O Terror. Não somente apossaram-se de "todos os bens" dos heveus, mas também levaram suas mulheres e suas crianças, e "limparam" as suas casas. O autor sagrado retratou os *feios detalhes* desse ato condenável em que se envolveram os patriarcas de Israel!

"Assim como Jacó desaprovou os atos injustos, cruéis, sanguinolentos e pérfidos de seus filhos, assim também, sem dúvida, deixou os cativos em liberdade, devolvendo-lhes seu gado e seus bens" (John Gill, *in loc.*, que assim expressou uma nobre esperança, da qual o texto sagrado nada fala).

34.30

Jacó sob Suspeita. Quem confiaria nele de novo? Quem haveria de querer residir perto dele novamente? As pessoas nunca pararíam de falar sobre Jacó e seus filhos traiçoeiros. Outros haveriam de querer tirar vingança. Jacó ver-se-ia apertado por todos os lados. Seus filhos haviam reagido exageradamente, para dizer o mínimo. E outros haveriam de reagir com exagero e em termos iguais.

". . .por causa de sua ira desenfreada, eles [Simeão e Levi] haveriam, mais tarde, de ser deixados para trás, na bênção de Jacó (Gên. 49.5-7)" (Allen P. Ross, *in loc.*).

> *Declarou Jacó: "Maldito seja o seu furor, pois era forte,*
> *e a sua ira, pois era dura".* (Gênesis 49.7)

Esses filhos de Jacó e seus descendentes, ao que parece, continuaram com seus atos violentos. O incidente que envolveu Siquém não foi um ato isolado. Jacó avaliou corretamente os seus atos, e corretamente falou contra eles, negando-lhes a sua bênção maior.

"Aquele ato de violência, que ameaçou as boas relações entre a família de Jacó e os cananeus, reflete eventos que forçaram Simeão e Levi a abandonar a área, e que levaram ao seu declínio em poder (Gên. 49.5-7) (Notas da *Oxford Annotated Bible, in loc.*).

Cananeus. Ver no *Dicionário* o artigo *Canaã, Cananeus.*

Ferezeus. Ver no *Dicionário* o artigo *Perezeus (Ferezeus).*

34.31

Responderam. Os filhos de Jacó tinham um motivo justo para tirarem vingança. Mas não *para aquela vingança* que tinham efetuado.

Prostituta. Essa é a primeira menção à palavra, na Bíblia. Não há que duvidar de que a prostituição é uma das mais antigas profissões humanas, excetuando talvez a agricultura. Ver o artigo *Prostituta, Prostituição,* no *Dicionário.* O termo hebraico *zonah* indica uma mulher que se prostitui por dinheiro ou por alguma vantagem material. O trecho de Pro. 7.10 ss. adverte contra esse mal. Diná era uma donzela inocente, e não deveria ter sido tratada como uma mulher de má vida. Talvez, conforme têm pensado alguns intérpretes judeus, ela tivesse ido a uma festividade pagã, estando deslocada de seu lugar apropriado. Ou, então, conforme têm pensado alguns escritores, Jacó e Lia não deveriam tê-la autorizado a ir. Fosse como fosse, ela não merecia o tratamento que recebeu da parte de Siquém. Ainda assim, a vingança praticada por seus irmãos foi diabólica e não há argumento que a possa justificar.

Capítulo Trinta e Cinco

Renovação da Promessa de Betel (35.1-29)

Jacó Volta a Betel (35.1-15)

Os críticos atribuem esta seção a uma combinação das fontes informativas *E* e *P(S).* Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P (S),* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

Jacó tinha permanecido por alguns anos em Siquém, talvez por causa de vantagens econômicas. Mas parece que foi preciso outra profunda experiência (mística) espiritual, para fazê-lo voltar à sua terra, Hebrom (Gên. 37.1). Voltaria para casa, mas antes faria uma parada em Betel, onde edificaria outro altar e receberia mais instruções divinas. Quase trinta anos antes, Jacó tinha feito um voto e uma promessa em Betel (Gên. 28.20,21). Agora, ele deveria renovar seus votos e seus propósitos espirituais. Jacó havia completado um *ciclo,* indo de Berseba a Padã-Arã, e, então, voltou à área de Berseba ou Hebrom, lugares esses onde Abraão e Isaque tinham residido, os quais ficavam a cerca de sessenta quilômetros um do outro. Ver Gên. 28.10 quanto à partida de Jacó de Berseba. Jacó havia completado suas peregrinações pelo estrangeiro, e agora era instruído a voltar para casa, cena de uma nova missão.

"Dois temas percorrem o capítulo trinta e cinco: *término* e *correção*. Temos aqui uma história de *término*, porque Jacó estava de volta à Terra Prometida, com sua família e com todas as suas riquezas; a vitória tinha sido ganha, o alvo tinha sido atingido, e a promessa divina tinha tido cumprimento. Mas também temos aqui uma história de *correção*, porquanto seus familiares não se tinham apegado completamente ao andar de acordo com a fé: ídolos tiveram de ser enterrados, e Rúben precisou ser disciplinado" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Parece que Betel se tinha tornado um santuário, um lugar de peregrinação, e que era um dos centros da crescente nova fé, o *Yahwismo*.

35.1

Disse Deus. Isso pode ter ocorrido de várias maneiras: 1. por meio de um sonho; 2. mediante algum tipo de experiência mística ou extática, como uma visão; 3. através de uma experiência intuitiva; 4. ele viu o Anjo do Senhor; 5. ou como uma manifestação do Logos, no Antigo Testamento. Por diversas vezes, no decorrer da vida de Jacó, a orientação divina lhe foi dada sob a forma de uma intervenção, por estar ele na linha do Pacto Abraâmico (ver as notas a respeito em Gên. 15.18). Depois dele, Judá (filho de Lia) tornar-se-ia o próximo elo na corrente que resultou no Messias. O que sucedia a Jacó, pois, era importante para o surgimento da nação de Israel e da linhagem messiânica. Daí por que ele foi homem de muitas visões e de uma iluminação divina específica, alguém que recebia uma orientação toda especial.

As palavras-chave, "disse Deus", são reiteradas por muitas vezes no livro de Gênesis, provendo um dos motivos mais centrais desse livro, o qual destaca continuamente a providência divina. Ver no *Dicionário* o verbete *Providência de Deus*. O nome divino, aqui usado, é *Elohim*, ao qual reservei um artigo no *Dicionário*. Ver também o artigo *Deus, Nomes Bíblicos de*.

Uma Obediência Tardia. Jacó tinha descido de Padã-Arã a fim de voltar para sua terra. Mas acabou demorando-se em Siquém, talvez por razões pecuniárias vantajosas. Então ocorreu o infeliz episódio que envolveu Diná, bem como a horrenda matança dos súditos de Hamor, pelos filhos de Jacó. Jacó poderia ter evitado esse triste lance de sua vida, se tivesse obedecido prontamente, voltando diretamente para sua terra, depois que deixara o território de Labão.

De Volta a Betel. Ver Gên. 12.8; 13.3; 28.19 e 31.13 quanto a referências anteriores a Betel, neste primeiro livro da Bíblia. Ver o *Dicionário* quanto a essa localidade. Jacó tivera uma poderosa experiência mística ali, quando deixava sua terra para ir ter com Labão (Gên. 28.11 ss.). Talvez o lugar se tivesse tornado um santuário e lugar de peregrinações. A volta de Jacó ao lugar foi uma espécie de volta às suas raízes espirituais. Foi ali que ele recebeu a confirmação do Pacto Abraâmico, e agora haveria de receber outra confirmação desse pacto. Mui provavelmente, Betel se tinha tornado um centro de promoção da nova fé, o *Yahwismo*. A fé messiânica estava em desenvolvimento, juntamente com a nação de Israel.

Agora, Jacó corria perigo em Siquém, motivo pelo qual era sábio, mesmo à parte de qualquer diretiva divina, abandonar aquele lugar. Jacó havia feito um voto solene em Betel, e embora já se tivessem passado quarenta e dois anos desde então, ele não o esquecera (Gên. 31.13). Jacó pode ter caído em um lapso em Siquém, mas nem por isso abandonara o seu propósito. Betel ficava a apenas vinte e quatro quilômetros de distância de Siquém. A indiferença de Jacó para com seu voto (pelo menos por algum tempo) pode ter sido a causa espiritual do incidente que envolveu Diná (Gên. 34). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

Jacó Tinha Fugido de Esaú. Jacó tinha deixado o lar paterno, em Berseba, por ter furtado de Esaú a bênção de Isaque, e correra o perigo de ser assassinado pelo indignado Esaú (Gên. 27.43 ss.). Aquela tinha sido uma crise da qual Jacó escapara sem sofrer represálias, porquanto a presença do Senhor estava com ele. Cada marco importante de sua vida ficou assinalada pela presença de Deus.

35.2

Disse Jacó à sua família. Foi o patriarca, sob orientação do Senhor, que exigiu que houvesse mudanças para melhor. E também foi ele quem disse: "Vamos a Betel". Deus estava transformando cada vez mais Jacó, para que ele pudesse avançar espiritualmente.

Lançai fora os deuses estranhos. Terá, pai de Abraão, tinha sido um homem idólatra (Jos. 24.2). Raquel furtara os terafins ou ídolos do lar de Labão (Gên. 31.19). Assim, formas de idolatria prosseguiram paralelamente à adoração a Elohim, a despeito do surgimento gradual da nova fé, o *Yahwismo*. Porém, haveria de chegar o tempo de romper definitivamente com os costumes antigos. Esses costumes só morrem aos poucos, lentamente. A Reforma Protestante foi uma época em que certos segmentos da Igreja abandonaram certas formas de idolatria, embora novas formas não tivessem demorado a tomar o lugar das mais antigas. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Idolatria*.

Purificai-vos, e mudai as vossas vestes. Isso serviu de símbolo da renovação espiritual que estava prestes a ocorrer. Houve um novo começo em Betel. Todo ser humano, sem importar quão espiritual já seja, e sem importar seus empreendimentos espirituais, precisa de renovações ocasionais, de novos votos, de um zelo renovado, de uma nova determinação, de novos projetos, de novos costumes e de novas idéias. É fácil para o homem ficar estagnado em velhos costumes, velhas idéias, velhas bases, velhas realizações. Algumas vezes, o que é *novo* requer uma mudança de localização geográfica, conforme foi o caso de Jacó, neste passo bíblico. Declarou Sêneca: "O que precisamos é de uma mudança de mentalidade, e não de uma mudança de ares (ou seja, de uma nova localização geográfica)". Todavia, algumas vezes o que é novo também requer uma mudança de ares.

Purificai-vos. Talvez indicando a necessidade de alguma espécie de rito purificador, o que sem dúvida, fazia parte das práticas religiosas de Jacó. Um costume do hinduísmo é que as pessoas devem mudar de roupa antes de adorarem. As *roupas de trabalho* são trocadas por *roupas de adoração*.

As coisas aqui mencionadas foram institucionalizadas sob a legislação mosaica. Ver Êxo. 19.10; Juí. 8.24.

A *renúncia aos deuses estranhos* (Jos. 24.14-18,23) incluía os terafins ou ídolos do lar (Gên. 31.19). É natural que *incorporemos* costumes e idéias à nossa religião. O sincretismo sempre fará parte da fé religiosa, e todos estamos envolvidos nessa prática, reconheçamos ou não esse fato. A fé religiosa no Brasil é um exemplo significativo de várias formas de sincretismo. Mas fatalmente chega o dia em que os estrangeirismos, injetados em nossa fé religiosa, precisam fenecer. As roupas precisam ser trocadas. Corpo, alma e espírito (mente) precisam ser purificados.

35.3

Subamos a Betel. Ver sobre esta localidade no *Dicionário*, quanto a explicações completas, e ver Gên. 28.11 ss. quanto às experiências passadas de Jacó naquele lugar. Fora em Betel, nos dias de sua pior aflição, que ele teve o sonho-visão da escada cujo topo chegava ao céu, por onde subiam e desciam anjos de Deus. Jacó tinha erigido ali um altar naquele dia, jurando que se dedicaria ao Senhor. Mas isso havia acontecido muitos anos atrás. As primeiras intenções tinham-se tornado vagas. Ele tinha ido residir no território de Labão; mas, apesar disso, segundo se supõe, não havia abandonado a sua fé. Contudo, não se importara muito com a pureza da fé entre seus familiares, a ponto de tolerar a existência de ídolos. "E quando voltou à sua terra, não foi para Betel, e, sim, para Siquém, um lugar mais ameno" (Walter Russell Bowie, *in loc.*). Mas agora ele partia para Betel; agora partia para casa; agora haveria purificação e mudança. Se isso tivesse acontecido sete ou oito anos antes, talvez Diná tivesse sido poupada da desgraça pela qual passou, e nunca tivesse havido a matança de Hamor e sua gente, uma desgraça para Jacó e toda a sua família.

No dia da minha angústia. Uma alusão aos dias em que Esaú queria matá-lo, se tivesse permanecido em Berseba, por haver-lhe furtado a bênção de Isaque, por meio de um golpe astucioso (Gên. 27.6 ss.). Jacó tinha fugido de Berseba em grande *angústia* de alma, mas não demorou a ser encorajado por meio de seu encontro com a presença divina, em Betel (Gên. 28.11 ss.).

35.4

Os deuses estrangeiros. . . e as argolas. Ou seja, os terafins que Raquel havia furtado (Gên. 31.19), juntamente com os amuletos, os objetos mágicos (as argolas faziam parte da coleção). Alguns estudiosos dizem que não se tratava de argolas usadas pelas mulheres (e por alguns homens hoje em dia), pois seriam argolas para serem postas nas imagens, ou então argolas especiais, usadas pelos idólatras quando se ocupavam em suas cerimônias, mediante as quais honravam a certas divindades. O Targum de Jonathan alude às "argolas usadas nas orelhas dos habitantes da cidade de Siquém, que tinham formas parecidas com os seus ídolos". Nesse caso, na casa de Jacó tinham sido adotadas essas formas de idolatria. Alguns eruditos incluem aqui cartas astrológicas, mas a astrologia pertencia mais ao Egito e à Babilônia, requerendo habilidades matemáticas que a família de Jacó dificilmente possuiria.

Agostinho (*Epist.* 73) mencionou brincos (argolas) tanto de homens quanto de mulheres, que eram usados em certas formas de idolatria e de demonismo.

Aarão fabricou o bezerro de ouro a partir de brincos (e, sem dúvida, de outros objetos), segundo se lê em Êxodo 32.2-4, e a idolatria, eliminada em uma época, é renovada em outra. Israel nunca se viu inteiramente livre, nem está livre a Igreja atual, nem mesmo os crentes individuais.

Debaixo do carvalho. O próprio carvalho (ou um carvalhal) fora transformado em lugar de adoração idolátrica, onde presumivelmente se reuniam as divindades e onde poderiam ajudar os homens a resolver os seus problemas. É provável

que esteja em pauta o carvalho ou carvalhal de Moré, o que é comentado nas notas sobre Gên. 12.7. Ver também Deu. 11.30. Alguns estudiosos não identificam os carvalhos de Gên. 12.6,7 com o deste texto. Não há como ter certeza sobre a questão. O carvalho era uma árvore que "com freqüência permanecia por muitos anos, antes de ser cortado e usado com propósitos religiosos; pois, como eram tidos em grande veneração, raramente eram cortados" (John Gill, *in loc.*).

35.5

O terror de Deus. Jacó e seus familiares fugiram, como que para poupar a vida, por haverem os filhos de Israel liquidado os heveus de Siquém. O trecho de Gên. 34.30 mostra-nos que Jacó temia ataques, por ter-se tornado "odioso" aos olhos de seus vizinhos. Mas a providência de Deus havia trazido alguma forma de terror sobrenatural que impunha temor aos habitantes da região, os quais também não atacavam a Jacó. Cf. Gên. 23.6 e 30.8. Quão freqüentemente precisamos de *jornadas misericordiosas*, mediante a proteção de Deus. Senhor, concede-nos tal graça!

O *terror de Deus* é "uma expressão derivada da guerra santa (Êxo. 23.27; Jos. 10.10), e era um pânico misterioso que paralisava o inimigo" (*Oxford Annotated Bible*).

35.6

Luz. Quanto a essa cidade ver o *Dicionário*. Esse era o nome antigo de *Betel* (no *Dicionário* também há um verbete com esse título). Ver as notas sobre Gên. 28.19 sobre *Luz*.

Terra de Canaã. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Canaã (Cananeus)*. Ver Gên. 23.19 quanto à experiência anterior de Jacó naquele lugar. O trecho de Juízes 1.26 mostra que os hititas ou heteus tinham ali um centro seu.

Em Betel, Jacó fora livrado de ataques por parte de seus inimigos, e agora estava passando para uma nova fase de sua vida. A obediência aos seus votos haveria de produzir um novo dia.

35.7

E edificou ali um altar. Essa questão de altares tem grande importância no Gênesis. Ver Gên. 8.20; 12.7,8; 13.4,18; 22.9; 26.25; 33.20; 35.1,3,7. No *Dicionário* ver o artigo *Altar*. Mais de quarenta anos antes, Jacó havia erigido um altar naquele lugar. Teria ele soerguido o mesmo altar, ou erigido um novo altar? Tal pergunta fica sem resposta.

El-Betel. No hebraico, *El-Beth-el* ou seja, "o Deus da casa de Deus". Jacó havia sido admitido à casa de Deus, e ali viu as maravilhas de Sua graça e providência, além de ter recebido os alicerces para a nova fé. Esse título Deus adotara para Si mesmo (Gên. 31.13). Ver no *Dicionário* os artigos *El* e *Deus, Nomes Bíblicos de Deus*.

Deus. No hebraico, *Elohim*. Ali o Senhor tinha aparecido a Jacó. Temos aqui um plural de majestade, que não tem por intuito apontar para o politeísmo.

35.8

Morreu Débora. Ofereço um artigo detalhado sobre essa mulher, no *Dicionário*. Ela figura pela primeira vez na Bíblia, sem a menção de seu nome, em Gên. 24.59. Ela foi uma escrava de Rebeca, que lhe fora dada para acompanhá-la, desde que viera para casar-se com Isaque. A história de Débora tinha começado em algum ponto não mencionado. Vinha acompanhando a jovem Rebeca, talvez desde o nascimento desta. Nunca se separaram. E, então, ela acompanhou a família patriarcal à Terra Prometida, e, talvez, tivesse sido incorporada à casa de Jacó. É estranho que não tenha sido registrada a morte de Rebeca (embora o seja o seu sepultamento, em Gên. 49.31). No entanto, o autor sacro inseriu esta nota sobre a morte de Débora na história da segunda visita de Jacó a Betel. Por quê? Porque ela era amada por todos, porquanto era grande em sua posição humilde.

> *. . .ela está em sua sepultura, e oh!*
> *quanta diferença isso faz para mim.*
>
> (Wordsworth)

Débora esteve com a família patriarcal por nada menos de duas gerações completas. Assim, fizera sua contribuição e cumprira a sua missão. Se Débora estivesse presente, talvez Raquel não tivesse morrido no parto de Benjamim.

A ama de Rebeca. Uma ama cuidava das mulheres e de seus filhos. "Quem poderia medir tudo quanto as amas têm dado para aqueles a quem têm amado e servido?" (Walter Russell Bowie, *in loc.*).

> *Por longas noites tens ficado acordada*
> *Vigiando por causa de mim, tão indigna . . .*
> *. . . Como uma voz bondosa que fazia meus dias infantis se alegrarem!*
>
> (Robert Louis Stevenson)

Uma ama ou enfermeira treinada é o coração mesmo dos cuidados médicos; elas recebem ordens e cuidam dos enfermos e dos moribundos. Essa ocupação tem-se profissionalizado, mas o espírito de serviço humilde (por muitas vezes com pagamento insuficiente) faz-se presente até hoje. Cuidar das pessoas, quando estão doentes e até infectadas, é um ato de amor, de obediência à lei do amor. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Amor*.

Alom-Bacute. No hebraico, esse nome significa "carvalho do pranto". Era a árvore ao pé da qual Débora, a ama de Rebeca, foi sepultada (Gên. 35.8), e, depois, Raquel. Alguns eruditos pensam que temos aqui alguma deslocação de material, e que a juíza Débora é que estaria em foco, ou seja, que o memorial era dela. Mas esse seria um erro grosseiro demais para um compilador ter feito. Pessoas humildes também têm um papel humilde a desempenhar no registro sacro. A fidelidade delas é relembrada, embora não trouxessem as marcas que os homens pensam que os grandes devem ter.

Betel Novamente (35.9-15)

Alguns críticos vêem aqui alguma "mistura de tradições", supondo que a história original de Betel (Gên. 28.11 ss.) teria sido combinada (neste ponto) com elementos do relato sobre a luta de Jacó com o anjo (Gên. 32.24 ss.), quando seu nome foi mudado de Jacó para Israel. Os estudiosos conservadores não vêem por que *novas* experiências não poderiam conter elementos de *antigas* experiências. Seja como for, o material desta pequena seção é uma duplicação essencial de coisas sobre as quais já tínhamos comentado, incluindo certas provisões do Pacto Abraâmico (ver as notas em Gên. 15.18). "Em Betel, Deus confirmou a promessa que tinha feito antes (Gên. 32.28). A mudança do nome de Jacó serviu de prova da bênção prometida" (Allen P. Ross, *in loc.*).

35.9

Vindo Jacó de Padã-Arã. Ou seja, a caminho de volta para casa, especificamente, em Betel (vss. 14 e 15). Sua experiência anterior em Betel teve lugar quando ele estava *indo* para Padã-Arã. E esta experiência ocorreu quando ele estava *saindo* dali. Ambas as ocasiões foram marcos em sua vida. Ver no *Dicionário* o artigo *Padã-Arã*.

Outra vez lhe apareceu Deus. Ver Gên. 35.1 e suas notas quanto a modos possíveis de aparições de Deus. Jacó era homem de muitas experiências místicas. Ver no *Dicionário* o artigo *Misticismo*. A *presença de Deus* guiava Jacó em todos os marcos importantes de sua vida. A providência de Deus acompanhava Jacó de uma maneira especial. Ver no *Dicionário* o artigo *Providência de Deus*.

35.10

E lhe chamou Israel. Ver Gênesis 32.28 quanto à mudança do nome de Jacó para *Israel*. Aquelas notas também falam sobre outras mudanças de nome no livro de Gênesis, que assinalaram grandes revoluções na vida das pessoas envolvidas. Ver também o artigo *Israel*, no *Dicionário*.

35.11

O Deus Todo-poderoso. No hebraico, *Elohim El-Shaddai. Elohim* é um dos verbetes do *Dicionário*. Ver as notas sobre *El Shaddai*, em Gên. 17.1. Ver também, no *Dicionário*, o verbete *Deus, Nomes Bíblicos de*. El-Shaddai é aquele que nos supre quanto a todas as necessidades, conforme parece ser uma das implicações desse nome. A primeira parte do nome, *El*, mostra que há poder capaz de fornecer um suprimento abundante. "O Senhor é meu Pastor; nada me faltará." As promessas são confirmadas. O nome divino, *El-Shaddai*, é aquele que prefacia a repetição do Pacto Abraâmico a Abraão (Gên. 17.1 ss.). Esse mesmo Deus garantia agora, a Jacó, a continuação do pacto.

Multiplicação e Grandeza. Uma *companhia de nações* descenderia de Abraão, o que é dito por diversas vezes nas repetições do Pacto Abraâmico (ver as notas a respeito em Gên. 15.18 e suas referências). Ver Gênesis 28.3, onde a expressão usada é "uma multidão de povos". Ali, a declaração faz parte da bênção dada a Jacó por Isaque. Ver as notas em Gên. 26.4 quanto às muitas nações que descendem de Abraão. Além disso, *reis* descenderiam de Jacó, como Saul, Davi, Salomão etc. (cf. Gên. 17.6), culminando no Rei-Messias, descendente de Judá, através de Lia, uma das esposas de Jacó. Nesse ponto, seria atingida a dimensão

espiritual do pacto, de tal modo que aquilo que era bênção material tornar-se-ia em bênção espiritual, incluindo a questão da salvação da alma (Gál. 3.14).

35.12

A terra. A aquisição de um território pátrio era necessária para que se desenvolvesse a nação de Israel, o que levaria ao cumprimento maior do próprio pacto. As notas em Gên. 15.18 mostram as dimensões desse território.

35.13

Elevando-se do lugar. Provavelmente devemos pensar no "céu", em algum lugar acima da terra, como se vê em Gên. 11.4; 21.17; 22.11,15; 28.12. Tendo-se manifestado, vindo dali, Deus agora para ali voltava. A *presença divina* algumas vezes manifesta-se aos homens de uma maneira que eles são capazes de compreender, pelo menos em parte, e de uma forma que possam suportá-la. Isso sucede mediante as experiências místicas como as visões, os sonhos, as visitas angelicais etc. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Misticismo.*

Os trechos de Gên. 17.22 e 18.33 têm a mesma expressão que se vê neste versículo. Deus "elevou-se de onde estava Abraão". Mas Gên. 18.33 diz algo levemente diferente: "retirou-se o Senhor". Ver no *Dicionário* o verbete *Céu.*

35.14

Este versículo é parecido com o de Gên. 28.18 (ver as notas ali), exceto pelo fato de que aqui temos a primeira menção a uma *libação* na Bíblia. Provavelmente foram empregados vinho, água ou mesmo ambas as coisas. Mas alguns eruditos pensam que foi usado azeite. Também é possível que o "azeite" entornado em Gên. 28.18 fosse uma libação, embora isso não seja dito especificamente. Ver no *Dicionário* o artigo geral *Sacrifícios e Ofertas.* Em III. D.2 desse artigo, apresento informações sobre as libações. As oferendas, como as deste versículo, reconheciam o poder divino e a visitação da presença divina. Era uma espécie de participação dos bens materiais de alguém, em reconhecimento da graça e do suprimento divino, na esperança de maior recebimento dessa graça e suprimento.

As libações eram algo comum em muitos países. As libações originais eram feitas com água, mas depois passou-se a usar o vinho. Ver Lev. 7.1. Gratidão e devoção eram expressas por meio desses atos. Ademais, sem dúvida, essas oferendas serviam de *pedidos* quanto à continuação do suprimento e do poder divinos junto ao adorador, por estar sendo reconhecida, por este, a presença divina. As libações, acima de tudo, eram atos de adoração que reconheciam a providência de Deus.

Colunas Memoriais. Naturalmente, essas colunas tornaram-se objetos venerados pelos descendentes dos patriarcas, motivo pelo qual a legislação mosaica veio a proibir tal prática. Ver Lev. 26.1 e Deu. 16.22. Cerca de quarenta anos separavam as duas colunas erigidas por Jacó. Ele continuava a ser um homem de altares e de devoção espiritual.

Pedras ungidas são um item comentado em Gên. 28.18. Dou ali informações sobre essa prática, conforme ela existia entre vários povos antigos, incluindo os cananeus.

35.15

Esse lugar chamava-se Betel, pois o trecho é paralelo a Gên. 28.17-19, onde damos notas expositivas. Ver também no *Dicionário* o artigo intitulado *Betel.* Betel tornou-se um dos santuários da nova religião, a fé de Abraão, um lugar de peregrinação do *Yahwismo.* Estava sendo formada a fé religiosa distintiva da nação de Israel.

Morte de Raquel; Nascimento de Benjamim (35.16-20)

Os críticos atribuem esta seção a uma combinação das fontes *J* e *E.* Ver no *Dicionário* o artigo chamado *J.E.D.P.(S.),* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

O fim da maior história de amor da história ocorreu com a morte inesperada e prematura de Raquel, a esposa amada de Jacó. Nasceu, contudo, o segundo filho dela, Benjamim. Isso deveria ter sido motivo de grande alegria. Em lugar disso, a agonia de Raquel, no parto, fê-la chamá-lo de *Benoni,* "filho de minha tristeza". Mas Jacó não permitiu que esse nome prevalecesse, e mudou o nome do menino para *Benjamim,* "filho da minha mão direita".

Precisamos de uma fé especial em Deus e na imortalidade que venha em nosso socorro, em momentos de evidente tragédia e tristeza. As circunstâncias da morte de Raquel talvez nos dêem a única referência mais ou menos clara à crença na existência da alma durante o período patriarcal (vs. 18). Afirmamos acima que esse foi o *fim* de uma grande história de amor; mas a fé e a esperança aliam-se e dizem-nos que o amor nunca perde seus objetos amados, e um novo dia haverá de renovar todas as antigas relações pessoais. Talvez levemos por demais a sério as alegadas fronteiras do nascimento e da morte, pois a vida é um grande contínuo, e prosseguirá através de muitos ciclos.

35.16

Efrata. Ver o artigo detalhado sobre esse local no *Dicionário.* Há dificuldades quanto à sua identificação, levando-se em conta trechos como I Sam. 10.2 e Jer. 31.5, que o localizam no território de Benjamim, e não de Judá, associado a Belém. O assunto tem sido intensamente debatido, mas sem nenhuma solução absoluta à vista. Meu artigo aborda a questão. Aqui e em Gên. 48.7; Rute 4.11 e Miq. 5.2, a localidade é identificada com Belém. Mas a outra tradição situa o local do sepultamento de Raquel em território benjamita, ao norte de Jerusalém.

Havendo ainda pequena distância. No hebraico, *kibrath,* um termo de significado incerto. Esse vocábulo também figura em Gên. 48.7 e II Reis 5.19, onde parece indicar uma certa medida. Os Targuns de Onkelos e de Jerusalém dão a entender que se tratava de uma medida com cerca de mil e seiscentos metros ou mesmo menos. O sepulcro tradicional de Raquel fica a cerca de oitocentos metros de Belém.

Cujo nascimento lhe foi a ela penoso. "Em meio de dores darás à luz filhos" (Gên. 3.16). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Parto,* que inclui sentidos metafóricos da palavra na Bíblia. Estudos com as *Experiências Perto da Morte* (ver sobre esse assunto na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*) indicam que a morte é uma forma de nascimento, contendo elementos similares em seu mecanismo, além de ser a porta para uma nova fase da existência. Assim, ao morrer, Raquel nasceu de novo. Ademais, o nascimento é uma espécie de morte, se porventura é verdade, conforme diziam os pais alexandrinos da Igreja, que a preexistência da alma é um fato. Pois no nascimento a pessoa retorna ao lugar de tristeza, teste, enfermidade e morte. Os mortos são os verdadeiros vivos, e os vivos são os verdadeiros mortos.

35.17

Não temas. Confiamos que em todas as situações, incluindo as que são trágicas, Deus está no controle. O temor está real e constantemente presente conosco, não havendo como ser evitado. Mas trata-se de má interpretação das coisas que nos cercam.

Bons Resultados. Um filho poria fim ao temor. Um patriarca de Israel estava nascendo. Assim, em meio à tristeza, Deus estava cumprindo um grande propósito Seu. É preciso *fé* (ver a respeito no *Dicionário*) para que alguém veja isso. E não ver isso não torna o propósito divino menos real.

Quando José nasceu, Raquel chamou-o por esse nome pois indica que "o Senhor adicionaria a ela outro filho". Assim, pela fé, ela previu a chegada de Benjamim (Gên. 30.24). Talvez a parteira a tenha feito lembrar isso, encorajando Raquel com a sua própria predição.

Os Mistérios da Vida. Neste texto achamos um dos maiores mistérios da vida. Por que pai ou mãe perdem sua vida quando as crianças pequenas precisam deles para serem criadas? Buscamos razões para coisas assim, mas geralmente não as achamos. E assim usamos aquela expressão vaga: "Seja feita a vontade de Deus". Por enquanto, devemo-nos contentar em crer que o Grande Artista da vida nunca erra uma pincelada, nunca comete um equívoco. Há propósito em todas as coisas; coisa alguma sucede por mero acaso.

35.18

Ao sair-lhe a alma. Para leitores cristãos, essas palavras soam como uma afirmação da crença na porção imaterial do homem, a qual deixa o corpo no momento da morte. Mas para um hebreu da época dos patriarcas, essas palavras teriam apenas o sentido de que "ela expirou". No Gênesis há doze repetições do Pacto Abraâmico, com graus variegados de detalhes. Nenhuma delas promete a vida além-túmulo, ou a salvação, conforme hoje a entendemos. Ficou reservado à revelação em Cristo acrescentar a dimensão espiritual ao Pacto Abraâmico (Gál. 3.6,7,14,29; João 8.39; Rom. 4.16,17; 9.7,8). Por que pensaríamos ser estranho que a teologia se desenvolva? Cristo nos trouxe uma revelação muito superior, que inclui informações sobre a vida além-túmulo. Destaquei muito o tema da imortalidade na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Ver os vários artigos sob o título *Imortalidade* e *Experiências Perto da Morte;* e, no *Dicionário,* o verbete *Alma.* No Antigo Testamento, a começar pelos Salmos e pelos Profetas, aparecem versículos que aludem claramente à *alma.* Talvez o presente texto reflita essa crença, apesar de sua ausência geral durante o período patriarcal. Ademais, a doutrina da criação do homem à imagem de Deus (Gên. 1.26,27) provavelmente nos dá um indício dessa doutrina. O termo hebraico, *naphshah,* posteriormente veio a indicar a alma imortal, mas neste versículo pode referir-se somente ao hálito ou respiração que cessa por ocasião da morte. Ver Ecl. 12.7 quanto a um

fraseado similar, embora seja um trecho escrito, sem dúvida, com a alma imaterial e imortal em vista.

Benoni. Esse foi o nome que Raquel deu ao menino. Significa "filho da minha tristeza". Que poderia ser mais entristecedor para uma mulher do que morrer quando seu filho está nascendo, abandonando-o com relutância, para ser criado por outrem, ao mesmo tempo em que ela sai para enfrentar as incertezas e os mistérios do além?

Benjamim. Esse foi o nome que Jacó preferiu dar ao menino. Significa "filho de minha mão direita". O Salmo 80.17 também contém a expressão, onde significa um filho muito amado e favorecido pelo seu pai. O original hebraico diz algo como "filho de meu poder". Alguns intérpretes, todavia, crêem que esse nome é de origem posterior, embora tenha sido injetado no texto neste ponto. Nesse caso, o sentido pode ser o de que ele estaria localizado à *direita*, isto é, ao *sul* de Efraim, o que corresponde à localização da tribo de Benjamim, de tempos posteriores. Ver o artigo detalhado sobre *Benjamim*, o homem e a tribo chamados por esse nome, no *Dicionário*.

Benjamim, um Tipo de Cristo. "Benjamim, 'filho de tristeza', para sua mãe, mas 'filho de minha mão direita', para seu pai, tornou-se assim um duplo tipo de Cristo. Como *Benoni*, Ele foi o Servo Sofredor, por causa de quem uma espada trespassou o coração de Sua mãe (Luc. 2.35); e, como Benjamim, cabeça de uma tribo guerreira (Gên. 49.17), firmemente unido a Judá, a tribo real (Gên. 49.8-12; I Reis 12.21), ele tornou-se tipo do Vitorioso. É digno de nota que Benjamim era especialmente honrado entre os gentios (Gên. 45.22)" (*Scofield Reference Bible, in loc.*).

35.19

Assim morreu Raquel. A morte não pode pôr fim a nenhuma vida humana. Ver as notas sobre o vs. 16.

> *Morte, não te orgulhes —*
> *Embora alguns te tenham*
> *chamado de poderosa e espantosa,*
> *Pois não és tal;*
> *Pois aqueles que pensas teres vencido,*
> *Não morrem. . .*
>
> (John Donne)

Além das evidências teológicas e filosóficas, há atualmente boas evidências científicas em favor da existência da alma e de sua sobrevivência diante da morte biológica. Apresento vários artigos sobre essa questão na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, no artigo intitulado *Imortalidade*. Ver outras referências no vs. 16.

"Esta breve descrição é deveras comovente. O amor de Jacó por Raquel tinha sido o mais resplendente fator de seu caráter; agora ela estava morta e ele precisava sepultá-la. Ele já tinha passado por muitas tristezas em sua vida. O pai dela o tinha enganado, fazendo-o casar-se primeiro com Lia; tinha havido os amargos anos de esterilidade. Então houve a alegria do nascimento de José (Gên. 30.22-24). Mas agora o segundo filho, tão esperado que fora, custaria a vida de sua mãe. . . uma voz foi ouvida em Ramá, lamentação e choro amargo; era Raquel chorando por seus filhos (Jer. 31.15)" (Walter Russell Bowie, *in loc.*). Esse texto é referido em Mat. 2.16-18, onde é aplicado à matança dos inocentes.

Belém. Ver sobre essa cidade, no *Dicionário*, como também as notas sobre o trecho de Gên. 35.16, sob *Efrata*, quanto às tradições conflitantes sobre o lugar onde Raquel morreu. Miquéias 5.2 diz "Belém Efrata", identificando os dois termos. Efrata era o nome mais antigo da localidade. Ver também Rute 4.11 e I Crô. 2.50,51. Quanto à tradição oposta, ver I Sam. 10.2 e Jer. 31.5.

35.20

Uma coluna. Essa coluna serviu de memorial, como as que Jacó tinha levantado em Betei (Gên. 28.18 e 35.14). Colunas memoriais tornavam-se objetos de adoração. Por essa razão, a legislação mosaica as proibiu (Lev. 26.1; Deu. 16.22). O local era conhecido nos dias de Samuel (I Sam. 10.2). É provável que fosse uma mera pilha de pedras, ou, então, uma pedra grande posta sobre uma de suas extremidades. Talvez essa prática fosse o mais antigo exemplo de monumentos e de pedras fúnebres que dominam quase universalmente nossos dias. A *coluna de Raquel* mostrada atualmente aos turistas, perto de Belém, em Israel, como é claro, não tem nenhuma conexão com a pedra erigida por Jacó.

Benjamim de Tudela afirmou que o monumento fora feito com doze pedras, mas não há como averiguar a palavra dele. As doze pedras correspondem aos doze filhos de Jacó, cujo número agora estava completo, tendo nascido Benjamim. Surgiram superstições em torno de supostos locais do sepultamento de Raquel. Naquela área em geral, mulheres costumam recolher pedras, na esperança de que isso lhes permita ter partos fáceis!

O Incesto de Rúben (35.21-22)

A breve seção de Gênesis 35.21,22a é atribuída pelos críticos à fonte *J*. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)*. Esta seção contém o relato sobre a insensatez de Rúben, que manteve relações sexuais com Bila, concubina de Jacó, um caso sério de incesto. As Escrituras não comentam sobre a questão, embora deva ter significado uma desgraça singular para todos os envolvidos. O trecho de Gên. 49.3 ss. mostra que Rúben perdeu o seu privilégio de filho primogênito, por causa da questão. Ele era "impetuoso como a água", pois permitia que as suas paixões o expusessem ao ridículo.

35.21

Então partiu Israel. Agora esse nome tornara-se designação comum de Jacó, por todo o resto do livro de Gênesis.

Além da torre de Eder. As jornadas de Jacó levaram-no até esse lugar, e o vs. 22 mostra-nos que ele passou algum tempo ali. No hebraico, esse nome quer dizer "torre do rebanho", uma torre de vigia provavelmentee erigida para proteger os rebanhos. Ficava entre Belém e Hebrom. Foi ali que Jacó residiu temporariamente, após o falecimento de Raquel, e onde Rúben cometeu incesto com Bila (Gên. 35.21,22). Nessa referência temos, no original hebraico, o nome *Midal-Eder*. O trecho de Miquéias 4.8 refere-se a torre do rebanho, quando alude à *colina de Sião*. Também era chamado Ofel, ou seja, *fortim*. Presumivelmente, essa torre ficava a cerca de quilômetro e meio de Belém. Tem-se dito ser esse o lugar onde os anjos apareceram aos pastores, por ocasião do nascimento de Jesus (Luc. 2.8), mas isso é pura conjectura. O Targum de Jonathan afirma, curiosamente, que "esse é o lugar onde o Rei Messias haverá de manifestar-se no fim dos dias". Alguns situam essa torre a alguns quilômetros ao sul de Jerusalém. Quanto a todos os propósitos essenciais, o longo exílio de Jacó tinha terminado. Agora ele estava de volta à sua terra. Estava em *Sião*, a colina de Deus.

35.22

O Incesto Praticado por Rúben. Durante muitos anos, Jacó teve quatro esposas: Lia, Raquel, Bila e Zilpa. Dedicamos às três primeiras um verbete separado, no *Dicionário*. Quanto a Zilpa, ver as notas expositivas em Gên. 29.24. Bila era a ama-escrava que Labão dera a Raquel. Mais tarde, ela tornou-se concubina de Jacó, tendo-lhe dado os filhos Dã e Naftali (Gên. 30.1-8). É difícil imaginar que Bila tenha cooperado com esse "ultraje", conforme certo intérprete disse. Portanto, provavelmente o incesto esteve combinado com o estupro. Ver *Incesto*, no *Dicionário*, e *Estupro*, no artigo *Crimes e Castigos*, segunda seção, d. *Crimes Sexuais*, também no *Dicionário*.

Resultados. Rúben perdeu o seu direito de filho primogênito, tendo recebido uma bênção secundária da parte de Jacó (já moribundo), por ser "impetuoso como a água". Ver Gên. 49.3 ss. Ver no *Dicionário* o verbete *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

Alguns intérpretes judeus tentam justificar Rúben pelo que ele fez, como se fosse uma espécie de vingança. Ao que se presume, após a morte de Raquel, foi Bila (e não Lia, mãe de Rúben) que se tornou esposa favorita de Jacó. Assim, indignado, Rúben assaltou-a sexualmente. Mas isso não passa de fantasia. Alguns daqueles estudiosos chegam a dizer que Rúben meramente desarrumou o leito dela, sem tocar em seu corpo. Se isso fosse verdade, Rúben poderia ser desculpado, mas essa interpretação simplesmente não concorda com o texto e com o capítulo 49 do Gênesis.

Tribulação Adicionada a Tribulação. Jacó acabara de sofrer a perda de Raquel, que morrera de parto. E agora, seu filho primogênito violava outra esposa sua. O homem nasce para sofrer tribulações, assim como as fagulhas da fogueira sobem no ar (ver Jó 5.7). É como alguém já disse: "Parece que elas não sobem noutra direção". Tempos depois, Jacó queixou-se, diante de Faraó, que seus dias tinham sido "poucos e maus" (Gên. 47.9), e um desses males sofridos havia sido o estupro de Bila.

Substituição? Alguns estudiosos, referindo-se a um antigo costume pagão, supõem que Rúben estivesse tentando substituir Jacó como cabeça do clã, apossando-se à força de uma de suas esposas. Nesse caso, a sua tentativa foi um tiro pela culatra. Pois fê-lo perder sua posição de filho primogênito, em lugar de promover a sua causa. Ver sobre os *doze filhos* de Jacó, nos comentários a partir do vs. 23 deste capítulo.

O VÔO DO ESPÍRITO

A MORTE DA QUERIDA RAQUEL

Então Raquel, ao sair-lhe a alma (porque morreu), chamou ao filho Benoni; mas seu pai lhe chamou Benjamim. Assim morreu Raquel e foi sepultada no caminho de Efrata (que é Bete-Leém). E Jacó erigiu uma coluna sobre a sua sepultura; esta é a coluna da sepultura de Raquel até o dia de hoje.

Gênesis 35.18–20

*** *** ***

O RIO DA VIDA NÃO TEM FIM

Entre o sono e o sonho,
Entre mim e o que há em mim,
E o que eu me suponho,
Corre um rio sem fim.

Passou por outras margens,
Diversas mais além,
Naquelas várias viagens
Que todo o rio tem.

Chegou onde hoje habito,
A casa que hoje sou.
Passa, se eu me medito;
Se desperto, passou.

E quem me sinto e morre
No que me diga a mim,
Dorme onde o rio corre,
Esse rio sem fim.

Fernando Pessoa

Os Filhos de Jaco (35.23-26)

Os críticos atribuem esta seção à fonte *P(S)*. E a informação mais detalhada de Gên. 29.31-30.24 eles atribuem a uma combinação das fontes *J* e *E*. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Os céticos crêem que os relatos sobre os patriarcas são lendários, e qualquer lista de nomes seria uma invenção que emprestaria detalhes a essas lendas. Isso situaria o relato bíblico na mesma classe da Ilíada e da Odisséia de Homero. Quanto a isso, porém, não há nenhuma prova, mas mera hipótese. Os tempos referidos na Bíblia não são tão remotos que fique eliminada a exatidão histórica. Seja como for, temos diante de nós a fundação da nação de *Israel*, a nova nação. E não há que duvidar de que esse foi o propósito principal do autor sagrado, ao fornecer essa lista de nomes. Os patriarcas da nação em formação são arrolados. Outros trechos do livro de Gênesis preenchem detalhes acerca deles. Provi artigos separados sobre cada nome, as pessoas e as tribos envolvidas, no *Dicionário*.

35.23

Lia. Ver sobre ela no *Dicionário*. Os filhos são arranjados de acordo com suas respectivas mães. Lia foi a primeira esposa de Jacó, e lhe deu seis filhos aqui mencionados, além de uma filha, Diná. Houve doze filhos de Jacó, ao todo (vs. 22). E esses tornaram-se conhecidos como os Doze Patriarcas, tal como Ismael teve doze filhos que se tornaram príncipes e patriarcas das nações árabes (Gên. 25.13-16). Jesus escolheu doze apóstolos como seu círculo íntimo de discípulos, e esses tornaram-se, por assim dizer, os Doze Patriarcas da Igreja cristã. "Estritamente falando, houve *treze tribos* entre os hebreus, visto que Efraim e Manassés eram considerados tribos (Gên. 48.5,6). Porém, Levi não recebeu terras e, nas várias listas, um ou outro dos nomes é omitido, resultando nas doze tribos tradicionais. Ver Deu. 33; Eze. 48 e Apo. 7.

A lista aqui provê as *primícias* de Israel. A colheita foi a nação propriamente dita.

O número *doze* tem seu significado, provavelmente indicando um corpo governante, ou a base de uma organização ou governo. Outros sentidos também são óbvios: há doze horas em um dia, e também doze horas em uma noite, formando ciclos completos de tempo. Há doze meses no ano, indicando a mesma coisa em escala mais ampla, e também há doze signos do zodíaco, a organização dos céus, embora esse ponto só seja mencionado na Bíblia como um conceito pagão. Esse número, pois, envolve o sentido de um clímax ou ponto culminante, e, nos sonhos e nas visões, pode ter exatamente esse sentido.

Os Filhos de Lia. Seis filhos são alistados aqui. Reservei artigos separados sobre cada um deles no *Dicionário*.

35.24

Os Filhos de Raquel. Ela deu à luz José e Benjamim, sobre os quais há artigos detalhados no *Dicionário*. Benjamim foi o único dos filhos de Jacó a nascer em Canaã ou Terra Prometida. De acordo com o vocabulário moderno, ele era um *sabra*, um israelita nascido no moderno estado de Israel. Os demais nasceram em Harã, território de Labão, durante o tempo em que Jacó esteve exilado.

35.25

Os Filhos de Bila. Bila era ama-escrava de Raquel, e veio a tornar-se concubina de Jacó. Ela teve dois filhos, Dã e Naftali, sobre os quais dou artigos detalhados no *Dicionário*.

35.26

Os Filhos de Zilpa. Esta era ama-escrava de Lia, e veio também a tornar-se concubina de Jacó. Teve dois filhos, Gade e Aser, sobre os quais dou artigos detalhados no *Dicionário*.

Onze desses filhos nasceram em Padã-Arã (ver as notas a respeito em Gên. 25.20), a região de Labão, para onde Jacó tinha ido em exílio, ao fugir de Esaú. A exceção foi Benjamim, que nasceu já no território de Canaã (Belém). Ver Gên. 35.17-29. O autor não se importou em falar sobre a exceção (não nascido em Padã-Arã), devido a um pequeno lapso, ou porque ainda há pouco havia descrito o nascimento de Benjamim, já na terra de Canaã. Atualmente, a região de Labão fica na província de Diarbek, na Turquia Asiática.

A Morte de Isaque (35.27-29)

Os críticos atribuem esta seção à fonte *P(S)*. As fontes *J* e *E* dariam uma cena preliminar de leito de morte de Isaque (Gên. 27.1-40), o que poderia dar a entender que Isaque morreu pouco depois de Jacó fugir para a companhia de Labão. Mas, visto que sua morte é posta aqui, e que Jacó e Esaú são mencionados como presentes em seu sepultamento, devemos entender que Isaque sobreviveu, depois de haver estado às portas da morte, por mais de trinta anos. Ver o artigo chamado *J.E.D.P.(S.)*, no *Dicionário*, quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

A *toledoth* (gerações) de Jacó termina no vs. 29. Essa palavra hebraica era usada como uma espécie de indicação de divisão maior do livro de Gênesis. Há doze dessas divisões, mas a primeira grande divisão do livro não começa por essa palavra, visto que descreve a criação. Isso posto, o Gênesis, de acordo com sua divisão original, consiste em doze porções. Ver as notas sobre Gên. 2.4 quanto a uma descrição completa da questão, incluindo como os livros antigos eram divididos em seções, faltando-lhes os esboços e os índices que hoje conhecemos.

35.27

Veio Jacó a Isaque. Agora Jacó estava de volta a seu lar paterno. Parece que, depois de ele ter partido de Harã, passaram-se ainda cerca de quinze anos até chegar a Isaque. Seu exílio pode ter-se prolongado por nada menos de quarenta anos, ou, pelo menos, mais de trinta anos, de acordo com estimativas conservadoras. Jacó já estava de volta à terra de Canaã fazia cerca de dez anos, sendo provável que tivesse visitado a seu pai, embora isso não tenha ficado registrado, por razões desconhecidas. Rebeca, mãe de Jacó, não é mencionada, o que nos leva a pensar que já teria falecido. Se esse foi o caso, então Rebeca nunca mais viu a Jacó, depois que o mandara para a companhia de Labão, por temer os desígnios assassinos de Esaú (Gên. 27.45 ss.). O sepultamento dela, porém, só é mencionado em Gênesis 49.31.

Manre. Ver sobre esse lugar no Dicionário.

Arba. No hebraico "quatro". Talvez o quarto filho nascido a seu pai. Ele foi um dos ancestrais dos anaquins, e o maior herói da raça, um gigante, pai de Anaque. Foi dele que a cidade de Hebrom derivou seu primeiro nome, Quiriate-Arba, ou seja, "cidade de Arba" (Gên. 35.27; Jos. 14.15; 15.13; 21.11). Ele foi o homem mais importante entre os anaquins (Jos. 14.15). Fundou a cidade de seu nome, no mesmo local onde veio a existir a cidade maior de Hebrom. Josué deu a Calebe a cidade de Hebrom como sua herança, por causa de sua confiança de que Deus o capacitaria a expulsar dali os gigantes (Jos. 14.6-15). Ver o artigo sobre *Anaque (Anaquins)*, no *Dicionário*.

Hebrom. Ver o artigo detalhado sobre esse lugar, no *Dicionário*. Este local era uma das paradas obrigatórias dos patriarcas, que levavam uma vida de seminomadismo. Ficava a cerca de trinta e dois quilômetros de Belém e da torre de Eder, onde Jacó havia ficado por algum tempo. Mas é provável que ele já tivesse estado antes em Hebrom, alternando ocasionalmente entre os dois lugares. Abraão tinha feito de Hebrom uma de suas residências, e foi ali que Sara morrera (Gên. 23.2). Ali a cidade é chamada por seu nome primitivo, *Quiriate-Arba*. Ver sobre esse lugar, no *Dicionário*.

A visita de Jacó a Hebrom, nesta oportunidade, provavelmente deveu-se ao fato de que ele tomou conhecimento de que Isaque estava às portas da morte.

35.28

Uma Longa Vida. Isaque viveu até aos cento e oitenta anos. Viveu por cerca de quarenta anos depois de haver abençoado Jacó e Esaú. Agora Jacó estava com cerca de cento e vinte anos de idade. José tinha cerca de vinte e nove anos. Isaque viveu cinco anos mais que seu pai, Abraão.

Quanto à desejabilidade de uma longa vida, ver as notas sobre Gên. 5.21.

Problemas de Cronologia. Parece que o texto envolve algum deslocamento cronológico. Consideremos o seguinte:

"Visto que Isaque tinha sessenta anos quando seus filhos nasceram, Jacó estava com cento e vinte anos por ocasião da morte de seu pai (que morreu com cento e oitenta anos). E tinha cento e trinta anos quando compareceu diante de Faraó (Gên. 37.2). Ora, visto que José tinha dezessete anos quando foi vendido ao Egito (Gên. 41.46), e visto que sete anos de abundância e mais dois anos de escassez já se haviam passado, antes de Jacó descer ao Egito, segue-se que o ato cruel, mediante o qual Jacó perdeu seu filho favorito, foi cometido cerca de doze anos *antes* da morte de Isaque" (Ellicott, *in loc.*). Portanto, o *registro* da morte de Isaque aparece *antes* de eventos que ainda seriam registrados, quando, na realidade, só ocorreu *depois* desses eventos.

35.29

Idades Comparadas. A duração da vida dos homens foi diminuindo paulatinamente. Os homens viviam em redor de 1000-900 anos (de Adão a Noé). Os homens viviam em redor de 600-200 anos (de Noé a Abraão). Os homens viviam em redor de 200-100 anos (durante a era patriarcal). Os teólogos culpam o pecado e sua crescente degradação como o motivo do declínio gradual mas radical da duração de vida dos homens. Finalmente, nos dias de Davi, a duração média de vida humana estabilizara-se em torno de setenta anos, o que prevalece, essencialmente, até hoje. Ver Sal. 90.10. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Morte* e *Sepultamento, Costumes de*

A Solenidade da Morte. A história *foi* sempre a mesma, mudando apenas os nomes. Abraão morreu e foi sepultado por seus dois filhos, Isaque e Ismael. Isaque morreu e seus dois filhos vieram sepultá-lo. Assim a história vai-se repetindo. Chega o nosso tempo de enfrentarmos a morte; nossos filhos nos sepultam. Chega o tempo de nossos filhos morrerem; e seus filhos os sepultam. Portanto, esperamos em Deus e na imortalidade. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Alma.* Apesar de ser desejável uma longa vida física, é ainda melhor possuir espiritualidade, o que nos pode fazer ultrapassar as crises da vida e atingir a pátria dos imortais.

Outra lição que aprendemos aqui é o poder da nação judaica em defesa da família. Jacó e Esaú arrostaram um período de hostilidade, mas isso terminou para sempre ao se reencontrarem no deserto, depois que Jacó deixara Harã (Gên. 33). Agora, vemos novamente os dois juntos, no sepultamento de Isaque, sem dúvida, gozando de paz e harmonia. E, então, os dois continuaram a viver próximos um do outro, por algum tempo, sem nenhum atrito (ver Gên. 36.5 ss.). Quando do funeral de Isaque, ambos prestaram honras à grande vida que o pai deles tinha vivido. Embora não tivesse sido um homem enérgico como Abraão, e apesar de não ter sido homem de muitas experiências místicas, conforme estava sendo Jaco, parece que ele foi um dos mais piedosos homens do período patriarcal. Ele passou por seus problemas, mas parece ter levado uma vida espiritual sem interrupções, sem grandes lapsos. Agora, pois, Jacó e Esaú exibiam ambos a sua lealdade e o seu respeito a Isaque.

"As *convicções* são oriundas das lealdades pessoais e das lealdades à família. A Bíblia, mais do que qualquer outro livro, mostra aos homens o que a lealdade pode significar, destacando, sobretudo, que a lealdade à família e às pessoas só pode ser algo doce quando se eleva até a contemplação a Deus" (Walter Russell Bowie, *in loc.*)

Esaú e Jacó, seus filhos, o sepultaram. Sem dúvida, na caverna de Macpela (ver sobre esse lugar no *Dicionário*), no terreno que Abraão havia adquirido como lugar de sepultamento, e onde tanto Abraão quanto Sara já tinham sido sepultados. Os restos de Isaque foram postos ao lado dos restos de sua esposa, Rebeca, conforme o costume da época exigia.

Capítulo Trinta e Seis

Os Descendentes de Esaú (36.1-43)

Os Edomitas (36.1-19)

Esta seção, de acordo com os críticos, foi compilada à base das fontes *J* e *P(S).* Ver no *Dicionário* o artigo chamado *J.E.D.P.(S.),* quanto a informações sobre a teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Achamos aqui valiosas informações sobre os edomitas ou idumeus, sem duvida alicerçadas sobre registros antigos dos próprios edomitas.

A Toledoth de Esaú (36.1-8)

Temos aqui a nona *toledoth* (gerações) e a décima divisão do livro de Gênesis. Moisés dividiu seu livro em doze divisões gerais, e todas elas, com exceção da primeira, começam com uma *toledoth* ou geração. Os livros antigos não continham divisões e índices, conforme vemos nos livros modernos. Damos informações completas, nas notas sobre Gên. 2.4, quanto a essas *toledoth* e outras maneiras de dividir os livros antigos.

"A narrativa salienta dois pontos. *Primeiro,* os filhos de Esaú nasceram na terra de Canaã (vs. 5), antes de ele mudar-se para Seir (vs. 8). Isso faz contraste com Jacó, cujos filhos nasceram *fora* da terra de Canaã, para então mudarem-se para a terra de Canaã. *Segundo,* Esaú tornou-se *Edom.* De fato, por todo este capítulo, o leitor é lembrado do fato. Por certo Israel entenderia o significado disso, porquanto os israelitas sempre tiveram de lutar contra os edomitas, descendentes de Esaú (Gên. 36.43)" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Reinou, Finalmente, a Paz. Jacó tinha fugido para escapar com vida, depois de haver furtado a bênção de Isaque que estava destinada a Esaú (Gên. 27.45 ss.). Ao voltar de Harã, cerca de vinte anos mais tarde, no caminho encontrou-se com Esaú. Jacó estava temeroso, mas tudo terminou bem. Esaú não mantinha rancor, e, surpreendentemente, manifestou profundo amor por seu irmão gêmeo (Gên. 33). Por que o amor haveria de nos surpreender? No entanto, é mais fácil odiar e prejudicar do que amar e servir. A ordem cronológica dos relatos de Gênesis leva-nos a pensar que Esaú tinha ido para Seir, então regressara à terra de Canaã, e viveu ali, perto de Jacó, por algum tempo (Gên. 36.6 ss.). Mas acabaram ambos tão ricos que precisaram separar-se, pois o território não conseguia sustentar os rebanhos de ambos ao mesmo tempo. E foi por isso que Esaú acabou voltando a Seir (cf. Gên. 33.14 e 36.8).

36.1

A Toledoth de Esaú. O autor sacro inicia onze das doze divisões do livro de Gênesis com a palavra hebraica *toledoth.* Ver as notas em Gên. 2.4 quanto a explicações sobre essa antiga maneira de dividir um livro. Temos aqui a décima divisão do livro, e sua nona *toledoth.*

Esaú. Ver sobre ele no *Dicionário.* No passado, Rebeca havia recebido a revelação divina de que seus filhos gêmeos haveriam de encabeçar nações distintas e hostis (Gên. 25.23).

Edom. Ver o artigo detalhado sobre esse nome, no *Dicionário.* O texto equipara Esaú e Edom. Ele foi o patriarca dos edomitas. Mas, se Jacó e Esaú mantiveram relações amistosas até o fim de suas vidas, seus descendentes viviam se guerreando.

A genealogia dos filhos de Esaú, que nasceram na terra de Canaã, aparece nos vss. 1-8 deste capítulo. A genealogia de seus netos, nascidos em Seir, está nos vss. 9-19. E a genealogia de Seir, o horeu, nos vss. 20-30. Esta geração foi adicionada porque as duas famílias, de Edom e de Seir, se misturaram, tornando-se uma só. Deus cumpriria as Suas promessas a Esaú (Gên. 24 e 27). Ele também estava destinado a tornar-se uma grande nação, uma subdivisão do *Pacto Abraâmico* (ver as notas a respeito em Gên. 15.18).

36.2

As Mulheres de Esaú. Os diferentes nomes dados às várias esposas de Esaú têm gerado para os eruditos mais dificuldade do que a questão merece. Não há como reconciliar os informes, nem é importante que haja reconciliação. Ver os informes sobre suas esposas em Gên. 26.34; 28.9 e 36.2,3. Alguns estudiosos supõem que as listas não sejam completas individualmente, mas antes, que uma lista suplemente as outras, o que indicaria que Esaú tinha mais esposas do que qualquer lista isolada o indica. Outra maneira de reconciliar os dados bíblicos consiste em supormos que uma ou outra acabou morrendo, e, então, que começam a ser mencionadas outras mulheres, sem nenhuma alusão às que já tinham desaparecido de cena. Ainda outros eruditos crêem que estão em pauta as mesmas mulheres, mas que elas são chamadas por nomes alternativos nas diversas listas.

Ada. No hebraico, *adorno, beleza.* Era uma das esposas de Esaú, filha de Elom, o heteu, e, talvez, a mesma Basemate da lista dada em Gên. 26.34. Ela é a primeira esposa de Esaú a ser mencionada por nome, embora fosse sua terceira mulher. Alguns eruditos supõem que havia duas esposas com nomes diferentes, mas ambas filhas de Elom. Mas isso é apenas conjectura. O casamento de Esaú e Ada introduziu sangue cananeu na família de Abraão e chegou a influenciar a vida dos israelitas. Essa mulher foi ancestral de seis tribos iduméias (Gên. 36.2-4,15,16).

Heteu. Ver no *Dicionário* o artigo *Hititas (Heteus).*

Oolibama. No hebraico, *tenda da altura.* Algumas traduções grafam seu nome como Aolibama. Provavelmente foi a segunda das três esposas de Esaú. Ela viveu em torno de 1764 A. C. Na narrativa anterior, ela é chamada (segundo alguns eruditos dizem) *Judite* (Gên. 26.34). Era neta de Zibeão, o heveu. É provável que seu nome original fosse Judite, e que, após casar-se, tenha recebido outro nome, um costume bastante comum na época. Foi matriarca de três tribos descendentes de Esaú.

Aná. No hebraico, *resposta.* Era filho ou filha de Zibeão, e também pai ou mãe de Oolibama, uma das esposas de Esaú (Gên. 36.2,14,18,25; I Crô. 1.40 ss.). Era hevéia, ou seja, da tribo dos heveus. O trecho de Gên. 36.24 diz que ele ou ela era o mesmo Aná que achou as fontes termais no deserto, mas onde algumas traduções dizem "mulas", em vez de fontes termais. As traduções também variam quanto ao gênero dessas pessoas, embora não fosse provável que uma mulher pudesse cumprir as funções descritas no Antigo Testamento acerca de tal pessoa.

Elom. Nada se sabe sobre esse homem, exceto o que se entende por este texto. Era pai de Basemate, uma das esposas de Esaú (Gên. 26.34). De acordo com alguns, em Gên. 36.2, sua filha, Basemate, é chamada *Ada.* Mas em Gên. 36.3 achamos outra Basemate, filha de Ismael e irmã de Nebaiote. Isso quer dizer que duas esposas de Esaú tinham o mesmo nome. É possível, pois, que a primeira tenha recebido o apelativo *Ada* a fim de ser distinguida da segunda. Mas ninguém pode, realmente, resolver esse enigma que circunda os nomes das mulheres de Esaú.

Zibeão. No hebraico, *ladrão, selvagem.* Ele era um heveu. Era o avô de Ada, uma das esposas de Esaú. Viveu em torno de 1800 A. C. Coisa alguma se sabe acerca dele, exceto o que se apreende neste texto. Ver Gên. 36.20 quanto a outro homem com esse mesmo nome.

36.3

Basemate. No hebraico, *fragrante*. Esse é o nome de várias mulheres que figuram no Antigo Testamento: 1. Uma das esposas de Esau (Gên. 26.34), filha de Elom, o heteu. Portanto, Esau ignorou o mandamento divino que proibia que os membros da família escolhida se casassem com cananeus. Tal casamento causou tristeza em Isaque e Rebeca. *Ada*, outra das esposas cananéias de Esaú, provavelmente era irmã de Basemate. 2. Outra das esposas de Esaú. Ela era filha de Ismael e irmã de Nebaiote (Gên. 36.3). Em Gên. 28.6-9 ela também é chamada de *Maalate*. Esse novo casamento de Esaú ocorreu quando ele percebeu que o casamento de Jacó com uma jovem da parentela de Abraão havia agradado Isaque, redundando em bênção para Jacó. Essa mulher tornou-se a mãe de Reuel. Seus vários filhos com Esaú também tornaram-se figuras importantes em Edom. 3. A filha de Salomão também era chamada assim. Ver sobre ela em I Reis 4.15.

Ismael. Ver sobre ele no *Dicionário*.

Nebaiote. No hebraico, *frutificação, fertilidade*. Esse era o nome do filho primogênito de Ismael (Gên. 25.13; I Crô. 1.29). Ele foi um xeque, que Jerônimo chamava de *fúlarxos*, príncipe de uma das tribos ismaelitas. Eles continuaram a ser conhecidos por esse título, nas gerações que se seguiram (Gên. 25.16; 17.20). Uma das esposas de Esau, Maalate (também chamada *Basemate*), era irmã de Nebaiote (Gên. 28.9; 36.3). Uma curiosidade histórica é o fato de que a terra de Esaú, *Edom*, finalmente caiu sob o controle da posteridade de Nebaiote. Esse clã árabe era vizinho do povo de Quedar. Ambos os nomes aparecem nos registros de Assurbanipal, rei da Assíria (669-626 A. C.). Ao que parece, eles foram os antepassados dos *nabateus* (ver no *Dicionário*). Todavia, alguns eruditos rejeitam essa teoria sobre bases filológicas.

36.4

Elifaz. No hebraico, *Deus é vitorioso*. Uma figura de proa do livro de Jó (4.12-21), com notas expositivas ali e um artigo no *Dicionário*. Também era o nome de um filho de Ada, esposa de Esaú. Jerônimo identificou-o com a personagem do livro de Jó, concordando nisso com o Targum de Jonathan. Mas outros dizem que o homem do livro de Jó era neto do homem com esse nome, aqui referido. Na verdade, nada se sabe sobre ele, pelo que supomos que todas aquelas afirmações são meras conjecturas.

Reuel. Esse nome também tem sido transliterado como *Raguel*. Nome de seis homens que figuram na Bíblia. Ver no *Dicionário*. Esse nome quer dizer *amigo* ou *companheiro de Deus*. O homem com esse nome, neste texto, era filho de Basemate, filha de Ismael (Gên. 36.3,4,10; I Crô. 1.35), e pai de Naate, Zerá, Samã e Mizá, chefes de clãs edomitas (Gên. 36.13 e I Crô. 1.37).

36.5

Jeús. No hebraico, *forte, apressado* (e, talvez, *coletor*). É o nome de cinco pessoas que aparecem no Antigo Testamento. Um deles era o filho mais velho de Esau e sua esposa, Oolibama. Gên. 36.5,14,18; I Crô. 1.35. Ele nasceu na terra de Canaã, posteriormente, porém, tornou-se um dos chefes idumeus. Viveu em torno de 1800 A. C. Ver o *Dicionário* quanto aos outros homens com esse nome.

Jalão. No hebraico, *aquele que Deus oculta*. Era filho de Esaú e Oolibama, e veio a tornar-se um dos chefes dos idumeus (Gên. 36.5,14,18; I Crô. 1.35). Viveu em cerca de 1800 A. C.

Coré. No hebraico, *calvo*. Esse é o nome de várias personagens do Antigo Testamento (ver o verbete *Coré*, no *Dicionário*). No que tange a este texto, temos o terceiro filho de Esaú e sua concubina cananéia, Oolibama (ver Gên. 36.5,14,18; I Crô. 1.35). Ele nasceu na terra de Canaã, antes de Esau partir para o monte Seir (Gên. 36.5-9). Ali, Coré tornou-se cabeça de uma das tribos iduméias (Gên. 36.18).

Na terra de Canaã. Parece que todos os filhos de Esaú nasceram ali; mas seus netos já nasceram em Seir (vs. 9-19). Em contraste com isso, todos os filhos de Jacó (com exceção de Benjamim) nasceram em Padã-Arã. São truques engraçados do destino. "Encontramos Esaú com um bando de homens armados, em Seir, quando da volta de Jacó de Padã-Arã para a Terra Prometida. Mas ele continuava residindo em Hebrom, com seu pai, Isaque, até que este faleceu, vinte e dois anos mais tarde" (Ellicott, *in loc.*). À semelhança de Abraão e de outros patriarcas, Esaú parece que tinha várias residências, pois vivia como seminômade. Deixou Canaã e foi (permanentemente?) para Seir, levando consigo sua parte das riquezas de Isaque, além do muito que ele já havia acumulado pessoalmente. Isso deixou Jacó em Hebrom, sua terra, como continuador da linhagem de Isaque, a linhagem que se tornaria a nação de Israel; enquanto Esaú encabeçava tribos iduméias. Isso cumpriu a profecia que havia sido dada a Rebeca, em Gênesis 25.23.

36.6

Levou Esaú. Temos aqui a partida definitiva de Esaú. Ele e Jacó tinham vivido anos em paz e amor fraternal, perto um do outro. Mas seus rebanhos tinham-se multiplicado tanto que se tornou prudente separarem-se. Assim, Esau tomou sua parte da herança de Isaque, além do que havia amealhado ele mesmo, e mudou-se para Seir (vs. 8). A separação foi mais do que de bens e rebanhos. Também foi uma separação de povos, pois a Jacó coube dar continuidade à linhagem de Abraão, que resultaria na nação de Israel; e, por meio de Judá (um dos filhos de Lia), que resultaria no Messias. Esaú, por sua parte, tinha um destino diferente, tendo-se tornado patriarca de muitas tribos ou nações, conforme isso lhe havia sido prometido (dentro da bênção de Isaque, Gên. 27.39 ss.). Estava assim tendo cumprimento a promessa, feita a Abraão, de que ele seria pai de muitas nações. Ver as notas em Gên. 15.18 quanto ao *Pacto Abraâmico*, onde está incluída essa provisão. Esau *voltou* a Seir (vs. 5).

36.7

Dois Homens Muito Ricos. O fato de Jacó ter-lhe arrebatado a bênção paterna de primogenitura não impediu que Esau se tornasse um homem rico. Jacó e Esau tornaram-se *ambos* muito ricos, um sinal de bênção divina, de acordo com a mentalidade dos hebreus. As terras áridas têm um limite: quanto gado podem sustentar. A grande multiplicação de animais, e sua necessidade de comerem, acabou separando os dois irmãos. Essa era uma razão muito melhor que aquela outra, que os havia separado quando jovens. A primeira separação fora causada por ludíbrio e ódio. Esta segunda foi causada pelo fato de que se tinham tornado ricos demais. Neste caso, Jacó e Esaú repetiram o que tinha acontecido a Abraão e Ló (Gên. 13.8 ss.). Maimônides supunha que Esaú tivesse ido antes em expedições de caça a Seir e, naturalmente, escolhera aquele lugar, mas sabemos que ele já tinha vivido ali (Gên. 33.14,16).

36.8

Monte de Seir. Ver notas completas sobre esse lugar no *Dicionário*. Ver também as notas em Gên. 14.6 e 32.3 quanto a outras informações. A viagem feita por Esaú cobriu uma distância entre oitenta e cento e sessenta quilômetros. Assim, a transferência de Esaú não se fez com dificuldade, mesmo considerando-se a época em que sucedeu. Esaú voltou assim para onde já tinha vivido (Gên. 32.3).

Edom. Ver o artigo *Edom, Idumeus* no *Dicionário*. Seir era uma cadeia montanhosa do território de Edom.

36.9

A Toledoth de Esau. Moisés usou a palavra hebraica *toledoth*, "gerações", a fim de designar as principais divisões do livro de Gênesis. Usou a palavra por onze vezes, embora haja doze divisões no livro, pois a história da criação (primeira divisão) não emprega essa palavra. Quanto a notas completas sobre a questão, ver Gên. 2.4. Os versículos anteriores já nos deram os primórdios da presente *toledoth*, mas agora são dados os pormenores. Essa palavra já tinha sido usada no primeiro versículo deste capítulo. Temos aqui a nona *toledoth* do livro e a décima divisão do livro de Gênesis.

O Progenitor dos Edomitas. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Edom, Idumeus*. De Abraão procedeu a linhagem que daria no Cristo: Isaque-Jacó-Judá. Esaú, irmão gêmeo de Jacó, originou um grupo separado de tribos que se desenvolveu em uma nação, cumprindo assim certa provisão do *Pacto Abraâmico* (ver as notas a respeito em Gên. 15.18), que dizia que ele seria pai de muitas nações. Ismael, filho de Abraão e Hagar, por sua vez, haveria de iniciar outra linhagem com doze patriarcas árabes (Gên. 17.20).

"Os filhos de Esaú também tiveram filhos. Assim, Esaú teve cinco filhos e dez netos (ou descendentes literais ou tribos fundadas por eles). Esaú teve onze netos, se Coré (vs. 16) tiver de ser incluído. O texto hebraico massorético alista-o aqui, mas não no vs. 11 nem em I Crô. 1.35. Ou, talvez, ele tenha morrido pouco depois de haver-se tornado um príncipe. Ou, então, a palavra Coré, em Gên. 36.16, talvez seja um erro escribal, devido a uma ditografia com base no Coré do vs. 14" (Allen P. Ross, *in loc.*).

36.10

Todos os nomes pessoais que figuram aqui são repetições com base em versículos anteriores: Elifaz e Ada (vs. 2); Reuel e Basemate (vs. 3).

36.11

Temã. No hebraico, *sul*. Ele foi neto de Esaú e de sua esposa hetéia, Ada (Gên. 36.11; I Crô. 1.36). Era filho mais velho do filho mais velho de

Esaú. Tornou-se um dos chefes de Edom. Há estudiosos que pensam que devemos distinguir o Temã de Gên. 36.11 daquele de Gên. 36.42 (o primeiro, provavelmente, viveu em torno de 1700 A. C.; e o segundo, em torno de 1480 A. C.).

Omar. No hebraico, *falador.* Filho de Elifaz, filho de Esaú (Gên. 36.15; I Crô. 1.36). Tornou-se cabeça de um dos clãs edomitas. Viveu em torno de 1700 A. C.

Zefô. No hebraico, *vigia, observador.* Um dos filhos de Elifaz, filho de Esaú, ou Edom, cujo nome aparece com a forma de Zefi, em I Crô. 1.36. Viveu em torno de 1700 A. C. Foi um dos chefes tribais dos idumeus.

Gaetã. No hebraico, *insignificante* ou *vale queimado.* Era um dos netos de Esaú, o quarto filho de Elifaz (Gên. 36.11; I Crô. 1.36). Foi chefe de um clã edomita. Viveu em torno de 1700 A. C.

Quenaz. No hebraico, *caçador* ou *flanco.* Esse é o nome de três personagens do Antigo Testamento. O homem desse nome neste texto (e em I Crô. 1.36) foi um dos líderes dos idumeus, filho de Elifaz, neto de Esaú. Viveu em torno de 1700 A. C.

36.12

Timna. No hebraico, *restrição.* Esse é o nome de duas mulheres e de dois homens nas páginas do Antigo Testamento. A mulher que aqui é mencionada era concubina de Elifaz, filho de Esaú. Ela viveu em torno de 1700 A. C. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Concubina.*

Amaleque. No hebraico, *habitante do vale.* Era filho de Elifaz e de sua concubina, Timna, e neto de Esaú. Sucedeu Gaetã no governo de Edom, ao sul de Judá (Gên. 36.12,16; I Crô. 1.36). Há uma referência aos amalequitas em Gênesis 14.7, onde Quedorlaomer (cerca de 1900 A. C.) e seus associados subjugaram os amalequitas e outros povos. Essa referência pode ser um anacronismo, embora seja possível que algum outro Amaleque (desconhecido) esteja ali em foco. Ou, então, esse termo pode ter sido usado para identificar a terra que mais tarde tornou-se a pátria dos descendentes amalequitas de Esaú. Em Números 24.20, Balaão refere-se a Amaleque como "o primeiro das nações", mas que viria a ser destruído. Isso não é uma alusão a tempos mais primitivos, mas apenas uma declaração de que os amalequitas seriam a primeira entre as nações a atacar a Israel, quando do êxodo do Egito (Êxo. 17.8; Núm. 14.45). Os edomitas apossaram-se do território dos horeus. No tempo do rei Ezequias, os últimos redutos amalequitas em Edom foram dispersos pelos simeonitas (I Crô. 4.42,43).

Os filhos. Ou seja, netos de *Ada,* pois temos aqui um uso frouxo do termo *filho.*

36.13

Naate. No hebraico, *descanso, quietude.* No Antigo Testamento há três homens com esse nome. Em Gên. 36.13, o primeiro dos quatro filhos de Reuel, filho de Esaú, que veio a ser um dos líderes dos edomitas. Ele viveu em torno de 1700 A. C.

Zerá. No hebraico, *rebento* ou *brilho.* Esse é o nome de sete homens que figuram no Antigo Testamento. Este era filho de Reuel, filho de Esaú. Tornou-se um chefe edomita (Gên. 36.13; I Crô. 1.37; e também, talvez, em I Crô. 1.44, a menos que este versículo fale de outro Zerá, pai de um rei idumeu anterior, Joabe; cf. Gên. 36.33). Viveu em cerca de 1700 A. C.

Samá. No hebraico, *fama, renome.* Nome de quatro pessoas do Antigo Testamento. No tocante a esta passagem, um filho de Reuel, filho de Esaú, por meio de Basemate, que era filha de Ismael. Foi chefe de uma tribo iduméia (Gên. 36.13,17; I Crô. 1.37). Viveu em torno de 1700 A. C.

Mizá. No hebraico, *temor.* Nome do quarto e último filho de Reuel, filho de Esaú, e sua esposa, Basemate (Gên. 36.13; I Crô. 1.37). Tornou-se chefe de um clã idumeu. Viveu em torno de 1700 A. C.

Filhos de Basemante. Ou seja, seus netos.

36.14

Os nomes Oolibama, Aná e Zibeão já haviam sido mencionados no segundo versículo deste capítulo, onde são comentados.

Jeús. Nome de cinco pessoas do Antigo Testamento. Esse nome significa *forte, apressado.* No que toca ao presente texto, temos o filho mais velho de Esaú e sua esposa Oolibama, sobre o qual comentamos no vs. 5.

Jalão. Ver as notas no vs. 5 deste capítulo.

Coré. Ver as notas no vs. 5 deste capítulo.

Os nomes dos filhos de Oolibama foram repetidos, mas os nomes de seus netos não foram alistados, conforme se vê no caso das demais esposas de Esaú, mas por razões desconhecidas.

36.15,16

Os príncipes. Chefes tribais que se tornaram patriarcas de pequenas nações cujo progenitor era Esaú. O autor sacro forneceu-nos essa informação adicional para mostrar como os descendentes de Esaú desenvolveram-se em nações separadas, distintas dos descendentes de Jacó, que se tornou o patriarca de Israel, de acordo com a linhagem Abraão-Isaque-Jacó-Judá-Messias, a linhagem verdadeiramente real. Os nomes que já tínhamos visto se repetem aqui, mas agora neste contexto de identidades nacionais, distintas de Israel.

O termo hebraico aqui usado, traduzido por "príncipe", é *alluph,* o qual indica um chefe tribal ou príncipe, derivado de *eleph,* "mil". Cada *alluph* tornou-se o cabeça de uma tribo, com seu próprio distrito ou identificação geográfica.

Essa lista fornece-nos *catorze príncipes: sete*: por meio de Ada; quatro por meio de Basemate; e três por meio de Oolibama.

Príncipes da Linhagem Esaú-Ada-Elifaz (sete):

Temã. Ver as notas no vs. 11.

Omar. Ver as notas no vs. 11.

Zefô. Ver as notas no vs. 11.

Quenaz. Ver as notas no vs. 11.

Coré. Esse homem (ou outro do mesmo nome) é mencionado no vs. 5 como filho de Oolibama, informação essa que foi repetida no vs. 14. Ele era filho, e não neto de Esaú, motivo pelo qual alguns intérpretes falam aqui em deslocamento ou interpolação. Alguns deles pensam que a palavra foi incorretamente inserida pelo autor original; outros pensam em um erro escribal subseqüente, por motivo de descuido. A versão samaritana não contém esse nome aqui, e não envolve uma interpolação. No entanto, outros eruditos pensam que esse *Coré* era mesmo neto de Esaú, por isso deve ser distinguido do Coré dos vs. 5 e 14. O trecho de I Crô. 1.35 não contém o nome, favorecendo a idéia de que realmente houve um erro escribal neste ponto. Nesse caso, na verdade não seriam sete os príncipes edomitas descendentes de Ada, e, sim, seis.

Gaetã. Ver as notas no vs. 11.

Amaleque. Ver as notas no vs. 12.

Filhos de Ada, ou melhor, netos de Edom que se tornaram príncipes ou chefes tribais.

36.17

Príncipes da Linhagem Esaú-Basemate-Reuel (quatro):

Naate. Ver as notas no vs. 13.

Zerá. Ver as notas no vs. 13.

Samá. Ver as notas no vs. 13.

Mizá. Ver as notas no vs. 13.

Edom. Ver sobre este lugar no *Dicionário.* Os filhos de Esaú nasceram na terra de Canaã, em contraste com os filhos de Jacó, que nasceram no "estrangeiro", excetuando apenas Benjamim. Mas os netos de Esaú já nasceram em Edom, e tornaram-se chefes tribais ali.

Filhos de Basemate. Ou seja, netos.

36.18

Príncipes da Linhagem Esaú-Oolibama (três).

Esses são filhos, e não netos de Esaú, como nos dois casos anteriores. Nessa linhagem, coisa alguma é dita sobre netos, embora eles também devam ter

sido chefes de Edom. Talvez Oolibama pertencesse à proeminente família de Seir, e seus filhos tivessem tomado conta dos distritos e tribos dos horeus, os habitantes originais da região.

Jeús. Ver as notas no vs. 5.

Jalão. Ver as notas no vs. 5.

Coré. Ver as notas no vs. 5 (ver também o *Coré* do vs. 16, o que envolve uma certa confusão de nomes).

Filha de Aná. Ver o vs. 2 sobre *Aná*.

36.19

Ele é Edom. De acordo com o autor sagrado, a nação compunha-se de catorze ou treze príncipes ou chefes tribais, cada um dos quais originador de uma nação.

Os Horeus (36.20-30)

Os horeus não eram os mesmos humanos, conforme têm pensado alguns eruditos. Os humanos foram um povo não-semítico que se originou (até onde a história nos revela) na região montanhosa da Mesopotâmia. Nos séculos XV e XIV A. C., eles se espalharam tão geralmente pela Síria e pela Palestina que um nome egípcio alternativo para a terra de Canaã era *Khüru,* uma referência aos hurrianos. Ver os artigos detalhados, no *Dicionário,* intitulados *Horeus* e *Hurrianos.*

Os *horeus* eram também chamados, antigamente, *hori* e *horns.* Eles têm sido identificados com certos "habitantes das cavernas" (em nossa versão portuguesa, "enlaçados em cavernas", Isa. 42.22). Talvez haja nisso uma alusão a mineiros. Outros estudiosos, entretanto, pensam que esse nome está ligado ao termo egípcio *hurru,* uma designação de povos da região da Síria-Palestina. Esses povos, juntamente com Israel, figuram na estela de Meremptá, com data por volta de 1220 A. C. Essa palavra egípcia aponta para os humanos, um povo não-semita que fazia parte da população indígena da Síria, no século XVIII A. C., e também havia ocupado a área chamada Suburu, ou seja, a região do Eufrates: Habur-Tigre

Sob a liderança do reino de Mitani, eles chegaram a ocupar uma posição dominante na Síria, no sul da Turquia e no leste da Assíria, desde cerca de 1550 A. C., até que os assírios conseguiram subjugá-los, em cerca de 1150 A. C. Essa gente aparece em tabletes em escrita cuneiforme, de Tell Taanach e de Siquém, bem como nas cartas de Tell el-Amarna, especificamente na carta de Arade-Hepa, de Jerusalém, e na carta hurriana de Tushrata a Amenhotepe IV, do Egito. Todavia, alguns eruditos afirmam que as várias referências veterotestamentárias existentes não se ajustam a esse povo. Por exemplo, os nomes pessoais dos *horeus,* conforme se vê em Gên. 36.20-30, não se ajustam aos padrões hurrianos, mas, antes, parecem ser nomes tipicamente semitas. Ora, os hurrianos não eram um povo semita. E os predecessores dos idumeus, aparentemente, não foram hurrianos.

O nome *horeus* aparece em Gên. 34.2 e Jos. 9.7; e a Septuaginta retém ali esse nome. Quanto ao trecho de Isa. 17.9, tanto o texto massorético quanto a Septuaginta substituem o nome por outras formas. Por essas razões, alguns eruditos supõem que ali haja menção aos horeus ocidentais e aos horeus orientais, sabendo que estes últimos foram os antecessores dos idumeus, na região. Nesse caso, os horeus ocidentais não era semitas; mas os horeus orientais o eram. Aqueles do ocidente eram aparentados dos hurrianos, que aparecem nos textos extrabíblicos do segundo milênio A. C. Adicionemos a isso que a palavra, quando se refere aos horeus orientais, significa "habitantes das cavernas", ao passo que a etimologia do nome dos horeus ocidentais é obscura, aparentemente não relacionada ao outro nome, embora similar a ele.

O nome deles está relacionado ao termo hebraico "hor", que significa "monte" ou "caverna". Se eles não eram mineiros, então eram uma população primitiva que realmente residia em cavernas. Essa gente parece não estar relacionada em coisa alguma aos hurrianos; mas também não existem evidências arqueológicas que iluminem a cultura deles.

Os *horeus* migraram da Mesopotâmia em 2000 A. C. Ao que parece, eram povos aborígenes que habitavam em Edom antes de ali chegarem Esaú e seus descendentes, e cujas terras foram tomadas pelos idumeus. Foram incorporados por meio de casamentos mistos, motivo pelo qual a linhagem Abraão-Isaque-Esaú distanciou-se mais ainda da linhagem Abraão-Isaque-Jacó. A monarquia iduméia originou-se cerca de cento e cinqüenta anos antes daquela de Israel (Núm. 20.14). Esaú era o irmão mais velho de Jacó; Edom era o reino mais antigo.

36.20

São estes os filhos de Seir, o horeu. Eles são aludidos aqui, porque esse foi o povo que Esaú e seus filhos conquistaram e com os quais se misturaram, incorporando-os à linhagem racial de Esaú. Outros povos árabes também foram incorporados. Esaú casou-se com uma filha de Ismael (Gên. 28.9). Isso posto, grande foi a mistura que acabou distinguindo claramente os descendentes de Esaú dos descendentes de Jacó. O Pacto Abraâmico estava assim tendo cumprimento. Abraão haveria de ser pai de *muitas* nações. Ver as notas completas a respeito dessa descrição em Gên. 15.18. Ver Gên. 14.6 quanto à primeira menção dos *horeus* na Bíblia.

Seir. Ver sobre ele no *Dicionário.* De acordo com certa tradição, que parece datar da penetração dos horeus na região de Seir (cerca de 2000 A. C.), o nome do lugar deriva-se do nome de um homem, Seir, um chefe horeu, que fundou a linhagem dos governantes horeus na área (Gên. 36.20-30). Nada se sabe sobre esse homem, e alguns duvidam da historicidade das informações sugeridas pelo contexto.

Lotã. No hebraico, *cobertura.* Foi o filho mais velho de Seir (aqui e em I Crô. 1.38). Foi um chefe tribal idumeu (Gên. 36.22,29; I Crô. 1.39), acerca de quem nada se sabe, a não ser o que se lê neste texto.

Sobal. No hebraico, *vagueação.* Nome de três homens das páginas do Antigo Testamento. No tocante ao presente texto, Sobal foi um filho de Seir, o horeu, chefe de um clã dos habitantes horeus de Edom (Gên. 36.20,23,29; I Crô. 1.38,40). Ele viveu em torno de 1820 A. C.

Zibeão. No hebraico, *ladrão* ou *selvagem,* um filho de Seir, o horeu, e um dos cabeças de uma tribo (Gên. 36.20,29; I Crô. 1.38). Alguns identificam esse homem com a pessoa anterior (vs. 2). Outros conjecturam que a diferença quanto ao gênero, nas versões antigas, deve-se ao fato de que duas pessoas diferentes, mas muito próximas uma da outra, eram chamadas pelo mesmo nome. Mas nada se sabe com certeza a esse respeito.

36.21

Disom. No hebraico, *antílope* ou *cabra montês,* nome de duas pessoas que figuram no Antigo Testamento. O homem deste texto foi o quinto filho de Seir, um líder de clã entre os horeus. Esaú e seus filhos tomaram suas terras e incorporaram os horeus na emergente nação de Edom. Gên. 36.21,28,30; I Crô. 1.38,41. Viveu em torno de 1850 A. C.

Eser. Nas traduções também aparece com as formas de Ezer ou Ezar. No hebraico, esse nome quer dizer *ajuda.* É nome de seis pessoas nas páginas do Antigo Testamento. Aquele que figura neste texto era filho de Seir, o horeu, na terra de Edom, chefe de uma tribo (Gên. 36.21,30; I Crô. 1.38). Três de seus filhos são mencionados em Gên. 36.27 e I Crô. 1.42. Viveu em cerca de 1800 A. C.

Disã. No hebraico, *antílope* ou *cabra montês.* Forma alternativa do nome *Disom* (que aparece neste mesmo versículo). Nome do filho caçula do horeu Seir (Gên. 36.21,28,30; I Crô. 1.38,42). Ele era líder de um clã dos horeus, descendentes de Seir, ou, talvez, filho direto dele. Esse povo, finalmente, foi expulso do lugar pelos idumeus (Deu. 2.12).

36.22

Os Filhos de Lotã, netos de Seir, foram:

Hori. No hebraico, *habitante das cavernas.* Ver sobre ele no *Dicionário.* A pessoa referida neste versículo era um dos filhos de Lotã, filho de Seir e irmão de Homã (Hemã) (Gên. 36.22; I Crô. 1.39). Viveu em torno de 1875 A. C.

Homã. No hebraico, *violento, furioso.* Seu nome também é transliterado como Hemã. Era filho de Lotã, filho mais velho de Seir (Gên. 36.22; I Crô. 1.39). Viveu em torno de 1800 A. C.

Timna. No hebraico, *restrição.* Nome de quatro pessoas nas páginas do Antigo Testamento, dois homens e duas mulheres. Havia um homem desse nome que era um chefe tribal em Edom (vs. 40). Havia um filho de Elifaz, com esse nome (I Crô. 1.36). Havia uma mulher com esse nome, que era concubina de Elifaz (Gên. 36.12). E a pessoa que figura neste versículo era irmã de Lotã, e, portanto, filha de Seir. Ver também I Crô. 1.39. Não se sabe porque o nome dessa mulher figura na lista de filhos. Alguns estudiosos identificam-na com a concubina de Elifaz, do vs. 12. Nesse caso, talvez por esse motivo seu nome seja aqui repetido.

36.23

Os Filhos de Sobal, netos de Seir, foram:

Alvã. No hebraico, *alto, sublime.* Ele era um dos chefes em Edom. Era filho de Sobal, um descendente de Seir (Gên. 36.23; I Crô. 1.51). Talvez esse homem deva

ser identificado com o Aliã referido em I Crô. 1.40. Viveu em torno de 1900 A. C.

Manaate. Ver no *Dicionário* o verbete *Manaate (Manaatitas)*. No hebraico, esse nome significa *lugar de descanso*. Esse nome indica um homem, uma cidade e, sob outra forma, uma tribo ou população. A pessoa assim chamada neste versículo era o segundo filho de Sobal, filho de Seir, o horeu (Gên. 36.23; I Crô. 1.40). Era idumeu. Seir, o horeu, deu seu nome àquela porção da terra de Edom, a saber, o monte Seir. Ele viveu em cerca de 1800-1760 A. C.

Ebal. No hebraico, *despido* ou *pedra*. Era um dos filhos de Sobal (Gên. 36.23; I Crô. 1.40). Era um chefe tribal. Viveu em torno de 1800 A. C.

Sefô. No hebraico, *beleza*. Ele foi um homem horeu, chefe em Edom, o quarto filho de Sobal e neto de Seir (Gên. 36.23; I Crô. 1.40). Viveu em cerca de 1800 A. C.

Onã. Várias pessoas têm esse nome no Antigo Testamento. Esse nome significa *vigoroso*. Ver o *Dicionário* quanto a esse nome. O homem desse nome, neste versículo, foi o quarto filho de Sobal, e era neto de Seir (Gên. 36.23; I Crô. 1.40). Viveu em torno de 1800 A. C.

36.24

Os Filhos de Zibeão, neto de Sobal, foram:

Aiá. No hebraico, *falcão* ou *grito do falcão*, um filho de Zibeão, filho de Seir, o horeu. Tornou-se o ancestral de um dos clãs de Edom (Gên. 36.24; I Crô. 1.40).

Aná. No hebraico, *resposta*. Filho (ou filha) de Zibeão. Ver Gên. 36.2. Ele ou ela achou *fontes termais* ou *mulas*, conforme dizem algumas traduções. Jerônimo dizia que essa palavra deriva-se do púnico, um idioma cognato do hebraico, onde significava "fontes termais". Contra a idéia de mulas temos a circunstância de que esse animal (cruzamento do cavalo e do jumento) ainda não era conhecido naquele tempo, na Palestina. Havia um certo número de fontes termais na região de Edom. Uma delas era chamada wady Zerka Maion, que poderia ser aquela fundada por Aná. Os estudiosos diferem quanto a vários pontos interpretativos, e isso é seguido pelas diversas versões. Aná tomava conta dos animais de seu pai e, em conexão com esse trabalho, evidentemente entrava em contato com fontes termais.

36.25

Os Filhos de Aná foram:

Disom. No hebraico, *cabra montês* ou *antílope*. Ele era filho de Aná, um chefe horeu, e neto de Seir. Sua irmã chamava-se Oolibama, que foi esposa de Esaú (Gên. 36.25; I Crô. 1.41,42). O confronto entre Gên. 36.21-30 e I Crô. 1.38-42 dá-nos a impressão de que o Disã mencionado em Gên. 36.28 deveria ter seu nome grafado com a forma de Disom, e seria o mesmo filho de Aná. Ver as notas sobre o *Disom* de Gên. 36.21. Este último parece que era tio daquele do presente versículo.

Oolibama. Ver o vs. 5. Naquele versículo, ela aparece como pertencente ao povo dos *heveus*, mas aqui, dos *horeus*. Talvez as duas estivessem ligadas por laços de casamento, com derivação semelhante, embora sejam duas mulheres diferentes, conforme alguns estudiosos supõem. Oolibama era neta ou bisneta de Seir (cf. vss. 2,14,18,25).

36.26

Os Filhos de Disã, filho de Seir (vs. 21) foram:

Hendã. No hebraico, *agradável*. Era o filho mais velho de Disã (vs. 21), um dos filhos de Seir. Em I Crô. 1.41, é chamado *Hanrão*. Com a forma de Hendã, o nome aparece somente neste versículo. Viveu em torno de 1800 A. C.

Esbã. No hebraico, *herói sábio* ou *homem compreensivo*. Foi um chefe horeu, filho de Disã (Gên. 36.26; I Crô. 1.41). Viveu em torno de 1800 A. C.

Itrã. No hebraico, *excelência* ou *procedimento*. Foi um homem horeu, filho de Disã e neto de Seir (Gên. 36.26; I Crô. 1.41). À semelhança de seu pai, parece ter sido chefe de um dos clãs dos horeus (Gên. 36.30). Viveu em cerca de 1850 A. C.

Querã. Não se sabe o que significa esse nome, embora alguns sugiram *união*. Ele foi um dos filhos de Disã, filho de Seir, o horeu (Gên. 36.26; I Crô. 1.41). Viveu em cerca de 1850 A. C.

36.27

Os Filhos de Eser (vs. 21) foram:

Bilã. No hebraico, *terno*. Ele foi um horeu, um dos chefes em monte Seir, em Edom (Gên. 36.27; I Crô. 1.42). Foi progenitor de um subclã em Edom. Viveu em torno de 1850 A. C.

Zaavã. No hebraico *causador de temor* (Gên. 36.27; I Crô. 1.42). Algumas vezes grafam o nome dele como Zavã. Era filho de Eser, um chefe de clã entre os horeus.

Acã. No hebraico, *torcido*. Era um dos filhos de Eser, filho de Seir (Gên. 36.27). Em I Crô. 1.42 ele é chamado Jaacã.

36.28

Os Filhos de Disã (vs. 21).

Disã foi o último dos sete filhos de Seir, e não um filho de Aná (vs. 25).

Uz. No hebraico, *firmeza*. Era filho de Disã, da família de Seir, um dos antepassados dos horeus, da terra de Edom (Gên. 36.28; I Crô. 1.42). Viveu em cerca de 1800 A. C.

Arã. No hebraico, *cabra selvagem*. Seu nome também aparece com a forma de Ara. Era filho de Disã e irmão de Uz (Gên. 36.28; I Crô. 1.42). Alguns eruditos supõem que haja alguma conexão entre esse homem e um certo Orém, referido em I Crô. 2.25. Viveu em torno de 1850 A. C.

36.29

Os príncipes dos horeus. Chefes tribais de nações emergentes, que não governaram em sucessão, segundo ocorreu aos reis que se seguem (vss. 31 ss.). Antes, cada qual, em seu respectivo lugar, governou como contemporâneo dos vários clãs dos horeus. Esse povo misturou-se por casamento com descendentes de Esaú. E, com mais alguma mistura proveniente de populações árabes, formaram-se os idumeus (ver o vs. 20).

Lotã, Sobal, Zibeão, Aná. Todos esses nomes aparecem no vs. 20, e são ali anotados.

36.30

Disom; Eser; Disã. Todos esses nomes aparecem no vs. 21, onde há notas expositivas a respeito deles. Juntamente com os que são mencionados no vs. 29, tinham seus territórios e seus clãs, sobre os quais governavam, todos eles juntos (misturados com descendentes de Esaú), como um estágio preliminar na formação do reino de Edom, que se organizou como tal cerca de cento e cinqüenta anos antes da organização da nação de Israel.

Os Reis de Edom (36.31-43)

São mencionados oito reis. Na hipótese de que cada um deles tenha governado uma média de vinte anos, a fundação da monarquia iduméia antecedeu a monarquia israelita por cerca de cento e cinqüenta anos. Esaú, irmão mais velho de Jacó, produziu o reino mais antigo. A organização da nação de Israel seguiu a linhagem de Jacó, o irmão mais novo de Esaú.

Parece seguro supormos que a organização da nação de Edom tenha seguido um modelo paralelo à de Israel. Edom passou do estágio de príncipes tribais (equivalentes aos *juízes*, vss. 20 ss.) e finalmente escolheram um rei que governasse a nação inteira. Não há certeza, todavia, de quando começou a linhagem real, nem sobre o tempo em que foram além do tempo de Jacó e de Esaú. Como é óbvio, seguiram-se vários outros reis em Edom. Alguns deles têm sido positivamente identificados, conforme vemos nas notas abaixo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Edom, Idumeus*, quanto a detalhes sobre a história desse reino.

36.31

Os reis. "No cântico triunfal de Moisés, à beira do mar Vermelho, lemos ainda sobre os 'príncipes de Edom' (Êxo. 15.15). Mas quando Israel chegou nas fronteiras da terra deles, descobrimos que Edom já tinha um rei (Núm. 20.14). Todavia, na lista dada aqui, nenhum rei sucede a seu pai. É provável que fossem monarcas súditos de outros, que surgiram em várias partes do país, durante um longo período de guerra civil, quando os horeus foram totalmente conquistados, afinal. Outro tanto sucedeu aos cananeus, na Palestina, sob as pesadas mãos de Saul e Salomão. No tempo dos príncipes idumeus também havia príncipes horeus, da raça de Seir, governando distritos aparentemente misturados com aqueles

governados pelos descendentes de Esaú. Agora, porém, essa situação tinha desaparecido" (Ellicott, *in loc.*).

Antes que houvesse rei sobre. . . Israel. Provavelmente isso reflete um período posterior à era mosaica, quando o reino de Israel já havia sido organizado. Em Israel, o reino só começou cerca de quinhentos anos após a época de Moisés. Os críticos frisam este versículo, além de outros, para mostrarem a data relativamente tardia do Pentateuco. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco, bem como a introdução ao livro de Gênesis, acerca dos problemas atinentes à sua data. Os estudiosos conservadores *admitem* que alguns versículos, ou mesmo seções, de Gênesis sejam pós-mosaicos, e que foram então incorporados ao original, por Esdras ou algum outro autor. Não é adequado dizermos aqui que Moisés *profetizou* algo sobre o ainda distante reino de Israel, conforme os ultraconservadores explicam. Ver também Gên. 48.20.

36.32

Bela. No hebraico, *devorador* ou *destruição*. Ele era filho de Beor, que reinou em Edom em cerca de 1600 A. C., na cidade de Dinagá, oito gerações antes de Saul (Gên. 36.32; I Crô. 1.43). "Não Balaque, como diz a Septuaginta. . . Balaque, rei de Moabe. Nem Balaão. . . filho de Beor, que viveu mais tarde" (John Gill, *in loc.*). Todavia, alguns pensam que está em pauta Balaão, a quem o rei de Moabe alugou para amaldiçoar Israel. Ver Núm. 22.5. Se esse homem está aqui em vista, então temos, ato contínuo, reflexo de uma era bem anterior à época mosaica.

Beor. No hebraico, *tocha*. Esse era o nome do pai de Bela, o rei idumeu e pai do vidente Balaão (de tempos posteriores). E isso contribui para a confusão sobre a identidade do Bela do versículo presente.

Dinabá. No hebraico, *covil de ladrões*. Esse foi o nome de uma das cidades de Edom (Gên. 36.32; I Crô. 1.43), capital de Bela. E também nome de um filho de Beor, rei de Edom, antes da formação da monarquia de Israel. Desconhece-se atualmente o local.

36.33

Morreu Bela. Não há informações sobre os anos de sua vida, sobre quanto tempo ele governou, se ele teve filhos, e, se os teve, por qual razão o governo não passou às mãos de algum deles.

Jobabe. No hebraico, *uivo, clamor*. Há cinco pessoas com esse nome no Antigo Testamento. Neste texto temos um dos reis de Edom (Gên. 36.33,34; I Crô. 1.44,45). Era filho de Zerá, de Bozra, e residia ali, tendo sido o segundo monarca da lista daqueles reis. A identificação desse homem com Jó (conforme faziam alguns antigos intérpretes judeus) é ridícula.

Zerá. No hebraico, *broto, rebento*. Esse é o nome de sete pessoas que figuram nas páginas do Antigo Testamento. Aquele do presente texto era o pai do segundo dos primeiros reis de Edom (Gên. 36.33; I Crô. 1.44). Ele viveu em torno de 1670 A. C.

Bozra. No hebraico, *fortaleza*. Nome de uma cidade de Edom, residência de Jobabe, segundo rei de Edom (Gên. 36.33; I Crô. 1.44). Ver também Isa. 34.6; Jer. 49.13,22; Amós 1.12. A cidade tem sido identificada com a moderna Buseireh, localizada no início do wadi Hamayideh, em uma escarpa isolada, cercada por três lados por vales profundos. Fica a cerca de quarenta e oito quilômetros ao norte de Petra. Era a mais poderosa fortaleza do norte de Edom e controlava o acesso à Estrada do Rei, e, portanto, à Arabá, e ao porto de Eilate, no mar Vermelho. É possível que tenha funcionado como capital de Edom, pelo menos durante parte de sua história. Tornou-se famosa por causa de suas vestes tingidas (Isa. 63.1).

36.34

Husão. No hebraico, *apressado*. Nome do rei de Edom que foi sucessor de Jobabe (Gên. 36.34,35; I Crô. 1.45,46). A Septuaginta identifica-o com o Husã que aparece no livro de Jó, mas não há certeza quanto a isso. Viveu em torno de 1500 A. C.

Terra dos temanitas. Ou seja, terra dos sulistas, conforme explica o Targum de Jonathan, ou seja, a porção sul de Edom. A principal cidade dessa região era Temã, que derivava seu nome do *Temã* referido no décimo primeiro versículo deste capítulo. No *Dicionário* há um artigo detalhado sobre ele.

É evidente que a sucessão dos reis, em Edom, não passava de pai para filho, e, sim, de pessoa poderosa para pessoa poderosa.

36.35

Hadade. No hebraico, *trovão*. Esse é o nome de seis pessoas, nas páginas do Antigo Testamento. O homem com esse nome, neste texto, foi um dos reis de Edom. Ele sucedeu a Husão. Seu pai chamava-se Bedade (Gên. 36.35,36; I Crô. 1.30). Ele derrotou os midianitas na planície de Moabe, e fez da cidade de Avite a sua capital. Viveu em torno de 1500 A. C. Alguns eruditos, porém, identificam-no com o Hadade que se submeteu a Davi (I Reis 11.14-18), o que emprestaria a esta seção (e talvez a todo o livro de Gênesis) uma data posterior, pois o registro teria sido feito ao tempo da monarquia de Israel. Ver as notas sobre o vs. 31.

Bedade. No hebraico, *solitário*. Era o pai de Hadade, rei de Edom (Gên. 36.35; I Crô. 1.46), que reinou bem antes que houvesse rei em Israel. Viveu em cerca de 1500 A. C.

Avite. No hebraico, *cabana* ou *vila*. Uma cidade dos idumeus. Era cidade de Hadade, filho de Bedade. Não se sabe hoje em dia onde ficava essa cidade. Ver Gên. 35.36 e I Crô. 1.46.

A Batalha contra Midiã (o homem e o povo). Ver sobre *Midiã* no *Dicionário*. Três países, Moabe, Edom e Midiã, declararam-se em pé de guerra. Moabe ficava mais ao norte, e mais ao sul ficavam Edom e Midiã. Jarchi comentou que Midiã saiu para atacar Moabe, e os idumeus saíram em socorro de Moabe. Mas não se sabe quão exata é essa informação. Alguns têm identificado o Midiã deste texto com o homem desse nome que era filho de Abraão e Quetura (Gên. 25.2), mas isso é um anacronismo.

36.36

Samlá. No hebraico, *veste*. Ele foi um dos reis de Edom (Gên. 36.36,37; I Crô. 1.47,48). Originário de Masreca, sucedeu a Hadade, de Avite, como rei; e, por sua vez, foi sucedido por Saulo, de Reobote, que ficava perto do rio Eufrates. Samlá reinou antes que houvesse rei entre os israelitas.

Masreca. No hebraico, *vinhedo*. Nome de uma cidade da Iduméia, a cidade natal de Samlá, um rei idumeu (aqui e em I Crô. 1.47). A cidade tem sido identificada com o Jebel el-Mushrak, que fica a trinta e cinco quilômetros a sudoeste de Ma'an.

36.37

Saul. No hebraico, *solicitado* ou *esmoler*. Um rei súdito de Edom (Gên. 36.37.38 e I Crô. 1.48,49). Reinou em Edom antes do começo do reino em Israel. Foi um dos oito desses reis idumeus.

Reobote. No hebraico, *lugares amplos*. Três lugares são assim chamados no Antigo Testamento. O local aludido aqui e em I Crô. 1.48 era uma cidade à beira do rio Eufrates (ver sobre esse rio no *Dicionário*). Ali nasceu Saul, um dos oito reis de Edom, que reinou cerca de cento e cinqüenta anos antes do começo do reino de Israel. Essa cidade não tem sido identificada, mas certamente não é a mesma cidade de Reobote do sul de Judá. Assur construiu uma cidade com esse nome (Gên. 10.11), a qual poderia ser a cidade aqui enfocada. Mas a maioria dos estudiosos identifica essa cidade com Reobote-Ir, que merece um verbete no *Dicionário*, em seu terceiro ponto.

36.38

Baal-Hanã. No hebraico, *Baal é gracioso*. Esse foi o nome de um dos reis de Edom, que reinou depois de Saul. Era filho de Acbor e sucedeu a Saul no trono idumeu. Foi por sua vez sucedido por Hadar (Gên. 36.38; I Crô. 1.49,50).

Acbor. No hebraico, *rato*. Era pai de Baal-Hanã, rei dos idumeus (aqui e em I Crô. 1.49). Foi um dos oito reis que reinaram antes da organização do reinado em Israel.

36.39

Hadar. No hebraico, *magnificência*. Foi um rei de Edom, cuja capital era Pau. Sua esposa chamava-se Meetabel. Foi um dos oito reis idumeus. Seu nome aparece com a forma de Hadade, em algumas traduções. Ele foi o último dos reis horeus que pavimentaram o caminho para a formação do reino de Edom, cerca de cento e cinqüenta anos antes do surgimento do reino de Israel. No hebraico, as letras *h* e *r* são parecidas, o que explica a confusão quanto à forma do nome desse homem.

Meetabel. No hebraico, *acossada por Deus*. Era esposa de Hadar (ou Hadade), rei de Edom (Gên. 36.39; I Crô. 1.50). Deve ter vivido em torno de 1600 A. C. Por razões desconhecidas, ela é mencionada, ao passo que não são dados os nomes das esposas dos demais reis idumeus.

Matrede. No hebraico, *impulsionadora*. Era filha de Me-Zaabe. Foi sogra do rei Hadar (ou Hadade), de Edom (Gên. 36.39; I Crô. 1.50). A Septuaginta faz dela

um *filho* de Me-Zaabe, e a versão Siríaca Peshitta concorda com isso, talvez por empréstimo. Essa pessoa viveu algum tempo antes de 1620 A. C.

Me-Zaabe. No hebraico, *águas de ouro*. Foi pai ou mãe de Meetabel, que foi esposa de Hadar (ou Hadade), o último rei de Edom a ser mencionado nas Escrituras. Gên. 36.39 e I Crô. 1.50. Não se sabe por que as duas mulheres deste versículo foram mencionadas, pois no caso dos demais reis idumeus não é mencionado nenhum nome feminino. Talvez esta informação tenha sido recolhida quando o rei em pauta ainda vivia, e por isso sabemos mais sobre ele e seus familiares do que no caso dos demais reis idumeus.

Príncipes Descendentes de Esaú – Uma Segunda Lista (36.40-43)

Estes versículos listam os nomes de príncipes descendentes de Esaú, os quais não governaram em todo o Edom, mas exerceram autoridade provincial ou tribal. As promessas feitas por meio de Isaque a Esaú foram assim cumpridas. Ele foi capaz de sacudir o jugo de Jacó de seu pescoço (Gên. 27.39,40). Tornou-se um homem poderoso por seus próprios méritos, e teve uma missão separada, mas divinamente abençoada, que envolveu seus descendentes. Talvez tenha sido intenção do autor sacro dizer-nos que *depois dos oito reis* acima mencionados (vss. 31 ss.), então governaram esses príncipes provinciais. Mas é possível que eles tivessem governado contemporaneamente àqueles, e que não seja seguida aqui uma ordem cronológica. Seja como for, Esaú e Seir foram os progenitores de vários príncipes e reis, havendo casamentos mistos entre os seus respectivos descendentes. Em conseqüência disso, Edom tornou-se uma nação mista, que também incorporou várias populações árabes. Edom gozou de um desenvolvimento um tanto paralelo ao de Israel. Os príncipes idumeus equivaliam aos juízes; depois vieram os reis; e, finalmente, o reino estabelecido. Mas se houve casamentos mistos, os filhos de Esaú conquistaram os povos já residentes; e outro tanto sucedeu em Israel.

Alguns eruditos pensam que os nomes desses príncipes não apontam para homens reais, e, sim, que Edom, finalmente, se estabeleceu como onze *milhares*, pois a palavra em questão, "príncipes", também pode significar "mil". Nesse caso, os nomes são de divisões territoriais, e não de indivíduos. Mas, mesmo nesse caso, o mais provável é que tais nomes se originem de indivíduos reais. Todos os nomes que temos aqui são de descendentes de Esaú, e não de Seir. Nos vss. 40-43, achamos onze tribos, das quais apenas duas (Temã e Quenaz) retêm os nomes de filhos de Esaú. Acerca do resto sabe-se muito pouco. Nove pessoas deram seus nomes a nove distritos. O relato sugere que, tal como sucedeu aos juízes de Israel, prevalecia um certo caos e descentralização, onde "cada um fazia o que achava mais reto" (Juí. 21.25).

Temos aqui uma segunda lista de nomes, sem dúvida preparada depois da primeira (vss. 15-19). É difícil determinar qual sua relação com os oito reis (vss. 31-39). Talvez, conforme pensam alguns eruditos, tenham governado *depois* daqueles; mas isso implicaria o fim de um tipo de reinado, do que não há nenhum indício no texto.

36.40

Príncipes de Províncias

Timna. Uma concubina de Esaú era assim chamada (vs. 12). Mas um filho de Elifaz, e neto de Esaú, tinha esse nome também (I Crô. 1.36). Contudo, o homem desse nome, neste versículo, foi outra pessoa. No hebraico, esse nome significa *restrição*. Ele foi um dos chefes edomitas, descendente de Esaú. Gên. 36.40; I Crô. 1.51. Viveu em torno de 1500 A. C. Exercia autoridade tribal, pois não chegou a ser um dos reis de Edom. Ele preservava o nome de um dos filhos de Esaú, e era um dos dois. Os outros nove príncipes tinham nomes que desconhecemos (antes desse tempo), na genealogia de Esaú.

Alva. Ver Gên. 36.23. Esse foi o nome de um príncipe de Edom, filho de Sobal e descendente de Seir. O nome significa, no hebraico, *alto, sublime*. O homem com esse nome, neste versículo, embora fosse descendente de Esaú, preservava um nome da família de Seir. Isso parece indicar que as famílias de Esaú e de Seir começaram a misturar-se por casamento.

36.41

Oolibama. Esse era o nome da segunda das três esposas de Esaú (Gên. 36.2,25). Tal nome acabou sendo o apelativo de um dos príncipes de Edom, um descendente de Esaú. Sete nomes desta lista (vss. 40-43) não tinham sido dados em listas anteriores. Essa palavra significa *tenda da altura*. Os nomes desses príncipes, conforme têm sugerido alguns estudiosos, seriam nomes de territórios, e não de indivíduos. Mas indivíduos podem ter dado seus nomes aos territórios.

Pinom. No hebraico, *perplexidade*. Foi o nome do chefe de um dos clãs de Edom (Gên. 36.41; I Crô. 1.52). Viveu em torno de 1440 A. C. O nome locativo *Punom*, que se refere a um centro idumeu de mineração de cobre, provavelmente tem a mesma raiz.

36.42

Quenaz. No hebraico, *caçador* ou *flanco*. Foi um dos chefes territoriais, descendente de Esaú. Ver Gên. 36.11 quanto ao nome de um filho de Elifaz e neto de Esaú. Esse foi um nome de família retido até tempos posteriores, como sucedeu aos nomes Timna e Oolibama. Mas estas foram esposas de Esaú, e não nomes de seus descendentes.

Temã. No hebraico, *sul, região sul*. Um dos nomes da família de Esaú, e um neto dele (Gên. 36.11). Este homem foi um dos chefes de Edom, um príncipe tribal. Alguns identificam essas duas pessoas, mas provavelmente isso é um anacronismo. O primeiro parece ter vivido em torno de 1700 A. C., e o segundo, por volta de 1480 A. C. Portanto, temos nesse nome menção a dois descendentes de Esaú, nome esse retido por príncipes de tempos posteriores, além de dois nomes de suas esposas (Quenaz e Temã; Timna e Oolibama). Os outros sete nomes são novos.

Mibzar. No hebraico, *fortaleza*. Nome de um dos príncipes ou filarcas dos idumeus, descendentes de Esaú. Viveu em torno de 1925 A. C. (ou mesmo mais tarde). Ao que parece, deu seu nome a uma grande aldeia que ficava à sombra de Petra, a qual continuava existindo nos dias do historiador eclesiástico Eusébio. A forma grega do nome dessa aldeia era Mabsara.

36.43

Magdiel. No hebraico, *Deus é famoso*. Ele foi um chefe edomita (aqui e em I Crô. 1.54). Descendente de Esaú, viveu em torno de 1620 A. C.

Irã. No hebraico, *sábio*. Foi um dos príncipes que governaram algum território em Edom. Descendia de Esaú. Nada se sabe sobre ele exceto o que este versículo nos revela. Escritores judeus disseram que Edom tinha cem províncias, mas esse nome, como é provável, inclui vários períodos históricos ao todo. Em caso contrário, os onze príncipes destes versículos representam apenas um pequeno segmento do total.

Esaú, pai de Edom. A lista anterior indica aquelas províncias que derivavam seus nomes de descendentes de Esaú. Achamos um relato abreviado da posteridade de Esaú. Nada mais é dito sobre ele, depois disso, como o resto de sua vida, sua morte, ou algum outro detalhe. Termina aqui a história de Esaú. Autores judeus posteriores atribuíram-lhe um caráter muito pior do que o livro de Gênesis nos permite deduzir. De fato, apesar de seus pontos fracos e de tolices ocasionais, o livro de Gênesis o retrata sob luzes favoráveis. Naturalmente, não se lê que ele tenha chegado a erigir um altar, mas isso pode ser devido a uma omissão não-propositada do autor sagrado.

Uma tradição tola, cujo propósito é denegrir o caráter de Esaú, afirma que ele foi morto por ocasião dos funerais de Jacó, quando chegava com grande exército para impedir que Jacó fosse sepultado na caverna de Macpela. O ódio não sai fácil do coração dos homens (Shalshalet Hakabala fol. 5.1).

"Esaú foi um homem simples, generoso e honesto, pois não temos motivos, com base em qualquer coisa que transpareça de sua vida ou de suas ações, para pensarmos que ele foi um homem iníquo acima de outros homens de sua época; que ele era generoso e dotado de bom temperamento revela-se em toda a sua conduta para com seu irmão" (Dr. Shuckford).

Capítulo Trinta e Sete

Judá e José (37.1 — 50.26)

José Vendido por Seus Irmãos e transportado para o Egito (37.1-36)

Os críticos atribuem os vss. 1 e 2 deste capítulo à fonte *P(S)*, ao passo que o resto do capítulo pertenceria à fonte *J*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *J.E.D.P.(S.)*, quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

A história de um jovem de dezessete anos de idade, que foi vendido como escravo, de nome José, prepara-nos para entender como foi que o povo de Israel (embora já estivesse na Terra Prometida a Abraão), acabou migrando para o Egito, onde se multiplicou, *no exílio*. A Moisés caberia, cerca de duzentos e cinqüenta anos mais tarde, tirar Israel desse exílio e conduzi-lo *de volta* à Terra Prometida.

Em contraste com os descendentes de Esaú, que se tornaram uma poderosa nação com seus muitos príncipes e reis (o que é registrado em Gên. 36), Jacó continuou a ser visto em sua vida pastoril na terra de Canaã, rico, mas sem expandir-se extraordinariamente. A expansão só viria através de seus filhos, já no Egito, uma estranha distorção da sorte; e o reino de Israel só seria organizado quase oitocentos anos mais tarde. A prometida bênção espiritual estava exigindo grande paciência e perseverança.

"A história de José, no Egito, forma uma unidade literária sem igual no livro de Gênesis. O fato de que há elementos repetidos não prova que o material foi manuseado de acordo com duas tradições diversas, conforme têm sugerido muitos críticos (que falam sobre 'tradições alinhavadas'). A repetição é a marca d'água do estilo hebreu; serve para destacar a mensagem, conferindo-lhe uma ênfase múltipla. Um exemplo de repetição é a analogia entre as histórias de Jacó e de José. Ambas as narrativas começam com o pai sendo enganado e os filhos mostrando-se traiçoeiros (caps. 27 e 37). Ambas incluem um período de vinte anos de separação, e o irmão mais novo em uma terra estrangeira (cf. Gên. 31.38; 37.2 e 41.46). Ambas concluem com reunião e reconciliação dos irmãos (Gên. 33.1-15; 45.1-5)" (Allen P. Ross, *in loc.*). Na história, nada é mais evidente do que o fato de que a história se repete.

José tornara-se o favorito dos filhos de Jacó. O ciúme e o ódio fizeram o seu trabalho nefasto. Jacó havia perdido Raquel. Agora haveria de perder seu amado filho, José, embora Deus viesse a reverter a perda de maneira gloriosa. Deus é o Deus das perdas e das reversões.

Um dos principais temas deste capítulo é que os justos são chamados para sofrer. O caráter precisa ser submetido a teste. Mas também encontramos aqui a providência de Deus em sua ação infalível. Deus intervém na história da humanidade ao chegar o momento azado. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Providência de Deus*.

37.1

Habitou Jacó na terra. Tem prosseguimento, a partir deste ponto, a história de Jacó. Ela fora interrompida para que pudesse ser contada a história da posteridade e do destino de Esaú (Gên. 36). A *terra*, com quase certeza, é Hebrom (vs. 14), uma das residências dos patriarcas. Eles eram *estrangeiros* e *peregrinos* na terra, pois viviam como seminômades e sempre em meio a populações potencialmente hostis. Eram intrusos na terra, de acordo com qualquer juízo, exceto o juízo divino. Sob Josué, foi mister lutar para conquistar o território e expulsar os habitantes, a fim de que Israel pudesse ter uma pátria. Ver o comentário da epístola aos Hebreus (11.13), quanto a essa questão da peregrinação do crente. Ver no *Dicionário* os artigos *Hebrom* e *Canaã, Cananeus*.

37.2

A história de Jacó. A narrativa sobre ele tem continuação, após a interrupção do capítulo anterior de Gênesis. Mas agora essa história assume uma nova forma, destacando a pessoa de José, por causa de quem teria lugar o exílio do povo de Israel no Egito.

A Toledoth (História, Gerações de Jacó) (37.2 — 50.26)

Temos aqui a décima segunda e última divisão do livro de Gênesis provida pelo autor sacro. Aqui ele encabeçou a derradeira divisão que fez mediante a palavra hebraica *toledoth*. A primeira divisão, que narra a obra divina da criação, não contém essa palavra. Desse modo, ele proveu uma espécie de esboço cru para o seu livro. Os livros antigos não tinham sumário, nem esboços e nem índices, conforme vemos nos livros modernos. Assim, vários esquemas serviam para dividir os livros em seções. Essa questão é comentada nas notas sobre Gên. 2.4, que fala das doze divisões do Gênesis mediante o mecanismo das *toledoth* ou "gerações".

A falta de exatidão da maneira de o autor sagrado fazer suas divisões fica demonstrada pelo fato de que grande parte da história de Jacó já havia sido contada, e esta *toledoth* nos fornece a parte da história de Jacó que se projeta por intermédio de José.

Tendo José dezessete anos. Há um artigo detalhado sobre ele no *Dicionário*. Sua história começa em Gên. 30.24. Mas esta *toledoth* começa quando ele já tinha dezessete anos de idade.

Apascentava os rebanhos. José era pastor, a mesma profissão de seu pai, como o eram os seus irmãos, os demais patriarcas de Israel. Ver no *Dicionário* o verbete *Pastor*.

Bila. Ver sobre ela no *Dicionário*. Seus filhos eram Dã e Naftali.

Zilpa. Ver sobre ela nas notas em Gên. 29.34. Seus filhos eram Gade e Aser.

Trazia más notícias deles. Não se sabe quais seriam as denúncias, mas podemos entender que se deixavam envolver em alguma conduta inconveniente. Coisa alguma é dita aqui sobre Benjamim, o caçula, irmão por parte de pai e mãe de José. Temos aqui o caso de um irmão que espicaçava os outros irmãos e, naturalmente, com isso provocava os malfeitores e excitava seu ciúme e seu ódio, do que resultou o ato condenável de terem vendido José como mero escravo. Autores judeus, que não apreciam hiatos nos relatos, dizem-nos que eles negligenciavam seus rebanhos, praticando atos abomináveis de imundícia, comendo criaturas que eles mesmos haviam mutilado ou que as feras tinham atacado, ou porções proibidas das ovelhas, como suas caudas arrancadas etc. Fantasias tolas.

37.3

Israel amava mais a José. O mesmo tipo de favoritismo que Rebeca e Isaque tinham demonstrado no tocante a Jacó e Esaú (Gên. 25.28). O favoritismo dos pais sempre cria males. Quando José foi levado para o Egito, então o favoritismo de Jacó foi transferido para Benjamim (Gên. 44.20). José e Benjamim eram naturalmente favorecidos, pois eram os filhos únicos da mui amada esposa Raquel, já falecida.

Filho da sua velhice. Era filho de sua esposa favorita, Raquel, gerado quando ele já estava com noventa e um anos de idade. Jacó tinha esperado, por vinte e sete anos, um filho da parte de sua amada Raquel. Assim, quando José nasceu, isso constituiu um acontecimento especial. Ver Gên. 30.22-24 quanto ao nascimento de José. O favoritismo materno tinha separado Jacó de sua mãe, Rebeca, e os dois nunca mais se viram (Gên. 27.1-28.5). Esse favoritismo era *parte* da razão pela qual seus meios-irmãos mostravam-se tão invejosos, e por que ele terminou no Egito, após ter sido vendido como escravo.

Fez-lhe uma túnica talar de mangas compridas. Em lugar de "de mangas compridas", algumas traduções dizem "de muitas cores". Jerônimo ajunta que essa túnica chegava aos tornozelos. Mas alguns escritores judeus dizem até as palmas das *mãos*, dando a entender "mangas compridas". Adam Clarke (*in loc.*) supõe que se tratava de uma túnica branca com fímbrias púrpura, como a *toga paetexta* dos jovens romanos. O texto hebraico é obscuro, como é óbvio. A arqueologia tem mostrado que longas túnicas coloridas eram uma marca dos cativos jebuseus. Parece que eram feitas com retalhos de várias cores. Outros pensam que essa túnica era mais do que uma peça especial do vestuário de José; pois, conforme explicam, Jacó tê-la-ia dado a José como emblema do ofício sacerdotal que José estaria destinado a exercer na família. Talvez ele tenha assumido tal papel porque Rúben, o primogênito de Jacó, se havia desqualificado como primogênito por ter mantido relações sexuais com Bila, uma das concubinas de Jacó (Gên. 35.22; cf. Gên. 49.3 ss.). Mas essa interpretação é duvidosa, pois quem recebeu o direito de primogenitura foi Judá (o que fica implícito em Gên. 49.8,9). Seja como for, a túnica era uma possessão preciosa, algo que os irmãos de José invejavam nele, por ser um sinal do favoritismo de Jacó (vs. 4).

José, um Tipo de Cristo. Apesar de isso não ser dito explicitamente nas Escrituras, há diversas analogias óbvias:

1. Ambos foram objetos especiais do amor paterno (Gên. 37.3; Mat. 3.17).
2. Ambos foram odiados por seus irmãos (Gên. 37; João 15.25).
3. Ambos fizeram reivindicações de superioridade (Gên. 37.8; Mat. 21.37-39).
4. Seus irmãos conspiraram tanto contra um como contra o outro (Gên. 37.18; Mat. 26.3,4).
5. Em sua intenção, os irmãos de José tiraram-lhe a vida. Jesus perdeu a vida, na realidade, por exigência de seus irmãos (Gên. 37.24; Mat. 27.35-37).
6. Ambos foram vendidos em troca de peças de prata (Gên. 37.28; Mat. 26.15).
7. No caso de ambos houve túnicas envolvidas em sua traição e sofrimento (Gên. 37.31; João 19.23).
8. Ambos tornaram-se motivo de bênçãos especiais para indivíduos e nações, e ambos obtiveram uma esposa gentílica (Gên. 41.1-45; Atos 15; Efé. 5.25-32).
9. Ambos se reconciliaram com seus irmãos (Gên. 45.1-15; Deu. 30.1-10; Osé. 2.14-18; Rom. 11.1,15,25,26).

37.4

Sendo Menos Amados, Eles Odiavam. O amor é o poder maior, na terra ou no céu. Ser alguém menos amado pode levá-lo ao ódio e a atos de destruição. Jacó via Raquel em José. Ademais, desde a infância, sem dúvida, José era dotado de um caráter espiritual e moral superior. E isso fez Jacó ver nele o que ele mesmo gostaria de ser, mas que não era. E assim, fixou-se em José; e seus meios-irmãos tinham plena consciência do fato. E assim, todo sinal de favoritismo paterno só servia para aumentar mais ainda o ódio deles.

Eles nunca falavam com José em termos pacíficos. A hostilidade era contínua. Nem ao menos tentavam disfarçar seu ânimo adverso. Isso transparecia na maneira de falar deles. Nem se mostravam corteses para com ele, nem o saudavam com o usual *shalom* (paz). Viviam esperando uma oportunidade para prejudicá-lo. E essa oportunidade não demorou muito. Ver no *Dicionário* os artigos *Amor, Ódio* e *Inveja*.

37.5

O Propósito Profético Atuava em José. A experiência psíquica mais comum é o sonho precognitivo. Ver no *Dicionário* o artigo *Sonhos*. As pesquisas modernas têm mostrado que *todas* as pessoas são capazes de prever, essencialmente, o

seu futuro, nos sonhos, mas que a maioria das pessoas não se lembra de seus sonhos nem sabe interpretá-los corretamente. Como é claro, um sonho também pode ser um veículo espiritual, a exemplo da profecia (Joel 2.28; Atos 2.17). Assim, se todas as pessoas têm sonhos precognitivos, *algumas* pessoas têm sonhos precognitivos especiais que equivalem à profecia. Esses sonhos quase sempre envolvem outras pessoas, e não apenas o próprio indivíduo que sonha. O autor do livro de Gênesis mostrou ter grande respeito pelos sonhos espirituais. Ver Gên. 20.3,6; 28.12; 31.10; 37.5,6,9,10; 40.5,8,9,16; 41.1,7,11, 12,15,17,22,25, 26,32 e 42.9. O *sonho-visão* de Jacó, acerca da escada que ia da terra ao céu, teve uma função similar ao das visões (Gên. 28.12). Os símbolos usados nas visões e nos sonhos são idênticos. Em conseqüência, quem interpreta sonhos pode interpretar visões, e vice-versa.

José Sonhava e Seus Irmãos Odiavam. José e seus irmãos eram as tribos de Israel em potencial. Seus sonhos previam, em termos amplos, como José teria a ascendência, e como isso seria um fator determinante para que a nação de Israel tivesse início (no Egito). A superioridade de José daria a Israel uma oportunidade de multiplicar-se em paz. Sua presença no Egito atrairia o resto da família ao Egito. Em um desses sonhos, seus irmãos prostravam-se diante dele. Antes disso, porém, ele teria de passar por muitos testes severos, alguns deles provocados por seus próprios meios-irmãos. Seus sonhos proféticos, pois, penetravam por muitos anos futuro adentro. Os estudos sobre os sonhos demonstram que até sonhos precognitivos *comuns* podem perscrutar longe no futuro.

37.6

Os Sonhos e a Sua Interpretação. Temos entre vinte e trinta sonhos por noite. Quando ocorre um sonho há um movimento característico dos olhos, chamado pelos especialistas de REM *(rapid eye movement,* movimento rápido dos olhos). Há cinco ou seis ciclos de sonhos a cada noite. Em experimentos em laboratório, muitos sonhos podem ser captados a cada noite, despertando-se a pessoa quando começa o REM. Sonhamos por um total de cerca de duas horas e meia a cada noite. Interessar-nos pelos sonhos, registrando-os e interpretando-os conduz a uma memória melhor de nossos sonhos. Este versículo mostra um interesse especial pelos sonhos e sua interpretação, o que mostra que os antigos reconheciam a importância dos sonhos. Conforme alguém já disse: "Nenhum sonho é por causa de nada". A maioria dos sonhos está ligada ao chamado *cumprimento de desejos.* Mas até mesmo esses sonhos prevêem *como* os desejos *serão* satisfeitos. Outros sonhos estão ligados à *solução de problemas.* Todas as pessoas, a cada noite (ou a quase cada noite) têm sonhos psíquicos, e os sonhos sempre envolvem algo como ensino espiritual, encorajamento ou orientação. Sonhar pode ser uma herança divina, se pudermos aprender a lembrar e interpretar os nossos sonhos.

37.7

Um Sonho de José. Os feixes de José adquiriam vida e agiam como se estivessem em uma breve peça teatral. O seu feixe ficava no centro do palco, enquanto os feixes de seus irmãos se inclinavam diante do dele. Esse sonho tomava coisas comuns da vida e os transformava em símbolos, algo constante nos sonhos. Há símbolos universais, compartilhados por pessoas de todas as raças. Um *filho*, por exemplo, aponta para o trabalho, para algum projeto ou para o ideal de realização do sonhador. A *idade* desse filho pode simbolizar o estágio do desenvolvimento em que se acha o projeto ou ideal. Um *veículo* pode significar uma maneira de realizar algo, ou, então, o próprio corpo do sonhador, o veículo de seu espírito. Uma *casa*, com freqüência, aponta para o corpo ou para a vida da pessoa. Mas certos símbolos são especiais para o indivíduo que sonha com eles, e esses vão surgindo com base nas circunstâncias de sua vida.

Incidentalmente, esse sonho de José indica que a família de Jacó não se ocupava somente na criação de animais, mas também na agricultura. Ver também Gên. 26.12 (quanto a Isaque) e 30.14. O sonho tirou proveito desse aspecto da vida de José.

Um Símbolo de Futuro Distante. O sonho de José contemplou o futuro distante e viu José a cuidar de questões agrícolas, no Egito, e como essa circunstância traria seus irmãos àquele país (porquanto haveria fome em Canaã). *Naquela* conjuntura, eles se submeteriam a ele. Os estudos modernos têm mostrado que um sonho pode capturar e realmente capta coisas que só acontecerão muitos anos mais tarde. Contudo, quando são precognitivos, sondam somente o futuro imediato. O discernimento humano profético *comum* (excetuando-se aqui a profecia espiritual) limita-se a um período de três anos, futuro adentro. Mas há exceções, mesmo incluindo pessoas comuns. Os estudos mostram que todas as pessoas tomam consciência de sua própria morte pelo menos com um ano de antecedência, ainda que estejam em plena saúde e venham a morrer por acidente. Os sonhos projetam essas previsões. Portanto, no último ano da vida de uma pessoa, muitos de seus sonhos simbolizam a aproximação da morte, embora a maioria das pessoas não tome consciência do fato.

O meu feixe. Antigos escritores judeus pensavam que esse item simbolizava o Messias. No Egito, José foi uma espécie de messiah ou ungido, além de ser tipo do Messias de Israel (ver as notas sobre o terceiro versículo, quanto a esse tipo). (Raya Mehimna em *Zohar*, em Gên. fol. 87.2.) Ver Gên. 42.1-3 e 50.12 quanto à cena que ainda ocorreria no Egito.

37.8

Reinarás. . . sobre nós? É interessante que os irmãos de José receberam uma interpretação instantânea e correta do sonho de José, o que indica que eles tinham certa prática quanto a essa atividade. O próprio fato de que o Gênesis menciona tantos sonhos (ver referências a respeito nas notas sobre o vs. 5) mostra a importância dos sonhos na mente dos antigos hebreus. Outro fato significativo revelado neste versículo é que a *verdade* pode fazer outras pessoas odiar e perseguir àqueles que a possuem. Muitas pessoas têm mente exígua, preferindo os seus erros a ter de enfrentar a verdade. A verdade requer *mudanças*, e nem todos os homens se dispõem a passar por essas mudanças. As pessoas temem as inovações. É mais cômodo ficar onde já se está, mesmo que isso sacrifique a verdade. Ver o artigo *Verdade,* no *Dicionário.*

37.9

Outro Sonho de José. Podemos estar certos de que a José foi dada toda uma série de sonhos, e não apenas dois. *Em breve* (embora estivesse então com apenas dezessete anos) haveria de perder seu lar e ser levado para uma terra estranha, e ali passaria a viver como mero escravo. Todavia, um grande futuro jazia à sua frente, e chegaria a ser o Primeiro-Ministro do Egito. Mas quem teria pensado em tal coisa? Antes disso, contudo, deveria sofrer às mãos de homens maus e desarrazoados. Seus sonhos se acumularam e se mostraram urgentes, pois uma grande mudança haveria em breve de ter lugar em sua vida.

O sol, a lua e onze estrelas. Esses são símbolos universais. Os antigos pagãos criam que os corpos celestes são deuses ou habitações dos deuses. Os mitos astrológicos incorporaram essas crenças em seu sistema. E mesmo quando os homens vieram a crer que isso não é verdade, os corpos celestes continuaram a ser concebidos como dotados de poder sobre a vida dos homens. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Astrologia.* Há doze signos no zodíaco, e temos aqui José, um dos irmãos, e mais onze irmãos, formando o zodíaco hebreu, por assim dizer. "As constelações do zodíaco foram distinguidas entre as nações orientais desde tempos imemoriais" (Adam Clarke, *in loc.*). Não precisamos supor que José estivesse envolvido em astrologia. Os hebreus eram fracos quanto às ciências (incluindo a matemática), e assim dificilmente se interessariam pela astrologia. Os matemáticos desenvolveram a astrologia, na Babilônia e no Egito. Contudo, a mente de José poderia ter usado símbolos comuns a esses estudos. As *estrelas* eram símbolos universais de *governantes.* O sol é o deus-pai, e a lua é a deusa-mãe, de acordo com as religiões antigas. Assim, nesse sonho, pai, mãe e onze filhos submeter-se-iam a um outro filho. No primeiro sonho, a mente de José empregou itens comuns a seu trabalho como símbolos. Mas, neste segundo sonho, sua mente tirou proveito da mente universal, extraindo dali símbolos universais. Ambos os atos são comuns nos sonhos.

Neste momento, tenho à minha frente o livro *How to Interpret Your Own Dreams* (Tom Chetwynd). Ele apresenta esses símbolos (embora não estivesse pensando nos sonhos de José), mas apenas baseado em estudos científicos:

Lua e Sol

A *lua* representa o aspecto feminino, maternal — o oposto do *sol* (o qual representa, pelo menos algumas vezes, o aspecto masculino, o pai). O *meio-dia* representa a *masculinidade.* O sol personifica o deus-sol, uma figura autoritária, a força da vida. (Naturalmente, há muitos outros símbolos do sol e da lua. Exponho aqui apenas os que se aplicam ao sonho de José.) As *estrelas* ou planetas (os antigos não sabiam qual a diferença entre eles) circulariam em redor do sol, a figura central, como os filhos fazem com seu pai.

37.10

O Sonho e a Reprimenda. José estava excitado com seu sonho e não conseguiu evitar de contá-lo a seu pai e a seus irmãos. O próprio Jacó, apesar de ser homem que já tinha recebido muitas experiências místicas, incluindo sonhos mui significativos, repreendeu a José por sua aparente arrogância. Mas pelo menos Jacó foi suficientemente sábio para reter no coração o episódio inteiro, levando-o a sério e buscando alguma forma de conhecimento intuitivo sobre o que esses sonhos de José estavam projetando. Jacó já havia tido muitos e importantes sonhos espirituais para desprezar os sonhos de José.

A Mãe. Raquel, mãe natural de José, já tinha morrido, pelo que não é nela que devemos pensar neste sonho. Provavelmente estava em foco Lia, sua mãe

circunstancial. Mas Lia nunca veria a glória de José nem se inclinaria perante ele, visto que haveria de morrer em Hebrom (Gên. 49.31). Nesses símbolos não podemos esperar perfeição, mas antes, uma mensagem geral. Entretanto, alguns sonhos são mortalmente exatos em seus *detalhes*. Assim sucederia aos sonhos de José, em seu quadro geral.

John Gill (*in loc.*) mencionou que era comum na interpretação de sonhos, no Egito e na Pérsia, que aquele que sonhasse que governava *sobre estrelas* haveria de governar muitos povos.

37.11

O Sábio e os Insensatos. O sábio Jacó reconheceu, instintiva e intuitivamente, que o sonho de José se revestia de magna importância. Jacó pouco disse, mas guardou o sonho em seu coração, como um tesouro. Grandes coisas estavam prestes a ocorrer. Os irmãos de José, em contraste com isso, diante de coisas momentosas que estavam às vésperas de acontecer, somente se incenderam mais ainda, permitindo que o ódio tomasse conta de seu coração. O homem espiritual e sensível é sábio. Os que são dominados pelo ódio são insensatos. No caminho deles há somente destruição. Jacó estava esperando para ser testemunha de grandes coisas. Seus filhos, insensatos que eram, não viam nenhuma grandeza, apenas planejavam tirar a vida de José.

"Deus confirmou a escolha de Jacó, através de seu filho fiel, por meio de dois sonhos. As revelações divinas eram dadas de diferentes formas no Antigo Testamento. Ele usava sonhos quando o Seu povo estava fora da Terra Prometida, isto é, estava em terras pagãs. Por meio de um sonho, Deus anunciou a Abraão a servidão egípcia de seus descendentes (Gên. 15.13). Por meio de um sonho, Deus prometera proteção e prosperidade a Jacó, em seu exílio no território de Labão (Gên. 28.12,15). E agora, por meio de dois sonhos, Deus predizia que José governaria a sua família" (Allen P. Ross, *in loc.*).

José estava prestes a entrar em um período de exílio, tal como sucedera a seu pai, Jacó, anos antes. Ambos esses homens de Deus foram encorajados por meio de sonhos, antes de seus respectivos exílios terem lugar.

José Vendido como Escravo (37.12-28)

A noite antecede ao dia, e assim também José não poderia evitar seu exílio. Seus traiçoeiros irmãos só não se tornaram fratricidas por intervenção do mais misericordioso, Rúben (vs. 21). Em vez de ser morto, José foi vendido como escravo, tal como Jacó, antes dele, por causa da ira de Esaú, tinha sido forçado a exilar-se junto a Labão, em Padã-Arã. Assim, a história estava-se repetindo. A *providência de Deus* (ver o verbete desse nome no *Dicionário*) cuidou de ambos os casos. Grandes vitórias esperavam por José — porém estas não ocorreriam de pronto, mas somente depois de muitos sofrimentos e vicissitudes boas e más.

37.12

Em Siquém. Ver sobre esse lugar no *Dicionário*. Apanha-nos de surpresa o fato de que Jacó tivesse enviado seus filhos de volta a Siquém, cena do rapto de Diná e da matança dos súditos de Hamor (Gên. 34). As coisas devem ter-se acalmado consideravelmente para que ele tivesse tido a coragem de fazer tal coisa. Os críticos supõem certa deslocação histórica, pensando que a fonte informativa da história, *J*, dizia que Jacó e sua família continuavam residindo ali, não sabendo de outras histórias que já o faziam estar em Hebrom.

Siquém fica a cerca de oitenta quilômetros de Hebrom, e Dotã fica mais vinte e quatro quilômetros para o norte (vs. 17). Portanto, de acordo com os padrões da época, estavam envolvidas consideráveis distâncias. Alguns estudiosos opinam que parte da razão para os filhos de Jacó terem sido enviados a Siquém foi *averiguar* se o território (presumivelmente bom para pasto) oferecia segurança ou não.

As riquezas de Jacó são ilustradas no texto. Por qual razão ele teria procurado terras de pastagem, distantes mais de cem quilômetros de onde estava, a menos que possuísse grandes rebanhos e precisasse de muito espaço?

37.13

Eis-me aqui. José estava disposto e pronto para ir em sua missão de misericórdia. Seus irmãos estavam ausentes, em Siquém. É provável que fizesse algum tempo que Jacó não recebia notícias da parte deles, e estivesse preocupado com o seu bem-estar. A José foi confiada então essa missão de averiguar como estavam as coisas. Isso armou o palco para uma história negra, de ódio e crueldade. Jacó não veria mais seu amado filho José por muitos anos, supondo, durante todo esse tempo, que José estivesse morto.

O lugar, Siquém, era perigoso, por causa dos incidentes descritos no capítulo trinta e quatro. E Jacó queria ter certeza de que os seus filhos não tinham sido envolvidos por algum dano, pelo que a missão de José se revestia de considerável importância.

37.14

Os filhos e os rebanhos constituíam toda a riqueza de Jacó, ocupando toda a sua atenção. O bem-estar deles era da máxima importância para Jacó. Na vida de um homem, essas são as coisas mais importantes. Porém, havia uma falha fatal no paraíso de Jacó. Onze irmãos cultivavam o ódio em seu coração contra um irmão. Isso nos faz lembrar de como os irmãos de Jesus, por longo tempo, foram hostis a Ele. Ver as notas sobre o vs. 3 quanto a José como um tipo de Cristo, o que inclui o presente item.

É irônico que os filhos de José estivessem livres de perseguição dos habitantes de Siquém, por parte de quem tinham sido tão maltratados, ao passo que José, irmão deles, não estava seguro *entre seus irmãos*.

Diz o Targum de Jonathan: "Temo que os horeus tenham vindo e os tenham ferido, por haverem matado a Hamor e a Siquém, bem como aos habitantes daquela cidade".

37.15

Não Estavam Mais em Siquém. José não os encontrou nas proximidades de Siquém, onde Jacó pensara que estariam. Mas um certo homem dali, com quem José se encontrou, sabia que eles se tinham ido para Dotã (vs. 17). Os escritores judeus consideram esse homem um *anjo* que estava com José para guiá-lo. Ver no *Dicionário* o artigo *Anjo*. Mas o texto não indica nada de incomum. O homem pode ter sido um viajante (conforme sugeriu Aben Ezra), ou, então, alguém que arava o campo. Fosse como fosse, José encontraria ajuda para as coisas mais insignificantes, como parte das bênçãos diárias de Deus.

37.16

Dize-me onde. José pediu, e foram-lhe dadas orientações. Coisa pequena, mas importante para o momento. Tudo fazia parte de uma missão mais ampla. Nossas missões envolvem coisas pequenas e coisas grandes.

37.17

Vamos a Dotã. No hebraico, essa palavra significa *duas fontes* ou *festa dupla* (aqui e em II Reis 6.13). Ficava cerca de noventa e sete quilômetros ao norte de Jerusalém e a cento e cinco quilômetros de Hebrom. Por ali passava uma rota de caravanas que ia da Síria ao Egito. A região era conhecida por sua excelente pastagem, e, naturalmente, esse fato atraíra até ali os irmãos de José. Essa cidade é deveras antiga, e muitas descobertas arqueológicas têm sido feitas ali. Ofereço um artigo detalhado sobre essa localidade, no *Dicionário*. Até hoje, os pastores vêm do sul da Palestina àquela região a fim de dar água e pasto a seus rebanhos. O arqueólogo Free encontrou noventa rebanhos na estrada que vem de Jerusalém.

Começam Dificuldades Sérias. Finalmente, José encontrou-se com seus traiçoeiros irmãos. Incidente tão corriqueiro em breve redundaria em uma tremenda aventura, com sua mistura de tristeza e alegria, derrota e triunfo.

José era um jovem diferente que atravessou o caminho de seus irmãos. Era diferente deles. E eles haveriam de puni-lo por causa disso. Com freqüência, até mesmo em boas famílias, um filho que se destaque provoca a hostilidade de outros membros da família que não querem que ele cresça.

Os menos brilhantes podem desenvolver-se junto com os mais brilhantes; mas é mais fácil criticar e perseguir do que crescer, e, normalmente, as pessoas preferem o caminho da menor resistência. É tão possível a uma pessoa ser magnânima quanto ser maldosa; e ser *maldosa* concorda melhor com a natureza humana caída. É errado suprimir e distorcer uma personalidade por ser ela diferente. A perseguição, quase sempre, é produto de *mentes* inferiores. E mesmo quando não seja assim, será sempre produto de *almas* inferiores.

37.18

Conspiraram contra ele. Este versículo é um terror. José era *tão odiado* que o simples fato de o *virem* de longe deixou-os irados, o rancor fervendo em seus corações. Se o encontrassem em um elevador (em tempos modernos), tê-lo-iam ignorado. Se o vissem caminhando por uma rua, teriam atravessado a rua para o outro lado. Se o vissem apanhar um ônibus, teriam esperado por outro.

"Entraram em entendimento e traçaram os mais astuciosos métodos que foram capazes de imaginar de tirar-lhe a vida, mas ocultar o homicídio" (John Gill, *in loc.*).

37.19

Vem lá o tal sonhador! Isso eles disseram para lançarem José no ridículo, desprezando o dom espiritual que Faraó haveria de respeitar e pelo qual o Egito seria salvo de uma fome calamitosa. O profeta José não era honrado entre seus irmãos, tal como Jesus não foi respeitado entre os Seus (Mat. 13.57). Quanto a essa e outras questões, José tipificava o Messias. Ver as notas sobre o vs. 3

deste capítulo quanto a José como tipo do Messias. No hebraico temos a expressão "senhor dos sonhos", uma frase escarninha em extremo. Eles tinham assassinado a muitos siquemitas para vingar a Diná, irmã deles (Gên. 34.24-29), mas não consideravam o próprio irmão deles melhor do que os pagãos a quem tinham matado traiçoeiramente.

37.20

Matemo-lo. . . e diremos. Eles planejaram encobrir um homicídio com uma mentira. Ficamos boquiabertos diante do vil caráter dos irmãos de José, patriarcas de Israel. Somente a graça de Deus poderia insuflar alguma decência em tais indivíduos. Ver no *Dicionário* os artigos *Homicídio* e *Mentir (Mentiroso)*. Foi de uma maneira extremamente trivial que eles planejaram quebrar a dois princípios que, posteriormente, fariam parte dos Dez Mandamentos. Ver no *Dicionário* o verbete *Dez Mandamentos*. O relato é tão terrível, retratando com tão negras luzes o caráter daqueles homens, que alguns eruditos têm chegado a pensar que tudo não passa de uma lenda dramática, algo que realmente não pode ter acontecido. "Eles devem ter sido selvagens sem nenhum princípio!" (Adam Clarke, *in loc.*).

Numa destas cisternas. Escavações feitas para coletar a água da chuva, para efeitos agrícolas e para dessedentar os animais. Ver Jer. 38.6. Os intérpretes judeus acusaram Simeão de ser o principal instigador do plano, supondo que por esse motivo José mandou deixá-lo amarrado na prisão, no Egito (Gên. 42.24). Mas não há como averiguar se essa informação está ou não com a razão.

37.21

Rúben Faz Objeção. Rúben conseguiu convencer os outros a não executarem o plano homicida contra José. O vs. 22 mostra que Rúben tinha planejado resgatar José, voltando mais tarde à cisterna, a fim de libertá-lo dali. Portanto, aquele que aparentemente havia estuprado Bila (uma das concubinas de Jacó) pelo menos tinha algum princípio moral. Ver Gên. 35.22. Judá também quis poupar José, mas estava pensando mais em termos de dinheiro, e não em termos de misericórdia (vs. 26). Pelo menos, no caso de Rúben, houve um raio de luz que brilhou no quadro, em tudo mais, tenebroso. O caso de José ilustra a quais profundezas de depravação um homem é capaz de afundar-se.

Josefo pôs nos lábios de Rúben um longo e floreado discurso de defesa, ao explicar esta passagem. E, realmente, é quase certo que Rúben disse alguma coisa eloqüente a seus irmãos, desviando do mal seus corações malignos.

37.22

Lançai-o nesta cisterna. Pela providência divina, esta estava seca, pois, se assim não fora, ter-se-ia afogado. Rúben estava pensando na tristeza avassaladora que Jacó sofreria, diante da morte de José. Tinha apenas dezessete anos e era o filho favorito de seu pai. Seu coração comoveu-se, e, então, apresentou um plano alternativo, que parecia decretar a morte de José (até onde os outros irmãos entenderiam a questão), mas daria a Rúben a oportunidade de reverter o curso das más ações dos irmãos de José. O trecho de Gên. 42.21 dá-nos a patética mensagem de que José ficou angustiado e começou a implorar por sua vida, o que seus irmãos levaram tão pouco a sério. Eles estavam apanhados no vórtice de seus pecados. Ver no *Dicionário* o artigo *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Kant baseou um argumento moral sobre a *necessidade* de recompensa ou de retribuição em favor da existência da alma e de sua sobrevivência diante da morte biológica. Em algum ponto, cada homem precisa encontrar-se consigo mesmo, quanto ao bem e quanto ao mal. Cada indivíduo deverá receber recompensa ou punição pelo que tiver praticado, pois, se assim não fora, então viveríamos em um mundo dominado pelo caos. Vendo que nem a recompensa nem o juízo são devidamente aplicados nesta esfera terrena, então deve haver uma "vida além" onde as contas serão devidamente pagas. Ver o artigo *Argumento Moral* na *Enciclopedia de Bíblia, Teologia e Filosofia*.

Talvez Rúben tenha pensado que poderia pagar algo da dívida de seu pecado, que cometera contra seu pai, contrabalançando o seu erro mediante um ato de bondade que seria vital para ele. Seja como for, o arrependimento (ver sobre a questão no *Dicionário*) deve incluir, sempre que possível, atos de reparação. Ver no *Dicionário* o verbete *Reparação (Restituição)*.

37.23

Uma Maldade Ansiosa por Manifestar-se. Os irmãos de José não hesitaram. Agarraram-no, tiraram-lhe a túnica preciosa, lançaram-no na cisterna e, ato contínuo, de corações insensíveis, sentaram-se para comer (vs. 25). Há pessoas más que são tão destituídas de consciência, que ficamos perplexos. Alguns dos mais graves pecados são praticados de maneira a mais trivial e insensível.

". . .para que sejamos *livres* dos homens perversos e maus; porque a fé não é de todos" (II Tes. 3.2).

37.24

Cisterna, vazia, sem água. Isso por providência divina. Ver no *Dicionário* o artigo *Providência de Deus*. As circunstâncias eram dificílimas. Talvez José tenha sido deixado totalmente despido, conforme pensavam alguns intérpretes judeus. Como quer que tenha sido, sua situação era desesperadora.

A Experiência na Cisterna. Todo homem, em algum tempo em sua vida e, provavelmente, por muitas vezes, tem a sua experiência na cisterna. Os pecados acham-se no abismo da degradação. Até homens espirituais sofrem reversões sérias que os deixam como que em uma cisterna. "Moral e espiritualmente. . . a alma do homem está em um buraco. A percepção do fato pode ocorrer como um choque abrupto. José, em um momento, caminhava sob a luz do dia, em sua túnica multicolorida; no momento seguinte, estava em uma cisterna, em meio à escuridão. Em um momento, parecia de nada precisar, no momento seguinte, já precisava de tudo. Assim acontece à alma humana. Da autosuficiência, pode ser imersa em total impotência e desesperadora necessidade de Deus. No entanto, no pior momento de José, havia forças *insuspeitas* que se movimentavam para libertá-lo. . . isso vemos no Salmo 40.2 (Walter Russell Bowie, *in loc.*):

> *Tirou-me de um poço de perdição,*
> *dum tremedal de lama;*
> *colocou-me os pés sobre uma rocha*
> *e me firmou os passos.*

O Targum de Jonathan diz que havia serpentes e escorpiões no fundo da cisterna, e Jarchi salientou que ali não havia água. Nesse caso, José morreria de sede, se alguma outra coisa não o matasse primeiro.

37.25

Sentando-se para comer pão. Aqueles homens ímpios e desarrazoados, embora ouvindo os gritos de desespero de José (Gên. 42.21), foram capazes de ficar sentados para comer pão. José não merecia ser posto na cisterna. Havia bondade essencial em sua pessoa, e, além disso, tinha uma grande missão a cumprir fora da cisterna. Mas o propósito de Deus atuava para tirá-lo da cisterna. E enquanto os seus irmãos comiam, naquele momento se aproximava uma caravana de ismaelitas, que, vindos de Gileade, se encaminhavam para o Egito. Isso livraria José de sua aflição momentânea. Esse foi o primeiro passo no desenvolvimento do plano maior. O propósito de Deus opera passo a passo, cada vez aproximando-se mais do seu cumprimento. José estava na trilha certa.

Dotã ficava localizada na rota das caravanas, por onde produtos vindos da Índia e da Ásia Ocidental eram levados ao Egito. "Visto que o lado oriental de Canaã estava coberto pelo grande deserto da Arábia, as caravanas tinham de viajar em uma direção sudoeste até que, tendo vadeado o rio Eufrates, atravessassem de Tadmor a Gileade. Dali, a rota tomada conduzia os caravaneiros para além do Jordão, em Beisã, e daí, seguindo para o sul, avançavam até o Egito" (Ellicott, *in loc.*).

Ismaelitas. No vs. 36, eles são chamados "midianitas". Os Targuns e a versão siríaca dizem "árabes". Midiã era filho de Abraão e Quetura, e Ismael era filho de Abraão e Hagar. Eruditos antigos e modernos têm lutado com essas variantes, e alguns têm mesmo suposto que José foi vendido por mais de uma vez — de seus irmãos para os ismaelitas; dos ismaelitas para os midianitas — antes de ter chegado ao Egito. Por outra parte, havia uma mistura de povos, apesar de suas origens distintas, e provavelmente o autor sagrado não foi cuidadoso com o uso de adjetivos pátrios. Ver no *Dicionário* os artigos *Ismael, Midiã, Midianitas; Arábia (Árabes)* e *Camelo*.

Arômatas, bálsamo e mirra. No *Dicionário* provi artigos detalhados sobre os dois últimos desses três produtos. Quanto aos *arômatas*, está em pauta o tragacanto ou estoraque (Gên. 30.37), ou seja, especiarias. Mas os estudiosos não concordam quanto à identificação exata dos itens envolvidos.

37.26

Judá Pensou em Termos de Dinheiro. De que adiantaria a morte insensata de seu meio-irmão? Ele queria ganhar algum dinheiro, e a aproximação da caravana dava-lhe oportunidade de negociar. Não estava interessado em mostrar dó. Nem aventou: "Sejamos misericordiosos com José". Mas sugeriu: "Vamos ganhar algum dinheiro com José". E assim, se José escapasse da morte, seria forçado, devido às mentiras deles, a sofrer a tristeza por uma pseudomorte, enfrentando anos de profunda tristeza. Mas que lhes importava isso? Eles dividiriam as vinte peças de prata (vs. 28). Essa era a sua consolação, enquanto José entraria em uma situação deveras desesperadora. Assim, José foi livrado de um grande mal, apenas para sofrer mal ainda maior. Mas Deus estava com ele, em todas as suas experiências.

Nada acontece por mero acaso. Também não foi por coincidência que surgiu no horizonte a caravana, em um momento tão oportuno. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Coincidência Significativa*. Uma "coincidência" bem colocada pode ser uma pequena piada da providência divina que, através disso, diz: "Surpresa! Vê! Estou contigo!". Há poder por trás da providência divina, mas esse poder não se faz conspícuo, e somos apanhados de surpresa.

37.27

Pois é nosso irmão. Por essa razão, eles usaram de um pouco de misericórdia, mas de olho no dinheiro que ganhariam com a venda de José. Alegraram-se diante da alternativa que os poupou de praticarem o maior mal, e que também lhes daria um lucro pecuniário. Parecia-lhes uma perfeita (má) solução.

Operação Divina. Para os irmãos de José, aquele ato era, definitivamente, o *fim* do sonhador e de seus sonhos arrogantes. Na verdade, porém, tudo aquilo era apenas *parte necessária* do cumprimento de seus sonhos precognitivos. O plano não poderia dar certo se José não chegasse ao Egito. E assim, o que eles tinham planejado para o mal, Deus estava fazendo redundar para o bem, exatamente o que José disse muitos anos mais tarde (Gên. 50.20). Esse *bem* operaria em favor não somente de José, de seus irmãos e da vindoura nação de Israel, mas igualmente de *muita gente* que seria beneficiada pela presença de José no Egito, pois seriam todos salvos de morrer por inanição.

37.28

Vinte siclos de prata. Siclo era um peso, e não uma moeda. Pesava cerca de 11,7 g. Multiplicando isso por vinte, temos pouco mais de duzentos e trinta gramas de prata. O trecho de Lev. 27.5 mostra que esse era o valor de um escravo com menos de vinte anos de idade. Não há como calcular seu valor monetário, de acordo com padrões modernos. Jesus foi vendido por Judas Iscariotes por *trinta* moedas de prata (Mat. 26.15). Ver o *Novo Testamento Interpretado, in loc.*, nessa passagem de Mateus. Portanto, José foi um tipo de Cristo, conforme se vê nas notas sobre o terceiro versículo deste capítulo.

37.29

Volta Rúben à Cisterna Vazia. Não nos é dito por que Rúben não estava comendo com os outros irmãos, nem para onde tinha ido, nem porque agora reaparecia na cena, somente para encontrar vazia a cisterna. Ele tinha planejado retirar José da cisterna e devolvê-lo ao seu pai (vs. 22). Mas seu plano fracassou; e assim, consternado, rasgou suas vestes, um antigo símbolo oriental de profunda consternação, tristeza ou ira. Ver no *Dicionário* o artigo *Vestimentas, Rasgar das*. quanto a detalhes sobre essa questão. Os intérpretes judeus dizem que Rúben se havia separado dos demais, tinha ido até um monte, e ali estivera esperando que os irmãos se fossem, para que viesse secretamente resgatar a José. Rúben rasgara suas vestes, angustiado. Jacó faria a mesma coisa (vs. 34). Mas um Novo Dia haveria de raiar, a despeito da escuridão daquela noite.

37.30

Não está lá o menino. Teria ele desaparecido? Estaria morto? Agora, que poderia fazer Rúben? Suas perguntas refletiam sua consternação e perplexidade. Admiramo-nos diante do coração calejado de seus irmãos. Mas assim funcionavam as antigas mentes selvagens. Lemos as obras de Homero, a Ilíada e a Odisséia, e maravilhamo-nos diante do poder e da graça de sua literatura. De fato, tais obras são da mais fina arte poética. Contudo, o que elas refletem? Matanças e mais matanças, golpes de espada sem nenhuma misericórdia. E, então, indagamos se a cena moderna é melhor do que isso. Os homens agora liquidam grandes contingentes populacionais, e poucos sentem alguma repulsa ou remorso. Os nossos heróis continuam sendo os que mais matam, e a ciência devota-se a aprimorar os meios de matança. Davi foi chamado homem segundo o coração de Deus, e, no entanto, houve ocasiões em que mostrou ser um matador insensato e sem dó. Calvino iniciou uma denominação cristã, mas tornou-se culpado de *muitos* homicídios, banimentos e aprisionamentos dos que discordavam de sua doutrina. Ver o artigo intitulado *Calvino, João*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*.

Rúben era o irmão mais velho. Jacó haveria de reputá-lo responsável. Ele já havia cometido um grave erro ao forçar Bila, concubina de Jacó. Agora, essa calamidade seria adicionada à outra. No entanto, acima dos resultados que ele temia, Rúben sentia-se genuinamente devastado, diante da perda de José, ao qual chamou de *menino*, embora já tivesse dezessete anos de idade.

37.31

A Fraude. José fora levado pelos ismaelitas. Mas agora era preciso fingir uma razão para a sua ausência. A túnica preciosa de José foi manchada com o sangue de um bode. Agindo como animais, culparam um animal pela pseudomorte. Eles praticavam *maldade após maldade*, em uma produção interminável. Um erro era coberto por outro. Um pecado acaba criando uma cadeia de pecados. Eles tinham cometido um crime contra José, e agora cometeriam um crime contra Jacó. Estavam envenenando seu relacionamento com seu próprio pai; e assim violaram sua posição de filhos.

"Maimônides pensava que uma das razões por que bodes por tantas vezes eram abatidos e usados como ofertas pelo pecado, sob a lei levítica, era relembrar os israelitas desse grande pecado cometido pelos seus patriarcas" (Ellicott, *in loc.*). Os Targuns de Jonathan e Jarchi observaram que o sangue de um bode é o mais parecido com o sangue humano, pelo que a fraude seria extremamente convincente em sua aplicação.

37.32

A túnica talar tornou-se um emblema de ludíbrio e de tristeza. Jacó tinha presenteado José com aquela túnica especial, como sinal de seu amor e favorecimento. Agora lhe era devolvida, pelos traiçoeiros irmãos de José, a fim de lhe partir o coração. E o ludíbrio prosseguiu, quando eles deram a entender que talvez a túnica pertencesse a José. Forçaram Jacó a identificá-la! "A mentira deles, uma vez pespegada, contaminou todas as relações dentro da família" (Walter Russell Bowie, *in loc.*). "Quanta deliberada crueldade para torturar os sentimentos do idoso pai, e assim esmagar a sua alma!" (Adam Clarke, *in loc.*). Lograram êxito, mas esse pecaminoso êxito haveria de enredá-los algum dia. Nem todo sucesso é bem-sucedido. Há supostos sucessos que são o mais doloroso tipo de fracasso. Platão disse que a pior coisa que pode suceder a um homem é que ele pratique o mal, mas nada sofra por isso. Se isso suceder, a alma desse homem aprenderá a tornar-se habitualmente corrupta.

37.33

É a túnica de meu filho. O coração do pai se partiu, e assim, em ato reflexo, Jacó rasgou suas vestes. A túnica preciosa, seu presente especial, tornou-se mensageira de agonia. Somos levados a relembrar a túnica inconsútil de Jesus, que se tornou objeto de um jogo, para se saber com qual soldado romano ela ficaria (João 19.23,24). Ambas as vestes tornaram-se emblemas de tristeza e de aparente derrota. "Assim como a túnica estava rasgada, assim também deve estar despedaçado o corpo de José, meu filho amado! E assim pensando, Jacó rasgou suas vestes" (Adam Clarke, *in loc.*).

"... imaginemos como, com o coração pulsando forte, com os membros trêmulos, com as mãos contorcendo-se, com os olhos vertendo lágrimas e com a voz claudicante, ele [Jacó] deve ter proferido essas palavras" (John Gill, *in loc.*).

37.34

Jacó rasgou as suas vestes. Tal como Rúben tinha feito, e pela mesma razão (vs. 29). Ver no *Dicionário* o artigo *Vestimentas, Rasgar das*.

... se cingiu de pano-saco. Em lugar de suas vestes usuais, vestiu-se de uma roupa grosseira, símbolo apropriado de sua tristeza e consternação. Apresento um detalhado artigo, no *Dicionário*, sobre *Pano de Saco*. Provavelmente estão em pauta peles de animais. Ver também Gên. 44.12; Jó 1.20 e 16.15.

Por muitos dias. Tantos, que em muito ultrapassaram o período usual de luto. Jarchi falava em *vinte e dois anos*, até que também desceu ao Egito, e ali encontrou-se com José, vivo!

O trecho de Gên. 45.26-28 nos dá alguma idéia da intensa tristeza que Jacó sofreu por causa da questão. Somente ao tomar conhecimento de que José estava vivo, foi que "reviveu-se-lhe o espírito" (Gên. 45.27).

37.35

Reune-se a Família de Jacó. Procuraram consolar a Jacó, mas foi tudo inútil. Somente o tempo pode curar certas tristezas. Note-se aqui o plural, todas as suas filhas. Sem dúvida, havia ao menos duas. E Jacó deve ter tido várias filhas, embora somente Diná seja mencionada no livro. O Targum de Jonathan chama essas mulheres de esposas de seus filhos, mas não seria nada incomum se não tivessem sido mencionadas filhas.

Sepultura. No hebraico, *sheol* (que significa tanto sepultura quanto o "hades" do Novo Testamento). Mas não fica claro o que Jacó quis dizer, pois não se sabe até que ponto tinha evoluído a doutrina do *sheol*, nos dias de Jacó. Nos tempos mais primitivos, a teologia dos hebreus não incluía crença na alma imaterial e imortal. O *Pacto Abraâmico* (ver as notas a respeito em Gên. 15.18) é repetido por cerca de doze vezes no Antigo Testamento, sem nunca fazer promessa de vida eterna no pós-túmulo. Quando o *sheol* veio a significar algo além da sepultura, indicava uma dimensão de sombras na qual havia uma quase não-existência, em que as sombras de homens (e não almas reais e inteligentes) flutuariam sem rumo. Essa

doutrina era paralela à nossa teoria dos fantasmas, em contraste com os espíritos.

Com o tempo, porém, o *sheol* passou a ser concebido como o lugar das almas desencarnadas, boas e más. Esse lugar teria duas divisões, uma para as almas boas e outra para as almas más. O sheol seria uma espécie de gigantesca caverna subterrânea. Quanto a idéias da cosmologia dos hebreus, ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Astronomia*, com um gráfico esclarecedor. Ver os artigos *Sheol* e seu equivalente grego, o *hades*. O Novo Testamento apresenta Cristo como quem teve uma missão salvatícia no *sheol (hades)* (I Ped. 3.18-4.6). Apresento um detalhado artigo sobre essa doutrina na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*.

Jacó, pois, parece não ter dado a entender mais do que o fato de que, algum dia, ao morrer, seguiria a José à sepultura (o que corresponde à interpretação de nossa versão portuguesa). Ou ele pode ter dado a entender que, à semelhança de José, ele iria para a dimensão das sombras, onde as almas levavam uma vida de quase não-existência. Todavia, ele pode ter querido dizer que se encontraria com José no lado bom do "sheol", para onde vão verdadeiras almas humanas. Mas o livro de Gênesis nunca nos fornece um conceito claro a respeito, não sendo provável que seja isso que está em pauta neste texto. Mas os intérpretes que cristianizam o texto dizem-nos que isso é o que está em pauta aqui.

37.36

Os midianitas. Eles são chamados ismaelitas no vs. 25, onde há notas expositivas sobre essa aparente discrepância. Talvez um adjetivo pátrio pudesse ser usado intercambiavelmente com o outro, visto que havia misturas raciais. Ou, então, "ismaelitas" fosse um termo genérico para indicar as nações de vida nômade no deserto. Ou, então, na opinião de alguns (embora com menores probabilidades), os ismaelitas tenham revendido José para os midianitas.

Potifar. No egípcio, esse nome é uma forma contraída de Potífera, que significa "aquele a quem Rá [o deus sol] deu". Gên. 39.1-20. Ele era um oficial militar de Faraó. Os irmãos de José, filho de Jacó, tinham-no vendido para ser escravo. E José terminou ficando na casa de Potifar (sem dúvida, por ter sido comprado por ele). Ali, José mostrou ser um jovem dotado de honestidade, habilidade e ambição para melhorar. Foi assim que Potifar acabou fazendo dele o mordomo de sua casa, entregando-lhe grandes responsabilidades. Porém, a esposa de Potifar voltou os olhos para aquele notável jovem, e, em várias oportunidades, tentou seduzi-lo sexualmente. Mas José, sendo jovem temente a Deus, resistiu às tentativas. Desprezada, ela acusou-o de tentar fazer exatamente o que ela havia tentado. Parece que Potifar acreditou nela; ou então, pelo menos, querendo manter a tranqüilidade doméstica, lançou José na prisão. A história é narrada no capítulo trinta e nove do Gênesis. Isso aconteceu por volta de 1890 A. C. E nada mais é dito acerca de Potifar na Bíblia.

Na prisão, o carcereiro também reconheceu o valor de José, e terminou por entregar-lhe responsabilidades (Gên. 40.3,4). Alguns estudiosos pensam que o carcereiro era o mesmo Potifar, mas a maioria dos eruditos rejeita a idéia.

Capítulo Trinta e Oito

Judá e Tamar (38.1-30)

A história de José é interrompida e, de súbito, é inserida a triste história que envolveu Judá. À primeira vista parece uma inserção bizarra; mas, após maior consideração, pode-se ver a lógica intrínseca. Indiretamente, somos informados como Deus não se equivoca. O homem mais jovem (José) haveria de obter a ascendência sobre seu irmão mais velho, Judá, que aparentemente tinha tomado o lugar do primogênito, Ruben, depois de este haver violentado Bila, concubina de Jacó. Vemos como a bênção de Jacó a Ruben foi uma bênção menor, em Gên. 49.1 ss. Judá é que tinha sugerido que os irmãos de José o vendessem aos ismaelitas, convencendo-os assim de que não deveriam tirar-lhe a vida (Gên. 37.26,27).

Os críticos atribuem este capítulo à fonte *J*. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

Motivos Principais Deste Capítulo:

1. A providência de Deus soergueu o irmão mais novo (ver o primeiro parágrafo). José asseguraria a sobrevivência de Israel em um período de crise.
2. Contra as ordens divinas e os costumes, Israel (em potencial) poderia ter-se misturado com os cananeus, mediante casamentos mistos. Alguns supõem que por essa razão Israel teve de passar vários séculos no Egito, desenvolvendo-se em uma nação, não sendo assim absorvida pelos povos cananeus. Gên. 38.2 ss.
3. A perda de um marido traz grandes problemas (no livro de Tobias, a mulher assassina seu marido); e aqui, o Senhor matou o homem por causa de sua iniqüidade (vs. 7). Os críticos pensam que Tamar e Sara (ou Tobias) refletem lendas tribais que floresceram na forma de histórias separadas.
4. Um incesto heróico. Tamar tomou as medidas necessárias para assegurar a justiça, por meio de um ato de incesto heróico. Ver os vss. 16 ss.
5. O relato talvez quisesse justificar a mistura de Israel com os cananeus. Seja como for, Tamar foi uma antiga ancestral de Jesus, o qual veio da tribo de Judá (Mat. 1.3). Em Cristo, todos os povos se tornam irmãos Dele (Gál. 3.14).
6. A luta entre os irmãos gêmeos, em que um deles tornou-se superior ao outro. Cf. a história do nascimento de Esaú e Jacó (Gên. 25.23 ss.). Ver os vss. 27-30, acerca dos gêmeos Perez e Zerá. Davi veio através da linhagem de Perez (Rute 4.18-22). Portanto, temos aqui a linhagem Judá-Perez-Davi, a linhagem real. Essa foi a linhagem que deu origem ao Messias.

38.1

Por esse tempo. O autor inseriu, de modo um tanto desajeitado, o presente capítulo, interrompendo a história de José, conferindo uma vaga indicação cronológica. Muitos eruditos vêem dificuldades na inserção de eventos neste ponto, crendo que não há como recuperar o tempo verdadeiro desses acontecimentos que envolveram Judá. A maioria dos eruditos pensa que tudo isso ocorreu muito antes da venda de José ao Egito. Adam Clarke situou os eventos deste capítulo logo depois da vinda de Jacó a Siquém (Gên. 33.18), mas antes do episódio que envolveu Diná. Essa é uma opinião tão boa quanto outra qualquer. Para respaldar suas declarações, ele apresenta complicados cálculos cronológicos, dos quais prefiro poupar meu leitor.

Judá. Ver sobre esse nome no *Dicionário*, quanto a um artigo detalhado sobre ele. Sua linhagem levaria ao Messias, através de Tamar-Perez-Davi (ver a introdução a este capítulo, em seu sexto ponto).

Uma adulamita. Ou seja, *habitante de Adulão*, modernamente *Tell esh-Sheikh Madhkur*, a cerca de dezenove quilômetros a sudoeste de Belém, no território de Judá. No hebraico, o nome dessa cidade significa *refugio*, uma antiga cidade cananéia (Gên. 38.1,12,20), em Judá (Jos. 12.15). Foi uma das aldeias fortificadas por Reoboão (ver II Crô. 11.7; Miq. 1.15). Ela é mencionada terminado o exílio babilônico (Nee. 11.30; II Macabeus 12.38). Eusébio e Jerônimo afirmam que ela ficava a leste de Eleuterópolis, mas eles seguiram a quem confundia Adulão com Eglom. Nos dias de Josué, eram lugares diferentes, cada qual com seu rei (Jos. 12.12,15). Adulão era uma das cidades do vale ou da planície entre a região montanhosa de Judá e o mar Mediterrâneo. A julgar pela lista na qual seu nome aparece, talvez ficasse próximo à cidade filistéia de Gate. O local fica no caminho entre Laquis e Jerusalém. Ver também sobre a caverna de Adulão, em I Samuel 22.1.

Hira. No hebraico, *esplendor*. Esse era o nome de um adulamita, amigo de Judá, segundo se vê em Gên. 38.1,12. A Septuaginta diz "seu pastor", em lugar de "seu amigo". De fato, as palavras hebraicas envolvidas podem ser assim interpretadas. Todavia, preferimos "amigo". Nada se sabe sobre esse homem, além do que lemos neste texto. Alguns antigos intérpretes judeus erroneamente fazem-no ser o rei de Tiro, mas aquele homem viveu nos dias de Davi, e não nos dias de Judá. Outros chegam ao absurdo de dizer que ele era o marido da mãe de Nabucodonosor, e que viveu por mil e duzentos anos. Puras fantasias!

38.2

Um cananeu. Ver no *Dicionário* o artigo *Canaã, Cananeus*.

Sua. No hebraico, *prosperidade*. Há três homens com esse nome, nas páginas do Antigo Testamento. A filha desse homem, cujo nome não é fornecido, tornou-se esposa de Judá. Ela é apenas chamada de cananéia. Ver Gên. 38.2,12 e I Crô. 2.3. Viveu em torno de 1730 A. C. O nome dado aqui é o do pai da mulher de Judá, e não dela mesma (ver também o vs. 12).

Abandonando as Tradições da Família. Os relatos sobre Abraão (Gên. 24) e sobre Jacó (Gên. 27.46; 28.1 ss.) indicam que havia fortes sentimentos de família e tradições contra casamentos com as nações pagãs em derredor. O trecho de Gên. 28.8,9 mostra que Esaú tomou Maalate como esposa, a fim de aplacar a Rebeca e Isaque, porquanto ela era descendente de Abraão (por meio de Ismael). Mas Judá desconsiderou essa tradição, e assim injetou na linhagem real, que haveria de resultar no Messias, antepassados gentios, cananeus. Ver Mat. 1.3 quanto a Tamar, na genealogia de Jesus. Talvez alguns não vejam isso com bons olhos, mas Deus cuidou disso providencialmente, visando a um bom resultado. Afinal, Cristo reúne em torno de Si todas as nações (Gál. 3.14), e isso em cumprimento de uma das disposições do Pacto Abraâmico (ver as notas sobre Gên. 15.18, que são completas a esse respeito).

Alguns estudiosos supõem que uma das razões pelas quais Israel se desenvolveu no Egito, e, então, voltou a Canaã, tenha sido evitar sua assimilação pelas nações cananéias que viviam na terra de Canaã.

38.3

Er. No hebraico, *vigia*. Três pessoas aparecem com esse nome no Antigo Testamento. Neste texto, trata-se do filho mais velho de Judá com uma mulher cananéia, que era filha de Sua (vs. 2). Er casou-se com Tamar. Mas, por causa de sua iniqüidade, morreu prematuramente (vs. 7; Núm. 26.19).

38.4

Onã. No hebraico, *vigoroso*. Três pessoas têm esse nome nas páginas do Velho Testamento (aqui e em Gên. 46.12; Núm. 26.19; I Crô. 2.3). Ele tornou-se mais bem conhecido devido a uma curiosa circunstância, que envolve o casamento levirato (ver no *Dicionário* o verbete *Casamento Levirato*). Depois da morte de Er, irmão mais velho de Onã, este último casou-se com a viúva daquele, Tamar. Ele tinha sexo com ela, mas evitava engravidá-la, derramando o sêmen no chão, naquela prática que, mais educadamente, se chama *coitus interruptus*. Dessa circunstância é que se deriva a expressão onanismo ou "pecado de Onã", ou seja, a masturbação. Apesar de o pecado de Onã não ter sido exatamente esse, podemos entender como as duas coisas vieram a ser associadas. Apesar de talvez alguns rirem-se do que lhes pode parecer uma ridícula circunstância, o trecho de Gên. 38.10 diz-nos que o Senhor tirou a vida de Onã por causa disso. Todavia, não sabemos quais as circunstâncias dessa morte. Algumas pessoas têm argumentado que o *coitus interruptus* fica assim caracterizado como uma maneira pecaminosa de controle de gravidez. Mas o caso de Onã envolvia a lei do casamento levirato, e não o controle de gravidez, pelo que um caso não se aplica ao outro.

38.5

Selá. No hebraico, *paz*. Esse é o nome de três pessoas no Antigo Testamento. No que tange ao Selá deste versículo, temos o filho caçula de Judá, com sua esposa cananéia, filha de Sua. De acordo com a lei do casamento levirato, ele lhe havia sido prometido, mas não lhe fora dado como marido. Originalmente, ela se casara com Er, o filho primogênito de Judá (Gên. 38.2-5,14,26; I Crô. 2.3; 4.21). Mas ele morrera por juízo divino. Então Onã, o segundo filho de Judá, fora dado a Tamar, de acordo com a lei do casamento levirato. E este também morreu. Agora, chegara a vez de Selá cumprir o seu papel. Mas é evidente que Judá temia perder também o seu terceiro e último filho, pelo que ignorou aquela antiga lei sobre o matrimônio (Gên. 38.11). E isso levou ao incesto heróico de Tamar, forçando Judá a fazer justiça e obedecer à lei.

Quezibe. No hebraico, *enganador, desapontador*. Era uma cidade das terras baixas de Judá, a sudoeste de Adulão. Quezibe existe até hoje, com o nome moderno de Tell el-Beidã (aqui e em Jos. 15.44, ali chamada *Aczibe*). Ver também Miq. 1.14. O livro de I Crônicas alude aos descendentes de Selá como associados a esse lugar. Nos dias de Jerônimo, era um lugar abandonado no deserto.

38.6

Tamar tornara-se esposa de Er, o primogênito de Judá. Morrendo este, foi a vez de Onã. Ambos morreram por castigo divino. Então seria a vez de Selá, o filho caçula de Judá, casar-se com a cunhada. Mas Judá, temendo uma terceira morte, recusou-se a entregá-lo a ela, desobedecendo assim à lei do casamento levirato. Tamar significa *palmeira*. Quatro pessoas são assim chamadas. Há um detalhado verbete sobre esse nome, no *Dicionário*. A Tamar deste texto é a primeira da lista. Ela se tornou antepassada de Jesus, o Cristo (Mat. 1.3; Luc. 3.31-33).

Tamar executou um incesto cuidadosamente planejado (com Judá), forçando-o a fazer o que era de seu dever. E essa é a substância do presente capítulo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Incesto*.

38.7

O Senhor o fez morrer. Enfermidades súbitas e fatais ou acidentes fatais eram, com freqüência, vistos, pelos antigos, como atos divinos. E foi o que se deu com Er. Existe "pecado para morte" (I João 5.16). Nessa referência, no *Novo Testamento Interpretado*, entro em detalhes sobre a questão. É triste que Judá tenha tido tal filho, mas algumas vezes isso sucede aos pais mais piedosos, o que Judá não era. Ele teve suas próprias dificuldades e lapsos. Ele é que tinha convencido seus irmãos a vender José aos ismaelitas (Gên. 37.26,27). Antes disso ele havia sido um dos filhos de Jacó que deve ter-se envolvido na matança dos súditos de Hamor (Gên. 34.25), embora não tenha sido figura de proa. Além disso, ele havia quebrado a tradição da família de não se casar entre os cananeus, e Er fora o primeiro resultado disso. Talvez Er simplesmente tenha seguido as tradições pagãs do povo de sua mãe, tão contrárias às leis de Deus.

No Novo Testamento, há a história de Ananias e Safira (Atos 5), pelo que é melhor darmos atenção a tais coisas, em lugar de ridicularizá-las. Sabemos que os poderes demoníacos podem matar; e um homem espiritual haverá de orar todos os dias, pedindo proteção por causa desses poderes invisíveis e sinistros. O homem espiritual, contudo, dispõe de proteção própria, porquanto Deus cuida dos que Lhe pertencem. Ao mesmo tempo, contudo, devemos usar os meios de proteção de que dispomos. A despeito de tudo, acidentes aparentemente ridículos e enfermidades arrebatam os piedosos, pelo que devemos deixar tudo nas mãos do Senhor. É melhor viver bem do que viver por muito tempo. Mas ainda é melhor viver bem e por longo tempo, e assim cumprir alguma missão digna. Ver Gên. 5.21 quanto à desejabilidade de uma longa vida. Senhor, concede-nos tal graça e protege-nos!

38.8

Chega a Vez de Onã. Judá determinou, e Onã cumpriu o seu papel. Talvez ele apenas quisesse satisfazer seu impulso sexual, e se tenha aproveitado da situação. Ou, querendo ser mais generosos com ele, poderíamos supor que, depois de ver-se naquela situação (ele não queria Tamar), tenha mudado de parecer quanto a ter filhos com ela, e tenha praticado o *coitus interruptus*.

Era trágico, segundo se pensava, quando um homem se casava mas não tinha filhos, de tal modo que sua linhagem desapareceria. A lei do matrimônio levirato (ver no *Dicionário* o verbete assim chamado) era um mecanismo mediante o qual essa tragédia era evitada. Se o próprio homem morria sem filhos, pelo menos sua linhagem prosseguia através de um seu irmão, seu parente mais próximo. Essa lei era antiga e generalizada, incluindo muitos povos, e não apenas Israel. Fica claro, com base neste texto, que irmãos convocados para cumprir esse dever com freqüência recusavam-se a fazê-lo. Ver também Deu. 25.5-10 e Rute 4.1-8. Esse mecanismo também preservava heranças dentro das famílias, e essa era uma importante questão da política tribal.

"Costumes similares existiam em certas regiões da Índia, da Pérsia e do Egito, e até hoje prevalece entre os mongóis. Não foi a legislação mosaica que instituiu essa lei, mas apenas a regulamentou, confinando tais matrimônios aos casos nos quais um irmão falecia sem filhos, e permitindo que um seu irmão se casasse com a viúva, o que só poderia evitar sob uma penalidade. . . a desgraça" (Ellicott, *in loc.*).

38.9

Todas as vezes que possuía a mulher. Essas palavras indicam uma série de atos, um hábito que se formara: ele sempre praticava o *coitus interruptus*. Motivo: ele não se interessava por gerar filhos para seu irmão. Antes queria seus próprios filhos. Tinha sido apanhado em uma armadilha que o deixava irritado, e na qual não via bom senso. Assim, Onã ofendia continuadamente a lei do casamento levirato.

John Gill *(in loc.)* informa-nos que somente o filho primogênito de um casamento assim era considerado filho do irmão falecido. Todos os demais seriam considerados filhos do seu pai natural. Isso mitigava a lei, mas Onã não se interessava por ela.

38.10

Outra Morte. A Bíblia diz que Er morreu por decreto divino; e agora Onã, o segundo filho de Judá, sofreu a mesma sorte. Novamente não há explicação sobre a morte; mas podemos supor alguma doença súbita e inesperada que o tenha atacado ou, então, algum acidente fatal. Ver as notas sobre o vs. 7 deste capítulo. Seu pecado consistia em desconsideração pela lei do casamento levirato. Talvez quisesse ficar com as propriedades de seu irmão, mas não quisesse assumir responsabilidade por isso. E, do ponto de vista teológico, ele poderia estar sendo usado na tentativa de interromper a linhagem que levaria ao Messias, visto que essa linhagem haveria de vir através da linhagem de Judá.

38.11

Permanece viúva. Assim dissera Judá, pois temia que, mediante a morte, perderia seu terceiro e último filho. Era fácil supor que algum tipo de maldição estivesse ligado a Tamar. A desculpa dada foi que o próximo pretendente, Selá (ver o vs. 5), era jovem demais ainda. Mas mesmo quando chegou a uma idade suficiente (vs. 14), ele não foi dado a Tamar. Assim, estava armado o palco para a vingança de Tamar, por meio de incesto.

Em casa de teu pai. Ela voltou à casa paterna, fora de vista e no olvido. E Judá, ao que se pode presumir, pensou que estava livre da praga que ela representava. Porém, Tamar estava destinada a ser ancestral do Messias (Mat. 1.3), pelo que coisa alguma poderia tirá-la da evidência e lançá-la no olvido. Ver Lev. 22.13 quanto ao costume de uma mulher voltar à casa de seu pai, ao perder o marido. Ver a história hipotética dos sete irmãos que se casaram com uma mesma mulher, em sucessão (Mat. 22.25 ss.), que os inimigos de Jesus apresentaram como um dilema. Sem dúvida temos aí um caso impossível, mas Judá não pensava em perder seu terceiro e último filho, depois de ter perdido os dois mais velhos, o que lhe parecia uma piada.

O Incesto Heróico de Tamar (38.12-23)

38.12

No correr do tempo. Sem dúvida, vários anos. O tempo muda tudo. A esposa de Judá morrera; e Selá crescera o bastante para casar-se (vs. 14). Mas Tamar continuava sem marido. A morte da esposa de Judá ocasionou primeiro consolação e, depois, alguma atividade para ajudar a esquecê-la. Judá foi examinar seu rebanho, em Timna. E isso o levou até a área onde residia Tamar, e esta traçou um plano para forçá-lo a fazer justiça.

Consolado Judá. Devemos pensar nas costumeiras cerimônias de lamentação. Um período de espera era observado (Jer. 16.7).

Tosquiadores de suas ovelhas. A tosquia desses animais era acompanhada por festividades (I Sam. 25.4-11; II Sam. 13.23-28). Logo, a ocasião seria excelente para um homem esquecer-se da perda de sua esposa, falecida pouco antes.

Timna. No hebraico, *partilha.* Nome de duas cidades e de quatro pessoas no Antigo Testamento. A cidade deste texto era uma cidade de Judá, atualmente conhecida como Tibné, perto de três quilômetros a oeste de Bete-Semes, entre esta e Ecrom, e cerca de dezesseis quilômetros a oeste de Belém. É cidade mencionada por seis vezes no Antigo Testamento (Gên. 38.12-14; Jos. 15.10,57; II Crô. 28.18). Visto que o nome dessa cidade é grafado, no hebraico, de duas maneiras diversas, alguns eruditos têm pensado que haveria duas cidades. Todavia, é muito difícil que tenha havido duas cidades diferentes dentro de uma área tão pequena como a que existia entre Bete-Semes e Ecrom. Ela ficava a dez quilômetros de Adulão (vs. 1), onde Judá conheceu sua esposa, a filha do cananeu Sua. Adulão, ao que parece, era a cidade onde Tamar residia, porquanto foi ali que ela recebeu seu primeiro marido. Parece que Timna foi o lugar onde Judá residiu por algum tempo.

Hira. Ver as notas sobre o vs. 1 deste capítulo.

Adulamita. Ver as notas sobre o vs. 1 deste capítulo.

38.13

Comunicaram a Tamar. Então Tamar resolveu agir. Ela sabia que Judá teria de passar pela estrada que levava a Timna. Assim, deixou a casa de seu pai, em Adulão, e preparou a sua armadilha.

38.14

Despiu as vestes de sua viuvez. As viuvas usavam vestes especiais pelo resto da vida, conforme se depreende de Juí. 8.5; 10.3 e II Sam. 14.2. Tamar mudou de roupa, vestindo-se como se fosse uma prostituta. As prostitutas também vestiam roupas características, que variavam de região para região. Ver Pro. 7.10. Algumas prostitutas punham um véu que lhes cobria o rosto. Juvenal disse que a imperatriz Messalina cobria-se com um capuz noturno, ocultando seus cabelos negros debaixo de um boné amarelo, para que se parecesse com uma prostituta (Satry. 6). As prostitutas árabes velavam-se de uma maneira especial, para distinguir-se de outras mulheres. As prostitutas egípcias não usavam véu. As prostitutas cultuais que honravam Istar usavam veus característicos. (Ver as notas sobre o vs. 21). É provável que, originalmente, o uso do véu indicasse dedicação e humildade diante de alguma divindade, mas com o tempo, ao desenvolver-se a profissão das prostitutas cultuais, o véu tornou-se um símbolo da profissão. Istar era conhecida como a deusa velada, e suas devotas a imitavam. Talvez isso também explique o véu das noivas (Gên. 24.65 e 29.23,25). Ver Eze. 16.25 quanto ao costume de as prostitutas sentarem-se à beira dos caminhos. Selá agora era homem feito, mas Judá não lhe fazia justiça.

Entrada de Enaim. No hebraico, *entrada dos dois olhos.* Temos aqui uma forma rara de dual no hebraico, talvez indicando uma fonte dupla, e não uma cidade. Todavia, poderia estar em pauta a cidade de Enã. Ver Jos. 15.34. O local deve ter sido bem próximo de Timna, embora ainda não tenha sido identificado modernamente. A cidade parece haver adquirido seu nome com base nas fontes existentes na área.

38.15

Ali estava ela, sentada à beira do caminho, velada como uma prostituta. Judá havia perdido sua esposa, e surgira a oportunidade de sexo. Portanto, não foi capaz de resistir à tentação.

O adultério era considerado uma questão séria, mas não o era fazer sexo com uma prostituta. Assim, o texto que ora consideramos não representa Judá como quem sentiu remorso por causa da questão. Os vss. 20 ss. mostram que ele não hesitou em revelar o que tinha feito. A preocupação dele era que a "prostituta" recebesse seu pagamento, e não que a questão fosse mantida em segredo. A moralidade muda. Certamente Paulo não pensava nesses termos. Ver I Cor. 6.16 ss.

Um Sacrifício? Provavelmente, o cabrito referido no vs. 17 foi dado para servir de sacrifício em um templo, pelo que Tamar deu a entender que era uma prostituta religiosa. Por outra parte, os animais domésticos eram uma forma antiga de riqueza material, e, talvez, isso fosse tudo quanto estivesse envolvido, ou seja, um cabrito como pagamento.

38.16

A Triste Proposta. Não percebendo que estava falando com sua nora, Judá fez à mulher a sua proposta indecorosa, que foi imediatamente aceita. Era justamente para o que ela estava ali. Estava em um dia de sorte. Ele poderia ter passado por ela, sem notá-la. Era fácil demais para ser verdade. Ela acabou grávida, conforme tinha esperado (vs. 24). Sua sorte continuava.

38.17

O Preço. Presumivelmente, o cabrito serviria para um sacrifício, pois Tamar poderia estar fazendo o papel de uma prostituta cultual, como se fosse devota de Istar, a deusa velada (vs. 14). Ou, então, o animal, que tinha um certo valor monetário, fosse o preço que ela pedia. Tudo envolvia um ludíbrio. Jacó tinha enganado a Isaque, ao furtar a bênção de Esaú. Por sua vez, tinha sido enganado por Labão. Agora, Tamar usava de ludíbrio com Judá. Uma nora cananéia era capaz desse tipo de ato. Por outra parte, Judá a tinha enganado, prometendo-lhe seu terceiro filho como marido, de acordo com a lei do casamento levirato, mas não havia cumprido a sua promessa.

Um Penhor. A prostituição (ver a respeito no *Dicionário*) era um negócio honesto! O preço tinha de ser pago; caso não houvesse pagamento imediato, deveria haver um penhor adequado. No hebraico, a palavra correspondente é *erabon,* que indicava parte de um preço a ser pago, uma espécie de garantia. Paulo usou a palavra grega correspondente, *arrabon,* (tomada por empréstimo dos idiomas semíticos), em II Cor. 1.22, Efé. 1.14. De acordo com Paulo, o Espírito Santo é a nossa garantia da vida eterna e da ressurreição gloriosa.

38.18

Que penhor te darei? Foram três coisas: o selo, o cordão e o cajado. Tamar não estava brincando. Esses itens eram insígnias de um homem de posição entre os hebreus. O *selo* (no hebraico, *chothemeth*) provavelmente era uma espécie de anel que deixava impressões sobre documentos acerca de negócios efetuados. A Septuaginta diz aqui *anel,* embora outras traduções concebam alguma espécie de jóia ou de peça de metal que era usada suspensa ao pescoço, mediante o cordão mencionado. Mas algumas traduções dizem *bracelete,* em lugar do cordão. Ainda outras falam em uma *capa.* O sentido exato dessa palavra permanece em dúvida, embora a maioria das traduções modernas diga mesmo "cordão". "O selo era uma argola ou cilindro, geralmente suspenso em torno do pescoço por meio de um cordão, usado para estampar a 'assinatura' de seu proprietário" *(Oxford Annotated Bible).* O *cajado,* que era uma espécie de bengala longa, e que os pastores usavam muito ornado, era um de seus instrumentos constantes. Heródoto (i.195) descreve um cajado babilônico e diz que era decorado com entalhes representando aves, flores e outras figuras. Alguns cajados eram tão preciosos que passavam de pai para filho (Ilíada, ii.101-107). Os cetros dos reis e de altos oficiais do governo desenvolveram-se a partir dos cajados.

Pode-se ver a estupidez de Judá ao entregar objetos pessoais tão altamente valorizados, a uma pseudoprostituta, confiando que ela haveria de devolvê-los quando recebesse o cabrito. Faltava-lhe integridade, mas esperava grande integridade de uma simples mulher de rua.

38.19

Tudo Terminara. Tamar não poderia pensar menos em sensualidade, naquele momento. Seu propósito era muito mais elevado. Queria um marido, de acordo com a lei do casamento levirato. Forçara Judá a cumprir esse costume, conforme vemos nos versículos seguintes. Agora, trocava novamente de vestes (como fizera no vs. 14). Despiu a roupa típica de prostituta e vestiu de novo seus trajes de viuvez. Voltou à casa de seu pai e esperou o tempo certo do cumprimento de seu propósito. Estava com pressa. Nem ao menos esperou pelo mensageiro de Judá, que traria o cabrito. Um erro foi praticado para corrigir outro erro, o que será sempre um princípio duvidoso.

38.20

Hira, o amigo adulamita de Judá, foi o mensageiro. (Ver o primeiro versículo deste capítulo.) Ele trouxe o cabrito. Judá não hesitou em enviá-lo, e fez seu

amigo saber de tudo quanto sucedera. Se o adultério era considerado questão séria, valer-se de uma prostituta não era coisa grave na mente dos antigos hebreus. John Gill diz que Hira guardou o segredo. Mas Gill estava pensando em termos da mentalidade inglesa do século XVIII. Ao que parece, o episódio fazia parte natural da vida, e parece que as prostitutas também deveriam fazer o que era direito, como parte de uma negociação contratada.

Tamar havia regressado à casa de seu pai, pelo que Hira não conseguiu terminar sua missão de entrega do cabrito. Judá, sem dúvida, ficou furioso diante disso. Mas sua grande humilhação não tardaria a ocorrer, uma questão muito mais séria do que ter perdido alguns de seus objetos pessoais, por mais preciosos que estes fossem para ele.

38.21

A Procura Inútil. Podemos ter a certeza de que Hira fez o que pôde para reverter a desagradável circunstância, mas todas as suas indagações resultaram em nada. Os homens do lugar, que deveriam saber sobre qualquer prostituta que costumava sentar-se à beira do caminho, tinham certeza de que não aparecera por ali nenhuma meretriz.

A Prostituição Religiosa. Essa era uma prática generalizada entre os cananeus. Mulheres vendiam seu corpo em favor de santuários onde deuses e deusas eram honrados. O dinheiro assim recolhido era usado para a manutenção das instalações e dos ritos. Em Canaã, um desses cultos importantes era o de Istar, a deusa velada. Aos que ajudavam nesse culto era prometido sucesso nos negócios, fertilidade nos rebanhos e nas plantações, bem como segurança e boa saúde para seus familiares. Assim, qualquer pessoa que acreditasse nessas coisas ansiava por ajudar na prostituição religiosa dos santuários. Se Judá tivesse patrocinado uma daquelas meretrizes (embora sem sabê-lo), então agora teria a consciência de que tinha contribuído para a idolatria local, e não apenas perpetrado um ato de fornicação ou de incesto (pois a mulher era sua própria nora).

38.22

O Triste Relatório. Tendo feito tudo quanto estivera a seu alcance, Hira voltou a Judá para dar-lhe as más notícias. Não havia nenhuma meretriz esperando por um cabrito; de fato, por ali nem ao menos havia alguma prostituta. Isso tudo constituía um mistério. Mas em breve tudo ficaria esclarecido, deixando Judá em grande aperto (vss. 24 ss.).

38.23

Para que não nos tornemos em opróbrio. Dizem aqui algumas traduções, "para que não fiquemos envergonhados", que dá no mesmo. Judá não estava preocupado com a vergonha envolvida em sua fornicação, e, sim, em tornar-se motivo de piadas por parte de seus conhecidos. "Você foi enganado por uma mera prostituta, seu tolo!", diriam eles. Para evitar isso, resolveu simplesmente deixar seus objetos de uso pessoal com a mulher. Afinal, todos eles poderiam ser substituídos. Da próxima vez, ele usaria de maior cautela. Há pessoas que pensam que o pecado só é pecado se for desmascarado. A vergonha ocorreria somente se o pecado fosse descoberto, e não em decorrência do próprio ato pecaminoso. Isso será sempre um princípio duvidoso. Mas a maioria das pessoas teme mais ser descoberta do que cometer um pecado. A maioria das pessoas religiosas dá a entender que são melhores do que realmente são. Isso significa que muitos religiosos são hipócritas (ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Hipocrisia*). Esse fato, entretanto, não anula a espiritualidade, nem a sinceridade geral da parte de um crente.

Tamar Vindicada (38.24-30)

38.24

Três meses mais tarde, Tamar já dava sinais de estar grávida, e imediatamente mandaram um recado a Judá, seu sogro. Ele estava muito envolvido na vida dela, pois tinha um filho (Selá) que já deveria ter-lhe sido dado como marido, de acordo com a lei do matrimônio levirato (ver sobre esse assunto no *Dicionário*). Mas ele não estivera nem estava disposto a cumprir essa lei, no caso de Tamar. Já havia perdido dois filhos com ela, e não queria arriscar-se a perder seu terceiro e último filho (ver os vss. 7,10,11).

Para que seja queimada. A morte na fogueira era a pena imposta, no Código de Hamurabi (157), quanto a casos de incesto com a própria mãe, e este versículo sugere que na antiga nação de Israel, que se estava formando, o adultério era punido desse modo. Segundo a lei mosaica, a execução por apedrejamento era a maneira usual (Deu. 22.23,24, cf. João 8.5), ainda que, em casos especiais, fosse usada a execução na fogueira (Lev. 21.9), como no caso em que a filha de um sacerdote fosse apanhada em flagrante adultério, ou que viesse a prostituir-se. Vemos aqui Judá, o hipócrita, pronto para mandar que sua própria nora fosse executada na fogueira. Quão humano é tudo isso! Mostramo-nos severos com os pecados alheios, mas lenientes com os nossos próprios pecados, mesmo que os nossos pecados sejam iguais aos pecados de outras pessoas.

"Quão estranho que no próprio lugar onde o adultério era punido mediante a morte mais violenta, a prostituição a dinheiro, com propósitos religiosos, não fosse considerada um crime!" (Adam Clarke, *in loc.*).

Intérpretes judeus chegaram a aventar, com base na severidade da punição sugerida, que Tamar talvez pertencesse a uma linhagem sacerdotal, talvez sendo até descendente de Melquisedeque. Mas não há o menor indício bíblico quanto a isso.

O Poder da Morte. Este versículo indica que Judá, patriarca da sua família, tinha autoridade para mandar executar um de seus membros, se tivesse boas razões para isso, e nem precisava pedir autorização de alguma autoridade maior. Certas tribos árabes continuam exercendo essa espantosa autoridade, até os nossos próprios dias. Talvez tenha acontecido, conforme alguns eruditos sugerem, que Judá, ansioso por livrar seu filho Selá de ter de casar-se com aquela mulher de má sorte, se tenha alegrado em proferir a pena de morte, desvencilhando-se assim dela e solucionando o seu próprio problema pessoal.

38.25

O Jogo de Poder de Tamar. Tamar havia executado algo tolo e arriscado. Agora, sua vida estava em perigo, mas ela tinha poder. Ela identificou o homem que era o pai de seu filho não-nascido por meio dos objetos que havia recebido dele: o selo, o cordão e o cajado. Ver as notas no vs. 18 quanto a comentários sobre esses objetos e sobre como Tamar conseguira adquirir tais objetos.

Uma Conduta Decente. Tamar não fez Judá cair em desgraça pública. Ela lhe enviou pessoalmente esses objetos. O Talmude chega a louvá-la por esse ato de misericórdia e discrição. O fato de que ela o tratou com gentileza fez Judá ansiar por corrigir toda a situação. A bondade pode levar ao arrependimento (Rom. 2.4).

38.26

A Confissão. Judá não tentou escapar da dificuldade. Talvez ele tivesse a autoridade e a influência para escapar do ardil, mas já estava cansado de ludíbrios e de frutos maléficos.

Mais justa é ela do que eu. Judá não se referia aqui ao ato incestuoso, mas à sua relutância em dar Selá a Tamar como marido, em obediência à lei do matrimônio levirato. O ato arriscado e enganador de Tamar produziu os resultados que ela tinha desejado. Ela havia errado, mas não tão gravemente quanto Judá. Ou, talvez, fosse mais exato se Judá tivesse dito: "O meu erro foi maior que o erro dela". Alguns eruditos pensam que Tamar tentou entrar na bênção do Pacto Abraâmico, participando mesmo "da linhagem do Messias", como se ela tivesse agido sob o impulso de um nobre ideal. Mas tudo isso é fantasioso.

Quanto a Judá, ele cessou em seu pecado, não teve mais relações íntimas com sua nora, revertendo assim a maldição. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Incesto*.

38.27

Havia gêmeos. Ver a introdução a este capítulo, quanto aos principais motivos. Um deles é o incesto heróico de Tamar. Ela chegou a arriscar a vida para corrigir a situação. Outro motivo é a luta dos irmãos gêmeos, ainda no ventre de sua mãe (ver o quarto e o sexto ponto, sob o título *Motivos Principais deste Capítulo*). Ver a história um tanto similar que envolveu Esaú e Jacó (Gên. 25.23 ss.). Naquele caso, o filho mais jovem acabou dominando o mais velho e sendo mais abençoado do que ele. Neste caso, Perez, o irmão mais velho, seria o dominante, vindo a participar da linhagem real (Judá-Perez-Davi), propiciando a vinda ao mundo do longamente esperado Messias. Houve rivalidade entre os descendentes de Perez e os de Zerá, os dois clãs de Judá (Núm. 26.19-22), e isso fez parte daquilo que foi dito a Tamar, por ocasião do nascimento dos dois (vs. 27 ss.). De acordo com o trecho de Rute 4.18-22, Perez era antepassado de Davi, e essa era a linhagem principal de Judá.

38.28-30

Um pôs a mão fora. Como se estivesse querendo agarrar-se à vida, lutando para vencer Perez, seu irmão gêmeo. Zerá parecia um vencedor. Ele haveria de obter o direito de primogenitura, pelo que um fio encarnado foi atado em sua mão, para assinalá-lo como o primogênito. Mas então, recolheu de novo a mão, pelo que Perez acabou nascendo e tornando-se o primogênito.

Perez. No hebraico, *separação ou brecha*. Era irmão gêmeo de Zerá assim chamado porque, quando seu irmão parecia que nasceria primeiro, subitamente fez uma brecha na vagina de Tamar e nasceu primeiro, adquirindo assim a posição de primogênito. Perez era filho de Judá, sogro de Tamar, a qual, mediante um truque, forçou-o a cometer um ato incestuoso, fazendo justiça, porque não lhe tinha dado como marido o seu terceiro filho, Selá. Os dois irmãos mais velhos de Selá, Er e Onã, tinham morrido misteriosamente. A narrativa inteira é contada neste capítulo do Gênesis.

Sendo o filho primogênito e tendo seu destino apropriado, Perez e seu clã prevaleceram sobre Zerá e seu clã (Gên. 46.12; Núm. 26.20; I Crô. 2.4). E tornou-se antepassado de Davi (Rute 4.18 ss.), e, por conseqüência, do Messias (Mat. 1.3; Luc. 3.33). A observação que se lê em Rute 4.12 refere-se ao relato deste capítulo do Gênesis. Ambos os relatos dizem respeito ao matrimônio levirato (ver no *Dicionário* o artigo *Matrimônio Levirato*). A história de Perez envolve-nos diretamente no *Pacto Abraâmico* (ver as notas a respeito em Gên. 15.18), primeiro no concernente à grande posteridade de Abraão, e, em segundo lugar, acerca da linhagem específica Abraão-Isaque-Jacó-Judá-Perez, que produziu a linhagem real de Israel, e, daí, o rei Messias, que seria o agente da bênção a todas as nações (Gál. 3.14).

Zerá. No hebraico, *broto, rebento ou brilho (Deus brilhou)*. No caso deste texto, está em pauta o filho de Judá que nasceu em resultado de seu incesto com Tamar, sua própria nora. Era irmão gêmeo de Perez. Este exerceu hegemonia sobre Zerá, o que se estendeu aos descendentes de ambos, que formaram os dois clãs da tribo de Judá. Há uma nota detalhada sobre *Zerá*, no *Dicionário*. Zerá é comentado no terceiro ponto do artigo que descreve as sete pessoas que aparecem com esse nome no Antigo Testamento.

Capítulo Trinta e Nove

José na Casa de Potifar (39.1-23)

José Lançado na Prisão. A história de José é aqui reiniciada, após ter sido interrompida pela história de Judá e Tamar, e pelo nascimento de Perez e Zerá (Gên. 38). Os críticos atribuem este capítulo trinta e nove à fonte *J*. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

Já vimos a menção a Potifar em Gên. 37.36, onde há notas expositivas sobre ele. José, vendido como escravo pelos seus irmãos, foi revendido pelos ismaelitas a Potifar. Ao que parece, este era um oficial militar do Faraó. Os críticos crêem que toda a narrativa tenha sido inventada, com base na lenda egípcia chamada História de Dois Irmãos. Apesar de admitirem similaridades, os eruditos conservadores opinam que é fantasioso e anti-histórico fazer este relato depender daquele. A lenda egípcia diz como segue: Bata, um homem solteiro, residia com seu irmão, Anúbis. A esposa deste incitou Bata a cometer adultério, mas ele repeliu os convites dela. Anúbis, chegando em casa, encontrou sua esposa marcada por ferimentos auto-infligidos, e ouviu as acusações dela contra o inocente Bata. No começo, Anúbis quis matar o próprio irmão, mas depois percebeu que sua esposa é que estava mentindo. Por isso, matou-a e não o seu irmão. Os críticos frisam que temos aqui uma espécie de motivo universal: sua substância reaparece na literatura de muitos povos. Além disso, faz parte do drama diário, em qualquer época.

A história mostra-nos um caráter moral superior. Ele teve suas tentações, conforme sucede a todos nós; mas ele foi vitorioso. A vitória é originária do íntimo; deriva-se do caráter, e não das circunstâncias externas.

Cronologia

Antes de começarmos a considerar o capítulo trinta e nove, é instrutivo notarmos os dados cronológicos abaixo. As datas são um tanto especulativas, pois alguns eruditos divergem desses dados em nada menos de dois séculos:

Datas A.C.	*Acontecimentos*
1898	José vendido como escravo ao Egito, com dezessete anos de idade (Gên. 37.2; 38.2,28).
1885	José liberto da prisão para tornar-se primeiro-ministro aos trinta anos de idade (Gên. 41.45).
1878	Os sete anos de fome (antecedidos por sete anos de abundância) (Gên. 41.47).
1876	Jacó e sua família mudam-se para o Egito (Gên. 45.6).
1446	O êxodo. Israel esteve no Egito durante quatrocentos e trinta anos (Êxo. 12.40).
971	Começo do reinado de Salomão.
967	Quarto ano do reinado de Salomão (I Reis 6.1).
966	Início da construção do templo de Jerusalém.

39.1

José. Ver a respeito dele no *Dicionário*.

Egito. Ver a respeito no *Dicionário*.

Potifar. Ver sobre ele em Gên. 37.36.

Faraó. Ver sobre ele no *Dicionário*. O Faraó dos dias de José tem sido variegadamente identificado, devido ao fato de que não há certeza quanto à cronologia sobre a época. Uma das possibilidades é que esse Faraó foi Sesóstris II (1897-1879 A. C.). Ver no *Dicionário* o artigo *Faraó*, em seu terceiro ponto, *Os Faraós Mencionados na Bíblia*, número dois, quanto a várias tentativas de identificação.

Oficial. No hebraico, literalmente, *um eunuco*. A palavra deve ter sido usada por descuido, pois então ele seria um eunuco casado, o que não é provável. Desconhecem-se eunucos casados na história. Ou, então, eunuco tornou-se também título de algum cargo oficial, pois não parece que Potifar e sua esposa se tivessem casado por mera conveniência. Alguns eruditos dizem que a palavra eunuco, atribuída a Potifar, deriva-se de uma tradição, mas haveria outro Potifar, não-eunuco. E dois homens, com o mesmo nome, teriam sido confundidos, e, como é óbvio, não foi o Potifar eunuco que esteve envolvido no episódio do marido ciumento.

Disciplina e Caráter. A ascensão de José a uma posição de autoridade e de grandeza foi assinalada por eventos disciplinadores. Ele provou seu valor em cada um desses lances, pelo que não se elevou somente quanto ao poder político, mas também na espiritualidade. Tinha sido reduzido à condição de escravo, mas nem mesmo isso o havia abatido. E foi um escravo extraordinariamente bom, o que haveria de libertá-lo dessa condição. José brilhou em cada passo ao longo do caminho. Algumas vezes, ele brilhava mesmo em meio à adversidade e à tribulação.

> *Semeie-se um pensamento, colher-se-á um ato.*
> *Semeie-se um ato, colher-se-á um caráter.*
> *Semeie-se um caráter, colher-se-á um destino.*

39.2

O Senhor. No hebraico, *Yahweh*. Esse era o nome de Deus como formador da nação de Israel. Ver no *Dicionário* esse nome divino, como também o artigo *Deus, Nomes Bíblicos de*.

Veio a ser homem próspero. Suas circunstâncias difíceis tornavam-se oportunidades. O texto mostra-nos que José foi um homem do destino, e não apenas um homem de boa herança genética. O Senhor estava em seu destino. Eis a razão pela qual ele prosperava, mesmo contra toda a maldade de seus irmãos, ou contra a maldade da mulher de Potifar. José veio a tornar-se o mordomo da casa de Potifar. Seu caráter e sua honestidade foram percebidos de imediato, e ele começou a trabalhar para o bem da casa de seu senhor. O Senhor estava com ele, e ele estava destinado a ser o primeiro-ministro do Egito, e não apenas o mordomo da casa de Potifar. Em várias ocasiões críticas, José, exilado no Egito, não dispunha da ajuda de um único homem. Mas o poder de Deus estava por trás dele e também nele. Esse era o segredo de seu extraordinário sucesso. José era homem que mudava as circunstâncias, longe de ser vítima delas.

39.3

Vendo Potifar. José era tão extraordinário que até mesmo o pagão Potifar teve de reconhecer a origem divina de seu caráter e poder. Assim, Potifar soube aproveitar os serviços de José, deixando-o ao encargo de toda a sua casa. A maioria dos escravos trabalhava duro nos campos, mas Potifar deu a José um trabalho em sua própria casa, como mordomo. Ver no *Dicionário* o artigo *Escravo, Escravidão*.

Cf. Gên. 30.27, onde Labão percebeu que estava sendo abençoado porque Jacó estava com ele, e porque Jacó era abençoado pelo Senhor de maneira especial.

39.4

Logrou José mercê. . . a quem servia. Autores judeus disseram que José trabalhou por um ano na casa de Potifar. Nesse caso, houve tempo suficiente

para observá-lo bem. Seu trabalho mereceu atenção especial, e, uma vez favorecido, trabalhava e servia ainda melhor. A arqueologia tem descoberto monumentos egípcios que exibem um supervisor munido de material de escrita, cuidando de todas as coisas da casa de seu senhor.

José servia "... voluntária, pronta, animada e fielmente" (John Gill, *in loc.*). Havia servos sujeitos a ele, e ele sabia como fazê-los trabalhar com fidelidade; a tranqüilidade reinava porque José era competente.

39.5

Mordomo. Parece que a propriedade de Potifar era de difícil administração. Havia muitos deveres, muitos escravos, talvez até várias propriedades. Os deveres de Potifar, como oficial do exército, mantinham-no sempre ocupado fora de casa. Era mister que tivesse um homem bom que cuidasse de sua casa. José era esse homem. Além de ser um bom trabalhador, José era um bom capataz. Assim como Labão era abençoado por causa de Jacó, assim também Potifar recebia bênçãos do Senhor por causa de José. Cf. Gên. 30.27. "A casa de Potifar era abençoada, e seus bens materiais se multiplicavam; ficou rico... e havia abundância de todas as coisas boas" (John Gill, *in loc.*). Na casa e no campo, ou seja, onde quer que Potifar tivesse alguma propriedade, José lá estava a fim de garantir sucesso e prosperidade.

39.6

A Insistência do Autor Sagrado. Moisés insistia sobre quão bem andavam as coisas: como José e seu senhor prosperavam; como José ficou encarregado de tudo; como tudo corria suavemente; e como José era "formoso de porte e de aparência". Mas este último detalhe apenas para introduzir a informação de que a esposa de Potifar, observando quão simpático era José, resolveu conquistá-lo sexualmente. Mas isso faria a casa vir abaixo, reduzindo José a zero, apodrecendo em uma prisão. Quão humano foi tudo! A boa sorte subitamente se transformaria em perda e tristeza. É como dizia uma antiga canção: "Voando alto em abril, derrubado por terra em maio".

Formoso de porte e de aparência. No hebraico, as mesmas palavras usadas para descrever Raquel (Gên. 29.17, onde lemos, na nossa versão portuguesa: "formosa de porte e de semblante", onde o leitor deve examinar as notas expositivas). Podemos entender, pois, por que a esposa de Potifar não foi indiferente para com ele. Raquel tinha sido uma mulher muito bonita, e José derivava dela, geneticamente, a sua boa aparência física.

39.7

A mulher de seu senhor. Foi aí que as dificuldades começaram, na casa de Potifar. Dois belos poemas em persa foram escritos sobre essa situação entre José e a esposa de Potifar. São fantasiosos, a bem da verdade, mas merecem atenção. De acordo com um desses poemas, o nome da mulher era Zuleika, e ela tinha a reputação de ser casta, virtuosa e excelente. Mas vendo todos os dias quão simpático era José, e como ele era um jovem extraordinário, foi tentada a conquistá-lo.

Entendo, diante da beleza crescente,
dia a dia, que José possuía,
Que o amor irrompeu por baixo do véu
da castidade de Zuleika.

(Ha Faz)

O décimo segundo capítulo do Alcorão celebra as virtudes da beleza, da piedade e de certas ações, constituindo uma das mais belas peças literárias de qualquer país.

As mulheres egípcias não viviam reclusas nem usavam véu, o que explica a livre associação da esposa de Potifar com José. Um jovem inocente, como objeto das artes de alguma mulher sedutora, será sempre um tema constante de toda literatura, antiga e moderna. Assim, na literatura egípcia temos a lenda dos Dois Irmãos, bastante parecida com o relato sobre José. Ver a introdução ao presente capítulo.

Embora fosse escravo e não tivesse autoridade própria, José foi capaz de resistir ao assédio amoroso da poderosa mulher, o que serve para intensificar o drama e enfatizar a vitória do humilde José.

Sentindo-se cada vez mais atraída, até não agüentar mais de desejo, ela resolveu uma abordagem direta. Apesar de ser tradicional que os homens seduzam e as mulheres sejam seduzidas, algumas vezes acontece precisamente o contrário. Nesta nossa época em que as mulheres assumem encargos de responsabilidade no mundo dos negócios e da indústria, a sedução feminina vai-se tornando cada vez mais comum. Essa sedução feminina, tal como acontece com a sedução masculina, por muitas vezes envolve as pressões do trabalho ou das vantagens pecuniárias. "Ceda, e você terá grande futuro aqui. Não ceda, e você perderá o seu emprego", etc

John Gill (*in loc.*) imaginava que José teve de arrostar considerável tentação de ceder aos apelos da mulher, mas prefiro pensar que ele não estava interessado. Há bem poucos homens como ele.

Padres e pastores por muitas vezes são alvo da sedução de mulheres perturbadas, ou, então, da parte de mulheres que são sexualmente atraídas pelo homem religioso, a pessoa ideal. Para essas mulheres, é interessante vê-los cair. Mais freqüentemente, porém, são os padres ou pastores que estão sempre em contato com mulheres atrativas, por tê-las de aconselhar, devido aos problemas delas, que acabam cedendo à tentação de seduzi-las. O sexo é irracional.

39.8

Ele, porém, recusou. Isso, apesar de ela tê-lo abordado por diversas ocasiões. A maioria dos homens consegue repelir por uma vez. José apelou, em sua recusa, para a grande responsabilidade que recebera como mordomo de tudo. Ele, em quem seu senhor havia confiado tanto, não haveria de desapontar essa confiança em troca de sexo. "Serei leal, pois há aqueles que confiam em mim", conforme diz um antigo hino evangélico. Todo privilégio tem sua própria carga de responsabilidade. José havia desenvolvido um caráter que era contrário à traição e ao engano. E assim, na hora da prova, permaneceu firme.

A História de Tomás de Aquino. Seus pais não queriam que ele se tornasse um homem religioso. Portanto, traçaram o plano de enviar-lhe uma bela jovem que o tentasse sexualmente. Eles tinham calculado que isso abateria sua resolução quanto às questões espirituais. Ela foi admitida em seu quarto, mas quando o homem percebeu o que ela estava tentando fazer, tomou um ferro em brasa da lareira e saiu atrás dela. A porta do quarto foi fechada ruidosamente por ela, e ele fez sobre a porta o sinal da cruz, com a ponta do ferro em brasa. Admite-se que há poucos homens como José e Tomás de Aquino. Contudo, aos homens é dada a oportunidade de crescer e de conquistar, e isso é garantido pela inquirição espiritual.

39.9

O Benfeitor de José. Potifar tinha sido sempre o benfeitor de José, pois, apesar de ser um escravo, pudera prosperar sob tal condição. Materialmente, nada lhe faltava, além de honra e confiança. A mulher de seu senhor, pois, não era uma pessoa com quem José poderia manter intimidades.

Deus. O argumento final e mais forte de José foi o temor que ele tinha a Deus. Ninguém peca sozinho. Quase sempre, os pecados de um homem envolvem alguma outra pessoa, ou mesmo a fazem pecar. Ademais, ninguém peca sem afetar Deus, que estabeleceu as regras da conduta humana. Deus, no hebraico, neste ponto, é *Yahweh*. O vs. 2 diz que Yahweh estava com José. O resto de sua vida servia de comprovação desse fato. Ver no *Dicionário* o verbete sobre esse nome divino. José tinha consciência da presença de Yahweh, mesmo estando exilado e escravizado no Egito (Gên. 40.8; I Sam. 12 13; Sal. 41.4, 51.4 quanto a sentimentos similares). José não era homem indigno ou ingrato, o que ficaria subentendido se ele adulterasse (ver no *Dicionário* o artigo chamado *Adultério*) com a esposa de seu benfeitor. O Benfeitor final, todavia, é Deus (Tia. 1.16), e benfeitores secundários são inspirados por Deus, na prática da lei do amor. Ver no *Dicionário* o artigo *Amor*.

Podemos contrastar José com Judá (Gên. 38), o qual contratou os serviços de uma suposta prostituta de maneira tão casual. Teria Judá resistido à tentação a que José foi submetido?

39.10

Insistência Diabólica. A mulher de Potifar tentava a José "todos os dias". Sem dúvida, ela tinha muitas oportunidades de ficar perto dele, ou mesmo sozinha com ele, enquanto o dono da casa estava fora, cuidando de seus muitos negócios e de seus deveres militares. É fácil alguém ser correto por algum tempo. Muitas conversões perduram apenas por algum tempo, se é que as podemos classificar de conversões. Mas José enfrentava, com contínua resistência, a insistência diabólica da mulher. Algo acabaria arrebentando. E foi o que aconteceu. Acusado falsamente por ela, José terminou encerrado em uma prisão. Isso foi o que ele obteve por ser correto. Mas outros episódios da história de José ainda seriam escritos, revertendo tudo isso. A resistência ou persistência espiritual desenvolve-se gradualmente, mediante o uso dos meios de desenvolvimento espiritual. Ver no *Dicionário* o verbete *Desenvolvimento Espiritual, Meios do*.

"A tentação era forte e enleadora, era intensa e freqüente..." (John Gill, *in loc.*).

Para se deitar com ela, e estar com ela. Ambas essas expressões podem indicar a cópula carnal, mas a segunda pode indicar apenas um apelo para que José ficasse "em companhia dela". Se pudesse garantir sua companhia, em situações comprometedoras, talvez pudesse convencê-lo a fazer outras coisas.

39.11,12

Uma Determinação Diabólica. Certo dia, a mulher perdeu o controle. Todos os homens da casa estavam ausentes, e ela aproveitou o ensejo para fazer um esforço heróico de seduzir a José. Ela o agarrou e insistiu. Ela o segurara por suas vestes e parecia disposta a deixá-lo despido. Mas ele dirigiu-se para a porta, deixando com ela as suas vestes.

Josefo fantasia dizendo que havia uma festa pública, motivo pelo qual não havia ninguém em casa, nem mesmo as mulheres. A esposa de Potifar fingiu-se adoentada e voltou para casa, sabendo que ali José estaria sozinho. E foi então que ela desfechou seu mais decisivo ataque de sedução. Em sua paixão, ela chegou a apelar para a violência, para todos os efeitos práticos.

39.13

As Vestes Incriminadoras. Em sua pressa para livrar-se do ataque da mulher, José deixou com ela as suas vestes externas. Isso deu à mulher humilhada a idéia de fingir que houvera uma tentativa de ataque sexual por parte de José. Irada por haver sido desprezada, ela inventou rapidamente uma história mentirosa, muito incriminadora contra José, como vingança contra ele.

O autor não se importa nem em explicar que peça de vestuário ele deixou com ela, pois usa o termo hebraico mais geral para vestes, *beged*, que não especifica que peça era. Nem explicou como ela encontrou homens para queixar-se, quando, no vs. 11, disse que não havia ninguém em casa. Mas ela pode ter esperado um pouco. Os intérpretes, por sua vez, inventam explicações desnecessárias, pois não gostam quando parece haver algum hiato nos informes bíblicos.

39.14

A mulher pediu socorro para que pudesse concretizar o seu plano de acusar a José, com o apoio de supostas "testemunhas".

Este hebreu para insultar-nos. José seria um fingido. Parecia tão bonzinho; mas era apenas um lobo que só aguardava o momento propício para atacar. A pobre mulher ter-se-ia defendido com gritos. Era culpa de Potifar ter trazido para dentro de casa aquele estrangeiro, e por não ter tido sabedoria ou intuição suficiente para perceber quão perigoso era o escravo hebreu. Potifar a tinha exposto a um escravo estrangeiro de caráter vil. Foi assim que a paixão impura dela transformou-se em ódio, um fenômeno bastante comum nos jogos de sedução amorosa. A palavra "insulto" pode dar a entender "caricias". Se assim foi, então ela acusava José de contato físico impróprio. Pelo menos, ele seria culpado de agressividade.

39.15

Eu levantava a voz e gritava. Isso mostrou-se eficaz. E então, supostamente, assustado, José deixara suas vestes para trás. A vilã se tornara uma heroína, como com tanta freqüência sucede em histórias de mentiras e fraudes. Era fácil ter a prova. Ela ficara com as vestes incriminadoras de José. Mas nem toda "evidência" parece ser o que é, e os fraudulentos sempre são capazes de apresentar provas forjadas.

39.16

Prossegue a Cena Teatral. A mulher guardou consigo as vestes de José, a fim de repetir a mentira na presença de seu marido. A evidência era falsa e tola, mas ela fazia boa idéia de que seu marido não duvidaria dela. A ira que isso gerou deve ter anulado quaisquer protestos de inocência que José tenha proferido.

39.17

Veio ter comigo para insultar-me. Isso pode significar "ele me acariciou", ou seja, tomou liberdades físicas impróprias para um escravo, com a senhora da casa. Ele, um mero escravo, ousou abordar a esposa do dono da casa, um crime imperdoável. Mas também poderíamos entender que José foi acusado de tê-la insultado com "palavras e atos obscenos", contrários aos costumes de qualquer residência decente. O que ela queria dizer, como é óbvio, é que ele a tinha solicitado para propósitos sexuais, e isso de uma maneira crua.

39.18

Gritei... as vestes. Ela teria gritado, e ele teria deixado suas vestes, o que já havia sido dito nos vss. 14 e 15.

39.19

As palavras de sua mulher. Potifar deu ouvidos à calúnia de sua mulher contra José. Se ele não acreditou nela, fingindo que acreditava, estava evitando um escândalo maior: sua mulher se tinha oferecido a um mero escravo!

... se lhe acendeu a ira. A intenção da mulher era que Potifar fizesse algo de drástico. Assim ela vingar-se-ia do fato de ter sido repelida por José.

A indignação de Potifar foi tal que José não teve chance de defender-se. Ou se lhe foi dada tal oportunidade, sua defesa não pareceu convincente. "Essa foi a segunda vez que as vestes de José foram usadas como base de acusações falsas contra ele" (cf. Gên. 37.31-33).

39.20

No cárcere. A punição usual seria a pena capital. Na história egípcia dos dois irmãos, a questão terminou com a morte da mulher ofensora. A punição menor, dada a José, de acordo com os intérpretes judeus, significou que Potifar acreditou em José, mas, a fim de poupar sua esposa de maior embaraço, sacrificou-o, embora por meio de um castigo mais brando do que seria de se esperar.

Dessa maneira, a coragem espiritual de José teve um mau resultado drástico. Todavia, esse resultado seria revertido quando o plano de Deus avançasse mais. Conforme Sócrates afirmava e a Bíblia confirma, nenhum mal pode atingir, de forma definitiva, um homem bom, piedoso.

"... a coragem espiritual é de natureza superior à coragem física, e é preciso uma sorte superior de coragem para alguém entrar em uma luta em que a pessoa já sabe que vai perder" (Edward L. Trudeau).

Os presos do rei. Provavelmente devem ser distinguidos dos prisioneiros comuns. Talvez fossem aqueles envolvidos em crimes políticos ou outros que ameaçassem o rei, os seus familiares, o reino, as forças militares etc. Essa prisão fazia parte do complexo de edifícios de que se compunha a residência de Potifar, visto ser ele um capitão da guarda real (Gên. 40.3). Aquele versículo também revela que José fora confinado em um cárcere, quando então teve de enfrentar um período de grandes sofrimentos. O trecho do Salmo 105.18 indica que os pés de José foram presos com grilhões de ferro. No entanto, após algum tempo, José recebeu responsabilidades até mesmo na prisão (Gên. 40.4).

O severo tratamento a que José foi submetido pode indicar que Potifar o considerava culpado. Por outro lado, as esposas de altos oficiais egípcios exerciam grande poder, pois elas também herdavam parte das riquezas desses oficiais, com as quais geralmente se casavam como fruto de arranjos entre famílias importantes. Isso posto, não tena sido fácil Potifar contradizer sua mulher. Foi mais fácil sacrificar José, o escravo hebreu.

39.21

O Senhor, porém, era com José. Na adversidade e na tristeza, tal como no triunfo e na alegria, em todas as vicissitudes da vida, o mesmo poder divino e a mesma presença divina.

"... há livramento de vitórias meramente aparentes. Isso pode parecer um paradoxo, mas é um fato claro. Com freqüência, só achamos Deus quando paramos de pensar que já O encontramos, e só obtemos nossas vitórias espirituais quando rejeitamos a idéia de já termos vencido" (Walter Russell Bowie, *in loc.*). Pode-se comparar isso com a atitude expressa por Paulo em II Tim. 3.12-14. O presente versículo reitera o segundo versículo deste capítulo, onde também é dito que o Senhor estava com José. José lograva tanto êxito por causa da presença divina. Era um homem do destino e sua vereda era ordenada pelo Senhor, e até mesmo os seus passos (Sal. 37.23).

E assim, na prisão, logo o carcereiro prestou atenção em José, reconhecendo as suas virtudes. E mesmo sendo um prisioneiro, recebeu responsabilidades.

39.22

O Carcereiro. Aquilo que José tinha sido na casa de Potifar, agora o era na prisão. Tudo passou a ser ali controlado por ele. Visto que os prisioneiros ali encerrados não eram prisioneiros comuns, por ser aquela a prisão especial do Faraó (vs. 20), a posição de José revestia-se de extrema responsabilidade.

Quando uma alma vai escalando pela montanha da vida, vai enfrentando pequenas colinas, mas tudo faz parte da grande ascensão. Assim também, na prisão, José foi obrigado a escalar uma colina pequena em sua subida ao poder no próprio Egito, onde haveria de tornar-se primeiro-ministro. O homem que titubeia diante de uma pequena colina dificilmente escalará a montanha.

39.23

Confiança Absoluta. Por assim dizer, José tomou de assalto a prisão. O carcereiro não se preocupava mais com nenhum detalhe atinente à vida no cárce-

re. Ele sabia que José agiria corretamente, por ser dotado de sabedoria e poder especiais. "O Senhor estava com ele", pelo que prosperou naquele lugar. José era dotado de graça, sabedoria e iluminação, qualidades espirituais essas que o distinguiam da vasta maioria dos homens. Naquele lugar tenebroso, José fazia sua luz brilhar. Ele era iluminado e iluminador. Ele contava com a chama de Deus, a qual jamais poderá ser apagada.

Capítulo Quarenta

José na Prisão (40.1-23)

A Interpretação dos Sonhos. Os críticos atribuem este capítulo quarenta a uma combinação das fontes *J* e *E*, onde *E* seria a fonte básica. Ver no *Dicionário* o verbete *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

Faraó tinha suas razões para estar indignado contra dois de seus mais altos oficiais, a saber, o copeiro-chefe e o padeiro-chefe. E mandou detê-los "na casa do comandante da guarda", ou seja, no lugar onde ficavam detidos os "presos do rei" (Gên. 39.20). Ora, José era o virtual supervisor dessa prisão, tal como fora o mordomo da casa de Potifar (Gên. 39.22,23). E foi assim que entrou em contato com esses dois detidos especiais. Isso armou o palco para um importante acontecimento. Ao interpretar os sonhos tanto de um quanto de outro desses oficiais, que davam conhecimento prévio de seus futuros (sonhos precognitivos), o fato acabou levando José à atenção do Faraó, o qual ansiava por ter um intérprete profissional decente. E o rei do Egito achou esse homem na pessoa de José.

Sonhos. Se a maioria dos sonhos é expressão de desejos ou soluções de problemas, alguns sonhos, na verdade, prevêem o futuro. Existem sonhos psíquicos e espirituais. No islamismo, os sonhos são considerados um dos ofícios da profecia, e sempre desempenharam papel importante naquela fé religiosa. Já tivemos ocasião de acompanhar alguns dos sonhos de José. Ver Gên. 37.5-7,9, sobre o qual forneci alguma informação básica sobre os sonhos, incluindo a sua função espiritual. Ver no *Dicionário* o artigo *Sonhos,* que aborda essa questão de forma bastante pormenorizada.

O trecho de I Sam. 28.6 mostra que os sonhos podem ser canais de comunicação divina. Um sábio intérprete de sonhos pode discernir o curso tanto de eventos pessoais quanto de eventos que envolvem nações (Gên. 37.5-10; Dan. 2.26-28), se for da vontade de Deus que o sonhador receba poderes espirituais dessa ordem. Seja como for, os sonhos servem de indicação para as pessoas, ou melhor, são uma dessas indicações.

Os sonhos e as visões giram em torno dos mesmos símbolos e podem ter funções idênticas (Atos 2.17). Os estudos científicos sobre os sonhos estão não apenas aumentando o nosso conhecimento sobre eles (temos uma média de vinte a trinta sonhos a cada noite), mas também nos estão permitindo interpretar e até mesmo empregar os sonhos para o nosso próprio bem. Em sua função mais alta, os sonhos são uma herança espiritual.

40.1

O mordomo. No hebraico, *mashkeh.* Os árabes e os persas chamam-no de *saki.* Devemos pensar aqui no "copeiro-chefe", o principal dos servos do Faraó. O Targum de Jonathan dá-nos a informação (provavelmente falsa) de que o erro desse homem foi a tentativa de envenenamento do rei; mas Jarchi pensava ter sido alguma coisa menor, como deixar cair alguma mosca, ou algum objeto estranho e pequeno, na taça do monarca. Visto que o homem não demorou a ser reabilitado (vs. 13), sem dúvida, alguma falha menor deve ter estado em pauta.

O termo hebraico *mashkeh* significa "quem dá de beber." Suco de uvas é a bebida que está em pauta no vs. 11. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Mordomo.* Este versículo, porém, não diz qual teria sido a falha desse oficial.

O padeiro. A arqueologia tem demonstrado a existência e a importância desse ofício (Wilkinson, *Ancient Egyptians,* ii.38,39). Cozinhar e assar toda sorte de comestíveis tornou-se uma arte no Egito. A palavra hebraica opheh, aqui usada, indica um cozinheiro ou confeiteiro, e não apenas quem faz pães ou coisas similares. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Artes e Ofícios* e *Pão.*

Rei. Ou seja, o Faraó do Egito. Ver no *Dicionário* o verbete *Faraó.* Têm sido feitas tentativas para identificar esse Faraó dos dias de José. Mas as conclusões dos estudiosos têm sido as mais díspares possíveis. No artigo mencionado, ver sua seção III.2.

40.2

Indignou-se. Não somos informados sobre quais teriam sido as suas ofensas; mas foram graves o bastante para criar comoção. Faraó estava tão irado que mandou detê-los na prisão. Tudo quanto fazemos é importante. Cabe-nos fazer bem o trabalho que tivermos de realizar. A vida é uma escola de treinamento, onde aprendemos e pomos em prática o que aprendemos. O homem em questão tinha subido muito na escala dos valores sociais do Egito. Havia outros que trabalhavam sob suas ordens, e todos eles serviam diretamente ao rei. Responsabilidade gera entusiasmo; e o entusiasmo nos anima a fazer direito as coisas. Mas aqueles dois homens tinham-se deixado arrastar pela negligência, ou algo pior. Podem ter usado seu ofício para alguma tentativa criminosa. O fato é que eles estavam colhendo o resultado de seus erros. Ver no *Dicionário* o artigo *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

40.3

No cárcere. Ali estava também José. Era a "prisão do rei" (ver Gên. 39.20). O comandante da guarda era Potifar (sobre quem há notas expositivas em Gên. 37.36). Potifar foi uma das personagens de maior vulto no capítulo trinta e nove. José tinha sido feito supervisor em sua casa, mas acabou caindo em desgraça por causa da calúnia da esposa de Potifar, que o acusou de uma tentativa de sedução. Ao que parece, a prisão fazia parte do complexo de edifícios da propriedade de Potifar. Sob ele trabalhava o carcereiro. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Prisão.*

Mais tarde, viera José, que acabou tornando-se o supervisor da prisão. Ao que tudo indica, José não continuou encerrado em alguma masmorra, pois, de outra sorte, não poderia fazer seu trabalho de supervisor. O destino, agora, fazia o copeiro-chefe e o padeiro-chefe encontrar-se com José. A associação de José com aqueles acabou levando José à presença de Faraó. E isso terminou por fazer de José o primeiro-ministro do Egito. E, finalmente, isso o pôs em contato com seus irmãos, os quais chegaram ao Egito em busca de alimentos, em um período de escassez generalizada, anos mais tarde. Os irmãos de José e todos os seus familiares acabaram migrando para o Egito. E foi assim que a nação de Israel desenvolveu-se no Egito. E então, após quatro séculos, eles precisaram ser libertados. Moisés foi o homem escolhido por Deus para essa tarefa. Assim, destinos pessoais e nacionais estão interligados. Há um propósito por trás de todas as coisas que acontecem na vida de um homem piedoso. Seus passos são determinados pelo Senhor (Sal. 37.23).

40.4

A cargo de José. A José foi dada a tarefa específica de guardar os dois oficiais. Isso sugere que eles devem ter cometido alguma falta grave, pois, de outro modo, não haveria necessidade de segurança sob condições especiais. Temos aí a estranha circunstância de Potifar ter empregado os serviços de José, porquanto este permanecia digno de confiança, como nos tempos em que estivera na sua casa. Talvez ele não acreditasse que José era mesmo culpado do crime de que fora acusado por sua própria esposa. Ou, então, Potifar era um homem pragmático, fazendo o que lhe parecia melhor, o que dava melhores resultados, apesar de antecedentes desagradáveis.

Por algum tempo. Jarchi e Ben Gerson interpretavam isso como um ano, o que o hebraico pode, realmente, dar a entender. O Faraó reabilitou os dois oficiais no dia de seu aniversário natalício (vs. 20). E é possível também que a ofensa deles tenha ocorrido no ano anterior. Ele precisaria de serviços especiais, desses dois auxiliares, para as atividades daquele dia festivo.

40.5,6

Sonhos Perturbadores. Certo dia, quando José veio cumprir seus deveres, encontrou, muito tristes e perturbados, os dois oficiais de Faraó. Por quê? Porque tinham tido o que sentiam ser sonhos significativos, mas não podiam entendê-los. Isso mostra quão importantes eram os sonhos para os povos antigos. Eles esperavam que seus sonhos se revestissem de significado; e davam valor a uma correta interpretação. Nenhum sonho é sonhado em troca de nada. A maioria apenas tenta satisfazer os nossos desejos, mediante compensação; outros tentam solucionar problemas do dia-a-dia (conferindo-nos discernimento). E também há aqueles sonhos que são espirituais e significativos. Os estudos mostram que nossa vida é totalmente projetada em nossos sonhos, incluindo o nosso futuro. Com freqüência, isso indica somente que nossa mente está operando como um computador, procurando fazer "previsões calculadas", algumas das quais realmente têm cumprimento, ao passo que outras não se cumprem. Todavia, há aqueles sonhos precognitivos seguros, que não erram nem podem errar. Algumas vezes, nesses sonhos, aparece a personagem arquétipo de Jung, o Velho Sábio. Essa é uma figura profética. E ajuntou Jung: "Ele nunca mente". Portanto, devemos fazer o que ele diz.

Cada sonho tem seu próprio significado. Assim nos ensina este texto. Mas José precisava dizer exatamente que significado tinham os dois sonhos, o do copeiro-chefe e o do padeiro-chefe. A interpretação será sempre uma questão problemática. Aprendemos mediante o estudo e a experiência.

Muitos Sonhos. Ambos aqueles oficiais tinham tido, cada qual, o seu sonho. Cada qual se lembrava bem de seu sonho; mas podemos estar certos de que a mente deles tinha estado a examinar seus problemas, e assim devem ter ocorrido muitos sonhos. O padeiro-chefe haveria de ser executado dentro de três dias, e José deu uma interpretação exata e temível do sonho incomum do padeiro-chefe (vss. 18 ss.). Podemos estar certos de que ao padeiro foram dados vários sonhos precognitivos que anunciavam a sua morte próxima. Minha mãe começou a ter sonhos que prenunciavam a sua morte, desde vários anos antes de seu falecimento. Mas eu não lhe revelava o que esses sonhos significavam. Resolvi poupá-la dessa preocupação. Mas tais sonhos eram claros para mim.

40.7

Por que tendes hoje, triste o semblante? Assim indagou José. A vida tem sentido, mas muitas pessoas continuam vendo apenas o caos. Mas há em tudo um desígnio, dado pela mente divina. É triste quando vivemos mas não sabemos a razão das coisas. A filosofia tornou-se uma disciplina da inquirição humana quando os homens começaram a perguntar por quê?. A filosofia consegue dar-nos algumas respostas valiosas, embora não saiba dizer muito sobre origens, identidade e destino dos homens. A revelação divina, porém, tem sua maneira especial de prover respostas seguras, mormente sobre esses três particulares. Os sonhos são uma maneira de conferir revelações individuais (de cuja classe compartilham todos os chamados "dons espirituais"). A revelação divina geral, para todos, acha-se nos escritos sagrados colecionados na Bíblia. O homem que busca, acha (Mat. 7.8). Na verdade, a ignorância é uma condição lamentável. E todos nos achamos em um ou outro estágio dessa condição. Todavia, a ignorância não é o único fator negativo na vida dos homens. A falta de moral é algo ainda mais importante. Mas não há como negar que a ignorância é uma condição debilitadora, mormente quando se trata da ignorância sobre o desígnio de Deus para Suas criaturas inteligentes, para não sermos muito severos em nossa apreciação.

40.8

Não pertencem a Deus as interpretações? Mas aquele que estuda, mormente as Escrituras Sagradas, pode aprender a interpretar, mediante a ajuda do Espírito Santo. Essa afirmação de José, sem dúvida, dá a entender que a interpretação de sonhos é uma função divinamente dada; e sabemos que há pessoas que recebem essa capacidade da parte do Espírito de Deus. Em minha família, os sonhos são repetidos e interpretados. Com freqüência, um de meus filhos, que reside em Santos, chama-me pelo telefone e diz: "Papai, tive este sonho. . ." Então dou uma interpretação; e ele também diz alguma coisa. É admirável o quanto concordam as nossas interpretações, como também o quanto os sonhos desse meu filho são capazes de sondar o futuro imediato. Mantive um registro de seus sonhos, durante um período de cerca de três anos. Ele teve cerca de cinqüenta sonhos precognitivos durante esse período. Alguns deles se cumpriram de maneira inesperada e espetacular. Mediante alguns desses sonhos, fui capaz de prever o dia da chegada de certas cartas, bem como o seu conteúdo geral. Acontecimentos importantes foram assim projetados. Naturalmente, ocorrências triviais também foram projetadas nesses sonhos.

Existem ainda sonhos psíquicos e espirituais, tal como há sonhos triviais. Mas alguns sonhos são tão incomuns que são como quem liga seu aparelho de rádio em alguma estação radiofônica estrangeira. Outros sonhos sondam o futuro, mas somente como cumprimento de desejos. Às vezes, desejamos tanto certas coisas que nossos sonhos as apresentam como já cumpridas, e isso sob forma literal ou simbólica. Tais sonhos, contudo, não anulam a realidade daqueles sonhos verdadeiramente significativos, que nos dão discernimento e orientação. Há vários níveis de sonhos, tal como há vários níveis de sono e de hipnose. Em um nível, os sonhos são freudianos; em outro nível, são meros cumprimentos de desejos; mas em um nível mais profundo, são espirituais, transmitindo-nos importantes verdades ou orientações.

Os Intérpretes. As sociedades antigas dispunham de intérpretes profissionais de sonhos, os quais trabalhavam em troca de um pagamento por seus serviços. Provavelmente, os dois oficiais de Faraó lamentaram o fato de que, estando eles na prisão, não podiam contratar os serviços de um profissional. Mas sabemos que existem pessoas que, em razão de serem espiritualmente dotadas por Deus, podem interpretar sonhos espirituais; e José era uma dessas pessoas. Os sonhos e suas respectivas interpretações, em Gên. 37.4, bem como outros sonhos que ocorreram em seguida, ainda neste capítulo, impressionam-nos com a habilidade de José. De fato, esses sonhos e sua segura interpretação garantem a historicidade do relato. De outra sorte, o autor sagrado, se é que ele inventou esses relatos, foi, ele mesmo, um grande manipulador de símbolos e interpretações.

40.9

Os Dois Oficiais Confiam em José. Creram no que Jose tinha dito. Deus dá a interpretação dos sonhos e, supondo que José era o homem espiritual que podia falar por Deus, o copeiro-chefe quis logo tirar vantagem da situação.

40.10

O copeiro-chefe não se tinha esquecido de seu sonho, pelo que pôde fazer uma detalhada descrição. Como uma alegoria, cada item do sonho tinha um sentido específico. Se alguns desses detalhes estão presentes apenas para compor uma boa história, é admirável quantos elementos específicos têm significado nos sonhos. E esses elementos, em seu conjunto, fornecem muitas informações. Outrossim, a mente é muito sutil e há sentidos ocultos e inesperados nos símbolos. Alguns símbolos são universais e têm aplicação a muitos povos e culturas. Mas há símbolos individuais, baseados sobre a experiência de vida de cada pessoa. Um item pode significar mais de uma coisa. Por exemplo, um veículo pode significar o corpo da pessoa; mas também pode apontar para o trabalho dessa pessoa; ou pode significar alguma coisa específica que ajuda essa pessoa a fazer seu trabalho, ou seja, "o veículo da solução" A linguagem dos sonhos é não-verbal. Trata-se de uma linguagem sob a forma de quadros, uma espécie de linguagem primária, que antecede à comunicação verbal. A hipnose pode revelar o sentido desses símbolos, mesmo quando a pessoa, não hipnotizada, nega os sentidos revelados sob hipnose. Logo, há um fundo de símbolos ocultos que os sonhos vasculham, e que faz parte de nossa herança. Na maioria dos casos, porém, esses símbolos permanecem ocultos e sem uso, por causa de nossa ignorância. A linguagem dos sonhos, para as pessoas que nunca a estudaram, é um idioma estrangeiro. Daí precisarmos estudá-la tal como estudamos qualquer outra materna-língua?

O símbolo, neste caso, era uma videira, sobre a qual não há explicação alguma, mas sobre os seus ramos há uma explicação (vs. 12). A vinha indicava a vida em sua inteireza, que se expressa por meio de unidades, neste caso, dias. Cada ramo poderia significar qualquer período, como um mês, uma estação, um ano etc. Mas José sabia que estavam envolvidos "dias". Algumas vezes o discernimento intuitivo faz parte da interpretação. Não se deve pensar que esteja envolvido apenas um conhecimento teórico sobre os símbolos.

Cachos. . . uvas maduras. Cada dia produzia algo, relacionado ao trabalho do copeiro-chefe. O vs. 13 fornece uma interpretação vaga acerca da questão. O trabalho do homem prosseguiria. Ele haveria de espremer literalmente as uvas, para servir o seu suco a Faraó.

40.11

O copo de Faraó. O veículo do trabalho do homem, no sonho, estava em sua mão. Ele estava cumprindo a sua função, ou seja, espremendo as uvas para extrair-lhe o suco; e então servia a Faraó, tal como fizera antes. O vs. 13 nos dá uma interpretação desses símbolos literais. Alguns símbolos eram figurados (como os ramos); mas outros eram literais, projetando exatamente o que o copeiro-chefe estaria fazendo.

Plutarco (Is. et Osir, par. 6) afirmou que antes do tempo de Psamético (que inclui a época de José) os egípcios não bebiam vinho nem faziam libações de vinho; mas a arqueologia tem mostrado que ele se enganou nessa apreciação. Também há estudiosos que insistem em que os egípcios faziam vinho de cevada, e não de uvas. Porém, mesmo que os egípcios não cultivassem a videira (nos dias de José), ainda assim havia um intenso comércio com o estrangeiro, e a uva, sem dúvida, era um dos artigos importados pelo Egito. Além disso, é provável que a videira fosse cultivada, mesmo que em pequena escala.

Visto que o suco da uva não teria tempo de fermentar para tornar-se vinho, devemos pensar aqui em suco de uva; mas ainda assim não devemos pensar que os egípcios nunca permitiam a fermentação do suco da uva. Fermentado, o vinho teria um conteúdo de cerca de oito por cento de álcool, o que sucede a toda fermentação natural.

Heródoto *(Euterpe sive,* 1.2. c. 37) referiu-se a como os sacerdotes egípcios costumavam consumir vinho de uvas, para cujo fabrico as uvas eram espremidas de vários modos.

40.12

A Interpretação do Sonho. O decorrer da vida (a videira) produz períodos de tempo, os ramos. Nesse caso, por meio de discernimento espiritual, José sabia que estavam envolvidos dias, e não outras possíveis unidades de tempo, como semanas, meses, anos, estações do ano etc. É verdade que a interpretação dos sonhos pode incluir um discernimento psíquico ou espiritual, que ilumina os símbolos que são usados nos sonhos. Freud falava em elaborações secundárias. As descrições feitas posteriormente, elaborando um sonho, podem conter e realmente contêm informações que não transparecem logo no próprio sonho. Assim, quando um

homem conta um sonho seu, de súbito pode compreender o que lhe estava sendo comunicado no sonho, além daquilo que esse sonho poderia indicar.

Um fenômeno paralelo é o da provocação de sonhos em outra pessoa. O enviador concentra seus pensamentos sobre certos objetos ou idéias, e procura enviar, por via telepática, o que ele quer que o recebedor sonhe. Em experiências controladas de laboratório, o que é enviado (por meios telepáticos) provoca no recebedor (que deve estar dormindo) não somente reflexos diretos daquilo que lhe está sendo enviado, mas também analogias por meio das quais vários sonhos podem ser criados. Os sonhos assim provocados não contêm, necessariamente, a informação exata enviada, mas elaborações nela baseadas, desenvolvendo-se sob muitas formas.

40.13

.. te reabilitará. Sua cabeça inclinada seria novamente levantada, ou seja, ele seria solto da prisão. Na prisão, ele estava humilhado. Mas seria reabilitado à sua antiga ocupação de confiança, diante do Faraó.

Restauração. Aquilo que ele havia perdido temporariamente, haveria de recuperar. Seu período de provação tinha terminado.

Os Três Ramos representavam apenas três dias de espera. Algumas vezes, nossos sonhos cumprem-se prontamente, mas usualmente precisamos envidar esforços para que haja tal cumprimento. Intervenções divinas assinalam o caminho. Dias de aniversário natalício eram celebrações que liberalizavam (temporariamente) as mentes mais severas. O aniversário de Faraó haveria de impulsioná-lo a libertar alguns prisioneiros (vs. 20), e o copeiro-chefe seria uma dessas pessoas afortunadas.

40.14

Lembra-te de mim. Foi como se José tivesse dito: "Estou te fazendo este favor. Estou predizendo um fim bom para tua tribulação. Quando fores reintegrado, diante do Faraó, lembra-te de mim. E ajuda-me a sair deste lugar terrível". Embora José tivesse sido elevado à posição de supervisor, continuava detido em um lugar miserável. Uma ave presa em uma gaiola, mesmo que se trate de uma bela gaiola, dificilmente pode sentir-se feliz. José era uma pessoa extraordinária; mas, apesar disso, o copeiro-chefe conseguiu esquecer-se dele (vs. 23). Mas após dois anos, quando o Faraó precisou de um intérprete, mas não pôde arranjar nenhum, então o copeiro-chefe lembrou-se de José (Gên. 41.9 ss.).

Nunca prendi um animal. Até mesmo as aves e as feras são inteligentes o bastante para saber que, presas, estão em uma situação desesperadora. Os jardins zoológicos são prisões. Alguns homens são prisioneiros de sistemas de pensamento. O conhecimento, porém, liberta. Sistemas doutrinários estreitos também são prisões que escravizam seus prisioneiros voluntários, embora não passem de cativos. Quase todas as denominações religiosas promovem sistemas doutrinários bitolados. Seus sistemas atuam como portas e janelas. Abrem uma janela para alguma verdade, mas fecham as portas para outras verdades. É mister muito tempo para que um homem se liberte desse tipo de prisão.

40.15

Fui roubado da terra dos hebreus. Alguns críticos pensam que este versículo reflete uma tradição que diz que José foi seqüestrado pelos ismaelitas, e não vendido a eles por seus irmãos. Todavia, não há motivo para considerarmos que uma das supostas fontes informativas do Gênesis teria de contradizer outras fontes, embora seus irmãos tenham levado a culpa disso, e não os ismaelitas (ou midianitas). O trecho de Gên. 37.25 diz ismaelitas, ao passo que Gên. 37.36 diz midianitas. Tento alguma espécie de reconciliação entre esses dois pequenos informes nos citados versículos. Quando José diz aqui que fora "roubado", isso significa que ele estava inocente quanto a toda a questão. Ele sofreu um exílio forçado, que não merecia.

Hebreus. Esse vocábulo é usado pela primeira vez na Bíblia, no tocante a Abraão, em Gên. 14.13, onde dou explicações a respeito. Abraão e seus descendentes vagueavam pela terra de Canaã, embora tivessem centros como em Hebrom, Siquém e Berseba, pois viviam em regime de seminomadismo. A terra não lhes pertencia, mas eles a tinham adotado. Mas pertenceria aos descendentes de Abraão, depois de sofrerem exílio e escravidão no Egito. E hoje em dia, novamente, está organizada a nação de Israel (desde maio de 1948).

Nesta masmorra. José começou seu período de aprisionamento em uma masmorra, a parte pior de uma prisão, reservada aos mais perigosos e desprezíveis criminosos, embora fosse inocente do "crime" de que o tinham acusado. Sendo inocente, ele merecia ser lembrado diante do Faraó, para que este ordenasse sua soltura daquele lugar miserável.

40.16

O Padeiro Também Conta o Seu Sonho. Quando o padeiro-chefe viu que José tinha entendido o sonho do copeiro-chefe, também quis contar seu sonho e receber a sua interpretação, sobretudo diante do fato de que o sonho de seu colega prometia uma mudança espetacular para melhor.

Três cestos de pão alvo. Os sonhos, com freqüência, usam as coisas ordinárias da vida cotidiana, incluindo detalhes da ocupação diária do sonhador. Esse itens tornam-se símbolos de coisas importantes em nossa vida, e podem ser manipuladas nos sonhos. O vs. 18 mostra qual a interpretação dos cestos, que equivalem aos três ramos do sonho do copeiro-chefe (vs. 10). Há um detalhado artigo com ilustrações sobre os *Cestos,* no *Dicionário.* Os cestos aqui referidos provavelmente eram feitos de vime, com a casca retirada, o que lhes daria um colorido esbranquiçado. Nossa versão portuguesa, entretanto, indica que os pães é que eram alvos.

40.17

Havia de todos os manjares. Por cima de todos os outros produtos, que enchiam os cestos, havia manjares deliciosos, preparados para serem consumidos pelo Faraó. Havia pães, pastéis, tortas, massas etc., uma agradável variedade de coisas que demonstravam a sua habilidade de confeiteiro.

Mas o padeiro-chefe, em seu sonho, ficou consternado ao ver que todo o seu labor era reduzido a nada porque vinham aves do céu e devoravam o que tinha sido preparado para o Faraó, deixando suas mãos vazias, sem nada para apresentar. Essa era a parte de mau agouro do sonho, e que determinava a sua interpretação. Nesse detalhe havia perda. O vs. 19 nos dá a interpretação do sonho.

40.18

A interpretação é esta. José nem hesitou. Ele era muito habilidoso nessa questão de interpretação de sonhos. Além disso, ele dispunha da iluminação divina quanto à questão (vs. 8).

Os três cestos também simbolizavam três dias, tal como sucedera aos três ramos (vs. 12). O conteúdo dos cestos era produto de um dia de trabalho, ou seja, um dia.

40.19

Faraó te tirará fora a cabeça. Há aqui um jogo de palavras humorístico. No caso do copeiro-chefe, este teria sua cabeça levantada, ou seja, seria reabilitado (vs. 13); em outras palavras, seria tirado da tristeza e da lamentação, para a alegria e a vitória, visto que seria restaurado. No caso do padeiro-chefe, todavia, ele seria decapitado. Após ser-lhe decepada, sua cabeça seria pendurada em uma árvore, mostrando escárnio à sua pessoa e aos seus direitos, em total desconsideração por sua vida. E, então, as aves viriam comer suas carnes, tal como tinham comido dos pães e outros produtos nos cestos. O trecho de II Samuel 21.9,10 e outros registros antigos mostram que o corpo dos piores criminosos era deixado para ser devorado pelas aves. No Egito, decapitação e enforcamento eram modos de execução capital. O corpo era pendurado em uma árvore, por meio de ganchos, usualmente presos às mãos. Ver Lam. 5.12.

40.20

No terceiro dia. Coincidente com o aniversário natalício de Faraó, correspondente aos símbolos dos três ramos e dos três cestos dos sonhos. Os sonhos precognitivos podem predizer dias e datas específicos, mormente quando os acontecimentos preditos não estão longe. Mas quanto mais distantes estiverem esses acontecimentos, mais obscuro tornar-se-á o elemento tempo. Cf. a celebração do aniversário natalício de Herodes, em Mat. 14.6 ss.

Aniversário de nascimento de Faraó. Foi um dia festivo. Favorável à soltura de certos prisioneiros (cf. João 18.39). Alguns eruditos crêem que, no Egito, esse não era um dia de execuções, e a fonte original da história dizia que tanto o copeiro-chefe quanto o padeiro-chefe foram soltos nesse dia. Mas isso labora contra a mensagem principal do capítulo, a interpretação dos sonhos, por parte de José, o que o fez chegar, finalmente, à presença de Faraó, um degrau para sua subida ao poder. A páscoa, entre os judeus, também era dia de libertação e não de execução. Portanto, podemos supor aqui que o padeiro-chefe, por ser culpado de algum pecado grave, foi executado, ao passo que outros prisioneiros foram soltos, provavelmente como lição para outros criminosos potenciais.

Provavelmente, ambos os oficiais seriam submetidos a juízo. Mas nesse julgamento, um deles foi declarado inocente (o copeiro-chefe), ao passo que o outro foi condenado, quando sua culpa foi comprovada. As expressões usadas indicam que as predições de José foram cumpridas com exatidão.

40.21

Ao copeiro-chefe reintegrou. Sucedeu com ele exatamente o que seu sonho tinha previsto. O copo de Faraó foi posto de novo em sua mão, que ele passou a usar como veículo de sua ocupação. Ver os vss. 10 e 11. Alguns sonhos são vagos e cumprem-se em termos apenas gerais. Mas outros são tão precisos que até detalhes aparentemente secundários têm cumprimento. Este versículo dá a entender que o copeiro-chefe era inocente do alegado crime que o mandara à prisão. Se ele tinha cometido algum erro, este era muito leve. O trecho de Gên. 41.9 subentende que ele teria feito alguma coisa errada, que lhe foi perdoada.

40.22

Ao padeiro-chefe enforcou. Conforme é dito no vs. 19. Seu cadáver ficou exposto às aves de rapina, em total desgraça e desconsideração pelo valor de uma vida humana. Ele fora condenado como culpado de algum ato de traição, de alguma maquinação contra a vida do Faraó, ou de algum outro crime hediondo. E assim as predições de José mostraram-se exatas, e isso preparou o caminho para sua ascensão ao poder no Egito, porquanto o Faraó lhe daria atenção, por ser ele um intérprete especialista de sonhos. Gên. 41.11 ss.

40.23

Dele se esqueceu. Existem pecados de comissão e de omissão. "...aquele que sabe que deve fazer o bem, e não o faz, nisso está pecando" (Tia. 4.17). Alguns eruditos têm visto na situação uma pitada de humor. Muitas coisas que fazemos são pecaminosas. Há um sem-número de tentações. O pecado manifesta-se sob inúmeras variedades, e deixamo-nos arrastar para muitas delas. Mas mesmo que nos tornássemos perfeitos e não cometêssemos nenhum pecado, mas deixássemos de praticar o que é certo, também assim estaríamos pecando. O pecado é algo muito sério. Tudo quanto fazemos é importante. Nossa vida não consiste meramente em evitar os pecados ativos. Também devemos ser ativamente bons, prestativos, obedientes à lei do amor a Deus e ao próximo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Amor.*

José já havia sofrido duas traições: a primeira vez, às mãos de seus irmãos, que o tinham vendido como escravo; e a segunda vez, às mãos da esposa de Potifar, que o havia caluniado de tentativa de sedução. E agora, era novamente traído. Ele tinha feito o bem, mas o bem não lhe tinha sido retornado, embora tivesse feito ao copeiro-chefe o pedido especial de ser relembrado na presença do Faraó (vs. 14). Isso faz-nos lembrar dos dez leprosos que foram purificados por Jesus (Luc. 17.11-19). Todos os leprosos tinham sido curados, mas somente um incomodou-se em voltar e agradecer ao Senhor.

A omissão do copeiro-chefe não foi maliciosa, como no caso dos pecados anteriores contra José: mas foi uma falha extremamente desiludidora e desanimadora. O copeiro-chefe havia recebido um imenso benefício, mas continuou vivendo casualmente, em seu esquecimento. "Os pecados de omissão são o nosso pior descrédito" (Walter Russell Bowie, *in loc.*). Isso porque são negações da lei do amor, a base e a prova da própria espiritualidade. I João 4.7 ss. A espiritualidade não reside em algum credo, nem nas boas intenções que sempre temos. Precisamos realizar o que é bom. Devemos ser sensíveis e corresponder às necessidades alheias. É um erro prometer fazer algum bem, e, então, esquecer. Isso mostra superficialidade e falta de convicção. Nosso cérebro tem desenvolvidos completos sistemas de memórias, que visam principalmente ao nosso auto-interesse. E precisamos ser treinados cerebral e espiritualmente para sentirmos e reagirmos favoravelmente às necessidades de outras pessoas. Algumas vezes, o esquecimento ocorre de forma propositada. Praticar o bem parece-nos por demais trabalhoso quando se trata de ajudar a certas pessoas. Não temos tempo para elas. E então nos justificamos, dizendo: "Esqueci-me". Mas o que realmente desejamos dizer é: "Não estou interessado em você e em seus problemas". Além disso, existe aquela questão da gratidão, a qual deveria inspirar-nos a fazer o bem por outras pessoas, tal como outras pessoas nos têm feito o bem.

O copeiro-chefe esqueceu-se de José, mas Deus não. O Senhor estava com José (Gên. 39.2,21). Não estava longe uma completa reversão da sorte. Algumas vezes, precisamos que Deus reverta a nossa sorte.

Capítulo Quarenta e Um

José Interpreta os Sonhos do Faraó (41.1-37)

Os críticos atribuem esta seção a uma combinação das fontes informativas *J* e *E*, com algumas adições da fonte *P(S)*. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

José já havia sido traído por duas vezes. Uma, por seus próprios irmãos, que o tinham vendido como escravo, razão pela qual ele fora levado ao Egito (Gên. 37). Depois, pela mulher de Potifar, que o acusara falsamente de tentar seduzi-la (Gên. 39). Por causa desse alegado crime, Potifar lançara José no cárcere, na prisão dos prisioneiros do rei, onde fora posto na masmorra. Mas sua condição melhorou quando o carcereiro percebeu as excelentes qualidades dele; e assim José tornou-se supervisor da prisão. Foi ali que veio a conhecer o copeiro-chefe e o padeiro-chefe de Faraó, e foi capaz de interpretar os sonhos que eles haviam tido. O primeiro seria libertado dentro de três dias, e o segundo seria executado dentro do mesmo prazo (Gên. 40). A grande habilidade de José na interpretação de sonhos foi o fator que, afinal, o levou à presença do próprio Faraó. Destarte, a providência divina estava dirigindo a vida de José, pois essa circunstância era necessária para que ele chegasse à posição de autoridade que Deus tinha determinado para ele no Egito. E esse fator, por sua vez, foi necessário para que houvesse o começo da formação da nação de Israel, no Egito. Ver no *Dicionário* os artigos *Providência de Deus* e *Sonhos.*

Nos dias de Abraão, não poderia ser possuída ainda a Palestina (terra de Canaã). Antes disso, era mister que se enchesse a taça das iniqüidades dos amorreus (Gên. 15.16). Somente então o território poderia passar para a posse dos filhos de Israel. Ademais, casamentos mistos com cananeus pagãos haviam começado a ameaçar macular a pureza racial e de costumes dos filhos de Jacó (Gên. 38). Portanto, ainda em seus primeiros passos, a nação de Israel, em formação, precisou descer ao Egito, onde sua identidade racial seria preservada. De outra sorte, a família de Jacó poderia acabar absorvida pelos vários grupos cananeus. Havia o Pacto Abraâmico a ser cumprido (ver as notas a respeito em Gên. 15.18), e isso só poderia acontecer se fosse levantada uma nação que perpetuasse a linhagem de Abraão-Isaque-Jacó-Judá-Perez-Messias. Isso posto, a providência de Deus estava cuidando de todos os detalhes envolvidos. Nada estava acontecendo ao acaso.

José era um homem-chave dentro da providência divina. Foi enviado ao Egito (contra a sua vontade), a fim de preparar o caminho para os seus irmãos, os quais, no exílio, haveriam de tornar-se os patriarcas de Israel. Este capítulo quarenta e um mostra-nos como, contra todas as probabilidades, José foi levantado à posição de grande autoridade no Egito, um aspecto essencial do plano divino.

41.1

Passados dois anos completos, José continuava na prisão, servindo como supervisor. Mas ele permanecia em um estado miserável. O copeiro-chefe o tinha esquecido, mas não Deus. A habilidade de José como intérprete de sonhos abriria o caminho adiante dele. A interpretação de sonhos era importante para os egípcios, e intérpretes profissionais de sonhos ganhavam a vida exercendo sua atividade. "Então Deus usou dois sonhos para elevar José da miséria da prisão para o esplendor da corte. José tinha mostrado que era fiel a Deus, e, por conseguinte, apto para o serviço" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Faraó. Ver no *Dicionário* o artigo com esse título, sobretudo em seu terceiro ponto, no qual se mostra como tem havido tentativas para identificar o Faraó que entrou em negociações com José.

Um sonho. Provi um detalhado artigo sobre os sonhos. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sonhos.* Ver também Gên. 37.5 e 40.5 onde ofereço comentários e informações adicionais. Apesar de muitos sonhos estarem envolvidos apenas com o cumprimento de desejos (dando-nos mentalmente aquilo que desejamos intensamente), outros ocupam-se do solucionamento de problemas. E também há sonhos espiritualmente significativos.

Junto ao Nilo. Ver sobre esse rio no *Dicionário.* É natural que o grande rio do Egito fosse cena de um sonho dado ao Faraó. O sonho do Faraó foi-lhe dado pela providência divina. Antes de tudo, porque Deus, em um sentido, é o Pai de todos, interessado como está por toda a Sua criação. E, secundariamente, porque José seria elevado a grande posição de autoridade, mediante a circunstância de sonhos dados a Faraó. Cf. a situação de Daniel, refletida nos sonhos de Nabucodonosor (Dan. 2).

41.2

Sete vacas... gordas. Elas estavam nédias e se alimentando, símbolo de abundância, conforme depreendemos da interpretação no vs. 29. Esse sonho do Faraó combinava o rio e as vacas, dois importantes elementos da civilização egípcia.

"Os sonhos do Faraó desenvolveram-se a partir de conceitos profundamente arraigados no pensamento egípcio. O rio Nilo, de onde provinham a fertilidade e a própria vida no Egito, era venerado na antiguidade como o pai dos deuses. Nas gravuras de entalhe egípcias, o touro era representação do Nilo, algumas vezes acompanhado por sete vacas. Assim, no labirinto do subconsciente de onde partem os sonhos, alguma premonição de desastre tomou forma na mente do Faraó... Faraó... estava à sombra de um portento que o deixara perplexo e deprimido" (Walter Russell Bowie, *in loc.*).

Sonhos Precognitivos. Temos entre vinte a trinta sonhos por noite. Alguns deles projetam o futuro. Estudos feitos em laboratório mostram isso de forma absoluta. Alguns deles podem prever "futuros possíveis", que podem vir a ter cumprimento ou não. Mas há alguns sonhos precognitivos que são incrivelmente exatos, contra todas as taxas de probabilidades. E há também sonhos espirituais, que são o outro lado da moeda das visões (Joel 2.28; Atos 2.17). No islamismo, os sonhos são considerados um aspecto do ofício profético; e isso concorda com o ensino bíblico.

Pastavam no carriçal. Ver sobre isso nas notas sobre o vs. 18. As vacas, consideradas consagradas a Ísis, eram em número de sete. O Ritual dos Mortos retratava sete vacas sagradas, juntamente com o touro divino. Temos aí o suprimento de nossas necessidades materiais caracterizado como algo divino, o que é uma percepção verdadeira, embora representada de uma maneira crua e supersticiosa.

41.3

Sete vacas. . . magras. Elas eram, além de magras, feias à vista, doentias. Depois das vacas gordas, elas saíam de dentro do rio Nilo, e punham-se ao lado das primeiras. Os dois tipos de vacas eram assim postos em contraste, mostrando que primeiro haveria as vacas gordas, e, depois, as magras. Ver o vs. 27 quanto à interpretação dada por José. Um segundo sonho do Faraó revelava as mesmas coisas, posto que mediante símbolos diferentes (ver os vss. 6 ss.). Os sonhos ocorrem em séries. As mesmas coisas podem ser representadas por diferentes símbolos. Em uma única noite, podemos sonhar sobre uma mesma coisa mediante diferentes sonhos. Pessoalmente, tenho algumas vezes pedido que algum sonho particularmente vago e difícil de entender me seja dado de forma diferente, mais simples, usando símbolos que eu possa compreender com mais facilidade. Avizinhava-se do Egito, primeiro, abundância, e depois, escassez. E o uso devido da abundância ajudaria a nação inteira a atravessar galhardamente o período de escassez. É possível que o Faraó tenha tido vários sonhos relativos a isso, empregando uma certa variedade de símbolos. Aqueles que temos neste capítulo do Gênesis, porém, são os que Deus deu a Faraó e ficaram registrados por inspiração.

Os belos sonhos do livro de Gênesis vinculados aos patriarcas Abraão, Jacó e José mostram a autenticidade dos relatos, ou, então, temos de entender que o próprio autor sagrado foi especialista em sonhos e sua interpretação.

41.4

Um Espantoso Acontecimento. Enquanto o Faraó observava as cenas de seus sonhos, admirado e perplexo, subitamente ocorreu uma coisa chocante. As vacas magras e feias devoraram as vacas gordas e bonitas; e isso o fez acordar. Sonhamos em momentos de sono leve e de movimentos rápidos dos olhos (em inglês, usa-se a sigla REM para indicar esses períodos). Um sonho chocante por muitas vezes acorda a pessoa. Provavelmente, esse mecanismo ajuda-nos a memorizar nossos sonhos. As experiências com sonhos nos estão ajudando a relembrar os sonhos. Isso pode vir a resultar em uma perfeita memória sobre eles. Nesse caso, obteremos um valioso instrumento para entender a vida e para melhor conduzir a nossa vida diária. Sonhar, em sua faceta mais profunda, é uma herança espiritual.

Ver o vs. 7 quanto ao uso de elementos (símbolos) bizarros nos sonhos, por parte da mente subconsciente. Na estação quente, quando aparecem muitas moscas, as vacas entram no Nilo e submergem quase inteiramente, preferindo ficar entre as canas das margens. Depois de algum tempo ali, saem da água a fim de pastar.

41.5

O Segundo Sonho de Faraó. Um novo conjunto de imagens projetou a mesma mensagem. Isso é comum nos sonhos. Algumas vezes, sonhos dados numa mesma noite são ligados por uma espécie de elo que nos confere entendimento. Uma mesma mensagem é assim projetada, posto que através de símbolos diferentes. Problemas especialmente difíceis podem provocar muitos sonhos, durante um bom período de tempo. É provável que o Faraó tenha recebido vários sonhos parecidos com os dois que figuram neste capítulo.

Sete espigas cheias e boas. Elas equivaliam às sete vacas gordas. Dessa vez os símbolos foram menos óbvios, pois quem já ouviu falar em espigas devorando outras espigas? Na verdade, porém, as vacas também não comem vacas, embora seja verdade que muitos animais devoram outros animais. Ver os vss. 26 e 27 quanto à interpretação dada por José.

"O trigo cultivado no Egito chama-se *Triticum compositum*, pois produz várias espigas que saem de uma mesma haste. A afirmação de Heródoto (ii.36) de que os egípcios reputavam uma desgraça achar trigo ou cevada não é comprovada pelas pinturas murais dos templos, especialmente no distrito de Tebas, que mostra que essa era a colheita principal naquele lugar" (Ellicott, *in loc.*).

41.6

As sete espigas mirradas equivaliam às sete vacas magras. Quando soprava o vento oriental, proveniente do deserto da Arábia, nenhuma plantação podia resistir. O vento oriental funciona aqui como uma espécie de expressão geral para indicar todas as coisas capazes de prejudicar a colheita, como doenças, míldio, gafanhotos, etc. Ver Êxo. 10.13; 14.21, Sal. 78.26; Eze. 17.10; Jonas 4.8. Ver especialmente Oséias 13.15 quanto ao poder destrutivo daquele vento. Na Palestina, os ventos prevalentes sopram do ocidente ou do oriente. E o vento oriental é precisamente o que sopra vindo de áreas desérticas. No Egito, porém, os ventos prevalentes sopram do sul ou do norte, mas o vento que sopra do sudeste, chamado "chamsin", é o que mais danifica as plantações. Os hebreus não tinham nomes para ventos que sopravam de certas direções, como sudoeste, nordeste etc., pelo que um vento vindo de sudeste era chamado de oriental. O destrutivo vento oriental era chamado na Palestina de *siroco*. Ver no *Dicionário* os artigos *Vento* e *Vento Oriental*.

41.7

Devoraram. Os sonhos têm uma certa "licensa poética", pela qual podem indicar atos que nunca esperaríamos. Usualmente, quando sonhamos, não pensamos em quão tola é alguma ação. Ao despertarmos, porém, percebemos quão improváveis são certos sonhos. Mas os sonhos não buscam probabilidades, apenas comunicação. Muitas coisas esdrúxulas aparecem em nossos sonhos, tais como espigas de trigo que devoram outras espigas de trigo! Esse caráter estranho dos sonhos tem produzido a teoria de que os sonhos envolvem um período de loucura temporária. Mas isso ignora o valor de símbolos estranhos que podem enfatizar as coisas melhor do que símbolos mais realistas. O exagero é uma ferramenta da mente subconsciente, com seus emblemas bizarros. Entretanto, os símbolos bizarros são mais bem relembrados do que os símbolos realistas. A hipnose pode revelar-nos qual o sentido de símbolos estranhos. A mente subconsciente sabe qual o significado desses símbolos. Mas muitas pessoas que, sob o estado hipnótico, revelam os sentidos de símbolos incomuns, ao despertarem, com freqüência negam que estes ou aqueles símbolos têm este ou aquele significado. Isso deve-se à natureza prosaica da mente consciente, que tem pouca imaginação.

41.8

Os magos. Há um artigo com esse nome na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Ver no *Dicionário* da presente obra presente o artigo sobre *Adivinhação*. Os magos do presente texto incluíam intérpretes profissionais de sonhos, alguns dos quais trabalhavam a serviço de reis. Mui provavelmente também estavam incluídos escribas sagrados, hábeis para escrever e ler os hieróglifos, alguns dos quais eram psíquicos ou místicos de alguma espécie, antigos médiuns, conhecedores das artes ocultas. Entre eles havia muitos indivíduos fraudulentos, talvez a maior porcentagem deles; mas aqui e ali era possível achar um verdadeiro psíquico. Também manifestavam-se poderes demoníacos; mas até hoje, quase tudo quanto sucede é natural e pertinente à natureza humana, embora de uma maneira não bem compreendida. Ver na *Enciclopédia* acima referida o artigo chamado *Parapsicologia*. E, no *Dicionário*, ver os verbetes *Demônios* e *Demonologia*, e um estudo mais completo a respeito nessa mesma enciclopédia. A astrologia (ver a respeito no *Dicionário*) fazia parte das sociedades mais sofisticadas, como a do Egito e a da Babilônia, e não há que duvidar que as pessoas mencionadas neste versículo eram praticantes da astrologia.

Todos os seus sábios. Outro grupo de estudiosos, homens conhecidos por sua sabedoria e conhecimento religioso, entre os quais havia alguns psíquicos, místicos e praticantes das artes ocultas. Sobre os sábios *(chacameyha)*, Porfírio diz que eram adoradores de Deus e estudavam todos os ramos do conhecimento. Também sabe-se que eles dedicavam suas vidas ao estudo, à contemplação, à astronomia (antigamente chamada astrologia), à autopurificação, à matemática, à geometria, ao cântico de hinos e à adoração a diversas divindades, em tudo o que sentiam grande prazer. Eram amantes da sabedoria, e, em certo sentido, foram os primeiros filósofos.

Propósito. O autor sacro quis dar a entender que toda a sabedoria dos povos pagãos, incluindo as artes ocultas, era inferior à sabedoria da verdadeira religião de Israel. Cf. Êxo. 8.18,19; 9.11; Dan. 2.2-19; 5.8,15-28.

O Copo de Adivinhar. O próprio José usava meios de adivinhação. Gên. 44.2,5. Talvez fosse uma espécie de crua bola de cristal, uma taça de prata que, uma vez cheia de água, funcionava como uma bola de cristal. Os eruditos cristãos surpreendem-se por encontrar coisas assim entre os hebreus; mas não podemos esquecer que eles, como um povo, também tinham seus métodos de adivinhação, posto que aprovados, por terem sido dados por Deus. Meu artigo intitulado *Adivinhação* (no *Dicionário*) dá ilustrações amplas sobre isso. Outrossim, a mente

humana é capaz de algum feito dessa ordem, por meios naturais, apesar do fato de que, no caso de algumas pessoas, tudo acaba misturado com o demonismo.

No vs. 16, José dá a Deus o crédito por seus poderes, o que sucede à maioria dos místicos verdadeiros. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Misticismo*. Por definição básica, o misticismo é o contacto com algum poder superior (interior, como se vê no misticismo oriental; ou externo, como no misticismo ocidental). Qualquer experiência espiritual autêntica é mística, e os sonhos e as visões espirituais fazem parte de um franco misticismo, por ser resultado da presença e da influência do Espírito de Deus, através de dons espirituais etc. Há um misticismo falso, tanto quanto há um misticismo autêntico, conforme o artigo acima referido deixa claro. Há um misticismo natural e há um misticismo espiritual. Qualquer espírito humano, mesmo nesta vida, possui poderes místicos, que lhe pertencem somente por ser um espírito. Mas algumas vezes o Espírito de Deus manifesta-se através de um crente. Algumas vezes a presença divina torna-se um glorioso fato.

41.9

Lembro-me hoje. Em meio ao que parecia um total fracasso, o copeiro-chefe veio em socorro de José. Vendo toda aquela agitação em torno de interpretação de sonhos, ele se lembrou de José. E fez, finalmente, o que deveria ter feito dois anos antes (vs. 1), e que José lhe havia pedido especificamente. Ver as notas sobre os pecados de omissão e de esquecimento, em Gên. 40.23.

Uma Palavra de Agradecimento. O copeiro-chefe começou seu breve discurso com uma palavra de agradecimento, no sentido de que, embora tivesse cometido um erro, tinha sido perdoado e restaurado. Agora, procurava fazer reparação. Ver no *Dicionário* o artigo *Reparação (Restituição)*. Ver Gên. 40.1-3 quanto ao encarceramento do copeiro-chefe e do padeiro-chefe, bem como sobre os ofícios daqueles dois homens.

41.10

Este versículo reitera os elementos de Gên. 40.2,3, onde tais elementos são comentados. Ver as notas em Gên. 39.20, quanto à *prisão do rei*.

41.11

Tivemos um sonho. Ver Gên. 40.8 quanto a essa circunstância. Naquele texto, são registrados os sonhos dos dois homens, bem como a interpretação dada por José quanto a ambos os sonhos. Ver no *Dicionário* o artigo *Sonhos*. Deus emprega nossos sonhos. No caso de José, o interesse pelos sonhos e pela sua interpretação proveu a oportunidade da ascendência de Jose ao poder, no Egito.

41.12

Um jovem hebreu. Temos aqui a quarta vez em que esse adjetivo pátrio é usado na Bíblia. Ver Gên. 14.13; 39.14,17. Em Gên. 14.13 forneço notas sobre esse adjetivo. Ver também, no *Dicionário*, o artigo intitulado *Hebreus (Povo)*.

Servo do comandante da guarda, ou seja, de Potifar. Ver Gên. 37.36. José tinha sido vendido como escravo a Potifar, sendo este um oficial militar de grande importância, pois servia diretamente ao Faraó. José tinha demonstrado ser possuidor de um caráter superior, e fora nomeado *supervisor* da casa de Potifar (Gên. 39.3). O Senhor estava com José, pelo que, por onde quer que ele fosse, prosperava tanto ele quanto os que estivessem com ele. (Gên. 39.2). Mas, devido a uma acusação caluniosa, José acabou sendo lançado na prisão, onde também veio a conhecer o copeiro-chefe e o padeiro-chefe, que também tinham sido encarcerados ali (Gên. 39.17 ss.).

Ele no-los interpretou, a cada um segundo o seu sonho. As circunstâncias do incidente figuram em Gên. 40.12 ss.

41.13

A Interpretação de Cada Sonho Foi Correta. O copeiro-chefe foi readmitido, mas o padeiro-chefe foi decapitado e pendurado em uma forca. Gên. 40.18 ss. A exatidão de José como intérprete de sonhos qualificava-o para um trabalho que os melhores homens de Faraó não tinham podido fazer. Isso armou o palco para a ascensão de José como alto oficial do Egito. A nação de Israel haveria de desenvolver-se como nação em resultado disso. Os planos de Deus parecem tomar muito tempo para ter cumprimento, conforme os homens computam a passagem do tempo. Mas cada estágio desse plano é abençoado por Deus.

41.14

Mudança Determinada por Deus. Ali estava a divina intervenção. José foi libertado *às pressas* da prisão. Ele tinha querido que isso sucedesse dois anos antes (cf. Gên. 40.14 e 41.1). Mas o tempo de Deus era diferente. Não sabemos dizer por que José foi deixado naquela terrível prisão por mais dois miseráveis anos. Mas Deus estava envolvido em todos aqueles acontecimentos. Os passos de um homem piedoso são determinados pelo Senhor (Sal. 37.23). Ver no *Dicionário* o artigo *Providência de Deus*.

Ele se barbeou. Rapou totalmente a barba. Os egípcios tinham algo contra pêlos no corpo. Era comum até raparem a cabeça. Heródoto (ii.36) adiantou que os egípcios só permitiam que seus cabelos crescessem (incluindo a barba) quando estavam de luto. Na Palestina, entre os vários povos que ali habitavam, a barba era tida como um adorno masculino, e até mesmo como sinal de sabedoria. Nos monumentos antigos somente cativos e escravos aparecem com barba. Os egípcios sempre traziam seus rostos bem barbeados. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Barba*. Ver também o artigo *Cabelos*, que ilustra o fanatismo dos egípcios quanto a essa questão da remoção dos cabelos. Parece que os motivos dos egípcios eram alguma mania de higiene exagerada. Lemos que os sacerdotes egípcios mostravam-se fanáticos quanto a isso, rapando todo o pêlo do corpo a cada três dias. Até as cabeças das crianças eram rapadas, mas sendo deixados cachos ao redor da cabeça, como decoração. Entretanto, as mulheres egípcias nunca rapavam os cabelos, nem mesmo quando de luto. Pelo menos, os egípcios davam seu voto de aprovação, reconhecendo a beleza da cabeleira feminina.

Mudou de roupa. A túnica multicolorida de José tinha sido manchada com sangue de um bode, quando seus irmãos quiseram dar a entender que ele morrera, para explicar a sua ausência (Gên. 37.31). Tempos depois, José perdeu as suas vestes (provavelmente as mais externas) ao escapar da mulher de Potifar, que o atacara em um acesso de paixão (Gên. 39.13) e essas vestes foram usadas como evidências contra ele (Gên. 39.18). Mas agora lhe foram dadas *roupas novas*, quando sua nova vida, como alto oficial do Egito, estava prestes a começar. Ver também em Gên. 41.42 quanto às vestes reais que José veio a usar. Essas vestes eram próprias de um senhor. O Senhor Deus estava com José. Não era coisa de somenos chegar ao palácio e à presença do próprio Faraó. Deus estava dirigindo todas as coisas. Contudo, era muito mais importante poder ficar de pé na presença de Deus, *aprovado*. José já tinha esse privilégio maior, e agora também lhe era conferido o privilégio menor.

41.15

José Deveria Mostrar o Seu Poder. Tudo mais tinha falhado; agora o poder de José seria submetido a teste. José negava que tivesse qualquer poder, atribuindo tudo a Deus (vs. 16). Isso também fazia parte da polêmica do autor sagrado, que estava mostrando que toda a mágica, conhecimento e devoção dos pagãos não se podiam comparar com o poder de um homem que conhecesse ao Deus de Israel. Aquilo que não pudera ser feito pelos místicos, psíquicos, médiuns e intérpretes profissionais de sonhos, Deus faria imediatamente, por meio de José. Ver as notas sobre o vs. 8 deste capítulo, quanto a detalhes.

41.16

Mas Deus. Quem daria a interpretação do sonhos do Faraó seria Deus, e não José, conforme o Faraó tinha pensado. José cria no *teísmo*, e não no deísmo. O teísmo ensina que Deus não somente criou, mas também continua interessado pela Sua criação. Deus acompanha a vida humana, recompensando e castigando, e também guiando os destinos. O deísmo, por sua vez, ensina que, embora exista um poder criador, pessoal ou impessoal, Deus abandonou a Sua criação, deixando tudo ao encargo das leis naturais. Ver no *Dicionário* os artigos *Teísmo* e *Deísmo*.

O trecho de Gênesis 40.8 mostra que a interpretação dos sonhos pertence ao Senhor. Pelo menos, existem poderes internos e externos que podem ajudar qualquer dom espiritual. Os sonhos espirituais manifestam-se quando o poder de Deus faz-se presente. Além das informações gerais que forneço acerca dos *Sonhos*, no *Dicionário*, também teço comentários em Gên. 37.5,9; 40.1-23; 41.1,2,7.

Todas as pessoas têm certos poderes psíquicos, como sonhos espirituais, incluindo os sonhos precognitivos. Mas há pessoas que têm uma espécie de previsão nacional ou mesmo internacional, podendo perceber o que sucederá em comunidades, cidades, nações, ou mesmo na comunidade das nações. José e Daniel eram homens dessa categoria.

Mediante a sua resposta, José "... levou (o rei) a esperar ajuda da parte de Deus, o único de Quem deve proceder todo consolo, proteção e prosperidade" (Adam Clarke, *in loc.*).

41.17,18

Estes versículos repetem os elementos de Gên. 41.1,2, onde são apresentadas notas expositivas.

Carriçal. No hebraico, uma palavra que ocorre somente aqui, no vs. 2 e em Jó 8.11, referindo-se à vegetação luxuriante que cresce ao longo de rios como o Nilo, ou a *Cyperus esculentus* dos botânicos, vulgarmente, capim do brejo.

41.19

Este versículo contém os mesmos elementos que se vê em Gên. 41.3,4, exceto pelo fato de que aqui é acrescentada a informação de que o Faraó nunca tinha visto animais tão disformes, em toda a terra do Egito. É fato que aquilo que Freud chamou de *elaboração secundária* (ou seja, adição de detalhes, quando se conta um sonho) pode contribuir para nosso conhecimento a respeito dos sonhos que temos. Ou pode também incluir o *discernimento intuitivo* quanto ao significado dos sonhos, quando os relatamos, embora tais pormenores não aparecessem no sonho propriamente dito. Um sonho provoca analogias e sugere veredas a serem seguidas, que podem não estar contidas nas imagens do próprio sonho. A imagem das vacas muito magras fê-las parecer *piores* ainda na elaboração secundaria feita por Faraó, prevendo assim uma fome deveras severa.

41.20

Este versículo repete elementos do quarto versículo, onde o leitor deve ver as notas expositivas. Elementos bizarros em nossos sonhos chamam a nossa atenção e nos ajudam a lembrá-los. Os sonhos ultrapassam o que a mente prosaica imagina e, algumas vezes, entram no bizarro. Ver o vs. 7 quanto a comentários sobre detalhes inesperados e estranhos nos sonhos.

41.21

Seu aspecto continuava ruim. Apesar de terem comido as vacas gordas, o aspecto das vacas magras em nada melhorara. Este versículo repete os elementos do vs. 4, exceto por esse comentário adicional, feito pelo Faraó, mediante uma elaboração secundária. Isso indicava que coisa alguma poderia aliviar aquela fome. Se José não fizesse intervenção, haveria apenas vacas magras (fome e miséria), e nada poderia aliviar a escassez.

"Coisa alguma pode assinalar o excesso e a severidade de uma fome do que criaturas como o boi ou o hipopótamo comerem-se uns aos outros, mas sem nenhum efeito, continuando magros e disformes como antes" (Adam Clarke, *in loc.*).

Então despertei. Este versículo reitera a informação do vs. 5, onde os elementos componentes são comentados. Geralmente, os sonhos ocorrem mediante séries que tratam dos mesmos problemas, muitas vezes apresentados por intermédio de diferentes símbolos. Isso pode acontecer em uma única noite, ou, então, no período de vários dias, semanas, ou mesmo mais tempo.

41.22

Outro Sonho. Este versículo repete as informações que tinham sido dadas no quinto versículo deste capítulo, onde os elementos formadores foram comentados. Temos uma série de sonhos que tratam do mesmo problema, com freqüência apresentado por meio de símbolos *diferentes*. Isso pode acontecer em qualquer noite, ou durante um período de dias, semanas ou mesmo mais tempo.

41.23

Este versículo é igual ao sexto versículo, com pequena variação de expressão. Ver as notas expositivas ali existentes. A descrição *secas* é aqui adicionada, no hebraico, uma palavra que significa *vazias*. Havia apenas talos e hastes, mas não grãos. No siríaco, a palavra cognata significa "rocha". Os grãos eram tão ressequidos que eram duros como pedras. O árabe indica que eram apenas *sombras*, e não a substância de hastes de gramíneas.

41.24

Este versículo combina as informações dos vss. 7 e 8, onde o leitor deve examinar as notas expositivas. Só José tinha a capacidade de realizar a tarefa, razão pela qual não demorou a ser convocado.

41.25

O sonho... é apenas um. Embora os dois sonhos tivessem usado símbolos diferentes, tinham um só significado. Isso é comum nos sonhos. Em uma mesma noite, vários sonhos (dentre os vinte ou trinta que podemos ter a cada noite) podem projetar uma mesma mensagem, embora mediante símbolos diferentes. Ou, então, no decurso de certo período de tempo, dias, semanas, ou mesmo mais tempo, uma mesma revelação seja dada. A linguagem dos sonhos dispõe de muitos recursos e a variedade de símbolos utilizados reforça a mensagem e enfoca, sobre a mesma, a nossa atenção.

Deus. Novamente é enfatizada a origem espiritual de certos sonhos, segundo já se viu no vs. 16. Há estudos que mostram que se a maioria dos sonhos são meros cumprimentos de desejos, ou mecanismos de solucionamento de problemas, há sonhos verdadeiramente espirituais, e um sonho pode ser equivalente a uma visão (ver Joel 2.28; Atos 2.17). No *Dicionário* há um artigo chamado *Sonhos* em que há uma seção que trata dos sonhos espirituais. Se a maioria dos sonhos é bastante egoísta, pois trata somente do destino de indivíduos (além de algumas poucas pessoas próximas), alguns sonhos podem vasculhar até mesmo o destino de nações, conforme se vê neste texto e no segundo capítulo do livro de Daniel. Outro tanto sucede com as visões. No *Dicionário* ver o artigo chamado *Visão (Visões)*. Incidentalmente, aprendemos que Deus controla o destino das nações. Existe aquela providência divina que cuida de todas as coisas, pessoais e impessoais, sem falar no aspecto internacional e até cosmológico. Ver no *Dicionário* os artigos *Determinismo (Predestinação)* e *Livre-Arbítrio*. Ver também os verbetes *Precognição* e *Profecia*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Todos os seres humanos possuem poderes de precognição, mas Deus vê tudo quanto ainda está no futuro. E o homem, criado à Sua imagem e semelhança, até certo ponto compartilha dessa qualidade. Os estudos sobre os sonhos mostram que todas as pessoas prevêem o seu futuro em seus sonhos, havendo estudiosos que chegam ao extremo de dizer que todas as coisas são previstas nos sonhos, literal ou simbolicamente.

41.26

O sonho é um só. Representados tanto pelas vacas gordas quanto pelas sete espigas saudáveis. Algumas vezes, os símbolos são confusos. Os sonhos envolvem símbolos diferentes, contando-nos a mesma história, e isso aclara muita coisa para nós. A mente subconsciente não se arrisca. Os sonhos transmitem para nós uma mesma mensagem por várias vezes e de várias maneiras. Temos sonhos no estágio leve do sono, de tal modo que um sonho significativo pode chocar-nos e despertar-nos, o que nos facilita lembrar dele.

41.27

Sete anos... sete anos. Anos de fome e miséria, simbolizados pelas sete vacas magras e pelas sete espigas crestadas. José deixa aqui de lado os detalhes do sonho, que já eram conhecidos. Ele dá aqui a essência dos sonhos do Faraó. Os sonhos podem conter muitos *detalhes* significativos. Muitos sonnos não nos fornecem apenas uma *essência*. Esta é a *terceira* vez em que os sonhos do Faraó são mencionados para nós. Uma das características literárias do Pentateuco é que apela para as *repetições*. Temos nisso um item do estilo literário do autor sagrado, e não meramente um mecanismo para efeito de ênfase.

Há um interessante pequeno paralelo histórico do sonho do Faraó. Josefo narrou que *Arquelau*, filho de Herodes, sonhou com dez espigas de trigo, grandes e cheias, que foram devoradas por bois. Então procurou alguém que pudesse interpretar para ele o sonho. Finalmente, um essênio de nome Simão deu-lhe a resposta. As *espigas*, disse o essênio, eram *anos*, e os *bois* seriam mudanças radicais nas circunstâncias. E o homem disse que Arquelau ainda governaria por dez anos, mas então haveria mudanças, e ele seria tirado do governo e morreria. E assim sucedeu. (*Antiq.* 1.17 c. 15 sec. 3 e *Guerras dos Judeus* 1.2 c. 7 sec. 3).

Na interpretação de sonhos, no Egito, *vacas* passaram a significar anos, e o fato de esses animais serem gordos ou magros seriam anos bons ou ruins (conforme Grotius, extraído do *Oneirocritics* ou "intérprete de sonhos").

41.28

Deus manifestou... que ele há de fazer. Deus predisse o destino de nações. Alguns eventos são *necessários*, mas a maioria deles fica na dependência de nosso livre-arbítrio. E isso também aplica-se às nações. Ver os comentários sobre o vs. 25, onde dou várias referências a artigos sobre essas questões. No caso deste capítulo, catorze anos sucessivos foram revelados, mas a profecia preditiva pode sondar muito mais longe no futuro do que isso. A mesma coisa pode suceder com os sonhos e as visões. Excetuando no caso de pessoas extraordinárias, a previsão profética *natural* entre os seres humanos parece limitar-se a cerca de cinco anos, mas até mesmo no caso de pessoas comuns, ocasionalmente, são previstas coisas que penetram muito mais, futuro adentro.

Certas Coisas Sucediam a José de Duas em Duas. "Ele teve dois sonhos (Gên. 37.5-7,9); sofreu dois períodos de aprisionamento (Gên. 37 36; 39.20); houve dois sonhos na prisão (Gên. 40.5-23); e agora havia dois sonhos do Faraó" (Allen P. Ross, *in loc.*).

41.29

Repetições. O autor do Pentateuco deleitava-se com repetições. Isso fazia parte de seu estilo literário, e não era apenas um meio de ênfase. Neste capítulo, o relato dos sonhos de Faraó é repetido por três vezes, havendo dentro deles várias repetições. Assim, aqui é novamente frisado que haveria *sete anos bons*.

Ver também o vs. 31. Os sete anos bons seriam excelentes; mas os sete anos maus seriam realmente maus. Mas nos primeiros sete anos de fartura haveria como remediar os últimos sete anos. Haveria superabundância, e não apenas suficiência. Em anos bons, o rio Nilo subia em seu nível cerca de sete metros e vinte centímetros, conforme disse Plínio (*Hist. Nat.* 1.5 c.9). Isso regava o solo e o fertilizava. Portanto, podemos supor que houve sete boas enchentes do Nilo, por sete anos consecutivos. Esses anos seriam atribuídos à bênção de Deus. Festas celebrariam a fertilidade e a abundância.

41.30

Sete anos de fome. A fome é um dos terrores da humanidade, pois as pessoas não podem encontrar alimentos básicos e começam a definhar. Ver no *Dicionário* o verbete *Fome*. Com freqüência, essa questão aparece como um juízo divino. Algumas vezes, trata-se apenas de uma calamidade natural, parte do caos que apanha os homens sem que eles o queiram. Esse e outros desastres naturais fazem parte do *Problema do Mal* (ver no *Dicionário*). Mas também devemos pensar na desumanidade do homem contra o homem, além de enfermidades e morte, os males que fazem parte do grande problema do mal. Esse é um dos mais intrincados problemas da teologia e da filosofia. Por que os homens sofrem? Se o rio Nilo não se elevasse na sua cheia tanto quanto deveria, a fim de irrigar suas margens e fertilizá-las, ocorreria uma inevitável dificuldade. Plínio dizia (ver as notas sobre o vs. 29) que, se o Nilo não se elevasse pelo menos cinco metros e meio acima de seu nível usual, por ocasião da cheia, a fome seria o resultado. A providência de Deus estava por trás da cheia do Nilo. Ver no *Dicionário* o artigo *Providência de Deus*. Ver também o artigo chamado *Nilo*, quanto a informações sobre o local de onde provinha tanta água, além de outros detalhes interessantes. O Nilo era o manancial de vida no Egito, pois, não fora ele, o Sudão e o Egito seriam apenas uma parte do vasto deserto do Saara e da Arábia.

41.31

Não será lembrada a abundância. Primeiro haveria grande abundância; mas a escassez seria *maior*. A fome obliteraria não somente a abundância, mas até qualquer *memória* dela. As vacas magras haveriam de devorar as vacas gordas; as espigas mirradas haveriam de devorar as espigas cheias: *obliteração* era a palavra certa. Deus não somente havia previsto, mas também demonstrara uma *misericórdia* previdente. Isso Ele demonstrou como uma dádiva aos homens, preparando o caminho para o desenvolvimento da nação de Israel no Egito, e isso porque os filhos de Jacó haveriam de apelar para o Egito, quando a fome apertasse (Gên. 42.1 ss.). Ali chegando, haveriam de encontrar-se com José. Ali a família reunir-se-ia de novo. Então os patriarcas se multiplicariam e iria surgindo a nação de Israel. Tudo isso era *necessário* por ser o destino de todas as partes envolvidas, tanto de Israel quanto do Egito. E isso mostra que Deus pode fazer o mal redundar em bem (Gên. 50.20).

A providência divina mostrar-se-ia boa para *todas* as nações em redor do Egito, as quais iriam buscar ali o seu suprimento de alimentos, durante os sete anos de fome (Gên. 41.56,57). A misericórdia de Deus é mais ampla do que pode ser medida pela mente humana. Havendo a intervenção divina, nem seria mister que o rio Nilo tivesse cheias normais. Os recursos do Senhor são ilimitados, para as necessidades espirituais e materiais. Ver no *Dicionário* o artigo *Misericórdia (Misericordioso)*.

41.32

Foi dúplice. Essa duplicação de sonhos serviu de indicação, para José, de que havia uma absoluta *determinação* divina por trás do que estaria sucedendo. É verdade que nem toda profecia *tem* de acontecer. Existem futuros possíveis, futuros prováveis e futuros determinados. Nem tudo *que deve acontecer* finalmente *acontece*. Um sonho pode prever um futuro provável. As circunstâncias mudam, nós mudamos as circunstâncias, e assim o que foi previsto pode até não acontecer. Todavia, há *alguns* acontecimentos divinamente determinados que *devem* acontecer e, *de fato*, acontecem. Portanto, excetuando esses acontecimentos, quanto aos demais podemos aplicar nosso livre-arbítrio. Além disso, essa divina determinação e o livre-arbítrio humano não são adversários, mas antes, agentes que *cooperam* para o nosso bem. A fome é um mal, mas redundou em bem naquele caso. Israel foi assim forçada a desenvolver-se no Egito. A predestinação divina opera em nosso favor, e não precisamos temê-la. Além disso, almas altamente evoluídas enfrentam eventos que elas mesmas determinaram, sempre sob o impulso da vontade de Deus, como é óbvio. Ver no *Dicionário* os artigos detalhados sobre *Determinismo (Predestinação)*; *Livre-Arbítrio* e *Predestinação (Livre-Arbítrio)*.

41.33

Um homem ajuizado e sábio. A sabedoria ditava que o Faraó criasse um *ministro* especial para cuidar dessa questão da abundância e da fome subseqüente. Visto que a princípio haveria grande abundância de produção de alimentos, era mister muito planejamento e execução para encorajar o plantio, a colheita e o armazenamento. E então, visto que a fome seria severa, seria necessário contar com um homem especial que fizesse a distribuição do alimento antes armazenado, que acudisse não somente à população egípcia, mas até a outras nações em redor, que dependeriam do Egito para se sustentar durante os anos de escassez (Gên. 41.56,57). Ora, para tal propósito, que homem mais sábio e mais orientado por Deus se poderia conseguir além do próprio José, que recebera de Deus o aviso e a sabedoria? O vs. 38 mostra que Faraó não hesitou quanto à nomeação de José. Uma tarefa especial requer um homem especial.

Devemos lembrar que José tinha previsto a sua própria elevação, em seus sonhos (Gên. 37.5,7,9). Mas é provável que ele nem tivesse imaginado que isso ocorreria no Egito, e numa posição tão elevada quanto a de um primeiro-ministro. Deus mostra-se muito mais rico do que tudo aquilo que esperamos da parte Dele (Efé. 3.20).

41.34

Um Primeiro-ministro e Seus Oficiais. O primeiro-ministro precisava de auxiliares aos quais pudesse delegar funções as mais diversas. Ele precisaria de uma comissão planejadora e de autoridades secundárias que pusessem o plano em execução. Assim acontece sempre com os projetos importantes. Há projetos que requerem um esforço de equipe.

A quinta parte dos frutos. Vinte por cento é muita coisa em tempos de abundância. Uma quinta parte de toda a produção seria recolhida sob a forma de impostos e taxas, e seria armazenada. Alguns estudiosos pensam aqui que uma quinta parte das terras aráveis seria usada na produção de alimentos durante o período futuro de fome. Mas o mais provável é que o governo recolheria um quinto de toda a produção de todas as áreas plantadas. Há eruditos que dizem que, na ocasião, o Faraó já estava recolhendo uma décima parte de toda a produção nos armazéns reais. Nesse caso, seriam armazenados três décimos de toda produção a cada ano, durante sete anos. E isso resultaria em um estoque equivalente a duzentos e dez por cento acima da produção anual média, um estoque superabundante.

Visto que não se pode imaginar se durante os anos de fome a produção de alimentos atingiria a taxa zero, ou apenas cairia drasticamente, esse *excedente* representaria garantia de alimentos suficientes para os egípcios e até para as populações em redor, durante a escassez de alimentos de sete anos.

"Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra" (II Cor. 9.8).

Oh, Deus, concede-nos tal graça!

41.35

Ajuntem os administradores. . . e o guardem. Isso em todas as cidades. Era um esforço nacional, uma espécie de esforço de guerra em tempos de paz. O país inteiro seria mobilizado através dos administradores de José. A previsão é algo de maravilhoso. Isso faz parte da sabedoria dada por Deus, embora muitos a negligenciem. "Não havendo profecia o povo se corrompe. . ." (Pro. 29.18). Todos os grandes projetos requerem previsão, visão clara e planejamento.

Debaixo do poder de Faraó. Ele exerceria controle sobre a operação inteira; mas estava debaixo da soberania divina, doador de todo dom útil e perfeito, segundo se aprende em Tiago 1.17.

"A Literatura de Sabedoria ensina que planejar sabiamente e com antecedência é um princípio básico da vida prática" (Allen P. Ross, *in loc.*).

"Notemos que. . . a sabedoria controladora de Deus não evoca alguma resignação fatalista, e, sim, um prático plano de ação" (*The Oxford Annotated Bible, in loc.*).

41.36

Para abastecer a terra nos sete anos da fome. Como se fosse um exército, em um ataque bem planejado. Deveriam ser construídos silos nas cidades. O Targum de Jonathan diz que cavernas naturais também foram usadas como depósitos. Justino, um escritor pagão, destacou a sabedoria de José em sua liderança, durante a crise (*Annal. Vet. Test.*, par. 25).

41.37

O conselho foi agradável. Reconheceu-se unanimemente que o plano era excelente, tanto por Faraó quanto por todos os seus ministros, de tal modo que o plano passou a ser executado imediatamente. E o primeiro passo consistiu na nomeação de José para o cargo de primeiro-ministro do Egito (vss. 38 ss.).

José como Governador do Egito (41.38-57)

Muitas vicissitudes, dificuldades e reversões tinham, finalmente, redundado na elevação de José no Egito. Olhando para trás, é fácil vermos agora como a

mão de Deus estava controlando tudo; mas em meio à tribulação, as trevas podem nublar a nossa visão. Em Seu conselho, Deus determinara que a nação de Israel deveria desenvolver-se no Egito. Sem dúvida, isso se devia a várias razões. Uma delas era a que os patriarcas de Israel precisavam ser livres de absorção por parte das nações cananéias. Outra razão era que os pecados dos amorreus precisavam primeiro encher a taça da justiça de Deus, antes de serem julgados. E parte desse juízo divino seria a perda do direito à terra de Canaã. Somente então os descendentes de Abraão poderiam conquistá-la. Ver Gên. 15.16. O Pacto Abraâmico, pois, daria um passo mais na formação da nação de Israel, a qual seria o veículo da Nova Fé. Ver as notas sobre o *Pacto Abraâmico* em Gên. 15.18. A providência de Deus (ver sobre esse assunto no *Dicionário*) estava cuidando de todas as coisas, passo a passo, embora vários séculos tenham sido consumidos no processo. E mais alguns séculos ainda teriam de se escoar até que a linhagem Abraão-Isaque-Jacó-Judá-Perez pudesse produzir o Messias, o qual viria a unificar todas as nações em torno de uma Nova Fé (Gál. 3.14).

41.38

Em quem há o Espírito de Deus? Os críticos salientam que os egípcios dificilmente poderiam ter falado nesses termos que exaltam a Deus. Essa expressão, "o Espírito de Deus", ocorre em muitos outros trechos do Antigo Testamento, mas isso em tempos posteriores. Ver Êxo. 31.3; Núm. 27.18; Eze. 36.27 etc. Por outra parte, achamos menção ao Espírito logo no primeiro capítulo do Gênesis (1.2). Para alguns, pois, o uso desta expressão, aqui, indica uma data posterior do livro, depois da época de Moisés. Mas para outros, ela indica um desenvolvimento teológico, desde bem cedo, acerca dessa Pessoa (ou força, como querem outros), que confere inspiração e iluminação. É difícil dizer quando esse conceito se generalizou entre os egípcios (injetado no politeísmo predominante naquele país). O Espírito de Deus também figura como um poder catastrófico que pode energizar um homem e torná-lo poderoso, espiritual ou mesmo fisicamente. Ver Juí. 6.34; 14.19; I Sam. 11.6. O Espírito é também o poder que outorga arrebatamentos extáticos aos homens (Núm. 11.25; I Sam. 10.6; Joel 2.28). Assim, a teologia referente ao *Espírito* foi crescendo até aos tempos do Novo Testamento, quando então assumiu ainda maiores proporções. Atos 2.17 toma as palavras de Joel 2.28, fazendo do Espírito Santo o inspirador do Pentateuco. Notemos que *Daniel* também foi elevado à posição de terceiro maior governante da Babilônia pelo poder do Espírito (Dan. 5.7,16). Ele fez o que os *magos* da Babilônia não tinham podido fazer, porquanto isso já requeria o poder de Deus, embora o termo "Espírito" não seja especificamente usado naquele texto. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado intitulado *Espírito de Deus*.

Ver o vs. 16. *Elohim* estava com José. O Faraó reconheceu a veracidade das reivindicações de José. Não somente ele interpretou habilmente os sonhos do rei, mas também exibiu notável sabedoria em seu conselho. Portanto, era apenas lógico que ele fosse o homem escolhido para a posição elevada de primeiro-ministro.

"Se os egípcios eram idólatras, ainda assim puderam reconhecer o Deus de José. E não devemos supor que eles só vieram a receber o conhecimento de Deus nessa oportunidade. O conhecimento sobre o verdadeiro Deus já existia no Egito desde muito antes" (Adam Clarke, *in loc.*).

Visto que a palavra hebraica *Elohim* está no plural, por isso mesmo alguns estudiosos têm traduzido esta frase por "o espírito dos deuses", dando ao trecho uma distorção politeísta, embora não privando José de sua influência para o bem, através de supostos *poderes divinos*. Os Targuns de Onkelos e de Jonathan pensam que a referência aiude ao *espírito de profecia*.

41.39

Ninguém há tão ajuizado e sábio como tu. José tinha tais qualidades por causa da ajuda divina. Ele era o homem de quem Faraó estava precisando. A palavra elogiosa que resultou da consulta de Faraó com seus ministros agora era comunicada ao próprio José. Justino ressaltou a notável sabedoria de José. O conselho deste foi considerado proveniente do próprio Deus (*Annal. Vet. Test.* par. 25).

41.40

Administrarás a minha casa. O palácio real, com seu complexo de edifícios, escritórios e muitos oficiais e servos. José, pois, administraria tudo e receberia ordens somente do próprio Faraó. Esse era o ofício de um primeiro-ministro. Parece estar em foco o cobiçado ofício que em egípcio chamava-se *t'ate*, "o segundo após o rei, na corte real" (Adolf Erman, *Life in Ancient Egypt*, pág. 87). Esse mesmo autor mostrou-nos (págs. 106, 107, 517, 518) que escravos sírios chegaram a ocupar esses elevados ofícios. Isso posto, não foi nada extraordinário que um semita, como José, tenha sido honrado desse modo. Muitos estudiosos pensam que tudo isso deve ter ocorrido durante o período em que os hicsos (ver sobre eles no *Dicionário*) exerceram hegemonia sobre o Egito. Isso deve ter ocorrido entre 1720 e 1550 A. C. Nessa época, o Egito estava sendo dirigido por um governo pró-semítico, que deve ter favorecido a um homem como José. Ver o artigo intitulado *Faraó*, em sua seção III.2, quanto a especulações quanto a quem teria sido o Faraó do Egito nos dias de José. Mas os estudiosos fazem variar muito as datas.

O homem espiritual reconhece que a pessoa que entra em contato com a presença divina recebe tremenda influência para o bem. Esse estímulo a inspira a pensamentos e atos do melhor naipe. José estava na crista da onda divina. Como é evidente, este é um dos aspectos do *misticismo* (ver no *Dicionário*). Surgem muitos abusos quando os homens buscam o toque divino, mas esses abusos não nos deveriam cegar para a realidade desse toque.

O hebraico é um tanto estranho aqui: "todo o meu povo *beijará* em tua boca". Isso equivale a dizer que todos obedeceriam e homenageariam a José (ver I Sam. 10.1; Sal. 2.12). Mas há outras interpretações dessa expressão, como: "todo o meu povo armar-se-á", ou seja, José tornar-se-ia um comandante militar. Ou então, como opinou Jarchi, "todo o meu povo será alimentado por ti". Mas a primeira dessas possibilidades parece ser o que está aqui em foco. Cf. Sal. 105.21,22 onde se comenta a história de José.

41.41

Sobre toda a terra do Egito. José obteve a cobiçada posição de *t'ate* (ver o vs. 40). Seus sonhos tiveram cumprimento naquele instante (ver Gên. 37.5 ss.), mas muito acima de suas mais atrevidas expectações. Foi tudo uma realização divina, e essas realizações sempre ultrapassam nossas melhores expectações.

". . .àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos, ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós. . ." (Efé. 3.20).

41.42

O seu anel de sinete. Ver as notas a respeito em Gên. 38.18. Naquele ponto, foi mencionado o anel ou selo de Judá. Ver também Est. 3.12; 8.8; I Reis 21.8. Era um emblema de autoridade (Est. 3.10; 8.2). Os documentos do governo real eram carimbados com esse anel de sinete, o que lhes conferia a autoridade do rei. Nos tempos dos romanos, somente os cavaleiros (ou elevados oficiais) podiam usar tais sinetes que também eram usados para identificar o sucessor de um monarca ou de outro elevado oficial do governo. O trecho de I Macabeus 6.14,15 exibe um caso desses. O sinete era usado para deixar sua impressão sobre argila mole, a qual, uma vez seca, conservava ali o selo permanente de autoridade. José, por ter-lhe sido dado um desses anéis, tornou-se o representante oficial do Faraó. Agora ele podia tomar decisões próprias, a fim de fazer cumprir os decretos do rei.

Roupas de linho fino. José recebeu vestimentas feitas do mais excelente tecido, identificando-se assim com a realeza egípcia. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Linho*. Ver o vs. 14 deste capítulo quanto a interessantes eventos da vida de José, que estiveram associados a vestuário. Temos agora a menção a mais uma mudança de roupas que assinalou significativa modificação em sua vida. O período de escravidão e encarceramento de José tinha-se prolongado por treze anos. Agora, chegara a sua exaltação. Ele tinha continuado fiel a Deus, na adversidade. E agora seria fiel, em posição de poder e autoridade.

Os sacerdotes levíticos, em Israel, receberam vestes feitas desse mesmo tipo de material, chamado *byssus* (ver Êxo. 39.28). O rei e os sacerdotes do Egito usavam vestes de linho fino (de cor branca). E visto que José veio a casar-se com a filha de um sacerdote egípcio, provavelmente ele mesmo foi arrolado na casta sacerdotal. Ver o vs. 45 deste capítulo.

Um colar de ouro. A arqueologia tem achado provas da autenticidade do uso desses itens, mencionados neste versículo. O colar ou corrente de ouro, usado em torno do pescoço, era uma identificação de realeza. Foram desenterrados objetos dessa natureza, com os mais elaborados desenhos, que têm sido copiados na moderna joalheria. Ver Dan. 5.16 quanto ao mesmo símbolo de autoridade e honra que foi proporcionado a Daniel. O colar de ouro podia ser dado como recompensa por serviços ou realizações extraordinários, como é o caso das medalhas de ouro nos jogos olímpicos.

41.43

Seu segundo carro. José recebeu o segundo carro mais nobre do Egito. Ao transitar naquele veículo, todos deveriam inclinar-se diante dele. Até hoje, os veículos são sinais de honra e "status", e os ricos sempre dispõem dos melhores veículos. No Egito, nos cortejos públicos e nas cerimônias oficiais, o segundo carro sempre seguia o carro do rei.

Clamavam diante dele: Inclinai-vos. Esta última palavra vem de um termo egípcio cujo sentido é desconhecido. Portanto, os intérpretes dão aqui uma mera conjectura. A tradução literal da expressão hebraica resultaria em algo como "atendente do pai". E isso, por sua vez, talvez queira dizer que José deveria ser

considerado uma espécie de pai da nação, que merecia a atenção de seus súditos (filhos). Ademais, como pai que era, proveria o descanso e o bem-estar de seus filhos. Naturalmente, tudo isso é pura conjectura. Permanece indefinido o sentido daquele termo hebraico.

41.44

Uma Autoridade Delegada Mas Absoluta. O Faraó falaria e agiria por intermédio de José, e ninguém deveria questionar a sua palavra. De acordo com a doutrina egípcia, Faraó era o deus-homem, descendente de alguma divindade, dotado de autoridade absoluta, que fazia o que bem quisesse. Essa autoridade, pois, foi delegada a José.

Ninguém levantará mão ou pé. Nem mesmo atos triviais como esses (metaforicamente falando) podiam ser efetuados sem a licença do Faraó, por intermédio de José. As mãos e os pés são os agentes principais dos atos humanos, o que os torna símbolos aptos para atos de qualquer natureza.

41.45

Zafenate-Panéia. A José foi dado um novo nome (egípcio). A mudança de nome, indicando alguma grande mudança na vida, para melhor, era uma prática comum entre os povos semitas. Neste livro de Gênesis já vimos isso por diversas vezes. Consideremos os casos que envolveram Abraão, Sara e Jacó (Gên. 17.5,15; 32.28).

De acordo com os especialistas, esse nome egípcio quer dizer "fornecedor do nutrimento da vida". Outros preferem o sentido "revelador de segredos". E ainda outros, "tesouro de consolo glorioso". Mas a primeira possibilidade é a preferida pela erudição moderna. Todavia, alguns pensam que seu sentido é simplesmente desconhecido. Alguns estudiosos crêem que o Faraó que deu essa alcunha a José foi o monarca hicso Afofis. No *Dicionário* há um detalhado artigo sobre esse homem, que o leitor deve examinar. Ver também o artigo *Faraó,* em III.2, quanto a tentativas de identificação do Faraó com quem José tratou.

A Esposa de José. A fim de integrar José ainda mais na sociedade egípcia, foi-lhe dada uma esposa egípcia, filha de um sacerdote do Egito.

Azenate. Em algumas traduções, seu nome é grafado como "Asenate". Em egípcio, esse nome talvez signifique *dedicada a Neite.* Neite era o nome egípcio da deusa Minerva. Ela era filha de Potífera, sacerdote de Om, a qual o rei do Egito deu como esposa a José. Ela tornou-se a mãe de Efraim e Manassés (Gên. 41.45,50; 46.20). Uma lenda judaica relata como, ao casar-se com José, ela renunciou ao paganismo. O nome dela significaria, literalmente, "ela pertence a X", havendo várias especulações sobre qual deus ou deusa seria esse "X". Também poderia ser um nome de família, e não de alguma divindade. Tais nomes são bem confirmados pela arqueologia, durante os períodos do reino médio e dos hicsos (2100-1600 A. C.) da história do Egito. Esse período corresponde ao período patriarcal dos hebreus.

Potífera. Os críticos supõem que uma das fontes formativas do Gênesis o apresentava como o comandante da guarda, cuja esposa acusara falsamente a José; mas outra fonte diria que Potífera era o pai da esposa de José. Nesse caso, um único homem estaria em pauta, em meio à confusão. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Mas os eruditos conservadores falam em termos de outro homem, posto que com o mesmo nome. *Potífera* é uma forma variante de *Potifar.* Ver o artigo sobre essa forma do nome, quanto a explicações sobre seu significado, no *Dicionário.*

O segundo Potifar foi um sacerdote egípcio e pai de Azenate, esposa de José. Ver Gên. 41.45,50; 46.20. Ele viveu em torno de 1870 A. C.

José casou-se com a filha de um sacerdote pagão. Provavelmente ele não tivesse alternativa, embora isso tenha sido uma contradição com as tradições de sua família (ver Gên. 24 e 28). Moisés, por sua vez, casou-se com a filha de um sacerdote dos midianitas. E isso mostra que o ideal de preservação racial dos hebreus não foi sempre observado. Visto que José era dotado de poderes psíquicos e espirituais, o fato de que lhe foi dada como esposa a filha de um sacerdote deve ter parecido uma escolha natural para Faraó. O Antigo Testamento não revela o quanto José se envolveu na religião egípcia. Sem importar isso, temos aí uma lição de *tolerância* que vai além daquilo que é requerido pela lei. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Tolerância.*

Om. O nome dessa localidade vem do egípcio IWNW, "cidade da coluna". Esse nome significa *força.* Era o nome de uma cidade egípcia onde vivia Potífera, sogro de José. Potífera era um sacerdote egípcio, cuja filha, Azenate, veio a ser a esposa de José (Gên. 41.45,50; 46.20). A antiga cidade de *Om* era capital da décima terceira província do Baixo Egito. Ficava localizada a cerca de dez quilômetros do Cairo e a cerca de cinco quilômetros de Heliópolis (ver no *Dicionário*). Heliópolis era um centro, se não mesmo o grande *centro* da adoração a *Rá,* o deus-sol. Quanto a Om, não há registros arqueológicos sobre esse nome, antes do século X A. C.; mas isso não nos dá motivos para duvidarmos da autenticidade do registro histórico do Gênesis. Atualmente, a cidade está em ruínas, tendo recebido o nome árabe de Tell Hisn. A Septuaginta chama Om de Heliópolis, em Gên. 41.45,50 e 46.20. O trecho de Êxo. 1.11 informa-nos que Om era uma das cidades construídas pelo trabalho de escravos israelitas. Heliópolis, como seu próprio nome indica, era a cidade dedicada ao deus-sol. É razoável supormos que todas as cidades egípcias participavam desse culto, embora houvesse um grande número de deuses e deusas. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Egito.*

41.46

Era José da idade de trinta anos. José ainda era um homem bastante jovem ao atingir o seu zênite. Fora escravo e prisioneiro por treze anos. Mas aqueles anos duros, mediante a direção de Deus, levaram-no à exaltação, pois "o Senhor estava com José" (Gên. 39.21; 41.38). José tinha dezessete anos quando foi vendido por seus irmãos (Gên. 37.2). Sua exaltação havia sido predita em seus sonhos (Gên. 37.5,9), mas ninguém teria predito tanto assim: o segundo homem do Egito. Mas era assim que Deus estava fazendo as coisas suceder. E em breve a fome forçaria Jacó e seus outros filhos a migrar para o Egito. A nação de Israel desenvolver-se-ia ali. A linhagem Abraão-Isaque-Jacó-José haveria de produzir duas das doze tribos: Efraim e Manassés.

O Trabalho de José. Dando início a seu trabalho como primeiro-ministro, ele precisou fazer uma viagem de averiguação por todo o Egito, planejando como guardaria dois quintos de toda a produção do Egito, em antecipação aos sete anos de fome (vs. 34). Ele fez os contatos necessários com os oficiais locais, arranjando armazéns em todas as cidades. A produção era abundante. A bênção divina estava sobre eles, a ponto de terem consciência, com sete anos de antecipação, sobre como deveriam preparar-se para a severa fome que viria. Na verdade, algumas vezes, para darmos o passo seguinte, ajuda ver a praia distante.

41.47

A terra produziu abundantemente. Nenhuma pessoa sentia falta de coisa alguma; todas as fazendas produziam generosamente. O Nilo vinha fertilizar fielmente as suas margens todos os anos (vs. 29). Por causa da previsão e da sabedoria de José, os egípcios estavam recolhendo muitos recursos que haveriam de sustentar não somente o próprio Egito, mas também outras nações, quando chegassem os anos de extrema escassez (Gên. 41.57). Mas havia quem, em sua ignorância, não fizesse idéia das grandes dificuldades que teriam de ser enfrentadas.

41.48

Este versículo fala sobre a concretização do que havia sido planejado, de acordo com os vss. 34 e 35, onde seus pontos principais são comentados. Além do cereal taxado pelo governo, provavelmente as autoridades compravam cereal a preços baixos, atingindo-se a superabundância referida no versículo seguinte.

41.49

Até perder a conta. José mantinha registros cuidadosos de todo o cereal que estava armazenando, em unidades de peso. Mas o suprimento atingiu proporções de tal monta que os números perderam seu significado. Conseguiu-se assim um imenso suprimento que seria mais do que suficiente para os sete anos de fome que viriam, tanto para o Egito quanto para nações em redor (vs. 57). A expressão *como a areia do mar* já havia sido usada pelo autor sacro para expressar o grande número dos pósteros de Abraão. Ver Gên. 22.17 e 32.12.

41.50

Nasceram dois filhos a José, a saber, Manassés (vs. 51) e Efraim (vs. 52). No *Dicionário* ofereço artigos detalhados sobre eles e sobre as tribos das quais foram os patriarcas.

Assim sendo, dois dos patriarcas de Israel nasceram no Egito. Os outros patriarcas haveriam de juntar-se a eles quando Jacó e sua família descesse ao Egito, apertados pela fome. Os nomes dos filhos de José refletiam o suprimento abundante da providência divina. Ver os vss. 51 e 53. Esses dois filhos de José foram adotados por Jacó, em seu leito de morte, o que deu a eles o direito legal de se tornarem os progenitores de duas das tribos de Israel. Ver Gên. 48.9 ss. quanto à história. Uma vez mais, a um irmão mais novo foi prometido um futuro mais resplendente.

Azenate. Ver as notas sobre ela no vs. 45.

Potífera. Ver as notas sobre ele no vs. 45.

Om. Ver o vs. 45.

41.51,52

Manassés. Ele era o primogênito de José. Há um detalhado artigo sobre esse homem e sobre a tribo que dele descendia, no *Dicionário*. Tornou-se cabeça de uma das tribos de Israel, em virtude de haver sido adotado por Jacó como se fosse um de seus filhos, o que é referido no vs. 50.

Efraim. Embora mais jovem, foi-lhe dada por Jacó a bênção maior, quando ele e seu irmão, Manassés, foram adotados por Jacó. Os descendentes de Efraim exerceram maior poder em Israel do que os descendentes de Manassés.

Os nomes dos filhos de José foram dados de acordo com a situação dele como *provedor* do Egito. *Manassés* significa "aquele que faz esquecer", porque os treze anos de servidão e aprisionamento de José eram agora coisas do passado, e tivera início uma nova vida. *Efraim* quer dizer "frutificação", porquanto ele nasceu durante os sete anos de abundância, que produziram o bastante para salvar milhares e milhares de pessoas da fome ameaçadora. A fome pessoal de José tinha terminado; agora estava desfrutando grande abundância, porque o Senhor estava com ele (Gên. 39.2; 41.38).

Efraim, para efeito de ênfase, no hebraico está no dual, indicando que a prosperidade do tempo em que ele nasceu era realmente grande. John Gill via nisso uma bênção tanto *espiritual* quanto *material*, dada primeiramente a José, então a seus filhos, e, finalmente, a todas as pessoas a quem ele pôde servir.

41.53

Passados os sete anos de abundância. Agora tinham início os sete anos ruins. Conforme alguém já disse: "Tudo que é bom acaba terminando". Por outra parte, no grande contínuo que é a vida, o sol nasce e põe-se por muitas vezes. Uma coisa puxa a outra. E nunca chega ao fim qualquer coisa substancial. Tudo é preservado e renovado por Deus, de acordo com o Seu propósito. A fertilidade da terra depende da luz solar e da chuva; e a vida das pessoas também. Acima de tudo, há aquela dimensão superior, a espiritual. A luz do sol e a chuva são controladas por Deus, e a benevolência divina está por trás desses fenômenos naturais. Mas nossa mente pequena bloqueia esse conhecimento em momentos de crise, embora nos disponhamos a confessar que assim é, em momentos de prosperidade.

Deus sabe de tudo e cuida de tudo. A vida, com toda a sua variedade, ensina-nos essa lição. No entanto, ninguém a aprende de modo absoluto. Cada pessoa continua aprendendo pelo resto da vida.

41.54

Os sete anos de fome. O temido acontecimento chegou, afinal. Mas o Egito estava preparado, graças à sabedoria e à espiritualidade de José. Outra lição difícil de ser aprendida é que precisamos da espiritualidade. A prosperidade material não basta. Outras terras, onde não havia nenhum "José", ficaram despreparadas e tiveram de sofrer horrores. Muitas pessoas pereceram de inanição. Crianças morreram por falta de alimentos. A falta de espiritualidade cobra o seu preço, que é alto, envolvendo até nossa vida física.

"As ocasiões em que a alma de Israel se elevou às suas mais nobres alturas foram, quase sempre, tempos em que as condições externas eram as mais negras. Moisés no deserto; Elias, ao voltar do monte Horebe; Isaías e Jeremias dentro da cercada cidade de Jerusalém. . . fazendo a nação sair do vale árido da miséria para a beira de um manancial (Sal. 84.6). Paulo também foi capaz de destacar essa verdade até alturas heróicas, como quando escreveu acerca de sua decisão de permanecer e de enfrentar a adversidade em Éfeso: '. . . uma porta grande e oportuna para o trabalho se me abriu; e há muitos *adversários*' (I Cor. 16.9)" (Walter Russell Bowie, *in loc.*).

Naqueles sete anos, as águas do Nilo não subiam na cheia tanto quanto era mister para que houvesse suficiente fertilização do solo. Mas a seca também alcançou outros países em derredor, como a Arábia, a Palestina e a Etiópia. E o Egito, dependente como vivia do Nilo (ver as notas no vs. 29), mostrava-se especialmente vulnerável à seca. Bar-Hebraeus, em sua *Crônica* (par. 260), deu-nos uma noção do que costumava suceder ao Egito, nessas ocasiões. Ele diz que a cidade de Tânis (Zoã) tinha uma população de trezentos mil habitantes, que pagaram impostos no ano anterior a uma fome. Terminada a fome, havia menos de cem pessoas vivas na cidade. Amenemha III, em sua sabedoria, a fim de impedir catástrofes similares, construiu um sistema de diques, canais e eclusas, além de muitos reservatórios que acumulavam água despejada pelo Nilo, pouco a pouco. Também criou o lago artificial Moeris. Outro tanto foi feito modernamente na parte ocidental dos Estados Unidos da América, onde uma grande parte de seis estados é desértica. Ao longo do rio Colorado, que nasce nas faldas das montanhas Rochosas, existem seis represas de dimensões consideráveis, e nenhuma gota de toda aquela água chega ao oceano, que fica a cerca de mil e novecentos quilômetros de distância das cabeceiras do rio. Toda aquela água é consumida ao longo do trajeto.

41.55

Ide a José. Premidas pela fome e pela miséria, as pessoas, em massa, voltavam-se para José. A sabedoria que Deus lhe dera o tornava útil naquela hora, para satisfazer as necessidades das pessoas. Assim sucede com a missão de todo homem espiritual. Primeiramente ele é divinamente equipado. E, então, torna-se benéfico para as pessoas ao seu redor. Coisa alguma acontece por acaso. José havia armazenado três quintas partes de toda a produção do Egito. E agora isso seria o suficiente para a nação (e para outras nações igualmente) (vs. 57). Todo homem tem a responsabilidade de armazenar a sua *quinta parte*, ou seja, a sua preparação especial, para que possa servir com amor em tempos de necessidade. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Amor*. Aquilo que temos nos é dado pelo plano divino, então, temos o dever de empregar isso no serviço ao próximo. Outrossim, é nossa responsabilidade *antecipar* qual bem poderíamos fazer aos nossos semelhantes, preparando-nos especificamente para isso, tal como José tinha previsto e se preparara para o futuro. Primeiro José previu; então fez preparativos; e, finalmente, distribuiu.

41.56

Fome sobre toda a terra. Não o globo terrestre inteiro, mas a *terra* conhecida pelo autor do livro de Gênesis, ou seja, o Egito, a Arábia, a Palestina e a Etiópia, as nações que pediriam socorro ao Egito (vs. 57). Não nos esqueçamos de que os antigos eram muito limitados em seus movimentos pelos meios de transporte deficientes. Se a Ásia Menor, a Grécia, a Itália e outras porções da Europa eram conhecidas pelos antigos dos dias de José, o Egito estava muito longe dessas nações para que elas lhe pedissem ajuda. Além disso, talvez nem soubessem da provisão que ali havia. E, por outra parte, talvez a fome não tivesse atingido essas outras regiões do globo.

41.57

E todas as terras vinham ao Egito. Havia abundância para todos quantos apelavam a José. Também nos devemos mostrar adequados para atender às necessidades dos que nos procuram. A provisão de José atingiu para além do Egito, ampliando-se às nações circunvizinhas, conforme é sugerido nas notas sobre o vs. 56. Cada indivíduo tem seu círculo de influência, começando pela sua família. Sem embargo, quão triste é quando um homem prejudica os membros de sua própria família, em lugar de servir-lhes de ajuda. E isso lhes anula a espiritualidade.

A Família de José sob a Fome Lá Fora. Foi exatamente essa circunstância de comida *abundante* no Egito que acabou por trazer até ali os irmãos de José, a fim de que as predições divinas continuassem a ter cumprimento. E isso, por sua vez, contribuiria para que a nação de Israel se desenvolvesse no Egito, e não na terra de Canaã. Por isso mesmo, o vs. 57 deste capítulo prepara-nos para o relato do capítulo seguinte.

José, Tipo de Cristo. José supriu a necessidade das nações. Desse modo, Cristo foi tipificado por ele, pois Jesus seria o Salvador de todos os povos, porquanto Ele haveria de estender as provisões do Pacto Abraâmico a todas as nações (ver Gál. 3.14; e também Gên. 15.18 quanto a notas expositivas sobre esse pacto). Ver também Gên. 37.3 quanto a uma nota detalhada sobre José como um tipo de Cristo.

Capítulo Quarenta e Dois

Os Irmãos de José Vão ao Egito pela Primeira Vez (42.1-38)

Este capítulo (estendendo-se até Gên. 45.28) tem sido atribuído pelos críticos às fontes informativas *J* e *E*. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)* quanto a informações sobre a teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

José tinha preparado o caminho para o desenvolvimento da nação de Israel no Egito. Isso teria de ser assim por várias razões, algumas conhecidas e outras desconhecidas. Antes de tudo, a família patriarcal corria o perigo de ser absorvida pelas nações pagãs cananéias, perdendo desse modo sua identidade nacional. Judá, que recebera a primogenitura, já se tinha casado com uma mulher cananéia (Gên. 38). E seus irmãos corriam perigo similar. Além disso, também era contra os planos de Deus para Israel desenvolver-se naquele tempo na Palestina. Os habitantes originais da região eram seus proprietários. Mas quando a iniqüidade deles se tornasse tão grande que a sua taça se enchesse, então seriam julgados com a perda de seus territórios. E quem ficaria com estes seriam as tribos de Israel. Ver as notas sobre essa questão, em Gên. 15.16. Pode parecer-nos ridículo que os patriarcas, depois de já estarem na terra de Canaã fazia tanto tempo (desde Abraão, cerca de trezentos anos antes), não pudessem permanecer ali, mas fossem forçados a descer ao Egito, mas não houve nenhum erro nisso. O

plano divino não sofreu perda ou distorção por causa do cativeiro de Israel no Egito.

A fome predita pelos sonhos de Faraó (interpretados por José) forçou Jacó e os irmãos de José a migrar para o Egito. As habilidades de José como intérprete de sonhos, além de sua extraordinária sabedoria, levaram o Faraó a torná-lo o segundo homem em comando no Egito. Isso posto, cabia a Israel prosperar primeiramente no Egito. E embora viesse a surgir um Faraó que não conhecia a José, e embora Israel tivesse de entrar em servidão, nem por isso o plano de Deus seria frustrado ou sofreria prejuízo.

Os Cativeiros de Israel:

1. O *cativeiro egípcio*, que durou pouco mais de duzentos anos, talvez entre 1700 e 1500 A. C.
2. O *cativeiro assírio*, que começou em 722 A. C, no qual as dez tribos do norte foram levadas, para nunca mais voltarem, exceto, talvez, indivíduos isolados.
3. O *cativeiro babilônico*, que teve início em 597 A. C. e envolveu as duas tribos (sulistas) restantes, a saber, Judá e Benjamim. Desse cativeiro, um remanescente retornou, setenta anos mais tarde. Esse remanescente tornou-se a base da continuação da nação de Israel na Terra Prometida.
4. O *cativeiro romano*, que começou em 132 D. C., quando Adriano esvaziou a Palestina de judeus. Isso continuou até maio de 1948, quando foi formado o moderno Estado de Israel.

Em todas essas catástrofes nacionais, o plano divino continuou operando sem nenhum empecilho. Veio o Messias, Jesus de Nazaré; e, mediante Sua morte sacrifical, as provisões do *Pacto Abraâmico* (ver as notas a respeito em Gên. 15.18) foram universalizadas (Gál. 3.14). E foi desse modo que todas as nações da terra vieram a ser beneficiadas. E tudo isso sempre operou por meio da adversidade.

Mesmo na outorga original do Pacto Abraâmico, foi predito que Israel sofreria cativeiro no Egito (Gên. 15.13). Portanto, coisa alguma acontece por mero acaso, e coisa alguma surpreende ao plano divino. O livro de Gênesis enfatiza continuamente a providência divina (ver sobre esse assunto no *Dicionário*).

42.1

Uma Decisão Tomada por Jacó. Todo homem de Deus é um homem que sabe tomar decisões. Enquanto os irmãos de José olhavam uns para os outros, em perplexidade, sem saber o que fariam quanto à fome que tão de súbito os havia reduzido a nada, *Jacó* tomou a decisão certa. "Vão ao Egito!", ordenou ele, sabendo que lá havia prosperidade e abundância de víveres. Ele não fazia a mínima idéia de que era *seu próprio filho, José,* de sua amada Raquel, que tornara possível aquela prosperidade. Por igual modo, foi o próprio Filho de Deus quem tornou possível a prosperidade espiritual. Ver as notas em Gên. 37.3 quanto a José como tipo de Cristo.

O Fato Era Bem Conhecido. Havia uma fome terrível e generalizada, sem nenhuma esperança de mudança. Mas nem todos interpretavam esse fato da mesma maneira. E nem todo homem agia da mesma maneira. Jacó, um homem de decisão, queria uma mudança. As mudanças para melhor produzem crescimento. Os inativos são engolidos por muitas fomes. Os pais que não têm visão quanto à educação de seus filhos, deixam-nos na mediocridade. Há homens que preferem o caminho fácil, que não leva a lugar nenhum — por exemplo, o aluno que cola na escola: ou a alma que evita o desenvolvimento espiritual. Todos esses perdem-se em meio a vários tipos de fome.

Houve um período de fome nos dias de Abraão (Gên. 12.10); houve outro período de fome nos tempos de Isaque (Gên. 26.1). E agora havia esse período de fome, nos dias de Jacó. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Fome*. Uma agricultura precária, uma região rodeada por desertos, e falta de conhecimento acerca de ciclos de condições atmosféricas produziam resultados devastadores na Palestina.

Em uma segunda estação de escassas chuvas, começariam a faltar alimentos, e não haveria mais pasto para os animais. Primeiramente, morriam os animais; em seguida, as crianças; e, por fim, os adultos. Enfermidades sempre resultam da desnutrição, e as fomes são seguidas por pragas que destroem muitos dos que conseguem sobreviver à inanição. Ver as notas sobre Gên. 41.54 quanto a outras descrições dos horrores da fome.

42.2

Tenho ouvido. As notícias se tinham espalhado. A sobrevivência estava em jogo. Todas as riquezas que Jacó tinha amealhado, e pelas quais trabalhara tanto, agora de nada lhe serviam. Mas pelo menos havia estas boas-novas: "Há alimentos no Egito". Isso acontecia por causa de José, o filho amado de Jacó, que assim tinha providenciado, mediante sua admirável previsão e sabedoria previdente. Dessa forma, Jacó chegou a entender o que era fundamental. Algumas vezes, o que realmente importa fica oculto em meio às coisas frívolas de que nos cercamos. O caráter de Jacó não era ideal, mas ele possuía lealdade e espiritualidade básica (com a ajuda de muitas experiências místicas), e também era homem capaz de tomar decisões. Jacó era dotado de uma força de caráter que sempre permitia que ele passasse por cima de tempos calamitosos. José era filho dele, e compartilhava das qualidades de seu pai, além de possuir outras também.

42.3

Desceram dez dos irmãos. Para trás ficou somente Benjamim, que agora era o filho favorito de Jacó. Benjamim era irmão de pai e mãe de José. Sua mãe era Raquel. Sem dúvida já tinham perecido muitos animais. Agora a vida humana estava sendo ameaçada, o que requeria providências imediatas. Cada um dos filhos de Jacó provavelmente levou em sua companhia alguns poucos servos. Logo, devemos pensar em um pequeno comboio, talvez uma caravana de camelos, que desceu ao Egito. Ainda restavam rebanhos (ver Gên. 42.1) e também servos (ver comentário em Gên. 46.5). E levaram consigo alguns vagões, para trazerem de volta provisões (Gên. 45.21-23).

42.4

A Benjamim. . . não enviou. Ver o artigo detalhado sobre o filho caçula de Jacó, no *Dicionário*. Os vss. 36 ss. mostram que Benjamim tornara-se o filho favorito de Jacó, o qual lhe dava uma atenção toda especial.

Irmão de José. Essas palavras fazem-nos lembrar que Benjamim era irmão de pai e mãe de José. Conforme Jacó pensava, Benjamim era o único filho de Raquel que tinha sobrevivido, pelo que ainda lhe parecia mais valioso. Com José teria acontecido uma tremenda desgraça. E Jacó não queria que isso se repetisse com Benjamim. Além disso, talvez ele ainda fosse bastante jovem, pelo que uma viagem ao Egito lhe seria muito pesada. Mas isso seria apenas uma das várias razões de Jacó.

42.5

Entre os que iam. Os que iam comprar víveres levavam seus jumentos, capazes de transportar bastante carga.

Os filhos de Israel. Devemos pensar aqui nos filhos literais de Jacó. Mas também podemos pensar em termos gerais, pessoas de sua casa. Foram em caravana, com muita outra gente da terra de Canaã. Assim, muitos grupos desceram juntos ao Egito, e não somente a gente de Jacó.

42.6

José era governador. De acordo com a informação dada em 41.39 ss., José tinha sido nomeado segundo homem do governo egípcio (vss. 43,44). Ele havia obtido o cobiçado *t'ate* (segunda posição de comando, depois de Faraó). Ver Gên. 41.40.

E se prostraram rosto em terra, perante ele. Assim foi o encontro deles com José. Os críticos frisam quão difícil era, para alguns poucos indivíduos comuns, vindos de Canaã, apresentarem-se diretamente ao poderoso José. Mas nenhuma história elaborada foi inventada para explicar o fato. Os eruditos conservadores falam ou em providência divina ou em um encontro casual. Talvez José viesse ocasionalmente até ali para vigiar as transações. E, então, em uma daquelas ocasiões, pela graça divina, houve o encontro entre José e seus irmãos.

Prostraram-se. Não somente por motivo de respeito a um elevado oficial, mas também por estarem em situação desesperadora. Alguma demonstração de humildade haveria de facilitar as transações. Assim tinha sido previsto no sonho de José: seus irmãos prostrar-se-iam diante dele. Ver Gên. 37.7,9. A reverência deles tinha sido projetada em ambos os seus sonhos. De súbito, os sonhos estavam tendo cumprimento, o que prosseguiria em outras ocasiões. Os sonhos de José foram cumpridos porque eles projetavam o futuro de um homem do destino. Outras pessoas tinham tomado todas as precauções, aplicando até mesmo violência e atos criminosos, na tentativa de impedir que os sonhos de José fossem cumpridos. Mas o destino estava acima deles. Alguns eventos são *necessários*. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Determinismo (Predestinação); Predestinação* e *Livre-Arbítrio*. Alguns eventos podem acontecer ou não, pois são meramente potenciais. Apenas alguns poucos eventos são determinados de modo absoluto. Talvez uma pessoa possa viver por muitos anos sem que haja nenhuma ocorrência determinada pelo destino. Os eventos determinados atuam como guias para o padrão do destino. Os eventos determinados pelo destino e necessários ocorrem mediante o amor benévolo de Deus, e visam ao nosso bem, sendo mecanismos que *produzem* o bem. O próprio juízo (ver no *Dicionário*) redundará em bem, ainda que, por si mesmo, não seja algo desejável (ver I Ped. 4.6).

Os Irmãos de José na Prisão (42.7-17)

José tratou de forma *áspera* com seus irmãos. É possível que, a despeito de sua grande espiritualidade, ele tenha tirado proveito do ensejo para tirar uma

pequena vingança, uma inclinação humana natural. Mas alguns eruditos, pensando que José estaria acima disso, supõem que ele assim agiu a fim de controlar melhor os movimentos deles. A longo prazo, ele já tinha traçado um plano *benévolo!* Ele mandaria buscar todos os seus familiares para o Egito, onde cuidaria de todos eles. E estava especialmente interessado em seu irmão de pai e mãe, Benjamim. E assim, para forçar os outros irmãos a trazer Benjamim da próxima vez, ordenou que um deles, Simeão, ficasse detido no cárcere até que lhe trouxessem Benjamim. E assim o drama prossegue, ocupando vários capítulos, até a revelação final da identidade verdadeira de José, já no capítulo quarenta e cinco do Gênesis. A narrativa é deveras emocionante, uma das mais belas e comoventes peças da literatura mundial.

42.7,8

Reconheceu-os, porém não se deu a conhecer. José mostrou-se hostil e desconfiado, talvez pelas razões dadas na introdução aos vss. 7-17. José submeteu seus irmãos a um severo interrogatório. Quis saber se o pai deles (que também era seu pai) ainda estava vivo; e também se seu irmão menor continuava vivo. Ele haveria de fazer-lhes o bem, mas queria poder controlar-lhes os movimentos. Além disso, convinha que eles sentissem a crueldade envolvida em seus atos anteriores contra ele. Reconhecer e fazer reparação pelos nossos pecados é algo necessário. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Reparação (Restituição)*. Sem dúvida, o sentimento inicial de José deve ter sido de *indignação*; mas isso logo se abateu, cedendo lugar a outras emoções, mais nobres, mais em harmonia com o seu caráter nobre.

José reconheceu a seus irmãos, mas não foi reconhecido por eles. Ele entendia o idioma deles, mas eles não entendiam o egípcio, que ele havia adquirido como novo idioma. Foi usado um *intérprete* (vs. 23), a fim de que ele não se desse a conhecer.

"Não o reconheceram porque agora estava falando em egípcio, estava vestido de linho branco, e tinha apenas dezessete anos de idade quando fora vendido como escravo. Desde aquele tempo, a aparência de José havia mudado mais do que a deles" (Ellicott, *in loc.*). Fazia cerca de vinte e dois anos, desde que o tinham visto pela última vez.

42.9

Lembrou José dos sonhos que tivera. Nesses sonhos, os feixes de seus irmãos tinham-se inclinado diante de seu feixe; e o sol, a lua e onze estrelas prestavam-lhe homenagem. O que esses sonhos haviam projetado, agora tinha cumprimento. Ele tinha tido sonhos proféticos ou precognitivos. No *Dicionário* ver o artigo *Sonhos*, além de comentários adicionais em Gên. 37.5,9; 40.5,12 e 41.2,25. Os estudos sobre os sonhos têm comprovado a realidade dos sonhos proféticos, ainda que a maioria dos sonhos seja mero cumprimento de desejos e mecanismo de solução de problemas.

Espionagem. José tinha um plano a ser cumprido, antes de revelar-se para os seus irmãos. Portanto, deteve-os por algum tempo (e Simeão por um pouco mais de tempo), na prisão, sob a acusação de espionagem, acusação essa que passaria por verdadeira, enquanto não trouxessem Benjamim, em comprovação do que lhe haviam dito. "A acusação de espionagem era natural, pois as fronteiras egípcias que davam frente para a terra de Canaã eram vulneráveis a ataques (Êxo. 1.10)" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

Os pontos fracos da terra. Ou seja, os locais pouco protegidos, mais vulneráveis a ataques. Os hicsos que tinham subjugado o Egito eram semitas vindos da região da Palestina, e as tribos selvagens daquela área eram sempre encaradas com suspeita e temor. Visto que o Egito desfrutava de abundância — ao passo que na região da Palestina havia escassez —, poderia tornar-se um alvo especial de ataque. Muitos exércitos têm marchado e invadido outras terras por razões menores do que essa.

42.10

Comprar alimentos. É como se os irmãos de José tivessem dito: "Meu senhor, somos apenas pobres aldeões famintos em busca de alimentos, e não oficiais comissionados por parte de alguma potência estrangeira". Observemos a humildade deles. José era o *senhor*, e eles os *escravos*, o que concordava com os sonhos dele (Gên. 37.5 ss.). "Trataram-no com a maior reverência e submissão, chamando-o de seu senhor, cumprindo assim os sonhos dele" (John Gill, *in loc.*).

42.11

Filhos de um mesmo homem. Se fossem espiões, dificilmente seriam todos filhos de *um* só homem. Antes, teriam sido escolhidos por suas qualidades de observação ou treinamento, visto que sua missão seria secreta, importante e muito perigosa. E mesmo que fossem filhos de um rei hostil, dificilmente esse rei teria enviado *tantos* de seus filhos ao mesmo tempo. O argumento deles era irretorquível; mas José só fingiu que creria se trouxessem o irmão menor deles, ao qual se referiram. As coisas estavam correndo conforme José queria. Em breve veria seu irmão menor, Benjamim, um gigantesco passo para a união da família toda no Egito.

Somos homens honestos. Ou seja, homens sinceros, verazes, e não espiões. Eles só queriam comprar cereais para alimentar suas famílias, e assim escapar da fome. Não estavam pensando em preparar o caminho para a conquista do Egito por parte de alguma potência estrangeira.

42.12

Nada disso. Apesar de todos os protestos, José deu a entender que continuava desconfiado deles. José estava prolongando o drama pelas razões dadas no sétimo versículo (ver a introdução às notas sobre esse versículo). José exigiu uma prova, a presença de Benjamim. Isso seria outro passo para trazê-los ao Egito, o que estava de acordo com o plano de Deus (Gên. 15.13).

Para ver os pontos fracos da terra. Isso repete o que já tinha sido dito no vs. 9 onde o leitor deve ver as notas.

42.13

Filhos de um homem. Repetição do invencível argumento do vs. 11, onde a questão é comentada.

O mais novo. Eles falavam sobre Benjamim, que ficara em Canaã, na companhia de Jacó. Essa era uma informação vital, que José queria receber. O vs. 4 mostra que ele não tinha sido enviado. Tornara-se o filho favorito de Jacó, após o desaparecimento de José; e agora Jacó temia que algo pudesse suceder de mal a ele. Ver as notas sobre aquele versículo, quanto a maiores detalhes.

Outro já não existe. Ou seja, era tido como *morto*. Eles tinham vendido *esse* (José) como escravo, talvez vinte e dois anos antes, e não faziam idéia do que lhe teria sucedido. Portanto, apresentaram-no como morto. Pelo menos, valia tanto quanto um morto, sem nenhum contato com a família. O trecho de Atos 44.20 repete essa questão de José ser considerado *morto*.

42.14

Uma Acusação Repetida. "Sois espiões". E, se não o fossem, que o provassem, trazendo o irmão mais novo (vs. 15). Ver o vs. 9 quanto à questão da *espionagem*. A repetição era um estilo literário nítido do autor do Gênesis, que encontramos a cada página. Ver o vs. 7 sobre a razão pela qual ele falou severamente com eles, promovendo o prolongamento do drama. O vs. 8 tem idéias adicionais sobre essa questão. Alguns eruditos pensam que há uma contradição que foi detectada por José, encorajando-o a prosseguir o interrogatório. No vs. 11, eles tinham deixado Benjamim de fora da história. Agora eles *adicionavam* Benjamim ao seu relatório. Assim, mentirosos que eram, tiveram de corrigir sua exposição.

42.15

Nisto sereis provados. Que os irmãos trouxessem Benjamim a José. José fez um juramento pela mais alta autoridade do Egito, *Faraó*, ao qual os egípcios honravam como o filho de uma divindade, ou seja, um ser divino-humano. Esse juramento equivalia ao juramento dos hebreus, "Tão certo como vive o Senhor" (Juí. 8.19; I Sam. 14.39,45; I Reis 17.1). Era comum alguém jurar pela vida do rei, mesmo em Israel, pois entre muitos povos, o monarca era considerado uma divindade. Ver I Sam. 17.25; II Sam. 14.19. Também se jurava pela vida de *Yahweh* (II Sam. 15.21; II Reis 2.2,4,6). Somente a moralidade superior do evangelho é que veio a proibir juramentos (Mat. 5.33-37). Ver o artigo detalhado sobre os *Juramentos*, no *Dicionário*. Posteriormente, os romanos passaram a jurar pela vida, pela saúde ou pelo *gênio* (divindade guia) do imperador.

42.16

Vós ficareis detidos. A severidade de José foi aumentando. Talvez ele estivesse deveras indignado, mas o seu propósito principal era manter o controle dos movimentos de seus irmãos e forçá-los a trazer Benjamim na próxima vez em que viessem ao Egito, e, por fim, a trazer a Jacó. O plano divino estava-se desdobrando. Ver as notas sobre os vss. 7 e 8 quanto às razões que motivavam a José.

Em primeiro lugar, ele propôs que todos eles ficassem presos, com a *única exceção* daquele que voltasse à terra de Canaã a fim de ir buscar a Benjamim. No vs. 19, todavia, José reverte, por um ato misericordioso, o número dos que iriam à

terra de Canaã, dizendo que apenas um ficaria na prisão, Simeão. E foi assim que as coisas sucederam. Simeão ficou preso (vs. 24). Os vss. 21 ss. mostram que os irmãos de José acusaram a si mesmos por seus atos anteriores, que causaram a José grande sofrimento. José agora lhes servia do próprio remédio, para que lhe sentissem o gostinho. Platão dizia que a pior coisa que pode acontecer a um homem é ele cometer um erro mas nada pagar por isso. Isso lhe corrompe a alma. Uma das leis universais inexoráveis é a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver o artigo com esse título no *Dicionário*).

José não lhes ofereceu opção. Ele estava em posição de exigir, e foi exatamente o que fez. Não apenas a fim de que eles pudessem provar que não eram espiões, mas tendo em vista o propósito superior, conforme foi dito acima. Ele estava querendo que eles chegassem a uma certa conclusão mental. E a vontade divina atuava sobre tudo.

42.17

Três dias. Foi um breve período de encarceramento, mas eles não faziam idéia de quanto tempo isso perduraria. Isso lhes daria tempo para pensarem em seus pecados. Intranqüilos e temerosos, eles ficaram mofando ali, na expectativa de possíveis maiores calamidades. Assim eles teriam tempo para conversar e escolher *aquele* que voltaria à terra de Canaã e traria Benjamim ao Egito (ver o vs. 16). Esse filho de Jacó levaria notícias verdadeiramente intranqüilizadoras.

A Ordem acerca de Benjamim (42.18-25)

42.18

Fazei o seguinte, e vivereis. Agora, José parecia abrandar em suas exigências. Se os seus irmãos o atendessem, podenam viver em paz.

Pois temo a Deus. José adorava ao verdadeiro Deus, *Elohim*. Não faria sentido entendermos aqui o plural, *deuses*, embora a frase tivesse sido dita dentro de um pano de fundo egípcio, politeísta. Ver no *Dicionário* os artigos *Elohim* e *Deus, Nomes Bíblicos de*. Sentimentos espirituais ou realmente abrandaram o coração de José, ou, então, o coração de seus irmãos. O fato foi que agora a exigência de José era que apenas um dos irmãos ficasse detido, e os demais levassem mantimentos à terra de Canaã (ver os vss. 16 e 19).

"As palavras *temo a Deus*, neste contexto, postulam, por implicação, a existência de um padrão de moralidade internacional da qual Deus é o guardião. Idêntico pensamento sublinha o trecho de Gênesis 20.11, e, menos diretamente, as palavras finais de Gênesis 39.9" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*). Poderíamos pensar que os pagãos politeístas vez por outra voltavam ao monoteísmo, reconhecendo que algum grande Poder é o governador supremo, acima de muitos deuses e deusas.

É possível que José tivesse querido dar a entender que adorava ao mesmo Deus que eles (seus irmãos) adoravam, e, por motivo de reverência ao Deus deles, ele mitigaria a sua exigência anterior.

42.19

Nove dos irmãos voltariam à terra de Canaã, levando mantimentos; e um deles, Simeão, ficaria detido, até que os outros voltassem ao Egito, trazendo Benjamim. José sabia que assim Jacó poderia suportar melhor a prova, mas o vs. 36 mostra que até mesmo isso foi um golpe duro no ânimo do idoso patriarca. José tinha "morrido", Simeão ficara detido no Egito, e agora estavam exigindo que ele desistisse de Benjamim. Toda essa questão envolvia considerável sofrimento para Jacó. Dessa vez, entretanto, Jacó sofreria por causa dos erros de seus filhos, e não por sua própria culpa. Trata-se da antiga história do sofrimento causado pelo pecado. Ninguém peca sozinho. Os pecados sempre enredam outras pessoas na mesma teia, e as tristezas são compartilhadas. Contudo, existe aquela providência de Deus que retifica todas as coisas, afinal.

Levai cereal. Assim, os irmãos de José cumpririam sua missão, aliviando a necessidade premente em suas casas.

José temia a Deus, e agiu com benevolência. Até mesmo a sua aparente dureza tinha por desígnio atingir a um bom propósito. Em contraste, sem nenhuma misericórdia, seus irmãos tinham-no vendido à servidão. Todavia, Deus estava controlando todas as coisas desde o início, fazendo redundar o bem dentre muitos erros humanos (Gên. 50.20).

42.20

Trazei-me vosso irmão mais novo. Isso reforça a exigência central, conforme se vê nas notas sobre o vs. 15. Isso provaria que eles tinham dito a verdade, ao declararem que eram todos filhos de um mesmo homem (vs. 11) e tinham um irmão mais jovem em casa (vs. 13). E isso demonstraria que eram homens *honestos* (ver o vs. 11), e não espiões disfarçados.

Uma vez que Benjamim estivesse no Egito, certamente Jacó também viria para aquele país. E isso fazia parte dos desígnios de José. Ele estava trabalhando em cima de um plano de *longo alcance*.

Até onde os irmãos de José entendiam, eles continuavam debaixo da sentença potencial de morte; portanto não tinham opção quanto à questão. Precisavam agir conforme *José* lhes ditava. Mas devido à crueldade deles, José fora forçado a ir para o Egito, vendido como escravo.

42.21

Na verdade, somos culpados. O primeiro passo na senda do arrependimento consiste em sentir o peso da própria culpa. Isso desperta o desejo de mudar; pois não existe arrependimento sem mudança. Ademais, sempre que possível, devemos fazer reparação. Ver no *Dicionário* os artigos *Arrependimento* e *Reparação (Restituição)*. Estavam provando do amargo remédio que haviam servido à força a José. Sentiam-se aflitos, tal como sucedera a ele. Este versículo revela a angústia de José e seus gritos pedindo misericórdia, que não foram atendidos, algo que não havia sido mencionado no primeiro relato (Gên. 37.23).

José fora atribulado. Agora eles estavam sendo atribulados. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. José escutava as lamentações deles, e os compreendia. No entanto, usava um intérprete (vs. 23), *como se* não fosse capaz de entender o idioma deles.

Tinham-se passado vinte e dois anos, desde que haviam vendido José como escravo; mas a consciência deles mostrava-se sensível, como se o tivessem vendido ainda no dia anterior. "Leitor, *teus* pecados ainda não *te* acharam? Ora a Deus para que Ele retire o véu de cima de teu coração, conferindo-te profundo senso de culpa, que te force a fugir em busca de refúgio, da esperança que te é proposta no evangelho de Cristo" (Adam Clarke, *in loc.*).

Por um lado, os irmãos de José estavam sofrendo *injustamente*, como sucedera a José, vinte e dois anos antes, pois, na verdade, não eram espiões. Por outro lado, sofriam *justamente*, em resultado de seus pecados de vinte e dois anos atrás. Algumas vezes demora a cumprir-se a lei da colheita segundo a semeadura; mas fatalmente ela tem cumprimento, porque, de outra sorte, este mundo seria dirigido pelo caos, e não haveria um desígnio divino quanto a todas as coisas. Os irmãos de José recordaram-se dele, a implorar por misericórdia, preso no fundo da cisterna, e, então, de como fora vendido aos ismaelitas, pois eles tinham querido desvencilhar-se dele. Agora, encarcerados, temiam por seu futuro e reconheciam que estavam recebendo o que mereciam.

Emanuel Kant alicerçou um argumento racional e filosófico sobre essa circunstância, em favor da existência de Deus e da alma. A justiça nunca é plenamente servida nesta esfera terrena. Homens bons nunca obtêm aqui toda a recompensa que merecem, nem homens maus recebem aqui o devido castigo, condizente com seus crimes. Portanto, deve haver uma alma que sobreviva à morte física e possa recolher o devido fruto de seus atos (em alguma outra existência), seja esse fruto bom ou mau, da parte de um poder divino. E assim, sobre bases racionais, Kant mostrava que Deus e a alma certamente existem.

Os homens recebem em espécie. Conforme semearem, assim também colherão. Ver no *Dicionário* o artigo *Lex Talionis*.

42.22

As Memórias de Rúben. Por ocasião da traição contra José, ele tinha mostrado a única luz que brilhara naquela situação em tudo mais negra. Rúben tinha impedido que os outros irmãos matassem José (Gên. 37.21). Ele os convencera de que José deveria ser arriado na cisterna (Gên. 37.22), porque seu plano era vir mais tarde e libertá-lo dali. E ficara consternado quando percebeu que José já havia sido tirado da cisterna, ao voltar de algum lugar onde tinha ido (Gên. 37.29,30). Portanto, Rúben tinha o direito de lhes lembrar a maldade que haviam praticado, a qual ele tentara impedir, e também tinha o direito de mostrar que a agonia que agora sentiam era resultante de seus pecados passados.

Eles haviam violado um bom relacionamento com a família, a unidade básica da ordem social. Tinham causado dor a um irmão e ao pai de todos eles. Tinham rompido a confiança da família e sua unidade. Um egoísmo estúpido tinha inspirado seus atos brutais. Uma família funciona como uma sinfonia. Cada instrumento precisa estar em sintonia com os demais. Ninguém pode agir como bem quiser, trazendo desarmonia à casa inteira.

... se requer de nós o seu sangue. De novo é salientada a lei da colheita segundo a semeadura. Esse é um dos princípios básicos da espiritualidade. Outro princípio é a lei do amor. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* e *Amor*. A menção ao *sangue* pressupunha que José havia realmente morrido como resultado da cadeia de eventos que eles tinham iniciado.

42.23

José os entendia. Mas eles não percebiam isso, porque ele estava usando um intérprete. O copta e o hebraico eram idiomas semíticos, mas não tão

próximos um do outro que pudessem ser entendidos prontamente por quem falasse um ou outro. Algumas palavras seriam entendidas, mas não o bastante para ser entendido o sentido das frases. Evidências literárias indicam que o copta, o hebraico, o siríaco e os idiomas cananeus seriam entendidos de forma básica pelas pessoas que as falassem, mais ou menos como as línguas neo latinas de hoje, em que uma pessoa que fale uma delas pode mais ou menos acompanhar o sentido do que se diz em outra. Os dialetos, todavia, diferiam consideravelmente, podendo causar grandes problemas de entendimento.

... lhes falava por intérprete. Os Targuns de Jonathan e de Jerusalém dizem que esse intérprete teria sido Manassés, filho mais velho de José, que talvez falasse os dois idiomas, se José tivesse cuidado para ele aprender o hebraico no lar. Mas ele era jovem demais na época, pelo que a sugestão é improvável (Gên. 41.50,51).

42.24

Retirando-se deles, chorou. Embora fizesse o papel de um homem duro, seu coração era brando. Para que a vida tenha sentido, é mister haver bom relacionamento, começando pela família. José não somente estava salvando pessoas da inanição, mas também estava reunindo de novo a sua família. Falamos sobre *liberdade* do indivíduo, e isso reflete uma grande verdade. Mas também há necessidade de justiça e de amor, que governem todos os grupos sociais, a começar pela família. O egoísmo separa; o amor unifica.

Não havia amargura em José. Quão fácil é abrigar ódio e nutrir memórias de erros que nos tenham vitimado. José fora injustiçado, mas tinha o coração grande o bastante para esquecer o passado.

Tomou a Simeão. Simeão foi algemado, ou por ter-se apresentado voluntariamente como o irmão que ficaria detido no Egito, ou por ter sido o principal ofensor de José, ou, então, por esses fatores ou por qualquer outra combinação de fatores. Mas podemos estar certos de que ele não foi maltratado, porquanto era um hóspede, e não um autêntico prisioneiro. Os rabinos judeus, porém, interpretavam que Simeão é que teria amarrado José e agido como líder pensante do grupo de irmãos, motivo pelo qual agora sofria uma espécie de retaliação. A culpa de Simeão teria sido aprofundada por suas circunstâncias adversas, e isso tê-lo-ia ajudado a arrepender-se. O homem foi algemado na presença dos outros, a fim de intensificar o senso de culpa de todos, pela mesma razão. Cf. Gên. 43.30; 45.2,14; 50.1,17 quanto ao fato de que José chorou. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lamentação*.

42.25

Que lhes enchessem os sacos de cereal. O cereal saiu gratuito, porquanto José lhes devolveu o dinheiro. Assim, o cereal que tinham vindo comprar, ganharam de presente. Tinham provisões para a viagem de volta e mais alguns meses. Assim, José tornou-se tipo de Cristo, Aquele que supre as necessidades espirituais de todos os homens, de todas as nações, como o Pão da Vida (João 6.48). Ver as notas sobre Gên. 37.3, quanto a José como um tipo de Cristo. Em Cristo são supridas todas as nossas necessidades (Fil. 4.19). A prata que José lhes devolveu, sem que tomassem logo conhecimento disso, produziu neles um grande *choque*, ao descobrirem o que tinha sucedido. Ficaram temerosos, não atinando o que Deus estaria fazendo com eles (vs. 28).

Os sacos. Mas eles não dispunham apenas de nove sacos. Os irmãos de José tinham trazido jumentos (vs. 26), pois dispunham-se a comprar grande quantidade de mantimentos (Gên. 45.19). Esses sacos, provavelmente, eram feitos de lã, de grande tamanho, conforme até hoje se vê na Ásia Menor, usados para transportar víveres. No vs. 27 temos a palavra hebraica *sak*, tão parecida com os termos correspondentes em inglês e em português que é óbvio que essa palavra foi tomada por empréstimo, pelo hebraico, de alguma língua européia. De fato, o dicionário mostra que essa foi a derivação do termo hebraico, explicando que significa "saco de pano, saco para cereais".

Os Filhos de Jacó Voltam a Canaã (42.26-38)

42.26

E carregaram o cereal. Os jumentos iam carregados com os vários tipos de receptáculos, os *keleyhem* (do vs. 25) e os *saks* (do vs. 27). Tinham chegado vazios, e agora voltavam cheios. E não haviam gasto um centavo sequer, o que é boa representação da abundante provisão que temos em Cristo. Notemos, igualmente, que eles nada *mereciam*, mas a *graça* divina se mostrara abundante. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Graça*.

José lhes havia dado sinais secretos de boa vontade, mas eles não sabiam interpretá-los (vs. 27).

42.27

Abrindo um deles o seu saco. Esta última palavra, no hebraico, é *sak*; ver as notas a respeito no vs. 25. Pensaram em alimentar os animais com o conteúdo dos sacos. Para admiração e consternação deles, entretanto, viram que seu dinheiro lhes havia sido devolvido. José, como já dissemos, lhes havia dado sinais secretos de boa vontade, mas eles não sabiam como interpretar o intuito dele. Essa boa vontade traduzia-se mediante ampla e mesmo abundante provisão.

"Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra" (II Cor. 9.8).

Na estalagem. Na antiguidade, fazer uma viagem era um empreendimento perigoso. Havia piratas das estradas e elementos criminosos que patrulhavam os caminhos, buscando vítimas. Por isso, era sábio viajar em grupos. As estalagens antigas ofereciam alguma proteção. Em tempos posteriores, porém, as estalagens ficaram de tal modo infestadas de prostitutas que os cristãos preferiam hospedar-se na casa de outros cristãos, em suas viagens. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Hospedaria*, quanto a detalhes sobre as estalagens antigas. Esses lugares eram freqüentados por numerosos caravaneiros. Havia ali atendentes que cuidavam dos animais, da provisão alimentar e de outros interesses dos viajantes. Adam Clark diz-nos que, naqueles tempos remotos, essas estalagens não valiam grande coisa, e não passavam de estruturas que podiam oferecer alguma proteção contra as intempéries, mas não muito mais que isso.

42.28

Devolveram o meu dinheiro. Aqueles homens não mereciam aquilo, pelo que a *graça* estava fluindo. Mas na verdade, o que obteríamos se nos fosse dado apenas aquilo que merecemos? Ver Simeão ser algemado teve o seu impacto. Cada um deles lembrou-se do papel que tivera na venda de José como escravo. E agora, vendo a sua prata, e não sabendo *por que* ela estava ali, receberam outro choque, sentindo-se consternados. Em todos aqueles acontecimentos viram a presença de *Deus*, pelo que, ao menos nisso, tiveram um correto discernimento. Deus estava reunindo de novo a família de Jacó, para que a nação de Israel pudesse desenvolver-se no Egito. Ver a introdução ao presente capítulo quanto às razões para isso.

Deus. No hebraico, *Elohim*. Ver no *Dicionário* o artigo *Deus, Nomes Bíblicos de*. O uso dos vários nomes de Deus deu aos críticos a idéia equivocada de que o Pentateuco está alicerçado sobre várias fontes. Naturalmente, este é apenas um dos argumentos em prol dessa teoria. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.)*, quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

O texto hebraico é bastante poético aqui: "e seus corações se derramaram, e eles tremeram cada qual para seu irmão". Faltou-lhes a coragem, e ficaram olhando uns para os outros, aterrados, procurando entender o enigma.

A providência divina fazia parte do quadro. Esse é um dos principais temas do Gênesis. Ver no *Dicionário* o verbete *Providência de Deus*. A verdade era que um *irmão* estava cuidando deles; mas essa era a última coisa que eles poderiam ter imaginado.

42.29

De Novo em Canaã. Os nove filhos de Jacó contaram sobre *o homem severo do Egito*, que tinha retido a Simeão e exigido que o irmão mais novo lhe fosse apresentado, como prova de que não eram espiões. Quando Jacó ouviu o relatório, seu coração também "desmaiou". Suas perdas estavam aumentando, e agora o seu amado Benjamim devia ser levado a algum destino desconhecido. Não obstante, José não estava "usando de malícia com ninguém, mas de amor para com todos", conforme disse Abraão Lincoln de certa feita. Mas isso era disfarçado pelos modos severos com que José garantiria a chegada, em segurança, de sua família no Egito.

42.30

... nos tratou como espiões. Ver o nono versículo deste capítulo quanto a essa questão. O Egito era vulnerável nas fronteiras com a terra de Canaã, onde se concentravam tribos aguerridas, sempre dispostas a atacar. A acusação, pois, embora falsa, tinha suas razões de ser. O Segundo Homem do Egito falara duramente com eles, considerando-os mentirosos (vs. 12). Uma das características do autor sacro era o da repetição. Talvez fosse apenas uma questão de estilo, embora talvez tenha servido ao propósito de ênfase. Portanto, começando por aqui, e até o vs. 35, temos uma reiteração de vários elementos, com pouca adição de fatos históricos. Somente a partir do vs. 36 a narrativa avança para novos desenvolvimentos.

42.31

Homens honestos. Eles não eram espiões, conforme se vê nas notas sobre o vs. 11.

42.32

Este versículo combina os vs. 11 e 13, onde os elementos são comentados. Este versículo abrevia aqueles dois outros.

42.33

Este versículo sumaria a narração anterior, deixando de lado a exigência original de José de que nove irmãos ficassem presos no Egito e um deles fosse buscar a Benjamim (vs. 16). Deixa de lado o vs. 19, onde há elementos que são comentados. Que Simeão foi retido no Egito não é dito especificamente, mas fica apenas entendido, conforme mostra o vs. 36.

42.34

Trazei-me vosso irmão mais novo. Isso repete o vs. 15, onde os elementos são comentados.

E negociareis na terra. Essa idéia é uma adição ao que já fora dito. O Segundo Homem do Egito permitiria que eles negociassem, soltaria Simeão e creria que eles não eram espiões. A expressão poderia significar somente que eles teriam acesso ao suprimento alimentar do Egito, que José cuidaria de suas necessidades, e não que poderiam tornar-se negociantes no Egito.

42.35

Este versículo repete as informações dadas nos vss. 27 e 28, exceto pelo fato de que agora Jacó também se consternou diante da devolução da prata. O Targum de Jonathan afirma que a principal razão do temor deles era que Simeão, estando ainda sob o poder do homem forte do Egito, poderia ser executado se eles fossem acusados de furto ou de terem ficado com a prata que deveria ter sido entregue ao supervisor. Fosse como fosse, conseqüências desconhecidas, após tantos acontecimentos bizarros, poderia atingi-los com muitos males.

42.36

Tendes-me privado de filhos. José estava morto (até onde pensavam seu pai e seus irmãos, vs. 22). Simeão estava preso, e poderia ser executado. E agora Benjamim seria mandado a um destino desconhecido, para ser entregue às mãos do homem forte do Egito. Jacó não era a causa daquelas calamidades. Ele culpou seus filhos por elas, e com toda a razão. Os atos deles tinham atingido a família na própria raiz, aquilo que eles deveriam ter prezado acima de tudo. Essas coisas eram "cargas pesadas que estavam apressando a morte de Jacó, pois eram mais do que ele era capaz de suportar" (Adam Clarke, *in loc.*).

Sem o conhecimento de Jacó, José estava vivo e exaltado no Egito, acima de todas as expectações. Simeão estava sob custódia protetora. E tudo fazia um *bom* plano dar certo, e a família inteira em breve seria reunida. Deus trazia tudo sob controle. A avaliação tão pessimista de Jacó laborava em erro. Mas na experiência humana, essas avaliações são bem reais. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Problema do Mal*.

42.37

Rúben disse a seu pai. Ao que parece, ele havia violentado uma das concubinas de seu pai, Bila (Gên. 35.22 ss.). Esse tinha sido o seu grande pecado. Pelo lado melhor, porém, foi ele que pleiteou com sucesso para que a vida de José fosse poupada; foi ele que descera José em uma cisterna, na esperança de poder retirá-lo dali para ser entregue a Jacó (Gên. 37.21,22). Foi também Rúben o primeiro a reconhecer que a calamidade havia atingido os irmãos, por terem maltratado José (Gên. 42.22). Assim, se excetuarmos seu momento de desvario no tocante a Bila, ele aparece como o melhor dos filhos de Jacó, depois de José e Benjamim. Naqueles momentos de crise, ele tomara a peito a tarefa de convencer Jacó a que atendesse à exigência do homem forte do Egito, a fim de que toda a situação se endireitasse. Benjamim teria de descer com os nove irmãos ao encontro do homem forte do Egito, para provar que não eram espiões. No entanto, Jacó permanecia adamantino. Jacó não cedia, mas a fome ia aumentando (Gên. 43.1). Voltar ao Egito tornava-se indispensável. Então Judá interveio e convenceu seu pai de ceder diante das exigências do homem forte do Egito.

Mata os meus dois filhos. Rúben não imaginava que Jacó fizesse algo tão irracional quanto isso, se a sua missão falhasse, mas falou isso em veemência retórica. Rúben havia tentado, mas falhara, para impedir a perda de José; mas agora estava resolvido a não falhar de novo.

42.38

Seu irmão é morto. Benjamim tinha outros meios-irmãos, mas José (presumivelmente morto) era seu único irmão de pai e mãe. Ambos eram filhos de Raquel, a mais amada das esposas de Jacó, já falecida. Em outro sentido, ele era "o único que restava" a Jacó, e era agora o seu *favorito*, embora isso seja dito em sentido comparativo, e não absoluto. A perda de Benjamim significaria a morte de Jacó. Ele não seria capaz de resistir a tal golpe. Em conseqüência, recusava-se, absolutamente, a deixar Benjamim ir ao Egito. Todavia, a fome ia apertando mais e mais. E Judá tomou sobre si a responsabilidade de convencer Jacó. E Jacó acabou cedendo, devido ao peso da necessidade.

Uma nova calamidade ameaçava agora o idoso patriarca. A sua parcialidade paterna, que antes privilegiara José, depois fora transferida para Benjamim. As tragédias feriam precisamente onde repousava o seu favoritismo. Quando Jacó estava em companhia de Labão, sua principal preocupação era como tornar-se cada vez mais rico, mediante um trabalho árduo. Aos poucos, ele fora elevando os seus valores. Agora, seus filhos eram o seu mundo.

Com tristeza à sepultura. No hebraico, *sheol* (ver a respeito no *Dicionário*, e também comentários adicionais em Gên. 37.35). O *sheol* envolve uma longa história de *desenvolvimento* teológico, como, de resto, acontece com a maioria das doutrinas da Bíblia. Dodd fornece-nos uma eloqüente e comovente descrição da cena: "Coisa alguma pode ser mais terna e pitoresca do que as palavras do venerável patriarca. Pleno de afeto por sua amada Raquel, não podia separar-se de Benjamim, o único sinal restante daquele amor perdido, agora que José não mais existia (conforme ele pensava). Quase podemos contemplar o venerável e encanecido pai a pleitear com seus filhos, o amado filho Benjamim de pé ao seu lado, todos de fisionomia conturbada, diante da ânsia e do amor de Jacó, o que nos enche de dó. É difícil encontrar em qualquer autor, antigo ou moderno, uma descrição mais comovente".

José havia sido dado como perdido fazia vinte e dois anos. Para Jacó, entretanto, parece que tudo tinha sucedido no dia anterior.

Deus se move de forma misteriosa
Para realizar as suas maravilhas.
Implanta seus passos no mar,
E cavalga por cima do tufão.

A incredulidade cega sempre erra,
E examina sua obra em vão;
Deus é o seu próprio intérprete,
E deixará tudo bem claro!

(William Cowper)

Capítulo Quarenta e Três

Os Irmãos de José Retornam ao Egito (43.1-34)

Os críticos atribuem este capítulo a uma combinação das fontes *J* e *E*. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Presumivelmente o material da fonte *J* contava apenas uma viagem mais simples dos filhos de Jacó ao Egito. Mas uma adição editorial, *E*, de acordo com esse ponto de vista, teria acrescentado outra viagem, mais comovente. Os eruditos conservadores, porém, não vêem motivos para duvidar das duas viagens, mesmo que tenha havido combinação de fontes informativas. Seja como for, temos diante de nós uma notável peça de literatura, tão verossímel à experiência humana, tão plena de poder e emoção. Ainda recentemente, recebi uma carta de um notável pregador que me informava que a história de José é a sua passagem bíblica favorita, e até sentia alguma "inveja" de mim, porque eu tenho tido este privilégio de fazer uma exposição dela, ao mesmo tempo em que ele tem que permanecer ocupado em seus muitos deveres pastorais. A narrativa não nos permite esquecer a providência de Deus, sobre a qual escrevi um detalhado artigo, no *Dicionário*. O poder de Deus manifesta-se na história; sobrevieram dificuldades, mas a vitória, finalmente, se impôs.

Teu toque tem ainda o poder antigo,
Nenhuma palavra tua cai por terra inútil;
Ouve, nesta solene hora da noite,
E, em tua compaixão, cura-nos a todos.

(Henry Twell, um hino, *At Even, When the Sun is Set*)

"A fome prosseguia, e a família de Jacó precisava conseguir mais cereal. Dessa vez, sem embargo, Benjamim precisava ir ao Egito em companhia de seus outros

irmãos. Judá tinha relembrado a Jacó que, sem Benjamim, o homem forte do Egito negar-se-ia a recebê-los. Como é claro, Jacó relutava. Sua reprimenda ('Por que me fizestes este mal, dando a saber àquele homem que tínheis outro homem?') foi apenas uma tentativa para escapar da decisão que teria de tomar. Era-lhe *forçoso* liberar a Benjamim, para que seus filhos pudessem voltar ao Egito" (Allen P. Ross, *in loc.*). Às vezes não há opções quanto a uma decisão que devemos tomar. As vezes, todas as alternativas são difíceis. Contudo, Deus estava com Jacó e sua família, e nenhum dano definitivo os atingiria. Bem pelo contrário, havia um abundante suprimento divino que os esperava na *Nova Terra*. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

43.1

A fome. Prossegue o drama iniciado no capítulo quarenta e dois. Uma segunda viagem era necessária; os suprimentos da primeira viagem tinham-se esgotado; Simeão continuava preso; José continuava esperando pela volta de seus irmãos, com Benjamim, seu irmão de pai e mãe.

43.2

Voltai. Não nos é dito por que a grande ansiedade de Jacó acerca de Simeão não fê-lo ordenar que seus filhos voltassem antes ao Egito. Simeão ficara detido no Egito (vss. 16,24). A ameaça da fome fê-lo exortar seus filhos a que descessem de novo ao Egito. Mas não levassem Benjamim. Havia muitos filhos, netos e servos — uma verdadeira comunidade, para nada dizermos quanto aos animais. A sobrevivência tornara-se o principal problema da vida.

43.3

Judá lhe respondeu. Ele tomou o lugar de Rúben como porta-voz (ver 42.7 ss.). Seu argumento foi que deveriam obedecer prontamente ao homem forte do Egito, e Benjamim deveria ir também. Sem ele, a viagem seria inútil. Rúben havia sido repelido fortemente. Talvez Judá tivesse melhor êxito diante de Jacó, adiciona aqui a Septuaginta, acerca de José, "o senhor da terra". Mas não havia como contornar a exigência dele. Sua vontade precisava ser obedecida, se a viagem tivesse de alcançar sucesso.

43.4

Se resolveres enviar conosco. Mas somente se Jacó cedesse, permitindo que Benjamim fosse também com os outros. Nenhum dos irmãos iria ao Egito, a menos que essa condição fosse atendida. Agora, Judá mostrava-se tão obstinado quanto Jacó. Para que desperdiçar tempo, energias e dinheiro, e passar pelas agruras da viagem, em um projeto inútil? Dispunham-se a fazer um grande sacrifício, mas não de forma estúpida.

43.5

Se, porém. . . não desceremos. Eles não obedeceriam a seu pai. Há ocasiões em que a dureza tem de ser enfrentada com dureza. Obstinação contra obstinação. Algumas vezes, essa é a única decisão cabível, capaz de produzir bom resultado. Até onde Judá entendia, a viagem seria perigosa. Eles tinham sido acusados de ser espiões. Voltar para buscar suprimentos mas não levar o irmão caçula seria tido como má-fé e uma virtual confissão de que eram espiões, que preparavam o caminho para alguma invasão estrangeira.

43.6

Dando a saber àquele homem. . .? Este versículo é extremamente humano. Fazemos coisas que, *ao depois*, vemos que não deveríamos ter feito. Alguém já disse: "Olhar para o passado é melhor do que olhar para o futuro". Exigimos de outras pessoas mais do que elas podem fazer. Diante de maus resultados, esperamos de outras pessoas (tarde demais) uma sabedoria que não poderiam ter exercido no momento em que agiram. Como os irmãos de Jacó poderiam ter esperado qualquer resultado adverso ao dizerem ao homem forte do Egito que eles tinham um irmão menor, que havia ficado em casa? Tinham apresentado o *sábio* argumento de que *todos* eles eram filhos de um mesmo homem, eliminando assim toda a possibilidade de serem espiões enviados por algum rei estrangeiro. Nenhum rei enviaria todos os seus filhos a outro país, como espiões, mormente em uma missão perigosa. Um rei teria outras pessoas de confiança para enviar. E também não enviaria dez homens de uma vez, mas no máximo dois espiões peritos.

43.7

A Família Fora Vasculhada. Os filhos de Jacó haviam feito o que tinham sido forçados a fazer. O homem forte do Egito mostrara-se curioso quanto a tudo. Havia feito perguntas muito bem colocadas, pedindo informações. Responderam de acordo com essas perguntas, e não havia como antecipar que ele diria para trazerem o irmão caçula da próxima vez. As *disputas de família* usualmente são tão tolas como essa troca de exclamações. O trecho de Gên. 42.13 parece indicar que tinham dado voluntariamente essa informações, e não mediante perguntas cruzadas. Mas o autor sacro não se preocupou em contar duas vezes a história exatamente do mesmo modo, com o que desagradou aos modernos harmonizadores.

Informações sobre as Condições de Vida e sobre a Parentela. Eles tinham sido interrogados quanto a eles mesmos, incluindo seu lugar de nascimento, seus laços de parentesco etc. (Gên. 12.1; 24.4,7; 31.3). Eles não faziam idéia de que o homem forte do Egito estava pedindo informações sobre a sua *própria família*. Na verdade, ele estava perguntando: "Como vão as coisas lá em casa?". Ele já estava fora de casa fazia vinte e dois anos, e essas informações eram importantíssimas para ele.

Os irmãos de José não poderiam ter previsto que uma informação sobre seu irmão caçula daria tanta dor de cabeça. Algumas vezes, os pais exigem coisas impossíveis da parte de seus filhos.

43.8

Judá Assume a Responsabilidade. Há um ditado popular que diz: "Estar contigo é o mesmo que estares comigo". E com isso querem alguns dizer que podemos confiar em *algumas* pessoas tanto quanto em nossos pais. Judá seria pessoalmente responsável diante de Jacó, pois agiria com Benjamim como se fosse o seu próprio pai.

Envia o jovem comigo. Benjamim, por esse tempo, teria cerca de trinta anos de idade. O termo hebraico para "jovem" aplicava-se a uma pessoa de até trinta anos de idade. Esse termo mostra que Benjamim não era nenhuma criança; já era um adulto jovem. O termo hebraico para "jovem" envolvia certo sentido afetivo. Essa palavra hebraica foi usada para indicar tanto Rebeca (Gên. 24.16) quanto Siquém (Gên. 34.19).

Filhos favoritos costumam ser considerados crianças mais do que o normal. Assim, os pais podem referir-se a um filho adolescente chamando-o de "nosso bebê", por se terem acostumado a chamá-lo assim por muito tempo. E assim, ele permanece um *bebê* por mais tempo do que deveria. O trecho de Gên. 46.21 informa-nos acerca dos filhos de Benjamim; mas não sabemos se isso se refere ao tempo em que ele foi para o Egito, ou se já foi ali que eles nasceram. Adam Clarke pensa que, nessa época, Benjamim teria vinte e quatro anos. John Gill calculava trinta e dois, porque seria sete anos mais novo que José, o qual agora teria cerca de trinta e nove anos de idade. Para computar a idade de Benjamim, examinar as seguintes passagens do Gênesis: 30.22; 31.41; 35.18; 38.2; 41.46,53,54 e 50.6.

Pelo Bem de Todos. Benjamim seria, indiretamente, o salvador da família inteira, incluindo os *pequeninos* da casa de Jacó.

43.9

A Garantia Seria o Próprio Judá. Este cuidaria de modo especial do jovem Benjamim, em vista da grande preocupação com que Jacó ficaria. Se algo de ruim sucedesse a Benjamim, Judá seria o culpado disso *para sempre*. Não é grande o consolo podermos culpar alguém em tempos de tragédia, mas Judá nada mais tinha que oferecer além disso. É verdade que ele não haveria de querer arcar com tal culpa, especialmente se fosse "para sempre", o que significa que seria super cauteloso. Rúben havia-se apresentado como fiador de Benjamim, em troca de seus próprios filhos (Gên. 42.37). Agora, a garantia dada por Judá, sob a pressão do momento, embora enfática, quase nada significava.

43.10

Quanto Tempo Perdido! Os filhos de Jacó já haviam perdido muito tempo precioso. Simeão mofava na prisão (vss. 16 e 24). E coisa alguma se ganhara com o adiamento. Já poderiam ter feito a segunda viagem e estar de volta, missão cumprida. O tempo é um de nossos mais preciosos bens. Dentro do tempo, podemos fazer coisas importantes para nossa vida e nosso destino. O tempo é sempre tão escasso, tão precioso. Por isso, não devemos dilapidá-lo. Todas as pessoas, contudo, precisam de algum tempo de lazer, a fim de reconquistar energias perdidas, mas ninguém tem o direito de entregar-se ao ócio.

> *O ócio é o refúgio das mentes débeis, como também o feriado dos idiotas.*
>
> (Lord Chesterfield)

> *Na civilização não há lugar para o ocioso. Nenhum de nós tem direito ao lazer.*
>
> (Henry Ford)

Vai ter com a formiga, ó preguiçoso, considera os seus caminhos, e sê sábio.

(Provérbios. 6.6)

Amas a vida? Então não desperdices o tempo, pois a vida é feita desse estofo.

(Benjamim Franklin)

Faz uso do teu tempo, não deixes escapar a oportunidade.

(William Shakespeare)

43.11

Levai de presente a esse homem. Jacó acabou cedendo à exigência e ao bom senso. E providenciou um *presente* para ser oferecido ao homem forte do Egito, procurando suavizar um pouco o seu coração. Como é óbvio, o primeiro-ministro do Egito de nada carecia. De fato, ele era o provedor de populações inteiras ao redor. No entanto, gestos de gentileza têm o seu lugar e podem exercer um poderoso efeito. Por certo, não precisamos comprar a bondade de Deus. Mas os homens são diferentes de Deus. Jacó talvez não pudesse subornar o homem forte do Egito, mas talvez agradá-lo e suavizar um pouco a sua atitude. A compaixão de Deus é expressa muito antes de ao menos Lhe pedirmos; mas a compaixão humana, às vezes, pode ser cultivada.

Busquei ao Senhor, e depois entendi:
Ele moveu minha alma para buscá-Lo, buscando-me.

(Autor desconhecido)

Mas a compaixão humana usualmente não antecede os nossos pedidos.

Um Presente. Jacó enviava o *melhor* que havia na terra de Canaã. Há notas a respeito no vs. 26.

Bálsamo. Ver o artigo detalhado com esse nome no *Dicionário.* O bálsamo era uma resina, uma espécie de goma produzida por certas árvores (Jer. 8.22). A região de Gileade era especialmente abundante em substâncias dessa natureza, as quais eram usadas na perfumaria e como medicamento. O citado artigo descreve várias dessas substâncias.

Mel. Ver o artigo detalhado com esse nome no *Dicionário.* A Palestina dispunha de abundante suprimento de mel dos campos. A Palestina era conhecida como a terra que manava "leite e mel" (Jos. 5.6).

Arômatas. Temos aqui uma alusão ao *estoraque,* ou outra goma similar, usada principalmente na perfumaria. Plínio diz que a Judéia produzia excelentes especiarias e plantas aromáticas. O Targum de Jarchi, porém, diz que aqui está em pauta a *cera de abelhas.*

Mirra. Ver o artigo detalhado com esse nome no *Dicionário.* Temos aqui um líquido que gotejava de uma árvore. Essa árvore é pequena, um arbusto espinhento que produz pequenos frutos, uma exsudação de certas plantas. As substâncias produzidas eram usadas principalmente na perfumaria. Era um dos ingredientes usados no óleo santo das unções (Êxo. 30.23). Foi um dos itens usados na preparação do corpo de Jesus para o Seu sepultamento, segundo se vê em João 19.39.

Nozes de pistácia. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Pistácia* e *Castanhas.* As nozes produzidas na Síria eram as melhores do mundo. Alguns eruditos, porém, preferem pensar aqui em tâmaras, ou, então, castanhas do terebinto. Seja como for, está em pauta alguma coisa boa de comer.

Amêndoas. Ver as notas em Gên. 30.37 sobre esse produto, sob o título *Aveleira.* Na terra de Canaã havia amêndoas excelentes.

Os produtos enviados, embora não fossem nativos do Egito, eram produtos largamente importados. José facilmente teria acesso a eles. No entanto, o *presente* seria bem apreciado.

43.12

Dinheiro em dobro. Alguns pensam que isso incluía aquele que tinha sido (surpreendentemente) devolvido (Gên. 42.27). E haveria igual quantia que também seria enviada. Mas há estudiosos que pensam que temos aqui somente uma *segunda soma* em dinheiro, suficiente para pagar os suprimentos comprados nessa segunda viagem. Porém, se os filhos de Jacó quisessem realmente agradar ao homem forte do Egito, então deveriam devolver-lhe o dinheiro referente à primeira compra, que fora posta na saca de cada um dos irmãos de José, ao retornarem à Palestina. E o vs. 22 mostra-nos que eles tentaram devolver esse dinheiro.

Naturalmente, não devemos pensar que esse dinheiro tivesse a forma de moedas, e, sim, de prata sob a forma de pó ou de lingotes. O versículo mostra que a "devolução" do dinheiro fazia parte do plano, no caso de ter sido posto nas sacas por "equívoco", ou seja, acidentalmente.

43.13

Levai também vosso irmão. Esse era o item mais precioso, o qual José receberia com maior alegria e senso de gratidão. Os valores mais preciosos são os próprios membros de uma família, diante dos quais todas as coisas materiais são reputadas como nada. No entanto, há homens que sacrificam seus familiares por amor a algum ganho material. Há homens que negligenciam suas famílias por causa de suas carreiras profissionais ou de algo que lhes dê prazer. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Família.*

43.14

Deus Todo-poderoso vos dê misericórdia. Em nosso desespero, deixamos tudo nas mãos de Deus, em oração, quando as coisas se tornam descontroláveis para nós, e faltam-nos recursos próprios. O nome divino aqui usado é *El Shaddai.* Ver no *Dicionário* sobre esse nome, que é um artigo detalhado. Ver também as notas sobre Gên. 17.1, onde esse é o nome divino usado em uma das reiterações do *Pacto Abraâmico,* e onde dou informações adicionais. Esse nome reaparece quando Deus confirmou esse pacto com Jacó (Gên. 28.3). Ver as notas em Gên. 15.18 sobre esse pacto. Deus é "todo suficiente", e haveria de exibir Suas ternas misericórdias e uma viagem segura aos filhos de Jacó. Ele não perderia o seu amado filho caçula, Benjamim.

Sem filhos ficarei. *Deus,* "em cujas mãos está o coração de todos os homens, reis, príncipes, governadores, e até daqueles que são mais cruéis e empedernidos, violentos e severos" (John Gill, *in loc.*). Ele é quem cuidaria dos filhos de Jacó, nessa sua segunda viagem ao Egito.

Feliz aquele que em modesta lida,
Isento da ambição.e da miséria,
No regaço do amor e da virtude
A vida passa. Mais feliz ainda
Se, das turbas ruidosas afastado,
À sombra do carvalho, entre os que adora,
Sente a existência deslizar tranqüila,
Como as águas serenas do ribeiro;
Mas que digo! Nem esse, infindos males,
Comuns a todos, seu viver não poupam.

(Soares de Passos, Portugal)

43.15

Este versículo salta por cima de muitos pormenores da viagem. Eles partiram, levando consigo os presentes; e, uma vez mais, apresentaram-se a José. Benjamim estava bem; todos estavam bem; tudo tinha corrido bem. Quando dizemos que uma viagem "não teve novidades", queremos dizer que nada houve de especial, de bom ou de mau.

José e Benjamim Encontram-se (43.16-34)

43.16

Vendo José a Benjamim. Por muitas vezes, quando os membros de nossa família têm estado separados, por causa de nosso "pingue-pongue" internacional, temos sentido saudades, depois de meses sem nos vermos. Em aeroportos temos nos visto pela última vez; em aeroportos temos esperado por eles. E então, *ei-los ali.* E nosso coração salta de alegria. O maior sacrifício que um missionário enfrenta é quando se vê separado de membros de sua família. *José viu a Benjamim.* Fazia cerca de vinte e dois anos desde que o tinha visto pela última vez, quando ele estava com cerca de dez anos de idade. E embora agora já estivesse com cerca de trinta e dois anos, José não teve dificuldade em reconhecê-lo. *José avistou Benjamim.* Foi um momento preciosíssimo. Os maiores valores são os que envolvem a família. José, pois, ordenou que se preparasse um banquete de recepção. Geralmente celebramos em torno de mesas servidas regiamente. Vamos a algum restaurante caro. Ou vamos ao lar de nossos filhos, e eles preparam alguma refeição especial. O coração sente-se jubiloso, e os diálogos fluem com facilidade. Estamos de novo reunidos. Um por todos e todos por um. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Nessas ocasiões, nenhum dos membros da família é negligenciado, o círculo traçado pelo amor é amplo o bastante para acolher a cada um. Simeão foi solto da prisão (vs. 24)! Que momento grandioso deve ter sido para ele! — liberto da prisão, novamente unido a seus irmãos, naqueles momentos festivos.

Alguns estudiosos, antigos e modernos, têm declarado que há aqui uma inexatidão no texto, supondo que as classes mais abastadas e a casta sacerdotal seguiam um regime vegetariano. Mas a arqueologia não tem confirmado essa opinião. Os sacerdotes podiam consumir vacas e gansos, embora não carneiro, porco ou peixe. Mas esse banquete não envolvia nenhuma pessoa dessa casta. Faraó tinha seus rebanhos de gado vacum e ovino, sem dúvida também para alimentar-se deles.

43.17,18

Para a casa de José. Os filhos de Jacó foram acolhidos na casa do próprio grande homem do Egito, embora estivessem *temerosos*. Talvez imaginassem que estavam sendo levados a algum ardil ou emboscada. Interpretaram totalmente errado o gesto de gentileza. Estavam sendo levados ali para o bem, e não para o mal, para serem servidos abundantemente, e não para sofrerem privação, para serem alvos de amor, e não de ódio. O problema do dinheiro não lhes saía da mente. Talvez agora fossem acusados de terem-no furtado. Mas na mente de José só se destacava a idéia de reunir-se com seus irmãos. Simeão tinha sido lançado no cárcere, por ocasião da primeira visita deles (Gên. 42.24). Vê-lo *algemado* deve ter sido para todos eles uma experiência traumática. Talvez agora temessem ser algemados como ele o tinha sido, tendo de enfrentar um futuro desconhecido e incerto.

43.19

Mordomo. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre esse ofício. Esse homem não tinha autoridade independente, mas, talvez por ser o homem de maior confiança na casa, por delegação de José, os filhos de Jacó conseguissem influenciá-lo, para que este falasse com José e o tornasse mais favorável. O problema do dinheiro lhes estava perseguindo a mente, pelo que foram diretamente ao ponto, tentando explicar o que havia sucedido (vs. 20 ss.).

43.20

Eles eram apenas hebreus famintos, que procuravam evitar a inanição. Não eram desonestos (o dinheiro reaparecera misteriosamente), nem eram espiões (Gên. 42.9).

"As aflições enviadas por Deus, e sob a Sua direção, têm uma admirável tendência de nos humilhar a alma. Se os homens soubessem quão graciosos são os Seus desígnios, quando envia alguma aflição, jamais haveriam de murmurar contra as dispensações da providência divina" (Adam Clarke, *in loc.*). Esse perceptivo comentário de Adam Clarke também pode ser aplicado até ao julgamento dos perdidos (ver I Ped. 4.6). Grande é o amor de Deus! Que ninguém o diminua! Todos os juízos e aflições mandados por Deus são *remediais*. É isso que devemos esperar do Deus cujo nome é *amor*. Pois a compaixão de Deus é mais vasta que o escopo da mente humana. Ver no *Dicionário* o verbete *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*.

43.21

Este versículo reitera os elementos dos vss. 27 e 28 do capítulo quarenta e dois, onde oferecemos notas expositivas. Ali podemos entender, e aqui nos é dito especificamente, que fora devolvido o peso *total* da prata. Agora eles tinham mais prata, capaz de pagar pela segunda compra de cereais. Isso servia de prova da honestidade deles.

Estalagem. Ver no *Dicionário* o verbete *Hospedaria*.

43.22

Trouxemos também outro dinheiro. Além daquele devolvido, este outro tinha o propósito de pagar por novo suprimento de alimentos. É claro que *alguém* tinha posto o dinheiro anterior nos sacos, mas eles não sabiam quem poderia ter sido. Na ansiedade deles, prestaram um completo relatório do que poderia ter sido algum equívoco ou descuido.

43.23

Paz seja convosco. Não havia *motivo* para temores, mas um coração que se sente culpado aproveita toda oportunidade para sentir-se desassossegado sob quaisquer circunstâncias. Sentiam-se culpados de um grave crime, e isso não permitia que se sentissem em paz. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado com esse título, *Paz*.

O vosso Deus, e o Deus de vosso pai. Temos aqui uma referência clara a *Elohim* ou *Yahweh*, o Deus dos hebreus. O politeísmo eclético dos egípcios talvez tenha incluído até a adoração ao Deus dos hebreus, ao menos no caso de alguns egípcios. É provável, porém, que o autor sagrado tenha querido que entendêssemos que aquele mordomo de José havia sido treinado na fé dos hebreus, talvez até pelo próprio José. Ademais, o texto sagrado dá a entender que José havia informado aquele homem quanto ao caso que envolvia seus irmãos, e que também estava desempenhando um papel na charada. O nome divino aqui usado é *Elohim* (ver no *Dicionário*).

O vosso dinheiro me chegou a mim. Essa informação, dada pelo mordomo, aquietou-os. Ele *sabia* que eles não o tinham furtado; assim, podiam relaxar e esquecer os seus temores. *Deus* cuidara para que houvesse devolução. O agente dessa devolução, *José*, todavia, não foi mencionado. Que o incidente fosse chamado de uma obra divina. Era tudo quanto eles precisavam saber. Era parte dos deveres de um mordomo cuidar de todo dinheiro que entrasse ou saísse da casa.

E lhes trouxe fora a Simeão. Longe de algemá-los também, o longo encarceramento de Simeão subitamente chegou ao fim. Não se sabe dizer qual foi a duração desse aprisionamento, mas deve ter-se passado um tempo considerável, visto que José precisou perguntar deles se seu pai havia falecido entre as duas viagens (vs. 27).

"As palavras do mordomo novamente salientaram o motivo fundamental do relato: as operações da providência divina" *(Oxford Annotated Bible)*. Ver no *Dicionário* o verbete *Providência de Deus*.

Isso aliviou a mente preocupada dos irmãos de José. Diz um antigo hino: "Trazei vossas cargas até a cruz, e deixai-as ali". José estava aplicando a lei do amor, a qual expele o medo (I João 4.18). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Amor*.

43.24

Todas as providências foram tomadas em favor dos recém-chegados irmãos de José. O mordomo cuidou deles: deu-lhes água para matar-lhes a sede; seus pés foram lavados; os animais receberam provisões. Tudo isso fazia parte da hospitalidade oriental. Ver no *Dicionário* o artigo *Hospitalidade*. "Usualmente, isso era feito nos países orientais depois de uma viagem, ou quando alguém ia receber uma refeição, visando tanto ao refrigério quanto à higiene" (John Gill, *in loc.*).

43.25

Agora, satisfeitos, eles podiam apresentar as dádivas que tinham sido enviadas a José. Se o homem forte do Egito nutrisse más intenções contra eles, ou qualquer desejo de fazer-lhes o mal, por certo não se teria dado ao trabalho de mostrar-se tão acolhedor para com eles.

O presente. Esse já havia sido descrito com pormenores em Gên. 43.11 (onde ver as notas expositivas).

Ao meio-dia. Isso também fora dito no vs. 16. Nos países do Oriente, esse era o horário da principal refeição do dia, embora os romanos preferissem tomá-la ao cair da noite. Aquele versículo (16) também mostra que José havia dado ordens para que seus irmãos fossem convidados para a suntuosa refeição do meio-dia; mas talvez por ter falado em egípcio, não havia sido entendido. Alguém lhes transmitira o recado. "Os direitos de hospitalidade eram por demais sagrados para permitir que um convidado fosse tratado com perfídia" (Ellicott, *in loc.*). Em conseqüência, maravilha das maravilhas, o homem forte do Egito os tinha convidado para participarem daquela honrosa ocasião, ainda que, por enquanto, eles só pudessem ver tudo aquilo como um tremendo mistério. Misteriosa, igualmente, é a graça de Deus, que recolhe todos os pecadores penitentes em Sua Grande Casa, a fim de festejarem juntamente com Ele. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Graça*.

Maravilhosa graça de nosso amoroso Senhor,
Graça que ultrapassa nosso pecado e culpa. . .

(Julia Johnson)

43.26

Trouxeram-lhe para dentro o presente. Ele já era o *benfeitor* deles, e havena de sê-lo ainda mais. Assim, pois, a graça de Deus demanda a nossa lealdade, o nosso serviço e o nosso amor. Devolvemos aquilo que podemos. A graça nos inspira às boas obras (Efé. 2.10); e, quando servimos ao próximo, servimos ao Senhor (Mat. 25.36 ss.). Notemos que eles presentearam com o José do melhor que havia na terra de Canaã (vs. 11).

Dê de seu melhor ao Mestre,
Dê de sua força e de sua juventude.
Lance o ardor radiante e fresco de sua alma
Na batalha pela verdade.

Jesus deu o exemplo;
Ele não tinha medo.
Era jovem e corajoso;
Dê-lhe sua devoção leal.
Dê-lhe o melhor de si.

(Sra. Charles Barnard)

E prostraram-se perante ele. Encostando o rosto em terra, cumprindo assim os sonhos proféticos que José tivera talvez vinte e quatro anos atrás. Ver Gên. 37.5-9. Cf. Gên. 42.6.

43.27

O fato de que José sentiu necessidade de indagar de novo acerca de seu pai, por ocasião desta segunda viagem de seus irmãos ao Egito, mostra-nos que se passara algum tempo entre a primeira e esta segunda viagem, pelo menos o bastante para José pensar que ele poderia ter morrido entre uma e outra. Na época, Jacó tinha cerca de cento e trinta e dois anos de idade. Ele haveria de viver até os cento e quarenta e sete anos (Gên. 47.28).

43.28

Jacó continuava vivo, e só faleceria dentro de mais quinze anos, no Egito. E assim a nação de Israel haveria de desenvolver-se nesse país, até que surgisse Moisés (cerca de quatrocentos anos mais tarde), ou algo acima de duzentos anos, de acordo com a Septuaginta, para libertar Israel da servidão e conduzir a nação às fronteiras da terra de Canaã. Ver Gên. 15.13. Os filhos de Israel só serviram, realmente, como escravos, no Egito, por cerca de duzentos e quinze anos, e a Septuaginta deixa-se influenciar por esse fato, em seu cômputo do tempo.

E abaixaram a cabeça, e prostraram-se. Essa foi a segunda vez que o fizeram, em pouco tempo. Ver Gên. 43.26.

43.29

Identificação de Benjamim. Embora Benjamim tivesse apenas cerca de dez anos quando fora visto pela última vez por José, ao que tudo indica, agora José pôde reconhecê-lo prontamente. Mas para certificar-se, fez a indagação, e a identificação lhe foi confirmada. "Este é Benjamim". Imediatamente, José proferiu uma bênção paternal sobre o rapaz. Ele chamou Benjamim de *filho*, como um superior faria a um inferior, de acordo com os antigos costumes orientais, embora isso não envolvesse nenhuma relação de sangue. Na época, Benjamim teria cerca de trinta e dois anos de idade.

43.30

Um Coração Extremamente Comovido. José sentiu profundo amor por seu irmão de pai e mãe, Benjamim, deixando-se vencer pela emoção. Sabendo que não poderia evitar o choro, ausentou-se do salão, a fim de não ser visto nem ouvido. O homem forte do Egito a chorar diante dos humildes hebreus, sem dúvida teria sido uma cena estranha. José geralmente tinha ataques de choro ao ver-se tomado por profunda emoção. Ver Gên. 42.24; 45.2,14 e 50.1,17.

43.31

Depois lavou o rosto. A fim de reduzir o aspecto congestionado e mostrar-se bem-arrumado, a fim de que a farsa pudesse ter prosseguimento. Lágrimas podem ser vertidas quando estamos tristes, ou quando estamos alegres. Pelo menos José estava de novo em companhia de seus irmãos, após uma espera de cerca de vinte e quatro anos. Seu objetivo, que era unificar sua família no Egito, estava prestes a realizar-se.

43.32

Separação. Os hebreus ficaram sentados em um lugar; e os egípcios em outro lugar. O autor mostra que os egípcios tinham um complexo de superioridade, pensando que estaria abaixo de sua dignidade comer com os humildes nômades hebreus da terra de Canaã. Mas é difícil ver como isso poderia estar sucedendo *ali*, pois o primeiro-ministro estava à mesa junto com os humildes. Por outro lado, José permitiu que as *convenções* prevalecessem, embora entre os dois grupos não houvesse animosidade. Alguns eruditos pensam que a separação devia-se à exaltada posição de José, e não porque os hebreus fossem desprezados. Outros lançam a culpa sobre o tipo de alimentação, pensando que os egípcios não comeriam as mesmas coisas que os hebreus consumiam. Ver o último parágrafo das notas sobre o vs. 16, quanto à questão.

Não dispomos de referência literária antiga alusiva a alguma desafeição entre os hebreus e os egípcios, mas Heródoto frisa uma clara aversão entre os egípcios e os gregos. ". . .nenhum egípcio, homem ou mulher, beijaria um grego na boca, nem usaria faca ou espeto, ou seja, uma faca que um grego tivesse usado para cortar qualquer coisa, ou espeto com que tivesse assado carne, ou vaso em que tivesse cozinhado algo, nem provaria da carne de um boi que tivesse sido cortada com a faca de um grego". Ademais, nem ao menos conversaria com uma pessoa de diferente fé religiosa (*Chaeremon* apud Porçhry, *de abstinentia*, o. 4, sec. 6). Se os egípcios tinham tais sentimentos sobre os gregos, é provável que também os transferissem aos hebreus. Mas é impossível dizer até que ponto os egípcios mostrar-se-iam inflexíveis quanto a isso. "As leis de pureza ritual requeriam que os egípcios se separassem dos estrangeiros" (*Oxford Annotated Bible*).

43.33

A Ordem Cronológica. José ia tirando surpresas do bolso, enquanto continuava em sua charada. Conhecendo seus irmãos e suas idades, ele fê-los sentar-se à mesa em ordem cronológica, do mais velho para o mais novo. Seus irmãos não demoraram a perceber o feito, e lançaram olhares nervosos uns para os outros. Outro mistério para deixá-los atônitos.

E assentaram-se. "Nos monumentos, os egípcios sempre aparecem sentados para tomar suas refeições. Quanto ao costume dos hebreus, ver Gên. 27.19. Os irmãos, ao verem-se colocados segundo sua ordem de idade, devem ter pensado que José possuía o poder da adivinhação, sobretudo quanto à *devida precedência*, uma questão da maior importância no Oriente" (Ellicott, *in loc.*).

E assim, ali estavam onze irmãos, sentados em fileira, segundo a ordem descendente de idade. Rúben em um dos extremos, e Benjamim no outro extremo. Não havia como isso possa ter ocorrido por mero acidente.

43.34

A porção de Benjamim. Este recebeu cinco vezes mais que os demais irmãos de José, o que era uma imensa parcialidade. Benjamim era o convidado de honra da ocasião. Todos os corações estavam leves; as nuvens negras, por enquanto, tinham passado. José ainda haveria de testá-los com o copo de prata (Gên. 44.12) — a charada continuaria. Contudo, não havia razão para temores, pelo que celebraram comendo, bebendo e regozijando-se. O ódio os havia separado, mas agora o amor tornava a uni-los. José mostrava maior afeto a Benjamim, mas ainda tinha muita afeição a mostrar pelos demais, de tal modo que ninguém tinha motivo para queixas.

"Na Pérsia, na Arábia e na Índia há várias casas onde se apresentam vários pratos. . . um defronte de cada indivíduo . . . de acordo com a magnificência de cada casa. Esse é o método entre os hindus. Os pratos não são servidos sobre a mesa, mas as porções são enviadas a cada pessoa, pelo dono da festa. . . Grandes homens sempre são servidos por si mesmos. . . e com maiores porções" (Sir John Chardin).

Ver em Gênesis 35 18 quanto a Benjamim como um tipo simbólico de Cristo.

Capítulo Quarenta e Quatro

A Família de José no Egito (44.1 — 47.31)

Benjamim em Aparente Perigo (44.1-34)

Os críticos atribuem este capítulo a uma mistura das fontes *J* e *E*. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D P.(S.)*, quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

José submeteu seus irmãos a um teste final, antes de revelar-lhes a sua verdadeira identidade. Novamente foi usado o ardil do dinheiro posto de volta em suas sacas. Os críticos vêem isso com muita suspeita, pensando ser altamente improvável que José pudesse usar novamente o truque. Por isso, supõem que a história, tendo sido compilada à base de mais de uma fonte informativa, acabou contendo a duplicação da história sobre o dinheiro devolvido (ver também Gên. 42.27).

Além disso, o precioso copo de prata (mediante o qual José supostamente adivinhava) foi posto no pacote de Benjamim. Assim, José submeteu seus irmãos não só a um grande embaraço, mas também a um teste extremamente duro. Depois de tudo ter chegado a grande harmonia e alegria, e de terem eles comido juntos um grande banquete, unidos uma vez mais, agora tudo era estragado por

antigos temores e por renovadas ameaças. Eles tinham submetido José a muito desespero e consternação, quando o venderam como escravo ao Egito. Ali ele estivera na prisão e sofrera misérias durante anos. Agora era a vez de eles sofrerem dor, temor e consternação. Mas se José pôde, realmente, ter sentido alguma indignação, não era esse o fato que inspirava os seus atos. Antes, ele os estava disciplinando. Eles não poderiam escapar totalmente livres das conseqüências de seus atos anteriores. Ver no *Dicionário* o artigo *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

Alguns estudiosos pensam que esse teste sondava o quanto eles se importavam com Benjamim, irmão por parte de pai e mãe de José. Se se preocupassem genuinamente com Benjamim, então José poderia perdoá-los por sua anterior falta de interesse por ele mesmo. Era mister sentirem compaixão pelo outro filho de Raquel. Talvez estivesse em jogo a participação deles no Pacto Abraâmico (ver as notas em Gên. 15.18). Deus era poderoso para levantar a nação de Israel usando somente José, deixando os outros irmãos de lado. Fosse como fosse, a repentina ameaça a Benjamim foi como uma lança que lhes tivesse atravessado o coração, e parece que essa era a verdadeira intenção de José. Deveriam ter mostrado tal interesse pessoal por José. Mas, na ocasião, excetuando-se Rúben, o coração deles tinha-se mostrado incapaz de sentir dó de José.

44.1

Esta ordem ao mordomo. Ver sobre ele em Gên. 43.19.

Enche de mantimento. Eles foram regiamente servidos. Assim, por um lado, José certificou-se de que todas as necessidades deles seriam supridas; e, por outro lado, armou para eles uma nova armadilha, que os submeteria a um teste final. Comentei sobre a natureza desse teste na introdução a este capítulo.

O dinheiro. Ou seja, a prata que eles tinham pago pelo cereal. Ver Gên. 42.27 quanto ao mesmo truque no tocante à sua anterior viagem ao Egito. Ver a introdução a este capítulo quanto a essa questão.

44.2

O meu copo de prata. Há notas sobre esse objeto no vs. 5 deste capítulo. Não era apenas um copo de beber e um objeto caro, por ser feito de prata, mas também uma de suas "coisas favoritas", conforme diz uma canção popular. E, acima de tudo, um instrumento de adivinhação. Era um objeto muito valioso para ser furtado. Por isso mesmo, foi deixado no saco de Benjamim, para causar profunda consternação. "Benjamim furtou o copo de prata! E terá de pagar por esse crime!" José estava testando o interesse de seus irmãos por Benjamim, seu irmão de pai e mãe. Eles não se tinham preocupado com José. Preocupar-se-iam com Benjamim? Nesse caso, estariam fazendo reparação por seus antigos pecados. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Reparação (Restituição)*. Isso será sempre um fator importante no arrependimento. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Arrependimento*.

Talvez José tivesse tido uma segunda intenção. Ele deteria Benjamim no Egito tal como fizera antes com Simeão, até que Jacó descesse ao Egito. Mas se isso fora sua intenção, o plano foi impedido quando Judá argumentou e se ofereceu para ficar como escravo de José (ver os vss. 16 ss., mormente o vs. 33).

44.3

Puseram pé na estrada *cedo pela manhã*, o que é conveniente para jornadear, quando o coração está leve, sentindo que a missão deles havia sido bem-sucedida. Mas sua paz e júbilo em pouco tempo seriam despedaçados, no desdobramento da charada armada por José.

44.4

Cidade. Não nos é dito que cidade teria sido essa, pelo que só nos resta imaginar. Alguns pensam em Tânis, a *Zoã* das Escrituras. Ver o artigo detalhado sobre esse lugar, no *Dicionário*. Nesse caso, a viagem de volta cobriria cerca de quinhentos e sessenta quilômetros. Zoã tornou-se a capital dos dominadores hicsos do Egito (ver sobre esse povo no *Dicionário*).

E, alcançando-os. José enviou um destacamento atrás de seus irmãos. Seriam apanhados no ato da fuga, com os bens que tinham furtado. Seriam acusados de um ato estúpido, recompensando o bem com o mal. Ficariam atemorizados. Benjamim ficaria detido.

Há uma história similar em torno de *Esopo*. Os habitantes de Delfos puseram uma taça sagrada entre os pertences dele, e ele seguiu viagem, sem de nada desconfiar, na direção de Fócis. Correram atrás dele e o maltrataram. E trataram-no de forma sacrílega, acusando-o de ter "furtado" a taça (*Scholia ad Vespes Aristophanies*, par. 534).

44.5

O Copo das Adivinhações. "Entre os asiáticos, adivinhar por meio de um copo vem prevalecendo desde tempos imemoriais" (Adam Clarke, *in loc.*). Esse autor informa-nos que a prática continuava em seus dias. Não se sabe como as pessoas adivinhavam mediante o uso de um copo. Mas é provável que, uma vez cheios de água ou de outro líquido cristalino, atuassem como cruas bolas de cristal (um método moderno favorito de adivinhação). Ellicott chamou esse instrumento de *taça*, sendo provável que fossem usados tanto copos quanto taças. "Adivinhar com o uso de um copo era comum no Egito, na antiguidade, como uma espécie de *clarividência*, quando o objeto era parcialmente cheio de água, o olhar do adivinho fixo sobre algum ponto, até que atingisse um estado de meio-transe, durante o qual a mente, liberta do controle da razão, passasse a agir como faz nos sonhos. O mesmo efeito pode ser produzido quando se olha atentamente para um globo ou um espelho, ou coisa semelhante. No vs. 15, José afirma que ele praticava essa arte. Embora atualmente usado como uma impostura, há uma base real na clarividência, o que seria inexplicável em uma época não-científica. A piedade e a bondade genuína de José não o elevavam acima das superstições próprias de sua época". Assim, Ellicott referiu-se à questão como algo *natural* e até mesmo explicável em termos científicos, embora isso não tivesse explicação nos dias de José.

O Copo de Adivinhar de José. Possíveis interpretações sobre a natureza desse objeto:

1. Os *céticos* vinculam todas essas práticas, antigas e modernas, à superstição, afirmando que coisa alguma pode, realmente, adivinhar o futuro ou obter informações extra-sensoriais. A história de José apenas refletiria essa superstição.
2. Os *críticos* (de forma inteiramente negativa) dizem-nos que o relato inteiro de José é apenas uma invenção, de modo que certos detalhes, como o copo de adivinhar, não precisam de defesa, explicação ou condenação. Copos de adivinhar são próprios de superstições (uma prática que realmente existiu), mas é inútil tentarmos explicar tais coisas.
3. Os *críticos* (que crêem na autenticidade do relato) criticam José por ter-se envolvido em práticas supersticiosas ou em bruxaria.
4. Os eruditos *ultraconservadores* admitem que havia adivinhação por meio de um copo, mas afirmam que os *egípcios* disseram que José esteve envolvido na prática, embora isso não fosse verdade. Esses ignoram o vs. 16 deste capítulo, onde José mesmo afirma que ele adivinhava com seu copo.
5. Alguns eruditos *conservadores* admitem que havia adivinhação por meio de um copo, e que José a punha em prática porque, como todos os homens, ele também foi produto de sua época (e de seu meio ambiente egípcio), a despeito de suas elevadas realizações espirituais e de sua excelência de caráter.
6. *O Ponto de Vista do Mistério.* "O que esses fatos sugerem? Uma verdade que as cruezas misturadas com ela não deveriam eclipsar, a saber, que existe uma dimensão de mistérios genuínos que jazem fora e em redor de nossa compreensão ordinária. Nas palavras de Hamlet:

> *Há mais coisas no céu e na terra, Horácio,*
> *que são sonhadas em nossa vã filosofia.*
>
> (*Hamlet*, ato I, cena 5).

"As realidades em meio às quais se agita a vida não podem ser limitadas por uma definição rígida. Um senso de admiração é uma fonte da expansão da alma" (Walter Russell Bowie, *in loc.*). Mais adiante, todavia, ele lamentou a exploração de tais coisas, as quais não podem distinguir a verdade de uma *liga crua*.

7. *O Ponto de Vista sobre o Demonismo.* Todos os meios de adivinhação estão envolvidos, de uma forma ou de outra, com propriedades, ritos ou práticas demoníacas. Os conservadores simplesmente negam (contra as indicações do texto) que José pudesse ter-se envolvido em tais coisas. Os céticos insistem em que, se existem coisas como atividades demoníacas, e se essas atividades incluem as práticas adivinhatórias, então José esteve envolvido nelas.
8. *Meu Ponto de Vista.* Não somente José, mas até Israel, posteriormente, estiveram envolvidos em certas formas de adivinhação. Ver no *Dicionário* o artigo *Adivinhação*. Tais coisas, porém, podem ser *naturais*, segundo disse Ellicott. De fato, quase todas as formas de adivinhação, quando não fraudulentas (e há muitas desta categoria), são apenas manipulações dos poderes ocultos mas reais da mente humana. Atribuir o incomum, o estranho e o desconhecido somente aos poderes demoníacos é próprio de mentes desinformadas. Apesar de essas coisas *poderem ser* manipuladas por poderes demoníacos e por pessoas possuídas ou influenciadas por tais poderes, provavelmente a porcentagem maior dessas manifestações (quando são reais; e muitas não o são) consiste em fenômenos naturais. A crescente ciência da parapsicologia muito tem contribuído para elucidar esses fenômenos, ainda que, por enquanto, não

haja certeza quanto ao seu *modus operandi*. Ver meu artigo chamado *Parapsicologia*, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Formas superiores de *misticismo* (ver sobre esse assunto no *Dicionário*) não precisam depender de nenhum objeto físico.

Poderes mentais naturais são uma realidade, e todas as pessoas sonham com o futuro e obtêm outras informações por meios não-sensoriais, apenas com o poder da mente. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sonhos*. Resultados obtidos por meio de bolas de cristal e outros objetos são duvidosos, contendo o que é verdadeiro e o que é falso, o que é sério e o que é trivial; e isso é exatamente o que poderíamos esperar da parte da *mente natural*. De modo geral, podemos dizer que todos os resultados produzidos por tais meios são fracos demais, vacilantes, duvidosos e dificilmente podem ser atribuídos a frutos de elevadas inteligências. O homem espiritual sério apenas perde o seu tempo se der atenção a tais coisas, mesmo que elas sejam apenas naturais. Por outra parte, um homem espiritual e psiquicamente poderoso como o foi José, sem dúvida obterá resultados mais importantes e significativos do que a grande maioria dos homens. José não praticava nenhum mal ao usar esses métodos adivinhatórios; e é uma tolice condená-lo por esse motivo. Os próprios *apóstolos* usaram uma forma crua de adivinhação na escolha de outro *apóstolo*, em substituição a Judas Iscariotes. Ver Atos 1.26. Eles não cometeram nenhum pecado, mas o que fizeram também não foi muito inspirador. Estou imaginando que os apóstolos não demoraram a crescer e deixar para trás métodos como aquele, ao progredirem na sabedoria espiritual. O fato de que os apóstolos de Cristo praticaram certa forma de adivinhação mostra-nos que por certo Israel também assim o fazia, sem condenar tal atividade.

44.6

E lhes falou essas palavras. Os servos de José, tendo alcançado os seus irmãos, assediaram-nos com as palavras que José lhes tinha ordenado dizerem, *como se* eles fossem *ladrões ingratos*.

44.7

Inocência. Os irmãos de José, em sua resposta, declararam-se inocentes. A acusação era destituída de base, mas teriam de enfrentá-la com o coração apertado de temor. Estavam "aterrados diante da acusação que lhes estava sendo feita" (John Gill, *in loc.*).

44.8

Era fato claro que eles tinham *devolvido* o dinheiro que tão misteriosamente tinha aparecido em suas sacas, em sua primeira viagem (cf. Gên. 42.27 e 43.20 ss.), de modo que era impossível que, depois de ter feito isso, agora tivessem coragem de furtar qualquer coisa de dentro da própria casa do homem forte do Egito. Os irmãos de José já tinham dado provas de sua honestidade.

44.9

Aquele dos teus servos. Talvez pudesse ser achado alguém que fizera algo tão condenável. E esse tal, como é lógico, não merecia continuar vivo; e os demais mereciam tornar-se escravos no Egito. Tal declaração foi feita na plena confiança de que nenhum deles seria achado culpado, que a busca nada acharia de furtado entre eles. A morte e a servidão seriam castigos severos demais para o crime de furto, mas eles propuseram para si mesmos a pena máxima para um crime (alegado) relativamente pequeno.

44.10

"Vocês mesmos determinaram as condições do castigo. Mas elas são severas demais. Ficarei satisfeito com um único escravo." Assim José planejara dizer, talvez na esperança de trazer Benjamim de volta a ele, a fim de que Jacó se arriscasse a fazer a viagem de quinhentos e sessenta quilômetros até o Egito (talvez até Zoã; ver o vs. 4). Os inocentes, porém, poderiam seguir viagem. Somente o irmão culpado tornar-se-ia escravo na casa de José.

44.11

Uma Busca Exaustiva. Os enviados de José examinaram as bagagens de cada homem, abrindo tudo, jogando tudo no chão. Isso nos faz lembrar da busca nas coisas de Jacó, por parte de Labão, quando ele procurava seus ídolos do lar (Gên. 31.34 ss.). A astúcia de Raquel é que tinha salvo o dia, mas os irmãos de José não tinham chance de passar limpos nessa busca.

44.12

A busca começou pelo irmão mais velho até chegar ao irmão mais novo. E, boquiabertos, viram quando a boca do saco de Benjamim foi aberta e apareceu o precioso copo de prata do primeiro-ministro. Sem dúvida, o mordomo sabia a ordem de idade deles, com base na maneira como haviam sido colocados à mesa, durante o banquete na casa de José (Gên. 43.33). O próprio mordomo tinha posto o copo de José ali (Gên. 44.2), portanto sabia onde encontrá-lo. Mas iniciou o processo das buscas sucessivas para criar sensação, sabendo que o objeto procurado estava no saco do décimo primeiro homem, Benjamim.

44.13

Então rasgaram as suas vestes. Tal como Jacó havia feito, quando, mentirosamente, lhe tinham informado da morte de José (Gên. 37.34, onde o leitor deve examinar as notas, acerca desse costume). Ver também Jó 1.20. Ver no *Dicionário* o artigo *Vestimentas, Rasgar das*.

Empacotaram tudo de novo e voltaram à *cidade*, provavelmente Zoã (ver as notas no *Dicionário*, como também o vs. 4). Outros estudiosos pensam que essa cidade era Mênfis, que também merece um verbete no *Dicionário*.

O Apelo de Judá; Correção de um Velho Pecado (44.14-34)

O interesse que demonstraram por Benjamim, deveriam ter demonstrado por José. "Não há muitas passagens em prosa, em qualquer literatura, que possa comparar-se em beleza e agudeza com este trecho" (Walter Russell Bowie, *in loc.*).

Homens Pecaminosos Podem Mudar. Os irmãos de José tinham mostrado ser homens bitolados, ciumentos, violentos e vingativos. No entanto, as amargas experiências da vida os tinham transformado para melhor. José os submetera a um severo teste, para que provassem um pouco do remédio amargoso que lhe haviam forçado a tomar. O discurso de Judá refletiu um autêntico arrependimento. Além disso, de forma vicária, isso deu aos irmãos de José uma oportunidade de fazerem reparação. Ver no *Dicionário* o artigo *Reparação (Restituição)*. A maldade que tinham praticado contra José, em seu ódio irracional, fora agora anulada pelo amor que demonstravam ter por Benjamim.

O amor concede em um momento
O que o trabalho não consegue
em uma era.

(Goethe)

". . .havia um ar de grande candura e generosidade por todo o teor desse discurso; os sentimentos são tão ternos e afetuosos, as expressões tão apaixonadas, fluindo tão naturalmente de um coração sincero, que não nos admira que atingiram o coração de José, forçando-o a tirar a sua máscara" (Dodd, *in loc.*).

Adam Clarke ficou tão profundamente impressionado diante desta passagem que pensou que qualquer comentário que fizesse só poderia servir para "destruir a sua influência", pelo que deixou o texto sem nenhum comentário, até o começo do capítulo quarenta e cinco.

44.14

Retornaram à casa de José, e, ao se depararem com ele, imediatamente prostraram-se, rostos em terra, conforme já tinham feito por diversas vezes antes. Ver Gên. 42.6. Os sonhos de José estavam novamente tendo cumprimento. Ver Gên. 37.7,9.

44.15

José explicou: "Vocês foram descobertos por meio de adivinhação". Como é óbvio, isso não era verdade; mas José queria que eles quedassem admirados diante dele. Ele possuía poderes dos quais eles nem desconfiavam, e estavam tratando com um homem como nunca antes haviam encontrado. Ver o vs. 5 deste capítulo, quanto a notas detalhadas sobre o uso de um copo de prata, por parte de José, com propósitos de adivinhação. Este versículo contradiz aqueles eruditos que supõem que José não lançava mão de tais artifícios. No dizer de John Gill (*in loc.*), ". . . um homem tão sagaz e penetrante facilmente poderia conjecturar quem teriam sido as pessoas que tinham furtado o seu copo".

44.16

O Inigualável Apelo de Judá. Esse apelo mostra-nos o quão eloqüentemente os irmãos de José tinham começado a dar valor aos verdadeiros valores da vida. Meus amigos, esses valores residem na vida que é vivida segundo a lei do amor. Essa é a questão mais notável, a prova mesma da espiritualidade (I João 4.7). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Amor*. Sem amor, nada somos (I Cor. 13), mesmo que tenhamos todo conhecimento, que exercitemos dons miraculosos e façamos grandes doações aos pobres, como

se fossem evidências de nossa espiritualidade. Antes, Judá tinha ajudado a vender José a servidão. Agora (vs. 33), ele pedia para ser lançado na prisão a fim de garantir a liberdade de seu irmão caçula, Benjamim. O amor tinha transformado seu coração duro. O trecho de I Pedro 3.8 diz apenas "... sede ... compadecidos...". Esse é outro aspecto da lei do amor. Temos aqui uma espécie de sumário do discurso de Judá. O amor cobre uma multidão de pecados (Tia. 5.20). E a fala de Judá mostra que ele já havia aprendido esse princípio. Deus havia *descoberto* a iniquidade deles acerca de José, mas agora, em Benjamim, esse pecado foi expiado. Eles tinham ignorado os gritos angustiados de José, quando o mandaram cativo para o Egito (Gên. 42.21). Mas agora não queriam mais ouvir gritos de angústia, nem de Benjamim, nem de Jacó. Tinham aprendido a ser compadecidos.

44.17

O homem em cuja mão foi achado o copo. No parecer de José, nenhum inocente seria punido. Somente *o homem* culpado. Esse tornar-se-ia escravo de José. Os outros poderiam voltar para casa. Se José se tivesse mostrado tão duro de coração quanto eles tinham sido no passado, agora seriam todos encarcerados, embora fossem inocentes. Esse fato eles já tinham sido forçados a reconhecer. José estava sondando os sentimentos deles para com Benjamim. Haveriam de abandoná-lo à própria sorte, conforme tinham feito com ele, anos antes?

44.18

Então Judá. Judá começa aqui o seu discurso, que se prolonga até o fim deste capítulo, no vs. 34. Primeiro, ele pede a atenção de um superior, dotado de quase tanta autoridade quanto o próprio Faraó. Judá assumiu a postura de um suplicante. O poder de seu discurso provinha do fato de que ele dizia a *verdade*, e dizia a verdade em *amor*. A verdade e o amor, ligados um ao outro, tornam-se uma força poderosa. Judá terminou seu discurso de forma magnânima, oferecendo-se (embora inocente) para tomar o lugar de seu irmão mais novo. Quão profunda tinha sido a transformação de seu coração! Anos antes, ele havia enviado José, um jovem inocente, ao cativeiro, para logo em seguida comer, tão desinteressado estava pela sorte dele (Gên. 37.25). Todavia, naquela oportunidade, tinha advogado pela vida de José, sugerindo que este fosse vendido como escravo (vs. 26), em vez de ser assassinado.

À verdade e ao amor, Judá juntara a *eloquência*, tendo sido a figura que brilhava naqueles momentos. "Ele mostrou sua verve, revestiu-se de coragem e aproximou-se do governador com grande liberdade e ousadia, e, de maneira eloquente, apresentou a José a sua causa" (John Gill, *in loc.*)

Não se acenda a tua ira. José tinha toda a razão para estar indignado, mas dessa vez tudo era fingido, e não real. E Judá pensou que lhe cumpria controlar-se, embora isso não fosse coisa fácil de fazer.

"... seu longo apelo... acha-se entre as mais excelentes e comoventes de todas as petições" (Allen P. Ross, *in loc.*).

44.19

"O discurso de Judá, uma das peças da mais excelente prosa da antiga tradição israelita, sumariou e sintetizou toda uma sequência de acontecimentos" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

Argumentando com Base em Relações de Família. Os valores mais importantes são os que envolvem a família. Judá lembrou ao homem forte do Egito que ele mesmo indagara sobre os familiares dos irmãos, que tinham ficado na terra de Canaã, e que essa informação lhe havia sido dada. A preciosidade da família, pois, tornou-se a base de seu apelo. Gên. 42.11 e 43.7.

44.20

Temos pai já velho. Jacó estava então com cerca de cento e trinta anos de idade, e, ao que parecia, não lhe restava muito tempo de vida. Mas chegou aos cento e quarenta e sete anos (Gên. 47.9,28).

Um filho da sua velhice. Benjamim nasceu quando Jacó já era homem idoso, mas agora já estava com trinta e dois anos de idade.

Cujo irmão é morto. Judá e seus irmãos pensavam que José não teria sobrevivido à provação a que o tinham forçado. Não o reconheciam porque não o viam fazia vinte e quatro anos.

Só ele ficou de sua mãe. Raquel tivera apenas dois filhos, José e Benjamim. Isso posto, Benjamim seria o único filho restante *daquele* casamento.

Seu pai o ama. Jacó nutria um afeto todo especial por Benjamim, e agora seria um crime privar o idoso homem, de Benjamim, reduzindo este a um escravo. "Quiseste saber sobre a minha família. Considera o que digo e tem misericórdia desta família."

44.21

Trazei-mo. O próprio homem forte do Egito dera a ordem, e eles tinham obedecido e cumprido a sua parte. Ele não havia pedido, havia ordenado. Ele tinha forçado a questão. E eles tinham obedecido, apesar da relutância de Jacó. Judá ignorou o encarceramento de Simeão, não o mencionando. Ver Gên. 42.34 quanto a essa demanda. Eles tinham provado que não eram espiões. E agora, Judá rogava que Benjamim não fosse reduzido à condição de escravo, em face de eles terem provado a sua inocência.

44.22

Se deixar o pai, este morrerá. Esse seria o preço, se Benjamim ficasse retido no Egito. Jacó por certo morreria. A despeito do perigo de que Benjamim pudesse sofrer algum dano, eles tinham obedecido ao homem forte do Egito. Isso deveria valer alguma coisa. Os irmãos de José tinham feito Jacó sofrer, para atenderem José. Portanto, o caso de Benjamim merecia consideração por parte do primeiro-ministro do Egito.

44.23

Se. José impusera uma condição sem alternativa. Mostrara-se adamantino, sem apresentar razões para tanto. Judá e seus irmãos, entretanto, não sabiam que um plano benevolo estava sendo cumprido, que beneficiaria a família inteira de Jacó. Ver Gên. 43.3 quanto a imposição feita por José.

44.24

Não tendo em sua companhia Simeão, que ficara na prisão (o que não foi aqui mencionado por Judá), eles tinham transmitido a Jacó a notícia consternadora. O trecho de Gên. 43.3 ss. registra como essa notícia foi dada. Na ocasião, Judá também tinha sido o porta-voz. De fato, foi ele (depois que Rúben tinha tentado e falhado: ver Gên. 42.37,38) quem finalmente conseguiu convencer Jacó a permitir a volta dos irmãos ao Egito, levando *Benjamim* em sua companhia.

44.25

Voltai. Antes de saber da condição da ida de Benjamim ao Egito, Jacó tinha dito prontamente que seus filhos voltassem ao Egito, em uma segunda viagem. E isso porque a fome era grande e eles precisavam urgentemente de suprimentos (Gên. 43.1,2).

44.26

Um Sine Qua Non. José havia imposto que, sem a presença de Benjamim, os filhos de Jacó não seriam recebidos em uma segunda viagem. Conforme ficara entendido, a presença de Benjamim provaria que não se tratava de espiões, mas que eram de fato filhos de um mesmo homem, que seria agora idoso (Gên. 42.11 ss.). Na verdade, porém, o que José mais queria era rever seu irmão por parte de pai e mãe, por causa do grande amor que lhe votava.

44.27

Minha mulher me deu dois filhos. José e Benjamim, filhos da amada Raquel, eram precisamente aqueles (dentre um total de doze filhos) que o destino mais ameaçava. Primeiro, José foi despedaçado por um animal (segundo Jacó pensava); e agora, Benjamim. Ambos poderiam sofrer alguma sorte igualmente sinistra no Egito. Perder ambos seria mais do que um homem poderia suportar, especialmente um homem idoso, cuja vida já se aproximava do fim. Por Raquel, Jacó tinha trabalhado diligentemente por sete anos. Os dois filhos que tivera com ela eram especiais para Jacó.

José, o Leão. Em uma das fábulas de Esopo, os animais estavam vangloriando-se dos *muitos* filhotes que tinham. A leoa deu um passo à frente para falar e disse: "Tenho apenas um filhote; mas ele é um *leão*". José era o "leão" de Jacó; e, na ausência dele, Benjamim tomou o seu lugar.

44.28

O mal tinha sobrevindo a José, embora não do mesmo tipo que Jacó tinha pensado. Agora, não tendo visto José por vinte e quatro anos, ele o tinha como morto há muito, pois fora enganado por nove de seus filhos mais velhos. Gên.

37.33 ss. Jacó não fazia a menor idéia do que tinha sucedido a José: que tinha sido vendido como escravo; tinha sido conduzido ao Egito; ali chegando, tinha sido encarcerado; e, subseqüentemente, havia sido elevado a posição de imensa autoridade. É triste quando os pais não sabem o que sucede na vida de seus filhos, sem importar o que o destino tenha causado.

Um filho amado se perdera; e recentemente, o homem forte do Egito ameaçara o *outro* filho, Benjamim, que agora era o favorito de seu pai. Nesse detalhe, vemos um apelo à misericórdia.

44.29

Ver Gên. 42.38 quanto a esse apelo. Aquele versículo contém todos os elementos do presente versículo, os quais são ali anotados. O *sheol* (aqui traduzido como "sepultura") cerca ameaçadoramente todos nós. A morte ronda. Mas o ensino bíblico sobre o *sheol-hades* tem um desenvolvimento na Bíblia, como sucede a todas as doutrinas ali ensinadas. Ver o artigo sobre o *sheol* no *Dicionário*, além de notas adicionais em Gên. 37.35. A perda de *um filho* já tinha sido difícil de suportar; a perda de *dois filhos* significaria a morte do idoso homem.

44.30

Visto a sua alma estar ligada com a alma dele. De acordo com Aristóteles, a amizade seriam dois corpos com uma só alma. Assim sucedia entre Jacó e Benjamim. Um jovem teve de agüentar a escravidão, por mais duro que isso fosse; mas o pai do jovem desintegrar-se-ia até o nada. Assim, o argumento de Judá foi o seguinte: "O que fizeres com este jovem automaticamente terá reflexos sobre seu pai, lá onde ele está". Onde manifesta-se um grande amor, aí manifestam-se grandes milagres. Judá estava pleiteando pelo milagre da soltura de Benjamim.

Se queres ser amado, ama.

(Hecato)

44.31

Uma Execução de Família Inteira. Isso ocorreria se Jacó perdesse Benjamim. E isso seria forçado pelo homem forte do Egito mediante sua imposição inarredável. Judá, pois, pedia misericórdia. Ver no *Dicionário* o artigo *Misericórdia (Misericordioso)*. Um homem bom (em que Judá se tinha tornado) não gosta de infligir dor, nem mesmo a um animal, quanto menos a um pai amado. Ensinei a meus filhos a não infligir dor desnecessária a nenhum ser vivo.

44.32

Teu servo se deu por fiador. Judá se apresentara como garantia por Benjamim, e fora a sua argumentação que tinha convencido Jacó a liberar Benjamim para a segunda viagem ao Egito (a quinhentos e sessenta quilômetros de distância). Ver Gênesis 43.9 que contém todos os elementos deste versículo e comentários. O argumento de Judá redundaria em seu oferecimento para tomar o lugar de Benjamim como escravo, a fim de que este pudesse voltar ao seu pai (vs. 33). Nesse caso, Jacó sofreria, mas não tanto; ficaria angustiado, mas talvez de maneira suportável.

44.33

"Fico como escravo. Permite que Benjamim se vá." O argumento de Judá terminou com uma petição relativamente pequena. Ele não pediu liberdade para todos, mas somente para *aquele* cuja detenção causaria incalculável angústia por parte do pai de todos eles. E encerrou tudo com um pedido humilde, que envolvia auto-sacrifício, um dos importantes elementos do viver segundo a lei do amor. No caso de José, Judá havia lançado seu irmão na cisterna, sem mostrar nenhuma piedade, e, então, sentara-se para comer (Gên. 37.25). Em seguida, poupara a vida de José, mas somente para vendê-lo como escravo. Mas tudo isso estava sendo revertido agora.

Assumindo a Própria Responsabilidade a Sério. Judá se dispunha a sacrificar-se a fim de cumprir a responsabilidade que tinha tomado sobre si mesmo, no tocante a Benjamim, diante de Jacó. Seu coração e sua alma estavam envolvidos em sua promessa. Agora ele nada poupava, nem mesmo a si próprio.

Reparação. O arrependimento requer reparação. Judá, em um ato de auto-sacrifício, fez reparação por seu pecado contra José. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Reparação (Restituição)*.

Judá, um Tipo de Cristo. Jesus nasceu através da linhagem Jacó-Lia-Judá. Ver Mat. 1.2. Judá, ao sacrificar a si mesmo com a finalidade de salvar a seu irmão, Benjamim, tornou-se um tipo de Cristo, o qual se sacrificou para salvar a Seus irmãos, ou seja, todos os homens pelos quais Ele morreu (João 3.16; I João 2.2).

44.34

Este versículo brinda-nos com um *sumário minucioso* do discurso inteiro de Judá, terminando com um tom extremamente pungente. O trecho de I Pedro 3.8 encerra as seguintes palavras: ". . .sede. . . compadecidos. . ." Judá, pois, havia aprendido essa importante lição. E o que havia aprendido, agora exibia diante do homem forte do Egito.

". . .separar Benjamim de seu pai, mesmo que somente por algum tempo, seria um ato de extrema crueldade; e, em segundo lugar, seus irmãos receberiam não somente perdão, mas também amor" (Ellicott, *in loc.*). O *amor* acabou sendo vencedor, naquele dia, conforme logo veremos.

Capítulo Quarenta e Cinco

José Revela a Sua Identidade (45.1-28)

Os críticos atribuem esta seção a uma combinação das fontes *J* e *E*. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)*, quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Os vss. 7 e 8 fornecem uma minifilosofia da história: Deus está presente nas atividades dos homens; Deus reverte o mal, fazendo-o redundar em bem; os propósitos de Deus são benévolos. Ver, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, o artigo *Filosofia da História*. A base dessa filosofia é a *Providência de Deus* (que recebe um artigo no *Dicionário* desta obra). A história sobre José no Egito ilustra esse fato de modo soberbo. A Bíblia inteira ensina claramente o *teísmo*, em contraste com o *deísmo*. Ver no *Dicionário* sobre ambos esses termos. Deus não somente criou todas as coisas, mas também envolve-se em todos os aspectos da história humana, coletiva e individualmente. Ele galardoa os bons e castiga os maus.

". . .os irmãos de José, ao vendê-lo aos ismaelitas, *sem querer* estavam cumprindo a vontade de Deus. . . Não obstante, permanece de pé a dificuldade moral de que um ato pecaminoso deliberado aparece como se tivesse sido praticamente causado por Deus" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*). Talvez seja melhor dizer que Deus usa o livre-arbítrio humano (mesmo quando este prefere fazer o que é errado) para o bem, sem destruí-lo, embora não saibamos dizer *como* isso possa acontecer.

"Esta passagem exibe o tema central da narrativa sobre José: os eventos eram dirigidos pela mão de Deus, e não pelos propósitos humanos" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

45.1

Fazei sair todos. José queria revelar-se somente aos seus familiares. Há coisas que pertencem somente ao círculo mais íntimo da família. Todos tiveram de sair da sala, exceto os seus irmãos. Chegara o momento da grande revelação. "Eu sou José!" Grandes lágrimas de alegria rolavam-lhe pelo rosto. Foram intensos momentos de emoção e júbilo. A família estava novamente reunida, em harmonia e amor. Já tinha havido expiação por antigos pecados; estavam estes perdoados e esquecidos. Fora feita *reparação*. Os irmãos de José tinham sido aprovados no teste. O amor que deveriam ter demonstrado por José, pelo menos fora demonstrado por Benjamim.

45.2

Levantou a voz em choro. "Com uma explosão de emoção, José deu-se a conhecer a seus irmãos. Essa foi a terceira das cinco vezes em que chorou com seus irmãos (Gên. 42.24; 43.30; 45.14; 50.17; cf. 50.1). Mas seus irmãos ficaram paralisados de medo, temendo que José ordenasse a morte deles. Nesta passagem, sentimentos fortes e um são espírito de juízo e de argumentação completaram a obra da reconciliação que, até agora, tinha exigido testes severos. Tudo aquilo fora tarefa para um homem sábio" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Os egípcios o ouviam. "Os egípcios que estavam nos aposentos contíguos aquele onde José e seus irmãos estavam, ouviram seu choro em voz alta e muito daquilo que ele dizia; e logo a notícia reverberou até o palácio de Faraó, que talvez ficasse a grande distância" (John Gill, *in loc.*). Ver o vs. 16.

45.3

Ficaram atemorizados perante ele. Desse modo, nem conseguiam responder às perguntas de José acerca de Jacó, se ele ainda vivia ou não. Estavam esperando pelo pior. O homem contra quem tanto haviam abusado, quando ainda era um jovem, com apenas dezessete anos de idade, agora, subitamente, os estava confrontando. Qual dose de misericórdia seria suficiente para aquela conjuntura?

". . .estavam enfrentando algo pior que a punição. Estavam enfrentando a exposição de suas almas diante deles mesmos, uma revelação interior doentia. . . Eram homens culpados, culpados daquele tipo de pecado que ofende a decência mais elementar" (Walter Russell Bowie, *in loc.*).

Na *Odisséia* (I.xvi. ver. 186-288) de Homero há uma cena semelhante:

Sou seu pai, por causa de quem tens levado
uma vida miserável, oprimido pela violência.
Dizendo-o, osculou seu filho, lágrimas em profusão,
Contidas a muito custo, mas inequívocas.
Telêmaco lançou-se ao pescoço do pai, e chorou.
Ondas de tristeza agora invadiam pai e filho.
Ali estavam eles, os rostos congestionados de pranto.

45.4

Chegai-vos a mim. José convidou-os, reassegurando-lhes: "Eu sou José. Sou aquele irmão que vocês venderam. Mas tudo está bem agora. O bem triunfou". Destarte, Deus fez redundar o mal em bem. O odiado sonhador era agora o irmão amado. Com magnânima gentileza, José procurou tranqüilizá-los. Ele os encorajou "de maneira bondosa e terna" (Jarchi). Ele havia perdoado e esquecido, tendo entendido toda a provação por que passara, que redundara em bem. Tratou seus irmãos conforme Deus nos trata, apesar de nossas transgressões e de nossos absurdos, de nossos erros propositados, de nossa arrogância tola. Eles haviam cauterizado a própria consciência. Agora, não mereciam consideração. Mas onde o amor se manifesta, ocorrem grandes milagres.

45.5

Deus me enviou adiante de vós. O Espírito enviara a José de antemão. Seus irmãos também tinham servido de instrumentos, embora não para o bem. Mas em tudo houvera uma missão divinamente determinada. A providência de Deus (ver sobre isso no *Dicionário*) fora a força impulsionadora. Havia a atuação de um poder predestinador. Deus usa o livre-arbítrio humano sem destruí-lo, embora não saibamos *como*. Ver no *Dicionário* os artigos *Determinismo (Predestinação)*; *Predestinação* e *Livre-Arbítrio*.

Mas embora o poder divino estivesse guiando e arranjando as coisas, isso não eximia os irmãos de José de sua responsabilidade moral. É nesse ponto que entra o livre-arbítrio humano, pois, sem este, não poderia haver responsabilidade moral. Quase todas as doutrinas bíblicas têm dois pólos. Assim, temos um Cristo divino-humano; o poder punidor-remediador de todo juízo divino; a predestinação *versus* o livre-arbítrio. Todas essas são verdades que precisam ser entendidas como pólos de verdades maiores, que não foram delineadas. O globo terrestre também tem dois pólos. Saber tudo sobre o pólo sul não nos dá informações sobre o pólo norte. Saber tudo sobre a predestinação não nos dá informações sobre o livre-arbítrio humano. Predestinação e livre-arbítrio são os dois pólos de uma doutrina maior que envolve aquelas, mas sobre a qual nada nos foi dito. As teologias unilaterais ou unipolares, conforme as quisermos chamar, sempre erram, apesar do fato de terem muitos defensores fanáticos. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Polaridade, Princípio da*.

O Propósito Era Benevolente. Os irmãos de José tencionavam destruir a vida, mas o poder de Deus transformou isso em preservação da vida. Assim é a graça de Deus e o poder por trás de *todos* os Seus atos predestinadores. José foi levantado para salvar da fome aquela região do mundo.

A mente nobre anula a ira e mostra-se *anelante*, e não somente pronta, para perdoar e esquecer. Os irmãos de José tinham por intuito destruir a vida; mas Deus reverteu esse curso, salvando não só *uma* vida, mas *muitos milhares* de vidas, através daquela vida. Cf. o caso de Judas Iscariotes, que traiu a Jesus. Ver sobre o vs. 8.

45.6

Dois anos. . . cinco anos. Muita gente ainda teria de ser salva da fome, porque dos sete anos de escassez se tinham passado apenas dois. Nesses dois anos, a *abastada* família de Jacó já tivera de fazer duas viagens ao Egito, em busca de suprimentos. Mas qual seria a situação dos *pobres?* A inanição estava cobrando alto, mas a sabedoria e a previsão de José (mediante a interpretação dos sonhos do Faraó, por parte de José) estavam salvando muitos milhares de vidas. Isso estava sucedendo não somente no Egito, mas também nas nações em redor, visto que o Egito se tinha tornado o armazém de vários povos, com vistas àquela emergência (Gên. 41.57). Os irmãos de José tiveram o seu papel negativo nessa missão salvatícia. Teriam de pagar por isso. Mas pelo menos sabemos que a iniqüidade deles não havia entravado o designio de Deus, mas, antes, fazia parte desse designio.

Ver Gên. 41.1-7 quanto aos sonhos de Faraó e os elementos envolvidos que prediziam os sete anos de fome. O rio Nilo não estava chegando ao nível certo, em tempo de cheia, e as suas várzeas, em decorrência disso, estavam perdendo muito de sua fertilidade. E, excluído o Nilo, grande território em volta consistia apenas em desertos.

45.7

Para vos preservar a vida. José tinha sido enviado ao Egito em missão de misericórdia. Deus o havia mandado até ali (vs. 5); mas o Senhor tinha usado os iníquos irmãos de José como agentes. Uma vez no Egito, José mostrou ser o homem que deveria realizar a tarefa. A *posteridade* seria preservada, apesar do açoite da fome. A vida de todas as gerações subseqüentes estava encerrada na vida dos irmãos de José — conforme José reconheceu aqui.

"Não é impossível que as palavras 'para vos preservar a vida por um grande livramento' aludam não somente à sobrevivência de Jacó e de sua família, diante da fome, mas também apontem para o livramento às margens do mar Vermelho" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*). Os críticos vêem nessa declaração um reflexo histórico do livramento à beira do mar Vermelho, supondo eles que o livro teria sido escrito *após* aquele evento. Os eruditos conservadores, por sua parte, pensam que temos aqui um *indício* daquele acontecimento, embora a referência primária seja à fome no Egito, nos dias de José. Seja como for, *ambos* esses acontecimentos eram necessários para o cumprimento do *Pacto Abraâmico* (ver as notas a respeito em Gên. 15.18), porquanto a nação de Israel viria à existência através da linhagem Abraão-Isaque-Jacó-patriarcas (estes últimos eram José e seus irmãos). Portanto, havia um grande propósito global em operação.

45.8

Não fostes vós. . . e, sim, Deus. Por três vezes (vss. 5,7,8) José repetiu essa mensagem. O propósito e a obra de Deus foram introduzir José no Egito. Por muitas vezes, em seu exílio e sofrimentos, José deve ter-se consolado com essa certeza de fé. Aquele que é espiritual pode ver a mão de Deus atuando em todos os acontecimentos.

... me pôs por pai de Faraó. Parece que temos aqui um título honorífico conferido ao primeiro-ministro, pois seu trabalho, na realidade, era o de um pai, que cuidava de todos os filhos ou súditos do reino, entre os quais Faraó era o irmão mais velho. Ver I Macabeus 11.32. "Os imperadores romanos chamavam de *pais* aos prefeitos do pretório, segundo se vê nas missivas de Constantino a Ablávio. E os *califas* davam a mesma alcunha aos seus primeiros-ministros" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver Juízes 17.10 quanto a algo similar. Ver também Gên. 41.43. José, no ofício de primeiro-ministro, combinava as funções de pai, senhor e governador, tendo-se tornado a segunda maior autoridade do Egito.

Seguindo a Luz. No livro *O Peregrino*, a personagem chamada Cristão recebeu a ordem dada pelo evangelista, de fixar o olhar em uma luz que brilhava a distância. "Fixa teus olhos naquela luz e caminha diretamente para ela. Assim chegarás a um portão. E quando bateres nele, ser-te-á dito o que deverás fazer". Assim também, a providência de Deus pôs uma luz brilhante diante de José; e este, encaminhando-se na direção da luz, cumpriu a missão que Deus lhe dera.

45.9

Desce a mim. Quando Jacó chegasse ao Egito, a sua família estaria toda reunida de novo. O plano que José tinha cultivado com tanto cuidado, mediante vários truques e por uma prolongada charada, que visava a reunir *toda* a sua família no Egito, onde havia abundância de víveres, estava perto de total cumprimento. Uma *terceira viagem* ao Egito era tudo quanto se fazia mister. Dessa vez, Jacó faria a viagem de quinhentos e sessenta quilômetros, e haveria um final feliz para todos. E assim, como nação, Israel desenvolver-se-ia no Egito. E, então, Moisés surgiria em cena como libertador, no tempo certo. Mas esse tempo só chegaria quando os habitantes da terra de Canaã tivessem enchido a taça de sua iniqüidade. E, então, aquele território seria dado a Israel, como sua própria terra. Ver as notas em Gên. 15.16 quanto a essa informação. Ademais, a família de Jacó corria o perigo de acabar absorvida pelos cananeus, e, se isso sucedesse, a nação de Israel seria eliminada ainda no berço. Portanto, era mister outro lugar de desenvolvimento. *Mas* ao chegar o tempo certo, os israelitas *voltariam* a Canaã, da qual se apossariam como sua terra. O desdobramento do *Pacto Abraâmico* (ver as notas em Gên. 15.18) requeria todas essas providências.

45.10

Terra de Gósen. Ver no *Dicionário* um detalhado artigo sobre esse lugar. Essa área também era conhecida como "terra de Ramessés" (Gên. 47.11), provavelmente por causa da cidade de Ramessés. Mais tarde, os israelitas foram forçados a fazer construções ali (Êxo. 1.11). Essa região ficava na margem oriental do rio Nilo, aparentemente começando um pouco ao norte de Mênfis e daí até as margens do mar Mediterrâneo. Nos dias de José, ao que parece, essa era uma região dotada de ricas pastagens, o que seria ideal para Jacó, seus servos e seu gado. Naquele lugar, Israel estaria convivendo com muitos outros imigrantes semitas. A palavra hebraica *geshem* (termo cognato de Gósen), significa "chuva", o que sugere um lugar bem irrigado. Ver Gên.

47.1-12 e o artigo chamado *Gósen*, quanto a pormenores. Desse modo, Deus tinha preparado para Israel uma *pátria temporária*, e isso se ajustava à Sua sempre presente providência. Sem dúvida, a ordem de ser dada a Jacó e sua família residência na terra de Gósen foi baixada pelo próprio Faraó, por meio de José. O desenvolvimento de Israel, como de resto do povo egípcio, ocorreria sob a supervisão de José, e isso cumpriria plenamente os sonhos precognitivos de José de que até Jacó estaria sujeito a ele (Gên. 37.5,9).

45.11

Aí te sustentarei. As palavras-chave foram: benevolência, nutrição, suprimento, comunhão — todas essas coisas dispensadas por José aos seus familiares. Assim sendo, José serviu de tipo de Cristo, o qual supre todas as necessidades de Seus irmãos. Ver as notas em Gên. 37.3 quanto a José como tipo de Cristo. Por ter sido maltratado, José poderia ter ficado amargo e vencido pela autodefesa. Longe disso, ele devotou-se a esforços generosos em favor de muita gente, incluindo os que o haviam ofendido. Isso é *espiritualidade* Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Amor*.

Tu e tua casa. Cada um dos patriarcas tinha seu próprio grupo de dependentes. Não havia somente Jacó como dono de casa. Ele tinha filhos, netos, descendentes, servos etc. José estava assumindo uma pesada responsabilidade. Deus amou o mundo de tal maneira (João 3.16), e José imitava Deus, cercando-se de um grande círculo de entes queridos.

45.12

Vedes por vós mesmos. Todos eram *testemunhas oculares* de que José estava vivo, estava bem e estava próspero, e lhes oferecia uma nova terra de abundância. Assim, José convidou-os a contar o que tinham visto com seus próprios olhos. O testemunho dado por testemunhas oculares sempre é a mais poderosa forma de persuasão. Jacó não hesitou. Correu para ir ter com José, com a maior prontidão. Antes, porém, ele recebeu mais uma preciosa visão, que lhe deu a certeza de que aquilo era a coisa certa a fazer (Gên. 46.1 ss.). Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Essa visão reiterou as provisões fundamentais do Pacto Abraâmico, garantindo-lhe que ele não estava desobedecendo ao Senhor por descer ao Egito, embora antes lhe tivesse sido revelado que a Terra Prometida era a terra de Canaã. O propósito divino haveria de trazê-los de volta ao antigo lar, chegado o tempo determinado.

Sou eu mesmo quem vos fala. Assim dizia José em *hebraico*, sem a necessidade de intérprete, outra prova a ser apresentada a Jacó de que José estava vivo e seguro no Egito, onde era primeiro-ministro.

45.13

Anunciai. . . toda a minha glória. Os sonhos de José se haviam cumprido. O "sol, a lua e onze estrelas" (toda a sua família) prostravam-se diante dele, porque ele era o segundo homem de autoridade no Egito (Gên. 41.43).

Apressai-vos. José queria que seus irmãos fossem buscar imediatamente a Jacó e tudo quanto era dele, pois anelava que sua família se reunisse novamente. E isso daria cumprimento cabal a seus sonhos proféticos. José tinha autoridade e tinha dinheiro. Mas acima de tudo tinha *amor*. extensivo a todos os seus parentes; e isso valia mais do que qualquer quantia em dinheiro.

45.14

Chorou. . . chorou também Benjamim. José abraçou Benjamim, seu irmão de pai e mãe, filho, como ele, de Raquel, a esposa amada de Jacó. José, vencido por forte emoção, expressava a mesma mediante suas lágrimas, segundo se vê em Gên. 42.24, 43.30; 45.14; 50.17. Quando os homens obtêm algum elevado ofício, ou *crescem* ou *incham*. José cresceu. Ele não havia perdido a preciosa virtude do amor. Não estava usando sua autoridade para perseguir. Ele cresceu, ousando acreditar em seus sonhos. E sua fé foi recompensada ricamente. Até mesmo aquilo que tinha perdido, agora recuperava. Seus irmãos também não mais tinham ódio no coração. Logo, todos eles haviam crescido espiritualmente.

45.15

José beijou a todos. Nenhum de seus irmãos estava fora de sua afeição fraterna. Todos eles faziam parte de sua família. E expressou seu amor a todos eles. Esses atos graciosos abriram o coração de todos eles. Dissipou-se o temor em suas mentes, e iniciaram uma vívida conversação. José tinha acolhido todos os seus irmãos no círculo de seu amor. Traçara em redor de si um círculo espaçoso bastante para conter todos eles. O círculo de ódio, que seus irmãos tinham traçado, excluindo a José, agora era substituído pelo círculo de amor.

45.16

Foi agradável a Faraó. Os registros egípcios mostram que o Egito acolhia asiáticos que quisessem estabelecer-se ali, em períodos de fome. No caso da família de José, isso foi facilitado pelo fato de que José era o grande Benfeitor do Egito. Mas o texto diz que a vinda dos irmãos de José "foi agradável" ao Faraó, e não somente que ele deu sua permissão. José e seus familiares gozavam do bem-estar do governante máximo do Egito. Muitas décadas depois, essa boa-vontade se perdeu. O trecho de Êxodo 1.8 diz-nos que subiu ao trono um Faraó que não conhecia José. Os tempos mudaram para pior. Contudo, esse *pior* seria a força que faria o povo de Israel sair do Egito, voltando a Canaã, de acordo com o plano de Deus. Mas nos dias de José, isso ainda estava no distante futuro. A boa-vontade do Faraó ajudou os irmãos de José a voltar à terra de Canaã carregados de bons suprimentos (vs. 19), providos do "melhor do Egito" (vs. 18). Essa boa-vontade talvez se tenha manifestado porque o próprio Faraó poderia provir da terra de Canaã (ou seus antepassados), se ele, porventura, era um dos reis hicsos, também denominados "reis pastores", que não eram originários do Egito. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Hicsos*.

45.17

Faraó Baixa Ordens Urgentes. Ele estava entusiasmado em seu oferecimento de ajuda e de terras, e apressou José para que fizesse prontamente a transferência de Jacó e seus familiares para o Egito. O Faraó estava satisfeito, entusiasmado, inclinado à generosidade. As evidências circunstanciais da mudança eram fortes. Sempre buscamos luzes para podermos fazer mudanças importantes, ou mesmo circunstanciais. O trecho de Gênesis 46.2 ss. mostra que Jacó recebeu uma visão iluminadora que lhe forneceu algumas instruções acerca de evidências circunstanciais. Ver no *Dicionário* o artigo *Vontade de Deus, Como Descobri-la*.

45.18

Vinde para mim. Faraó convidou todos os parentes de José a virem ao Egito. O número de pessoas era grande, pois os filhos de Jacó já tinham filhos, e várias famílias tinham assim de ser transportadas. O trecho de Êxodo 1.5 parece indicar que o número de pessoas foi de setenta (ver sobre os seus nomes em Gên. 46.8-27). O trecho de Deuteronômio 10.22 também dá esse número. Porém, esse era apenas o número de varões, sem falar em mulheres e crianças, além de muitos escravos. Portanto, o número total era bem maior.

Foram dadas as melhores terras do Egito à família de José. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Gósen*, e também as notas sobre o versículo dezesseis deste capítulo. Era um território bem regado e fértil, um lugar ideal para os pastores com seus rebanhos. Os israelitas comeriam "da fartura da terra". Eles teriam animais bem alimentados, o mais excelente cereal, além das riquezas do Egito, através de importações.

45.19

Carros. Um comum meio de transporte de pessoas e mercadorias em uma terra plana como era o Egito. Há vários tipos de tais veículos retratados em monumentos antigos. O mais comum era aquele de duas rodas, puxado por bois. As carruagens do Faraó e de seus oficiais eram puxadas por cavalos. Em Gênesis 41.43, lemos que a José foi dado o *segundo carro* do Egito. Os veículos cedidos pelo Faraó aos irmãos de José serviriam para levar suprimentos, mas também para transportarem mulheres e crianças em grande estilo. Ver no *Dicionário* o artigo *Carruagem*. Ver também *Carro*. Esses dois artigos incluem informações sobre os veículos usados no Egito. Ver as notas sobre o vs. 15. quanto ao *número* de pessoas que foram transportadas para o Egito.

45.20

Não vos preocupeis. Que os parentes de José deixassem seus pertences na terra de Canaã, pois no Egito poderiam substituir facilmente todos os objetos. Isso facilitaria a viagem deles para o Egito, pois não teriam de transportar bagagem. E, chegados ao Egito, teriam à sua disposição todos os objetos de uso pessoal de que precisassem. Quão bom é alguém ser capaz de viajar desimpedido, porque no novo lar há abundantes móveis, implementos e objetos de uso pessoal. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Os parentes de José, sem dúvida, tinham os instrumentos próprios de sua atividade pastoril, além de instrumentos agrícolas. Mas não teriam de preocupar-se em transportar tais coisas para o Egito, porque instrumentos novos lhes seriam providos, ao chegarem.

No Egito havia de tudo: "Coisas boas, alimentos e todo o necessário para as pessoas, para os rebanhos e *tudo* o que viessem a precisar para seu serviço" (John Gill, *in loc.*).

45.21

Os filhos de Israel fizeram assim. Eles aceitaram as instruções dadas pelo Faraó. Havia provisões para eles como nunca teriam imaginado. É melhor termos bens do que não os termos. Havia provisões para a ida e a vinda, e mais provisões esperando por todos.

"Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra" (II Cor. 9.8).

45.22

Também Foram Supridas Vestes. As vestes dos viajantes ficavam em farrapos. Tempos de fome não permitem que se gaste dinheiro com roupas novas. Portanto, foram-lhes supridas roupas novas. O irmão favorito, Benjamim, recebeu cinco *mudas* de roupa além de muito dinheiro em forma de prata. Ele era o irmão mais querido, embora os outros fossem todos queridos. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Vestimenta (Vestimentas)* e *Dinheiro.* Vestes figuravam entre as riquezas dos antigos, que também eram itens que serviam de presentes a serem oferecidos. Os governos estrangeiros muniam seus embaixadores tanto de dinheiro quanto de vestes. Tais coisas também eram dadas como recompensas e honrarias (Juí. 14.12,19; Apo. 6.11; ver também Gên. 41.42). José havia sido assim honrado por seu pai. Seus irmãos ganhavam agora roupas novas, aparentemente duas mudas, para que, enquanto uma fosse usada, a outra estivesse sendo lavada. Algumas traduções dizem aqui "vestes festivais" (conforme lemos em nossa versão portuguesa). Portanto, eram as melhores vestes que podiam ser obtidas no Egito. Mas em outras traduções, essas vestes aparecem como meras "mudas de roupa".

45.23

Dez jumentos carregados. Jacó, lá na Terra Prometida, não foi esquecido. A generosidade do Faraó ampliou-se a ele também.

Do melhor do Egito. Alimentos especiais, preservados pela melhor técnica do Egito. Havia também vestes e dinheiro (conforme fora dado a Benjamim), e tudo em grande abundância, pois foram necessários nada menos de *vinte animais* para levar todos os presentes. Era o tipo de presentes que um rei daria a outro rei, com o intuito claro de impressionar. Ademais, tudo foi dado por causa de José, que vinha servindo tão bem à corte e ao povo do Egito. Alguns intérpretes têm embelezado o texto, alistando toda forma de produtos agrícolas que eram nativos do Egito.

45.24

Não contendais pelo caminho. Isso porque as grandes viagens são cansativas, irritantes, e deixam as pessoas de ânimo explosivo. Além disso, poderiam continuar lançando a culpa pelos maus-tratos a José uns sobre os outros, pois os acontecimentos recentes os tinham tornado sensíveis diante das memórias que tinham. Rúben havia repreendido aos outros por esse motivo (Gên. 42.21,22), e talvez ele continuasse a recriminá-los pelo caminho. Visto que os membros de uma família vivem juntos, isso gera tensões entre eles, o que pode explodir sob a forma de hostilidade aberta, ou até mesmo rancor, nos casos mais extremos. Além disso, Benjamim não deveria tornar-se alvo de inveja, por haver sido favorecido por José acima dos demais irmãos (vs. 22). Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Inimizade* e *Ódio.*

45.25

A viagem de quinhentos e sessenta quilômetros foi completada sem nenhum incidente, e chegaram ao acampamento de Jacó. A missão deles fora cumprida da maneira mais inesperada e soberba, e estavam trazendo as melhores notícias que Jacó poderia ouvir. Jacó estava então em *Hebrom*, um dos centros que os patriarcas de Israel haviam estabelecido. Ver sobre essa localidade no *Dicionário.*

45.26

José ainda vive. Apesar das invenções odiosas que tinham criado; apesar de José ter sido vendido como escravo; apesar das dificuldades imensas que José tivera de arrostar na prisão; a despeito das calúnias feitas contra ele pela esposa de Potifar: apesar dos perigos que ele tinha enfrentado durante aqueles últimos vinte e quatro anos; e a despeito da fome — sim, José continuava vivo! A vontade e o poder de Deus tinham-no feito atravessar incólume a todas as suas tribulações, anulando todos os perigos e retrocessos. O autor sagrado salienta de novo aqui um de seus temas favoritos, a *providência de Deus* (ver o *Dicionário* quanto a esse assunto).

O coração lhe ficou como sem palpitar. As boas-novas eram "grandes demais e boas demais para serem verdadeiras" (John Gill, *in loc.*). ". . . a notícia apoderou-se dele com tal impacto que ele teve um meio-desmaio" (Adam Clarke, *in loc.*). O original hebraico diz "o coração lhe esfriou". A notícia deixou Jacó de tal modo chocado que sua pressão sanguínea caiu de súbito. O choque deixou-o entorpecido.

45.27

Havendo-lhe eles contado todas as palavras de José. E toda aquela maciça quantidade de presentes, transportada por vinte animais de carga, servia de evidência comprobatória do que eles diziam a Jacó. A glória de José, no Egito, inspirava agora um discurso eloqüente por parte de seus irmãos. Benjamim vinha sobrecarregado com seus ricos presentes; todos exibiam suas vestes majestáticas que Faraó lhes havia presenteado. As evidências eram mais do que convincentes. E Jacó, cujo espírito ficara adormecido diante das notícias inesperadas, teve sua mente iluminada pelo raiar da verdade gloriosa: José estava vivo e era o primeiro-ministro do Egito, e agora mandava buscar seu pai.

"Luz Brilhante na Alvorada. Assim devem ter parecido a Jacó as notícias a respeito de José, irrompendo como a glória do mais glorioso amanhecer, fazendo dissipar as nuvens ao fim de uma longa e tenebrosa noite. . . Mas o que mais comovia Jacó não eram os carros transbordantes de presentes, e sim o fato de que 'ainda vive meu filho José'. Isso lhe bastava. Era quase inacreditável. Jacó veria novamente a seu amado José, antes de morrer. Agora, porque José estava vivo, Jacó também *viveria.* E, então, estaria pronto para o seu *nunc dimittis"* (Walter Russell Bowie, *in loc.*).

45.28

Basta. Agora Jacó sentia que estava realizado. Nada mais poderia pedir. A graça de Deus manifestara-se poderosamente em sua vida. E de nada mais precisava. Nada mais queria. "José ainda vive." Agora já não lhe restavam muitos anos de idade. Mas que importava? Jacó veria *José* novamente, antes de morrer.

"Ninguém pode penetrar nessa cena; as palavras, as circunstâncias, tudo envolvia sentimentos insondáveis, indescritíveis" (Adam Clarke, *in loc.*).

Mas a Jacó restava mais tempo do que ele pensava. Viveu no Egito por dezessete anos, antes de falecer. Jacó viveu um total de cento e quarenta e sete anos. Isso posto, estava com cento e trinta anos quando desceu ao Egito (Gên. 47.28).

Capítulo Quarenta e Seis

Jacó no Egito (46.1 — 48.22)

Viagem de Jacó ao Egito (46.1-7)

Os críticos atribuem esta seção a uma combinação das fontes *J* e *E*. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *J.E.D.P (S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Temos aqui outro dos grandes marcos da vida de Jacó, um passo importante na formação de Israel como nação. Abraão havia sido avisado de antemão acerca dessa questão, a qual dificilmente poderia ter sido antecipada sem alguma iluminação divina. Seus descendentes teriam de sofrer um período de quatrocentos anos de exílio e provação (Gên. 15.13). Israel, em desenvolvimento, continuaria no exílio até que os pecados dos habitantes de Canaã preenchessem a taça do destino. Então o juízo de Deus haveria de feri-los, e eles perderiam seus territórios. E essa terra seria dada a Israel, como sua pátria (Gên. 15.16). Esse seria o primeiro dentre quatro grandes exílios previstos para o povo de Israel, a saber: 1. o exílio *egípcio,* quando Israel estivesse em formação; 2. o exílio *assírio,* quando se perderam quase totalmente dez das tribos; 3. o exílio *babilônico,* quando se perderam quase totalmente duas tribos (Judá e Benjamim), mas das quais voltou um remanescente, provenientes de Levi e de todas as demais tribos; 4. o exílio *romano,* a começar em 132 D. C. (quando todos os judeus foram expulsos da Palestina e dispersos em várias direções). Foi então que os judeus se dividiram em três grupos principais: Judeus asquenazitas (que foram para países da Europa central e oriental); judeus sefarditas (que ficaram em países em torno do Mediterrâneo, além das ilhas britânicas); judeus orientais (que ficaram na região da Arábia para o oriente, até o Japão). Esse quarto exílio começou a ser revertido com a formação do Estado de Israel, em maio de 1948, graças aos esforços do movimento sionista, iniciado por idealistas judeus do século XIX. Mas nem todos os judeus concordam com o sionismo, do que é prova o fato de que a maior parte dos judeus continua longe da Palestina até hoje. Assim, tem prevalecido sempre a providência de Deus. Ver no *Dicionário* o artigo *Providência de Deus.*

Apesar de todos os exílios, vicissitudes e perseguições, tem prevalecido o *Pacto Abraâmico.* Esse pacto é renovado na passagem à nossa frente. Ver as notas a respeito em Gên. 15.18. Uma das provisões desse pacto era a necessida-

de de um território pátrio, onde Israel pudesse viver como nação, e não apenas como tribos nômades. Com base nessa situação, viria a primeira revelação, e, finalmente, o Cristo, descendente de Judá. E, então, Cristo haveria de abençoar todas as nações da terra (Gál. 3.14), por meio do evangelho. Antes, porém, Israel teria de *residir temporariamente* em Gósen, no Egito.

46.1

De Hebrom a Berseba. Ver no *Dicionário* os artigos sobre esses dois lugares. Jacó precisava tomar uma decisão muito importante. Era certo deixar a terra de Canaã, onde Abraão tinha habitado? Deixá-la não prejudicaria as provisões do Pacto Abraâmico? Como esse pacto poderia ter cumprimento se a nação de Israel se formasse no Egito? Jacó buscou luzes. E assim sendo, ele foi a Berseba e ofereceu sacrifícios a *Yahweh*, o Deus de seu pai, Isaque. Ele estava voltando às suas raízes e buscando respostas. Em Berseba Deus havia aparecido a Abraão (Gên. 21.33) e depois a Isaque (Gên. 26.23) Esse lugar tinha um santuário, um centro do Yahwismo. Era um lugar apropriado para buscar iluminação a respeito da séria decisão que ele teria de tomar. O próprio Faraó tinha-lhe enviado ricos presentes, convidando-o a vir ao Egito (Gên. 45.17 ss.). José achava-se no Egito, e Jacó gostaria muito de ir para perto dele. Mas existem coisas mais importantes do que estar na companhia de um filho amado, como fazer a vontade de Deus, sem importar qual seja essa vontade. Mas se alguém puder estar com um filho amado, ao mesmo tempo em que estiver fazendo a vontade de Deus, tal pessoa será duplamente abençoada. A Jacó, pois, foi dada *essa* bênção.

Berseba ficava a apenas vinte e seis quilômetros de Hebrom, assim o santuário ficava perto, e Jacó sentiu-se impelido a buscar orientação ali.

Deus de seu pai. No hebraico, *Elohim*. Ver no *Dicionário* o artigo sobre esse nome divino, como também *Deus, Nomes Bíblicos de*.

46.2

Em visões de noite. Algumas vezes as visões são dadas por meio de sonhos, mas é provável que aqui devamos entender a presença divina ou uma *teofania* (ver a esse respeito no *Dicionário*). Para receber uma orientação iluminadora, *algumas vezes* precisamos do toque místico, da iluminação vinda do alto. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Vontade de Deus, Como Descobri-la*. Jacó era homem de muitas experiências místicas, mediante as quais a presença divina lhe era conferida de variegados modos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misticismo*. Ao que parece, cada movimento *importante* de Jacó era acompanhado por alguma elevada experiência espiritual, que lhe conferia orientação e poder. Ver Gên. 28.11 ss. Quando ia para a companhia de Labão, Jacó tivera a visão da escada que ia dar no céu. Na oportunidade, foi renovado através dele o Pacto Abraâmico (Gên. 31.3,11). Quando voltava para Canaã, depois de ter estado com Labão por vinte anos, recebeu outra iluminação direta (Gên. 32.1 ss.). Depois de ter-se separado de Labão, já a caminho de Canaã, Jacó recebeu outra experiência mística iluminadora (Gên. 35.1). E, então, foi instruído a ir a Betel, habitar ali e erigir um altar. Foi aí que ele se desfez de certos ídolos (sem dúvida alguns trazidos por Raquel), quando houve uma renovada dedicação ao Senhor.

Eis-me aqui. A resposta da alma à presença de Deus, a prova da consciência da presença divina. A vida espiritual consiste em mais do que estudo, leitura da Bíblia, oração e meditação. Precisamos, *igualmente*, do toque místico, a presença de Deus conosco, que nos ilumina o caminho.

"A descida ao Egito, que teria tão decisiva significação para a história da nação de Israel, teve motivo não só no desejo de Jacó ver seu filho perdido fazia tanto tempo (Gên. 45.28), mas também na revelação divina dada nas *visões da noite*" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*). Ver a introdução a este capítulo, onde essa idéia é abordada.

46.3

Eu sou Deus, o Deus de teu pai. No hebraico, *El, Elohim*. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *El* e *Elohim*. *El* indica poder, e *Elohim* é o Deus Supremo e Poderoso, o plural majestático de El.

"Essa foi a última revelação conferida a Jacó. Depois dessa revelação não há mais registro de outro evento sobrenatural, até a visão da sarça ardente (Êxo. 3.4). Jacó deveria migrar para o Egito, pois ali os seus descendentes multiplicar-se-iam até se tornarem uma nação. A presença e a bênção de Deus haveriam de acompanhar a ele e a seus descendentes, e, finalmente, haveriam de trazê-los de volta à Terra Prometida. Para o próprio Jacó, além disso, foi dada a promessa de que José cuidaria dele em seu leito de enfermidade e estaria em sua companhia, por ocasião de sua morte" (Ellicott, *in loc.*).

Naturalmente, em seu leito de morte, Jacó profetizou acerca de seus filhos (Gên. 49), um acontecimento *inspirado*, mediante o qual Jacó foi capaz de prever, em termos gerais, o futuro dos descendentes de seus filhos, e de dar instruções e bênçãos especiais, que fariam suas vidas diferir das de outras pessoas.

Lá eu farei de ti uma grande nação. O *Pacto Abraâmico* (ver as notas sobre Gên. 15.18) não falharia meramente porque Israel desenvolver-se-ia no Egito. Bem pelo contrário, as duzentas ou trezentas pessoas (possíveis) que poderiam ter descido ao Egito (como o núcleo original da nação de Israel) seriam abençoadas de modo especial por Deus. Deus as protegeria; a nação se desenvolveria, porque o poder de Deus estava com ela.

Temos aqui outra reiteração do Pacto Abraâmico, em seu mais básico elemento, a grande nação oriunda de Abraão. Alisto em Gênesis 15.18 as treze repetições desse pacto, no livro de Gênesis. Cada uma dessas ocorrências frisa alguns poucos itens, embora não o pacto em todos os seus aspectos.

46.4

Eu descerei contigo. A *presença divina* far-se-ia patente até mesmo no exílio no Egito. Ao mesmo tempo, havia aquela promessa a longo prazo de um futuro livramento do exílio egípcio. Ver a introdução ao presente capítulo ,quanto aos *quatro* exílios de Israel. O Pacto Abraâmico incluía o exílio no Egito (Gên. 15.13), mas também a eventual libertação desse exílio, no tempo determinado (Gên. 15.16).

O Toque Pessoal. José era o filho amado de Jacó, do qual estava separado fazia vinte e quatro anos. Jacó ainda viveria por bons dezessete anos no Egito, em companhia de José, e, então, faleceria. Jacó desceu ao Egito quando estava com cento e trinta anos, e viveria cento e quarenta e sete anos. Ver Gên. 47.28. José estaria perto dele quando morresse e fecharia os seus olhos José "prestaria a ele esse último serviço" (John Gill, *in loc.*). Portanto, Jacó nada teria que temer, nada do que se lamentar; nenhuma ansiedade para vexá-lo, se chegasse a descer ao Egito para ali viver pelo resto de sua vida.

E te farei tornar a subir, certamente. Não devemos pensar aqui no cadáver de Jacó, o qual foi trazido de volta a Macpela, sepultado onde já estavam os corpos de Abraão, Sara, Lia e Isaque, pai de Jacó. Antes, devemos pensar na promessa a longo prazo de que, finalmente, a nação de Israel seria tirada do Egito.

Um de meus filhos queridos teve um sonho perturbador a respeito de minha morte. Ele sonhou que eu era um homem idoso, meus cabelos totalmente encanecidos. Estávamos nas proximidades de uma grande universidade. Ele voltou do câmpus e me encontrou morto, ao que parecia, por um ataque de coração. Quando ele me contou o sonho, eu lhe disse: "Por que você está preocupado? Esse é um bom sonho. Viverei até tornar-me um homem idoso, pois meus cabelos estavam totalmente brancos. Morrerei de súbito, de um colapso cardíaco, o que significa que não passarei dias sofrendo. Além disso, eu não gostaria de estar em outra companhia, ao morrer, do que na sua". Ao ler o texto bíblico à nossa frente, lembro-me desse sonho de meu filho. José, o amado filho de Jacó, estaria com ele até o fim. Não haveria queixas, nem lamentações, nem faltaria coisa alguma. Foi assim que Jacó foi encorajado a *ir* para o Egito.

46.5

Então se levantou Jacó. Ele já havia recebido a sua resposta, que lhe foi dada no santuário em Berseba. E assim, com toda confiança, preparou-se para descer ao Egito. Reencontrar-se com seu filho amado, José, inspirava a sua mente. Seu alquebrado corpo de cento e trinta anos de idade movimentou-se com lepidez e renovada energia.

Os carros enviados pelo Faraó (Gên. 45.19) facilitaram em muito a viagem. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Carro* e *Carruagem*.

Coisa alguma é dita acerca das esposas de Jacó. É possível que todas elas já tivessem morrido por esse tempo. Mas havia várias famílias a serem transportadas, com seus filhos e netos. O vs. 27 mostra que havia setenta homens, pelo que o grupo inteiro deve ter consistido em duzentas a trezentas pessoas ao todo, se incluirmos os servos e servas que faziam parte das casas Temos aí o núcleo que daria início à nação de Israel no Egito. Os varões são alistados, a começar pelo versículo oito.

46.6

O seu gado e os bens. Mas não certos itens como móveis, instrumentos agrícolas etc., visto que o Faraó os tinha encorajado a viajar sem bagagem, porquanto receberiam implementos novos no Egito (ver Gên. 45.20). É melhor ser abastado do que não ser abastado. Apesar da escassez de alimentos, Jacó ainda era dono de muitos bens.

Toda a sua descendência. Os setenta nomes masculinos que aparecem na lista (vs. 27). Eram várias famílias com seus respectivos filhos e netos. Deus faria grandes coisas, a partir daquele dia de pequenos começos.

46.7

Toda a sua descendência. Informações a serem supridas nas listas que aparecem em seguida (vss. 8-27). Quando Jacó desceu ao Egito, estava com cento e trinta anos de idade, cento e quinze anos depois de a promessa ter sido feita a Abraão (Gên. 12.1-4). Na verdade, os israelitas não estiveram cativos no Egito por quatrocentos e trinta anos. Apenas cerca de duzentos e cinqüenta desses anos foram realmente passados em cativeiro. Essas são cifras aproximadas dadas pela Septuaginta. Ver as notas em Gên. 15.13.

Suas filhas e as filhas de seus filhos. O elemento feminino da família de Jacó fica assim vago, porque, usualmente, as mulheres não eram nomeadas nas genealogias. Ver Gên. 37.36.

A Família de Jacó (46.8-27)

Este texto tem paralelo em Deuteronômio 10.22, que fala em *setenta* homens. A tradição arredondou o número de homens a setenta, que alguns estudiosos supõem ser mera aproximação, ao passo que outros pensam em um número simbólico, e não real, de descendentes de Jacó.

"Esta seção, vinda de uma tradição sacerdotal distinta, contém uma lista de descendentes de Jacó, com base no número tradicional de setenta (vs. 27; ver Êxo. 1.5; Deu. 10.22). A maioria dos nomes dos líderes ancestrais de clãs aparece na lista sacerdotal do capítulo vinte e seis de Números. . . o número *setenta* inclui José e seus dois filhos, que lhe tinham nascido no Egito, além do próprio Jacó" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

Enquanto a exposição prosseguir, irei fazendo comparações com as genealogias de Números e de I Crônicas, que abordam os mesmos indivíduos. O vs. 26 diz que o número daqueles que viajaram ao Egito foi de sessenta e seis. Mas o versículo vinte e sete dá o número setenta, porém, como o grande *total*, ou seja, incluindo os filhos e netos que *já* estavam no Egito.

Cálculos

Filhos e netos de Lia (vs. 15)	33
Filhos e netos de Zilpa (vs. 18)	16
Filhos e netos de Raquel (vs. 22)	14
Filhos e netos de Bila (vs. 25)	7
Dina, uma filha de Jacó	1
	71
Er e Onã morreram em Canaã (vs. 12)	
José e dois filhos já estavam no Egito (vs. 20); portanto	5
Aqueles que migraram para o Egito, na companhia de Jacó (vs. 26)	66
Os que já estavam no Egito	4
Grande total (vs. 27)	70

Esse total de setenta pessoas era o núcleo da nação de Israel que se desenvolveu no Egito. O trecho de Atos 7.14 dá o número de 75 pessoas. Ver uma discussão a respeito em *O Novo Testamento Interpretado*. As tradições e os números variam um pouco. A Septuaginta também fala em setenta e cinco pessoas, pelo que sabemos que Estêvão (Atos 7.14) seguiu a Septuaginta, e não o texto hebraico massorético.

46.8

Jacó. Ver o artigo detalhado sobre ele no *Dicionário*.

Rúben. O filho primogênito de Jacó. Ver o artigo sobre ele no *Dicionário*, como também Gên. 29.32.

46.9

Enoque. Ele era o filho mais velho de Rúben (Gên. 46.9; Êxo. 6.14; I Crô. 1.33). Seus descendentes eram chamados *enoquitas* (Núm. 26.5). O sentido desse nome é incerto, embora alguns opinem "iniciado" ou "ensino".

Palu. No hebraico, *distinguido*, um dos filhos de Rúben (Gên. 46.9; Êxo. 6.14; Núm. 26.5,8), talvez o mesmo Pelete de Num. 16.1. Seus descendentes são chamados *paluitas*, em Números 26.5.

Hezrom. No hebraico, *cercado* ou *murado*, um dos filhos de Rúben (Gên. 46.9; Êxo. 6.14; I Crô. 4.1; 5.3). Ele foi o fundador de uma família conhecida por seu nome (Num. 26.6).

Carmi. No hebraico, *frutífero* ou *nobre*, um dos filhos de Rúben (Gên. 46.9; Êxo. 6.14; Num. 26.6; I Crô. 5.3). Foi o fundador da família dos *carmitas*.

46.10

Simeão. Ver a seu respeito no *Dicionário*.

Jemuel. No hebraico, *dia de Deus*. Era filho de Simeão (Gên. 46.10; Êxo. 6.15). Em Núm. 26.12 e I Crô. 4.24 ele é chamado *Nemuel*.

Jamim. No hebraico, *mão direita* ou *lado direito*. Um dos filhos de Simeão (Gên. 46.10; Êxo. 6.15). Seus descendentes são chamados *jaminitas*, em Núm. 26.12.

Oade. No hebraico, *unidade*. Era filho de Simeão (Gên. 46.10; Núm. 26.12-14; I Crô. 4.24,25). Veio a ser cabeça de um dos clãs de Israel.

Jaquim. No hebraico, *ele (Deus) estabelecerá*. Era filho de Simeão, pai dos *jaquinitas* (Gên. 46.10; Êxo. 6.15; Núm. 26.12). Também é chamado *Jaribe* (ver no *Dicionário* a seu respeito).

Zoar. No hebraico, *pequeno*. Filho de Simeão, pai de um dos clãs de Israel. Em Núm. 26.13 e I Crô. 4.24, ele é chamado *Zerá*.

Saul. No hebraico, *pedido*, filho de Simeão, filho de uma mulher cananéia (Gên. 46.10; Êxo. 6.15; I Crô. 4.24). Foi cabeça de um clã chamado *saulitas* (Núm. 26.13).

46.11

Levi. Ver sobre esse nome no *Dicionário*.

Gérson. Um nome de origem não-hebraica, cujo sentido é desconhecido, embora possa estar relacionado ao termo hebraico que significa *expulsar* ou *fugitivo*. Era o filho mais velho de Levi (Gên. 46.11; I Crô. 6.16,17,20,43,62,71).

Coate. No *Dicionário* há um detalhado artigo chamado *Coate, Coatitas*. Seu nome significa *assembléia*.

46.12

Judá. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre ele e sua tribo.

Er. Ver Gên. 38.3,7 e suas notas.

Onã. Ver Gên. 38.4 e suas notas.

Er e Onã morreram em Canaã, pelas razões explicadas nas notas em Gên. 38.3,4,7. Portanto, não estavam entre aqueles que migraram para o Egito.

Selá. Ver sobre ele no *Dicionário*, segundo ponto. Ver também Gên. 38.5.

Perez. Ver Gên. 38.27-29. Por meio dele veio o Messias, na linhagem Abraão-Isaque-Jacó-Judá-Perez-Davi.

Zera. Ver sobre ele no *Dicionário*, terceiro ponto. Era o irmão gêmeo de Perez. Sobre Zerá há notas adicionais em Gênesis 38.27-29.

Hezrom. Era filho de Perez. Não deve ser confundido com o Hezrom, que era filho de Rúben (vs. 9). Este Hezrom (do vs. 12) foi antepassado de Davi e de Jesus (Gên. 46.12; Rute 4.18).

Hamul. No hebraico, *compadecido, poupado*. Era um dos filhos de Perez (Gên. 46.12; I Crô. 2.5). Era cabeça de um clã que tinha o seu nome, os *hamulitas* (Núm. 26.21).

46.13

Issacar. Ver no *Dicionário* a nota detalhada sobre ele.

Tola. Ver o artigo sobre esse nome, no *Dicionário.* Esse era o nome de um dos filhos de Issacar, e foi um dos juízes da tribo de Issacar (Juí. 10.1).

Puva. No hebraico, *boca, sopra.* Nome do segundo filho de Issacar (Gên. 46.13: Núm. 26.23; I Crô. 7.1). Os descendentes dele são chamados *puvitas*, em Números 26.23.

Jó. No hebraico, *retorno;* mas segundo outros, *odiado.* Foi o terceiro filho de Issacar (Gên. 46.13). Em Núm. 26.24 e I Crô. 7.1, é chamado *Jesube.* A forma hebraica desse nome é *'yyob,* conforme se vê nos Textos de Execração, guardados em Berlim, onde há referência a um certo príncipe que governou na área de Damasco, na Síria. Há outras menções antigas a esse nome, como nas cartas de Tell el-Amarna. Alguns afirmam que a forma original do nome significava *onde está meu pai.*

Sinrom. No hebraico, *vigia, guarda.* Nome de um dos filhos de Issacar e neto de Jacó (Gên. 46.13; I Crô. 7.1). Foi o cabeça epônimo da família dos *sinronitas* (Núm. 26.24).

46.14

Zebulom. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo sobre ele. A genealogia de Zebulom não aparece nos livros de Crônicas.

Serede. No hebraico, *escape, livramento.* Nome do filho mais velho de Zebulom (Gên. 46.14; Núm. 26.26). Foi o antepassado da família dos *sereditas.*

Elom. No hebraico, *forte* ou *carvalho,* o segundo dos três filhos de Zebulom (Gên. 46.14). Foi cabeça da família dos *elonitas* (Núm. 26.26). Encontrava-se entre aqueles que desceram ao Egito em companhia de Jacó.

Jaleel. Um filho (ou descendente, na opinião de alguns) de Zebulom, mencionado em Gên. 46.14. Ver também Núm. 26.26, onde é mencionado o clã dos *jaleelitas.*

46.15

A Posteridade de Lia. Dela originavam-se trinta e três descendentes de Jacó, estando ela mesma incluída nesse número, por ter sido uma das quatro esposas desse patriarca. Ver o gráfico na introdução às notas sobre Gên. 46.8-27. Ela fez a maior contribuição numérica para os filhos de Jacó. Seis dos filhos dela e de Jacó se tornaram patriarcas de Israel. Ver o artigo detalhado sobre ela no *Dicionário.*

Diná. Ver notas expositivas completas sobre ela em Gên. 30.21. Foi a única filha de Jacó a ser mencionada por nome, embora devesse haver outras (ver Gên. 46.7).

Padã-Arã. A região onde vivia Labão, tio de Jacó. Ver as notas sobre esse lugar em Gên. 25.20.

46.16

Gade. Ver o artigo detalhado sobre ele e sua tribo, no *Dicionário.*

Zifiom. Um filho de Gade, cuja família é mencionada em Núm. 26.15, como os *zifionitas.* Os estudiosos têm dado três sentidos possíveis desse nome, *cuidadoso, serpente* ou *escuro.*

Hagi. No hebraico, *festivo.* Nome do segundo filho de Gade (Gên. 46.16; Núm. 26.15). Foi fundador da família que se tornou conhecida pelo nome de *hagritas* (I Crô. 11.38), embora nossa versão portuguesa diga ali apenas "Mibar, filho de Hagri".

Suni. No hebraico, *afortunado.* Um dos sete filhos de Gade, filho de Jacó (Gên. 46.16; Núm. 26.15). Tomou-se o antepassado dos *sunitas.*

Esbom. Algumas traduções dizem *Ezbom.* No hebraico, esse nome quer dizer *esplendor.* Foi um chefe de um dos clãs de gaditas. Talvez seja o Ezbom chamado *Ozni,* em Núm. 26.16.

Eri. No hebraico, *vigia* ou *despertamento.* Era o quinto filho de Gade, filho de Jacó. Foi o progenitor dos *eritas* (aqui e em Núm. 26.16).

Arodi. No hebraico, *asno selvagem.* Era filho de Gade (aqui e Núm. 26.17). Foi antepassado de um clã chamado dos *aroditas.*

Areli. No hebraico, *heróico.* Um dos filhos de Gade (aqui e em Núm. 26.17). Foi o ancestral da família dos *arelitas.*

46.17

Aser. Ver no *Dicionário* o artigo sobre esse filho de Jacó e sobre a tribo que dele descende.

Imna. Algumas traduções grafam seu nome como Imná. No hebraico, esse nome significa *Deus restringe.* Era o filho mais velho de Aser e fundador da família que trazia o seu nome (I Crô. 7.30).

Isvá. No hebraico, *plano.* Nome do segundo filho de Aser, filho de Jacó e Zilpa (aqui e em I Crô. 7.30).

Isvi. No hebraico, *igual.* Era o terceiro filho de Aser (aqui; em Núm. 26.44 e I Crô. 7.30). Foi fundador de uma família que tomou seu nome, os *isvitas* (Núm. 26.44).

Berias. No hebraico, *proeminente* ou *mau.* Nome do último dos filhos de Aser, e pai de Héber e Malquiel (aqui e I Crô. 7.30). Seus descendentes são chamados *beriitas,* em Números 26.44,45.

Sera. No hebraico, *abundante.* Era filha de Aser (cujos descendentes chegaram a ser um clã; e, por essa razão, embora ela tenha sido uma mulher, seu nome aparece nesta genealogia). (Aqui e I Crô. 7.30.) Juntamente com seus irmãos, Imna, Isvá, Isvi e Berias, ela foi para o Egito em companhia de seu avô, Jacó.

Héber. No hebraico, *sócio.* Ele era filho de Berias, que era da tribo de Aser (aqui e em I Crô. 7.31). O nome tribal, *heberitas,* deriva-se desse nome. (Ver Núm. 26.45.)

Malquiel. No hebraico, *Deus é rei.* Nome de um filho de Berias, o qual, por sua vez, era filho de Aser (aqui e I Crô. 7.31). Seus descendentes, os *malquelitas,* são mencionados em Núm. 26.45.

46.18

A Posteridade de Zilpa. Alistados acima, com um total de dezesseis pessoas. Ver o gráfico nas notas introdutórias a Gên. 46.8-27. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Zilpa.* Essas dezesseis pessoas eram Gade e seus sete filhos; Aser e seus quatro filhos, dois netos e Sera. Os filhos de Zilpa eram Gade e Aser. Os demais eram descendentes mais distantes.

46.19

Ver no *Dicionário* os detalhados artigos intitulados *Raquel, José e Benjamim.*

46.20

Filhos de José

Manassés. Ver o detalhado artigo sobre ele e sua tribo, no *Dicionário.*

Efraim. Ver o detalhado artigo sobre ele e sua tribo, no *Dicionário.*

Azenate. Era a esposa egípcia de José; ver as notas sobre ela em Gên. 41.45.

Potífera. Pai de Azenate. Ver as notas sobre ele em Gên. 41.45.

Om. Ver as notas sobre essa cidade em Gên. 41.45.

Os dois filhos de José nasceram no Egito, e foram os elementos originais da nação de Israel, no Egito, que tiveram de esperar pela chegada da família, vinda da terra de Canaã, e que a presente genealogia está descrevendo.

46.21

Filhos de Benjamim

Bela. No hebraico, *devorado* ou *destruição.* Esse foi o nome de quatro pessoas no Antigo Testamento (ver no *Dicionário).* Neste texto, temos o filho mais velho de Benjamim, cabeça da família dos *belaítas,* dentre a qual Eúde foi o mais notável. Ver Gên. 46.21; Núm. 26.38.

Bequer. No hebraico, *primogênito, jovem.* Talvez até *camelo novo.* Era o segundo filho de Benjamim, filho de Jacó e Raquel (Gên. 46.21). Descendia, pois, da esposa favorita, Raquel. Como seus descendentes, podemos enumerar Saul e Seba. Este último encabeçou uma revolta contra Davi (II Sam. 20).

Asbel. No hebraico, *homem de Baal*. Um dos filhos de Benjamim (Gên. 46.21; Núm. 26.28; I Crô. 8.1). Era o progenitor da família dos *asbelitas*.

Gera. Um filho de Bela e neto de Benjamim, o qual foi um dos doze patriarcas de Israel. Ver I Crô. 8.3,5,7. Aqui, ele aparece como um dos irmãos de Bela, e, portanto, filho de Benjamim. Em I Crônicas 7.7, o nome *Uzi* figura no lugar de Gera. Há estudiosos que pensam que a passagem de I Crô. 8.3,5,7 não alude somente a um homem com esse nome, e, sim, a *dois*, ou mesmo *três*. Neste caso, há um Gera mencionado no terceiro versículo, outro no começo do quinto versículo, e ainda um terceiro Gera, no sétimo versículo, que seria o pai de Uzá e Aiúde. As genealogias não são exatas nessas várias passagens, não havendo como possamos ter certeza acerca das relações declaradas.

Naamã. No hebraico, *deleite*. O segundo filho de Bela, filho de Benjamim (Gên. 46.21). Era cabeça da família dos *naamitas* (Núm. 26.40). Aqui, lemos que ele era filho de Benjamim. Os vários trechos envolvidos (Gên. 46; Núm. 26.28-40; I Crô. 7.6; 8.1-5) não concordam em tudo quanto à parentela dos *filhos* de Benjamim. Em Números, os filhos dele são cinco. No Gênesis, dez. Portanto, nesses trechos estamos tratando com filhos e netos. Ao que parece, Naamã foi exilado por Bela, seu pai (I Crô. 7.7), ou então, nessa passagem, o seu nome aparece como *Uzi*.

Eí. No hebraico, *unidade* ou *fraternal*, ou mesmo *amigo de Yahweh*. Era filho de Benjamim (Gên. 46.21). Foi cabeça de uma das famílias de benjamitas. Em Núm. 26.38 ele é chamado *Airã*. Em I Crônicas 7.12, *Aer*. E em I Crônicas 8.6, *Eúde*. Tão grande número de variantes, quanto a um único nome, dá a entender que houve cópias faltosas envolvendo o texto, em diversos manuscritos.

Rôs. No hebraico, *cabeça, chefe*. Era o sétimo filho de Benjamim (Gên. 46.21). Seu nome é omitido na lista de Num. 26.38-40, e talvez seja o mesmo *Rafa* de I Crô. 8.1-5.

Mupim. No hebraico, *ondas*. Era um dos filhos de Benjamim (Gên. 46.21). Em I Crô. 7.12,15, ele é chamado *Sufã*, em Núm. 26.39 e Sefufá em I Crô. 8.5. Foi um dos catorze descendentes de Raquel que pertencia à colônia original dos filhos de Jacó no Egito.

Hupim. Chamado *Hufã*, em Núm. 26.39. Um dos filhos de Benjamim. Ver Gên. 46.21; I Crô. 7.12.

Arde. No hebraico, *fugitivo*. Era filho de Bela e neto de Benjamim (Gên. 26.21; Núm. 26.40). Ele aparece como filho de Benjamim, no livro de Gênesis. Em Números 26.38,39, há uma lista de *cinco* filhos; e, no versículo seguinte (vs. 40), *Arde* aparece como filho de Bela. Portanto, a lista mistura filhos e netos de Benjamim.

46.22

A Posteridade de Raquel. Ver a introdução a Gên. 46.8-27 quanto a um gráfico sobre a posteridade de Jacó. O lado da família que descendia de Raquel contribuiu com catorze pessoas: José e seus dois filhos; e Benjamim e seus dez (filhos ou netos).

46.23

Dã. Ver o detalhado artigo sobre ele e sua tribo, no *Dicionário*.

Husim. No hebraico, *apressados*. Era um dos filhos de Dã (Gên. 46.23). Em Números 26.42, o nome dele aparece com a forma de Suã. Os livros de Crônicas não contêm genealogias sobre essa linhagem. Pode ter havido mais filhos e descendentes desconhecidos.

46.24

Naftali. Ver o artigo detalhado sobre esse homem e sua tribo, no *Dicionário*.

Jazeel. No hebraico, *Deus confere*. Esse era o nome do primogênito de Naftali (Gên. 46.24). Foi o fundador da família dos jazeelitas (Núm. 26.48).

Guni. No hebraico, *protegido*. Era o segundo filho de Naftali, fundador da família dos gunitas. (aqui; Núm. 26.48; I Crô. 7.13). Sua família veio a tornar-se parte da tribo de Gade que herdou Gileade.

Jezer. No hebraico, *formação*. Era o terceiro filho de Naftali (aqui; Núm. 26.49; I Crô. 7.13). Foi o fundador da casa dos jezeritas.

Silém. No hebraico, *recompensa*. Era o quarto filho de Naftali (aqui). Foi o fundador da família dos silemitas (Núm. 26.49; I Crô. 7.13). Ver também sobre *Salum*.

46.25

A Posteridade de Bila. Ela era concubina de Jacó. Contribuiu com um total de sete pessoas, alistadas acima (vss. 23-24). Ver a introdução a Gên. 46.8-27 quanto a um gráfico. Os filhos dela foram Dã e Naftali. Esse número de sete pessoas consegue-se adicionando a Dã e Naftali o filho único de Dã e os quatro filhos de Naftali.

"Excetuando Benjamim, as demais genealogias não apresentam dificuldades maiores. Variações na grafia dos nomes são por demais comuns, para causar surpresa; nomes seriam omitidos posteriormente, sempre que alguma família deixasse de contar com representantes. Assim, é provável que ninguém tivesse voltado do cativeiro, dentre a tribo de Dã, com uma genealogia autêntica. Por essa razão, nenhuma menção é feita a eles nos livros de Crônicas. A grande confusão verificada na genealogia de Benjamim resultou, naturalmente, da ruinosa guerra narrada nos capítulos vinte e vinte e um do livro de Juízes. Mas quando essa tribo produziu um rei, houve cuidado para remediar, tanto quanto possível, a destruição de documentos causada por aquele conflito; e a genealogia do oitavo capítulo de I Crônicas é a linhagem real do rei Saul" *(Ellicott, in loc.)*.

46.26

Ver a introdução a Gên. 46.8-27, quanto a uma explicação sobre os vários totais dados nas genealogias, e como esses totais foram obtidos. Os eruditos não concordam sobre como o total de sessenta e seis foi obtido, em contraste com os setenta do vs. 27. Mas as sessenta e seis pessoas foram aquelas que vieram de Canaã para o Egito. E as setenta pessoas são o numero total, as sessenta e seis mais as quatro que já estavam com José, no Egito. Outros estudiosos dizem que o total de sessenta e seis teria sido obtido mediante a omissão de Jacó, José e seus dois filhos. Porém, assim o total chegaria a setenta e um, e não a setenta, conforme mostrei na introdução ao oitavo versículo deste capítulo. Assim, um modo diferente foi usado para perfazer esse total de setenta e um baixar para sessenta e seis, o que também mostro ali.

A Septuaginta, por sua parte, adiciona os nomes de cinco netos (ao vs. 20), conseguindo assim um total de setenta e cinco (no vs. 27). Estêvão (ver Atos 7.14) seguiu esse cômputo.

46.27

O número total obtido pelo texto hebraico é de setenta; e na introdução ao oitavo versículo deste capítulo, mostrei como isso foi feito. Nas notas sobre o versículo vinte e seis ofereço outras idéias a respeito. Para exemplificá-las, a Septuaginta indica um total de setenta e cinco pessoas.

Visto que essas genealogias abordam apenas os membros masculinos dos vários ramos da família de Jacó, podemos supor que, se as mulheres e crianças fossem acrescentadas, sem falar nos escravos e em várias outras pessoas agregadas às casas, o núcleo original da nação de Israel, que se estava formando no Egito, poderia envolver duzentas pessoas ou mesmo mais. Esse total de setenta, pois, deve ser um total representativo ou ideal, e não um total matemático. Nesse caso, é difícil dizer quanta gente realmente veio da terra de Canaã para o Egito. O fato é que, a partir desse núcleo de setenta homens, desenvolveu-se a nação de Israel no Egito.

O Núcleo de Israel em Gósen (46.28-47.12)

Os críticos atribuem esta seção a uma mistura das fontes *J, E* e *P(S)*. Assim, eles supõem que várias fontes tenham contribuído com alguma informação sobre a narrativa de como Israel se tornou uma nação no Egito. Ver o artigo chamado *J.E.D.P.(S.)* no *Dicionário*, quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

Os céticos pensam que a formação da nação de Israel perdeu-se nas brumas da história, e são meras lendas as tentativas para recompor essa história.

Os eruditos conservadores, porém, não encontram motivos para duvidar da autenticidade essencial da história. O livro de Êxodo mostra-nos que Israel, então como uma pequena nação de cerca de dois milhões de pessoas, estava vivendo entre os egípcios (Êxo. 1.15-19; 3.12). Quanto ao número de homens, ver Núm. 1.46, onde lemos acerca de talvez seiscentos mil varões. Mas isso envolvia somente homens de vinte anos de idade para cima, capazes de ir à guerra.

Embora no cativeiro, Israel foi capaz de conservar a sua identidade. E isso continua até o presente, apesar das mais adversas condições. Destarte, o Pacto Abraâmico continua em vigor. Um território pátrio de Israel é uma das provisões desse pacto. E assim, sob Moisés, a nação de Israel foi liberta da do cativeiro. E, sob Josué, a nação de Israel conquistou a Terra Prometida. Mas isso só pôde ocorrer depois que os habitantes de Canaã encheram sua taça de iniqüidade. Foi então que Deus os julgou, e os filhos de Israel apossaram-se daquele território. Ver Gên. 15.16, quanto a notas sobre essa informação. Ver também as notas sobre Gên. 15.18, acerca do Pacto Abraâmico.

46.28

Judá. Ver o artigo sobre ele e sua tribo, no *Dicionário.*

Terra de Gósen. Ver a respeito no *Dicionário.* Esse lugar tem sido identificado com o wadi Tumilat. José não instalou seus irmãos no populoso vale do rio Nilo, mas em um local relativamente isolado, onde pudessem manter a sua identidade. Essa era uma condição indispensável para o desenvolvimento de Israel como nação, no Egito. Ver a introdução a esta seção, anteriormente.

Os egípcios eram, essencialmente, um povo agrícola, ao passo que Jacó e seus filhos eram pastores (ver o vs. 34). Os egípcios abominavam a vida pastoril e os criadores de gado, conforme aquele versículo esclarece. Portanto, nessas atitudes nacionais já estavam embutidas as sementes da divisão e da controvérsia. Finalmente, porém, essa situação explodiria sob a forma de conflito franco, e Israel seria escravizado, quando subisse ao trono um Faraó que "não conhecera José" (Êxo. 1.8).

Judá recebeu a incumbência de abrir caminho, arranjando o necessário para o encontro entre Jacó e seu filho José, além de preparar a mudança da família inteira para o Egito.

46.29

José... subiu ao encontro de Israel, seu pai. Embora quase todos os lances da vida de uma pessoa dependam de suas próprias decisões, há alguns eventos fixos dos quais depende todo o arcabouço da vida. Jacó e seu amado filho, José, não se viam fazia agora entre vinte e dois e vinte e quatro anos. Mas o destino, determinado por Deus, fê-los encontrar-se novamente. É verdade que esse mesmo destino já os havia separado, mas o amor nunca perde os que lhe pertencem. O destino, uma vez mais, pusera José no comando do Egito, de modo que a providência de Deus (ver a esse respeito no *Dicionário*) estava cuidando de tudo e de todos. Ver também, no *Dicionário,* os artigos *Determinismo; Predestinação* e *Livre-Arbítrio.*

Carro. Ver no *Dicionário* o verbete com esse título, e também sobre *Carruagem.* José tinha, à sua disposição, o segundo carro do Egito, conforme se vê em Gên. 41.43.

Lançou-se-lhe ao pescoço. Ver sobre esse gesto em Gên. 45.14. Os estudiosos disputam se Jacó abraçou-se ao pescoço de José, tomando a iniciativa, ou se foi justamente o contrário. Nenhum dos dois ficou observando formalidades, nenhum dos dois ficou observando convenções sociais. Mas cada qual se atirou nos braços um do outro. Essa é uma cena que muito se repete em aeroportos, estações ferroviárias e portos marítimos, até os nossos próprios dias, reunindo famílias. Cf. Luc. 15.20. O amor une corações chegados. Temos bons motivos para crer que esses são laços eternos, e não somente laços que perduram por alguns poucos anos, nesta esfera terrestre. Certas almas pertencem umas às outras, como se deu com Jacó, Raquel e José.

Chorou assim longo tempo. José era homem emotivo e demonstrava suas emoções fortes mediante acessos de choro. Ver Gên. 42.24; 43.30; 45.2,14,15. Da última vez em que Jacó tinha visto seu amado filho José, este tinha apenas dezessete anos. Poucos dias depois, foi-lhe dada a falsa notícia da morte de José, que teria sido devorado por alguma fera. Jacó tinha vivido sob essa tenebrosa ilusão por mais de duas dezenas de anos. Agora, porém, raiava um novo dia, espantando tão horrendo pesadelo. Não há palavras que possam descrever as emoções que devem ter tomado conta da alma de Jacó e de José, naqueles instantes de reencontro. Foram momentos sagrados para pai e filho.

46.30

Já posso morrer. Jacó tinha agora mais idade do que José teria ao falecer (José morreu com cento e dez anos), porquanto estava com cento e trinta anos. E ainda viveria mais dezessete anos. Ver Gên. 47.28. Embora ainda lhe restasse algum tempo para viver no Egito, em seu coração Jacó sentia que já tinha vivido o bastante. Pois estava novamente em companhia do seu José, o seu filho querido, ao qual havia dado como morto fazia mais de duas décadas. Alguns homens morrem prematuramente, em meio às suas carreiras, quando muito ainda precisam fazer. A Jacó foi dada a graça de completar jubilosamente a sua carreira. Ele havia feito tudo quanto lhe competia, e não teria mais de enfrentar lutas. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Ver as notas sobre Gên. 5.21, quanto à desejabilidade de uma longa vida. Cf. Luc. 15.23,24,32. Ver também algo similar aos sentimentos de Jacó com aqueles do idoso Simeão, em Luc. 2.29. O grande anelo da alma de Jacó lhe havia sido proporcionado. Para ele, a morte não parecia mais ameaçadora.

46.31

Havia chegado no Egito a família de José. Agora, o Faraó precisava ser notificado, visto que José era diretamente responsável diante do rei. Ademais, a família de José tinha chegado ao Egito a convite do próprio Faraó (Gên. 45.17 ss.). Não há certeza acerca de onde o Faraó teria o seu palácio. Tudo depende de quem teria sido o Faraó dos dias de José. Ver Gên. 44.4, quanto à vaga cidade, que a maioria dos estudiosos identifica como Zoã, descrita no *Dicionário* no verbete desse nome. Zoã era a capital dos Faraós hicsos. Ver sobre os *Hicsos,* no *Dicionário.* Tendo saído ao encontro de Jacó e de seus irmãos, em Gósen, agora voltara para transmitir ao Faraó a notícia da chegada deles.

46.32

Os homens são pastores. Essa era a profissão dos filhos de Jacó, ao passo que os egípcios das classes superiores eram, em sua maioria, agricultores. Pessoas dessas profissões quase sempre entram em choque; e assim também sucedia nos dias de José, conforme se vê no vs. 34. Este versículo mostra que Jacó já havia exercido ambas essas profissões. Apesar da fome, ele ainda possuía muito gado. Os irmãos de José trouxeram todos os seus animais. Assim, dispunham de riquezas suficientes para iniciar a sua vida na nova pátria. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Pastor.* Os egípcios também tinham ovelhas (Gên. 47.16,17), mas o pastoreio desses animais era deixado aos cuidados de pessoas de classes inferiores.

José trouxe um grupo de pastores ao Egito. Mas ele não se envergonhava de seus familiares. Os egípcios, pelo menos a maioria deles, haveriam de tolerá-los por causa de José, mas as sementes do conflito já estavam implantadas nessas atitudes nacionais opostas. José teve o cuidado de não perturbar os costumes e as preferências dos egípcios (cf. Gên. 41.14 e 43.32). O Faraó acolheu amistosamente todos, apesar das diferenças (Gên. 47.1 ss.).

O vs. 34, como é evidente, representa José a dizer ao Faraó que eles eram criadores de gado, o que não parecia repelente para os egípcios. Teria José deixado de lado a menção à profissão de pastores, mostrando-se assim diplomático? Fosse como fosse, o trecho de Gên. 47.3 mostra-nos que os irmãos de José não foram tão diplomáticos.

46.33,34

O Problema da Ocupação. José tinha sido bem recebido no Egito. Mas ele, ao que parece, não estava certo se seu pai, pastor, e seus irmãos seriam igualmente acolhidos, porquanto a ocupação deles não era vista com bons olhos pelos egípcios. Criadores de gado e pastores de ovelhas sempre se entenderam mal. Além disso, os egípcios desprezavam os pastores. Apesar de os egípcios também terem ovelhas (Gên. 47.16,17), o cuidado desses animais era deixado nas mãos de pessoas menos privilegiadas, e até mesmo de mulheres. A nação de Israel, em formação, pois, residiria na terra de Gósen, um tanto isolada da corrente principal da vida egípcia. Ainda assim, José preocupava-se com a mistura dos dois povos. Portanto, permitiu que eles contassem uma "mentirinha" acerca de sua ocupação. É verdade que eles eram criadores de gado, mas também eram desprezados pastores de ovelhas.

Os monumentos egípcios representam os cananeus e os hebreus como pessoas em estado degradado, sempre vestindo roupas esfarrapadas, desarrumados, barbados. Não seria fácil fazer conviver os sofisticados e cultos egípcios, que tinham desenvolvido em alto grau tanto as ciências quanto as artes, e os pastores aldeões e seminômades recém-chegados da terra de Canaã. Os eruditos que não gostam de usar aqui a palavra *mentira,* preferem o termo *diplomacia.* Mas uma boa parte da diplomacia consiste em mentiras sofisticadas. O trecho de Gên. 47.3 mostra que cinco dos irmãos de José podiam fazer o papel de diplomatas, e deram uma resposta diplomática à pergunta feita pelo Faraó, quando este indagara sobre a profissão deles: "Os teus servos somos pastores de rebanho, assim nós como nossos pais"

Apesar da preocupação de José, seus irmãos pastores foram bem recebidos (ver o capítulo 47). Os hicsos eram chamados "reis pastores", pelo que essa profissão fazia parte da história deles, e isso pode ter suavizado o caminho para uma integração pacífica de povos.

Alguns estudiosos pensam que as ovelhas e outros animais fossem considerados sagrados pelos egípcios. Portanto, os hebreus ofendiam os egípcios quando sacrificavam esses animais. Mas essa atitude só veio a surgir mais tarde. O trecho de Gên. 43.16,32 mostra que o sacrifício e o consumo desses animais eram coisa comum no Egito, nos dias de José. Talvez a casta sacerdotal do Egito adorasse a tais animais; e para eles o sacrifício dessas espécies animais fosse uma abominação. Mas a declaração bíblica parece geral, e não que houvesse abominação somente aos olhos da classe sacerdotal.

Capítulo Quarenta e Sete

O trecho de Gên. 47.1-12 faz parte da seção maior, que tem início em Gên. 46.28. Portanto, a introdução que há ali aplica-se aos doze primeiros versículos deste capítulo. Ver também os comentários introdutórios a Gên. 47.1, que também devem ser levados em conta.

47.1

José Fora Autorizado. E isso pelo próprio Faraó, para que trouxesse ao Egito Jacó e seus outros filhos. Trariam ao Egito tudo quanto lhes pertencia. E instalar-se-iam na fértil terra de Gósen, que lhes fora cedida. Ver Gên. 45.17 ss. O grupo, de talvez duzentas pessoas ao todo, chegou. Setenta dessas pessoas eram homens (Gên. 46.27). Agora, o núcleo da nação de Israel em formação estava no Egito. Mas não demoraria muito para que aquilo que se iniciara como uma ocupação pacífica e autorizada se transformasse em um cativeiro forçado. Quanto aos quatro cativeiros de Israel, ver as notas introdutórias a Gên. 46.1. E o sexto versículo deste capítulo mostra que o Faraó deu seu consentimento oficial para que Jacó e sua gente ocupassem aquela extremo norte do Egito. Enquanto José vivesse, essa seria a situação da nação de Israel. Mas quando José fechou os olhos, as hostilidades não demoraram a rebentar. Israel acabou sendo escravizado. E mais tarde, depois de cerca de dois séculos de asperezas, Moisés tornou-se o libertador. Ver Êxo. 1.8.

Terra de Gósen. Ver o artigo detalhado sobre esse lugar, no *Dicionário*. Esse território (modernamente wadi Tumilat), era "um longo e estreito vale que levava do coração do delta do Nilo até terminar a sucessão dos lagos amargosos". Skinner, *in loc.*). Ali seria a pátria temporária de Israel, que continuaria longe da Terra Prometida por quase três séculos (segundo os cálculos da Septuaginta) Era uma região ideal de pastagens, bem irrigada, pelo que era, realmente, parte das melhores terras do Egito (vs. 6).

47.2

Cinco dos seus irmãos. Esses irmãos de José acompanharam-no em uma entrevista com Faraó, preliminar à ocupação da terra de Gósen. Não sabemos qual critério José usou nessa escolha. Alguns dizem que ele usou o critério da boa aparência física. Outros falam em líderes militares potenciais. Mas outros pensam que José escolheu os de aparência mais pobres, a fim de que o Faraó não se sentisse tentado a transformá-los em soldados. O mais provável é que José queria impressionar ao Faraó, e deve ter escolhido os irmãos mais brilhantemente intelectuais, de aparência física mais apresentável. O Targum de Jonathan diz-nos que esses irmãos foram Zebulom, Dã, Naftali, Gade e Aser. Mas Jarchi alude a Rúben, Simeão, Levi, Issacar e Benjamim. Como é óbvio, temos aí meras conjecturas.

Um detalhe interessante é que o número cinco aparece por repetidas vezes nessa narrativa (Gên. 43.34; 45.22 e aqui). Talvez esse número tivesse algum significado especial para o autor sacro, embora isso esteja perdido para nós; ou, então, talvez tenhamos nesse detalhe mera coincidência.

47.3

Somos pastores de rebanho. As palavras seguintes, "assim nós como nossos pais", mostram que essa ocupação vinha sendo seguida pelos hebreus desde o começo da raça. José havia instruído seus irmãos para que respondessem "criadores de gado", o que feriria menos os melindres egípcios. Mas esses seus cinco irmãos não se mostraram muito diplomáticos. Ver as notas sobre Gên. 46.34 quanto às atitudes dos egípcios acerca desse particular. Tanto entre os egípcios quanto entre os hebreus, as profissões eram hereditárias. A profissão de um homem era geralmente seguida por seus filhos, com raras exceções. O Faraó estava mui naturalmente interessado em saber que tipo de pessoas ocupariam as vizinhas terras de Gósen.

47.4

A Apologia. Eles fizeram uma síntese da razão pela qual tinham vindo para o Egito — a fome, o ressecamento das pastagens etc. Não eram espiões, conforme José os havia acusado a princípio (ver as notas sobre Gên. 42.9). O Egito era vulnerável aos ataques por suas fronteiras orientais. E já havia sofrido invasões cananéias vindas daquela direção. Portanto, sem entrar em detalhes, os irmãos de José disseram a Faraó que eram "homens honestos", sem motivos ulteriores, pois seriam bons súditos de Faraó.

Viemos para habitar nesta terra. Na verdade, eles não planejavam ficar ali senão até que a crise de escassez terminasse. E, então, queriam voltar à terra de Canaã. Porém, seus descendentes teriam de enfrentar ali mais de duzentos anos de cativeiro (segundo os cálculos da Septuaginta). O rio Nilo garantiria bons pastos na terra de Gósen (ver Gên. 41.2 quanto a notas expositivas a respeito). Mas, segundo pensavam, quando o regime de chuvas se normalizasse, eles voltariam à sua própria terra. Infelizmente, as circunstâncias forçá-los-iam a permanecer no Egito mais do que estavam pensando, e seriam escravizados até que aparecesse a liderança de Moisés.

A necessidade era premente, pelo que rogaram a permissão de residir na terra de Gósen, a própria região que lhes havia sido designada.

47.5

A Família de José Tinha Chegado. Isso harmonizava-se com os desejos de José e com o encorajamento dado pelo Faraó (Gên. 45.17 ss.). A entrevista com Faraó firmou toda a questão. O rei ficara satisfeito com a veracidade e as intenções dos familiares de José; no Egito havia espaço suficiente para eles, pelo que poderiam começar a instalar-se na terra de Gósen.

47.6

No melhor da terra. A terra de Gósen, como já vimos (ver no *Dicionário* sobre essa região; e também as notas sobre Gên. 45.10). O nome "Gósen" não tem sido encontrado nos registros egípcios, mas à região eles davam o nome de "distrito de Ramessés" (vs. 11; cf. Êxo. 1.11). Era uma região fértil, perto do delta oriental do rio Nilo, um território ideal para criação de gado. O moderno wadi Tumilat assinala o local antigo. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Ramessés*. A área recebeu nome com base no Faraó Ramsés II. Ver as notas sobre Êxo. 1.8,11. Ele reinou em torno de 1290-1224 A. C. Ver as notas sobre Êxo. 1.8 quanto a informações sobre o novo regime, do Faraó que não conhecera José.

Chefes do gado. Os irmãos de José teriam a oportunidade de prosseguir em sua profissão, mas também poderiam ser supervisores do gado de Faraó, naquela área. ". . .os irmãos de José seriam nomeados supervisores. . . dos interesses domésticos do Faraó, ao passo que José superintenderia os interesses do estado" (Adam Clarke, *in loc.*).

Este versículo parece dar-nos a entender que a criação de ovelhas (como também a de gado vacum) já era uma realidade entre os egípcios, na terra de Gósen; mas é provável que somente pessoas de baixa classe se ocupassem de tais atividades, o que não contradiz o que lemos em Gên. 46.34.

47.7

A Entrevista de Jacó com Faraó. Jacó era o venerável patriarca hebreu. É interessante vermos como Jacó abençoou ao Faraó. Sem dúvida, os hebreus deviam favores, e o Faraó merecia ser abençoado. Contudo, é curioso ver como aquele idoso hebreu, por assim dizer, assumiu uma posição de superioridade sobre a autoridade máxima do Egito, e, então, o tratou como um filho, e não como um superior. ". . . Jacó havia atingido uma idade que lhe emprestava grande dignidade. Pois, para os egípcios, cento e vinte anos era o limite máximo da longevidade. Agora Jacó estava com cento e trinta anos de idade, e o Faraó tratou-o com imenso respeito, aceitando por duas vezes a sua bênção. Por certo não devemos pensar aqui em uma mera saudação. . . É provável que o Faraó se tenha prostrado diante de Jacó, como uma personagem venerável, tendo recebido dele uma bênção formal" (Ellicott, *in loc.*).

47.8

Quantos são os dias. . . da tua vida? Essa foi a pergunta formulada pelo Faraó, admirando-se do vigor do idoso Jacó, o qual, na verdade, ainda viveria por mais dezessete anos (Gên. 47.28). Talvez o Faraó nunca tivesse visto um homem de tanta idade, em toda a sua vida, e não pôde sopitar a curiosidade.

47.9

A Breve-Longa Vida Difícil de Jacó. Ver as notas sobre Gên. 5.21 quanto à desejabilidade de uma longa vida. Qualquer vida longa é, na verdade, uma breve-longa vida. A própria vida não depende do período de manifestação nesta esfera terrena. A vida é um grande contínuo, que se amplia para muito além do alcance da imaginação humana. No entanto, essa minúscula porção da existência do homem, que tem alguma importância neste mundo, é muito breve, de acordo com qualquer cálculo. Jacó já estava com cento e trinta anos, e o Faraó admirou-se desse fato. No entanto, realmente, isso era um minúsculo segmento do tempo. Por conseguinte, mais importa que nos volvamos para os interesses da alma, cuja existência é realmente longa, pois a alma não morre. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Alma*. Por outra parte, é melhor vivermos por muitos anos do que vivermos por poucos anos. E ainda é melhor vivermos bem do que vivermos por muito tempo. Mas o melhor de tudo é vivermos bem e longamente

Minhas peregrinações. Toda vida humana neste mundo é uma peregrinação. Esforçamo-nos tanto por possuir uma casa; mas dentro de bem poucos anos, essa casa e seu terreno passam para alguma outra pessoa. A casa, assim sendo, mostra ser mais permanente do que seu proprietário. Ver o trecho de Hebreus 11.13, quanto ao fato de que os patriarcas eram meros estrangeiros e peregrinos na terra. Jacó viveu por muitos anos; e, não obstante, descreveu seus dias como poucos e maus. Ele era um homem de avançada idade, e o Faraó admirou-se disso. Mas Jacó não foi capaz de atingir a longevidade de seu avô, Abraão, que chegou aos cento e setenta e cinco anos, e de seu pai, Isaque, que atingiu os cento e oitenta anos. Ver Gên. 25.7 e 35.28.

Poucos e maus foram os dias. Jacó havia sofrido aflições com Labão, temores da parte de Esau, exílio, trabalho forçado em Padã-Arã. Ademais, sua filha, Diná, fora violentada; seus filhos tinham exterminado os siquemitas; Raquel havia morrido de parto; e José tinha estado desaparecido por mais de vinte anos. Naturalmente, Jacó também obtivera muitas vitórias, que ele não se deu ao trabalho de enumerar. De fato, a balança de sua vida pendia mais para bons momentos do que para maus momentos. Mas o idoso homem, cansado daquela viagem de quinhentos e sessenta quilômetros, desde Canaã ao Egito, naquele momento lembrou-se apenas do lado mau de sua vida. É tendência de pessoas idosas, cujas artérias cerebrais se esclerosaram, mostrarem-se cheias de ansiedades e pessimismos. De fato, a ciência diz-nos que muitas pessoas idosas "perdem a capacidade de ser felizes".

"Mesmo uma vida longa pode ser desperadamente curta. Todo homem, conforme envelhece, sente que seus anos se sucedem cada vez mais rápido. . . Aquilatada pelos intensos desejos, pelos anelos, pelas lamentações, pelas esperanças e pelas ambições não-cumpridas, a vida lhes parece tão fugidia como a chama de uma vela, que se apaga ao sopro repentino de uma lufada de vento. . . No fim, a vida entra em grande decadência. Isso pode ser simbolizado por Hamlet, que se pôs de pé sobre seu sepulcro, segurando na mão o próprio crânio" (Walter Russell Bowie, *in loc.*).

"Espero poder encontrar tempo para pensar, quando estiver morrendo: 'Alegro-me de ter vivido quando e onde vivi. Foi um bom espetáculo'" (J. B. S. Haldane, *Living Philosophies*, pág. 330).

Por alguns momentos, Jacó se deixou afundar em autocompaixão e remorso, e estranhamente, exatamente quando Deus lhe dava sua maior alegria, seu reencontro com José. Podemos contrastar isso com Albert Einstein, que escreveu: "Os ideais que sempre resplandeceram diante de mim, enchendo-me com a alegria de viver, são a bondade, a beleza e a verdade" (extraído de *Living Philosophies*, pág. 4, de J. B. S. Haldane).

47.10

Antes de despedir-se. Jacó fez uma pausa e abençoou ao Faraó pela segunda vez. Ver o vs. 7. Ele estava realmente agradecido pelo que o Faraó tinha feito por José e por toda a descendência de Abraão. Essas bênçãos paternas eram tidas como dotadas de grande poder. Jacó fora um homem de notável poder espiritual, a despeito de suas fraquezas e falhas, e sua bênção, não há que duvidar, seria benéfica ao Faraó. O Espírito de Deus garantiria isso.

47.11

Estabeleceram-se Jacó e os seus no melhor da terra, a região de Gósen ou terra de Ramessés. Este versículo reitera elementos que já haviam sido comentados em Gên. 45.18 e 47.1,4,6. Ver também Êxo. 1.11 quanto a outras notas. No *Dicionário* ver os artigos intitulados *Ramsés* e *Ramessés*. Talvez Ramessés fosse uma faixa da terra de Gósen. Mas é provável que a cidade assim chamada só tenha vindo à existência mais tarde (tendo recebido seu nome do *Faraó Ramsés II*, ao qual dedicamos um artigo no *Dicionário*). E então Moisés, ao escrever o relato, tenha usado o nome mais recente da cidade. Essa cidade "era o centro de uma terra rica, fértil e bela, descrita como a mansão da felicidade, onde todos, ricos e pobres, viviam igualmente em meio à paz e à abundância" (Canon Cook, *Exursus on Egyptian Words*, pág. 487).

47.12

E José sustentou de pão. Todos os seus irmãos, cunhadas, seus sobrinhos, o seu pai, os escravos, uma companhia de duzentas pessoas ou mesmo mais, visto que só de varões havia setenta (Gên. 46.27). Nada lhes faltava, em meio à terrível fome que grassava por todos os países em redor. O autor sagrado novamente frisa a providência de Deus (ver a esse respeito no *Dicionário*). José era o instrumento usado, e Deus era o manancial de todas as bênçãos (ver Tia. 1.17). Naturalmente, todos os membros da família de Jacó trabalhavam, provendo o necessário para si mesmos. José, porém, era a fonte da oportunidade que eles haviam tido de viver em uma terra onde imperava a abundância, onde podiam trabalhar com grande proveito.

José, um Tipo de Cristo. "Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra" (II Cor. 9.8). ". . . o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades" (Fil. 4.19). Ver as notas sobre Gên. 37.3 sobre José como um tipo simbólico de Cristo.

A Política Agrária de José (47.13-26)

Os críticos atribuem esta seção às fontes *J* e *E*. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

"José vendeu trigo aos egípcios até que o dinheiro deles se esgotou, após o que, no segundo ano da fome, eles tiveram de vender suas terras ao Faraó, ficando assim reduzidos à servidão, visto que a única base da liberdade pessoal, em um estado como o antigo Egito, era a posse de terras" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*). Detalhes como esse indicam a grande severidade da fome, que provocou mudanças sociais extremas. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Escravo, Escravidão*. Também foi imposta uma pesada taxa de vinte por cento (vs. 24). Mas tais providências mostraram-se eficazes, e assim os egípcios sobreviveram, ao passo que, em terras ao derredor, as pessoas morriam como moscas. Entrementes, prosperava a nação de Israel, em formação (vs. 27), parecendo que os israelitas conseguiam prosperar melhor do que os egípcios. Mas dentro de algum tempo, eles seriam escravos de um Faraó diferente; e isso prosseguiria até que Moisés os libertasse.

47.13

Não havia pão. A escassez era tão severa que não havia alimentos básicos. Em toda aquela região do mundo não havia víveres, exceto no Egito. José era o salvador do povo. Todos quantos se socorriam dele recebiam alimentos em abundância. Ver as notas sobre Gên. 37.3 quanto a José como tipo de Cristo. O povo "desfalecia" metafórica e literalmente, por causa da fome. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Fome*.

Desfalecia o povo. Alguns traduzem aqui por "enfurecia-se o povo", como se todos estivessem enlouquecidos, cometendo muitos crimes, invadindo armazéns de víveres, coisas essas que, geralmente, sucedem quando o povo não tem o que comer. Conforme disse Aben Ezra, entraram em um tumulto. Havia grande tensão no Egito. Mas a situação ali não tinha ficado fora de controle, graças ao previdente José.

47.14

José arrecadou todo o dinheiro. José vendeu tanto cereal que, virtualmente, adquiriu tanto o Egito quanto a terra de Canaã. Toda essa imensa quantia em dinheiro passou para o Faraó, guardado em seu tesouro. O povo não tinha alimentos; e agora também não tinha dinheiro; e os egípcios em breve perderiam todas as suas terras. O relato destaca o espírito previdente de José, sua capacidade para negociar, seu propósito perseverante, e seu excelente trabalho como administrador. Terminado o dinheiro do povo, José passou a aceitar o gado deles como moeda (vs. 17). Em outras palavras, o povo ficou reduzido a comer somente. Tudo mais, eles perderam. O vs. 21 mostra-nos que José chegou mesmo a relocar pessoas, sem dúvida, de acordo com a lei da sobrevivência. Os eruditos críticos e liberais, como também alguns conservadores, criticam essas medidas severas que ignoravam todos os direitos individuais. Não nos podemos olvidar, todavia, de que a terra estava em uma espécie de estado de guerra, onde os direitos dos indivíduos precisavam ser sacrificados em prol da sobrevivência da maioria. Em contraste com isso, o comunismo reduz os povos à servidão econômica (o estado torna-se dono de tudo), em nome da prosperidade, e isso sobre bases permanentes. Ademais, as medidas impostas por José eram temporárias, dependentes da crise, e não tinham o intuito de servir de lei permanente. É provável que, dentre todos os Faraós do Egito, aquele dos dias de José fosse o que acumulou mais riquezas, e isso em meio a um terrível período de sete anos de fome.

47.15

Tendo-se acabado. . . o dinheiro. O povo gastou todo o dinheiro que possuía, incluindo tudo quanto havia poupado, meramente para comprar alimentos. Mas agora, não havia mais recursos monetários. John Gill pensava que o dinheiro se acabou aí pelo quinto ano de fome. Ver Gên. 45.6. Agüentaram enquanto foi possível. Não tinham mais dinheiro para comprar alimentos. E agora? Era mister venderem o seu gado (vs. 16). José fá-los-ia pagar. Não distribuiria gratuitamente os alimentos que tinham sido armazenados, em troca de nada. José mostrava-se severo; mas a crise exigia tais medidas.

47.16

Em troca do vosso gado eu vos suprirei. Animais domésticos faziam parte das riquezas dos antigos. Portanto, era apenas lógico que seus animais fossem trocados por alimentos. Ora, isso dava-se até em períodos de abundância, e não só de escassez. E assim, o gado dos egípcios tornou-se propriedade do Faraó, e todos aqueles animais foram incorporados aos rebanhos do rei. Esse gado serviria de garantia contra a fome, se esta continuasse. Em tempos de fome, é impossível cuidar do gado. Se os animais não fossem entregues aos cuidados de José, haveriam de adoecer, morreriam de inanição e seriam extintos. Ver I Reis 18.5,6.

47.17

Estavam envolvidos os seguintes animais: vacas, ovelhas, cavalos e jumentos. Alguns intérpretes pensam que os reis hicsos foram os introdutores do cavalo

no Egito. Nesse caso, isso serviria de confirmação da teoria de que José viveu durante a dinastia dos faraós hicsos. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Hicsos*. Visto que havia "ovelhas", isso significa que a profissão de pastores era exercida no Egito, a despeito dos comentários adversos em Gênesis 46.34. Visto que os monumentos egípcios não estampam ovelhas, acredita-se que esse animal tenha sido introduzido no Egito ainda mais tarde que o cavalo.

Aquele ano. Os bens sob a forma de animais serviram somente para comprar alimentos pelo espaço de um ano. Por essa altura, os egípcios tinham perdido o seu próprio corpo e as suas terras (vs. 18), uma declaração estarrecedora, para dizermos o mínimo. No entanto, em nosso querido Brasil, muita gente conta somente com seu corpo; e um número impressionante de mulheres vende o seu corpo.

47.18

No ano próximo. Não o segundo ano de fome, e, sim, o ano seguinte àquele em que os egípcios perderam o seu gado.

O nosso corpo e a nossa terra. Só lhes restava isso. A situação era intolerável. O vs. 21 mostra-nos que José transferia corpos humanos. Ver as notas naquele versículo quanto a uma possível explicação do que isso significaria.

Isso sucedeu no sexto ano da fome, já perto do fim do período de escassez. Sem embargo, acabaram perdendo suas terras. No ano seguinte, as chuvas seriam abundantes e o Nilo inundaria normalmente as suas margens. Tão perto e, no entanto, tão longe.

47.19,20

Compra-nos a nós e a nossa terra. Tendo vendido suas terras em troca de comida, agora perdiam também os seus direitos individuais, porque acabaram vendendo-se como escravos de Faraó. "Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam" (Sal. 127.1). O autor sacro, que com tanta freqüência enfatiza a providência de Deus no livro de Gênesis (ver no *Dicionário* sobre esse assunto), mostra-nos agora o outro lado da moeda. Sem o Senhor, os homens são reduzidos ao estado de miserabilidade. Por assim dizer, eles dispõem de uma antiprovidência, que os deixa em abjeta pobreza, física e espiritual. Sem o Senhor, os homens tornam-se escravos de suas circunstâncias, marionetes do destino. Já esmagados, eles se tornam agricultores que, de seu, só têm o seu trabalho, sem terras. E, no caso em pauta, eles ainda tinham de pagar vinte por cento de toda a sua produção. Ver o vs. 24. A descrição indica condições extremas, as quais, segundo podemos imaginar, foram sendo revertidas pouco a pouco, quando a fome terminou.

Toda a terra do Egito para Faraó. O Egito inteiro agora pertencia ao Faraó. Só havia um proprietário de tudo. O próprio José era apenas seu primeiro-ministro. Condições de monarquia absoluta nunca foram tão absolutas como naqueles dias. Naturalmente, o Faraó era um monarca benévolo. A maioria das ditaduras e das monarquias absolutas são benévolas somente visando aos seus próprios interesses, conforme a história tem demonstrado repetidamente. Todos os governos totalitários são malignos, mesmo os que se mostram mais brandos, visto que são afrontas à liberdade humana, a mais preciosa de todas as possessões. Homens como Hitler e Stalin têm seguido sofregamente o exemplo do Faraó, mas sem a benevolência deste e sem que o motivo seja a escassez. Outrossim, tentam esses governos tornar permanente aquilo que o Faraó determinou apenas para um tempo de crise. Sabemos como Hitler e Stalin terminaram, em seus planos diabólicos. O valor do ser humano, como indivíduo, está acima de qualquer ideologia totalitária. Ver Mar. 8.36,37.

47.21

De uma a outra extremidade da terra do Egito. Houve um transporte estratégico de pessoas. Por essa altura, as pessoas tinham perdido o controle sobre seu próprio corpo. José, pois, começou a transferi-los de um lugar para outro. Como não nos são dadas explicações a respeito, várias conjecturas têm sido apresentadas: 1. Provavelmente, isso era feito no interesse de concentrar pessoas nos lugares de maior produtividade, longe dos pontos de maior perigo. A existência de água abundante, sem dúvida, servia de fator decisivo. 2. A fim de evitar assembléias ilegais e tumultuosas, que preanunciavam revoltas, as quais podem ocorrer em tempos de tensão social. 3. Se as pessoas estivessem distantes dos lugares que antes tinham sido seus, teriam menos saudades, e poderiam mostrar-se mais produtivas em outros lugares: um fator psicológico. 4. Concentrando gente perto dos silos, ou de certos locais onde houvesse maior quantidade de alimentos. Isso pouparia tempo e dinheiro, na questão do transporte de cereais.

47.22

A terra dos sacerdotes. A classe sacerdotal era privilegiada. Essa casta nada estava sofrendo. Os sacerdotes egípcios eram tidos em alta conta pelos faraós. Ensinava-se que os faraós eram divinos, descendentes de deuses, e, portanto, semideuses. Assim, o espírito religioso era um fator importante no Egito, talvez a espinha dorsal de tudo. José, pelo poder de Deus, havia predito a abundância e a escassez que se seguiria. Portanto, Deus estava por trás de ambas as condições. José se casara com a filha de um sacerdote. Ver Gên. 41.45. Essa classe era privilegiada e tinha grande poder. Prevalecia no Egito uma religião oficial, e o estado lhe dava todo o apoio. Temos aqui o primeiro exemplo bíblico de uma religião sustentada pelo estado. Heródoto, em uma época bem posterior, informa-nos como os sacerdotes do Egito não precisavam fazer despesas com coisa alguma, porquanto tudo lhes era suprido pelo governo. Seus pratos favoritos eram gansos e ovelhas (Euterpe, sive. 1.2 c. 37). Diodoro Siculo (Bibliothec. 1.1 par. 47) diz que o Egito estava dividido em três castas principais, e a primeira delas era a dos sacerdotes, que eram sustentados pelo governo e ganhavam grandes proventos. Nos dias de Josué, eles comiam à mesa do rei, e mantinham para si mesmos suas terras e suas riquezas.

47.23,24

O Plantio das Terras do Faraó. José provia os meios para a produção, e quatro quintos do que se produzia era a porção dos agricultores arrendados. Isso é uma porcentagem muito melhor do que aquela que os modernos agricultores arrendados desfrutam, por exemplo, no Brasil, onde a taxa é de metade da produção. Antes de José, o Egito era uma monarquia limitada. Mas, com ele, tornou-se uma monarquia absoluta. Talvez o poder do Faraó para cobrar taxas fosse antes limitado; mas agora tornara-se absoluto.

As três castas do Egito, de acordo com Diodoro Siculo, eram as seguintes:

1. A casta sacerdotal.
2. A corte, a família e as propriedades do rei.
3. Os súditos, o exército, o povo comum e todas as classes profissionais. Dentro desse sistema, o poder do Faraó era grande, embora limitado. Nos dias de José, somente a casta sacerdotal foi capaz de manter alguma independência.

As taxas agrárias de vinte por cento não eram escorchantes, considerando-se que era o único imposto, por assim dizer, um imposto unificado. Os governos modernos cobram muito mais do que isso, especialmente se considerarmos os impostos ocultos.

47.25

A vida nos tens dado! Isso disseram os egípcios a José. José salvou-os da morte certa, dando-lhes tudo de quanto precisavam para sobreviver. Ver José como um tipo de Cristo, em Gên. 37.3. "Fontes históricas egípcias testificam que esse sistema feudal do Egito foi introduzido entre 1700 e 1500 A. C. O narrador não tencionava sancionar o absolutismo, mas somente elogiar José por sua sabedoria, como libertador do povo" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*). Em troca dos benefícios providos por José, eles se tornaram escravos voluntários do Faraó. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Escravo (Escravidão).*

47.26

Uma Lei Perpétua. O autor sagrado olhou de volta pelos corredores do tempo, quem sabe quantos séculos, e informou que a lei dos vinte por cento de taxas, dos dias de José, continuava em vigor. Dependendo da data do livro de Gênesis (ou de suas fontes informativas), essa lei continuou a vigorar entre duzentos e setecentos anos. É provável que o povo egípcio tenha recuperado as suas terras, conforme foram voltando tempos de abundância alimentar, mas a taxa de um quinto sobre a produção agrícola prosseguiu. No entanto, os sacerdotes continuaram isentos de qualquer taxação, de modo que não perderam nem seus privilégios nem seus bens.

Prosperidade de Israel e Bênçãos de Jacó (47.27-48.22)

O Faraó havia cedido à nação de Israel, em formação, o melhor das terras do Egito, em reconhecimento por tudo quanto José tinha feito (ver Gên. 47.6). Foi assim que as duzentas pessoas que faziam parte da família de Jacó (havia entre eles setenta varões, ver Gên. 46.27) conseguiram prosperar mais do que os próprios egípcios. Ao que tudo indica, os filhos de Israel retiveram a posse de suas terras (em contraste com os egípcios, ver Gên. 47.19) e também não foram transportados de um lado para outro (ver Gên. 47.21). Portanto, podemos dizer que os israelitas estavam em tão privilegiada situação quanto a casta sacerdotal do Egito (Gên. 47.26). Esse foi outro sinal da providência de Deus (ver a esse respeito no *Dicionário*). Além de assegurar-nos da extraordinária bênção dada à nação de Israel em formação, mesmo em tempos de tão grande tensão social, o

autor sacro descreve como Jacó abençoou José, seu filho amado, bem como os dois filhos deste, nascidos no Egito. Em seguida, Moisés apresenta-nos a bênção de Jacó aos seus outros filhos (Gên. 49). Para o amado filho de Jacó, José, Moisés reservou um espaço maior, e, segundo podemos presumir, a bênção maior. Essas bênçãos paternas eram tidas em alta conta, porquanto haveria poder espiritual por trás delas, garantindo o seu cumprimento (ver as notas sobre Gên. 27.4).

Os críticos atribuem esta seção à combinação das fontes informativas *P(S.), J* e *E*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

47.27

Prosperidade na Terra de Gósen. A nação de Israel, que se estava formando, tal como a casta sacerdotal do Egito, parece ter sofrido pouco durante os anos de escassez. Ver os comentários introdutórios sobre esta seção. Israel possuía terras, animais domesticados, prata, ouro, todos os bens desta vida, ao passo que outros se tornavam escravos (Gên. 47.19). Além disso, multiplicaram-se grandemente, o que significa que a vontade de Deus se estava cumprindo, na formação da nação de Israel. Pela época do Êxodo, o número de israelitas, contando homens, mulheres e crianças, chegaria a cerca de dois milhões (um aumento de dez mil vezes mais). Ver Núm. 1.46. O número de varões com mais de vinte anos de idade, que podiam servir como militares, era de cerca de seiscentos mil. Isso posto, o número total de israelitas seria de, no mínimo, dois milhões, e, mais provavelmente, três milhões.

O Pacto Abraâmico provia a multiplicação e a prosperidade de Israel. Ver as notas em Gên. 15.18, quanto a esse pacto. Parte disso é que esse crescimento inicial teria lugar no exílio (ver Gên. 15.13). Finalmente, porém, os israelitas seriam restaurados à Terra Prometida (a Palestina), quando seus habitantes originais enchessem sua taça de iniqüidade e, então, sofressem o castigo divino, e seu território lhes fosse tomado (ver Gên. 15.16). O cronograma de Deus não sofreria nenhuma reversão.

47.28

Este é o versículo que dá a Jacó a idade total de cento e quarenta e sete anos, o que não foi repetido por ocasião de sua morte, conforme é costumeiro no livro de Gênesis. Desses cento e quarenta e sete anos, dezessete ele viveu no Egito. Foram anos bons. Jacó estava com seu amado filho, José, o qual fora dado como morto por quase vinte e cinco anos, até descobrir que não era assim. Assim, podemos supor, com toda a razão, que pai e filho tiveram dezessete anos maravilhosos de companheirismo. Jacó faleceu quando estava com cento e quarenta e sete anos; e José morreu aos cento e dez anos de idade. Logo, ambos tiveram vida longa, com muitas vitórias. Ver as notas em Gên. 5.21 quanto à desejabilidade de uma vida longa.

Idades Comparadas:

1. Os antediluvianos: De Adão a Noé. Esses viviam entre novencentos e mil anos.
2. De Noé a Abraão: entre duzentos e seiscentos anos.
3. Os patriarcas: entre cem e duzentos anos.
4. Padrão bíblico posterior: setenta anos (Sal. 90.10).

47.29

Aproximando-se, pois, o tempo. Jacó sentiu em seu corpo o enfraquecimento causado pela morte que se aproximava, e convocou José para abençoá-lo. Ele abençoaria e adotaria Manassés e Efraim, os quais se tornariam cabeças de tribos da nação de Israel. Portanto, estavam acontecendo coisas importantes.

Ponhas a mão debaixo da minha coxa. Provavelmente temos aí um eufemismo para tocar no pênis circuncidado, sinal externo do Pacto Abraâmico. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Circuncisão*. Ofereço notas completas sobre esse tipo de juramento, em Gên. 24.2.

Jacó havia prosperado no Egito. Mas sua pátria era a Terra Prometida. Ali tinham residido seus ancestrais, pelo que ele desejava ser sepultado naquele local, provavelmente tendo em mente as provisões do Pacto Abraâmico, ou seja, aquela seria a terra que eles possuiriam. Além disso, Jacó tinha razões sentimentais para querer ser sepultado ali, juntamente com seu pai, com seu avô e com Lia, uma de suas esposas. O sepultamento de Jacó ali haveria de atrair os seus descendentes de volta à terra de Canaã.

47.30

No lugar da sepultura deles, ou seja, a caverna de Macpela. Ver no *Dicionário* o verbete *Macpela*, local onde foram sepultados Abraão, Isaque, Rebeca, Lia e Jacó. Os ossos de José também foram levados até ali, por Moisés (Êxo. 13.19), tendo sido sepultados em Siquém (Jos. 24.32). Por conseguinte, havia dois lugares de sepultamento dos patriarcas de Israel: um perto de Hebrom, e o outro perto de Siquém. Jacó estava dando ao povo de Israel um símbolo, quando foi assim sepultado na Terra Prometida. Algum dia, haveriam de voltar à sua terra, como parte do Pacto Abraâmico — e assim a história haveria de seguir seu curso divinamente determinado. Jacó tinha motivos sentimentais para querer ser sepultado na Terra Prometida, embora suas razões fossem além disso. José fez um solene juramento de que cumpriria o desejo de seu pai. E muitos anos depois, os próprios ossos de José foram transportados para fora do Egito. Outro símbolo que clamava: Voltai para casa, israelitas!

47.31

E ele jurou-lhe. José cumpriu seu juramento, transportando o corpo de Jacó para ser sepultado na Terra Prometida. Jacó foi sepultado na caverna de Macpela. Ver Gên. 50.13. O juramento foi feito mediante o gesto do toque na coxa (ver Gên. 24.2).

... se inclinou sobre a cabeceira da cama. De exaustão, apoiando-se enquanto conversava com José. Lemos em Hebreus 11.21: ". . . apoiado sobre a extremidade do seu bordão, adorou". Essa descrição é tão diferente do que temos aqui que os harmonistas imaginam que isso sucedeu em outra ocasião, que não esta. Mas erram mais ainda os estudiosos que dizem que Jacó tornou-se culpado de alguma forma de idolatria, supondo que a ponta superior de seu bordão teria alguma forma de imagem ali gravada, e Jacó a teria adorado! Mas isso eles dizem a fim de se justificarem de sua própria forma de "idolatria cristã". Ver as notas sobre Hebreus 11.21 no *Novo Testamento Interpretado*, que ventila a questão com pormenores. A Septuaginta e a versão Siríaca traduziram a forma que a epístola aos Hebreus seguiu. O vocábulo hebraico, sem seus sinais vocálicos (o alfabeto hebraico tem vinte e duas letras, todas elas consoantes), pode significar *cama* ou *cajado*, e isso explica a variante. Os sinais vocálicos foram adicionados posteriormente, pelos massoretas (ver, no *Dicionário*), donde provém a ambigüidade.

Capítulo Quarenta e Oito

O capítulo 48 não introduz nenhuma nova seção. Dá continuidade à seção iniciada em Gên. 47.27. Ver a introdução àquele versículo, quanto a comentários sobre o conteúdo e as alegadas fontes sobre a seção, que inclui a totalidade do capítulo quarenta e oito.

Jacó Abençoa Seus Filhos (48.1 - 49.28)

48.1

Teu pai está enfermo. Isso já havia sido antecipado pelo autor sagrado, em Gên. 47.29, talvez por meio de uma fonte separada. Agora, outra fonte do mesmo livro dá sua contribuição, passando a narrar a questão de como Jacó abençoou seus filhos e seus dois netos, Manassés e Efraim (filhos de José).

José e Seus Filhos. Esses ocupam a porção maior da bênção dada por Jacó, em termos de espaço, pois José era não somente o seu filho mais amado, mas também o que se elevou a um maior poder espiritual e temporal. As genealogias do capítulo quarenta e seis têm, como propósito central, não apenas informar-nos sobre quem eram os filhos de Jacó, mas também revelar-nos quem eram esses filhos de José, que chegaram a ocupar a elevada posição de chefes de tribos em Israel. Foi através dessas tribos que Israel veio a tornar-se uma nação. Essa nação dispunha de doze patriarcas, ou, então, de treze, conforme um outro cômputo. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Israel, Constituição de; e Israel, História de*.

Manassés. Ver o artigo detalhado sobre esse homem e a tribo dele derivada, no *Dicionário*.

Efraim. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre ele e sua tribo. No primeiro capítulo de Números, a tribo de Levi, que não se tornou possuidora de um território na Terra Prometida, foi excluída da lista das doze tribos. Ver Núm. 1.49. José não dispunha de uma tribo chamada tribo de José, e, sim, de duas, através de seus dois filhos. E assim, chegamos a doze tribos (José e Levi são deixados fora dos cálculos, mas Manassés e Efraim foram incluídos).

A história perante nós significa que os dois filhos de José foram adotados por Jacó, tornando-se patriarcas legítimos de Israel que produziram tribos.

48.2

Este versículo quase certamente é paralelo de Gên. 47.31, e é ou um relato reformulado do mesmo incidente, com base em uma fonte diferente, que agora ficou

fazendo parte da bênção conferida aos filhos de Jacó, ou, então, veio de uma fonte informativa diferente, que incluía material extra. Ver no *Dicionário* o artigo *J.E.D.P.(S.)*, quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Alguns intérpretes vêem José comparecendo diante do leito de enfermidade de Jacó por duas vezes, mas isso é menos provável. Outros atribuem Gên. 47.31 à fonte *P(S)*, ao passo que Gên. 48.2 teria origem na fonte *E*. Seja como for, a narrativa das horas (ou dias) finais de Jacó tem prosseguimento. A bênção de um pai a seus filhos era considerada muito poderosa, fazendo cumprir-se as profecias ou promessas ali contidas. Ver Gên. 27.4 quanto a detalhes sobre essa questão. As notas naquele ponto aludem à crença na eficácia especial das palavras de um homem moribundo.

48.3

O Deus Todo-poderoso. No hebraico, *El Shaddai*, um nome divino acerca do qual comentei nas notas sobre Gên. 17.1. Esse nome destaca o Deus poderoso que é a origem de todo suprimento. Foi El Shaddai que apareceu a Abraão e firmou com ele o Seu pacto (Gên. 17.1), e também aquele que apareceu a Jacó quando este foi a Betel (Luz), após ter voltado de sua permanência de vinte anos em Padã-Arã.

Assim, a adoção de Manassés e Efraim, por parte de Jacó, e a bênção deste a eles, tiveram por base a promessa divina que lhe fora feita em Betel ou Luz (Gên. 35.9-13). Foi assim que Manassés e Efraim assumiram posição como agentes pessoais do Pacto Abraâmico. Ver as notas sobre esse pacto em Gên. 15.18. Ver no *Dicionário* os verbetes *Luz (Cidade)* e *Betel*. Jacó tinha recebido orientação especial por meio de certa variedade de experiências místicas, em cada encruzilhada importante de sua vida. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Misticismo* e *Vontade de Deus, Como Descobri-la*. Deus aparecera a Jacó quando este ia a Padã-Arã e quando dali voltava (Gên. 28.10-19 e 35.6-12). Não temos certeza de a qual desses dois incidentes (ou se a ambos) o presente texto se refere. As mesmas promessas divinas foram feitas em ambas as ocasiões.

48.4

Reiteração das Promessas. Há quinze repetições do Pacto Abraâmico só no livro de Gênesis, e dou uma lista delas nas notas sobre Gên. 15.18. Todas as promessas do presente versículo estão contidas nas várias confirmações desse pacto. Itens básicos eram a grande multiplicação dos filhos de Israel e o território que serviria de pátria deles. Há comentários sobre essas questões em Gên. 15.18 e 28.14. Várias metáforas foram usadas para ilustrar a grande posteridade de Abraão, como o "pó da terra", as "estrelas do céu" etc. Dei notas sobre esse pormenor em Gên. 13.16. Ver também Núm. 23.10. Ver também as notas sobre Gên. 35.11, no tocante a Jacó e às promessas feitas a ele. A posteridade de Jacó incluiria as nações que viriam por meio da linhagem Abraão-Isaque-Jacó-Judá-Davi-Messias. Através de Jacó seriam transmitidos os aspectos espirituais do Pacto Abraâmico (ver Gál. 3.14).

48.5

Os teus dois filhos. . . são meus. Com essas palavras, Jacó adotou os dois filhos de José. E assim, mediante essa declaração de Jacó, Manassés e Efraim tornaram-se legítimos cabeças de tribos, entre as doze tribos de Israel. Não havia nenhuma tribo de José. Levi, embora tivesse formado uma tribo, que se tornou a tribo sacerdotal, não recebeu terras, e não figura como uma das tribos, no primeiro capítulo de Números, onde aparece o esquema das doze tribos. Desse modo, pensamos em doze tribos, ainda que, estritamente falando, tenha havido treze (se incluirmos a de Levi). Ver Núm. 1.47.

Manassés e Efraim. Eles nasceram no Egito, mas isso não impediu que seus descendentes se tornassem duas das doze tribos. Cidadãos nascidos no estrangeiro ainda assim são cidadãos. Os dois filhos de José, como Rúben e Simeão, que eram filhos de Jacó, tornaram-se filhos, e não netos de Jacó, para todos os propósitos legais. Alguns eruditos imaginam que a menção desses outros filhos significa que Efraim tornar-se-ia agora primogênito de Jacó (em substituição a Rúben, por haver violentado Bila — Gên. 35.22 — e Manassés tornar-se-ia o segundo filho, na ordem de precedência. Por isso Jacó tê-los-ia abençoado antes dos outros filhos. Ao que tudo indica, o vs. 12 refere-se a alguma espécie de cerimônia de adoção.

48.6

"Com base em Gên. 50.23, deduzimos que José, provavelmente, não teve outros filhos além de Manasses e Efraim. Mas se teve outros filhos, não deveriam ser contados como cabeças de tribos, mas somente como filhos de Manassés ou Efraim, figurando apenas como chefes de famílias" (Ellicott, *in loc.*). Qualquer outro filho que José chegasse a ter, além daqueles dois, seria considerado dele, reputado como neto de Jacó, dentro da hierarquia de poder no seio da nação de Israel. É como se Jacó tivesse dito: "Estes dois são meus filhos; quaisquer outros serão teus filhos, isto é, meus netos".

48.7

Raquel Tinha Morrido Prematuramente. Isso posto, Jacó não tivera oportunidade de ter outros filhos por intermédio dela. Raquel teve apenas dois filhos; e, em consequência, Jacó compensou essa deficiência ao adotar Manassés e Efraim, os dois filhos de José. Portanto, legalmente, ele passou a ter quatro filhos através de sua amada Raquel.

Jacó sepultou Raquel em Belém, porquanto, sem o recurso do embalsamamento, não havia como levá-la até Macpela. Ver no *Dicionário* os artigos *Efrata e Belém*. O trecho de Miquéias 5.2 combina os nomes Belém-Efrata.

Lia, por meio de seus filhos, foi a progenitora de seis das tribos (se contarmos Levi). Raquel foi a progenitora de três (Benjamim, Efraim e Manassés). E as duas concubinas de Jacó, Bila e Zilpa, foram progenitoras de quatro (duas cada). Isso dá um total de treze tribos. Mas se eliminarmos Levi (que veio a tornar-se a tribo sacerdotal, destituída de território), teremos doze tribos.

48.8

Quem são estes? Jacó, quase cego, não podia ter certeza sobre quem eram os dois adolescentes à sua frente. E assim, precisou fazer essa indagação. Temos aí um estranho paralelo com a cegueira de Isaque, que chegou a confundir Jacó e Esaú (Gên. 27.1 ss.). A diferença entre os dois casos é que, no primeiro, houve logro, o que não sucedeu aqui. O intuito foi distinguir entre os dois filhos de José, porquanto, pelo Espírito, ele estava prestes a abençoar Efraim (o mais novo) mais do que a Manassés (o primogênito). Ver os vss. 17 ss.

48.9

Meus filhos, que Deus me deu aqui. Os filhos são dádivas divinas a seus pais, de acordo com Sal. 127.3, e merecem nossa bênção contínua. Isso é um fato, e não um mero sentimento entre os antigos hebreus. Logo, grande é a nossa responsabilidade diante de nossos filhos. Devemos ser pessoas aptas para abençoar no nome de Deus. Pais profanos produzem filhos profanos.

Para que eu os abençoe. Não de forma trivial, pois queria dar-lhes a bênção paterna-patriarcal, dependente do impulso do Espírito de Deus, que tornaria essa bênção eficaz. Os antigos hebreus pensavam, e com toda a razão, que a bênção ou a maldição de um homem moribundo eram extremamente poderosos. Ver as notas sobre essa questão em Gên. 27.4.

48.10

E ele os beijou e os abraçou. Os pais costumam dizer: "Quando eu tiver criado meus filhos, então poderei descansar". Para sua grande surpresa, porém, sentem tão grande amor por seus netos que acabam mostrando-se paternais com eles, adotando a mesma atitude de afeto, interesse e ansiedade que tinham nutrido por seus filhos. De fato, é admirável com que profundeza e prontidão aprendemos a amar a nossos netos. Assim foi que Jacó osculou e afagou seus dois netos, através de José, como se fossem seus próprios filhos, e também os adotou como seus (vs. 5). O vs. 12, ao que parece, alude a alguma forma de cerimônia de adoção.

48.11

Graça Acima de Toda a Expectação. Jacó, que havia "perdido" José cerca de quarenta anos antes, de súbito o recuperara, e não somente vivo, mas também elevado à posição de segunda autoridade do Egito. E passou dezessete bons anos em companhia de José, no Egito. Acresça-se a isso que agora era capaz de beijar e abraçar os dois filhos de José, seus netos queridos, a fim de abençoá-los e adotá-los como seus. Deus é bondoso. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Israel. O nome de Jacó foi modificado pelo Senhor Deus para Israel (ver Gên. 32.18 e suas notas expositivas). "Essas expressões envolvem muita delicadeza e ternura. Jacó sentia-se amplamente recompensado por sua longa tristeza e por suas tribulações" (Adam Clarke, *in loc.*).

48.12

Tirando-os dentre os joelhos de seu pai. É provável que esse gesto fosse o sinal de adoção. Os rapazinhos tinham sido postos entre seus joelhos; e assim ele os adotou. Ver o vs. 5. José prostrou-se até o chão, um gesto de reverência a Deus, como que buscando iluminação a fim de saber criar corretamente os seus dois preciosos filhos, e buscando o poder divino para cumprimento de sua tarefa

paterna. Sua reverência, como é óbvio, também teve por alvo Jacó, seu pai e instrumento da bênção divina.

Vemos aqui o segundo homem do Egito, homem dotado de imensa autoridade, a homenagear seu pai. E isso ele fazia com toda a razão, porquanto Jacó se tornara o grande patriarca de Israel. Basicamente, porém, Jacó tinha sido um bom pai, inteiramente à parte de sua elevação espiritual na sua idade avançada, merecendo o mais profundo respeito de todos os seus filhos. Ver Êxo. 20.12, quanto ao mandamento de honrar pai e mãe.

No Egito, costumava-se honrar profundamente os pais, conforme disse Heródoto (*Euterpe*, c. 80): "Pois se uma pessoa mais jovem encontra-se com alguém de mais idade, imediatamente desvia-se do caminho para abrir-lhe passagem; e, quando uma pessoa idosa entra em um aposento, os jovens levantam-se de seus assentos".

48.13,14

A Reversão das Bênçãos. Era muito natural que José posicionasse seus filhos de forma que Manassés ficasse à mão direita de Jacó, por ser ele o primogênito. E assim, igualmente, a mão esquerda de Jacó repousaria sobre a cabeça de Efraim, que era o filho mais novo, para que ele recebesse a bênção menor. Mas Jacó, voluntária e conscientemente, reverteu a situação, cruzando os braços, para que a bênção maior fosse dada a Efraim.

Essa foi a terceira vez em que um filho menor recebeu a bênção principal. Na primeira vez, isso aconteceu ao próprio Jacó, que era o filho mais novo em relação a seu irmão, Esaú, o qual recebeu a bênção primária (mediante ludíbrio), Gên. 27. Na segunda vez, houve o caso do irmão gêmeo potencial que, no derradeiro momento, perdeu a batalha pelo nascimento, e nasceu em segundo lugar. Isso aconteceu com Perez e Zerá. Ver Gên. 38.28,29. Perez, pois, tornou-se o ancestral de Jesus Cristo, e não Zerá. Ver as notas sobre aqueles dois versículos. Perez, sendo potencialmente o segundo, obteve a posição de primogênito.

". . .ele [Jacó] discerniu que o irmão mais novo receberia bênçãos divinas superiores, e assim cruzou os braços ou mudou a posição dos dois irmãos, impondo sua mão direita sobre Efraim, e sua mão esquerda sobre Manassés" (John Gill, *in loc.*). O original hebraico envolve uma curiosa expressão idiomática que diz: "ele fez suas mãos compreender". E daí vem a tradução da Vulgata Latina: "fecit suas manus intelligere". E vários dos pais da Igreja, em seus escritos, perpetuaram essa expressão idiomática.

A Imposição de Mãos. Tratava-se de um modo comum de conferir uma bênção. Esta é a primeira vez em que é mencionada na Bíblia a imposição de mãos. Daqui por diante, todavia, esse gesto de transmissão de bênção vai-se tornando comum. Ver Núm. 27.18,23; Deu. 34.9; Mat. 19.3,15; Atos 6.6; I Tim. 4.14.

Reversão de Acordo com a Vontade de Deus. Ver Rom. 9.11. Ver no *Dicionário* os artigos *Predestinação* e *Determinismo (Predestinação)*. Podemos ter certeza de que essas preferências tiveram suas razões de ser. Não foram arbitrárias. Mas geralmente não sabemos dizer por que Deus assim determinou. Aqueles que crêem na preexistência da alma (com ou sem a reencarnação) acham que as razões para essas coisas estão na história prévia da alma de cada um. João Batista foi cheio do Espírito (tornando-se assim um vaso escolhido) desde antes do nascimento (Luc. 1.15); e Paulo foi chamado para sua missão divina antes mesmo de ter nascido (Gál. 1.15). A preexistência da alma talvez explique o que poderiam, de outro modo, parecer casos inexplicáveis, com base em alguma vontade divina arbitrária. Algumas pessoas não apreciam mistérios capazes de ser sondados pela razão e simplesmente preferem deixar essas questões aos cuidados da vontade de Deus, por mais vaga que seja essa expressão. Naturalmente, no presente texto, não estamos tratando da salvação. Contudo, a vontade de Deus envolve todas as coisas, podendo, às vezes, ser explicada, embora com alguma freqüência não tenha explicação. Pessoalmente, não apelo para o voluntarismo (ver a esse respeito no *Dicionário*), como se fosse uma resposta para tais problemas.

48.15

E abençoou a José. Provavelmente tanto em sentido individual como através de seus dois filhos, dos quais procederiam duas tribos de Israel, ao passo que nenhuma tribo teria o nome de José.

O Deus. Ou seja, *Elohim*. Ver o verbete sobre esse nome divino no *Dicionário*, como também *Deus, Nomes Bíblicos de*. Ele fora o Deus adorado por Abraão e Isaque, como o era agora de Jacó, tendo este nome sido adicionado à expressão: "O Deus de Abraão, Isaque e Jacó". Ver Gên. 28.13; 31.42; 32.9 e Êxo. 3.6. Ver Gên. 32.9 quanto a notas adicionais sobre o Deus dos patriarcas. O monoteísmo dos hebreus era fortalecido por meio do uso desses nomes de Deus.

O Suprimento Inexaurível. O Deus dos patriarcas nunca abandonou Jacó. "Nada é mais característico no livro de Gênesis do que a maneira como o conceito de Deus é sempre vinculado com algo mais amplo do que o indivíduo. Ele é o Deus que reivindica a lealdade particular de cada pessoa, mas Ele também é o seu Deus, porque também fora o Deus de seus antepassados" (Walter Russell Bowie, *in loc.*). Por essa exata razão foi que o Pacto Abraâmico foi reafirmado diante de cada um dos descendentes de Abraão. Ver as notas em Gên. 15.18, onde expus comentários sobre esse pacto, o qual é reiterado por quinze vezes só no livro de Gênesis.

Em cuja presença andaram. Uma metáfora para o curso geral da vida, freqüente em muitas obras de ética. O ato de andar consiste em uma série de meias-quedas, organizadas com o propósito de avançar. O andar, pois, é um propósito constante que escapa da mera chance. De fato, coisa alguma acontece por acaso. Ver no *Dicionário* o artigo *Andar*, onde essa metáfora é explanada.

... me sustentou. Outras traduções dizem aqui *me orientou*. Seja como for, tanto a sustentação quanto a orientação são elementos vitais na vida espiritual.

"Jacó estava chegando ao limiar da eternidade, e sua fé estava firmada inabalavelmente em Deus. Ele via que sua vida dependera de uma série de atos misericordiosos de Deus. E assim como ele se tinha mostrado afetuoso, atento, previdente e bondoso para com seu filho mais impotente, assim também Deus se mostrara para com ele, alimentando-o por toda a sua longa vida! Percebeu ele que devia tudo, até a menor porção de alimento, que havia recebido, à misericórdia e à bondade de Deus" (Adam Clarke, *in loc.*).

48.16

"Jacó invocou Deus por meio de uma tríplice descrição: 1. O Deus na presença de quem seus antepassados tinham andado (Gên. 17.1; 24.40). 2. O Deus que o tinha sustentado (literalmente, "pastoreado", Sal. 23.1), por toda a sua vida. 3. O Deus que o tinha redimido de todo mal (Isa. 48.20) *(Oxford Annotated Bible, in loc.)*.

O Anjo. Ver Gên. 16.7; 31.11. Deus dispõe de Seus agentes. Ver no *Dicionário* o verbete *Anjo*. O ministério dos anjos é uma realidade. Ofereci notas adicionais a respeito em Gên. 16.7, incluindo o ministério angelical que figura no livro de Gênesis.

Que me tem livrado. Não está aqui em pauta a redenção espiritual, e, sim, o livramento contínuo de toda tribulação e mal. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Redenção*. Como é claro, Jacó fora redimido espiritualmente, mas não é isso que está em pauta neste versículo. Jacó participava da bênção interminável e eterna de Deus. O Senhor era o seu Pastor (Sal. 23.1); ele vinha sendo sustentado (Isa. 40.11); ele era a ovelha achada (Luc. 15.4). Ver também Jer. 31.10 e Eze. 34.12. Os remidos ouvem a voz do Senhor e são guiados por Ele (João 10).

Abençoe estes rapazes. Porquanto neles teria continuação o nome de Abraão. Neles multiplicar-se-ia a posteridade dele, conforme o Pacto Abraâmico garantia. Ver sobre o Pacto Abraâmico nas notas acerca de Gên. 15.18, que inclui a informação sobre a provisão de uma numerosíssima posteridade e sobre as metáforas usadas para expressar isso pelo autor do livro de Gênesis.

Dessa forma, foi reafirmado o Pacto Abraâmico diante de Manasses e Efraim, sendo esta a décima quinta menção a esse pacto no livro de Gênesis.

O Goel ou Redentor. Temos aqui um vocábulo hebraico que aparece neste ponto pela primeira vez na Bíblia. As traduções geralmente traduzem-no por "Anjo", o que também sucede em nossa versão portuguesa. No *Dicionário* o leitor deve examinar o verbete intitulado *Goel*. Diremos aqui apenas que um goel era um parente mais próximo que tinha o dever de redimir a seu parente, que se endividara e ficara sujeito à escravidão a outrem. Jesus é o nosso goel ou redentor. Ele é o nosso parente mais próximo, e, com o Seu sangue, nos redimiu de nossos pecados.

"A partir daquele momento, Efraim e Manassés passaram a ter os mesmos direitos e privilégios que os demais filhos de Jacó. Mas como filhos de José eles jamais teriam possuído tais direitos e privilégios" (Adam Clarke, *in loc.*).

Seja neles chamado o meu nome. A vida de Abraão seria perpetuada através dos dois filhos de José (juntamente com outros filhos de Jacó). Nesse período remoto ainda não era expressa claramente a crença na imortalidade pessoal da alma. Isso ocorreu mais tarde, nos Salmos e nos Profetas. Mas a expressão "imagem de Deus" (Gên. 1.26,27) antecipava esse conceito, embora ainda em um estágio preliminar. O Pacto Abraâmico não continha a dimensão espiritual da alma, até que Cristo a adicionou (ver Gál. 3.14). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Alma*.

48.17,18

Descruzando os Braços de Jacó. O costume demandava que um filho primogênito recebesse dupla porção da herança paterna, como também a bênção maior. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Primogênito*. José pensou que seu pai estava enganado, por estar quase cego, ao dar ao neto mais novo, Efraim, a

bênção maior. Acontece que Jacó, fisicamente, estava quase cego, mas sua visão espiritual era perfeita. Na verdade, não estava equivocado. Ver os comentários sobre o vs. 14 sobre a vontade determinante de Deus. Algumas vezes, a vontade de Deus reverte as coisas, anulando as expectações humanas. Porém, podemos estar certos de que essa vontade está sempre por trás do que é justo e harmônico com o amor. Deus não promove a injustiça e o ódio. Sua vontade nunca é arbitrária, mesmo quando ela nos é misteriosa.

Deus conta com Seus instrumentos de poder e atua eficazmente. Jacó contava com a presença do Anjo de Deus a seu lado (vss. 15,16). Ele recebera iluminação, e isso foi transmitido desde Abraão, passando pela sua linhagem escolhida, e agora chegava a Efraim, deixando Manassés em segundo lugar. "O que Deus faz na vida de um homem é muito maior do que o próprio homem poderia realizar. É como se um anjo real estivesse o tempo todo ao lado daquele homem. . . Sabemos que Deus faz todas as coisas redundar em bem, em favor daqueles que O amam (Rom. 8.28)" (Walter Russell Bowie, *in loc.*).

Põe a tua mão direita. A mão direita era o emblema do poder e da bênção, da retidão e da eficácia. "Até mesmo nos céus, a mão direita de Deus é o lugar da mais exaltada dignidade. . . José falou aqui movido por seus afetos naturais. . . mas Jacó agiu conforme a influência do Espírito Santo" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver Mat. 26.54; Mar. 16.19; Atos 2.33; Apo. 2.1 e 5.1.

48.19

Seu irmão menor será maior do que ele. Jacó reiterou que sabia o que estava fazendo. Sua iluminação, por ocasião da aproximação da morte, tinha-lhe segredado a quem deveria propiciar a bênção superior. "Séculos mais tarde, Efraim tornou-se a tribo líder do reino do norte, Israel, muito superior à tribo de Manassés, conforme Jacó havia predito" (Allen P. Ross, *in loc.*). O trecho de Núm. 26.34,37 fornece-nos seus números respectivos. Manassés contava com maior número, mas Efraim tinha maior poder e posição. Manassés, porém, sofreu uma divisão em dois segmentos, o que tornou a tribo politicamente insignificante. Josué pertencia à tribo de Efraim. Ver as notas sobre o vs. 13, quanto a esse assunto de um irmão mais novo, às vezes, ser superior a um irmão mais velho.

As Normas de Deus. Tanto nas famílias quanto nas nações, Deus tem o Seu homem, colocando-o à frente de outros em sua própria família, apesar de condições genéticas e ambientais similares. Assim, Abel foi preferido acima de Caim; Sem, acima de Jafé; Abraão, acima de Naor; Isaque, acima de Ismael; Jacó, acima de Esau, Moisés, acima de Arão; Davi, acima de seus irmãos.

48.20

A Superbênção. Tão grande foi a bênção recebida por Efraim e Manassés que, nos anos posteriores, essa bênção tornar-se-ia proverbial. E um israelita dizia a outro: "Sê tu abençoado, em tão grande medida quanto Deus abençoou Efraim e Manassés". A versão inglesa *Revised Standard Version* brinda-nos com uma boa tradução, a qual nos ajuda a entender melhor o texto: "Por meio de vós Israel proferirá bênçãos. Deus te torne como Efraim. . .". E assim, em anos subsequentes, as bênçãos proferidas pelos israelitas seguiam o estilo e o fraseado das bênçãos de Jacó sobre seus filhos. Ver Heb. 11.21. O Targum de Jonathan estipula que as bênçãos deviam incluir os nomes de Efraim e Manassés, supondo que isso lhes emprestaria maior poder. Assim é que os judeus piedosos costumam dizer, quando abençoam a um filho: "Deus te faça como a Efraim e a Manassés". E quando abençoam uma filha, dizem: "Deus te faça como Sara e Rebeca".

48.21

Depois disse Israel. Neste ponto, esse nome alude à nação de Israel, e não a Jacó. A observação foi feita séculos depois, quando Israel já existia como nação. Cf. isso com Gên. 36.31, quando é mencionado o tempo em que começaram a haver reis em Israel. Os eruditos conservadores afirmam que temos aqui uma profecia, e não história. Mas os críticos céticos não aceitam esse parecer.

Tanto Jacó quanto José seriam levados para fora do Egito. Primeiramente, o corpo de Jacó seria transportado pelo próprio José, a fim de ser sepultado em Macpela. Em segundo lugar, Moisés transportaria os ossos de Jose para fora do Egito, sepultando-os em Siquém. Ver Gên. 50.4-14 e Jos. 24.32. Essa era a verdade da questão. Mas este versículo quase certamente indica que Jacó esperava que José veria o dia quando fosse capaz de retornar fisicamente vivo à terra de Canaã. Jacó, pois, não antecipava um longo exílio da nação de Israel em formação, no Egito, embora essa informação desde há muito tivesse sido dada a Abraão (ver Gên. 15.13). Jacó era dotado de discernimento profético, mas não foi capaz de ver com precisão a cronologia envolvida. A profecia procede de um mundo onde não corre o tempo, sendo por isso difícil percebermos as datas exatas. Ou, então, quando estão envolvidas profecias a longo prazo, passam-se décadas ou mesmo séculos. Mas alguns estudiosos pensam que Jacó se referia à nação de Israel, a qual procederia em parte de José (Efraim e Manassés, e os outros filhos de Jacó), mas isso é menos provável. As impacientes expectações de Jacó simplesmente não se cumpriram.

48.22

Este versículo alude à conquista de Siquém, por parte de Jacó, mediante ação militar. No dizer de Cuthbert A. Simpson (*in loc.*): "Esse evento deve ter sido registrado pela fonte *E*, antes do trecho de Gên. 33.20, a qual, conforme foi sugerido acima, fala da construção de um monumento para comemorar a vitória". E esse mesmo autor prosseguiu a fim de supor que outras fontes informativas, como *J*, apresentavam a conquista da terra, por parte de Jacó, feita através de meios pacíficos, quando ele comprou terras nas proximidades (Gên. 33.19). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.)*, quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Os Targuns de Jonathan e de Jarchi pensam que este versículo refere-se a Siquém. Alguns estudiosos crêem que há uma alusão à matança efetuada por seus filhos (e assim, indiretamente, por Jacó). Mas essa opinião é duvidosa (porquanto Jacó repeliu o feito de seus filhos, ver Gên. 49.5-7), embora não seja impossível. Menos provável, e até mesmo ridícula, é a opinião daqueles que dizem que a espada de Jacó era o seu dinheiro, como se houvesse aqui uma referência metafórica. Outra conjectura é que estão em pauta dois acontecimentos diferentes. Jacó, em primeiro lugar, teria comprado a terra; mas depois vieram os amorreus para se apossarem dela, e, então, foi mister que Jacó a defendesse pela força. É curioso que foi ali, em Siquém, que foram enterrados os ossos de José!

Este versículo revela-nos que aquela terra foi dada a José como parte de sua herança. Ver João 4.5; quanto a uma referência neotestamentária a este versículo, onde lemos que José herdou esse terreno.

"Jacó, de espírito exultante, embora fosse, acima de tudo, um homem pacífico e tímido, dentre toda a sua vida, aludiu somente a esse seu único feito militar" (Ellicott, *in loc.*).

Capítulo Quarenta e Nove

Jacó Abençoa Seus Filhos e Morre (49.1-33)

Os críticos atribuem esta seção a uma mescla das fontes *P(S)* e *J*. O poema é atribuído a *J*. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.)*, quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Os críticos supõem que o poema se tenha originado de certo número de oráculos originais e independentes que pertenceriam às tribos (de um período posterior), os quais um redator teria coligido, transformando-os em bênção de Jacó para seus filhos. Os eruditos conservadores, todavia, rejeitam essa fragmentação, como também a idéia de que se trata de uma compreensão tardia, e não de uma previsão.

A bênção foi dada mediante discernimento profético e iluminação divina, prevendo, em lances bem amplos, a história de cada tribo de Israel, dali por diante. O Pacto Abraâmico (ver as notas a respeito em Gên. 15.18) garantiria o sucesso de cada tribo como uma unidade formadora de Israel, porquanto essa nação deveria desenvolver-se de acordo com o plano divino. Israel tornar-se-ia o agente por meio do qual Deus daria sua mensagem que beneficiaria todas as nações. O Messias levaria essa mensagem à sua plena fruição, tornando-a eficaz para todos os povos (ver Gál. 3.14).

49.1,2

Começo do Oráculo. A natureza inerente e a vida de cada patriarca seria o fator determinante de como cada tribo (descendente dele) desenvolver-se-ia. Nesse conceito temos uma espécie de genética espiritual, e não somente de genética física. Além disso, por trás de tal desenvolvimento havia o propósito divino, que se manifesta mediante a Sua providência. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus*. Destinos os mais variegados seriam concretizados em consonância com as qualidades morais, como também de acordo com as qualidades espirituais. Este capítulo lança um rápido vislumbre das operações de Deus no tocante a Israel. A fidelidade seria um fator importante. Haveria muitas debilidades e falhas, mas a vontade de Deus acabaria por triunfar, finalmente; de outra sorte, o Pacto Abraâmico redundaria em fracasso. Ver a introdução à atual seção.

Nos dias vindouros. O poema em seguida é apresentado como uma profecia. John Gill diz que "os dias vindouros significam dali por diante, até a vinda do Messias, o qual figura na profecia". Vemos aqui uma espécie de galeria de tipos humanos, bons e maus, e também indiferentes; mas o propósito divino atuaria através de todos os elementos, cumprindo um propósito. Deus usa o livre-arbítrio humano, mas sem destruí-lo, embora não saibamos dizer como isso pode acontecer. Ver no *Dicionário* os artigos *Determinismo (Predestinação); Predestinação* e *Livre-Arbítrio*.

O Poder das Palavras de um Homem Moribundo. Os hebreus acreditavam que as palavras de um homem moribundo revestiam-se de poder todo especial. E isso seria tanto mais verdade no caso de um dos patriarcas de Israel. Ver as notas sobre Gên. 27.4 quanto a detalhes dessa crença.

49.3

Rúben. Ver sobre ele e sua tribo no *Dicionário. Ele era o filho primogênito de Jacó.* Mas por haver violentado Bila, concubina de seu pai, perdeu aquele direito, o qual foi transferido para Efraim (conforme alguns pensam) ou para Judá (de acordo com outros). Ver o artigo *Primogênito,* no *Dicionário,* quanto aos direitos e privilégios dessa condição. Como primogênito e devido a qualidades inerentes, ele tinha vários pontos excelentes. Mas perdeu essa posição por seu momento de desvario no tocante a Bila. O território da tribo de Rúben ficava a leste do mar Morto. Essa era uma das tribos liderantes; mas ainda no começo de sua história os rubenitas foram engolfados pelos moabitas (Juí. 5.15,16; Deu. 33.6). E foi assim que, finalmente, como tribo, Rúben não seria "o mais excelente" (vs. 4).

Excelências. ". . .dignidade, poder, autoridade na família, proeminência sobre seus irmãos, uma dupla porção dos bens, sucessão no governo, e, conforme é comumente entendido em todos os Targuns, o exercício do sacerdócio" (John Gill, *in loc.*). Se (vs. 4) ele não tivesse pecado como pecou, teria obtido essas excelências.

"É um claro fato histórico que nenhum rei, juiz ou profeta, até onde ficou registrado, teve origem na tribo de Rúben" (Ellicott, *in loc.*).

49.4

Impetuoso como a água. Destarte, ele não se mostraria excelente, a despeito de todas as suas vantagens. Não deveríamos olvidar seus atos de misericórdia, quando ele tentou impedir seus irmãos que queriam prejudicar José (Gên. 37.22,29). Ele era forte quanto à misericórdia e ao amor, e esse ponto não deve ser deduzido dele. Mas era homem moralmente fraco e permitia que suas paixões o dominassem, a ponto de haver atacado sexualmente Bila (Gên. 35.22). Digo aqui atacado, porque não é provável que Bila, concubina de Jacó por muitos anos, tenha consentido o ato. Seu ato desvairado custou caríssimo a Rúben. Sua tribo herdou sua fraqueza moral e instabilidade.

José, nas pessoas de Efraim e Manassés, ao que tudo indica, recebeu a dupla porção do direito de primogenitura, de tal maneira que o ato de abençoar veio a ser ligado à menção aos dois filhos de José. Ver as notas sobre Gên. 48.20, quanto a essa informação.

49.5

Simeão e Levi. Ver os artigos sobre eles e suas tribos respectivas no Dicionário. Havia a tribo de Levi, que era a décima terceira tribo. No entanto, os levitas perderam sua condição oficial de tribo, quando lhes foi vedado ter um território, a fim de que pudessem tornar-se a tribo sacerdotal. Ver Núm. 1.47 ss. José não teve uma tribo com seu nome, mas teve duas tribos, uma em nome de Efraim, e outra em nome de Manassés, ambos seus filhos. Por conseguinte, dos doze filhos de Jacó, dez deles produziram tribos oficiais. A essas foram adicionadas as tribos de Efraim e Manassés, aos quais Jacó adotara como seus próprios filhos. Isso completou o número de doze tribos. Ver as notas sobre Gên. 48.5,9, quanto a essa adoção.

"Simeão e Levi aparecem aqui juntos por terem liderado o ataque contra os siquemitas com armas de violência (Gên. 34.25-30). Levi, que antes formava uma tribo, acabou tornando-se uma classe sacerdotal (Êxo. 32.26-29; Deu. 10.8,9). Simeão, com a passagem do tempo, foi absorvido pela tribo de Judá" *(Oxford Annotated Bible, in loc.).*

Jacó Condenou a Violência. No decurso de sua vida inteira, Jacó envolveu-se somente em uma aventura militar (Gên. 48.22); e isso por pura necessidade. Observemos que três versículos foram dedicados a essa questão. Jacó falou com veemência contra a violência. A violência produziu efeitos negativos a longo prazo entre as tribos que descendiam daqueles homens violentos. Ver no *Dicionário* os artigos *Paz* e *Amor.*

49.6

Poeticamente, o patriarca continuou vergastando as atitudes violentas. Ele invoca sua própria alma, sua vida interior e as suas intenções, a nada terem que ver com os conselhos secretos vis dos violentos. Sua honra não deveria ser maculada mediante a união com os tais; mediante o contato com as matanças e atos destrutivos de tais pessoas. Por inspiração, o texto nos fornece um juízo moral, do ponto de vista divino, contra os atos violentos de Simeão e Levi. Ambas as tribos deles descendentes posteriormente foram dispersas. Simeão desintegrou-se, e suas terras foram engolfadas pela tribo de Judá e a própria tribo foi absorvida (Jos. 19.1,9). No entanto, visto que a tribo de Levi tornou-se a tribo sacerdotal, acabou ficando com uma parte melhor (Jos. 21).

No seu conselho. No hebraico temos o termo *sod,* "tapetezinho", ou seja, o colchão fino dos orientais. Duas pessoas que se sentassem em tal colchão estariam em comunhão íntima, em liga, por assim dizer. Jacó não queria participar da liga violenta deles.

Mataram homens. Traiçoeiramente, eles mataram muitos, quando estes não podiam defender-se — um ato insensato e repelente.

Jarretaram touros. Simeão e Levi não somente destruíram vidas humanas, mas também aleijaram animais e destroçaram coisas, em seu furor descontrolado. Alguns pensam que o autor sagrado falava aqui metaforicamente, indicando Siquém, a quem teriam torturado e matado sem nenhum sinal de misericórdia.

Algumas versões dizem aqui "escavaram uma parede". Isso se deve a uma confusão entre as palavras hebraicas *shor,* "boi," e *shur,* "parede". Se a menção é mesmo a uma parede, então devemos pensar não na muralha da cidade de Siquém, o que seria um feito demasiado para dois homens, e, sim, em alguma parede da casa de Hamor, pai de Siquém. O episódio que causou tantos crimes está registrado no capítulo trinta e quatro do Gênesis.

49.7

Furor. . . ira. O furor deles era "forte", e a ira deles era "dura". Ambas as atitudes negativas mereciam uma maldição.

Esta passagem ". . . parece atribuir o quase completo desaparecimento das tribos que tinham os seus nomes ligados a uma guerra fratricida entre eles. Simeão, em tempos históricos, tornou-se apenas um clã dentro da tribo de Judá. . . e da tribo de Levi restou somente o sacerdócio" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*).

Jacó estava com a razão, pois, quando, em sua indignação, declarou: "Vós me afligistes e me fizestes odioso entre os moradores desta terra. . ." (Gên. 34.30).

"Em qualquer nação, quando os homens se alcoolizam com o poder e deixam à solta a violência, pode repetir-se o pecado mortal de Simeão e Levi, o qual deve ser denunciado e, se não houver arrependimento, leva fatalmente à condenação" (Walter Russell Bowie, *in loc.*).

Eles tinham tratado o próprio irmão deles, José, da mesma maneira sem dó (Gên. 42.21).

Dividi-los-ei. . . e os espalharei. Haveriam de receber o mesmo tratamento que tinham dado a outros. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* "No deserto, os simeonitas diminuíram de cinqüenta e nove mil e trezentos para vinte e dois mil (Gên. 26.14). E após a conquista da terra de Canaã eles estavam tão débeis que apenas quinze cidades lhes foram alocadas, e mesmo assim elas estavam dispersas dentro do território de Judá. E foi assim que acabaram mesclando-se e foram absorvidos, embora alguns se tenham retirado, tornando-se nômades no deserto de Parã. No caso de Levi, entretanto, a maldição foi transformada em uma bênção, em face da fidelidade da tribo em uma ocasião muito testadora (Êxo. 37.26-28)" (Ellicott, *in loc.*).

"Levi não recebeu herança, exceto quarenta e oito cidades espalhadas por diferentes partes da terra de Canaã" (Adam Clarke, *in loc.*). Estritamente falando, Levi deixou de ser uma tribo quando se tornou uma classe sacerdotal. Ver Gên. 49.5.

49.8

A Exaltação de Judá. A tribo de Judá obteria vitórias sobre inimigos externos e internos, e exerceria poder sobre as demais tribos. Foi exatamente o que sucedeu nos dias de Davi. Salomão deu início a um período de paz, tendo vencido guerras com forças estrangeiras, e a capital da nação continuou sendo Jerusalém (desde os dias de seu pai, Davi). Os críticos supõem que as informações dadas neste versículo nos ajudem a datar a escrita do livro de Gênesis, ou seja, após a época de Davi. Mas os eruditos conservadores entendem que temos aqui uma profecia sobre a liderança da tribo de Judá.

... te louvarão. Portanto, temos aqui um jogo de palavras com o nome de Judá, que significa louvor. "Louvor será louvado." Ver Jos. 14.11; 15.1; Juí. 1.1,2 quanto a vitórias militares decisivas dessa tribo. Ver também Sal. 18.40. O leão era o emblema da tribo de Judá. Ver Núm. 2.3; Eze. 1.10. Davi obteve notáveis vitórias. Ele era da tribo de Judá. Ver I Crô. 14.16. O Messias é o Leão da tribo de Judá (Apo. 5.5).

... se inclinarão a ti. Judá produziu certo número de reis, obtendo assim a posição suprema e sendo reverenciado pelas outras tribos. O Rei Messias culminou a linhagem em sua glória máxima. As maiores bênçãos foram reservadas para Judá e para José. Essas tribos descendiam dos grandes patriarcas, e a

história encarregou-se de exibir suas qualidades. José foi um dos grandes heróis de Israel; e não menos heróico foi Davi, da linhagem de Judá. Grande é aquela nação cujos heróis são realmente grandes homens, não meramente em seus feitos militares, mas também em justiça e na espiritualidade.

A excelência que deveria caber a Rúben terminou sendo de Judá. Ver no *Dicionário* o verbete sobre *Judá*, o homem e a tribo.

Judá é a única tribo que se tem projetado até os tempos modernos. As tribos do norte, Israel, perderam-se para sempre por ocasião do cativeiro assírio. Devem ter ficado apenas alguns remanescentes daquelas tribos no reino do sul, Judá. Terminado o cativeiro babilônico, foi um remanescente de Judá (com traços de outras tribos, mormente Benjamim e Levi) que repovoou a Terra Santa. Em conseqüência, essa tribo vem atravessando os séculos do longo cativeiro romano, que começou em 132 D. C. E foram descendentes desse cativeiro que estabeleceram o moderno sionismo (fins do século XIX), que redundou na formação do estado de Israel (em maio de 1948).

No Apocalipse, temos previsão de uma reorganização futura das tribos de Israel, durante o período da Tribulação, estendendo-se pelo milênio adentro. Ver Apo. 7.1-8. Interessante é observar que ali a tribo de Efraim é chamada "José" (a tribo de Manassés é uma tribo distinta da tribo de José), a tribo de Levi torna-se uma tribo com todos os direitos, e a tribo de Dã não é mencionada. Nessa reorganização, a tribo de Judá ocupa o primeiro lugar.

49.9

Judá é leãozinho. Nessa metáfora achamos uma ilustração do vigor juvenil e do poder dessa tribo. O leão cresce alimentando-se de presas, sendo o rei das savanas, motivo pelo qual os outros animais se lhe sujeitam.

Deita-se como leão, e como leoa. É a leoa que caça, por ser mais lépida, embora o leão é que fique com "a parte do leão". O leão é um animal muito feroz, e ninguém ousa despertá-lo ou agitá-lo, por causa de sua força e ferocidade. A fim de proteger seus filhotes, a leoa recebeu uma natureza ainda mais irritável que o macho da espécie, pelo que é mais fácil despertar-lhe a violência. O leão é o rei dos animais, e isso ajusta-se bem como ilustração de Judá em sua excelência e predomínio sobre outras criaturas. No Apocalipse, temos um dos títulos do Messias, "o leão da tribo de Judá" (Apo. 5.5). Isso Lhe garante vitória sobre todos os inimigos, como protetor dos justos. Comparar essas duas últimas linhas com Núm. 24.9, um trecho quase idêntico, provavelmente uma citação de outro poema.

Os filhos de Jacó usavam um sinete pendurado ao pescoço. Cada sinete tinha seu emblema (ver Gên. 38.18), e podemos supor que o emblema da tribo de Judá era o leão. A comparação de Judá com o leão pode ter sido sugerida por essa circunstância.

49.10

O cetro. Ou seja, o cajado do dirigente (Núm. 24.17), símbolo de autoridade tribal e real. Tratava-se de um cajado adornado com entalhes e transferido de pai para filho. Ver sobre Gên. 38.18, sobre o cajado de Judá. A princípio, esse emblema apontava para organização tribal e autoridade, e, então, veio a indicar domínio nacional. Muitos reis surgiram dentre a tribo de Judá, começando por Davi, e chegando até o Messias, o Rei eterno.

Até que venha Siló. Os intérpretes não concordam quanto ao sentido da palavra Siló, nem quanto ao seu emprego neste ponto. Mas todos pensam que temos aqui uma antiga predição e expectação messiânica; porém não se sabe em qual sentido exato devemos entender essa predição. Siló era nome de uma cidade da tribo de Efraim, e não da tribo de Judá, assim o texto não pode indicar que o poder permaneceria com Judá até que o Messias chegasse à cidade de Siló. No *Dicionário*, provi um artigo detalhado sobre *Siló*, onde apresento três interpretações principais, além de algumas interpretações secundárias. Ofereço aqui um breve sumário dessas idéias:

1. Não está em foco a cidade de Siló, em Efraim.
2. Talvez devamos entender *Siló* como um substantivo próprio, um título do Messias. Esse título significa "pacífico" ou "pacificador". Se essa é a verdadeira interpretação, então temos aqui o Messias como o Príncipe da Paz (Isa. 9.6).
3. Ou o termo pode ser entendido como um adjetivo, ligado ao substantivo "cetro". Ou seja, temos aqui a frase "o cetro, a quem pertence". Nesse caso, o sentido seria que o cetro não se apartaria de Judá até que fosse dado, tornando-se possessão daquele que deveria vir, e a quem realmente pertence. Isso significa que o poder real persistiria em Judá até que viesse o Messias, a quem realmente pertencia a autoridade. Se essa é a interpretação correta, então o versículo é um paralelo de Ezequiel 21.26, onde virtualmente a mesma expressão refere-se à *coroa*. Cf. Isa. 11.1-9.
4. Ou, então, devemos entender como "até Siló", embora essa fosse uma localidade de Efraim, o que significaria que o domínio do Messias ampliar-se-ia a todas as tribos e lugares. Siló foi um centro de fé religiosa em Israel. O Messias substituiria todas as formas religiosas, unificando-as.

Todos concordam que temos aqui uma declaração messiânica (e os críticos dizem que foi adicionada ao texto em algum tempo posterior, quando essa expectação se tornara comum). Mas de que maneira e com qual sentido exato, não podemos estar certos.

49.11

Fertilidade e Abundância. Isso deveria caracterizar a carreira do Messias, do que a vinha e a uva são símbolos. O suco da uva seria tão abundante que Suas vestes seriam lavadas nele. Um viajor, que estivesse chegando, cansado e sujo, poderia amarrar seu jumento a uma videira a fim de lavar suas vestes sujas no suco da uva, tão abundante ele seria. Grande prosperidade, pois, foi prometida a Judá, culminando no bem-estar que o Messias traria.

Sangue de uvas. Devemos entender aqui "sangue" como o suco da uva, pois no Oriente a uva vermelha é mais apreciada do que a uva branca. Portanto, essa abundância seria acompanhada por classe, estilo, excelência. "Certas regiões do território de Judá eram famosas por seus vinhos primorosos, especialmente Engedi (ver Can. 1.14)." Os intérpretes cristãos pensam que a "jumenta" é aqui um símbolo dos povos gentílicos. Nesse caso, está em foco a missão universal de Cristo. Ele estenderia Sua prosperidade a todos os povos; e o próprio Novo Testamento serve de ilustração disso. Seja como for, a maior parte dos Targuns e os antigos intérpretes judeus viam este versículo por um prisma messiânico. Ver Isa. 53.1; Apo. 19.16; Eclesiástico 39.31 e 50.16.

49.12

Não devemos pensar aqui em intoxicação alcoólica, e, sim, em abundância, uma metáfora um tanto desajeitada. Os olhos dos membros da tribo de Judá seriam avermelhados de vinho: abundância, mas enfatizada de uma forma diferente, a mensagem do versículo anterior. Por igual modo, o outro alimento básico, o leite, também seria abundante, de tal modo que os dentes dos judaítas seriam brancos de tanto tomarem leite. A Vulgata diz "brilhante" em vez de vermelho, e isso é uma interpretação, ou mesmo uma tradução direta. Alguns estudiosos pensam que a interpretação verdadeira é a seguinte: "Seus olhos serão mais resplendentes do que o vinho; seus dentes mais brancos do que o leite". Tal opulência é predita no que concerne ao milênio (Isa. 61.6,7; 65.21-25; Zac. 3.10). Todavia, alguns pensam que esse versículo não chega a envolver o milênio em seu alcance. De qualquer modo, as bênçãos em Cristo são riquíssimas, e essas bênçãos vêm através de Judá a Sua tribo.

49.13

Zebulom. Ver no *Dicionário* quanto a esse homem e à sua tribo. Essa tribo merece apenas um versículo, ao contrário de Judá e José (vss. 22 ss.). Zebulom ocuparia uma posição geográfica favorável, com acesso ao mar Mediterrâneo, o que lhe produziria riquezas. Sua expansão levaria a tribo às fronteiras com Aser (ver o vs. 20).

Sidom. Ver as notas sobre esse lugar, em Gên. 10.15. "Zebulom e Issacar... sugariam a abundância dos mares" (Ellicott, *in loc.*). Sidom, um porto marítimo, daria acesso à abundância.

49.14

Issacar. Ver no *Dicionário* o artigo sobre esse homem e sobre a tribo dele derivada. Essa tribo mereceu uma profecia breve e não muito lisonjeira. Como um jumento forte, ela seria forçada a carregar *duas* cargas (uma de cada lado), o que significa que seria sujeitada a trabalho forçado em favor de *outros*, uma virtual tribo escravizada. Os críticos vêem nessas declarações certo escárnio, alusivo à submissão confortável de Issacar ao domínio estrangeiro, ao preço de sua liberdade pessoal. Essa tribo, por grande parte de sua história, mostrou-se subserviente aos cananeus. "Seu verdadeiro caráter era preguiçoso, inativo e lugar-comum, e Jacó comparou-a a um jumento forte. Os homens da tribo serviriam apenas de burro de carga, como se fossem um cavalo de puxar carroça, atado a duas cargas" (Ellicott, *in loc.*). Não havia altos ideais nem luta pela excelência em Issacar.

49.15

O Repouso Era Bom e a Terra Era Deliciosa. Assim, deleitosamente, Issacar continuaria vivendo sem tensões, desfrutando uma vida amena, embora laboriosa, sem nenhuma grande crise, sem ter de tomar decisões, sem ter de lutar. O quadro pintado pelo autor é o de um povo situado em uma rica região agrícola de produção abundante, mas trabalhando para outros, verga-

do sob o trabalho, a fim de poder manter uma vida geralmente próspera e amena.

Essa tribo possuía o vale de Esdrelom (Jezreel), bem como os frutíferos montes de Gilboa, um lugar fértil, embora sujeito a invasões por parte de potên-cias estrangeiras.

Tributos. Essa tribo teria de pagar um preço para poder manter sua vida confortável. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Tributo*.

49.16

Dã. Ver no *Dicionário* o artigo sobre esse homem e a tribo que ele originou. Dã haveria de tornar-se uma tribo auto-suficiente, dotada de autodeterminação, que julgaria causas entre seu povo. Há nisso um jogo de palavras, pois a palavra hebraica para *Dã* significa "julgamento". Alguns estudiosos vêem aqui alguma alusão a Sansão (Juí. 13.2; 15.20), o qual julgou o povo de Israel por vinte anos. Nesse caso, Dã é aqui visto como quem julgaria a nação inteira, por algum tempo.

49.17

Embora possuidora da capacidade de autogovernar-se e até mesmo de julgar e prover justiça para toda a nação de Israel, Dã haveria de escolher métodos traiçoeiros, conforme faz uma serpente à beira do caminho, que, sem dó, pica as patas do pobre cavalo que por ali passa. Nos dias dos juízes, Dã foi a primeira tribo a aceitar a idolatria (Juí. 18.30). Dã era uma tribo que atraiçoava a justiça, esquecida do Juiz de todos. Alguns eruditos pensam que a alusão aqui é à esperteza nas táticas de guerra, que Dã haveria de usar. Talvez haja uma referência a *Cerastes*, uma serpente difícil de divisar, por causa de seu colorido. Diodoro Siculo (*Bibliothec.* 1.3 par. 183) dizia que essa serpente tinha uma picada mortífera. Ver o capítulo dezoito do livro de Juízes quanto a uma ilustração deste versículo. "Fica entendido que essa tribo faria a maior parte de suas conquistas mediante a astúcia e o estratagema, e não por seu valor próprio" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver também Juí. 16.26-30 quanto a esse aspecto do caráter da tribo.

49.18

Esta excelente declaração consiste em uma ejaculação incorporada de súbito no texto (os críticos dizem que se trata de uma "glosa ejaculatória" posterior). Os intérpretes têm procurado encontrar sua conexão com os versículos anteriores e posteriores. Mas parece que temos aqui um *suspiro* de Jacó, uma espécie de gemido interior. Entre suas predições atinentes a seus filhos, algumas eram boas e outras eram más; algumas delas encorajavam, e outras desencorajavam. E então, de repente, seu espírito elevou-se ao Senhor, fonte originária de tudo quanto é bom (Tia. 1.17). É como se ele tivesse dito: "Abençoa-nos, Senhor, em meio a todas essas vicissitudes da vida, a fim de que meu filho amado possa resistir a tudo por quanto terá de passar. Dá-nos a *Tua* salvação, a *Tua* graça, acima de todas essas dificuldades". Jacó convocou a si mesmo e a seus filhos para reconhecerem sua dependência ao Senhor, que haveria de livrá-los de todos os seus apertos e de assegurar-lhes bem-estar. Alguns eruditos pensam aqui na esperança messiânica, que faria a história de Israel atingir seu ponto culminante, a redenção segundo os termos de Ana (Luc. 2.38).

A víbora que pica subitamente (vs. 17) talvez tenha feito a mente de Jacó volver-se para o Senhor. Estamos cercados de males por toda parte, e carecemos da proteção e da orientação divina. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Satanás está sempre pronto para morder o calcanhar (Gên. 3.15), mas o Senhor está sempre presente para esmagar a cabeça da serpente.

49.19

Gade. Ver no *Dicionário* o artigo sobre esse homem e sobre a tribo dele derivada. Uma única frase é dada a respeito dessa tribo: finalmente, haverá a vitória! Mas antes, seria acometida por guerrilheiros. Essa seqüência de acontecimentos é importante para todos os homens, e tão comum na experiência humana. "Uma alusão aos ataques freqüentes vindos do deserto, contra a região de Gileade, a leste do rio Jordão, onde se estabeleceu a tribo de Gade" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*). Aqui também há um jogo de palavras, porquanto, no hebraico, *Gade* significa "fortuna", "sorte". Embora cercados por tropas hostis, os gaditas teriam a boa sorte de, finalmente, as vencerem. Ver Jos. 1.12-18, 4.12,13; 22.1-4, quanto às vicissitudes enfrentadas por essa tribo. Ver também Juí. 10.7,8; cap. 11 e Jer. 49.1.

Venceriam, Afinal. "Os gaditas, juntamente com os rubenitas e a meia-tribo de Manassés, venceram os hagarenos e os árabes. . . e habitaram nos territórios antes ocupados por aqueles. E assim foi, até o cativeiro das dez tribos do norte (I Crô. 5.18 ss.)" (John Gill, *in loc.*).

49.20

Aser. Ver no *Dicionário* sobre esse homem e a tribo dele proveniente.

Pão será abundante. . . delícias reais. Devemos pensar aqui em grande abundância, soprando para todos quantos tivessem necessidade, além de finos acepipes. O território que coube à tribo de Aser, ao norte do monte Carmelo, era um lugar extraordinariamente fértil. Ver Deu. 33.24. Essas terras eram uma faixa costeira entre o monte Carmelo e a Fenícia, uma região que produzia muito alimento e *delícias reais*. O vale de Aser era chamado de "vale da gordura". Começava a cerca de oito quilômetros de Ptolemaida e chegava ao mar da Galiléia, em uma extensão de cerca de dezesseis quilômetros. Alimentos próprios para reis eram ali produzidos. O rei Salomão contava com intendentes que iam até ali em busca de provisões de boca (I Reis 4.16). E alguns estudiosos vêem aqui uma referência histórica direta àquele fato, e não uma previsão sobre ele. Um dos sentidos possíveis do nome Aser é *feliz* ou *abençoado*, o que subentende sua posterior abundância de víveres.

49.21

Naftali. Ver no *Dicionário* o artigo sobre esse homem e a sua tribo.

Gazela solta. Liberdade e fertilidade são as idéias destacadas aqui. "Palavras formosas", de acordo com certas traduções, aparece como "gazelas formosas". Talvez a referência seja ao terebinto, cujo topo é belo e verdejante (conforme diz a Septuaginta). Isso também poderia referir-se à expansão territorial (Deu. 33.23). A mente solta alude à liberdade, vitalidade, energia, atividade desimpedida. Adam Clarke (*in loc.*) afirma que devemos pensar aqui em uma prole numerosa, por parte das famílias da tribo de Naftali. Dos quatro filhos de Naftali, Jazeel, Guni, Jezer e Silém (Gên. 46.24), no decurso de duzentos e cinqüenta anos, havia cinqüenta e três mil e quatrocentos homens em idade e com capacidade de ir à guerra, o que era incomum no tocante à produção de descendentes. Ver Núm. 1.42.

Palavras. Se temos aqui a correta compreensão do texto hebraico, isso poderia referir-se a uma inteligência lúcida, capaz de guiar seus exércitos ou realizar outros propósitos, pacíficos. Também poderia haver uma tendência às letras, por parte dos homens da tribo. Os intérpretes cristãos vêem nessas "palavras formosas" a pregação eventual do evangelho, as Boas-Novas de Deus a todos os homens, que haveriam de reboar por toda a nação de Israel, resultante da realização do Messias, Jesus de Nazaré.

49.22

José. Embora ele não viesse a produzir nenhuma tribo com seu nome, contribuiria com duas tribos, através de seus filhos Efraim e Manassés. José (e seus descendentes) receberam longa e detalhada bênção, paralela à de Judá. Judá e José foram os únicos que receberam um pronunciamento mais detalhado por parte de Jacó.

Os críticos vêem nessa bênção dada a José uma adição posterior ao poema original, cujo intuito visava a salientar a preeminência das tribos descendentes de seus filhos (o que se vê em Gên. 48.20 ss., em uma pequena seção separada do resto, que serve de introdução às demais bênçãos). Os conservadores, porém, não vêem motivos para pôr em dúvida o fluxo natural das bênçãos, nem a sua integridade original. A "casa de José" foi dividida nas tribos de Manassés e de Efraim, conforme se vê em Deu. 33.13-17.

Ramo frutífero. Esse ramo dividiu-se em dois ramículos (Efraim e Manassés), o que produziu uma prosperidade incomum. José teve mais descendentes do que qualquer de seus outros irmãos. Ver Núm. 1.32-34. Havia mais de setenta mil homens com idade e habilidades para ir à guerra. Está em foco a frutificação geral, material e espiritual, igualmente, e não mera posteridade. José era o filho preferido de Jacó, aquele que mais produziu, atingindo o lugar mais alto de honra e poder.

Junto à fonte. Haveria abundante suprimento de água, de tal modo que os ramos da tribo cresceriam bem, frutificando com abundância, trepando por cima do muro — tudo isso é símbolo de fertilidade, abundância e produção. Cf. Sal. 1.3. Essa trepadeira, plantada à beira de águas, produziu seus frutos com abundância, e suas folhas não se ressecavam.

49.23

Os flecheiros lhe dão amargura. Adversários violentos e cheios de ódio tentaram exterminar a José. Entre esses estavam seus próprios irmãos, no passado; em seguida, a esposa de Potifar. E podemos supor que, como homem forte do Egito, ele tinha inimigos postados em lugares importantes. Mas, apesar de todos os esforços desses adversários, ele foi mantido seguro e em prosperidade. O Targum de Jonathan afirma que os magos do Egito o invejavam e lhe causaram

dificuldades. Nos dias de seus filhos e suas tribos, no Egito, houve ataques da parte de inimigos, e eles tiveram de enfrentar tempos difíceis, quando os desastres tê-los-iam engolfado, não fora a *proteção divina*.

O autor sagrado compara José a um guerreiro, poderoso demais para os seus inimigos, embora o atacassem à distância, por serem *frecheiros* que lhe atiravam, com grande ódio, os seus dardos inflamados.

49.24

"A vitória na batalha foi experiência tida por Josué, Débora e Samuel, todos eles pertencentes à tribo de Efraim; e também por Gideão e Jefté, ambos da tribo de Manassés" (Allen P. Ross, *in loc.*).

Deus estava com José de modo muito especial, conforme a série de nomes divinos dados aqui indica claramente:

Poderoso de Jacó. Ver as notas sobre o *Deus Todo-poderoso*, em Gên. 17.1, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o qual também era seu Deus, pleno de força, que entregou armas de guerra nos braços de José. No hebraico, temos aqui *El Shaddai*, nome sobre o qual ofereço um artigo detalhado no *Dicionário*, e notas expositivas em Gên. 17.1. Ver também, no *Dicionário*, o artigo *Deus, Nomes Bíblicos de*.

Pastor. O Senhor é imortalizado como o "Pastor" no Salmo 23 e no capítulo dez de João. José, como pastor, protegia suas ovelhas e provia o necessário para elas. Isso ele fazia com amor e com interesse constante. Essa era a sua profissão e a sua paixão. Assim também, Deus é o nosso Pastor: são enfatizados aqui suprimento abundante e proteção. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Pastor*. Os eruditos cristãos vêem em tudo isso uma referência messiânica. Jesus Cristo cuida de Seu rebanho, formado por judeus e gentios regenerados, os quais estão Nele.

Pedra de Israel. Temos aqui um emblema de poder e proteção, uma base inabalável em períodos atribulados. Ver Deu. 32.4 ss. (especialmente os vss. 15,18,30); I Sam. 2.2; II Sam. 23.3; Sal. 18.2; 89.26; I Cor. 10.4. Nessa última referência, no *Novo Testamento Interpretado*, ofereci uma nota detalhada. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Rocha* e *Rocha Espiritual*. "Rocha eterna, foi na cruz, que morreste Tu, Jesus." Assim diz um antigo hino evangélico.

49.25

Pelo Deus de teu pai. Ver Gên. 24.12 e 28.13 quanto ao Deus de Abraão; Gên. 48.16, quanto ao Deus de Abraão e Isaque; e Êxo. 3.6,16, quanto ao Deus de Abraão, Isaque e Jacó. O acúmulo de patriarcas, leais à aliança com o mesmo Deus, assinala o distintivo *monoteísmo* (ver no *Dicionario*) que foi desenvolvido pelos hebreus. E esse Deus era o Deus de poder e provisão. A idéia de todo-poder, que figura no versículo anterior, é aqui repetida.

Bênçãos dos altos céus. Tanto as bênçãos *temporais*, como a chuva, o orvalho, o sol, condições atmosféricas favoráveis para a fertilização do solo, quanto as bênçãos *espirituais*, como orientação, proteção e favor divino, que fazem o crente cumprir com êxito a sua missão neste mundo.

Bênçãos das profundezas. Ou seja, do oceano subterrâneo (Gên. 1.2,6), que os antigos consideravam uma fonte de fertilidade. Ver sobre *Astronomia*, no *Dicionáno*, quanto à visão do cosmos por parte dos hebreus antigos, com um diagrama. Ademais, das profundezas brotavam os mananciais, as fontes de águas, que manariam do oceano subterrâneo. Alguns eruditos incluem aqui a idéia das minas e dos minerais, produtos que podem ser extraídos do subsolo e são fontes de prosperidade material.

Bênçãos dos seios e da madre. Está em pauta a fertilidade humana. As tribos de Efraim e Manassés tornaram-se muito numerosas e poderosas (ver Núm. 1.32-34). O número dos descendentes de José era maior que o número de descendentes de qualquer outro de seus irmãos. "Efraim e Manassés se haviam multiplicado tanto nos dias de Josué, que um único e comum território não teria sido suficiente para eles. Ver sobre a queixa deles, em Josué 17.14" (Adam Clarke, *in loc.*).

49.26

Jacó havia prosperado muito mais que seu pai, Isaque, e mesmo mais que o seu avô, Abraão. Suas riquezas perdurariam para sempre, como duradouros são os *montes eternos*, que não se desgastam com o passar dos séculos. Sua posteridade perduraria por eras incontáveis, futuro afora, ultrapassando os céus e a terra, que desaparecerão em decadência. *José* haveria de herdar essa herança eterna e riquíssima. Quando falamos nas realidades *espirituais*, então podemos tomar essas palavras em sentido *literal*, e não apenas poético.

Essas bênçãos extraordinárias repousariam sobre a cabeça de José como se fossem uma coroa, porque havia sido mandado ao Egito, tornando-se a segunda autoridade dali, recebendo domínio sobre os seus irmãos. E tal como fora *distinguido* deles fisicamente, em glória terrestre, assim também, na bênção divina, continuaria a distinguir-se deles.

"A bênção ancestral ultrapassava até mesmo a majestade e a fertilidade das colinas de Efraim" (*Oxford Annotated Bible, in loc.*).

No Targum de Jerusalém, a palavra *montes* é interpretada como se indicasse Abraão e Isaque, ao passo que *colinas* seria uma alusão a Sara, Rebeca, Raquel e Lia. As bênçãos dadas a José, pois, seriam superiores às bênçãos que haviam sido dadas àqueles notáveis santos do passado.

José como Tipo de Cristo. Essa palavra de exaltação, na verdade, foi endereçada à pessoa de Cristo, aqui simbolizado por José. Ver as notas sobre Gên. 37.3 sobre José como tipo de Cristo.

49.27

Benjamim. Ver no *Dicionário* o verbete sobre esse homem e sua tribo. Benjamim seria um guerreiro incansável, arrasador e irresistível. Ele foi "elogiado em face de seus hábitos predatórios e seu cometimento na guerra. A diferença entre essa caracterização (que encontra apoio nos capítulos dezenove a vinte e um de Juízes), e o conceito de Benjamim, na história de José, pode ser percebida. Na última linha parece haver uma alusão à coragem de Saul (cf. II Sam. 1.25)" (Cuthbert A. Simpson, *in loc.*). Consideremos os cruéis benjamitas de Juízes 20, bem como os feitos de Saul, um benjamita, em I Sam. 9.1,2; 19.10 e 22.17. De certa feita, contando somente com vinte e seis mil homens, ele derrotou um exército inimigo de quatrocentos mil homens (ver Juí. 20.15-25). Alguns dos pais da Igreja aplicaram essa profecia, indiretamente, ao apóstolo Paulo (um benjamita), o qual, antes de converter-se, participou da matança de pessoas inocentes. Mas depois, em um sentido espiritual, ele continuou sendo um guerreiro, em favor do bem, e, quase sozinho, levantou a Igreja cristã no mundo gentílico. Alguns eruditos vêem Benjamim como um tipo de Cristo, o qual, como um guerreiro, esmaga os inimigos e os poderes das trevas (ver Col. 2.15 e Apo. 19.11,15).

49.28

As doze tribos de Israel. Doze é o nome governamental. Na verdade, porém, as tribos eram treze, se incluirmos Levi. Mas essa tribo ficou destituída de terras e tornou-se na classe sacerdotal em Israel. Ver Núm. 1.47 ss. Além disso, apesar de José ter sido um dos patriarcas, não houve uma tribo com seu nome. Antes, ele gerou Efraim e Manassés, os quais se tornaram chefes de duas tribos. Isso posto, o número de descendentes de José foi maior que o número de descendentes de qualquer de seus irmãos (Núm. 1.32-34). Assim, temos onze filhos de Jacó como tribos; tirando Levi, ficam dez tribos; adicionando Efraim e Manassés, ficam doze. Mas Jacó abençoou a catorze, porque, embora não tivesse uma tribo com seu nome, no sentido estrito, José recebeu a bênção maior e mais longa; e Levi, embora mais tarde se tivesse tornado a classe sacerdotal, não sendo oficialmente considerado uma tribo, também foi abençoado.

No livro de Juízes, vemos as tribos essencialmente autônomas, como se fossem estados de uma frouxa federação ou comunidade. Sob Davi, as tribos foram unificadas, uma situação que prosseguiu até a divisão da nação em duas, nos dias de Reoboão, neto de Davi: o reino do norte (dez das tribos), chamado Israel; e o reino do sul (duas das tribos), chamado Judá. Somente esse reino do sul se tem projetado até os tempos modernos. O moderno estado de Israel consiste em um núcleo formado pelas tribos de Judá e Benjamim, com um elemento regular de Levi, além de *salpicos* de todas as outras tribos.

Ver no *Dicionário* estes artigos: *Tribo (Tribos) de Israel; Tribos, Localização das* e *Israel, Constituição*. E nos Artigos Introdutórios Gerais, ver *Israel, História de*.

Morte de Jacó e José (49.29 — 50.26)

A Morte de Jacó (49.29-33)

Os críticos atribuem esta breve seção a uma mescla das fontes informativas *P(S)* e *J*. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S)*, quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. A longa e produtiva vida desse patriarca chegou ao fim. Ele pôde ver todos os seus filhos bem criados, bem-educados e ocupados em suas respectivas missões. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Foram-lhe conferidas longa vida e muita atividade, até o fim. Foi-lhe concedido o privilégio de ver sua própria missão efetuada, levada à plena fruição. Assim sendo, ao mesmo tempo em que ia abençoando outros, foi extraordinariamente abençoado ele mesmo. Os oráculos que ele apresentou, à semelhança daqueles de Noé, olhavam profeticamente para o futuro destino de seus filhos e da nação que estavam produzindo. Jacó foi capaz de ver a mão do Senhor atuando em tudo. Jacó foi homem acostumado a ver a *providência de Deus* (ver no *Dicionário* a esse respeito).

49.29

Na caverna. Em *Macpela* (vs. 30). No *Dicionário* há um detalhado artigo sobre esse lugar.

Efrom. Ver no *Dicionário* o verbete sobre esse homem.

O heteu. Na história profana, os heteus são conhecidos como *hititas*. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Hititas, Heteus*. Ver a história da compra dessa caverna (e do campo em torno dela), no capítulo vinte e três de Gênesis.

Um dos instintos da idade avançada é a pessoa voltar às suas raízes. Quando a morte se aproxima, é um instinto humano comum querer ser sepultado na terra do nascimento. "É como se a solidão da morte fosse, até certo ponto, vencida, e como se o laço com o passado formativo fosse refeito. Isso empresta um aspecto sacrossanto ao lugar de sepultamento de uma pessoa" (Walter Russell Bowie, *in loc.*).

Eu me reúno ao meu povo. Ver as notas sobre essa expressão em Gên. 25.8,17. Ver também Gên. 35.29, bem como o vs. 33 deste capítulo. Nisso pode haver um indício da crença na vida pós-túmulo, uma doutrina que, na época, ainda não fora desenvolvida na teologia dos hebreus, e só começou a ter expressão clara nos Salmos e nos Profetas. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Alma*, bem como, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* os vários artigos sobre a questão da imortalidade.

Com meus pais. O vs. 31 nos mostra quais pessoas foram sepultadas na caverna de Macpela.

49.30,31

Campo de Macpela. Ver sobre esse lugar no *Dicionário*. Curiosamente, as Escrituras não registram a morte de Rebeca. Supomos que, pelo tempo em que Jacó voltou do território de Labão, ela já tinha morrido. Estes versículos revelam-nos, porém, que ela também estava sepultada na caverna da família. As outras pessoas ali sepultadas foram Abraão, Sara, Isaque e Lia. Mas José, que morreu e foi embalsamado no Egito, foi sepultado em Siquém, tendo sido os seus ossos transportados por Moisés para fora do Egito. Ver Jos. 24.32.

Sepultamentos em Macpela. Sara (Gên. 23.19); Abraão (25.8,9); Isaque (35.27-29); Rebeca (49.31); Lia (49.31) e Jacó (50.13).

Manre. Ver Gên. 13.18 quanto a notas sobre esse homem e lugar.

49.32

O terreno foi comprado para tomar-se sepulcro da família. Curiosamente, os árabes é que possuem atualmente o local, com sua caverna, conforme explico no artigo intitulado *Macpela*.

49.33

Terminara a Missão de Jacó. Jacó terminou de proferir suas bênçãos e suas ordens. Tudo estava bem. Não havia do que se lamentar, e coisa alguma precisava ainda ser feita. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

E expirou. Provavelmente, uma tradução correta. A King James Version fala aqui em "fantasma", mas a Revised Standard Version também fala em "expirar", Este versículo não indica necessariamente que o espírito imaterial de Jacó abandonou o seu corpo, embora alguns entendam a questão por esse prisma. Cf. Gên. 25.8,17; 35.29. No caso da morte de Raquel (Gên. 35.18), "saiu-lhe a alma" e alguns eruditos também pensam que isso indica uma alma imaterial. No hebraico, a palavra *alma* pode indicar apenas a respiração ou o princípio vital que anima o corpo vivo. Todavia, com a passagem do tempo, a palavra hebraica *nephesh* veio a indicar a alma imortal e imaterial, que pode viver fora do corpo físico. Embora possa haver laivos de crença na imortalidade, na antiga teologia dos hebreus (na época dos patriarcas), naquele tempo a doutrina ainda não se tinha desenvolvido o bastante. Tal desenvolvimento só ocorreu mais tarde. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Alma;* e na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* ver o verbete *Imortalidade*.

Foi reunido ao seu povo. Ver as notas sobre essa expressão, no vs. 29 deste capítulo.

Capítulo Cinqüenta

Fatos Finais: Sepultamento de Jacó e Morte de José (50.1-26)

O Sepultamento de Jacó (50.1-21)

Os críticos atribuem esta seção a uma combinação das fontes *J, E* e *P(S)*. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *J.E.D.P.(S.),* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco.

Por motivo de necessidade, Jacó deixou sua terra natal e migrou para o Egito. Suas raízes o atraíam de volta à Terra Prometida, mas ele não dispunha de meios para retornar. Por isso deu ordens para que seu corpo fosse transportado e sepultado na caverna de Macpela, que era a sepultura que a família havia comprado. José jurou a seu pai que cumpriria esse pedido. Isso *simbolizava* o livramento final da nação de Israel da servidão egípcia, depois do aparecimento de uma dinastia de Faraós que não havia conhecido José (Êxo. 1.8). Séculos mais tarde, os ossos de José também seriam transportados para serem sepultados em Siquém (Jos. 24.32). Quando Moisés conduziu o povo de Israel para fora do Egito, essa nação já consistia em talvez três milhões de pessoas (com mais de seiscentos mil homens em armas, Num. 1.46). Desse modo, o Pacto Abraâmico continuava atuante. A terra de Canaã seria o território pátrio de Israel, mas *não por enquanto*. Por enquanto, era mister que Israel ficasse no exílio-servidão no Egito (Gên. 15.13), até que os habitantes originais da Terra Prometida fossem expulsos dali, ao encherem a taça de sua iniqüidade (Gên. 15.16). Ver as notas sobre o *Pacto Abraâmico* em Gên. 15.18.

50.1

José. . . chorou. Embora fosse homem de grande valor, José era emotivo e chorava em momentos de crises positivas ou negativas. Ver Gên. 42.24; 43.30; 45.2,14; 50.17. Na verdade, é solene o momento da morte de um de nossos pais. Eu estava ao lado do leito de minha mãe, quando ela faleceu. Usei aqueles momentos para orar e dar instruções ao seu espírito para que seguisse a *luz* que lhe apareceria. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Experiências Perto da Morte,* que indica o que está envolvido na morte e nos ajuda a orientar a uma pessoa cuja morte se aproxima. Também nos faz pensar no breve tempo que separa a morte de um dos pais e a morte de seu filho. Convém, pois, que usemos esse breve tempo de modo sábio, de forma a contribuir para o bem da causa do Senhor e de nossos semelhantes. Coisa alguma é destituída de importância, e coisa alguma ocorre por mero acaso. A lei do amor é o guia de toda a autêntica espiritualidade. Logo, devemos aprender sobre como devemos viver, cada vez melhor, em consonância com essa lei. O conhecimento da revelação bíblica também é importante, pois é um dos pilares da espiritualidade. Ver no *Dicionário* os artigos *Amor* e *Conhecimento Espiritual*.

Osculando os Mortos. Trata-se de um costume realmente antigo. Assim os povos antigos homenageavam os seus mortos e se despediam deles. Também exprimia amor pelos entes queridos falecidos. Era uma explosão final de emoção, que tentava dissipar a melancolia da separação. Um gesto de desespero, que só produzia um efeito psicológico nos vivos.

Um Mito Antigo. Alguns povos antigos (embora não os hebreus) imaginavam que a alma sai pela boca da pessoa moribunda. Assim, se alguém encostasse a boca na boca de um moribundo, a alma deste poderia ser capturada e retida pela pessoa viva. "César Augusto morreu nos beijos de Lívia; Drúsio nos abraços e beijos de César" (John Gill, *in loc.*).

50.2

Que embalsamassem a seu pai. No *Dicionário* há um detalhado artigo a esse respeito, chamado *Embalsamar (Embalsamamento)*. Esse era um antigo costume dos egípcios, embora fosse praticado na antiguidade por outros povos também, até mesmo nas Américas. Os egípcios lamentavam a morte de um rei por setenta e dois dias. Jacó foi chorado por setenta dias, sem dúvida uma elevadíssima honra. Ver no *Dicionário* o artigo *Sepultamento, Costumes de*.

O embalsamamento de uma pessoa tinha dois motivos: esse era um costume que afetava as pessoas das classes mais altas entre os egípcios. Jacó tornou-se um homem de grande prestígio no Egito, sem dúvida por causa de José, embora também por suas qualidades pessoais e por sua sabedoria. Uma segunda razão, neste caso, é que o corpo de Jacó seria transportado à Terra Prometida, logo, precisava ser preservado. Raquel tinha morrido e sido sepultada em Belém (e não na caverna-túmulo da família, em Macpela), porque o seu corpo não fora embalsamado (Gên. 35.19,20).

50.3

Quarenta dias. O processo de embalsamamento era demorado. Todos os tecidos do corpo precisavam absorver certas substâncias químicas. Diodoro Siculo informa que, após trinta dias de processamento, o corpo era entregue à família a fim de ser sepultado (*Biblioth.* 1.1 par. 82). O embalsamamento do corpo de Jacó precisou de quarenta dias. A isso se acrescentaram trinta dias de lamentação, completando setenta dias. Arão foi chorado por trinta dias (Núm. 20.29; ver também Deu. 34.8).

Setenta dias. Os reis do Egito eram chorados por setenta e dois dias, conforme estamos informados. Talvez Jacó tenha sido chorado somente por setenta dias para que não igualasse às honrarias prestadas a um monarca; ou, então, o autor sagrado arredonda aqui o número de dias.

Heródoto (ii.86) referiu-se a setenta dias como o período ocupado pelo processo de embalsamamento. Mas esse era o prazo observado em Tebas, e não em Mênfis (ou Zoã), onde estava José. É possível que esse período variasse de lugar para lugar. O período usual de lamentação, em Israel, era de trinta dias, conforme vimos acima.

50.4

A Solicitação Indireta. José, durante aquele período de lamentação, não podia aproximar-se do Faraó. Usava vestes de luto, não fizera a barba, talvez seus cabelos estivessem desalinhados, e trazia na fisionomia os sinais de profunda tristeza. Por essa razão, usou mediadores para que apresentassem sua petição acerca do transporte do corpo de Jacó à terra de Canaã, para que ali fosse sepultado. Cf. Est. 4.2.

50.5

No meu sepulcro. Os críticos pensam que este versículo reflete uma tradição diferente acerca do lugar de sepultamento de Jacó, a saber, um túmulo escavado na rocha por ele mesmo, em algum lugar a *leste* do rio Jordão (vs. 10). Mas vemos em Gên. 49.30 e 50.13 que o lugar de sepultamento era em Macpela (ver no *Dicionário*). Os críticos pensam que duas fontes informativas diferentes sobre o episódio foram entretecidas, e escapou essa pequena discrepância de terem sido mencionados dois lugares diversos. Macpela ficava em *Hebrom*, perto da extremidade sul do mar Morto. Mas a maioria dos eruditos não percebe o problema, e também não comenta sobre o assunto. Se realmente há aqui um pequeno erro, este não se reveste de importância, e somente os céticos e os ultraconservadores sentir-se-ão perturbados. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *J.E.D P.(S.)*, quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Alguns pensam que o vs. 10 apenas menciona um ponto de parada, mas outros pensam que ali é mencionado o lugar do sepultamento. Mas quando seguimos um mapa, vemos que a viagem ao lugar mencionado no vs. 10 levou a um desvio para longe do destino, Hebrom. Por que José se desviou do caminho? Assim sendo, permanece de pé o problema. Contudo, ninguém se sente perturbado diante disso, exceto os radicais da esquerda ou da direita.

50.6

Permissão Real. Sem hesitar, o Faraó permitiu que José se ausentasse para cumprir a tarefa de sepultar seu pai, supondo, conforme ele disse (vs. 5), que voltaria. E foi assim que José cumpriu o *voto* feito a Jacó (Gên. 47.29 ss.). Para os antigos era importante ter sepultamentos decentes, mormente no caso de um venerável pai. E assim tiveram cumprimento os desejos de José e seu juramento.

50.7

A Viagem. Talvez essa viagem tenha coberto seiscentos e cinqüenta quilômetros, contando o desvio à eira de Atade (vs. 10). José fez a viagem acompanhado por várias pessoas liberadas pelo Faraó, a fim de acompanhá-lo, juntamente com muitas pessoas das famílias dos demais irmãos de José. Subiram *oficiais* do Faraó, ou seja, cortesãos de prestígio. Além disso, parece que havia um destacamento militar, como medida protetora.

Oficiais. Podemos pensar em figuras civis e militares, governantes de províncias e de cidades. Eram alguns dos homens mais influentes do Egito, os quais mostraram grande respeito por Jacó e por seu filho, José.

50.8

Toda a casa de José, e seus irmãos. Foram os vários ramos da família de Jacó, deixando no Egito somente as crianças pequenas e os que não poderiam enfrentar jornada tão exaustiva. Fazia cerca de trinta e nove anos desde que José tinha visitado sua terra natal. Aquela foi a primeira viagem que ele fez naquela direção, desde que tinha sido vendido como escravo, quando ainda estava com dezessete anos de idade. Assim, um grupo relativamente pequeno entrou em Canaã. Mas alguns poucos séculos mais tarde, toda a nação de Israel, composta, talvez, por três milhões de pessoas, estaria fazendo aquela viagem, o grande assunto do segundo livro da Bíblia, o livro de *Êxodo*.

Deixaram Seus Bens. Devemos pensar aqui em seus animais domésticos e seus pequeninos, tudo o que mostrava que não tinham intuito de permanecer ali. Mas ainda não tinha chegado o tempo de Israel tomar conta da terra de Canaã.

50.9

Tanto carros como cavaleiros acompanharam o cortejo, provavelmente incluindo um destacamento militar do Faraó, de tal modo que, juntando todas as pessoas, havia um *grandíssimo* cortejo. Provavelmente foi o maior cortejo fúnebre que os hebreus já tinham visto, ultrapassado somente pelo sepultamento dos Faraós. "O cortejo fúnebre de Jacó deve ter sido verdadeiramente grandioso. . . esse homem foi honrado por um lamento nacional e um funeral nacional. . . tudo foi feito por motivo de respeito a José. Assim seja. Mas *por que* José era tão respeitado? Porque ele havia conquistado nações. . . e havia triunfado sobre os inimigos do Egito? NÃO! Mas porque havia salvo as vidas de muitos homens" (Adam Clarke, *in loc.*, que nos fornece assim uma ótima lição espiritual).

50.10

Eira de Atade. Não há certeza se esse nome se refere a um *indivíduo* em cuja eira os filhos de Jacó, e os egípcios que os acompanhavam realizaram o ato final de solene despedida de Jacó, ou se se trata de uma referência à própria *eira*, como um lugar *espinhento*, que é o significado da palavra em hebraico. Seja como for, posteriormente, o local foi chamado Abel-Mizraim, ou seja, "lamentação dos egípcios" (Gên. 50.10,11). O lugar é declarado como *além do Jordão*, isto é, a margem *oriental*. Porém, a rota ocidental do Egito até Hebrom era pela margem ocidental desse rio. Isso cria o problema acerca do local do sepultamento de Jacó, conforme discuti no vs. 5. Ter ido até a eira de Atade teria sido um desvio considerável, se o propósito da viagem foi o de ir a Hebrom, onde estava localizada a caverna de Macpela. Naturalmente, pode ter havido alguma razão (não declarada por Moisés) para esse desvio da rota. O texto não diz especificamente que a viagem à eira de Atade foi para sepultar Jacó. Entendemos isso no texto, e, talvez, corretamente. O ponto, porém, não tem importância, exceto para os críticos, que gostam de encontrar defeitos nas Escrituras, ou, então, para os ultraconservadores, que querem achar harmonia a qualquer preço mesmo que seja com prejuízo da verdade. Em favor da idéia do sepultamento ali temos o fato de que este versículo diz que eles choraram e se lamentaram por sete dias. Se não sepultaram Jacó ali, por que pararam por *tanto tempo* a fim de se lamentar?

Jerônimo localizava o local como Goren-Atade, que ficava entre o rio Jordão e Jericó; mas parece que ele errou de local por alguns quilômetros, pois realmente ficava no lado ocidental do Jordão. Cerca de oitenta quilômetros separavam esse lugar de Hebrom. O lugar não era muito distante de Jericó, a bem da verdade, mas não há como determinar com precisão o local.

50.11

Os Cananeus Admiraram-se. O imenso cortejo poderia ser um exército invasor! Mas não era, porquanto tratava-se de um grande cortejo fúnebre que indicou, aos habitantes do lugar, que alguma figura importante tinha falecido. Vendo o grande cortejo e ouvindo seu choro e lamentação, deram um nome ao lugar:

Abelmizraim. Ou seja, *prado do Egito*. Esse era o nome da eira onde estacou o cortejo de Jacó, a caminho de Hebrom. Ali foram levados a efeito sete dias de lamentação (Gên. 50.10,11). A palavra *ebel* significa "luto". O texto do Gênesis, acima mencionado, leva-nos a entender que assim deveríamos interpretar o nome, embora haja aqui um óbvio jogo de palavras, devido à similaridade entre os vocábulos *abel*, "prado", e *ebel*, "luto". O local era chamado de *eira de Atade*, antes de os cananeus lhe darem o outro nome. As letras consoantes das duas palavras hebraicas são idênticas, a saber, *'bl*, mas a vocalização era diferente, produzindo assim um jogo de palavras. Ver outros nomes compostos que incorporavam a palavra *abel*, "prado", em Núm. 33.49; Juí. 7.22; 11.33; II Sam. 20.15; II Crô. 16.4.

50.12

Este versículo atua como pequena introdução da matéria que se segue. Jacó tinha feito José jurar que o sepultaria na terra de Canaã, na caverna de Macpela (Gên. 47.29 ss.). Esse pedido agora era atendido, sendo esse o assunto desta seção (Gên. 50.1-13). Este versículo, pois, é uma espécie de conclusão, posta no começo e não no fim de uma seção.

50.13

Na caverna do campo de Macpela. Ver o artigo detalhado sobre esse lugar no *Dicionário*. Ver o versículo cinco quanto a uma possível ambigüidade sobre o lugar onde Jacó foi sepultado, com notas adicionais no vs. 10. O trecho de Gên. 49.29 ss. fornece outros detalhes sobre a questão, incluindo os nomes das pessoas ali sepultadas, além de outros nomes, mencionados neste versículo. A história original aparece no capítulo vinte e três. Ver também Gên. 25.9.

50.14

José Cumpriu a Sua Promessa a Faraó. José fez a viagem de 1.300 km, ida e volta. Agora estava de novo no Egito, onde, anos mais tarde, haveria de morrer e ser embalsamado (ver Gên. 50.26). José prosseguiu em sua missão salvatícia até o fim. Sua grandeza consistia em servir ao próximo. Ver os vss. 7-9, quanto ao *grande cortejo* que tinha ido ao sepultamento de Jacó, e que agora tinha voltado ao Egito.

O Primeiro-ministro Perdoa (50.15-21)

Jacó agora estava morto, e os seus filhos que tinham cometido injustiças contra José pensaram que isso alteraria a atitude deste. A consciência deles continuava a atormentá-los. Mas os temores deles não tinham fundamento. A espiritualidade de José não dependia de Jacó estar vivo ou morto. Deus é que era seu guia e inspiração, a origem de sua espiritualidade, e não seu pai.

50.15

Vingança? "Algumas vezes é mais difícil para o homem que pecou acreditar que foi perdoado, do que o é para o ofendido perdoar a ofensa. José havia dado a seus irmãos as mais comoventes e inequívocas evidências da magnanimidade com que ele tinha posto *para trás* de si todo o passado" (Walter Russell Bowie, *in loc.*).

A consciência registra a criminalidade e, quando se torna mais sensível para com os erros cometidos, sempre canta a horrenda canção dos pecados passados, e isso reiteradamente. O remorso é bom, mas também pode tornar-se mórbido. O perdão dos pecados deveria restaurar a correta perspectiva. O remédio para o remorso é, em primeiro lugar, a *reparação,* sempre possível. Ver no *Dicionário* o artigo *Reparação (Restituição).* Além disso, sempre que *isso* for possível, devemos fazer boas obras que contrabalancem a maldade praticada antes. Isso tem um efeito curador, pois, afinal, o amor "cobre multidão de pecados" (Tia. 5.20). Ver no *Dicionário* o verbete *Perdão.*

> *Aquele que comete um erro de pronto sente pesar em sua mente o fardo de sua culpa.*
>
> (Juvenal, Sat. xiii.1)

50.16

Mandaram dizer a José. Deve ter sido por motivo de temor que os irmãos de José não foram falar pessoalmente com ele, mas usaram de um mensageiro. José era uma grande e poderosa figura, uma alta autoridade. E embora, na qualidade de seus irmãos, eles tivessem acesso à sua presença, preferiram o caminho psicologicamente mais fácil, utilizando-se de um intermediário para que pleiteasse por eles. O primeiro argumento deles foi que o próprio *Jacó* tinha apelado em prol do perdão a eles. Jacó era homem sábio e pode ter antecipado possíveis ocorrências após a sua morte. Ele já tinha visto muitos atos traiçoeiros durante a sua vida, e deve ter pensado que, apesar de ser improvável, *José* poderia querer tirar vingança de seus irmãos tão injustos. Se José era o filho favorito de Jacó, isso não quer dizer que Jacó não amasse seus outros filhos. E tinha-se preocupado com o bem-estar deles.

Alguns eruditos supõem que os irmãos de José disseram uma mentira. Mas a sabedoria e a previsão de José serviriam de garantia contra isso; e José já havia exercido por muitas vezes esses dons, conforme ia crescendo em espiritualidade. José previu um *possível* desastre, e agiu a fim de impedir tal coisa.

O mensageiro não foi identificado pelo autor sagrado, e é inútil qualquer especulação a respeito. Alguns intérpretes judeus dizem que o mensageiro foi Bila, ou, então, *um* dos irmãos de José. É possível que algum parente chegado estivesse envolvido nisso, visto que se tratava de uma questão de família. Rúben, aquele que tinha agido em defesa de José, quando os outros haviam planejado matá-lo (Gên. 37.21), seria um bom advogado.

50.17

Perdoa. Perdoar as ofensas é uma das grandes qualidades da espiritualidade. Para muitas pessoas, é mais fácil odiar do que amar. Há homens que exprimem seu ódio por meio da teologia, exatamente aquilo que deveria promover o amor. Teologias indignas do nome avultam por trás do ódio. A teologia da maior parte dos homens parece ser indigna. A relutância em perdoar usualmente tem base em alguma forma de egoísmo. *Eu* fui ofendido; *eu* odeio; *eu* me vingarei; *eu* serei justificado por meu ato. Jesus, acima de todos, ensinou a lei do perdão, a qual, afinal de contas, é uma subcategoria da lei do amor. Um ofensor deve ser perdoado setenta vezes sete, ou seja, de forma ilimitada. Ver Mat. 18.22. Ver no *Dicionário* os artigos *Perdão* e *Amor.* José era homem por demais espiritual para estar abrigando o rancor em seu coração. "A antiga dívida tinha sido perdoada fazia muito", no dizer de um certo hino.

Servos do Deus de teu pai. Não há razão para duvidar aqui da sinceridade dos irmãos de José, nem para minimizar o progresso espiritual que eles haviam obtido. Deus é o grande perdoador de pecados, Aquele que perdoa os pecados da humanidade inteira. Ele fez propiciação pelos pecados de cada homem (I João 2.2), através de Seu Filho. Mas todos os homens são injustiçados, vez por outra, por *outros* homens. E esses injustiçados são convocados a seguir o exemplo divino. Os irmãos de José tinham abandonado seus antigos caminhos e se tinham tornado servos do mesmo Deus que era adorado por Abraão, Isaque, Jacó e José. Parece que temos aqui o tipo de apelo que Rúben faria (Gên. 42.37 ss.). Mas também podemos pensar em Judá (Gên. 43.3 ss.).

As palavras do recado apelaram para a piedade e para o amor filial de José, servindo de poderoso argumento em prol do perdão. Destarte, conseguiram tocar seu coração, levando-o a chorar.

José chorou. Apesar de sua elevada posição social e política, José era homem dotado de coração terno. O autor sacro registrou várias oportunidades em que ele verteu lágrimas, de tristeza ou de alegria. Ver Gên. 42.24; 43.30; 45.2,14 e 50.1. Dessa vez, José chorou diante do medo desnecessário de seus irmãos, sentindo piedade deles. Também se emocionou diante da genuína demonstração de arrependimento deles. O passado estava curado. Deus havia endireitado tudo quanto estivera torto. Foi uma grande vitória moral e espiritual, e José celebrou a vitória com lágrimas.

50.18

Vieram também seus irmãos. Primeiramente, enviaram um mensageiro (vs. 16). Mas tomando conhecimento de que tudo ia bem e que nada tinham para temer, eles foram fazer uma visita pessoal a José. E, diante dele, repetiram o que já haviam feito antes, *prostrando-se diante dele.* Só que desta vez manifestaram o seu agradecimento, em lugar de implorarem misericórdia. Ver Gên. 42.6-9. Os sonhos precognitivos de José cumpriram-se assim (ver Gên. 37.5-10).

50.19

Não temais. "José olhava para os eventos da vida de um ponto de vista tão sublime que ele se elevava acima da atmosfera escura das paixões humanas" (Walter Russell Bowie, *in loc.*). José era infenso à vingança. A Deus pertence a vingança, conforme Ele mesmo declara: "A mim me pertence a vingança; eu retribuirei, diz o Senhor" (Rom. 12.19). Alguns intérpretes pensam que isso significa que José não recebeu a homenagem de seus irmãos, estando eles de rosto em terra, como se ele fosse uma divindade. Embora isso possa ter acontecido, não parece que seja esse o sentido do texto.

Os juízes, algumas vezes, eram chamados, no grego, *elohim,* "deuses", porquanto exerciam direitos divinos para impor a justiça ou tirar vingança (Êxo. 21.6; 22.8,9; I Sam. 2.25). Mas José preferiu não agir como se fosse Deus. E deixou nas mãos Dele o passado.

50.20

Deus Fez o Mal Redundar em Bem. Este é um dos melhores versículos do livro de Gênesis. Aponta para um dos temas centrais do livro, a *providência de Deus* (ver o artigo com esse título no *Dicionário*). Deus usa o livre-arbítrio humano sem destruí-lo, embora não saibamos dizer como. Ver no *Dicionário* os artigos seguintes. *Determinismo (Predestinação); Predestinação* e *Livre-Arbítrio.* O ponto de vista de Deus é superior ao nosso. Aquilo que nos parece paradoxo, não o é para Ele. Deus está acima das paixões humanas e das vicissitudes da vida humana. Aquilo que os homens fazem tendo em vista o mal, Deus faz redundar em nosso bem. Temos o exemplo clássico de Judas, o qual traiu a Jesus porque ele assim *quis* fazer. Sem dúvida, isso foi um *mal.* Mas o resultado foi a expiação feita por Jesus, e esse foi o *bem* em que Deus fez redundar o mal. Ver as notas em Mat. 26.24 no *Novo Testamento Interpretado.* Ao interpretarmos tais questões, precisamos aplicar o princípio da *Polaridade* (ver acerca desse princípio no *Dicionário*). Ver Gên. 45.7 quanto a uma declaração similar, com notas adicionais. Os irmãos de José tinham agido querendo tirar a vida de José; mas Deus interveio, e o que era para o mal terminou servindo para *salvar* muitas vidas.

José, o Salvador. José foi um tipo de Cristo em Sua missão salvatícia. Ver as notas sobre Gên. 37.3, quanto a José como tipo de Cristo.

Os decretos de Deus estão por trás de Seu amor, e assim o *bem* tem cumprimento. O próprio *julgamento* redunda em bem (I Ped. 4.6), por ser remedial, e não meramente punitivo. Ver as notas sobre esse versículo de I Pedro, no *Novo Testamento Interpretado*. E, no *Dicionário*, ver o verbete *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*.

50.21

Não temais. . . eu vos sustentarei. Os irmãos de José nada tinham que temer da parte de seu grande Benfeitor, cuja tarefa era nutrir seus irmãos e os familiares destes. Isso nos faz lembrar as palavras de Jesus no Sermão da Montanha, onde Ele mostra as intenções bondosas de nosso Pai, o qual cuida até mesmo de Seus mais humildes filhos. Ver Mat. 6.25 ss.

Consolo em Lugar de Temor. José consolou seus irmãos, e removeu os temores deles. Temos aí um irmão que agiu como se fosse um pai amoroso. Se Jacó pudesse contemplar a cena, lá do céu, teria sorrido. Quão bom é que irmãos vivam em paz (Sal. 133 1). "Assim também fazem Deus e Seu Cristo, diante de pecadores que se desviam (Isa. 40.1,2)" (John Gill, *in loc*.). "Falai ternamente a Jacó."

Morte de José (50.22-26)

Chegou também o tempo de José morrer. Pouco tempo separou a morte do pai da morte do filho. Mas Deus esteve com ambos. Nada há para temer, nada há para lamentar diante da morte. Os críticos atribuem esta pequena seção a uma combinação das fontes *J* e *E*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *J.E.D.P.(S.)* quanto à teoria das fontes múltiplas do Pentateuco. Somos aqui lembrados da morte de um dos maiores patriarcas, o qual só perdia em importância para Abraão, mas que, em certos aspectos, até lhe foi superior. Nenhum dos outros descendentes de Abraão chegou tão longe, tão alto e a uma espiritualidade tão profunda, até que veio o Messias. José viveu o bastante para ver seus trinetos através de Manassés, tendo atingido os cento e dez anos de idade.

50.22

A Casa de Israel em Formação no Egito. Esse é um fato que o autor sagrado vinha enfatizando desde o capítulo quarenta e seis do Gênesis; e também vinha salientando a vida de José no Egito, como preparação para essa circunstância, desde o capítulo trinta e nove desse livro. Esses fatos foram revelados a Abraão em uma das reiterações do *Pacto Abraâmico*. Ver as notas sobre esse pacto em Gên. 15.18, e sobre o exílio no Egito em Gên. 15.13. Isso armou o palco para o livramento de Israel pela agência de Moisés, o próximo grande passo do plano divino: a volta à Terra Prometida. Que Israel teria seu próprio território pátrio também fazia parte das provisões do Pacto Abraâmico.

Viveu cento e dez anos. Essa informação sobre José é reiterada no vs. 26. Ver as notas sobre Gên. 47.28 quanto às idades comparadas dos antediluvianos, dos patriarcas hebreus e da era do reino. José viveu por toda a sua vida no Egito, excetuando apenas os seus primeiros dezessete anos de vida. Viveu por treze anos na casa de Potifar e na prisão, até chegar aos trinta anos de idade, quando foi apresentado a Faraó. Moisés transportou os ossos de José, do Egito à Terra Prometida, os quais foram sepultados em Siquém (ver Êxo. 13.19; Jos. 24.32; Heb. 11.22).

50.23

Até à terceira geração. Em outras palavras, ele viu seus trinetos, através de Efraim, e seus netos, por meio de Manassés. Efraim e Manassés foram *adotados* como filhos de Jacó (Gên. 48.5,6). Isso é indicado pela mesma expressão que se vê no fim deste versículo, "tomou sobre seus joelhos". Essa expressão parece indicar mais do que meramente pôr as crianças no colo, dando a entender uma cerimônia simples de adoção. Ver as notas em Gên. 48.12, quanto a uma elaboração da idéia. O hebraico diz, literalmente, "nasceram sobre seus joelhos". Cf. Gên. 30.3 quanto à mesma situação, mas envolvendo duas mulheres. Esses descendentes não se tornariam tribos, mas seriam cabeças notáveis de famílias, dentro das duas tribos de Efraim e Manassés, recebendo privilégios especiais enquanto José vivesse. Afetuosos laços de família são indicados aqui. Os netos se tornaram objetos especiais de amor para José, como costuma acontecer.

Maquir. No hebraico, *vendido*. Neste texto, é o único dos netos de José a ter seu nome mencionado. Foi fundador da família dos maquiritas, os quais subjugaram Gileade e receberam aqueles territórios, quando a Terra Prometida foi dividida, após a conquista. (Ver Núm. 32.39,40; Jos. 17.1.) Houve mesmo um tempo em que o nome *Maquir* era aplicado à tribo inteira de Manassés. (Ver Juí. 5.14.) O trecho de Jos. 13.29-31 mostra-nos como a tribo de Manassés foi dividida. Metade da família de Maquir mudou-se para a região da Transjordânia, e a outra metade ficou com a meia-tribo de Manassés, a oeste do rio Jordão (vs. 31). Visto que um neto de Maquir, Zelofeade, teve somente filhas, foi feito um arranjo especial acerca da questão das heranças. A filha de Maquir tornou-se esposa de Hezrom e mãe de Segube (I Crô. 2.21). Dessa maneira, ficou garantida a continuação da linhagem masculina. Ver também Núm. 27.1; 36.1; Jos. 13.31 e I Crô. 2.23.

50.24

O Êxodo Antecipado. José soube por inspiração que a nação de Israel, que estava em formação, no tempo certo escaparia do Egito e voltaria à terra de Canaã. Essa idéia antecipa o segundo livro do Pentateuco, o *Êxodo*. A terra de Canaã era a pátria de Abraão, Isaque e Jacó (mas de José o foi por apenas dezessete anos). Fazia parte do Pacto Abraâmico (ver as notas em Gên. 15.18) que esse território fosse dado à nação de Israel. Isso, como é óbvio, só teria lugar após o êxodo do Egito, e também depois que os pecados dos habitantes originais da Terra Prometida atingissem seu ponto máximo, fazendo-os merecer ser expulsos da terra. Ver Gên. 15.13,16. No *tempo determinado* por Deus, Israel seria trazido de volta à sua terra, e não no tempo escolhido pelos homens. Os planos de Deus têm seu próprio cronograma, e Deus é Aquele que abre e fecha portas.

A Bênção Paterna. Devemos entender este versículo como uma bênção paterna, a essência da mensagem que José transmitiu em seu leito de morte. Ver Gên. 27.4 quanto ao poder das palavras de um homem moribundo, palavras essas tidas como dotadas de poder preditivo e de auto-realização. Essa bênção dada por José reiterou uma importante provisão do *Pacto Abraâmico*. Até este ponto, portanto, já vimos dezesseis repetições completas ou parciais desse concerto, no livro de Gênesis. As menções a essa reiteração do pacto são alistadas nas notas sobre Gên. 15.18.

Deus certamente vos visitará. Uma vez mais, é frisado um dos temas constantes do livro de Gênesis, a *providência de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*). Essa visitação divina reverteria o cativeiro egípcio de Israel.

50.25

O Juramento Duplicado. Tal como Jacó fizera José jurar que o levaria e o sepultaria em Macpela, na terra de Canaã (ver as notas sobre Gên. 47.29-31), assim também agora José solicitou a mesma coisa da parte de seus irmãos. O primeiro juramento foi cumprido no caso de Jacó (Gên. 50.7-13). E, nos dias de Moisés, este segundo juramento teve cumprimento no caso de José (Êxo. 13.19; Jos. 24.32; Heb. 11.22). Em símbolo, esse juramento prometia o futuro livramento de Israel da servidão egípcia e o conseqüente êxodo (que é o grande tema do livro de Êxodo), sem falarmos no cumprimento de mais um pormenor do *Pacto Abraâmico* (ver as notas em Gên. 15.18), que envolve a promessa de uma pátria (na terra de Canaã) para a nação de Israel. Foi isso que José destacou aqui, iluminado mediante *a fé* que tinha recebido de Deus, conforme lemos em Hebreus 11.22. Por essa e por outras razões foi que ele se tornou um dos grandes heróis da fé.

50.26

Morreu José. Ele estava então com cento e dez anos de idade. Abraão faleceu aos cento e setenta e cinco anos (Gên. 25.7); Isaque aos cento e oitenta anos (Gên. 35.28); Jacó aos cento e quarenta e sete (Gên. 47.28). Ver as notas sobre Gên. 47.28 quanto às idades comparativas dos antediluvianos, dos patriarcas e dos homens da era do reino.

José nasceu quando Jacó estava com noventa e um anos de idade (Gên. 37.3), assim, quando do falecimento de Jacó, José estava com cinqüenta e seis anos. Isso significa que José viveu mais cinqüenta e quatro anos após a morte de Jacó.

Embalsamaram-no. Tal como tinha sido feito com Jacó. Ver as notas sobre Gên. 50.3 como também o verbete *Embalsamar (Embalsamamento)*, no *Dicionário*.

E o puseram num caixão. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sepultamento, Costumes de*. A arqueologia tem descoberto muitos desses caixões mortuários no Egito, intactos, com os corpos bem preservados. Portanto, não admira que Moisés tenha podido levar os ossos de José para fora do Egito, embora isso tenha ocorrido cerca de duzentos anos após a morte de José (Êxo. 13.19; Jos. 24.32). José foi sepultado em Siquém, conforme aprendemos nessa referência do livro de Josué.

Os estudiosos têm destacado a maneira lúgubre como se encerra o livro de Gênesis. Não aparece uma única declaração sobre a imortalidade da alma. Sabemos, porém, que essa doutrina se desenvolveu e foi expressa mais tarde, na teologia dos hebreus, já no tempo dos Salmos e dos Profetas. Mas mesmo ali a doutrina ainda está a meio caminho. Apesar de no Antigo Testamento haver alusões a essa verdade, coube ao Novo Testamento confirmar essa doutrina hebraico-cristã.

Muito antes disso, todavia, essa doutrina era honrada e ensinada pelas religiões orientais e até pela filosofia. Uma excelente passagem de Platão aparece em

sua obra *Phaedo*. Quando Sócrates estava prestes a beber a taça de cicuta, Crito indagou como ele queria que seu corpo fosse enterrado. E a resposta de Sócrates foi: "Como vocês quiserem. Vocês sepultarão somente o meu corpo" (*Phaedo*, II, 263-264). Esse diálogo fornece-nos vários argumentos racionais e decisivos sobre a imortalidade da alma. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Imortalidade*, onde exponho vários artigos sobre o assunto, incluindo um deles escrito do ponto de vista científico. Ver também no *Dicionário* o verbete *Alma*.

Os egípcios acreditavam na imortalidade da alma, como também na reencarnação. Sua prática de embalsamamento talvez tivesse algo que ver com isso, tal como a ressurreição veio a ser associada à imortalidade, dentro da tradição judaico-cristã. Maior do que todas as pirâmides, que eram gigantescos túmulos faraônicos, maior do que os monumentos em honra aos mortos, avulta a simples sobrevivência da alma diante da morte biológica. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo *Experiências Perto da Morte*, quanto a evidências científicas em prol da existência da alma.

A alma dos homens acha-se nas mãos de Deus. E a influência da alma de cada homem prossegue nesta plana terrestre. Ao morrer, cada ser humano deixa uma espécie de herança, boa ou má, que prossegue na vida daqueles que lhe eram próximos. Mas a vida é o *Grande Continuum*, e incontáveis outras biografias terão de continuar sendo escritas. José continua vivo até hoje, e quem sabe quantas outras missões deve ter ele realizado em outras esferas.

Existe aquele *maldito caixão mortuário*, mas também existe aquela *alma bendita*. Esta última é que conta a verdadeira história de um homem.

Deus estava presente em nosso começo (Gên. 1.26,27), mas também se faz presente em nosso fim.

Deus esteja no meu fim,
tal como no meu começo.

(Sarum Primer, 1558)

O corpo inerte de José terminou em um caixão, no Egito. Muito mais importante do que isso, contudo, é o fato de que José viveu segundo a lei do amor, antes de morrer. Destarte ele desenvolveu a sua espiritualidade e pôde salvar muitas vidas. Ademais, o fato de que José continua vivo, junto do Senhor, faz nossa mente desviar-se para longe daquele caixão no Egito.

O livro de Gênesis, pois, termina com o registro da morte de um grande homem. Porém, visto que o Gênesis é o livro dos princípios, podemos encarar essa morte como um novo princípio. Todos os fins são instrumentais, servindo também de novos princípios. Espera por nós aquela Pátria Celeste, tipificada pela terra de Canaã. Aquela pátria é a residência final da alma remida; é o domínio de Deus.

Quando este mundo passageiro desaparecer;
Quando houver descido além, o sol brilhante;
Quando estivermos com Cristo, na glória,
Contemplando a história terminada da vida,
Então, Senhor, conhecerei bem,
Mas só então, o quanto eu te devo.

(M'Cheyne)